ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 197.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.mo SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

SABBADO 1 DE DEZEMBRO DE 1860.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

Seminario episcopal.

—No dia 25 d'Outubro findo reunio-se a Congregação dos Lentes do Seminario episcopal, sob a presidencia do Rdm.º Sr. Conego Chantre, Reitor e Vice-Director dos estudos do mesmo, para o fim d'ordenar o ponto das aulas, e regular a ordem dos respectivos exames. Portanto, depois d'ouvidos todos os Lentes, determinou a mesma Congregação, que se puzesse o ponto nas aulas no dia 31 do mez, e que os exames começassem no dia 3 de Novembro seguinte.

E sendo todas estas medidas approvadas pelo Exm. e Rm.º Sr. Bispo diocesano, forão todas texactamente cumpridas.

O resultado dos exames consta da lista, que abaixo se encontra:

Lista dos alumnos internos e externos do Seminario episcopal, que fizerão exame neste acto lectivo.

Lingua franceza.

Antonio Marques dos Reis	*Int.*	*app.*	*plen.*
Candido Vieira Chaves	»	»	»
João Tolentino Guedelha Mourão	»	»	»
Francisco João de Carvalho Serra	»	»	»
Miguel Francisco Monteiro	»	»	»
José Pereira Leite	»	»	»
José Jansen Ferreira Junior	»	»	»
Francisco da Silva Moura	*Ext.*	»	»
Francisco Duarte do Valle	»	»	»
Joaquim Marcos Lima	»	»	»
João Pedro Belfort Vieira	»	»	»
José Mariano da Costa Nunes	»	»	»
José Aureliano Martins Franco	»	»	»
Diomedes Basilio de Castro Romeo	»	»	»
Libanio Gomes Rolin	»	»	»
Manoel Pereira Guimarães	»	»	»
João Francisco Carlos Barbosa	»	»	*simp.*
José Clemente Guedes	»	»	»
Alipio Gonçalves Lima	»	»	»

Grammatica e lingua latina.

Antonio Marques dos Reis	*Int.*	*app.*	*plen.*
Candido Vieira Chaves	»	»	»
Miguel Francisco Monteiro	»	»	»
João Tolentino Guedelha Mourão	»	»	»
Francisco João de Carvalho Serra	»	»	»
José Pereira Leite	»	»	»
José Jansen Ferreira Junior	»	»	»
João Pedro Belfort Vieira	*Ext.*	»	»
Raimundo Nunes Ribeiro Bellort	»	»	»
José Mariano da Costa Nunes	*Ext.*	*app.*	*plen.*
Joaquim Marcos Lima	»	»	»
Fabio Alexandrino dos Reis e Silva	»	»	»
Mariano Augusto d'Araujo Cerveira	»	»	*simp.*

Theologia Moral.

Theodoro Antonio Pereira de Castro	*Int.*	*app.*	*plen.*
Diacono Carlos Luiz d'Amour	*Ext.*	»	»
Diocleciano do Rego Manso Talez	»	»	»

Liturgia.

Theodoro Antonio Pereira de Castro	*Int.*	*app.*	*plen.*
Diacono Carlos Luiz d'Amour	»	»	»
Diocleciano do Rego Manso Talez	»	»	»

Theologia Dogmatica.

Pedro Ribeiro da Silva	*Int.*	*app.*	*plen.*
José Gonçalves d'Oliveira	»	»	»
Feliciano José d'Abreo	»	»	»
Miguel Coelho da Silva	»	»	*simp.*
Luiz Raymundo da Silva Britto	*Ext.*	*app.*	*plen.*

Instituições canonicas.

Lusitano Marcolino Barreto	*Int.*	*app.*	*plen.*
João Joaquim Guimarães	»	»	»
Feliciano José de Abreo	»	»	»
Diacono Fr. João de S. Filomena	»	»	»
Diacono Fr. Joaquim de St.'Anna	»	»	»

Historia sagrada e ecclesiastica.

Octaviano Gomes de Oliveira	*Int.*	*app.*	*plen.*
Lusitano Marcolino Barreto	»	»	»
João Joaquim Guimarães	»	»	»
Antonio Firmo da Cunha Sanches	»	»	»

Philosophia racional e moral.

Domingos Elias Costa Moraes	*Int.*	*app.*	*plen.*
Frederico Augusto de Souza Machado	»	»	»
José Antonio Carneiro Filho	»	»	»
José d'Araujo Galvão	»	»	»
Antonio Coelho da Silva	»	»	»
Antero Augusto Peixoto d'Alencar	»	»	»

Rhetorica poetica, e Geographia.

João Valeriano Maciel	*Int.*	*app.*	*plen.*
Raymundo da Purificação dos St.os Lemos	»	»	»
Frederico Augusto de Souza Machado	»	»	»
José Antonio Carneiro Filho	»	»	»
José d'Araujo Galvão	»	»	»
Antonio Coelho da Silva	»	»	»

Canto gregoriano.

Diacono Carlos Luiz d'Amour	*Ext.*	*app.*	*plen.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Continuação da Visita Episcopal.

Novembro de 1859.

(Vem do n. ultimo).

Dia 14. A's cinco horas da tarde deste dia sahimos da Cidade de Caxias para a de Teresina. O Muito Rdº Vigario da Vara, o Snr. Padre Antonio Julião Soares, os Snrs. Rdº Alexandre Jacintho Mendes, Doutor Francisco Urbano da Silva Ribeiro, Doutor Frederico José de Novaes, Tenente Coronel Faustino Fernandes Silva, Capitão João Gonçalves da Silva, Capitão José Jansen Ferreira, e varios outros Cidadãos me fazem o obsequio de acompanhar até o alto da Cruz, lugar bem povoado, e donde se goza do bello panorama da Cidade, da qual distará meia legua, ou pouco mais. Este lugar é memoravel nos fastos da nossa emancipação politica, e nelle medirão as suas forças as tropas portuguezas com as nossas disputando-nos a liberdade: o seu nome vem da Cruz, que ainda existe, e que nelle se plantou no sitio, em que dormem o somno eterno os Bravos da Independencia, que succumbirão na batalha. Daqui se despedirão de mim os referidos senhores, menos os Snrs. Tenente Coronel Faustino, e Capitão João Gonçalves, que indo para suas Fazendas, continuão a acompanhar-me.

Tive de parar neste lugar por algum tempo, não só para receber as despedidas das Pessoas, que até alli me tinhão acompanhado, mas tambem para receber as saudações dos Moradores neste povoado; e trocados os cumprimentos de parte a parte, e abençoando-os a todos, fomos continuando a nossa viagem por essa estrada tão batida, e em outros tempos tão temida.

Ás seis e meia horas chegámos ao—Bomfim—outro povoado mais pequeno, onde tambem recebi as demonstrações de veneração de seus Habitadores; e tendo-os abençoado, fomos andando.

Ás sete horas nos achavamos no—Barity do Padre—outro povoado, um pouco maior que o Bom-fim—o Snr. Tenente-Coronel Faustino me aconselhou, que pernoitasse aqui, e dando nas vistas uma casa na beira da estrada por ser a maior, e parecer bem tratada, a ella se dirigio e pediu pousada para mim e para minha comitiva: apresentou-se logo a dona, que era uma Viuva com um filhinho nos braços, e com ar da maior satisfação me offereceu a sua casa para nella passar a noite, dizendo-me: que era uma pobre, que nella vivia com Deos, e o seu filho, e que uma outra mulher lh'a havia dado de esmola. Esta casa espaçosa, com um avarandado proprio para recolher ros, coberta de palha, e com paredes revestidas palha.

do-se então de mim os Snrs. Tenente Coronel Capitão João Gonçalves, foi-se a minha Conde. O Director da viagem manas cargas e arrumal-as, e em seguida aos ar, para dar que comer ás cavalgaduras e rga, em quanto que nós em pé esperava- de fora, respirando o ar fresco da noite, que as nossas redes para entrarmos.

a casa fez armar a minha rede, e a do meu na unica sala da casa, e as dos Snrs. Conegos Estevão no avarandado. O Guia, creados, arpagens, arranjarão-se como poderão, e o meu o, homem de bem, completo e activo, foi logo dando videncias com os outros nossos creados para se fazer há. Não é necessario dizer, que tudo traziamos, não comestiveis, mas ainda em que se elles preparassem, trem immenso, mas indispensavel, porque na estrada não se conta com cousa alguma.

Não tardou muito, soou pelos montes e valles da vizinhança a minha chegada á terra, e eis que se movem os seus Habitadores: ás nove horas estava eu cercado de Povo, especialmente de mulheres, que me vinhão ver, e todo o povo feminil se ia sentando pelo chão, os homens conservavão-se em pé, reinava na assemblea a alegria e a admiração, e se me fazia uma infinidade de perguntas sobre a minha visita, a razão della, os seus fins, para onde ia, quando voltava, se abria chrisma, quando, &c. &.

O meu creado consultou-me, se devia para alli mesmo trazer o chá; e para onde mais? A dona da casa puchou então um banco dizendo-me: delle tambem se serviu o ultimo Presidente do Piauhy, que igualmente se arranchou aqui com sua Senhora. Poz-se a toalha no banco, e serviu-se o chá, para o qual convidei em primeiro lugar a dona da casa, e a companhia, para a qual é evidente, que não podia chegar: todos se excusárão, já havião ceiado, e tambem se excusou a dona da casa, mas presenti, que o fazia por acanhamento. Instei com ella, que se servisse do, que estava sobre a mesa, então acceitou uma chicara de chá, e alguns doces, que lhe offereceu o meu Secretario. Mandei tambem distribuir doce aos meninos e meninas, bolachinhas, biscoutos e chá a todos, para o que se reformou o bule por varias vezes.

Tinha de partir de madrugada, e com toda a polidez roguei a companhia, que desse a sua visita por finda, alguns minutos, depois de terminado o chá; os creados e pagens, sobretudo, precisavão de dormir, e de uma vez retirarão-se todos, dando-me signaes de contentamento por me terem visto, porque muito desejavão ver um Bispo, e de ha muito me esperavão.

Havendo-se todos retirado, fiquei na sala só com o meu Capellão, cada um na sua rede, e me encommendei á Deos, e orei pelo Rebanho. O lugar, em que estava, me induzio a algumas meditações sobre as vicissitudes da vida humana; tanta riqueza, tanta sumptuosidade, tanto luxo e tanto disperdicio ahi por esse mundo, e aqui sob um teto de palha, entre paredes de palha, a maior pobreza, uma miseria de commover o coração mais duro! e entretanto a triste habitadora desta misera choupana, vivendo exclusivamente do trabalho de suas mãos, não insulta a Providencia, está resignada com a sua sorte no meio de outras tantas companheiras, que assim como ella habitão na vizinhança, e talvez ainda em maior pobreza. Desditosa humanidade! O que seria do pobre desgraçado, se a Religião não viesse em seu soccorro, promettendo-lhe as recompensas do Céo? o desespero o consumiria, e a sua situação se tornaria mais infeliz do que a dos brutos: somente a Religião, essa intima e mysteriosa relação entre Deos e a creatura racional, cadeia admiravel, laço e vinculo perpetuo, que une o homem ao Creador, pode suavisar os seus pesares e os dolorosos transes de sua vida, ensinando-lhe a confiar em Deos, e a esperar da sua justiça indefectivel, e da sua misericordia, a remuneração de seus trabalhos no reino do Ceo. Perto da meia noite puz nova vella no castiçal, e dormi um pouco.

Dia 15. A's tres horas da manhã ouvi a voz do Guia, alto dizendo: são horas, levantem-se, e tratem de preparar os animaes. A's quatro estava tudo prompto para partir, e despedindo-me da dona da casa, agradeci-lhe a boa hospedagem, que me havia dado, e nós puzemos á caminho.

A's cinco e meia horas passámos pelo—Espadoado—mui pequeno povoado; a aurora ja roxeava a campina, e a viagem não ia má, gozavão-se as delicias de uma fresca manhã pelo campo, ao despontar o sol, em um orisonte limpo, dourando os pincaros dos outeiros coroados de vicejante arvoredo; nas planicies vegetão formosas palmeiras, em cujas palmas se veem bandos de passaros, que fogem espantados, assobiando pelos ares, apenas nos presentem em marcha pela estrada, como se fossemos inimigos.

A's sete e tres quartos chegámos a—Estiva—é outro povoado. Não passo desapercebido como no Espadoado; é o Bispo! e eis que correm a mim os seus Habitadores, e alegres me vem cumprimentar; paro, e a todos abençoo affectuosamente: e dito o adeos, continuamos a nossa viagem.

Vamos por estrada cerrada de arvoredo de perenne verdor, em que mal penetrão os raios do sol, e ás nove e meia horas surgimos no Burity-grande, pequeno povoado, que se havia destinado para passar o rigor da calma. O sitio é alegre, e encantadora a paisagem. O Guia nos conduziu para uma pequena casa de palha bem no centro do lugar, cujo dono veio logo ao nosso encontro, e apenas me reconheceu, offereceu-me o seu pobre tugurio para descançar; e em baixo de copadas faveiras, arvores assim chamadas, por que dão a semente em vages com a forma de favas, se forão alastrando as cargas. Uns vão tratar do almoço, outros levão os animaes ao rio para lhes dar de beber, e outros vão forragear e colher canas para se lhes dar de comer. Nós vamos para um pequeno alvergue, que mais parece um tendal, coberto de palha, aonde armamos as redes.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Fez-se chá e café, o mais vinha prompto de Caxias, e em um banco comprido debaixo do alvergue estende-se a toalha, e põe-se a mesa, as malas nos servem de assento, e tratamos de almoçar. Debalde convidei o dono da casa, homem casado, que aqui vivia com sua mulher, sua sogra, e seus cunhados, não me foi possivel reduzil-o á almoçar comnosco, tanto era o vexame; mulher e sogra, não as vimos, e só um filhinho se chegou para mim, e acceitou o, que lhe dei, e como criança foi levar á sua mãi. A qualidade do hospede é que acanhava a este bom homem, e entretanto tudo havia disposto, para que fossemos bem accommodados; porem o meu modo de tratar o dobrou, e elle me apresentou depois sua Senhora e sua Sogra, que me pedirão desculpa do seu acanhamento, e logo me vierão offerecer os seus presentes. Seguramente, que o desgosto de me não poder melhor hospedar, e de não poder pôr em pratica para comigo, que o apanhava de sorpreza, essa generosidade, que forma um dos mais bellos apanagios dos Brasileiros, devia contrariar á este Chefe de familia, e molestal-o grandemente, e disto me confirmei, quando na volta tornei á pousar em sua casa, em a qual me recebeu sem o menor acanhamento, alegre e contente, por me tornar a ver, e me veiu acompanhar até Caxias.

Apenas correu a nova da minha chegada pelos arredores do povoado, corre a gente para elle, e era para ver, como essa boa gente vinha para mim tão satisfeita, nem erravão a pessoa, a minha cruz me distinguia dos outros Sacerdotes, eis que se ajoelhão, pedem a benção, e de mim não tirão os olhos, e é para elles uma maravilha o, que estão vendo; as mulheres sentão-se pelo chão, os homens ficão em pé. Por toda a parte é isto sempre: o sentimento religioso, radicado no coração dos povos, os anima e conforta, desde o berço até o tumulo a Religião não desampara o homem, e ella o guia em todos os actos de sua vida. Apenas apparece um Bispo em um lugar, o Anjo de uma Igreja, é logo rodeado, todos querem ver o homem de Deos, pregoeiro da sua lei, e dispensador dos seus mysterios, querem todos receber a sua benção, tem fé nessa benção, e para a receber até se vem arrastando os velhos alquebrados pelo peso dos annos, e os enfermos levantão-se tremulos de seus leitos: os pobres são os primeiros, que á elle correm, opprimidos pela miseria e pela necessidade, uma só palavra, que o Bispo lhes dirija, já é para elles uma consolação, sabem, que são filhos, e não se vexão, chegão-se para o Pai com uma confiança affectuosa, sem receio de serem repellidos, põem nelle uma grande esperança, e não é em vão, qualquer que seja a hora, do dia ou da noite, os não embarga, se é de dia, largão o trabalho, se é de noite, abandonão o repouso, dão este tempo por bem empregado, é um lucro para elles praticar com o Pai espiritual, que reanima a sua esperança em Deos, que os conforta, que os excita á levar com paciencia a sua cruz nesta vida, para ganhar a sua alma na eternidade.

Havendo toda a nossa gente almoçado, mandou-se preparar o jantar, que foi servido ás duas horas da tarde, e tomada a refeição tratou-se logo de preparar os animaes, e ás quatro horas deixámos o—Burity grande— em que haviamos passado um dia bem calmoso, depois de eu haver agradecido ao meu bom Hospede o agasalho, que me tinha dado em sua casa.

Na estrada ha boa sombra, e vamos bem resguardados do sol; passamos por alguns arroios, cujas limpidas aguas, correndo mansamente em leitos de fina areia, conservão sempre frescos os matizes da campanha: depois das cinco horas a jornada se vai tornando muito aprazivel, penetramos em bellas chapadas, cobertas de arvoredo raro e baixo, aqui e alli se veem monticulos de branca areia, que alveja como a neve, tocada pelos raios do sol, que brilha em um ceo claro na sua volta para o occaso; passamos depois junto de brejos juncados de formosos buritys, enfileirados pela borda da estrada, que meneião as suas palmas ao mais leve sopro do vento, e tornamos a internar-nos em chapadas igualmente formosas. São quasi seis horas, e damos com a casa da fazenda—dos Cupins— e aqui paramos um pouco no terreiro da mesma para beber agua, os donos não estavão na fazenda, e uma mulher escrava é, que nos offerece agua em bons copos de vidro. Agradecido o obsequio, vamos seguindo; a viagem cada vez se vai tornando mais encantadora, a brisa da tarde nos refresca com o seu bafo, o aroma dos prados recende na estrada, o sol já frio lá se vai occultando por entre as arvores, dourando a folhagem: quanta belleza, meu Deos! E se é tão agradavel esta floresta, que um sol material allumia, como não ha de ser formosa a Jerusalem celestial, cujo luzeiro sois Vós mesmo, Senhor! Compadecei-vos das vossas creaturas, e permitti, que Vos vamos ver face á face lá nessa vossa morada, por effeito de vossa clemencia, terminada a peregrinação, em que andamos neste mundo de enganos e de miserias.

A's 7 horas da noite chegámos ao—Luiz Dias—lugar ermo, em que ha apenas uma pequena casa de palha com seu avarandado, na vizinhança de um corrego, e para ella nos dirigimos a pedir pousada. Seus habitadores, dous homens moços, casados com duas Senhoras irmãs, vem ao nosso encontro e prazenteiros me offerecer a sua casa, e para logo põem á minha disposição o melhor quarto della, em que se arma a minha rede, os meus companheiros Sacerdotes fazem armar as suas no avarandado, e ahi se accommodão tambem as malas, e alastrão-se as cargas pelo chão, e se vai logo tratar da ceia, dar de beber aos animaes, e procurar herva, para lhes dar de comer durante a noite.

Pouco depois das nove horas serviu-se o chá no quarto, em que estava alojado, e tambem uma ceia soffrivel, para a qual convidei os meus Hospedes, que se escusárão, mas reconhecendo logo, que não acceitavão o convite por acanhamento e respeito, instei com elles, para que comessem, e chamassem seus filhos, então obedecêrão, e vierão as crianças primeiro, e depois as Senhoras tambem, que se sentárão á mesa, que se havia improvisado, contentando-me eu com o meu chá do costume, que tomei sentado na rede. Terminado o chá e a ceia, presenteei as crianças, que se retirárão com as Senhoras, e eu fiquei por algum tempo conversando com os maridos sobre o, que ainda me restava de viagem a fazer; erão negociantes, e conhecião perfeitamente todas as localidades vizinhas. Pelas 11 horas se despedirão; rezei então as orações usaes da noite, encommendei a Deos o meu espirito, e orei pelas Ovelhas; deitei-me depois para dormir.

Ao alvorecer fui dispertado pelo sentido cantar de um sabiá, que em uma palmeira vizinha fazia soar os seus ais pela falta dos filhinhos, que os meninos da casa havião tirado de seu ninho; tudo estava prompto para partir, e havendo-me despedido dos meus Hospedes, e lhes agradecido a boa hospedagem, que me havião dado, continuámos a nossa viagem, á principio, por um caminho sombrio, onde mal penetravão os raios do sol; aqui encontrei o Snr. coronel Ernesto José Baptista, Vice-Presidente da Provincia do Piauhy, e meu antigo conhecido, e trocados os cumprimentos, fomos proseguindo as nossas viagens, elle para Caxias, e eu para a Oresina.

Sahindo deste bosque, desembocámos em uma varzea agradavel, no prolongo de um monte elevado, em cujas fraldas pastava algum gado, e depois penetrámos em uma chapada bellissima, coberta de arvores dispersas por aqui e alli, sem symetria; aqui torno a ouvir a voz ingrata dos tocanos, e pela primeira vez o canto das seryemas, que pastão pelo campo, mas que fogem de nós. Mais adiante as arvores se vão conchegando, e a paisagem tem o aspecto sombrio e carregado de um vasto cemiterio, os monticulos de cupim, a que chamão—Tapecuhen—tem a apparencia de tumulos, nem falta uma cruz, para que seja perfeita a illusão.

A este arvoredo cerrado succedem-se pequenos tabocaes, e mais logo campo limpo.

A's nove horas menos dous minutos chegámos ao terreiro da fazenda das—Flores—do Snr. Tenente-Coronel José Joaquim da Silva Viveiros, que me sahiu ao encontro com todos os sinaes de jubilo, e me offereceu a sua casa para pousar. Acceitei a offerta, e fui logo introduzido em uma sala, e os meus Padres em outra, e sobre tudo o mais providenciou o Snr. Viveiros, como quem está acostumado a governar. Não tardou muito, e nos fez S. Sª servir um bom almoço, não permittindo, que nos utilisassemos do, que traziamos.

Apezar da grande calma vierão cumprimentar-me varias pessoas das vizinhanças, e tão forte era o calor, que não me animei a sahir um instante de casa, nem para ir

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ver um bello rio, que passa pela fazenda, trazendo um curso de quatro leguas; já por tres vezes correu o risco a minha vida com febres apanhadas nas visitas, e vou por isso sendo mais acautelado.

Entre as duas e as tres horas nos apresentou o Snr. Viveiros um excellente jantar, e tendo comido toda a nossa gente, preparárão-se os animaes, e nos puzemos a caminho, não erão bem quatro horas. O Sr. Tenente Coronel Viveiros fez-me o obsequio de acompanhar nesta viagem até a povoação de São José. A estrada é boa e desassombrada de arvoredo, a vista se dilata pelas campinas de um e outro lado, e em alguns pontos a paisagem se ostenta encantadora; para os centros veem-se algumas gigantes copadas arvores, que produzem

A manga doce, e em cheiro soberana,
Que imita o coração, no galho ufana,
De um lado ameo erorea cor, e fulva exalta
Do luzente metal, que a muitos falta,
De outro lado porem, retrata aquella,
Que o pudor chama ás faces da donzella.(*)

E dispersos pela campanha, mais para a banda do Parnahyba, avistão-se tambem frondosos cajueiros, de cujos galhos verdejantes pendem lá ao alto, ainda que raros,

Os cajus á saude tão prestantes,
Uns amarellos, e outros encarnados,
Das gostosas castanhas coroados;
Talismans, que lhes deu a natureza,
Por não se fascinar tanta belleza. (**)

Pelas seis horas da tarde pouco mais ou menos, na proximidade de uma grande caverna, que se estende ao longo da estrada, avistão-se os cumes azulados de montes da outra banda do Parnahyba;—o Piauhy!—me diz o meu Secretario, que o sonhera do Sr. Tenente Coronel Viveiros—o Piauhy!—repetem todos; e parámos para o contemplar. Seguramente, que Chateaubriand não sentiu uma emoção mais forte, quando em sua viagem á Jerusalem, ao amanhecer do dia 30 de Setembro de 1806, foi dispertado por um ruido confuso de vozes, e dirigindo os olhos para a proa do navio, perguntou o que era, e se lhe gritou:—*Signor, il Carmelo!* Eu não ia em demanda, como elle, de uma terra de prodigios e da mais brilhante poesia, ao lugar, onde se dera o maior acontecimento, que mudou a face do mundo, ainda humanamente fallando, aonde appareceu o Messias desejado, aonde Elle prégou a sua doutrina, a doutrina mais sublime, e aonde no alto de uma Cruz consummou o Filho do Eterno o sacrificio de nossa redempção! mas era, por effeito desse mesmo grande acontecimento, que eu ia ao Pianhy, prégar a doutrina de Jesus Crucificado, e levar aos seus habitantes as consolações e os soccorros da religião, que prégárão e ensinárão ao mundo os Apostolos seus Discipulos: e na maior commoção, ainda parado, abençoei essa terra, que tanto desejava ver, e orei por seus fieis Habitadores ao Deos, que á ella me mandava.

Da Teresina havião mandado á povoação de São José um espia, para dar aviso da proximidade de minha chegada, e quando já ia escurecendo, sentiu-se o estampido de bombas, que estouravão no ar, e para logo começou-se a ver foguetes, que da outra banda subião tambem ao ar, sinal convencionado na Teresina da minha proxima chegada á povoação de São José da provincia do Maranhão, e fronteira áquella capital.

A's sete horas da noite chegámos á dita povoação, cujo Povo logo se moveu, e veio ao meu encontro. O crepusculo, que aqui é muito duradouro, como na Teresina, e mesmo em Caxias, me permittia ver bem a estas Ovelhas, e á ellas a mim.

Recebi os seus cumprimentos com todas as demonstrações de satisfação, correspondendo assim á sua alegria e ao contentamento, que mostravão: e fui levado para uma casa, bem no centro da povoação, aonde em o melhor quarto achei armada uma boa rede e a mobilia necessaria, sem faltar um pote com agua fresca, já ha dias depositada, e tirada do Parnahyba. D'aqui ouvia distinctamente os repiques dos sinos da Matriz da Teresina, unica Igreja, que tem essa Capital, e os estouros das bombas dos foguetes, que lá se soltavão, e que punhão a Teresina em movimento, para me receber.

Era minha intensão passar logo o rio, e ir dormir na Teresina, mas á uma voz me disserão todos em S. José: que o Parnahyba estava tomando muita agua, e que rolavão pelo rio á baixo madeiras, que dando de través na embarcação, a podião virar, e ir eu morrer afogado na corrente; que era prudencia passar alli a noite, e transpor o rio no dia seguinte pela manhã.

A's oito e meia horas da noite chegão a S. José, vindo da Teresina, primeiro o Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, e logo após o Sr. Dr. Simplicio de Sousa Mendes, vinhão ambos felicitar-me pela minha prospera chegada. A noite estava muito escura, e a passagem do rio perigosa, como elles confirmárão, era por tanto para agradecer este obsequio. Por parte do muito Reverendo Arcipreste da Teresina veio tambem seu Padrasto certificar-me, que estava tudo prompto para me transportar para a Teresina; sem demora appareceu tambem o muito Rvd.º Arcipreste o Snr. Vigario Mamede Antonio de Lima, com o Rvd.º Snr. Padre Antonio Silverio de Moura: era a primeira vez, que via aquelle meu Delegado, e me alegrei por isso, e não menos elle de me conhecer pessoalmente; repetiu-me, que estava tudo prompto na Teresina para me receber, mas que a prudencia aconselhava, que passasse o rio de dia, por que estava enchendo com força, e que elle não o havia atravessado sem susto. Deliberei então passar aqui a noite.

A casa, em que me achava, tinha sido preparada para me hospedar, e seu proprietario, o Snr. Angelo Custodio Reverdosa, que morava defronte, e o Snr. Alferes do 5.º Batalhão de infanteria Manoel Verissimo da Silva, Commandante do destacamento, que aqui se achava, tudo dispuzerão, para que fossemos bem tratados, como fomos. A casa tinha um grande alpendre coberto de palha, para o qual dava a porta do quarto, em que me alojei, e o Povo reunido ahi me contemplava, vindo de um a um beijar-me a mão, e pedir a benção, o que durou muito tempo.

Dia 17. A's sete e meia horas da manhã sahimos de S. José, acompanhados pelo Povo, e nos dirigimos para o porto de embarque. D'aqui contemplei a nascente Cidade Teresina, que se assenta graciosamente em um plano ligeiramente inclinado, á margem direita do magestoso Parnahyba: toda a ribanceira estava coberta de Povo em uma extensa linha, e do ponto, em que me achava, vi sahir da Matriz a Irmandade do SS. Sacramento, e desfilar pelo largo á baixo, em direcção ao porto, acompanhada de um grande numero de Cidadãos.

Apenas da Teresina me virão na beira do rio, da banda do Maranhão, largou do porto a galeota do Governo, trazendo á seu bordo os Senrs. Doutores José Marianno Lustosa do Amaral, Primeiro Vice-Presidente da Provincia, e Antonio de Sousa Mendes, Chefe de Policia interino, e Padre Mamede Antonio de Lima, Arcipestre da Comarca, e Vigario Collado da Freguezia de Nossa Senhora do Amparo da Cidade da Teresina, que me vinhão buscar.

Aportando a galeota á povoação de S. José, despedi-me de todas as pessoas, que me havião acompanhado até o seu porto, e com os meus Padres embarquei na dita galeota, e seguimos para a Teresina, descrevendo a embarcação uma curva, rio á cima, para não descahir com a força da corrente, que era forte, e estavão as aguas tingidas de vermelho, em razão do barro dessa cor, de que se achavão saturadas, e quando a galeota, tendo alcançado o meio do rio, foi tomando para o porto, o parque de artilheria, assestado um pouco á baixo do mesmo, começou á salvar.

No porto me esperava o Exm. Presidente da Provincia, o Senr. Doutor Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, que com a maior affabilidade me felicitou pela minha boa vinda, e tendo-lhe dirigido os meus respeitosos cumprimentos, fomos á muito custo subindo as escadas do porto.

Era extraordinario o concurso de Povo de um e outro sexo, todos a porfia querião ser os primeiros á cumprimentar-me, mas em fim conseguimos chegar ao plano, aonde me esperava com o pallio a Irmandade do SS. Sacramento, e tive de estar ahi consideravel tempo demorado, abençoando pessoa por pessoa, a todos os meus amados Fi-

(*) *Poema da Assumpção por Frei Francisco de São Carlos, Religioso Franciscano, natural do Rio de Janeiro.* (Canto 3.º, Descripção do Paraiso.)

(**) Idem.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

lhos, que tão prazenteiros me dirigião suas felicitações: subião entretanto ao ar girandolas de foguetes, e recebi as continencias militares de uma Guarda de honra do meio Batalhão de Caçadores do Piauhy, que se achava postada no mesmo plano, perto do desembarque, com uma banda de cornetas.

Vencido este primeiro encontro, começou a procissão á desfilar lentamente, era-me necessario corresponder ás felicitações do Povo, que cada vez mais crescia, e se chegava para mim, e o meu coração soffria uma commoção tão forte, que não posso explicar; as girandolas de foguetes, que de espaço em espaço subião ao ar, os sons festivaes da musica do corpo dos Educandos artifices da Provincia, o repique dos sinos, esse afan do Povo, que em roda de mim se agglomerava, ancioso por me dar provas de seu respeito e seu amor, e se congratulava por me ver, sobremaneira augmentava o abalo, que experimentava, e mais de uma vez de meus olhos corrêrão lagrimas expressivas das affeições, de que estava dominado o meu espirito. A Teresina é uma cidade nova, que se fundou em 1852, com arte e symetria, e a praça por onde eu ia, é vasta e regular, entretanto o concurso era tanto, que só á custo se andava.

Chegando finalmente á Igreja, beijei á sua entrada a Sagrada Imagem do Redemptor Crucificado, e, preenchidas as formalidades do Pontifical Romano, entoou o Rvd.º Parocho, e Arcipreste da Comarca, o *Te Deum laudamus*, que foi respondido por musica e canto-chão; e mui difficilmente subi ao Presbyterio, tão grande era a reunião de Fieis na Igreja, que é um Templo novo e grande.

Observado todo o ceremonial prescripto para a entrada solemne dos Bispos em uma Freguezia, concedi as indulgencias aos Assistentes, e á custo me retirei. Em todos estes actos me fez a honra de acompanhar o Exm. Snr. Presidente da Provincia, que desde este dia começou logo á dar provas de sua benevolencia para comigo.

No adro da Igreja recebi ainda as continencias militares da Guarda de honra, a qual havia me acompanhado do porto até a Matriz, e na união desse Povo generoso, tão hospitaleiro e fiel, fui lentamente caminhando para a casa, que o muito Rvd.º Arcipreste me havia preparado para alojar-me, junto á sua, e casa magnifica, propriedade do Snr. Coronel Jacob Manoel de Almendra, Commandante superior da Guarda nacional da capital, e que a havia cedido para minha hospedagem.

Na porta da casa despediu-se o Povo de mim, e como penhor de meu reconhecimento lhe dei a minha benção na maior effusão do amor, e do intimo do coração.

Fui levado então pelo muito Rvd.º Arcipreste para uma boa sala, a ultima da frente da casa, até onde me acompanhou S.Exc. o Sr. Presidente, que d'aqui se despediu de mim, juntamente com os Srs. Drs. José Mariano, e Chefe de Policia, e mais alguns Cidadãos, que tambem me havião seguido até essa sala.

Contiguo era o quarto, que o muito Rvd.º Sr. Arcipreste me havia preparado, e onde fui despir os meus habitos prelaticios, e mais roupa interior tão molhada, como se tivesse sahido de um banho de vapor; o sol da Teresina quiz á minha entrada nesta capital justificar a sua reputação de um sol ardente.

Fui depois convidado pelo muito Rvd.º Sr. Arcipreste para almoçar, e me fez servir um almoço magnifico na espaçosa sala de jantar da grande casa, em que me deu pousada, uma das melhores da Teresina, muito bem situada na rua da Gloria, e de cujas janellas via correr o soberbo rio Parnahyba, divisa das duas Provincias do Piauhy, e do Maranhão.

Achava-me bem fatigado e precisado de repouso, que não tive, mas Deos mostrou nesta visita a estensão de sua bondade para comigo, deu-me saude e forças para poder desempenhar a ardua tarefa, que me tinha imposto. Todo o dia recebi visitas. A' noite a cidade se illuminou toda, o que se repetiu nas noites seguintes; e erão nove horas, quando fui dispertado pelas acclamações do Povo, em frente á casa, ao som da musica dos Educandos, e detonações de foguetes;– viva a Santa Religião Catholica Apostolica Romana—viva o nosso Exm. Bispo—viva o Exm. Presidente da Provincia—viva o Povo do Piauhy—corri logo ás janellas, e de uma dellas agradeci este bom Povo as suas demonstrações de jubilo, e as provas, que me dava do seu affecto, e do seu amor filial, e, offerecendo-lhe a casa, entrárão algumas pessoas da commitiva, que me felicitárão pela minha vinda á sua terra, ás quaes tambem abençoei bem sensibilizado e commovido.

Dia 18. A's sete e meia horas da manhã me dirigi á Igreja Matriz para abrir a visita. O Rvd.º Parocho celebrou a Missa, e no fim della tomei a minha cadeira no centro do Presbyterio, e della annunciei ao Povo os fins da minha visita segundo as prescripções do Pontifical Romano, occupei-me dos Sacramentos, discorrendo sobre cada um delles em particular, mas largamente porem ácerca do da Confirmação, que vinha especialmente administrar: voltando depois ainda aos fins da visita assegurei ao Povo, que assim como Jesus Christo havia expirado em uma Cruz por todos com os seus braços abertos, e a face voltada para o occidente do mundo, chamando as nações, que vivião nas sombras e nas trevas da morte, as quaes tinha Elle vindo ao mundo allumiar, vinha eu tambem com os meus braços abertos para abraçar a todos os peccadores, e reconcilial-os com Deos; que aproveitassem esta boa occasião, que o Senhor lhes proporcionava para se santificarem, e não baldassem os meus passos e os sacrificios, que tinha feito, para vir de tão longe trazer-lhes os soccorros e as consolações da Religião, o remedio á seus males, a cura ás suas enfermidades, e o balsamo reparador ás suas chagas e ás feridas, que o peccado houvesse feito em suas almas.

E não forão perdidas estas palavras, em nenhuma parte as minhas visitas tem produzido resultados tão salutares como na Teresina, graças á Deos, que quiz dar incremento aos meus trabalhos, e efficacia aos suores, com que reguei esta porção do seu Campo. E terminado o discurso mandei publicar as indulgencias.

Depois visitei o tabernaculo do SS. Sacramento, os altares, a pia baptismal, tudo estava em ordem, e tendo encommendado as almas dos fieis defunctos me retirei, declarando ao Povo, que chrismaria á noite pelas sete horas, encetando antes a minha pregação, e que assim continuaria nos mais dias durante a visita.

De volta á casa, mal tenho tempo para almoçar, as salas estão cheias de cidadãos, que me vem cumprimentar.

Ás onze horas recebi uma deputação, composta dos Senhores, Doutor Deolindo Mendes da Silva Moura, Francisco Mendes de Sousa, José Joaquim Avelino, José Pereira Nunes, e Francisco Galdino Ramos, que me vinha cumprimentar por parte da Assembléa legislativa provincial, e felicitar pela minha vinda á Provincia; e logo depois outra, composta dos Senhores José da Cunha Simões, José Joaquim Alves Pacheco, Honorio José de Siqueira, e Raymundo Nonnato de Sousa, que por parte da Camara municipal da Capital me vinha tambem dirigir identicos cumprimentos e felicitações. E á ambas respondi agradecendo respeitosamente os testemunhos publicos de consideração, que me davão por seu intermedio a Assembléa legislativa provincial, e a Camara municipal da Capital, e ás mesmas commissões, e á cada um de seus membros em particular, as expressões benevolas e affectuosas, que se havião dignado dirigir-me, assegurando outro sim, que não cessaria de fazer ao Todo-Poderoso os mais ferventes votos pelo augmento e Prosperidade da Provincia, e do municipio da Teresina.

Recebi tambem as felicitações da Officialidade do meio Batalhão de Caçadores, e do Corpo de Policia, e de seus respectivos Commandantes.

A's sete horas da noite me achava na Igreja, aonde custou-me a entrar, tanto era o concurso do Povo, e o Templo é vasto, como já disse. Correm todos para mim, e não gasto menos de meia hora em abençoar individualmente a estes meus charos Filhos. Sua Exc. o Snr. Presidente fez-me o obsequio de acompanhar e de assistir a todos os actos religiosos até o fim.

Feitas as devidas orações ao SS. Sacramento e a Nossa Senhora do Amparo, Padroeira da Igreja, tomei a minha cadeira, collocada em lugar alto, conveniente, e comecei o sermão.

Prégui na Teresina treze sermões, não contando os dous discursos de abertura e encerramento da visita; os tres primeiros destes sermões forão como introducção aos outros dez.

Comecei pela origem do homem, sua queda, peccado original, promessa de um Salvador, corrupção do genero

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

humano; diluvio universal, vocação de Abraham, captiveiro do povo de Deos no Egypto, Moysés escolhido por Deos para o libertar, como o povo de Deos sahio do Egypto, promulgação da Lei no monte Sinai, como o povo de Deos entrou na terra da promissão, vinda do Messias, como em Jesus Christo se realizárão todas as prophecias, é Elle o Filho de Deos, que veio completar a Lei, e não desatal-a; sua Vida, sua Paixão, sua Morte, sua Resureição, sua gloriosa Ascenção aos ceos, vinda do Espirito Santo no dia de Pentecostes, promulgação da Lei Evangelica. Eis aqui o assumpto dos tres primeiros sermões, que me servirão de introducção aos outros dez.

Os Mandamentos da Lei de Deos, os da Igreja, e os peccados capitaes formárão o assumpto dos dez seguintes.

A concurrencia desta noite foi á proporção da das outras; e a attenção e o recolhimento, com que fui ouvido, derão-me uma idea bem clara dos sentimentos religiosos do Povo do Piauhy.

Concluido o sermão, que não poude deixar de ser muito extenso, chrismei 54 pessoas, e concedi quarenta dias de indulgencias.

Terminados estes actos, o Povo não se dimoveu da Igreja, orou comigo, e na sahida tive de dar de novo a benção a todos, um por um, o que aconteceu sempre em todos os outros dias. Não é preciso dizer, que eu estava tão molhado, como se tivesse cahido no Parnahiba, e fosse tirado das aguas.

Os Fieis me acompanhão até a casa, homens e mulheres, e na porta ainda recebo os cumprimentos de despedida de cada um destes meus amados Filhos, e delles tambem me despeço, agradecendo-lhes esta prova de consideração, de respeito, e de affecto, que tão visivelmente me davão. E o que hoje fez este bom Povo, fez sempre, em quanto tive a fortuna de estar com elle.

Dia 19. A's sete horas e meia da manhã me dirigi ao Hospital de caridade para visitar os pobres enfermos, que me recebêrão commovidos, e alguns delles chorando: fui á todas as enfermarias, fallei á todos os enfermos, e os consolei como pude, excitando-os á soffrer com paciencia as suas dores, e a offerecel-as a Deos em penitencia pelos seus peccados. D'aqui me encaminhei para a cadeia, e fui tambem visitar os infelizes nella encarcerados, e consolal-os na sua adversidade. Sua Exc. o Snr. Presidente da Provincia, e o Snr. Dr. Chefe de Policia, e varios cidadãos, me fizerão o favor de acompanhar nestas obras de misericordia.

Chegando á casa almocei, e vim logo para a sala; já não são visitas somente, que tenho de receber, procura-me muita gente tambem para negocios de alta importancia, a salvação, e nisto se consome não só o resto da manhã, mas ai[illegible] parte da tarde, graças á Deos.

Já perto da noite me procurárão tres homens ainda moços, e me disserão: —vinhamos pela estrada, que de Campo-maior conduz á esta cidade, e ouvimos salvar a artilheria; não tem duvida, dissemos nós, é o Bispo, agora sim cremos, que cá a este Piauhy viesse o Bispo, e vimos vel-o, Senhor; e fitos me contemplárão primeiro, e depois por algum tempo conversárão sobre a sua vida, e muitas outras cousas, folgando eu de ouvil-os fallar com tanta simplicidade como sinceridade.

A's sete horas me dirigi para a Igreja, e ao meu encontro vem muitas pessoas para me acompanhar. Entrar na Igreja não foi cousa facil, chegar ao altar do SS. Sacramento mui difficil, uma benção geral não satisfaz, cada um quer ser abençoado em particular.

Feita a minha oração ao SS. Sacramento e á Nossa Senhora, tomo a cadeira, estou em lugar alto e bem visivel, sob o arco cruzeiro, o auditorio ainda é maior do que o do dia antecedente, reina no Templo o mais profundo silencio, e começo o sermão; o assumpto attrahe os ouvintes, e para a quasi totalidade é materia inteiramente nova, as attenções estão suspensas, louvores á Deos, que a sua palavra é ouvida com avidez. A fadiga me obriga á parar, e previno ao Povo, que hei de continuar no dia seguinte: e deixando a cadeira sigo para o Presbyterio, e chrismei 143 pessoas. No fim concedo aos Fieis presentes quarenta dias de indulgencias, o que continuei á praticar em todos os seguintes dias no fim dos actos religiosos, ou de manhã ou de noite.

De volta para casa fui informado que o Rvm.º Vigario Geral da Provincia, o Snr. Conego João de Sousa Martins, achava-se perto da Teresina, vindo de Oeiras, antiga capital, somente para me apresentar os seus respeitos.

Dia 20, Domingo. De manhã, antes e depois da Missa, fazem-se algumas confissões, baptizão-se muitos innocentes, e solemnizão-se alguns casamentos. De volta para casa recebo muitas visitas de pessoas da cidade, e de quasi todas as que vierão dos arredores, todos estes meus bons Filhos me querem ver, e eu tambem folgo de estar com elles, e só lá depois das tres horas da tarde é que pude descançar.

Pelas seis horas da tarde continuão as visitas, mas são de outro genero: os chefes de familia vem com suas Senhoras, Filhos e Filhas em familia, apresentar-me os seus respeitos, e isto me lisongea muito; é a reproducção do que aconteceu no Mearim, Anajatuba, e Codó. A's sete horas não foi preciso advertir á ninguem, todos se levantárão, e eu me dirigi para a Igreja.

Chegando ao largo da Matriz encontrei mais gente do que nos dias antecedentes, e não é para admirar, nos domingos e dias santos é sempre assim. Vencido este primeiro encontro, foi-me difficil na Igreja chegar ao Altar do SS. Sacramento: e feita a minha oração, tomei a cadeira, e continuei a pregação.

Terminado o discurso, que foi longo, como não podia deixar de ser, chrismei 326 pessoas. E, cousa notavel, a Igreja mal podia conter um tão numeroso concurso de povo, depois do sermão chrismão-se não poucas pessoas, pois todos estes Fieis não me abandonão, é comigo que se retirão da Igreja, e ainda uma grande parte me acompanha até a casa, aonde lhes dou por despedida a minha benção.

Dia 21. Deste dia em diante o serviço toma proporções gigantescas; logo ao romper do dia vão os Sacerdotes para a Igreja para confessar, baptizar, e casar, mal podem almoçar, e volão para a Igreja, donde se retirão pelas duas, tres, e quatro horas da tarde para jantar! Foi uma verdadeira inspiração do Ceo a resolução, que tomei de ir ao Piauhy, o meu trabalho ahi foi excessivo, mas dou graças a Deos pelos fructos, que della colhi. Diariamente sentava-me á mesa do despacho com o Secretario logo de manhã cedo, ahi mesmo almoçavamos, e ahi ficava a despachar até a hora de jantar, levantando-me somente para ir na primeira sala fallar ás mulheres, e isto em um clima ardente: o Senhor porem me deu forças, e gozei de perfeita saude

Findo o jantar tomava logo os habitos prelaticios, e ás seis horas já estava prompto para receber as visitas das Familias; e ás sete horas me encaminhava para a Igreja, para prégar e chrismar.

A's sete horas da tarde despedindo-se as visitas me dirigi á Igreja Matriz, é dia de serviço, e entretanto a reunião é grande, o Templo está cheio. Préguei o meu primeiro sermão sobre os Mandamentos da Lei de Deos; e no fim do sermão chrismei 194 pessoas.

Dia 22. O mesmo, que no antecedente. Tenho mais um cooperador, o Rvm.º Sr. Conego João de Sousa Martins, Vigario geral da Provincia, que veiu de Oeiras, fazendo uma viagem de cerca de sessenta leguas, somente pela satisfação de me ver, o que é para agradecer, e me acompanhou na Teresina, prestando-me seus bons serviços, em quanto durou a visita. Préguei á noite, e chrismei 241 pessoas.

Dia 23. O expediente vai em augmento, já não é só da Teresina, e villas vizinhas, que se recorre a mim, de todos os angulos da provincia se recebem petições, sollicitando dispensas e graças; á noite préguei, e chrismei 263 pessoas.

Dia 24. O mesmo, que no antecedente; préguei de noite, e chrismei 233 pessoas.

Dia 25. O trabalho cresce ainda mais: á noite préguei, e chrismei 278 pessoas.

Dia 26, Sabbado. O mesmo, que no antecedente. Não pude prégar, era extraordinario o concurso de povo, vindo dos arredores da Cidade, e o alarido, que fazião as crianças, que vinhão chrismar-se, era tanto, que a minha voz seria abafada, se tentasse fazel-o. Chrismei 507 pessoas.

Dia 27, Domingo. De manhã deu-se na Igreja um facto bem pathetico. Alguns presos, que me havião pedido,

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

que os chrismasse, vem para esse fim no meio de uma forte escolta commandada por um Sargento. O povo abriu caminho, e os miseros presos se encaminhárão até a Capella-mór, e á um aceno meu o Sargento os collocou ao lado da Epistola, e tomando as devidas precauções, os deixou em liberdade: os infelizes se ajoelhárão então para ouvir a Missa, e assistirão á ella com devoção. No fim da Missa lhes fiz uma breve exhortação, e os excitei á penitencia; depois os fiz repetir em voz clara o acto de contrição, e os chrismei, erão em numero de treze. Concluido o chrisma, o Sargento, que me pareceu um homem de coração bem formado, os metteu de novo no meio da escolta, e os reconduzio para a cadeia publica. Chrismei tambem algumas outras pessoas, ao todo 65.

A' noite não pude prégar pelos mesmos motivos do dia antecedente, e chrismei 459 pessoas.

Tive neste dia um concurso extraordinario em casa de Povo de fóra da Cidade, para o unico fim de me vêr e cumprimentar, sobretudo de mulheres.

Dia 28. O expediente ainda mais augmenta, não tenho socego. De noite préguei, e chrismei 247 pessoas.

Dia 29. A's sete horas da manhã me dirigi ao Quartel do Meio Batalhão para pagar ao seu Commandante e Officialidade a visita, que me havião feito, e fui ahi recebido com todas as formalidades e etiqueta propria. Visitei por esta occasião a enfermaria militar e a prisão, e aos enfermos e presos consolei, como pude, excitando á uns a soffrer com paciencia as suas dores, e á esperar de Deos o remedio, e á outros a supportar o castigo com resignação, e a evitar as occasiões de o merecer no futuro.

Voltando para casa continuei no meu trabalho usual de receber visitas, as Partes, e de despachar as suas pretenções; á noite préguei, e chrismei 196 pessoas.

Dia 30. Depois da Missa encaminhei-me ao Quartel do Corpo de Policia, com o fim unico de pagar ao seu Commandante e Officialidade a visita, que me havião feito, e fui ahi recebido com todas as demonstrações de respeito, e segundo a etiqueta; visitei tambem os presos, que existião no xadrez, aos quaes dirigi palavras de consolação, e dei conselhos paternaes.

A' noite préguei, e chrismei 125 pessoas.

Dia 1º de Dezembro. Este dia foi de grande trabalho, já de expediente, ja com recepções: não pude prégar, faltarão-me as forças para isso, o cançasso era forte; chrismei porem 177 pessoas.

Dia 2. Não préguei, nem chrismei. Este dia é o anniversario natalicio de Sua Magestade o Imperador; assisti ao cortejo em o Palacio da Presidencia, Sua Exc. o Snr. Presidente deu na sala, em que se achava collocado o Retrato de Sua Magestade o Imperador, e em que se fez o cortejo á Effigie do mesmo Augusto Senhor, um lugar distincto aos meus Padres, ao Rvm.º Vigario Geral da Provincia, e ao Muito Rdº Arcipreste da Teresina. De uma das janellas do Palacio assisti com Sua Exc. á parada, que se compoz de uma columna da Guarda Nacional, e do Meio Batalhão de Caçadores.

Para solemnizar este grande dia reunio á noite Sua Exc. em Palacio os Cidadãos mais grados de todas as ordens da Capital com suas Familias, ás quaes offereceu um magnifico chá, que foi servido ao som da Musica dos Educandos; por convite de Sua Exc. concorri tambem a esta reunião com os meus Padres, e os Rvm.os Vigario Geral da Provincia, e Arcipreste da Comarca da Teresina. Perto da meia noite desfechou sobre a Cidade uma grande trovoada, que durou até depois das duas horas da madrugada, mas já me apanhou em casa.

Dia 3. Continúa o expediente activo. A' noite préguei, e chrismei 122 pessoas.

Dia 4. Domingo. Depois da Missa visitei a Casa dos Educandos Artifices da Provincia, que tinhão de chrismar-se neste dia á noite; dirigi a palavra a todos, um por um, interrogando-os sobre o estado do seu adiantamento, e animando-os á não afrouxar na carreira encetada para bem seu, e da Provincia, que lhes serve de Mãi previdente e zelosa.

De volta para casa, mal tive tempo para almoçar, fui logo para a sala receber numerosas visitas, sobretudo de gente do interior, homens e mulheres. De tarde depois do jantar, e pela volta das seis horas, recebi ainda, como em todos os outros dias, visitas das Familias da Capital. A's sete horas, fui para a Igreja e préguei o meu ultimo sermão sobre os peccados capitaes: desejava ainda prégar sobre as virtudes, porem o meu physico já se não prestava á este trabalho, achava-me muito attenuado de forças, e nem sei, como pude fazer tanto: foi Deos, que me ajudou. Depois do sermão chrismei 217 pessoas.

Dia 5. Não foi este dia muito trabalhoso. A' noite apenas chrismei 63 pessoas.

Dia 6. Não pude ir neste dia á Igreja chrismar.

Dia 7. Tive de manhã bastante que fazer: á noite chrismei 188 pessoas.

Dia 8. Festa da Conceição Immaculada de Nossa Senhora, e de grande solemnidade na Teresina. Assisti de manhã á Missa solemne na Igreja Matriz, á qual concorreu um extraordinario numero de Fieis, e assistiu tambem o Exm. Sr. Presidente: cantou a Missa o Rvm.º Conego Vigario Geral, e prégou ao Evangelho o Muito Rvd.º Arcipreste da Teresina. De tarde houve Procissão, a qual acompanhou o mesmo Exm. Sr. Presidente.

Depois de se haver recolhido a Procissão, me dirigi á Igreja, e encerrei a visita com um discurso analogo, ao qual não pude infelizmente dar o desenvolvimento, que entendia, porque era consideravel a reunião de Povo na Igreja, e demasiado o sussurro e alarido, que fazião as crianças, que de balde se tentou fazer calar; mas como se poderia fazer calar crianças apertadas, que nunca se tinhão visto n'aquellas circumstancias!

Foi-me pois forçoso ceder, mas disse sempre, quanto bastava, para aconselhar ao Povo á permanecer firme nos principios da Fé Catholica. Fiz tambem as minhas despedidas, e agradeci á este Povo generoso todas as provas, que me havia dado, de affecto, consideração e respeito, e sobretudo a attenção, que prestou á minha debil voz, e a docilidade, com que recebeu os meus conselhos por tal modo, que sahi da Teresina satisfeito, e nadando de prazer e jubilo, por não se terem perdido os meus passos, por haverem aproveitado os sacrificios, que liz para lá ir, e por não terem sido tambem infructuosos os meus trabalhos, as minhas fadigas, e todos os meus esforços. Graças ao Senhor, que assim o permittiu, por effeito de sua misericordia e de sua clemencia.

Findo o discurso, chrismei 451 pessoas, e não concedi indulgencias, porque tinha concedido indulgencia plenaria á todos os Fieis, que neste dia visitassem a Igreja Matriz, confessados e munidos com a sagrada Communhão, e nella fizessem uma depracação a Nossa Senhora, pedindo-lhe, que os não abandonasse em suas necessidades, e orassem a Deos pelos peccadores, afim de se converterem, a qual tambem mandei publicar em as tres Freguezias da Cidade de Caxias em proveito de seus habitantes: e era quasi meia noite, quando sahi da Igreja, e o Povo me acompanhou até a casa, e ahi abençoei a estes Filhos amados um por um, e bem commovido!

No dia 9 me despedi de Sua Exc. o Sr. Presidente, e lhe agradeci todos os favores, que me havia feito, e as maneiras benevolas e sempre obsequiosas, com que me tinha tratado durante a minha estada na Teresina.

Dia 10. Era este o dia marcado para a minha retirada da Teresina. Ás cinco horas da tarde deixei a casa, em que havia habitado nesta Capital, e me dirigi para o porto do embarque. Sua Exc. o Snr. Presidente da Provincia, os Snrs. Doutores Chefe de Policia, e Juiz de Direito, Assistente do Ajudante General do Exercito, e varias outras Personagens me fizerão a honra de vir buscar á casa; a rua estava coalhada de Povo, e tomámos a direcção da praça da Matriz, que ficava perto: era ahi, que me esperava a População da Teresina, que se tinha movido para me dizer o adeos. Scena por demais tocante foi essa despedida; ia me apartar, talvez para sempre, de um Povo, que tantas provas me dava de amor, e o meu coração se partia de saudade, e ainda que elle fosse de pedra, não podia ser insensivel a tantas demonstrações de affecto, sim de puro affecto, porque as não dictava o interesse, nem a esperança de recompensa! Uma boa hora estive parado na praça, recebendo os protestos de amizade desses Filhos tão queridos, e só á custo fui andando por um caminho estreito, que abria a onda do Povo. Vi em muitos rostos deslizarem-se lagrimas expressivas do sentimento, que erão acompanhadas das, que brotavão de minha alma. Quasi na beira do rio recebi as continencias militares de uma Guarda de honra do Meio Batalhão,

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

e á alguns passos mais estava no porto. Dei aqui a minha benção ao Povo, que me acompanhava, na effusão do maior amor, e em penhor do meu reconhecimento e da minha sensibilidade. E quando me esquecerei do bom Povo da Teresina, da alegria, com que me recebeu, das sobejas provas de affecto, de veneração e de respeito, que me deu, tão solemnemente ratificadas no momento, em que d'elle me separava? Levarei comigo para a sepultura estas gratas recordações, e o tumulo as não destruirá, porque o homem não morre todo, e ellas sobreviverão ao meu pensamento, e durarão gravadas pelo buril da historia, ao menos nestas humildes paginas.

A's seis horas e meia embarquei na galeota do Governo, e os canhões assestado na margem do Parnahyba annunciárão á Cidade, que della me havia ausentado. Do meio do rio abençoei de novo o Povo, que firme permanecia em suas margens, e dei tambem em nome de Deos a minha benção á Cidade e á Provincia,e pedi ao Senhor, que sobre ellas derramasse enchentes de sua graça, e as fizesse crescer e prosperar.

O Exm° Snr. Doutor Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, e os Snrs Drs. Antonio de Sousa Mendes, Chefe de Policia interino, e Umbelino Moreira de Oliveira Lima, Juiz de Direito interino da Comarca da Teresina, tiverão a bondade de me acompanhar até a Povoação de S. José, o mesmo praticárão os Rvm.os Srs. Vigario Geral da Provincia, Conego João de Sousa Martins, e Arcipreste da Teresina Padre Mamede Antonio de Lima.

Na Povoação de S. José, territorio da Provincia do Maranhão, se despediu de mim o Exm.° Snr. Doutor Diogo Velho, abraçando-me, e ainda aqui lhe repeti os meus agradecimentos pelas considerações, que lhe mereci, e pelos obsequios, que me havia prodigalizado; recebi tambem as despedidas affectuosas dos dous Magistrados referidos, e lhes agradeci a bondade,que tinhão tido,de me vir acompanhar até a dita Povoação.

Os Ecclesiasticos ficárão comigo.

Já dei uma idéa do trabalho, que tive na Teresina, sobreleva declarar agora, quaes os seus resultados. Baptizarão-se 335 pessoas, sendo algumas adultas;dos casamentos, que mandei solemnizar, realizarão-se na Teresina 175, nada podendo por ora dizer acerca do numero dos, que se realizárão em outras Parochias; e chrismei 4594 pessoas.

Como já disse, a Teresina, foi fundada em 1852; sorprehendeu-me por tanto o augmento, que tem tido; suas praças são regulares, as ruas largas e direitas, e não tem becos; continuão as edificações, e as primeiras, que não erão boas, vão cedendo o lugar á novas mais firmes e de melhor gosto: a Igreja Matriz é grande, mas não está ainda acabada, e não foi construida com a precisa solidez, e já está rachada na frente, os seus defeitos porem ainda se poderão emendar, e solidifical-a, fazendo-lhe um contra-alicerce por dentro e por fora, e o local em que está situada, não podia ser mais bem escolhido: do seu adro se vê correr o Parnahyba, e avista-se toda a Povoação de S. José da banda d'alem. O commercio e a industria progredem nesta Capital, a par da civilização, tem porem um inimigo cruel, o calor, que me parece provir em parte da falta sensivel de arvoredo, que foi todo abatido na sua fundação, mas de presente trata-se de obviar a este mal pelo plantio de arvores fructiferas, e estabelecimento de hortas e jardins. E se a Teresina continuar a crescer, como até agora,em breve será uma bella Cidade, não lhe faltando proporções, para se engrandecer.

Temperatura na Teresina. No dia 18 de Novembro, de manhã ás 6 horas 77°, de tarde ás 3 horas 88°. No dia 19, ás 2 horas da tarde 92°. No dia 22, ás 6 horas da manhã 74°, ás 3 da tarde 96°. No dia 23 ás 3 horas da tarde 98°.

Reservei para o fim a narração do seguinte facto, para o fazer mais conhecido, e para que melhor se o pudesse apreciar. Apenas constou com certeza no Piauhy,que eu ia visitar a sua Capital, a Assembléa Legislativa Provincial decretou, que em quanto nella me demorasse, se me désse uma diaria de 20$000 rs. Logo que cheguei, o Exm.° Snr. Presidente me officiou, declarando, que havia expedido as suas ordens á Administração da Fazenda Provincial, para se entregar á minha ordem aquellas quantias, que eu quizesse receber no sentido da Lei. Para mim nada tirei, e appliquei a somma das diarias á construcção de um rancho para a Veneranda Imagem de Nossa Senhora do Amparo, Orago da Freguezia, que alem de mal collocada em um estreito degrão, achava-se exposta ao pó; e não posso deixar de agradecer a Assembléa Legislativa daquella Provincia a sua generosidade e solicitude pelo meu bem estar, e creio, que melhor não podia perpetual-as, do que deixando na Teresina esse monumento, que sendo todo dedicado á SS Virgem, cede tambem em gloria da Illustre Assembléa, e do Exm° Administrador da Provincia, que sanccionou a Lei, e do que lhe deu execução.

(*Continúa*).

Rectificação.

No numero passado, pag. 1ª col. 2ª linha 39. onde se lê —Continuando a nossa viagem, passámos pelas pequenas povoações, &:—Corrija-se assim: —Continuando a nossa viagem, passámos por diversas situações, em que forão ficando as pessoas, que nos acompanhárão em seus baixeis &.

—Na correspondencia de Londres para o *D. de Pernambuco*, escrita a 22 d'Outubro, lê-se o seguinte:

No dia 7 do corrente Sua Santidade sagrou na capella Sixtina em Roma o nosso Bispo eleito do Rio Grande, o Sr. Dr. Larangeira. Na allocução, que por essa occasião lhe dirigio o Santo Padre, recommendou-lhe, que sustentasse sempre como cumprimento de um importante dever a autoridade da Santa Sé; e prevalecendo-se do ensejo censura a recente conducta de um bispo napolitano, que lhe escrevêra em favor dos principios de Garibaldi, pelo que o Summo Pontifice o denominou de Ariano. E' este incidente uma prova do estado de oppressão moral, em que se acha o Pontifice Romano!

O nosso compatriota,hoje Bispo do Rio Grande, deverá em breve passar por esta capital, de regresso ao Brasil, onde vai occupar a sua cadeira episcopal.

O Sr. Dr. Larangeira fez os seus estudos Theologicos em Roma, onde sempre se distinguio por suas virtudes e muito saber: assim pois é elle um dos ornamento da nossa patria.

ANNUNCIOS.

BIBLIA SACRA

d'edicção da vulgata

reconhecida pela Autoridade dos Summos Pontifices

XISTO V. E CLEMEMTE VIII,

illustrada com notas, prolegomenos, tabulas chronologicas, historicas e geographicas,

Por João Baptista Du Hamel.

Nesta typographia se diz quem vende esta obra utilissima para os aspirantes ao Sacerdocio.

Redactor

O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 — por anno — Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO — 1860.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 198.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.mo SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

TERÇA-FEIRA 18 DE DEZEMBRO DE 1860.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

D. Manoel Joaquim da Silveira, por mercê de Deos e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Maranhão, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, Commendador da Ordem de Christo &c. &c.

No dia 8 do corrente, em que a Santa Igreja Catholica celebra a Conceição Immaculada da Santissima Virgem Mãi de Deos, a Igreja de Santa Anna desta Cidade deu ao meio dia signal de grande solemnidade para o seguinte Domingo 9, assim como se pratica, quando tem de expor-se o Santissimo Sacramento, tocando á Romana, e soltando-se foguetes, &, e com pasmo dos Fieis se conservou fechada a Igreja nesse dia, Domingo, continuando porem os signaes festivos; e á noite abriu-se a Igreja, illuminou-se interiormente como em dia de festa, cobrirão-se as Imagens, e para fins puramente mundanos nella se reunirão muitas pessoas, e se recitárão discursos, como se se estivesse em um salão qualquer: o que tudo chegou ao Nosso conhecimento pelo testemunho de pessoas piedosas, á quem não se pode recusar fé e credito.

A Igreja é a casa de Deos, e de oração, especialmente destinada para nella se dar louvor ao Creador e Senhor do Universo, em a qual se deve estar com a maior reverencia, humildade e devoção, como pede a Santidade d'Aquelle, que nella habita, e que é o Santo por excellencia, e todos os tratos e praticas profanas, que nella se praticarem, se devem considerar como graves peccados, que offendem os olhos da Divina Magestade, precisamente no mesmo lugar, em que se vai supplicar e pedir o perdão delles. E é isto o, que acaba infelizmente de acontecer na Igreja de Santa Anna, em a qual se fez uma reunião toda mundana, sem nenhuma consideração ao lugar sagrado, com manifesta violação das Leis da Igreja, e escandalo dos Fieis.

Assim que, obedecendo ao Decreto do Santo Concilio Tridentino—*de observandis, et evitandis*, Sess. 22.—em o qual se recommenda á todos os Ordinarios dos Lugares, que prohibão e desterrem das Igrejas todas as acções seculares, vãos e profanos discursos, estrepitos e clamores, para que a casa de Deos pareça verdadeiramente, e se possa dizer—casa de oração—applicando para esse fim as censuras ecclesiasticas, e outras penas, que lhes parecerem convenientes; e não devendo consentir, que continue um abuso, que se pretende cohonestar com exemplos passados, e anteriores á Nossa Administração, Julgamos interdicta a referida Igreja de Santa Anna desta Cidade, filial da Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

O Rm.º Conego Mestre-Escola, Provisor e Vigario Geral do Bispado, faça cumprir esta Nossa Portaria tão inteiramente, como nella se contém e declara, mandando-a intimar judicialmente ao Administrador da dita Igreja, e fazendo traucar as portas desta, as quaes se conservarão fechadas, em quanto não levantarmos o interdicto. Dada nesta Cidade de São Luiz do Maranhão, sob Nosso Signal e Sello das Nossas Armas, aos 11 de Dezembro de 1860.

Lugar ✠ do Sello. MANOEL, Bispo do Maranhão.

O ECCLESIASTICO.

Acima fica trancripta a Portaria de S. Exc. Rvm.ª pela qual foi lançado interdicto na Igreja de Santa Anna, filial da Matriz da Conceição desta capital.

Com effeito, depois dos annuncios de caracter religioso, mencionados na Portaria, como se se tratasse d'uma festa solemne, houve no domingo 9 do corrente á noite uma reunião de povo na dita Igreja, com o fim de se discutirem negocios e medidas eleitoraes.

Um semelhante acto, todo profano, ninguem contestará, que é improprio e por demais inconveniente de ser tratado em uma Igreja; todavia, homens embevecidos em ideas exaltadas de politica não duvidárão convocar as massas para aquelle lugar santo, e profanar a casa de Deos, em despeito e com grande escandalo dos fieis, verdadeiramente crentes nos sagrados preceitos de Jesus Christo!

Se o legislador autorisou, que as eleições do paiz fossem feitas nas Igrejas Matrizes, com o bem intencionado fim, de que o povo ali conteria seus furores politicos, em respeito ao lugar santo, o que todavia nem sempre acontece, pois que milhares de vezes temos visto profanações horriveis com derramamento de sangue no templo do SENHOR; se autorisou ainda, que as qualificações tambem tivessem lugar nas Matrizes, sem motivo plausivel, pois que nessas occasiões não se dá aglomeração de povo; não estão por certo autorisadas as reuniões d'outro genero, que não sejão com o fim d'orar ao Creador, pedir-lhe o perdão das culpas, e ouvir a explicação da palavra de Deos pela bocca do Sacerdote.

Assim que, por demais affrontoso foi á casa de Deos o acto praticado na Igreja de S. Anna na noite de 9 do corrente

E tanto mais é isso para se lamentar, poisque semelhante indecencia foi commettida sob a direcção de cida-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

dãos illustrados e distinctos por sua posição social, sobre serem catholicos e filhos da Igreja do verdadeiro Deos!

Parece que seguimos de proposito por um caminho direito para o desrespeito e desacato ás cousas sagradas da nossa Religião!!

Os actos de hontem não servem de norma para os de hoje; e ai da experiencia e da civilização dos homens, se começão a modelar-se pelo passado indistinctamente!

O facto de semelhante reunião na mesma Igreja, na noite de 28 de Julho de 1847, não pode jamais autorisar o da de 9 de Dezembro de 1860; ao contrario, lastimamos, que a Autoridade ecclesiastica d'então se deixasse—como que fascinar, se não aterrar, pelos influentes e interessados politicos, e que deixasse correr esse negocio pela via do indifferentismo; assim como tambem lastimamos, que os homens daquella epoca, que são ainda os de hoje, reproduzissem semelhante attentado, ousando commetter identico treze annos depois, máo grado o tão decantado progresso do dia, a menos que alguem se encarregue de nos convencer, de que—em materias de religião vamos em verdadeiro regresso.

Seja porem o que fôr, nunca o abuso servirá de regra. Importa, que a Autoridade ecclesiastica, encarregada de velar á porta d'Israel, faça sentir sua reprovação a estes e outros actos do mesmo genero.

Em casos semelhantes não se trata de politica local, nem de respeitos individuaes, pois que, sendo elles de notoriedade publica, não podem passar desapercebidos.

Por qualquer lado que se encare a questão, a medida tomada pelo Exm.º Prelado era reclamada pela conveniencia e moralidade publica, pelo facto d'obviar a repetição do escandalo, e pela affronta lançada á face da casa do SENHOR, que disse: *Domus mea Domus orationis vocabitur; et vos fecistis eam speluncam....*

Praza aos Ceos, que não tenhamos de ver scenas identicas, que só servem, na verdade, para avivar a dor no coração dos fieis, e animar d'algum modo o indifferentismo publico para com a causa do paiz.

Continuação da Visita Episcopal.

(Dezembro de 1859.)

(*Vem do n.º passado.—Conclusão.*)

Dia 10. Os Habitantes da Povoação de São José me esperavão no seu porto, e logo que se retirárão o Exm. Senr. Presidente do Piauhy, e os Senrs. Chefe de Policia, e Juiz de Direito interinos, me encaminhei com os meus Padres, e os Rvm.os Vigario Geral da Provincia do Piauhy, e Arcipreste da Teresina, acompanhando-me o Povo, para a mesma casa, em que tinha pousado e dormido na vinda, e que seu dono mandára asseiar.

Os Snrs. Angelo Custodio Reverdosa, dono da referida casa, Tenente Firmo Gonçalves Pedreira, rico fazendeiro do lugar, e Alferes Manoel Verissimo da Silva, Commandante do destacamento, tudo havião disposto para a minha hospedagem, e me tratárão bisarramente tanto nesta noite, como em todo o dia seguinte.

Dos arredores tinha concorrido algum Povo, e tive de o receber até bem tarde; todos me querião vêr, e este empenho me captivava o coração, porque não era filho da lisonja nem da adulação, e somente a expressão da sinceridade e do sentimento religioso.

Dia 11. Domingo. Logo ao amanhecer levantou-se o o meu altar, e tudo se preparou para a celebração da S. Missa, e se disserão quatro. Quanto tempo haveria, que este Povo não ouvia Missa ?! Separa-os da Teresina o rio Parnahyba, que nem sempre podem passar, e a maxima parte não tem com que pagar ao barqueiro passador, e estão a dezoito leguas distantes da sua Igreja Matriz, São José da Villa dos Mattões. O altar se havia armado em lugar apropriado, que dava para um grande alpendre coberto de palha, que rematava na rua, e á todas as Missas houve grande concurso de Fieis.

Logo que se acabou a primeira Missa, fui confessar varias mulheres, que expressamente se quizerão confessar á mim, os outros Sacerdotes, á proporção que acabavão de celebrar, ião tambem confessar. Na ultima Missa se deu a Communhão aos Confessados, e acabada a Missa começárão os baptismos, e se baptizárão 30 creanças. Depois almoçámos, e no fim do almoço administrei o Sacramento da Confirmação. Momentos depois tocava um enfermo os ultimos instantes, o Rvm.º Vigario Geral Forense foi em seu auxilio, confessou-o, ungiu-o, e o casou, autorisado especialmente por mim.

Até a hora de jantar occupei-me com habilitações matrimoniaes e dispensas, distrahindo-me deste serviço somente para receber varias Pessoas, que vinhão da Teresina cumprimentar-me, dando-me assim mais uma prova de sua benevolencia, o que não podia deixar de penhorar-me.

Findo o jantar, que foi muito concorrido e bem servido, solemnizárão-se 6 casamentos, e á noite chrismei ao todo nesta Povoação 450 pessoas, e nella concedi 23 dispensas matrimoniaes, sendo algumas ainda para a Provincia do Piauhy. Quando se terminou o trabalho, e se me convidou, e ao Secretario, para tomar chá, era quasi meia noite, e estavamos ambos bem cançados.

Quer de manhã, quer á noite, concedi 40 dias de indulgencias aos Fieis no fim do chrisma.

Dia 12. Ao romper do dia poz-se a nossa comitiva em movimento, era tempo de marchar, o Rvdm.º Sr. Conego João de Sousa Martins, Vigario Geral Forense da Provincia do Piauhy, despediu-se de mim, e eu lhe agradeci em termos tão affectuosos, como sinceros, a prova de respeito e amizade, que me havia dado, vindo de tão longe, só para me visitar, e tambem os serviços, que me tinha prestado na Teresina durante a visita, e aqui nesta Povoação.

Os Rvd.os Parochos da Freguezia de S. José da Villa dos Mattões, no Maranhão, Theophilo Francisco Gonçalves, e de Nossa Senhora dos Remedios da Villa da União, no Piauhy, Simpliciano Barbosa Ferreira, tambem me fizerão o obsequio de ir visitar á Teresina.

A's seis horas da manhã dei a minha benção de despedida aos Habitantes da Povoação de São José, que já desde a aurora se achavão reunidos em frente á casa, em que estava, e pelas suas vizinhanças, e não deixou de ser tocante esta despedida; esforçavão-se todos por me beijar a mão, e não a beijavão uma só vez, porem muitas, e a todos contentei, a todos abençoei, um por um, ninguem exceptuado, e começámos a nossa marcha vagarosa para a fazenda das Flores, por que vem comnosco cerca de 100 pessoas a pé, pela maior parte mulheres. Vem tambem o Muito Rvd.º Arcipreste da Comarca da Teresina, e os Snrs. Reverdosa, Tenente Firmo, e Alferes Verissimo.

No fim de uma hora de viagem parei, e disse á gente, que vinha comigo a pé, que bastava de obsequio, que voltassem para suas casas, voltárão com effeito umas 60 pessoas, cerca de 40 continuárão a andar. D'entre as que voltárão, muitas derramando lagrimas me disserão, despedindo-se:—adeos, Senhor Bispo, ah ! nós não o havemos de ver mais, adeos! e isto era de commover.

Preciso nos foi por tanto continuar a marcha de vagar, para não estafar os, que comnosco caminhavão a pé.

A's dez horas chegámos á fazenda das Flores, aonde nos esperava o Senr. Tenente Coronel José Joaquim da Silva

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Viveiros, que á Teresina tinha ido rogar-me, que na volta para Caxias chrismasse em sua casa. Aqui estava reunida muita gente, e ainda se vinha reunindo mais. O Senr. Viveiros tudo havia disposto, para que fossemos bem recebidos e tratados, e fui logo introduzido na mesma sala, em que passára algumas horas na ida para a Teresina, e na qual achei armado com toda a decencia um altar; os meus Padres, e os tres referidos Companheiros, forão tambem accommodados em bons aposentos.

A fazenda estava convertida em um grande arraial, cada arvore fazia as vezes de barraca, e á sua sombra descançavão em ranchos as Familias, que se vinhão chrismar, e trazião seus filhos para baptizar, e tambem alguns pares, que vinhão para se casar. Com toda esta gente se confundia a, que comigo tinha vindo de São José. Era um verdadeiro dia de festa. Quanto gastaria o Senr. Viveiros, que a quasi toda esta gente sustentou?!

Não tardou muito, e o Senr. Viveiros nos fez servir um magnifico almoço.

Findo o almoço o Rvm. Senr. Conego Joaquim Felix da Rocha baptizou solemnemente 17 creanças: e em quanto elle baptizava, o Rvm. Secretario da visita fez as habilitações para 4 casamentos.

Findos os baptismos chrismei 236 pessoas. E immediatamente solemnizou o mesmo Rvm. Sr. Conego Rocha 4 casamentos, e concedi dispensas matrimoniaes para mais 6.

Pela tarde nos offereceu o Senr. Viveiros um excellente jantar, e jantou tambem todo o povo, que quiz servir-se do seu obsequio; e á proporção que iáo partindo para suas casas, vinhão todos despedir-se de mim, e implorar a benção.

A's dez horas da noite despedi-me do Senr. Viveiros, e tendo-lhe agradecido a sua boa hospedagem, e o serviço que tinha feito á Religião, prestando-me a sua casa para nella exercitar as funcções do meu ministerio, e sustentando a tantos pobres.

Despedi-me tambem dos Snrs. Tenente Firmo, e Alferes Verissimo, e lhes agradeci os obsequios, que com tanta generosidade me havião feito. O Snr. Reverdosa quiz ainda, alem dos favores, que me havia prodigalizado, acompanhar-me até Caxias. O mesmo praticou o Muito Revd.º Arcipreste da Teresina, de cujos bons serviços e obsequios, com que me penhorou, reservo-me fallar lá mais para diante, e em occasião propria.

Andámos toda a noite, e ás duras horas da manhã do dia 13 chegámos ao—Luiz Dias—aonde apenas descançámos um pouco, e ao alvorecer estavamos no—Burity-grande. Era dia de Santa Luzia, e nas casinhas, porque passavamos, cantavão os seus habitadores a ladainha de Nossa Senhora. A manhã estava de rosas, e a natureza respondia a estas preces dos mortaes apregoando as grandezas d'Aquelle, que é, e vive por todos os seculos dos seculos, e do nada tudo creou. Já o astro do dia aquecia a floresta, quando chegámos á mesma casa, em que tinhamos pousado na ida para a Teresina, cujos donos alegres nos sahirão ao encontro.

Fui logo conduzido para a salinha da casa, onde já achei armada uma rede, os meus Padres forão armar as suas no alvergue, de que já fallei, e lá se deitárão a dormir; estou habituado a velar, e posso bem passar sem dormir uma noite inteira, nada soffro com essa falta, mas ainda que nesta occasião quizesse dormir, não o poderia fazer: apenas correu no Povoado a noticia da minha chegada, correu tambem logo o Povo para mim, e forçoso me foi recebel-o.

Por baixo das arvores se alastrárão as nossas cargas, e o Guia providenciou logo a respeito dos animaes, mandando-os levar ao regato para beber, e largar por um pouco no pasto, peiando-os para não fugirem, e procurar forragens para lhes dar durante o dia, e comprar canas com abundancia, que perto havia; e depois de tudo isto feito mandou então os pagens e conductores dormir.

A's nove horas da manhã o meu creado foi acordando a gente do serviço, e tratando do almoço, e ás dez horas nol-o fez servir; e na verdade, que era já tempo de tomar alguma refeição, porque estavamos com o jantar do dia antecedente, não tendo ceiado na fazenda das Flores, por não ser possivel, não haver disposição para comer, e prejudicar a nossa viagem qualquer demora, que tivessemos, não havendo por estas razões acceitado a ceia, que nos preparava o Snr. Tenente Coronel Viveiros.

Findo o almoço tratárão todos de dormir ainda, e eu continuei na minha tarefa de receber os meus Filhos, que vivem nestas parageus, e que de todas ellas vinhão a mim anciosos por me ver.

Ás duas horas e meia da tarde jantámos, e findo o jantar, deu-se ordem de preparar para partir, e ás quatro horas sahimos do Burity-grande. A tarde estava serena, e o ceo claro, e eu ia enlevado nas graças da campanha para mim já não estranhas. Ás oito horas da noite chegámos ao—Burity do Padre—e nos fomos hospedar na mesma casa, em que pousámos na ida, cuja dona nos recebeu com todas as demonstrações de vivo contentamento e alegria. Não esquecido de mim correu o Povo a cumprimentar-me, felicitando-me pela minha boa vinda.

Aqui passámos a noite, e ás cinco horas da manhã do dia 14 seguimos para Caxias. Ao meio da estrada vierão receber-me os Rd.os Parochos, e o Coadjutor da Freguezia de S. Benedicto, e varios Cidadãos grados, que me felicitárão pela minha chegada com saude, e prospera viagem, e em sua companhia continuámos a nossa marcha. E quando chegámos ao alto da Cruz, pude bem contemplar a Cidade de Caxias, que me ficava em frente, ver as suas Igrejas, observar a sua casaria, e admirar o bello e rico panorama de sua campanha e de seus prados. Caxias é um horto fechado por collinas, e banhado pelo Itapicurú; mas não lisongeão a vista neste vergel ameno

Arvoredos por ordem alinhados,
Nem marmoreas columnas soberanas
De varias ordens gregas ou toscanas:
Nem maquinas hydraulicas, que as puras
Aguas deitão por varias mil figuras.
Só reina a natural simplicidade,
Que excede sempre a arte em magestade. (*)

A's sete horas entrámos a Cidade, e fomos parar á porta da casa do Muito Rd.º Snr. Antonio Julião Soares, Vigario da Vara de sua Comarca, e Parocho Collado da Freguezia de S. Benedicto, em a qual ia hospedar-me.

Aqui se despedirão de mim as Pessoas, que me tinhão ido receber na estrada, e lhes agradeci cordialmente o obsequio, que com tanta benevolencia se tinhão dignado fazer-me.

O Muito Rd.º Arcipreste da Comarca da Teresina, o Snr. Vigario Mamede Antonio de Lima, passou comigo o dia em casa do Muito Rd.º Snr. Antonio Julião Soares, e na madrugada do dia 15 se despediu para voltar á sua Freguezia, e no momento de nos apartarmos lhe agradeci tudo, quanto por mim havia feito com a melhor vontade e tão visivel satisfação, que á todos se fazia patente. Preparou-me seguramente a melhor casa da Teresina para me hospedar; desde o primeiro dia até o ultimo tratou-me sempre com grandeza, tudo dispondo alem disto, para que eu não soffresse a menor privação ou incommodo. E

(*) Poema da Assumpção por Frei Francisco de S. Carlos, Religioso Franciscano, natural do Rio de Janeiro, Canto 3.º Descripção do Paraiso.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

reconhecendo logo ao terceiro dia de estada na Teresina, que a maneira, por que estava sendo tratado, a minha hospedagem não podia deixar de ser gravosa, mandei pedir-lhe pelo meu Secretario, que consentisse, que me tratasse de então em diante á minha custa: o Senr. Padre Mamede não deu a resposta ao Secretario, porem veiu dar-m'a a mim mesmo, mostrando-se desgostoso, por haver eu tido uma tal lembrança, e declarou-me mui formalmente, que em tal não consentia, e que o meu passadio havia correr por sua conta, em quanto eu quizesse estar na Teresina. Mas isto é nada,em comparação dos importantes serviços, que á Religião prestou o Muito Rvd.º Senr. Vigario Mamede Antonio de Lima durante todo o tempo da visita; Deos lh'os ha de retribuir, conte com isso, ou neste ou no outro mundo: e receba o testemunho de minha gratidão e a expressão do meu reconhecimento, por todos os cuidados, que lhe mereci, e desvelos, com que me tratou até o ponto de chegar á cidade de Caxias, prestando-me, alem dos mais obsequios, a precisa conducção para mim, para os meus Padres, creados e bagagem.

Talvez, que no que levo dito de alguma maneira offenda o melindre do Muito Rvdº Snr. Padre Mamede, mas a verdade se deve dizer.

Convinha, que repousasse de tantas fadigas, e consagrei ao descanço o resto desta semana, á um descanço relativo, que absoluto é de todo impossivel, quando se está em visita.

Tinha resolvido abrir a visita na Freguezia de Nossa Senhora da Conceição e São José, que é a primeira de Caxias, no dia 18 de Dezembro, terceira Dominga do Advento, e cedendo aos desejos de seu Parocho, o Rvdº Sr. Rosendo José Jovita, fui para sua casa no dia 17 ao pôr do sol, a qual elle havia preparado com todos os necessarios para bem me hospedar.

No dia 18, Domingo, pelas sete horas da manhã, a Irmandade de Nossa Senhora dos Remedios, de cruz alçada, e precedida de uma banda de musica, me veiu buscar á casa do Rvdº Parocho, e no meio de suas alas, acompanhado de um grande numero de Cidadãos, me dirigi para a Igreja Matriz, á cuja porta me esperava o Rvd.º Parocho, paramentado de pluvial, e tendo me offerecido o hyssope, primeiramente me aspergi com agua benta, e depois a elle, a Irmandade e ao Povo, beijei depois a veneranda Imagem do Salvador pregada na cruz, e fui incensado; em seguida entoou o Rvd.º Parocho o *Te Deum*, que foi respondido do coro alto pela Musica instrumental e vocal, e chegando ao Altar do SS. Sacramento, adorei ao Senhor Sacramentado, e dirigindo-me depois para o Altar-mór, me ajoelhei no plano do presbyterio, em quanto se concluia o *Te Deum*, e se cantou a antiphona de Nossa Senhora, no fim cantei a oração, e dei a benção ao Povo.

Tomando depois a minha cadeira no centro do presbyterio, annunciei ao Povo as causas da minha visita com um discurso analogo, e de conformidade com as recommendações do Pontifical Romano, e repeti o mesmo, que tinha dito na Teresina, e em outras partes; e declarei a visita aberta nesta Freguezia por espaço de sete dias; que á noite me acharia na Igreja para chrismar, e encetaria a prégação.

Findo o discurso celebrou o Rvdº Parocho a Missa com toda a perfeição, concluida a qual, mandei publicar as indulgencias,e encommendei solemnemente as almas dos Fieis defunctos; e visitei depois o tabernaculo do SS. Sacramento, que encontrei na maior decencia com bom pavilhão, e *Porta cœli* de prata, a pia baptismal, que achei em regra com bons vasos de prata, e santos oleos novos, como constava da respectiva certidão do Rvdm.º Conego Thesoureiro Mór da S. Igreja Cathedral; e depois a Sacristia, que tinha bons paramentos: a Igreja estava bem forrada apezar de velha, e possue um magnifico orgão, que não presta o menor serviço á falta de organista.

Terminada a visita voltei para a casa do Rvdº Parocho satisfeito, e lhe manifestei o meu contentamento; e quando mais tarde examinei a escripturação dos livros da Parochia, tambem a encontrei em regra.

A' noite voltei para a Igreja, e encetei a prégação, fiquei animado com o concurso de povo, que encontrei na Igreja, e que lá tinha ido quasi que para me ouvir somente. Comecei o sermão pela existencia de Deos: e discorri nelle, e mais nos dous seguintes sobre a creação do homem; sua queda; promessa de um Reparador; vocação de Abraham, escolha de um povo para ser depositario das verdades da Religião; como este povo permaneceu captivo no Egypto; como Deos d'ahi o tirou por meio do seu servo Moyses; promulgação da Lei no monte Sinai; entrada do povo de Deos na terra da promissão; como David e os Prophetas annunciárão o Messias, descrevendo anticipadamente a sua vida tantos seculos antes; a sua vinda no tempo predito; como nelle se realizárão todas as prophecias; sua vida; sua paixão; sua morte; sua resurreição ao terceiro dia; em que gastou Elle os quarenta dias, que esteve com os homens depois de resuscitado; sua ascenção maravilhosa aos céos; descida do Espirito Santo no dia de Pentecostes, como o havia promettido; o que quer dizer Pentecostes, e porque assim se chamava; promulgação da Lei Evangelica neste dia solemne; dispersão dos Apostolos pelo mundo para prégar o Evangelho, o que eu tambem vinha fazer como o mais indigno de seus successores. Sobre estes pontos importantes me occupei nos tres primeiros sermões, que préguei nesta Freguezia; e nos outros tres, que nella préguei, discorri sobre a Fé, a Esperança,a Caridade, e a Virtude da Religião; sobre o juramento: a guarda dos Domingos e Dias Santos de guarda; dos deveres dos filhos para com os pais, dos pais para com os filhos, das mulheres para com os seus maridos, e dos maridos para com suas mulheres, dos creados, famulos,e escravos para com seus amos e senhores, e vice-versa; do homicidio e do suicidio; do horror, que inspirão estes peccados,e como difficilmente se salvarão os que manchão as suas mãos no sangue do seu proximo, e da perdição certa dos suicidas; e por ultimo da virtude da castidade.

E graças á Deos, em todos os seis sermões era sempre o auditorio immenso, e a attenção e recolhimento maravilhosos.

No fim do sermão chrismei 50 pessoas; concedi aos Fieis presentes quarenta dias de indulgencias, o que repeti em todas as outras noites no fim do chrisma.

Dia 19. De manhã, confissões e baptismos, e á noite prégnei, e chrismei 75 pessoas.

Dia 20. De manhã, confissões, baptismos e casamentos; á noite prégnei, e chrismei 130 pessoas.

Dia 21. De manhã o mesmo que no antecedente, á noite prégnei, e chrismei 143 pessoas.

Dia 22. De manhã o mesmo que no antecedente; á noite prégnei, e chrismei 153 pessoas.

Dia 23. De manhã o mesmo que no antecedente; á noite prégnei, e chrismei 298 pessoas.

Dia 24. De manhã o mesmo que no antecedente; á noite não prégnei, encerrei a visita, e fiz apenas um breve discurso de despedida ao Povo, promettendo-lhe continuar a prégação na Freguezia de S. Benedicto; e chrismei 394 pessoas.

Nesta mesma noite me retirei da casa do Rvdº Sr. Vigario Rosendo José Jovita,que se esforçou por bem nella me tratar: e o Senhor lhe queira dar o descanço eterno por sua misericordia entre os resplandores da luz perpetua.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quando cheguei á Caxias, notei, que elle se achava desfigurado, e lhe custava a subir a pequena ladeira do porto grande, em o qual desembarquei, como já referi; e aqui veiu concluir seus dias nesta Capital, ainda no vigor da idade, sem ao menos ter noticia, que Sua Magestade o Imperador, em recompensa de seus serviços, o havia condecorado com as honras de Conego da Cathedral desta Diocese.

Durante os sete dias, que durou a visita nesta Freguezia, baptizarão-se 150 creanças, solemnizarão-se 30 casamentos, e chrismei 1:497 pessoas, incluindo 254, que ainda nella chrismei no Domingo 8 de Janeiro do corrente anno de 1860.

Havia resolvido celebrar a primeira Missa do Natal á meia noite na Cidade de Caxias, assim como já o havia feito na de Vianna, e a Igreja Parochial de São Benedicto me pareceu a mais propria, não só porque nella tinha nesse dia de abrir a visita, mas tambem porque estava situada mui perto da casa do Rvdº Parocho o Snr. Padre Antonio Julião Soares, Vigario da Vara da Comarca, na qual ia morar; e desde que isto constou, manifestou o povo o desejo de ouvir esta Missa celebrada pelo Prelado, e logo comprehendeu o Rvdº Snr. Pº Antonio Julião, que a Igreja não era sufficiente para conter o Povo, e lembrou o expediente de se armar um altar á porta da Igreja, de modo, que eu pudesse ser visto dos que conseguissem entrar para a Igreja, e dos que ficassem da banda de fóra no largo, e o autorisei para mandar armar o dito altar.

Em quanto eu chrismava na Matriz da Conceição, na noite de 24 de Dezembro de 1859, desfechou sobre a Cidade uma grande trovoada, e só pude sahir da Igreja perto das onze horas da noite, esperando que as ruas escoassem as aguas, de que tinhão ficado inundadas; e isto não embargou, que o Povo se movesse em direcção a S. Benedicto, a Igreja fica no fundo de um largo quadrilongo, e bastante espaçoso, em um ponto algum tanto elevado, e a lembrança de se levantar o altar á porta da banda de dentro foi feliz. O largo contem duas linhas de arvoredo de um e outro lado, e o Snr. Padre Antonio Julião mandou distribuir lanternas pelas arvores para o alumiar, e junto da Igreja as fez collocar em páos afincados no chão, mais conchegados do que as arvores, e a humidade da noite não embargou o concurso do Povo, avalia-se em 3:000 o numero de Fieis, que ouvirão a Missa no largo. Dentro da Igreja não havia senão mulheres, e me custou a chegar ao Altar, excedia de 1:000 o numero dellas; ao devoto sexo feminino cedêrão os homens a Igreja, e só em roda do Altar se collocárão os que puderão ahi achar lugar.

A' meia noite em ponto tomei os paramentos de cima do Altar, e celebrei a Missa, no fim da qual dei a benção ao Povo, que se achava dentro e fóra da Igreja, e concedi quarenta dias de indulgencias.

A' sete horas da manhã do dia 25, destinado para abrir a visita na Freguezia de S. Benedicto, a respectiva Irmandade, de cruz alçada, e precedida de uma banda de musica, me veiu buscar á casa, e entre as suas alas segui em baixo do pallio para a Igreja, em cuja porta fui recebido com o ceremonial prescrito, *Te Deum* por musica, &: e sendo este concluido, e cantada a antiphona e oração do Padroeiro, dei a benção ao Povo, que era numeroso, e mandei publicar as indulgencias.

Tomando depois a minha cadeira, collocada no meio do presbyterio, expliquei ao Povo a causa da minha visita á esta Parochia, como manda o Pontifical Romano, e me extendi alguma cousa mais, do que costumo nestas occasiões, porque o auditorio assim o exigia, tratando da Fé, e depois dos Sacramentos, com especialidade do da Confirmação, concluindo por pedir, que não baldassem os esforços, que tinha feito, vindo de tão longe, para trazer-lhes as consolações da Religião, e curar as feridas e as chagas, que o peccado pudesse ter aberto em suas almas. Concluido o sermão, assisti ao Santo Sacrificio da Missa, que celebrou o meu Capellão, e no fim visitei o tabernaculo do SS. Sacramento, a pia baptismal, e tudo achei em ordem. Visitei tambem a sacristia, e nella não encontrei paramentos tão bons como na da Matriz da Conceição, tambem esta é mais antiga, está em casa propria, e tem alguma renda, e a de S. Benedicto está em casa alheia, e não tem renda nenhuma, afóra a mesquinha da fabrica, que é administrada pela Irmandade de S. Benedicto. E antes de me retirar mandei annunciar ao Povo, que á noite me acharia na Igreja para chrismar.

Pouco antes das sete horas da noite dirigi-me, para a Igreja, aonde me custou a entrar, o concurso era grande, e todos me querião beijar o annel, no que se gastou muito tempo. Chegando ao altar-mór, fiz a minha oração ao SS. Sacramento, á Nossa Senhora, e ao Padroeiro da Igreja S. Benedicto; e tomando a minha cadeira excitei o Povo á penitencia, e o fiz repetir comigo o acto de contrição, e depois dei começo á administração do Santo Sacramento da Confirmação, e chrismei 586 pessoas, não sem grande incommodo, parecia-me estar em uma estufa, e suava por todos os poros do corpo em quantidade. O calor era tanto, que em quanto se renovava o S. Chrisma, me levantava para respirar um pouco, e quando me sentava, os meus proprios vestidos me escaldavão as carnes.

Concluido o chrisma, dei a benção ao Povo, e lhe concedi quarenta dias de indulgencias, e me retirei com a mesma difficuldade, que experimentára ao entrar. Uma grande parte dos Fieis me acompanhou até a casa, que perto era, e sempre o fez nos outros dias, já de manhã e já de noite, sempre que me retirava da Igreja.

Dia 26. De manhã, depois da Missa chrismei 320 pessoas. A' noite chrismei com maior incommodo ainda do que no dia antecedente 638 pessoas.

Dia 27. De manhã antes da Missa confessei algumas pessoas, e depois da Missa chrismei 137 pessoas. A' noite encetei a prégação sobre o furto, testemunho falso, e a maledicencia; e no fim do sermão chrismei 332 pessoas.

Dia 28. De manhã antes da Missa confessei algumas pessoas, e em quanto estive nesta Freguezia, confessei todos os dias, á excepção do dia 30 deste mez, maior ou menor numero de pessoas, que se querião confessar á mim mesmo, especialmente dos arrebaldes da Cidade, e pela maior parte mulheres, os homens confessavão-se com os meus Padres sem difficuldade, mas as mulheres querião antes confessar-se ao Bispo mesmo. Depois da Missa chrismei 64 pessoas.

A' noite préguei sobre os preceitos da Igreja da confissão e communhão annua; e no fim do sermão chrismei 230 pessoas.

Dia 29. De manhã não chrismei, somente confessei: á noite préguei sobre os preceitos da Igreja de ouvir Missa nos Domingos e Festas de guarda, o jejum, e a abstinencia das carnes nas Sextas feiras e Sabbados, e mais dias determinados pela Igreja. No fim do sermão chrismei 429 pessoas.

Dia 30. De manhã, acompanhado pelo Snr. Delegado de Policia Alexandre Alves Costa, os meus Padres, o Muito Rvd. Vigario da Vara Antonio Julião Soares, e o Rvd. Alexandre Jacintho Mendes, me dirigi á Cadeia publica, com o fim de visitar os infelizes presos encarcerados, vinte e oito erão elles, e a todos procurei consolar no seu infortunio, e confortar no martyrio lento, com que vão expiando os seus delictos em uma prisão com a frente para o poente, em um clima abrazador, sem nenhuma abertura no fundo, por onde possa penetrar o ar! Finda esta visita, e

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

sempre as faço com o coração repassado de dor, voltei para casa, onde já me esperavão as Partes, que vinhão em diligencia dos seus negocios.

A' noite preguei sobre os peccados capitaes; e no fim do sermão chrismei com a maior fadiga, e abrazado em calor, seguramente de mais de 100 gráos, a 509 pessoas. Não tinha no corpo um fio enchuto, desde o cabeção até as meias estava tudo ensopado de suor. O mesmo acontecia aos Sacerdotes, que comigo estavão.

Dia 31. De manhã confessei antes da Missa, e depois desta chrismei 65 pessoas. E concluido este acto preveni o Povo, que suspendia a visita nesta Parochia, e de tarde me passava para a outra banda, para visitar a Freguezia de Nossa Senhora de Nazareth da Trisidella.

Da Trisidella vierão buscar-me o Rvd. Parocho o Snr. Padre Raymundo João Alvares Duarte, e o Snr. Coronel João Antonio Marques, e pouco depois das cinco horas da tarde deixei a casa do Muito Rvd. Snr. Vigario da Vara Antonio Julião Soares, que me fez o obsequio de acompanhar á Trisidella, juntamente com os Rvds. Parocho da Freguezia de Nossa Senhora da Conceição e São José, e Coadjutor da de São Benedicto o Rvd. Snr. Padre Alexandre Jacintho Mendes, e mais trinta Cidadãos, com quem já estava relacionado.

O Arrematante da barca de passagem do rio tinha mandado armar a camara da mesma com cortinas de damasco, e alcatifado o convés com flores aromaticas, e me recebeu no seu navio prazenteiro; apenas largou a barca do porto da Cidade de Caxias, da Trisidella fizerão subir foguetes ao ar, e á margem esquerda do Itapicurú corrêrão os seus Habitadores para me receber.

Ao desembarcar recebi as felicitações deste bom Povo, ao qual dei a minha benção como penhor do meu affecto e amor paternal, e me dirigi depois para a casa do Rvd. Parocho, que a tinha preparado para me hospedar. Ahi se despedirão de mim os meus companheiros de viagem.

Anno de 1860, 1º de Janeiro.

A's sete horas da manhã me dirigi sem nenhuma solemnidade para a Igreja Matriz para abrir a visita. Esta Igreja não passa de uma pequena Capella-mór, com duas sacristias ao lado, mas todas estas tres peças são bem construidas, e estão caiadas, e na frente da Capella-mór segue um grande telheiro todo aberto, e já com uma das grades, que sustenta o madeiramento, partida, em o qual telheiro se accommoda o Povo, para assistir aos officios divinos: o sitio porém é alegre, e cercado de verdes.

Seria de 200 pessoas a concurrencia do Povo, e preenchidas todas as solemnidades prescriptas no Pontifical Romano, e celebrada a Missa conventual, dirigi aos Fieis presentes um discurso analogo, em que não esqueci a solemnidade do dia; no fim do qual encommendei as almas dos fieis defunctos, e chrismei depois 95 pessoas. E no fim do chrisma mandei publicar as indulgencias.

Antes de me retirar examinei o estado das sacristias, não tem riqueza, mas achei tudo muito limpo, paramentos soffriveis, e algumas alfaias boas. Esta Matriz não tem pia baptismal, por não haver na acanhada Capella-mór local para se ella estabelecer, e fazem-se os baptismos em bacia portatil

A' noite voltei para a Igreja, e chrismei 434 pessoas. No dia 2 chrismei 300; no dia tres 96, e no dia quatro 46, e encerrei a visita com um discurso, excitando os fieis á ser bons christãos e bons cidadãos.

Durante a visita solemnizárão-se nesta Freguezia 8 casamentos, baptizarão-se 39 crianças, e chrismei 971 pessoas.

O lugar da Trisidella é aprazivel, delle se goza a vista da Cidade de Caxias, á qual é superior em altura; o povoado está cercado de viçoso arvoredo, que concorre para a sua amenidade e alguma frescura relativa: na distancia de um quarto de legua do povoado corre o riacho Ponte, tão afamado em Caxias, e cuja maior celebridade lhe vem das circumstancias desta Cidade, que estando situada entre morros, seria inhabitavel no tempo de verão, se o arvoredo, de que é cercada, e contém dentro de si, já nas praças publicas, e já nos quintaes das casas e chãos vasios, não concorresse para moderar o calor, refrangindo os raios da luz, e modificando por consequencia os ardores do sol: os banhos frios de agua corrente são para os habitantes de Caxias uma necessidade, e no Ponte é que elles vão mais commoda e reservadamente satisfazer á esta necessidade.

Fui ver este riacho em uma bella manhã; o seu leito é de fina areia, e as margens quasi todas pedregosas são bordadas de velhas e frondosas arvores, que assombreão a agua, e dão ao riacho uma frescura e aspecto agradaveis. A' certa distancia a agua se despenha de uma catadupa, que terá nove palmos de altura, e cahe na figura de uma concha em uma bacia, cuja profundidade será de seis palmos, ou pouco menos, e a largura de quinze, ou pouco mais. A pedra, da qual se despenha a agua, tem a superficie plana, e algum tanto saliente, e a agua, precipitando-se na bacia em a forma referida de concha, estabelece um vacuo ou furna, entre a cortina, que forma ao cahir, e a pedra, que é reintrante na base; e o estampido da agua cahindo da pedra na bacia, e nella se revolvendo, assemelhando-se ao ronco surdo do trovão no orisonte, faz dar á cataracta o nome, que tem, de roncador. E' este o phenomeno mais notavel do Ponte, alem da amenidade da passagem dos lugares circumvizinhos, e da frescura de suas aguas crystalinas, que correndo da bacia do roncador serpeão por entre as pedras e raizes das arvores, e vão formando poços mais ou menos profundos, que se aproveitão para os banhos, e lavagem de roupa.

O Sr. Coronel Marques me acompanhou á este passeio, e um de seus famulos, que com sigo levava, precipitando-se na bacia do roncador, sumiu-se; o homem pretendeu causar-me uma sorpreza, e depois de alguns minutos de anxiedade para mim, surgiu em pé no meio da bacia, rindo-se; então me explicou, como era possivel estar-se muito tempo na furna, aonde não chegava a agua, e penetrava o ar, sem o menor risco ou perigo.

O dia e hora da minha ida ao Ponte tinha sido annunciada com antecedencia, e lá não encontrei senão os moradores das poucas casas, que existem na proximidade de suas margens.

No dia 5 de Janeiro á tarde deixei a Trisidella, e voltei para a Cidade de Caxias. O Rvd. Snr. Vigario Raymundo João Alvares Duarte foi sollicito, em quanto estive hospedado em sua casa, em me tratar bem e aos meus Padres; e sinceramente lhe agradeço todos os seus desvelos, e sobretudo a satisfação, que sempre lhe notei, de ter ido eu mesmo visitar a sua Freguezia, e preferir para minha residencia a sua.

A's sete horas da noite fui para a Igreja de S. Benedicto, onde me esperava o Povo em virtude da promessa, que lhe havia feito, e chrismei 208 pessoas.

Dia 6. Festa da Epiphania. De manhã depois da Missa chrismei 149 pessoas na Igreja de S. Benedicto, e á noite 504. Pensei, que morresse asphyxiado; nunca em minha vida experimentei um calor tão forte como nesta noite na Igreja de S. Benedicto, e não havia na Igreja uma porta ou janella, que não estivesse aberta.

No dia 7 de manhã confessei algumas pessoas, e á noite chrismei 217 pessoas.

Nesta noite encerrei a visita nesta Freguezia com um discurso analogo ao objecto, despedi-me do bom Povo de Caxias, e lhe dei aquelles suaves conselhos, que me suggeriu o Espirito de Deos, e segundo pedião as circumstancias; e lhe agradeci o seu benevolo acolhimento, os obsequios, que me havia prodigalizado, e sobre tudo a docilidade, com que me escutou, o assenso, que prestou á minha palavra, e o empenho, que sempre mostrou em a ouvir com um recolhimento verdadeiramente christão.

O fallecido Vigario Rosendo José Jovita me havia pedido, que fosse ainda chrismar um dia em a sua Igreja Matriz, a de Nossa Senhora da Conceição e São José, e passar esse dia com elle; satisfazendo a este pedido me dirigi no dia 8 de Janeiro, Domingo, á referida Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José, e depois da Missa conventual, á qual assisti, chrismei algumas pessoas, e á noite não poucas, ao todo 254.

Os dias 9, 10, e 11 destinei para pagar visitas, mas ain-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

da no dia 10 chrismei em S. Benedicto 26 pessoas, e no dia 11 chrismei mais 4, vindas de longe com doze leguas de caminho.

Durante o tempo da visita na Freguezia de São Benedicto baptizarão-se 207 creanças, solemnizarão-se 27 casamentos, e chrismei 4:438 pessoas.

Já se vê, pelo que fica referido, que chrismei muito maior numero de pessoas em Caxias do que na Teresina, e pouco inferior foi o expediente de negocios de partes; não só se aviárão os dos Habitantes d'aquella Cidade, e de todo o Sertão, mas ainda muitos vindos do Piauhy até o ultimo dia da minha residencia em Caxias.

Quando eu estava na Trisidella, chegou da Villa do Rosario, com carregamento para Caxias, a gabarra Espadarte, e fretei esta embarcação, para nella me transportar á dita Villa do Rosario, e para logo se deu principio ao fabrico das toldas, e mais arranjos precisos.

No dia 12 de Janeiro ao romper do dia me despedi do Muito Rvdº Snr. Padre Antonio Julião Soares, Vigario Collado da Freguezia de S. Benedicto, e Vigario da Vara da Comarca de Caxias, e de presente Arcipreste da mesma Comarca, a qual por Portaria de 23 de Julho do corrente anno elevei á cathegoria de Arciprestado, em attenção á sua importancia, e lhe agradecia excellente hospedagem, que me havia dado em sua optima casa, os desvelos, com que me tratou, os cuidados, que lhe mereci, e os bons serviços, que me prestou, especialmente em me preparar a conducção, em que fui para a Teresina com a maior commodidade e decencia; e permitta, que sem o offender, nem de leve, o seu melindre, faça aqui menção disto, em testemunho do meu reconhecimento e da minha gratidão; e me dirigi á Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e S. José, para assistir á uma Missa, que tinha mandado celebrar em honra de Nossa Senhora, e pedir-Lhe a sua protecção e auxilio para o resto de minha viagem.

Chovia alguma cousa; e esta circumstancia não embargou, que me viessem buscar á porta muitos Cidadãos e muitas Senhoras, e estas em maior numero, para me acompanhar ao embarque. Todos ouvirão a Missa comigo, e no fim me seguirão para o Porto-grande, serião 450 pessoas.

Chegado ao referido Porto me despedi, bem commovido e abalado, de todos estes Filhos queridos, que me davão uma prova tão significativa do seu amor e do seu affecto filial, e, como penhor do meu, dei a todos, um por um, a minha benção. Abençoei tambem a Cidade, e pedi á Deos, que lhe infundisse a sua graça, a fizesse cada vez mais prosperar, e lhe concedesse todas as felicidades, de que ella é digna e merecedora.

Dei ainda uma benção geral ao Povo, e me embarquei.

A's sete horas da manhã deixei as aguas da Princeza do Sertão, e Emporio do seu commercio, extremamente penhorado por tantos obsequios, que nella recebi de seus benevolos Habitadores, e pelas attenções, com que sempre me tratárão, cuja memoria durará para sempre, e vim descendo o hospitaleiro Itapicurú em demanda de minha habitação ordinaria.

Caxias é uma boa Cidade, religiosa, civilizada, e habitada por gente de trato fino; tem quatro Igrejas, a de Nossa Senhora da Conceição e São José, a de São Benedicto, Freguezias, a de Nossa Senhora dos Remedios, e a de Nossa Senhora do Rosario, ainda por acabar, e que me parece, que ha de vir a ser a melhor de todas, e o asseio, que nellas observei, e sobretudo a concurrencia do povo, que as frequenta, ainda nos dias de serviço, merecidamente lhe attrahe o predicamento de religiosa.

Logo ao sahir da Cidade, debaixo das laceradas folhas gigantes das bananeiras, ou de algumas arvores copadas, o Povo se ajoelha nas margens do rio, e pede a benção, e sentado á boca da tolda lhe vou dando a minha benção de despedida.

Descendo o Itapicurú não se precisa encostar para comer, o rio não corria menos de tres milhas, e em quanto a guarnição comia, dirigia o leme o Mestre pratico, para não se perder viagem, e, terminada a refeição d'aquella, tomava então elle a sua, passando o leme ao Contra-mestre.

Para cima viemos á vara, agora vamos a remos de voga, e o Espadarte deslisa-se pela superficie do rio, tão veloz como um espadarte mesmo; os remeiros fazem o seu dever, e a corrente nos ajuda.

Não cessámos de andar, e á meia noite me declarou o Pratico, que com mais duas horas de viagem estariamos no Codó, que se eu queria lá chegar a taes deshoras, continuaria a viagem, porem, que se não queria aportar á Villa tão tarde, e estando a noite chuvosa, era bom dar fundo no porto de—Quebra-anzol—onde podiamos passar o resto da noite com segurança, por ser bom porto; e parecendo-me improprio ir passar a noite no porto da Villa, e mais ainda incommodar ás duas horas da madrugada o Sacerdote ancião, que me esperava, respondi ao Pratico, que seguisse para o referido porto de—Quebra-anzol—ao qual chegámos á uma e meia hora da madrugada do dia 13.

Amarrada a embarcação, tratou-se de dormir, continuando a chuva a cahir brandamente.

Ás cinco e meia horas da manhã suspendemos, e ás seis surgimos no porto da villa do Codó. Alguns foguetes lançados ao ar annunciárão aos Codoenses a minha chegada á sua terra, e para logo vem ao meu encontro no porto receber-me o Rdº Parocho, e mais alguns Cidadãos. As ruas da Villa davão signal de ter para ahi carregado mais a chuva, mas o sol já luzia em um ceo claro e limpo de nuvens.

Tinha ido do Codó para Caxias com algumas dividas, e tratei logo de as pagar; ainda antes do almoço fiz algumas visitas, e durante todo o dia recebi muitas; e na casa do Rdº Parocho encontrei o antigo agasalho.

Achei na Villa alguma gente á minha espera para se chrismar; pelas sete horas da noite fui para a Capella do Livramento, e ahi chrismei 275 pessoas. Mandei tambem solemnizar 3 casamentos.

Dia 14. Ás seis e meia horas da manhã me dirigi para o porto do embarque. Os Rdºs Parocho, e Padre Vaz Sanches, muitos Cidadãos e Senhoras, em numero de 82 ao todo, me fizerão o obsequio de acompanhar, dando-me assim uma prova, de que a sua benevolencia para comigo continuava á ser a mesma: no porto me despedi de todos, dei a minha benção do intimo do coração, e abençoando tambem a Villa e aos seus Habitantes em geral, larguei do Codó pouco depois das sete horas.

Ás oito horas da noite chegámos ao Coroatá. Apenas na Villa presentirão, que demandavamos o seu porto, que a região dos ares é fendida por numerosos foguetes; ainda existia perfeita a escadaria, que se fizera para me receber, são novas porem as palmeiras, que a guarnecem pelos lados: ao meu encontro vem o Rdº Parocho, o Missionario Capuchinho Frei Gregorio Maria de Bene, e cerca de 50 Cidadãos, que alegres me saudão e felicitão pela minha boa viagem e chegada com saude á sua Villa, e á tanta bondade faço por corresponder com igualdade, significando-lhes o meu grande prazer por os tornar á ver tambem no gôzo de boa saude. E logo os Senrs. Tenente Coronel Manoel Jensen Telles da Silva Lobo, e Major Joaquim Antonio Pinto Lisboa me offerecêrão uma casa para pousar, que acceitei, e nella me tratárão estes Senhores como Cavalheiros, que são, nada poupando, para que esta hospedagem não desmentisse a, que já tinha recebido, quando tive a satisfação de estar nesta Villa em visita.

Defronte da casa se tinha plantado uma fileira de palmeiras dispostas por ordem, e com arcos nos intervallos revestidos de murta, e destes arcos pendião lanternas, que se accendêrão nesta noite e na seguinte, e illuminavão a praça.

Dia 15. Domingo. Depois da Missa conservei-me em casa recebendo visitas. Ao jantar, que foi explendido, concorrêrão os Cidadãos mais grados da Villa, e fui por todos muito obsequiado, e com especialidade pelos Senrs. Tenente Coronel Lobo, Major Lisboa, e Coronel Burgos. Os meus Padres forão igualmente obsequiados e tratados com muita distincção.

Constando-me que havia na Villa alguma gente para se chrismar, me dirigi á noite para a Igreja, e chrismei 233 pessoas.

Na manhã do dia 16 deixei a Villa do Coroatá; ao embarque me levárão 43 Cidadãos, e delles me despedi no patamar da escadaria, dando a cada um de per si a minha benção, e agradecendo os seus obsequios; e abençoando d'ahi tambem a Villa e os seus Habitantes, desci para o porto. Em baixo declarei aos Srs. Tenente Coronel Lobo e Major Lisboa, quanto me achava penhorado pelos grandes obsequios, de que me havião sobrecarregado, e offerecendo-lhes o meu diminuto prestimo para tudo o que fosse de seu serviço, me embarquei com os meus Companheiros.

A's seis horas e um quarto largámos do porto do Coroatá, e viemos descendo velozmente o rio Itapicurú. A's quatro e um quarto da tarde passámos pelo remanso de

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Marianna; e ao anoitecer me declarou o Pratico, que estava a Guarnição resolvida á trabalhar toda a noite; e ir descançar na villa do Itapicurú-mirim, e assim o praticou.

A's seis horas da manhã do dia 17 chegámos ao Guanaré; apenas o Snr. Capitão José Maximiano Cardoso deu fé de nós, que fez subir ao ar uma grande quantidade de foguetes: parámos um pouco, e elle veiu á bordo do Espadarte cumprimentar-me. Agradecendo-lhe esta fineza, e trocados os cumprimentos, fomos seguindo, e ás sete horas e um quarto chegámos á Villa do Itapicurú-mirim, e tratámos logo de desembarcar, e nos dirigimos para a casa do Rvd.º Parocho, o Snr. Padre Camillo Henriques de Lellis Pacova, que nos veiõ ao encontro ainda no porto. Não era esperado na Villa senão pela tarde, e a minha chegada de manhã, e tão cedo, foi uma verdadeira sorpreza, mas a razão se explica bem pelo trabalho da guarnição durante a noite inteira.

O Snr. Capitão José Maximiano Cardoso tinha votado á Nossa Senhora das Dores uma Missa cantada solemnemente, se eu voltasse de minha viagem á Teresina são e salvo: o seu voto foi acceito, e o Senhor, que é rico de misericordia, permittiu, que eu concluisse uma viagem tão longa, e completasse os meus trabalhos sem nada soffrer: o dia 18 foi destinado para a Missa, que foi acompanhada por musica, e á ella assistiu um grande numero de Fieis.

Ora, esta dedicação é para agradecer, e receba o Snr. Capitão José Maximiano Cardoso a expressão da minha sensibilidade, e o testemunho do meu reconhecimento por esta prova, que me deu do seu affecto.

Mandei neste dia solemnizar dous casamentos, e chrismei á noite 42 pessoas.

Dia 19. A's seis horas da manhã me dispuz á deixar a Villa do Itapicurú-mirim. Ao meu embarque concorrem varios Cidadãos, dos quaes me despedi no porto, dando-lhes a minha benção; abençoei tambem a Villa, e a todos os seus Habitantes no momento de me embarcar, e meia hora depois largámos do porto com direcção á Villa do Rosario.

Ao jantar, quando nos approximavamos da fazenda de Kelru, cahiu sobre nós uma trovoada, e toda a tarde se conservou chuvosa: entretanto caminhavamos bem. A Guarnição queria chegar, e se dispoz á trabalhar toda a noite; havia ainda mais uma razão para adiantar a viagem, aqui já se sente o influxo da maré, e esperava-se lutar ao approximar-nos da Villa do Rosario com a enchente e vento do mar pela proa: assim aconteceu, e tivemos de dar fundo no porto da Freguezia de Nossa Senhora da Lapa e Pias do Lugar de São Miguel ao amanhecer do dia 20. Mas, logo que se presentiu a parada das aguas, desaferrámos, e nos puzemos á caminho: não tardou muito, desembaraçado o rio da violencia, que lhe fazia o mar, obrigando-o não só a parar o seu curso, mas ainda a retroceder, a corrente veiu em nosso auxilio, e com a força de remos fomos domando o vento.

Apenas na villa do Rosario derão fé da nossa embarcação, vierão ao nosso encontro em um escaler os Rvd.os Parochos do Rosario, e de S. Miguel, e mais outros Cidadãos, inclusive o Commandante do destacamento militar. A's onze e meia horas da manhã achava-me na Villa do Rosario, em cujo porto veiu receber-me esse bom Povo em numero bem crescido; e quando recebia as suas alegres e sinceras felicitações pela minha boa vinda á sua terra, a chuva, que começou á cahir, nos levou mais de pressa para a Igreja Matriz, que não era longe, aonde me fui prostrar diante do altar mor, e ahi adorei primeiro o SS. Sacramento, e depois fiz a minha humilde oração á Nossa Senhora do Rosario. Não embargou porem a chuva, que se soltassem ao ar os foguetes, com que fui recebido ainda antes de saltar.

Fui me hospedar na mesma casa, em que já o fôra, quando visitei esta Freguezia em 1853, pertencente ao Rvd. Senr. Conego Joaquim Felix da Rocha, meu Companheiro de viagem, e que então era aqui Vigario Collado, mas o meu tratamento correu por conta do actual Parocho o Rvd. Senr. José Antonio Gomes Pinheiro, que empregou todos os esforços, para que o tivesse bom, como tive, e muito alem do que era preciso.

Da villa do Itapicurú-mirim mandei fretar um Vapor para me transportar á capital, e tive por tanto de me demorar no Rosario, até que o Vapor chegasse, e por outra parte tambem necessitava de algum descanço.

Toda a tarde, e parte da noite do dia 20, e o dia 21, forão empregados em receber visitas: no dia 22, Domingo, assisti na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosario á festa de S. Sebastião, a Igreja, que é vasta, ficou literalmente cheia de Povo, que concorreu a satisfazer á devoção particular, que geralmente se tem nesta Provincia ao Glorioso Martyr S. Sebastião. A' tarde houve procissão, e depois que ella se recolheu, fui para a Igreja e chrismei 334 pessoas, tendo-lhes previamente feito uma exhortação, tendente a receberem dignamente o SS. Sacramento, arrependendo-se de seus peccados, e depois de haverem repetido comigo em voz clara e distincta o acto de contrição.

No dia 23 chrismei á noite 340 pessoas. No dia 24 tambem á noite chrismei 237, e no dia 25 depois da Missa 40: ao todo 951.

Baptizárão-se neste dia 21 creanças, e concedi duas dispensas matrimoniaes.

O dia 25 de Janeiro é anniversario da minha Sagração, e foi celebrado nesta Villa com Missa cantada por musica, á qual assistirão cerca de 700 pessoas; e á noite se illuminou toda a Villa, e concorreu á casa, em que eu estava hospedado, um grande numero de Cidadãos para me felicitarem, fazendo-me ainda o obsequio de me acompanhar no chá, que foi servido ao som de musica, por obsequio especial dos respectivos Professores. E estas demonstrações do bom Povo do Rosario não podião deixar de me captivar; e dignem-se elles de receber o testemunho de minha gratidão, e a segurança do subido apreço, que delles fiz.

O vapor Caxias chegou no dia 26, trazendo a seu bordo o Rm.º Conego Provisor e Vigario Geral, Mestre Eschola Luiz Raymundo da Costa Leite, que me vinha buscar, com o que me deu muito prazer, e ás oito horas da noite deixei a Villa do Rosario, á cujo porto me vierão trazer os seus Habitadores, e delles me despedi dando á cada um a minha benção, e a toda a Villa em geral do intimo do coração, e em penhor do meu affecto.

Temperatura na Villa do Rosario, no dia 24 de Janeiro ás 6 horas da manhã 79º. A's 2 da tarde 87º.

Passámos a Cachoeira sem novidade, e a uma hora e quarenta e cinco minutos da manhã do dia 27 ancorámos na bahia do Tauá á espera de maré.

Ao amanhecer o dia 27 largou o Caxias do Tauá, e ás onze e meia horas da manhã chegámos ao Porto desta Capital de São Luiz do Maranhão, e deu fundo o Vapor defronte da rampa do Palacio do Governo.

A bordo veiu logo cumprimentar-me Sua Exc. o Senr. Presidente da Provincia Dr. João Silveira de Souza, com o seu Ajudante d'Ordens, o Capitão do porto o Sr. Chefe de Divisão José Maria Ferreira, e uma Deputação do Illm.º e Rm.º Cabido composta dos Rm.os Senrs. Conegos Arcipreste Candido Pereira de Lemos, Magistral Doutor Manoel Tavares da Silva, Raymundo de Almeida São Payo, José Gonçalves da Silva, Raymundo Alves dos Santos, e Eleutherio Marques da Silva Rosa.

O Snr. Manoel Maria da Silva, Commandante do Vapor, que durante a viagem se esmerára em bem tratar-me, fez servir um excellente almoço a toda a Companhia, e no fim delle viemos para a terra na galeota do Governo.

Ao desembarcar recebi as continencias das Tripolações dos Navios de guerra surtos no porto formadas nas vergas dos mesmos, e salvou o Baluarte; e na rampa em terra recebi tambem as continencias militares de uma Guarda de Honra, e as felicitações dos Illm.os Senrs. Doutor Chefe de Policia Abilio José Tavares da Silva, Coronel Assistente do Ajudante General do Exercito Francisco Xavier Torres, da Officialidade do 5º Batalhão de Infantaria, do Illm.º e Rm.º Cabido, e mais Clero da Cathedral, dos Religiosos Mercenarios, e Franciscanos, dos Alumnos do Seminario, e de um consideravel numero de Cidadãos, que me fizerão o obsequio de acompanhar até a minha residencia, subindo ao ar por essa occasião não pequena quantidade de foguetes.

Á noite a Associação Typographica Maranhense, precedida da Banda de Musica dos Educandos Artifices, e acompanhada por um numeroso concurso de Povo, me veiu felicitar á porta de minha residencia; e não sendo possivel receber na sala a tantas Pessoas, desci abaixo para agradecer o obsequio, e abençoar a todos estes Filhos dilectos.

No seguinte dia veiu tambem por si a referida Banda de Musica dos Educandos Artifices dar-me os parabens pela minha feliz chegada, ao som festival de seus harmoniosos instrumentos.

O Povo do Maranhão é sempre o mesmo Povo benigno e generoso; e ainda pelo motivo da minha chegada prospera á esta Capital me quiz dar mais uma prova desta verdade, dirigindo-me suas affectuosas congratulações individualmente por muitos dias consecutivos: o que sinceramente lhe agradeço.

São Luiz do Maranhão 19 de Outubro de 1860.

MANOEL, Bispo do Maranhão.

Typ. do—PROGRESSO—Impresso por B. de Mattos—1860.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 199

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.mo SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

QUINTA-FEIRA 3 DE JANEIRO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

Ministerio da Justiça.

3ª *Secção. Ministerio dos negocios da Justiça. Rio de Janeiro em 18 de Junho de 1860.*

Illm. e Exm. Sr. – Tendo havido inexactidões na copia do Decreto n. 2245 de 15 de Setembro de 1858 (*) creando cadeiras de ensino no Seminario Episcopal da Conceição n'essa capital, que por este Ministerio foi enviada á essa Presidencia, de novo remetto incluso por copia o referido Decreto para seu conhecimento.

Deos guarde a V. Exc. – João Lustosa da Cunha Paranaguá. – Sr. Presidente da Provincia de Matto-Grosso.

Copia. – *Decreto n. 2245 de 15 de Setembro de 1858. Creando Cadeiras de ensino no Seminario Episcopal da Conceição em Cuyabá.*

Hei por bem decretar o seguinte:

Art. 1. Ficão creadas no Seminario Episcopal da Conceição, em Cuyabá, as seguintes cadeiras:

De Grammatica da Lingua Latina.
De Francez.
De Rhetorica e Eloquencia sagrada.
De Philosophia racional e moral.
De Theologia moral.
De Theologia dogmatica.
De Historia ecclesiastica, e Instituições canonicas.
De Liturgia, e Canto gregoriano.

Art. 2. Os Lentes das Cadeiras de Grammatica e Lingua Latina, de Francez, Rhetorica, e Eloquencia sagrada, Philosophia racional e moral, terão o ordenado annual de um conto de reis.

Os de Theologia moral, de Theologia dogmatica, de Historia ecclesiastica, e Instituições canonicas, terão o ordenado annual de um conto e duzentos mil reis. O de Liturgia e canto um conto de reis.

Art. 3. Os Lentes e os Compendios serão propostos pelo Bispo, e approvados pelo Governo.

Durante os tres primeiros annos de exercicio os Lentes serão considerados interinos.

Art. 4. Em quanto não houver substitutos, os Lentes se substituirão reciprocamente em seus impedimentos e faltas, segundo a ordem marcada pelo Bispo, descontando-se um terço do ordenado do substituido em favor do substituto.

Art. 5. Fica derogado o Decreto numero mil cento e quarenta e nove, de treze de Abril de mil oitocentos e cincoenta e tres. Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, do Meu Conselho, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça, assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em 15 de Setembro de 1858, trigesimo setimo da Independencia e do Imperio. Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador. Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos.

(*) *Vid n. 148 deste jornal.*

O ECCLESIASTICO.

O 3º Bispo do Rio Grande do Sul.

– Como sabem os nossos leitores, por decreto de 23 de Março do anno passado foi eleito Bispo da Diocese do Rio Grande do Sul o Exm.º e Rm.º Sr. D. Sebastião Dias Larangeira, oriundo da provincia da Bahia, onde era Parocho da freguezia de N. S. do Carmo do Morro do Fogo, quando se achava ainda em Roma, estudando para formar-se em canones na respectiva academia.

Acerca de sua nomeação ja deu larga conta o nosso correspondente de Roma, o estudante José Raymundo da Cunha, em sua carta de 19 de Maio passado, publicada no nosso n. 187; e alem da noticia de sua sagração, dada no n. 197, ainda neste encontrarão os leitores algumas circumstancias relativas a essa augusta solemnidade, tambem communicadas pelo mesmo correspondente. S. Exc.ª o Sr. Bispo Larangeira partio de Roma a 14 d'Outubro com direcção a Londres, donde seguio a 9 de Novembro para Lisboa, onde se demorou alguns dias, para visitar o seminario patriarchal, fundado pelo finado Patriarcha de Lisboa, D. Guilherme I.º no sentido d'estudar as regras e a disciplina compativel a estabelecer no seminario de sua Diocese.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Finalmente no vapor *Extremadure*, da linha de Bordeaux chegou S. Exc.ª Rm.ª á cidade do Recife, a cujo respeito diz o *Diario* de Pernambuco, o seguinte:

«S. Exc saltou, e um de seus primeiros cuidados foi visitar o convento dos religiosos capuchinhos, em cuja igreja fez oração, elogiando a simplicidade do templo e sua belleza. Após isso S. Exc. foi visitar o nosso Exm. Prelado, fazendo depois uma pequena excursão pela cidade, embarcando-se de novo ás 4 horas da tarde, sendo acompanhado até bordo pelos Rvms. frei Caetano e Egidio, capuchinhos.

«Depois de uma demora de tres mezes na Bahia, afim de visitar sua freguezia, e despedir-se dos seus parochianos, S. Exc. seguirá a tomar conta do seu bispado.»

Logo que constou na Diocese do Rio Grande a eleição do seu terceiro Bispo, immediatamente o illustrado Clero, alvoroçado de prazer, endereçou-lhe a carta, que a baixo se encontra, em signal de contentamento e regosijo por esse tão feliz acontecimento, dignando-se o distincto Prelado corresponder á satisfação daquelles seus Filhos em Jesus Christo por meio da resposta, que immediatamente se segue.

Por ultimo, constando, que S. Exc.ª acceitára a eleição, mandou o Rm.º Sr. Vigario Capitular do Bispado, segundo uma carta, que temos á vista, cantar na Cathedral um solemne Te Deum, a que assistio o presidente da provincia e seus ajudantes de ordens, a assemblea provincial, a camara municipal, os officiaes da guarda nacional, e do corpo policial, o vice consul francez, os professores do lyceu, e muitas outras pessoas notaveis.

Receba o illustre Clero do Rio Grande os nossos emboras pela chegada do seu tão desejado Prelado.

Carta enviada pelo Clero do Rio Grande do Sul ao Exm. Bispo eleito para a mesma Diocese.

Exm. Rvm.º Senhor.—A noticia da nomeação de V. Exc. Rvm.ª, para occupar a cadeira Episcopal desta Diocese do Rio Grande do Sul, foi para o Clero da Capital desta mesma Diocese, e podemos assegurar, para o povo de toda a provincia, um motivo de grande satisfação e regosijo, pelo qual nossos corações e nossas vozes rendem ao Augusto Monarcha vivas acções de graças.

Os dons felizes da natureza, que ornão a Pessoa nomeada para o Bispado Riograndense, a superioridade de suas luzes, e a bondade de sua indole, dão brilhantes esperanças, e preparão a V. Exc. Rvm.ª os elogios e a homenagem de amor, que todos os homens devem áquelles, que os consilião pelos encantos de sua doçura e de sua affabilidade.

Tudo nos annuncia pois venturoso destino no triumpho da equidade e da paz, e no desejo de trabalhar na felicidade do rebanho confiado aos seus desvelos.

Que objecto pode inspirar sentimentos mais justos?

Queira por tanto V. Exc. Rvm.ª acceital-os, como nascidos da intenção mais pura e mais sincera, e como um tributo, que a virtude merece.

Deos guarde a V. Exc. Porto Alegre 11 de Maio de 1860.

Exm. e Rvm.º Senhor D. Sebastião Dias Laranjeira, Dignissimo Bispo eleito da Diocese do Rio Grande do Sul.

O Vigario Capitular Juliano de Farias Lobato.

O Vigario Geral Padre Vicente Zeferino Dias Lopes.

O Secretario do Bispado Francisco das Chagas Martins Avila e Sousa.

O Vigario José Ignacio de Carvalho e Freitas.

» Luiz Manoel Gonçalves de Brito.

» José Soares do Patrocinio Mendonça.

O Padre Joaquim Procopio de Oliveira Nunes.

» João de S. Barbara.

» José Valle de S. Fernando, Vice-Reitor.

» Miguel Cabeça, e seus tres companheiros Missionarios.

» Firmino José de Mendonça.

» Antonio da Costa Guimarães, Vigario de Pelotas.

Resposta.

Illms. e Exms. Srs. — A carta collectiva, que VV. SS. se dignarão de dirigir-me, com data de 11 de Maio, ha poucos dias somente me foi entregue. Nella VV. SS. se congratulão e me felicitão pela eleição, que de minha pessoa Houve por bem fazer S. M. o Imperador para occupar a Séde Episcopal dessa Diocese, vaga pelo fallecimento do Exm. Sr. D. Feliciano José Rodrigues Prates, de santa memoria.

Mui gratas e consoladoras são para mim as expressões de benevolencia, que VV. SS. se dignarão manifestar-me por si, e em nome do Clero Rio-Grandense, a cuja frente quiz a Providencia collocar-me, não por meus merecimentos, que nenhuns tenho, mas por um desses occultos designios de sua Misericordia, que de um vaso inutil póde fazer um vaso de eleição.

Jamais aspirei ao Episcopado, cujo pêso e responsabilidades fazem tremer os mesmos Anjos, e estava satisfeito com a sorte, que me tocára, de simples Parocho nos sertões da Bahia, entre um povo, que me ama, onde por muitos annos no exercicio do Santo Ministerio, o Senhor se dignára encher-me de consolações, vendo o espirito religioso e a fé viva, que, não obstante o indifferentismo e corrupção da época, ainda fazem morada naquella porção da Igreja de Deos, em cujo seio era minha firme intenção ir passar o resto de meus dias.

A obediencia porém, que devo ao Supremo Chefe da Igreja, venceu minha hesitação, direi mesmo, repugnancia extrema de acceitar tão alta dignidade, á que me chamava S. M. o Imperador, nosso Augusto e amado Soberano: acceitei, pois, confiado nos auxilios do Altissimo, e tudo poderei n'aquelle, que me conforta, e não nas proprias forças.

Desejo ardentemente fazer todo o bem, que de mim depender, ao Clero e povo da Diocese do Rio Grande do Sul, que eu já amo com entranhas de Pai, e invoco com instancia a sincera cooperação de VV. SS. para que me coadjuvem nas difficeis funcções do Episcopado, na marcha regular das cousas religiosas, e sobretudo para que se restabeleça e consolide a disciplina ecclesiastica, sem a qual inuteis serão os nossos esforços, e nenhum fructo poderão colher as almas remidas com o Sangue de Jesus

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Christo, nosso Divino Salvador, e em Maria Immaculada, nossa Mãi amabilissima e Protectora, que não serão desmentidas as esperanças, que outr'em VV. SS. de um futuro venturoso para essa Diocese; de minha parte me esforçarei, afim de que a paz e a equidade marchem sempre de accordo, e que tudo proceda fundado em meios pacificos e justos. Desejo a VV. SS. todas as felicidades temporaes, e a enchente de graças celestiaes, e me recommendo nos Santos Sacrificios.

Deos guarde a VV. SS.—Roma 11 de Setembro de 1860.

SEBASTIÃO.

Bispo eleito do Rio Grande do Sul.

Illm.s e Exm.s Sr.s

Vigario Capitular, Juliano de F. Lobato.

Vigario geral, Vicente Zeferino D. Lopes.

Secretario do Bispado, Padre Francisco das Chagas Martins d'Avila e Sousa.

(*Seguem-se os outros nomes acima referidos*).

Continuação das cartas do estudante José Raymundo da Cunha.

(Vem do n.º 187.)

Roma, 27 de Outubro de 1860.

MEU TIO

—Pela mala de Southampton, aqui chegada a 13, recebi duas cartas suas, uma datada de 11 de Agosto, e outra de 26, sobre as quaes passo a responder-lhe &c., &c.

.....

—Aqui li com grande prazer e orgulho a Pastoral de S. Exc.a Revm.a o Sr. Bispo, a respeito da infame usurpação de parte dos estados da Igreja; (*) a suavidade da expressão, com que foi concebida, a solida argumentação, de que está formulada e revestida, a agudeza de pensamentos, que a anima, e o estilo de uma simplicidade nobre, que a embellece, aguçarão-me extremamente a attenção, e pela grande avidez, que me excitou—devorei-a—! Disse-lhe, que a li com orgulho, porque os brasileiros, que aqui estão comigo, ficárão tambem mui satisfeitos de a ler.

A Pastoral será inserida na grande obra, que aqui se publica—*O Suffragio universal*—sobre o poder temporal do Papa.

—Do fundo d'alma me confesso reconhecido á illustre sociedade—*Atheneu Maranhense*—pelo titulo, de que me quiz fazer merecê de seu socio honorario; da minha incapacidade, inhabilidade e indignidade estarão bem scientes, a culpa pois a quem reniteute, apezar de tal conhecimento, m'o conferio; eu não faço mais que o pobre, que banha com suas lagrimas a mão, que o soccorreu—seja Deos louvado por todos os seculos!...

—Nesta occasião respondo tambem á humanitaria sociedade *Harmonia Maranhense* o officio, que me dirigio, pelo orgão de seu bem conhecido e illustre Presidente; taes demonstrações por demais me sensibilizão, e perpassão-me de jubilo e confusão, o que em mim se passa, não é de manifestar-se, mas de sentir-se; ora pois, com toda a effusão d'alma—meu sincero reconhecimento a ambas, e meu voto pela prosperidade e vida dellas!

—Aqui li a descripção do funesto naufragio do Brigue *Calliope*, e das victimas, que fez; á tão triste noticia eu não poderia ser insensivel, visto que os, que compunhão sua tripolação, erão em boa parte maranhenses, mas outra razão mais forte me amargurou acremente o coração, e foi o ter deparado entre as victimas com o nome do Commissario Neves, verdadeiramente eu não posso nem pensar em tal passamento!..... paciencia, resta ao christão dizer resignado—*fiat voluntas tua sicut in cœlo et in terra*—as familias desses infelizes que se conformem e consolem com a vontade de Deos.

Noticias.—Um grande numero de theologos e leigos protestantes e catholicos se reunirão em Erfurth, a 21 e 22 de Agosto, a fim de preparar uma conversão em massa ao catholicismo, porem daquelles protestantes, que conservão ainda uma chispa de fé, e que não encontrão principios christãos se não na religião catholica, apostolica, romana. Entre os catholicos se distingue o Conde Caio de Stolberg, e entre os protestantes o celebre professor Leo de Halle, que tem escripto muito a favor do Papa.

A bussola politica soffre presentemente terriveis variações. Tumultos, invasões, carnificinas, são as vozes, que nos ferem os ouvidos a todo o instante. Do Oriente ao Occidente não se falla, não se lê, e não se ouvem senão lamentos: quem disserta e tristemente conta a cruel matança dos christãos pela espada do brutal mahometano, quem applaude ou se entristece dos progressos da revolução na Italia, quem esperançado, lançando um ai do mais profundo do coração, appella para a conferencia de Varsovia, como para o salvaterio da ordem e da justiça; á vista de tanta hesitação, de tanta diversidade de pensar, de julgar e de obrar, o marinheiro, ainda o mais habituado «aos gelos do polo ou aos fogos dos tropicos» não se anima a levantar ancora, e fazer-se de vela, temendo, que a cada passo a borrasca se desenvolva, e o naufragio seja inevitavel. Não serei eu pois, que com mãos inhabeis me avance a levantar uma ponta desse opaco veo, que encobre o horisonte do mundo, o meu alvo é outro; não me espaçarei sobre os milhares de martyres, que o Oriente todos os dias produz, meu Tio ja deve haver lido circumstanciadamente acerca dessas horriveis scenas de capricho e fanatismo, restringir-me-hei pois, a fallar-lhe da Italia, da questão italiana, questão gigante pelos elementos heterogeneos, que a constituem, mas que a impiedade se exforça por coadunar e fundir, afim de apresentar um só idolo capaz de affrontar a humidade da indifferença ou o calor da ambição, sem perigo de dissolver-se; fallar-lhe-hei da hydra infernal—a revolução—que tem tomado tal incremento, a ponto de ja ter transbordado e invadido o territorio d'aquelle, que, em vista de suas santas leis, e em virtude de seu ministerio divino, não cessa de inculcar aos povos a paz, a concordia e a conciliação. As paginas do direito das gentes forão arrancadas e reduzidas á cinzas, os axiomas da sciencia administrativa e do direito natural, ate agora tidos por irreformaveis, forão abalados, contestados e postos em duvida, mas que digo, postergados! parece, que nem a razão, nem a justiça dirigem mais a mente dos homens, mas em seu lugar as paixões desenfreadas: onde ha força, ahi ha razão, onde fraqueza, ahi injustiça, principios verdadeiramente dignos dos tempos, em que a gloria repousava na oppressão do innocente, e maior triumpho adquiria quem em maior numero

(*) *Vid. n.º 181.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

sacrificava o honesto e o santo, dignos do tempo dos Neros, Dionysios e Claudios.

Assim é, que o Piemonte, paiz, que se diz constitucional, paiz de liberdade, segundo os impulsos de sua ambição sem limites, fez a 10 de Setembro avançar suas tropas regulares em numero de 17,000 homens, a fim de roubar á Santa Sé o seu patrimonio, e o que mais é, sem alguma declaração de guerra, pois só no dia 10 foi, que o Conde della Minerva, ex-encarregado de negocios do Piemonte, a quem o governo papal deu seus passaportes o anno passado, e fez partir de Roma como propagador de más ideas, chegou a Civitta-vecchia, portador do ultimatum, no qual o Piemonte ordenava ao Papa, que fizesse quanto antes dissolver suas tropas; facto até agora virgem nos annaes da historia do seculo XIX, e isto succede na Europa civilizada!!

O que se seguio, meu Tio saberá; a lucta travou-se, o pequeno exercito pontificio, dividido por tantas cidades e pontos mui distantes, sem nenhum aviso, antes na maior confiança de que exercito algum regular se approximasse, senão da vista e do encontro com o inimigo, não podendo offerecer resistencia efficaz a um exercito aguerrido e em tão grande numero, teve de ser esmagado, e afinal de ceder.

As victimas de Castelfidardo clamão justiça, clamão vingança, contra tal crime ate hoje ainda não especificado nos codigos das nações cultas. Martyres da mais sublime e da mais santa das virtudes! martyres da fidelidade, e da fidelidade á Igreja e á seu venerando chefe! a historia imparcial conhecerá vosso merito, e vos renderá justiça, e Deos, que velava sobre vós na hora, em que como leões dizimaveis as falanges inimigas, vos coroará no Ceo.

A maior parte das cidades foi tomada sem resistencia, tendo o ministro das armas pontificias ordenado, que, á vista da impossibilidade de impedir o inimigo pelo seu exagerado numero, apenas os vissem approximar-se, se retirassem; o choque maior porem, ou antes a batalha decisiva reservava Lamoriciére para Ancona, ponto estrategico, e em que punha toda sua confiança, porem infelizmente os Piemontezes, ja tendo tomado algumas posições importantissimas em torno da cidade, puzerão-lhe um sitio terrivel, e por terra e por mar bombardeárão a fortaleza, em breve deslocárão as fortificações (mandadas fazer pelo corpo do commercio de Leão em França) e desmontárão todas as peças, de sorte que o infeliz General se vio obrigado, ja sem recursos, a mandar parlamentarios ao campo piemontez a 28 pela noite, e a 29 pela manhã fez-se a capitulação. A tropa papal, que guarnecia Ancona, subia a 7,500, e as piemontezas, que as derrotárão, a 35,000.

Lamoriciére acostumado a vencer, que ja tinha cingido sua fronte com vinte coroas de triumpho, pela primeira vez vio o que era derrota, o que é ser prisioneiro de guerra, mas esta perda lhe é mais gloriosa que vinte batalhas, que ganhou; a causa, por que elle combatia, é a causa da religião, foi vencido, o que se segue d'ahi? Segue-se, que Deos não quiz ainda fazer triumphar a verdade por este meio, espera mais azados; confiança pois nelle, que pode permittir, que a luz da verdade seja empanada, mas não extincta. *Sit nomen Domini benedictum...*

O General de Lamoriciére apenas jurou em Turim, que não tomaria armas contra o Piemonte por espaço de um anno, dirigio-se a Roma; *il Giornale de Roma* annunciando sua chegada, assim se exprime: «Sua Exc. o Sr. General de Lamoriciére, commandante em chefe das tropas pontificias, desembarcado a 14 de Outubro em Civitta-vecchia, chegou a esta cidade nessa mesma noite pelo ultimo trem do caminho de ferro. Um consideravel numero de pessoas, que souberão de sua chegada, o esperava na estação, não obstando ja ser bastante tarde, demonstrando assim a sympathia e o respeito, que votão ao illustre e heroico General». Dizem, que sendo elle atacado de febres teve de por-se em curativo, o que sendo sabido pelo Santo Padre, disse, que iria visital-o. O General, que guardava a cama, apenas lho contárão, levantou-se, vestio-se, tomou sua carruagem, e partio para o Vaticano a apresentar-se ao Papa, que ao vel-o, exclamou:—General, para que se expõe assim? eu o iria ver—elle respondeu-lhe: Deos me livre de permittir, que Vossa Santidade se incommodasse a honrar-me com sua visita, eis-me ás vossas ordens, estou de perfeita saude para executal-as. Em Leão abrio-se uma subscripção para offerecer-lhe uma espada, o mesmo se fez em diversas cidades da Belgica, e o *Morning Post*, annunciára que no dia 15 uma sociedade de catholicos inglezes fizera em *Hanover Square Rooms* uma primeira reunião preparatoria, com o fim de offerecer-lhe um attestado de admiração e sympathia pela sua admiravel conducta na lucta, que sustentou contra as tropas sardas, e na defeza de Ancona.

Antes que chegue a contar-lhe o estado actual das cousas, será bom inquirir um pouco sobre o modo de obrar da França em tudo isto. Como meu Tio sabe, e ninguem ha que ignore, Napoleão prometteu na paz de Villa Franca manter a integridade dos estados dos principes italianos; levantou-se um grande alarma contra a sua politica do *laissez faire*, por occasião da invasão dos estados do Papa, a quem em especial diante do mundo disse, que defenderia a posse do seu dominio temporal; o *Moniteur*, seu jornal official, *sans façon* publica, que a França não prometteu impedir, que o Piemonte invadisse os estados da Igreja, Lamoriciére para dar-lhe mais um desmentido formal, eis como responde no jornal de Roma n.º 244—«E' verdade, como diz o *Moniteur* francez de 15 de Outubro de 1860, que, durante a invasão da Marca e da Umbria por parte das tropas piemontezas, o General commandante do exercito pontificio não recebeu despacho algum do embaixador de França em Roma; uma communicação de tal natureza teria sido completamente anormal. Porem a 10 de Setembro, dia em que foi notificada, nos termos que sem duvida estarão ainda frescos na memoria, a declaração de guerra do Piemonte, o General de Lamoriciére recebia em Spoleto um despacho telegraphico de Monsenhor Pro-ministro das Armas, annunciando, que havia chegado á embaixada de França a noticia «que o Imperador tinha escrito ao Rei do Piemonte, para declarar-lhe que se atacasse os estados do Papa, elle se teria opposto com a força.

«A 16 de Setembro fazendo alto em Monte Santo, entre Macerata e Loreto, o General de Lamoriciére recebeu do Pro-ministro das Armas communicação do despacho se-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

guinte, dirigido anteriormente pelo Duque de Grammont ao consul de França em Ancona: «O Imperador escreveu de Marselha ao rei de Sardenha—que, se as tropas piemontezas penetrão no territorio pontificio, elle será forçado a oppor-se: ordens ja forão dadas para embarcar tropas em Toulon, e estes reforços chegaráõ sem demora. O governo do Imperador não tollerará a criminosa aggressão do governo sardo. Como Vice-consul de França deveis pautar vossa conducta neste sentido.—Assignado—*Grammont*.

«Apenas chegado a Ancona a 18 de Setembro, o General de Lamoricière se assegurou, que o Sr. Courcy, consul de França naquella cidade, tinha recebido esse despacho, e só então publicou o conteudo por meio de uma notificação. Esse despacho foi mandado pelo consul de França ao General Piemontez Cialdini, que marchou de Sinigaglia sobre Ancona. Este General se limitou a accusar o recebimento, e continuou sua marcha.

«Este facto tem dado lugar a diversos commentos, mas como elles nada tem de official, cremos dever passal-os em silencio. Diga o *Moniteur* o que quizer, as expressões mesmas do despacho do Sr. de Grammont provão, que ja de então era questão de enviar mais tropas francezas aos estados pontificios; ja o 62 de linha havia desembarcado em Civitta-vecchia a 6 de Setembro, e S. Exc. o General de Goyon era esperado o mais tardar ate o dia 17.

«Em fim muitas pessoas, comprehendido tambem o consul de França em Ancona, estavão convencidas, de que um dos navios de guerra da estação franceza no mar da Sicilia seria mandado a Ancona, para impedir, quando não o canhoneamento dos fortes, ao menos o bombardeamento da cidade, que durou não menos de 10 dias. Será difficil sustentar, que de 10 a 28 de Setembro esse navio não tivesse tempo de chegar».

D'aqui se infere, que Napoleão publicamente e para apasiguar os catholicos francezes mostra reprovar o modo de obrar do Piemonte, mas ás escondidas o incita a perturbar a ordem. Porque, ou elle verdadeiramente reprova, e então, para que o Piemonte nada fizesse, bastava, que elle ordenasse, ou não reprova de facto, antes o anima, então não sei como denominar tal acção.

O General de Goyon chegando á Roma fez sua proclamação ás tropas, e nella se restringio a dizer: que trouxe exercito e ordem de defender Roma e a pessoa do Papa. Erão estas as promessas de Napoleão propaladas por todos os angulos do mundo? Em todas as occasiões opportunas não dizia elle, que nada temessem os catholicos acerca do dominio da Santa Sé? Serão estes os votos dos catholicos francezes, que a França tratasse de defender unicamente a pessoa do Papa? Verdadeiramente que não; nem ha quem diga, que a causa da Igreja, a independencia do catholicismo, da liberdade de acção do Vigario de Christo sobre a terra, estava sufficientemente garantida com a defeza da pessoa do Papa. E' bem verdade, que cada catholico se deixaria crivar de balas para defender tão preciosa existencia, para sustentar o nosso Pai na fé e na eternidade, mas tambem o nosso ultimo suspiro se transformaria em terriveis imprecações contra aquelle, que reduzisse a causa da ordem, da humanidade, da religião e do catholicismo a exigir a preservação da vida de um homem. «O Papa, digamos com Mr. o conde de Falloux (*) que não alça os olhos ao Ceo, senão para inspirar-se do que deve obrar, e que não pode lançar a vista sobre a terra, sem encontrar as pegadas dos confessores e dos martyres, que caso poderá fazer de uma purpura em pedaços, de um reino reduzido á escravidão, de uma existencia tornada humilhante desde o dia, em que fosse comprada ao preço de uma consideração pessoal? Não, não—estes não podem ser os votos da christandade, a religião não pode, nem deve pender da restricta e odiosa expressão da moda—*la securité du Saint Père*. A soberania, eis sua segureza, a soberania é a sua independencia, a soberania e a sua independencia constituem a dignidade e a liberdade do mais pequeno e do mais humilde dos catholicos».

Mandaria Napoleão tantos milhares de homens de guarnição a Roma, para que? para serem mudos espectadores da ladroeira, que se commette no estado do Principe da paz? Só com o fim de defender a vida do Papa? «Se é só com este fim, a guarnição de Roma, diz Monsieur Augustin Cochin, defende o que o Papa desejaria perder—a sua vida: ella não defende o que devia salvar—o seu sceptro. Ella impede, que elle seja martyr, sem permittir, que seja rei». Mas felizmente Napoleão ja mudou outra vez de pensar, as tropas francezas por sua ordem occupárão no dia 11 a comarca de Viterbo, Montefiascone, Velletri, Albano & &—retirando-se as tropas piemontezas ao approximar-se das francezas. Para que fim pois, pergunto eu, para que fim Napoleão, se devia restituir outra vez ao Papa as provincias roubadas, permittio, que as roubassem? Seria para ter o gosto de retomal-as, e dizer ao mundo, que elle protege o Santo Padre, e que se não fosse elle, o Papa succumbiria? E' assim, que se joga com a vida de tantos homens, victimas de sua fé, de seu amor, e de sua aerisolada veneração? Para que permittir, que se tingissem os campos da Umbria e da Marca de tanto sangue? O futuro responderá a tudo isto, a historia classificará, como é de direito, os seculos lhe farão justiça, e Deos, que nada deixa sem premio ou castigo, lhe tomará estreitas contas, e eu aqui finalizo, pois já tornei-me por demais politico.

—Sua Santidade o Papa Pio IX reuniu na manhã do dia 29 de Setembro no Palacio Apostolico do Vaticano um Consistorio secreto, no qual depois de haver proferido uma Allocução. (**) propoz os seguintes Prelados para as respectivas Igrejas, que vão mencionados: para a Igreja Cathedral da Sabina, nos Estados Pontificios, o Exm. e Rm.º Sr. Cardeal Jeronymo d'Andrea, do titulo de Santa Ignez *extra-muros*, Abbade Commendatario perpetuo, e Ordinario de S. Benedicto e S. Scolastica de *Subiaco*, conservado na Commenda; para a Igreja Cathedral de *Vicenza* no Reino Lombardo-Veneziano, Mgr. João Antonio Farina, trasladado da Sé de Treviso.

Para a Igreja Cathedral de Csanad e Temesvar do *Banats*, na Ungria, o Rm.º D. Alexandre Bonnaz, Padre diocesano de Csanad, Conego na mesma Cathedral, Pro

(*) Opusculo—*La question Romaine*.

(**) *Esta Allocação será publicada no n.º proximo.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

fessor de theologia moral no Seminario da mesma Diocese, Conselheiro dos negocios ecclesiasticos, e Abbade titular de S. Salvador de Szetoszard.

Para a Igreja Cathedral do Rio Grande do Sul, no Brasil, o Rm.º D. Sebastião Dias Larangeira, Sacerdote archidiocesano de S. Salvador no Brasil, Parocho da Igreja de N. S. do Carmo do Morro do Fogo da mesma Archidiocese, e Dr. em Direito Canonico.

Para a Igreja Cathedral da Fortaleza (Ceará) no Brasil, e de recente erecção, o Rvm.º D. Luiz Antonio dos Santos, Sacerdote diocesano de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Conego da Cathedral de Marianna, Reitor e Professor de Theologia e Mathematicas no respectivo Seminario, Examinador Synodal, Reitor do Hospicio dos Meninos Orphãos, e Dr. nos Sagrados Canones.

Depois disto S. Santidade annunciou a eleição de varios outros Bispos, feita por intermedio da S. Congregação da *Propaganda Fide* no ultimo Consistorio antes do presente.

Depois da preconização o Bispo do Rio Grande foi por carta do Vaticano convidado a se achar no dia 7 deste na capella Sixtina, afim de ser sagrado pelo Santo Padre. Ahi me encontrei tambem eu e os brasileiros existentes em Roma, em numero de 6; as ceremonias da consagração são mui bonitas e sublimes, ferindo-me grandemente o ver o Papa, depois de ter dado a benção, e concluida a ultima ceremonia da sagração, deixar o seu faldistorio, assentar nelle o consagrado, impor-lhe a mitra, dar-lhe o baculo, ficando elle de parte, como que despojado de toda sua dignidade, e mandal-o assim percorrer toda a capella lançando a benção ao povo. Muitos estrangeiros na maior parte convidados presenciárão a ceremonia, assim como esteve em habito official o nosso Encarregado de negocios o Exm. Sr. Commendador José Bernardo de Figueredo. Assistião ao Papa na sagração o Arcebispo de Thebas, Monsenhor Bedini, o Bispo de Sinope, administrador da igreja de Messina, Monsenhor Papardo, e o Bispo de Porfiro Monsenhor Marinelli.

Finda a funcção foi elle convidado a almoçar com o Papa, tomando assento na mesa depois do Cardeal Antonelli, seguindo-se os outros Arcebispos e Bispos. O Santo Padre na sua conversação, depois de mostrar-lhe quaes os deveres de um Bispo, e a sua responsabilidade diante dos homens e de Deos, disse-lhe—não posso propor-lhe melhor modelo digno de ser imitado do que o Arcebispo da Bahia, ahi o encontrará, mire-se nelle como n'um espelho, siga seus passos e seus exemplos, imite seu modo de obrar, seu zêlo, sua dedicação, e a sua Diocese será feliz, o Brasil contente, e a Igreja de Deos bem servida. Diga a S. M. o Imperador e á Imperatriz, que eu fiz esta sagração com todo o gosto e prazer e com toda a vontade de minha alma. Depois fez-lhe presente de um *Canon* muito bonito e rico, e de um calix de prata dourada de exquisito trabalho.

Não ha memoria de haver o Papa sagrado outro Bispo americano, parece, que Monsenhor Larangeira é o primeiro, parabens pois por tanta honra—No Brasil ao menos elle só pode dizer—recebi meu poder das mãos de S. Pedro, por suas mãos *immediate* adquiri a plenitude do Sacerdocio. Seja pois elle tão zeloso como o Principe dos Apostolos, Deos o illumine na espinhosa tarefa, de que se encarregou, os Ceos avalorem seus hombros, e os façao capazes de supportar um pêso tão enorme como o de uma mitra, os annos de seu governo sejão longos e cheios de beneficios a favor da Diocese do Rio Grande do Sul, a quem os meus mais calorosos emboras por tão feliz acquisição.

S. Exc. Rvm.ª ja partio no dia 14 para o Brasil, tencionando demorar-se algum tempo em Inglaterra e Portugal.

—Peço venia para tratar agora de outro assumpto todo pessoal, porem não menos caro a mim.

Não sei como começar a fallar-lhe de um objecto, que me traz por demasia preoccupado, minha intelligencia recusa o pensar, minha memoria se confunde e o que mais é, meu coração estremece; com tudo, uma lei, que tem mais poder que eu mesmo, uma lei, a obediencia, me arrastra, é um dever, preciso pois cumpril-o. Sim, não é qualquer dever, é um dever santo, é o dever da amizade, tenho dito tudo.

.....

Encontrei aqui um amigo não no primeiro dia, nem no primeiro mez, nem no primeiro anno, nem ainda no segundo da minha partida d'ahi, só no terceiro chloroformizei meu coração, mas elle já está disposto, a phase da sua ventura foi tão passageira como a da flor, que com o ameno rocio da noite entreabre as petalas, e expande seus perfumes, que o zephiro da manhã balouça, porem que dentro em pouco, ferida pelos ardentes raios do sol, empallidece, murcha, e se cresta.

Entrado no collegio americano a 14 de Novembro de 1859, entre tantos nobres caracteres, de que ali abunda, encontrei um, que mais se adaptára a meu genio, ás minhas circumstancias; as flores, com que esta amizade se mostrou e brotou a estrada da minha vida, forão tão purpureas, bellas e odoriferas, quão violaceos são os goivos, que dellas ficárão. Este meu amigo foi o Snr. Francisco Herculano da Costa Alves, natural da Bahia, apenas de 21 annos de idade, porem cheio de esperanças, que acabava de obter no collegio romano um premio em mathematicas, a quem o Senhor dignou-se chamar no dia 1 deste ás 2 e meia horas da tarde. Sua vida era a placidez e a mansidão personificada, era o typo fiel, que meus olhos virão de uma alma em estado de graça; que conversação tão amena, que tracto tão lhano e tão simples, que porte tão sizudo e judicioso, como arrebatava, como attrahia a si todas as sympathias dos, que com elle vivião!! Jamais alguem notou, que lhe tivesse passado a mais rarefecente nuvem de tristeza pela fronte, o Ceo de sua alma estava sempre estrellado, era sempre azul, a lua era sempre argentea; com que ancia, com que afan não buscava todos os dias adquirir um novo dote, cultivar uma nova virtude, com que cuidado e escrupulo não emendava repentinamente a mais leve sombra de falta, seus desejos, oh! como ardia aquelle peito de amor das cousas santas, como arcava aquelle coração, quando fallava de ganhar almas a Jesus Christo, de patentear e encaminhar a muitos na vereda da salvação; mas como elle não era da terra, a terra não podia, nem era digna

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

de retel-o por mais tempo, a hora invariavel da partida soou, elle voou á eternidade a receber a immarcessivel coroa, que se havia preparado no Ceo, lembre-se elle de quem o amou tanto sobre a terra, e o ajude com suas orações.

Estando o collegio em Genzano, cidade distante de Roma 6 leguas, passando as ferias, foi elle atacado no dia 18 do passado de uma pequena febre, por conselho do medico passarão-no a Roma, aqui chegado fez-se junta, e a febre foi declarada typho, mas, ao dizer dos medicos, de caracter brando, repentinamente o mal recrudesceu, e elle teve de succumbir; nem os desvelos dos Superiores, nem os exforços da medicina o poderão salvar. Que exemplo tão arrebatador com suas virtudes não deu elle na sua curta enfermidade! Delirando como estava nos ultimos dias, com tudo, aquelle peito não arfava senão por Deos, não emittia um suspiro senão pelo Paraiso, aquella bocca, que não desprendeu outros sons senão de harmonia divina, nas horas mesmo da agonia não disseria diversos! que jaculatorias tão inspiradas: *Esposo de minha alma, vinde a mim Senhor, eis-me prompto a seguir-vos; Senhor, recebei minha alma! &c. &c.*—quando ja nas ultimas vascas da morte, em que o corpo começava a presentir, que a alma se preparava a romper a prisão da vida, nesse momento, em que se tem de passar a ponte, que nos liga á eternidade, já então ás orações, que recitava o Padre Reitor, elle não respondia com palavras, que não as tinha, mas com lagrimas ardentes, que lhe escaldavão o rosto. Oh! meu Deos, o que, é a vida do homem! Um sonho, uma chimera, uma nuvem de fumo, que se esvae com um sopro de vento....

O Padre Reitor, escrevendo a um outro Superior sobre sua morte, expressa-se de tal modo, que eu não ousei outro additamento fazer, senão traduzil-as com a mesma singeleza e tristeza, com que as dictou, ellas lhe farão melhor calar no animo do que mil palavras, que eu lhe diga—« o optimo Herculano ás 2 e meia, depois de breve agonia, estando eu presente, que lhe encommendava a alma, quietamente expirou, como havia quietamente vivido. Diga de minha parte aos jovens collegiaes, que sua morte foi a morte do justo, que não espanta nem altera a quem a vê, mas excita inveja santa e desejo de merecer uma semelhante da misericordia de Deos, que seja sempre abençoada, mesmo quando nos fere, e nos causa dor».

Seu cadaver foi enterrado em uma sepultura comprada para elle e sua familia na Igreja de Santa Maria sopra Minerva, junto ao altar de Santa Rosa de Lima, Padroeira do collegio, cantou-se officio de corpo presente, disserão-se muitas missas, e os collegiaes seus collegas, para testemunhar a sympathia e o amor, que lhe votavão, fizerão cantar uma missa a grande instrumental na Igreja contigua ao collegio em Genzano, onde estavão, mandando vir de Roma as melhores vozes, que havião, um dos Superiores fez um discurso funebre, que muito agradou e commoveu: S. Exc. o Sr. Bispo do Rio Grande do Sul honrou tambem tão triste acto com sua respeitavel presença.

Qual e quanta é a dor, que me suffoca neste instante, em que lhe escrevo, e lhe relato tão lugubre drama, não é possivel, que alguem a pudesse pintar, seria preciso que meu Tio ouvisse fallar minha alma para ajuizar.

Mas, Deos assim o quiz, resta pois como catholico conformar-me com sua vontade, e desfolhar como sincero tributo á candida memoria do meu querido amigo estas seccas flores, bem certo e bem convencido, de que no Ceo lhe cinja a fronte uma verdejante e immarcessivel coroa mais bella, mais preciosa, mais divina, que as que lhe posso offertar.....

Adeos meu Tio, peça a S. Exc. Revm.ª que me lance a sua benção, e recommende-me a todos os amigos.

Seu sobrinho etc.

José Raymundo da Cunha.

EXTERIOR.

Será de longa duração o imperio da revolução?

A revolução percorre victoriosa d'um a outro extremo da Italia.

Na sua carreira não encontra obstaculo, que a faça parar. Ante ella cahem esmigalhados os sceptros e as corôas, nem julga, que a propria thiára tenha força para lhe resistir.

Louca! que não conhece a differença, que ha entre a thiára e a corôa, entre o baculo e o sceptro.

Uma dynastia pode ser substituida, um reino pode ser riscado da lista das nações, mas a promessa do fundador da igreja não pode deixar de se cumprir.

Pode a igreja ser perseguida, mas nunca será vencida; as perseguições servirão apenas de dar maior brilho, se é possivel, á divindade de sua instituição, porque no fim ella ha de sahir victoriosa, e tão victoriosa como tem sahido de todas as outras.

Podem os inimigos do christianismo vencer a cidade de Roma, podem conseguir, que o Summo Pontifice abandone por algum tempo os seus estados; mas caros lhes custarão esses triumphos, porque pesará sobre elles a maldição divina, e feridos pelos raios do Vaticano, de que a impiedade só falla por escarneo, terão que fugir espavoridos ante o furor desses mesmos povos, de que hoje se dizem defensores, mas de que são verdadeiros tyrannos.

O sangue, que a revolução tem feito correr na Italia, a perseguição por elle feita aos mais zelosos ministros do altar, o roubo dos bens da igreja, pedem ao céo uma reparação, e logo que a justiça divina esteja satisfeita, ha de apparecer essa reparação, porque a iniquidade não póde triumphar contra o direito, nem os direitos da igreja poderião ficar sujeitos ao arbitrio da revolução.

Dos nos livre de nutrir a mais pequena duvida a este respeito, porque importaria isso o mesmo que duvidar da rectidão de todos os seus juizos.

Mas quando não tivessemos promessas de Jesus Christo, que nada nos deixão receiar pela sorte da igreja, e pela conservação de todos os seus direitos, tinhamos a historia de 19 seculos, que em cada uma de suas paginas nos assegura, que o poder do Soberano Pontifice é superior a todos os outros poderes, e que não ha na terra quem seja capaz de o vencer.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E' dificil a situação, em que se acha o Soberano Pontifice. A revolução, apoderando-se de uma importante parte das suas provincias, tem feito com que lhe escaeçem os meios necessarios para poder acudir ás necessidades das outras; marchando de victoria em victoria, graças aos auxilios directos do Piemonte, e aos indirectos de outra ou outras potencias, é provavel, que tenha influido por um modo desagradavel no exercito do commando do general Lamoricière.

Não nos espantará a noticia de que o Summo Pontifice abandonou Roma, e que os chefes da revolução entrárão naquella cidade, e fizerão nella o, que tem feito á todas as outras, em que tem entrado.

Não podemos entrar nos designios da Providencia, e por isso não podemos prever as provações, que Deos terá destinado ao seu povo escolhido, os catholicos; mas temos fé que, quaesquer que estas sejão, a victoria ha de a final ser nossa, porque nós seguimos a causa da sua igreja.

Sim, a igreja ha de triumphar de seus inimigos, e com ella triumpharão os soberanos e povos, que pdecem por ella, e com ella.

E a realização das nossas esperanças não virá longe, todos os symptomas indicão, que o dominio da revoluçêo não será longo.

São graves os perigos do momento, não o poderemos negar, porque a revolução, quando alcança um triumpho, não costuma perder o tempo. A arvore da liberdade, não da verdadeira liberdade, daquella que o Evangelho prega, daquella que faz a felicidade dos povos e dos reis, dos pequenos e dos grandes estados, mas da liberdade revolucionaria, não vegeta sem ser regada com sangue.

A memoria do conde de Rosssi, do coronel Anviti, das victimas de Palermo, e de tantas outras, cujo sangue ainda ensopa o terreno italiano, prova, que a revolução de 1860 não diverge da de 1848, que ambas ellas são legitimas filhas da de 1799.

Amestrados pela experiencia, disfarção-se, quanto podem, os revolucionarios de hoje, mas os seus instinctos não são menos ferozes, e os dias do seu dominio hão de ser todos assignalados por algum acto de barbaridade.

O odio mais ou menos latente, que a revolução tem á igreja, tem-se traduzido em milhares de factos, em todas as épocas do seu dominio, nem significa outra cousa a guerra, que por toda a parte faz ás instituições religiosas: emquanto estão longe do poder, empregão os revolucionarios a arma da calumnia para indispor o povo contra elles, logo que chegão ao poder votão ao exterminio os individuos pertencentes á essas associações, e ás chammas toda a propriedade, que não podem roubar, ou que temem, posssa de futuro ser novamente applicada ao culto divino.

Neste odio envolvem as pessoas mais dedicadas á causa da religião, e que por isso são igualmente victimas do punhal, ou veem a sua propriedade passar a mãos revolucionarias ou ser devorada pelas chammas.

E' esta a historia da revolução em todas as épocas, e as paginas, que já estão escriptas da revolução italiana, não são escaças de crimes.

E' por isso, que dizemos, que são graves os perigos do momento.

Deos dê coragem aos partidarios dos bons principios para atravessarem o periodo, que os separa da regeneração. Deos permitta, que se realizem as esperanças, que a misericordia divina sobretudo, e depois della o movimento, que se nota na Europa, nos dizem, que não está longe esse momento, e que por consequencia não será de longa duração o imperio da revolução.

(*Extr.*)

NOTICIA LOCAL.

— No dia 30 de Novembro passado receben o sagrado Presbyterado o Rd.º Sr. Carlos Luiz d'Amour, Beneficiado apresentado em uma Prebenda Presbyteral da Cathedral deste Bispado. O Sr. Padre Amour exerce ainda o lugar de capellão do coro da Cathedral, em cujo fructo constituio seu patrimonio, com permissão do governo imperial, sem que desse facto resultasse impedimento algum ao governo do Bispado, quanto á amovibilidade do emprego, nem onus algum á fazenda publica, quanto á instabilidade e permanencia do rendimento do dito emprêgo, em beneficio do empregado, a titulo de seu patrimonio, visto que no caso de demissão ou desistencia do lugar, o sacerdote deveria immediatamente constituir um novo patrimonio.

O Sr. Pe Amour fez o curso completo das materias, que se ensinão no seminario episcopal, e no dia 8 de Dezembro findo cantou sua primeira missa na Igreja Matriz da Conceição desta capital, por occasião da festividade da Santissima e immaculada Virgem daquelle mesmo nome, a qual foi feita com a pompa e brilho do costume, com novena por musica, durante a qual tocou á porta da Igreja a banda militar do 5º batalhão d'infanteria, e com procissão na tarde do mesmo dia 8, em cuja passagem pela frente do quartel houve uma salva de 21 tiros de artilheria, como honra feita á Padroeira do Imperio.

ANNUNCIOS.

—Rogamos aos Srs. assignantes, que se achão atrazados no pagamento de suas assignaturas, que se dignem de mandar saldal-as quanto antes, para que não nos vejamos obrigados a mandar suspender-lhes a remessa dos numeros.

KALENDARIO ECCLESIASTICO
PARA O CLERO.

A folhinha latina para o anno de 1861 acha-se á venda nesta typographia—preço 1:000 rs.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 — por anno — Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO — 1860.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 200.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.MO SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

QUINTA-FEIRA 17 DE JANEIRO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA, por mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Maranhão, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, Commendador da Ordem de Christo, &. &. &.

A' Igreja do Maranhão Graça e paz da parte de Deos Padre, e da de Jesus Christo Nosso Senhor.

O tempo da quaresma, amados Filhos, é destinado á um solemne jejum de quarenta dias, que se observa em toda a Igreja Christã antes da festa da Paschoa, á exemplo do que praticou o nosso Divino Mestre, que antes de completar o grande sacrificio da nossa redempção jejuou quarenta dias e quarenta noites; estes dias são de verdadeira penitencia, porque durante elles maceramos o nosso corpo, e domamos a rebeldia da nossa carne, para que por meio de uma confissão sincera de nossos peccados possamos alcançar de Deos o perdão d'elles, e de misericordia, porque tambem neste tempo a Santa Igreja, como Mãi pia, e depositaria dos poderes, que recebeu de Jesus Christo, abre os seus thesouros, e dispensa as suas graças com aquelles de seus filhos, que se doem de suas faltas, que as confessão com um coração contrito e humilhado, e procurão satisfazer á Deos, cumprindo as saudaveis penitencias, que lhes são impostas por seus Ministros, para que possão assim preparados receber dignamente em seus peitos a Jesus Christo, que se immolou por nós, e que é a nossa Paschoa, como nos ensina São Paulo. O jejum quaresmal é tão antigo como o Christianismo; elle data do tempo dos Apostolos, e entre as leis ecclesiasticas por certo que se não conhece nenhuma nem mais Santa, nem mais respeitavel tanto pela sua antiguidade e universalidade, como pelo seu preço e valor, e pelos bens espirituaes, que ella nos traz. Nós não nos fazemos agora cargo de Vos fallar da excellencia do jejum, já em outra occasião alguma cousa Vos dissemos a este respeito, actualmente só Vos lembraremos, que foi a intemperança com o orgulho e a desobediencia, que precipitou os nossos primeiros pais, e toda a sua posteridade, no abysmo do peccado, causa fatal do sem numero de males, sob os quaes gememos. Jesus Christo, verdeiro Deos, e verdadeiro Homem, por seus meritos e soffrimentos satisfez superabundantemente á seu Eterno Pai por todos nós, é verdade, mas é necessario, para que nos seja applicado o fructo de suas satisfações em reparação de nossos crimes, que façamos penitencia por elles, e que, tornando-nos copias vivas do seu procedimento, condemnemos os nossos corpos á alguma mortificação em pena dos nossos delictos; e porque o peccado, no sentir de S. Agostinho, ou ha-de ser punido neste mundo, ou no outro, é necessario, que procuremos satisfazer á justiça Divina, fazendo dignos fructos de penitencia, e mortificando a nossa carne; e a penitencia sem o jejum, diz S. Basilio, é infructuosa.

Nos primeiros seculos do Christianismo, quando os Fieis erão mais fervorosos, o jejum da quaresma se observava com o maior rigor; os Christãos se abstinhão de carnes, de leite, de ovos, de vinho, e não tomavão no dia senão uma refeição ao pôr do sol, e na Igreja do Oriente era ainda maior o rigor; durante a quaresma não se tomava outro alimento, que não fosse pão, fructas secas, e legumes, e não se bebia senão agua: e não ficava na observancia do jejum e na abstinencia das carnes o cumprimento dos preceitos quaresmaes, ia-se mais longe, o Povo se abstinha dos jogos e dos divertimentos, parava mesmo o estrepito do foro, e até estavão suspensos os casamentos. Mas a Igreja, como uma Mãi terna e previdente, tem deixado aos Bispos o poder de moderar este rigor por causas graves e ponderosas, e por isso algumas vezes dispensa o Bispo á toda a sua Diocese alguma parte da abstinencia pela falta e escassez das comidas magras, do que temos exemplos na nossa Igreja Brasileira, aonde alguns Prelados, recommendaveis pelo seu saber e pela sua piedade, tem usado deste poder em beneficio das consciencias de seus subditos, e para prevenir a transgressão da Lei. Da mesma maneira Nós, tendo em consideração as difficuldades, que experimentão os Fieis desta Diocese, em obter alimentos magros, para poderem cumprir o preceito da abstinencia das carnes no tempo da quaresma, pela notoria escassez, que ha de peixe, que alem de ser pouco vem ao mercado em horas irregulares, segundo as marés, não sem grande detrimento do regimen domestico das Familias, pelo que se veem obrigados á transgredir o preceito, recorrendo á comida da carne, que se

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tem tornado a mais usual, e considerando tambem, que o preceito do jejum se pode cumprir com a alimentação de carne, quando para isso ha causas justas e racionaveis, attendendo, que o poder Nos foi dado não para destruir, mas para edificar, e que devemos ter a maior sollicitude em prevenir as faltas e peccados, e usando das faculdades, que Nos forão concedidas pelo SS. Padre Pio 9.º, e que acompanhárão as Bullas de Nossa Confirmação, dispensamos benignamente em o Senhor aos Fieis de um e outro sexo desta Nossa Diocese o preceito da abstinencia das carnes na Quaresma deste anno, com as declarações e modificações, que se seguem:

I Que a dispensa de comer carne é só para os cinco primeiros dias de cada semana, e que com a comida de carne não se poderá misturar peixe de qualidade alguma.

II Que nos dous ultimos dias de cada semana, isto é, nas sextas-feiras e nos sabbados, se deverá guardar a abstinencia da carne; e o mesmo se observará nos primeiros quatro dias da Quaresma, e em todos os sete dias da Semana Santa.

III Que por esta dispensa se não deve entender, que fique tirada a obrigação do jejum para aquelles, que o podem e devem guardar, por não ser incompativel a comida de carne com a observancia do jejum, como por varias vezes o tem decidido a Santa Igreja.

IV Que esta dispensa é concedida em favor dos moradores desta Cidade, e de todo o Bispado, mas somente para a quaresma do presente anno; e jamais se poderá entender prorogada para os annos futuros, sem que expressamente a Concedamos.

E para que chegue á noticia de todos, Mandamos aos Reverendos Parochos, que publiquem este Nosso Mandamento á estação da Missa conventual, e o registrem nos Livros de suas Parochias.

Dado no Paço Episcopal de S. Luiz do Maranhão, sob Nosso Signal e Sello da Nossa Chancellaria aos 2 do mez de Janeiro de 1861. E eu o Conego Arcipreste Candido Pereira de Lemos, Secretario do Bispado, e da Camara Episcopal, que o subscrevi.

MANOEL, Bispo do Maranhão.

O ECCLESIASTICO.

Acaba de sahir á luz da publicidade o *Manual ecclesiastico*, da penna do illustrado Sr. Conego Magistral Dr. Manoel Tavares da Silva. Ha muito, que se fazia sentir a falta d'uma publicação do genero do *Manual Ecclesiastico*, agora pois julgamos curada essa lacuna, e satisfeitos todos os desejos, por qualquer lado que elle seja consultado, pois que a todos os respeitos, e indubitavelmente, preenche seu fim.

Divide-se o *Manual ecclesiastico* em duas partes: na primeira encontrão-se, alem de outras materias, as copias respectivas, ou direcção necessaria, para todas ás petições, que de qualquer genero se possão dirigir ás auctoridades do Juizo ecclesiastico; na segunda uma synopsis, ou collecção de toda a legislação antiga e moderna, tendente assim ás auctoridades e pessoas, como a negocios ecclesiasticos propriamente ditos; pelo que julgamos este um trabalho mui bem concebido e acabado, e tanto mais apreciavel, se considerarmos a paciencia e o cuidado, que deveria ter tido o Auctor em colligir não só as leis reduzidas a corpo, como tambem as extravagantes em toda sua escala.

Assim que, por estas considerações, torna-se a obra do Sr. Conego Dr. Tavares por demais recommendavel pelo seu grande merito, visto como nesse genero de trabalho, todo particular em si, revela o Auctor muita erudição, genio proprio, e muita capacidade, a par d'uma grande força de vontade persistente.

Com a publicação do *Manual ecclesiastico* fez o Sr. Conego Dr. Tavares um verdadeiro serviço publico, na parte secular, apresentando uma obra utilissima ás pessoas, que se dedicão aos negocios do fôro ecclesiastico; na parte religiosa, á Igreja brasileira, pois que nelle encontra o Clero parochial bem desenvolvida a parte difficultosa nos negocios das Varas de suas comarcas com a direcção e correspondencia com a Provisoria e a Vigararia Geral do Bispado; e finalmente aos aspirantes ao estado sacerdotal, que na materia do Direito ecclesiastico encontrão já d'antemão apontada toda a especie, que faz o complexo do curso de Instituições canonicas.

Sem mais preambulos, depois da distincta recommendação dada ao *Manual ecclesiastico* pelo venerando Prelado Diocesano, nós o apresentamos tambem pelo vehiculo, posto que fraco, do nosso jornal, porque julgamol-o digno da consideração publica, pelo que felicitamos o illustrado Auctor pela sua acertadissima lembrança.

CONCURSO PARA FREGUEZIAS.

De ordem de S. Exc. Revm.ª o Sr Bispo diocesano forão expedidos pela Camara episcopal, em data de 4 de Julho do anno passado, editaes de concurso, para serem afixados nas portas das Igrejas Matrizes, vagas, do interior desta provincia, prevenindo, que, depois que constar officialmente, se ter findo o praso dos 30 dias de prevenção, em cada uma freguezia, á vista das certidões, que devem ser remettidas á Camara episcopal pelos respectivos parochos encommendados, serão todas postas a concurso na capital por outros 30 dias peremptorios, por edital afixado na porta da Camara episcopal.

Assim pois foi afixado na porta da Matriz de S. João Baptista, com data de 7 deste mez, o edital de prevenção por 30 dias, para depois ser aberto o concurso respectivo, com as demais parochias, na forma acima dita.

Incomprehensibilidade de Deos.

(*Continuação do n.º 194.*) (*)

Locke sustentou, que nós tiramos a idea de *causa* da observação do mundo exterior. Segundo elle, quando um corpo em movimento encontra um outro, e lhe commu-

(*) *Por affluencia d'outras materias, maxime, a visita episcopal, fomos obrigados a interromper a publicação deste bellissimo artigo; disso pedimos desculpa a seu illustre auctor, bem como aos leitores.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

nica seu movimento, esta simultaneidade ou successão dos dous movimentos não basta para dar-nos a idea de causa, porem, se um dos corpos é o nosso, então mui distinctamente percebemos, que o nosso movimento é a causa do, que observamos depois do outro corpo.

Esta analyse porem é incompleta, e foi Leibnitz, quem primeiro o demonstrou. Qualquer movimento nosso, abstraido da vontade, que o determinou ou produzio, não passa de um phenomeno exterior, como qualquer outro movimento physico; e por isso, a idea de causa não pode vir destes dous movimentos, mas sim da coincidencia delles com a nossa vontade. Da percepção dessa coincidencia é, que formamos a idea de uma analogia ou conformidade, que não passa de uma simples razão de successão ou progressão. Vemos, que o acto interior é a causa do movimento, e immediatamente o sentimos, sem necessidade de experiencia ou reflexão. Quando nós, por exemplo, nos queremos mover, não tratamos primeiramente de saber, se somos capazes de movimento, antes temos consciencia, de que o podemos, e sentimos, que somos senhores de querel-o, ou não; de mudar de direcção ou alcance o movimento, e de augmentar ou diminuir sua energia.

Se pois tal é a origem da idea de *causa*, é claro, que se nós mesmos não fossemos causa, não teriamos jamais a idea de causa. Não seria então para nós o mundo mais que co-existencias no espaço e successões no tempo; e nelle não veriamos creação, mas somente coordenação.

Serão por ventura causas identicas Deos, e nós?

Differirá somente por gráo a *causa* Divina da humana? Se assim fosse, ousariamos dizer, que Deos era inutil, porque, de que serve, ou que importa, que seu poder seja motor, se não pode ser se não do mesmo modo e ordem? Reduzido a não ser mais que uma causa humana, elevada á maior potencia, resultará, que Elle tem poder para mover, mas não o teve para crear o mundo.

Ora, a causa humana produz o movimento, e por meio delle modifica o estado dos corpos, fazendo-os passar de um a outro lugar; a *causa* Divina produz, crea os corpos, o que sem duvida é um poder inteiro e radicalmente differente.

Em Physica denominamos *causa* tanto a força productora, como a modificadora do movimento; e servindo-nos assim da mesma palavra para significar duas ideas diversas, a comprehendemos perfeitamente, quando a empregamos para significar a força modificadora, porque representa um facto humano; mas quando se trata da productora, não podemos deixar de balbuciar, porque tratamos do, que não comprehendemos, nem poderiamos comprehender. Deste modo tão facil nos é achar a *causa* no mundo exterior, quanto no homem a creação.

Voltaire disse: *Depuis que Dieu a fait l' homme à son image, l' homme le lui a bien rendu*—e é verdade. Começão quasi todos pela idea christã de um Deos, Autor do mundo, e terminão pela pagã de um Deos nosso semelhante, não querendo comprehender, que, para que Deos nos creasse, era necessario, que não nos fosse analogo. Todos os seres formão um systema pela sua condicção e natureza; Deos porem é o Unico, que está fóra, e muito acima desse systema, porque nada tem de commum com os seres nelle comprehendidos.

Applicando a Deos os nossos principios, acharemos contradições; e attribuindo-lhe as nossas faculdades, acharemos impossibilidades, sendo a principal de todas a existencia mesma do mundo.

O que prova perfeitamente o absurdo deste authropomorphismo é o absurdo de suas formulas. Pretende-se, que Deos seja um homem, porem, que seja infinito, attribuem-se-lhe as nossas faculdades, e accrescenta-se, que são infinitas n'Elle, e finitas em nós!—E comprehendendo-se, que a faculdade humana é finita, não se quer admittir a incomprehensibilidade da faculdade infinita! O que é pois essa infinidade comprehensivel? Se infinito equivale a immenso, então desapparece Deos; e se ao contrario exprime o, que é verdadeiramente infinito, não se passa de palavras vãs; e as qualidades humanas elevadas á infinidade, sem deixar de ser comprehensiveis, não formão mais que uma phrase confusa, sem idéa.

Platão, Aristoteles, os Alexandrinos, e os grandes Theologos da Igreja Christã, tinhão encaminhado bem diversamente a Philosophia. Elles estavão tão longe de tornar a Deos analogo ao mundo, quanto lhes era difficil não separal-o, mas approximal-o delle. A' força de o querer Perfeito e Immutavel, não sabião mais como fazel-o descer a figurar de Providencia. O sentimento de perfeição incomprehensivel é muito saliente em Malebranche (1) e talvez não fosse necessario ir á outra parte buscar o motivo, que determinou Descartes a repellir as causas finaes. Elle nos recusava com o poder de comprehender a Deos, e na realidade ephemero de advinhar as intenções da causa infinita. Se depois cahio-se no authropomorphismo, foi por um certo rebaixamento da Methaphysica no seculo 18, que tão grande foi em Philosophia, pela audacia, precisão, e senso practico e experimental, quanto, ao mesmo tempo que reagia contra os restos da Scholastica, reagia igualmente contra a elevada Methaphysica de Descartes e de Leibnitz, do primeiro dos quaes se-accou com a grande maxima de: *nada admittir na crença sem comprehender clara e distinctamente ser verdadeiro.* Inimigo, como se proclamava, de systemas produzidos ou abrazados no *bom senso*, temendo toda subtileza e chimera, teve a sem razão de levar essas excellentes qualidades até a mesquinhez; de descer ao nivel da opinião commum; e pouco a pouco, de ruina em ruina, não admittir mais que aquillo, que se pudesse ver e tocar. O maior numero dos Philosophos dessa epocha acabárão no materialismo, e os que não levárão o fanatismo da incredulidade até ao medo dos espiritos, quizerão, pelo menos, que o mundo espiritual se parecesse, o mais possivel, com o physico; e então lhes foi necessario um Deos comprehensivel, por que era de seus principios nada admittir demasiadamente superior á razão, não offender os habitos do vulgo, afastar, ou antes

(1) *Vous devez savoir, que pour juger dignement de Dieu, il ne lui faut attribuer que des attributs incomprehensibles. Cela est evident, puis que Dieu n'est l'infi en tous sens, que rien defini ne lui convient; et que tout ce que est infini en tous sens est en toutes manières incomprehensibles á l'esprit humain.* Malebranch. 8m.e *entretien sur la methaphysique* § 7.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

dissipar tudo, que fosse mysterioso, dar a razão de tudo, definir, e de certo modo, medir tudo! Ora, um Deos comprehensivel era necessariamente um Deos humano, como melhor se conhecerá por um exemplo. Dos corpos não sabemos mais que terem elles figura, côr, peso, sabor, e som, porque nol-o dão a conhecer a nossa vista, o nosso tacto, o nosso ouvido, o nosso paladar &c., mas poderemos affirmar, que não tenhão outras qualidades, além das que lhes conhecemos?

Como o poderiamos? Será impossivel, que tenhão algumas outras qualidades imperceptiveis a nossos sentidos? Certamente não o é. E existindo, poderemos fazer alguma idéa dellas, ou por outra, poderemos comprehendel-as? E' claro, que não comprehendemos se não idéas tiradas de nossa experiencia interna ou externa, ou formadas com o soccorro della, e pelo que toca ás cousas, que não sentimos, abstemo-nos de affirmal-as, por que não poderiamos proval-as nem comprehendel-as, e estamos a respeito dellas do mesmo modo, que um cego a respeito das cores, ou um surdo a respeito do som.

Assim, se os attributos de Deos differem de nossas faculdades, não por gráos, mas por sua natureza, não poderemos jamais comprehender a Deos; o que não querião admittir os Racionalistas mesmo do seculo 18, que fizerão um Deos humano para tornal-o comprehensivel, dando dest'arte razão aos Materialistas, mais logicos que elles em suas negativas. Desde que rebaixárão Deos, a ponto de o tornarem impotente e inutil, desarmarão-no ante o o atheismo, não comprehendendo, que o Infinito não podia ser analogo ao finito; e não vendo que, se as formulas scientificas erão tão verdadeiras para o infinito, como para o finito, a consequencia necessaria era, que ambas erão falsas.

Era mister aos Philosophos um principio para estabelecer a analogia de Deos com o homem. Tocou essa honra a este, que ainda hoje se repete com segurança nas escolas mais autorisadas: *Na causa deve necessariamente existir tudo, que existe no effeito.* Sendo este principio inteiramente falso, falsas é bem tristes tem sido as consequencias delle tiradas. Com effeito chegárão a sustentar, que a materia fazia parte da Essencia de Deos, porque Deos era Autor da materia, e somente livrárão do mal e da imperfeição a natureza Divina, porque, dizem, Deos permitte só o mal sem fazel-o, e a imperfeição resulta da qualidade dos seres produzidos, e não do acto, pelo qual sua *causa* os produz!

E' sem duvida boa segurança discriminar o que nos vem do nosso Autor, d'aquelle que nos vem da nossa qualidade de seres creados; mas não reparão os Autores dessa discriminação na methaphysica mais temeraria e nebulosa, á que dão lugar.

Não é verdade, que necessariamente deva existir na causa o, que existe no effeito; mas sim, que a causa tem um poder igual, ou superior ao effeito, o que é mui diverso. Deos sendo a causa do homem, não pode ser menos perfeito que este; e sendo a causa do mundo, não lhe pode ser inferior em perfeição. Ora, concluir d'ahi que Deos é semelhante ao homem, ou ao mundo, é um erro, ou antes um absurdo. Estariamos com effeito muito mais adiantados, se nos houvessemos contentado de provar simplesmente, que Deos é superior ao homem; por que alias é forçoso provar, que é Infinito, ou calar.

Não receamos insistir ainda na differença do finito ou infinito; porque é o fundamento principal do dogma da incomprehensibilidade, e mais tarde a base da refutação do pantheismo.

As palavras *finito*, e *infinito*, que empregamos, pela necessidade, que impõe o nosso idioma, tem dado sem duvida origem a muitos equívocos. O Grego é muito mais perfeito, e nelle a palavra *apeiros*, que corresponde exactamente á nossa *infinito* (de—*a*—particula privativa, e—*péras*—limite) não significava para os Philosophos Gregos mais que—*não acabado*. Assim, quando tratavão, ou se referião a Deos, dizião, que era *finito—Teleios*, isto é, completo, perfeito; e quando se referião ao mundo, diizão, que era *infinito -apeiros* -isto é, *incompleto*, *imperfeito*. Para elles pois não tinhão as palavras *finito*, e *infinito* relação alguma com a extensão e com a duração; para nós pelo contrario, e para outros, cujo idioma impõe a mesma necessidade, entendemos por finito tudo, que é limitado, e damos a Deos, por contraste, a qualidade de *Infinito;* do que nascem dous inconvenientes bem graves: 1.º sermos obrigados a pensar em grandeza, não tendo Deos grandeza: 2.º darmos forma negativa a uma palavra synonima de *perfeita*, e a uma idea, que é de todas as nossas ideas a mais positiva (2).

Desta confusão resultou o engano de muitas intelligencias sobre a natureza do finito, e do infinito; e a crença—que ser infinito é preencher, occupar actualmente tempo e espaço infinitos; o que não existe; e quando se diz, que Deos é *Infinito*, quer dizer-se, que nem o tempo, nem o espaço o comprehendem, que Elle Está alem ou fóra de um e outro.

Por não estar Deos comprehendido no tempo nem no espaço, é, que é Eterno, Infinito, e Incomprehensivel: Infinito estando comprehendido no tempo e no espaço é contradictorio. Assim, a doutrina, que sustentamos, admitte um Deos superior á razão; e a que refutamos, um Deos contradictorio. Se a nossa doutrina é verdadeira, segue-se, que a razão é limitada; e se o é a contraria, segue-se, que a razão é impotente.

A difficuldade toda está na resolução de admittir, que possa existir um Ser fóra do tempo e do espaço. Esperamos pois mostrar, que é possivel, estabelecendo, que o tempo e o espaço não tem valor algum substancial, e não são mais que a ordem das relações dos Seres finitos entre si; e provaremos, que isso é necessario, estabelecendo, que a eternidade do tempo, e a infinidade do espaço são contradicções. Examinemos primeiramente o que seja tempo e espaço, e esforcemo-nos por determinar a sua natureza.

Em uma das divisões d'um armario, por exemplo, guardamos a nossa murça, que depois tiramos, e substituimos pela sobrepeliz. Aqui temos, que a divisão do armario acaba de passar por tres condições differentes: primeira-

(2) *Il n'est pas vrai, que nous concevions l' infini par la negation du fini, vu qu' au contraire toute limitation contient de soi la negation de l' infini.* Descartes, *Reponse aux 5.mes objections* (*contre la 3.me meditation* §. 4.)

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

mente conteve a murça, depois ficou vasia, e afinal tornou a conter a sobrepeliz. Assim, a dita divisão, relativamente á murça e á sobrepeliz, é um continente, que pode estar cheio ou vasio, receber este ou aquelle objecto, uma vez que suas dimensões o permittão. Ora, a divisão do armario, que é um objecto real, que vemos e tocamos, e cuja dimensão podemos determinar, representa aqui exactamente o espaço, com a unica differença de que, a este nós não vemos nem podemos conhecer seus limites.

Supponhamos porem, que a murça, em vez de estar dentro de uma das divisões do armario, estava em uma mesa ao pé de mim. Se a tiro d'ahi, subsiste o lugar, que ella occupava, desembaraçado, ou prompto a recebel-a de novo, ou qualquer outro objecto. Estava cheio ou occupado, e está vasio ou desoccupado; mas cheio ou vasio, occupado ou desoccupado, é sempre alguma cousa.

Pode dizer-se, querendo, que na terra, e seus arredores, não ha lugar algum vasio, porque apenas delle se tire qualquer objecto, é logo occupado pelo ar, mas não é menos verdadeiro, que o phenomeno, tão commum, da deslocação de qualquer cousa, nos dê a idea de *pleno e de vacuo*, e a de alguma cousa, que contenha os corpos, assim como a de que quando não os contem, está apta para contel-os. E' a isto, que chamamos *espaço*.

Eil-o ahi quasi definido; eis ahi tambem a origem da idea, que delle temos. Convimos, que esta idea é muito pobre, e que quando dizemos—*a idea d'alguma cousa, que contem, ou pode conter corpos*—temos dito della tudo, que podemos dizer. Se nos esforçarmos a ir mais longe, não faremos mais que negações; porque—*essa causa*—não é perceptivel por algum de nossos sentidos, não tem figura, não tem dimensão; suas partes, se as tem, não differem uma das outras; e sua capacidade continente, unica propriedade, que della se conhece, é perfeitamente indifferente á natureza do objecto contido. Eis aqui certamente uma realidade, que differe muito de todas as outras.

Ora neste mundo não ha mais que tres maneiras de existir; pois que nada existe, que não seja substancia, ou qualidade, ou relação; ou, por outros termos, tudo que percebemos, se reduz, ou não passa de individuos, suas qualidades, e as diversas relações, que aquelles e estas tem entre si. Inutilmente buscaremos alguns objectos do pensamento, alem destes tres termos.

O espaço pois deve ser: ou um individuo, ou uma qualidade, ou uma relação. Seria quasi pueril advertir, que não é um individuo; e entretanto leva-se a mór parte do tempo a fallar delle, como se o fosse. *Individuo* é um espirito, ou um corpo; e o espaço não é uma nem outra cousa: um individuo tem qualidades; e o espaço não as tem, nem as pode ter, porque como vimos, é somente capaz de receber as qualidades dos objectos, que contiver. Logo, não é um individuo, nem é uma substancia. Será por ventura uma qualidade? Tambem não o é: nem espiritual, nem corporal, porque não pode ser percebida por algum de nossos sentidos. Assim, o espaço não podendo ser a substancia de uma qualidade, nem a qualidade de uma substancia; não havendo, como não ha qualidade ou objecto, que não possa conter, isto é, uma qualidade contraria á sua, não pode deixar de ser uma relação.

Leibnitz, que em sua discussão contra Clarke, fez ao tempo e ao espaço, considerados seres reaes, uma guerra victoriosa, serviu-se contra elles dos principios da—*razão sufficiente*—e dos—indiscerniveis. Eis aqui seus argumentos:

« Supponhamos por um momento, que o espaço exis-
« te, e que Deos tenha collocado o mundo em um canto
« delle. Isto seria contra o principio da *razão sufficiente*,
« porque sendo o espaço invariavel, ou semelhante a si
« mesmo em toda a parte, Deos não teria razão alguma
« para o collocar antes aqui, do que alli.

« A hypothese mesma da existencia do espaço é absur-
« da, segundo o principio dos *indiscerniveis*, porque sen-
« do as partes do espaço semelhantes entre si, seria ne-
« necessario suppor, que Deos creou duas cousas abso-
« lutamente semelhantes, o que é absurdo, porque Deos
« creando não pode deixar de apparecer alguma cousa,
« *agendo nihil agere* (3)».

A conclusão de Leibnitz é, que o espaço é a ordem das coexistencias, do mesmo modo que o tempo o é das successões (4).

Se não houvessem corpos, o que seria *espaço*? Certamente nada. Seria meramente possivel, porque tambem o serião os corpos. O espaço não é real, se não quando se produzem corpos, porque não existe se não relativamente a elles, ou por outra não é mais que uma relação entre os corpos.

Quando tratamos d'um corpo, podemos dizer, que elle está em baixo ou em cima de outro, adiante ou atraz, á direita ou á esquerda, e quando tratamos do espaço, para que sejão estas qualidades intelligiveis, é mister, que esteja occupado por dous corpos differentes, porque estas expressões não designão, se não a relação de um corpo com outro.

Parece, á primeira vista, que ha pelo menos uma qualificação, de que o espaço é susceptivel por si mesmo, isto é, que ainda que vasio, pode dizer-se, que é grande ou pequeno. Mas se advertirmos, que qualquer apreciação de grandeza de um espaço suppõe uma comparação actual, ou anterior, com a grandeza de um corpo, reconheceremos, que é, porque temos a idea de uma differença de dimensão entre os corpos, que formamos por abstracção a idea de uma differença de dimensão no espaço.

Se nos perguntarem, se uma vara, que tenha cinco palmos de comprimento, é grande, ou pequena, far-nos-hão uma pergunta absurda, porque será grande, se a compararmos com uma outra, que não tenha mais de um ou dous palmos; e será pequena, se a compararmos com uma outra, que tenha dez, vinte, trinta, ou mais palmos. Assim, uma grandeza, ou, o que vem a ser o mesmo, um espaço ou uma relação, não é, nem pode ser mais que o resultado de uma comparação. Se mudarmos os terrenos desta, mudará tambem a relação; e se supprimirmos um de seus termos, deixará ella de existir. Se no mundo não existisse mais que um só corpo, não seria este grande

(3) *Controv. entre Clark. e Leibn. 4.º escr. Leibn*: § 5. *e seguintes.*
(4) *Idem* « « « *5.º escr.* « § *1.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

nem pequeno; e é esta a razão, porque não sabemos o que se quer dizer, quando se pergunta: porque Deos não fez o mundo maior; pois que não havendo mais que um, não ha termo de comparação para elle; e conseguintemente não se pode dizer, que seja grande ou pequeno, embora contenha, ou seja composto de muitas partes, cujas relações entre si podem produzir em resultado o conhecimento da grandeza dellas somente, e não de todo, pela falta de outros mundos, com que o comparemos.

Nenhum homem tem quinze palmos de altura; mas, se fosse da Soberana vontade de Deos, que apparecesse um desse tamanho, ficando todos os mais com o que ora teem, nós o consideraríamos um gigante, um monstro; mas, se Deos augmentasse proporcionalmente todos os homens, sem mudar cousa alguma aos outros seres, perturbada ficaria a harmonia da Natureza. Se porem augmentasse proporcionalmente todos os seres, nenhuma mudança haveria, nem mesmo na dimensão delles, porque, não tendo havido mudança nos termos de comparação, não haveria mudança nas relações ou na grandeza. Assim, repetimol-o ainda, a grandeza e o espaço, que não passão de uma grandeza abstracta, não são mais que relações.

Nós conhecemos as dimensões por dous meios: pela vista e pelo tacto. A experiencia nos ensina a estabelecer uma relação entre a dimensão, que percebemos pela vista, e a que percebemos pelo tacto, para julgar de uma para outra. Se Deos hoje dispuzesse nossos olhos de maneira a fazer-nos vêr duplicadas todas as dimensões, nós conheceriamos ou notariamos a mudança, somente pela lembrança; mas se essa disposição fosse, desde a primeira vez que vimos, todas as nossas impressões, apezar dessa differença, serião as mesmas, que são hoje. Em uma palavra, a respeito de grandeza nada ha, nem pode haver de verdadeiro, se não a proporção.

As mesmas reflexões se podem applicar ao tempo, que, como dissemos, é a ordem das successões, do mesmo modo que o espaço é a ordem da contiguidade.

Se não houvessem grandezas, ou se houvesse uma só grandeza, não haveria espaço, porque sem uma segunda grandeza, não é possivel a comparação, de que nasce a idea de espaço, e por assim dizer o espaço mesmo.

Se tudo fosse immovel, ou tudo se movesse ao mesmo tempo, e na mesma ordem, não haveria tempo; e só o ha, ou só se pode elle perceber, quando ha uma cousa movel. Assim nos exprimimos mal, quando suppomos uniformes uma só grandeza e um só movimento, porque sem comparação, e por conseguinte sem dualidade, não ha grandeza, nem movimento, nem tempo, nem espaço.

O habito mais commum, que se pensa de realciar as abstrações, faz, que se supponha um tempo e um espaço, independentes da dualidade, é mister espaço, capaz de conter uma ou outra cousa, e antes de haver uma mudança, é tambem mister tempo, em que elle se opere— Mas isso é um erro duplo, porque esse tempo e esse espaço abstractamente são nada, não sendo continentes reaes, ou não contendo alguma substancia ou realidade. E' o nosso pensamento, que lhes dá a figura, ou que os representa de continentes, concebemos espaços, durações ficticias, medidas por outras extensões e movimentos. Faltando espaço ao desenvolvimento de um corpo, ou tempo á sua historia, não é realmente tempo ou espaço, que faltão, porque por si sós nada são; mas um outro corpo, que venha restringir a expansão do primeiro. Como fallamos mal, pensamos do mesmo modo, e creamos dous phantasmas, que nos acompanhão sempre. A Philosophia deveria ensinar-nos a ter tanto horror ao vacuo, como outr'ora se dizia, que lhe tinha a natureza. O tempo e o espaço, considerados independentes dos corpos, não são mais que duas formas ou figuras do vacuo, ou para melhor dizer, é um puro nada.

O tempo e o espaço são parentes mui proximos, e differem tanto entre si, como o comprimento e a grossura, ou para melhor dizer, são as duas dimensões de uma mesma idea. O que crea o espaço é a extenção, e o que crea o tempo é o movimento; e por conseguinte são ambos creados pela dualidade, por que a extenção e o movimento são comprehendidos nesse termo commum (dualidade) ou forma mais simples de multiplicidade.

Assim, sem idéa de dualidade não pode haver idea de tempo e de espaço; e por conseguinte, sem dualidade não ha tempo nem espaço. Tudo, que toca a tempo e a espaço, envolve, ou comprehende dualidade, mobilidade, divisibilidade, e differença. Na linguagem methaphysica dos Gregos não havia differença entre a materia, o multiplo, o mutavel, o infinito, e o imperfeito, e em sua precisão plena do sentido denominava a materia o—*outro* ou *diverso*— por excellencia. Assim, dizendo Platão e Aristoteles: o *Mesmo* e o *outro*, ou tambem o *Immutavel*, e o *Mutavel*, equivalia o mesmo que hoje dizendo-se: *Deos* e o *mundo*.

Não sendo pois o tempo e o espaço mais que relações, não é de admirar a confusão, a illusão, e mesmo hallucinação, quando se quer raciocinar sobre sua natureza, como se fossem entidades reaes e continentes. Tres são as difficuldades principaes, que nelles se encontrão: 1.ª dividindo-os, porque o seu minimo pode ser levado a uma pequenhez infinita: 2.ª multiplicando-os, porque o seu maximo pode ser tambem levado a uma grandeza infinita: 3.ª isolando-os, porque considerando-os em abstracto do mundo, somos tentados a declaral-os infinitos por falta necessaria de limites. Examinemos sob este triple ponto de vista a extranha doutrina da realidade methaphysica do tempo e do espaço.

A hypothese da divisibilidade ao infinito encheu de sophismas celebres a historia da Philosophia. Se a extensão é divisivel ao infinito, todas as dimensões são iguaes, porque tem todas o mesmo numero de partes; ou antes as partes contidas em uma grande ou pequena extensão são igualmente immensuraveis: inscrevendo-se um quadrado em um circulo, não ha razão de sustentar, que o circulo contem mais partes que o quadrado: as partes da extensão divisivel, sendo tãobem divisiveis ao infinito, não se pode dizer de que se compõe uma extensão; e somente o indivisivel é, que pode servir para compor uma grandeza &.

Do mesmo modo se para escapar das difficuldades nos lançarmos nos braços da invisibilidade, nada lucraremos, porque, ou se lhe dê o nome de *unidade*, ou de *monada*, ou de *atomo*, ou de *ponto*, não se pode com qualquer significar, se não que a cousa é indivisivel, e que crea ou

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

forma a extensão, isto é, o divisivel. E' essa a sua definição, e essa definição conteria um absurdo manifesto, se a extensão tivesse alguma cousa de real. Mas não sendo a extensão mais que uma relação, a difficuldade desapparece, porque posto sejão necessarios dous termos para que exista, ou se estabeleça uma relação; dous pontos para que haja uma extensão, não resulta d'ahi, que a extensão se componha desses dous pontos, ou a relação desses dous termos; nem pode haver lugar para todos esses argumentos e sophysmas, que, conhecidos já no tempo de Gorgias, forão reproduzidos por Bayle.

Assim como apparecem difficuldades immensas sobre a divisibilidade ao infinito, assim tambem apparecem sobre a multiplicação ao infinito; e eis aqui como: A Europa (costuma dizer-se) maior que a França; o globo terrestre maior que a Europa, e tudo isso não passa d'um atomo no universo. Mas, qual é a grandeza do universo? Se é limitado, mil difficuldades se apresentão: Por que não é maior? O que ha alem delle? &. &. &. Se porem não é limitado, é infinito; e então a infinidade é composta da totalidade dos seres finitos, o que crea difficuldades não menos inextricaveis.

Eis aqui como cremos, que se pode responder: Nada pode haver fora do todo, pois que qualquer cousa, que estivesse fora delle, envolveria contradição com o termo, ou expressão—*todo*. A causa dessas questões absurdas é o habito contrahido de fallar de *vacuo* como de uma existencia real. Ora, não existindo *vacuo*, porque o espaço não é um ser, mas uma relação; não podendo o *todo* ser maior nem menor, porque, sendo unico de sua especie, não pode ser comparado para conhecer-se, se é grande ou pequeno, resulta, que o espaço existe no *todo*, e não este no espaço. Pode dizer-se, que o todo é grande, por que contem todas as grandezas; mas não é isso bem dito. Nosso idioma não foi feito para o que é só; mas procede do estabelecimento dos objectos intellectuaes em uma especie de approximação ou relação, que se elucidem uns pelos outros, e de sua classificação; e ao que é só apenas se pode dar nome, e não classificar.

Para nos convencermos cada vez mais da futilidade de grandeza, estabeleçamos algumas hypotheses bem simples. Uma casca de noz é sem duvida menor que o mundo, pois que este a contem. Supponhamos porem, que Deos por um acto de Sua Suprema Vontade anniquillasse o mundo, menos uma casca de nóz; e que por um segundo acto de Sua Suprema Vontade crea de novo o mundo com todos os seus. Pois no interior da casca não anniquillada, estabelecendo em toda a parte as mesmas relações, que havião no mundo destruido: Seria o novo mundo menor que o antigo? Sem duvida o seria para qualquer, que houvesse conhecido a casca de noz, por que tinha um termo de comparação; mas para qualquer outro, que não a houvesse conhecido, os dous mundos terião dimensões iguaes, por que iguaes erão as relações.

Pergunta-se de ordinario, se o mundo é infinito; e é isso certamente abusar da palavra *infinidade*. Infinito quer dizer perfeito, e não immenso, como já vimos; e por conseguinte, perguntar, se o mundo é infinito, é o mesmo, que perguntar, se elle é perfeito. Alem de ser tal pergunta absurda, nenhuma relação tem com as dimensões do mundo, nem com o espaço. Mas pergunta-se, se o mundo é incommensuravel, a resposta deve ser affirmativa, por que nada existe fora delle para servir-lhe de termo de comparação.

A medida é tambem uma outra illusão nossa; por que não reparamos, que é um artificio logico, de que nos servimos, para dar aos corpos uma sorte de solidez e consistencia necessaria ás operações de nosso pensamento sobre elles. A medida do tempo e da duração são definições, sem as quaes não haveria Historia nem Geographia; mas essas mesmas definições provão bem, que o tempo e o espaço não tem outro valor, que não seja o de uma proporção, cujos termos se podem variar à vontade: a proporção é fixa e variavel, ou arbitrario o valor de seus termos. Formando por typo uma extensão qualquer, nós nos servimos della, para medir todas as outras extensões e durações: a extensão, verificando quantas vezes a superficie, que queremos, contem typo; a duração, percorrendo uma agulha movida mechanicamente extensões iguaes, em tempos iguaes. Assim todas as comparações, que fazemos, tem uma precisão mathematica; e vimos no conhecimento de ser uma extensão ou duração maior ou menor, que outra. Mas, se quizermos dizer absolutamente, que é maior ou menor, sem comparal-as, reconheceremos nossa impotencia, e nada diremos de intelligivel.

Por esta maneira vimos no conhecimento, de que uma vara é maior, que um covado; mas, se nos perguntarem, se a vara ou o covado, isolada ou abstractamente, é comprido ou curto, não o saberemos, porque essa sciencia só se pode obter pela medida, com que se compararem. Vem a ser o mesmo que uma estrada, cujo trajecto é longo a pé, curto a cavallo, e quasi nada por caminhos de ferro. As longitudes, sob o ponto de vista de locomoção, chamadas antes distancias, tem absolutamente mudado de significação ha meio seculo. Cem leguas de distancia, ha duzentos annos, significavão oito dias de jornada; ha cincoenta annos trez dias, e hoje dez horas! Do mesmo modo as moedas, conservando os nomes e formas, tem mudado de valor. Tudo depende da maneira, porque se toma: qualquer existencia do espaço ou do tempo é grande ou pequena; mas o grande ou pequeno nada são, senão por comparação.

Stipula sicca.

(*Continúa.*)

Trecho dos Estudos Historicos sobre algumas cousas da bella provincia do Grão-Pará pelo Dr. Cesar Augusto Marques.

Excommunhões.

Em Maio de 1625 appareceu uma commoção popular, por que n'esta occasião o Padre Frei Christovão apresentou á camara o Alvará de 15 de Março de 1624, que tinha por objecto o cassar as mercêz das administrações das aldeias d'Indios, e logo requereo a observancia d'elle.

A camara serenou os animos do povo, dizendo que ficava para mais tarde o cumprimento do Alvará.

Em 8 de Agosto d'esse mesmo anno foi o Padre Christovão para Tocantins prégar o Evangelho aos Indios, e

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

quando regressou em Dezembro, publicou no proprio dia da chegada, na igreja matriz, uma pastoral com a comminação d'excommunhão maior a todos os, que ainda administravão aldeias d'Indios.

Grande foi o desespero: a camara reunio logo as pessoas mais gradas da cidade, e por meio de razões veridicas, e outras adrede arranjadas, pedirão e conseguirão do Padre Visitador a suspensão da excommunhão !

O Bispo do Maranhão e Pará, D. Frei Timotheo do Samento, em uma visita geral, que fez pela sua sua diocese, suscitou questões publicamente com seculares, prendeu-os, vexou-os com multas, não consentindo processo e nem defeza.

O governador do estado, que então estava no Pará, querendo sanar tão grandes vexames e males, mandou a Maranhão o Ouvidor-Geral Matheus Dias da Costa, afim de tractar com o Bispo, e partes queixosas.

O Bispo acolheo muito mal o Ouvidor, este mandou soltar os presos, e em vingança D. Timotheo excommungou o Ouvidor; este appellou immediatamente perante o Padre Frei Antonio do Calvario, commissario da provincia capucha de Santo Antonio, e o Bispo despeitado por isso lançou um geral interdicto, e o Ouvidor prendeu-o em sua casa, e entaipando as portas obrigou o Bispo a levantar as censuras, pelo que foi logo solto.

Compare-se esta vinganca e os seus resultados com as, que tem feito o nosso venerando, sabio e virtuoso Prelado, D. Manoel Joaquim da Silveira.

Por toda a parte, por onde passa, todos se preparão para recebel-o com enthusiasmo; reina a alegria, divisa-se o prazer, e mostra-se o contentamento,

Tudo são festas, tudo são gallas, tudo são satisfações!

E por certo todos se admirarão, todos se encherão de alegria descobrindo a bondade de seu coração, ouvindo as suas conversações cheias de variada instrucção e amenidade, observando o sabio despido d'orgulho, presenciando actos de virtude sem impostura, vendo-o conciliar inimigos, dar bons conselhos a todos, aplacar questões, e derramando sempre consolo pelas cadeias, onde vae chorar com os presos, dar a esses infelizes os confortos de nossa religião, ir aos hospitaes até dos Lazaros, sentar-se em seus leitos de miseria, ouvil-os, animal-os, e sahir d'ahi banhado em lagrimas, e entre os labios já sahindo a oração, em que pede a Deos alivio para esses Entes tão infelizes, tão desgraçados!

Alem de tudo isto, cada Maranhense conta em seu Bispo não um amigo dedicado, não um protector desvelado, e sim um verdadeiro Pae, que, na phrase de um escriptor francez, é uma providencia na terra. Alguem até já disse, vendo o nosso Bispo sempre a pedir, sempre a empenhar-se pelos seus diocesanos: que elle era imprudente no pedir.

Abstrahindo a rudez da expressão, é uma verdade incontestavel, e que muito o honra, porque mostra, que Elle está sempre prompto a descer do Alto Lugar, em que o collocárão suas virtudes, para angariar empregos e occupações para seus filhos.

Quando um dia a Posteridade com o pincel da verdade lhe pintar o retrato, para ser conhecido logo, basta, que a baixo d'elle se leia este distico latino—*Pertransiit benefaciendo.*—

Excerpto da Lei n. 1,114 de 27 de Setembro de 1860

Fixando a despeza e orçando a receita para o exercicio de 1861 a 1862.

Dom Pedro II, por graça de Deos e unanime acclamação dos povos, imperador constitucional e delensor perpetuo do Brasil:

Fazemos saber á todos os seus subditos, que a assembléa geral decretou, e nós queremos a lei seguinte:

CAPITULO I.

Despeza geral.

Art. 3.º O ministro e secretario de estado dos negocios da justiça é autorisado para despender com os objectos designados nos seguintes paragraphos a quantia de.....

11. Bispos, cathedraes, relação metropolitana, parochos, vigarios geraes e provisores, comprehendida a despeza com as cathedraes e cabidos das dioceses de Goyaz e Cuyabá, sendo 50:000$ para reparo dos palacios episcopaes, alugueis de casas, onde não os houver, compra de paramentos, e estabelecimento das camaras ecclesiasticas dos bispados novos..... 982:871$060

12. Seminarios episcopaes, incluidos 10:000$ para pagamento dos lentes do seminario episcopal de S. Paulo, na conformidade da lei n.º 1,010 de 14 de Setembro de 1858; 6:000$ para o seminario episcopal da provincia do Amazonas, e 4:000$ que serão despendidos com os pensionistas, que os bispos do imperio julgarem habilitados para estudarem no seminario Americano em Roma..... ..... 191:600$000

Necrologio.

—Falleceu em Roma o caldeal Vicente Machi, decano do sagrado collegio, bispo de Ostia e Vellitri, chanceller de todas as ordens apostolicas e secretario da inquisição. Nomeado cardeal por Leão XII em 1826, Vicente Machi tinha 90 annos.

—Por falta d'espaço não publicamos, como promettemos, a Allocução do S. Padre de 28 de Setembro do anno passado; porem, será publicada no n.º proximo.

ANNUNCIOS.

KALENDARIO ECCLESIASTICO

PARA O CLERO.

A folhinha latina para o anno de 1861 acha-se á venda nesta typographia—preço 1:000 rs.

Redactor

O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 – por anno – Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO – 1860.

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 201

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.MO SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

SEGUNDA-FEIRA 4 DE FEVEREIRO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

Necrologia do Exm. e Rvm. Sr. Arcebispo da Bahia, Metropolita do Brasil, e Marquez de S. Cruz.

—No meio das tristes vicissitudes, que durante a vida acompanhão o homem isolado, e mesmo a um povo inteiro, la desfecha a mão da Providencia, de tempos a tempos, um golpe agudo e forte, que fere de morte aqui um misero e infeliz, que de ha muito se debatia com sua sorte adversa, ali um potentado altivo e orgulhoso pelas riquezas e pelo brilho mundano, acola um varão illustre e sabio, alto collocado em posição sublime, ainda que humilde por sua mesma sabedoria e virtude, por suas qualidades semidivinas, quasi um santo!

O pensamento vacilla, as ideas se obscurecem, e o homem, apezar de toda sua filosophia religiosa, não grado mesmo todo seu racionalismo puro, contempla cheio de admiração e espanto a força desse braço invisivel, mas potente, que eleva e exalta o fragil e pequeno caniço, ao passo que abate e humilha o soberbo e orgulhoso carvalho; desse braço, que fere sem distincção!

Sim, de tempos a tempos apparecem acontecimentos, que, embora sejão da ordem natural das cousas, fazem, todavia, por sua mesma importancia e grandeza, quasi estremecer a geração inteira, que lhe é contemporanea.

Tal foi para o Brasil o triste passamento do Exm.º e Rvm.º Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas, Arcebispo da Bahia, Metropolita e Primaz do Brasil, do Conselho de S. M. o Imperador, Grande Dignitario da Imperial Ordem da Rosa, Gran Cruz da de Christo, Membro de varias Sociedades litterarias e scientificas dentro e fóra do paiz, e Marquez de S. Cruz, o qual teve lugar no palacio da Penha, residencia archiepiscopal nos suburbios da capital da Bahia, aos 29 de Dezembro de 1860, contando 77 annos d'idade; acontecimento fatal, que enlutou bastante a Igreja brasileira.

O Exm. e Rvm.º Snr. D. Romualdo Antonio de Seixas era natural da cidade de Cametá, antiga villa Viçosa, da provincia do Gran Pará. Desde os primeiros annos mostrou logo toda a força d'intelligencia, de que era dotado, pois que seu grande talento se desenvolvia d'um modo precoce; e, dedicando-se, pela muita vocação, que tinha, ao serviço da Igreja, distinguio-se de feição, que attrahio sobre si a attenção publica. Nem era possivel, que uma tal flor, pelo suave cheiro, que derramava a cada petala, que abria, pudesse ficar occulta entre obscuros arbustos.

Seu grande merito revelado, para logo, foi aquelle astro obrigado a sahir da obscuridade, á que se queria votar, e teve dahi em vante de pertencer à sociedade culta.

Assim que, tendo occupado por duas vezes o lugar de Presidente da Junta Provisoria, depois da revolução de 1821, e elvado á importante Dignidade d'Arcediago da Cathedral de sua provincia, foi nomeado Conselheiro de Estado em Lisboa, como um dos tres do Ultramar, creados pela Carta de lei de 13 de Fevereiro de 1823, lugar, que não chegou a assumir, por haver caducado a citada lei com a queda do governo constitucional. Voltando então ao Pará, foi eleito por vezes deputado á Assemblea geral legislativa.

Desde 22 de Dezembro de 1814, em que falleceu o 14.º Arcebispo da Bahia, D. Fr. Francisco de S. Damaso de Abreo Vieira, que conservou-se quasi vago o Arcebispado, por quanto o 15.º eleito D. João Mazoni, da Congregação do Oratorio, renunciou o Arcebispado, e o 16.º D. Fr. Vicente da Soledade, com quanto confirmado por Pio 7.º em 28 de Agosto de 1820, e tomando posse do Arcebispado por procuração, todavia permaneceu ausente ate seu fallecimento.

Proclamada a Independencia do Imperio, e serenadas as commoções e os abalos, que soem acompanhar uma revolução desse genero, tratou o governo do Imperador o Sr. D. Pedro 1.º de prover os Bispados vagos do Imperio; e sendo já eminente no paiz o nome do Arcediago e Deputado Romualdo Antonio de Seixas, recahio nelle acertadamente a eleição para Arcebispo da Bahia, publicada pelo decreto de 26 de Outubro de 1826, e tendo sido confirmado em Roma, e proclamado em Consistorio, sob Leão XII, aos 20 de Maio seguinte, recebeu a consagração na Capella Imperial, juntamente com os Bispos, de S. Paulo, D. Manoel Joaquim de Andrade, e do Maranhão, D. Marcos Antonio de Sousa, aos 28 de Outubro de 1827, das mãos do Bispo Capellão-mór, D. José Caetano da Silva Coutinho, assistido de dous Monsenhores da mesma Capella Imperial, que forão os Monsenhores Decano e Arcipreste, em presença de S. M. I. o Senhor D. Pedro 1.º com sua Côrte, e muitos Membros do Corpo legislativo, recebendo o sagrado Palio no dia 4 de Novembro seguinte, na Capella do Paço episcopal, das mãos do mesmo Bispo Capellão-mór, assistido do Cura da Cathedral, o Conego José Luiz de Freitas, e do Vigario Geral do Rio Grande do Sul, Conego Antonio Vieira da Soledade, então deputado á Assemblea geral, em presença dos dous Bispos, ultimamente sagrados com elle.

Tomou posse do Arcebispado por seu procurador, o Rvm.º Conego José Cardoso Pereira de Mello, a 31 de Janeiro de 1828, e a 26 de Novembro do mesmo anno fez sua entrada solemne na capital da Bahia, prefazendo então o decimo setimo Arcebispo daquelle importantissimo Arcebispado.

Desde então dedicou-se com afan ao trabalho da vinha do Senhor, fazendo honra á classe, á que pertencia, ao paiz, que illustrava, e á Igreja, que sabiamente administrava, estabelecendo para logo um pedestal eterno e perduravel pela amizade e amor, que adquiria entre seu povo, a quem não cessava d'abençoar e favorecer, assim como pela admiração, que adquiria dentro e fóra do paiz, pela bem merecida reputação scientifica e litteraria, em cuja cultura jamais descançava, tanto a bem da Igreja, como em utilidade e proveito das lettras.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Durante sua vida gozou sempre da estima publica, entre todas as classes da sociedade, revelando-se ainda ultimamente essa consideração de estima e respeito para com sua pessoa da parte do Senhor D. Pedro 2.º por occasião de sua visita á provincia da Bahia, d'um modo, que faz honra tanto ao excelso e generoso Monarcha, como ao sabio e Venerando Prelado. A este respeito exprime-se um jornal contemporaneo, o *Jornal da Bahia*, do seguinte modo:

«Quando aqui esteve em 1859 S. M. o Imperador, deixou gravado na memoria de todos um exemplo brilhante de respeito á Igreja e de deferencia e consideração ao seu mais graduado Sacerdote: dirigio-se em uma tarde com S. M. a Imperatriz, acompanhado de sua comitiva á visitar o erudito e virtuoso Prelado em seu palacio, e ahi em presença de todos prodigalizou-lhe as mais tocantes demonstrações, que o caracterizavão.

«Não só ahi, mas sempre que o encontrava, o sabio Monarcha o acolhia com affectuosa attenção: na residencia Imperial algumas vezes aconteceo, quando se lhe ia beijar as mãos, estando o Arcebispo a seu lado, mandava, que se beijasse primeiramente o seu anuel, dizendo: que antes de tudo estava a religião.

«Muitas vezes mandou convidal-o para o seu palacio, e juntos gastavão horas inteiras em larga e illustrada conversação.

«O povo bebeu nestes actos do Imperador exemplos edificantes do cordial respeito, que se deve tributar á Igreja e aos seus ministros; e assim consolidava-se ainda mais, se é possivel, no amor dos subditos, o excelso throno, que para honra dos Brasileiros tão dignamente occupa.»

Dotado d'uma caridade proverbial, o povo da Bahia será testemunha da pontualidade, com que era cumprida essa determinação do regulamento interno de sua casa, onde se lê: «Não se despedirá pobre algum, sem levar uma esmola por menor que ella seja; o procedimento em contrario muito Nos affligirá.» Os brilhantes discursos, que pronunciou no Parlamento, nas diversas vezes em que teve a honra de nelle tomar assento, assim como os volumes, que escreveu, bem conhecidos pelo titulo—Obras do Arcebispo da Bahia—fazem por certo muita honra ao genio transcendente e variado, que lhe coube em partilha, pois que crão lidos com interesse, proveito e admiração geral.

No meio pois de tanto lidar do espirito, devia o corpo igualmente resentir-se; assim que, de alguns annos em diante começou o Venerando ancião a soffrer quebra em sua preciosa saude: e máo grado todo o desvelo e cuidado, que empregava para sua conservação, ia caminhando lentamente para o tumulo; a molestia o dominava, e, com quanto reconhecesse perfeitamente seu estado, vivia não obstante mui resignado. A respeito desta ultima phase de sua vida reportamo-nos á carta do Rvm.º Conego, seu secretario particular, dirigida ao nosso Exm. e Rvm.º Sr. Bispo diocesano, em que diz: «S. Exc. Rvm.ª soffreu um grande ataque do seu costumado incommodo hemorrhoidal, que depois de oito dias complicou-se com outro ataque de urinas com grande debilidade, de sorte que forão baldados todos os recursos da medicina.

«Na sexta-feira ás 3 horas da tarde appareceu-lhe uma especie de congestão cerebral, perdeu logo os sentidos, mas nunca deixou de pronunciar, bem que confusamente, os nomes de Jesus e de Maria, o Pater Noster, Salve Regina, Tota Pulchra &c., até sabbado ao meio dia, em que expirou como um verdadeiro Santo.

«No dia 29 do corrente pretendemos fazer na Cathedral as exequias com a possivel solemnidade, e para isso pedimos e alcançámos do Exm. Presidente o auxilio de 3 á 4 contos de reis.»

Ainda acerca deste tão triste acontecimento exprime-se o *Jornal da Bahia*, mais circumstanciadamente, do modo seguinte:

«Desde que no sabbado 29 do passado constou na cidade, que estava em perigo de vida o Exm. Sr. Arcebispo, o palacio da Penha se encheu de pessoas, umas viudas a cavallo, outras a carro, outras a pé, apezar da distancia, e outras por mar, e assim continuou o concurso, até que o venerando Prelado restituio ao Creador aquella alma enriquecida de tão preciosos dotes: o corpo foi conduzido particularmente para o palacio da cidade, posto que, para evitar o incommodo dos habitantes, se escolhesse uma hora da noute mais avançada; pelos lugares por onde passou, estavão as familias fora de suas casas, muitas chorando, e geralmente cobrião de benções o virtuoso finado, ouvindo-se de toda a parte: —Deos te dê o Ceo —Os proprios meninos, que elle tanto afagava com paternal caridade, choravão, e todos o chamavão —o pai dos pobres.

No terreiro de Jesus, immenso povo o esperava; o caixão passou por entre alas da multidão sentida e respeitosa até entrar no palacio, que estava cheio de pessoas de todas as classas e hierarchias, sexos e idade, não obstante todo o cuidado de se realizar esse transito occultamente.

O corpo foi depositado na capella Archiepiscopal, onde velárão toda a noute muitos ecclesiasticos e seculares, contando-se entre estes o Exm. Sr. Conselheiro Antunes de Azevedo Chaves; e cremos, que não haveria lugar, se se houvesse permittido, que todos os, que desejavão, alli velassem. Desde as 6 horas da manhã do dia 30 houve um beijamão continuo, via-se constantemente uma fileira de pessoas, que subião as escadas, e outras a descer; cerca de cem fazião uma especie de guarda de honra em frente do feretro; as mãis suspendião nos braços os filhinhos para pela ultima vez beijar aquella mão bemfazeja, e que não podia mais erguer-se para abençoal-os; os fieis não se contentavão com isso, beijavão-lhe os pés, como os de um santo. S. Exc. Revm. o Sr. Arcebispo sabia inspirar tal amor, até aos mais pequenos, que não será fora de proposito notar, que um crioulinho, que o servia, apezar da idade de 11 ou 12 annos, correu á pé da Penha atraz do corpo até a cidade, e não se apartou senão depois de sepultado. Quando o illustre Prelado tomou conta de sua Diocese, no regulamento interno, que organizou para o regimen de sua casa, lê-se no artigo 2.º o seguinte:

—Não se despedirá pobre algum, sem levar uma esmola, por menor que ella seja; o procedimento em contrario muito nos affligirá.—

«Todavia Prelado tão distincto por seu saber, por suas virtudes, por sua posição social, por seus relevantissimos, serviços prestados á Igreja e ao Estado, não teve uma honra funebre official por parte do governo da provincia.

«As eleições forão o pretexto, como se bandeiras a meio páo, salvas de funeral, armas abatidas pudessem coagir a liberdade do voto—mas o povo, em cuja soberania se apadrinhava a falta de uma desattenção sem nome, veio no esplendor de toda sua verdadeira soberania prestar a honra nacional ao Varão eminente, que glorificou sua patria; toda a capital se vingou, vendo apoz o cadaver do Sr. D. Romualdo o povo numeroso e compacto, como se nunca vira em exequias algumas.

«Estamos convencidos, que S. M. o Imperador, que na visita desta provincia tão extraordinariamente distinguio o Metropolita e Primaz do Brasil, avaliando com a magnanimidade do seu coração os serviços prestados por esse extremo defensor da Monarchia e das Instituições, ter-lhe-hia mandado fazer, se aqui estivesse, maiores honras do que na côrte teve por sua ordem o illustrado religioso Monte Alverne, ainda quando a eminente posição do Sr. Arcebispo não o exigisse por direito.

«Entre as pessoas, que forão a pé á Penha, ás 11 horas, no meio de toda a calma, contão-se 6 irmãs de caridade.»

Deste modo perdeu o povo catholico do Brasil um Pai espiritual, e Mestre na Fé; e toda a sciencia e litteratura do paiz o seu maior cultivador.

Requiem æternam dona ei Domine.

Et lux perpetua luceat ei.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Dia 25 de Janeiro de 1861.

No dia 25 de Janeiro ultimo teve lugar na S. Igreja Cathedral a solemne commemoração do nono anniversario da sagração do Exm. e Revm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, Venerando Bispo Diocesano.

A missa, celebrada pelo Revm. Sr. Conego Chantre, Reitor do Seminario, foi á grande orchestra instrumental e vocal, assistida por S. Exc. Revm. que ao sair do paço episcopal até entrar na Cathedral foi saudado por girandolas de foguetes, e pela banda de musica do 5.º batalhão de infanteria de linha postada á porta da Igreja.

Estiverão presentes a este acto solemne, além do Corpo Capitular, e demais Clero da Cathedral, os Membros do Clero secular e regular da capital, os Illms Srs. vice-consules dos Estados-Pontificios, e de Portugal, e Chefe de Divisão Commandante da Estação naval, duas commissões enviadas, uma pela—Associação Typographica Maranhense—e outra pela humanitaria sociedade— Harmonia Maranhense—e mais algumas outras pessoas distinctas. No fim da Missa, depois de dar sua benção ao Povo, concedeu S. Exc. Revm. 40 dias d'indulgencia a todos os fieis presentes.

A' noite repicárão e illuminárão-se todas as Igrejas, o paço da Illm.ª Camara Municipal, e muitas casas particulares.

Incomprehensibilidade de Deos.

(*Continuação do n. passado.*)

Conclusão.

O Romance de Gulliver, destinado mormente a mostrar-nos a vaidade das cousas humanas, serve tambem para ensinar-nos o pouco, que valem nossas unidades de grandeza, e, por conseguinte, nossas grandezas. O mundo se torna maior ou menor para o espectador conforme seus orgãos ou potencia visual, de que dispõe. Esopo e Lafontaine, referindo-nos os pensamentos dos insectos, reptis, quadrupedes, e volateis, nos ensinão esta methaphysica: a formiga, á força de trabalho, consegue atravessar, sobre um raminho, um oceano de dous pés de largo: e quem nos pode affirmar, que não seja ella um colosso em relação a outro animal, que com admiração observe sua tameraria viagem? Pelo que respeita á duração, é esta tão pouca cousa, que perderiamos inteiramente a faculdade de aprecial-a, se a arte não nos fornecesse o meio de o fazer com precisão, ou se a Natureza não nos ensinasse a periodicidade quasi exacta de certos phenomenos em nós, e fora de nós. Acontece de ordinario, que, quando nada do exterior nos impressiona, cahimos na confusão a mais inextricavel, e tomamos um tempo muito certo por outro mui longo, e *vice versa*, segundo a disposição do nosso espirito.

O vulgo, obrigado a luctar incessantemente contra o tempo e o espaço, illudio-se sobre sua natureza, e em lugar de consideral-os como pontos mathematicos, de que só nos servimos para classificar as diversas relações dos corpos, os transformou em realidades distinctas. Os Pagãos chegárão a personalizar o tempo, e algumas intelligencias francezas, se não chegão a tanto, tendem pelo menos a fazer delle uma substancia, mas, o que é mais penoso e admiravel é vêr até alguns sabios, alguns philosophos, cahirem nessa superstição, e, não contentes de haver creado o tempo e o espaço, esforção-se por dar a estes dous idolos os caracteres de infinidade. E' este um dos maiores vicios da Philosophia moderna. Esforçar-nos-hemos por indicar em poucas palavras, como pode ser explicado, e como pode ser curado.

A Escola racionalista, que em França lutou com a de Condillac, e a destruio, comprehendeu perfeitamente, que sua principal missão era estabelecer o verdadeiro caracter da idéa do *infinito*. Com effeito, se olharmos o infinito como uma realidade precisa e positiva, não pode ser comprehendido, se não pela razão: se porém não o tomamos senão como uma idéa vaga e negativa, a experiencia, ajudada pela generalização e pela imaginação, basta para formal-a. Leibnitz tinha deixado a questão nestes termos, e é uma das glorias da Escola racionalista franceza do seculo XIX ter continuado nesse terreno a polemica dos *Nouveaux essais*, e tel-a tornado, se não mais profunda, pelo menos mais accessivel e popular.

Ora, para entrar nesta polemica, Leibnitz foi pouco a pouco seguindo a Psychologia de Locke, mostrando porem sempre, que este confundira o *infinito* com o *indefinito*; e que explicando o *indefinito*, deixou inteiramente de explicar o *infinito*, cuja idea, longe de ser negativa, era a mais positiva de todas as nossas ideas, e a mais cheia de sentido, que não podia ser formada pela reunião e pela exageração das dos seres finitos, mas, que resultava necessariamente da concepção de um *Ser Infinito com a indeparavel plenitude de perfeição*.

Voltando depois Leibnitz a esta discussão quiz provar, que certas idéas e certos principios, que possue nosso espirito, não podem vir da experiencia, sustentando, para demonstral-o, que essas idéas tem um valor absoluto independente do espirito, que as concebe, e dos factos, que as excitão.

Applicou-se este methodo á discussão das idéas do tempo e do espaço; e abandonando-se d'ahi em diante os traços, as pisadas de Leibnitz, e esquecendo-se de sua longa e victoriosa argumentação contra Clarke, não só se disse: *não temos idéas do tempo, nem do espaço*, mas ainda: *temos necessariamente a idéa, de que tudo, que existe, é comprehendido no tempo e no espaço; e temos por conseguinte as idéas de um espaço infinito, e de um tempo eterno*.

E' mister confessar, que se taes proposições houvessem vigorado, nada subsistiria da doutrina sensualista, porque ellas tem tres pontos: 1.º uma certa opinião sobre a origem da idéa, do espaço, e do tempo limitados; 2.º a affirmativa da existencia necessaria, no nosso espirito, de um principio, que nos obriga a localizar cada extensão no espaço, e cada movimento no tempo, principio que não podendo vir da experiencia, teria necessariamente a razão por origem; 3.º a affirmativa da presença, no nosso espirito, das duas idéas de tempo e de espaço infinitos, idéas positivas, necessarias, absolutas, e por conseguinte racionaes, e não empyricas.

Deixando de tratar do primeiro por sua pouca importancia, examinaremos os dous ultimos.

E' evidente, e nos podemos convencer pela experiencia mais simples, que em nosso espirito existe um princi-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

pio, que nos força a suppor sempre, que qualquer grandeza ou duração é necessariamente contida em uma grandeza ou duração maior. Com effeito, qualquer que seja a grandeza, que imaginarmos, nos sentiremos sempre coagidos a conceber, que ella é contida em uma outra maior (1). Esta coação não tem por causa, como os sensualistas o suppõem, uma generalização, mas, a verificação, que disso havemos feito a respeito das grandezas, que temos percebido. A affirmativa pois da necessidade de um continente para qualquer grandeza percebida é espontanea, immediata, e anterior a qualquer experiencia.

Os Racionalistas demonstrárão isso contra Locke, e o demonstrárão bem, e com verdade: e sem necessidade de ir mais longe, refutados estavão seus adversarios. Mas a ambição de construir o que havião destruido, os perdeu. De lhes parecer que qualquer grandeza é sempre contida, concluirão a existencia de um espaço infinito; e de lhes parecer sempre qualquer duração por maior, que a imaginassem, precedida e seguida de uma outra, concluirão a existencia do tempo infinito, ou eterno.

Ora, se é verdade, como Leibnitz o demonstrou, e nos temos esforçado por sustentar, que o tempo e o espaço não passão de relação de successão, ou de co-existencia entre as cousas; que podem significar essas expressões de tempo e espaço infinitos? Pode suppor-se a infinidade de um ser, mas de uma relação não é possivel.

Uma relação infinita é evidentemente uma reunião de palavras incoherentes, que nenhum sentido traz ao espirito; mas ainda querendo-se á força, que essa *relação infinita* seja alguma cousa, seria necessario, que as cousas, para cuja medida e classificação unicamente servem, fossem infinitas, e em numero infinito, pois que uma relação suppõe a comparação de dous objectos, ou dous termos postos em relação um com outro. Assim, a chimera da infinidade do tempo e do espaço, suppõe necessariamente a infinidade do mundo, não só pelo que respeita á sua duração, como pelo que respeita á sua extensão.

A infinidade do mundo em sua duração e em sua extensão é doutrina sustentada pelos, que recusaõ admittir a existencia de um Deos distincto e separado do mundo, doutrina que sem duvida parecerá contradictoria a todos, que, como nós, não forem pantheistas. Com tudo, á primeira vista, esta doutrina offerece alguma cousa accessivel ao espirito, apresentando a imagem de uma realidade illimitada; mas a infinidade do tempo e do espaço não offerece mais que a qualificação do nada.

Ainda que emprestemos ao espaço e ao tempo uma realidade, que não tem, nada lucrão com isso nossos adversarios, porque ou seja o espaço, como nós o cremos, uma relação de co-ordinação dos seres; ou tenha, como parecem crer nossos adversarios, alguma realidade individual, é claro, que o espirito não o pode conceber, sem concebel-o divisivel, porque é divisivel tudo, que tem extensão, ou seja pleno, ou seja vacuo; e desde que uma cousa deixa de ser divisivel, deixa de ser extensa, e torna-se ponto ou atomo. E' isto um axioma de Geometria, uma verdade de evidencia; e por conseguinte, seja qual for o espaço, tem necessaria e inevitavelmente por caracter a divisibilidade.

Vemos, que ser infinito é possuir actualmente a plenitude do ser. Não impomos esta definição áquelles, com quem passamos a discutir; ella é commum tanto a elles como a nós, que a aprendemos em sua escola, e na de todos os racionalistas. E se não é isso a *infinidade*, injustos forão contra Locke, e toda sua doutrina desmorona-se.

Por tanto, não pode contestar a definição, que comprehende a *indivisibilidade* do infinito, do mesmo modo que a de Locke comprehende a divisibilidade.

O infinito de Locke é um numero infinito de unidades, juntas uma á outra; e é por isso, que elle pensa, que o mundo pode ser infinito: o infinito dos Racionalistas é uma só unidade, á que nada se pode addicionar nem subtrahir, e é por conseguinte indivisivel.

Se pois o que é *espaço*, é necessariamente divisivel; e o que é *infinito*, é necessariamente indivisivel, dizendo-se *espaço infinito* é tão sensato, como dizer disparates acerca da divisibilidade do indivisivel. O mesmo raciocinio se pode fazer a respeito do tempo.

Concluamos por tanto, que não ha tempo nem espaço infinitos: 1.º porque o tempo e o espaço não passão de relações: 2.º porque a divisibilidade é inherente ao tempo e ao espaço; e a indivisibilidade inherente á infinidade.

A *Infinidade* não pode caber se não á Deos, porque não se pode ser infinito em um sentido, e não em todos. Que differença não se nota entre a Escola Materialista, que faz resultar o infinito da accumulação de seres finitos, e a Racionalista, que o compõe da accumulação de diversos infinitos, que não são em realidade mais que abstracções e chimeras ?!

Se existem tempo e espaço infinitos, devem existir dentro ou fóra de Deos. Se existem em Deos, é Elle necessariamente extenso e duravel, e por conseguinte nem é perfeito, nem existe: se existem fóra de Deos, havendo muitos modos de ser infinito, não são identicas as ideas de infinidade, é negativa. Em qualquer destes lados achão-se contradicções e impossibilidades, cahe-se no pantheismo; qualquer cousa é Deos, e Deos todo inteiro, porque delle não degenera em parte alguma. Assim, ou deve renunciar-se Deos, ou as doutrinas racionalistas, ou repellir as absurdas chimeras de tempo e espaço absolutos, seres ficticios, que ha tantos annos encobrem o bello ceo da philosophia.

Agora entrevemos nossa conclusão geral: *não ha tempo* nem espaço infinitos; o tempo e o espaço começárão com o mundo, e são sua condicção e necessidade, mas Deos, Que E' Infinito, não está nem no tempo nem no espaço, mas fóra, e acima delles, e por conseguinte Excede a nossa comprehensão, *E' Incomprehensivel.*

Para convencermo-nos disso analyticamente, provado, que Deos não está no tempo nem no espaço, tomemos alguns de seus attributos, e examinemos, se podem ter ana

(1) *Quelque grand que soit un espace, on peut en « concevoir un plus grand, et encore un, qui le soit davantage, et ainsi à l'infini, sans jamais arriver à un « qui ne puisse être augmenté. Il en est de même du « temps. On peut toujours en concevoir un plus grand, « sans dernier. Pascal, de l' Esprit geometrique.—*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

logia com as faculdades humanas. Seja por exemplo a *Intelligencia*.

E' innegavel, que Deos, como vimos. Seja *Intelligente* e *Perfeito*; e que Conheça o mundo, que *Creou e Governa*; e nem é possivel admittir o contrario. Ora, conhecendo-o, Conhece-se sem duvida perfeitamente, e isso só é já bastante para convencer-nos, de que nós, intelligencias imperfeitas e limitadas, não podemos ter a comprehensão da *Intelligencia Divina*. Alem disso, é consequencia necessaria de nossa imperfeição sermos mutaveis isto é, submettidos ás condições do tempo e do espaço; assim como é consequencia necessaria da *Perfeição de Deos* ser *Immutavel* ou *Infinito*, isto é, não submettido, ou superior ao tempo e ao espaço. E' por tanto evidente, que uma intelligencia necessariamente mutavel não pode já mais comprehender a *Intelligencia* necessariamente *Immutavel*.

O nosso espirito passa incessantemente de uma á outra idéa. « *Nós vogamos* (diz Pascal) *em um vasto centro,* « *sempre incertos e duvidosos, impellidos de um a ou-* « *tro extremo. Qualquer que seja o marco ou balisa, á* « *que nos agarremos, vacilla e deixa-nos* ». Espirito *brilhante* é aquelle, que rapidamente passa a idéas não pensadas e remotas; *solido* o que acha, quando necessita, as ideas, que anteriormente concebeu; *vasto* o que abarca ou comprehende simultaneamente muitas ideas; mas, se sob esta triple relação existem mais ou menos intelligencias humanas, nenhuma existe, que conserve presentes todas estas ideas, que as abarque ao mesmo tempo, ou que á primeira vista se apodere de um grande numero de ideas novas. No nosso poder mesmo sentimos por assim dizer a nossa fraqueza, porque, se queremos adquirir uma idea nova, não o podemos sem a condição de perder uma outra. Chama-se a isto *concentração* de nossas forças; mas vem a ser precisamente o mesmo, que faz um General, quando desguarnece os flancos, para reforçar o centro da batalha. Quem não tem o poder de tal concentração, é appellidado de *espirito fraco*; mas concentrar-se assim equivalle a enfraquecer-se, e preparar-se com sacrificios para uma lucta desigual. Qualquer esforço para accelerar, fortificar, ou extinguir a acção do pensamento, nos fatiga, se redobramos o esforço, a fadiga torna-se intoleravel, e chegando a certo grão sentimos a necessidade de parar, e ir mais lentamente. Talvez lutassemos menos com a difficuldade, do que com o tempo; pois que dando o necessario, de ordinario attingimos as ideas, que queremos adquirir. Intelligencias ha de marcha tão rapida, que conseguem percorrer em um só dia todo o vasto campo; mas outras marchão vagarosamente, e necessitão de dous dias, e ás vezes de um anno, e mais, para chegar a percorrel-o, porque encontrão não só difficuldades naturaes, mas tambem artificiaes. Os que estudárão, e conhecem os methodos, chegarão mais depressa ao resultado, do que aquelles, que o não estudárão, nem o conhecem. O mesmo acontece no mundo physico; outr'ora gastavão-se mezes para ir d'aqui directamente á Corte, e hoje gastão-se doze dias, tocando-se e demorando-se em seis pontos de escala antes de la chegar. E' uma victoria sobre o tempo.

O sermos comprehendidos na duração é, que nos condemna a não a conhecermos, senão assim successivamente, porque sendo a duração divisivel, cada realidade não tem mais que um instante indivisivel, seguido de uma serie infinita de novos instantes indivisiveis. Esse instante indivisivel é o *Presente*. Acabando mesmo de escrever esta palavra, reconhecemos, que não somos o mesmo, que eramos, quando a principiámos, porque nos lembramos, que o fomos, e que ja somos um outro, ja somos mais velhos. Em nossa consciencia alguma cousa nos attesta a nossa identidade; mas toda a nossa existencia consiste em passar, e lembrar o passado. O momento, que vem, não é o presente, e este não é mais o que passou, ou deixou de existir. Estamos como suspensos entre estes dous nadas; e cada hora, cada minuto, cada segundo, nos transporta e arrebata com a rapidez de uma torrente. Temos memoria, e algumas faculdades de previdencia, com que nos esforçamos por seguir a trama de nossa vida; mas somente a nossa consciencia é, que é clara; a memoria, a imaginação, e a inducção não servem, demasiadas vezes, se não para nos tornar visiveis as nossas trevas.

Examinando attentamente a faculdade mais importante do homem, a que chamamos *raciocinio*, vemos, que nos dá ella o poder de chegar, por meio de duas idéas, a uma terceira, que sem o soccorro deste processo ficaria fóra de nosso alcance.

E' raro, como se sabe, que um raciocinio partindo de duas ideas communs, chegue a uma terceira inesperada, extraordinaria. As cousas não vão assim tão depressa: do humilde estado, em que nos achamos, quando começamos a raciocinar, é gradual, successiva e lentamente, que chegamos ao estado de sabios, isto é, que fazemos não um raciocinio, mas uma longa serie de raciocinios, apoiados um sobre outro. Mas quando isto acontece, não é como um só raciocinio, cujo principio é o do primeiro raciocinio, e cuja conclusão é a do ultimo. Ninguem certamente conta os raciocinios intermediarios, porque deve passar o espirito para chegar do primeiro ao ultimo ponto. Está isso em relação com a força ou fraqueza do espirito, que raciocina: Se este é poderoso, irá do principio á consequencia, sem necessidade de intermedio: Se porem fôr fraco, em vez de um fará quatro raciocinios. A questão pois é só de tempo, e não haverá Professor, que em sua practica não o tenha verificado. Conhecer-se, julgar-se, medir-se, é saber de quanto tempo se tem para isso necessidade. Tem-se dito, que o genio é uma longa paciencia; melhor porem se diria, que o *genio* é uma grande victoria sobre o tempo, victoria que pode ser alcançada do primeiro assalto por espiritos activos, ou com demora por espiritos perseverantes. Montesquieu disse com penetração e profundidade: *O bom exito da mor parte das cousas depende de saber, quanto tempo é necessario para conseguil-o.* Descartes no fim de seu—*Discurso sobre o Methodo*—não se queixa da fraqueza do espirito, mas da brevidade da vida humana.

Não é o mais custoso adquirir idéas, mas conserval-as. A Natureza providenciou sobre isso, e impondo limites ao nosso poder de adquiril-as e conserval-as, deu-nos recursos para combatel-os e estendel-os: contra o das faculdades conquistadoras, deu-nos o raciocinio; e contra o das conservadoras a *generalização* e *classificação*.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E' maravilhoso *generalizar;* porque isso nos permitte estar de alguma sorte presentes a mil idéas ao mesmo tempo, a custa só de detalhes. *Abstrahir* não é mais que sacrificar os detalhes para salvar o complexo. Quem não sabe *generalizar*, não sabe *pensar*, e quem não sabe *abstrahir*, não sabe *generalizar*. Na vida parecemo-nos com um Capitão de Navio, ora na prôa buscando penetrar os mysterios do Oceano, ora no porão para bem acondicionar a carga, e lançar fóra o lastro: assim nos não conservamos, senão com a condição de perder, e diminuimos o fardo para poder conduzil-o.

Geralmente fallando não ha synthese, que não tenha por condição a analyse, que consiste em diminuir o objecto para approprial-o á nossa fraqueza. Para fazer uma analyse é mister dividir, até onde permittil-o a pequenhez de nossos olhos. Não ha regra absoluta, porque tendo cada espirito seu alcance e seu horisonte, não pode haver uma medida commum.

A linguagem é a forma, que toma nosso pensamento para manifestar-se ás outras intelligencias, e por conseguinte um instrumento indispensavel de nossos estudos, sem o qual não podemos *abstrahir* nem *generalizar*, e muito menos *racionar*, e lembrarmo-nos, porque estas são consequencia, ou dependem d'aquellas operações. O instrumento da linguagem é a definição, que suppõe uma dupla comparação: uma com o genero superior, e outra com as especies vizinhas, e é (a linguagem) tão essencialmente analytica, que, quando temos um pensamento complexo, somos obrigados a deslindal-o para tornal-o sensivel pela palavra. Qualquer proposição contém, ou subentende a affirmativa de nosso ser, e a de sua realidade absoluta, de sorte que além dos tres termos grammaticaes, de que se compõe, envolve um triple juizo, do qual um, o expresso, suppõe os dous subentendidos, phenomeno, que se reproduz tambem em todos os nossos pensamentos. A simples concepção d'um objecto pelo nosso espirito, por meio de um orgão qualquer, não seria mais que uma visão, e, de alguma sorte, um sonho, se o nosso espirito não tivesse a crença de sua propria realidade, á que damos o nome de *consciencia*, e a da realidade de um ser absoluto, á que damos o de *razão*. Por estes dous pontos fixos, um que nos permitte pronunciar e affirmar; e outro, que immutavel nos serve de partida, para julgarmos o valor do ser percebido, sahimos do mundo chimerico, e entramos no real. Succede com esta lei o mesmo, que com a do movimento physico: para julgar-se, que ha movimentos, tres termos são necessarios: um ser immutavel, um mutavel, e nós mesmos, que os comparamos. Assim, nosso pensamento é sempre multiplo, já por sua historia, já por sua constituição, e por assim dizer em seu fundo, ainda mesmo que o consideremos, por um momento, indivisivel, e em sua applicação a um objecto unico e multiplo, porque põe toda a concepção entre a affirmativa do absoluto, e a de nós mesmos. Tal é a lei de nosso espirito imperfeito e limitado, que tudo condemna ao movimento, que não é cousa alguma se não pelo movimento, e que não é compellido a mover-se se não por causa de sua impotencia.

Não temos necessidade depois destas reflexões de encarar com Deos para conhecer, quanto Sua Illimitada Intelligencia differe da intelligencia humana. Elle não passa de uma á outra idéa, porque não pode jamais ser differente de Si Mesmo: não Faz differença alguma do passado, do presente, e do futuro, se não quando os Comprehende em suas relações para comnosco, e do mesmo modo que nos comprehende; mas como seu Ser Eterno persiste, e persistirá eternamente com sua inteira plenitude em qualquer acto, tudo, que o constitue, lhe é igualmente presente. Não pode por tanto lembrar-se, nem prever, abstrahir, ou generalizar, porque se o fizesse, haveria algum detalhe nas cousas, cuja concepção lhe faltaria; e não pode *raciocinar*, porque lhe faltaria para isso um termo medio para perceber a relação de um principio com sua consequencia: a principal dualidade, que existe em nós, desapparece n'Elle, Que, sendo a propria razão, tem consciencia da verdade della. Tudo isto para nós é incomprehensivel e verdadeiro; pois que comprehendemos com evidencia, que Deos é um Ser Immutavel em tudo, que o constitue, que é superior ao tempo e ao espaço, e que por conseguinte nada existe n'Elle, que se assemelhe ás dimensões, ou á duração; que não ha n'Elle pensamentos, sentimentos, e vontades, que se succedão e completem, como as nossas. E' por tanto forçoso reconhecer humildemente, que esta maneira de existir é muito superior, ou antes excede demasiadamente a nossa intelligencia, para que possamos comprehendel-a. *Se ha um Deos*, diz Pascal, *é infinitamente incomprehensivel, pois que não tendo partes nem limites, não tem relação alguma comnosco.* E' com effeito por um abuso manifesto, que empregamos as palavras *Ser*, *pensar*, *sentir*, e *querer*, referindo-as tanto a Deos, como a nós, porque não podem ter o mesmo sentido em ambos os casos, pois que, se sabemos o que significão, applicadas a nós, não exprimem mais que idéas, e indeterminadas, applicadas a Deos. Santo Agostinho dizia, tratando do Mysterio da Trindade: *Dizemos, que Deos é um em tres pessoas, para dizer alguma cousa, e não ficarmos callados.* E' tambem para não ficarmos callados, que nos esforçamos por manifestar as perfeições do Deos *Incomprehensivel*. Platão estava tão compenetrado desta differença fundamental entre os attributos Divinos, e o que somos, que não queria dizer:—*Deos é um Ser*—mas:—*Deos é superior a todos os seres.* No Christianismo, depois de se haver dito, que Deos é a unica existencia—*Ego sum qui sum*—accrescenta-se por contraste, que o *mundo é um puro nada.* Obrigados a usar da linguagem humana, quando tratamos de Deos, esforcemo-nos ao menos por não esquecermo-nos jamais de que—*Deos é incomprehensivel*—e quando dissermos, que *Existe*, *Pensa*, *Sente*, e *Quer*, lembremo-nos, de que isso significa apenas, que *E' Elle a Causa Perfeita e Desconhecida* do que chamamos—*Ser*, *Pensamento*, *Desejo*, e *Vontade.*

Stipula sicca.

Carta do marquez de Lavradio á S. M. o rei da Sardenha.

SENHOR.—O grande favor, que devi á memoria de seu augusto pai, que se dignava de receber-me com tanta munificencia, e até de ouvir-me, e de tomar em consideração alguma cousa, que lhe apresentei, faz com que me

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

atreva a enderessar-me a V. M. nesta occasião, que me parece opportuna.

Senhor, eu fallava com franqueza a Carlos Alberto, não se offenda, se fizer o mesmo a Victor Emmanuel.

Já é tempo de acordar desse lethargo, em que se acha mergulhado.

Lembre-se: que sua respeitavel mãi, se vivesse, lhe diria, como a mãi dos Machabeos disse a seu filho: que olhasse para o céo.

Levante, sim, levante os olhos para o céo; e talvez que os levante, para onde piamente podemos crer, que já se ache, ou que bem cedo lá vá ter aquella exemplar rainha, para receber a coroa de gloria em recompensa de suas virtudes.

Consulte por um momento essas cinzas respeitaveis de uma tal mãi, e depois de meditar com pausa e com seriedade sobre o grave assumpto, de que se deve occupar na actualidade, prostrando-se aos pés de Jesus Christo, lance mão daquelle duro marmore de S. Jeronymo, e bata com elle esse peito até o abrandar, e conseguir amollecer o coração, que nelle se encerra.

V. M. não deve ignorar a brilhante historia de sua familia, a datar de Bertholdo, conde de Morienne, Humbertos, Amadeos, Filibertos, etc.

Nós, os Portuguezes, somos interessados em commemorar esses grandes homens da casa de Saboya, donde nos veio aquella optima rainha D. Mafalda, esposa do nosso rei fundador da monarchia, o Sr. D. Affonso Henriques.

Ella tinha bem a quem sahir. Quem ha, que ignore o nome de seu irmão, Humberto III, que era conhecido pelo—Santo—e que hoje se acha beatificado. Deveu elle a sua excellente educação ao virtuoso Amadeo de Hauterive, bispo do Lozana.

Este soberano favoreceu os Guelfos em favor de Alexandre III, salvou a Igreja, dando muitas consolações ao Summo Pontifice.

E que diremos pelo mesmo tempo do Beato Bonifacio, Arcebispo de Cantuaria, da mesma familia?

Lembre-se, V. M. de que Amadeo V, foi quem persuadio João XXII a promulgar uma cruzada.

Quer ver, qual era o respeito e amor de Amadeo VI pelo Summo Pontifice?

Urbano V foi quem coroou a imperatriz Isabel, mulher de Carlos IV, e sendo esta funcção de cavalgata, foi aquelle soberano (Amadeo VI) quem levou o Papa segurando nas redeas do seu cavallo.

Que tempos tão diversos!

Estamos chegados ao grande homem (Amadeo IX). Teve elle o maximo respeito á Santa Sé, e ao Summo Pontifice.

Foi um homem cheio de caridade, a ponto de pôr os pobres á mesa, dizendo, que estes fazião a pompa da sua côrte.

Concorreu para a cruzada, proclamada em Mantua por Pio II, não só para libertar o santo sepulchro, mas tambem para refrear os Turcos.

Foi justo, paciente, manso, resignado, e sabia ganhar os corações dos seus subditos pelo sublime exercicio das virtudes christãs.

Morreu em sabbado de Alleluia, em Vercelli, no anno de 1472, sendo chorado e venerado pelos povos, que o perdião.

Se houverão dous Amadeos, que seguirão outro trilho, não os imite.

Veja, que morte tão desgraçada pela queda de cavallo, que arrebatou Amadeo VII, que tinha prestado suas homenagens ao antipapa Benedicto VIII.

Ao menos o outro (Amadeo VIII) consta, que se convertêra, renunciando ao antipapado, que exercitou, tomando o nome de Felix V.

Ponha, portanto, os olhos na historia de tantos dos seus, que tão brilhante é, e desça até aos ultimos soberanos de Sardenha, para os tomar por model-os.

Aquelles tres filhos de Victor Amadeo I, podemos dizer, que erão exemplares á porfia, um Carlos Emmanuel, que depois de tantos soffrimentos, renuncia e acaba a sua vida no noviciado da companhia de Jesus. Tão cheio de caridade e humildade, que chegou em Roma a pedir esmolas ás portas das igrejas para os pobres.

Um Victor Emmanuel, pai daquellas quatro filhas, que parece, que ainda cá em baixo querem respirar o ar do Paraiso.

Um Carlos Felix tão exemplar pela sua conducta regular e catholica.

E que lhe direi das tres rainhas esposas destes tres irmãos?

Maria Clotilde será um dia, e talvez mais cêdo do que se pensa, collocada sobre os altares, e tanto basta.

Maria Thereza foi a mãi das quatro princezas já mencionadas, que parece, que vierão ao mundo para o assombrar, e para o edificar; portanto este é o maximo elogio, que se póde fazer á sua educadora.

Maria Christina bem patenteou ao mundo a sua piedade, não precisamos dize-lo a V. M., porque muito bem a conheceu.

Não é necessario repetir o nome illustre de sua augusta mãi, nem queriamos magoal-o, trazendo-lhe á memoria seu augusto pai, victima desgraçada da revolução, mas que soube aproveitar-se do infortunio para tratar de veras do unico negocio importante. A nossa cidade do Porto foi testemunha de suas virtudes, com que elle edificou aquelles povos nos dias, que alli viveu.

Oxalá, pois, que todas estas considerações sejão capazes de o mover a dizer sinceramente com o propheta rei —*nunc cœpi*.

Faça-o, Senhor, reconhecendo a mão de Deos, que é bem capaz de operar uma mudança absoluta.

Ainda está a tempo.

Se até ao dia de hoje tem mais depressa imitado Amadeo VII e Amadeo VIII, proponha desde hoje por diante seguir este ultimo na sua conversão, e recorra a todos esses bemaventurados da sua familia, para que o auxiliem.

Humilhe-se diante do Vigario de Jesus Christo, e peça-lhe perdão de todas as suas grandes faltas.

Dê as suas ordens, para que se reprima esse novo Atila, que vai assolando uma parte da Italia, e não permitta, que elle chegue a penetrar em Roma.

Diga-lhe, que trema, e que, assim como naquelle tempo

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

appareceu um Aetius, que bateu Atila, tambem hoje lá está um Lamoriciere para o repellir.

Pio IX saberá invocar a protecção de S. Leão Magno, que o protegerá, se Deos Nosso Senhor não o tiver destinado para victima expiatoria, pela qual queira conceder a paz á sua Igreja, e ao mundo inteiro.

Mas ainda que Garibaldi se attribua como Atila os dous epithetos de *metus orbis*, e o de *flagellum Dei*, sêl-o-ha por algum tempo, mas espere-lhe pela pancada, que temos uma viva fé, que o triumpho não tardará.

Muito estimaremos, que estas nossas linhas, se por algum modo chegarem ao conhecimento de V. M., e á sua presença, possão alli encontrar aquella mesma benevolencia, que as nossas palavras encontravão em seu augusto pai.

E antes de concluir esta, fazemos os nossos protestos de reconhecer tudo, quanto teem estatuido os Summos Pontifices ácerca de exaltar os servos de Deos, ou de referir prodigios, declarando, que só o fazemos *modo humano*, sem querer adiantar de modo algum o juizo da santa Igreja.

Lisboa, 20 de Agosto de 1860.

Marquez de Lavradio.

FESTA E DESGOSTO.

Segundo se lê no *Progrés* de Lyon, no dia da Immaculada Conceição, as freguezias de Vienne, depois de se terem reunido na antiga Igreja Primaz, tinhão ido em procissão ao Campo de Marte, seguidas das autoridades e escoltadas pelos bombeiros e pela tropa. Ali tinhão-se reunido ao redor de um estrado da altura de 20 pés, e no qual tinhão tomado lugar o bispo de Grenoble, o bispo de Viviers, o arcebispo de Turin, parte do clero, pessoas de distincção, e o maire com as principaes autoridades.

Todavia, um certo numero de membros do cortejo ecclesiastico e civil, pouco seguros ácerca da solidez do vigamento, quizerão ficar em baixo.

O bispo de Grenoble acabava de proceder á benção da estatua da Virgem, erecta sobre uma plataforma n'um rochedo talhado á pique, que domina a cidade do lado do levante: de repente um terrivel estrepito se ouve, e se confunde com os gritos de terror dados por uma multidão immensa. O estrado desaba, e o cortejo, que estava sobre elle, desapparece no meio das taboas e das traves que se amontoão umas sobre as outras.

De toda a parte correm á soccorrer as victimas, que tirão debaixo das ruinas, e ás quaes se prestão soccorros.

Houve pessoas, que ficárão com os ossos esmigalhados, outras com elles quebrados ou deslocados, outras contusas muito gravemente, e emfim algumas, que não tiverão perigo.

A desordem causada por este accidente foi, como é de crer, grande. O sólo estava juncado de taboas quebradas, de bocados de estofos e de fragmentos de ornamentos religiosos.

A ceremonia terminou tristemente n'este fatal momento, e as festas de noute forão substituidas em todas as casas pelas dolorosas preoccupações, de que toda a cidade tinha sido testemunha.

Ha tres annos, quando houve a benção da imagem da Virgem em Montluel, tambem o estrado desabou, mas não houve nenhum accidente triste.

(*Extr.*)

Noticia local.

No dia 25 de Janeiro findo tomou posse de um Beneficio de Prebenda Presbyteral da Cathedral desta cidade o Rvd. Sr. P.e Carlos Luiz d'Amour, á vista da Carta Imperial de 4 de Dezembro do anno findo, passada em virtude do Decreto de 27 de Novembro do mesmo anno, que o apresentára no dito Beneficio.

—

Erratu.

No n. passado pag. 64. col. 1.ª linha 27, em lugar da palavra—vingança—lêa-se—viagem.

ANNUNCIOS.

—Rogamos aos Srs. assignantes, que se achão atrazados no pagamento de suas assignaturas, que se dignem de mandar saldal-as quanto antes para que não nos vejamos obrigados a mandar suspender-lhes a remessa dos numeros.

KALENDARIO ECCLESIASTICO
PARA O CLERO.

A folhinha latina para o anno de 1861 acha-se á venda nesta typographia—preço 1:000 rs.

PEQUENO RITUAL

de ceremonias a seguir-se em certos dias do anno nas Igrejas menores, onde ha somente o parocho e tres Acolitos, mandado publicar em 1724, pelo SS. Padre Benedicto XIII, com um apendice de algumas decisões mais recentes das S. S. C. C. da Curia Romana. Offerecido aos Rd. Parochos pelo Bispo do Pará.

Acha-se á venda na Typ. do PROGRESSO, rua de Sant'Anna, n. 49, o opusculo acima incadido, obra utilissima, sobre tudo ao clero parochial—preço 1$280.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO. 1860.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 202.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.mo SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

SEGUNDA-FEIRA 18 DE FEVEREIRO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

D. Manoel Joaquim da Silveira, por mercê de Deos e da Santa Sé Apostolica Bispo do Maranhão, do Conselho de Sua Magestade O Imperador, Commendador da Ordem de Christo, &c. &c. &c.

Aos Nossos Amados Diocesanos Saude, Paz e Benção.

Vós não ignoraes, amados Filhos, quanto tem soffrido, nestes ultimos tempos o Nosso Pai Commum, e Chefe visivel da Igreja de Jesus Christo, o Summo Pontifice Pio IX, o martyr dos nossos dias, e victima de sua dedicação pelos seus subditos: ainda em nossos ouvidos resoa o echo dos hosannas festivos, com que era elle victoriado na Cidade Eterna, ufana de o possuir como Pontifice e como Rei; e já tão depressa, bem como acontecéra a Aquelle, de Quem é Vigario sobre a terra, se percebem os gritos de—crucifica! seus estados lhe são subtrahidos, e os povos, que lhe prestavão obediencia no temporal, d'Elle se tem separado, e na angustia de sua alma o Vigario de Jesus Christo soffre privações!... Mas vós tambem sabeis, Filhos dilectos, como para alliviar as suas penas, e soccorrer as suas necessidades, se tem levantado os Christãos unidos á Santa Madre Igreja Catholica, e até muitos dissidentes, que lhe não prestão obediencia, e como tem concorrido com seus donativos para ajudar as Suas despezas indispensaveis á manutenção do seu estado, e ao bom regimen da propria Igreja, tanto na Europa como na America. E o Brasil não podia ficar atraz, em Pernambuco já se fazem collectas, que a Imprensa tem animado, para auxiliar o thesouro de Sua Santidade; e nós podemos ficar aquem? Não havemos tambem mostrar ao mundo, que somos filhos amantes, e que nos compenetramos das angustias, dos soffrimentos, e das necessidades de Nosso Pai espiritual? Sim, havemos; e quem é, que hade duvidar? Os povos do Maranhão e do Piauhy cedem a algum Povo do mundo em religiosidade e charidade? Quem já recorreu em vão á sua liberalidade? Quem jamais lhes fez sentir, que soffria, que não fosse logo soccorrido?

A charidade, que é o mesmo Deos (1 Joan. 4. 16) nos impõe agora o dever de ajudar ao Nosso Pai, a esse Pai, que tão sollicito se tem mostrado por nós, tão amante e tão charidoso tambem para comnosco, liberalizando-nos graças sem numero, favores sem conta, como talvez não o tenha feito a nenhum outro Povo do Mundo! Nós, que temos a maior confiança nos vossos sentimentos de charidade, amados Filhos, appellamos para ella, bem certos, de que não havemos de ser desattendidos.

Assim que, temos resolvido abrir nesta Capital, e nas demais Cidades e Villas da Diocese, uma subscripção para acudir as necessidades do Nosso Santissimo Padre Pio IX, cujo producto Lhe será entiado por intermedio do Seu Enviado Extraordinario neste Imperio, o Exm. e Rm. Snr. Arcebispo de Athenas, Internuncio Apostolico; e para receber o que cada um de Vós quizer dar, amados Filhos, segundo as vossas posses, e a vossa charidade, nomearemos nesta Capital duas Commissões, uma de Ecclesiasticos, e outra de Seculares, cujos nomes faremos convenientemente chegar ao vosso conhecimento: e nas outras Cidades e Villas designamos para esse fim os Rdos Parochos das respectivas Freguezias, os quaes em seu auxilio tambem poderão nomear Commissões.

Mostrai, amados Filhos, á face das Igrejas a vossa charidade, e ficai certos, de que Aquelle, que dá cento por um, vos ha de recompensar com mão larga o beneficio, que fizerdes ao Chefe da Igreja, que cede todo em beneficio da mesma Igreja e da Religião.

Não exigimos de Vós, amados Filhos, o menor sacrificio, mas pedimos a todos, aos ricos e aos pobres, que cada um dê o, que quizer, e o que puder, mas livremente. As duas diminutas moedas, que a Viuva pobresinha lançou no gazofylacio, forão avaliadas por Nosso Senhor Jesus Christo em mais do que as grandes offerendas feitas por aquelles, que as podião fazer com profusão. (S. Luc. 21. 1, 2, 3 4.) Assim, agora tambem ha de o Senhor acolher benigno tanto os donativos dos ricos, como os dos pobres, que elles offerecerem de sua propria indigencia, e a todos recompensar abundantemente, porque é fiel em suas promessas, e pontual no seu cumprimento. Dada nesta Cidade de São Luiz do Maranhão, sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armas, aos 13 de Fevereiro de 1861.

Lugar ✠ do Sello. MANOEL, Bispo do Maranhão.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O ECCLESIASTICO.

Trasladação do Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, Bispo do Maranhão, para o Arcebispado da Bahia.

Por decreto de 5 de Janeiro deste anno foi o Exm. e Revm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, Bispo do Maranhão, trasladado para o Arcebispado da Bahia.

A reconhecida illustração, e a grande e bem merecida reputação scientifica, de que goza S. Exc. Revm.ª e que o tem feito recommendavel ao paiz, a par das virtudes evangelicas, que ornão seu piedoso coração, forão parte, para que o Augusto Monarcha brasileiro lançasse suas vistas para o Venerando Bispo do Maranhão, e o elegesse para succeder o grande Astro, que acabava de sumir-se no occaso da eternidade; pois que em suas luzes e na sua muita piedade enchergou um Varão eminente, verdadeiramente apostolico, e capaz de conservar tambem a Igreja brasileira na altura da dignidade, que lhe compete, marchando sempre, como seu Metropolita e Primaz, nas vias do Senhor, e convidando o Episcopado brasileiro, para, em unidade de pensamento, se dirigir ao fim commum—o bem espiritual das ovelhas desta feliz terra de Santa Cruz, e encaminhar, como um phanal de luz reverberante, as almas e as consciencias de toda a grei catholica, seus filhos em Jesus Christo.

Estas nossas ideas por certo, que não carecem de mais provas: Chegou á côrte na noite de 3 de Janeiro o vapor inglez, portador da fatal noticia do fallecimento do Exm. Arcebispo da Bahia; correu ella pela cidade todo o dia 4, e no dia 5 foi eleito o Successor—7 dias depois do fallecimento do Antecessor!

Logo que chegarem as Bullas de confirmação, S. Exc. Revm.ª seguirá seu destino.

Na Bahia, como no Maranhão, seu genio activo e amante das lettras e da sciencia de Deos, seguindo os traços de seu distincto e nunca assás chorado Antecessor, dará o possivel impulso á educação e instrucção do Clero; e amigo dedicado ás cousas da Igreja não cessará por certo de promover-lhe o possivel melhoramento, secundando assim as vistas do Governo, e preenchendo a expectativa do povo brasileiro, eminentemente catholico em seus sentimentos e em sua dedicação e amor para com os Pastores encarregados de apascentar suas almas com a nutrição espiritual.

Logo que constou officialmente sua eleição, marchou o Illm. e Revm. Cabido e todo o Clero da Cathedral ao paço episcopal, onde, pelo Muito Rev.º Sr. Conêgo Magistral, Dr. Manoel Tavares da Silva, escolhido pelo mesmo para seu relator, foi pronunciada perante o Exm. e Rvm.º Sr. Arcebispo eleito, a allocução, que a baixo se encontra, como uma verdadeira demonstração de seu regosijo por esse fausto acontecimento:

« Exm.º e Revm.º Sr.

« Os Membros da Corporação Capitular desta Diocese, commovidos e cheios do mais profundo pezar pelo infausto passamento do Virtuoso e Sabio Metropolita da Igreja Brasileira, o Exm. e Revm.º Snr. Arcebispo da Bahia, Marquez de Santa Cruz, vem misturar com as de V. Exc. Revm.ª as bem merecidas lagrimas da dôr e saudade, que a todo o paiz, e particularmente á Igreja, deve ter causado o desapparecimento de tão brilhante estrella, que, perfeito Successor do Apostolo, sempre fulgurou como verdadeiro luzeiro da sciencia e da Fé. Lamenta com V. Exc. Revm.ª a dupla orphandade da Igreja e das Letras.

« Mas, Exm. e Revm.º Snr. ao mesmo tempo, que a Divina Providencia, que incessantemente véla pelo destino seguro da sua Igreja, considerou contados tão preciosos dias, cujas horas forão marcadas por outros tantos actos de Virtude e de justiça, não se esqueceu, que o astro, que ia occultar-se no occaso da vida, devia dignamente ser succedido por outro, que já fulgurante, não menos virtudes e saber profundo offerece, como fiel penhor de uma nova e esclarecida éra para o engrandecimento e segurança da bella Igreja do Brasil.

« Este Astro, Exm. e Revm.º Sr. é com orgulho, que o diz a Corporação Capitular, é V. Exc. Revm.ª, que designado pelo Espirito Sancto pelo ministerio do Augusto e Magnanimo Monarcha do Brasil, vae occupar a primeira e a mais eminente Dignidade Ecclesiastica do Imperio da Santa Cruz; e que tendo por espaço quasi de nove annos sabiamente regido e guiado o Rebanho Maranhense, aonde, como sempre, soube V. Exc. Revm.ª apresentar-se inimitavel modêlo de virtudes, amôr, dedicação, sabedoria e justiça, grangeou os mais sinceros e filiaes affectos não só da Corporação, que hoje tem a honra de saudar a V. Exc. Revm.ª pela tão acertada escolha do Augusto Monarcha Brasileiro, e á qual procurou elevar, como seu Digno Chefe, mas de toda a Diocese, cuja gratidão a tantos beneficios, e que por tantas vezes liberalizou, se acha estampada na saudade, que, com os Membros da Corporação Capitular, resumbra nas suas faces, entristecidas pela prematura e sentida viuvez e orphandade, em que ficará a Igreja Maranhense.

« Digne-se, pois, acceitar V. Exc. Revm.ª os protestos da mais firme adhesão da Corporação Capitular aos sentimentos bem distinctos de consideração e amor, que sempre como Pai e como Chefe V. Exc Revm.ª lhe consagrou, e os seus mais sinceros e verdadeiros emboras pela tão justa, quam merecida e nunca assás louvada nomeação, que as luzes, virtudes, e a justiça de V. Exc. Revm.ª souberão grangear; restando á esta Corporação a viva saudade do precioso thesouro, que com V. Exc. Revm.ª se apartará do seu seio, e cuja falta sempre sentirá.

« Sala das Sessões Capitulares na Cidade de S. Luiz do Maranhão 22 de Janeiro de 1861. (Assignados).

O Arcediago, Presidente do Cabido, *Antonio Lobato d'Araujo*—O Arcipreste, *Candido Pereira de Lemos*—O Chantre *Manoel Pedro Soares*—O Mestre-Escola *Luiz Raymundo da Costa Leite*—Os Conegos *Antonio Mauricio da Costa Leite, José Gonsalves da Silva, Raymundo d'Almeida Sampaio, José Antonio da Costa, Joaquim Jeronimo de Castro, Camillo de Lellis de Moraes Rego, Raymundo Alves dos Santos, Eleutherio Marques da Silva Rosa, Magistral Dr. Manoel Tavares da Silva, Joaquim Felix da Rocha, Francisco José dos Reis, Estevão Alves dos Reis.»*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Dias depois dirigio-se a Congregação dos Lentes do Seminario episcopal, presidida pelo Muito Revd.º Sr. Conego Chantre, Reitor e Vice-Director dos estudos do mesmo, para o fim de cumprimentar a S. Exc. Revm.ª pelo mesmo motivo; e em sua presença pronunciou o Muito Revd.º Sr. Conego Magistral, Dr. Tavares da Silva, Lente de Dogma, o seguinte discurso:

« *Exm.º e Revm.º Sr.*

« A Corporação dos Lentes do Seminario Episcopal desta Diocese, compartilhando da geral satisfação, que coube á Igreja e ao Paiz pela tão acertada quão universalmente applaudida escolha, que de V. Exc. Rm.ª fez o Augusto Monarcha Brasileiro para a mais alta e mais eminente Dignidade Ecclesiastica da nossa Igreja, nomeando a V. Exc. Rm.ª Arcebispo Primaz e Metropolita da Igreja do Brasil, vem, cheia de satisfação, applaudir com todos os Brasileiros uma tão nunca assaz louvada escolha, e congratular-se com V. Exc. Rm.ª, que deve ver na alegria, que transparece em todos os semblantes, por um tão bello successo, a justa remuneração aos immensos serviços e beneficios, que como verdadeiro Successor dos Apostolos, tem V. Exc. Rm.ª procurado ao paiz e á Igreja. Incançavel Apostolo da sciencia e das letras, deixa V. Exc. Rm.ª entre nós, sulcos bem profundos, que jamais poderão sumir-se. A Diocese do Maranhão, sempre reconhecida, olhará com verdadeira saudade e admiração para Aquelle, que, com a mais inteira justiça e razão deve considerar como seu Reformador, e que deixa nella actos tão nobres, tão cheios de unção, e immorredoiros, que vivendo steriotypados nas sabias, quão salutares medidas, que a levantárão do marasmo, em que jazia, principalmente das letras, trará á sua memoria o abençoado Nome de V. Exc. Rm.ª, que permanecerá, como formando uma balisa memoravel nos fastos desta Diocese.

Deos, que ha sempre guiado os certeiros passos de V. Exc. Rm.ª como infatigavel Apostolo da Fé, queira multiplicar suas bençãos, e fortalecer a V. Exc. Rm.ª com graças mais abundantes, para que, pelejando no grande lidar do Apostolo, depare com novos motivos, que tornando mais gloriosa a victoria, alcancem a já bem merecida coroa immarcessivel, que só é recompensa dos grandes lidadores; pois que a V. Exc. Rm.ª cabe com toda a propriedade o que do—Bom pastor—diz Jesus Christo, pela bocca do Discipulo amado—*Ego sum Bonus Pastor.... Et veni, ut vitam habeant, et abundantius habeant.*

San Luiz do Maranhão 14 de Fevereiro de 1861. (Assignados) *O Reitor e Vice-Director dos estudos, Chantre Manoel Pedro Soares, Conego Magistral Dr. Manoel Tavares da Silva, Bacharel Antonio Carneiro Homem de Souto-maior, os Conegos Raymundo Alves dos Santos, Francisco José dos Reis, Eleutherio Marques da Silva Rosa, Estevão Alves dos Reis.*»

S. Exc. Revm. com sua costumada affabilidade respondeu a estas felicitações, declarando, com toda a pureza de seu coração, a dôr, que sentia já pelo fallecimento do Exm. e Revm. Metropolita brasileiro, seu amigo particular, já por ter d'ausentar-se do Maranhão, que por todos os motivos lhe será eternamente caro.

Na força da obediencia ás ordens de S. M. o Imperador não poude o distincto Pastor do Maranhão encobrir sua dôr profunda, por ter de retirar-se do seio de suas bem amadas ovelhas; e em presença de todos, que por motivo de sua eleição o tem felicitado, mais d'uma vez tem elle manifestado esse grande sentimento de sua alma, recordando com a sinceridade de um coração agradecido as demonstrações publicas de regosijo e affecto filial, que tem sempre encontrado entre os povos de toda a Diocese, seja nos actos publicos, ou ainda de menor solemnidade, na capital do Maranhão, seja principalmente na maneira distincta como foi recebido em sua Visita episcopal tanto no interior desta provincia, como na capital do Pianhy, onde todos pressurosos, e como á porfia, corrião para vêl-o, obsequial-o, e receber sua benção paternal.

Temos porém profunda convicção, de que servirão de lenitivo ao coração sensivel do Veneraudo Pastor as saudades immorredoras de um justo e bem merecido apreço, que permanecerão gravadas no coração dedicado do Clero e Povo inteiro da diocese do Maranhão, que jamais se esquecerá dos bens espirituaes, e mesmo temporaes, de que tão suavemente gozou durante sua permanencia entre elle.

A eleição do Exm. e Revm. Sr. Bispo do Maranhão, D. Manoel Joaquim da Silveira, para Arcebispo da Bahia, tem sido geralmente applaudida; da nossa parte, não podendo occultar o profundo pezar, que sentimos por sua ausencia, saudamos ao Exm.e Rvm.º Sr. Arcebispo eleito, assim como ao paiz e ás lettras pela maior exaltação do seu Apostolo; saudamos á Igreja brasileira pela eleição do seu decimo oitavo Metropolita e Primaz, e finalmente á Bahia pela feliz acquisição de seu novo Pastor.

O Exm. e Rvm. Sr. Bispo eleito para o Maranhão.

—Por decreto de 5 de Janeiro deste anno foi o Exm. e Rvm.º Snr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, Abbade Geral da Ordem dos Benedictinos da Corte, eleito Bispo desta Diocese do Maranhão, em substituição do Exm. e Rvm.º Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira. Na falta de noticia historica e biographica do novo Prelado, saudamol-o desde já pela eleição, que acaba de receber do Augusto Monarcha brasileiro.

Allocução proferida pelo nosso SS. Padre Pio IX, no consistorio, que teve lugar em Roma no dia 28 de Setembro ultimo.

Veneraveis irmãos.

E' com extrema dôr e com uma profunda tristeza, que somos obrigados a lamentar e a reprovar os novos e inauditos attentados, commettidos contra Nós, pelo governo piemontez, contra esta Sé Apostolica, e contra a Igreja catholica. Sabeis, que aquelle governo, abusando da victoria, que, com o auxilio de uma bellicosa e grande nação, alcançou em uma guerra funesta, alargou na Italia o seu reino contra todos os direitos divinos e humanos, depois de ter excitado os povos á revolta, e, por uma injustiça suprema, banido dos seus dominios Principes legitimos, invadio e usurpou, por um attentado iniquo e verdadeiramente sacrilego, algumas provincias da Emilia, sujeitas á nossa autoridade pontificia.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Ora, em quanto que o universo catholico, respondendo ás nossas muito justas e muito graves queixas, não cessa de fazer ouvir com força a sua voz contra aquella usurpação impia, esse mesmo governo emprehende lançar mão d'outras provincias da Santa Sé, situadas no Picenum, a Ombria e o patrimonio de S. Pedro. Vendo o povo d'aquellas provincias gozar da mais perfeita tranquillidade, e dedicar-se fielmente a Nós, sem que o dinheiro espalhado com profusão, e outros manejos perversos, o podessem affastar e desligar do nosso legitimo governo civil, e de da Santa Sé, então lançou naquellas provincias um bando de homens perdidos para alli excitar as desordens e as sedições, e depois um numeroso exercito armado para atacar aquellas mesmas provincias, e submettel-as pelas armas.

Conheceis muito bem, Veneraveis Irmãos, a carta imprudente, escripta ao nosso Cardeal ministro dos negocios publicos, pelo governo piemontez, para justificar seu latrocinio, não se envergonhando de Nos annunciar nella, que tinha dado ordens ás suas tropas para occuparem as Nossas provincias, se não despedissemos os estrangeiros alistados no Nosso pequeno exercito, unicamente levantado para assegurar a tranquillidade do dominio pontificio e dos povos desse dominio. Nem ignoraes tambem que, quasi no momento, em que essa carta se recebia, forão aquellas provincias occupadas pelas tropas piemontezas. Na verdade, ninguem póde deixar de se sentir profundamente commovido e indignado em presença das accusações enganosas, das diversas calumnias e dos ultrajes, com que aquelle governo não teve vergonha de encobrir a sua impia e hostil aggressão contra a autoridade civil da Igreja romana, e de atacar o Nosso proprio governo.

Quem não ficaria admirado de vêr o Nosso governo reprehendido, por ter alistado estrangeiros no Nosso exercito, quando todos, sabem que não se pode recusar a um governo legitimo o direito de chamar estrangeiros para as suas tropas. Esse direito pertence seguramente, com um titulo mais especial, ao governo da Santa Sé, por isso que o Pontifice Romano, como Pai commum de todos os fieis, não pode deixar de acolher de bom grado a todos aquelles catholicos, que, levados de um zêlo religioso, querem servir no exercito pontificio, e concorrer para a defeza da Igreja. E é necessario notar aqui, que este concurso de catholicos estrangeiros é principalmente devido á malvadeza d'aquelles, que tem atacado o poder civil desta Santa Sé. Ninguem effectivamente ignora, de que indignação e de que luto se cobrio o mundo catholico á noticia da aggressão tão injusta e tão impia, feita contra o dominio desta Sé Apostolica. Pelo que, aconteceu, que immediatamente correu de diversos paizes do mundo christão um grande numero de fieis, por sua propria vontade e com a maior promptidão, para o Nosso dominio pontificio, alistando-se na Nossa milicia, para alli defenderem corajosamente os Nossos direitos, os desta Santa Sé e da Igreja.

Foi porem com uma singular malignidade, que o governo piemontez não temeu dar calumniosamente aos Nossos soldados o nome de mercenarios, aos nossos soldados, dos quaes um grande numero, nacionaes e estrangeiros, filhos de familia nobre, e distinctos pelo seu nome illustre, teem querido servir nas Nossas tropas sem soldo e unicamente por amor pela religião. O governo piemontez não ignora, qual a fidelidade incorruptivel do Nosso exercito, elle que tambem sabe a inutilidade dos manejos perfidos empregados para corromper os Nossos soldados. Nenhuma necessidade ha, para que Nos demoremos em refutar a accusação mentirosa de barbaria lançada contra as Nossas tropas, por isso que os calumniadores não podem produzir prova alguma; e mais ainda, poder-se-hia com bom direito voltar contra elles esta accusação, que plenamente justificarião as atrozes proclamações publicadas pelos chefes do exercito piemontez.

Convem fazer observar aqui, que o Nosso governo não podia ter a menor suspeita daquella invasão hostil, por isso que se lhe assegurava, que as tropas piemontezas se approximavão do Nosso territorio, nunca para invadil-o, mas, para delle afastar os grupos desordeiros. D'esta maneira o General em chefe das Nossas tropas não podia pensar, que tivesse a combater contra o exercito piemontez. Tendo porem as cousas mudado, contra todo o direito e contra toda a expectativa, logo que elle soube da invasão hostil de um exercito evidentemente mais forte e mais numeroso, resolveu sabiamente retirar-se para a cidade fortificada de Ancona, para não expor os Nossos soldados a uma inevitavel morte. Sorprehendido porem na sua marcha pelas tropas inimigas, teve de empenhar a luta para abrir caminho para si e para os seus soldados.

Ao mesmo tempo que dispensamos tão merecidos e devidos elogios ao dicto General em chefe das Nossas tropas, aos seus officiaes e soldados, que, atacados de improviso pelos inimigos, combatêrão corajosamente, ainda que com forças desiguaes, pela causa de Deos, da Igreja, d'esta Sé Apostolica, e da justiça, podemos apenas conter as Nossas lagrimas, sabendo quantos valorosos soldados, principalmente mancebos de distincção, que a sua fé e o seu nobre valor tinhão feito correr á defeza do poder temporal da Igreja Romana, se achão mortos em consequencia d'essa injusta e cruel invasão.

Commove-Nos alem disso dolorosamente o luto, que vai cobrir as suas familias. Queira Deos, que as Nossas palavras possão fazer sarar as feridas, que isto produz em suas familias.

Para ellas será pelo menos, temos toda confiança, um objecto de consolação a menção honrosa tão merecida, que aqui fazemos de seus filhos e parentes mortos, pelo brilhante exemplo de fé, dedicação e amor distincto para comnosco e esta Santa Sé, que derão ao mundo christão immortalizando o seu nome. Mantemos alem disso a esperança, de que todos os, que gloriosamente succumbirão pela causa da Igreja, encontrárão a paz e a benção eterna, que pedimos, e que não deixaremos de pedir a Deos, tão bom e tão grande.

Devemos igualmente fazer aqui elogios aos Nossos caros filhos os Governadores das provincias de Urbino, Pesaro e de Spoleto, que no meio desta triste vicissitude dos tempos, cumprirão constante e corajosamente com os seus deveres.

Agora, Veneraveis Irmãos, quem poderá jamais supportar a impudencia e insigne hypocrisia, com que os Nossos criminosos invasores não receiárão affirmar nas suas proclamações, que vinhão ocupar as Nossas provincias e outras da Italia, para alli restabelecer o principio da ordem moral?

E aquelles, que teem esta linguagem mysteriosa, são precisamente os mesmos, que, fazendo de ha muito tempo uma guerra encarniçada á Igreja Catholica, aos seus ministros e aos seus interesses, e desprezando manifestamente as leis e censuras ecclesiasticas, ousárão prender os mais illustres Cardeaes da Santa Igreja Romana, os Bispos, e os membros mais notaveis de um e outro clero, expulsar os religiosos dos seus conventos, pilhar os bens da Igreja, e devastar o dominio temporal d'esta Santa Sé.

Os principios da ordem moral vão sem duvida ser restabelecidos por aquelles, que abrem escolas publicas para todos os erros, e estabelecem até casas de devassidão; que por meio de abominaveis escriptos e peças de thea-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

tro se esforção por offender todo o pudor e vergonha, fazer desapparecer toda a honestidade e virtude, entregar á irrisão e ao desprezo os mysterios sagrados da nossa divina religião, os seus sacramentos e preceitos, as suas instituições, os seus ministros, os seus ritos e as suas ceremonias, finalmente abolir toda a noção de justiça, subverter e lançar por terra não só os fundamentos da sociedade civil como os da sociedade religiosa!

Em presença desta injusta e odiosa invasão dos Nossos estados temporaes, e desta Santa Sé, pelo soberano do Piemonte e seu governo, verificada contra todas as leis da justiça e contra o direito internacional, em cumprimento do Nosso dever levantamos de novo e com força a voz, como temos direito, no seio d'esta augusta assemblea, e perante todo o universo catholico; reprovamos e condemnamos em todo os detestaveis e sacrilegos attentados d'aquelle Rei, e de seu governo: condemnamos inteiramente, e declaramos nullos e de nenhum effeito todos os seus actos; protestamos com energia, e não cessaremos de protestar pela integral manutenção do poder civil, de que goza a Igreja Romana, e dos seus direitos, que pertencem a todos os catholicos.

Não podemos porem dissimular, Veneraveis Irmãos, a profunda amargura, que nos opprime, vendo que, em consequencia de diversas difficuldades, desejemos ainda o apoio estrangeiro contra essa criminosa e por demais execranda invasão. Vós conheceis muito bem as declarações reiteradas, que Nos tem sido feitas por um dos mais poderosos principes da Europa. Todavia, emquanto que ha muito tempo esperamos o effeito relativo, não podemos deixar de soffrer agonias crueis, vendo os autores e factores dessa nefanda usurpação perseverar e avançar audaciosa e insolentemente no seu detestavel projecto, como se tivessem a certeza, de que ninguem effectivamente se oppunha a elles.

Esta perversidade chegou a ponto de que, tendo as tropas do exercito piemontez sido mandadas quasi até aos muros desta Nossa Cidade Santa, ficou interrompida toda a communicação, compromettidos os interesses publicos e particulares, interceptados os comboyos, e, o que ainda é mais grave, o Pontifice supremo da Igreja Universal reduzido á triste situação de não poder, senão difficilmente, prover aos interesses da Igreja, segundo suas necessidades, por isso que sobretudo se coarctavão as vias de communição com o resto do mundo. E' por isso que, no meio destas grandes angustias, em presença de uma situação tão perigosa, facilmente comprehendeis, Veneraveis Irmãos, que Nos vemos na triste necessidade de Nos occupar, a Nosso pezar, das medidas opportunas, que devemos tomar para resalvar a Nossa dignidade.

No entretanto não podemos abster-Nos de lamentar, entre outras cousas, esse funesto e perigoso principio, chamado de *não intervenção*, que, ha pouco tempo, alguns governos proclamão e põem em pratica, com a tolerancia dos outros, mesmo quando se trata da injusta aggressão de um governo contra outro, a ponto de parecer sanccionada uma especie de impunidade e licença, contra todas as leis divinas e humanas, aos ataques e á expolição de direitos alheios, de propriedades e dos proprios estados, como somos testemunhas n'estes infelizes tempos. E é seguramente extraordinario, que se permitta impunemente ao governo piemontez desprezar e violar um semelhante principio, quando o vemos, com um exercito armado, e toda a Europa contemplando, fazer uma irrupção contra os estados de outrem, e delles banir os principes legitimos, do que segue-se o pernicioso absurdo de que, certamente não se permitte a intervenção estrangeira, senão para provocar e manter a rebellião.

E' isto, que nos offerece uma occasião favoravel para instar com todos os principes da Europa, afim de examinarem seriamente, com toda a madureza e sabedoria dos seus conselhos, quaes são os grandes e innumeraveis males, que se accumulão no detestavel acontecimento, que deploramos. Trata-se effectivamente da mais monstruosa violação, criminosamente consummada contra o direito universal das gentes, e que, se não for completamente comprimida, não restará mais força nem alguma segurança a qualquer direito legitimo.

Trata-se de um principio de rebellião, que vergonhosamente favorece o governo piemontez, e que facilmente dá a entender, qual é o perigo, que todos os dias ameaça qualquer governo, e qual é o flagello, que resulta para toda a sociedade civil, por isso que desta maneira abre uma estrada para o fatal *communismo*. Trata se da violação de convenções solemnes, que assim como nos demais estados europeus, exigem nos dos Dominio Pontificio integridade e manutenção inviolavel. Trata-se da violenta expoliação d'esse poder, que por uma singular disposição da Providencia Divina, foi dado ao Pontifice Romano, para exercer com plena liberdade o seu ministerio apostolico em toda a Igreja. Esta liberdade deve excitar muito a soberana sollicitude de todos os principes, para que o proprio Pontificie não obedeça ao impulso de qualquer poder civil, e assim a tranquillidade espiritual dos catholicos, que habitão nos estados dos mesmos principes, esteja ao abrigo de todos os perigos

Assim, os grandes principes devem ter a convicção, de que Nossa causa está intimamente unida á sua, e que vindo em nosso soccorro hão de salvar tanto os seus direitos como os Nossos.

E' por isso, que os exhortamos, e pedimos com a mais viva confiança, a conceder-Nos a sua assistencia, cada um segundo o seu poder, e não duvidamos, que, particularmente os principes e os povos catholicos, ponhão em obra todos os seus cuidados, para ajudar, segundo o commum dever, o Pai e o Pastor de todo o rebanho do Senhor, e que elles se apressem a defendel-o e protegel-o por todos os modos contra o assalto, com que o accommettem as armas parricidas d'um filho ingrato.

E como vós sabeis, Veneraveis Irmãos, que devemos pôr toda a Nossa confiança em Deos, que é o Nosso refugio e o Nosso soccorro nas Nossas attribulações, que fere e cura, açouta e sara, mortifica e vivifica, leva aos infernos e retira, não cessemos, com toda a fé e humildade do Nosso coração, de elevar as mais assiduas e fervorosas supplicas diante d'Elle, implorando sobretudo a efficacissima protecção de Maria Virgem, Santissima e Immaculada Mãi de Deos, e a intercessão dos bemaventurados Pedro e Paulo, afim de que exercendo o poder do seu braço, confunda a soberba dos seus inimigos, triumphe d'aquelles, que Nos atacão, humilhe e destrua todos os inimigos de sua santa Igreja, e que pela virtude toda poderósa da sua graça, conduza ao arrependimento o coração de todos os prevaricadores, para que a santa Igreja, nossa Mãe, possa alegrar-se promptamente da sua conversão tão vivamente desejada.

Protesto do governo pontificio.

Ha pouco, que a Santa Sé se queixou da violenta invasão realizada em varias provincias dos estados pontificios, depois do que se verificou nas Romanias, por um governo vizinho, que, dominado pela extravagante ambição de tornar um reino seu a Italia inteira, com os despojos das outras soberanias legitimas, tratou, e continúa a tratar, de consummar os seus perversos designios, ignorante e desprezador de todos os direitos, como quem não reconhece termo ao seu desordenado espirito de usurpação.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Depois de se ter apoderado das Marcas, da Ombria, e de uma parte do patrimonio, com a mais hostil violencia e uma guerra, digna de ser citada entre as mais monstruosas piratarias, o governo piemontez procura tranquillizar agora a medida de suas violações da soberania pontificia, graças ao insigne abuso já commettido por elle nas comarcas anteriormente usurpadas, tentando fingir uma manifestação da vontade nacional, imaginando, que assim julga crear um titulo verdadeiro para legitimar a annexação do territorio usurpado com desprezo dos direitos adquiridos.

Baldado seria consignar aqui os artificios tão fraudulentos como ignobeis, com que se tem preparado e organizado sempre essas irrisorias appellações para a vontade popular, verdadeira tyrannia, que audazmente se trata de fazer apparecer como resultado da livre manifestação dos desejos do povo. Isto está já notoriamente demonstrado, ainda que por outro lado, o que importa qualificar e apresentar neste momento, não é a maneira, com que se exhibe esse voto abusivo. O que primeiro que tudo importa vituperar e reprovar altamente é essa desordem de todos os principios, com que se pretende introduzir no moderno direito internacional um elemento eminentemente revolucionario e destruidor de todos os titulos de legitima soberania.

Mas sejão quaes forem a este respeito as opiniões de um governo, que, intimamente ligado com a revolução, lhe presta apoio como promotor e caudilho, de toda a maneira o principio, que se pretende introduzir, acha-se plenamente condemnado pelas leis immutaveis da justiça, pelas maximas geraes do codigo das nações, pelas razões fundamentaes da ordem civil e social, e finalmente pela consciencia de todo o povo constituido. E certamente, se tão estranho principio chegasse a prevalecer, qual seria a soberania, por mais profundo que fosse o seu direito, que se pudesse julgar isenta do perigo de ver-se arbitrariamente, e quando menos se esperasse, transtornada e destruida? A que fataes incertezas não ficarião constantemente expostos os governos, e com elles todo o mundo civilizado, sujeitos ao influxo de um principio por sua propria natureza tão fecundo em agitação, em turbulencias e desordens, capazes de produzir uma confusão universal?

Fundado nestas graves considerações, ve-se o governo de Sua Santidade na posição de protestar contra o abuso commettido (e que continúa a commetter) pelo governo usurpador, a favor dessa supposta appellação para o voto das povoações afim de decidir da sorte dos soberanos: abuso equivalente a proclamar um principio, que audazmente annulla os direitos e as prerogativas de todas as soberanias legitimamente fundadas, principio que desafia e frustra a lei, que, sob a fé dos tratados solemnes e pactos internacionaes, rege o governo dos estados; tende a transtornar as maximas eternas e invariaveis da equidade: e erigindo em direito a occupação (monstruosa pretenção por certo!) inocula na sociedade um germen de funestas inquietações e desordens.

Os testemunhos de energica reprovação, com que os demais governos da Europa tem condemnado a politica do prevaricador do Piemonte, e a attitude usurpadora, que mantém, assim nos estados da Santa Sé, como nos demais da Italia, não deixão duvida, de que se achão plenamente de accordo com este protesto, que hoje faz o governo pontificio, em apoio e defeza da soberania temporal do Summo Pontifice, contra o proceder cada vez mais criminoso do usurpador, por isso que este prosegue em suas audazes e horriveis invasões nas provincias acima indicadas, como já o tinha feito nas comarcas da igreja, de que anteriormente se apropriou.

Deve portanto esperar-se, que os governos mencionados estejão promptos a prestar efficaz apoio ás reclamações de Sua Santidade, assim como tambem a manter o pleno direito, que a este governo assiste, para tornar responsavel o soberano da Sardenha, e seus ministros, de todos os prejuizos, que se seguirem da invasão hostil effectuada e perpetrada nos estados da Santa Sé, e para pedir completa restituição de tudo aos invasores.

Nesta plena confiança e firme persuasão, o Cardeal abaixo assignado, Secretario de estado de Sua Santidade, convida-vos a communicar ao vosso governo a presente nota, etc. etc.

Novembro 4 de 1860.

Cardeal *Antonelli*.

(*Continuação das cartas do Licenciado José Raymundo da Cunha*).

(Vem do n.º 199.)

Collegio Sul-Americano em S. Andrea della Valle.
Roma 26 de Novembro de 1860.

MEU TIO.

—A 10 lhe escrevi pelo vapor francez, agora o faço para responder ás suas duas cartas.

.....

O Santo Padre Pio IX, não obstante os tempos tão climatericos e tão terriveis, por que passa, não se deixa absorver pelos negocios temporaes; elle tem sempre diante de si que primeiro é Pontifice, e, por ser Pontifice da religião catholica, é Rei, seus cuidados mais extremos são pois pelo bem da religião, de quem é elle tão digno chefe.

Não obstante, pois, como lhe dizia, de ter de lutar com difficuldades capazes de fazer perturbar a outro qualquer espirito, que não fôra o de Pio IX, não obstante verem-se reduzidos seus estados, digo mal, o patrimonio de S. Pedro, de que elle é zelador, e de cuja integridade se responsabilizou por juramento, no acto de sua consagração, a uma porção tão mesquinha de 46.000 almas (tantos são os seus subditos actualmente) e o que mais é, sendo tantas as almas, que se abysmão todos os dias, a todas as horas e momentos, na voragem insondavel da perdição, seu coração não hesita, seu espirito não se empina, sua vontade não vacilla, ao contrario como os corpos, que, expostos ao rijo soprar da tramontana, se tornão mais duros e solidos, assim Pio IX, rodeado de tantas tribulações, solidifica cada vez seu espirito, a sua serenidade não ha quem perturbe, sua alegria não ha quem transtorne, sua confiança na Virgem immaculada, cujo dogma elle proclamou, não ha quem diminua: sua attenção perspicaz busca, onde males suavisar, onde necessidades occorrer, e desordens apasiguar; assim é, que, sabendo, que o novo collegio americano do Sul não estava com suas finanças em bom pé (como soe acontecer a estabelecimentos, que apenas se fundão, e que no principio pela razão das cousas tem que soffrer seus obstaculos) quiz vir immediatamente em seu auxilio, mandou chamar o nosso Padre Reitor, e lhe offereceu, para fazer cessar os embaraços do collegio, a somma não pequena de 1.000 escudos romanos.

Que quadro tão arrebatador! de um lado o poder do inferno priva o Santo Padre dos meios de satisfazer a suas immensas necessidades, arrancando á obediencia do rei mais clemente e mais justo que existe sobre a terra, as provincias a elle por um direito sanccionado por tantos seculos sujeitas, por outro o mundo catholico, que, conhecendo das emergencias do chefe supremo da Igreja, afanoso corre em seu auxilio, larga e copiosamente derramando a seus pés os seus thesouros (não exceptuando a America Meridional do Chili e Bolivia, donde pelos cuidados de Monsenhor Eyzaguirre acaba o Papado de receber 28,000 escudos romanos) por outra finalmente o mesmo

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Papa, como que humilhado, esquecendo-se de si mesmo beneficiar a outros!

Santa religião do Crucificado! só tu podes encerrar em teu seio tão sublimes virtudes! quem ousará mais negar tua origem divina, se tu és obra do mesmo Deos! Humilhai-vos, poderes da terra, que o Crucificado reina e reinará—*et portæ inferi non prævalebunt adversus eam.*

A obra iniqua operada pelo Piemonte, que se constituio protector e garantidor da revolução, acarreta e produz de dia em dia males infindos, a população das provincias usurpadas é opprimida, e a sua vontade suffocada, o clero então é a victima quotidiana; independente das vexações, que sob diversos pretextos o Episcopado e o restante clero soffre, o Commissario da Umbria, Pepoli Napoleão, acaba, de publicar um ukase, no qual impõe uma taxa gravosissima de 2|100 sobre todos os bens ecclesiasticos possuidos por titulares, casas e Corporações religiosas, que se deve pagar dentro deste anno, e isto alem do augmento de decimas sobre todos os bens urbanos e ruraes de todo e qualquer proprietario.

—Os pobres soldados Pontificios, feitos prisioneiros pelo Piemonte, recusandó arrolar-se no exercito sardo, por permanecerem fieis a seu legitimo soberano, forão tratados da maneira a mais vil em Alexandria; em postergação de todas as leis militares, mandados ha dias uns 400 com guia para Roma, forão, apenas chegados a Spoleto, encerrados de novo na fortaleza daquella cidade, onde são tratados com toda dureza e ultrajados em sua honra militar; a 17 forão postos em liberdade 80 dentre elles, mas, não obstante a guia, que trouxerão do Piemonte, que dizia — para Roma—soltarão-nos com a condição de voltar cada um á sua casa, prohibindo-se-lhes absolutamente o vir a Roma.

E' assim, que um paiz, como o Piemonte, que se vangloria e faz alarde de ser paiz de liberdade, e de querer communicar a toda a peninsula italiana tal bem, é assim, que exercita a liberdade, que possue? Em Napoles o general de suas tropas não se peja de, em uma sua proclamação, que fuzilava (não promettia ou ameaçava fazer, mas contava o feito) todos os camponezes, que encontrasse com armas na Umbria, tratar como a escravos os soldados de um soberano como o Papa. E digão, que não tinha razão, e se não era uma verdade o, que dizia ha mezes o General de Lamoricière, quando em uma sua proclamação declara tomar o commando das tropas do Papa:—temos que combater soldados com o Islamismo desenfreado!—a prophecia averiguou-se.

Em meio porem de tantas angustias, que affligem por demasia o paternal coração do Santo Padre, a Providencia divina, que vela sobre o Cabeça do catholicismo na terra, lhe ministra outros especificos com que dulcificar sua dor: Em Roma fundou-se uma sociedade com o fim de recolher o antigo obulo de S. Pedro, a qual o Papa dignou-se elevar á confraria central; ella ja tem aggregadas a si outras muitas de diversos paizes, que se dirigem ao mesmo scopo, e, ultimamente recebida pelo Santo Padre, depositou em suas mãos 11:500 escudos, offerta dos Romanos nestes dous mezes, e elle a enriqueceu de muitas indulgencias e favores.

—Na Allemanha o enthusiasmo e o movimento em favor do Papa, mesmo entre os Protestantes, é o mais vivo possivel: eis como se exprime um correspondente da *Gazete de Liège:*—Em meio dos dolorosos acontecimentos, que continuão a affligir o coração de todo o catholico sincero, é consolador seguir com o olhar attento o movimento religioso, que se opera entre um notavel numero de Protestantes da Allemanha. No meio daquella multidão de seitas racionalistas e atheas, que a reforma do seculo decimo sexto produzio, uma parte mui notavel ha, como por milagre, conservado os principios fundamentaes do christianismo, resto de crenças catholicas, destinado como a arca santa a salval-os do diluvio da descrença e do materialismo, que parecem submergir a Allemanha protestante.»

A nobre conducta, que o augusto Cabeça do catholicismo oppõe aos actos de barbaria e miseria, de que se torão culpados povos e soberanos, dispertou este partido principalmente o dos—*antigos lutheranos.*—

Se se leem seus principaes orgãos—a *Nova Gazeta da Prussia,* e outras—fica-se attonito de ver, sob que ponto de vista são consideradas as ardentes questões do dia.

O poder temporal de Papa, e em geral os principios conservadores do catholicismo, são tratados com tal justiça e imparcialidade, que se creria muitas vezes ouvir catholicos defender sua causa, e não homens nascidos adversos á nossa santa religião. Não é mais o *Ante Christo,* como era costume chamal-o, mas sim o Representante de Jesus Christo, que estes protestantes e crentes veem na pessoa do successor de S. Pedro, no immortal Pio IX.

Nós não queremos certamente escusar, e muito menos justificar os attentados, que se commettem na Italia em nome da liberdade contra a autoridade e os poderes existentes. Mas em meio de todas estas ignominias, se descobre a acção de um Deos justo e vingador do abuso, que estes povos tem feito das graças do Ceo: e Aquelle, que sabe tirar o bem do mal, ha tambem permittido estes horriveis excessos, para abrir a verdade aos olhos de muitos homens mais dignos de seus beneficios. Já os symptomas, que parecem prognostica, á Igreja catholica uma éra nova de conquistas pacificas, não faltão certamente nestes tempos. Nada mais nos anima e mantem nesta doce esperança, que a communicação feita na ultima assembléa geral dos catholicos da Allemanha pelo Director Michelis, cura de Abalhun, na Westephalia.

Foi em uma reunião particular da secção instituida para occupar-se das diversas necessidades das missõs catholicas, que o Sr. Michelis, fallando da associação de S. Bonifacio, fez allusão a uma conferencia, que houve em Erfurt a 21 e 22 de Agosto passado (de que já lhe fallei em uma de minhas ultimas cartas). Animados do desejo de operar uma sincera união entre todos os christãos, que não tem de todo abdicado toda a fé positiva, alguns catholicos se hão posto em relações directas com theologos e leigos distinctos d'entre os protestantes. Em Erfurt se fixárão as regras preliminares, que serviráõ de base a ulteriores trabalhos, e dentro em pouco serão feitos os convites para uma nova conferencia, que terá muito mais vastas proporções. Não é mister dizer, que não se trata aqui de uma simples reconciliação sobre o terreno do indifferentismo. O que nós aqui vemos são homens

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

de caracter, cuja fé e virtudes estão a toda prova, os quaes estão combinando seus esforços, a fim que catholicos e protestantes se estendão a mão para o fim da commum defeza de seus bens os mais preciosos.

O Sr. Michelis faz sobre tudo notar, quanto a actual epocha seja propria para uma tal união: sendo que os manejos de Garibaldi e a inamovivel firmeza do Papa pôem mais que nunca em evidencia a necessidade, por todas as relações humanas, deste grande centro de unidade representado pelo Santo Padre. Não podendo as cousas ficar, como forão até o presente, era preciso, que um primeiro passo fosse dado. Queira Deos acompanhal-o com sua graça, protecção e benção.

Ainda sobre este respeito se lê na *Armonia*, jornal de Turim: — Os catholicos da Allemanha serrão cada vez mais suas filas: a reunião geral das associações catholicas, feita em Praga, foi um unanime protesto contra aquella insurreição doutrinal, que quer destruir os fundamentos da sociedade. Novas associações, entre as quaes mencionaremos a -*Obra de S. Miguel*—em defeza da Santa Sé, vem reforçar as, que já existião. Estes sentimentos se manifestão por via de demonstrações, que não deixão lugar a equivocos. O *Wolkafrennd de Vienna*, e o *Mercurio de Munster*, na Westephalia, propuzerão uma subscripção para offerecer ao aguerrido General de Lamoricière uma espada de honra, e suas listas se cobrem de milhares de assignaturas.

O protestantismo se move desta vez, e começa a reconhecer, que o poder temporal do Papa é mais que um resultado de um desenvolvimento historico ordinario (como muitos erradamente creem) e que não poderia desapparecer sem transformar a ordem social. Confessa publica e solemnente, que este poder é a consequencia do dominio do christianismo na Europa, e começa demais a descobrir nas actuaes desordens os tristes fructos da reforma do seculo XVI.

Porem o que excede a tudo isto, o que enche de nobre e verdadeiro prazer a santa alma de Pio IX, e o que mostra, que a Igreja catholica do seculo XIX é a mesma do primeiro, na sua juventude nada accrescentou, nada diminuio do que tinha e do que recebeu do seu divino Instituidor ao seu nascer, e o que mais confirma o dito de Tertulianno, que a comparava ao sol, que depois de ter feito sua rotação, e alluminado uma parte do mundo, retira seus raios desta, e os vai estender em outra, é o movimento religioso, que determina a Bulgaria a voltar á unidade catholica. Em quanto a Italia perde o, que com mão tão prodiga a Providencia lhe havia conferido, e o facho resplandecente da cadeira de S. Pedro se amortece, com mais brilho começa a resplandecer na Bulgaria, que ha tantos seculos vivia sepultada nas trevas mais profundas do erro, da perdição e da morte.

Eis como os jornaes fallão desta tão feliz acquisição, que faz a Igreja catholica, entre elles o *Ami de la Religion* de Pariz: Ha mais de mil annos, que o Pontifice S. Nicoláo I mandou á Bulgaria annunciar a fé os Santos Cyrillo e Methodeo, que se tornárão Apostolos. O scisma grego, separando violentamente tantos povos do centro do catholicismo, acarretou tambem os Bulgaros, que de então obedecem ao Patriarcha scismatico de Constantinopla. O Senhor pelas vias inexcrutaveis de sua misericordia, parece haver feito chegar o momento de reconduzil-os aos pés do Successor daquelle grande Pontifice, cuja memoria entre elles não poude apagar nem a perseguição nem o fanatismo, e cujo nome é abençoado nos paizes bulgaros. Os catholicos de todo mundo acolhem a grande nova com expansão de alegre coração, e a oração de cada um acompanhará os votos, a fim que os obstaculos, que se possão apresentar, sejão pela virtude do Omnipotente desleitos e abatidos.

Os deputados de toda Bulgaria reunindo-se assignárão uma proposta, que, ao dizer dos jornaes, se propõem a mandar a Roma por meio do Vigario Apostolico Patriarchal dos latinos em Constantinopla. Nella rememorando os titulos, que os induzem a reconhecer como Mãi a Igreja Catholica, Apostolica, Romana, professão plena e sincera obediencia á Santidade de Nosso Senhor, Papa Pio IX, e a seus Successores e Delegados Apostolicos.

Assim Roma está prestes a ver quatro milhões de seus filhos, que do seio lhe forão arrancados pelo scisma, voltar, e depois de havel-os visto desviados do verdadeiro caminho, e trilhando a estrada do erro, se encherá de prazer vendo-os de novo entrar na via da verdade e da vida, por onde as nações chegão aos destinos eternos.

—Acha-se em Roma a Rainha, viuva do Rei Fernando de Napoles, Pai do actual, sua chegada é assim annunciada no jornal de Roma: «Terça-feira 20 do corrente, ás 5 da tarde, vinda de Gaeta, chegou improvimente de Gaeta á Civita-vecchia S. M. a Rainha viuva, de Napoles, com o nome de Condessa de S. Cecilia, acompanhada da maior parte dos Principes e Princezas reaes, seus filhos, e sequito, donde se dirigio a esta cidade. Encontrada na estação da estrada de ferro pelo Exm. e Rvm. Sr. Cardeal Antonelli, Secretario de Estado, e Monsenhores Stella e Ricci, camareiros secretos de sua Santidade, conduzirão SS. MM. a allojar-se no palacio Apostolico do Quirinal, que Sua Santidade fez pôr immediatamente á disposição dos reaes hospedes».

Monsenhores Maggiordomo e Mestre de camara forão logo ao palacio a cumprimentar S. M. em nome do Santo Padre.

A 21 Sua Santidade, precedida de sua nobre côrte, ás 3 1|2 da tarde dirigio-se a visitar a Rainha viuva, que desceu a encontral-o ao pé da escada com toda a augusta familia. Entrados, o Santo Padre se demorou em larga conversação com S. M. e com os Principes e Princezas reaes seus filhos.

Por hoje basta; não lhe posso ser mais extenso desculpe-me.

Adeos, meu Tio.

Seu sobrinho &

José Raymundo da Cunha.

Redactor

O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 — por anno - Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO. 1860.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX. **O ECCLESIASTICO.** N.º 203.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.MO SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

SEGUNDA-FEIRA 4 DE MARÇO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

3.ª SECÇÃO.—*Ministerio dos Negocios da Justiça. Rio de Janeiro 14 de Dezembro de 1860.*

Exm. e Rvm. Senr.—Fiz chegar á presença de S.M.o Imperador o officio de V. Exc. com data de 15 de Setembro ultimo, consultando, se o Aviso de 23 de Maio de 1842 revogou a Provisão Regia de 18 de Junho de 1793, que mandou executar n'esse Bispado o Decreto de 24 de Abril do dito anno, determinando, que as demissões e renuncias de quaesquer Igrejas ou Beneficios do Ultramar se pudessem fazer nas mãos dos respectivos Bispos; e o mesmo Augusto Senhor, Ouvindo o Conselheiro Consultor dos Negocios Ecclesiasticos, manda declarar a V. Exc., em resposta ao seu citado officio, que o Aviso, á que se refere, não fez mais do que restabelecer a doutrina geral e nunca contestada a respeito das renuncias, a qual não ficou invalidada pela excepção, que, por motivos de favor á Religião, estabeleceu a Provisão Regia de 18 de Junho de 1793, expedida em virtude da posição especial, em que então se achavão as Igrejas, de que trata, e não para constituir direito em prejuizo da inspecção civil sobre renuncias de Beneficios.

Deos Guarde a V. Exc.—*João Lustosa da Cunha Paranaguá.*—Sr. Bispo do Maranhão.

O ECCLESIASTICO.

Felicitação ao Exm. e Rvm. Sr. Arcebispo eleito da Bahia.

—No dia 21 de Fevereiro passado chegou a esta capital o Muito Revd.º Sr. Conego Henrique de Sousa Brandão, Vigario geral do Arcebispado da Bahia, e Lente de liturgia do respectivo Seminario, em commissão do Illm. e Rvm. Cabido Metropolitano, com o fim de cumprimentar o Emx. e Rvm. Sr. Arcebispo eleito para a Bahia. S. Senhoria foi hospedado por S. Exc. Rvm.ª em cujo palacio residio, e onde foi cumprimentado pelos Membros do Cabido desta capital, durante os dias, que aqui permaneceu, dignando-se de receber a todos com muita affabilidade e cortezia, revelando dessa arte fino tracto e muita polidez. O Rvm. Snr. Conego Sousa Brandão captivou a todo o Clero, que o visitou, e de sua parte confessou-se por demais penhorado para com todas as pessoas, com quem relacionou-se, declarando em sua retirada, que levava comsigo verdadeiras saudades do Maranhão. Ao embarcar no dia 28, de volta para a Bahia, foi elle acompanhado até a rampa, e mesmo até a bordo, pelos Rvms. Srs. Capitulares.

Desejamos-lhe uma prospera viagem.

Trasladação do Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, Bispo do Maranhão, para o Arcebispado da Bahia.

E' ainda sob esta epigrafe, com que publicámos o nosso artigo do numero passado, que continuaremos a mesma materia, transcrevendo para o nosso jornal os artigos, que por tal motivo forem publicados, e que chegarem ao nosso conhecimento, como os que abaixo se encontrão. Temos intima convicção, de que com isso daremos ainda maior apreciação á elevação do nosso Exm. Prelado Diocesano á eminente Dignidade de Arcebispo da Bahia e Primaz da Igreja brasileira, e aos bens. nos leitores outras occasiões de verem mais bem apreciadas (melhor do que pudemos fazer) as qualidades, que ornão o Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, Bispo do Maranhão.

A posição elevada, que Vv.Ss. (*) acabão de tomar na arena do jornalismo brasileiro, em relação á causa dos direitos da Santa Sé, e prerogativas do primado de S. Pedro, e portanto da religião catholica, apostolica romana, ameaçada de golpes profundos pelo schisma impiedoso, que ha servido de bandeira nas actuaes commoções da Italia, os colloca para comigo em tal conceito, sob o ponto de vista de seu espirito religioso, e de sua firmeza interessada pela manutenção da fé catholica, que não duvido, congratulando com Vv. Ss., por essa brilhante direção dada á imprensa livre e catholica do paiz, procurar as columnas deste conceituado orgão da opinião para dar á estampa o artigo, que este acompanha, já publicado em uma das folhas mais lidas do Rio de Janeiro, o *Regenerador*, e que

(*) *O autor do artigo allude aos redactores do* Diario de Pernambuco.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

vale não menos como um brado energico de animação e de fervor em prol da verdadeira doutrina catholica da Igreja, que tem a ventura de se lhe dar por chefe um Prelado modelo entre os mais eximios, do que como um voto de apreço e de consideração ao acto do governo imperial, pelo qual fôra ultimamente nomeado o novo Arcebispo e Primaz do imperio, o Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, então Bispo diocesano do Maranhão, um dos mais brilhantes luminares da Igreja brasileira, e cuja erudição profunda e virtudes evangelicas são para o paiz e para a religião um precioso penhor de estabilidade na paz da mesma Igreja, na pureza de sua doutrina; e da solicitude e santo zelo, com que será resguardado o lume vivo da fé—dos tufões arrojados e malevolos da impiedade e dos commettimentos anarchicos do erro e da descrença, no delirio de suas paixões.

A nomeação pois do sabio e virtuoso Prelado não deve ser indifferente á opinião de um paiz verdadeiramente catholico, nesta actualidade, em que o empyrismo materialista se ha armado na Europa do punhal do sarcasmo, e erguido o lábaro da descrença para abater as verdades sublimes do Evangelho; e foi sobretudo, n'uma tal conjunctura, em que a Providencia se aprouve, em sua sabedoria, inspirar ao Sr. ministro da justiça a escolha efficiente de um varão tão preclaro como o Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, para reger na cadeira de Primaz os destinos das dioceses do imperio; e que assim considerando o illustre Arcebispo na altura, á que se elevára, como um dos mais nobres ornamentos do nosso clero, o constituio prestigioso successor do venerando finado D. Romualdo A. de Seixas; e consultou de tal modo os mais momentosos interesses da religião e do estado.

O ancião venerando, que nos caminhos da virtude e da fé nunca vacilára ou retrocedêra, deixando aliás impressas sobre elles, de modo indelevel as pegadas firmes de seus passos; que ha desde sua mocidade vivificado e abrilhantado o clero e o sacerdocio da palavra e da doutrina evangelica; e que ja outr'ora á frente da educação religiosa da mocidade fluminense, em quem germinava viçoso o futuro do catholicismo no Brasil, e ja mais tarde cobrindo as nobres cãs com a mitra de uma diocese, nunca, um só momento, desluzio daquelle primor de virtudes, daquelle esplendor de illustração, que formão o typo de um perfeito pastor, e é para a fé e prerogativas da Igreja brasileira um poderoso baluarte de defeza, e por fundados motivos ha adquirido inauferivel direito ao apreço e gratidão publica.

Honra pois ao governo, que mostrou a profundeza de suas vistas administrativas em uma tão digna quanto acertada escolha; honra ao novo Arcebispo, que a tão justo titulo a mereceu, e que, cheio de uncção e de espirito firmemente edificado nas virtudes do Evangelho, vai derramar em ondas de luz pelas dioceses do imperio as verdades do dogma, e encarnar o fervor religioso do catholicismo no seio das populações, das quaes ha sido constituido supremo Pastor; que é demais uma tocha resplendente, que no concilio universal do orbe catholico, e em concurso com as mais luminosas, hão de levar aos olhos descridos de empyricos reformadores o conhecimento dos seus erros, a consciencia de sua fraqueza e do seu desvario, e a verdade imperecivel da supremacia da *lei, que é—sobre a lei que foi feita*; lançar uma centelha vivificadora de intelligencia em cerebros atrophiados pelo desvio das paixões, e dispertar o ardor da fé em corações gelados pelo indifferentismo religioso, esse monstro do seculo, que vai erguendo a juba, e que procurando abater a cadeira de S. Pedro, ameaça lançar-se sobre o cordeiro do Evangelho para despedaçal-o, e apagar a sêde insaciavel de reformas, no empenho de um materialismo insensato, do industrialismo puro; essa algebra da vida material dos povos, que parece crer-se a alavanca magica de *Archimedes*, capaz de mover o universo, e de abalal-o desde as entranhas do mar até as abobodas eternas do céo; e que ha formado essa nova escola socialista, que pretende reduzir o senso moral do genero humano a uma praça de mercado ou officina industrial, aonde cada individuo possa ir livremente prover-se a seu gosto dos productos ou mercadorias, de que o seu espirito são ou enfermo lhe parecer haver mister.

Quando as nuvens carregadas de uma tempestade moral tão tremenda ameação seriamente afundir a arca santa do catholicismo e as sociedades na voragem dos elementos anarchicos da impiedade e do erro, é dos homens e dos genios superiores, que se ha mister; é da vista perspicaz e firme daquelles, que a reacção deve ter por chefes, que depende essencialmente o exito—de conjurar a borrasca e serenar a procella, em que se debate o espirito publico: Quando os paizes mais velhos e avantajados em civilização veem as vagas vertiginosas do erro e da perversão moral de suas crenças e instituições baterem-lhe as muralhas da cidade, e quando os paizes novos hão mister de mais serio conselho, e de serem mais favorosamente edificados nas verdades da fé e nos principios de uma educação religiosa—capaz de resistir aos embates do erro, a que tem de servir de diques. E' nestas épocas, que se aproveitão os vultos do pedestal do novo Arcebispo: O governo o comprehendeu bem!

E' este o nosso juizo, que aqui julgamos ter emittido convenientemente, a proposito dessa propaganda funesta do socialismo irreligioso; a que o oppomos como um protesto solemne por nossa parte, não porque tenhamos a leviandade ou o desvanecimento de acreditar, que o nosso juizo vale de alguma cousa para aquelles, que se empenhão nessa luta, de que a Europa é hoje testemunha, mas porque em materia de religião e de fé desejaremos sempre estar bem com a nossa consciencia.

Acceite, pois, o Exm. e Revm. Sr. D. M. J. da Silveira com as nossas talvez pouco significativas, porem muito cordiaes expressões de congratulação, as mais vivas felicitações.

Ao paiz restará o enchel-o de bençãos e agradecimentos pelo bem-estar, que se lhe prepara.

Recife 8 de Fevereiro de 1861.

Dr. *M. M. Guerra.*

(Do *Diario de Pernambuco.*)

O novo Arcebispo.

O governo imperial acaba de praticar um acto, que o ennobrece e glorifica. O Sr. conselheiro João Lustosa

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

da Cunha Paranaguá, muito digno ministro e secretario de estado dos negocios da justiça, tendo de preencher a vaga deixada, na séde archiepiscopal, pelo triste fallecimento do Sr. marquez de Santa Cruz, prestou a homenagem devida á virtude e á illustração, nomeando Arcebispo da Bahia e Metropolitano da Igreja brasileira ao Exm. e Rvm. Sr. Bispo do Maranhão, D. Manoel Joaquim da Silveira.

Uma nomeação como esta enche de satisfação ao illustre nomeado, e honra o ministro, que referendou um tal decreto.

O Exm. e Rvm. Snr. D Manoel Joaquim da Silveira é um dos varões mais nobres da geração actual, um dos primeiros Prelados do imperio, um dos sacerdotes, que reunem, em grão subido, illustração, virtude, a mansidão de um cordeiro, a inflexibilidade de um juiz integro, e o trato affavel e benigno de um verdadeiro missionario.

Damos, pois, parabens ao clero brasileiro, por ter obtido um tão digno chefe, e a todos os catholicos em geral, que terão nelle um guia e um santelmo, nos dias amargos, nas crises tremendas (de que Deos livre o imperio) em que a Igreja brasileira tiver de combater a influencia perniciosa e as heresias nefandas dos nossos Ante-Christos.

L. F. do N.
(*Idem*)

O Novo Arcebispo da Bahia.

Pelo vapor do Sul, que chegou ao nosso porto no dia 3 deste mez (Fevereiro) veio a noticia de ter sido nomeado pelo governo imperial para Arcebispo da Bahia o Exm. e Rvm. Sr. Bispo do Maranhão, D. Manoel Joaquim da Silveira, assim como, que fôra nomeado para Bispo do Maranhão o Exm. Sr. D. Abbade de S. Bento, Fr. Luiz da Conceição Saraiva.

A escolha do Exm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, para substituir ao fallecido Exm. Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas, não podia ser mais acertada; o Sr. D. Manoel tem mostrado no governo do Bispado muita profusão de conhecimentos, muita prudencia, amor de justiça, e affabilidade para com o clero, e em tudo um espirito verdadeiramente apostolico, visitando com penoso trabalho todo o seu Bispado, ainda os pontos mais remotos do sertão do Pianhy, derramando bençãos, beneficios e graças espirituaes sobre o seu rebanho, que elle tem sabido amar com ternura verdadeiramente apostolica e paternal, alem de valiosas esmolas a Igrejas arruinadas e aos pobres, a quem nunca deixou de consolar com o obolo de sua inexgotavel Caridade.

A estas eminentes qualidades, S. Exc. reune uma fortaleza e actividade no trabalho, que enche de admiração a todos, que o conhecem. Assim, a Igreja Brasileira deve receber, como a mais grata consolação da dôr, porque passou, perdendo o seu virtuoso Metropolita, a nomeação d'aquelle, que tão dignamente o vai substituir.

Quanto ao novo Bispo do Maranhão temos tambem delle as melhores informações; reune illustração e virtudes.

(Do *Commercial* do Ceará.)

Acerca da Allocução do S. Padre de 28 de Setembro do anno passado, publicada no n. ultimo.

Em uma época de aviltamento moral, tão universal e tão profundo, que as mais flagrantes violações do direito das gentes achão advogados e admiradores, que se confunde o justo com o injusto, e o successo desculpa todas as cousas, a Allocução do Soberano Pontifice foi de immensa consolação para os christãos.

Quando todas as frontes se curvão vergonhosamente sob o jugo da revolução, só Pio IX se conserva firme no seu posto, só elle luta, e oppõe até o ultimo baluarte á onda, que ameaça tudo submergir. A attitude do Soberano Pontifice—nestes tempos calamitosos—sua inflexivel energia em face do espirito do erro e das trevas o collocão a par dos grandes Papas, que muito illustrárão a Igreja.

Será preciso dizer, que a Allocução do Pontifice romano provocou novo aranzel de blasphemias, mentiras e inepcias da parte de uma imprensa, que sobre si tem tomado a missão de justificar o roubo, falsificar o espirito publico, de uma imprensa, que marcha sob os passos da loglaterra e de Garibaldi, escudada com o estandarte do progresso? O *Norte*, analysando o programma annexionista do Sr. de Cavour, e a Allocução citada, exalta aquelle, e combate esta como primor de arte, do egoismo e da obstinação.

O *Seculo* e a *Opinião Nacional* rabiscárão muito papel para provarem, que o Papa não tem razão em pugnar pelos seus direitos, e que toda a justiça está do lado dos usurpadores. Entre os jornaes revolucionarios e o jornal moscovita ha perfeita combinação; e sabendo o que diz o ultimo, o leitor saberá igualmente o que dizem os outros.

Affirma o *Norte*, que «a Allocução produzio na França uma viva irritação, e que d'ahi resultarão seguramente muitas consequencias oppostas ao fim, que o Papa tem em vista!»

Quanto ao effeito, que sobre a politica franceza produzio o pedido publico e official de soccorro contra o filho rebelde e parricida, facilmente se comprehende, que nós nada podemos dizer a esse respeito. Só o futuro é quem nos pode responder.

Mas, quanto á viva irritação da França, acaso o *Norte* teve consciencia do que disse? A França não se compõe unicamente do milhão de leitores, que leem e applaudem as doutrinas do *Seculo* e da *Opinião Nacional*; restão ainda cerca de trinta e sete milhões de homens, e deste numero a mor parte catholicos, que creem no principio—de que a razão do mais forte nem sempre é a melhor; que os direitos do Papa são sagrados e incontestaveis; emfim que se achão profundamente irritados, não contra a Allocução, mas contra as infamias suscitadas por causa della.

Milhares de Francezes, d'entre os quaes acima de duzentos joveus pertencentes ás mais illustres casas, deixão familia, fortuna, e o bem material, para se revestirem do manto do soldado, e irem junto ao sanctuario de Nossa Senhora do Loreto morrer, bradando: Viva Pio IX! milhares de Francezes, repito, protestão com toda a eloquencia contra o que se passa na Italia, e as turbas numerosas, que juntão as suas supplicas ás orações da igreja pelo

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

repouso dos christãos mortos no posto de honra, indicão soberanamente, qual o pensamento e qual o sentimento da França catholica!

Sim, a commoção é profunda na nossa patria, e muito mais depois que a allocução patenteou ao mundo, que a derrota de Lamoriciére, e a morte de tantos nossos compatriotas, forão o resultado de uma traição piemonteza!

« Não podiamos suspeitar, diz o Soberano Pontifice, a invasão, de que nós fomos victima; porque tinhamos recebido a certeza, de que as tropas subalpinas se approximavão do nosso territorio, não para invadil-o, mas para prohibir a entrada nelle dos bandos facciosos. Assim pois, o nosso general em chefe nem mesmo podia pensar, que tinha de combater contra o exercito piemonteza».

Estas palavras, sahidas de tão alto, e de uma bocca, que não sabe mentir, imprimem um caracter indelevel de infamia á cruz da Saboia.

« O soberano pontifice, continúa o *Norte*, tinha entretanto uma nobre e bella missão a preencher no meio das agitações italianas: e o mundo civilizado julgará severamente os cegos conselheiros, que desvairárão um espirito tão superior e um caracter tão humano e generoso.»

O *Norte* ignora talvez, que a unica missão do Papa sobre a terra é—de proclamar e defender a verdade, condemnar o erro, não ceder nunca em presença do mal, e nunca hesitar entre Deos e o homem seduzido por satanaz. Esta missão é sublime, e Pio IX a tem bem comprehendido na sua heroica luta contra o despotismo anglo-garibaldi-cavouriano. A igreja catholica sabe, que o seu chefe se tem conservado na altura, que demanda a situação, que é elle capaz de guial-a atravez dos perigos; e todo aquelle, que ainda crê em Deos e na justiça, admira esse digno successor de Pio VI e de Pio VII.

Assim pois qual a missão sublime, á que allude o *Norte?* Quererá porventura um Papa, que proclame o cathecismo dos direitos do homem, que approve a calumnia, a espoliação, a traição, e a moral do facto consummado? Ou quererá um Papa, que para maior gloria do protestantismo inglez se embarque mui tranquillamente para Jerusalem?

Quanto ao mundo civilizado, *que julgará os cegos conselheiros, que desvairárão um espirito tão superior, e um caracter tão humano e generoso*, perguntaremos, qual é, ou qual será esse mundo, a que se allude? Certamente não ha de ser o mundo catholico. O *Norte* não ignora, que o catholico se humilha e obedece, quando o soberano pontifice falla, aconselha ou ordena, e que não se suppõe com o direito de julgal-o. Por conseguinte desejariamos, que nos dissesse-o que entende pelo mundo civilizado.

Se o *Norte* foi o proprio a reconhecer em Pio IX um espirito superior, deveria deixar de lado essa pobreza revolucionaria, que consiste em lançar sobre os conselheiros do papa a responsabilidade dos actos deste. Os espiritos superiores não supportão a influencia alheia, elles regulão-se por si mesmos, e dominão os outros em virtude de seu genio.

Não insistiremos sobre as expressões, de que se serve o Soberano Pontifice para reprovar o principio de não intervenção, systema sahido das officinas da politica ingleza, e que não é outra cousa mais do que o passaporte da politica social, a certeza de se poder violar impunemente todas as leis divinas e humanas, invadir, usurpar as propriedades e os dominios de outrem, e que sob a capa do progresso nos faz retroceder doze seculos atraz para os tempos dos Godos e Vandalos. Pio IX annuncia ao mundo, que a admissão desse principio é a funebre decadencia da sociedade christã, é a aurora do communismo!

Esperamos, que essa voz paternal será ouvida e comprehendida; os soberanos perceberão finalmente, que na Italia se arrisca o futuro das suas corôas, e que a causa do Papa é a causa tambem de todos os thronos!

Esperamos, que esse reclamo do Pastor dos Pastores aos governos e aos povos, não ficará sem echo! Porquanto, se elle não for attendido, os governos e os povos saberão, quanto custa o desprezar as advertencias do Vigario de Jesus Christo!

XAVIER DE FONTAINES.

(*Le Monde.—Silveira.*)

A Religião é o fundamento da Sociedade.

O simples desejo, que ha muito nos assiste, mesmo antes de assumirmos o Estado Ecclesiastico (Estado por demais sublime, e que por isso mesmo torna-se indigno de nós) de pelo orgão da imprensa manifestar os nossos sentimentos, todas as vezes, que se trata da Religião, ou de materia tendente á mesma, é que nos leva a vir hoje pela segunda vez occupar as bem conceituadas columnas d'este Jornal com um humilde e pobre trabalho; posto que já abalizados Escriptores tenhão tratado d'elle, e de uma maneira tal a nada deixarem que desejar.

Talvez nos accusem os criticos de temerarios, por querermos navegar em um mar tão vasto, onde tantas é tão grandes náos, e de primeiro lote, ja tem inteiramente naufragado, por encontrarem, occultas as suas vistas debaixo d'estas mesmas aguas, grandes e terriveis escolhos, mas, do que não se criticará n'este mundo? Por isso desde ja lhes declaramos, que, não nos importando de suas censuras, proseguiremos com firmeza na carreira, que encetámos: para o que pedimos venia.

Que o homem nasceu para a sociedade, é um facto geralmente reconhecido e incontestavel; mas que infelizmente no seculo actual, no seculo chamado do « progresso » ainda ha, quem suscite questões a este respeito.

Se prescindirmos dos argumentos da razão, argumentos assaz valiosos, que ella nos offerece, e procurarmos na Tradicção Biblica as verdades d'esta proposição, isto é, que o estado social è natural ao homem (1); se formos aos primitivos tempos; se finalmente procurarmos os annaes da historia de todos os povos, igualmente chegaremos ás mesmas conclusões. Entretanto vejamos:

Se compendiarmos os livros santos, estes fortes baluar-

(1) *O Cardeal Gousset no seu Comp. de Theol. Dogm., Tr. da Rel. Art. 2.º, desenvolve muito bem esta questão.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

tes do Christianismo, verdadeiras fontes de crença, onde o Christão vai beber os puros principios de uma doutrina saudavel, aprendendo alli o que lhe é preciso para bem dirigir-se no escabroso caminho, que tem de trilhar n'esta vida de peregrinação; n'estes livros nós veremos, que o mesmo Deos, depois de ter creado o homem, notou, que estava só; e reconhecendo logo a absoluta necessidade, em que elle se achava, de uma companhia, disse: *non est bonum esse hominem solum* (2).

«E derramou, pois, sobre suas palpebras um somno mysterioso, e pondo, em quanto elle dormia, a mão sobre seu coração, arrancou uma parte do escudo natural, que o cobre, e d'ella formou um novo ser, e tendo despertado o homem, lhe apresentou a companheira da sua vida» (3).

Ora, ja por estas poucas palavras, que com cores tão brilhantes nos pinta o grande Padre Lacordaire, e pelas que o mesmo Deos proferio, quando fez o homem, nós podemos ver, que o estado social é natural ao homem, que o homem nasceu para a sociedade, e que o proprio Deos foi o seu principal instituidor.

Depois de remontarmos aos primitivos tempos, que nos offerecem provas ainda menos equivocas, observaremos tambem, que n'aquella epocha o genero humano outra sociedade não tinha senão a das familias, não havião outras leis senão a lei natural, essa lei, que nasce gravada no coração do homem, e pela qual somente então elle se regia; mas que depois pelo correr dos seculos, augmentando-se consideravelmente o genero humano, não era já possivel, que elle se contivesse nos estreitos limites da sociedade domestica. Os individuos, as familias, se reunem pois, as nações começão, e a cada uma d'ellas foi dado um Principe para reger por aquelle, que é o « chefe supremo e arbitro do mundo.»

« Aos olhos de um Christão, diz Tertulliano, o mundo inteiro não é senão uma vasta republica, que comprehende todos os homens: » *unam omnium rempublicam agnoscimus mundum* (4).

Finalmente, se recorrermos aos annaes da historia de todos os povos e de todos os tempos, a qual não se pode contestar, sob pena de reputar-se como falso todo e qualquer livro da antiguidade, se recorrermos, encontraremos sempre a mesma verdade, isto é, que os homens teem sempre vivido em sociedade; pois é ahi, que elle se eleva, é ahi que elle se conserva, é a sociedade finalmente, quem presta ao homem os meios, de que elle necessita para chegar a seus fins: o estado social por tanto é a condição nativa do homem.

E, organizada a sociedade, não bastará somente, que em seu seio, para que ella consiga os seus fins, contenha Magistrados, leis e subditos; aquelles para regerem e governarem, estas para servirem de norma, por onde devem pautar o seu comportamento, e os ultimos que obedeção ?

Não: porque a autoridade dos Magistrados não infunde no coração do homem um poder tal, que os obste de perpetrarem os mais enormes crimes e os maiores attentados: e appellamos, sem precisarmos de ir aos tempos mais remotos, para o que mesmo em nossos dias tem-se praticado de mais execrando e de mais abominavel. E será por ventura, porque os Magistrados não tenhão empregado todo o seu poder, afim de conterem o homem nos limites de seus deveres ? por certo que não; porem é porque o poder dos Magistrados por si só não é sufficiente para deter o homem no commettimento dos seus delictos.

Pelo que respeita ao rigor das leis « estas, diz um Escriptor contemporaneo, ou muitas vezes veem tarde, ou por muitos modos o homem o pode evitar, já occultando o seu crime nas trevas da solidão e da noute, já subornando testemunhas, que depunhão a seu favor, já procurando patronatos, que o livrem da acção da justiça »; por tanto, tambem não é bastante somente o rigor das leis para conter o homem na linha dos seus deveres.

Mas, se nem a autoridade dos Magistrados, nem o rigor das leis bástão para conterem o homem nos limites da prudencia e no circulo de seus deveres, o que é necessario então á sociedade, para que prospere, e torne-se capaz de concorrer para o bem estar da humanidade ?

E' necessaria uma outra lei, uma outra autoridade, que em toda a parte, em todo o lugar, em toda a hora emfim nos aponta para uma eternidade, para um Deos vingador do crime e da traição, e remunerador da virtude; para um Juiz inflexivel e inexoravel, que *conhece os mais reconditos segredos do nosso coração, e os mais occultos pensamentos da nossa alma:* e esta lei, esta autoridade, não pode ser outra senão a Religião, sem a qual não ha sociedade possivel.

O homem, esse composto de duas substancias realmente bem distinctas, porem intimamente tão ligadas entre si, que jamais uma pode funccionar sem a outra, o homem deseja ser feliz; e não o é, senão quando elle goza pacificamente dos bens, que correspondem á avidez dos seus desejos (5). O mesmo é a sociedade: ella tambem quer ser feliz; mas onde encontrará ella, assim como o homem, a felicidade, senão na Religião « sem a qual, na phrase de um grande Escriptor, não haverá mais nem patria nem sociedade para os homens » ? ! « Por toda a parte, diz Voltaire, onde houver uma sociedade estabelecida, a Religião é necessaria» (6).

E na verdade, jamais o equilibrio do edificio social poderá ser sustentado sem Religião; por isso que a Religião tem sido desde os tempos mais remotos considerada como a base primordial d'este edificio:.....« acha-se em todas as boccas, e tornou-se como uma formula obrigada em todos os actos publicos, que a Religião é o fundamento das sociedades, principio muito verdadeiro, quando é tomado em seu sentido natural, e quando se contem em seus justos limites» (7). Jamais fundou-se um Estado, diz J. J. Rousseau, que a Religião não lhe servisse de base (8). E com effeito, entre todas as nações antigas e modernas as leis civis são sempre sanccionadas pela Religião. Nenhum legislador ha, que não chame a Reli-

(2) *Genesis* cap. 2.°, v. 18.
(3) *Lacordaire. Confer.*, Tom. 2.°
(4) *Apolog.* cap. 38.

(5) *Gousset, no lugar citado.*
(6) *Tratado da Tolerancia.*
(7) *M. de Pradt, du Jesuitisme*, cap. 2.°
(8) *Contracto social*, liv. 4.°, cap. 8.°

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

gião em soccorro de alguma lei, quando tem de a fazer.

A Religião somente é a unica, ainda repetimos, e necessaria para conter o homem no cumprimento de seus deveres ja para com Deos, ja para comsigo mesmo, e ja para com os seus semelhantes.

«Dai, diz o nosso actual Ministro da Justiça, educação moral e religiosa ao povo, assegurai-lhe o bem estar, e o numero dos crimes diminuirá sensivelmente». Ora porque não disse esse mesmo Ministro: tirai a Religião á sociedade, fazei os homens sentir somente o rigor das leis, fazei-lhes soffrer um outro jugo mais pezado que a Religião, se quereis, que o numero dos crimes vão diminuindo consideravelmente?! Porque, querer tirar-se a Religião ao homem, é querer ao mesmo tempo tirar-se a sua liberdade, esta prenda, de que o dotou a natureza; e querer tirar-se a liberdade ao homem, é querer ser superior áquelle, de quem emana esta mesma liberdade: mas o homem sem liberdade o que seria? não seria mais do que uma machina sempre prompta a obedecer a qualquer impulso, que se lhe dê.

«Aquelle, que não tem de todo Religião, diz Montesquieu, é um animal terrivel, que somente conhece a sua liberdade, quando despedaça, ou devóra» (9).

Que mais forte obstaculo para deter a licença dos povos, que esta grande magestade, d'onde emanão todas as magestades secundarias, que regem o mundo!

Por quanto, assim como as artes e as sciencias são elementos principaes da civilização, assim a Religião é a base fundamental da sociedade, porque sem ella nenhuma jamais poderá existir.

Assim concluiremos com Platão, quando diz, que «aquelle, que derriba a Religião, derriba o fundamento de toda a sociedade humana»: *Omnis humanæ societatis fundamentum convellit, qui Religionem convellit*(10).

Recife 12 de Outubro de 1860.

P.e *Guilhermino dos Santos Muniz Tavares.*

A barca de S. Pedro em borrasca.

São vãs, e mais vãs as esperanças da impiedade.

Aquella mystica barca, a barca de Pedro, não irá jamais ao fundo. Esta barca é um rochedo inabalavel, que resistirá sempre a toda e qualquer tormenta.

Parece-nos estar ouvindo em annos passados o grande e magnanimo pontifice Gregorio XVI, honrando-nos com as suas palavras, e no meio de suas angustias nos dizia com prazer isto mesmo; e com isto se consolava, humilhando-se ao mesmo tempo. Mas, como todas as medalhas tem direito e avesso, aqui referimos o que nos aconteceu n'um dos annos passados á bordo de um barco de vapor, que seguia para o Brasil, em que se transportavão algumas filhas de caridade franceza. Emquanto as esperavamos de volta para bordo, achando-se alli um joven desconhecido, exclamou: que não gostava das irmãs de caridade. Depois de uma polemica entre elle e nós, disse: que tinha esperanças de que, dentro em sua vida não existiria um só padre no mundo. Coitado! Bem se vê quanto era ignorante, que não sabia, qual era a forma do governo da Igreja.

Não sabia, que a jerarchia ecclesiastica, que é a principal, é de instituição divina; por conseguinte, que papa, bispo e clero, hão de durar até o fim do mundo, porque Pedro ha de ser sempre infallivel, porque assim lhe prometteu o Divino Mestre, e que tudo, quanto se prometteu a Pedro, passou tambem a seus successores, como se declara no concilio de Florença..... *ipsum Pontificem romanum successorem esse beati Petri principis apostolorum, et verum Christi vicarium, totiusque Ecclesiæ caput, et omnem christianorum Patrem, ac doctorem existere* etc.

Quasi dous seculos antes tinha o concilio de Lyão dito, fallando de S. Pedro, *cujus romanus pontifex est successor, cum potestatis plenitudine recepisse veraciter et humiliter recognoscit*...

Ora, se o tal senhor, que concebia esperanças daquella natureza, soubesse tudo isto, e que se tinha feito promessas á igreja de sua resistencia ás portas infernaes; e que sendo Pedro a pedra, que constitue a base e os alicerces daquelle respeitavel e inabalavel edificio, não podia cahir, porque, quando se arruinão os alicerces de uma casa, cae juntamente com elles, (opinião de um padre da igreja) não teria fallado daquella maneira seguramente. Ora, applicando tudo isto á perseguição, que se está fazendo na Europa, que se diz civilizada e culta, á igreja e ao seu chefe, dizemos, que, se estes senhores conhecessem a verdadeira doutrina, não caminharião, como tem caminhado até aqui.

Se as suas esperanças são da natureza das daquelle joven pouco sensato, saibão, que são inuteis e vãs.

Constou-me, que ha tempos algum catholico, que se acha em paiz de protestantes, dissera a algum delles, que se Pio IX viesse a perder a soberania temporal, nada ganharia o protestantismo, mas antes mais força teria o catholicismo.

Isto não deve servir de argumento para provar, que não seja util para a liberdade, de que precisa o Summo Gerarco da igreja, a soberania temporal, que traz comsigo a sua independencia: não, o que se quer provar é, que os verdadeiros catholicos não se deixão intimidar pelos tormentos, nem pela morte.

O sangue dos martyres, regando o campo da igreja, a fertiliza immensamente. S. Pedro crucificado no Janiculo, S. Calisto affogado no poço de Transtevere, augmentárão o esplendor da igreja de Jesus Christo; e o mesmo diremos dos diversos pontifices, que empunhárão a palma do martyrio.

Nem por isso se interrompeu a marcha da igreja, que até ao dia de hoje tem continuado, e que continuará até ao fim dos seculos, sempre militante, e sempre triumphante.

Apezar de tudo, não podemos deixar de lamentar o estado actual da Igreja e do Summo Pontifice, gemendo entre as maiores angustias.

Nós somos por tanto filhos de um pae perseguido, e de uma mãe afflicta, angustiada.

Apezar da nossa fé, resentimo-nos desta calamidade.

(9) *Espirito das leis.*
(10) *Liv. 10, das Leis.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Ora pois, animemo-nos, e revoquemos a nossa fé e o fervor, de que precisamos, para orar com algum proveito.

As promessas do Salvador estão firmes: as suas palavras não faltão, nem podem faltar: *Et portæ inferi non prævalebunt.*

A tempestade é grande: a barca parece a ponto de ser engulida pelas vagas encapeladas, que a ameação: *Ecce motus magnus factus est in mari.* . .

Quem poderia imaginar, que uma navegação, emprehendida por ordem do Salvador do mundo, haveria de ser tão trabalhosa?

Quem poderia temer, que a mystica barca, fabricada por Deos, honrada com a sua presença, e guiada por elle mesmo, ha de ser sujeita ás mais graves tempestades?

E não obstante tudo isto, assim aconteceu.

A primeira tempestade, aqui descripta pelo Evangelho, foi uma figura das outras.

O Salvador quiz exercitar os seus discipulos como athletas, para os fazer intrepidos nos perigos futuros da Igreja, que havião de governar: *athletas orbis terrarum exercitaturus est.* (S. J. Chysost. Hom. XXIX, in S. Matt.)

De facto, a barca de S. Pedro mil vezes se achou exposta ás mais horriveis tempestades, parecendo estar quasi a ponto de ser engulida pelas vagas. Parecia ora proxima a ser destruida pelo ferro, ora submergida pelo erro, ora precipitada pelas desordens, ora despedaçada pelo scisma, e quasi anniquillada pela politica. Apezar de tudo isto, ainda existe, e continúa a sua viagem, não podendo naufragar, porque no seu mastro, isto é, na cruz, se ergue Jesus Christo, na sua pôpa vai sentado o Padre Eterno, e a prôa é governada pelo Espirito Paraclyto. *Ecclesia.. ....procellis sæpe vexatur, tamen nunquam potest sustinere naufragium; qua in arbore ejus, id est, in cruce, Christus erigitur, in pupi Pater residet, gubernator proræ Paraclytus spiritus.* (S. Ambros. Serm. de Salon.)

Jesus Christo dormia na barca, era para dar tempo ao temor dos discipulos: *Ut daret tempus formidini*, como diz S. João Chrysostomo, e dá a razão, dizendo: *Si enim vigilante eo facta fuisset tempestas, vel non timuissent, vel non rogassent.* (S. J. Chrysost Hom. XXIX in S. Matt.)

Se estivesse vendo a tempestade estando acordado, não terião temido, ou não terião feito oração.

Ora pois, actualmente Jesus Christo não dorme, mas quer, que nós tenhamos um temor saudavel e filial: *Initium sapientiæ timor Domini*, e que não cessemos de orar para applacar a sua ira, que se acha tão irritada por tantas iniquidades. Se queremos, que passe a borrasca, que serene a tempestade, e que venha a bonança, humilhemo-nos na divina presença, e digamos ao Altissimo as palavras do Psalmista: *Non me demergat tempestas aquæ, neque urgeat super me puteus os suum* (Ps. LXVIII, 16).

Quinta da Conceição 29 de Dezembro de 1860.

MARQUEZ DE LAVRADIO.

(Da *Nação.*)

Funeraes do Exm. e Rvm. Sr. Arcebispo da Bahia, D. Romualdo A. de Seixas.

Teve hontem 7 (de Fevereiro) lugar na Igreja matriz de S. Pedro um officio por alma do Exm. Snr. Arcebispo, Marquez de Santa Cruz.

Querendo exprimir sua gratidão a quem tanto devia, segundo altamente confessa em todas as occasiões, o digno vigario de S. Pedro escolheu o anniversario natalicio do fallecido Prelado para suffragar por sua alma.

E' uma bella acção do Snr. Conego Fonseca Lima, é um exemplo de seguir-se, que dá a seus freguezes essa demonstração publica, de que nunca se deve esquecer o protector, o amigo, porque elle baixou á sepultura.

Somente os abyssinios é que festejão o sol, que se levanta.

O acto, feito com a maior decencia, foi em tudo solemne, e esteve bastante concorrido.

Officiou o Exm. Bispo do Rio Grande do Sul, sendo assistido no solio pelos Rvms. Conegos João Nepomuceno Rocha, Manoel dos Santos Pereira, Antonio Eleutherio de Araujo Lima, José de Sousa Lima, e Manoel Cyrillo Marinho.

Prégou a oração funebre o Revm. Fr. Arsenio da Natividade Moura. Na tribuna sagrada, rememorando os factos da vida do illustre finado, de quem fôra amigo e muitas vezes companheiro, o veneravel benedictino semelhava um desses monges da Thebaida, ensinando aos fieis, que concorrião á sua voz, as doutrinas do Calvario.

As absolvições finaes forão feitas pelo Exm. Bispo do Pará, Deão, Guardião de S. Francisco, e Prior de S. Bento, sendo a ultima benção lançada pelo Exm. Bispo do Rio Grande do Sul.

Muitas pessoas gradas, o Clero das diversas ordens, e grande concurso de povo, todos forão ainda uma vez render uma homenagem ao Pastor desvellado, cuja perda deploramos.

A eça elegante e magestosa foi levantada pelo Snr. Manoel José Espinola pelo modello, da que servio em 1725 nos funeraes do duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello. O digno artista fez toda a despeza a expensas suas por homenagem ao santo Prelado e amizade áquelle, que o suffragava.

Repetimos: o acto foi em tudo solemne, quer pela ceremonia em si, quer pelo recolhimento dos circumstantes, quer finalmente pelas recordações, que despertavão.

Não deixaremos de fazer saliente o ter-se apresentado com todos os seus collegiaes o illustre Director do gymnasio bahiano. O Sr. Dr. Abilio, honra lhe seja feita, não perde occasião de edificar seus discipulos nos deveres sociaes e religiosos. O Sr. Arcebispo fôra um dos mais fervorosos acoroçoadores do gymnasio.

Findo o acto, na sachristia, recitou o Snr. Amaral Tavares uma poesia, sendo seguido pelo Sr. Sousa Lima, joven, que dá boas esperanças de futuro.

Ha cousas, que parecem decretadas a proposito por Deos. Chamando a si o seu Vigario, quiz, que dous Bispos por elle educados e estimados aqui se achassem, para lhe suffragarem pela alma, e tornarem mais pomposos esses actos, que a Igreja prescreve.

No dia 6 á tarde tinhão havido matinas na parochia, que igualmente forão bastante concorridas.

Quando vemos tanto fervor na gratidão, tanto espirito do que manda a religião, alenta-nos a idea, de que presen-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tenente não são unicamente o indifferentismo e as más paixões, que imperão.

Não morreu ainda tudo, quanto havia de bom sobre o mundo.

(Do *Diario da Bahia.*)

—Celebrou-se hontem 7 do corrente (Fevereiro) na Cathedral o officio pelo immortal Arcebispo da Bahia, o Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas, Primaz do Brasil, e Marquez de Santa Cruz,

No mesmo dia, 7 de Fevereiro, em que 77 annos antes o Pará testemunhava a ascensão de um astro, que tinha de illustrar, com o correr dos tempos, a sua patria e a Igreja, e encher de espanto a Europa illustrada, o Pará pranteia-lhe, coberto de luto, o desapparecimento eterno! Em vez dos regosijos desse dia, ahi está a dor e a tristeza! Em vez das galas, que nesse dia querido cobrião o Pará e a Bahia, lhes enlucta a fronte o negro crepe da dor e da saudade!

Por convite do Revd.º Capitular e do Cabido, foi o Sr. padre mestre Manoel Ignacio da Silva Espindola o, que se encarregou da oração funebre; e o Sr. padre mestre Manoel Ignacio da Silva Espindola bem mostrou, que é orador. A emoção do auditorio foi muito sensivel, e não podia deixar de ser assim: fallava a convicção pela boca de um orador consummado.

Cumprio-se em todo o rigor o ceremonial; forão feitas as honras funebres de sua elevada posição de Marquez; e assistirão os Exms. Srs. Presidente e Commandante das armas, chefe de policia, a Camara municipal, o Corpo consular, a Congregação dos lentes do seminario, Chefes das repartições, a Cleresia, e cidadãos de todas as jerarchias.

Vigie elle, do céo, sobre o rebanho, que dirigio aqui na terra.

(Do *Jornal do Amazonas*).

Festividade religiosa.

Na noite de 21 de Fevereiro findo foi a Imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos levada em procissão, sob o pavilhão roxo, do convento do Carmo para a Cathedral, acompanhada pelo Exm. Sr. presidente da provincia, seu secretario, ajudante d'ordens, e muitos officiaes militares, bem como por um grande numero de Irmãos com tochas accesas, e um consideravel concurso de povo, fechando este cortejo solemne duas bandas de musica marcial, com uma guarda de honra do contingente destacado da guarda nacional, e o corpo d'educandos artifices.

A' porta da Cathedral foi a Imagem do Senhor recebida pela corporação capitular, e por todo o Clero da Cathedral; e ficando depositada em logar proprio, no centro da capella-mór, cantarão-se mottetos, e durante toda a noite fizerão-se-lhe quartos.

Na tarde de 22 sahio a sagrada Imagem em procissão, correndo os sete passos até o Calvario. S. Exc. Rvm. o Sr. Bispo Diocesano levava o Santo Lenho sob o palio, sendo acompanhado todo este grandioso acto pelo Illm. e Rvm. Cabido, e de mais Clero da Cathedral, assim como pelo Clero regular do Convento do Carmo.

A procissão foi feita com a solemnidade do costume, prégando ao Pretorio o Rvm. Snr. Conego Eleuterio, ao encontro e Calvario o Rd.º Sr. Beneficiado Delgado.

Acompanhou a todo o acto S. Exc. o Sr. Presidente da provincia, com o sequito da vespera, e mais toda a guarda nacional formada em parada com seus respectivos Chefes e musica, muitos officiaes militares de terra e mar, o corpo dos educandos com sua banda de musica, bem como um extraordinario concurso de povo, entre o qual reinou a melhor ordem possivel.

Concurso á freguezias vagas.

De ordem de S. Exc. Rvm. o Sr. Bispo Diocesano, achão-se desde o dia 18 de Fevereiro passado postas á concurso, por edital affixado na porta da camara episcopal, as freguezias seguintes: de S. João desta cidade—de S. José da villa de Guimarães—de N. S. da Conceição da cidade de Vianna—de N. S do Rosario do Itapecurú—de Santa Maria de Anajatuba—de N. S. da Graça do Arary—de N. S. da Piedade da villa do Coroatá—e de N. S. da Conceição e S. José da cidade de Caxias. Os Rvds. Sacerdotes, que quizerem fazer opposição ás mesmas freguezias, deverão requerer dentro do praso de 30 dias, improrogaveis, instruindo seus requerimentos, na conformidade do referido edital, com certidão de baptismo, sentença *de genere* em forma, carta de ordens, e folhas corridas de um e outro fôro, e todos os mais documentos, que demonstrem os serviços prestados á Igreja; e terá lugar o exame synodal depois da Dominga do Bom-Pastor (14 de Abril) em qualquer dia, que fôr designado por S. Exc. Rvm.

Erratas do n. passado.

—Na pag 74, col. 1.ª linha 15, onde se lê—no occaso da eternidade—lêa-se—no occaso da vida, na eternidade.

—Na pag. 75, col. 2.ª linha 34, onde se lê—decreto de 5,—lea-se: decreto de 14 &c.

—Na pag. 77, col. 1.ª linha 45, onde se lê—communição—lea-se communicação.

—Na pag. 80, col. 2.ª, linha 29—onde se lê—improvimente—lea-se: improvisamente.

ANNUNCIOS.

—Rogamos aos Srs. assignantes, que se achão atrazados no pagamento de suas assignaturas, que se dignem de mandar saldal-as quanto antes para que não nos vejamos obrigados a mandar suspender-lhes a remessa dos numeros.

KALENDARIO ECCLESIASTICO
PARA O CLERO.

A folhinha latina para o anno de 1861 acha-se á venda nesta typographia—preço 1:000 rs.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno - Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO 1860.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 204.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.mo SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

QUINTA-FEIRA 21 DE MARÇO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

Agora, que se approxima a Semana Santa, a maior solemnidade do Christianismo, julgamos a proposito offerecer aos nossos leitores o bello artigo, que a baixo se encontra, sob o titulo de—*Paginas Sagradas*—da penna d'um eminente orador sagrado e abalizado escriptor, cujo nome vai estampado no lugar proprio. Possão os leitores assim nutrir seu espirito religioso, e com a leitura dos factos, que fazem a *Paixão do Senhor*, melhor preparar-se para solemnizar os actos da *Grande Semana*.

RELIGIÃO.

PAGINAS SAGRADAS.

A Paixão de Jesus Christo.

Venit hora: ecce Filius Hominis tradetur in manus peccatorum.
S. Marc. c. 14—41.

I.

A fatal desobediencia do primeiro habitante do Eden ao seu Creador passou com todas as funestas consequencia á sua infeliz posteridade, visto como não era um peccado pessoal, senão um peccado capital; não era um crime de individuo, era tambem um delicto da natureza; não era um peccado actual, mas uma culpa original.

Adão e sua companheira tinhão perpetrado o enorme e execrando delicto, não só como pessoas particulares, senão ainda como pais do genero humano, como cabeça da grande familia do universo, como tronco, donde havião de nascer todos os homens.

Assim desherdados dos bens, de que o seu Creador os havia enriquecido, não podião transmittil-os aos seus filhos. E bem como um tronco viciado não pode deixar de passar as manchas aos seus ramos, e uma fonte envenenada o toxico ás aguas, que della dimanão, assim aquelles transgressores do preceito divino conhecêrão, que suas iniquidades, as desgraças todas passariaõ aos seus descendentes.

Os homens, por esta rebellião do seu protoplasto, irremissivelmente perdêraõ a amizade de Deos: a justiça original, a innocencia, as virtudes, os dons, as graças em summa, esvacceraõ-se n'um momento.

A natureza tinha-se desconcertado, logo que se manifestára a mortifera queda no paraiso das delicias.

O corpo conheceu logo o dominio d'alma, a carne declarou-se em guerra cruenta ao espirito, as paixões violentaraõ-se contra a razão, os appetites negáraõ sujeição á vontade; uma luta, alfim, abrio-se interiormente, segundo falla o Apostolo das gentes (1).

O homem proscripto do estado da graça, vendo estampado em seu rosto o labeo de seu crime, tornando-se vil escravo do peccado, passou de uma fruição de delicias a uma habitação de tormentos, e seu nome foi logo iniciado nas bandeiras do principe das trevas!

Porem Deos, cuja caridade não tem limites, amercando-se de tanta miseria do homem, que havia creado á sua imagem e semelhança, quer resgatal-o desse horrivel captiveiro, e assim offerece-se com toda espontaneidade ao seu Eterno Pai, para entrar neste combate sangrento, sem outras armas mais que as de suas palavras, seus prodigios e seus milagres.

Revestido da fragilidade humana, prepara-se e dá principio ao seu ministerio publico. Desde logo, considerado como um gigante na phrase do Propheta Rei, se empenha na sua carreira, disposto a não tomar tregoas, sem que visse o ultimatum da peleja memoravel; isto é, não descansar, sem obter o resgate dos direitos, que os homens perdêrão, esta pecha affrontosa, que os reduzira a escravos do averno e a subditos do imperio da morte. Do mesmo modo, diz S. Paulo, que em Adão todos os homens morrêraõ, assim tambem em Christo todos vivificaráõ. « *Et sicut in Adam omnes moriuntur, ita et in Christo omnes vivificabuntur* »(2).

Entretanto, chega o tempo, e elle principia a sua missão. Percorre a Galilea e a Judea, e por todos os lugares de sua jornada derrama a luz de sua doutrina celestial, annuncia o reino do céo, ensina verdades, que nunca forão ouvidas no mundo, prega a pureza da moral e dos bons costumes. Durante este trajecto todo admiravel, o filho do Eterno prodigaliza suas graças: de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, de povo em povo, os seus prodigios são reiterados; prodigios, que espantão o mundo, e assombrão as turbas.

Elle, que manda o sol, e dirige o curso dos astros; que accende o facho do dia, e rege o carro da noite, que com somente o seu querer soprão os ventos, rebombão os trovões, os furiosos aquilões levantão tempestades, faz logo

(1) S. Paulo ad Rom. c. 7 v. 14 et segs.
(2) S. Paulo ad Corinth. c. 15 v. 22.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

patente o seu poder, quando multiplica os pães e os peixes no deserto, dá vista aos cegos, ouças aos surdos, falla aos mudos, pernas aos paralyticos, e vida a mortos; finalmente, por uma serie de portentos admiraveis, de prodigios estupendos, elle prova com exuberancia, que é o homem Deos, que vinha salvar a especie humana de seu aviltamento e degradação.

As phases, porque havia de passar nesta conquista pederosa, os soffrimentos acerbos, as dôres pungentes e os opprobrios nefandos, que receberia em sua paixão, estavão já vaticinados pelos Prophetas. Escutemos os oraculos.

II

Zacharias prediz, que elle faria sua entrada humilhante, porém triumphal, em Jerusalem, montado em um jumento.—*Exulta filia Sion, jubila filia Jerusalem: ecce Rex tuus venit tibi justus et salvator; ipse pauper, et ascendens super asinam, et super pullum filium asinæ.* (cap. 9. v.9.) Falla da trahição de Judas, dos 30 dinheiros de prata, preço do seu execrando delicto.—*Et appenderunt mercedem meam triginta argenteа.—Ibidem* cap. 11, v. 12.

Isaias vaticina a sua vulneração e ferimentos, que recebe pelos peccados dos homens—*Ipse autem vulneratus est propter iniquitates nostras, attritus est propter scelera nostra.* (cap. 53 v. 5.) Trata da sua voluntaria oblação, e como uma ovelha levada ao lugar da matança.—*Oblatus est, quia ipse voluit, et non aperuit os suum: sicut ovis ad occisionem ducitur.* (*Ibidem*, cap. 53 v. 7.) Da sua espontanea immolação, e reputado no numero dos facinoras:—*Pro eo quod tradit in mortem animam suam, et cum sceleratis reputatus est.—Ibidem*, cap. 53 v. 12.

O Rei Prophela falla da sua flagellação e dos acerbos ormentos:—*Quoniam ego flagella paratus sum ei, dolor meus in conspectu meo semper:—Psalm. 37 v. 18.* Do estado de ignominia, de abjecção, á que tinha de chegar:—*Ego autem sum vermis, et non homo; opprobrium hominum, et abjectio plebis:*—(Psalm. 21 v. 7). Das testemunhas falsas suscitadas contra elle:—*Surgentes testes iniqui, quas ignorabam, interrogabant me. Retribuant mihi mala pro bonis.*—(Psalm. 34 v. 11, 12.) Da sua tyrannica crucificação:—*Foderunt manus meas et pedes meos: dinumeraverunt omnia ossa mea.* (Psalm. 21 v. 18.) Da sorte, que lançariaõ em seus vestidos:—*Diviserunt sibi vestimenta mea, et super vestem meam miserunt sortem.* —Psalm. 21 v. 19. Do fel e vinagre, que lhe haviaõ de dar a beber:—*Et dederunt in escam meam fel; in siti mea potaverunt me aceto.* (Psalm. 68 v. 22.) A oração, emfim, que devia dirigir ao Eterno Pai pelos seus proprios algozes, prognosticou Isaias—*Et pro transgressoribus rogavit.* cap. 53 v. 12.

Havendo por tanto o filho de Deos derramado por espaço de tres annos a sua luz no universo, e obrado uma multiplicidade de prodigios á vista do povo, quer dar o ultimatum á sua missão. Era chegado o tempo de se realizarem as figuras, e de se cumprirem as profecias. Elle, que se havia iniciado em todos os padecimentos, e reunido em si todas as dores, vai tudo satisfazer com amor, caridade e humilhação.

Vamos pois dar uma noticia da Paixão do Homem de dores, desde a sua entrada triumphante em Jerusalem, até a consummação do sacrificio do Golgotha, onde recebeu a morte de cruz. Para isto não podemo-nos eximir de renovar a leitura do livro por excellencia, o repertorio de toda a verdade, o augusto deposito do pensamento de Deos, a Sagrada Escriptura.

Na parte respectiva della colhemos o necessario para o nosso trabalho, bem como da Historia Sagrada de Roquette, e de outros preciosos opusculos, não dispensamos os bellos pensamentos e melhores explicações.

SUA ENTRADA EM JERUSALEM.

Et adduxerunt asinam et pullum; et posuerunt super eos vestimenta sua, et eum desuper sedere fecerunt.

S. Math. cap. 21 v. 7.

I.

Corria o anno M 4036, de Christo 36, da era 33, como diz o abbade Calmet (1 quando Jesus Christo se dirigio a Jerusalem, e seis dias antes da Paschoa chegou á Bethania, onde ha pouco havia resuscitado a Lazaro, irmão de Martha e Maria: alli, em casa de Simão o leproso, lhe apresentárão uma ceia, á que assistira o Lazaro resuscitado, e Maria servia a mesa.

Nessa occasião Maria se approximou de Jesus Christo com um vaso de alabastro, cheio de oleo precioso, de perfume de nardo, e lhe derramou pelos pés, enxugando-lhos com os seus cabellos, e quebrando o vaso, lhe lançou o resto sobre sua cabeça, rescendendo por toda a casa os aromas do balsamo precioso.

Os apostolos, principalmente Judas, admiraraõ-se da prodigalidade, e accrescentáraõ, que, vendido o perfume por 300 dinheiros (185000) havia que se dar aos pobres. Este zelo, assim patenteado por Judas Iscariotes, era somente de interesse, porque não era pelo cuidado, que tivesse da pobreza, porem porque, como era a bolsa dos apostolos ou dispenseiro, quizera com este dinheiro dar pasto á sua avareza.

Jesus Christo porem, tomando a defeza de Maria, declarou ser aquella acção boa, uma obra louvavel, prevenindo-a ja para a sepultura e com adiantados cheiros. Entretanto, era sabido em Jerusalem da estada de Jesus Cristo em Bethania, e concorriaõ muitos Judeos para o verem, e bem assim a Lazaro resuscitado, a quem elles almejavão sobre-modo tirar a vida, porque a mesma resurreição revelava o poder de Jesus Christo, e attrahiria effectivamente muitos crentes.

Passou assim a noite, e no dia seguinte de manhã, segunda feira 30 de Março, e 1º do mez de Nisan (2) partio Jesus Christo de Bethania, e chegando perto de Bethphagé (3) villa situada na raiz do monte Olivete, disse a dous discipulos: Ide a esse povoado fronteiro, onde achareis uma jumenta com uma cria, em que ninguem montou ainda; desatai-a e trazei-a, e aos que vos perguntarem—por que a levais, direis, que o Senhor della ha mister. Os discipulos obedecêraõ, e tudo aconteceu, como o Salvador lhes preconizára.

Correu muita gente para a celebração da Paschoa; e muitos, que haviaõ testemunhado o milagre da resurreição de Lazaro, sabendo que Jesus Christo vinha a Jerusalem, tomárão ramos de palmeira, e em grande numero sahião ao encontro, repetindo alegres acclamações, gritando:—Hosanna ao filho de David! Hosanna! (salvação e gloria) Bemdito seja o rei de Israel, que vem em nome do Senhor!

Coberto com as capas dos discipulos o jumento, elles o

(1) Diccionario historico, critico e litterario da Sagrada Escriptura: palavra—*Jesus Christus.*

(2) Termo adoptado da lingua Assyria pelos Judeos, e que significa o nome do primeiro mez da primavera e do anno judaico.

(3) Bethphagé está situada na raiz do monte Olivete, entre Bethania e Jerusalem, distante desta 1875 estadios; S. João c. 21.8, *quindecim stadiis.* Desta aldeia sahião as rezes para os sacrificios no templo, e o Senhor, como verdadadeiro cordeiro pascal, offerecido em holocausto pelos peccados do mundo, quiz ser levado ao templo pela mesma estrada e do mesmo lugar, donde sahião as victimas, que o symbolizavão. (Fastos da Igreja por Rabello da Silva.)

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

offerecêrão para Jesus montar, e assim marchou em triumpho para se cumprir o vaticinio de Zacharias: —Não temas, filha de Sião, eis que entra o teu Rei pacifico, montado no filho de uma jumenta.—*Jubila, filia Sion: ecce Rex tuus venit tibi justus et salvator: ipse pauper, et ascendens super asinam, et super pullum filium.*

Uma multidão de povo estendia pela estrada os mantos, e outros cortavão ramos de arvores, com que juncavão o caminho.

Chegando os discipulos e o povo ao respaldo do monte Olivete, elles ralados de alegria de verem quanto jubilo, quanta gloria, recebia seu mestre, louvavão a Deos em altas vozes, dizendo:—Bemdito seja o Rei, que vem em nome do Senhor! paz e gloria no ceo! - E toda a comitiva, igualmente ralada de prazer, unia sua alegria á dos discipulos, e clamava unisona:—Hosanna! gloria ao filho de David! Bemdito seja o que vem em nome do Senhor!

II

Os phariseos viaõ, mão grado seu, as honras, que se davaõ a um homem, a quem pretendião perder, e tirar a vida, e então dizião mutuamente:—Nada por sem duvida lucramos, pois que todo o povo vai atraz delle.

Chegárão entretanto perto de Jerusalem, e cravando Jesus Christo os olhos naquella infeliz cidade, cujos crimes e cujas desventuras antevia, derramou copiosas lagrimas, e disse:—Ah! se ao menos conhecesses este dia, que te é dado, este dia, que podia trazer-te a paz! Mas tudo é escondido a teus olhos, e virá tempo, em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, te investirão, te porão em sitio, te arrasarão teus muros, teus filhos serão levados ao exterminio, não deixarão pedra sobre pedra, porque não conheceste o tempo, em que Deos te avisou.

Estas palavras, com cores de um castigo imminente annunciado pelo Salvador, causavão espanto e assombro em toda a cidade; todos em alvoroço perguntavão: quem era este propheta; e as turbas, que o acompanhavão, respondião:—E' Jesus, propheta de Nazareth em Galilea.

Em toda esta derrota de tanta admiração o Senhor mostrava o seu poder nos cegos e coxos, que se lhe apresentavão, o que causava por sem duvida espanto aos principes dos sacerdotes e aos doutores da lei, os quaes se possuião de ira contra tantos prodigios por elles presenciados.

Era ja tarde, Jesus sahio de Jerusalem, e foi pernoitar a Bethania.

III

Jesus Christo voltou a Jerusalem na manhã seguinte, terça-feira 31 de Março, e 11 do mez de Nisan, e apertado da fome, approximou-se a uma figueira, que cahia para a estrada, para ver, se lhe dava fructo, e como não tinha figos, sendo o tempo proprio, disse:—Ninguem para diante colherá figos de ti—e logo começou a seccar-se.

Dalli se dirigio Jesus ao templo, e vendo o escandaloso trafico dos vendelhões e compradores, ardendo em zelo pelo respeito das cousas divinas, lançou fóra, e por duas vezes expellio do templo esses mercadores, que aviltavão a magestade de Deos com seus negocios, corrompendo a pureza do culto, e faltando ao respeito devido á casa da oração. A esta repulsa acompanhão as energicas palavras: Minha casa será chamada casa de oração, vós porem a convertestes em covil de ladrões.

Sobre a tarde sahio Jesus de Jerusalem para Bethania, e tornou a Jerusalem na manhã de quarta-feira 1 de Abril, e 12 do mez de Nisan, e nessa viagem observárão os discipulos a figueira amaldiçoada, toda secca até as raizes.

Entrou no templo, e começou a prégar ao povo sua doutrina perante muitos sacerdotes, doutores e magistrados, propondo varias parabolas, com ellas confundia os saduceos e phariseos; manifesta, qual é o maior dos mandamentos—o amor de Deos e do proximo—louva a esmola da viuva pobre, e reprehende os phariseos, ensina a vigiar, apresenta a parabola das dez virgens e dos dez talentos, e a descripção do juizo final.

Quando sahia com os discipulos para regressar á Bethania, segundo costumava, parárão aquelles, e notárão a grandeza e magnificencia daquelle templo, e voltando-se para Jesus disserão: —Mestre, reparai, que bella architectura daquelle edificio! —O Senhor então acudio: Vedes tudo isto? Virá tempo, eu vos asseguro, em que não ficará pedra sobre pedra!

No mesmo dia quarta-feira, disse logo aos seus discipulos, que soubessem, que depois de dous dias havia de celebrar-se a Paschoa, e que então o filho do homem seria entregue nas mãos de seus inimigos para ser immolado na cruz.

CEA DO SENHOR: LAVA-PÉS.

Scitis, quia post biduum Pascha fiet, et Filius hominis tradetur, ut crucifigatur.

S. Math. c. 26. v. 21.

Estava proxima a grande solemnidade da Paschoa no primeiro dia dos Asmos, em que o cordeiro Paschal tinha de ser immolado.

No dia de quinta-feira, 2 de Abril, Jesus Christo de manhã sahira da cidade, e perguntárão os apostolos:—onde queria, que fosse celebrada a solemnidade, isto é, onde queria, que fosse preparado o, que havião de comer na Paschoa. Chamando a Pedro e João ordenou-lhes, que se adiantassem, e fossem a Jerusalem. Disse-lhes, que logo á entrada elles encontrarião um homem, conduzindo ás costas um cantaro d'agua; que seguissem até a casa, onde elle entrasse, e ao dono della dissessem de sua parte: que era chegado o tempo, e que determinava celebrar a festa em sua casa. Disse mais, que havião de mostrar-lhes uma sala grande e adornada, e lá preparassem o necessario para a Paschoa (1).

Executárão os dous discipulos do Senhor, e tudo achárão pontualmente.

Entretanto, emquanto isto se passa, os principes dos Sacerdotes e os Escribas não cessavão de urdir tramas, excogitando meios de perderem o Senhor. Juntos, no atrio do palacio do pontifice Caifaz, deliberárão o plano de o prenderem, receiando comtudo o estrepito ou rumor da parte do povo, quando se désse a execução.

Um homem facilitou a empreza, e deu lugar á execução de plano tão execrando.

Judas, natural de Iscariota, da tribu de Ephraim, foi o perfido discipulo, que trahio o seu benfeitor.

Sendo um dos apostolos de Jesus Christo, possuido de uma ambição infernal, apresenta-se aos inimigos figadaes de seu mestre, e promette-lhes vendel-o.

Se o acto foi infame, as palavras requintárão em torpezas.

Quanto me dais, diz Judas, se vol-o entregar? *Quid vultis mihi dare, et ego vobis eum tradam?*

Offerecerão-lhe trinta dinheiros, e com esta diminuta paga elle obrigou-se a espreitar a opportunidade, e annunciar o ensejo favoravel, em que devia perpetrar tão perfido delicto.

Pela tarde veio o Senhor á casa destinada para a ceia, e, ás horas devidas, sentou-se com seus discipulos á mesa, e então lhes disse: «Muito desejei comer com vosco esta Paschoa, antes de padecer, que della não comerei d'ora em diante, que não seja cumprida no reino de Deos (no ceo, onde não só a Paschoa, mas todos os mais mysterios se cumprirão inteiramente.)

Tomou um calix, e dando graças, disse aos apostolos: «Tomai, e distribui-o entre vós, que não bebereis, eu vos declaro, do fructo da vida, até que o reino de Deos

(1) Isto é, o cordeiro, o pão, e as alfaces bravas, que mandava a lei.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

seja chegado. *Dico autem vobis: nom bibam amodo de hoc genimine vitis usque in diem illum, cum illud bibam vobiscum novum in regno Patris mei* (2).

II

Tendo Jesus Christo terminado a ceremonia da Paschoa, levantou-se da mesa, para expandir o desejo do seu coração. Sabia, que ja o espirito das trevas dominava o coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, e lhe tinha inflammado o anhelo de trahir seu mestre; porem antes de um tão fatal acontecimento, elle queria dar a seus discipulos, a quem sempre dera as mais robustas provas de sua amabilidade, um assignalado testemunho deste acrisolado amor.

Retira-se da mesa, depõe os seus vestidos exteriores, cinge-se de uma toalha, deita agua na bacia, e principia a lavar os pés dos apostolos, e a enxugal-os com a mesma toalha.

O primeiro, a quem o Senhor buscou para exercer a humildade, foi a Simão Pedro, mas elle negando-se, exclama: Vós, Senhor, me lavais os pés! Jesus lhe respondeu: O que agora faço, não o percebes tu por ora, mas sabel-o-has depois. Pedro insistio ainda: Não, Senhor, não consentirei nunca, que me laveis os pés! Jesus então replicou: Se t'os não lavar, não terás parte comigo.

Obedecendo assim Pedro exclama: Senhor, não só os pés, mas ainda as mãos e a cabeça. Concluio Jesus: o que está puro, só precisa, que lhe lavem os pés, e assim fica todo puro. Vós estais puros, mas não todos.

A cada um dos apostolos lavou os pés, e enxugou com a mesma toalha, de que se havia cingido; e finda esta acção humilhante, tomou os seus vestidos, e voltando á mesa disse: Sabeis o, que fiz? Vós chamais-me mestre e senhor, e com razão, que eu o sou, porem, se eu sou mestre e senhor, vos lavei os pés, vós deveis uns aos outros lavar os pés. Eu vos dei o exemplo, e deveis imital-o, sereis bemaventurados, se praticardes o, que agora aprendestes!

III

Continuárão a ceia, na qual lavando os pés dos apostolos, Jesus os preparava para o Sacramento Eucharistico, que ia instituir. Abençoou o pão, deu graças á Deos, partio, e deu aos discipulos, dizendo: Tomai e comei; este é o meu corpo, que por vós se entregará, em minha memoria o fazei. Do mesmo modo pegou no calix, deu graças, e disse: Bebei delle todos; que este é o meu sangue do novo testamento, que será derramado para remissão dos peccados.

Jesus Christo turbou profundamente, ou porque já se lhe figurava a morte, que ia soffrer, ou ja pelo horror, que a perfidia de Judas lhe causava; e então dirigindo-se aos apostolos, disse: Eu conheço os, que escolhi, mas é preciso, que se cumpra o, que está nas Escripturas—quem comigo comer o pão, levantará contra mim o pé. Uma nuvem de tristeza cobre logo o seu rosto, e repetindo o que ja dissera, accrescentou: Em verdade, e mui certo vol-o digo, um de vós, que á mesa comigo come, me trahirá!!!

Estas palavras, por certo, entristecêrão os apostolos, e elles attonitos começárão a dizer mutuamente: Sou eu, Senhor? Um de vós, tornou o Senhor, que no prato mette a mão comigo, me venderá. O filho do homem vai ser entregue á morte, segundo está vaticinado nas Escripturas, mas desgraçado de quem fôr seu trahidor, melhor lhe fôra não ter nascido.

Os apostolos perplexos olhavão uns para os outros, não sabião de quem Jesus fallava; perguntavão reciprocamente: quem era esse. Pedro faz signal a João, discipulo amado, e que em seu peito recostára, de lhe perguntar a quem era feita a allusão. Senhor, pergunta elle, quem é, que vos hade entregar?! Aquelle, lhe respondeu Jesus, a quem eu der o pão molhado. Unio a acção á phrase, porque Judas, imprudentemente perguntando, se era elle: Sim, lhe disse o Senhor, e molhou o bocado, e deu-lhe (3).

O espirito das trevas acompanhou o bocado, e no coração lhe plantou o desejo de trahir. Christo accrescentou: Faça-se, e mui depressa, o que has de perpetrar.

Ninguem percebeu o sentido de palavras tão sublimes, porem Judas ouvindo, sahio logo, sem que os mais apostolos soubessem á que ia, pensavão antes, que o Senhor o mandava a alguma compra, ou dar esmolas aos pobres, como quem trazia a bolsa.

Apenas sahio Judas, disse o Senhor a seus discipulos: Agora vai glorificar-se o filho do homem, e nelle Deos se glorifica. Recitárão o cantico de acção de graças, e se levantárão da mesa, para ir ao monte Olivete, onde Jesus costumava dirigir-se á noite para orar.

A ORAÇÃO NO MONTE OLIVETE: TRAHIÇÃO DE JUDAS.

Pater mi, si possibile est, transeat à me calix iste.

S. Math. cap. 27.

I

Jesus Christo continuava a instruir os discipulos, recommendando-lhes, que estivessem firmes, para resistir ás perseguições, e que lhes preparava o reino do Ceo; mas empenhando-se Satanaz em perdel-os, dirigio-se a Pedro: por ti pedi a meu pai, que tua fé não fraqueasse, e quando te vires convertido, dá firmeza a teus irmãos.

Fallou depois com todos os apostolos, asseverando, que pouco tempo estaria com elles, pois ia, para onde elles o não podião acompanhar; recommendava-lhes entretanto, que se amassem reciprocamente, pelo que os reconhecia por seus discipulos. Simão Pedro acudio: onde ides, Senhor? Jesus lhe respondeu: Não podes por agora seguir-me, mas depois me acompanharás. E porque, Senhor, não mo permittis seguir-vos? replicou Pedro; por vós darei a vida! Disse Jesus: darás a vida por mim? Na verdade te digo, que esta mesma noite, antes que o gallo cante, tu me negarás tres vezes. Vós todos vos escandalizareis esta noite por amor de mim; está escripto: ferirei o pastor, as ovelhas do rebanho se dispersarão, mas quando eu resuscitar, irei diante de vós em Galiléa. A' vista do que Pedro exclamou:—quando, Senhor, todos se escandalizassem, nunca eu me escandalizarei; que estou prompto a ir com vosco ao carcere, á mesma morte. Jesus Christo porem redarguio ao apostolo: affirmo-te, que não cantará hoje o gallo, sem que por tres vezes me tenhas negado. *Amen dico tibi, quia tu hodie, in nocte hac, priusquam gallus vocem bis dederit, ter me es negaturus.*

Depois que Jesus Christo fez as mais bellas e tocantes recommendações aos seus discipulos, preparando-os para as provações imminentes, levantando os olhos ao Ceo, disse: Meu pai, é chegada a hora, glorificai a vosso filho, para que vosso filho vos glorifique, e faça participantes da vida eterna aos que lhe confiastes. A vida eterna consiste em conhecer-vos a vós, que sois o Deos verdadeiro, e a Jesus Christo, que vós enviastes.

II

Acabando a sua oração, Jesus sahio do cenaculo, e baixando ao valle ou torrente do Cedron (1) encaminhou-se para o monte Olivete, e entrou com seus discipulos n'um

(2) A ceia legal era ao pôr do sol, e foi por tanto á hora de prima, que Jesus se poz á mesa com os discipulos.

O Cenaculo (casa de sobrado alto) onde se reunio com os apostolos, era dous tiros de funda arredado da cidade, no maior cume do monte Sião.

Para os Hebreos os dias principiavão ao pôr do sol, e por isso, entre a ceremonia de comer o cordeiro e a grande solemnidade, mediava um dia festivo.

(3) Para melhor se entender o que referem os Evangelistas acerca da ultima ceia, convem distinguir tres sortes de ceia: a primeira foi a do cordeiro Paschal; a segunda a do seu corpo e sangue debaixo das especies de pão e vinho, a qual precedeu o Lava-pés; a terceira finalmente, da comida ordinaria, na qual deu Jesus Christo o bocado a Judas trahidor. Historia Sagrada de Roquette.

(1) O Valle de Cedron ou de Josaphat ficava entre o monte das Oliveiras e Jerusalem, cingindo-a pela parte oriental. A torrente, que lhe deu o nome, cortava-o em toda a sua extensão, sequiosa no estio, torva e sombria apenas inchavão as aguas caudaes do inverno. O sitio, que atravessa, é de aspecto funebre e melancholico.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

horto chamado Gethsemani (2)e disse-lhes,que esperassem alli, em quanto elle ia por todos orar,para que fossem livres de tentação. Levou então comsigo Pedro, Thiago e João, apartando-se dos mais á distancia de um tiro de pedras, e lhes declarou: minha alma se possue de tristeza até a morte. Demorai-vos aqui um pouco, e velai comigo.

Adiantou-se poucos passos,já sentindo em si todos os abalos, que a natureza experimenta, quando a morte está prestes, e quiz entretanto dar um bello exemplo do que em taes apuros cumpre fazer.

Prostrou-se logo com o rosto por terra, pedio ao Pai Eterno, que o dispensasse da morte,que lhe ordenára de soffrer, e assim exclamou: Meu pai, tudo vos é possivel; afastai de mim este calix; não se faça porem a minha vontade, senão a vossa. Estas palavras proferidas, um embaixador celeste subito lhe appareceu para confortar.

Entretanto, com grande afflicção continuava a orar, e orar com mais vehemencia, tanto que esta agonia, correndo-lhe por todo o corpo, fez apparecer um suor, como gottas de sangue.

Levantou-se da oração, e vendo, que seus discipulos dormitavão, disse a Pedro: Dormes Simão! Não pudestes uma só hora velar comigo? Vigiai (para os tres a quem se havia dirigido) e orai, para não cahirdes em tentação. O espirito está prompto, mas a carne é fraca. *Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma.*

Jesus retirou-se para orar de novo, clamando outra vez: Meu pai, se este calix não pode passar, sem que eu o sorva, faça-se a vossa vontade. *Pater mi, si non potest hic calix transire, nisi bibam illum, fiat voluntas tua.*

Voltou da oração,e observou,que seus discipulos estavão agarrados ao somno profundo, e então lhes disse: dormi ja agora, e descançai; é chegada a hora, em que o filho do homem será entregue nas mãos dos peccadores. Erguei-vos, vamos, que ja está em caminho, quem me ha de entregar!

III

Ainda não tinha concluido estas palavras, já o trahidor se apresentava. Judas Iscariotes, seguido de uma manga de soldados, com espadas e páos, enviados pelos principes dos sacerdotes, de todos se constituio guia. Trazião tambem fogaréos e lanternas por ser de noite, e por isso tornou-se o prestito assombroso.

Como não conhecião os soldados bem a Jesus, a quem querião prender, Judas lhes disse, que o signal era este: aquelle, que eu beijar, esse é, prendeio-o, e levai-o com segurança.

A perfidia marchou ufana, e Judas, querendo cumprir o pacto, approximou-se de Jesus, e disse: —*Ave Rabbi.*— Eu te saudo, oh! mestre! e lhe deu logo o osculo! A resposta, que mereceu uma tão negra ingratidão, foi o tratamento de amigo. O Senhor disse: amigo, a que viestes? *Amice, ad quid venistis?* Vendes com esse osculo o filho do homem!

Dirigio-se á cohorte, que acompanhava a Judas,e interrogou: a quem procurava? Jesus Nasareno, disserão todos. Eu sou, tornou Jesus. A esta affirmativa cahirão por terra estupefactos. Jesus lhes tornou a inquirir: a quem buscais? e dizendo elles, que era Jesus Nazareno, Jesus lhes respondeu: Já vos disse, que sou eu, e se eu sou a, quem procurais com tanta sede, deixai ir estes,que comigo se achão.

Cumprio-se exactamente nos discipulos o, que elle referira, quando orava a seu Eterno Pai: Nenhum perdi dos, que me destes.

A cohorte pretoriana immediatamente lhe lançára mãos violentas, e o prendêra!

A este acto tão revoltante os discipulos se consultavão, se devião defender o seu mestre; e Pedro logo desembainhando a espada, cortou a orelha direita a Malco, servo do Pontifice; porem Jesus o reprehendeu, recommendando aos discipulos, que ficassem quedos; tocando a orelha ferida immediatamente a sarou, olhou para Pedro e disse: Mette a tua espada na bainha, porque todos os, que com espada ferirem, com espada morrerão. Pensas por ventura, que não posso recorrer a meu Pai, e elle me enviará logo mais de doze legiões de anjos? Como se cumprirão as Escripturas, se assim não acontecer?

Voltando-se depois para o cardume de gente, que o circumdava, exclamou com profunda humildade: Viestes prender-me com espadas e paos, como se eu fosse um ladrão, um facinora, entretanto que todos os dias estava entre vós, ensinando no templo, e não me prendestes! porem tudo assim deveria acontecer, para em tudo se cumprirem as Escripturas dos Prophetas. E' vossa a hora e o poder das trevas!

Os soldados da cohorte apoderarão-se de Jesus,manietarão-no com grossas cordas,e puzerão-se a caminho. Os discipulos,que se mostravão a principio animados,e promptos a participarem dos tormentos do Divino Mestre, desampararão-no, deixarão-no nas mãos dos inimigos, fugirão. Um mancebo apenas o seguira,envolto em um lençol, mas,querendo a milicia pôr-lhe as suas garras, elle deixou o lençol, e escapou-se.

SUA FLAGELLAÇÃO.--NEGAÇÃO DE PEDRO.—DESESPERAÇÃO DE JUDAS.

Tunc ergo apprehendit Pilatus Jesum, et flagellavit. Et milites plectentes coronam de spinis, imposuerunt capiti ejus: et veste purpurea circumdederunt eum.
S. Joan. cap. 19. v. 1.

I

A cohorte pretoriana, que barbaramente manietára a Jesus, levara-o á presença de Anaz, mas este, não se julgando competente juiz, o remettêra a seu sogro Caifaz, que era o summo sacerdote do anno.

Assim ludibriado e escarnecido, Jesus se apresenta em casa de Caifaz. Ahi estavão reunidos os sacerdotes e doutores da lei, e senadores. A victima está no tribunal, e os interrogatorios começão acerca de seus discipulos, e de sua doutrina. A resposta porem do Salvador foi admiravel:—Fallei (disse elle) sempre em publico, ensinei sempre no templo e nas synagogas; nada disse em segredo, porque me interrogas a mim? pergunta antes aos Judeos, que me ouvirão, ahi os tens, elles sabem o, que ensinei.

Assim fallava Jesus, quando um dos sicarios, que alli estava, ousou dar-lhe uma bofetada, dizendo:— Assim é que respondes ao Pontifice?

A' uma violencia insolita, a um atrevimento furioso, seguio-se uma resposta a mais humilde e paciente: Se mal fallei, dize-me em que, e se não, por que me feres?

Os satelites, que compunhão o conselho de Caifaz, procuravão testemunhas para a condemnação de Jesus. Apparecêrão muitos depoimentos, porem sempre contradictorios. Dous accusárão de ter dito o Senhor, que destruiria o templo, e em tres dias o reedificaria, sem carecer de humano auxilio.

Estas provas não erão concludentes para justificar a pena de morte.

Entretanto Caifaz tomára o partido de, no meio do congresso, dizer a Jesus:—Nada respondes, ávista do que depuzerão contra ti? A resposta do Senhor foi o silencio! O pontifice insistio ainda: Dize-nos, és tu o Christo, filho de Deos? A esta exigencia respondeu Jesus:—Tu o disseste. *Tu dixisti.* Ainda Caifaz não satisfeito continuou: Por Deos vivo declara-nos, se és o Christo, filho de Deos. Tu o disseste (repetio Jesus) eu sou; e um dia me vereis vir sobre as nuvens do céo, assentado á direita de Deos.

O principe dos sacerdotes, ouvindo tão terminante resposta, rasgando logo os seus vestidos, disse: Blasphemou! que necessidade pois temos de mais testemunhas? Jul-

(2) Este horto formava parte de uma quinta do lugar de Gethsemani, aonde estavão os lagares, e se fabricava o azeite produzido pelas bellas arvores, que vestião as encostas. Tambem alli pastavão as ovelhas destinadas ao sacrificio; por isso parece ter sido escolhido para principio do holocausto do homem Deos. Dizem os Fastos da Igreja: Historia da vida dos Santos por Luiz Augusto Rebello da Silva.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

gai-o vós, que o ouvistes Ao que respondêrão todos:— que elle era reo de morte!

Apenas assim decidirão os desalmados juizes, as injurias e sarcasmos choveêrão sobre Jesus, uns cuspirão-lhe no rosto, outros derão-lhe punhadas, vendarão-lhe os olhos, ferirão, esbofeteárão, e todos dizião por escarneo:—Adevinha, Christo, quem te deu?

Foi a scena mais atroz, que o tribunal iniquo permittio: scena que revelava a perversidade, a picardia, que dominava os corações dos, que o compunhão.

II

Era noite, quando o Salvador soffria esta torrente de ultrajes e blasphemias; e como fizesse frio no pateo, accendêrão uma fogueira os quadrilheiros e os creados do Pontifice, para se aquecer.

Pedro, que acompanhava de longe a seu mestre, veio ter a um discipulo, que tinha conhecimento de Caifaz, e obteve da creada entrada no pateo do palacio. Quando a escrava porem lhe fallava, reparou parecer elle um da companhia do homem flagellado. Não és tu um dos discipulos? Pedro, esquecido da promessa, negou perante todos:—Mulher, eu não o conheço; não sou dos seus discipulos, nem sei de quem fallas.—Levantando-se para sahir do pateo, eis que canta o gallo. Outra creada, que o vio, disse para os, que alli estavão:—Este é tambem dos que estavão com Jesus Nazareno.—Approximou-se da fogueira Pedro, e perguntando-se-lhe, se era discipulo de Jesus, negou, e jurou, que não o conhecia. *Non sum.*

Entretanto Pedro ainda conservava-se no pateo do Pontifice, á pequena distancia do mestre, e uma hora se passava da segunda negativa, quando um ministro do Pontifice, e na presença de Malco, a quem Pedro cortára a orelha, affirmava, que Pedro era Galileo, e da companhia de Jesus. Chegárão todos, e rodeárão a Pedro, e disserão: Certo que és discipulo de Jesus Nazareno, o teu fallar te accusa de Galileo.

Nestes apuros, Pedro desculpara-se, dizendo:—Nem conheço tal homem, nem sei o, que me dizes—*Tunc cœpit detestare et jurare, quia non novisset hominem.*

Apenas isto affirmava, o gallo cantou terceira vez; e o Senhor voltando-se fitou os olhos no apostolo. Pedro então lembrou-se do, que o Senhor lhe havia dito; sahio no pateo, e chorou o seu peccado com lagrimas copiosas.

Emquanto com Pedro isto se passava, Judas, que trahira seu mestre, vendo já elle prestes a ser condemnado a soffrer o supplicio, cahe em si, arrepende-se amargamente, torna aos sacerdotes, para restituir o dinheiro, e diz-lhes: Pequei, entregando o sangue do homem justo. *Peccavi, tradens sanguinem justum.* Arroja como impio as trinta moedas no templo, sahe, e vai enforcar-se. A umacto torpe do discipulo infiel, seguio-se a desgraça, o suicidio do trahidor!

Julgárão os sacerdotes e escribas, que o dinheiro não devia entrar na arca das esmolas, e tomárão a resolução de comprar com elle um campo de um oleiro, para alli inhumarem-se os estrangeiros, e effectuado isto, o campo recebeu o nome de -Haceldama -ou campo de sangue!

III

Logo que rompeu no orisonte o dia de sexta-feira, reunirão os anciãos e principes dos sacerdotes o conselho contra Jesus, para lhe tirar a vida.

Da casa pois de Caifaz elle foi remettido ao pretorio, palacio situado junto da cidadella—Autonia—; e como quer que os phariseos temessem manchar-se, pisando a casa de um pagão, inhabilitando-se dest'arte a comerem a Pascoa, fi árão fora, pelo que Pilatos, sahindo a uma varanda do palacio, para ouvir a accusação, escutou o prurido dos crimes, que lhe imputavão, e disse aos empenhados: Condemnai-o segundo vossa lei. Não temos direito de julgar de morte, respondêrão. Vendo Pilatos a sêde, que devorava os Judeos na accusação de Jesus, allegando até, que elle amotinava a nação, inhibia, que pagassem tributo a Cesar, se intitulava de rei e Messias—resolveu-se a fazer comparecer em sua presença a Jesus, e lh'o interrogára: Tu és o rei dos Judeos? Os de tua nação, os mesmos principes e sacerdotes, te entregárão em minhas mãos; que fizeste?

A resposta do Salvador foi admiravel: - Meu reino, disse elle, não é deste mundo; se o fosse, os meus pelejarião a meu favor, para impedir que eu cahisse no poder dos Judeos. Logo concluo, accrescentou Pilatos, que tu és rei. Tu o disseste, proseguio Jesus —Nasci, e vim ao mundo para dar testemunho á verdade, e todo, que a ouvir, ouve a minha voz. –

Soube Pilatos, que Jesus era Galileo, e o enviou a Herodes, a cuja jurisdicção pertencia.

Preso e manietado seguira Jesus para casa de Herodes. Muitos interrogatorios lhe fizera, porem Jesus conservava-se silencioso, até ás mesmas accusações dos Judeos. Assim pois, Herodes não achando criminalidade alguma, o tratou com escarneo, fel-o ornar-se de vestes brancas, como se fosse louco, e o remetteu a Pilatos.

O procurador romano conheceu, que não devia sentenciar á morte a um homem, a quem não tinha por merecedor della. Convocou a assemblea dos magistrados, sacerdotes, e povo; dissera, que dos interrogatorios, que procedêra, nenhuma culpabilidade conheceu nelle, antes se persuadia, que o odio e a inveja era o motivo da iniqua accusação.

Aproveitou entretanto o ensejo de que, sendo chegada a festa, devia dar soltura a um criminoso á escolha dos Judeos.

Existia no carcere, carregado de ferros, um facinora de nome Barabás, e então disse elle aos Judeos: Nenhum crime ou delicto encontro no homem, que accusais; entretanto como é costume soltar pela Paschoa um preso, quem quereis vós, que livre, Barabás ou Jesus?

As vozes unanimes dos senadores, sacerdotes e povo, gritavão: —Barabás solto, e Jesus morto!!!

Pilatos affectava o desejo de salvar o innocente, mas ao mesmo tempo não queria deixar o lugar, e perder a influencia; e por isso ainda insistio: Se quereis, que solte Barabás, o que farei porem de Jesus? Crucificai-o, crucificai-o, disserão. Mas qual é o seu crime? que mal fez elle? nada encontro, que mereça morte. Crucificai-o, crucificai-o, clamavão todos para Pilatos! *Crucifige, crucifige eum.*

A' vista do que, Pilatos proferio a primeira sentença contra Jesus julgando, que o espectaculo triste de uma pena barbara arrefecesse o ardor, que chamejava nos corações dos satelites perseguidores: Elle assim ordena: «Despi, amarrai, e açoutai a Jesus de Nazareth, homem sedicioso e desprezador da lei de Moysés, accusado pelos pontifices e principes de sua nação. Vai, Lictor, e dispõe as varas!»

Em virtude deste mandato, sobremaneira deshumano, os soldados até excedêrão a execução. Levárão a Jesus ao vestibulo do Pretorio, despirão-no, ligarão-no a uma columna, e descarregarão-lhe crueis açoutes.

Com um manto de purpura cobrirão-lhe as costas feridas, com uma coroa de espinhos cravarão-lhe a cabeça; uma canna verde lhe collocárão na mão como sceptro ignominioso; por zombaria o saudavão, e genuflectando por mofa o adoravão: Salve rei dos Judeos!

Uma torrente porem de sarcasmos, baldões e injurias para elle corria. Uns cuspião o seu sacrosanto rosto, porem livido e ensanguentado, outros descarregavão-lhe tremendas bofetadas; todos como leões esfaimados, com varas, ferião ainda mais a cabeça ja rasgada pelo diadema do escarneo, que lhe derão!!!

Injustiça clamorosa! Atrocidade inqualificavel!

SUA CRUCIFICAÇÃO.

Et postquam illuserunt ei, exuerunt eum chlamyde, et induerunt eum vestimentis ejus, et duxerunt eum, ut crucifigerent.

S. Math. cap. 27, 31.

Persuadio-se Pilatos, que os Judeos, vendo a Jesus em estado tão doloroso, depois de uma cruel flagellação, se compadecerião da victima. Elle queria furtar-se ao julgamento, porque além do desejo, que mostrava ter, accrescia o recado, que de sua mulher Claudia acabava de receber sobre Jesus; a qual lhe pedia com instancia, que não manchasse suas mãos condemnando o innocente, porque toda a noite sonhando delle padecêra muito.

Entretanto Pilatos sahio do tribunal, onde estava, apresentou Jesus na varanda do pretorio aos seus rancorosos

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

inimigos, dizendo: *Ecce homo*: eis o homem, para quem procurais a morte! vede as feridas dos açoutes, o sangue, que corre em bicas de seu corpo.

Longe de sua presença diminuir o odio dos Phariseos, ao contrario, subio de ponto, requintou-se o furor, e soárão os gritos: crucifica-o, crucifica-o! Ao que disse Pilatos: crucificai-o vós; eu não lhe encontro crime.

Os Judeos, á vista disto, insistião: Se soltais, Poncio, este homem, não sois amigo de Cesar; temos lei, pela qual deve morrer, pois que se diz filho de Deos, e se quer fazer rei.

Pilatos ainda queria conhecer a ultima decisão dos Phariseos, traz Jesus, e sentado no tribunal disse para elles: eis o vosso rei; ao que bradárão: *Tolle, telle, crucifige eum*. Quereis, que mande crucificar o vosso rei?! disse Pilatos. Não temos outro rei, senão a Cesar, accrescentárão os principes dos sacerdotes, e levantando mais os brados, todos unisonos, gritavão: Crucifica-o, *crucifige eum*. Vendo Pilatos, que nada vencia, quiz antes, que o sangue do innocente se diffundisse sobre sua memoria, do que carregar o desagrado, o odio dos tyrannos; trahio por tanto a verdade, e sua pusilanimidade o tornou complice no horrendo christicidio. Entretanto disfarçou diante da multidão, que o espretava; mandou vir agua em uma bacia, e lavou as mãos dizendo: *Innocens ego sum a sanguine justi hujus*. Sou innocente do sangue deste justo. Cahia este sangue sobre nós, e sobre os nossos filhos, respondeu todo o povo.

O magistrado romano não poude mais resistir aos brados, soltou a Barabás, e lavrou contra Jesus a sentença fatal, monumento eterno de sua criminosa fraqueza, ou antes de sua lerina impiedade: Eil-a:

« No anno XVII de Tiberio Cesar, imperador romano, e marcha invicta de todo o universo, na Olympiada CXXI: idade XXIV, e da creação do mundo, segundo o calculo dos Hebreos, quatro vezes MCXLVII, no anno LXXIII, da propagação do imperio romano, e CDXCVII da remissão do captiveiro de Babylonia, e CDXCVII da restituição do imperio sagrado: sendo consules do pontifice romano Lucio Pisano, e Murcio Saurico, proconsules do invencivel Valerio Palestino, governador publico da Judéa e regente e governador da cidade de Jerusalem Flavio quarto, seu presidente gratissimo, sendo Poncio Pilatos regente da Baixa Galiléa, ante-patriarcha e pontifice Anás e Caifaz; Ales Maelo mestre do templo, Rabaham Ambel centurião dos consules romanos, e Quinto Cornelio Sublimio, e Sexto Pompilio Rufo, aos XXV de Março. «Eu Poncio Pilatos, representante do imperio romano, no palacio de Larchi, nossa residencia, julgo, condemno e sentencio á morte a Jesus, chamado Christo de Nazareno, da turba de Galiléa, homem sedicioso da lei mosayca, contra o grande imperador Tiberio Cesar, em razão do exposto determino, que padeça cravado na cruz, como reo, porque reunindo muitos ricos e indigentes, não cessou de promover tumultos em toda a Galilea, fingindo-se filho de Deos, e rei de Israel, ameaçando a ruina de Jerusalem, e do sagrado imperio, e negando o tributo a Cesar, atrevendo-se a entrar com palmas e em triumpho, seguido de multidões como principe na cidade e no templo divino. Portanto ordeno ao meu centurião Quinto Cornelio, que conduza publicamente pela cidade de Jerusalem ao mesmo Jesus Christo, manietado e açoutado, vestido de purpura e coroado de espinhos com a sua cruz aos hombros, para que sirva de exemplo a todos os malfeitores, e que leve com elle dous ladrões homicidas. E todos sahirão pela porta hoje denominada Antonina, e irão até ao monte, que se diz do Calvario, no qual depois de crucificado e morto, permanecerá na cruz o seu corpo para espectaculo e escarneo dos criminosos. Na dita cruz se collocará o seguinte letreiro, em trez linguas, hebraica, grega e latina, em hebreu—*Aloi olisidin*;—em grego—*Jesus Nazareno*;—em latim—*Jesus Nazarenus Rex Judeorum*.

«E outro sim, mandamos, que ninguem, qualquer que seja a sua classe, ouse temerariamente impedir esta justiça por nós ordenada, com todo o rigor, segundo os decretos e leis dos Romanos e Hebreos, sob pena de incorrer no castigo dos que se insurgem contra o imperio.»

Confirmárão esta sentença pelas doze tribus de Israel; Raban, Daniel, Raban segundo, Joan, Benciar, Barbas, Isabee, Presidan. Pelo Summo Sacerdocio Rabau, Judas, Boncasalon. Pelos Phariseos Rolian, Simon, Daniel, Brahan, Mosdagin, Boncertassilis. Pelo imperio e presidente de Roma Lucio Sirtilio, Amostro Silio, notario publico e criminal. Pelos livres Nastan e Reotenau (1).

As testemunhas, que assignárão a sentença forão: Daniel Robani, Phariseo, Joannez Zombatal, Raphael Robani, e Caputo, homem publico.

Proferida a sentença iniqua, foi entregue Jesus ao povo para soffrer a pena fulminada.

II.

Os verdugos se apossárão do Innocente Cordeiro, tirarão-lhe a purpura, tornão a vestir-lhe a antiga roupa, entre ludibrios e vituperios; uma cruz de quinze palmos, já preparada, collocárão sobre seus feridos hombros, fizerão, que elle caminhasse para o Calvario, carregando o altar, onde devia ser immolado.

O martyrio porem de sua flagelação tinha-lhe extenuado as forças, e assim não podia comportar o pêso do madeiro, que carregava.

A' vista do que, logo que sahirão da cidade de Jerusalem, os soldados e algozes, que formavão o prestito funebre, assalariárão a um homem, que voltava do campo, chamado Simão Cyrineo, afim de que o ajudasse a levar a cruz.

Seguio a Jesus Christo uma grande turba de povo, um cardume de pessoas, a quem elle havia curado, e derramado sobre ellas suas graças, todos choravão a morte, que ia soffrer o Divino Mestre.

Acompanhavão-no tambem mulheres, que carpião e batião nos peitos em signal de sua dor intensa. Para estas mulheres voltou-se o Senhor, e disse:—Filhas de Jerusalem, não choreis sobre mim, chorai sobre vós, e sobre vossos filhos.—Uma dellas, chamada Veronica, derramando lagrimas copiosas, nascidas de sua sincera compaixão, adiantando-se das outras, enxugou em uma toalha limpa, o livido e ensanguentado rosto do Salvador.

Coberto Jesus de escarneo e injurias, depois de dolorosas quedas, chegou emfim no meio de dous facinoras, ao Calvario (2); derão-lhe vinho temperado com fel e myrrha, conforme usavão, para adormecer os sentidos dos suppliciados, mas Jesus Christo provando-o não quiz tomar.

A hora do sacrificio era chegada. Os algozes, quaes esfaimados abutres, arrancão-lhe a tunica, deitão a cruz em terra, estendem o corpo do Salvador sobre ella; uns estendem os braços e cravão as mãos, outros deslocão os pés, quando cravão na cruz, e tudo pudeião conseguir á força de desapiedadas marteladas; e finalmente guindárão o estandarte, donde pendia o Filho de Deos, e elle appareceu na summidade de Golgotha, no meio de dous ladrões, reputado, segundo diz Isaias, como facinora.

Pilatos inscrevêra um titulo, para se conhecer a causa da condemnação de Jesus, o qual fôra pregado na cruz por cima da cabeça, e era assim, que dizia: «*Jesus Nazarenus Rex Judeorum*».

Não agradou esta legenda aos principes e anciões, e pedirão a Pilatos a emenda de—Rei dos Judeos, para—elle se dizia Rei dos Judeos: ao que respondeu Pilatos, o que escrevi, fica. « *Quod scripsi, scripsi*».

Jesus Christo, crucificado; e satisfeito assim o furor dos impios, elle supplicou ao Eterno o perdão para os seus algozes: « *Pater, dimitte illis; non enim sciunt quid faciunt.* »

---

(1) Esta sentença foi estampada em um jornal hespanhol, do anno de 1853, cuja copia extrahio dos cartorios de Simancas D. José Ferrer de Couto; e elle declarou, que o papel tinha a seguinte inscripção.—Archivo geral de Simancas. Negocios do Estado. Masso 847; e de Roma 1.ª copia da sentença proferida por Pilatos contra Christo Nosso Senhor, a qual se descobrio na cidade de Aquila (Abruzo) pelos annos de 1580, nas ruinas de um templo, onde se achárão dous tubos de ferro, e dentro de um delles, escripto em pergaminho, e em caracteres hebraicos, o documento, que foi interpretado assim.—Vede a historia da vida dos Santos, por Rebello da Silva.

(2) O Calvario ficava fôra de Jerusalem ao occidente da cidade, e servia para se justiçarem os malfeitores: alli era o cemiterio de seus cadaveres, e é a razão de se chamar Golgotha, que significa—lugar das caveiras.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Os soldados, logo que acabárão de executar a sentença, lançárão mão de seus vestidos, e sobre elles deitárão sorte para dividil-os, porem como a tunica era inconsutil (sem costura) não quizerão cortar, deitárão os dados, e se cumprio a profecia do Psalmo 21 - *Repartirão meus vestidos, e sobre minha veste lançárão sorte.*

O povo porem não separava os olhos da cruz, senão para dirigir vituperios e injurias. Os viandantes paravão, e abanando a cabeça, por mofa dizião: Ah! promettias destruir o templo de Deos, e em tres dias reedifical-o, e estaes ahi!! Se és filho de Deos, desce da cruz.

Os principes dos sacerdotes igualmente com os magistrados e doutores da lei, motejavão, e reciprocamente dizião: Elle, que salvava os outros, porque se não salva a si!

Se é o rei de Israel, o Messias, o escolhido por Deos, desça agora da cruz, e creremos nelle, pois se Deos é seu pai, e o ama, que o livre e o soccorra.

A phalange desabrida, que o circumdava, dirigia tambem um enxame de baldões e escarneos. Um dos ladrões, crucificado ao seu lado, por mofa disse: se és Christo, salva-te, e a nós comtigo; o outro porem, Dimas, reprehendia o vituperio, dizendo:—Nem temes a Deos, comprehendido na mesma pena! nós padecemos, pelo que fizemos, mas este justo o que fez para morrer? E, pregando os olhos no Senhor, dizia:— Lembra-te de mim, quando estiveres em teu reino.

A supplica teve bom despacho.

Em verdade te digo, respondeu Jesus, que hoje serás comigo no Paraiso. « *Amen dico tibi, hodie mecum eris in Paradiso* »

Junto da cruz estava partida de dores Maria Santissima, sua mãi; e conjunctamente Maria Magdalena, e Maria Cleophas.

Jesus então, vendo sua mãi sobre maneira afflicta e lacrimosa e junto a ella o discipulo amado João, disse para sua mãi, occultando-lhe o nome, para sem duvida não mais affligil-a: —Mulher, eis ahi teu filho. E ao discipulo: eis alli tua mãi.

Não era ainda meio dia (sexta-feira) quando crucificárão o Salvador da humanidade, e pouco depois o sol começou a escurecer-se, e a terra cobrir-se de trevas; aturou até as tres horas, quando Jesus Christo bradou: « *Eli, Eli, lamma sabbacthani:* » que quer dizer: Meu Deos, meu Deos, porque me desamparastes?

Alguns, porem, que não sabião o hebreu, pensavão, que elle chamava por Elias em seu soccorro.

Jesus Christo ja tinha padecido tudo, quanto as Escripturas referião; faltava apenas preencher a profecia do Psalmo 68, que era o fel e vinagre para saborear. Disse: tenho sede. « *Sitio.* » Um dos soldados correu, com uma esponja em vinagre, e na ponta de uma cana lh'a deu a provar; e logo que tocou os labios de Jesus Christo, disse elle, alçando com força a voz: «*Consummatum est*» Está completo o sacrificio; bradou por fim, elevando seus amortecidos olhos ao céo: Meu pai, em vossas mãos encommendo o meu espirito. *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum;* » dito isto inclinou a cabeça, e morreu. «*Et hoc dicens expiravit.*»

III.

Apenas expirou no Calvario o Filho de Deos, rasgou-se logo o véo do templo de alto a baixo, e a terra tremeu, fendêrão-se os penhascos (3) abrirão-se os sepulcros, e os corpos de muitos santos, que dormião o somno da morte, forão vistos em Jerusalem.

O centurião da guarda, Abenadar, boquiaberto de tantos prodigios, gritava com os soldados:—Na verdade este homem era o Filho de Deos.

A mesma turba, que presenciava o espectaculo, sentia um abalo sobrenatural, e retirara-se estupefacta, batendo nos peitos.

Os judeos porem com ordens de Pilato, dirigirão-se para o Calvario, para apressar a morte dos supplicados, antes que chegasse o sabbado. Executárão nos dous facinoras, quebrando-lhes as pernas, mas não em Jesus, por acharem-no ja morto.

Cassio, official inferior da phalange, que, no lugar da execução se havia postado, segundo era costume, Cassio, a quem ficou entregue o commando da guarda por cessão de Abenadar, era homem activo e desembaraçado, tinha porem os olhos vesgos em extremo, que excitava o riso dos seus mesmos companheiros de armas, entretanto que, como inspirado, tomou a lança, e com mão certeira cravou-a no peito direito do Salvador, e apenas forcejara em tiral-a, espadanas de sangue e de agua sahirão do lado aberto, e lavárão seu rosto como um rio de salvação (4), Cassio recebendo de subito a perfectibilidade da vista, confundido pelo prodigio estupendo, que acabava de ver em si mesmo, penetrado sobre maneira, arrodilhado na dura terra, bateu nos peitos, e confessou a Jesus Christo: Deos verdadeiro. Pela regeneração do baptismo tomou este proselyto o nome de Longino.

José de Arimathea, senador rico e poderoso, discipulo occulto de Jesus, acoroçoado pelo ao representante do imperio romano o corpo de Jesus para sepultal-o (5). Obtida a licença, partio para o Golgotha, para despregar o corpo, e achou ja a Nicodemos possuido do mesmo anhelo, trazendo comsigo quasi cem libras de um perfume de myrrha e aloes proprio para embalsamar; e José então comprou um lençol novo e asseiado.

Estes dous discipulos amorosos, recebendo o corpo de Jesus Christo, o qual piedosamente descravárão da cruz, envolverão-no em um lençol com ligaduras embebidas nos aromas, conduzirão-no a um horto, para dar condigna sepultura, lugar onde ja Noé e Adão tinhão sido inhumados, como diz o abbade Calmet (6).

O jazigo cavado era uma penha, no mesmo monte Calvario, pertencia a José de Arimathea, e ainda não havia recebido cadaver algum.

Assistirão á sepultura Maria Magdalena e outras mulheres, que presenciárão a morte do Salvador, e o lugar da inhumação; retirarão se, e forão preparar perfumes para o embalsamar, logo que passasse o sabbado.

Entretanto o principe dos sacerdotes e Phariseos se apresentárão a Pilatos no sabbado, e lhe lembrárão, que o embusteiro (Jesus) quando vivo, dizia que tres dias depois de morto havia de resurgir, e por isso mister se fazia mandar postar guardas no sepulcro, para que não viessem de noite os seus discipulos roubar o corpo, e dissessem ao povo, que elle resuscitára, erro por sem duvida maior que a doutrina, que elle prégava.

A esta reclamação o magistrado romano cedeu a milicia. Com ella seguirão ao Calvario, e chegando ao sepulcro tapárão a entrada com uma grande pedra, sigillarão-na, e guarnecêrão de sentinellas todo o lugar. «*Illi autem abeuntes, munierunt sepulchrum, signantes lapidem, cum custodibus.*»

E' em verdade um espectaculo, que enche de espanto o ceo e a terra, e de assombro toda a natureza! E' o espectaculo de justiça, de misericordia e de piedade, e tem sido objecto da contemplação das almas santas, e o será para sempre. (*Extr.*)

Padre Lino do Monte Carmelo Luna.

(*Continúa*)

(3) Os viajantes inglezes, e historiadores celebres, como Millar, Fleming, Maundrell, e Schaw, asseverão, que a rocha do Calvario não se abrio naturalmente pelas veias da pedra, porem estalou por um modo fora do commum, admirando a todos. Historia citada da vida dos Santos por Rebello da Silva. Tambem a obra—Jesus Christo perante o seculo diz-O rochedo do Calvario partio-se violentamente: e até hoje não tem podido a geologia explicar o caracter singular desta fractura.

(4) O sangue e agua miraculosa, que sahirão do lado de Jesus Christo, são como dizem os SS. Padres, duas fontes mysteriosas, que servirão a regar e santificar a Igreja. A agua significa o baptismo, por meio do qual o homem é regenerado á vida da graça, e o sangue significa o Sacramento da Eucharistia, que alimenta a alma, e augmenta a vida da graça. Vide Hist. Sag. de J. J. Roquette.

(5) Aqui se admira os arcanos divinos. Um José recebeu em Belem a Jesus em seus braços apenas nascido, outro José descravando-o supplicado da arvore da salvação, recebeu no Golgotha, em seus braços já morto.

(6) O Calvario chamado pelos Syrios e Arabes—«cranion» ou «Acranion», foi o lugar da sepultura de Noé, e tambem escolhido para a inhumação do corpo de Adão, já secco, trasladado para a Arca, e depois do diluvio distribuido pelos seus filhos. No mesmo Calvario foi immolado Jesus Christo, e sepultado o seu corpo, para que com seu sangue innocente, sangue de vida e resurreição, communicasse a graça ao primeiro parente da especie humana. Vide o Diccionario citado de Calmet- palavra—Calvaria, e Golgatha.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO. 1860.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 205.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.MO SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

TERÇA-FEIRA 2 DE ABRIL DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

A SEMANA SANTA.

Segundo o costume tiverão lugar na Cathedral, assim como em varias outras Igrejas da capital, os actos solemnes da quaresma e semana santa.

Nas cinco primeiras semanas da quaresma houverão sermões na Cathedral em todas as quarta-feiras á noite, prégados pelo Revd.º Sr. Beneficiado Delgado, e nas domingas, depois do Evangelho á missa do Côro, pelo Revm.º Sr. Conego Eleuterio.

Tambem houverão sermões no Convento do Carmo, no acto da missa conventual aos domingos, e no Hospicio dos Revd.os Missionarios Capuchinhos ás quinta-feiras á noite, e aos domingos de tarde.

Na Cathedral cantarão-se solemnemente e á grande orchestra as matinas nos tres dias de trevas; na quinta-feira maior S. Exc. Revm.ª pontificou, deu a communhão geral ao Clero e povo, e sagrou os Oleos, e depois de collocar o SS. Sacramento em *laus perenne*, na respectiva Capella, concedeu indulgencia plenaria á todos os, que fizessem nesse dia uma oração ao Santissimo Sacramento em adoração a tão augusto mysterio, e pedissem pela paz da Igreja; á tarde fez a solemnidade do Lava-pés, dando a cada um dos doze pobres uma esmola conveniente; depois do que prégou ao *Mandato* o Revd.º Sr. Beneficiado Delgado.

Tambem houve missa solemne e *laus perenne* nos conventos dos Religiosos Mercenarios, Carmelitas, Franciscanos, e Capuchinhos, assim como nas matrizes da Conceição e S. João.

Na sexta-feira santa, cantada a Paixão, e feita a solemne adoração da Cruz, prégou a Sagrada Paixão do Redemptor o Revm.Sr. Conego Magistral, Dr. Tavares da Silva, que ainda uma vez distinguio-se nessa brilhante peça d'eloquencia e historia, seguindo-se a missa dos presanctificados, concedendo no fim S. Exc. Revm.ª 40 dias d'indulgencia a todos os fieis presentes. A' noite houve a solemne procissão do enterro, acompanhada por S. Exc. Revm.ª e por todo o Corpo capitular e Clero da Cathedral; ao recolher prégou o Revm.º Sr. Conego Eleutherio.

Tambem houve procissão do enterro no convento do Carmo, na qual prégou o Revd.º Sr. Fr. Antonio, Franciscano, capellão da corveta de guerra *União;* no Hospicio dos Missionarios, prégando á sahida o Revd.º Sr. Vice-Prefeito Fr. Dorotheo de Dronero, e á entrada o Revd.º Sr. Fr. Gregorio Maria de Benne; e na matriz da Conceição, onde prégou o Revd.º Sr. Beneficiado Delgado.

No sabbado santo teve lugar toda a solemnidade propria do dia, com benção do fogo e d'agua da pia baptismal, seguindo-se a missa e o canto solemne dos tres *Alleluia.*

Na dominga de Pascoa pontificou S. Exc. Revm.ª e ao Evangelho prégou o Revd.º Sr. Beneficiado Delgado. No fim concedeu S. Exc. a benção papal com a remissão dos peccados a todos os fieis presentes, devidamente confessados e commungados, seguindo-se a solemne procissão da resurreição, na qual S. Exc. Revm.ª levou a sagrada hostia sob o pallio.

Abstemo-nos de fazer uma apreciação mais longa dos actos e mysterios da semana santa, porque os leitores tudo encontrarão, e melhor desenvolvido, nos artigos, que a baixo vão transcriptos, para os quaes chamamos toda sua attenção.

RELIGIÃO.

PAGINAS SAGRADAS.

(*Vem do n.º passado.*)

(Conclusão.)

A PASCHOA OU RESURREIÇÃO.

Jesum quæritis Nasarenum crucifixum, surrexit; non est hic.
S. Marc. c. 16, v. 67.

Resuscitou do sepulcro o Homem de dores! Ineffavel e sublime mysterio acaba a Santa Igreja de celebrar, havendo precedentemente commemorado as phases da sua Paixão.

Este dia memoravel da Resurreição chama-se tambem Paschoa—que entre os Hebreos quer dizer—passagem—e exprime a palavra—Pesach—assim como—Pascha—no idioma grego.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Esta solemnidade, celebrada entre os Israelistas, trazia a memoria da passagem do Anjo exterminador, quando descarregou golpes mortaes sobre os primogenitos do Egypto, respeitando apenas os filhos de Israel.

Pelo nome de Paschoa tambem se conhece a passagem destes Israelitas pelo mar vermelho, que lhes dera franco caminho pelo meio de seu leito, quando elles corrião da perseguição de Pharaó, para tomarem posse da Palestina, terra promettida a seus avoengos.

Do mesmo modo que a Paschoa, celebrada pelo povo hebreo, recorda a passagem do captiveiro do Egypto para a fruição da liberdade e acquisição da terra promettida, a Paschoa entre os Christãos commemora, que pela resurreição do Homem Deos, que passou da morte á vida, passárão elles do imperio da morte, que possuião em herança do seu protoplasto, á vida da graça, habilitados a terem ingresso na terra da promissão, pelos merecimentos do cruento sacrificio, que Jesus Christo acabava de consummar no empinado Golgotha.

O Homem de dores tinha affiançado aos seus discipulos, que, ao terceiro dia de sua morte, vencendo o imperio della, e rasgando as trevas do sepulcro, havia de resuscitar.—*Postquam autem resurrexero, præcedam vos in Galilæam* (1).

O sepulcro do Salvador fôra investido pela milicia do Pretorio; uma cohorte o espreitava com a maior solicitude; a entrada do jazigo era fechada com uma grande pedra, e sigillada com o sêllo da autoridade romana.

A Synagoga, ainda com as mãos tintas do sangue da victima immolada, esperava avida o dia assignalado mesmo por Jesus Christo, para mostrar em publica assemblea os effeitos da cruel flagellação, porque passava o Christo; porem a verdade é poderosa sempre, sempre vence os ardis do homem. A politica humana é fraca e impotente contra o Senhor, disse o doutor da Graça: os soldados, que ella associar ás suas combinações, serão as primeiras testemunhas da Resurreição de Jesus Christo, cuja verdade será sustentada á custa de todas as precauções de seus figadaes inimigos.

Morto e sepultado o Homem Deos, na sexta-feira, ao romper d'alva do terceiro dia (domingo) Jesus Christo, deixando o lençol no fundo do sepulcro, sahio delle pela sua propria virtude; pela subtileza de seu glorioso corpo, conservando-se a pedra do mesmo modo, com o mesmo sêllo do poder publico!

Maria Magdalena em companhia de Maria, mãi de Tiago, e Maria Salomé, partirão, acompanhando-as ainda o pezar, com os perfumes e aromas preciosos, e chegárão ao sepulcro com o vehemente anhelo de embalsamarem o sacro-santo cadaver de seu Mestre.

Apenas quizerão approximar-se delle, um grande tremor abalou a terra, e um embaixador desceu da esphera celeste, derrubára a pesada pedra, e assentara-se sobre ella.

A medonha convulsão da terra, o clarão do relampago, que fulgurava no rosto angelico, a alvura de suas roupas, tudo foi sufficiente para amedrontar os soldados Romanos, e as sentinellas do sepulcro cahirão traspassadas de terror, sem sentidos, e como mortas jazião em terra.

Entretanto, passado o terremoto, penetrárão as piedosas mulheres no sepulcro. Admiradas sobremaneira, boqui-abertas por verem a campa arredada do lugar, com tudo forão executar o proposito, que as levava; entrárão no sepulcro, mas assombrarão-se não vendo alli o corpo de Jesus Christo!

A' vista do que sahirão, e Magdalena impaciente separando-se das outras, correu a Pedro e a João, e lhes disse: «Levárão o Senhor do sepulcro, e não sei, onde o puzerão!»

Attonitos e sobresaltados os discipulos por uma tão triste noticia, chegárão ao sepulcro, e seus proprios olhos os desenganárão, de que não existia alli o corpo de seu Divino Mestre.

A afflicção penetrava o coração das mulheres, quando, tornando a entrar no jazigo, se convencião da verdade.

Quando assim confusas sahião do lugar, Magdalena, banhada em pranto, deparou com anjos vestidos de branco, que lhe perguntárão, porque chorava? «Levarão-me o meu Senhor, e não sei, onde o puzerão, disse Magdalena.» *Tulerunt Dominum meum, et nescio, ubi posuerunt eum* (2).

Logo que proferio estas palavras, voltando-se, vio a Christo ao pé de si, mas não o conhecia, porque estava em trajos de hortelão. Porque choras, mulher? e a quem procuras? disse Christo, disfarçado em jardineiro.

Senhor, se tu és, quem daqui o tirou, dize-me, onde o puzeste, e eu o levarei; assim exclamava Magdalena.

Palavras que pintavão bem viva a dor, que feria o coração, e revelava o affecto de sua alma, merecião uma resposta consoladora.

Jesus então replicou, chamando-a por seu proprio nome, Maria! e ella respondêra: Rabboni! que quer dizer —meu Mestre; então conheceu perfeitamente o Senhor.

Ella quiz de perto adorar a Christo, porem elle lhe disse: Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai, porem procura aos meus irmãos (os Apostolos) e dize-lhes de minha parte, que vou para o meu e vosso Pai, para o meu e vosso Deos. «*Noli me tangere, nondum enim ascendi ad Patrem meum; vade autem ad fratres meos, et dic eis: ascendo ad Patrem meum, et Patrem vestrum, Deum meum, et Deum vestrum* (3).

Magdalena portanto cumprio pontualmente o mandato divino; dirigira-se com suas companheiras, e todas forão dar aos Apostolos a boa nova da Resurreição de Jesus, mas elles tomárão por delirio, e derão pouco credito.

Entretanto que os autores da Paixão, os perpetradores de delicto tão atroz, se bem que obstinados na maldade, erão menos incredulos. Todo o seu fim, o seu proposito, era o de occultarem a verdade, e pôr em duvida successo tão maravilhoso.

Apenas alguns soldados, que presenciárão o facto, tornárão a si, partirão para Jerusalem, e relatárão o que virão,

(1) S. Math. cap. 26 v. 32.

(2) S. Joan. cap. 20 v. 13.

(3) S. Joan cap. 20 v. 17.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

affirmando, que o corpo de Jesus desapparecêra do sepulcro !

A' vista do que, reunido o congresso dos Anciãos e Scribas, assentárão, que uma boa somma de dinheiro se désse aos soldados, para que dissessem, que de noite, emquanto dormitavão, vierão os discipulos de Jesus, e roubárão o corpo !

Os guardas recebêrão o dinheiro, cumprirão o promettido, e a falsa nova soou logo entre os Judeos. O manto da mentira não poude cobrir o archote da verdade.

Estes mesmos depoimentos servirão de provas exuberantes a favor da Resurreição de Christo.

Como poderião os discipulos approximar-se do sepulcro, e de noite, quebrar os sellos e levantar a pedra, sem que nessa occasião o ruido, que necessariamente farião para effectuar o roubo, dispertasse os soldados do somno ? Ainda mais, se elles estavão agarrados á somnolencia, replica Santo Agostinho, como poderião assegurar, que o corpo fôra subtrahido pelos discipulos ? !

Certamente, a não ser por encanto, era um impossivel.

O subterfugio, que procurárão os Phariseos, invocando o testemunho dos guardas adormecidos, servia apenas para embair a multidão estupida, e despido porem das cores da veracidade para as pessoas de sã consciencia e de boa razão, as quaes o recebião em prol da Resurreição do Homem de dores.

Os discipulos ainda reciprocamente tratando do successo, que se dera no sepulcro, estavão perplexos em receber a veracidade do facto.

No mesmo lugar porem, onde se havião reunido por causa da perseguição, que por ventura os Judeos quizessem promover contra elles, quando fallavão das differentes apparições de seu Mestre, quando sobre a tarde estando todos á mesa, e as portas fechadas, se occupavão desse assumpto, eis que Jesus Christo se manifestára, e dissera-lhes: « *Pax vobis, ego sum.* » A paz seja comvosco, sou eu, não receieis.

A turbação todavia espalhou-se entre todos, e todos attonitos, persuadindo-se verem um espirito, nenhum ousou fallar.

Qual o motivo de vossa turbação e assombro ? disse Jesus: olhai para as minhas mãos e meus pés, aqui estão os signaes indeleveis de minha crucificação; apalpai e vede, sou eu mesmo. Considerai, que um espirito não tem carne e osso, como em mim vedes.

A turbação, que possuia os discipulos, mudou-se em transportes de jubilo e prazer, de verem seu mestre: *Gavisi sunt discipuli viso Domino* (4).

A Resurreição de Jesus Christo é não só o fundamento da nossa fé, o objecto da nossa esperança, senão ainda o modelo, o exemplar da resurreição espiritual da nossa alma na presente vida.

Assim como, diz a brilhante tocha de Milton, todos perecemos em Adão, assim em Jesus Christo todos vivificamos. As primicias da morte nos ministrára o primeiro culpado, as primicias da resurreição nos entregára a victima do Golgotha.

(4) S. Joan. cap. 20 v. 19 e 20.

Temos chegado á arena, que promettemos, tratando da Paixão do Homem Deos, desde sua entrada triumphante em Jerusalem, ao cruento sacrificio no cimo do Calvario, terminado com sua Resurreição. Dando agora o ultimo traço ao quadro, que, sem engenho e arte, temerariamente traçámos, apresentamos a descripção da estatura e feições de Jesus.

Alguns autores tratão dellas, invocando o testemunho de Nicephoro, historiador ecclesiastico do quarto seculo, appellando para a carta, que Publio Lentulo, pro-consul da Judea, dirigio ao senado, durante a prégação de Christo.

Segundo a informação de Lentulo, Jesus foi dotado das perfeições corporaes. Os cabellos erão lisos, assedavão-se quasi ás orelhas, e para baixo crespo, apartado pelo meio da cabeça ao uso nazareno. A barba partida, os olhos garços e entre verdes. Nunca o virão rir, por mais de uma vez chorar. Segundo Nicephoro, pelo que elle poude colligir dos antigos, accrescenta, que as sobrancelhas erão negras e arqueadas. Nunca navalha tocou seus cabellos, que crão, juntamente com os da barba, louros, nem outra mão tocou sua cabeça senão a de sua mãi, quando pequeno; o pescoço não era muito levantado, seu rosto oval, e tinha grande semelhança nas feições com Maria, sua mãi. Abgaro, rei de Edessa, mandou á Judea um pintor para retratar a Jesus; porem ficou aquelle tão deslumbrado do esplendor de seu rosto, que nenhuma linha poude traçar. Mas o Senhor satisfez a devoção do piedoso rei, imprimindo milagrosamente o retrato no panno, que o pintor havia aparelhado (5).

Padre *Lino do Monte Carmelo Luna.*

(*Extr.*)

Hosanna !

* * *

Ainda hontem o apparato lugubre dos templos, a pompa severa do sanctuario, e o echo plangente de muitas vozes affogadas na dor e no desalento, vinhão reproduzir quadros de uma significação profunda aos olhos desta mesma sociedade, que ahi passa descuidada e egoista no tropel ruidoso de vicios e de paixões horriveis !

Ainda hontem a scena era grave, solemne e eminentemente pathetica; porque, para todos lá estava uma luz mysteriosa a derramar-se vivida dos braços de um madeiro sacrosanto, que as multidões encaravão de perto, como a solução do maior problema, que desde os primeiros tempos está ligado aos destinos da humanidade.

E, não obstante a indifferença do seculo, máo grado a especie de affectado scepticismo, que já lavra tão rapido e desolador por quasi todas as camadas sociaes, as ondas do povo refluião férvidas nos templos e nas praças, como se para todas ellas um só pensamento lhes apontasse, cheio de unção e de suavidade, nesses mesmos episodios do mais extraordinario de todos os dramas.

E havia razão para isso.

* * *

A nossa vida moral é um facto, que se prende a uma

(5) Vede a obra.—Eva e Ave; e os Fastos da Igreja por Rabello da Silva.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

origem sublime; e essa origem está na redempção, na rehabilitação, por meio de um sacrificio sem igual na historia dos povos.

Dezoito seculos—que tantos ha já, que vivemos! —trazem estampada, em sua longa serie de annos, uma memoria de subido preço, que, sobrenadando sempre na alluvião devastadora de tantos successos e de tantos acontecimentos diversos, ainda se reflecte brilhante e inspiradora nas edificantes ceremonias da Igreja Catholica.

Outr'ora um povo ingrato, cedendo a impulsos de falsas conveniencias politicas, e desvairado por um fanatismo immoral e grosseiro, levára ao supplicio o mais innocente de todos os homens, o Homem por excellencia, porque era em si mesmo um Deos, o Unico, o Verdadeiro Filho do Eterno.

Era n'uma cidade populosa, n'uma das mais celebres cidades do Oriente.

Alli consummara-se um sacrificio espantoso á face da terra; e esta, como sensivel a tanta crueldade e a tanta dureza de homens, revolvêra-se, agitara-se, e, lançando um grito de horror, estremecêra em sua propria base, como as experiencias da sciencia profana ainda agora o estão provando.

E a civilização antiga parou desde então em seu gyro; e uma civilização nova, sahindo, como por encanto, daquelle successo miraculoso, veio a desenhar-se formosa para os povos do Occidente, que até alli vivêra sequestrado á acção benefica do progresso e da luz.

E o tumulo, que se abrio para receber o cadaver dessa victima augusta, era uma fonte de gloria, que se patenteava suprema e abundante para toda a raça humana, para essa mesma familia, que tanto se transviára, que se degradára pelo orgulho e pela degeneração moral.

E é ante a figura symbolica desse tumulo, que ainda hoje se curvão tantas populações em todos os pontos do globo!

E diante delle prostravão-se, não ha muito, essas multidões compactas, essas turbas de crentes, que ainda se lembrão de tantos rasgos de bondade, que o martyrio do Golgotha é o unico a despertar sempre,

Quando teve lugar esse facto assombroso, era o mundo um vasto campo aberto ás lutas infrenes de milhares de erros e de opiniões absurdas.

Cruzavão-se os systemas, como se cruzão as armas n'um combate renhido: a intelligencia lidava quasi exhaurida de cansaço, refervião as escolas philosophicas, sem guia, nem norte, no mar immenso das hypotheses e das conjecturas aventurosas e fataes.

E a idolatria, sentando-se disforme e voluptuosa na tenda do israelita, assim como no palacio sumptuoso dos Pharaós e dos Nabuchodonosor, estendia-se soberana desde as planicies do Senar, desde as margens do Euphrates e do Tigre, até aos dominios de Roma, que era ao longe a sentinella avançada, com seu *Jupiter*, com sua *Venus*, e com as mil copias licenciosas do paganismo oriental.

Um dia um homem de genio elevado, resto, sem duvida, dessa grande geração dos vates sagrados, que precedêrão e assignalárão a missão de Christo, levantára-se forte no meio de seus conterraneos captivos e oppressos, e fallára como verdadeiro philosopho á impiedade personificada no vulto eminente do impudico monarcha persa.....

Esse mesmo homem, dil-o a historia, fixou, na serie dos tempos, o periodo invariavel de *dez semanas*, após o qual se teria de desenrolar um drama, como até então nunca se havia presenciado.

E' que essas inspirações, bebidas no seio da verdade, apparecião no mundo, como o typo solemne de um pensamento generoso e altamente civilizador; e aquelle, que vira de longe, na sombra espessa do futuro, os factos e os acontecimentos, como se elles já se houvessem realizado, reatava por si mesmo a narração e a tradição, que muitos seculos antes se deixavão observar perennes e vivas nas palavras dos prophetas, nas esperanças dos patriarchas, no annuncio eloquente de milhares de figuras e de symbolos de uma lei monumental para quasi todos os povos de então.

* * *

Que successo era esse, que punha em relevo toda a marcha da sociedade até aquella época, e vinha abrir uma nova phase na historia humana?

.....

Mais tarde a philosophia dos Romanos, que fôra a dos Gregos, que fôra a dos Persas, dos Phenicios e dos Babylonios, cahia diante da philosophia da *Cruz*, humilde, porém santa, irrisoria aos olhos do mundo, mas veneranda e gloriosa para todos, que teem direito á vida moral e á rehabilitação do espirito.

Tombára o *Stôa*, desapparecêrão os jardins de Academo, foi-se a doutrina vertiginosa dos adoradores dos idolos; e as crenças aridas do stoicismo, e as theorias ardentes do sensualista Epicuro, e as brutalidades dos cynicos, e as parvoices dos scepticos, cedêrão o lugar de honra, na propria Roma dos Cesares, ao Christo Crucificado, que a voz poderosa dos novos philosophos lá ia apresentar, como penhor de felicidade, aos exclusivos dominadores da terra.

O prodigio era maximo, superior a todo o encarecimento, só por si capaz de fornecer assumpto para uma historia magnifica e inimitavel.

O apostolado estava produzindo já seus effeitos maravilhosos; e dentro em pouco a raça dos reprobos sumio-se de todo ante esse estandarte esplendido, que já tremulava seguro e triumphante no alto do Capitolio.

Dahi por diante os destinos da humanidade estavão inteiramente mudados:—o sello de uma nova lei estava imposto á acção inalteravel da existencia moral:—os depositarios da herança preciosissima da fé conduzião-n'a zelosos até as ultimas regiões da terra; e nada lhes pudera suspender os passos, ao seguirem impavidos nessa nova senda, que lhes franqueára a caridade e a consciencia de sua propria missão.

* * *

A providencia tem segredos, que á sciencia humana é impossivel perscrutar, mas que a piedade e as inspirações religiosas chegão a comprehender por fim.

Um desses segredos vemol-o nós no estabelecimento

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

admiravel da Igreja, e no seu crescer rapido, através de mil difficuldades, de mil perigos e calamidades de todo o genero.

Lá ao longe a antiga Roma dos Tiberios e dos Caligulas é a Roma dos Pontifices e dos Summos Sacerdotes de Christo: — e a cadeira de São Pedro, que alli se eleva grandiosa e mystica, é o transumpto ineffavel dessa bemaventurança eterna, que ha de surgir para todos *n'um só rebanho*, e sob a direcção suprema de um *só Pastor*.

Decorrem os seculos; e á propria voz desses evangelizadores, o elemento furioso da barbaria é sustido em sua marcha assoladora, e as novas nações, que rebentão dessa alluvião de tribus indomitas, reagem contra ellas mesmas, e afinal civilizão-se, completão-se, organizão-se de todo, mediante os influxos dessa mesma *Cruz*, que não comprehendião antes.

As revoluções, que se succedem, as idéas contrarias, que se chocão e se embatem, as novas escolas, que se erguem, as theorias novas, que vem após as velhas theorias do oriente pagão, tudo assignala a metamorphose singularissima, por que passára o genero humano desde o momento, em que se havia representado aquelle drama pasmoso, a que alludimos.

* *
*

Que muito é, pois, que nós, christãos e catholicos, nos curvemos respeitosos diante desse monumento purissimo da nossa fé, que o é tambem da nossa ventura e da nossa propria dignidade ?

Que muito é que, em dias consagrados á meditação é ás preces, nos prostremos na presença d'esse tumulo veneravel, e que unamos a voz dolorosa de nossos affectos intimos ao echo sentido e magoado, que rebenta espontaneo em tantas notas de harmonia celeste ? !

* *
*

Eis o que se passava hontem.

O recinto sagrado estava em silencio, que era interrompido, de espaço a espaço, pelo murmurio das orações puras e singelas, e pelo vozear grave dos ministros de Deos.

Era a commemoração do maior successo, que tem visto o mundo: era a representação mystica d'esse drama, que, ha tanto tempo já, se passára em Jerusalém, em horas de profunda amargura e de universal consternação.

Mas hoje o quadro é outro.

O sanctuario regorgita de ornatos e de pompa, de flores e de luzes, de harmonias deliciosas e de cantos angelicos: o povo dos crentes nada no jubilo, e a satisfação interior se lhes traduz graciosa na voz e nos gestos, na propria linguagem do sentimento, que lhe acode aos labios e ao semblante.

E essa transição, bem longe de ser violenta, é natural, é o complemento necessario do facto prodigioso, que nos aponta a historia no desenrolar da semana, que está a findar por momentos. Aquelle martyrio atroz, aquelle padecer sem limites, aquelles transes de penar acerbissimo e pungente, erão o antecedente logico de uma victoria completa para o genero humano, de uma gloria superior e inapreciavel, de um viver de delicias para a alma no seio da eternidade.

A Jerusalém terrestre abatera-se para sempre, depois do crime, que lhe havia murchado os esplendores e a fama: é a Jerusalém celeste, que se levanta magestosa no dia das maravilhas e dos prodigios, ao raiar do sol magnifico da *resurreição*, para todos os catholicos do orbe.

Aquella — a cidade maldita — arrastrão-na no vilipendio as suas proprias iniquidades; e só, poupada á acção devastadora do tempo, nos poucos restos da sua vida passada, é hoje a tenda obscura e triste para o habitador da Asia e para os viajantes de todos os pontos da terra, que alli vão ler os destinos da raça humana, em tantos destroços e em tantos monumentos significativos de opprobrio e de grandeza !

Que singular contraste !

Esta — a *celeste* — veste-se de oiro e de purpura, de pureza e de candura, de amor e de magestade; e nos annuncia de longe, na solemnidade festiva da resurreição, o futuro immenso, que se abre á humanidade, e que se lhe descortina tão vasto nas bellezas da fé e nos thesouros da Igreja Catholica.

* *
*

A poesia dos affectos d'alma, que só o Filho de Deos poderia fazer descer do céo, com as enchentes de seu amor suavissimo, é tambem hoje a linguagem do crente; e em momento de tão apreciaveis recordações, ha uma só palavra mysteriosa e profunda para toda a humanidade:

E' o *hosanna* ! o hymno fervente e piedoso, que se levanta do coração para o throno de Deos. Será talvez um echo imperfeito da lyra dos anjos, ao passar pela terra na inspiração doce e encantadora das preces e dos psalmos?

Diga-o a fé para os, que a sentem ainda neste seculo de materialismo: — nós repetiremos com o povo — *Hosanna !*

(Extr. do *D. de Pernambuco.*)

TORRES BANDEIRA.

Os Estados Pontificios. (*)

Por este nome designão-se os territorios, que são sujeitos ao poder temporal do Papa. A soberania do Papa sobre elles não se formou de uma só vez e espontaneamente, mas por concurrencias de circumstancias, que estavão acima dos calculos humanos; de maneira que os Papas com a cooperação dellas forão conduzidos á este poder temporal, sem se poderem esquivar, á menos que prejudicassem gravemente a Igreja e a Religião.

Depois que tudo se tinha preparado em favor dessa soberania, ella já havia creado raizes na terra historica; sendo que alguns factos particulares vierão manifestar á todas as luzes a indubitavel existencia desse poder.

O Papa tinha em commum com os bispos do imperio Romano uma grande intervenção nos negocios politicos, cuja influencia necessariamente exigia, que elle fosse superior aos outros, para o que muito concorreu o estado miseravel, em que se achava o imperio occidental, mui principalmente tendo o imperador Constantino mudado sua residencia de Roma para Bisancio; não menos concorrendo para isso a divisão, que houve no tempo de Theodosio, visto como só depois de alguns decennios é, que

(*) *Por falta d'espaço não tem sido publicado ha mais tempo este artigo.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

alguns imperadores residião em Roma; augmentando ainda mais a prepotencia do Papa a riqueza da Igreja Romana, cujas propriedades (*patrimonium S. Petri*) estavão espalhadas por toda a Italia. A Igreja já podia aceitar donativos;*cod. Theod. XVI: 2, 4, Euseb. vid. Const. Mag. IV, 18. Cod. Theod. II, 8, XVI, 10, 20 e 25. Socrat. h. ecc. III, 2, V, 16.—Sozom. h. ecc. V 7. Cod. Theod. de hæretic, I. 43, 52, 57, 65. Socrat. h. ecc. VII 7.* Por isso o Papa viu-se collocado na posição de soccorrer á todas as necessidades geraes, e assim succedeu no tempo de Gregorio Magno, que reinou desde 590 a 604; e deste modo realizou-se, que os bens da Igreja são o *patrimonium pauperum, vid. Thomass. Vit. ei. nov. disc. ecc. III. 3. 29.* Os bens da Igreja fornecêrão ao Papa os meios de defender o paiz dos inimigos externos contra os Longobardos, que entrárão na Italia em 568. Estes continuárão em suas conquistas na Peninsula até o principio do seculo VIII, e parecia, que neste tempo quizerão levar a effeito os seus empenhos. Só por intervenção do Papa, ou empregando a defeza, ou sollicitando a paz, é, que devem os imperadores gregos a conservação de seus dominios na Italia.

Assim foi o Papa constituido o verdadeiro protector da Italia central, quando o Imperador Leão III, ou Isauro, tão illegalmente eleito,como seus predecessores, subio ao throno grego em 717. Delle partiu a perseguição desse tempo contra a exposição e culto das imagens, sendo victima desta perseguição o Papa Gregorio II, que reinou de 715 até 731: mesmo assim este Papa foi o,que conservou em beneficio do Imperador a fidelidade dos cidadãos do territorio do Exarchato e do Ducado Romano. As metropoles de Roma, Alexandria e Antiochia tinhão sempre uma preponderancia sobre as outras dioceses; o que foi confirmado de direito pelo concilio de Nicea, can. 6.º E porque nesse tempo os Bispos accumulavão a jurisdicção temporal, forão chamados—Exarchas, *exarchos tes diokeseos*, titulos que tinhão os administradores civis. E por conseguinte viu-se o Papa obrigado a intervir nos negocios temporaes de Roma, Ancona, Umana, Fano, Rimini, Pesaro, Ravena e Padua. Mais tarde surgio a revolução, e os Longobardos aproveitando-se della, entrárão no Exarchato. Desgostoso o povo da frouxidão do Imperador, procurou a protecção do Papa, que desta arte tornou-se mais independente do Imperador. Porém Gregorio III vendo, que por si só não podia conter os Longobardos, buscou o auxilio do imperador Carlos Martel, que aliás não estava nas circumstancias de prestar o auxilio, que se lhe pedio. Era este o estado das cousas,quando o Papa Zacharias subiu ao throno em 741. Os Longobardos já tinhão penetrado até as proximidades de Roma, mas o Papa empregando os meios,que o momento exigia, conseguiu do Rei Luitprand uma paz de vinte annos, principalmente para o Ducado de Roma, e a restituição das cidades Orta, Bomarco, Blera e Amelia. Quando o Rei dos Longobardos entrou no anno seguinte no Exarchato, foi outra vez o Papa, quem celebrou a paz com elle, e a restituição das cidades Ravena e Cesana. Foi somente a grande precisão, e não o desejo de governar, que occasionou essas circumstancias, que ainda mais se desenvolvêrão, quando se apresentou o successor de Luitprand, Rachis. Mas em fim, quando o perigo subiu ao ponto culminante, no reinado de Aistulf, successor de Rachis, que ja tinha conquistado quasi toda a Italia, os Imperadores gregos,não podendo soccorrer ao povo,o Papa Estevão II, indo mesmo á França, convocou o rei Pepino.

Este venceu os Longobardos em duas batalhas, as quaes tiverão lugar em 754 e 755; e foi nesta epocha, que Pepino fez doação escripta ao Papa dos territorios de Ravena, Exarchato, e todas as outras cidades conquistadas pelos Longobardos no tempo de Luitprand. Com quanto o acto de Pepino tenha o caracter de doação, todavia os escriptores contemporaneos asseverão, que foi uma verdadeira restituição feita ao Papa de suas possessões.

Pelo correr das eras augmentarão-se esses territorios, principalmente Benevento, que ja desde Pepino estava independente do dominio Longobardo, sendo governado algum tempo por soberanos hereditarios feudaes do Papa, e pela extincção dessas jerarchias em 1077, pelos reitores dos SS. Pontifices.

Uma grande acquisição para a Sé Apostolica proveio da herança da condessa Mathilde Tuscien, que morreu em 1115, não obstante ter esta causado uma grave questão entre os Imperadores, a qual durou até o reinado de Frederico II em 1220. O Papa Gregorio X recebeu do Rei Filippe III de França o condado de Venaissim; e seu successor Nicolao III celebrou em 1278 com o Rei Rodolpho o contracto, pelo qual forão declarados e reconhecidos, como pertencentes aos estados pontificios, a Romania, Exarchato, os bens da condessa Mathilde, o territorio de Ancona, Spoleto e Comacchio. No seculo XIV reuniu-se a Venaissim Avignon, que era possessão franceza. O Rei Filippe IV havia concedido esta cidade em 1290 ao Rei Carlos II de Napoles, e o Papa Clemente V alli fixou a sua residencia em 1308 ou 1309; e em 1348 Clemente VI realizou a compra desta cidade das mãos da Rainha Joanna de Napoles. Pelas muitas guerras teve o Papa de lutar com bastantes difficuldades para rehaver as suas possessões; porem, pouco a pouco as obtivera, como succedeu com Julio II em 1512 Bolognia; Clemente VII Ancona em 1532; Paulo III Camarina em 1545; Clemente VIII Ferrara em 1598; Urbano VIII Urbino em 1636; Innocencio X Castro e Ranciglione em 1649. Infelizmente, porem, succedêrão as occurrencias do seculo XVIII, onde lhes forão tiradas algumas cidades, taes como Benevento em 1768; Napoles, que rompeu o feudalismo para com o Papa, vinte annos depois de Leão IX. Foi Napoleão, quem, pelo decreto de 1809, declarou extinctos os estados pontificios, depois da prisão do Papa. E' certo, que poucos annos depois o congresso de Vienna, pelo decreto final de 9 de Junho de 1815, revogou aquelle pela restituição dos estados pontificios, menos uma parte do territorio de Ferrara á margem esquerda do Pó, Venaissim e Avignon, contra cuja falta protestou o Papa.

Mais teria para dizer a cerca da materia, se a minha saude,sobremodo prejudicada pelas ultimas entradas, que fiz nos bosques, para catechizar tantos selvagens, m'o permittissse; e tambem porque apenas tenho á vista alguns manuscriptos meus, visto como o meu estado de pobreza neste sertão da provincia, priva o pobre missionario de comprar as obras, que mais profundamente podem

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

clarecel-o. Entretanto, se alguem quiser verificar esta verdade, procure obter Orsi, *della origina del dominio e della soberanita de Romani Pontifeci, sopra gli state lo-rotemporalmente soggeti; Cenni monumenta Dominationis Pontificiæ sive codex Carolinus Rom. 1760.* 2 *vol em* 4.º *Gosselin-Pouvoir du Pape en moyenage—Paris 1845 pag. 193 et suiv; P. Alf. Muzarelli da comp. de Jesus, Dominio temporale del Papa. Rom. 1789.*

E' exacto, que os Estados Pontificios não são de absoluta necessidade para a Igreja, porque os Papas governavão-n'a mesmo das catacumbas: mas, não se pode negar, que lhe são de grande importancia pelas seguintes razões: 1ª o Papa sem o poder temporal, como se pretende, fica coagido em sua liberdade e soberania como chefe, que é da Igreja; para prova do que, recordamos a catastrophe de Avignon: 2ª privado o Papa dos estados pontificios, trará em resultado, que os Principes catholicos sejão obrigados a faser certas despezas, de que pela reunião dos Estados teem sido poupados até hoje; sendo para notar, que a maior parte dos empregados publicos em Roma são seculares e não clerigos.

O Papa possue os estados em questão de boa fé, por justo titulo, continua posse, e pela prescripção, e portanto por direito positivo.

O poder temporal tem obrigação de defender a Igreja.

Se a piedade dos fieis dota os Papas com estados, se lhe edificão ou não magestosos templos, palacios para os bispos; se os padres celebrão o sancto sacrificio da missa em um calix de ouro, prata ou de madeira, sempre a Igreja vencerá, como venceu aos Phariseus e Saduceos; como venceu em 53, 64, 284, &.

Não desejamos ser testemunhas de ver a terra, sobre a qual derramou-se o sangue de Pedro e Paulo, como vemos as terras sanctas, que forão regadas pelo precioso sangue do Redemptor.—

Padre *Carlos Winkler*, Missionario dos Indios.

Sequencia da Missa da Resurreição.

Victimæ Paschali laudes &. Os christãos offerecêrão sacrificios de louvor a Jesus-Christo seu salvador que é o verdadeiro Cordeiro Paschal.

Agnus redemit oves &. Este é o cordeiro, que resgatou as ovelhas: Este é o Filho unigenito de Deos, que sendo innocente reconciliou os homens pecadores com seu Pai.

Mores et vita duello &. Houve um memoravel duello entre a vida e a morte: O Auctor da vida, morrendo, triumpha da morte, e reina vivente e glorioso.

Dic nobis, Maria, &. Dizei-nos, Maria, que vistes vós indo ao seu sepulchro? Eu vi o sepulchro de Jesus Christo vivente e a gloria de Jesus Christo resuscitado.

Angelicos testes &. Eu vi os anjos, que m'o annunciárão; eu vi o seu sudario, e os seus vestidos, que disto erão outras tantas testemunhas.

Surrexit Christus spes mea &. Emfim Jesus Christo, minha unica esperança, resuscitou; eu vos declaro a vós, que sois seus Apostolos, que elle ha de ir adiante de vós para a Galilea.

Scimus Christum &. Nós pois sabemos, que Jesus Christo está verdadeiramente resuscitado de entre os mortos. E vós, ó Rei, que triumphaes da morte, tende misericordia de nós. Assim seja. Louvai a Deos.

(*Extr.*)

Necrologio.

—No dia 16 de Fevereiro passado falleceu depois d'esgotados os soccorros humanos, e ter recebido os da Igreja, o Exm. e Rvm.º Sr. D. Antonio Joaquim de Mello, Bispo de S. Paulo, na cidade do Itú, sua terra natal, victima d'uma ascites, que de ha muito tempo o atacára. A cerca deste funesto acontecimento diz uma carta particular, estampada no *Jornal do Commercio* do Rio:

«Muito perdeu a Igreja, a sociedade, e principalmente a provincia de S. Paulo!

«A historia desse grande homem ahi está viva e indelevel nesses grandes monumentos erguidos do nada, á custa de muito martyrio.

«Seguio sempre o seu caminho, sem ouvir as injurias dos máos, e os apodos de seus inimigos gratuitos, e só descançou de sua longa viagem, quando para elle soou a hora do descanço eterno.

«A Igreja fez-lhe um funeral no dia 19, e não foi digno do morto e do publico.

«Hoje (20) reunio-se o Cabido, e elegeu Vigario Capitular do Bispado ao Sr. Dr. Joaquim Manoel Gonsalves d'Andrade, digno Conego da Sé.

«Foi uma boa escolha; o eleito é homem instruido e virtuoso.

«Consta-me, que o governo manda fazer um outro funeral, que corresponda á alta posição do morto».

O Venerando Bispo, que acaba de descer ao tumulo, era um Varão distincto, que fazia honra ao Episcopado brasileiro, seja pela sciencia e virtudes, de que era dotado, seja pela severidade dos principios e maximas, que professava; superior aos ataques dos *espiritos fortes*, seus inimigos gratuitos, e encarando sempre a educação e instrucção do Clero, como o phanal unico e infallivel para chegar-se á moralidade necessaria, por isso mesmo esforçou-se por manter a disciplina ecclesiastica com a severidade possivel.

Grande parte de seu tempo administrativo empregou elle em visitar o interior da Diocese; o que por certo mereceu-lhe não pequena gloria por sobre a coroa de sua peregrinação terrestre, ja pela rudeza do trabalho, a par dos fructos espirituaes, que dahi auferirão as ovelhas dos lugares, que percorreu, ja pelas quantias, que poude recolher, e com que fundou o Seminario na capital, o qual permaneceu por algum tempo mantido por esse meio, até que foi votada no orçamento geral uma quantia conveniente.

O Exm. e Rvm. Sr. D. Antonio Joaquim de Mello foi eleito Bispo de S. Paulo com o Rvm. Sr. D. Feliciano José Rodrigues Prates para S. Pedro, do Rio Grande do Sul, juntamente com o Exm. e Rvm.º Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, para o Maranhão, no dia 5 de Maio de 1851.

Altos juizos de Deos! Em quanto os Bispos de S. Pedro, e S. Paulo descêrão á sepultura, o do Maranhão subio á cadeira archiepiscopal!

A Igreja de São Pedro ja se acha ligada ao seu novo esposo, a de S. Paulo começa agora a chorar sua viuvez.

O Pastor, que acaba de sumir-se na eternidade, não dispersou nem abandonou as ovelhas, como o faz mercenario; ao contrario, congregou-as solicito por sua salvação, brilhando sempre como a luz sobre o candelabro.....

Requiem æternam dona ei, Domine.
Et lux perpetua luceat ei.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Festividade religiosa.

Na tarde de 22 de Março findo teve lugar no convento dos Franciscanos desta capital a solemne procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes.

Desde a vespera á noite cantarão-se mottetos á Imagem sagrada, que exposta no centro da capella dos Terceiros, que actualmente serve tambem para a Irmandade do Senhor dos Navegantes, e cercada dos respectivos Irmãos, que alternadamente fazião-lhe quartos, foi visitada por grande numero de fieis.

A procissão esteve pomposa, prégando á sahida o Rvd. Sr. Padre Guardião Fr. Vicente de Jesus.

Para maior solemnidade religiosa dignou-se S. Exc. Rvm.ª presidir a todo o acto, levando sob o pallio o Santo Lenho, pelo que o Illm. e Rvm. Cabido, não só por acceder ao convite feito pelo digno Irmão Provedor, o Illm. Sr. José Maria Porto, bem conhecido por seu espirito religioso, e por sua muita dedicação ao culto do Senhor dos Passos e dos Navegantes, como ainda mais pela presença do Venerando Prelado Diocesano, não teve duvida em abrir uma excepção em seus Estatutos, no sentido de assistir e acompanhar a essa solemnidade religiosa, com suas vestes coraes.

Todo o acto foi acompanhado pelo Exm.º Sr. Presidente da provincia com seu Secretario e Ajudantes d'ordens; pelo Sr. Chefe da Estação naval com sua officialidade; o Sr. Commandante do 5.º batalhão d'infanteria com seus officiaes, e os corpos da guarda nacional, e dos educandos artifices; tudo correu na melhor ordem possivel, não obstante o grande numero de povo, que a elle concorreu; ao recolher prégou o Rd.º Snr. Beneficiado Delgado.

Ao retirar-se foi S. Exc. Rvm.ª dignamente acompanhado pela Irmandade, formada em alas, e com tochas accesas, dando o Veneravel Pastor a benção ao povo em sua passagem até a porta da Igreja.

Um baile na Semana Santa.

No dia 26 do mez passado, terça-feira da Semana Maior, teve lugar nesta capital um baile, acompanhado d'uma quantidade innumera de fogueles!

Nada temos que ver, quanto ao motivo publico ou particular, porque se deu esse acto todo *sui generis*; sentimos porem do fundo d'alma, alem da triste impressão, que afflige a um catholico, o desrespeito ao tempo santo e todo de penitencia rigorosa, em que então se achava o mundo catholico, a par da ferida larga e profunda, que dest'arte abrem no coração da Santa Igreja de Jesus Christo alguns filhos, que máo grado sua religiosidade, se deixão arrastar pela força das sympathias humanas, em detrimento de sua fé para com o Redemptor do mundo!

Não praza aos ceos, que os nossos pais de familias, com esse triste exemplo, que acabão de dar, offendendo d'um modo tão publico e com tamanha irreverencia a Religião catholica, que é a do paiz, em que vivem, tenhão de lamentar no futuro a reproducção delle, por parte de seus filhos, autorisados por um tão nocivo principio de educação religiosa.

Quanto a nós, que entendemos, que—um baile na Semana Santa é uma offensa á moral publica— protestamos do nosso humilde posto, alto e bom som, contra estas e outras irreverencias, que temos presenciado, á Religião, em que fomos educado, sendo que nem nos consta, que haja exemplo de tal facto dos nossos antepassados!

Lê-se na Revista do *Diario de Pernambuco:*

—Continúa nesta cidade a ser promovida a acquisição do obulo voluntario para a obra de S. Pedro; e apezar da nossa situação actual, os fieis não tem-se esquivado á essa prova de fervor pela religião, e de dedicação ao SS. Padre.

A proposito vamos dar á sciencia dos nossos leitores algumas palavras transcriptas do *Jornal de Roma*: Uma deputação da archiconfraria de S. Pedro, organizada para soccorrer as necessidades da Santa Sé, alcançou a subida honra de ser apresentada a 23 de Novembro do anno proximo passado á S. Santidade.

Era ella composta do principe Chigi-Albani, vice-presidente da archiconfraria, do marquez Patrizi Montoro, thesoureiro, de Monsenhor Nardi, conselheiro, do conde Alexandre Cardelli e do Sr. Francisco Ceccareli, recebedores; os quaes depuzerão aos pés do SS. Padre a somma de quatro mil e vinte quatro patacões recebidos no ultimo mez das offertas dos fieis.

Esta somma reunida ás differentes quantias, adquiridas nos dous mezes antoriores, monta a importancia realizada de 11,500 pesos, que os bons romanos tem offerecido ao pai commum dos catholicos.

A archiconfraria ja se vae diffundido por differentes nações, por intermedio dos respectivos diocesanos; visto que as preces e as pequenas offertas ao pae commum são os meios, que ella conhece e emprega para proteger a mais santa das causas.

VARIEDADE.

Ultimamente chegou a Roma para se alistar novamente no exercito pontificio um camponez bretão, que, ferido na batalha de Castelfidardo, tinha ido curar-se no seu paiz.

Chegando a Roma, pediu permissão para beijar o pé de S. Santidade, a quem se apresentou vestido de camponez, com a medalha de Castelfidardo na japona, levando na mão uma torta feita por sua mãi, ao uso da Bretanha, e destinada ao Santo Padre.

O camponez ajoelhou, beijou o pé de Pio IX, e lhe entregou o presente de sua mãi.

O Pontifice deu a benção apostolica ao camponez, e á sua mãi.

Apenas o mancebo se retirou, o Papa deu a torta a alguns dos seus familiares, para que a comessem.

Os familiares voltárão logo, e entregárão ao Papa um cartucho de 80 francos em ouro, que estava dentro da torta, e que era o fructo das economias da mãi do camponez da Bretanha, que, pelo visto, é uma excellente catholica apostolica romana.

(*Extr.*)

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 — por anno - Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO 1860.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 206.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.MO SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

QUINTA-FEIRA 18 DE ABRIL DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

CIRCULAR—1.ª SECÇÃO.—MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA JUSTIÇA—RIO DE JANEIRO 11 DE MARÇO DE 1861.

Exm. e Rvm. Sr.—Communico a V. Exc. que d'ora em diante não fazem parte dos objectos da competencia deste Ministerio os Negocios Ecclesiasticos, devendo V. Exc. a respeito d'elles dirigir-se ao Ministerio dos Negocios do Imperio. Deos guarde a V. Exc.—*Francisco de Paula de Negreiros Sayão Lobato.*—Sr. Bispo do Maranhão.

ILLM.º E RM.º SR.—Sollicitando o Exm. Snr. Cardeal, Secretario de Estado em Roma, dos Bispos do Brasil, que promovessem entre os seus Diocesanos alguns donativos para acudir ás necessidades do thesouro de Sua Santidade, que se acha exhaurido pelas grandes despezas feitas nestes ultimos calamitosos tempos, expedi a respeito a inclusa Pastoral (*) pedindo aos meus Diocesanos algumas esmolas para o referido fim, e para as receber nesta Capital julguei conveniente nomear duas Commissões, uma de Ecclesiasticos, e outra de Seculares, sendo a de Ecclesiasticos composta de V.S. e dos Rm.os Conegos, Doutor Manoel Tavares da Silva, e Eleutherio Marques da Silva Rosa. E do reconhecido zelo de V. S. pela causa da Igreja espero, que empregará todos os meios ao seu alcance, para que se consigão dos Fieis aquellas esmolas, que a sua piedade e as suas posses, lhes permittirem dar.

Deos Guarde a V. S. Paço Episcopal do Maranhão 16 de Abril de 1861.

MANOEL, Bispo do Maranhão.

Illm. e Rm.º Sr. Conego Raymundo Alves dos Santos.

—Identicos *mutatis mutandis* aos outros membros da Commissão ecclesiastica, e ao Sr. Vice-Consul Pontificio nesta Provincia.

O ECCLESIASTICO.

O obolo de S. Pedro.

—Pela officio acima transcripto ficão os leitores ao facto, de que se acha aberta nesta capital e Diocese a contribuição para o obolo de S. Pedro, e que se achão nomeadas duas commissões, uma composta dos Ecclesiasticos mencionados no mesmo, e outra do Sr. Vice consul Pontificio nesta provincia, o Illm. Sr. Carlos Henrique da Rocha, e mais dos Srs. Joaquim José Domingues Lima, João Cancio Pereira Prazeres, Joaquim Silverio Gomes, e Pedro de Sousa Guimarães, todos escolhidos e indicados pelo mesmo Sr. Vice-consul, para procederem, com os tres Rd.os Parochos da capital, como seus adjuntos, ao recebimento das quantias, que por ventura forem offerecidas pela piedade dos fieis catholicos desta capital, tudo no sentido em que foi publicada a Pastoral de S. Exc. Rvm.a o Sr. Bispo Diocesano, de 13 de Fevereiro deste anno.

Suppomos nada mais dever accrescentar ás palavras cheias d'unecção, manifestadas na citada Pastoral pelo Venerando Pastor da Diocese, no sentido d'excitar a piedade dos fieis catholicos, seus diocesanos, e fazel-os volver olhos de compaixão para o nosso Pai commum na fé, e para as suas mais urgentes necessidades, e as dos seus Estados, em face da impia e cruel perseguição, que de tempos a esta parte tem soffrido, e com Elle a Igreja, nossa Mãi amorosissima, e toda cheia de graças para com seus amados filhos.

E' pois tendo nos labios o Sagrado Nome de MARIA Santissima, e sob a protecção infallivel da Mãi de Deos, que as Commissões, unindo seus rogos aos do Veneravel Pastor, invocão o auxilio dos christãos desta capital, no sentido de soccorrerem com seu *quantum*, sem a menor sombra de gravame, a Igreja afflicta por tantas e tão inauditas tribulações.

Parece-nos inutil demonstrar, que o Povo do Maranhão não é inferior a nenhum outro, de dentro e fóra do paiz, em dar provas de sua piedade e religiosidade, como verdadeiros filhos da Igreja, toda vez que se trata de soccorrer o indigente, valer o pobre, e acudir ao necessitado; por mais d'uma vez temol-o visto. E será pela ventura esta a occasião menos propria, em que se desminta essa caridade proverbial do Povo maranhense? Não o cremos.

Os olhos do mundo catholico se achão neste momento volvidos totalmente para Roma, visto que é ali, que se passão de presente factos, que teem assombrado a mais sceptica incredulidade!

Sim, é para Roma, a cidade Santa, que se volvem os olhos da piedade christã, visto que é ali a séde, em que

(*) *Ja foi esta Pastoral publicada no n. 202 deste jornal.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

desde muitos seculos reposa o centro da fé pura e eterna de Jesus Christo, Salvador do mundo.

E' para Roma, a cidade eterna, que se volvem os olhos da verdadeira caridade, visto como é ali, que se acha estabelecida a Cadeira de Pedro, e o annel do Pescador; que se acha firmado *in æternum* o throno do Rei Pontifice, do Sacerdote Magno, Successor do Grande Apostolo, e Vigario de Jesus Christo na terra; é para ali pois que devem convergir e affluir os nossos corações, anciosos pela paz da Igreja, e do seu Chefe visivel, para assistil-o com os nossos auxilios, e minorar-lhe as penas temporaes, recebendo em compensação cem por um, que são as torrentes de graças espirituaes, de que tanto abunda a Igreja piedosa.

Na effusão de sentimentos iguaes, tem-se aberto identicas contribuições em todo o mundo catholico, e sempre com felizes resultados para a Santa Sé e o Santissimo Padre Pio IX; e o Imperio do Brasil, a terra da Santa Cruz, que não podia ficar aquem dos paizes estrangeiros em sua muita veneração, respeito e dedicação para com o Immortal Chefe do Catholicismo, imitou para logo esse bello precedente.

Assim que, pelo que consta dos jornaes, achão-se abertas actualmente listas de subscripções para o obolo de S. Pedro nos Bispados de S. Paulo (ainda em vida do Exm. e Rvm. Sr. D. Antonio Joaquim de Mello) de Pernambuco, onde tem abundado valiosas offertas, não só dos individuos, como das Corporações religiosas e Irmandades, collectivamente reunidas; e agora ultimamente no do Maranhão, graças á piedade dos respectivos Prelados, e ao seu reconhecido zêlo pela integridade, paz e manutenção da Santa Sé Apostolica em todo seu brilhantismo e resplendor.

Praza aos Ceos, vejamos coroados estes esforços do nosso Venerando Pastor da Diocese dos mais prosperos e vantajosos resultados.

Necrologio.

—No dia 5 do corrente falleceu na villa de S. Bento, comarca d'Alcantara, desta provincia, o Rd.º P.e Camillo Henrique de Lellis Pacova, Parocho collado da freguezia de N. S. das Dores da villa do Itapicurú-mirim, desta provincia, na idade de 48 annos, victima d'uma hemoptysis, que, ha tempos, o atacára.

Natural desta cidade recebeu o joven Camillo uma educação, se não propriamente scientifica, visto como não cursára um Lyceu ou Seminario regular, estabelecimentos litterarios estes, que então não tinhamos na provincia, com tudo verdadeiramente liberal, graças á sua propria indole bem formada, ao seu genio sem duvida estudioso, e á sua intelligencia clara e abundante, pois que na carencia d'aulas d'humanidades, regularmente estabelecidas, nem por isso deixou d'aperfeiçoar-se, quanto lhe foi possivel, no latim, francez, e na theologia moral, para o que provêra-se dos melhores autores, e cultivava a leitura com assiduidade e aproveitamento.

Dotado pela natureza d'uma indole amavel, e d'uma docilidade extrema, era proverbial seu genio alegre, sua jovialidade, assim como leal e franca sua amizade; portanto conservou-se sempre isento de vicios, ao mesmo tempo que cultivava uma boa educação civil e moral, pelo que foi sempre honrado da amizade e consideração de todos.

Aspirando seguir o estado ecclesiastico, para o qual tinha verdadeira vocação, entrou para o serviço da Igreja como Moço do Coro da Cathedral, ainda muito joven; e neste pequeno emprego, e nessa tenra idade, soube de tal modo dirigir-se no meio das vicissitudes da mocidade, que, sem degenerar das boas maximas, que havia bebido em sua primeira educação, captou a benevolencia de seus superiores, passando algum tempo depois a Capellão do Coro, e recebendo em seguida a nomeação de Mestre de Ceremonias do Solio, em cujo exercicio acompanhou o finado Bispo desta Diocese, o Exm. e Rm.º Sr. D. Marcos Antonio de Sousa, de feliz memoria, na visita episcopal, que fez ate a freguezia de S. José, acima de Caxias, portando-se sempre com a possivel exacção e dignidade, de maneira satisfactoria ao respeitavel Ancião e Venerando Pastor.

Aggravando-se a enfermidade, que levou ao tumulo, em 29 de Novembro de 1842, ao Exm. e Rvm. Sr. D. Marcos Antonio de Sousa, deixou este distincto Prelado Lettras Dimissorias, entre outros, ao Capellão Camillo Pacova, e por esse favor recebeu elle, dentro do anno do luto, as sagradas ordens das mãos do Conde d'Arganil, Bispo de Coimbra, o Exm. e Rvm. Sr. D. Fr. Joaquim de N. S. de Nazareth, de saudosa memoria, então residente nesta capital, em Junho de 1843, sendo o Presbyterado a 13; e desejando prestar-se ao importante, posto que oneroso, serviço da cura das almas, preparou-se desde logo para occupar uma Igreja no seu Bispado, e nesse intuito apresentou-se e respondeu satisfactoriamente ao respectivo concurso, no qual tendo sido approvado, foi proposto para a Igreja de N. S. das Dores do Itapicurú-mirim, na qual foi confirmado por Decreto de 18 de Janeiro de 1844, e collado, em virtude da Carta imperial de 25 do mesmo mez, aos 16 de Junho do mesmo anno.

Data daqui o segundo periodo da vida publica deste Parocho-modello.

Sim, porque aquella docilidade e amabilidade proverbial, aquella amizade, que todos reconhecião no joven Camillo, e que já vinhão desde o primeiro periodo de sua vida, acompanhárão o Vigario, sempre com a mesma franqueza e lealdade para com todos, como o seu maior apanagio, inferior somente á grande virtude da caridade, que possuia em dote natural.

Como sua freguezia fica no meio do caminho do rio Itapicurú, sua casa estava sempre aberta e franca, não tanto para hospedar a seus amigos e parochianos, como indistinctamente a todos, que subião ou descião o rio; e com essa mesma franqueza distribuia com estes um ou outro presente, que recebêra daquelles, e com tal abnegação e desinteresse, que bem provava, que não conhecia os limites da caridade, visto que em sua casa não tinha pouso a avareza; e se não era em verdade prodigo de seus bens, era de facto pouco reservado em poupar aquillo mesmo, de que julgava não precisar, no sentido de beneficiar a quem quer que fosse.

Se considerarmol-o no seu sagrado ministerio, temos intima convicção, de que todos reconhecião no Vigario Camillo a maneira irreprehensivel, como se portava no

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

exercicio de um verdadeiro Parocho, pois que elle perfeitamente conhecia seus deveres publicos em relação a suas ovelhas, bem como os particulares relativos a si proprio.

Ninguem por certo lhe negará justiça, quando tiver elle de ser julgado no tribunal humano, quanto á solicitude empregada em bem conservar sua Igreja, reparada e decentemente ornada e provida do necessario, assim como o desvelo na distribuição do pasto espiritual a suas ovelhas.

O Exm. e Rvm. Sr. Bispo Diocesano, D. Manoel Joaquim da Silveira, por occasião de sua visita episcopal, mais de uma vez hospedou-se em casa do Vigario Camillo, e mais d'uma vez teve tambem occasião de fazer-lhe justiça, e apreciar devidamente as bellas qualidades e o caracter honesto desse Parocho, que acaba de sumir-se nas trevas do tumulo.... Sim, foi nessas diversas occasiões, que o Respeitavel Pastor reconheceu e vio, como era aquelle Parocho estimado e respeitado pelos seus parochianos, cuja pessoa e vida jamais fôra desacatada, publica ou particularmente, por um só delles, ainda no maior calor e na maior febre, que agitasse os animos saturados d'odios e paixões politicas; não porque o Vigario fosse indifferente aos actos populares nas grandes questões de votação e d'elegibilidade, ao contrario era elle quasi pronunciado por uma opinião politica no paiz, mas por tal modo e capacidade se dirigia, que foi eleito Deputado á Assembléa legislativa provincial, em cujo exercicio foi sempre denodado propugnador dos interesses vitaes da provincia, e acerrimo defensor da Igreja maranhense, e mais d'uma vez eleitor de parochia, sempre a contento e aprazimento dos lados oppostos, sem todavia poder ser accusado, nessa parte, de transacções menos honestas ao lado, á que legitimamente pertencia; sim, porque jamais se apresentava como um chefe furibundo, ou demagogo, capitaneador de turbulentos, nem como secundario e inteiramente sujeito aos caprichos dos pretendentes—sobrava-lhe por certo bastante intelligencia para dominar, e fazer-se respeitar, sem apresentar os foros do orgulhoso potentado.

Mas, ah! tão nobre existencia estava a tocar seu fim... fôra atacado da lepra humana, a enfermidade, que abate nossa fraqueza, e que, bem ou mal combatida, máo grado a sciencia, nos arrasta ao tumulo.

Elle conhecia perfeitamente a gravidade della, mas, ainda esse indifferentismo por si proprio, a par da dedicação aos seus deveres publicos, talvez concorresse para abreviar-lhe os dias.... correu, é verdade, em procura da saude, mas, já sem duvida quando era por demais tarde, e por ventura sem as devidas cautellas, sem a consciencia da vida peritura..... o mal ja tinha feito rapidos progressos, ja não era pois licito retrogradar.

Dirigio-se ultimamente á villa de S. Bento, lugar reputado salubre para as pulmonias, mas, era ahi mesmo que o esperava a sepultura..... acolhido benignamente por amigos dedicados, entre outros, o Rd.º Vigario daquella mesma freguezia, e o da de S. Miguel dos Indios, que ali então estava, foi em seus ultimos momentos confessado e ungido, e após estes soccorros da Igreja, Mãi Piedosa, achando-se santamente resignado, foi atacado de uma violenta hemorragia dos pulmões, e nos braços dos ditos Vigarios, seus irmãos em Jesus Christo, e d'outros amigos, suffocado em seu proprio sangue, exhalou os ultimos atomos dessa existencia, que sem duvida já lhe era por demais pesada e triste.....

Não se lhe conheceu um inimigo, um desaffeiçoado!

Quanto a nós, que escrevemos estas linhas em sua memoria, lamentamos de coração sua morte, pois que nelle perdemos um segundo companheiro d'ordenação, (o primeiro, o finado Vigario Rozendo, jaz sepultado desde 17 de Julho do anno passado) portanto um Irmão em Christo, um bom amigo, com que conservámos inalteravel amizade.

Parece, que a nossa penna ja se recusa a registrar o passamento de tantos e tão caros amigos! o coração se confrange de dor, e o espirito se nos embota ao contemplar estes acontecimentos funestos e tão repetidos, e que em verdade nos deixão bem amargas e tristes recordações!

Máo grado a certeza de nosso fim—mais ou menos tarde—não é possivel á pobre humanidade furtar-se ás dolorosas impressões, que lhe trazen as vicissitudes da existencia.....

Recebão os Illustres Irmãos e amigos do finado Vigario Camillo Henrique de Lellis Pacova estas dolorosas expressões, que dedicamos á sua memoria..... .....e oremos por seu descanço eterno.....*Sancta et salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut a peccatis solvantur.* (Machab. 2.)

Continuação das cartas do Licenciado José Raymundo da Cunha.

Vem do n. 202.

Seminario americano em Roma 27 de Janeiro de 1861.

Meu Tio.

—Tenho á vista a sua ultima carta, á qual respondo &c.

....

—Dar-lhe-hei algumas noticias, embora de pouco interesse:

Como é costume, no primeiro do anno todas as grandes corporações tem accesso ao Soberano Pontifice, com o fim de augurar-lhe *il buon capo d'anno*, assim como a outros soberanos; depois que a guarnição franceza occupa Roma, o Papa se ha dignado receber nesse dia o General em chefe, commandante da guarnição, e a seus officiaes, recitando elle um discurso, e respondendo-lhe o Summo Pontifice, o qual depois se publica; este anno o General, Conde de Goyon, commandante do presidio francez aqui de guarnição, acompanhado de outros cinco Generaes e mais de 40 officiaes, depois de concluidas as ceremonias na capella Sixtina, foi recebido por Pio IX na salla consistorial; o General apresentando-se e dirigindo-lhe algumas palavras (este anno nenhum jornal publicou nem o discurso do Conde, nem a resposta do Papa integra e textualmente) manifestou-lhe os votos do exercito, que elle tem a honra de commandar, e pedio para si e para seus officiaes e soldados a benção apostolica; Sua Santidade respondeu, que acolhia com muito prazer e gratidão os votos de um exercito tão distincto pelo valor e disciplina, que com tanto louvor mantem a ordem nos paizes, que occupa; e por isso, como Vigario de Christo

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

na terra, lhe dava de todo o coração a benção apostolica. O Papa disse ainda: que abençoava o exercito francez estacionado na Siria, afim de livrar os pobres christãos das barbaras e ferozes garras dos Drusos: a expedição franceza, que triumphante na China realçou a cruz de Christo nesse vasto imperio: e a frota franceza, que em um reino vizinho defendia uma causa justa e legitima.

O Santo Padre, exaltando os sentimentos generosos e não egoisticos da nação franceza, accrescentou: que, como a todo o exercito, abençoava todas as familias da França, desde a mais poderosa até a mais humilde, afim de que cada uma operasse e trilhasse a via da verdade e da justiça.

O Papa ao concluir estava bastante commovido; então o General de Goyon pedio de um modo particular a benção para o Imperador dos Francezes, tanto mais que por sua ordem e sob sua protecção se executavão os feitos, que Sua Santidade acabava de recordar, e que de novo havia feito partir a expedição, que deve operar em favor do Catholicismo na Cochinchina. Sim, respondeu o Papa, por todo o bem, que se ha feito, se está fazendo, e que esperava, se continuaria a fazer—Por estas palavras apparece, que de ambas as partes se procurou evitar discursos politicos.

—A 5 de Janeiro, em presença de 200 soldados piemontezes, fez se a *soi-disant* annexação de Ponte Corvo, outra cidade roubada pelo Piemonte ao Papa; aproveitando-se elles das festas do Natal, pelas quaes toda a gente rude e ignorante do interior vem á cidade, distribuirão *sanguesugas*, que com promessas colhessem os incautos, e os fizessem ir depor na urna um papel fechado com o infame—sim!—tal expectaculo, ridiculo e ao mesmo tempo escandaloso, tem-se repetido por toda a Italia; e assim acobertão elles com o nome de voto livre o roubo mais infame, e a impostura mais crassa!

—A 9 as quatro companhias de zuavos pontificios (este nome tomárão no primeiro do anno, antes se dizião franco-belgas) se reunirão na Basilica de S. João de Latrão, para prestrar juramento de fidelidade ao Summo Pontifice, antes de partirem de Roma; o respectivo capellão dirigio-lhes algumas palavras mui tocantes sobre o grande acto, que ião fazer, e leu a formula do juramento, elles a ouvirão de pé e com a mão levantada; entre outras cousas, que contém a formula se expressa o juramento—de jamais entrar nas sociedades secretas—Estas companhias ja partirão daqui, e estacionárão em *Monte Rotondo*, distante algumas milhas de Roma. Com as chegadas continuas de voluntarios francezes promptó se formarão mais duas companhias. A respeito de soldados do Papa, entre muitos rasgos admiraveis de amor filial, que innumeros hão dado, deixando suas posições para vir servir o Pai dos fieis, lhe contarei este, que grandemente me tocou: Um joven da Oceania, chegado á França em 1853, e educado n'um collegio de Mans, não tendo com que contribuir ao obolo de S. Pedro, partio, e veio se arrolar no exercito do Papa. A'quelles, a quem communicava sua resolução, assim se exprimia: não tenho outro meio para manifestar á Igreja minha gratidão, por me ter resgatado do estado de selvagem, e me feito catholico, depois de haver me feito homem, senão apresentando-me para dar a vida pela causa do Summo Pontifice. Nem o Papa se mostra menos grato áquelles, que vierão, e vem arrolar-se debaixo de sua bandeira; para distribuir com os heroes de Castel-fidardo fez cunhar uma medalha de prata, na qual, em torno a uma cruz ao revés, que sobrepuja a serpente, se lê—*hæc est victoria, quæ vincit mundum, fides nostra*—e mais a baixo—*Pro sede Petri*—e condecorou a diversos officiaes com medalhas e cruzes das ordens de S. Gregorio e de Pio IX.

—Outro dia recebendo elle alguns jovens, que se havião feito zuavos, pertencentes ás principaes familias de França, contando-se entre elles um irmão da Princeza Aldobrandini, casada com o irmão do Principe Borgheze, da familia de Paulo V, com aquella suáve amabilidade, de que elle só possue o segredo, e tem privilegio exclusivo, lhes disse:—Que viestes fazer, caros filhos? não vedes, que tudo está perdido? «Bem, Santo Padre, respondêrão todos, nós viemos morrer a vossos pés». Oh! parece ferir os ouvidos uma daquellas respostas inspiradas dos martyres dos primitivos tempos do catholicismo; uma causa, que produz, inspira e faz pullular taes sentimentos, não pode ser a causa do êrro, é preciso, que seja de Deos—*via, veritas et vita*—o êrro não produz esta concordia e abnegação, o êrro é multiplo e cobarde; só a Igreja, isto é, como diz um sabio escriptor da epocha, o mundo catholico vive de união, o mundo revolucionario de opposição: um chama-se propriamente a *Igreja*, o outro simplesmente o *mundo*, aquelle *mundo*, que não quiz conhecer Jesus Christo (e que hoje odia o Papa) aquelle *mundo*, que perseguia seus discipulos (e hoje o clero catholico) aquelle *mundo*, *qui positus est in maligno*, aquelle *mundo*, que deve ser severamente julgado, e cujo principe *ejicietur foras*—Será possivel então, me pergunto, que uma causa tão justa e tão santa esteja perdida? Não, tal causa não se pode perder.

Talvez que estes soldados do Papa morrão, como morrêrão os de *Castel-fidardo*, mas, seu sangue será a victoria da Igreja e do Papado. A causa do Papa tem necessidade de sangue, como o christianismo teve para fundar-se, como dizia um soldado do Papa, prisioneiro em Ancona, a um official sardo, que o censurava com estas palavras:—vós sois loucos a querer combater-nos, era possivel, que um pequeno numero de bravos desbaratasse quarenta mil? O vosso não é valor é delirio. Ao que o soldado replicou: «A causa do Santo Padre tem necessidade de sangue, para ser vencida, vós o exigistes, nós vol-o-havemos dado, e tendes com que saciar-vos, mas sabei, que, em quanto nós morremos, o Papa vence». Que ingenuidade, e que sublimidade nestas palavras! que coração tão enlevado e tão generoso! esta linguagem não pode ser dada senão pela verdade.

Chegárão vindos de Ancona os ultimos soldados pontificios, feridos em *Castel-fidardo*, e Roma os acolheu com amor e gratidão, entre elles porem veio um joven irlandez, que havia perdido uma perna; Sua Santidade, apenas soube, mostrou desejos de vel-o, satisfizerão-no, mas como elle não estava completamente curado, levarão-no ao Vaticano em uma padiola. O Papa, ao vel-o, se commoveu tanto, que, lançando-se sobre, o abraçou, estreitando-o com grande effusão de caridade, a seu peito tão generoso! Não se pode crer, quanto mais descrever o

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

jubilo do rapaz, vendo-se tão honrado pelo Vigario de Christo; e depois disto a todos diz só uma cousa pezar-lhe, e é—haver perdido só uma perna, quando queria perder a vida pela causa de S. Pedro. Foi mandado ao collegio inglez, para ahi ser bem assistido, mas a caridade de uma senhora, sua compatriota, não soffreu, requisitou-o, e o trouxe para seu palacio, onde é magnificamente servido.

—Cada vez mais o coração do inclyto Pio IX tem razão de enlutar-se; a revolução bem capitaneada, que invadio seus estados, e com a força tomou posse de tantas cidades, sabendo bem, que seu poder e auctoridade não se poderá manter, se não começar por corromper o povo, descatholizal-o e desmoralizal-o, tem aberto a porta a todas as seitas protestantes, e o que mais é, não permitte, que os Bispos publiquem pastoraes contra taes perturbadores da boa harmonia; assim em *Spoleto*, sabendo o Bispo, que se distribuião brochuras impias e immoraes, se derramavão bibliias protestantes, e se vendião figuras indecentes, publicou uma pastoral contra tal estado de cousas, prevenindo seus diocesanos a estarem alerta contra esses emissarios de Satanaz, e, como de costume, foi afixada á porta da cathedral; o Governador da cidade, apenas soube, fez dilaceral-a pelos *gendarmes*, excitando assim mais os taes emissarios protestantes. Em Benevento o Arcebispo, Cardeal Caraffa, em uma sua pastoral deplora os actos sacrilegos, que alli commettem as auctoridades piemontezas, ja contra os religiosos de todas as ordens, ja contra sua mesma pessoa, e na Cathedral, cuja porta foi violentamente aberta, e ao toque de sinos convidado o povo a ouvir uma predica de impiedades e êrros, feita por um miseravel apostata, e elle Arcebispo arrancado de sua diocese, e retido preso para Napoles, e de lá enviado a Roma com prohibição de reentrar em seu Bispado.

—Na Marca, e na Umbria os ecclesiasticos presos, as ordens religiosas supprimidas, os bens das communidades vendidos, e o seu producto posto na caixa chamada—*ecclesiastica*—que só serve para receber, mas não para dar. Fallando sobre isto se lê na *Armonia*, jornal de Turin—«Duas campanhas forão successivamente emprehendidas contra a Marca e a Umbria..... uma contra os fieis soldados do Papa, outra contra os conventos e mosteiros, os trophéos desta são capuchos, veos, breviarios, missaes e sinos». A Tito, de volta de Jerusalem, se dedicára uma medalha com esta inscripção: *Judea capta*; a os auctores desta se deve offerecer e levantar um monumento com esta legenda: *Aos conquistadores de conventos e mosteiros*—Todos os Bispos das provincias usurpadas, e todos os geraes das ordens supprimidas, tem feito protestos energicos a Victor Emmanuel, mas em vão são seus lamentos, em vão freme o povo, porque fazem-no callar-se com a palavra—saque—em caso de revolução, e com o—fuzilamento immediato e sem dilação alguma, processo ou formalidade legal—Eis a liberdade, que a revolução proclama querer dar á Italia uma; aprendão as outras provincias, que felizmente ainda são governadas pelo Papa, da infeliz sorte de suas irmãs.

Agora mais que nunca podem melhor aquilatar, e na balança da imparcialidade e do espirito de seita, a grande differença, que ha entre o governo de homens sem mulheres e sem filhos, e por consequencia sem paixões, de homens não alheios á gnosis do catholicismo, e possuidos do seu genuino e verdadeiro espirito, e o de homens ambiciosos, sem fé, sem religião, e direi, quasi sem Deos, excepto se lhes quizermos attribuir o Deos—venha a nós—Assim castiga o Senhor aquelles, que, ingratos á bondade e ao amor de seu legitimo soberano, o atraiçoão, desprezão e odião.

—Mas voltando ao meu proposito, do qual um ponco me afastei, como até agora lhe tenho fallado das magoas, que dilacerão o paternal, incomparavel e magnanimo coração de Pio IX, será bom, que lhe diga tambem, que a Providencia divina, o espirito do Senhor, que preside á Igreja de Jesus Christo, de quem os Papas são o Vigario sobre a terra, ainda que permitta, que o êrro lute contra ella, jamais porem o permittirá, que a sobrepuje—*et portæ inferi non prævalebunt adversus eam*—como ella busca ao mesmo tempo, que lhe dá fel a tragar, com outra mão lhe offerece um calix com mel de seu poder e sabedoria eterna. Hesito, e nem posso conscienciosamente dizer, qual dos dous calices trasborda mais, se o de fel, se o de mel; seria necessario interrogar a Pio IX, mas, meu Tio bem vê, que isso não seria possivel, por consequencia me limito a apontar-lhe as consolações ineffaveis, que aquella, a quem Pio IX com summa alegria de todo o mundo declarou dogmaticamente—IMMACULADA—lhe procura. Nem lhe fallarei da piedade e do amor, que os actos sacrilegos da revolução tem como despertado no coração de todos os fieis para com o Summo Pontifice, mais que manifestados, *prædicata super tecta*, pelas innumeras cartas e *indirizzi* assignados por milhares de fieis, nem das orações fervorosas, que se união a cada instante do dia e da noite em todo o orbe catholico pela paz da Igreja, nem das offertas ja em dinheiro ja em objectos preciosos (de cuja applicação fallarei mais tarde) que ja sobem a mais de dous milhões e quinhentos mil escudos romanos, sendo tanto o ardor dos catholicos, que se privão do unico obolo, que tem, para mandar ao Papa, e em tão grande somma, que começa e attrahir a admiração dos mesmos incredulos! para lhe dar um exemplo, basta este recente em França: na Igreja de S. Thomaz de Aquino, em Pariz, no dia da Epiphania, se recolheu para o Papa mais de 10 mil francos, em Orleans o Bispo recolheu na sua Cathedral mais de 10 mil francos, e em uma semana recebeu mais de 25 mil liras italianas para mandar a Roma, porem do progresso, que faz a religião, que pelos italianos é desprezada. Domingo 13, na Igreja de S. Catharina de Senna, o Cardeal Vigario administrou os sacramentos de baptismo e confirmação, e depois o da communhão a tres cathecumenos, um mahometano, e duas israelitas; aquelle chamado Aly, do puorche de Marrocos, de idade de 16 annos, tomou o nome de Lourenço; d'aquellas a conversão merece alguns outros detalhes: Graciosa Sermonetta mais velha pertence a uma das primeiras familias de Roma, e tinha uma irmã; n'um domingo por curiosidade entrárão na igreja de S. Maria *di Monti*, um religioso explicava o cathecismo aos meninos, escutárão-no com muita attenção, e apenas elle acabou, ellas forão ao convento de S. Catharina de Senna, que

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

estava vizinho, e pedirão fallar com a Superiora, á qual declarárão, que, pelo que tinhão ouvido, desejavão fazer-se catholicas. A superiora fez chamar o religioso, que as exhortou a perseverarem em seu bom e santo proposito, lhes offereceu asilio no convento, que acceitárão, e as fez escrever immediatamente a seus pais.

Figure-se o espanto da mãi ao receber tal carta, correu, ou melhor, voou ao convento, e com instancias e lagrimas as quiz levar á casa, a mais moça não poude resistir, e voltou. Apenas chegada á casa, uma outra israelita, sua vizinha, lhe disse: Como tu has voltado, tu deixaste Rosinha, tua irmã?—Sim, lhe respondeu, eu não pude resistir ás instancias de minha mãi. Minha querida, lhe disse a vizinha, eu vou tomar teu lugar, e partio, esta se chamava Lara Sede, e hoje Theresa, e a outra Carolina, servio-lhes de madrinha a Exm.ª D. Maria Luiza, princeza Orsini.

—Outro facto mais importante é a conversão dos Bulgaros, na Turquia; com quanto eu ja lhe tenha dito alguma cousa acerca deste facto na minha carta de Novembro ultimo, eis como ainda o relata o *Jornal de Roma de 11*: «Uma deputação de Bulgaros, habitantes de Constantinopla, da qual fazião parte dous Archimanditas, Macario e José, o sacerdote Theodoro, e o Diacono Bessanone, a 30 de Dezembro foi ao Vigario Apostolico d'aquella cidade, e fez em suas mãos a propria submissão á Santa Sé, apresentando as firmas de 120 corporações de artistas e de outros delegados. Depois foi ao Patriarcha dos Armenios unidos, Monsenhor Haussim, para pedir-lhe, que quizesse representar a nova communidade catholica junto á Porta». Mais alguns detalhes:

Todo o clero bulgaro, os seculares principaes e os chefes das corporações (esnafs) achavão-se presentes á abjuração, que fizerão diante de Monsenhor Haussim, na Igreja catholica do Espirito Santo, em Pera, suburbios de Constantinopla. Nesse mesmo dia publicárão uma proclamação á nação, para celebrar como festa nacional esse faustissimo acontecimento.

O Governo turco não fez opposição alguma á conversão dos Bulgaros, e o grão-visir declarou a uma deputação delles, que a liberdade de consciencia era hoje na Turquia um facto. Veremos, se o facto será conforme as palavras. A esta conversão feita por tres Bulgaros, pouco ricos e poderosos, se oppuzerão dous ministros das mais poderosas nações do mundo, a Inglaterra e a Russia—mas inutilmente; o d'aquella queria, que se creasse um Patriarcha proprio, independente do Patriarcha russo schismatico, livrando-se de prestar-lhe mais obediencia, e não se sujeitando a Roma, e como nada poude conseguir, mandou um emissario com muito dinheiro excitar uma revolução anti-catholica em Filippopoli, (este, como não poude impedir a união dos Bulgaros a Roma, trabalha hoje para obstar a da Macedonia) o desta pedio, rogou, prometteu, fez discursos, demonstrou a inutilidade e fraqueza do poder do Papa, instou, que permanecessem com a Russia, que era poderosa e rica, que os poderia proteger contra seus inimigos; tudo foi em vão, a mão poderosa do Senhor, rompendo uma vez o negro e espesso veo, que os envolvia, deixou-lhes ver o sol fulgente da verdade, que illumina a Igreja catholica, nem houve outra mão, que mais sagaz pudesse emendar o veo uma vez roto.

E' assim, que, em quanto o pharol brilhante do catholicismo se empanna na Italia, mais refulgente brilha na Turquia, verificando-se sempre a celebre e bem conhecida comparação de Tertulliano—do Catholicismo ao sol—que, quando deixa de alumiar uma parte do mundo, nasce em outra.

—Na China as armas francezas e inglezas obtiverão com a victoria muitos favores para a religião catholica.

—Na Suissa não só os protestantes concorrem a par com os catholicos ao obolo de S. Pedro, mas tem feito reuniões, nas quaes tem desapparecido as duvidas sobre, se a religião catholica romana é ou não a verdadeira, e isto em vista da grande concordia de todos, de sorte a se poder dizer—que o mundo catholico é *labii unius*, em defender os direitos do Papa.

—Que lhe direi da Inglaterra, do passo gigantesco, que ahi faz o catholicismo? Os jornaes protestantes são hoje concordes em dous pontos em confessar a fraqueza do protestantismo, e em render justiça ao Papa (ainda que de má vontade, e sempre tergiversando); ouçamos o *Morning Star*: «o Papa é o primeiro potentado do mundo, nem ha outro, que possa contar um numero tão consideravel de gente obediente á sua palavra» Ouçamol-o agora sobre o Protestantismo: (este jornal é o orgão do partido liberal na Inglaterra): «O facto singular, simples e indubitavel, que as nossas missões christãs aos infieis *não produzirão successo algum de importancia*, não obstante os immensos e constantes esforços, que se fizerão, e a *devoção* da maior parte dos missionarios, deve-se attribuir á iniquidade dos inglezes em tratar com as raças, que elles chamão menos civilizadas... Seria melhor, que a Sociedade começasse a propagar o Evangelho por nossa casa. Os nossos homens de estado, aquelles, que entre nós tem influencia nas cousas politicas, e geralmente a classe, que governa, parecem (diria com mais verdade: são) em tudo pagãos, e sem espirito algum de puro christianismo».

—Eis á que estado deploravel conduz o protestantismo, que é a porta mais larga, que ha para a incredulidade. As palavras, que eu citei, fallão por si mais alto, e demonstrão com mais evidencia, do que eu poderia fazer; leia-as pois sem commentario, a verdade, que nellas se contém, é clara e lucida.

Como lhe dizia, os progressos, que faz o catholicismo são immensos. Para provar isto basta relatar-lhe aqui a estatistica ha pouco publicada pelo *Weekly Register*. «O numero dos sacerdotes catholicos romanos na Inglaterra e Escossia é de 1343 com 92 igrejas e capellas. Os conventos de frades 47, e 158 mosteiros de freiras; os collegios de educação catholica para a juventude 12. Estas cifras mostrão o grande augmento do anno de 1860 de 111 sacerdotes, 48 igrejas ou capellas, 10 conventos de homens, e 23 de mulheres».

Tudo isto é fructo da restauração da jerarchia episcopal, tão sabia e deligentemente feita por Pio IX; tinhão razão os Protestantes, quando com tanto afan combatêrão e quebrárão lanças contra tal medida.

—Ja que lhe fallei da Inglaterra, quero aqui referir-lhe a sentença de um tribunal de Dublin, pronunciada em

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

damno da filha de um catholico ha pouco morto, a qual não se pode bem classificar,se mais injusta que absurda, e que prova evidentemente, que o fanatismo protestante cegou a tal ponto o juiz, que não trepidou em dar tal sentença. Um pai catholico no seu testamento recommendou extremamente, que seus filhos fossem educados na fé catholica; morrendo, a mulher, movida não sei porque, ou por quem, mandou educal-os no protestantismo, e para sanccionar com a lei este acto barbaro, jurou diante de magistrados, que era protestante, e que o seu matrimonio, tendo sido celebrado unicamente em presença de sacerdote catholico, não era valido segundo as leis inglezas, as quaes, para os matrimonios mixtos, mesmo na Irlanda, requerem a presença de um ministro anglicano, ou d'um official civil, e que, como quando os filhos não são legitimos, a lei não reconhece no pai direito algum, mas só na mãi, assim só a ella pertencia o decidir, em que religião devião ser educados os filhos. O advogado dos filhos provou, que ella antes do casamento se havia declarado catholica, e que durante elle não havia dado ao marido razão de crer, que era protestante. Observou, que a lei, fallando dos filhos naturaes como pertencentes á mãi,era, porque as mais das vezes o pai é incognito ou incerto; mas no caso do pai ser conhecido e certo, a falta da formalidade da lei exigida sobre os matrimonios mixtos será effeito da falsa declaração da mulher. Mas estas razões forão rejeitadas pelos juizes, que decidirão o testamento do pai ser nullo, e á mãi pertencer decidir e dispor dos filhos, como melhor lhe parecesse. Que tal lhe parece a justiça dos juizes protestantes?

—Mas agora convem voltar ao meu primeiro proposito, e fallár-lhe do Papa. O que será delle nesta primavera? Vencerá o direito ou a revolução? Humanamente fallando, se lobrigamos o horisonte politico, elle parece por de mais carregado de grossas nuvens negras. Garibaldi mandou fundar um jornal em Genova, sob o titulo—*Roma e Veneza*—com o fim de prégar a cruzada contra estas duas cidades; fez uma proclamação, em que pede, que para *remir* o resto da Italia, é preciso ter sob armas um milhão de homens; que se continuasse pois a subscripção para o milhão de fuzis.

Napoleão, segundo sua politica costumada, depois de ter por 4 mezes impedido, que os Piemontezes molestassem ao Rei de Napoles por mar, a 19 fez retirar sua frota, e o entregou em mão do Almirante Persano, que começou a 22 a bombardear; da tomada de Gaeta se seguirá, ninguem duvida, a guerra á Venecia e a Roma.

Ja em França corre como certo (ainda que *la Patrie* disse, que era falso) que como o Imperador na gazeta official o *Moniteur* diz, que retirou sua frota pelo principio do não--*intervento*, que quer observar, na abertura das camaras (a 2 de Fevereiro) fallará disso no seu discurso, e que a opposição, capitaneada por Julio Favre (advogado do Orsini) o interpellará (porque agora podem dar resposta á falla do throno) porque não adopta a mesma politica para com as tropas, que estão em Roma (a guarnição só de Roma é de 11 mil francezes, alem de 20 provincias, que tambem occupão) e que elle se deixará vencer nessa parte, e escreverá ao Papa uma carta affectuosa, na qual lhe dirá porem, que, obrigado pelas camaras, ve-se forçado a retirar suas tropas, e as fará recentrar em França, e deixa o Papa em mão da revolução. Eis o que se lê nos jornaes, e que todos dizem. Deos permitta, que seja tudo falso para bem da religião e de nós todos.

—O dia 25 não se me passou desapercebido, bem me lembrei, que nesse dia se celebrava ahi a festa da sagração do nosso Illustrado e Venerando Pastor, aquem peço me lance sua benção pastoral.

Recommende-me a todos os amigos &c.

Seu Sobrinho &c.

José Raymundo da Cunha.

Porque não querem pontifice rei?

«A baixo o rei de Roma» gritão os garibaldinos; e este grito é repetido em côro infernal pelos revolucionarios de todo o mundo.

Donde nasce tão grande sanha contra um poder tão pequeno?

Roma não tem hoje nem exercitos nem forças navaes, por onde cause sustos e inquietações á povo algum da terra.

Já lá vai o tempo dos Scipiões, dos Cesares, dos Augustos, e de outros conquistadores, que, ao entrar em Roma, levárão a liberdade dos povos vencidos algemada ao carro do seu triumpho.....

Que motivo ha, pois, para que tão diversos habitantes de regiões differentes e longinquas tomem assim a peito a destituição de um rei inoffensivo?

Será a sua tyrannia? Não, por certo. Nenhum governo tem dado provas de tamanha clemencia, como o governo romano.

Será a sua má administração? Tambem não. Poucos estados haverão tão bem administrados,e onde o pêso dos tributos seja tão suave; e ainda mesmo que algum defeito houvesse na gerencia e economia politica dos estados romanos, não era cousa para sentir-se fóra das suas estreitas raias.

O povo romano não vive oppresso, como os povos da Irlanda, das ilhas Jonias e da India ingleza, que nenhuma compaixão merecem dos revolucionarios.

Por conseguinte não é razão politica, nem affeição humanitaria, a que dos diversos pontos da Europa e fóra da Europa faz enfurecer a grita dos revolucionarios contra o rei de Roma.

Pio IX não é só pio no seu nome, é tambem pio no seu paternal governo.

O odio, pois, dos revolucionarios agitadores da Europa, quando gritão: «A baixo o rei de Roma» é todo elle odio religioso, odio contra a religião, contra o catholicismo, e contra o seu primeiro representante.

O rei de Roma é o Summo Pontifice, é o Vigario de Christo sobre a terra, é o Successor de S. Pedro, a quem o mesmo Christo entregou as chaves da sua santa Igreja, é o Pai commum dos fieis. *Inde iræ.*

Finge-se aggredir as temporalidades do rei de Roma, mas o que verdadeiramente se quer aggredir é a Igreja catholica no seu representante e na sua cabeça.

E' a guerra ao catholicismo, o qual é a lei de Deos, incompativel com os delirios revolucionarios; mas a guerra

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

disfarçada e traiçoeira, como a que sahe das cavernas da revolução, que neste mundo são a verdadeira imagem do inferno.

Falla-se do rei de Roma, para poder chegar ao pontifice. Censura se o seu reinado, para desconceituar o pontificado. Investe-se contra o poder temporal, para supplantar o poder espiritual.

Se a guerra se declarasse francamente ao papado, bem sabem os ingovernaveis, que pouco ou nenhum fructo podião colher nos campos do catholicismo.

Desde que se mostrassem taes, quaes são, e se deixassem verdadeiramente conhecer, estava perdida a sua má causa.

Para que o não esteja, pois, é que elles juntão á maldade a perfidia, e procurão encobrir o seu odio contra o pontificado, simulando investir só contra o rei de Roma.

E' uma covardia infame, que só cabe em peitos envilecidos. Mas, qual é o revolucionario, capaz de sentimentos nobres, e que páro, horrorisado, na escolha e emprego de meios torpes, por mais torpes que elles sejão?

Como o poder espiritual do pontifice se estende até aos confins da terra, é por isso, que tambem dos confins da terra surge a turba diabolica dos ingovernaveis, vociferando, em diversas linguas, contra o monarcha romano.

De outro modo não se poderia explicar tamanho enfurecimento da parte daquelles, que estão fóra da condição de subditos, e que nenhum mal ou invasão podem receiar de um poder tão pequeno.

Não se deixem os catholicos illudir com o pretexto das temporalidades, que se invoca. A hostilidade não se é só ao poder temporal, mas principalmente ao poder espiritual do pontifice, como cabeça da Igreja romana.

Se o pontifice não mandasse, como rei, nos seus estados, em qualquer parte, em que estivesse, fosse onde fosse, seria subdito de outro poder soberano, e como subdito não teria mais a independencia precisa, nem as suas decisões a autoridade necessaria.

Bem o conhecem os inimigos da Igreja; e é por isso, que trabalhão, quanto podem, por tirar ao Papa o sceptro de rei, para assim disporem, como dominadores, da thiara do pontifice, e sujeitarem ao seu poder diabolico todo o rebanho dos fieis pela sujeição do seu pastor.

Esta maldita guerra já vem de longe, posto que se mostre agora mais audaciosa e desabrida.

Começárão por despojar a Igreja dos seus bens, para despojarem o clero da sua independencia, e o reduzirem á misera condição de funccionarios do poder civil.

Assim procedeu a revolução entre nós e n'outros estados, e bem funestas são as consequencias, que d'ahi tem provindo á Igreja.

Agora preparão o golpe mais decisivo e mais terrivel, dirigindo-o contra a cabeça, para que despojando o Pontifice das temporalidades, lhe pudessem quebrar, nas mãos, o baculo de pastor.

Temos fé, que não hão de conseguir; porque está escripto, que as *portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja de Deos*.

Foi a promessa do seu divino Fundador; e essa promessa não falha, por maiores que sejão as angustias, que tenha de atravessar a Igreja, em expiação de nossas culpas.

A hora da clemencia divina ha de vir; essa hora será a da confusão dos impios revolucionarios.

Nem todos teremos a ventura de a presenciar, porque do povo escolhido tambem nem todos chegarão á terra da promissão.

Mas ha de vir, porque a palavra de Deos é infallivel.

(*Extr.*)

Trecho do relatorio com que o Exm. Sr. Dr. João Silveira de Sousa passou a administração da provincia ao Exm. Sr. Dr. Pedro Leão Velloso, presidente da mesma.

CULTO PUBLICO.

Sobre este importante assumpto peço a attenção de V. Exc. para o que se acha exposto no relatorio, que apresentei á assembléa legislativa provincial o anno passado, e nos dos meus antecessores, e conhecerá V. Exc. as tristes e deploraveis circumstancias da Igreja Maranhense, quanto á falta de templos, sem que a provincia disponha de meios para edifical-os, visto que com o exiguo producto das loterias, que são extrahidas á beneficio das matrizes, não é possivel acudir á tão grandes necessidades. Isto não obstante, tem havido facilidade na creação de novas parochias.

Erigir miseraveis povoações em freguezias, onde não ha igrejas, e não havendo recursos para a edificação dellas, de modo que os parochos, como acontece em muitas, são obrigados a exercer as funcções de seu sagrado ministerio em casas particulares, mesmo cobertas de palha, sem os ornamentos, que exige a decencia do culto, é sem duvida um mal, porque, como é sabido, na pompa da religião e no esplendor do culto é, que assentão a civilização e a moral, inspiradas pela pratica das virtudes christãs.

Nestes apuros, pouco tem a presidencia podido fazer e auxiliar o venerando e virtuoso Prelado nos esforços, que tem empregado em favor da igreja maranhense para melhorar a sua situação.

Cumpre aqui trazer ao conhecimento de V. Exc. que o Senhor D. Manoel Joaquim da Silveira, que tão sabiamente ha presidido aos destinos desta Diocese, acaba de ser elevado por Sua Magestade o Imperador á Alta Dignidade de Arcebispo da Bahia e Primaz do Imperio; sendo nomeado para Bispo do Maranhão o Sr. D. Abbade Frei Luiz da Conceição Saraiva.

Permitta-me aqui V. Exc. que mais uma vez dê um publico testemunho da veneração e do respeito, que consagro á pessoa do Exm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira.

SEMINARIO EPISCOPAL.

Este estabelecimento, em que se preparão os jovens aspirantes á vida sacerdotal, funcciona em edificio proprio, junto ao convento de Santo Antonio, sob os valiosos auspicios do venerando Prelado diocesano, e é dirigido pelo digno Reitor, o reverendo Chantre Manoel Pedro Soares. Achão-se creadas alli as cadeiras de latim, de francez, de philosophia, de rhetorica, de historia sagrada e ecclesiastica, de instituições canonicas, de theologia moral, de theologia dogmatica, de canto plano, e de liturgia.

A provincia despende annualmente a somma de reis 4:200$000 com quatorze orphãos, que alli se educão.

Neste numero está comprehendido o seminarista José Raymundo da Cunha, que se acha estudando em Roma, e ao qual é dado por outra verba o subsidio annual de 1:000$ rs.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 — por anno — Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO 1861.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 207.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.MO SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

QUARTA-FEIRA 1 DE MAIO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

Temos a honra de participar aos nossos leitores, que o estudante pensionista da Provincia, que fôra a Roma estudar sciencias ecclesiasticas, tomou o grão de Doutor na sagrada theologia, pela respectiva Universidade, no dia 23 de Fevereiro deste anno. Pela leitura da carta, que abaixo se encontra, onde elle mesmo relata, como se deu o facto, ficarão os leitores de tudo informados circumstanciadamente.

Ao communicar este facto, suppomos, que não nos extranharão a manifestação publica da nossa satisfação particular por este feliz acontecimento, attendendo-se, ás relações de consanguinidade, que nos ligão ao recem-laureado.

De tudo damos graças ao SENHOR, que tão misericordioso se tem mostrado para com os nossos rogos.

Aproveitamos o ensejo para dirigir desde já os nossos profundos agradecimentos ao nosso bom Amigo, o Illm. Sr. Francisco de Salles Nunes Cascaes, pela maneira generosa como applaudio o doutoramento do seu antigo alumno, enviando-nos o artigo, que abaixo se encontra; bem como a todos os demais amigos, que por qualquer outro meio nos tem dirigido seus emboras pelo mesmo motivo.

Finalmente para com os distinctos e generosos Protectores do joven Doutor (ainda uma vez) o nosso reconhecimento será eterno.

Praza aos Ceos trazel-o são e salvo á Patria, aos parentes e Amigos.

Ao merecimento.

Não deixe emfim ninguem de ter disposto
A grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço, sua valia.

(CAMÕES.)

E' com o coração expandido de jubilo, que aqui, de publico, venho dar á esta Provincia, á Igreja, e ao Illm. Sr. José Raymundo da Cunha, meus devidos e sinceros emboras, por achar-se elle, desde 23 de Fevereiro do corrente anno, Doutor na Sagrada Theologia, pela Universidade de Roma, para onde fôra estudar como pensionista da Provincia; commissão que, com honra sua e da mesma Provincia, satisfactoriamente desempenhou com apreço e louvor.

O Sr. José Raymundo da Cunha, nosso comprovinciano, conta apenas 23 annos iniciados, e de idade ainda muito menor perdeu seus Pais, cujos desvelos em sua educação forão suppridos por seu Tio, o Rvm. Sr. Conego Raymundo Alves dos Santos, que em verdade, se esmerando em proporcionar-lhe os meios de distinguir-se nas Lettras Sagradas, obteve recolhel-o no Seminario Episcopal desta cidade em Abril de 1852. Desde logo muito prometteu o joven orfão em seus estudos, dando disso claras provas em alguns escriptos, que publicou; e por que no Seminario não pudesse elle conseguir um titulo scientifico, comprobativo de sua instrucção, seu Tio, o Rvm. Sr. Conego Santos, sob a protecção do Exm.º e Rvm.º Sr. Bispo D. Manoel Joaquim da Silveira, e d'alguns outros seus amigos, obteve do Corpo Legislativo Provincial um subsidio, para que o Estudante se fosse formar, a exemplo de alguns filhos de outras Provincias, em uma das Academias de Roma; felizmente a Assembléa se prestou a esta justa e importante supplica, e eis que—4—annos não são passados, aquelle Neophyto, de ainda hontem, mostra a seus Bemfeitores laureadas as suas fadigas, e bem empregado esse pequeno subsidio, que despendeu a Provincia, a quem elle vem illustrar sem duvida, e honrar com suas luzes, do que já temos um documento valioso nas suas instructivas e interessantes correspondencias, mandadas de Roma em forma de cartas a seu Tio, e publicadas neste mesmo jornal.

Filho da Igreja elle volta á Ella, e brevemente terá de, em seu torrão natal, entre as alegrias e os parabens de seus Parentes, Amigos, Condiscipulos e Conterraneos, e com voz segura, entoar pela vez primeira no sagrado Altar do DEOS VIVO o canto angelico—GLORIA IN EXCELSIS!

Bem vindo seja elle, e praza aos Ceos, que ainda tenhamos vida, para, nessa occasião, transbordando de jubilo, como um de seus Mestres, que fomos, beijar-lhe as mãos sagradas.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

De nós receba sua Familia, em particular, nossos gostosos parabens.

Maranhão 11 de Abril de 1861.

Francisco de Salles Nunes Cascaes.

(*Continuação das cartas do Dr. José Raymundo da Cunha.*)

(Vem do n. passado.)

Roma 27 de Fevereiro de 1861—Seminario americano em S. Andrea della Valle.

MEU TIO.

—Myriadas de sentimentos, quasi todos diversos, se me agrupão na mente, ao escrever-lhe esta em resposta á sua de 12 de Dezembro do anno proximo passado, e mais ainda pelas noticias, que recebi neste mez acerca do nosso Maranhão; quaes sejão pois esses sentimentos, do conteudo desta verá. Vou distrahir por um pouco meu espirito.

—Contar-lhe-hei hoje dous factos recentes de Napoleão III, e que bem mostrão, que a causa do Papa ainda não está perdida.

Meu Tio ja deve haver lido ahi nos jornaes, que a Napoleão metteu-se em cabeça apresentar um tal sacerdote *Maret*, conhecido por suas ideas pouco favoraveis á Santa Sé, em uma das Dioceses vacantes de França. O Papa recusou approvar tal apresentação, porem afinal, como Napoleão instava, o Santo Padre, para não romper de todo com elle, accedeu, com a condição, porem, de que o tal Padre faria uma retractação formal, elle fel-a, porem não encontra, quem o queira sagrar! Napoleão, para vencer esta difficuldade, mandou a um Bispo um clerigo da corte, o qual depois de alguns preambulos disse-lhe: Se Monsenhor quer um *capello* cardinalicio, obterá, sob a condição de com outros dous sagrar o *Maret*. O Prelado, depois de pensar um pouco, respondeu sem agitar-se: a proposta de um *capello* não é para desprezar-se, com tudo, o que me pedis, em compensação da purpura, é negocio grave, quero antes pensar bem, vinde amanhã ás 9 horas, e vos darei a resposta. O clerigo sahio contentissimo de haver ganho ja meia victoria, visto que a proposta não tinha sido desprezada *in limine*. O Bispo entretanto mandou cartas de convite a todas as pessoas gradas da cidade, empregados e não empregados, não exceptuando o *Prefet du departement*, o syndico &c. rogando-lhes, que tivessem a bondade de vir ao palacio episcopal ás 9 horas para um negocio de grande importancia. A' hora indicada todos ahi se achárão, introduzirão tambem o clerigo, que muito admirado ficou, de, em lugar de encontrar o Bispo sosinho, achal-o no meio de tanta gente! O Bispo então, dirigindo-se aos convidados, disse-lhes: Senhores, este clerigo veio hontem propor-me da parte do Imperador o chapeo cardinalicio, com a condição de que eu com outros dous sagrassemos Bispo ao Padre *Maret*; ora, eis minha resposta, que dou em presença de todos, e dirigindo-se ao clerigo: Dizei ao Imperador, que ainda mesmo que me mandasse enforcar, não consentiria na sua proposta, e creio por certo, que, se o Imperador fizesse levantar um patibulo defronte do palacio de cada Bispo de França, com o fim de conseguir tres Bispos, que sagrassem o Padre *Maret*, não encontraria um só!

Um raio fulminado sobre o clerigo não o haveria mais impressionado; foi preciso, que o levassem ate a porta.

—Outro facto de constancia episcopal—Um outro Bispo, por causa de uma Pastoral sua, recebeu communicação, para que fosse á Prefeitura ouvir uma advertencia a respeito della. O Prelado mostrou-se mui pontual ás ordens, e disse suavemente aos enviados:—esperem-me um momento, que irei com vosco ao Prefeito, vou tomar os habitos pontificaes, e estou ás vossas ordens. Os enviados, sorprehendidos a esta proposta, observarão-lhe, que não era necessario nem conveniente apresentar-se á Prefeitura com taes habitos, bastava ir com os que estava então. Ao que elle respondeu: Não, não, convém ir com habitos pontificaes, mitra e baculo, porque o Prefeito quer fallar ao Bispo, e não ao cidadão..... trata-se de tomar uma lição do modo de fazer Pastoraes, e estas faz o Bispo, e não o cidadão.

Os enviados disserão-lhe, que participarião antes ao Prefeito, e o fizerão, e este telegraphou para consultar o *oraculo* de Pariz, para saber o que fazer; respondêrão-lhe, que não fallasse mais nisso, e deixasse tudo em silencio.

—O outro facto é succedido mesmo no palacio do Imperador, e a autora é a mesma Imperatriz. Meu Tio ja deve saber, que não reina entre o marido e a mulher bom accordo a respeito da questão do Papa.

Em uma reunião na corte a Imperatriz fez cahir a conversa sobre as cousas da Italia; depois de duas ou tres palavras vagas, dirigio-se ao Imperador com voz commovida, porem firme, supplicando-o a separar-se da politica da revolução, e a prestar ao Papa, padrinho de seu filho, um auxilio efficaz.

Segundo o costume Napoleão continuou a enroscar-se os bigodes, sem dizer uma syllaba, nem deixar ver-se nelle o menor movimento de sensação. A Imperatriz, vendo essa insensibilidade, dirigio a palavra ás pessoas ali presentes (podião ser cincoenta) affirmando haver ella reiteradas vezes dito estas mesmas cousas a elle, e querer que todos o soubessem.

—Que opposição encontra Napoleão a seus designos funestos contra o Papa! Não é só de pessoas sem grande importancia, mas de quem está junto de seu throno! Deos afervore e dê mais animo e coragem á Imperatriz, e faça, que suas palavras abalem a dura rocha daquelle coração.

—Chegárão aqui 12 canhões raiados com todos os seus utensilios e pertences, de calibre 12, offerta do Marquez de la *Rochejaquelin* ao Papa.

—Ja me ia esquecendo daquelle parenthesis, que fiz, na ultima carta, quando lhe fallava dos donativos mandados ao Papa, e da sua applicação.

Eis o que elle fez—Diversas princezas romanas concebêrão o santo projecto de com seus objectos formar uma loteria, com cujo producto occorressem ás urgencias dos empregados pontificios das provincias usurpadas, que não quizerão pactuar com o Governo do Piemonte, e que para aqui vierão, continuando o thesouro publico a pagar-lhes os ordenados.

O Papa sabendo de tão alto pensamento quiz enriquecer a loteria, que se chama—loteria dos dous feitos ao Santo Padre—com todos os objectos de prata, ouro e bellas artes, que para o obolo de S. Pedro Lhe hão offer-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

tado. Cada bilhete custa um franco, e se fará a extracção em 9 de Maio.

Que felicidade para mim se chego a tirar um qualquer objecto, ainda dos mais pobres e de menor valor, mas que houvesse sido do Papa! Seria uma grande reliquia, que conservaria por toda minha vida.

Concluirei esta parte, que ja vai extensa, enviando-lhe a estatistica da população de Roma—homens 96,293, mulheres 87,856, destes são familias 37,708, Bispos 34, sacerdotes 1,417, frades e religiosos 2,390 freiras ou religiosas 2,031, seminaristas ou collegiaes 886, habitantes dos palacios apostolicos 884, hereges ou infieis 213. Daqui si vê, que no anno de 1860 a população augmentou de mais 1464 almas. Os judeos não são comprehendidos nesta cifra; a população judia é—homens 2,248, mulheres 2,220.

—Peço agora licença para dizer alguma cousa a meu respeito:

Quaes são pois essas myriadas de sentimentos, que se me antolhão?.... Pelo mesmo facto de que são myriadas, classifical-as, distinguil-as, tratar de cada uma em particular seria um impossivel, contentar-me-hei com espraiar algumas, e creio, que será bastante.

—Tive pois uma grande impressão a 12 deste, ao receber a noticia da nomeação do nosso Exm. Bispo para Arcebispo da Bahia; aqui o soube por via do Sr. Ministro; e ao mesmo tempo que, alegre com o bahiano, que aqui está, me transportava triste pela perda, que faz á diocese do Maranhão, lagrimas derramava, e, nesta lucta entre o riso e as lagrimas, estas vencêrão aquelle; não ouso pois quasi dar a S. Exc.ª meus prolfaças, porque elles serião salpicados e borrifados de lagrimas!...

—Outro sentimento é o do meu doutorado—já sou Doutor em theologia—Requeri ao S. Padre a graça de dispensar-me das ordens sacras, assim como do tempo, que faltava para completar o quarto anno—vou explicar-lhe isto—na Universidade não se pode, sem rescrito especial do Papa, ser Doutor em theologia, antes de ser sacerdote, e haver feito os quatro annos de theologia completos; como porem obtive a dispensa respectiva, visto que a materia do anno estava esgotada, e eu não queria perder o tempo com recordações, tratei do exame, e como havião mais dous, que tambem recebião a laurea, tive de fazer com elles; fui pois chamado ao primeiro exame por escripto (o que ahi se diz defender these) que assim se faz—na Universidade em presença do Reitor ou vice-reitor della, do secretario da congregação, do corpo theologico, e de um professor de theologia, de dentro de uma urna, onde estão encerradas theses sobre toda a theologia, tira o segundo uma cedula, onde se encontra escripta a these, sahida ella, dão-se quatro horas para dissertar sobre ella á vista dos tres, não se fornecendo outro livro mais que a Biblia; concluida ella, se dobra, e feichada dentro de uma carta, sella-se com o sello da Universidade, e se encerra dentro de uma outra urna, cujas tres chaves são guardadas, cada uma, em poder de um dos tres; no dia 23 foi o exame oral, que durou mais de uma hora—vou lhe explicar como se faz—aqui ha um certo numero, ou melhor, á escolha do Papa são nomeados, como ahi examinadores synodaes, os examinadores apostolicos, seis lentes da faculdade de theologia formão parte, os advogados consistoriaes, e os mais são escolhidos dos theologos das ordens religiosas de Roma; cada vez que deve haver exame, tem que se reunir em numero de quinze com o presidente, que é ou o Cardeal director ou o Reitor da universidade, porem nem todos interrogão, dous somente sobre qualquer tratado de *universa theologia*; entrei na sala dos exames ás onze horas da manhã, e della sahi depois de meio dia, os dous, que me interrogárão, um em forma syllogistica, e outro *extra formam*, forão um dos lentes da Universidade, que objectou sobre a presença real de Nosso Senhor no augustissimo sacramento da Eucaristia, e outro um Arcebispo *in partibus*, tambem lente, sobre o poder de S. Pedro, e seus successores, e sua auctoridade sobre toda a Igreja; a urna, que contém as theses, está no meio da mesa, concluido o exame oral, sahe-se da sala, e tirada a these, e conferido o sêllo, se rompe, e o secretario da congregação dos lentes lê, e os outros ouvem; algumas vezes, quando a lettra é mui difficil de decifrar-se, é admittido o examinando a lel-a, mas em regra não é admittido, afim de evitar, que elle, no espaço de tempo, que decorreu do exame escripto ao oral, tendo aprendido alguma cousa de memoria, nessa occasião o recite em lugar de ler o, que á primeira vez houvesse escripto; acabada a leitura, cada um, segundo julgou dos dous exames, depõe em uma urna o voto, como ahi se usa no nosso Seminario; recolhidos todos os quinze, o presidente, abrindo-os e lendo-os, declara approvado, se reunio dez votos, e reprovado se menos, em fim dez é o numero requerido para se julgar approvado; esses momentos, que intermedião a leitura e a votação, são horriveis! fazem suar, ainda fazendo grande frio! conferidos os votos, o secretario abre a porta da sala, e lendo os nomes lhes annuncia a sentença—graças ao SENHOR, a minha foi favoravel—Depois nos introduzirão na sala dos actos, e ahi, de joelhos, na presença de todos, fizemos a profissão de fé, e jurámos defender sempre os dogmas da Igreja; o Reitor nos fez um discursozinho, e mandou, que o deão do corpo theologico conferisse os graus, começou elle por fallar-nos dos doutores, e de suas obrigações, mettendo-nos ja o anel, ja o barrete de forma quadrangular, ja nos fazendo sentar entre os doutores, ja nos dando os livros da Escriptura abertos, ja fechados, emfim concluio pelo abraço e a competente saudação *ad multos annos*, repetindo-se este acto a cada um dos presentes. Eis-me pois Doutor na Sagrada theologia pela Universidade de Roma. Este primeiro *desideratum* está conseguido.

Recommende-me a todos, em especial a S. Exc. Rm.ª o novo Arcebispo da Bahia, o nosso tão amado Prelado, e á sua excellentissima familia, e a todos os nossos amigos.

Seu Sobrinho &c.

José Raymundo da Cunha.

Roma 16 de Março de 1861.

MEU TIO.

—Hontem recebi suas duas cartas de 13 e 23 de Janeiro proximo passado, e juntamente as dos outros amigos. A ellas não respondo senão brevemente, reservando maior explicação para a carta do fim do mez, visto ja ser hoje

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

o ultimo dia livre de aproveitar-se do vapor francez.

Hoje 16 fui á casa do Sr. Ministro por seu chamado, e foi para depor sobre o processo do novo Arcebispo da Bahia; como não veio do Brasil o processo, mas somente a nomeação (Carta) imperial de 8 de Fevereiro, não podia elle ser preconizado no Consistorio de segunda-feira 18, porem o Papa hontem á tarde disse ao Sr. Ministro, que aqui se tratasse *summatim* desse processo, para ser preconizado agora, do contrario tinha que esperar o consistorio de Junho—assim eu depuz pela sua pessoa (parte, porque o resto com o juramento tenho que dar ás 2 horas, são agora 11 e meia) no palacio do Quirinal, sobre costumes, sciencia, exercicio do poder episcopal, aptitude &c. &c. &c. e mais o filho da Bahia chamado Rio de Contas sobre o Arcebispado da Bahia, com outro moço secular do Rio de Janeiro chamado Lacerda; póde pois dizer a Sua Exc. Rvm.ª que a 18 será preconizado pelo Papa Arcebispo da Bahia, assim como será tambem preconizado neste mesmo consistorio o novo Bispo eleito para Goyaz. Terá que partir, pois, mais brevemente do que pensava o nosso caro Bispo, e deixar o nosso Maranhão.

Aqui nada ha de novo, senão que todos os dias se esperão os usurpadores piemontezes, principalmente depois do discurso do Principe Napoleão no senado de Pariz, discurso archi-revolucionario.

Adeos meu Tio.

Seu Sobrinho &.

José Raymundo da Cunha.

INVENÇÃO DA SANCTA CRUZ.

Ave Crux Spes Unica.

Qual é a tua esperança, orgulhoso seculo?

Esperas a ventura nos gozos materiaes? Lá tens Babylonia, Memphis, Athenas e Roma no mundo antigo: pergunta aos monumentos, que ainda existem, se houve povo maior na força, mais rico na industria, mais poderoso nas artes; e todavia que, foi feito dessas grandes forças, dessas ricas industrias, dessas maravilhas da arte? Restão as pyramides no deserto, e o pó sobre as cidades.

Esperas a ventura na sciencia dos homens? Pergunta á Grecia, á Italia, á Asia, de que lhe servirão os Socrates, os Platões, os Aristoteles, os Pythagoras, os Lycurgos, Dracos, Solons, e Confucios?

Responder-te-ha por ellas o mancebo da Lydia: a mim ensinarão-me, que eu devia assassinar meu velho pai, como um fardo pesado para a familia, e eu o arrastei com dor ao mesmo lugar, onde elle dera a morte a seu pai, assassinei-o, como elle assassinára; dei-lhe sangue por sangue, paguei-lhe a vida com a morte.

Responder-te-ha por ellas a mulher espartana, que vem de lutar nua na praça: a mim ensinarão-me a assassinar meu filho, porque não nascêra bem vigoroso para ser um soldado da republica, e eu tremendo entreguei-o a homens duros, que lhe esmagárão o craneo em minha presença.

Responder-te-ha por ellas o patricio de Roma pagã: á mim ensinarão-me, que o homem podia ser vendido como uma besta de carga, ou quebrado e esmagado como uma cousa vil; e eu por muitas vezes comprei homens, que mandei partir em postas, para as lançar aos tanques de minhas moreias.

Responder-te-ha por ellas o infeliz filho da terra de Helos: eu trabalho á noite sob a pressão do açoute; em determinadas épocas do anno sou arrebanhado com meus irmãos, e lá todos juntos somos cruamente açoutados, para que nunca nos esqueçamos, de que somos escravos. E quando Lacedemonia está farta de paz e socego, manda os mais nobres de seus filhos, que desembainhem as espadas, e abrão pelo ventre, ou traspassem pelo peito, ou cortem pela espalda, de um só golpe, todo aquelle, que encontrarem, e que tenha o crime de haver nascido em Helos. São estas as leis da republica; tal é a maior altura da sua civilização.

Responder-te-ha por ellas a China: á mim ensinarão-me a devassidão como uma virtude, o servilismo como um dever. O Deos real, em que creio, é o imperador, em cuja face nem ouso pôr os olhos com temor da morte, que é a pena do sacrilegio, para todo aquelle que ousar erguer a vista tão alto.

Eis-ahi a civilização do antigo mundo, a philosophia dos legisladores, a sciencia da humanidade.

Qual é então a tua esperança, orgulhoso seculo? Onde está ella, vaidosos phylosophadores do mundo?

Entrae no templo catholico, prostrae-vos ante a cruz.

Eis alli a verdadeira e unica esperança! E' ella;—a victima do Golgotha.

Ali está a loucura, que vos confunde. E' a loucura dos humildes, triumphando da sciencia orgulhosa.

O emblema do opprobrio fez-se gloria das nações; o patibulo affrontoso fez seu throno á divindade.

A arvore da vida sobre a rocha nua, vêde-a plantada no alto. E' o sangue, que escorre sobre o escalvado monte, é o sangue do Cordeiro Immaculado, que lava os peccados do mundo.

E' o Verbo da sciencia, da civilização, da esperança, da liberdade e vida. E' o promettido no Eden, que viria após, novo legislador do mundo, quando o sceptro de Judá passasse a mãos de estrangeiro.

E' Aquelle, que o propheta rei contemplou e viu no explendor dos santos, sahindo *ab æterno* do seio de seu pae; é o Pontifice eterno, sentado á direita do Padre, tendo os inimigos abatidos aos pés.

E' o Unigenito, de quem fallava o mesmo propheta rei, quando ouvira a voz do Altissimo dizendo: *eu Te gerei hoje*: e promettendo-lhe, que seu imperio seria perpetuo, se estenderia sobre todos os genios, só teria por limites o mundo, embora murmurassem os povos, e conspirassem os reis, porque o Senhor estabeleceria, apezar delles, o imperio do Christo.

E' elle, esse Christo, esse Ungido de Deos, que ainda o propheta rei viu, apezar de tantas grandezas, com os ossos á contarem-se sob a pelle, emquanto seus vestidos erão repartidos, sua tunica jogada aos dados, sua lingua molhada com fél e vinagre, e seus inimigos, blasphemando-

do em redor delle, se saciavão de seu sangue; é ante quem depois disto vinhão os povos da terra, os ricos atraz dos pobres, para se juntarem á mesa do Senhor na grande igreja, e annunciarem ahi o nome de Deos a seus irmãos.

E' Aquelle, que Michéas vira não só gerado *ab æterno* do seio do Pai, senão nascido como homem na pequena cidade de Bethlem.

E' a Hostia Immaculada, que, segundo Aggeu e Malachias, havia de honrar o segundo templo, offerecida não somente em Jerusalem, mas desde o Oriente até o Occidente, é o desejado das gentes, por quem seria restabelecida a paz, e movido o mundo para testemunhar a redempção.

E' o Pimpolho de Jessé, *Deos com nosco*, que Isaías vira saltindo do seio de uma Virgem; é o cabeça e mestre das gentes, escolhido para lavál-as com uma santa aspersão, e que havia de dar vista aos cegos, resgatar os, que estavão captivos, sendo com tudo humilde e tão manso, que nem esmagaria com os pés uma canna quebrada.

E' o Rei pobre, Rei pacifico, Rei Salvador, que, segundo Zacharias, havia de entrar triumphante em Jerusalem, seria depois vendido por trinta dinheiros, os quaes se empregarião na compra de um campo para sepultura de peregrinos.

E' ainda, segundo o mesmo propheta, o Pastor, cujas ovelhas transmalharião, quando o vissem ferido; mas á quem depois todo o povo havia de procurar, pondo os olhos naquelle Deos, á quem traspassára, aquelle *Deos mandado pelo Senhor*, para habitar em Jerusalem, donde chamaria os gentios para os aggregar ao seu povo.

E' o Conductor e guia, que tinha de apparecer sessenta e nove semanas depois de expedida a ordem para a restauração do templo, e por ultimo seria entregue á morte, seguindo-se de perto, na septuagesima semana, a abolição da hostia e dos antigos sacrificios, a destruição da cidade e do templo, e por ultimo a desolação completa, e a dispersão do povo hebreu.

Eis-ahi a verdadeira esperança, vão dous seculos, que te ufanas de teus descobrimentos, de tua sciencia, da tua industria, das tuas artes; e que sem a luz da redempção ainda hoje estiveras sentado nas sombras da morte!

Glorias-te das tuas machinas de vapor, dos teus carris de ferro, dos teus telegraphos electricos; e esqueces, que Babylonia teve os seus jardins pensis, e não existe, Thebas as suas cem portas e não existe, Tyro os seus soberbos muros, e não existe, Rhodes o seu colosso, Israel o seu antigo templo, e nem colosso, nem templo, nem Israel existe.

Glorias-te da tua civilização, e a tua civilização é a marcha retrograda para a barbaria dos tempos pagãos.

Glorias-te da tua liberdade, e a tua liberdade é uma mentira.

Porque a tua civilização verdadeira foi o verbo de amor, solto desde o Calvario até aos confins da terra. Foi essa a verdadeira liberdade, que emancipou a mulher, igualou o escravo com o senhor, uniu os homens pela caridade, revelou á todos a sciencia de Deos, e os direitos e deveres do homem.

A luz, que nos alumia, a sciencia, que nos illustra, a liberdade, que nos ennobrece, a fraternidade, que nos une, descêrão do Calvario.

Surge sobre ella a Cruz, que estende os braços apontando os polos, como novo eixo, que sustentaria a terra em seu movimento de regeneração.

Da outra banda de lá tudo trevas. O despotismo, a tyrannia, o parricidio, erão a philosophia do mundo.

Da banda de cá a luz. A caridade, o amor dos homens pelo amor de Deos, a união de todos pela fraternidade, como filhos do Pai, que está nos céos, como filhos da Mulher, que entre os horrores da natureza viu expirar o Filho de Deos, são a philosophia da Cruz.

Eis-ahi a verdadeira sciencia dos seculos.

Eis a verdadeira esperança e a verdadeira liberdade dos povos e dos reis.

AVE CRUX, SPES UNICA.

(*Nação.*)

Perseguição da Igreja.

Quem póde admirar a perseguição, que ora soffre a Igreja?

A perseguição rodeou-lhe o berço, no meio das perseguições cresceu; e emquanto fôr igreja militante, ha de existir em lucta.

A arvore da Cruz surgio sobre o calvario, regada com o sangue do Homem Deos; os terrenos, que abrigou depois com sua sombra, forão preparados com sangue de martyres.

A lucta não cessa, em quanto não chegar o grande dia da victoria. E esse dia virá, quando soar a trombeta do Archanjo. Então a igreja militante entregará a causa nas mãos do Eterno Juiz. O seculo dissolver-se-ha em cinzas. A igreja triumphante virá receber ás portas da eternidade os companheiros, que a Providencia mandára para luctar no extremo dia.

Então sim; então haverá para o crente eterna paz. Então na Jerusalem celeste a virtude será coroada de louros, a palma da gloria adornará a dextra do justo.

Mas até lá a lucta, a perseguição. E' com o que contão os catholicos; e por isso estão preparados para ella.

Vemos no horisonte nuvens, que ameação tempestade. E todavia não nos assustamos.

Tivemos Neros e Diocleciános; após elles os Constantinos: seguirão-se os Julianos Apostatas; e depois a espada rude dos filhos do septentrião reconstruio a sociedade com as reliquias do imperio.

Iguaes dias prevemos; e julgamos, que não nos falta razão para lastimar o antigo reino christianissimo, ora feito imperio.

Quando o prisioneiro de Ham era feito presidente da republica, todos os, que estavão longe, vião approximar-se o *dous de Dezembro*; e os que estavão perto, zombavão dos receios alheios. Confiavão na lealdade do general Changarnier; mas a lealdade não foi bastante para furtar Pariz e a França inteira ao golpe, que se lhe preparava.

Hoje vemos todos os indicios, de que se prepara novo golpe, não já para opprimir a liberdade, mas a religião.

Esperamos, que a mão de Deos preservará a Igreja; é até provavel, que a prudencia aconselhe melhor os, que

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

premeditão a desgraça de seu paiz; mas apezar disto cremos, que os catholicos não podem deixar de estar precatados.

Diz-se, que o gabinete das Tulherias começa á conciliar a liberdade com a nova dynnastia; e nós cremos, que o mais atroz dos despotismos, o que pesa sobre as consciencias, ameaça a França.

As novas reformas poderão ser um principio de conciliação entre a idéa revolucionaria e o poder absoluto; mas entre a verdadeira liberdade e a ordem por sem duvida temos, que não.

Já hoje é reconhecido por todos, que o folheto o—*Papa e o Congresso*—fôra inspirado pela côrte imperial, e se alguma cousa ha, que admirar, não são os successos, que se seguirão, é, que a Europa ficasse como assombrada d'elles.

Em Roma ninguem se illudio. Quando estava á foz do Tibre o navio, que devia transportar o cardeal Antonelli a Pariz para assistir ao congresso, o folheto o *Papa e o Congresso*, apparecendo como clarão de astro sinistro, a annunciar desgraças, foi bastante, para que o primeiro ministro de S. Santidade se recusasse á vir por seu pé atirar-se ao fogo, que lhe preparavão em Pariz.

Agora o outro folheto, o *Papa e o Imperador*, foi dado á estampa em casa do mesmo editor Dentu, que o foi do *Papa e o Congresso;* e n'esse folheto nada menos se propõe, que restabelecer a scismatica *constituição civil* do clero, esse execravel fructo da revolução de 1789, que ensopou a França em sangue de martyres.

Segundo Cayla, que se suppõe ser o autor do folheto, ou antes o editor de alheias inspirações, o imperador Napoleão deverá ser em França, o que é o czar na Russia, e a rainha Victoria em Inglaterra.

O clero francez começou já á protestar contra estas perfidas insinuações. O cardeal Mathieu, arcebispo de Besançon, n'um excellente folheto manifesta quaes as inepcias e absurdas impiedades, que se encerrão no folheto *Pape et Empereur*, e põe bem patentes os males, que sobrevirião á França, se porventura faltasse no governo a necessaria prudencia, para não dar nem o primeiro passo em tão arriscado caminho.

O jornal official do imperio não poude ficar mudo ante a profunda impressão, que causou o rumor, de que o folheto o *Papa e o Imperador* vinha da mesma origem do *Papa e o Congresso*.

Negou o rumor, dizendo, que o governo nada tem com o folheto; e isto o que prova, é, que a imprensa goza de plena liberdade, ao mesmo tempo que se queixa de a não ter.

O jornal imperialista deveria concluir com mais logica, que o que o folheto prova, é, que a imprensa anticatholica tem a mais plena liberdade, emquanto a oppressão abafa os gritos da consciencia, e põe o sello do despotismo nos labios catholicos.

A cada passo os jornaes das provincias, que arvorárão a bandeira da Cruz, vão sendo supprimidos sob o falso pretexto, de que provocão demonstrações politicas, quando lembrão aos francezes os deveres de catholicos, quando defendem Roma, quando stygmatizão as piratarias do Piemonte, quando sustentão, que a França deve ser a primeira entre as nações, que defendem o Papa.

A par da suppressão de jornaes vemos as ordenanças do Baixo Imperio, no tempo dos imperadores arianos e iconoclastas, renovadas no decreto, que sujeita ao sello e a deposito as publicações das Pastoraes, expedidas pelos Prelados diocesanos para chegarem ao conhecimento de todo o seu rebanho; vemos a prohibição de commissões para receberem o dinheiro de S. Pedro; vemos tudo quanto são indicios de uma damnada tenção para impôr silencio á Igreja, deixando abertas as boccas, por onde o inferno vomita veneno em todo o bello paiz da França.

O folheto de Cayle é obra de um louco, se o suppomos longe de toda a influencia das Tulherias; é o principio de uma tentativa revolucionaria na ordem ecclesiastica, e o annuncio de um grande perigo, se o suppomos inspirado pelo poder.

E que nos dizem os factos? Que nos diz a protecção, de que gozão os escriptos impios, em quanto que todas as severidades do poder se reservão contra os escriptos catholicos? Dizem-nos, que a segunda supposição toma o caracter de facto incontestavel.

A Igreja ha de triumphar; as portas do inferno não prevalecerão contra ella. Temos esta firme crença.

Mas preparemo-nos para a luta, e luta violenta, que se approxima.

E todo o catholico poderá dizer, como Job: *Et rursum post tenebras spero lucem.*

(*Extr. do D. de Pernambuco.*)

O poder temporal dos Papas.

Qual é o fim daquelles, que pedem a abolição do poder temporal da Santa Sé? E' excluir do Estado a autoridade catholica, e por conseguinte libertar da soberania do Christo o poder e o proprio subdito, os quaes desde então não terão outro principio, outra lei, que não seja a inspiração desordenada do senso intimo (1) e o delirio das paixões.

Seria superfluo para quem conhece o ensino infallivel da Igreja provar, que desde o instante, em que um povo tal é a expressão da relação entre o principe e o subdito, esse povo é invencivelmente condemnado ao supplicio da mais atroz tyrannia, ou da anarchia a mais desenfreada. Queremos unicamente examinar os motivos invocados para desviar a França dos caminhos, que lhe são traçados por sua historia, e pôl-a á frente da revolução.

Pois bem! percorrei attentamente os artigos publicados pelos jornaes, que pleiteão essa causa; o que achaes nelles? Se abstrahirdes das considerações tomadas em uma ordem de interesses individuaes, pessoaes, que é impossivel discutir, o unico motivo, que se tem podido achar é, que a França «não deve fazer-se o apoio dos reis, cujos povos se retirão».

A questão portanto é de saber, se os povos se retirão do Papa como soberano temporal.

Os factos, que acabão de dar-se na Italia, respondem. Para arrancar esses povos á autoridade paterna da San-

(1) *J. Voigt, traducção do Abbade Jager, p. 200. «Histoire du Pape Gregoire VII et de son siécle».*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ta Sé, foi preciso, que sessenta mil piemontezes invadissem os Estados da Igreja, á despeito dos mais elementares principios da consciencia e do direito das gentes; e virão dizer-nos, que esses povos se retirão de seu soberano? Sustental-o é possivel á certos homens sem duvida; mas ninguem poderia abraçar sua opinião sem negar a evidencia, sem romper com o bom senso.

Logo, não ha motivo sério para dissuadir a França de voar em soccorro do Santo Padre.

Vejamos agora, qual seria em nossas relações com os outros povos a consequencia da abdicação da politica tradicional de nossa nação.

Para remontarmos um pouco mais á cima, é incontestavel, que desde Clovis, o qual por sua espada fez prevalecer na Europa a divindade do Salvador sobre a heresia dos Arianos, até Carlos Magno, até S. Luiz, até Luiz XIV, e a gloria e revezes do primeiro Napoleão, a França encontrou sua grandeza e seu triumpho em defender por meio das armas, e em propagar por sua dedicação e intelligencia a nossa divina religião (2).

Com effeito isto se descobre em nós com taes condições de visibilidade, de perpetuidade, de universalidade, que é impossivel recusar-lhe os caracteres, aos quaes a sciencia reconhece uma lei da historia; e não confessar, que marchar á frente do mundo catholico, abrir os caminhos da civilização christã e conduzir as outras nações por esses caminhos gloriosos, tal é a missão providencial, a vocação especial do povo francez (3).

Esta missão, esta vocação, é rodeada de um brilho tão grande, que até é reconhecida pelos outros povos. Desde quasi quatorze seculos a França se ergue no tempo e no espaço, como o pólo radioso das esperanças da catholicidade.

Assim, para discernir ás mais das vezes, em que sentido convém dirigir a politica internacional de nossa patria, basta descobrir bem o interesse catholico, por quanto este é o essencial, o vital, o supremo interesse de nossa nação.

Estabelecidas estas premissas, qual é hoje o interesse catholico?

A' vista do accordo unanime do Papa e dos Bispos, espalhados de um extremo á outro da christandade, não é permittida, não é possivel a duvida.

Hoje o interesse vital de nossa religião é a conservação intacta, integral, do poder temporal da Santa Sé: dahi dependem o livre exercicio do pontificado soberano, a authoridade do ensino catholico, a liberdade de consciencia, e todas as liberdades.

Ora, suppondo, que em vez de sustentar essa soberania vacillante contra os assaltos da violencia e da impostura conjurados, a França, trahindo as origens de seu nome e a missão, que tem da graça de Deos, vem a renunciar a autoridade moral que elle exerce para o bem e salvação da Europa; supponde, que, collocando-se fóra de todos os principios, que ella representa, de todas as regras por ella estabelecidas, ella não recuasse diante da vergonha de desnaturar-se e desmentir-se; que indifferente ás supplicas dos antepassados, de seus grandes homens, de seus grandes santos, cuja voz atravéz da profundeza dos tempos chega á todos os ouvidos attentos, a França viesse a desertar do estandarte da Cruz, para passar ao inimigo, á vanguarda dos novos barbaros, qual seria de então em diante o destino da nossa patria?

Fação-nos ou não um crime de ser propheta de desgraças, e de ousar, fiados em nossos olhares tão fracos, contar o futuro, não hesitamos declarar, que a rebellião da França e sua apostasia tornar-se-hão o signal de seu abatimento na escala dos povos.

As grandes faculdades, de que é ella tão maravilhosamente dotada, reverterão em detrimento de sua propria independencia. Na alternativa de soffrer pela França a Europa, e pela Europa o mundo, cessasse de ser a herança de Christo, ou de castigar nossa nação, não haveria hesitação alguma (perdoem-nos estas palavras) nos conselhos da divina Providencia. Como um astro, que se extingue, veriamos nossa patria estrangulando-se por suas proprias mãos, e o coração victima de todos os furores da revolução, abaixar-se e descer á noite densa da servidão.

M. DE CASTELNAU.

(*Le Monde.—S. Filho.*)

(2) *Mr. de Cerné. «Les fondateurs de l' unité française.»*
(3) *Mr. de Bonald, Legisl primit. Disc. preliminaire.»*

POESIA.

Oremus.

I

Vem a hora.... Prostremo-nos; profunda
Já do orgão a voz o templo inunda,
Rescende a fumegar
No vaso o incenso; e, ao passo que se veste
De crepe a nave, e o estrado de cypreste,
Despe as galas o altar.

Em renque, e d'entre o dó, que o espaço abrange,
Qual de esqueletos livida phalange,
Póstos os cirios são;
E se, na arcada, ondeão á luz baça,
Pela arcada parece, que esvoaça
O anjo da afflicção.

E não me illudo.... Esvoaçou. Ouvi-o,
Pallida a face, as lagrimas em fio,
As mãos, convulso, á pôr,
E os olhos para o céo, dizendo—disse-o:
«Porque ordenaes o duplo sacrificio?
«Não basta um só, Senhor?

«Senhor! valei a terra, em que me humilho.
«Que victima melhor, que o proprio filho,
«Para aplacar um pai?
«Se já de um Deos o sangue ali goteja,
«De Deos o nuncio, o interprete da igreja,
«O' bom pastor, salvai!»

Mas fica mudo o céo, e, mudo, exprime
Que, se, a expiar do mundo antigo o crime,
Foi uma cruz mister,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Do novo mundo a perfida gangrena,
Que corpo e alma, á uma, lhe envenena,
Mais victimas requer.

II

E est'outra!.... Bem o advinho,
Segue o exemplo; não hesita
Ante a prophecia escripta,
Ante a missão, que se impoz.
Ei-la no mesmo caminho,
Co'o filho na mesma ára,
Sabendo que lhe prepara,
Sorte igual, igual algoz.

Se um, como o Abel innocente,
Porque as rezes arrebanha,
Causa inveja e excita a sanha
Aos que farton de maná,
E, quando a furia pre-sente
Do que vem para assaltal-o,
O recebe sem abalo,
E um doce perdão lhe dá;

O outro... cala-se, e abençôa
O gladio, que lhe abre a chaga;
Na mente, de prompto, apaga
A injuria, que se lhe faz;
Co'a mão generosa e boa
Os máos, no redil, congrega,
E, entre a ira e a inveja cega
Dos Caius.....só prégа a paz!

Se um, á voz do pai, que o ama,
Como á si proprio, se inclina,
E, manso Isaac, á collina,
Sobre os seus hombros conduz
Para o sanguinoso drama,
Que, ha tantos annos, se espera,
E abrir vai a nova era,
O madeiro, o solio—a cruz;

O outro...cede á uma igual ordem;
Do ermo as delicias deixa;
E aos hombros, sem uma queixa,
Em pêso toma o poder;
Rege a barca; e, quer discordem,
Quer não, as c'roas da terra,
A' c'roa, que a cruz encerra,
Quer, abraçado, morrer!

Se um, sendo Deos, se faz homem,
Veste da carne a mortalha
Nasce n'um eido, trabalha,
Baptiza, explica o que é
A verdade, embora o tomem
Por blasphemo, funda a igreja,
De paz armado, peleja,
Abre o reinado da fé;

O outro, homem, quasi á nume
Sóbe, cingindo a thiara;
Firma a fé, a igreja ampara,
Pois d'ella é pedra angular;
Seu sacerdocio resume
Em manter, illesa, a herança;
Lucta, ora, exhorta, avança....
Ha de o porvir conquistar.

III

Mas como? E porque preço? A taça cheia
Já elle a pôe á bocca e saboreia
O fel, que dentro vem.
Começa da agonia a dôr aguda;
O vaticano em horto se demuda,
E..... em Golgotha, tambem.

Nem falta nada! O sangue o sólo rega
Em bagas de suor. Um falso a entrega,
N'um osculo, lhe faz.
Dizem-lhe o *Ave!* volvão-o á vergonha.
Ha, no povo, quem Cesar lhe anteponha,
E o troque á Barrabaz!

A mão lhe estendem Cyrineus sem zelo,
E, fingindo, que intentão soccorrel-o,
O vão no eculeo pôr:
E o manto, aos dados, joga-lh'o a caterva,
Emquanto os reis, no egoismo, que os enerva,
Dormitão, ao redor!

E' tudo! E o pasmo ao espirito me assoma
Ao ponderar, que, agora, o céo e Roma
Em luto igual estão,
Ao ver que, ao som dos ais de um anjo, assisto
Do Papa e Deos, de Pio IX e Christo
A' barbara paixão.

Eu tremo... Vamos! Nasça a confiança;
Que nos chama, e o perdão nos afiança.
A voz daquelle altar,
E' este o lugar proprio, a hora esta:
Para a culpa solver já só nos resta
Prostrarmo-nos....e orar.

A. Pereira da Cunha.
(Extr.)

VARIEDADE.

Os Sinos.

—Os sinos forão conhecidos na antiguidade pelos Chinezes, Hebreus e pelos Egypcios. Na Grecia os sacerdotes servião-se d'elles para convocar o povo ao sacrificio; e Tibullo, Strabão e Polybio dão testemunho de sua existencia.

Foi S. Paulino, Bispo de Nola, na Campanha, que pelo anno 400 introduzio o uso dos mesmos na Igreja.

Forão adoptados em França em 550, e em Constantinopla em 865.

Antes d'esta época chamavão-se os fieis ao officio divino por meio do toque em tympanos; e foi um pouco antes de Carlos Magno, que começou o costume de baptizal-os.

O sino maior conhecido é o do convento de Trotskoi, na vizinhança de Moscou, tem meio metro de espessura, perto de quatorze metros de circumferencia, e pesa sessenta e seis mil kilos.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO—1861.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX. **O ECCLESIASTICO.** N.º 208.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.mo SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

QUINTA-FEIRA 16 DE MAIO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

O Obolo de S. Pedro.

—Em nosso numero 206 algumas ideas emittimos, no sentido de animar a santa e generosa subscripção, que se acha aberta nesta Diocese em favor da Santa Sé, e das despezas publicas e particulares do nosso Santissimo Padre, o immortal Pio 9.º secundando assim da nossa parte os votos e desejos do nosso Venerando Pastor da Diocese. Segundo nos parece, não será debalde, que se tenha appellado para a caridade dos fieis catholicos, tanto desta capital, como de todo o interior da Diocese.

Agora pois, ainda no mesmo sentido, não podemos deixar de apresentar á consideração dos nossos leitores a maneira, como foi e tem sido recebida essa supplica em diversos paizes estrangeiros, e como entre nós, até hoje, mais que nenhuma, se tem distinguido a provincia de Pernambuco. Para prova do que vimos de asseverar, offerecemos a leitura do artigo seguinte, extrahido do *Diario de Pernambuco*, por occasião de convidar o povo da respectiva provincia para concorrer para o obolo de S. Pedro, servindo-se, para mais fortificar seu appello, de noticias colhidas do *Jornal de Roma*, e da *Civilta Catholica*: eis o artigo do *Diario*:

«Como catholicos apostolicos romanos não nos tem sido pessoalmente indifferente o estado, que affige de presente ao pai commum dos fieis.

«As attribulações, que dominão-lhe a alma magnanima, tem achado echo filialmente sympathico em nosso coração, e no de todos os brasileiros, que nelle reverencião a cabeça visivel da Igreja, de que são filhos.

«Outro não devia ser por certo o impulso dos nossos corações, nesta situação, em que o vendaval se desencadeia e ameaça submergir a barca de Pedro; em que, por um contraste portentoso, até paizes protestantes tem ido aos pés do throno pontificio depôr suas oblações.

«Mas deveremos deixar no fôro do coração a parte, que tomamos nas attribulações de S. Santidade?

«Quando o excelso successor de S. Pedro tem visto ante si as expressões fervorosas de amor e respeito de todo o orbe; quando da Inglaterra, Estados-Unidos, California, Canadá, etc. etc. etc. em presença dos acontecimentos, que se succedem por uma concatenação maravilhosa, tem partido documentos de iguaes affectos para com a pessoa do Summo Pontifice Pio IX, nós brasileiros, cuja catholicidade é assaz conhecida, não nos devemos conservar inactivos e pregados á columna de um sentimento esteril, que nada produz, que infecundo vive e morre sem fructos.

«Devemos, pelo contrario, apressar-nos em manifestar o nosso amor e adhesão ao principe dos apostolos, por meio de um abaixo assignado, em que lhe seja demonstrado, que esta parte de seus filhos em Christo partilha de suas afflicções, e de uma assignatura cujo producto seja enviado á Santa Sé, como um effeito pratico e demonstrativo dessa compartilhação.

«Pernambuco deve levar a consolação ao afflicto, a quem serão doces estes attestados de devoção tão profunda e de tão notavel interesse, ao mesmo passo que terá seu coração, nas amarguras, de que está penetrado, o gosto de ler as causas commoventes declaradas no abaixo assignado.

«Este acto de dignidade catholica tem tido um incremento espantoso nos paizes estrangeiros, tendo-se já elevado o dinheiro de S. Pedro ao algarismo de dous mil contos de reis, segundo o *Jornal de Roma* de 12 de Julho do anno findo; e distinguindo-se entre os abaixo assignados, conforme a *Civilta Catholica*, o da provincia de Rimburgo com 13,000 assignaturas; o da diocese de Namour com 62,164; o de Bruges com 14,713; os de Verviers, Gorronai, Riegi e Utrecht, na Hollanda, com 64,135; os da diocese de Rubiana e de Santo Hypolito, na Allemanha, com 28,000; o de Segovia com 25,000; o de Fulda com 15,600; o de Eichetett, em que estão muitos catholicos de Monaco, Thuringia e Ratisbona, com 30,000; o de Augusta com 54,000; o dos quatorze decanados de Heldesein com 6,500; o da Saxonia com 3,000; o de Presuislia na Gallicia, do rito grego e latino, com 680; o de Brossanone, inclusive alguns decanados de Salisburgo e diocese de Trento, com 68,000; o de Pesara, perto de Trieste, com 12,000; o dos cantões da Suissa com 150 000; o de varias cidades da Hespanha com 35,000; o da dio-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

cese de Wesminster, em Inglaterra, com 16,750; o da diocese de Trois-Rivieres na America Septentrional, com 9,000; o de Quebec com 8,000; o de Kingstown no Canadá com 3,100; o do clero regular da Austria com 5,400; o das escolas elementares de Vienna com 700, além das dos professores; o do Gymnasio de Trento com 246, exclusive os professores; e finalmente o do clero de Goricia em nome do povo com 335.

«Isto posto, um passo identico, uma demonstração igual, cumpre-nos dar á nós pernambucanos, que professamos essa religião, que no Papa consagrou o vigario de Christo.

«Neste negocio solicitamos a intervenção de S. Exc. Rvm., que assim acompanhará os diocesanos do orbe catholico, obtendo pessoalmente a contribuição dos individuos de maior representação em nossa sociedade. A mesma interferencia espera-se da parte do reverendo corpo capitular, dos parochos, das mesas das ordens terceiras e irmandades, do Rvm. D. abbade de S. Bento, e finalmente de todas as corporações e associações desta cidade e provincia, promovendo entre si por meio de cotização pecuniaria a referida assignatura.

«E assim, sendo conseguido tão louvavel fim, ascenderão aos pés do throno pontificio as vozes da plangente e expressiva compartilhação do povo de Pernambuco nesse momento solemne de provações, que pairão sobre a cadeira de S. Pedro.»

—Por occasião da eleição do Exm.º e Rvm.º Sr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, Abbade Geral dos Benedictinos da corte, para Bispo desta Diocese, dirigio o Illm.º e Rvm.º Cabido a seguinte

Felicitação.

Exm.º e Rvm.º Snr.—A publicação do Imperial Decreto de 14 de Janeiro ultimo, pelo qual foi S.M. O Imperador servido de nomear a V. Exc. para succeder na Cadeira Episcopal desta Diocese ao Exm.º e Rvm.º Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, que tem de occupar a de Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, vaga pelo passamento do Exm.º Snr. Marquez de Santa Cruz, de saudosa memoria, suggeriu aos a baixo assignados, membros do Cabido da Cathedral desta Diocese, o grato e honroso dever de, por este meio, cumprimentar e felicitar a V. Exc. pela acertada escolha do nosso Augusto e Magnanimo Monarcha da Pessoa de V. Exc. para dirigir a Igreja Maranhense.

A vantajosa noticia, que teem os a baixo assignados, das eminentes qualidades, merecimentos Pessoaes, e da sabedoria de V. Exc. os anima a crer, em que as saudades, presentidas pela ausencia do Virtuoso e Venerando Snr. D. Manoel Joaquim da Silveira, serão mitigadas com a respeitavel presença de V. Exc. de quem esperão, pelo em quanto, benigna attenção, e depois, a mais plena confiança, sincera e cordial amizade, para o que desde já elevão ao Ceo fervorosos votos, como significação pura da homenagem e adhesão, que protestão a V. Exc.

Humildemente orão a Deos, para que permitta, que o intervallo entre a saudosa partida do mesmo Senhor e a chegada de V. Exc. á esta Capital, seja tão curto, que as saudades pela ausencia de um sejão minoradas com a presença de outro.

Deos Guarde a V. Exc. Rvm.ª—Sala das sessões do Cabido na Cathedral do Maranhão aos 19 de Fevereiro de 1861.—Exm.º e Rm.º Sr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, Bispo do Maranhão.—O Arcediago *Antonio Lobato d'Araujo*, o Arcipreste *Candido Pereira de Lemos*, o Chantre *Manoel Pedro Soares*, o Conego Mestre-Escola *Luiz Raymundo da Costa Leite*, os Conegos *Antonio Mauricio da Costa Leite*, *José Gonçalves da Silva*, *Raymundo d'Almeida Sampaio*, Penitenciario *José Antonio da Costa*, *Joaquim Jeronymo de Castro*, *Camillo de Lellis de Moraes Rego*, *Raymundo Alves dos Santos*, *Eleutherio Marques da Silva Rosa*, Magistral *Manoel Tavares da Silva*, *Joaquim Felix da Roxa*, *Francisco José dos Reis*, *Estevão Alves dos Reis*.

Resposta.

Illms. e Rvms. Srs. Arcediago e mais Conegos do Cabido do Maranhão.—A felicitação, que de V. Ss. Rvms. acabo de receber, com data de 19 de Fevereiro do anno corrente, foi gratissima a meu animo.

Só a muita clemencia do nosso Augusto Monarcha o levou a pôr os olhos na obscuridade do meu claustro, para elevar-me com sua tão honrosa quanto immerecida nomeação á Prelasia da Igreja do Maranhão,

Se igual clemencia houver de dominar o animo do Nosso Santissimo Padre, certo me apressarei a lograr a fortuna de presidir a essa Igreja, que é tão respeitavel pelo seu clero, e por tão illustrado Cabido, como folgo de reconhecer em V. Ss. Rvms.

Por ora só me cabe deplorar em mim a falta de dotes e virtudes aptas a poder preencher a falta, que soffrerá o Maranhão com a transferencia do muito respeitavel e virtuoso Prelado, o Exm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, para Arcebispo Metropolitano e Primaz do Brasil, e agradecer muito cordialmente a V. Ss. Rvms. pela sua obsequiosa attenção.

Deos Guarde a V. Ss. Rvms.—Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro aos 6 de Abril de 1861.

Fr. *Luiz da Conceição Saraiva.*

Illms. e Rvms. Srs. Arcediago Antonio Lobato de Araujo &.

(Seguem-se as assignaturas acima referidas).

Sagração dos Exms. e Rvms. Srs. Bispos do Ceará e Pará.

De uma carta particular obtivemos noticia da sagração dos Exms. e Rvms. Srs. Bispos do Ceará e Pará, a qual transmittimos do modo seguinte:

No dia 14 d'Abril teve lugar na cidade de Marianna, assento da Cathedral de Minas-Geraes, a sagração do Exm. e Rvm. Snr. D. Luiz Antonio dos Santos, Bispo do Ceará. O Exm. Sr. Conselheiro, Presidente da provincia, Padre Dr. Vicente Pires da Motta, concorreu com a melhor vontade de sua parte, para que o acto fosse feito com toda a pompa e magestade possivel, fazendo marchar da cidade de Ouro-preto, capital da provincia, toda a força disponivel d'infanteria e artilheria de linha, para que fizesse

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

as honras devidas ao novo sagrado. Este acto, todo novo naquella provincia, causou um extraordinario movimento em toda a população, que para elle acudio em grande numero de muitas leguas em redor. Foi sagrante o Exm. e Rvm. Sr. D. Antonio Ferreira Viçoso, Bispo de Minas.

—No dia 21 d'Abril foi o Exm. e Rvm. Sr. D. Antonio de Macedo Costa sagrado Bispo do Pará pelo Exm. e Rvm. Sr. Internuncio Apostolico, Arcebispo d'Athenas, *in partibus*, Marianno Falcinelli, na capella catholica de Petropolis, no Rio de Janeiro. Estiverão presentes ao acto SS. MM. Imperiaes, e forão assistentes ao solio os Rvms. Monsenhores Lourenço Vieira de Sousa Meirelles e Narciso da Silva Nepomuceno, que ali se achavão como empregados da casa imperial. O acto foi feito com muita simplicidade.

Acerca dos novos sagrados já foi alguma cousa publicada em tempo neste jornal, na correspondencia de Roma; comtudo lê-se na carta, de que acima tratámos: «é moço (o Sr. Bispo do Pará) porém de educação ecclesiastica; tem um certo accento de virtude, sem hypocrisia, que satisfaz, a par de sua illustração e presença sympathica.»

(Continuação das cartas do Dr. José Raymundo da Cunha.)

(Vem do n.º passado.)

Roma 30 de Março de 1861.

MEU TIO.

—Hontem recebi a sua cartinha de 10 de Fevereiro em resposta ás minhas de Janeiro.....

Realizou-se, como lhe disse na minha, mandada pelo vapor francez deste mez, a preconização do nosso querido Pastor para Arcebispo da Bahia no consistorio de 19, assim como tambem foi preconizado o Exm. Bispo de Goyaz, D. Domingos Quirino de Sousa. Assim não ha mais duvida, de que, mais cedo do que esperavamos, nos abandonará o nosso Exm. Sr. D. Manoel; Deos o guie com sua luz tão brilhante na nova séde, que vai occupar, como a com que sempre o illuminou no Bispado do Maranhão; eu continuarei a rogar a Deos pelo meu Bispo, ainda que outros, para minha infelicidade, tenhão e gozem do seu paternal governo; eu não me esquecerei jamais, de que o Exm. Sr. D. Manoel foi meu Pastor, e, o que excede a tudo mais—foi meu particular Protector—esta palavra exprime o mais intimo sentimento do meu grato coração, elle o merece, e eu repetirei sempre—foi meu Protector—Infelizmente porem eu não posso, eu estou de tal modo collocado, que não posso manifestar e provar-lhe, como desejaria, toda a minha gratidão—ah! se eu pudera receber uma sua ordem a executar, um seu mandado a pôr em pratica! Talvez me engane, porem eu creio, que, como jamais, envidaria tudo, quanto em mim ha de energia, esforço e boa vontade, para satisfactoriamente servil-o. Os Ceos me ouvem, e elles bem sabem, se não são do coração estes anhelos; elles me oução, e o Exm. e Rvm.º Sr. Arcebispo da Bahia seja cercado, coberto e coroado de toda gloria.

Logo, se puder, serei mais extenso.

Recommende-me &c.

Seu Sobrinho e amigo
José Raymundo da Cunha.

PROLOGO. (*)

EXMº E REVMº SENHOR.—Eis chegado o dia, em que o mesquinho estudante, qual fragil batel, que, só levado pela petulancia do homem, arrosta com os horrores da tormenta e encapellado mar, vem atrever-se a depor aos pés dos Mestres da sciencia os fructos de peniveis lucubrações; eis chegado o dia, em que, só confiado na vossa bondade e indulgencia, ousei chegar-me á vossa presença. Qual vinha do Senhor, que, recebendo todos os cuidados, produzio labruscas, assim eu, apezar de esforços inauditos, apezar das sabias lições do meu illustre preceptor, nada mais vos posso apresentar do que um trabalho insulso; mas ficai certo, que, se a intelligencia acompanhasse a vontade, outro seria o objecto, que vos havia occupar a attenção por alguns instantes; desculpai as faltas, que de necessidade haveis encontrar em meu tosco trabalho, pois não se pode negar o que a natureza dá, e assim, confiado na bondade de V. Exc., e dos meus illustres examinadores, darei começo á these, que me coube para defender; n'ella somente encontrareis frascado singelo, porem sentimentos de uma alma verdadeiramente christã.

THESE.

A Lei Mosayca terá alguns caracteres assim intrinsecos, como extrinsecos, que provem a divindade da missão de seu Auctor?

DISSERTAÇÃO.

Deos, providente governador de tudo, formára em sua sabedoria infinita o plano augusto de crear o ceo, a terra, e tudo, que nelles existe; supremo artifice, a obra correspondeu ao auctor, esse quadro magnifico da natureza foi a pouco e pouco desenrolando-se diante de sua vista, ceos, terra, astros, peixes, animaes e plantas, tudo foi obra de um instante; Deos se comprazia em olhar para suas obras, e as achava boas—*et erant valde bona*—mas faltava quem gozasse de todas essas riquezas; Deos concentra-se em si mesmo, forma o homem, e communica-lhe o espirito de vida, forma o homem—essa obra-prima do creador—que bem depressa, ah! desmentio todas as esperanças, que n'elle se fundávão; a sua queda, e as consequencias funestas, passão-se como um sonho, uma só desobediencia arrasta sobre toda a sua descendencia uma maldição eterna!.... nada mais havia a esperar senão a misericordia divina, ella não tarda; se o juiz poude condemnar, o pai soube procurar o remedio, o reparador é promettido, esse que devia operar a salvação do genero humano. Em vão esta promessa consoladora fere os ouvidos dos homens; conspurcada com o crime do seu primeiro pai, a humanidade caminha de vicio em vicio, laborando no lamaçal e horror dos crimes; ella vê o abysmo entreabrir-se a seus pés; mas é tarde, ella se vê cahir, mas não se pode deter, a terra assim perdida faz, para assim dizer, desesperar o seu auctor; um diluvio universal lava-a de todas as iniquidades, e faz desapparecer essa raça de viboras, que havia cançado a bondade do Creador. Uma familia santa é escolhida para conser-

(*) *Por falta d'espaço não publicámos ha mais tempo esta these, que foi tida perante S. Exc. Rvm. e os respectivos examinadores.*

var a prole de Adão; porem o demonio, que não podia ver a felicidade do homem, e escapar-lhe a preza, que ja contava segura, ainda o persegue; a Idolatria, a vil Idolatria, esse ferrete de deshonra da humanidade, vem manchar a face da terra; esses homens, que ja se envergonhavão de adorar o seu Creador, adoravão a obra de suas mãos! o verdadeiro Deos já não era conhecido, adoravão os animaes e reptis; tudo era Deos, á excepção de Deos, como diz Bossuet, e o homem tanto se esqueceu, de que Deos o tinha feito, que se lembrou, de que podia fazer um Deos! quem o acreditaria ?!!..... Os vicios os mais despreziveis, os crimes os mais abominaveis, enegrecião a face da terra, o sangue humano, essa obra preciosa da mão de Deos, era derramado para adorar a obra da mão do homem! mas a bondade de Deos não se cansa ainda; uma familia santa permanece; Abrahão devia perpetuar a descendencia dos escolhidos, inexcrutaveis designios da Providencia fizerão, que esse germen crescesse em terra estranha, o Egypto foi o berço, onde a nação Israelista devia desenvolver-se e crescer perante os homens; o estado de degradação, em que vivia o genero humano, fazia, com que não houvesse direito das gentes; os Israelistas, levados pela fome ao Egypto, são logo vil e ingratamente reduzidos á escravidão, nella permanecem durante seculos, até que em fim appareceu esse emissario de Deos, esse homem grande, igual ao qual só deveria ser o Messias, esse libertador e legislador dos Hebreos, Moysés em fim, de quem vou me occupar.

Moysés, o Legislador dos Hebreos, nascido de Amarão e Jocabed, no anno do mundo de 2433, antes de Jesus Christo 1571, é esse homem, que, educado na corte, bem depressa despreza as suas grandezas por amor de seus infelizes irmãos, é esse, que, retirando-se para o paiz de Madian, ahi casa se com Sefora, filha de Jetro; filhos vem logo estreitar os laços de seu amor; porem Deos, que o destinara para ser o libertador de seu povo, não o deixa em paz, chamado e enviado miraculosamente, o amor de pai e espoço não o detem, a ordem de seu Deos existe em primeiro lugar. Oh! quanto é bello ver esse coração nobre, que já desprezou as grandezas de uma côrte, agora arrancar de si as mãos de seus filhinhos, que talvez não tornaria a ver, a cara esposa, que inconsolavel fica somente com o doce penhôr de seu hymeneo! mas nada detem o soldado de Deos, elle parte, a natureza toda treme, tudo lhe obedece. *Qui est, misit me ad vos*—eis todas as suas credenciaes; esses mesmos, cuja liberdade vem operar á custa de sua propria vida, duvidão; mas os milagres fallão mais alto que as palavras, e elles crem em o Senhor, e em Moysés seu servo—*crediderunt Domino, et Moysi servo ejus.*

Diante de uma côrte e de um principe corrupto não implora, impõe, e em nome de Deos intima a Pharaó a ordem de deixar sahir seu povo; não recorre á sciencia para convencel-o, pomposos discursos não são empregados, uma linguagem, capaz de fazer dispertar esses corações de pedra, é empregada, os milagres são operados; a resistencia de Pharaó faz produzir essas admiraveis pragas, outros tantos prodigios da mão omnipotente d'Aquelle, que o envia, prodigios que arrancão da bocca dos proprios magos do Egypto a confissão de sua missão divina—*digitus Dei est hic.* Todos os mais actos de Moysés são outros tantos milagres, o Mar Vermelho parte-se ante seus pés, o arido rochedo brota agua ao toque de uma vara, arenosos desertos sustentão milhares de homens, as roupas conservão-se intactas durante quarenta annos, o conhecimento certo de acontecimentos futuros, tudo, tudo vem dizer: Moysés é enviado de Deos. A natureza dobra-se á sua voz, e a não estarmos prevenidos, de que um homem é, quem opera, supporiamos, que o proprio Deos descen á terra para operar tantos prodigios; não foi Deos, mas o seu enviado, foi Moysés.

Moysés, esse Moysés, a quem os proprios brutos obedecião, a quem a propria materia servia, veio achar em nossos dias homens, que, destituidos de toda a razão, ousárão sustentar, uns, que são falsas as suas obras, e outros, que Moysés é um ente mythologico, que nunca existio. Miseraveis! não vos treme o braço, não vos tituba a língua, quando ousaes levantal-a contra o testemunho de tantos seculos, contra o testemunho do proprio Jesus Christo, e dos Apostolos?... Não temeis, que um raio, desprendendo-se das nuvens, vos venha fulminar no momento, em que vomitaes blasphemias contra o emissario de Deos?.... Até que ponto chega o atrevimento humano!..... Mas não admira, a existencia de Jesus Christo, do proprio Deos, tem soffrido opposição.

Lysimacho, Trogo-Pompeo, Plinio o Velho, e Celso, ousárão dizer: que Moysés era um magico mais habil que os outros; e nestes ultimos tempos o Dr. Straus ousou affirmar, que Moysés é um ente mythologico. Temerario! que, seguindo o auctor da philosophia da historia, conclue, que, porque ha semelhança entre Moysés e as entidades mythologicas Gregas, tambem Moysés é mythologico, sem ver, que a mythologia, sendo posterior a Moysés, só poderia ser uma corrupção de sua historia, pois, como diz Tertuliano, o falso não é mais do que a corrupção do verdadeiro. Não importa, que Straus o diga, porém elle nunca o provou, e nem o provará. Moysés não está sem defensores, catholicos, e mesmo pagãos, emprestão os seus braços para defendel-o. Origenes contra Celso, S. Cyrillo contra Juliano, Eusebio em suas preparações evangelicas, Josepho contra Apião, são testemunhos irrefragaveis, e que Straus nunca poderá fazer calar, além d'isso os milagres e as prophecias de Moysés, a sublimidade de sua doutrina, e seus effeitos admiraveis, são outros tantos characteres extrinsecos e intrinsecos, que provão a divindade de sua missão. Testemunhas me não fallão, vinde vós, oh aguas do Nilo, e monumentos do Egypto! respeitaveis por vossos annos, e que tendes sabido resistir á fouce destroidora do tempo, vinde desmentir, e com o vosso testemunho mudo fazer calar esses atrevidos, que não cessão de derramar de suas infeccionadas boccas palavras negras contra o divino Moysés, que vós vistes e ouvistes; vem tu, ó mar vermelho, e vós aridos desertos da Arabia, que por quarenta annos vistes o homem de Deos operar prodigios espantosos! vinde, restos inanimados de Coré, Datan e Abiron, que fostes tragados pela terra, que se abrio á sua ordem! vem, monte Sinai, tu que foste testemunha do colloquio entre

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Deos e seu servo; vinde, Israelitas, testemunhar o que vistes e ouvistes—*oculi vestri viderunt omnia opera Domini magna, quæ fecit* —. Calai-vos pois, ó temerarios, perante testemunhas tão authenticas e respeitaveis.

Entremos agora na demonstração de nossa these.

Milagre é um facto sensivel e divino, que derroga as leis conhecidas da natureza em um caso particular; sendo o milagre a derogação das leis da natureza, só Deos, como diz S. Ambrosio, os poderá operar—*Quis naturam mutare potest, nisi qui creavit naturam?* e S. Thomaz—*Solius Dei est miracula facere*; confirmando ainda o Psalmista, que diz: *Benedictus Dominus Deus Israel, qui facit mirabilia solus;* se assim é, só Deos, ou seu emissario, poderá operar milagres; com effeito, como diz J. J. Rousseau «Se um homem se nos dirigir, fallando-nos desta «maneira: Mortaes, eu vos annuncio a vontade do Altis«simo, reconhecei á minha voz aquelle, que me envia. «Eu ordeno ao sol, que mude o seu curso, ás estrellas, «que tomem uma outra ordem, aos montes, que se apla«nem, ás ondas, que se sublevem, á terra, que tome um «outro aspecto. A estas maravilhas quem não reconhe«cerá o auctor da natureza? Ella não obedece á impos«tores.»

Se pudermos provar, que Moysés fez verdadeiros milagres, provado está, que a sua missão é divina. Não entraremos na questão da possibilidade dos milagres, como convinha, porque a Deos, que, como diz o Psalmista, disse, e tudo foi feito—*dixit, et facta sunt*—nada pode ser impossivel, e além d'isso em uma these anterior a esta já foi demonstrada, e assim a tomaremos como axioma. Moysés operou verdadeiros milagres, logo é Emissario divino; demonstremos.

D'entre tantos e innumeraveis milagres, operados por Moysés, somente escolheremos um para apresentar, os mais todos, guardando analogia com este, seria enfadonho enumeral-os. Dez pragas consecutivas, chamadas por Moysés, affligem os Egypcios, a todas ellas Deos presta o seu apoio—*fecitque Deus ita*—traz o texto; ora estas pragas, como a transformação d'agua em sangue, a morte dos primogenitos, verificada ao tempo, e da maneira predicta por Moysés, não poderião ser causadas por agentes ordinarios, logo só Deos as poderia fazer. Nem se diga, que Moysés operou por encantamentos, pois os magicos esforçarão-se para fazer outro tanto, e não o puderão conseguir — *Fecerunteque similiter malefici incantationibus suis, ut educerent sciniphes, et non potuerunt* —; e vergonhosos de sua derrota disserão a Pharaó, tendendo preito á verdade: *Digitus Dei est hic.*

A memoria das grandes obras de Moysés no Egypto não nos foi somente transmittida por elle. Numenio, philosopho Pythagorico, entre outros, diz: que Janes e Mambres, celebres magicos, forão escolhidos pelos Egypcios para se opporem á Musés, chefe dos Judeos, cujas orações erão muito valiosas junto de Deos, e para fazer cessar os flagellos, com que elle affligia o Egypto. Testemunha insuspeita, porque não se o pode accusar de favorecer a Moysés. A tradição judaica confirma as obras de Moysés, o milagre operado por elle em Raphidim, junto do Horeb, é rememorado por David, quando em seus Psalmos canta: *Dirupit petram, et fluxerunt aquæ, abierunt in sicco flumina*—milagre que não pode deixar de ser attribuido á mão omnipotente de Deos. No mesmo caso estão todos os mais milagres operados por elle.

Annuntiate, quæ ventura sunt in futurum, et sciemus quia dii estis vos dizia Isaias aos idolos; agora digo a Moysés: prediz-nos com certeza um acontecimento futuro, e saberemos, que Deos te mandou. As prophecias de Moysés forão tantas, e cumprirão-se tão ao pé da letra, que nem sei, qual hei de escolher para apresentar; em fim apresentarei esta, que desenvolvida será bastante. *Prophetam suscitabo eis de medio fratrum suorum similem tui, et ponam verba mea in ore ejus, loqueturque ad eos omnia, quæ præcepero illi. Qui autem verba ejus, quæ loquetur in nomine meo, audire noluerit, ego ultor existam.* (Deut. cap. 19. v. 18 e 19). Carecerá de demonstração esta prophecia? por ventura não vimos o Messias nella predicto com todas as qualidades nella expressadas, nascendo d'entre os Judeos, legislador como Moysés? negar-se-ha, que esta prophecia lhe dizia respeito, e que ella foi plenamente cumprida? que os Judeos se achão castigados por o não quererem ouvir—*ego ultor existam?*... Não por certo, logo Moysés é enviado de Deos; são estas mesmas prophecias e milagres, que fizerão acreditar em o Senhor, e em Moysés seu servo—*et crediderunt Domino, et Moysi servo ejus.*

Quando Moysés não houvesse operado os milagres, que deixamos provados, quando não houvesse feito as prophecias, de que fallamos, a sublimidade de seus escriptos, e da doutrina nelles contida, seria bastante para provar, que não poderia deixar de ser o enviado de Deos; esses livros, que como diz Jones, contém mais poesia, verdades historicas, eloquencia, moralidade, philosophia e sciencia, do que todos os livros do mundo reunidos, analisemol-os um pouco, que tiraremos a conclusão da nossa asserção.

Em uma epocha, em que tudo era Deos, menos Deos; em que a Idolatria dominava o mundo inteiro; em que o verdadeiro Deos esquecido era substituido por bois, crocodilos, e quantas extravagancias o homem poude inventar, levanta-se um homem, qual expectro do fundo de um sepulcro, e grita ao mundo inteiro entorpecido com os vicios: *Deos é aquelle, que é; Deos é um—Ego sum qui sum. Videte, quod ego sim solus, et non sit alius Deus præter me, dicit Dominus.* Oh! grandeza de eloquencia, que em duas palavras poude expressar o, que milhares e milhares nunca o puderão fazer! o dogma da unidade de Deos achava-se esquecido, só Moysés lembrou-se delle, e Moysés, nascido e creado em um paiz e corte idolatras, teria bebido de seus mestres estes principios puros, que elles não possuião? Não por certo, foi essa miraculosa sarça, que ardia sem se consumir, que lhe ministrou tão sublime pensamento; só Deos por uma operação immediata poderia acordar o coração adormecido do homem. Quando o homem cego pelos crimes suppõe-se com direito de atropellar as mais sagradas leis da natureza, arrancando a vida á seu semelhante para chegar a seus fins, Moysés clama, não mates, que Deos o prohibe—*non occides.* Quando o homem, embevecido no

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

lodaçal da depravação, entrega se completamente aos prazeres sensuaes, chegando a ponto de fazer disto um Deos, Moysés grita: *non mœchaberis*. Quando o homem, perfeitamente dominado pelo egoismo, para seu bemestar não trepida ante o deixar reduzidos á miseria a viuva e o orphão, roubando-lhes até, se necessario fôr, a propria vida, ainda Moysés clama: *non furtum facies*, e ainda vai mais longe, *nem ao menos desejarás as cousas alheias;* pois que Deos, que tudo vê, castigará até o desejo— *non concupisces*. Oh! moralidade extraordinaria! n'um seculo corrupto a moral, a sã moral apparece da bocca de um discipulo d'esses dissolutos magos! e seria por movimento proprio? não, o dedo de Deos o tocou, esse homem, que ha pouco recusa apresentar-se ante os Hebreos com receio de ser apedrejado, é o mesmo, que agora não teme o mundo inteiro, não recuando ante o harpé Egypcio, e as armas de todo o mundo, arrancando-lhe as suas mais doces e apaixonadas inclinações; e esta grandeza de pensamentos viria isoladamente do homem, principalmente na epocha, em que viveu Moysés?.. não, é Deos, que manda seu servo; sim, Moysés, só em ti falla a voz do Sinai, oh! se hoje vivesses para com o teu proprio testemunho calar esses incredulos, que por ahi andão! mas que digo? tu não morreste, teus escritos te immortalizárão, os teus canticos, cujo estylo, como diz Bossuet, atrevido, arrebatado, e com tudo natural em ser proprio para retratar a natureza em seus transportes, que vai por esta razão como aos saltos, faiscando imagens vivas, impetuosas, solto d'aquelles laços, que prendem um discurso seguido, acabando em cadencias harmoniosas, que lhe dão uma nova força, suspende os ouvidos, arrebata a imaginação, abala o coração, e se imprime com mais facilidade na memoria; estes teus canticos, digo, perpetuarão tua memoria e das victorias, que alcançaste contra o espirito immundo da epocha, em que viveste, e ainda hoje vem prostrados á teus pés esses mesmos, que despejão blasphemias contra ti.

Os effeitos dessa Lei admiravel, Lei santa, justa, bemfeitora, honesta, sabia, previdente e simples, que enlaçava a sociedade dos homens entre si pela santa sociedade do homem com Deos, ainda provão a divindade da missão de Moysés.

Os Hebreos, que mais ou menos compartilhavão com as outras nações os erros, que então dominavão, que achavão-se possuidos de todos os prejuizos da epocha, tornarão-se novos homens; assim como o lirio entre os espinhos, assim brilhava esta nação entre as suas contemporaneas, e, para isto provarmos basta lançarmos a vista sobre ella, e fazermos uma breve confrontação com as outras nações. A Idolatria dominava entre todos os povos, só os Hebreos, qual columna marmorea, permanecião firmes, dizendo: só existe um Deos, creador e governador de tudo o que existe, só a este honra e gloria— *soli Deo honor et gloria*. A fome de sangue, que devorava os Idolatras, levou-os a ponto de legitimar com a sua Religião o derramamento de sangue humano, entre os Hebreos um Deos de bondade e misericordia não consentia, e até o castigava, só á Deos, que deu a vida, pertence tiral-a. O Direito das Gentes, extincto entre os Idolatras, era conservado entre os Hebreos:—bem tratai os estrangeiros, lembrai-vos, que tambem fostes estrangeiros na terra do Egypto.

O escravo, que entre outras gentes era considerado cousa, entre os Hebreos era considerado igual ao senhor, porque todos os homens nascem de um só tronco.

—

A perspectiva toda, Senhor, que nos apresenta a historia do povo Hebreo, é bella e digna de admirar-se; juizos bem estabelecidos, o perjurio rigorosamente punido, seu codigo penal suavissimo, quando comparado com os dos povos coevos, e com quanto não seja igual ao que nos deixou o Crucificado, sabemos o porque; por isso que o povo, á que foi dado, sendo um povo ainda bruto, necessitava de um codigo severo, e a marcha da humanidade sendo lenta não poderia de um só jacto chegar á perfeição; a polygamia regeitada, a magia prohibida, a hospitalidade exercida, emfim suas leis civis, politicas e religiosas, basta consultal-as para admirar; e todo este adiantamento a quem o devem?.... a esse legislador divino, a Moysés, ao emissario de Deos, que apresenta as suas credenciaes authenticas, selladas com o sello da Divindade, que são os seus milagres e prophecias, cujos dictames são tão sublimes, que só de Deos poderião vir, e ainda soffrerá duvida a divindade de sua missão? quem se atreverá a contestar-lhe este, o maior de seus titulos? quem ousará dizer: Moysés foi um impostor, Moysés não existio, quando uma nação, o mundo inteiro, attestão o contrario?... e se alguem ainda insistir, que leia sem prevenção seus escriptos, e convencer-se-ha do contrario, do que contra elle disser.

Do que levo dito concluo, que, sendo os milagres, prophecia, a sublimidade da doutrina, e effeitos admiraveis da Lei Mosayca outros tantos characteres extrinsecos e intrinsecos, provão mais que sufficientemente a divindade da missão do seu auctor.

—Desculpai-me, Senhor, se por alguns instantes gastei vossa attenção com um trabalho, que não o merecia; mas, com quanto o trabalho não mereça, considerai todavia, que aqui se acha resumido o fructo de um anno de insomnias. Aguardar-me-hei para responder á algumas objecções, que os meus respeitaveis examinadores me quizerem propôr, e desde já folgo com ellas, por ter de defender a causa da verdade. Maranhão 13 de Novembro de 1860.

Luiz Raymundo da Silva Britto.

EXTERIOR.

—

Se é bem singular ver, que todos, catholicos e voltairianos, inglezes e Allemães, interpretão da mesma maneira a brochura do Sr. de la Gueronniere, e considerão-na como um ultimatum feito ao papado, ultimatum inutil, e que ha de provocar a retirada do exercito e a queda immediata do poder temporal, não é menos singular ver os jornaes officiaes combaterem essas conclusões, pois são logicas.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

A unificação da Italia, palavra de que se apoderou a revolução, contem em germem o seguinte: a queda do throno de S. Pedro, a guerra com a Austria.

Não se julgando assaz fortes os italianissimos para transpor o Mincio, voltão hoje os olhos para a cidade eterna, e Roma é a grande questão do dia no parlamento italiano. Apoiados na Inglaterra, cujo papel nos é tão hostil desde Villa-Franca, os cavourianos intimárão á França, que lhes entregue Roma, assim como lhe intimárão, que lhes entregasse Gaeta. Ora, a politica franceza não é feliz na Italia. Ella tem marchado de dissabores em dissabores, de humilhações em humilhações. Assegura o Sr. de la Guerronniere, que o governo não ha de entregar o Papa á revolução.

A França, porem, não queria a unidade, e hoje estão a proclamal-a. A França queria a manutenção do poder temporal, e apenas resta ao Papa Roma e seus arrebaldes: quasi que Garibaldi respeitou o territorio continental de el-rei de Napoles, e este está no exilio; censurava a expedição da Sicilia, e fez-se a expedição. Se os Italianos primárão em ingratidão, porque havião de mudar, se o bom exito lhes coroa a audacia? Quando tolerárão a invasão das Marcas e da Umbria, quando deixárão desbaratar o pequeno exercito do Papa, e innundar de sangue francez o portico de Loretto, que pretexto, que motivo invocavão para impedir, que os Piemontezes entrassem em Roma? elles não teem sobre Roma menos direito, que sobre Bolonha ou Ancona.

A França vai achar-se diante de um parlamento, que apezar da falsidade da asseveração, nem por isso deixará de intitular-se parlamento nacional. Se elle quer a cidade de Roma para capital, se essa conciliação entre o papado e a revolução era apenas um contrasenso, uma impossibilidade, o que fazia o governo? Tudo consiste nisso, e no entretanto o Sr. de la Guéronniére cala-se a tal respeito. Ora, para nós, esse mutismo é a condemnação do poder temporal.

Quando o *Seculo* diz ao *Constitucional:* « Se um engano, se as consequencias, que tiro, são falsas, basta de palavras inuteis; explicai-nos o sentido positivo do documento» tem elle razão, tem a verdade, assim como o *Constitucional* o erro, quando responde.

Apezar de annunciar, que vai responder cathegoricamente á *Patria*, não nos parece mais feliz.

Quer ella, que respeitem o principio da soberania temporal, e que lação o governo temporal sujeitar-se ás modificações, que tornarão-se necessarias, indispensaveis, por causa do espirito moderno. E' o que ella chama reconciliação do Papa e da Italia.

Como estão vendo, palavras e sempre palavras.

A *Patria* podia assignalar-nos;

1º as modificações necessarias por causa do espirito moderno;

2º o que é o espirito moderno, onde começa, onde se acaba;

3º o que é um principio respeitado como principio, porem transformado e restringido a bel prazer, e isto sem attender ao homem, em que reside esse poder;

4º o que acontecerá, se o pontifice rei não quizer reconhecer o direito da força;

5º o que entende por esta palavra reconciliação do Papa com a Italia, e quaes os meios, que lhe parecem melhores para chegar a tal fim? Ha um abysmo, não entre o Papa e a Italia, mas entre o Papa e o piemontismo, cavado pelo roubo, pela expoliação, pelo sacrilegio e desprêso a todas as leis divinas e humanas; ha os raios da igreja. Quem ha de cuchel-o? Será a famosa brochura?

E' mui commodo traçar em casa magnificos programmas, dizer: «A França quer isto, aconselha aquillo; se houverão seguido seus conselhos, o papado não estaria á borda do abysmo, e assim livrar-se antecipadamente de toda a responsabilidade. Entretanto seria justo examinar o que é um Papa, qual a missão, que deve cumprir neste mundo, e ver, se o que exigem, é possivel para elle. Se collocado o soberano pontifice na necessidade de escolher entre Deos e o homem, não será duvidosa sua escolha. Se for preciso, ha de cahir, mas não transigirá.

E' bem singular, que a *Patria*, que reconhece a necessidade da independencia do Papa, não ache outro meio para lh'a assegurar, senão obrigando ao poder temporal a soffrer certas modificações, que de facto o hão de reduzir a zero. Ha mil annos, que Carlos Magno, o grande imperador, achou um processo infallivel para tornar independentes os pontifices romanos. Dotou a igreja com um pequeno territorio, sufficiente para formar um pequeno estado. Esta dotação foi consagrada por dez seculos. Porque razão deixará hoje a nação franceza calcar aos pés a obra de seus pais? Porque razão parecerá ella como que petrificada em presença de alguns garibaldinos cavourianos? Porque razão o *Constitucionel*, a *Patrie*, o *Pays*, que todos os dias nos repetem, que são catholicos, não se reunem a nós e a todos os catholicos do mundo para pedir, que formem no meio da Italia um estado neutro, como a Suissa ou a Belgica, unicamente reservado para os soberanos pontifices?

Os dous milhões de homens, que de uma á outra extremidade do mundo curvão o joelho diante da cadeira de S. Pedro, não valem a pena disso?

Todavia será isso mui simples, mui facil. Tarde ou cedo, será preciso fazel-o. O papado ha de ser sobranceiro a tudo, a despeito de tantos philosophos, que predizem sua ruina; ha de durar até o fim do mundo, e até o ultimo dia será a independencia sua primeira necessidade. Evitai, pois, um cataclysma, já que o podeis, e já que só se trata de querer evital-o. Evitai ao mundo, á França christã, dolorosas commoções, visto como está fatalmente condemnada a obra, que fomentaes ha quinze mezes.

X. DE FONTAINES.

(*Le Monde.—H. Duperron.*)

POESIA.

PARAFRASE DO PSALMO 50.

Compadece-te, Senhor,
Dos meus enormes delictos,
Segundo a graça, que outorgas
Aos peccadores afflictos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

De amor as nódoas se apaguem
Na fonte viva de amor:
Do Livro da iniquidade
Risca o meu nome, Senhor.

Mais e mais láva-me, ó Deos,
Purifica-me, e consente,
Qu'eu vista de novo a graça,
Que veste uma alma innocente.

A convicção e o remorso
Da iniquidade me opprime;
A culpa m'impoz a pena,
E' meu verdugo o meu crime.

A Ti só presente e justo
Te offendi, Deos de vingança:
Os teus decretos aggravão
Do meu castigo a lembrança.

Por transcendencia de origem
Fui concebido em peccado;
E c'o ferrete da morte
Logo ao nascer fui marcado.

E's por essencia Verdade.
E's puro amor por essencia;
Tu me franqueas e abres
Os Livros da Sapiencia.

Lava, Senhor, o meu seio,
A dor e a graça m'envia,
Serei mais puro que a neve,
E mais brilhante que o dia.

Verei meus ossos no centro
Da humiliação exultar
Ao som dos hymnos de amor,
Que o prazer deve entoar.

Aparta, Senhor, teus olhos
Da torpeza do meu crime;
A iniquidade se annulle,
Se um Deos, que é forte, a reprime.

Crea em mim um ser mais puro,
Dá-me paz, dá-me energia,
Vigor d'espirito recto
Nas minhas entranhas cria.

Não me lances com desprezo,
Sou tua imagem, Senhor,
A creatura não prives
Da essencia do Creador.

De santa alegria o fogo
Abraze os suspiros meos....
Ao simples toque da graça
Exulte minha alma, ó Deos!

Farei, que os máos reconheção
Os teus caminhos desertos;
Verás o impio seguindo-os,
Depois de planos e abertos.

Livra-me, Deos de minha alma,
Do sangue, que derramei:
Tua justiça exaltando,
O teu nome exaltarei.

Unge meus lábios, Senhor,
Voarei á Divindade,
Será o Eterno meu canto,
Meu instrumento a Verdade.

Se o holocausto me acceitas,
Eu vou ergoer-te um altar;
Victima impura, Senhor,
Jamais Te pode agradar.

De um animo atribulado
Acceites o sacrificio:
A quem se humilha es affavel,
E's a quem chora propicio.

Exulta benigno, ó Deos,
Em vontade e amor Sião:
Em torno a Jerusalem
As muralhas se ergueráõ.

Oblações ao Grande, ao Justo,
Vão tocar o throno teu:
Verás o incenso de amor
Subindo em globos ao Ceo.

Gloria ao Pai, ao Filho gloria,
Gloria ao Ser, que tudo encerra,
Que no Ceo, nomes, na terra
Fórma um circulo de amor.

Assim como agora e sempre
Existio, existe, e cremos,
Sem cessar, sem fim louvemos
Do Universo o Creador.

(*Extr.*)

NOTICIAS DIVERSAS.

Concurso á Freguezias.—No dia 24 do mez passado teve lugar no Paço episcopal, perante o Exm. e Rm.º Sr. Bispo diocesano, o concurso para provimento das Igrejas vagas, annunciadas no nº 203 deste jornal.

Forão oppositores os Rvm.os Srs. Beneficiado Antonio Tavares da Silva á de S. João desta capital; Francisco Marianno da Costa á de Guimarães; João Francisco Coelho á do Arary: Pedro Miguel Rabello á de Anajatuba; Malachias José Fernandes á de S. Thereza; João Evangelista de Carvalho ás de S. João e Guimarães; Conego José Gonçalves da Silva e Thomaz de Moraes Rego á de Caxias; Manoel Martins de Azevedo e Luiz Marianno de Barros ás de Vianna e Rosario. A Igreja do Coroatá não teve oppositor.

Forão examinadores os Rvms. Srs. Conegos Chantre Manoel Pedro Soares e Raymundo de Almeida Sampaio.

O resultado foi o seguinte:

Conego José Gonsalves da Silva—17 1/2 pontos.
Padre João Evangelista de Carvalho—15 pontos.
Beneficiado Antonio Tavares da Silva—13 1/2 pontos.
Padre Manoel Martins de Azevedo—13 pontos.
Padre Luiz Mariano de Barros—13 pontos.
Padre Thomaz de Moraes Rego—11 pontos.
Padre João Francisco Coelho—10 1/2 pontos.
Padre Francisco Mariano da Costa—10 1/2 pontos.
Padre Pedro Miguel Rabello—9 pontos.
Padre Malachias José Fernandes—6 pontos.

São considerados approvados nestes exames somente os que fazem mais de dez pontos.

—No dia 16 de Fevereiro deste anno tomou posse do Bispado do Rio-Grande do Sul o Exm. e Rvm. Sr. Bispo D. Sebastião Dias Laranjeira, por seu procurador o respectivo Vigario Capitular, Pe Juliano de Faria Lobato.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 — por anno — Imp por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO — 1861.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 209.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXCELLENTISSIMO E RVM.MO SENHOR

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

BISPO DO MARANHÃO.

SEGUNDA-FEIRA 3 DE JUNHO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

A VERDADE RELIGIOSA
OU
O TRIBUNAL INFALLIVEL DA IGREJA.

Sicut lilium inter spinas, ita super omnes conventus Ecclesia Dei refulget.
S. AMBROSIO.

I.

No vasto campo das sciencias philosophicas, onde a razão como soberana impera, não ha, podemos mesmo dizer, entre tantas questões suscitadas, uma só resolvida de maneira a não fazer suggerir todos os dias innumeras controversias, que, diffundindo-se pelos mestres das sciencias, não se terminão, senão para renascerem com mais ardor, porem sempre inquinadas da astuta sagacidade de pretendidos philosophos.

Entre essas questões uma, que tanto tem agitado o espirito humano, é o descobrimento exacto por meio da razão de certas verdades, que exigem um outro ponto de apoio, que não a mesma razão; ora, como pode o homem chegar a este conhecimento verdadeiro, se elle despreza os meios, que o podem favorecer em seu empenho? Se todas as sciencias são obra do espirito humano, e não podendo elle dizer-se perfeito, porque a perfeição somente tem, e em ultimo grão, aquelle, que o creou, todas as vezes que elle julgar descobrir verdades, cujo conhecimento jamais poderá ser inherente á sua razão, este conhecimento é erroneo, é infiltrado de sophismas: pois a razão não é mais do que uma fraca luz, que somente serve para esclarecer-nos em alguma materia de menos transcendencia.

Os meios, de que se serve o homem para chegar ao conhecimento da verdade, são diversos, segundo as differentes materias, de que se trata; e posto que a razão, como ultimo juiz, seja necessaria para descobrir esta mesma verdade, todavia ella nem sempre é sufficiente: porque cousas ha, que não estão na sua alçada o por si só comprehender sem o soccorro previo de um terceiro.

O homem, a unica e mais perfeita de todas as creaturas creadas, pela sua desobediencia ao Creador, não pode somente com as luzes da razão passar alem dos limites, que lhe forão marcados pela Providencia na esphera de sua existencia.

Ella mesma nos diz, que aquelle, que marcou as ondas do mar, *huc usque venies*, tambem impoz-lhe os limites, que jamais poderá ultrapassar.

A razão por si só pode pouco. Ella não é sufficiente, todas as vezes que se tracta de materias religiosas; porque quando mesmo ella «pudesse instruir os homens de tudo, o que se refere ao culto de Deos, á sabia direcção da vida humana, jamais seria sufficiente, ou para fazer o que ensina, ou para regular os costumes segundo os preceitos da natureza: porquanto não apresenta sancção alguma solida, isto é, não apresenta motivo algum poderoso para obrigar o coração do homem á obediencia» (1).

Nas sciencias physicas, ex. gr. para o homem chegar a qualquer uma conclusão de certas proposições estabelecidas, elle não tem de valer-se senão do seu raciocinio, e para raciocinar não tem necessidade de outros meios senão da razão: porém não é o mesmo, pelo que respeita ás sciencias religiosas.

Os factos, que por sua natureza estão fora das rayas da intelligencia humana, o por si só comprehender, por muito forte que ella seja, tem necessariamente de curvar-se diante d'elles como impotente, e de limitar todo o seu poder em reconhecel-os como taes.

O homem, firmado nas unicas forças de sua razão, e levado pelo sentimento intimo, que é inherente á sua natureza, pode dar alguns passos na senda das materias religiosas; mas não irá muito além. Elle poderá provar por meio do raciocinio alguns pontos fundamentaes, mas logo que queira ultrapassar os limites de sua intelligencia, não verá mais em torno de si do que trevas, do que confusão,

Por tanto, não podendo o homem por suas unicas forças chegar ao conhecimento da verdade religiosa, porque, como já vimos, a razão por si só não é sufficiente em materias religiosas para lhe ministrar os meios, de que necessita, convem necessariamente recorrer a esta instituição Divina, que subministra ao homem todas aquellas cousas, sem as quaes elle não pode agradar a Deos, nem

(1) *Doutor Tavares, Prel. de Th. Dog.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

conseguir a vida eterna: e esta instituição é a religião, na qual a autoridade Divina é o unico meio de chegar á verdade, que, passando através de todas a idades, chegou incolume até nós, e se perpetuará até a consummação dos seculos. Sim, é a religião, quem nos guia até o portico do templo, para nos entregar nas mãos da fé, que deve nos conduzir ao sanctuario, *huc usque venies*. «Semelhante a esses pilotos, que, depois de haverem dirigido o barco durante o curso de sua viagem, devem, para entrar no porto, confial-o a homens do paiz, se quizerem evitar um triste naufragio.»

Portanto, para que o homem tenha o verdadeiro conhecimento da verdade, é necessario, que elle recorra á autoridade competentemente habilitada, que é a depositaria e a guarda fiel d'esse thesouro ineffavel, e que só se esgotará, quando chegar o ultimo dos dias marcados nos arcanos da Divina Providencia.

II.

Entre as diversas religiões, que se achão disseminadas pela vasta superficie do globo, nenhuma ha, que seja mai bem estabelecida, nenhuma ha, que offereça ao universo a vantagens mais incalculaveis do que a religião, que fo solemnemente proclamada no cimo do Golgotha pelo martyr do Calvario.

Esta religião, que, remontando a sua origem ao principio dos tempos, se desenvolveu pela revelação Mosayca, ou por outra, esta religião, que appareceu juntamente com o homem, e que depois foi pouco a pouco se dilatando, á medida que o genero humano ia-se desenvolvendo, ajudada por inspiração do seu Divino autor, Deos, e que se apresenta como a unica religião Divina, por isso que foi revelada por Deos, que «outr'ora fallou aos nossos pais pelos patriarchas e pelos prophetas, e ultimamente nos fallou a nós por seu proprio filho»; a unica religião em si que pode satisfazer *a intelligencia e o coração do homem, e corresponder ás necessidades da sociedade*, e que finalmente recebeu de Jesus Christo a forma, que deve conservar até a consummação dos seculos; esta religião é a religião christã.

Jesus Christo, quando veio reconciliar a terra com o céo, e sellar com o seu sangue a carta da alliança feita entre o Creador e a creatura reparada, livrando d'esta sorte a fragil humanidade, que se achava então mergulhada no tenebroso cháos da corrupção, nas desordens do erro e da idolatria; Jesus Christo teve em vistas estabelecer a sua nova doutrina e perpetual-a: mas como elle devia necessariamente cumprir as prophecias, para depois subir, como subio, ao seio do Eterno Pai, encarregou então a doze homens, escolhidos da infima classe do povo, de a propagar por toda a terra, dando-lhes para isso todos os poderes, que lhes erão necessarios: *sicut misit me Pater, et ego mitto vos*... (2) e em outro lugar elle diz: *euntes.... docete omnes gentes... servare omnia quæcumque mandavi vobis*. .. (3) A verdade de Deos devia permanecer eternamente. Jesus Christo não tinha receio de annunciar, que elle enviava os seus Apostolos para disseminar a verdade, fezel-a fructificar no meio dos povos, e lhe conservar os fructos para sempre; *et fructus vester maneat* (4).

Quando estas palavras, sahirão, ha desoito seculos, da bocca de Jesus Christo, occulto em um canto da Judéa, assim se exprime o grande Bispo de Hermopolis, podia-se a caso imaginar, que esta fraca semente tornar-se-hia uma grande arvore, que com seus ramos salutares cobriria o universo inteiro, e duraria tanto, quanto o mundo, apezar do choque e das tempestades das paixões humanas? e todavia assim succedeu.

Esses doze homens, animados da luz do Divino Espirito, que do céo baixou milagrosamente sobre elles, penetrão até os ultimos confins do globo, para combaterem a idolatria, a ignorancia e o erro: e apezar de tantas e tão grandes resistencias, que encontrárão até mesmo da parte dos proprios imperadores, que erão os primeiros a exercerem sobre elles os mais terriveis, os mais crueis castigos, sempre prégão com um denodo inabalavel a doutrina do seu Divino mestre.

Elles deixão o Oriente, passão ao Occidente, atravessão a Africa, chegão á Asia; finalmente espalhão-se por toda a Europa, onde esta sã doutrina encontra os mais terriveis obstaculos; porem sahindo d'elles sempre victoriosa, eis que mais tarde o novo mundo então descoberto lhe offerece tambem novas conquistas, e todavia sahe sempre vencedora: «os philosophos com suas luzes, os principes com o seu poder vem apresentar-lhe o combate; os philosophos e os principes são vencidos; ella triumpha da sciencia de uns, e da força material dos outros» (5).

Roma, essa antiga e soberba Roma, que commandava em soberana, suas palavras erão altivas e feras, sua linguagem era a do poder, essa Roma, que derribava os thronos á ponta da espada, exercia seu imperio sobre os povos por conquistas caramente alcançadas, (6) e só respirava então uma atmosphera de sensualismo; essa Roma, que era o medonho theatro, onde se representárão as tristes e horrorosas scenas de sangue innocente; essa mesma Roma foi completamente abalada até os seus fundamentos.

Esta religião, que em nome e por causa da qual perecêrão tantos martyres, e que desde a epocha de sua solemne proclamação até o presente, isto é, ha desoito seculos, tem sido sempre combatida e victoriosa sempre, ei-la abrangendo a terra: eis por tanto o christianismo, um dos mais soberbos e admiraveis edificios, que, na phrase do P.e Lacordaire «desafia o respeito e a admiração do universo» triumphante, e perpetuando-se de idade em idade até o ultimo dos tempos, segundo a verdadeira promessa do seu Divino fundador.

Fundado por Jesus Christo o christianismo ou a sociedade religiosa, jamais ella poder-se-hia dizer bem estabelecida, jamais ella, sem interrupção, deveria perpetuar-se até o fim dos tempos, se lhe faltasse um centro, para onde appellasse em ultimo julgamento; Jesus Christo por tanto estabeleceu n'esta sociedade uma autoridade, que, sendo a guarda fiel, e interprete de sua doutrina, fosse o seu sustentaculo, e por isso mesmo infallivel nos

(2) *S. João cap. 20 v. 21.*
(3) *S. Math. cap. 28 v. 19. 20.*
(4) *S. João cap. 15 v. 16.*
(5) *Marcadé.*
(6) *M. de Pradt.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

seus julgamentos: e se assim não fosse, que fiel jamais poderia persuadir-se a prestar o seu assenso a uma decisão qualquer da Igreja, quando o seu centro, a autoridade, que a rege, estivesse sujeita ao erro?

Entretanto, esta autoridade, a quem Jesus Christo conferio todos os seus plenos poderes sobre a terra, é a Igreja! A Igreja, que a humanidade decahida, recordando-se dos antigos tempos, conspira ainda hoje por derribar! E' a Igreja! contra quem a ambição dos homens tem plantado o germen da discordia, afim de a despojarem d'esses ornatos externos, que homens verdadeiramente religiosos lhe havião dado! E' a Igreja finalmente, que os homens do seculo do «progresso» teem manietada como uma potencia incommoda e perigosa! Mas «que está como um gigante ligado com frageis cintas por debeis meninos, que se esforção por precipital-a, e de que ella se defende com o pêso de sua propria massa, *mole sua stat*, e a sua immobilidade só por si é uma victoria» (7).

Apezar de todas as phases, por que o orgulho humano tem feito ella passar, a Igreja ha de sempre permanecer tranquilla, ha de sempre triumphar, porque encerra em seu seio uma promessa immortal, é o espirito de Deos.

Se nos tempos immemoriaes dos Neros, dos Dioclecianos, dos Decios, dos Domicianos, e de outros perseguidores terriveis, o orgulho humano levou a Igreja ao apogêo de suas perseguições, era porque os homens talvez vivessem então no seculo das trevas, sim; mas hoje que se diz geralmente viver no seculo das luzes, o que vemos em torno de nós?! Vemos estas mesmas paixões, este mesmo egoismo antigo, que ousa levantar o altivo collo *no meio de uma sociedade fundada pela caridade*, para derribar a Igreja, como se ella fosse um d'esses edificios construidos pelos frageis homens do mundo, os quaes somente a mão do tempo ou do mesmo homem é mais que sufficiente para destruir até os seus alicerces.

A Igreja, diz S. Jeronimo, foi fundada sobre a pedra, e não pode ser abalada nem pelos ventos, nem pelas tempestades. *Super petram fundamenta Ecclesia nulla tempestate comentitur, nulla turbine ventisque subvertitur.* A Igreja hade ser sempre combatida, porém nunca será vencida, nunca as portas do inferno hão de prevalecer contra ella: *et portæ inferi non prævalebunt adversus eam* (8): taes forão as palavras do seu Divino fundador.

Por tanto, esperar que a humanidade triumphe sem a Igreja, depois de destruir a mesma Igreja, é, segundo um eloquente orador, esperar um effeito sem causa. E na verdade, se a Igreja é a depositaria e a guarda fiel de todas as verdades ensinadas por Deos; se os homens desejão, não digo bem, se os homens devem saber e conhecer a verdade, afim de que possão alcançar não uma momentanea e falsa, mas sim uma verdadeira e perpetua felicidade, como poderá elle ter conhecimento exacto da verdade, para ser verdadeiramente feliz, se lançar por terra este magestoso edificio? bem que jamais o poderá fazer, por quanto não pode ficar destruida a *cidade edificada sobre o monte*, edificio, que para sempre guarda este precioso legado, que lhe foi voluntariamente deixado por seu Divino fundador.

(7) *Lacordaire, Conferencias.*
(8) *S. Math. cap. 16 v.*

Assim como o pobre marinheiro, que, em uma noute escura e tenebrosa, havendo em seu fragil barco lutado forte com as encapelladas ondas, vindo resoar aos seus ouvidos o triste sibilar do vento, o tremendo ribombo do trovão, e ao longe das mesmas ondas o mugir medonho; achando que suas forças já o exhaurem, e que o seu pobre barco está prestes a ser quebrado, elevando as mãos ao ceo, como unica esperança, implorando a divindade, vê desapparecer esses tristes phantasmas, que o cercavão, e então sente renascer logo em seu coração a esperança de *porto* e *salvamento*, assim tambem todo aquelle, que lutando assáz forte com os solidos principios, que a religião nos offerece, tendo só por bussola as luzes de sua razão, sentir-se-ha logo totalmente anniquillado, e verá quebrar-se a sua fragil náo sobre os terriveis cachopos, que encontrar, se não tractar instantaneamente de recorrer ao unico porto, que lhe pode offerecer esperança certa de salvamento: este porto não é outro senão a Igreja de Jesus Christo, que, assim como toda a sociedade bem estabelecida, tem em seu seio um tribunal, cujo ensino é infallivel: e é o que vamos ver agora no ponto final da nossa these.

III.

Sempre que se diz bem constituida uma sociedade, convem logo admittir-se em seu centro, e reconhecer-se, como complemento desta constituição, uma autoridade, a cujas decisões cada um dos seus membros deve respeitar sem contestação alguma, sujeitando-se ao mesmo tempo aos seus julgamentos em ultima instancia, sem jamais lhes ser permittido contradizel-os; do contrario não haveria na sociedade harmonia, paz e tranquillidade, e sim desordem, perturbação e anarchia, o mais terrivel de todos os flagellos.

Porem sendo a desordem incompativel com a ordem social, porque a sociedade consiste na reunião dos seus semelhantes, que tendem para um mesmo fim; para que ella possa se dizer possivel, e conservar a sua boa manutenção, é necessario, que a sua ordem não seja transtornada; o que todavia deixará de ter lugar, se não for estabelecida a unidade, um dos principaes fundamentos da ordem social. E para que haja esta unidade, é mister que «cada parte seja ordenada em relação ao todo, cada individuo em relação á familia, cada familia em relação á sociedade, ao estado que pertence»: e para isso convem, que haja uma jerarchia, que estabeleça em uns o poder de reger e governar, e em outros a obrigação de serem regidos e governados, e que obedeção, sem o que a sociedade jamais será possivel; *ubi non est gubernator, populus corruet* (9).

Na sociedade civil, para que a autoridade preencha exactamente os seus deveres, não é necessario, que seja infallivel; basta somente, que seja soberana, e que as suas decisões não sejão infringidas, porque não regulando ella as crenças, e sim as acções externas, não decide o que se deve crer, segundo o Cardeal Gousset, mas sim o que se deve fazer. Porem, não é o mesmo pelo que respeita á sociedade espiritual. Se como toda a sociedade bem estabelecida nenhuma ha melhor organizada, que a

(9) *Prov. cap 11. v. 14.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

sociedade espiritual, e sendo a Igreja esta sociedade, necessariamente ella deve possuir uma jurisdicção superior, um tribunal, a cuja autoridade se deve recorrer em ultima instancia.

Este tribunal indispensavel, que se acha no seio mesmo da Igreja, depositaria das promessas de duração, feitas por seu divino fundador, interprete supremo, definitivo e irrefragavel dos divinos oraculos, este tribunal todos os catholicos se concilião em reconhecer no corpo docente, isto é, no Papa e nos Bispos, que com elle estão em communhão.

Jesus Christo, o Filho de Deos, a verdade infinita, querendo, que se perpetuasse no mundo a sua doutrina, fundou a sua Igreja como perfeita sociedade, e a fez depositaria desta mesma doutrina toda santa e pura; e querendo que ella permanecesse até o fim dos tempos, instituio Pastores aos Apostolos, a quem conferio todos os poderes necessarios para a salvação dos fieis, da mesma sorte que elle os havia recebido de seu Eterno Pai; promettendo estar com elles todos os dias até a consummação dos seculos: *et ego vobiscum sum in omnibus diebus usque ad consummationem seculi.*

Mas os Apostolos sendo homens, e como taes sujeitos á morte, e devendo a Igreja perpetuar-se para sempre, para que a promessa, que Jesus Christo fez de sua existencia, não ficasse somente nos mesmos Apostolos, precisamente elle quiz, que a esses succedessem os Bispos com os mesmos amplos poderes, que havia conferido aos Apostolos. Ora, recebendo os Bispos o seu poder immediatamente de Jesus Christo, para que se verificasse o *ego vobiscum sum in omnibus diebus usque ad consummationem seculi*, palavras estas em que elle promette um auxilio efficaz á doutrina dos Apostolos, para que não errem na tradicção da mesma, era necessario, que o dom da inerrancia, que foi concedido a estes, passasse tambem áquelles, como seus legitimos successores. E ainda mais: dentre aquelles, os Apostolos, foi escolhido um de preferencia pelo mesmo Jesus Christo, que deixou para presidir aos outros, a quem concedeu o poder das chaves do celeste imperio, a quem deu uma preeminencia a cima dos outros homens, finalmente a Pedro, e na pessoa deste os que se sentassem na sua cadeira.

Por tanto, recebendo os Apostolos, e na pessoa destes os Bispos seus successores, os quaes constituem o corpo docente ou o tribunal da Igreja, recebendo de Jesus Christo o poder de ensinar a todas as nações, de baptizar em nome da SS. Trindade, de perdoar e reter os peccados, &c. recebêrão tambem ao mesmo tempo o dom da infallibilidade: «pois, como muito bem disse o Dr. Tavares, Jesus Christo não falta no necessario, nem abunda no superfluo». E na verdade.

Uma cousa qualquer diz-se necessaria, quando sem ella não se pode chegar ao fim, que se deseja.

Ora, o homem é um ente ensinado; porque o homem é um ser social, que vive para a sociedade, como todas as demais creaturas creadas, e da qual jamais elle se poderá apartar, visto que é ella, quem lhe ministra os meios, de que elle necessita para chegar a seus fins. Mas, sendo o homem superior a todas as creaturas creadas por suas faculdades intellectuaes, necessariamente elle deseja, e por isso mesmo deve saber e conhecer a verdade; e esta mesma verdade, que tanto deseja saber e conhecer, o homem não pode encontrar senão na sociedade, que é a unica capaz de lh'a transmittir, e isto por meio do ensino.

Se o homem não tivesse delinquido, se não tivesse decahido do estado de natureza pura, para o qual havia sido creado «elle teria a Deos por seu preceptor e por seu mestre;» mas separando-se de Deos pela culpa, ficou com as suas faculdades imperfeitas, esquecendo e corrompendo o que o mesmo lhe havia revelado. D'ahi nascêrão as superstições, a idolatria, o engano e o erro; mas como Deos por sua infinita bondade e misericordia quiz levantar o homem de sua queda, arrancal-o de sua degradação, á que tinha sido condemnado, e rehabilital-o para sempre, d'ahi veio finalmente a necessidade de uma Igreja, que ensinasse aos seculos posteriores, transmittisse aos seculos vindouros, e perpetuasse até o fim a verdade, que ella havia aprendido, e cujo deposito lhe fôra para sempre confiado.

O conhecimento da verdade religiosa, sendo obrigatorio para todos sem excepção, e ninguem podendo conhecel-a senão pela tradicção e pelo ensino de uma autoridade competente, e esta autoridade devendo ser infallivel, segue-se, que existe certamente sobre a terra um corpo docente, que possue esta mesma propriedade; porque o corpo, que tem a augusta missão de ensinar as verdades necessarias, não deve estar sujeito ao erro, não deve se enganar, deve ter certeza do que ensina, deve ser infallivel: tanto mais quando nós, se examinarmos as paginas da historia, vemos, que a Igreja dos primeiros seculos, que, dizem os Protestantes, era a verdadeira Igreja, pois a de hoje acha-se adulterada (que absurdo!) exigio sempre de seus membros, e sob pena de excommunhão, que firmemente adherissem ás suas definições a cerca da fé; e jamais teria lugar de fazer esta exigencia, se na realidade ella não fosse infallivel em decidil-as, e se os fieis, firmes na estacada da fé, interna e notavelmente não mostrassem adherir áquellas cousas, que ella propunha como dignas de crença.

E nem se diga com isto, que a Igreja, que é a sociedade de homens, por ter recebido o dom da inerrancia, e julgar sobre a Escriptura, seja superior á mesma Escriptura, que é a palavra de Deos, não; é preciso, que se faça distincção da lei e do magistrado, que não é uma e a mesma cousa.

A Igreja como juiz analisa o sentido da Escriptura, dando-lhe a sua interpretação verdadeira, e expõe claramente aquellas verdades, que n'ella se achão annunciadas: e por isso somente, pelo simples facto d'ella expor o sentido da Escriptura, não segue-se d'ahi, que lhe seja superior. E com effeito: dir-se-ha por ventura, que o Juiz está collocado acima da lei, somente porque elle expõe o sentido da mesma? dir-se-ha, que o Senado está constituido a cima do Rei, somente porque elle explica o sentido do edicto regio? por certo que não. A Igreja julga sobre a Escriptura, assim como o Juiz secular julga sobre a lei do Principe.

A' excepção do catholicismo, não ha um só corpo ensinante, que ouse dizer: *Qualquer proposição, que eu vos offereça a crer, acceitai-a sem exame, porque ella será*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

sempre verdadeira. Eu vos declaro logo, que ensinarei sempre a verdade, porque não posso me enganar.

«Mas, se é assim, a verdade do catholicismo está já provada, e poder-se-hia firmal-a nesta demonstração.

Com effeito, se não ha senão um só corpo docente, que se diz infallivel, segue-se immediatamente, não que elle o seja realmente, mas que é o unico, que pode ser; visto que todos os outros, confessando-se infalliveis, expressa ou tacitamente demonstrão, que o são; por quanto, de duas cousas uma, ou esta declaração de fallibilidade é exacta, e então a fallibilidade existe, ou esta confissão seria um erro, o que seria logo um acto de fallibilidade. E' pois certo, de um lado, que a Igreja catholica é a unica autoridade, que pode ser infallivel, e como vimos alem disso, que nenhuma autoridade deve ser, segue-se, que ella o é realmente, e que é a unica por consequencia, que possue a verdade religiosa» (10).

Ao Senado augusto, por tanto, composto de todos os Bispos do mundo christão, é que foi dado o governo espiritual da grande familia humana; e o mesmo Bispo de Roma, collocado no alto da jerarchia sagrada, é alli o primeiro entre os outros Bispos. *Spiritus Sanctus posuit Episcopos, regere Ecclesiam Dei* (11).

Recife 30 de Abril de 1861.

Padre *Guilhermino dos Santos Muniz Tavares.*

EXTERIOR.

A igreja immortal e sempre victoriosa acaba de ajuntar uma pagina sublime aos seus annaes; ella inscreve agora em seus distycos uma nova lista de heróes, cujos nomes por ella guardados nunca serão esquecidos. Por entre as lagrimas, que correm, brilha uma esperança aos olhos da nossa fé. O céo pedio á terra um sacrificio, para que ella fosse salva; foi generosamente offerecido esse sacrificio; ha de ser fecundo. «Mais velozes que as aguias, mais fortes que os leões, como cahirão esses baluartes de Israel?» (II Reg. I.) A historia dirá á nossa mais remota posteridade: Succumbirão ao numero de seus inimigos; foi-lhes negado todo o auxilio humano. Então levantárão os olhos para o céo, e colhendo nesse olhar um valor ainda mais varonil, combatêrão como guerreiros da fé, e cedêrão ao pêso de sua gloria.

Não comprehendem esse genero de triumpho aquelles, que só tiverão palavras de odio e desprêso para aquella nobre phalange escolhida de Deos, e para o seu illustre chefe! Cegos, que não vêem, que, ha desoito seculos, reina Jesus Christo sobre o mundo, e que sua realeza é o premio de sua humilhação e de sua morte; que não mostrão suspeitar, que o christianismo, a quem devem elles não ser hoje barbaros, só se estabeleceu com a derrota exterior, apparente, dos apostolos de Christo. No Vaticano reina Pio IX; seus successores ahi residirão como elle, reis e pontifices, porque Roma, e não outra cidade, vio em seus muros o poste servil, a que foi amarrado Pedro o Galileo. «E' uma lei constante, diz-nos Bossuet, em seu pangyrico de S. Thomaz de Cantorbery, que não pode a igreja gozar de vantagem alguma, que não lhe custe a morte de seus filhos, e que para assegurar seus direitos é preciso derramar sangue.» A igreja não tem, pois, como derrota a morte daquelles, que combatem com ella e por ella: a dedicação delles é o elemento, de que vive; pois essa dedicação crea outras, e traz para a sociedade christã novo accrescimo de graças e de luzes. Quem não sente agora, que a causa do Papa engrandeceu depois da acção de Castelfidardo, depois da capitulação de Ancona! Tornarão-se firmes muitos dos, que hesitavão; começão a comprehender muitos, que não comprehendião; sentem cahir-lhes dos olhos as escamas muitos, que erão completamente cegos. A divisa de Roma é a do Christão, a que deu a todos o grande apostolo: «A força está em meu poder, quando mostro-me fraco; *quum infirmor, tunc potens sum.*» (II Cor., XII. 10.)

Victor Emmanuel seria pois mais poderoso do que Napoleão? Entretanto este foi vencido pelo pontifice, a que chamava um cordeiro. (*Memorial de Santa Helena.*) Nos ultimos mezes do anno de 1813, Napoleão restituia a liberdade a Pio VII, e encaminhava-o para Roma, não querendo Deos, que a colligação européa se gabasse de haver soltado a Pedro de sua prisão. Se a aguia voraz (*aquila rapax*) vio-se obrigada a largar a preza, o escudo da casa da Sardenha, com todas as suas cruzes remidas (*crux de cruce*) não fará sombra por muito tempo á tiara. Mil annos de posse são muitos; um favor de um direito, uma serie não interrompida de actos da protecção celeste a esta soberania tantas vezes invadida e nunca conquistada, dá-nos o direito de esperar com toda a confiança a nova decisão do altissimo. Sabemos, que é preciso, que Jesus Christo reine, onde reinou, e que ninguem o ha de despojar de seus direitos, salvo no fim, quando prevalecer por alguns dias o poder deste mundo; porém então elle não tardará em apparecer, e sua victoria sobre os inimigos será ao mesmo tempo o fim de tudo. *Oportet autem illum regnare, donec ponat omnes inimicos sub pedibus ejus.* (I. Cor., XV. R. 5.)

A honra eterna dos nossos heróes é terem-se sacrificado por essa realeza de Jesus Christo, como os cruzados, seus pais, sacrificarão-se pelo libertamento de seu sepulchro. Nelles não ha essas theorias humanas, que menoscabão e desprezão o *Principado sagrado.* Não dissertarão sobre o modo de conciliar a obra de Pepino e de Carlos Magno com as idéas da sociedade moderna; disserão comsigo: Jesus Christo tem na terra um vigario; esse vigario é rei, e deve sel-o: combatamos e morramos pela realeza do vigario de Jesus Christo. Affirmativa magnanima no meio das idéas vagas do nosso tempo, dessas continuas allianças da verdade e do erro, dessa dissolução da antiga fé, que em toda a parte se vê. Emquanto outros, discutindo e tornando a discutir, davão a tinta, estes derão seu sangue; demonstração irresistivel, que excede tudo, e cujo effeito nada embaraçará. Foi assim, que a Igreja triumphou, é assim, que ella triumphará sempre.

Sim, forão testemunhas da verdade aquelles energicos soldados, aquelles nobres mancebos, aquelle valente chefe, que choramos. Quem diz *martyr*, diz *testemunhas*, e elles são verdadeiramente martyres. O oraculo da theologia,

(10) Marcadé.

(11) Act. Ap. cap. 20. v. 28.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

o doutor angelico, S. Thomaz, dá-nos o direito de affirmar, quando diz-nos: Quem soffre a morte por um bem commum, que não se refere a Jesus Christo, não tem direito á aureola do martyrio; porem, se o bem commum, pelo qual se sacrifica, refere-se a Jesus Christo, merece a aureola, e é martyr.» (In. 4 Sentent. Dist. XLIX. Qudst. 5 Art. 3.) Não será esta a sorte gloriosa dos nossos bravos, que não desembainhárão a espada senão pelo dominio de Jesus Christo, e que succumbirão ao ferro dos invasores desse apanagio sagrado? Unindo-nos ás santas e legitimas dores, que causárão sua sahida deste mundo, honramos sua memoria, e contamos com seu auxilio. A'quelles, que os chorão com tanta razão, ousaremos lembrar as palavras de S. Luiz, quando seu irmão, cruzado com elle, cahio aos golpes da cimitarra sarracena: Temos perdido, quanto a esta vida presente, diz o piedoso rei, nosso illustre e querido irmão, o conde de Artois, o que é uma grande dôr para o nosso coração; porém comtudo devemos mais regozijar-nos do que chorar, pois cremos e esperamos com certeza, que elle volveu á patria celeste com a corôa, e que goza presentemente dos prazeres eternos em companhia dos santos martyres. *Gesta Dei per francos* (P. 1197.)

Mas neste mundo, nestas horas de luto «como erão bellos e dignos de nosso amor, *amabiles et decori!*» nada poude embaraçal-os, nem o numero dos inimigos nem a certeza de succumbir. Tinhão de dar o testemunho do sangue, e derão-nos sem enfraquecer, opprimidos pela multidão de seres contrarios, porém terriveis para o inimigo, ainda cahindo sob seus golpes. Procurárão injuriar cobardemente os soldados de Deos; porém a calumnia dissipou-se por si mesma, e converteu-se em deshonra para aquelles, que ousárão escrevel-a alli até n'um relatorio official. Mas tiremos a vista dessas infamias. A testemunha celeste e eterna contemplava de seu divino throno essas queridas e gloriosas hecatombes, cuja voz chegava até elle, e preparava as corôas. «Combate sublime, diz S. Cypriano, ao qual Deos assiste em pessoa, que os anjos contemplão, que Jesus Christo observa! Que honra o combater á vista de Deos, e receber a corôa das mãos de Christo, o proprio juiz da luta!» (*De exhortatione martyrii.*) Heróes de Castelfidardo e de Ancona, a vós são dirigidas estas palavras; e áquelles, que chorão e que hão de chorar ainda por muito tempo, dizemos com o apostolo: Consolai-vos com as palavras, que inspirão tão doces esperanças! *Consolamini invicem in verbis istis.* (I Thess. IV. 17.)

Quanto a nós, que ainda vivemos, que estamos aqui, *nos qui vivimus, qui relinquimur*, o combate não acabou: a victoria, porém, deu um passo para nós. Os Machabeos tambem succumbirão; porém succumbindo, salvarão a fé em sua nação, que ia perdel-a. Era sua missão; elles a cumprirão. Sem o seu generoso sacrificio a idolatria invadiria até a terra, onde o filho de Deos devia em pouco apparecer; não foi preciso mais para restaurar em Israel a fé, que não poderia perecer ahi sem extinguir-se no mundo inteiro. Familia de heroes! cuja recordação augusta animou os nossos cruzados do Oriente, e produzio filhos nobres, emulos no seio daquelle *povo de gigantes*, que combateu tão valorosamente pelos altares no fim do seculo passado, abri-lhe seus braços, recebei esses ultimos filhos, elles são dignos disso!

Saudemos, pois, essa nova consagração de uma cousa já sagrada, e não nos admiremos de vêl-a já produzir seus fructos. De todas as linguagens a da dedicação é a mais eloquente entre os homens; se é necessario crer em testemunhas, que se deixão matar, não é menos necessario estimar uma causa, á que se offerece com tanta generosidade o tributo de sangue. Victor Emmanuel marcha neste momento a novas conquistas; o pêso do sangue innocente, do sangue francez indignamente derramado, não parece demorar-lhe o passo mais do que o pêso do anathema apostolico; é-nos licito orar e esperar.

D. P. GUÉRANGER.

(*Extr.*)

PUBLICAÇÃO A PEDIDO.

—No dia 6 de Maio findo, trigesimo do enterramento do Vigario Camillo Henrique de Lellis Pacova, teve lugar na matriz de Nossa Senhora das Dores da villa do Itapicurú-mirim, antiga parochia do finado Vigario, uma missa solemne em suffragio pela alma do mesmo. A Igreja estava coberta de crepe negro, e no centro elevava-se um sumptuoso cenotaphio, tendo sido promovida toda esta solemne demonstração de sentimento publico pelos muitos amigos dedicados do finado parocho.

Todo o acto foi feito com a pompa possivel, e na melhor ordem, achando-se presente toda a gente grada da localidade, alem de muitas familias, e de um numeroso concurso de povo, que ali veio lamentar a perda de seu bom pastor, e cujas lagrimas demonstravão claramente a sensivel perda, que acabavão de soffrer.

Finda a encommendação, foi lido defronte do tumulo, no meio d'um pranto geral, o seguinte:

Discurso.

SENHORES—Eis aqui o quadro da dôr, da magoa, das lagrimas e do pesado luto, que nos aperta e compunge os corações.

Sim, essa Parca, que não respeita idades, nem elevações ou riquezas, nem tudo quanto ha de grande sobre a terra, veio ferir-nos com seu afiado alfange, roubando-nos para sempre um penhor de nossa amizade; aquelle que outr'hora trocava com nosco suas palavras, seus affectos, parecendo estar cheio de vida em todos os seus orgãos para uma duração prolongada, já não existe!!!!! Oh fatalidade! infeliz natureza humana! o tributo, que tens de pagar, é infallivel, pois sahiste do nada, e em nada te has de tornar; assim está escripto pelo divino dedo do Supremo Creador do Universo.

Já não existe!!!!! ha pouco disse eu, o ente, por quem hoje o Sagrado Levita do Senhor offerece no sanctuario do DEOS vivo canticos e perfumes pelo eterno repouso da alma de outro sagrado Ministro do altar, daquelle que desde a infancia trilhou a carreira, que vai direito ao estado Sarcedotal, até que em fim com suas mãos sagradas

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

tocasse o Cordeiro immaculado, e a seus labios chegasse o sagrado vaso de oiro, onde transformasse e bebesse o preciosissimo sangue de Nosso Senhor Jesus Christo; grandeza sem igual!.... porem nem assim o Anjo da morte o respeita, triste condição... da natureza!!!

E' morto o Rm.º P.e Camillo Henrique de Lellis Pacova, o Vigario desta Freguezia de Nossa Senhora das Dores do Itapicurú-mirim....., amado e respeitado de todos pelas suas virtudes, querido de seus parochianos pelo desempenho dos deveres de seu ministerio sagrado, docil para com seus amigos, caridoso para com os pobres. No altar, na Cadeira do Evangelho, na vida publica como na privada, sempre dando provas da illibada conducta e esmerada educação, que recebêra desde o berço, e do caracter, de que se achava revestido na sociedade dos homens, é morto, já não existe mais entre nós, para fazer subir neste Templo sua maviosa voz ao Todo Poderozo; seu nome desapparecen, como o fumo se dissolve no ar, do cathalago dos Sacerdotes.....mas, sua alma vive, revestida desse poder inseparavel na presença do Pai de infinita misericordia, nessa morada eterna, onde a virtude é coroada de eternos loiros, onde a caridade é recompensada com glorias sem fim, nessa morada, onde o justo vê claramente o Supremo Senhor dos Exercitos.

Sim, oh morte! tu cruel em tua justiça, tu separas o vinculo do mais estreito nó d'intimas amizades, parentescos, affeições e sympathias!

Porem oh morte! tu es innocente, porque cumpres um mandado, de quem tem poder sobre ti mesmo.

E' com este fatal golpe, que murcha o mais brilhante diadema; que vacila a corôa mais poderosa; que cahe o sceptro governante; e o throno de sua gloria, onde a corte lhe rendia vassalagem, foge-lhe de suas plantas; sim ó morte! não respeitas tiaras, mitras, baculos nem grandeza, riqueza, formozura ou innocencia, finalmente tudo ceifas, tudo igualas, tudo consomes em um momento!

Ah! Senhores, que espelho! o tumulo representando-nos o dia 5 de Abril, dia do passamento do nosso sempre chorado amigo P.e Camillo, dia amargo para seus caros irmãos, que tanto o presavão, dia de luto para a Igreja de Deos, por haver perdido um seu esposo, dia de pezar para seus amigos dedicados, dia de lagrimas para esta localidade, onde seu prestimo se fazia tão necessario!

Mas, que fazer agora, senhores? revestirmo-nos de resignação, consolarmo-nos a nós mesmos, e supplicarmos ao Pai das luzes, que nos acceite este sacrificio e os nossos rogos em favor desse espirito, que nunca morre, do nosso finado irmão, para que, unido ao coro dos Sacerdotes, se lembre daquelles, que hoje, decorridos 30 dias, commemorão sua alma, e que já mais se esquecerão dos desoito annos, em que os apascentou como verdadeiro pastor deste lugar. Sim, ó Pai clemente de summa bondade! Teus filhos do Itapicurú-mirim, respeitão Teus sabios decretos, elles pranteão com dôr a falta de seu pastor, porem se curvão na maior humiliação, adorando-te, e reconhecendo, que a alma só vive eternamente, quando deixa a carne, que pertence á terra, esse monte de fadigas, de tropeços; sim quando deixa essa carne, que a cada passo soffre, geme e brada sem remedio no leito da dôr, coberta de enfermidades, ás quaes nem sempre a vasta medicina pode valer; e que, zombando dos mais desvelados cuidados, põe sem movimento os orgãos corporeos!!

Grande Deos! quem pode comprehender vossos juizos! acatal-os, Senhor, e nada mais! e nós reunidos aqui, com a voz do Sacerdote, entoemos com dôr, com magoa e lagrimas de nossos corações uma verdadeira e ardente supplica ao Padre Eterno.

Deos de misericordia! tende piedade da alma do P.e. Camillo; dai-lhe o eterno descanso nessa patria dos justos.

Itapicurú-mirim 6 de Maio de 1861.

Agostinho da Silva Pinto.

Agradecimento.

—O a baixo assignado, profundamente reconhecido para com as pessoas, que se dignárão de assistir na villa de S. Bento a seu sempre chorado irmão, o finado vigario, Camillo Henrique de Lellis Pacova, que para ali se havia retirado em busca de seu restabelecimento, tanto durante os dias, que ainda la viveu, e nos ultimos momentos de sua vida, como na occasião de seu enterramento, lança mão deste meio para testemunhar a todas os seus sinceros e eternos agradecimentos, por esse tão elevado beneficio, maxime porque o a baixo assignado, longe dessa localidade, estava impossibilitado de lhe prestar os soccorros de um verdadeiro irmão; sendo de seu dever agradecer, com especialidade aos Illms. Srs. Rd.º Vigario de S. Miguel da Lapa e Pias, José Dias d'Oliveira Falcão, e Ignacio Antonio Correa, pela assiduidade e extremo zêlo, com que se prestárão a soccorrel-o em sua ultima hora, e Rd.º Vigario de S. Bento, Zacheo Francisco da Penha, pela offerta caridosa de uma sepultura na capella-mór de sua Igreja Matriz, alem d'outros actos verdadeira caridade christã.

—Outro sim, o mesmo a baixo assignado dirige seus cordiaes agradecimentos a todos os Srs., que promovêrão e concorrêrão para o officio solemne, que foi celebrado na Matriz do Itapicurú-mirim, em suffragio pela alma do mesmo seu irmão, vigario daquella freguezia, especializando aqui o Rd.º Vigario encommendado, Antonio Francelino d'Abreu, e mais Senhores, que se prestárão ao serviço do altar, o Snr. Agostinho da Silva Pinto, que dirigio um bello discurso á memoria do finado, assim como os Srs. que prestárão a decoração do templo e do tumulo, e a todos os Senhores, que com suas familias se dignárão de assistir a essa ultima demonstração d'amizade e affecto ao seu finado Vigario.

S. Luiz do Maranhão 20 de Maio de 1861.

O Conego *Joaquim Felix da Rocha.*

VARIEDADES.

A paschoa cahiu este anno a 31 de Março. Todos sabem, que a paschoa é uma festa movel, determinada pela lua.

O concilio de Nicéa decidiu, que a Paschoa fosse sem-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

pre no primeiro domingo seguinte á lua cheia posterior a 21 de Março.

Se a lua cheia cahe a 21 de Março, sendo este dia sabbado, a Paschoa será a 22 de Março.

A Paschoa não póde nunca ser antes de 22 de Março nem depois de 25 de Abril; 25 de Abril é a data extrema.

No seculo presente a Paschoa só cahirá uma vez a 25 de Abril, é em 1886.

Vinte e cinco de Abril é o dia de S. Marcos. Nesse anno a sexta-feira santa cahirá a 23 de Abril, dia de S. Jorge, e o Corpo de Deos no dia de S. João.

Ha uma prophecia, repetida por Nostradamus, nas suas *Centurias*, e que diz:

«Quando Jorge a Deos crucificar;
Que Marcos o resuscitar,
E que S. João o levar,
O fim do mundo ha de chegar.»

Segundo esta prophecia, o fim do mundo deve vir em 1886.

Sobre a existencia da alma.

Um medico deista, encontrando-se com um clerigo, perguntou-lhe, se se dava á predica, com o fim de salvar as almas? ao que o clerigo respondeu que sim.

Perguntou-lhe então, se tinha visto uma alma?

Não.

Se tinha ouvido uma alma?

Não.

Se tinha cheirado uma alma?

Não.

Se tinha provado uma alma?

Não.

Se tinha sentido uma alma?

Sim.

Muito bem, lhe diz o doutor: temos quatro dos cinco sentidos contra um, sobre a questão:—se ha alma?

O clerigo, em seguida, perguntou-lhe, se elle era doutor em medicina: ao que respondeu, que sim.

Perguntou-lhe então, se tinha visto uma dor?

Não.

Se tinha ouvido uma dor?

Não.

Se tinha cheirado uma dor?

Não.

Se tinha provado uma dor?

Não.

Se emfim tinha sentido uma dor?

Sim.

Muito bem, disse o clerigo: temos tambem quatro dos sentidos contra um, sobre a questão:—se existe a dor—e assim, senhor, vós sabeis, que existe a dor, e eu sei tambem, que existe a alma.

(*Extr.*)

NOTICIAS DIVERSAS.

—Em data de 16 d'Abril findo communica-nos o nosso correspondente de Roma o seguinte:

O Papa teve um desmaio na capella de Sixto quarto, no terceiro dia depois da Paschoa, mas já está restabelecido. A 14 sagrou Arcebispo e Primaz da Bulgaria, na capella Sixtina, diante de um grande numero de pessoas, sendo 12 Cardeaes, a Monsenhor José Socolski.

Festividades religiosas.

No dia 30 do passado teve lugar na Cathedral a grande solemnidade de *Corpus Christi* com a possivel pompa. Celebrada a missa solemne á grande orchestra pela primeira Dignidade da Cathedral, em presença do Exm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano, seguio-se a procissão, levando o mesmo Exm. Sr. Bispo o SS. Sacramento sob o pallio, cujas varas forão carregadas, desde a porta da Cathedral, e durante todo o transito, pelo Exm. Sr. Presidente da Provincia, e pelos Srs. Presidente e mais membros da Illm.ª Camara Municipal, Chefe da Estação naval, com os respectivos officiaes, Commandante do 5.º de fuzileiros com sua officialidade, Empregados publicos e muitos outros cidadãos grados, que tambem havião assistido á missa solemne. Pelas ruas do transito achavão-se estendidos em alas os tres batalhões da guarda nacional da comarca da capital, a cuja frente estava o Exm. Sr. Commandante Superior com todo o seu estado-maior, com duas bandas de musica militar, e o corpo dos Educandos artifices. Fazião alas adiante da procissão, alem do Illm. e Revm. Cabido solemnemente paramentado, e todo o demais Clero da Cathedral, o Clero secular e regular da capital, o Revm.º Sr. Provisor e Vigario-geral do Bispado, acompanhado do respectivo meirinho do fôro, os Revd.os Parochos das tres freguezias da capital, com suas cruzes, e muitas Irmandades com suas opas e cruzes.

A' porta da Cathedral, e nas esquinas de cada rua do transito, estavão postadas muitas girandolas de foguetes, que fendião o ar ao passar o Sagrado Corpo de Deos. A concurrencia do povo foi immensa, e todavia reinou em todo o acto a melhor ordem possivel. Ao recolher-se a procissão concedeu S. Exc. Revm.ª 40 dias d'indulgencia a todos, que a acompanhárão.

Toda a despeza de musica, cera para o Clero, e foguetes, correu por conta da Illm.ª Camara municipal, como é costume.

Findou a solemnidade com as descargas do estilo, dadas por toda a tropa em parada, e bem assim pelas salvas das fortalezas e vasos de guerra estacionados no porto.

—No dia 2 do corrente teve lugar na Cathedral a commemoração solemne da festa de *Corpus Christi*, feita pela Irmandade do SS. Sacramento da freguezia da Victoria, com vesperas e missa por musica; prégou ao Evangelho o Revd.º Sr. Beneficiado Delgado. Na vespera á noite esteve á porta da Igreja a banda de musica militar dos Educandos, cujo corpo com sua musica acompanhou a procissão, com a guarda de honra e a banda de musica do 5.º de fuzileiros.

—Na tarde desse mesmo dia S. Exc. Revm.ª chrismou a um grande numero de pessoas na Cathedral.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 — por anno — Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO — 1861.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 210.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

QUINTA-FEIRA 20 DE JUNHO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

CARTA PASTORAL.

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA, por mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Maranhão, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, Commendador da Ordem de Christo, &c.&c.

12.ª

A' Igreja do Maranhão graça e paz da parte de Deos Padre, e da de Nosso Senhor Jesus Christo.

Por decretos insondaveis da sua providencia, e sem o mais pequeno merecimento da nossa parte, Deos Nos mandou apascentar esta porção do Rebanho de Jesus Christo, a Diocese de São Luiz do Maranhão; e agora o Senhor Nos envia para uma outra parte, reger a da Bahia: e é ainda a sua providencia, que procede.

No mesmo momento, em que recebiamos a triste e lamentavel noticia do fallecimento do grande Prelado, que presidia aos destinos da primeira Diocese do Brasil, o inclyto e venerando Marquez de Santa Cruz, o Exm.º e Revm.º Sr. Dom Romualdo Antonio de Seixas, Arcebispo da Bahia, Metropolita e Primaz do Brasil, de feliz recordação, soou aos nossos ouvidos a voz de Deos, que Nos chamava para o succeder; e Nós estremecemos de pavor, bem certos do que diz São Gregorio Magno—que, quando se augmentão os dons, crescem tambem as razões dos mesmos dons.

Porque isto acontecen, Nós o ignoramos, e só Deos o sabe, e o Senhor, que tudo vê, e tudo governa, assim o tem ordenado; seus segredos são impenetraveis, e seria uma temeridade sacrilega querel-os aprofundar: e se, por um effeito de sua sabedoria e de sua providencia, Deos nos occulta as causas da maior parte dos acontecimentos, que observamos, não acreditemos, que não tenha Deos seus designios, por isso que nós os desconhecemos, e persuadidos de que Deos não quer senão o nosso bem em tudo o, que faz á nosso respeito, o que nos cumpre é adorar a sua providencia, obedecer-lhe, e conformarmo-nos com a sua soberana vontade.

Por Decreto de 5 de Janeiro deste anno Houve Sua Magestade o Imperador por bem Nomear-Nos Arcebispo da Bahia, pondo de parte toda a nossa indignidade; e Vós podereis avaliar, amados Filhos, quão grande abalo experimentou o nosso espirito, e quão violenta commoção soffreu o nosso coração; aquelle se abateu, e este se dilacerou, considerando por uma parte a terrivel provação, porque acabava de passar a Igreja do Brasil com a morte de seu illustre Metropolita, e por outra vendo-Nos collocados na dura collisão, ou de não obedecer, ou de deixar-vos a Vós, caros Filhos, a quem amamos no fundo d'alma e no intimo do coração, com o amor mais terno e mais profundo.

Mas a obediencia é uma virtude muito recommendada nos Livros Santos, e Nós obedecemos, sim, obedecemos; attendei bem, Filhos dilectos, á esta expressão, e dai-lhe todo o seu valor: as circumstancias da nossa eleição para a Sé Metropolitana mostrão, que ella foi obra de Deos, e Vós as não ignoraes.

O Santissimo Padre Pio 9.º Nos Confirmou, e no Consistorio secreto, celebrado em Roma no dia 18 de Março ultimo, fomos preconizados Arcebispo da Bahia: e, ao recebermos hoje esta noticia officialmente, damos por terminada a nossa administração nesta Diocese de São Luiz do Maranhão, que temos regido por espaço de nove annos completos.

Grande vaidade seria, Filhos muito amados, e presumpção louca, se acreditassemos, que nunca haviamos errado no desempenho das funcções de um Ministerio tão arduo, que é formidavel aos proprios Anjos: perdoai-Nos porem os nossos erros, que jamais forão intencionaes, e somente nascidos da fraqueza do nosso entendimento, e do acanhamento de nossas ideas. Ah! Filhos queridos, por Nosso Senhor Jesus Christo, perdoai-Nos todas as faltas, que contra Vós commettemos, ainda que sem o desejo de as commetter; e ficai certos, de que todo o nosso anhelo foi sempre procurar o vosso bem assim espiritual, como temporal, e dia e noite não cessámos de empregar os meios para o conseguir: e se nem sempre o alcançámos, por sem duvida que não foi por falta de trabalho e de esforços. Nem a maior commodidade, e nem o proprio amor á vida Nos impedirão de percorrer a Diocese, e até os seus lugares remotos, e por onde andámos, annunciámos a palavra de Deos, e ensinámos as verdades de sua lei: milhares de infelizes, que jazião nas trevas e nas sombras da morte, vivem hoje na vida e na luz da graça; e de presente vamos restituir ao Senhor com lucro, á fim de receber outros, os talentos, que Nos havia entregado para negociar com elles o negocio da salvação, depois

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

de nove annos prefeitos, em que os trouxemos em gyro, sem os haver, por um momento sequer, escondido na terra.

Um só dia se não passou, Filhos carissimos, em que não orassemos por Vós ao Pai das misericordias, e Deos de toda a consolação: correspondei-Nos agora ao nosso amor com amor, e por ultimo de vossos favores pedi ao Senhor, que Nos dê uma boa viagem, e que Nos livre dos perigos, que vamos correr por esses mares esparcelados, por onde temos de navegar, até chegar ao nosso novo destino: pedi tambem á Deos, que Nos conceda os auxilios de sua graça para bem desempenhar as importantes funcções do Cargo elevado, de que Nos achamos investidos.

Separando-Nos de Vós, caros Filhos, pelo corpo, mas não pelo espirito, quizeramos ir de Cidade em Cidade, de Villa em Villa, de Povoação em Povoação, de casa em casa, despedir-Nos de cada um de Vós, mas como seja isso impraticavel, acceitai as Nossas despedidas, que Vos fazemos por meio desta Carta Pastoral, que á todos Vós dirigimos, sem distincção de sexo ou de idade: e em penhor do Nosso affecto, e em testemunho de Nossa gratidão por todas as considerações, respeito e acatamento, que Vos temos merecido, e por todos os favores e obsequios, de que Nos cumulastes, recebei a Nossa benção, que Vos damos do intimo do coração, dentro do qual Vos levamos a todos. E a graça de Nosso Senhor Jesus Christo, o amor de Deos, e a communicação do Espirito Santo sejão comvosco para sempre: do mesmo modo, a paz de Deos, que excede todo o conhecimento, guarde os vossos corações e os vossos espiritos em Jesus Christo.

Summamente agradecemos á todos os Exm.os Srs. Presidentes, e Vice-Presidentes desta Provincia do Maranhão, e da do Piauhy, a sua constante benevolencia para comnosco, e as considerações, de que sempre Nos cercárão; e a todas as Authoridades Civis e Militares, o respeito, com que Nos tratárão, e o apoio, que Nos derão, sempre que d'elle precisámos.

Igualmente agradecemos ao Illm. e Revm.o Cabido da Santa Igreja Cathedral, aos Revm.os Conegos Provisor, e Vigario Geral, Promotor, Secretario do Bispado, e da Camara Episcopal, Secretario particular, Examinadores Synodaes, Reitor, e Lentes do Seminario, a cooperação franca e leal, e os bons serviços, que Nos prestárão. Ao Revm.o Conego Vigario Geral da Provincia do Piauhy; aos Muito Revd.os Arciprestes das Comarcas da Teresina, e de Caxias, e mais Vigarios da Vara do Bispado, Beneficiados da S. Igreja Cathedral, Missionarios, Parochos, e em geral ao Muito Revd.o Clero Secular, e Regular, agradecemos tambem os bons serviços prestados á Igreja durante o tempo, em que administrámos esta Diocese: e ao Muito Revd.o Guardião do Convento de Santo Antonio, com especialidade, o importante serviço, que fez ao Seminario, cedendo-lhe o maior e melhor dos dormitorios do Convento para seu alargamento, e parte da cerca do mesmo Convento. E o Senhor na profusão de suas graças recompense á todos os seus trabalhos, as suas fadigas, e a sua dedicação, com a maior somma de felicidades nesta vida, e com a gloria na futura, bem como á todo Rebanho, e ao Pastor, que, mergulhado na mais profunda dôr, d'elle se despede reconhecido e saudoso.

Dada nesta Cidade de São Luiz do Maranhão, sob Nosso Signal e Sello de Nossas Armas, aos 6 de Junho de 1861.

Lugar ✠ do Sello.

MANOEL, *Bispo do Maranhão.*

Illm. e Revm. Sr.—Tendo neste momento recebido as Bullas, pelas quaes Houve por bem S. Santidade confirmar-Nos na Dignidade de Arcebispo da Bahia, desligando-Nos inteiramente do vinculo desta Diocese de S. Luiz do Maranhão, ás quaes foi S. M. o Imperador servido, em data de 17 de Maio ultimo, Accordar o Imperial Beneplacito, para se poderem executar, como Nos constou por Aviso do Ministerio dos Negocios do Imperio de 20 do dito mez, assim o communicamos a V. S. para que considere a Diocese como vaga, e proceda á eleição de Vigario Capitular, que a administre durante a vacancia.

Agradecendo do intimo do coração a V. S. a cooperação franca e leal, e os bons serviços, que Nos prestou, durante o praso de nove annos completos, em que regemos esta Diocese, lhe pedimos por Jesus Christo, Nosso Salvador, que Nos perdoe qualquer falta, que tenhamos commettido contra V. S., ainda que de nenhuma Nos accuse a consciencia, porque foi o nosso constante anhelo retribuir a sua benevolencia e amizade com aquella benevolencia e amizade, de que V. S. sempre se Nos mostrou credor: e na Bahia, ou em qualquer outra parte, em que Nos achemos por disposição de Deos, terá V. S. em Nós um amigo dedicado, e sempre prompto a cumprir os seus mandados. Por ultimo de todos os favores, que de V. S. temos recebido, lhe pedimos, que ore a Deos por Nós, afim de que o Senhor Nos assista com sua graça, e Nos dê os auxilios necessarios para bem desempenhar as funcções do alto Cargo, em que por Decretos de sua providencia Se Dignou constituir-Nos.—Deos Guarde a V. S.—São Luiz do Maranhão 6 de Junho de 1861.—Illm. e Revm. Sr. Cabido do Maranhão—MANOEL, *Arcebispo da Bahia.*

Exm. e Revm. Sr.—Acaba o Cabido desta Santa Igreja Cathedral de receber o officio, que V. Exc. Revm. dirigiu-lhe com data de hontem, e no qual lhe communica achar-se já de posse das Bullas, pelas quaes Houve por bem S. Santidade confirmar a V. Exc. Revm. na eminente Dignidade de Arcebispo da Bahia, Metropolitano e Primaz da Igreja Brasileira, e por cujo facto foi V. Exc. Revm. inteiramente desligado do vinculo, que a esta Diocese o unia, e que assim chorará a sua tão prematura viuvez.

E em extremo penhorado pelas palavras de unção e benevolencia, com que V. Exc. Revm. o quiz honrar pelos anhelos e rectas intenções, que sempre procurou pôr em todos os actos, que o dever lhe impunha observar, agradecido beija as Sagradas Mãos do Bom Pastor, que, solicito por o seu Rebanho, soube reunir a sabedoria, que illuminava seus actos, á caridade, amor e lealdade para com todos em geral, e em especial para com a Corporação Capitular, de cuja memoria jamais poderão riscar-se os favores e atten-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ções, com que V. Exc. Revm. sempre se dignou tratal-a. O Espirito Santo, que vela pelo bem estar da Igreja de Nosso Senhor Jesus Christo, chamando e constituindo a V. Exc. Revm. o Primeiro do Episcopado Brasileiro, certamente auxiliará a V. Exc. Revm. com os augmentos de graça, que reclama tão importante quanto trabalhoso Ministerio; e este Cabido, a cujo reconhecimento tem V. Exc. Revm. indisputavel direito, não cessará de pedir a Deos nas suas orações, que, conservando a vida de V. Exc. Revm para maior gloria e utilidade de sua Igreja, o ampare sempre com sua Graça.—Deos Guarde a V. Exc. Revm.—Sala das Sessões Capitulares na Cidade de S. Luiz do Maranhão 7 de Junho de 1861—Exm. e Revm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, Arcebispo da Bahia.—Os Conegos, Arcipreste, *Candido Pereira de Lemos*, o Chantre *Manoel Pedro Soares, Joaquim Felix da Rocha.*

Illm. e Revm.° Sr.—Parecendo-me tanto justo, como louvavel, e até do nosso dever, orar a Deos pela feliz viagem do Exm. e Revm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, Arcebispo Metropolita da Bahia, desta para aquella capital, cumpre, que V. S. se digne mandar avisar a todos os empregados da Cathedral, á fim de que no dia quinta-feira 13 do corrente depois de Noa se fação na mesma Cathedral preces no sentido acima mencionado—Deos guarde a V. S.—Maranhão 11 de Junho de 1861—*Luiz Raymundo da Costa Leite.*—Illm. e Revm.° Sr. Arcediago Antonio Lobato de Araujo.

—Identicos *mutatis mutandis* aos Parochos da 2.ª e 3.ª Parochia, e aos Conventos da capital.

O ECCLESIASTICO.

SEDE VACANTE.

Pelo vapor *Paraná*, chegado a este porto a 6 do corrente, recebeu o Exm.° e Revm.° Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira as Bullas pontificias, confirmando sua trasladação para o Arcebispado da Bahia, a qual teve lugar no Consistorio secreto, celebrado em Roma a 18 de Março deste anno, como consta da acta do mesmo, que lhe foi tambem remettida por copia pelo Em.° Cardeal Secretario. Desde logo considerou-se S. Exc. Revm.ª, como era de Direito, inteiramente desligado da Igreja Maranhense, e das respectivas ovelhas, que tanto amava.

Expedio por tanto a ultima Carta Pastoral, que acima fica transcripta, despedindo-se do seu muito querido e sempre amado rebanho; e em seguida passou o governo do Bispado ao Illm.° e Revm.° Cabido, como se vê do officio tambem acima transcripto.

Reunio-se então o Illm.° e Revm.° Cabido na manhã de 7, e, avocando a jurisdicção ordinaria, procedeu na forma do Direito, mandando immediatamente levantar o docel do Solio episcopal, e á noite ouvio-se o sensivel e magestoso som do sino S. Pedro, que desde Ave-Maria tocou pausadamente, por espaço de duas horas, á Sé vaga.

Finalmente, na manhã de 10 reunio-se o mesmo Illm.° e Revm.° Cabido, em numero de 15 Membros, e procedeu á eleição do Economo dos bens da Exm.ª Mitra, que recahio no muito Revd.° Sr. Conego Chantre, Manoel Pedro Soares, que já tem servido com exacção e zêlo o mesmo emprego em casos identicos; e depois á do Vigario Capitular, que recahio no muito Revd.° Sr. Conego Mestre-Escola Luiz Raymundo da Costa Leite, que tendo tomado posse do Bispado, por procuração do Exm. e Revm. Sr. D. Manoel, em 30 de Janeiro de 1852, e servido com dignidade, merito e louvor o lugar de seu Provisor e Vigario Geral, desde Maio de 1853, de novo tomou conta do Bispado em 7 de Junho deste anno.

Com a possivel expressão de verdadeiro prazer applaudimos a eleição destes Sacerdotes, distinctos por suas eminentes qualidades, e que por certo se achão habilitados para bem exercerem as nobres commissões, de que se achão encarregados.

Deste modo vio-se a Igreja maranhense privada do seu Bom Pastor, que, sabio e virtuoso, apascentou durante nove annos, um mez e 27 dias, com reconhecido proveito, e com uma piedade e caridade verdadeiramente evangelica, o rebanho, que lhe fôra confiado por providencia divina.

Assim pois desde 1838, em que entrámos no serviço da Igreja, já vimos a Sé vaga por tres vezes—em 29 de Novembro de 1842, pelo fallecimento do Exm. e Revm.° Sr. D. Marcos, de boa memoria; em 3 d'Abril de 1850, pelo do Exm. e Revm.° Sr. D. Carlos, de feliz recordação; e agora em 6 de Junho deste anno, pela trasladação do Exm.° e Revm.° Sr. D. Manoel. Felizmente, desta vez, com quanto sintamos profundamente (e comnosco todo o Povo da Diocese) o apartamento do Venerando Prelado, a quem tanto devemos, todavia muito apraz-nos o não chorarmos ainda a morte do Exm.° Bispo Diocesano.

Todas as pessoas desta capital, que se communicarão com o Exm.° e Revm.° Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, desde 21 de Janeiro deste anno, em que aqui chegou a noticia simultanea da morte do Exm. Sr. Arcebispo D. Romualdo, e da sua eleição para seu successor, farão justiça aos verdadeiros sentimentos de seu coração, apreciando devidamente o seu amor e a sua dedicação sincera pelo Maranhão; pois que desde aquelle dia elle não cessou de demonstral-o, e bem publicamente, não só por suas palavras mui sinceras, como pelas proprias lagrimas, que todos presenciárão. Disto mesmo, que vimos de dizer, fomos testemunha ocular, quando no dia 5 de Maio deste anno, decimo anniversario de sua eleição para Bispo do Maranhão, e quatro mezes justos, depois da sua nomeação para Arcebispo da Bahia, primeiro que ninguem, lhe communicámos, á vista da carta do Dr. J. R. da Cunha, a sua preconização em Roma.

Aprouve felizmente á Providencia, que o Exm. e Revm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, no meio das lagrimas, que lhe custárão seu apartamento da Diocese do Maranhão—ouvisse tocar á Sé vaga—Sirva este facto de consolação a Elle, a Suas Virtuosas Irmãs, á todas as ovelhas do seu antigo rebanho, e finalmente aos seus numerosos e dedicados amigos.

Embarque do Exm. e Rvm. Sr. Arcebispo da Bahia, D. Manoel Joaquim da Silveira.

Tendo o Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, Bispo do Maranhão, recebido officialmente as Bullas

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

da confirmação de sua trasladação para o Arcebispado da Bahia, e tendo immediatamente entregue o governo do Bispado, como é de Direito, tratou desde logo de seguir para seu destino, com a brevidade possivel, desejando assim cumprir as repetidas recommendações, que nesse sentido lhe fizera o Governo Imperial.

Assim pois, tendo S. Exc.Rvm. feito muito á pressa algumas despedidas, pois que não lhe foi possivel cumprir in totum com esse dever de civilidade, como desejava, no curto espaço de cinco dias, raiou em fim o do seu apartamento, sabbado, 15 de Junho de 1861, dia que, em verdade presenciou uma grandiosa solemnidade, porém d'outro genero da de sabbado, 10 de Abril de 1852—porque neste recebia-se nos braços do amor o Pastor, que vinha apascentar as ovelhas, então via-se a alegria em todos os semblantes; naquelle porém dizia-se o adeos de despedida ao Pastor, que deixava o rebanho muito amado, vião-se então lagrimas em todos os olhos!

Esses poucos dias, porem, empregou Elle não tanto em visitas de pura civilidade e cortezia social, como ainda mais, em actos puramente humanitarios—visitando e dispedindo-se dos Estabelecimentos pios e de caridade, e distribuindo por elles esmolas com mão larga, como aos Educandos, aos presos e aos lazarentos, ao Recolhimento ao Asylo de S. Theresa, e a varias Irmandades, assim como a muita gente pobre, que a Elle recorreu.

Pela portaria acima transcripta ordenára o Illm. e Rvm. Sr. Vigario Capitular, que se fizessem preces publicas na Cathedral, e nas Matrizes e Conventos da capital, pela feliz viagem de S. Exc. Rvm. o que teve lugar a 13.

Assim pois na manhã de 15, logo ás 6 horas, dirigio-se S. Ex. Rvm. á Igreja Cathedral, onde ouvio Missa na capella da Virgem da Conceição e Boa-Morte, fez oração na capella de SS. Sacramento, rogando a Deos a paz e a felicidade para a Diocese do Maranhão, orou á Virgem Santissima da Victoria, sob cuja protecção se collocou, e finalmente, ao despedir-se da sua Cathedral, distribuio esmolas, misturadas de lagrimas, pelos pobres, que ali encontrou ao acaso.

De tarde, ao approximar-se a hora do embarque, achou-se a sala do paço episcopal completamente cheia de pessoas distinctas, que vinhão acompanhar o Venerando Prelado em seu embarque: o Exm. Sr. Presidente da provincia, com seu Secretario, Ajudantes d'ordens, e officiaes da respectiva secretaria, o Corpo capitular, e demais Clero da Cathedral, Clero secular e regular da capital, Chefe de policia interino com os respectivos Empregados, Officiaes do exercito, Empregados publicos geraes e provinciaes, alguns Membros do tribunal da Relação, Consules estrangeiros, Professores, Negociantes, e muitas outras pessoas distinctas.

Pouco antes de 4 horas tinhão já embarcado as Respeitaveis Irmãs do Exm. Prelado, acompanhadas por algumas Senhoras, e pelos Rvms. Srs. Conegos, Arcipreste Candido Pereira de Lemos, e Commendador José Gonçalves da Silva.

Alguns momentos depois de 4 horas appareceu na sala S. Exc. Rvm. que logo ali recebeu de todos, quantos estavão presentes, as felicitações pela sua boa viagem, dirigindo-lhe nessa occasião o Illm. Sr. Carlos Henrique da Rocha, digno vice-Consul dos Estados-pontificios, uma breve allocução a respeito da sympathia publica e do amor, que a S. Exc. demonstravão os Maranhenses por sua merecida elevação ao Archiepiscopado, a par da profunda dôr, que sentião por seu apartamento, lançando-lhe por fim uma quantidade de flores por sobre a cabeça, das quaes S. Exc ajuntou e recolheu uma rosa.

Seguindo depois para embarcar, ao apparecer á porta de sua residencia, desde logo forão seus passos embargados pela multidão de povo, que litteralmente cobria o largo, e que com as lagrimas da dor, e pressuroso, affluia para beijar o annel, e receber a ultima benção do seu amado Pastor; e Elle banhado tambem de lagrimas, por ver tamanha sensibilidade publica, a todos acolhia, ora tacita ora expressamente, com aquella bondade e affabilidade, que é proverbial em seu caracter, e ao passar pela frente da guarda do palacio do governo, lançou-lhe sua benção, e pedio ao respectivo Commandante, que mandasse descançar as armas.

No meio da praça apresentou-se o Sr. Conde Charles Reynol de Chauvancy, vice-Consul de França, com uniforme de corte, e em uma breve allocução, que dirigio em francez a S. Exc. Rm.ª declarando-lhe, que muito sentia sua retirada, e apresentando-lhe seus profundos respeitos, rogou-lhe tambem, que se dignasse de lançar sua benção a elle proprio, e aos francezes, pertencentes ao navio de guerra, *Beaumanoir*, surto então em nossas aguas. S. Exc. Rvm. respondeu-lhe igualmente em francez, abençoando-o, e assegurando-lhe, que satisfaria aos seus desejos, estendendo sua benção a toda a França.

Deste modo caminhou lentamente, hora e meia, de sua residencia ate a entrada da rampa do embarque; ahi, elevando as mãos e os olhos para Deos, contemplou pela ultima vez o ceo do Maranhão... baixou-os depois sobre a Cathedral, pedio o soccorro da Virgem SS. Senhora da Victoria, Padroeira da mesma, e abrio os braços para dar um abraço geral ao Povo do Maranhão, e.... desatou a chorar.....

Ao longo da rampa estavão formados em alas os dois batalhões de fuzileiros da guarda nacional da capital, tendo á frente o Exm. Sr. Commandante superior com a banda de musica militar do 5.º d'infanteria, e todo o corpo d'Educandos artifices, com seu Director e a respectiva musica marcial.

Ao descer a rampa foi S. Exc. recebido por um grupo de Senhoras, que lhe vierão pedir sua benção pastoral, e dizer-lhe o seu adeos, e em seguida lançarão-lhe das muralhas lateraes uma chuva de flores, que alastrárão todo o espaço, que ia percorrer. Estas e outras demonstrações de sensibilidade e amor filial commovêrão por demais o já abalado coração do Venerando Pastor, e ainda mais lhe fizerão redobrar a torrente de lagrimas, que se lhe deslisava pelas faces.

Ao chegar ao ponto do embarque demorou-se ainda alguns momentos, para saciar o desejo, que mostravão todos aquelles seus Filhos primogenitos, de beijar-lhe as mãos, que por sua parte tambem regavão de copiosas lagrimas de verdadeira sympathia, amor e saudade.

O espectaculo ali era grandioso, era sublime!

Um povo innumero e compacto bordava o primeiro e

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

segundo andar das muralhas do palacio do governo, assim como as do forte de S. Luiz, fazendo uma vista na verdade bella, segundo os ascendes ou descendentes do terreno; todos os escaleres da estação naval, bem como os da capitania do porto, á disposição de S. Exc. Rvm. e de todo o seu sequito, e ainda mais um numero consideravel de canôas de pescadores e escaleres particulares, embandeirados e tripolados de gente uniformizada, assim como todos os navios de guerra e mercantes, nacionaes e estrangeiros, embandeirados com flamulas de signaes, fazendo tremular ao alto o pavilhão nacional, e dando suas tripolações, collocadas nas vergas, repetidos e continuados vivas, apresentavão um panorama por demais pittoresco e bello. Cremos, que nunca esta capital presenciou, em caso identico, um espectaculo igual!

Antes que S. Exc.ª Rm.ª embarcasse, dirigio-lhe o Illm. Sr. Chefe da estação naval uma breve allocução, felicitando a S. Exc. augurando-lhe uma viagem prospera, rogando-lhe, que se dignasse do estender por caridade sua benção apostolica á toda a gente maritima da estação naval a seu mando, e que finalmente recebesse um affectuoso abraço, que lhe dava em nome da officialidade da estação naval, que disso o encarregára.

Ah! o Sr. Chefe da estação naval do norte é um dos muitos amigos dedicados a S. Exc. Rvm.ª desde a côrte, e um dos seus distinctos companheiros na viagem, que fizerão a Napoles; assim que, uma semelhante prova d'affecto e amizade antiga devia ser por demais sensivel e agradavel ao coração do Venerando Prelado.

Era para ver esse segundo panorama—do mar para terra—a vista se dilatava alegre por toda aquella estensão, occupada de um povo, em numero sem duvida de mais de 5000 pessoas, dominadas todas d'uma só idea religiosa—saudar o seu antigo Pastor, e receber delle a ultima benção!

Quão bello é este sentimento catholico! quão generoso é o coração do verdadeiro christão! E em verdade, o Santo Pastor, que foi tão distinctamente recebido e despedido, nunca foi avaro de sua beneficencia, de seu amor, nem de sua caridade. Elle distribuia os thesouros do Ceo e da terra, com a mesma prodigalidade, com o rico e o pobre, com o enfermo e o desvalido. Tudo isso ninguem ignora.

Embarcando S. Exc. Revm. no primeiro escaler, nelle entrárão tambem o Exm. Sr. Presidente da provincia, com seu Secretario e Ajudantes d'Ordens, o Illm. e Revm. Sr. Vigario capitular, o Revd.º Beneficiado Amour, e outros Senhores; nos demais escaleres ião os Illms. Srs. Chefe da estação naval, Commandante da corveta União, Capitão do Porto, e muitos outros officiaes de marinha. Commandante do 5.º d'infanteria, e os Revd.ºs Conegos, Estevão Alves dos Reis, Magistral Dr. Tavares da Silva, Eleutherio M. da Silva Rosa, e Alves dos Santos, Beneficiado Tavares da Silva, e Padre Guardião do convento de Santo Antonio, o Sr. Vice-consul Sardo, e muitos outros cidadãos distinctos, que forão a bordo cumprimentar ainda uma vez a S. Exc. Revm. e as suas virtuosas Irmãs, e dar-lhes o seu adeos de desepdida.

Ja á bordo do escaler, ainda dahi lançou S. Exc. Rvm.ª sua benção ao Povo, que o saudou com estrepitosas acclamações, e apenas largou da praia o escaler, salvárão o forte de S. Luiz, e todos os navios de guerra, assim como o *Beaumanoir*, que içára tambem no topo grande o pavilhão brasileiro, redobrando a respectiva marinhagem seus vivas e acclamações, que erão acompanhados da gente, que tripolava os diversos escaleres, botes e canoas, assim como do Povo apinhado nas muralhas, fogando entretanto as musicas diversas peças alegres e harmoniosas.

No topo da escada do vapor, que estava coberta de tapete até o portaló, achava-se em grande uniforme o Illm. Sr. Torresão, commandante do vapor, e ao atracar o escaler, saltou logo o Exm. Sr. Presidente da provincia, para dar a mão ao Exm. Sr. Arcebispo, que subindo foi recebido com toda a distincção e honra pelo mesmo Sr. Commandante Torresão, seu antigo e dedicado amigo.

A bordo foi ainda S. Exc. Revm. cumprimentado por todos, que de terra o acompanhárão, e por um grande numero de pessoas distinctas, que já lá se achavão á sua espera para o mesmo fim.

Antes de retirar-se, dirigio o Revd.º Sr. Fr. Vicente de Jesus, Guardião do convento de Santo Antonio, um excellente discurso a S. Exc. Rvm. felicitando-o por sua bem merecida ascensão ao Archiepiscopado, e augurando-lhe uma feliz viagem, ao qual dignou-se S. Exc. responder, com o coração ainda abalado: que muito agradecia tanta bondade para com Elle.

Nesta data já corre impresso esse discurso.

S. Exc. Rm.ª levou em sua companhia por algum tempo o Muito Rd.º Sr. Conego Estevão Alves dos Reis, em qualidade de seu secretario, e o Rd.º Sr. Beneficiado Carlos Luiz d'Amour, na de seu Capellão.

Nós, como testemunha ocular, presenciámos todos esses accentos e transportes, todas essas expressões, mudas ou intercaladas de dôr profunda e sincera adhesão de um Pastor piedoso e amante de seu Povo, e de um Povo amante de seu Pastor espiritual—sim, desse Pastor, que tantas e tão repetidas vezes o convidou ás preces e ás orações ao Deos das misericordias, ora supplicando ardentemente por amor desse mesmo Povo, ou por amor de seus Irmãos, atacados ou ameaçados de peste e d'outros males identicos e mortiferos, ora restabelecendo na Cathedral os sermões doutrinaes nas domingas da Quaresma, e solemnizando os augustos mysterios da Semana Santa, e outros da nossa Religião com a possivel pompa e magnificencia, nunca vista entre nós, nos quaes gastou não pequena somma de seus proprios rendimentos, como na solemne proclamação do dogma da Immaculada Conceição, e na grandiosa funcção das Quarenta Horas, actos esses novos e nunca vistos em todo o Brasil, e só devidos á sua muita piedade e zelo pelo maior brilho da nossa Religião Santa, alem de muitos donativos de valor e preço, que fez á Cathedral.

Assim que, é ainda com o coração oppresso de dor e de saudade, que aqui registramos todos estes factos, máo grado a nossa inhabilidade para tanto. Felicitamo-nos comtudo, porque o jornalismo da capital, primeiro que o humilde *Ecclesiastico*, tenha dado de tudo uma longa e bem elaborada descripção; e assim, juntamos os nossos votos de sincera amizade e profunda gratidão para com a Pes-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

soa do muito distincto, illustrado e virtuoso Exm. e Revm. Sr. Arcebispo da Bahia, D. Manoel Joaquim da Silveira, com os dos de mais Collegas do jornalismo, e dos Fieis catholicos desta Diocese, para que os Ceos lhe concedão uma viagem feliz, até chegar aos braços do catholico Povo da Bahia, que distincto, como é, por sua adhesão á Religião de Jesus Christo, saudará por certo, como o do Maranhão, a feliz acquisição, que lhe destinou a Providencia.

Quanto a nós, individualmente, jamais esqueceremos o virtuoso Bispo do Maranhão, o Exm. e Revm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira; e neste jornal, que redigimos, embora sem habilitações, desde o 1.º d'Outubro de 1852, sob seus auspicios, e onde tantas vezes temos manifestado publicamente a nossa gratidão para com Elle pelo bom acolhimento e amizade, que sempre nos tributou, assim como pelos favores, que nos dispensou, sem nenhum merito da nossa parte, e só filhos de sua nimia bondade, e de seu coração generoso e magnanimo, folgamos de registrar, ainda uma vez, essa mesma gratidão, que em nosso coração será eterna.

—Em consequencia d'achar-se vago o Bispado do Maranhão, temos resolvido publicar o ECCLESIASTICO, que vivia—Sob a protecção do Exm. e Rm.º Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira—d'hora em diante—Sob os auspicios do Clero Maranhense—isto é, do Clero da Diocese do Maranhão, que comprehende a provincia deste nome, e a do Piauhy—Suppomos, aliás, temos intima convicção, de que o ECCLESIASTICO continuará a gozar ainda da protecção e do auxilio, que lhe teem dispensado os seus generosos e benignos Assignantes.

Nota Official dirigida a Monsenhor Azeglia, Ministro da S. Sé em Pariz, pelo Cardeal Secretario de Estado, Antonelli, por occasião da publicação da brochura—França, Roma e a Italia.

Ja deveis ter lido a brochura ha pouco publicada sob o titulo: *A França, Roma e a Italia.* Comprehende uma especie de commentario, tanto da exposição official da situação feita neste mez em o senado e corpo legislativo da França por M. Baroche, como de uma selecção de documentos publicados pelo governo francez acerca dos ultimos eventos da Italia. Tereis sem duvida entendido, que o fim principal do opusculo é attribuindo ao Santo Padre, e ao seu governo a causa do estado deploravel, á que chegárão as cousas em toda a peninsula, especialmente nos dominios pontificios.

Sabeis perfeitamente a série dos factos ultimamente occorridos. Conheceis por outro lado os diversos actos emanados de Sua Santidade, bem como o despacho por mim endereçado ao eminentissimo Nuncio em Pariz, a 29 de Fevereiro do anno passado. Isso vos basta ja para repellir a injusta imputação. Effectivamente, considerando com alguma attenção os argumentos, em que ella se estriba no folheto, ver-se-ha sem custo, que não existe, que deixe de ser victoriosamente refutada pelos actos á que alludo. Todavia, como a brochura por meio de vagas generalidades, ou de anecdotas alheias ao assumpto, ou de allegações imaginarias, procura desvirtuar os successos, fazendo-lhes dizer o contrario, do que exprimem, julguei opportuno apresentar algumas considerações para maior esclarecimento da verdade. Este motivo, unido á circumstancia do caracter official, que a brochura ostenta, obriga-me a analisal-a no que é concernente á Santa Sé e seu governo.

Em primeiro lugar não me deterei em qualificar aqui o acto de um homem, que ousa lançar publicamente uma tão grave accusação contra o chefe augusto e veneravel da Igreja catholica, no momento em que, a não serem os obcecados e constantes inimigos de toda a ordem, todos admirão e deplorão em Sua Santidade a victima da mais rara perfidia e ingratidão. E' certo, que o autor julga livrar-se do labéo de accusar Sua Santidade, allegando, que o animo do pontifice foi sorprehendido e enganado por alguns dos, que o cercão. Mas, o artificio é muito vulgar, para obliterar o principio de irreverencia, quando ha quem se atreva a censurar áquelle, que tantos titulos possue ao mais profundo respeito e sincera gratidão. Semelhante desculpa é outrosim peior do que a propria accusação.

Seja porém qual fôr a apreciação moral, e mesmo politica dessa imputação, vamos consideral-a em si e no seu valor intrinseco. O folheto pretende, que a obstinação do Santo Padre em conceder reformas, em admittir conselhos e auxilios benevolos do governo francez, é a causa unica de todas as perdas temporaes, que hoje soffre a Santa Sé. Não sympathisando, pelo que me diz respeito, com as vagas generalidades, que só servem para obscurecer e cobrir a verdade, chamarei o autor ao terreno dos factos particulares e precisos. De que tempo falla, a que circumstancias allude? E' preciso confessar, que, se a pretendida obstinação é cousa real e não imaginaria, deve ter apparecido em quadra certa e designada.

Ora, a este respeito podem fixar-se tres épocas: a primeira comprehende desde a inauguração do pontificado de Sua Santidade até o seu exilio em Gaeta; a segunda os dez annos, decorridos desde o seu regresso a Roma até as ultimas desordens, que houverão em Italia; a terceira os dous annos em que essas desordens se realizárão. Seria por certo loucura querer collocar a obstinação nessa primeira quadra, quando o mundo inteiro saudava em Sua Santidade o iniciador espontaneo dessas reformas e dessas liberdades, que era possivel autorisar, sem receio de as ver degenerar em criminosa licença por parte dos que procurão abusar. Isto é exacto, que ainda ha pouco foi asseverado pelo ministro de uma potencia protestante em uma assembléa publica.

E se as generosas e largas concessões do Santo Padre forão retribuidas pelos perfidos instigadores da revolução com a mais injusta ingratidão e felonia, dahi se deduz a vaidade da confiança exagerada, que alguns depositão em semelhantes remedios, vaidade infelizmente confirmada por um novo e recente exemplo.

Quando o Santo Padre foi restabelecido em seus Estados pelo favor de todas as potencias e pelo concurso das armas catholicas, em que a França teve parte tão conspicua, que mereceu todo o nosso reconhecimento, como manifestámos, e agora repetimos, quaes forão os desejos, que testemunhárão de commum accordo as potencias catholicas, inclusive o governo francez? Era a reorganização das finanças, transtornadas sobretudo pelas expoliações

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

da anarchia revolucionaria; era a realização das reformas promettidas em Gaeta na presença dos plenipotenciarios dos principaes Estados catholicos; era emfim a formação de um exercito proprio, que podesse pôr termo á occupação temporaria da Austria e da França. Qual destes tres desejos deixou de ser attendido? Graças á sabedoria e continua solicitude de Sua Santidade, conseguio-se não só extinguir o papel-moeda, como fixar igualdade perfeita entre a receita e a despeza publica, com algum excedente do lado da receita, sem recorrer a novos impostos. Pelo que diz respeito ás reformas, se exceptuarmos duas, que em razão de circumstancias graves e excepcionaes, alimentadas pela attitude hostil e revolucionaria do Piemonte, forão deferidas, as outras forão levadas a effeito, como mostrei em meu despacho anterior. A informação do conde de Rayneval, de illustre memoria, então embaixador de França junto á Santa Sé, offerece em nosso abono irrecusavel testemunho.

O exercito, apezar da condição especial da Santa Sé, onde se fórma por engajamento voluntario, o exercito podia reputar-se constituido em numero sufficiente. Por isso, quando nos primeiros dias de 1859 se quiz achar pretexto para a guerra da Italia na permanencia das tropas estrangeiras em seus Estados, Sua Santidade convidou a França e a Austria a retirar, quando quizessem, as suas tropas.

Onde fica pois a obstinação do Santo Padre nos dez annos indicados? Onde as provas em lugar das declamações? No folheto nada se especifica, excepto quando diz: «A propria conducta do governo pontificio, a sua recusa persistente de effectuar reformas, e suas sympathias manifestas pela Austria, contribuião a augmentar os receios do patriotismo italiano.» Pretende-se aqui asseverar duas cousas: negação das reformas, e sympathia pela Austria. Quanto á primeira já a invalidámos, quanto á segunda, cite-se um unico exemplo, em que Sua Santidade mostrasse mais defferencia pelo governo imperial da Austria do que por qualquer outro governo catholico, nomeadamente pelo de França. Não seria possivel com mais fundamento fazer a accusação contraria?

Resta a terceira época, a do ultimo movimento occorrido na Italia, e cumpre tratar desta mais detidamente, pois é a ella, que se refere especialmente a accusação da brochura. O autor descreve á pag. 21 qual devia ser nessa commoção a attitude do imperador dos Francezes, e diz: — «A Italia respeitada na sua independencia, o papado protegido no seu poder temporal, tal era o doble fim, que tinha em vista a politica imperial».

Em presença da attitude do imperador, qual devia ser a do Santo-Padre? O seu papel de certo não consistia em fazer a guerra offensiva a pessoa alguma, porque é o pai commum de todos, e representante do Deos de paz na terra. Não podia ter tambem de contribuir para a expoliação dos principes legitimos, porque é o arauto e o vingador das leis eternas da justiça entre os homens. O seu papel emfim não consistia em abdicar de bom grado, nem de deixar-se expoliar impunemente de seus proprios Estados, porque é apenas seu depositario em nome da Igreja, e é obrigado por juramentos solemnes e irrevogaveis a mantel-os na sua integridade. Repito pois: qual devia ser a sua attitude para mostrar-se favoravel á independencia italiana, sem faltar aos deveres sagrados do pontifice? Não tinha outra, por certo, senão acceitar tanto, quanto delle dependesse, uma combinação qualquer, que lhe fosse proposta, e que assegurasse a independencia nacional, sem offender nem os direitos de outrem, nem os principios inviolaveis da Igreja.

Agora haverá no mundo alguem, que prove, que o Santo Padre se tenha mostrado a este respeito, não direi mais obstinado, mas ainda difficil em acceder? Diga-se a verdade: qual é a combinação proposta a Sua Santidade nos limites, que indicámos? Não ha senão uma, a da confederação dos differentes principes italianos, tendo á sua frente o soberano pontifice na qualidade de presidente honorario. E essa proposição foi por ventura rejeitada por Sua Santidade? Não foi, ao contrario, formalmente acceita?

O autor da brochura queixa-se amargamente, de que o arranjo proposto foi acolhido com sarcasmos em Roma e em Pariz. Nada sei dos sarcasmos de Pariz; quanto aos de Roma, se os houve, não proviérão de certo do governo pontificio. Não alludo aqui á proposição de um escriptor anonymo, que não tinha, julgo eu, a pretenção de ser considerado uma potencia. E' verdade, que *declarava ter a honra de expôr um programma;* mas é somente hoje, que nos faz essa revelação, e a qualidade do seu escripto estava longe de nos fazer suspeitar uma origem autorisada. A proposição official da confederação e da presidencia só veio depois dos preliminares de Villa Franca, e do tratado de Zurich; e o Santo Padre, como disse, mostrou-se disposto a acceitar, desde que as bases fossem definidas como cumpria. O autor entretanto diz, que então já não era tempo, que era tarde; mas não repara, que nessa affirmativa faz grave injuria ao seu soberano, como se este e outros houvessem proposto, como ponto de partida de um tratado solemne, e como meio de reconciliação, uma cousa, que não era possivel nem opportuna. Seja como fôr, foi então somente, que a proposta foi apresentada por quem tinha autoridade para o fazer, e é injusto pretender, que Sua Santidade a estorvasse de motu proprio. Sendo por conseguinte obvio, que não foi por negativa do Santo Padre, que a combinação falhou, como, sem vergonhosa calumnia, póde elle ser accusado de obstinação?

Posto de parte este arranjo, que por um lado correspondia á attitude do imperador dos Francezes respeitando a independencia italiana, de modo que protegia ao mesmo tempo o poder temporal do soberano Pontifice, e por outro lado se harmonizava com a attitude conveniente da Santa Sé, habilitando-a a concorrer nos limites da justiça á independencia italiana sem sacrificio de sua autoridade temporal, que outra combinação, reunindo condições semelhantes, se apresentou a Sua Santidade?

Aqui a brochura entra em um triste labyrintho, relatando as proposições, que forão feitas, em seguida; e sou forçado a seguil-o, embora me custe.

Cita em primeiro lugar a carta escripta pelo imperador, em que o Santo Padre era convidado a ceder ao Piemonte a posse das Romaguas com o titulo de vicariato, e a não differir por mais tempo a concessão das reformas pedidas pela Europa ha trinta annos. Aqui ha duas circumstancias: as reformas mencionadas, e a cessão das Romaguas.

Quanto á primeira, é sorprehendente, que se falle de reformas reclamadas ha trinta annos, quando dez annos havião sido determinadas em Gaeta de commum accordo com a França e as outras potencias catholicas, e que durante esses dez annos forão postas em execução, como se diz acima. Entretanto o Santo Padre comprehendendo, que com essas phrases se queria exprimir o desejo de novas concessões; e posto que por outro lado soubesse, que o partido revolucionario d'antemão as tinha por inuteis, para não dar pretexto algum á censura de obstinação, que hoje lhe arroja ás faces com tanta boa fé a referida brochura, prestou-se a novas negociações, e, com aprazimento do embaixador e do governo francez, determinou precisamente, quaes devião ser essas reformas. Tendo porém em vista o, que pedia não só a sua propria dignidade, ácerca da qual nenhum soberano, nem governo algum podem transigir, assim como o bem das populações, Sua Santidade reservou-se somente a faculdade de as promulgar, quando as provincias revoltadas voltas-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

sem á obediencia. Portanto neste ponto não houve obstinação, sim condescendencia, temperada por uma sabia reserva. (*Continúa.*)

PUBLICAÇÃO A PEDIDO.

Um voto em despedida.

A ingratidão é um acto immoral, revoltante de um espirito prostituido, que ou se esquêce dos beneficios, que ha recebido, ou paga com o mal o bem, que se lhe tem feito: crime este que n'outr'ora era punido pela legislação de um grande povo, para quem a moral não era, como hoje na Europa, uma sciencia vã, impertinente e exotica. Este povo era Creta.

(FERREA ARAGAÕ)

Que de nenhum valor são os nossos escriptos, mormente quando elles tendem a Personagens de elevada cathegoria, assaz comprehendemos; porem assim tambem, que a verdade não deve ser só dita pela bôca dos sabios, dos philosophos ou dos prophetas; e ainda mais quando essa voz nasce do coração, de um coração puro pelo crisol da gratidão—esse dever ou virtude assaz sagrado, e que mais aproxima a creatura do seu Creador.

Se algumas vezes, pois, temos pegado da penna, a fim de manifestarmos nossos sentimentos de respeitosa amizade, gratidão (1) devoção e veneração á Pessoa, Saber e Virtudes do Exm.º e Rm.º Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, ainda ha pouco Bispo desta Diocêse, e hoje Arcebispo Primaz da Metropoli Brasileira, muito não é que hoje, quando proximo o vemos ausentar-se de entre nós, lhe prestemos mais um preito e homenagem, de que é assaz merecedor.

Sim! em bem poucos dias, ou horas, vae o Maranhão ver partir do seu seio aquelle Sagrado Pastor, tão coberto de saudades e Bençãos pelo bem com que zelou e cuidou do aprisco que lhe foi confiado, sempre amando e acariciando suas ovelhas, sempre arredando-as e defendendo-as do lobo devorador; pelo que tambem sempre foi, e será, por ellas respeitosamente amado e lembrado; e nos padrões de sua Gloria a Historia lhe escreverá o nome—MANOEL, O BOM, O BENEFICENTE!!

O Maranhão com tal ausencia por muito tempo chorará em orphandade; porque não só perde um illustrado, sabio e virtuoso Prelado, como queum amigo extremoso, um Pae desvellado!... Quantos de seus filhos, a quem essa Mão Beneficente, ás occultas, soccorros prestava no leito da dor e da infermidade, e no tegurio da pobreza, se não verão lançados d'ahi ha pouco no soffrimento, na deploração e no abandono? Quantas orphãs e quantas viuvas, que soccorridas e sustidas erão por essa alma de Virtude Evangelica, não terão de descambar na feroz immoralidade e lascivia da epocha?... Quantos pobres paes, e porque tempos, estenderão as dextras, e as recolherão vasias d'aquelle obolo, que certo dantes contavão para a subsistencia da querida prole!.. Onde a Arca Santa do conselho, do consolo, do exemplo e do valimento aos tristes, aos afflictos?... Ah! Maranhão! Muito perdes, e muito vaes deplorar com tão diro apartamento!... A tua Igreja por muito tempo compartilhará da tua perda, da tua dor.

Mas... sus! Não definhes em teu amor e dedicação; visto como de todo não perdemos o nosso Virtuoso Pastor!... Elle, á frente da Igreja e do Povo Catholico Brasileiro, se não esquecerá da Sua Primogenita, á qual inda agora acaba de abençoar, e provar-lhe (2) seu affecto, sua saudade, seu paternal amor!

Que importa, porem, a nossa dor, quando os Decretos da Divina Providencia teem de ser irrefragavelmente cumpridos?.... Apunhae, pois, o Baculo Archiepiscopal, Exm.º e Revm.º Sr. D. Manuel Joaquim da Silveira, e Hide tão feliz, como O fostes na plaga Maranhense, sentar-Vos n'essa Sede Primaz, d'onde á todas do Brasil Tendes de, com sabedoria e aproveitamento, ensinar e difundir a Luz verdadeira e santa do CHRISTIANISMO!

(1) *Ecclesiastico* ns. 49, 73, 77 &c. e outros jornaes.

(2) Vide a Pastoral de despedida de S. Exc. Rvm. inserta neste e outros jornaes.

por quanto na Igreja Catholica é onde, como diz S. Paulo—se encontra a reunião dos Trez essenciaes requisitos: —Um só Deos, Um só Baptismo, e uma só Fé - E segundo S. Cypriano—quem não reconhece a Igreja por Mae, não sabe ter a Deos por Pae.

Os tempos são difficeis, é certo! ja lá se forão esses de respeito e acatamento, em que o Imperador Constantino beijou o pé ao Papa S. Silvestre, o Imperador Justino 1.º ao Papa João, o Imperador Justiniano ao Papa Constantino, e Carlos 5.º á Clemente 7.º &c! porque hoje os Potentados da Europa (salvamos honrosas excepções) com afinco trabalhão não só para tirar o Poder temporal do Papa, como que tambem para derribar a Cadeira de S. Pedro, absolutamente esquecidos ou ignorantes das Divinas Escripturas, cuja authenticidade e authoridade diz:—*Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo ecclesiam meam.*

Porém, Exm. e Rvm. Sr., não trepideis; porque a Igreja Catholica e Apostolica Romana sempre será Militante e Triumphante, assim como o Rei dos Astros, que se algumas vezes se esconde por detraz das nuvens, quando menos se espera, as nuvens se dissipão, e elle reapparece mais radiante de esplendores! Assim a Sagrada Religião de nossos Paes, e que deve sempre ser de nossos filhos, terá sempre esforçados e valentes propugnadores; porque ella é a cadêa de ouro, que liga os homens aos homens, e a terra ao Throno Eterno; e por isso os maiores servicos, que se prestão á Religião, são tambem os maiores que se fazem á humanidade.

Em boa hora Hide, Exm. e Rvm. Sr., e tão feliz sedê em vossa viagem, recepção e estada na Bahiana plaga, quanto O fostes n'este pequeno torrão do Brasileo solo!... na terra os homens vos admirem, respeitem e sigão; e nos Ceos mil córos d'Anjos ao Eterno Pae impetrem a felicidade e gloria de Vosso Arcebispado, e a prosperidade dos que Vos acompanhão.

O Maranhão, grato e reconhecido, sempre Vos bemdirá, e fará, que doces auras brandamente sôem em vossos ouvidos seus louvores, dizendo com o Poeta:

Inda que o tempo corra, o tempo mude,
Ha de aos Astros voar a tua gloria;
Tu és, e tu serás em toda a idade,
Moimento de respeito, e de saudade.

Na deficiencia de outros testemunhos de nosso respeito, gratidão e saudade ao Exm. e Rvm. Sr. D. Manuel Joaquim da Silveira, aqui depositamos estas toscas linhas que o coração agradecido nos dictou.

Maranhão 8 de Junho de 1861.

Francisco de Salles Nunes Cascaes.

NOTICIAS DIVERSAS.

No dia 12 do corrente foi collado e canonicamente instituido em uma Prebenda presbyterial o Rvd. Sr. José Antonio Gomes Pinheiro, em virtude da Carta Imperial de 22 de Fevereiro deste anno, expedida á vista do decreto de 2 de Novembro passado, que nella o apresentára; e no dia 17 deste mez tomou posse da mesma, começando a residencia amarissima logo no dia seguinte.

Na correspondencia de Roma para este jornal, em data de 15 de Maio findo, lê-se o seguinte:

—«Acabão de chegar a este collegio quatro brasileiros da Bahia, e aqui já estão installados; um é filho do Desembargador Peixoto da Bahia.

—«O dinheiro de S. Pedro ate agora chega a 3 milhões de escudos romanos; Roma somente ha concorrido com 27 mil escudos desde o principio deste anno.

«O Rei de Napoles está em Albano com a familia, e ahi passará o verão. O Santo Padre Pio IX está bom, e quando se o encontra, vai tão alegre, que não parece, que elle é hoje o objecto do odio da revolução, e que ella busca derribal-o; tanto que no dia de S. Felippe Nery, que é padroeiro de Roma, elle e toda sua côrte irá nos carros, que servião nos annos das ovações do seu pontificado».

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO—1861.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 211

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

QUARTA-FEIRA 3 DE JULHO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

Com a devida venia ao Illustrado Autor da Biographia do Exm. e Revm. Sr D. Manoel Joaquim da Silveira, publicada nesta capital poucos dias antes de seu embarque para a Bahia, e com o maior prazer de nosso coração reimprimimol-a no *Ecclesiastico*, como uma nova prova do profundo respeito e da sincera gratidão, que sempre votámos ao distincto Metropolita, assim como da particular consideração, que damos a essa bella descripção, emanada do apurado estilo e da bem aparada penna do Illustrado Escriptor.

Cremos, que com semelhante reimpressão faremos um serviço a este Bispado, tão sabiamente regido pelo seu ultimo Prelado, assim como ao seu respeitavel Clero e Povo, a quem Elle tão extremosamente amou, o qual da sua parte não vacillou, um momento sequer, em dar-Lhe as provas mais verdadeiras e o testemunho mais publico de sincera adhesão á sua Pessoa, assim como da mais profunda saudade nos ultimos dias de sua residencia entre nós, e até o momento de seu embarque; as quaes por certo ficarão duradoras e gravadas nos corações dos apreciadores do verdadeiro merito, como geralmente no de todos os Fieis catholicos do rebanho desta Diocese do Maranhão.

BIOGRAPHIA

DO

EXM. E RVM. SNR.

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

ARCEBISPO DA BAHIA,

Metropolitano, Primaz do Imperio, Presidente honorario do Instituto africano de Pariz, Membro honorario da Academia das bellas artes, do Gymnasio brasileiro, do Instituto episcopal religioso do Rio de Janeiro, da Associação Typographica de Pernambuco, da Sociedade de beneficencia Luso-Brasileira do Maranhão, Membro effectivo do Conservatorio dramatico brasileiro, Correspondente do Instituto historico e geographico do Brasil, Protector das Associações Typographica, e Humanitaria Maranhense &c. &c.

PELO

DR. EM MEDICINA

Cesar Augusto Marques.

Ao

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DA BAHIA.

E ESPECIALMENTE

ao Revm.º Sr. Padre Mestre

FREI RAYMUNDO NONNATO DA MADRE DE DEOS PONTES,

Digno Lente da Sagrada Theologia no Seminario Archiepiscopal, Prégador da Capella Imperial &c. &c. &c.

O. D. E C.

O

Author.

DUAS PALAVRAS.

A amizade, que sempre consagrámos ao Exm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, nos aconselhou a escrever este opusculo.

A gratidão nos levou a dal-o a luz.

Não o escrevemos cheio de pretenções, forão palavras nascidas do coração, assim como chegavão á nossa mente, assim corrião dos bicos da penna.

Se estes dois motivos não são sufficientes para defender-nos de accusações immerecidas, invocamos a bondade de nossos leitores, e de animo docil submetemol-a.

Vale.

I

Je parle d'un homme, dont le nom seul est une illustration pour sa memoire, et dont la vie se loue elle-même dans la conscience des hommes de bien.

LAMARTINE.

A vida do homem, que vamos descrever, appareceu, quando as duas potencias mais proeminentes da Europa—a Inglaterra e a França—estavão em luta encarniçada.

Era o anno de 1807.....

Portugal pelos seus tratados não podia ser indifferente á sorte da Grã-Bretanha, ameaçada por esse atrevido soldado francez, que

com a ponta do seu gladio
no mappa das nações traçava as raias.

Coagido emfim pela força despresou a sua antiga alliada, e quando pretendeu hostilizal-a, vio seus portos cercados pela esquadra ingleza ao mando de lord Strangford,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

e o exercito de Napoleão, que já atravessava as montanhas da Beira.

Receiando os impetos da invasão franceza, ainda mais guiada por esse

«*Meteoro fatal ás regias frontes*,

os verdadeiros amigos da Monarchia Portugueza olhárão para o Brasil, e o Brasil sorriu-lhes como uma esperança de asylo seguro para a Familia Real.

Esta idéa já dispertada pelo Jesuita Camara a El-Rei D. Sebastião, insinuada pelo celebre Padre Antonio Vieira a D. João IV, e aconselhada pelo grande Marquez de Pombal a D. José I, amadurecida com os annos, e autorisada como pensamento de três homens tão notaveis, não foi para despresar-se, e em breve o Decreto de 26 de Novembro de 1807 annunciou a todos, que já era uma realidade o estabelecimento da séde da Monarquia Portugueza em terras de Santa Cruz.

Foi nessa epocha de lutas para a Europa, e toda cheia d'esperanças para o Brasil, que nasceu o Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira em 11 de Abril de 1807, na freguezia de Santa Rita, no Rio de Janeiro, dando-se a coincidencia de se contar n'esse dia oitenta e nove annos, que havia sido publicado o Alvará de 11 de Abril de 1718, pelo qual El-Rei D. João V. mandou crear mais vinte igrejas parochiaes na provincia da Bahia.

Era já o Dedo de Deos, que assim marcava o natalicio do Senhor D. Manoel.

Como todos os grandes homens, de que se ufana a historia, não teve berço de oiro nem cortinas de seda, d'onde abrisse pela primeira vez os olhos, e contemplasse a luz, porque foi oriundo do legitimo matrimonio de Antonio Joaquim da Silveira, empregado vitalicio da antiga casa da moeda, creada no Rio de Janeiro no seculo passado, e de D. Maria Rosa da Conceição.

Nove dias depois de nascido, foi purificado do peccado original na pia baptismal da freguezia, onde nasceu.

Um bom nascimento, como exige o seculo, pode ser uma felicidade, mas não um merito, como diz Frayssinous, Bispo de Hermopolis.

Os primeiros annos do joven Manoel forão passados n'essa éra, que chamamos de esperanças para o Brasil, pois que então publicou-se a Carta Regia de 28 de Janeiro de 1808 franqueando os portos deste vasto imperio ás nações amigas, que nelles quizessem negociar; graças aos esforços do Conde da Ponte, crearão-se os principaes tribunaes para administração da justiça, e fiscalização da fazenda publica, tornou-se livre toda e qualquer industria, até ali prohibidas por Alvará de 5 de Janeiro de 1785; estabeleceu-se a imprensa regia; fundarão-se academias, onde os militares de terra e mar fossem buscar instrucção; organizou-se o Banco commercial do Rio, abrirão-se as portas da bibliotheca publica, montou-se a fabrica da polvora, organizou-se a escola medico-cirurgica; emfim por toda a parte derramou-se luzes, espalhou-se sciencias, animou-se a agricultura, a navegação e artes.

Seus paes descobrindo nelle evidentes signaes de talento e amor aos livros, que nasce com o homem, e desenvolve-se pelo tempo, aproveitarão-se da epocha, que já não era aquella, em que a Metropoli considerava a applicação ás lettras como abuso, que só servia para nutrir o orgulho proprio dos habitantes do meio dia, e dirigirão-no para o seminario episcopal de San'José do Rio de Janeiro, onde principiou os estudos de humanidades, e terminou-os na aulas publicas da mesma cidade.

A vida, que despontou no ruido das armas, e no alvoroço, que trouxe a mudança da familia real, não se resentio da influencia da epocha; e quando muitos mancebos procuravão nas armas a satisfação de um desejo, muitas vezes não vindo do coração, e sim dispertado por ideas de ephemera vaidade, o joven Manoel trocava a agitação pela tranquillidade, e o altar o convidou como refugio dos males do mundo.

Seus paes satisfizerão tão louvaveis intenções, e com o fim de tornal-o digno da alta missão, á que aspirava, o guiárão de novo ao seminario de San'Jose, onde fez os estudos theologicos.

Em 2 de Maio de 1830 recebeu a ordem de Presbytero, e Deos, que havia marcado o seu natalicio, ainda desta vez, passados dez annos, tambem em 2 de Maio de 1840, tornou este dia notavel com a resolução da Assemblea provincial de Pernambuco restabelecendo a Associação Religiosa dos Capuchinhos Italianos, e restituindo-lhes a igreja, o hospicio e as alfaias.

Tal era o criterio, que ja então possuia, que sendo apenas Diacono, o Exmº Sr. D. José Caetano da Silva Coitinho, que foi Bispo do Rio de Janeiro, e de saudosa memoria, quando visitou a Diocese, levou comsigo o secretario da camara episcopal, e para que nada soffressem os negocios, que corrião por essa repartição, o encarregou de todo o expediente da mesma, e da economia de sua casa, e de tal sorte se houve, que o fallecido Bispo o conservou sempre junto de si, até que em 1833 principiou a dormir o somno, que não é dispertado por sonhos.

Ardendo em desejos de postorar um rebanho, oppoz-se em 27 de Julho de 1834 á freguezia de N. S. da Conceição da Candelaria, e em 14 de Novembro de 1836 á freguezia, onde nasceu. No primeiro concurso teve a nota de quarenta e quatro pontos, foi proposto em primeiro lugar pelo vigario capitular, monsenhor Francisco Corrêa Vidigal, mas a Regencia em nome do Imperador não attendeu ao merito.

No segundo ainda occupou o primeiro lugar, por que, fez setenta e um pontos, mas o Regente Feijó apresentou para essa freguezia o terceiro proposto, que mal fez sete pontos!

Por duas vezes o patronato suffocou o merecimento, porque o Senhor D. Manoel confiava em si, apresentava-se com o seu cabedal scientifico, queria só o, que fosse justo, porem vio—que desde esse tempo o que muitas vezes governa infelizmente é essa potencia, á que a mór parte da gente presta cultos....

O talento, embora retirado á vida intima, é semelhante á baunilha escondida sob suas folhas; d'ali mesmo desprende suave e grato aroma, que nas azas do vento denuncia sua existencia á longa distancia.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Assim pois, em 13 de Novembro de 1837, sem pedir, foi nomeado lente da sagrada theologia moral e dogmatica do seminario de San'José, cuja cadeira regeu até 31 de Dezembro de 1851, e de tal arte o fez, que em 28 de Julho do mesmo anno foi nomeado examinador synodal.

Pela sua reconhecida prudencia e verdadeiro tino para lidar com mancebos, ainda no verdor dos annos, foi escolhido para o importante e penoso cargo de Reitor do mesmo seminario, onde se educou, e onde leccionou Exerceu tão melindroso lugar até o ultimo de Dezembro de 1851, e, sem empregar meios vexatorios, duplicou a renda do seminario, do que aproveitou-se para reparar todo o edificio e a capella, e construir um dormitorio.

Pela sua bondade e espirito justiceiro, longe de ser temido, foi amado por todos os collegiaes, e muitos d'elles, hoje elevados a posições importantes, ainda se lembrão saudosos do tempo, que ahi se deslisou sob tão illustrada direcção.

Em 2 de Dezembro de 1839, o Regente Pedro de Araujo Lima, hoje marquez de Olinda, o elevou á cathegoria de Conego da Capella imperial. No anno seguinte, em 7 de Novembro, o Exm. Bispo, Conde de Irajá, o Sr. D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, querendo dar-lhe uma prova do apreço, em que o tinha, approvou a nomeação, que teve, *sede vacante*, de examinador synodal.

Quando o Senhor D. Manoel Joaquim da Silveira estava em convalescença de grave molestia, em um arrabalde, onde foi buscar a vida, que lhe fugia, no ar embalsamado, que se desprende de tantas arvores, magestosas testemunhas de muitos seculos, que já pertencem ao passado, quando admirava esses bellos enfeites da natureza, ahi o surprehendeu nova nomeação, que o encheu de honra, á que nunca aspirou, porque o verdadeiro merito espera, e não procura.

Foi em 1843.

Tinha sido ajustado o casamento de S. M. O Imperador com a Augusta Princeza Real das Duas Sicilias pelo conselheiro Bento da Silva Lisboa.

Nas aguas do porto do Rio de Janeiro baloiçava-se uma divisão naval, composta de tres vasos de guerra—a fragata *Constituição*, e as corvetas, *Dous de Julho* e *Euterpe*—destinada para ir á Napoles buscar esse Anjo de candura, que pelo Céo fôra preparado para ser a virtuosa companheira do nosso Augusto Imperador, o Senhor D. Manoel foi nomeado capellão de S. Magestade a Imperatriz; em 5 de Março de 1843 a fragata *Constituição* desfraldou suas velas, e namorando-se no espelho das aguas, foi-se a ver novos mares e novas terras.

Consta, que o Senhor D. Manoel só por obediencia a S. Magestade, e depois de algumas desculpas, é que arriscou sua vida para fazer uma viagem tão longa, da qual voltou em 3 de Novembro do mesmo anno, amado de todos os companheiros de viagem, e apreciado por S. M. a Imperatriz, e por todos os que longe da patria o conhecêrão.

Em Napoles, S. M. o Rei das Duas Sicilias, reconhecendo as suas virtudes e variados conhecimentos, o condecorou, em 28 de Maio de 1843, com a Cruz de Cavalleiro de Francisco I. (*)

(*) Estes pormenores constão de uma bellissima descripção, que desta viagem fez o Sr. D. Manoel, a qual foi publicada na *Minerva Brasileira*.

Durante o tempo, em que a divisão naval se demorou em Napoles, o Senhor D. Manoel não se condemnou á ociosidade, pelo contrario, a actividade, que tanto o distingue, tomou mais força, e eil-o percorrendo toda a cidade, vendo seus arrebaldes, lendo o

«*Mantua me genuit; Calabri rapvere; tenet nunc Parthenope; cecini pascua, rura, duces*»

que como epitaphio está gravado no tumulo de Virgilio; partindo em busca da cidade eterna á fim de realizar o mais ardente desejo, que nutria em seu coração desde a infancia, admirando as estradas bordadas de grandes arvores entrelaçadas de festões de vinhas, atravessando o rio Garigliano pela magestosa ponte suspensa, monumento, que attesta a grandeza, bom gosto e magnificencia do rei Fernando II; vendo a cidade de Gaeta, visitando em Fondi a camara, em que habitava S. Thomaz d'Aquino, admirando a cupula da igreja de S. Pedro, o *Quirinal*, Santa Maria da Victoria, a Rotunda, a celebre Basilica de S. João de Latrão, e todos esses edificios gigantes, essas obras primas da arte, que attestão a magnificencia da cidade monumental.

Na sumptuosa Basilica de S. João de Latrão vio cheio de verdadeira emoção entre outras reliquias as cabeças dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, a mesa, em que o Salvador fez a ultima ceia com os seus discipulos; uma imagem de Nossa Senhora da Piedade, de alabastro, trabalho de Canova; as catacumbas da antiga basilica, onde se conserva a medida de Nosso Senhor Jesus Christo, etc. etc.

Foi apresentado ao Cardeal Cambruschini, secretario d'estado de S. Santidade o Papa Gregorio XVI, e a Mezzofanti, que fallava cincoenta linguas, dos quaes recebeu sobejas provas de amizade e consideração.

Foi ao Vaticano, que mais parece uma cidade, que um palacio, onde residia o Soberano Pontifice, e á proporção que o Sr. D. Manoel se avizinhava do aposento do SS. Padre, a grandeza e a magnificencia se ião convertendo em nobre simplicidade. Que transição, diz o Sr. D. Manoel, na descripção citada, Sua Santidade estava na sua camara, onde só respirava o halito doce da virtude e da sabedoria. A imagem do crucificado era o principal adorno d'essa camara respeitavel.

S. Santidade o acolheu com muita affabilidade, e como lembrança deu-lhe dous crucifixos de prata em cruz de ebano, com indulgencia plenaria para a hora da morte, os quaes até a morte, diz o Sr. D. Manoel, guardarei em memoria de quem m'os deo.

Já se vê, que o Sr. D. Manoel não acreditou no, que dizem os napolitanos em seu enthusiasmo de amor da patria: —vêr Napoles e depois morrer—pois que lá foi longe vêr e admirar tantos prodigios, que só um homem dotado de bastante força de vontade, como elle é, o poderia fazer em tão poucos dias.

Peço, rogo, e até insto, para que os meus leitores procurem a *Minerva*, periodico litterario do Rio de Janeiro, onde vem todas as viagens, que n'essa occasião fez o Sr. D. Manoel, e ahi se verá por mão de mestre, com aquelle genio analytico, escripto tudo, quanto vio, o que muito honra o seu bom gosto, pureza de linguagem, belleza d'estylo, força e propriedade de termos.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Ahi ha muito, que se aprender em linguagem amena, que ensina, e que deleita ao mesmo tempo.

No dia 1º de Julho, o principe de Scilla entregou a nossa Augusta Imperatriz ao embaixador brasileiro; e no seguinte a fragata *Constituição* já buscava as terras da patria, onde só chegou em 2 de Setembro.

No 1º dia do mez seguinte entrou no exercicio de seus empregos com grande contentamento dos estudantes do seminario, que n'elle sempre achárão um pai cuidadoso.

Em 14 de Março de 1844 S. M. o Imperador condecorou-o com a commenda da Ordem de Christo.

D'ahi a dous annos foi nomeado Promotor do Bispado do Rio de Janeiro, em 20 de Setembro de 1845, e em 15 de Novembro de 1847 teve a Carta do Titulo do Conselho.

Achando-se arruinada a Cathedral do Rio de Janeiro, e precisando-se de uma pessoa habil, activa e economica, a escolha não se fez esperar muito, e por Decreto de 25 de Outubro de 1849, foi nomeado Inspector da Capella Imperial e Fabriqueiro da Cathedral, e correspondeu ás vistas de quem o nomeou, pois que reparou o Templo, e o fez dourar de novo.

Tantos serviços, tantos conhecimentos, tantas virtudes não poderião, e nem deverião ficar girando em circulo tão pequeno. A patria assim o exigia, a Igreja pedia, e nós Maranhenses mais que ninguem precisavamos d'esta resolução.

O Capitulo seguinte explicará, como o circulo se alargou, como a virtude foi galardoada, como o merito foi remunerado.

II

Corria o anno de 1851....

A Igreja do Maranhão estava coberta de luto, e os seus habitantes choravão a morte do Sr. D. Fr. Carlos de S. José e Sousa, que em 13 de Maio de 1843 havia sido nomeado Bispo desta Diocese, e tinha fallecido em 3 de Abril de 1850.

O nosso adorado Monarcha, querendo enchugar as lagrimas de muitos de seus subditos, e rasgar o crepe, que envolvia a Igreja Maranhense, por Decreto de 5 de Maio do 1851, para preencher o lugar do Sr. D. Fr. Carlos, escolheu o Sr. D. Manoel, quando já satisfeito com os gráos honorificos, que elle tinha na Igreja de Deos, corrião-lhe tranquillos os dias de sua vida, sem a obrigação de responder pelos outros, e julgando-se feliz, quanto se pode ser n'este mundo, neste valle de lagrimas, em que peregrinamos, não tinha aspirações a ser mais do que era.

De um momento para outro (tal é a instabilidade das cousas humanas!) foi tirado da estreita cella do Seminario de S. José, que ainda dirigia, collocado á frente de uma Igreja, correndo todos os riscos do Episcopado, que muitos são para serem temidos, pois que S. João Chrysostomo compara um Bispo encarregado de uma Diocese a um piloto de uma grande náo, e diz, que elle é ainda mais agitado de cuidados e de borrascas, do que o mar açoitado pelos ventos e pelas tempestades.

Em 5 de Setembro do mesmo anno foi em Roma confirmado pelo Santissimo Padre Pio IX.

No anno seguinte, em 25 de Janeiro, foi sagrado na Imperial Capella, pelo Exm. Bispo do Rio de Janeiro, Conde de Irajá, o Sr. D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, sendo assistentes os Illms. e Revms. Monsenhor, Decano, Narciso da Silva Nepomuceno, e Arcipreste, Antonio Fernandes da Silveira.

Tomou posse do Bispado por intermedio de seu Procurador o Revm. Sr. Conego Mestre Escola, Luiz Raymundo da Costa Leite, em 30 do mesmo mez e anno.

Dois mezes depois de sua sagração, cheio de saudades pela patria, que deixava, e ardendo em desejos de abraçar seus novos filhos, sahio do porto do Rio de Janeiro, pelas oito horas da manhã, e chegou á Capital de seu Bispado em 9 de abril, e sendo já seis horas da tarde, só desembarcou no dia seguinte, sabbado de Alleluia, pelas onze horas da manhã. Todas as honras lhe forão prodigalizadas, e numeroso concurso o foi receber, e o acompanhou até sua destinada residencia.

Tal foi o acolhimento, com que recebeu a todos, quantos o procurárão, que para logo adquirio essa sympathia, que com o tempo se transformou n'esse profundo e sincero amor, que lhe dedicão todos os maranhenses.

Apenas tomou posse do seu Bispado, estudando as necessidades da Igreja, tão acertadamente confiada aos seus cuidados, ferio-lhe as vistas o damno causado por um raio, que em 11 de Maio de 1850, pelas quatro horas da tarde, cahindo na torre da Sé, muito arruinou a esse magestoso templo, construido pelos Jesuitas, e que por occasião da extincção delles em 1759 passou de collegio á cathegoria de Cathedral; damno ainda mais augmentado por outro raio, que em 22 de Abril de 1852 precipitou-se no mesmo lugar com grande estampido e correspondente estrago.

A verba para os concertos estava esgotada, e obra tão necessaria sentenciada a indifinido addiamento.

Funccionava então o Cabido na pequena igreja do Rosario desde 9 de Setembro de 1851, e vendo-se sem Cathedral, o Sr. D. Manoel mandou continuar as obras, o templo foi restaurado, em 9 de Maio de 1854 effectuou-se a mudança do Cabido; e como se pudesse presumir, que a igreja fosse profanada, estando por tão largo espaço de tempo fóra dos usos religiosos, julgou S. Exc. conveniente reconcilial-a, e procedeu-se a esta solemnidade, vista aqui pela primeira vez, com todas as formalidades descriptas no pontifical romano, assistido pelo Capitulo, clero e mais pessoas ecclesiasticas e seculares, diversas irmandades, e grande affluencia de fieis.

O governo geral informado de tudo pela presidencia mandou satisfazer a todas essas despezas.

Não contente ainda com o que tinha feito, vendo que a decoração interior da igreja não condizia com a belleza, que exteriormente ostentava o edificio, pedio e obteve do 1º vice-presidente da provincia, então em exercicio, e ultimamente senador do imperio, o Dr. João Pedro Dias Vieira, a quantia de seis contos de reis para tal decoração, a qual foi logo posta á sua disposição, mas as urgencias do thesouro provincial obrigárão, á que esta ordem fosse tornada effectiva só quando o conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá presidio esta provincia, e assim mesmo pelo cofre das loterias, concedidas em beneficio das igrejas matrizes.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Assim foi restaurada a importante pintura do tecto da vasta capella-mór e das suas paredes lateraes, o magestoso arco cruzeiro, e dourou-se de novo o retabulo. Deste modo se revivêrão obras, que estavão condemnadas á destruição inherente ao poderoso braço do tempo, que tudo arruina, tudo destróe, e tudo annniquilla.

O seu coração verdadeiramente magnanimo ainda não estava satisfeito, seu genio trabalhador ainda não estava cançado, e, proseguindo em suas louvaveis pesquisas, vio, que erão insufficientes os paramentos, que o governo imperial mandára dar á Cathedral, e por isso doou elle mesmo a esta igreja um rico pallio de tela de ouro fino, e pouco depois um paramento rôxo completo, de lustrina rôxa bordada á retroz, guarnecida de galões e franja de ouro fino para missa cantada, e todos os mais precisos para as festas, que se costumão celebrar na semana santa, dos quaes havia muita necessidade, um relogio para a sachristia, cuja falta era assaz prejudicial á regularidade do serviço, e mais outros donativos.

Suas vistas não se fitavão somente para a Cathedral: pelo contrario, extendião-se mais, alongavão-se para o interior, e graças aos seus bons desejos e incessante trabalhar, pertinacia em representar e requerer, muitas igrejas forão reparadas, outras reedificadas, e todas dotadas de paramentos.

Depois de haver preparado a casa de Deos com mais ou menos luxo, e toda a decencia, em varios lugares desta provincia, era tempo já, que descançasse; mas, como a mulher forte da Escriptura, sua mente só repousa, pensando em novos projectos, dando-lhes corpo, estudando-os, desenvolvendo-os, e realizando-os.

A educação intellectual e moral dos aspirantes ao sacerdocio roubou-lhe sobremodo os instantes, por que o Senhor D. Manoel crê, e com todo o fundamento, que sendo o sacerdote Mestre em Israel, tem necessidade de ser instruido, por que não será capaz de preencher sua alta missão de ensinar aos povos, de ser a fonte da agua viva, e a luz do mundo aquelle, que despresa a sciencia.

Infeliz o que assim se abandona! é a cisterna vasia, a lampada exhausta de oleo: um verdadeiro flagello da humanidade, pois falsea sua instituição, compromette a sua dignidade sacerdotal, e a da igreja, de que é ministro.

Levado por tão bons desejos, solicitou e obteve, que no seminario episcopal se accrescentassem dez cadeiras de ensino de humanidades, theologia, e canto gregoriano, sendo approvada por S. M. o Imperador a proposta, que fizera o Senhor D. Manoel para lentes das ditas cadeiras; e desde então principiou a funccionar o estabelecimento com a maior regularidade, resultando d'ella o aproveitamento, que de todos é conhecido. Ahi é, que se educão os aspirantes ao sacerdocio.

Sendo pequeno o espaço occupado pelo antigo seminario, obteve do Rev. guardião do convento de Santo Antonio, de que faz parte, a cessão correspondente a um bello dormitorio, mediante uma pequena indemnização; e não sendo ainda sufficiente este accrescimo para accommodar os alumnos, levantou desde os alicerces outro dormitorio, para o que lhe forão ministrados alguns fundos pelo governo imperial

Hoje o seminario funcciona em uma bella casa, espaçosa, bem arejada, tendo mais um jardim para recreio.

Em 24 de Novembro de 1854 o Senhor D. Manoel foi convidado para ir conjunctamente com o muito virtuoso, muito sabio, e muito caritativo Senhor D. Romualdo Antonio de Seixas, assistir em Roma ao concilio, que, para essa cidade convocára o SS. Padre Pio IX, afim de ser definida e declarada dogma de fé a Immaculada Conceição de Maria Santissima, com a recommendação de seguir para aquella capital do mundo christão, embora fosse achar já o concilio terminado. Pouco depois S. Magestade lhe mandou declarar, que se deixasse ficar na sua Diocese, visto não ser possivel ir em tempo de assistir ao concilio, que tinha de celebrar-se em 8 de Dezembro desse mesmo anno.

Compensou-se porem do pezar de não ir a Roma, publicando em sua Diocese o Dogma sobre tão alto assumpto, com magnificencia e pompa nunca vistas, no prefixo dia 8 de Dezembro do anno seguinte.

Toda esta cidade de San'Luiz ostentava-se radiante de prazer! O venerando Prelado convidou aos seus diocesanos para festejarem esse dogma; suas vozes encontrárão echo em todos os corações: levantarão-se arcos triumphaes, desfaldarão-se nos ares bandeiras e signaes, e enfeitarão-se as ruas e praças. Innumeros foguetes, como demonstração de regosijo e geral enthusiasmo, fendião o ar; a artilheria com seu ribombo porfiava em levar bem longe essa tão grata noticia; espargião-se pelas ruas flores mimosas, cuja fragrancia embalsamava a atmosphera; por tres noites consecutivas os habitantes illuminarão suas casas com gosto e variedade, durante as quaes uma grande multidão de pessoas de ambos os sexos e hierarchias em diversos grupos percorrião as ruas, entoando alegres hymnos e ovações ao som de musicas militares e civicas, e dirigindo-se todos pressurosos e cheios de prazer ao paço episcopal, afim de saudar o virtuoso Pastor, e com elle congratular-se por mais esse tão brilhante quam incomparavel triumpho, que acabava de obter a nossa, e unica, verdadeira religião.

Findamos aqui este capitulo, porque vamos acompanhar o Exm. e Revm. Sr. D. Manoel em suas seis viagens, feitas no espaço de nove annos, pela sua extensa Diocese, sendo que todas ellas forão concorridas de incommodos, oneradas de trabalhos, algumas até com risco de sua preciosa existencia; o que tudo soffria com heroica resignação e prazer, e como solicito medianeiro entre o ceo e a terra, orando sempre por seus filhos, offerecendo por elles dons e sacrificios, e buscando assim salvar a tantas ovelhas, que pelo peccado arredias, andavão extramalhadas do aprisco do Senhor tres vezes Santo!

(*Continúa*).

Nota Official dirigida a Monsenhor Azeglia, Ministro da S. Sé em Pariz, pelo Cardeal Secretario de Estado Antonelli, por occasião da publicação da brochura — França, Roma e a Italia.

(Conclusão do n.° antecedente.)

Segue-se o segundo ponto, que é o Vicariato das Romagnas. A este respondeu o Santo Padre por uma co-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

rajosa recusa, e vejamos, se estava no seu direito. Quanto a *mim*, não sei, em verdade, como o autor da brochura concilia no seu animo o papel, que attribue ao imperador, encarregado de proteger o poder temporal do papa, com a cessão das Romagnas, que se aconselha. E' na verdade singular a protecção, que permitte a espoliação, posto que encoberta e parcial, do protegido, e que se queixa, de que este ultimo a não favoreça pela sua propria condescendencia. A brochura observa, que não podia proceder-se de outra fórma, porque a recuperação das Romagnas se tornára impossivel. Quem podia effectual-a? A Austria vencida não o ousava; a França victoriosa não o devia praticar, para não violar seus principios; o soberano pontifice tambem não por falta de soldados. Deliberadamente me abstenho de investigar as circumstancias, que impedião a Austria; direi somente, que não se comprehende, como a França devia deixar de o fazer, depois de haver assumido a protecção do dominio temporal da Santa Sé, como a propria brochura confessa. Se a protecção comportava a presença das tropas francezas em Roma, não se vê, porque não podião estar em Bologna.

Accrescentarei emfim, que o soberano pontifice podia recuperar as Romagnas, porque contava com um exercito sufficiente; e se o não fez, o autor da brochura deve sabel-o melhor do que ninguem, é porque o impedirão formalmente.

Mas, admittindo que o conselho dado pudesse combinar-se com o papel de protector, quem não vê por outro lado, que a sua acceitação não podia combinar-se com a consciencia do Santo Padre? Já demonstrei no citado despacho de 29 Fevereiro de 1860 as razões justificativas da recusa; mas desejo recapitulal-as aqui. Essa acceitação não era compativel com a consciencia do Soberano Pontifice, porque o principio allegado para a cessão póde ser invocado para o despojar virtualmente do resto dos seus Estados. Não se concilia com a consciencia do Santo Padre, porque elle se acha ligado por solemnes juramentos ante a Igreja de transmittir integralmente ao seu successor esse Estado, que pertence á Igreja, e na integridade do qual todo o mundo catholico é interessado, como provão as manifestações brilhantes de todos os fieis. Não se concilia com a consciencia do Soberano Pontifice, porque abandonaria a terça parte dos seus subditos á tyrannia de uma facção immoral e irreligiosa, que os teria sacrificado nos costumes e na piedade, como a experiencia fez ver sem replica.

Ainda que fosse um principe secular, com semelhante perspectiva, não poderia em boa consciencia fazer semelhante cessão. Como pois realizal-a o principe soberano da moral catholica? Quem ignora outrosim em presença da historia o, que ha acontecido á Santa Sé por causa desses vicariatos? E o Piemonte não apresenta nos ultimos tempos um novo exemplo de perigo? Admittir allusão de uma tal combinação seria erro imperdoavel. Não passa de uma irrisoria invensão para encubrir uma verdadeira abdicação, verdadeira debaixo de um nome falso.

Foi pois com amplo fundamento, que se rejeitou a garantia offerecida ao Santo Padre para o resto dos seus Estados, logo que acceitasse a proposta do vicariato, porque sem fallar do resto, elle teria de per si fixado o preço de uma abdicação, que, apezar de disfarçada, é sempre inadmissivel, não se podendo aliás comprehender o motivo, porque a Europa, disposta a garantir os dous terços dos Estados pontificios, deixava de os garantir na sua totalidade.

Obliterada a questão do vicariato, o que resta para provar a obstinação da Santa Sé? Só resta a proposição de um corpo de exercito fornecido pelas potencias catholicas, para manutenção da ordem nos dominios pontificios, a de um subsidio pecuniario dado pelas mesmas potencias, e o pedido da prompta promulgação das reformas convencionadas. Ora, quanto á promulgação das reformas, já assignalámos os motivos, porque não era conveniente; é inutil repetil-os. Quanto ao corpo de exercito, não foi recusado, respondeu-se somente, que Sua Santidade acceitaria com mais reconhecimento, não o *direito*, como se allega na exposição, mas a facilidade de engajar por sua conta, nos diversos paizes catholicos, voluntarios, que se prestassem á defeza da Igreja. E' obvio por outro lado o, que seria mais conveniente, já para evitar as rivalidades entre corpos dependentes de differentes potencias, já para manter mais plenamente a independencia pontificia, já emfim para evitar complicações nas relações, em caso de guerra entre as potencias, que fornecessem os contingentes.

Finalmente, pelo que toca á acceitação dos subsidios, cumpre observar, que, sem tomar em conta outros numerosos inconvenientes em prejuizo da independencia e da dignidade do Soberano Pontifice, ella teria tambem a apparencia de uma compensação pelo esbulhamento do territorio. Por isso o Santo Padre, a exemplo de seus illustres predecessores, preferio o obolo espontaneo dos fieis, que pretendessem soccorrer Jesus Christo na pessoa de seu Vigario. O obolo do pobre é mais honroso para o Santo Padre, na condição á que o reduzirão a perfidia e a ingratidão, do que o ouro offerecido pelas potencias da terra.

Reduzamos aos termos mais precisos os artigos de accusação. Pondo de parte as asserções gratuitas, as calumnias manifestas, e os factos estranhos ao assumpto, que pullulão na brochura, toda a obstinação, que condemna o Santo Padre, reduz-se a ter negado a prestar-se a uma abdicação prohibida pela consciencia; a ter differido, até que as provincias revoltadas entrassem na ordem, a promulgação das reformas ulteriores; a ter proposto o alistamento de um exercito proprio em lugar de tropas empregadas; a preferir o auxilio espontaneo dos fieis a um subsidio prejudicial, fornecido pelos governos, que nem todos, nem sempre, se achão dominados de intenções igualmente benevolas. E estes actos de firmeza, de nobre desinteresse, que parecerião a olhos não prevenidos dignos de grandes elogios, que excitárão, e excitão ainda, a admiração dos proprios hereges, affigurão-se ao catholico autor do opusculo merecedores de tanta censura, como não poderia apresentar maior, se escrevesse contra os verdadeiros responsaveis pelas lamentaveis desordens da actualidade.

E é isso precisamente o, que mais sorprehende. O governo imperial de França dera conselhos a Sua Santidade, e tambem os dera ao governo piemontez. Se o Santo Padre

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

é arguido pelos não ter seguido, o governo piemontez não se mostrou mais docil. Cumpre mesmo notar, que a par das recusas, que se podem chamar puramente negativas de Sua Santidade, o governo sardo fez recusas positivas. Sua Santidade não julgou opportuno attender a varias propostas do governo francez: o Piemonte, porém, levou a effeito muitas cousas, que aquelle governo publicamente declarava não querer. O governo imperial não queria, que se violasse a neutralidade dos Estados pontificios, e o governo piemontez respondia occupando as Romagnas. O governo imperial desapprovava as annexações, e o governo piemontez respondia realizando as. O governo imperial prohibio até com ameaças a invasão das Marcas e da Ombria, e o governo piemontez respondia metralhando o pequeno exercito pontificio, bombardeando Ancona por mar e por terra, e não observando as leis da guerra, admittidas em todas as nações civilizadas. O governo imperial insistia, para que se viesse aos preliminares de Villa-Franca, e ao tratado de Zurich, e o governo piemontez respondia menoscabando os preliminares e o tratado. Poderiamos ainda proseguir nesta enumeração, mas bástão as indicações apresentadas.

Agora, quem tal acreditaria! o autor da brochura, que exerce tão cruelmente a sua penna contra o Santo Padre, não acha um só vocabulo de desapreço para o governo piemontez! E todavia, devia esperar-se não só o estygma pungente para um alliado tão ingrato e tão compromettedor, como o convite á França para reprimir e castigar em definitiva essas temeridades. Mas nada apparece! Quem póde explicar semelhante attitude?

A explicação comtudo é mui natural, e a brochura nol-a dá na ultima pagina, quando diz:—*que o imperador dos Francezes não póde sacrificar a Italia á côrte de Roma, nem abandonar o papado á revolução*;—o que quer dizer, que cumpre sacrificar a côrte de Roma ás exigencias da peninsula; que cumpre destruir o dominio temporal da Santa Sé, porque serve de obstaculo á constituição e organização da Italia, e que importa fazel-o, para que o papado ou o poder espiritual não cáião aos golpes da revolução.

O autor do opusculo reflectio por acaso, que a Italia, a quem quer sacrificar o dominio temporal do pontifice, não terá outro senhor senão esse Piemonte, cujo governo se intitula revolucionario? o Piemonte, que invade os territorios dos, que não se lhe entregão; que leva o ferro e a carnagem aos povos, que recusão o seu jugo; que viola não somente a fé dos tratados mais solemnes, ora a pretexto da sua antiguidade, ora por mero capricho, mas ainda o direito das gentes; que emfim fornece armas e dinheiro para sublevar as massas, afim de que possão depois consummar o acto de rebellião contra os seus soberanos? E que differença estabelece o autor entre esse governo possivel, á que até aqui dá o nome de *revolução*, e o Piemonte tal qual é, tal qual se ha mostrado em quasi todos os seus actos? E que desgraça maior podia attingir o papado proveniente da revolução, que elle não tenha soffrido por causa do Piemonte?

E' em nome do rei de Sardenha, e de seus ministros, que os Cardeaes e os Bispos são presos, expellidos de suas dioceses, ou forçados a ausentar-se. E' em nome delles, que se extinguem as ordens religiosas, e que se impede aos, que são conservados, de communicar com seus superiores. E' em nome delles, que são inquietados por todos os modos os ministros do sanctuario, e que se chega a submetter á censura a predica da palavra de Deos. E' em nome desse governo, que se lança mão dos bens ecclesiasticos, e que se confisca uma grande parte em proveito do Estado. E' sob sua inspiração, que se aventa toda a especie de blasphemia nos jornaes, e se permitte a profanação das cousas sagradas nos theatros, ao passo que se põe mordaça na boca dos defensores da verdade e da justiça. E' emfim esse governo, que mesmo nas provincias pontificias, que acaba de usurpar, não permitte, que tomem posse os Bispos preconizados para as Sés vagas, salvo se se submetterem a condições contrarias aos seus deveres. Privando assim tantas almas de seus legitimos pastores, não se vê senão atacar cava vez mais a religião. A'cerca de cada um destes topicos V. Exc. achará mais amplos detalhes nos actos pontificios já citados, e nos meus anteriores despachos.

Entretanto, apezar de todos estes factos, e seja qual for a opinião do autor do opusculo, uma consideração nos tranquilliza, e é pensar, que tem contra si as asserções repetidas do seu proprio soberano, e dos ministros deste, o tratado de Zurich, em que são reconhecidos e admittidos como incontestaveis os direitos do Santo Padre, e a disposição unanime do orbe catholico.

Com o que até aqui hei brevemente expendido, V. Exc. póde conceber a idéa principal deste escripto. Tudo o que accumula de relações, de certo pouco diplomaticas, de anecdotas e de ditos apanhados nas ante-camaras, de ostentações exaggeradas, e de protestações religiosas, no momento em que vilipendia e injuria o chefe supremo da igreja, tudo isso não merece sem duvida, que eu perca tempo e trabalho em sua refutação.

Avulta porem uma allegação assaz grave, para que a não deixe passar sem algumas palavras de reprovação. Consiste em apresentar, como opposição á dynastia, que reina actualmente em França, o movimento dos catholicos Francezes em prol da Santa Sé. E' uma injuria, que se endereça á magnanima e generosa nação franceza, e que a fere no seu sentimento mais delicado, no que constitue o seu mais bello titulo de gloria, e seu immortal heroismo, isto é, na sua dedicação religiosa. Mas, para desmentir esta impudica calumnia, bastaria ver, que o movimento foi auxiliado em França por individuos ecclesiasticos e seculares, não menos illustres por suas virtudes e sciencia, do que pela sua sinceridade e franqueza. Attribuir a homens tão respeitaveis a baixa hypocrisia de se servirem do manto da religião, para encubrir seus designios politicos, é uma accusação de tal inconveniencia, que não acho vocabulo para exprimir o desprêso, que provoca.

Mas, visto que o opusculo associa principalmente uma parte do clero francez ao Santo Padre, fazendo-lhe a injuria de o representar como docil instrumento de astutos especuladores, induz-me a confundir tanta audacia com um unico raciocinio, que salta aos olhos de todos. O movimento religioso da França em prol da Santa Sé não foi

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

differente na realidade do, que se manifestou na Belgica, na Allemanha, na Irlanda, e n'outras partes. Um effeito universal presuppõe uma causa tambem universal. Cumprirá pois dizer, que toda a Europa se tranformou em uma grande *Vendée*? Se da França varias centenas de bravos vierão alistar-se sob a bandeira pontificia, dos outros paizes surgio um numero ainda mais consideravel.

Dir-se-ha talvez, que a opposição dynastica ao imperador dos Francezes levou essa magnanima dedicação aos generosos filhos das differentes nações? A quem dest'arte raciocinasse, seria perder o tempo tentar responder.

E' certo, que em França o movimento religioso em defeza do pontifice atacado produzio-se com mais vivacidade e ardor: mas a causa é mais nobre, do que pensa o autor da brochura. Deve procurar-se na justa apprehensão, que concebeu a França catholica de ver arrancar da fronte a auréola mais preciosa da sua corôa, correndo o risco de assistir á destruição da obra de Carlos Magno. Carlos Magno foi grande, por haver libertado e accrescido os dominios da Santa Sé, assaltados e invadidos por um rei lombardo, que ambicionava, como acontece hoje, a posse da Italia inteira. Ainda mais, Carlos Magno firmou a soberania pontificia na base mais solida, e fêl-a reconhecer pela Europa. Ora, hoje empregão-se todos os esforços, para que esta grande obra, que é o mundo catholico, e a gloria mais invejada e mais pura da filha primogenita da Igreja, cáia em ruina, em menoscabo das seguranças multiplicadas, publicas ou confidenciaes, como acima indiquei, pelas quaes o imperador dos Francezes e seus ministros declarárão, que o poder temporal não seria abalado, antes sim consolidado. E se querem achar outras causas a essa apprehensão, poder-se-hia talvez achal-as já na famosa proclamação imperial aos Italianos, feita em Milão, já na interpretação geralmente dada á entrevista do imperador dos Francezes em Chambery com um general piemontez, já na introducção do principio de não intervenção, entendido de modo que favorece a revolta, e obsta, a que as potencias catholicas acudão em defeza do Santo Padre, já na opposição ás medidas, que terião impedido efficazmente a sacrilega espoliação dos Estados da Igreja, já na exhibição de propostas inadmissiveis. Todas estas causas, para não fallar em muitas outras, ligão-se á recordação do, que occorreu no congresso, celebrado em Pariz no anno de 1856.

Concluo esta triste discussão, á que me provocou involuntariamente a audacia da brochura. Terminando, observarei, que, se é verdade, como se affirma na ultima pagina, que o Santo Padre está hoje privado de todo o soccorro humano (como o autor sabe melhor que ninguem) não perdeu ainda o auxilio de Deos; e Deos sem duvida é mais poderoso do que os homens. Aconteça o, que acontecer, o Santo Padre terá a consolação de haver sido fiel aos deveres de sua consciencia, e nesta quadra de tão profundo aviltamento e de tamanha perfidia, de ter com inabalavel firmeza proclamado e mantido á face do mundo os eternos principios da justiça e do direito. Este triumpho moral é seguro, e vale mais do que qualquer victoria material.

As considerações, que transmitto, servirão a V. Exc. de instrucção e norma, afim de que, sendo necessario, tenha meios de refutar as objecções do proceder da Santa Sé, inferidas da brochura mencionada. Tenho a honra, etc.— *I. Cardeal Antonelli.*

NOTICIAS DIVERSAS.

Posse de Bispados.

—Em uma carta, que recebemos do Rio Grande do Sul, datada de 29 de Março ultimo, lê-se o seguinte:

«S. Exc. Rvm. o Sr. Larangeira, por Portaria de 29 de Janeiro, nomeou governador do Bispado o Rvd. Vigario Capitular, nomeando-o tambem seu Procurador para tomar posse pessoal e real; tendo se effectuado este acto no dia 16 de Fevereiro, ás 4 horas da tarde, com grande apparato e numeroso concurso, assistindo o Exm. Presidente da Provincia com seus Ajudantes d'ordens, commandante das armas, officiaes Generaes, Deputados geraes e provinciaes, Camara Municipal, commandante e officiaes do 4.º batalhão, officialidade de policia, chefes das repartições, e todo o clero, que foi buscar o Governador á sua casa, e o acompanhou na volta com muitas pessoas distinctas, celebrando-se um solemne Te Deum.

«O Governo, que trata de resto tudo o, que é negocio ecclesiastico, não providenciou residencia para o Sr. Bispo, a custa da Mitra alugou-se-lhe então uma casa, que pareceu a melhor, com quanto seja pequena, e está inteiramente mobiliada; agora porém cuida o Presidente em alugar outra com mais commodidade, e paga pelos cofres geraes.

«Esperamos S. Exc até fins de Abril ou Maio, visto que na carta, que enviou com data de 31 de Janeiro diz:— que tem de fazer uma viagem á sua antiga Parochia, nos sertões da Bahia, na qual levaria pelo menos trez mezes».

—No dia 22 de Maio passado tomou posse do Bispado do Pará o Rm.º Snr. Arcediago, Raymundo Severino de Mattos, Vigario capitular durante a vacancia do mesmo, á vista da procuração do Exm. e Rm.º Sr. Bispo diocesano.

Ephemerides.

1861.

Janeiro.

—5—

—Eleição do Exm.º e Rm.º Bispo do Maranhão D. Manoel Joaquim da Silveira para Arcebispo da Bahia.

—14.—

—Eleição do Rm.º Abbade geral dos Benedictinos da Corte, D. Luiz da Conceição Saraiva, para Bispo do Maranhão.

Fevereiro.

—16.—

—Posse do Exm. Bispo de S. Pedro do Rio Grande do Sul D. Sebastião Dias Larangeira, por seu procurador o Rm.º Vigario Capitular P.e Juliano de Faria Lobato.

—Morte do Exm. Bispo de S. Paulo D. Antonio Joaquim de Mello, na cidade do Itú.

Março.

—18.—

—Preconização, no Consistorio em Roma, do Exm. Arcebispo da Bahia, D. Manoel Joaquim da Silveira, e do Exm. Bispo de Goyaz, D. Domingos Quirino de Sousa.

Abril.

—14—

—Sagração, na cidade de Marianna, em Minas Geraes, do Exm. Bispo do Ceará, D. Luiz Antonio dos Santos pelo respectivo Bispo, D. Antonio Ferreira Viçoso.

—21.—

—Sagração, em Petropolis, no Rio de Janeiro, do Exm. Bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa, pelo Exm. Internuncio Apostolico, Arcebispo d'Athenas, *in partibus*, D. Marianno Falcinelli.

Maio.

—22.—

—Posse do Exm. Bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa, por seu procurador, o Rm.º Vigario Capitular, Arcediago, Raymundo Severino de Mattos.

Junho.

—15.—

—Embarque do Exm. Arcebispo da Bahia, D. Manoel Joaquim da Silveira, da capital de S. Luiz do Maranhão para a de S. Salvador da Bahia.

—16.—

—Posse do Exm. Bispo do Ceará, D. Luiz Antonio dos Santos, por seu procurador o Rm.º Conego Visitador, Antonio Pinto de Mendonça.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO - 1861.

BPBL
Biblioteca Publica Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 212.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

QUINTA-FEIRA 17 DE JULHO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

Seminario episcopal.

—No dia 2 do corrente reunio-se no Seminario episcopal a Congregação dos respectivos Lentes, sob a presidencia do Mt.º Rd.º Sr. Conego Chantre, Reitor e Vice-Director dos estudos do mesmo, com o fim de verificar-se o estado de frequencia das aulas, e do progresso dos respectivos alumnos; e depois de conferido o ponto de todas as aulas, e á vista das informações dos Lentes, foi decidido pela Congregação, que ja tinhão perdido o anno lectivo, em vista do numero de faltas dadas, os seguintes alumnos:

Aula de latim.

Externo Raymundo Agostinho dos Santos.
» José Francisco Marques Lemos.
» Francisco d'Assis e Silva.
» Frederico dos Reis Albuquerque Junior.
» Sabino Joaquim da Silva Moura.
» José Felix Mendes.

Aulas de Rhetorica e Philosophia.

» *Diacono* Manoel José da Cruz.
» *Diacono* Manoel Viriato d'Araujo Bogea.
» Adolpho José Ferreira.

—Com quanto ja tenhamos dado uma noticia da sagração dos Exm.os Srs. Bispos do Ceará e do Pará, todavia, julgamos a proposito transcrever as ceremonias relativas á do primeiro, visto como vem ellas descriptas com toda a minuciosidade, que requer essa solemnidade tão magnifica do culto catholico, e no sentido ainda de dar aos nossos leitores uma historia dessa augusta funcção nunca vista neste Bispado.

Sagração do Exm. e Revm. Sr. Bispo do Ceará na Cathedral da leal cidade de Marianna

Dia 14 de Abril de 1861.

Logo que os Marianenses souberão da chegada das bullas, os habitantes d'essa cidade, que tinhão festejado a noticia da nomeação de S. Exc. assim como a da sua preconização em Roma, se preparavão limpando a frente de suas casas, e promovendo outras demonstrações obsequiosas para o grande dia 14. S. Exc. Revm. alem do aviso, que appareceu na folha da capital, fez convidar grande numero de pessoas da cidade de Marianna, assim como da capital da provincia. O nosso Exm. presidente deu suas ordens, para que no dia 13 marchasse para a cidade episcopal uma brigada, commandada pelo Sr. General Feu. Na vespera do dia 14 achava-se a cathedral primorosamente ornada, vendo-se um altar á esquerda do altar-mór, em frente do solio episcopal, bem paramentado; no corpo da igreja estava uma alta tribuna, sendo a da frente do altar-mór para as irmãs de caridade e suas educandas, e as dos lados para as familias. Em S. Pedro, via-se um forte com artilheria, e a competente guarnição; ao meio dia entrou a todo o galope um ajudante de campo, o capitão Cesar, que vinha pedir licença a S. Exc. Revm. para a entrada da brigada: então principiou o povo a apinhar-se nas eminencias e ruas, por onde ella tinha de passar, pouco depois appareceu em S. Pedro a vanguarda da brigada e a grande banda de musica do corpo policial, seguida do forte esquadrão de cavalleria da guarda nacional, commandado pelo major Severino, a companhia de artilheria, commandada pelo capitão da mesma arma Valerianno Manso, o corpo de guarnição commandado pelo tenente-coronel Rollemberg, o corpo policial pelo major Conceição, fechando a marcha a companhia de cavalleria de 1ª linha, commandada pelo tenente. Desceu pela rua nova e por outras ruas até chegar á praça do palacio episcopal, cujas janellas estavão cheias de espectadores, occupando SS. Exes. Revms. a ultima salla particular. Depois de feitas as continencias e as attenções do estylo, marchárão para os quarteis, que lhes estavão destinados; o Sr. general Feu apresentou-se com o seu luzido estado-maior a SS. Exes. Revms. a quem SS. Excs. fizerão offerecimentos etc. S. Exc. o Sr. presidente da provincia, acompanhado do Sr. Dr. Couto, seu digno secretario, Dr. chefe de policia, ajudante de ordens, e outras pessoas, chegárão, quando a cidade principiava a illuminar-se. Notava-se um prazer geral e inexplicavel, as familias cruzavão as ruas, e as casas estavão abertas, como para receber a todos, e assim visitavão-se obsequiando-se mutuamente. A musica tocava, os sinos repicavão de espaço a espaço, subindo ao ar muitos fogos de artificio; o céo estava com um azul, que não se sabe pintar, matizado de estrelas as mais brilhantes, parecendo descer d'elle a alegria para os, que esperavão o desejado dia 14; assim se passou esta bella noute. A artilheria salvou ao amanhecer d'este grande dia, tremulando no forte de S. Pedro a bandeira nacional, a musica tocou na praça de palacio, pondo-se em movimento toda a cidade, descendo o povo como uma torrente de todas as estradas da cidade.

O Rvm. Sr. Bispo com a delicadeza, que lhe é propria, quiz, que S. Exc. o Sr. presidente da provincia consentisse, que o Sr. commandante da brigada, todos os officiaes e mais praças trouxessem uma veronica da SS. Virgem

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

pendente de uma fita. S. Exc. o Sr. presidente assim o ordenou, o que foi recebido com muita veneração pela brigada; no entretanto estavão as janellas da longa rua, por onde tinha de passar o prestito, todas guarnecidas de sedas e de espectadores. Erão quasi 10 horas, quando o Sr. presidente fez saber a SS Exces. Rvms. que tudo estava prompto; então sahio o prestito, indo os Rvms. Srs. Bispos, o Exm. Sr. presidente, seu estado maior, e grande numero de pessoas; principiárão a subir ao ar algumas girandolas, que com os repiques dos sinos de todas as igrejas, desafiavaõ ainda mais o respeito deste dia. A brigada achava-se postada no largo da Sé, e fez as continencias devidas á SS. Exces., o cabido esperava em grande distancia, tendo á sua frente o venerando Arcediago Rego. Ao entrar na cathedral a musica em grande orchestra cantava: *Ecce sacerdos magnus*. Não foi possivel romper-se o concurso, para chegar-se á capella do Sacramento, indo-se logo para a Capella-mór; o Exm. Sr. presidente occupou o seu lugar com o seu estado maior e mais pessoas. Principiou o grande acto, sendo assistentes os Srs. conegos Chantre Bemfica, o thesoureiro-mór Antonio Bernardino, o mestre de ceremonias do Rvm. Sr. Bispo sagrante, o Rd.º Vicente Ferreira, o mestre de ceremonias do sagrado o Rvm. Sr. Dr. Pedro Maria de Lacerda, Protonotario apostolico, e entre ellos o conego Rosario, que assistião, todos nos seus lugares destinados, o padre mestre do coro, Rd.º Casimiro, os capellães etc. A bancada dos conegos estava occupada por um grande numero de sacerdotes de capas d'Asperges, notando-se o distincto vigario de Cattas Altas, que não acceitou a mitra do bispado do Rio Grande, e o digno missionario apostolico, frei Francisco de Ottranto, muitos dignos parochos, o digno reitor do seminario, o Rd.º padre João Baptista Carnagliotto á frente dos seminaristas, havendo perto de duzentas sobrepelizes. Foi lida do pulpito por um conego a estensa bulla; ao lavatorio foi apresentar a toalha o Rd.º vigario da freguezia de Acaracú, bispado do Ceará, Antonio Xavier de Castro e Silva, como o representante daquelle clero. O ceremonial foi o mais tocante e augusto, que se pode imaginar. Ah! quanto é sublime e santo o grande acto da unção de um principe da igreja!

A Sanctus a brigada deu tres descargas de fuzilaria, e o forte salvou com vinte um tiros de canhão; quasi no fim da acção o Sr. Bispo sagrado offertou ao Sr. Bispo sagrante dous brandões, dous pães e dous barrilinhos de vinho, um dourado e outro prateado, assim como os pães, tendo todos estes objectos as armas de ambos os Srs. Bispos, simbolyzando estes pães e vinho a offerta, que, no estado da lei natural, o grande sacerdote Melchisedec fez ao patriarcha Abrahão; e durante o *Te Deum* o Snr. Bispo do Ceará, acompanhado do Revm. Dr. Lacerda, desceu com muita difficuldade por entre um concurso immenso, debaixo de nuvens de flores, que deitavão do alto das tribunas, voltando do tapa-vento, com difficuldade podia se beijar o annel, o que todos ambicionavão e pedião. Depois de findas as ceremonias retirarão-se com grande acompanhamento para a casa do commendador Anacleto Antonio do Carmo, em cuja praça recebêrão as continencias, e seguirão para o palacio debaixo de um chuveiro de flores. Meia hora depois sentarão-se á mesa, primorosamente servida, e com mais de cem pessoas, estando o Exm. presidente á direita do Sr. Bispo, e o do Ceará no centro. O Sr. presidente saudou aos Exms. Srs. Bispos de Marianna e Cerá, assim como o feliz bispado Cearense; o Exm. Sr. Bispo do Ceará respondeu com expressões as mais significativas da sua gratidão a S. Exc; o Sr. Bispo de Marianna saudou tambem o bom povo Cearense. O distincto Sr. Dr. Couto, secretario do governo, levantou os vivas áquellas, que se desvelão em soccorrer a humanidade enferma, e na educação das nossas jovens mineiras, &c., &c. foi correspondido com o maior enthusiasmo. Um outro saudou com muitos vivas á aquelle, que as mandou vir, o nosso Exm. e Rvm. Bispo, sendo as primeiras Irmãs de Caridade, que vierão ao Brasil, foi correspondido com muitos vivas. Houverão muitos brindes, que forão correspondidos com enthusiasmo. Foi saudado o Exm. Marquez de Caxias, o nosso Exm. presidente o saudou como um dos primeiros sustentaculos da ordem publica e da coróa Brasileira, e foi correspondido com o mais vivo enthusiasmo. O nosso Exm. presidente levantou os vivas a SS. MM. Imperiaes e augusta familia, e foi correspondido com mil vivas; a musica tocou durante o jantar escolhidas e variadas peças, assim como o hymno nacional, esta mesa foi renovada por muitas vezes.

A' noite illuminou-se a cidade, e brilhantemente o palacio e o seminario, cuja musica de estudantes tocava maravilhosamente, subindo ao ar grande numero de fogos. Houve theatro publico. No dia 15 o Rvm. Sr. Bispo do Ceará chrismou muitas praças da brigada, e muitas outras pessoas, tanto na capella do palacio como na Sé; á noite foi repetida a illuminação em toda a cidade.

Ao retirar-se a brigada os Rvms. Srs. Bispos mandárão agradecel-a, indo nesta commissão o Rvm. Sr. Lacerda, Protonotario apostolico, pelo quanto tinhão concorrido para o grande acto da sagração, e mandou acompanhal-a por tres commissarios seus.

O Exm. Sr. presidente esteve o mais satisfeito possivel, e satisfazendo a todos com a sua natural affabilidade. Em palacio haviaõ muitos sacerdotes, sem outro convite que não fosse o annexo da folha, assim como muitas outras pessoas de grandes distancias, e todas as casas da cidade tinhão hospedes.

As singularidades, que se devem notar, são: ter o nosso Exm. Sr. presidente, presidido a provincia do Ceará, e achar-se presidindo tão dignamente a de Minas, e por isso concorreo tão poderosamente para este grande acto, obsequiando aos Exms. Srs. Bispos e ao povo Cearense na pessoa do seu primeiro Bispo. Outra foi, ter sido testemunha viva um vigario do Ceará, do quanto é adorado pelos Mineiros o seu Exm. Bispo.

Emfim, a satisfacção foi geral, não se falla em outra cousa, mas já se principia a lamentar a saudade do muito sabio (sem ostentação) virtuoso, benigno e esmoller, o Exm. e Rvm. Sr. D. Luiz Antonio dos Santos, Bispo do Ceará, que é arrancado dos corações Mineiros, que por tantos annos tem reconhecido suas eminentes qualidades.

E vós, Rvm. Sr. ide já, que Deos assim é servido, ide felicitar o povo Cearense; assim elle saiba apreciar seu digno pastor, e na nossa saudade ficaremos consolados, tendo entre nós aquelle, que soube transmittir a V. Exc. Rvm. qualidades taes, que collocárão a V. Exc. Rvm. chefe da Igreja Cearense!

D. I. M.

(Do *Bem Publico*.)

Instituição canonica do Bispado do Ceará

O DIA 16 DE JUNHO DE 1861.

E' sob a mais grata impressão de prazer, que traçamos hoje estas linhas, para darmos ao povo Cearense a lisongeira noticia, de que teve com effeito lugar no dia 16 deste mez a inauguração deste novo Bispado, como annunciámos em nosso n. 454. O acto teve lugar conforme o ceremonial enviado pelo Exm. Prelado, e com toda a solemnidade, que foi possivel preparar-se em tão poucos dias. O concurso foi extraordinario, e o mais brilhante, que

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

nesta capital se podia esperar. Todo o funccionalismo publico, desde o Exm. Sr. Presidente da Provincia, Dr. Manoel Antonio Duarte d'Azevedo, até o ultimo empregado, concorreu e assistio, além do povo, que affluia em ondas, e dava todas as demonstrações do seu regosijo. O clero foi, que compareceu em menor numero, mas não era tambem possivel ser mais numeroso, porque o não ha. Dos sacerdotes residentes nesta Capital, só um, o Rvm Sr. conego Manoel Roberto Sobreira, não compareceu, por achar-se infelizmente muito enfermo, ha mais de um mez; e dos de fora vierão todos aquelles, que as distancias permittirão. Nestas circumstancias, reunirão-se apenas treze sacerdotes e um religioso leigo, cujos nomes julgamos conveniente mencionar: eil-os Os Srs. Rvm. Governador do Bispado Antonio Pinto de Mendonça, Procurador e Delegado do Prelado, conego Antonio de Castro Silva, Padres Antonio Nogueira de Braveza, Antonino Pereira de Alencar, Hypolito Gomes Brasil, Manoel da Vera Cruz, Luiz Vieira da Costa Delgado Perdigão, Galindo Firmo da Silveira Cavalcanti, José Ferreira Lima Sucupira, Vigario do Aquiraz, Mathias Pereira de Oliveira, Vigario de Maranguape Pedro Autunes de Alencar Rodovalho, coadjutor da mesma freguezia José Ignacio de Moraes Navarro, Fr. Constantino de S. Maria dos Anjos. e Padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar, Vigario desta Capital. Concluido o acto religioso, o Rvm. Sr. Governador do Bispado, o Exm. Sr. Presidente da Provincia, Clero, nobreza, tropa e povo, dirigirão-se ao Palacio Episcopal, onde o Exm. Sr. Presidente mandou fazer as continencias militares, em honra do Prelado ausente, em nome de quem se acabava de pronunciar, diante do Deos vivo, a doce palavra da nossa independencia Ecclesiastica, tão instantemente reclamada pelo bem espiritual deste bom povo,e ha longos annos projectada. Sim,ha longos annos projectada, porque já nas côrtes de Lisboa o Deputado por esta Provincia, que foi depois Senador do Imperio, Padre José Martiniano d'Alencar, apresentou esse projecto da creação aqui de um Bispado, projecto que veio a servir depois como uma das razões, em que se fundou a commissão Ecclesiastica da camara dos Deputados para fundamentar aquelle, que ella apresentou e felizmente passou.

Do palacio Episcopal, foi-se pouco a pouco dispersando a immensa concurrencia, que a elle havia affluido, á excepção do luzido acompanhamento, que foi deixar o Sr. Presidente da Provincia em seu palacio. S. Exc. teve a delicadeza de convidar nesse dia a algumas pessoas de distincção para jantarem com elle, e, na occasião da mesa, dirigindo-se ao Vigario desta Capital, saudou, com as expressões as mais lisongeiras e respeitosas, ao Prelado ausente, o Exm. e Rvm. Sr. D. Luiz Antonio dos Santos, e a nova éra de bençãos, que principiava para o Ceará, saudação, que foi correspondida com o mais profundo acatamento por todos os,que alli se achavão. S. Exc. manifestou ainda a gloria, de que se achava possuido, de ser em sua administração, que se realizasse tão fausto e glorioso acontecimento para o povo Cearense. A' noite o Sr. Governador do Bispado offereceu tambem um esplendido chá ao Clero assistente, e ás pessoas da mais elevada cathegoria. A cathedral, o palacio do governo, o Episcopal, as repartições publicas, e a mór parte das casas particulares se achavão illuminadas,e o prazer transbordava de todos os corações. Assim terminou este dia memoravel para esta Provincia, que fica na grata espectativa de outro igualmente glorioso, o da chegada do venerando Prelado, que vem com sua benção sellar nossa plena satisfação e ventura.

(Do *Commercial*.)

BIOGRAPHIA

DO

EXM. E RVM. SNR.

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

ARCEBISPO DA BAHIA.

DUAS PALAVRAS (1)

A amizade, que sempre consagrámos ao Exm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, nos aconselhou a escrever este opusculo.

A gratidão nos levou a dal-o á luz.

Não o escrevemos cheio de pretenções, forão palavras nascidas do coração, assim como chegavão á nossa mente, assim corrião dos bicos da penna.

Se estes dois motivos não são sufficientes para defender-nos de accusações immerecidas, invocamos a bondade de nossos leitores, e de animo docil submetemo-nos a qualquer censura sendo justa e até agradecemo-la.

Vale.

Conclusão.

(*Vem do numero passado*).

III.

O exemplo dos Bartholomeus dos Martyres, Caetanos Brandões e outros muitos bispos, visitando suas dioceses, é quadro,que desperta nobres desejos,e excita a curiosidade.

Imitando a esses grandes varões, cujos nomes brilhão na historia da humanidade, resolveu o Senhor D. Manoel, ainda em desempenho das arduas obrigações de seu espinhoso encargo, deixar o conchego de sua casa, o amor de suas queridas e virtuosas irmãs, e os commodos da cidade, e emprehender viagens pelo interior da provincia, expondo assim sua vida e conservação por esses sertões, por esses rios, por esses campos, d'onde se desprendem miasmas mortiferos.

A cidade de Alcantara, para onde S. Exc. partiu em 30 de Setembro de 1852, foi a primeira vez, que recebeu tal honra.

Fazião vinte e dois annos justos,que aquella cidade, aliás tão perto da capital, não era visitada !

No dia primeiro de Outubro fez sua entrada solemne na igreja matriz, dirigio a palavra sempre florida, eloquente e cheia de uncção, aos seus ouvintes, e por esse meio infiltrou no coração de todos o suave balsamo da esperança, quando disse, que: «Jesus Christo tinha morrido no alto do Golgotha com as costas voltadas para esse povo Deicida, que o tinha abandonado, com os braços abertos, e a Face voltada para o meio dia do mundo. E' a vós, meus amados filhos, que Elle chamava: E' em seu Nome, que hoje appareço no meio de vós. Preposto pelo Espirito Santo para reger esta parte do rebanho, que Jesus Christo adquirio com seu precioso sangue, vim para chamar aos peccadores, para curar a enfermidade de suas almas, porque os,que estão bons, não tem precisão de Medico; assim como Elle ouvio ao Ladrão, absolveu a Magdalena,e perdoou a adultera, tambem eu venho ouvir aos peccadores, absolver seus peccados, e perdoar seus delictos.»

Não forão estas vozes lançadas no deserto; porque durando a visita apenas dez dias, S. Ex. confessou a novecentas e quatro pessoas, chrismou a duas mil cento e oitenta e seis, instituio uma missão, mandou celebrar casamentos, e visitar a todas as Igrejas, Capellas, e Oratorios; no dia 11,á bordo do brigue Escuna de guerra *An-*

(1) Reproduzimos hoje este trecho, porque o que foi publicado no n.º passado sahio incompleto.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

dorinha, recolheu-se á capital coberto de bençãos, e acolhido fervorosamente pelos seus filhos, que ja o esperavão impacientes.

Pouco porem foi o tempo para descançar, pois em 22 de Dezembro do mesmo anno, ás dez horas da noite, embarcou-se no mesmo brigue Escuna *Andorinha*, com direcção á villa do Tury-assù, cuja freguezia é a ultima do Bispado, ao Norte, e por onde ella entesta com o do Pará.

Soffreu muitos incommodos por causa do vento, que era rijo, e que cavava muito o mar, e sempre em augmento, á proporção que o brigue caminhava.

No dia, em que a Esposa do Cordeiro sem macula celebra o Seu Santissimo Natal, S. Exc. abriu a sua visita com as solemnidades do costume, sendo para notar-se, e diga-se para maior gloria delle, que era a primeira vez, que nestas regiões ouvia-se a voz de um Pastor.

Foi tal a força da palavra evangelica, que em quatro dias S. Exc. chismou setecentas e vinte e cinco pessoas, baptizou treze parvulos, e uma adulta indigena, celebrou dous casamentos, e deu auctorisação, para que se effectuassem mais oito.

Muitas sympathias ali conquistou, pois que partindo em 30 de Dezembro, á alta hora da noite, o povo, e as pessoas mais gradas, até mesmo muitas senhoras, forão á praia dizer-lhe o ultimo adeus.

Foi viajando pelo rio Tury, e vendo os magestosos mangues, que vestem as suas margens, que S. Ex. disse estas palavras, que são conselhos não para desprezar-se, e ao mesmo tempo um vaticinio, que por Deos se ha de realizar:

«Então pude admirar o lugar, por onde ia, e a multidão de ramaes ou igarapés do rio, outros tantos mananciaes de riqueza desprezada á falta de braços, que é o maior mal, que pesa sobre o Maranhão, o qual o seu clima parece afugentar, talvez porque se faça do seu vigor uma idéa mais exaggerada, do que na realidade é, em comparação do calor, que se sente na Africa em parallelo igual: mas dia virá no correr dos tempos, em que estes lugares desertos, onde se não vê um só vestigio de artificio humano, se tornem povoados, quando nós formos melhor apreciados, quando os povos, que regorgitão nas partes da Europa sem meios de vida, se desenganarem, que o Brasil é um paiz civilizado, que lhes offerece todas as garantias de paz, de segurança e de prosperidade, vierem procurar na nossa terra o, que lhes falta na sua, então as aves aquaticas, que hoje habitão essas margens, hão de ceder o seu lugar ao homem industrioso, e uma nova era se abrirá para este paiz mimo da natureza.»

E sem duvida é—mimo da natureza—pois vendo S. Exc. os campos de Cururupú, e admirando as diversas linhas de arvoredo, os grupos ou montas de palmeiras, que juncão esse lugar, tecidas de um sem numero de parasytas, e contemplando em um bardo uma tão linda, tão magestosa como a palmeira real, e a ella semelhante pela fórma de seu tronco, pela sua elevação pyramidal, pela sua corôa, e pelas suas palmas, exclamou, cheio de satisfação, como um illustrado naturalista: «oh! se Linneo se achasse neste lugar, como ficaria extasiado! elle que suspirava por vêr uma palmeira dos tropicos, tendo diante de seus olhos uma multidão d'ellas, tão variaveis, tão bellas!»

Na villa de Cururupú demorou-se cinco dias; chrismou a 1,657 pessoas, baptizou 22 innocentes, dispensou impedimentos para o matrimonio, e, como em toda a parte, fez de seus labios ouvir a palavra de Deos.

No dia 11 de Janeiro, já de 1853, sahio de Cururupú; a principio a viagem foi por mar, e depois por terra, e tendo atravessado algumas leguas, chegou á villa de Guimarães, onde no dia 13 abriu a visita, que foi encerrada á 24.

Ampla foi a colheita, que S. Exc. ahi fez:—1,510 pessoas se confessárão e recebêrão o Pão dos Anjos; 61 forão lavadas na agua do baptismo; 4,902 forão confirmadas nesse sacramento, e 74 unidas pelos laços do matrimonio.

Quando o Senhor D. Manoel principiou a viajar por terra, sahiu-lhe ao encontro um pobre camponez, e com sinceridade filha de bondade lhe disse: «Senhor! eu queria fazer-vos um presente, mas eu não tenho uma cousa digna de vós; acceitai-me esta pequena offerenda como signal de meu affecto; é tudo, quanto eu tenho, duas pequenas moedas.»

—«Meu filho, responde-lhe o venerando Pastor, é melhor, que vos faça eu offerta desse genero.»

—«Não: replicou o camponez, contento-me com a vossa benção.»

Corre o tempo, chega o momento da partida, são tantas as lagrimas na despedida, como festas e alegrias na chegada.

No dia 26 do mesmo mez sahiu de Guimarães; demorou-se em San'João de Cortes, e vindo para Alcantara, ahi foi accommettido por violenta febre, que tomou o caracter maligno. O fim deste mez foi tambem o fim das saudades, que pelo seu amado Pastor sentião os habitantes de San'Luiz, pois elle era chegado a esta capital ainda no brigue escuna de guerra *Andorinha*.

Assim terminou-se esta segunda viagem de S. Exc., da qual escapou com vida, graças á Misericordia Divina, que nelle tem um dos seus mais incançaveis trabalhadores.

Poucos mezes apoz, em 19 de Setembro do mesmo anno, lá se foi pelo rio Itapecurú o Senhor D. Manoel, em busca de almas para salvar, atravessando o indomito, e nunca assaz temido, Boqueirão!

Demorou-se na villa do Rosario, onde baptizou a 24 parvulos, fez 14 casamentos, chrismou 2,312 pessoas, e despediu-se aconselhando em uma brilhante oração a «necessidade de temer a Deos, de O amar sobre todas as cousas, afim de sermos felizes nesta vida transitoria, e alcançar a bemaventurança na outra» concluindo por aconselhar igualmente aos pais e mães de familias, que «não se descuidassem de dar a seus filhos, e especialmente a suas filhas, uma educação solida, baseada nos principios religiosos do catholicismo, e que não s'esquecessem de praticar o mesmo para com seus escravos, que tambem devião ser considerados como filhos, e como taes merecer-lhes um cuidado e uma solicitude toda paternal.

Demorou-se na freguezia de N. S. da Lapa e Pias do lugar de San'Miguel, em Pae Simão, e no Itapecurú-mirim, onde a sua chegada foi festejada, havendo tres dias de luminarias. Ahi foi de novo atacado por febres intermitentes, que o aconselhárão á regressar á capital, depois de comtudo haver chrismado a 156 pessoas, e baptizado 28 parvulos.

Felizmente, em 27 de Outubro, recolhia-se S. Exc. á sua habitação, descançando de suas fadigas, desejado pelos filhos, que deixou no rio Itapecurú, e saudado pelos que encontrou n'esta capital.

Muito já havia feito o Senhor D. Manoel; mas elle ainda achou pouco; a fé o —animou, a esperança o—guiou a levar a luz da Religião por outra visita, que principiou em 27 de Dezembro do anno seguinte pelas freguezias da Ilha do Maranhão.

Da de Vinhaes partio para a villa do Paço de Lumiar; «o trajecto foi mui agradavel, o Ceo estava limpo, a manhã serena e bella; passou lugares bem pittorescos, em que brilha essa vegetação pomposa e constante, que se

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

admira nas regiões intertropicaes; e, aqui e alli, no cimo das verdejantes arvores a familia alada saudava com seus gorgeios alegres o astro do dia, que irradiante assomava, espalhando por sobre a floresta seus raios matutinos, ensinando aos homens a louvar o Creador, e a dar-Lhe graças pelos immensos beneficios, que d'Elle recebemos, conservando-nos á vida, a qual se vinha ajuntar mais um dia »

No primeiro do anno de 1855 sahiu o Senhor D. Manoel da villa do Paço, dirigio-se á freguezia de San'José, do logar dos Indios, e n'esse sitio tão pobre, todos s'empenhárão por obsequial-o; e o Senhor D. Manoel abundando em gratidão disse: «sensibilizou-me excessivamente o empenho, que fazia este povo simples em me obsequiar, offertando-me uma cousa qualquer, que possuisse, o que eu recebia com maior complacencia, do que se me offerecesse aromas preciosos, o ouro puro de *Ofir*, e as perolas mais finas do Oriente; estes são dons da riqueza, aquelles do coração.» Ainda mais se elevou com estes actos de delicadeza, porque restituir a um infeliz um presente, que faz, é humilhal-o, é fazel-o medir toda a sua miseria, como bem disse *Alfredo de Vigny*.

O nobre coração do Senhor D.Manoel, apreciando mais a miseria do pobre do que as perolas do Oriente, é semelhante ao pote de ouro de *Budhá*, que não pode ser enchido pelos ricos, por mais flores que lhe lancem, e no entanto os pequenos ramos dos pobres o repletão.

D'ali seguiu para San'José de Ribamar, voltou a Vinhaes, regressou á capital, d'onde tornou a sahir, passados dous dias, para a freguezia de San'Joaquim do Bacanga, onde está o canal do Arapapahy, projectado desde 1750 no governo de D. João V, lembrado em 1756 no reinado de D. José I, e até hoje ainda não realizado, com bem pesar o digo.

Ahi na Igreja Matriz celebrou varios actos de seu Augusto Ministerio, e depois recolheu-se no dia 8 á capital, cercado de attenções e de amor de seus filhos.

Quasi dous annos passados, em 21 de Dezembro de 1857, novos trabalhos iniciou com a visita á cidade de Vianna.

Ao largar o barco, que o conduzia, encalhou em uma das coroas do porto, achando-se d'est'arte em perigosa situação; Deos, porém, o tirou de tão imminente risco, e o livrou das *pororocas*, expectaculo tão magestoso como formidavel.

Navegando pelo Mearim, seu genio observador lançou-se na contemplação da natureza; admirando prados amenos, ferteis campinas, e pastagens viçosas; assim sobre isto discorreu: « Os campos de Vianna tem nomeada, quando seccão as aguas, que os alagão na estação invernosa, a terra se cobre de um verde tapete matizado de flores, estendido pela Mão de Deos por essas vastas planicies, em que nem ao menos um comoro se divisa em beneficio e utilidade do homem, o que elle bem pouco aprecia, porque na verdade, quasi nenhum proveito tiramos de tanta uberdade e riqueza, de que o SENHOR dotou a nossa formosa terra.»

No dia 23 em alta hora da noite foi recebido com grande alegria pelos Viannenses; e em um de seus sermões o Supremo Arbitro rociou com o orvalho de sua graça as flôres da eloquencia d'elle, imprimindo n'ellas uncção e vigor da frase de Deos, que derriba os cedros, e abala o deserto, a ponto de n'essa occasião converter-se um Protestante, natural da Prussia, que o ouvio.

Não contente ainda com tanta lida, foi visitar nos carceres, em que jazião, os infelizes presos, ahi os foi consolar em sua adversidade, excital-os ao arrependimento de seus peccados, por isso que o cofre da misericordia Divina é igual ao vaso de Barisel dos antigos Francos, que não podia ser enchido pelas aguas de todas as fontes, rios e marés, e que uma só lagrima de arrependimento basta para transbordal-o.

A 30, seja dito com orgulho para a humanidade, o venerando Pastor sahio de sua habitação, dirigio-se silencioso á morada da desgraça, onde jazião os infelizes lazaros, que no rosto tinhão estampado o ferrete da cruel molestia, separados da povoação, e só procurados pelo Senhor D. Manoel, pois que a caridade é como o sol, luz para todo o mundo.

O Senhor D. Manoel, semelhante ao guerreiro, que não teme a morte, affronta os perigos, dirige-se só por um atalho, surprehende os morpheticos em pequenas casas de palha, cobertos de andrajos, e cheios de privações, senta-se em suas camas, ouve-os, anima-os com a esperança, unica fortuna do desgraçado, aponta-lhes para o ceo, onde Deos conta as lagrimas dos, que soffrem, e quando se retira, vê quasi todos derramando lagrimas de compunção, porque o pobre, como diz o Dr. Goldsmith, que nada tem, que offereça, dá uma lagrima, a qual muitas vezes é o dom mais precioso, assevera o Conselheiro Bastos, que se pode dar a um amigo, e o nosso Bispo era amigo d'elles, sentio suas dôres, e misturou com elles seu sentido pranto, que fez reviver essa raiz de fé, que ha no coração de todos os homens, e que só a morte seeca.

Este acto foi solemne: tem em si tal nobreza e tal grandeza, que narrado só e unicamente é um dos melhores hymnos, que se pode tecer em honra de tão caritativo Pastor. Não devo demorar-me mais nesta viagem, que terminou-se em 6 de Março do mesmo anno.

A's dez horas da noite de 10 de Outubro de 1859, principiou nova viagem com destino á Therezina, capital da provincia do Piauhy.

Descançou trabalhando nas villas de Itapecurú-mirim, Coroatá e Codó, e por toda a parte foi acolhido sempre com prazer e com as honras condignas de sua elevada posição.

Navegando pelo Itapecurú, S. Exc. descreve assim as suas bellezas:

«Logo aos primeiros arreboes solares as margens elevadas do Itapecurú ostentavão a sua natural belleza, cuja graça redobrava o astro do dia com o reflexo de sua luz afogueada, dos galhos das arvores, que as bordão, pendem, ludibrio dos ventos, grinaldas de flores de côres variegadas, que brotão das trepadeiras parasytas, que se enrolão e nutrem nos troncos das arvores; parece, que vamos em uma rua de jardim, e este espectáculo não visto nas cidades m'encanta e enleva.

Como é bella a manhã n'estas paragens solitarias! »

Em Caxias demorou-se por alguns dias, e depois seguiu para a Therezina, e ao vel-a de longe sentio o Senhor D. Manoel a mesma emoção que Chateaubriand, quando em sua viagem a Jerusalem, ao amanhecer de 30 de Setembro de 1806, ouvindo ruido de vozes, e perguntando o que era, lhe respondêrão, *Signor, il Carmelo!*

O que ahi fez, como foi acolhido e despedido, se lê no seguinte artigo, que outr'ora escrevemos no *Expectador* de 28 de Dezembro de 1859: «Therezina, 25 de Dezembro. No dia 10 pelas cinco horas da tarde esta capital presenciou um facto, que talvez não se repita tão cedo.

«O nosso virtuoso, sabio e venerando Prelado, dando por concluida a sua visita, acompanhado pelo Exmo Sr. Presidente, por muitas authoridades, pelos officiaes do Exercito, e por muitos cidadãos distinctos, e de todas as classes, ia caminhando para a rampa.

«S. Ex. summamente commovido pelo brilhante aco-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

lhimento, que aqui teve, despedio-se de todos, e a todos abençoou, e por mais de uma vez surprehendemos em seus olhos uma lagrima, sem duvida de saudade, pelos filhos, que o amão, e que elle aqui deixa.

«As demonstrações de alegria, as provas de contentamento, que notámos no dia 17 do passado, tinhão desapparecido, o povo chorava, porque via partir o bemfeitor, que abria largamente sua bolsa para remil-o em suas necessidades, o Prelado, que foi á cadeia chorar com os presos, aconselhal-os, animal-os, e dar-lhes esmolas; o Bispo, que foi ao leito de dor dos enfermos da caridade, e do hospital regimental abrir ainda sua mão bemfazeja, e dar-lhes esperanças com o balsamo da Religião, que cura todas as chagas; o Sabio, sem impostura, que sahindo da cadeira da verdade, d'onde derramava, sem ostentação e sem vaidade, torrentes de erudição, não se desprezava de conversar largas horas com o analphabeto, sem dar demonstrações d'incommodo ou de aborrecimento!

«Era uma scena muito para ver-se: essas lagrimas, na frase de um filosopho inglez, pendentes dos olhos do povo, que nada tem, que dar, são a melhor prova de sua amizade e de seu reconhecimento, do seu amor e de sua gratidão.

« Nos *Annaes-historicos* desta provincia ficará sempre marcada a era, que vae de 17 de Novembro a 10 de Dezembro do corrente anno, e sempre será com saudades lembrada a visita, que n'esse tempo nos fez o Exm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, que deixou impressa em nossa mente a sua respeitavel memoria, e em nossos corações e no de todos os Piauhyenses muito amor e muita gratidão.»

Em 27 de Janeiro de 1860 saltou o Senhor D. Manoel na capital desta provincia.

Pelo que temos até hoje escripto, reconhece-se, que por toda a parte, por onde viajou, onde esteve, e onde demorou-se, geralmente foi recebido com enthusiasmo, reinou a alegria, divisou-se em todos os semblantes o prazer e contentamento, de que se achavão possuidos.

Tudo forão festas, tudo forão gallas, tudo forão contentamentos!

E por certo, todos se admirárão, todos se alegrárão descobrindo a bondade de seu coração, ouvindo as suas conversações cheias de variada instrucção e amenidade, observando o sabio despido de orgulho, presenciando actos de virtude sem impostura, vendo-o conciliar inimigos, dar bons conselhos a todos, terminar questões, e derramando sempre consolo pelas cadeias, onde foi chorar com os presos, dar á esses infelizes os confortos de nossa religião, ir aos hospitaes até dos lazaros, sentar-se em seus leitos de miseria, ouvil-os, animal-os, e sahir d'ahi banhado em lagrimas. e entre os labios ja saindo a oração, em que pedia a Deos alivio para esses entes tão infelizes, tão desgraçados, tão dignos de dó e piedade!

Não devemos passar em silencio, como exemplo para imitar-se, a maneira, porque S. Exc. na descripção de suas viagens, agradece a todos os, que o obsequiárão, tanto ao grande com suas liberalidades, como ao pobre com sua exiguidade, estimando a esta, porque Jesus Christo avaliou em mais as duas diminutas moedas, que a pobrezinha viuva lançou no gasofylacio, do que as offerendas dos ricos, porque elles offerecêrão á Deos d'aquillo, que tinhão em abundancia, e a infeliz, da sua mesma indigencia....

Registamos tambem este facto como singular, e que prova, que o Senhor D. Manoel foi só Bispo do Maranhão, e que viveu só e unicamente junto ao altar.

S. Exc. como Pae e bom Pastor, viveu sempre no meio de seus filhos, valendo-os quando era mister, e amando-os com ternura, e sem a menor distincção, e, sempre que podia, não cessava de recommendar-lhes a pratica das virtudes christãs, e de exhortal-os ao amor reciproco e á paz.

Assim sempre foi estimado por todos, e respeitado pelas authoridades, ao contrario do que succedeu com o seu antecessor, D. Fr. Timotheo do Sacramento, que, por questões com o Ouvidor geral, Matheus Dias da Costa, vio-se obrigado a deitar-lhe excommunhão, e forçado a levantal-a, porque o Ouvidor o prendeu em seu palacio, e cbtaipou-lhe as portas.

A' tanto chegou o seu escrupulo, que deixou de tomar assento na Assembléa Provincial, e nem acceitou o cargo de 1.º vice-presidente desta provincia, receiando ser arrastado para essas questões, de que sempre fugiu.

No meio da satisfação geral, com que o Senhor D. Manoel governava este Bispado, uma noticia bem cruel divaga por esta capital: Um varão sancto por suas virtudes, e respeitavel pelo seu saber acabava de baixar ao tumulo!

O Maranhão chorou a morte do Senhor Marquez de Santa Cruz, que na historia do Brasil occupa lugar distincto, e a sua dôr foi ainda mais aggravada, porque foi-nos arrebatado ao nosso amor, e de nossos olhos, mas não do coração, outro varão igualmente distincto, e que para nós não era um Bispo, e sim um Pae desvelado e caridoso, que na frase de um escriptor francez « é uma providencia na terra».

IV.

Os sinos das torres de todas as igrejas da capital do Maranhão com seus lugubres gemidos pelas onze horas da manhã de 21 de Janeiro deste anno de 1861, annunciavão aos christãos, que a morte com sua terrivel igualdade não respeitara as virtudes, o talento, o saber, e os valiosos serviços de um varão tão venerado, como era o Senhor D. Romualdo Antonio de Seixas!

O fio da existencia, que tinha principiado em Cametá, na provincia do Pará, findou-se em 29 de Novembro do anno passado na Bahia. Ainda o Senhor Marquez de Santa Cruz estava recebendo das mãos do Justo Juiz o premio de suas virtudes, e o povo bahiano regando de saudosas lagrimas o seu tumulo, quando em 3 de Janeiro do corrente chegou á corte tão infausta nova.

O vulto grandioso, que do pedestal de luminosa gloria sumio-se nas trevas do outro mundo, deixou vaga a cadeira do Arcebispado, onde por tantos annos brilhárão tantas qualidades distinctas e apreciadas.

Era necessario, que não se eclipsasse, e por isso a escolha devia ser muito meditada.

O povo com seu instincto sempre notavel, e que até parece inspirado por Deos n'essas occasiões de crise, olhou para o Maranhão, como o lugar, onde estava o balsamo para a sua grande dôr, o Pastor, que havia de enchugar-lhe o saudoso pranto, e o varão que tinha de ser o continuador do Senhor Marquez de Santa Cruz.

E o Augusto Monarcha, sempre propenso e solicito em bemfazer, ao longe ouviu suas vozes e clamores, e em 5 de Janeiro trasladou ao Exm e Rvm. Senhor D. Manoel Joaquim da Silveira, Bispo do Maranhão, para sental-o na cadeira Archiepiscopal da Bahia. O Maranhão recebeu semelhante nomeação com lagrimas de jubilo e de saudade ao mesmo tempo, pela lembrança, que teve o Monarcha, e pela retirada de seu bom Pastor: a Bahia porém só exultou de alegria.

Era a segunda vez, que do Maranhão se retirava o seu Bispo para tão alta dignidade, sendo o primeiro D. Fr. Antonio de San'José, que não chegou a tomar posse, em razão de ter sido, por motivos politicos, prêso dez annos no convento de sua ordem em Leiria, e depois fallecido em Lisboa, no anno de 1779, no convento da Graça.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

A perda dos bahianos estava mui bem substituida, e a pobreza contará n'elle um verdadeiro Pae, porque o que possue o Senhor D. Manoel não é d'elle, é dos pobres: elle dá esmolas em abundancia e sem orgulho, porque então não fructificarião no Céo, mas sim como um mysterio, visto que ás faz ás occultas: nenhum necessitado bate á sua porta, sem que esta não se abra, falla-lhe ao coração sem que este não se commova, e por isso as palavras de unecção e os bons conselhos, que a compaixão lh'inspira á dar, são, sem duvida, de um valor maior que a propria esmola: porque consola o pobre na sua angustia e vexame, e o—anima em sua desgraça.

Muitas vezes ouvindo a narração de seus actos de caridade, lembrei-me do Bispo de Pernambuco, D. Fr. Francisco de Lima, que fallecendo em 29 de Abril de 1704, achou-se-lhe apenas uma moeda de quarenta reis, como toda a sua fortuna!

Na capital do mundo catholico, no consistorio ahi celebrado aos 18 de Março do corrente anno, foi o Exm. Senhor D. Manoel preconizado Arcebispo da Bahia, e no dia 23 estavão expedidas as Bullas! Está, pois, breve o momento, em que tem de retirar-se do Maranhão: ausenta-se da vista dos maranhenses, mas seu Illustre Nome fica gravado em caracteres indeleveis n'alma de todos, e sempre será lembrado com saudade, porquanto, o tempo que tudo consome, não tem poder, como diz *Lamartine*, sobre a memoria da alma, a qual, com a immortalidade, que lhe é propria, faz resurgir aquella simultaneamente em todos os periodos do passado.

Um dia, quando a posteridade reconhecida com o pincel da verdade lhe pintar o retracto, basta para ser facilmente conhecido, que se leia no quadro, estas palavras attribuidas a Jesus Christo, nos *Actos dos Apostolos*:

Pertransiit benefaciendo.

FIM.

Trecho do Relatorio, que o Exm. Sr. Presidente da Provincia, Francisco Primo de Souza Aguiar, apresentou á Assembléa Legislativa Provincial, por occasião de sua instalação no dia 3 do corrente mez de Julho de 1861.

CULTO PUBLICO.

O Culto Catholico, que pela pompa e esplendor de suas ceremonias tanto influe na imaginação do povo, acha-se nesta provincia bem mal aquinhoado de recursos para a satisfação deste tão importante fim. O estado dos edificios, em que na maior parte das povoações do interior se celebrão os actos religiosos, é geralmente lastimoso; não é somente o ornato e a magnificencia, que lhes falta, é a mais estricta decencia, é o simples aceio, é até a segurança para as vidas dos, que os frequentão! De todos os pontos da provincia vem diariamente reclamações á presidencia neste sentido; mas os fracos recursos da provincia não permittem, que a ellas possa o governo satisfazer. As quantias annualmente produzidas pelas loterias, cujo producto consagrastes a este mister, são extremamente exiguas em comparação do grande numero de Matrizes, á que com urgencia se tem de acudir. O systema de distribuir todos os annos esse mesmo pequeno soccorro por uma multiplicidade de Igrejas, não permitte fazer em cada uma, com a insignificante quota, que assim lhe toca, senão mui insignificantes concertos, que pouco obstão ao progresso da ruina do edificio, e desapparecem em pouco tempo, sem deixarem o minimo vestigio. Mais conveniente seria, segundo me parece, que cada anno, d'entre as Igrejas, que mais carecessem de concertos, se escolhesse um pequeno numero, segundo a somma, de que se pudesse dispor, e se fizesse a completa reparação destas. Assim, e se tomardes a firme deliberação de não crear novas villas, ao menos senão em localidades, que já tenhão igreja de sufficiente capacidade e em bom estado, e todos os outros edificios necessarios para o exercicio das funcções publicas, se irá conseguindo proporcionar ao Culto os meios de ser convenientemente celebrado. Os proprios Parochos muito poderião auxiliar o governo, procurando reviver nas populações o amor da religião, que antigamente bastou, tanto aqui, como em todos os paizes christãos, para levantar esses sumptuosos monumentos, que ainda hoje se offerecem á nossa admiração. Concluirei, communicando-vos, que o Exm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, havendo recebido em 5 do proximo passado mez as Bullas, que o confirmavão Arcebispo da Bahia, em 6 participou-me achar-se vaga a Sé nesta Diocese, e no dia 15 seguio no vapor Paraná para o destino, a que o havião chamado a magnanimidade do Monarcha e as suas altas virtudes. Esta capital foi testemunha do mais pathetico e edificante espectaculo por occasião do embarque desse respeitavel Prelado. Erão respeitosos e agradecidos filhos, que se despedião de seu extremoso pai, que não contavão mais rever; era um carinhoso e venerando pai, que lançava sua derradeira benção a seus queridos e excellentes filhos!

SEMINARIO EPISCOPAL.

Omittiria este titulo, se não houvesse a noticiar-vos, que o seminarista José Raymundo da Cunha, que em Roma estava estudando Theologia com o auxilio, que lhe prestastes, participou haver concluido seus estudos, e tomado o grão de Doutor na respectiva Faculdade. Requerendo-me ao mesmo tempo, por intermedio de seu procurador, que lhe mandasse adiantar a consignação correspondente ao exercicio, que no presente mez começou a correr, com a condição de restituir aos cofres provinciaes a respectiva importancia em prestações successivas, como lhe fosse designado, allegando ser-lhe este soccorro indispensavel para poder effectuar seu regresso; eu achando de toda equidade a pretenção do dito seminarista, e attendendo ao seu merecimento, de que acaba de dar mais uma prova na brevidade, com que concluira estudos difficeis, nos quaes tinha aliás a faculdade de gastar até seis annos, conforme a faculdade por vós concedida no § 2.º do art. 27 do orçamento provincial, ora vigente, mandei-lhe abonar com as condições já expostas, a quantia de 1:000$ de reis, importancia de uma prestação annual.

EXPEDIENTE DO BISPADO.

Começa a correspondencia official do Muito Revd.º Sr. Conego Mestre-Escola, Luiz Raymundo da Costa Leite, Vigario Capitular do Bispado Sede vacante.

Junho de 1861.

11. Officio ao Illm. Sr. Dr. Chefe de policia interino desta provincia, communicando, que por achar-se vaga a Sé do Maranhão, pela trasladação do Exm. e Revm. Sr. D.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Manoel Joaquim da Silveira, Bispo da dita Diocese, para o Arcebispado da Bahia, procedêra o Illm. e Revm. Cabido á eleição d'um Vigario Capitular, na forma do sagrado Concilio Tridentino, recahindo a mesma eleição nelle, apezar de sua indignidade; o que communicava a S. S. pondo ao mesmo tempo á disposição de S. S. seus serviços publicos e particulares.

19. *Idem* ao Exm. Sr. Presidente do Piauhy, communicando, que vagando este Bispado no dia 7 do corrente pela trasladação do Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira para o Arcebispado da Bahia, e tendo por esse motivo recahido toda a jurisdicção Ordinaria no Illm. e Rvm. Cabido, houvera este por bem elegel-o, no dia 10 do corrente, seu Vigario Capitular, e que tendo prestado o juramento do estilo, entrára naquella data na administração do Bispado, em cujo caracter o acharia S. Exc. prompto a cumprir suas ordens, quer a bem do serviço publico, quer do particular de S. Exc.

—*Idem* ao Rvd. Commendador do Convento das Mercez. Fr. Manoel Rufino de S. Anna Freitas, intimando-lhe, sob pena de processo contra sua pessoa, para que se recolhesse quanto antes a esta capital, para responder sobre uma escriptura nulla, que celebrára o mesmo Commendador, hypothecando, ou penhorando, escravos do respectivo Convento, sem expresso consentimento do governo.

20. *Idem* ao Exm. Sr. Presidente da provincia, participando, que no dia 10 de Maio findo fallecêra o Padre Manoel Lourenço Ferreira, vigario collado da freguezia de S. Luiz Gonzaga, do Alto-Mearim, nesta provincia e Bispado; e que para substituil-o nomeára em 18 deste mez, vigario encommendado da dita freguezia, por tempo d'um anno, o P.e Manoel Ribeiro de Macedo Camara e Motta, cuja Provisão será presente a S. Exc.

25.—*Idem* ao mesmo, em resposta ao seu officio de 20 deste mez, no qual communicára, á vista do Aviso do Ministerio do Imperio, de 16 de Maio findo, ter S. M. I., por Portaria de 7 de Fevereiro deste anno, concedido ao Conego desta Cathedral, Joaquim Felix da Rocha, um anno de licença com os respectivos vencimentos ficando isento das obrigações especiaes, inherentes ao Beneficio; que fica sciente.

—*Idem*. Ao Dr. Domingos Feliciano Marques Perdigão, communicando, que, em vista do Aviso do Ministerio dos Negocios do Imperio, de 7 do corrente, lhe ficava marcado o praso improrogavel de 5 mezes, dentro do qual é convidado a vir tomar conta da cadeira d'Instituições canonicas deste Seminario, em que se acha provido, sob pena de ser considerada vaga a referida cadeira, quando assim o não cumpra pontualmente.

27. *Idem*.—Ao Illm. Snr. Dr. Julio Cesar Berenguer Bittencourt, Chefe de policia da provincia, em resposta ao seu officio de 25 deste mez, no qual communicou, que nessa data entrára no exercicio do cargo de Chefe de policia da provincia, para o qual fôra nomeado por decreto de 18 de Janeiro deste anno; que ficava sciente, e que S. S. o achará sempre disposto para satisfazer as determinações, que por ventura lhe fizer, não só no que disser respeito ao serviço publico, como ao particular de S. S.

—*Idem*. Ao Exm Snr Presidente da provincia, informando, em resposta ao seu officio de 26 deste mez, que o seminarista pensionista da provincia do Piauhy, Frederico Augusto de Sousa Machado, despedio-se do Seminario no dia 4 d'Abril deste anno.

28. *Idem*.—Ao Rd.o Prior Provincial do Convento do Carmo, Fr. Caetano de S. Rita Serejo, transmittindo-lhe a Portaria do 1.o de Janeiro deste anno, remettida pela Presidencia da provincia, pela qual S. M. I. lhe concedeu licença para vender o escravo Leopoldino, e converter o producto em apolices da divida publica.

NOTICIAS DIVERSAS.

—Por decreto de 15 de Junho deste anno forão apresentados os Revd.os Srs. Padres: Beneficiado Antonio Tavares da Silva, na freguezia de S. João Baptista desta cidade; João Evangelista de Carvalho, na de S. José da villa de Guimarães; João Francisco Coelho, na de N. S. da Graça, na povoação do Arary; Manoel Martins de Azevedo, na de N. S. do Rosario da villa de Itapecurú; Luiz Mariano de Barros, na de N.S. da Conceição da cidade de Vianna; e o conego José Gonçalves da Silva, na de N. S. da Conceição e S. José da cidade de Caxias, pertencentes todas a esta diocese e provincia.

—Lê-se no *Commercial* do Ceará:

O Exm. Sr. Arcebispo da Bahia.

No vapor *Paraná*, que fundeou no nosso porto no dia 18 deste mez, (Junho) e seguio a 19 para o sul, passou o Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, que acaba de deixar, no meio das saudades e veneração dos Maranhenses, a cadeira Episcopal d'aquella Diocese, para ir occupar na Bahia a de Metropolita e Primaz do Brasil. Fomos a bordo cumprimentar a S. Exc. Rvm. e mais uma vez tivemos uma prova da bondade do coração do veneranndo Prelado; elle vai tão penhorado das provas d'amizade e respeito, que lhe derão os Maranhenses em todo o tempo, em que se achou entre elles, e mais ainda nos momentos da despedida, que sente-se assás commovido, quando falla nisso; quiz contar-nos alguma cousa a esse respeito, e as lagrimas substituirão a palavra! No dia, em que justamente se completárão dez annos, que S. Exc. Rvm. foi nomeado Bispo do Maranhão, recebeu a noticia da sua nomeação (*preconisação em Roma*) de Arcebispo da Bahia; chegou ao Maranhão em um sabbado d'Alleluia, no meio do enthusiasmo e do prazer de um povo generoso, que o recebia como Pai, e sahio tambem em um sabbado, no meio das lagrimas de saudades desse mesmo povo, que recebeu suas bençãos, e soube apreciar suas eminentes virtudes. Desejamos a S. Exc. Rvm. a mais prospera viagem, e tão feliz governo no Arcebispado, quanto foi no Maranhão.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 —por anno— Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO - 1861.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 213.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

SEXTA-FEIRA 2 DE AGOSTO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

O Arcebispo da Bahia, ex-Bispo do Maranhão, saúda na effusão do amor aos seus antigos Diocesanos.

Amados Filhos, com doze dias de viagem chegámos á esta cidade no dia 27 do passado, e desde o momento infeliz, em que nos separámos de Vós, ainda se não passou um instante, em que Vos não tivessemos no pensamento, e a distancia, em que nos achamos, e os dias, que se têm passado, só têm concorrido para avivar a saudade, que temos de Vós, servindo-nos apenas de lenitivo á nossa dôr a commemoração, que de continuo fazemos de Vós em nossas humildes orações; e possa a nossa dextra entorpecer, e a nossa lingua aos labios se pegar, se algum dia de Vós nos esquecermos.

Recebei, amados Filhos, com nossa benção, a segurança da mais terna amizade, e puro affecto, com que nos confessamos ser

Vosso amigo dedicado, fiel, e agradecido,

✠ MANOEL, Arcebispo da Bahia.

Bahia 11 de Julho de 1861.

6.ª secção.—Ministerio dos negocios do imperio.—Rio de Janeiro, em 4 de Junho de 1861.—Illm. e Exm. Sr.—Foi presente a S. M. o Imperador o requerimento, em que o padre Felix Vicente de Leão, vigario collado da freguezia de Santa Theresa de Curuçá, reclama contra a lei provincial n. 349 de 6 de Dezembro de 1859, que extinguio a mencionada freguezia, e pede providencias, afim de que não perca a sua congrua, adquirida pelo mais perfeito direito, originado de concurso, proposta, apresentação, collação e posse naquelle beneficio; e o mesmo Augusto Senhor, conformando-se por sua immediata resolução de 28 de maio ultimo com o parecer da secção dos negocios da justiça do conselho de estado, exarada em consulta de 22 de Janeiro antecedente, houve por bem declarar, que aos Parochos são devidas as suas congruas, no caso em que forem supprimidas as parochias, em que elles erão collados, até que obtenhão outra parochia ou beneficio, da mesma fórma por que se continuão a pagar os ordenados dos empregados de repartições extinctas, accrescendo a respeito dos Parochos, que elles não têm a mesma facilidade, que está ao alcance dos empregados civis, para obterem os meios necessarios á sua subsistencia.

Ao supplicante, por consequencia, deve continuar a ser abonada a respectiva congrua até que se verifique aquella condição; e nesta conformidade se officia ao Ministerio da fazenda.

O que communico a V. Exc. para seu conhecimento, e para que faça constar ao supplicante.

Deos guarde a V. Exc.—*José Antonio Saraiva.*—Sr. presidente da provincia do Pará.

O ECCLESIASTICO.

Chegada do Exm. e Rvm. Sr. Arcebispo, D. Manoel Joaquim da Silveira, á capital da Bahia.

No dia 27 de Junho findo chegou á capital da Bahia o Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, Arcebispo Metropolita e Primaz do Brasil, tendo gozado felizmente de muito boa saude durante toda a viagem.

Acerca de seu desembarque e de sua solemne recepção naquella cidade foi publicado com antecedencia, pelo Rm.º Sr. Vigario capitular do Arcebispado o programma, que a baixo se encontra; e nós extractando varios trechos de jornaes, e tendo á vista algumas cartas particulares, colligimos a esse respeito o seguinte:

Programma da recepção do Exm. e Rvm. Sr. Arcebispo da Bahia, Metropolita e Primaz do Imperio.

São por este programma convidados: o Clero secular e regular, ordens terceiras, confrarias e irmandades, congregando-se todos na Cathedral, d'onde sahirão processionalmente.

No lugar designado para o desembarque estará preparado um sacello ou pavilhão, em cujo centro se armará um pequeno altar, sobre o qual se collocará uma cruz.

Em lugar decente estará o baldaquino e a cruz primacial, e demais, um genuflexorio e uma credencia para os ornamentos indispensaveis.

Desembarcado o novo Prelado o dirigirão ao novo sacello, onde o Deão, já revestido de estola e pluvial brancos, lhe dará a oscular a cruz *more solito*, e nesta occasião entoarão o responsorio—*Ecce sacerdos magnus*—deixada a antiphona—*Sacerdos et pontifex*—que vem em 1.º lugar no Pontifical romano.

Ultimado este ceremonial se organizará o prestito na

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

forma do costume, indo o Prelado debaixo do baldaquino entre dois membros do Cabido, e as varas do mesmo baldaquino serão sustentadas pelas pessoas mais distinctas e autorisadas.

Adiante logo do baldaquino proseguirá o Cabido formando corpo com o Prelado, precedido da cruz primacial, e todos os demais seguirão adiante segundo a ordem de suas precedencias.

Poderão os do clero cantar pelo caminho algum hymno ou psalmo, menos o *Te Deum*.

Ao chegar o prestito á Cathedral, o Deão (ainda revestido) offerecerá ao Prelado o aspersorio, depois o thurificará—*more solito*—e, entoando o *Te Deum*, o Cabido o conduzirá ao altar do Santissimo, onde fará breve oração, e depois passando para a capella-mór se finalizará o acto, segundo prescreve o Pontifical romano, verb.—*Ordo ad recipiendum Prælatum, vel Legatum.*

Espera-se do espirito religioso dos habitantes desta capital, que estejão adornadas as casas, e juncadas as ruas, por onde houver de passar o prestito pontifical, e bem assim, que haja illuminação por tres dias.

O Exm. e Rm.º Sr. Arcebispo, D. Manoel Joaquim da Silveira, chegou no dia 27 do mez findo, no vapor *Paraná*, e desembarcou ás 11 horas da manhã no arsenal de marinha com as honras devidas á sua alta gerarchia.

A guarda de honra postada no mesmo arsenal se compunha das duas companhias de menores, aprendizes marinheiros, e aprendizes artifices. Era a infancia, a innocencia, quem alli recebia e escoltava com seus braços juvenis a religião, a fé, a esperança da Igreja brasileira, a caridade personificada em um dos nossos mais virtuosos sacerdotes.

Um numeroso concurso de povo, além das irmandades, Clero regular e secular, e a officialidade de marinha se achava tambem naquella repartição, e toda esta gente formou um brilhante acompanhamento a S. Exc. até a Cathedral.

Quando S. Exc. desembarcou, o Forte do Mar deu uma salva de desenove tiros, e os navios de guerra puzerão gente ás vergas.

Os Srs. vice-presidente, chefe de policia, e coronel commandante das armas, esperárão S. Exc. Rvm. na Igreja.

No Terreiro de Jesus, em frente á Cathedral, achava-se postada uma guarda de honra de 100 praças com bandeira e musica, commandada por um capitão, que fez as continencias do estilo.

S. Exc. Rvm. ao desembarcar fez oração e beijou o Santo Lenho, que lhe foi apresentado pelo Rm.º Deão, que tambem o incensou, em um altar bem preparado sob um sacello guarnecido de seda, que para esse fim fóra levantado no ponto de desembarque no arsenal, findo o que o Rvm. Sr. conego Deão recitou o seguinte discurso:

«Ao mais humilde dos membros da Corporação capitular cabe agora a distincta satisfacção e honra de ser o orgão da mesma, e em nome della saudar e felicitar a V. Exc. Rvm. pela sua feliz chegada e boa vinda a esta Diocese, que tão anciosamente o esperava, para enchugar-lhe o pranto, que ainda lhe banha as faces pela fatal perda do magnanimo, amavel e nunca assás chorado Prelado, de quem V. Exc. Rvm. é dignissimo successor. Rendemos, pois, graças ao Senhor Deos das misericordias, por nos ter deixado ver o dia venturoso para a Séde Primacial, congratulando-nos com V. Exc. Rvm. pela acertada escolha do supremo Padroeiro, e assim damos parabens á toda a metropoli por tão transcendente felicidade.»

Recebeu a S. Exc. Rvm. e acompanhou-o igualmente debaixo do pallio o Exm. e Rvm. Sr. Bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa.

Concorrêrão todas as ordens religiosas, confrarias, irmandades, vigarios, seminaristas, e o Cabido, que o acompanhárão em grande procissão até a Cathedral, indo S. Exc. debaixo do pallio, que carregavão os Senhores Vereadores do municipio; em todo o caminho, desde o arsenal até a Cathedral, entoarão-se os canticos apropriados.

Muito povo seguia o prestito. Ao entrar na Cathedral, feita a ceremonia do *asperges*, S. Exc. Rvm. dirigio-se ao altar do Santissimo Sacramento, onde feita a oração, voltou para o altar-mór, e ahi de joelhos assistio o *Te Deum laudamus*, que o clero entoou, logo que apparecêra á porta. Findo este magestoso cantico, e preenchidas outras solemnidades, tomou S. Exc. Rvm. assento sob o docel, e seguiu-se o sermão, proferido pelo Rvm. padre-mestre Fr. Raymundo Nonnato da Madre de Deos Pontes, que na verdade foi uma peça oratoria digna do illustrado autor e do objecto. Agradou geralmente, e houve em todo o auditorio signaes manifestos de applausos.

Acabado o sermão, concorrêrão todos a cumprimentar o novo Prelado, que só ás 3 horas da tarde poude sahir da Cathedral para o seu palacio, acompanhado por todo o clero, ordens religiosas, seminaristas, e Cabido, todavia S. Exm. Rvm. não se retirou sem suffragar a alma de seu illustre Antecessor, cujo tumulo aspergio.

Ao solio assistirão durante as ceremonias os Rvms. Srs. conegos Lima e Innocencio Rios, e ahi deu S. Exc. Rm.ª o beija-mão.

Concluido este acto S. Exc. recolheu-se ao palacio archiepiscopal, tendo sempre a seu lado, desde o desembarque, o Exm. e Rm.º Sr. Bispo do Pará, e sendo acompanhado por um extraordinario numero de pessoas.

O Snr. Arcebispo trouxe o seu secretario, o Mt.º Rd.º Conego Estevão Alves dos Reis, e o seu capellão, o Rd.º Beneficiado Carlos Luiz d'Amour.

No dia 29, em que se completavão 6 mezes, depois do fallecimento do Exm. Sr. Arcebispo D. Romualdo, ás 11 horas da manhã, houve no dito palacio a tocante ceremonia da tradicção do Pallio, com assistencia do Cabido e Clero, servindo de Notario apostolico, e de M.º de ceremonias, por nomeação do Exm. e Rm.º Sr. Bispo do Pará, o Mt.º Rd.º Conego Estevão Alves dos Reis; e nesta occasião forão transmittidos a S. Exc. Rvm. os poderes metropoliticos, officiando aquelle Sr. Bispo, revestido de habitos pontificaes. A insignia, com que então se revestem os novos Arcebispos, é mandada directamente pelo Santo Padre, e consiste em uma fita larga de lã com cruzes pretas (*).

(*) Parece-nos a proposito dar aos leitores uma noticia deste pallio, que recebem os Rvm.os Snrs. Arcebispos, como complemento de sua jurisdicção. Traduziremos

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Em todo o povo bahiano se divisava grande alegria pela chegada de seu novo Pastor, para o qual com anciedade corria, não só para conhecel-o, como para beijar-lhe o annel, e receber sua benção pastoral.

S. Exc. Rvm. tem sido visitado por todas as autoridades e corporações, e já ha conquistado grande estima pelo modo attencioso e delicado, com que recebe a qualquer, e conversa affavelmente, patenteando, entretanto, a sua vasta erudicção.

O Exm. e Rm.º Sr. Bispo do Pará.

—No vapor *Ceres*. que aqui chegou a 22 de Julho findo, veio de passagem o Exm. e Rm.º Sr. Bispo diocesano do Pará, D Antonio de Macedo Costa. S. Exc. Rm.ª é oriundo de Maragogipe, villa florescente da provincia da Bahia, na margem esquerda do rio Guahi, perto de sua juncção com o Paraguaçú, 4 leguas ao sudoeste da cidade da Cachoeira, fundada em 1726 por Vasco Fernandes Cesar de Menezes, vice-rei do Brasil. Fez seus primeiros estudos no seminario da Bahia, sob as vistas immediatas do Exm. e Rm.º Sr. Arcebispo, D. Romualdo, finado Marquez de Santa Cruz. Seguio depois para Pariz, e no seminario de S. Sulpicio acabou o curso de philosophia e theologia; ardendo porem no desejo de aperfeiçoar-se nessas materias com a pratica das virtudes proprias d'um Ministro do Altar, bem como no de ver e contemplar as ceremonias catholicas e o brilhantismo do culto, seguio para Roma, e demorando-se ali no Seminario francez por algum tempo, e cursando entretanto as materias ecclesiasticas, obteve o doutorado na sagrada theologia pela Academia de S. Appolinario, depois do que, fazendo uma viagem por algumas cidades da Italia, correu anciosa á patria e aos braços da familia anciosa, e do bom preceptor de seus primeiros annos. Ahi encontrou a noticia de sua eleição para Bispo do Pará, permittindo o destino, que, a par da satisfacção, que sem duvida sentiria por sua elevação ao Episcopado, tivesse logo de derramar lagrimas por sobre o cadaver do verdadeiro amigo. Assistio pois aos ultimos momentos do Exm. Marquez, assim como ao seu enterramento e á competente encommendação.

Foi sagrado na Igreja matriz de Petropolis, perante a corte imperial, pelo Internuncio Apostolico, Monsenhor Marianno Falcinelli Antoniacci, Arcebispo d'Attenas *in partibus*, e voltando á Bahia solemnizou o acto de impor o Pallio de jurisdicção ao novo Arcebispo, successor do Exm. Marquez de S. Cruz, de saudosa memoria.

S. Exc. Rm.ª foi dignamente hospedado pelo Exm. Sr. Presidente da provincia, e cumprimentado pelo Illm. e Rm.º Sr. Vigario Capitular do Bispado, pelo Rm.º Cabido e de mais Clero da Cathedral, bem como pelo Clero secular e regular da capital, e por muitas outras pessoas distinctas.

Curioso por ver a capital do Maranhão, bella por tradição, visitou, acompanhado de seu Secretario, o Rd.º Sr. P.e Medeiros, e do Muito Rd.º Sr. Conego Magistral, Dr. Tavares da Silva, a Igreja de N. S. dos Remedios, cujos arrabaldes achou semelhantes ao Bomfim, da Bahia, e em seguida ao quartel militar do campo d'Ourique, o estabelecimento dos educandos artifices, o seminario episcopal, e o Convento de S. Antonio, fez uma visita de cumprimento ao Rd.º Sr. Conego Tavares, e ultimamente visitou a Cathedral, que achou um monumento de bellissimo gosto, onde o esperava o Snr. Vigario Capitular, o Rd.º Cabido &c. fez oração ao SS. Sacramento e á Virgem SS. da Victoria, e percorreu mais a bella sacristia e a capella da Virgem SS. da Conceição e Boamorte.

A's seis horas da tarde embarcou com destino á sua Diocese, sendo acompanhado do Exm. Sr. Presidente da provincia com seus Ajudantes de ordens, o Illm. Sr. Vigario Capitular, o Rvm. Cabido, e de mais Clero, e grande numero de Povo, que respeitoso pedia sua benção pastoral. Na rampa do embarque achava-se postada uma guarda de honra, que lhe fez as continencias do estilo, e ao seguir para bordo foi saudado por uma salva da fortaleza, e pelos vivas das tripolações.

Na volta do *Ceres* soubemos, que S. Exc. chegára á capital de sua Diocese com boa saude e feliz viagem.

Praza aos Ceos conserval-o por longos annos em santa Paz, para utilidade e fructo espiritual de suas ovelhas.

O PAPADO.

Da sorte do papado depende a sorte do mundo, é a chave da abobada do universo.

No Papa, chefe do catholicismo, convem distinguir tres funcções diversas, elle é rei, é doutor, é pontifice. Como rei, elle governa; como doutor, ensina; como pontifice, óra e administra os sacramentos, fonte da graça.

A trindade toda inteira concorre a seu poder, por quanto toda a paternidade vem do Pae, toda a luz do Filho, toda a graça, toda a santificação do Espirito Santo.

Hoje se trata directamente da questão do pontificado; a propria questão do doutorado é pouco contestada; ninguem se occupa das verdades reveladas, e quanto ás verdades naturaes, o Papa seria tolerado, se elle as ensinasse á maneira dos philosophos; o que choca não é a manifestação dellas, é a autoridade, que nol-as *impõe*.

A realeza, e a realeza sob todas as suas faces, realeza espiritual, realeza temporal, tudo quanto ordena á obediencia, fere o nosso orgulho.

A creação, diz Moysés, sahindo da mão de Deos «era boa, e muito boa»; tendo Deos creado as primeiras cousas, para que fossem o principio, o modelo, a medida das outras, dera-lhes toda a perfeição de sua natureza.

Em consequencia desta lei geral, Adão, nosso chefe, recebêra não só a vida humana em toda a sua amplitude, afim de que fosse o pai de todos os homens, mas ainda uma sciencia universal e infallivel, afim de que pudesse instruir a elles todos; todas as virtudes, para que a todos pudesse governar; e o dominio de toda a terra, para que pudesse prover a todas as suas necessidades. Pae, rei, doutor, pontifice na ordem temporal, elle era a figura do Christo, tambem pae, rei, doutor e pontifice na ordem espiritual e sobrenatural; estavão estreitamente unidas.

Adão não podia sem a obediencia á Deos, sem a graça

---

pois o que a respeito se encontra na *Encyclopedia theologica*, publicada por mr. o Abbade Migne:

O Pallio—*Pallium*—é um ornamento particular a certos Prelados. O pallio nada mais é que uma banda de lã branca, guarnecida de muitas cruzes de lã preta, que faz um circulo sobre os hombros do Prelado, na qual ha dous pingentes pendentes, um sobre o peito, outro entre as duas espaduas, e esses dois pingentes são guarnecidos de chumbo para lhes dar consistencia.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

e a fé, da qual o Christo é a fonte, conservar a integridade de sua natureza, e a natureza uma vez decahida não era mais susceptivel de receber a vida espiritual, a menos que não fosse reparada.

Por outro lado, o Christo tinha necessidade de crear o homem, para tornar-se filho do Homem, e o homem tinha necessidade da Incarnação, para poder tornar-se filho de Deos.

Assim, tudo se ligava na ordem estabelecida por Deos.

Por queda de Adão a humanidade foi decapitada e separada de Deos. D'ahi, a ausencia de autoridade moral na natureza decahida. O direito da força substitue a força do direito, e o facto consummado o prova. Todas as monstruosidades da politica piemonteza são a consequencia logica da rejeição «do direito divino.»

Com effeito, separado de Deos, o homem decahido só escuta sua propria razão, sua unica regra é sua propria vontade, seu unico mobil seu interesse proprio.

« O amor de si levado até ao desprezo de Deos, diz S. Agostinho, eis o fundamento da sociedade humana.»

E' este fundamento, que a revolução novamente estabeleceu. Rejeitando o direito divino, para agarrar-se exclusivamente aos direitos chamados do homem, ou da natureza decahida, renuncia-se voluntaria e systematicamente o beneficio da reparação, que ligou de novo os homens; renuncia-se a autoridade, a liberdade e a sociedade verdadeira.

Sem o Christo é radicalmente impossivel a verdadeira sociedade humana, a sociedade religiosa, livre e fraternal. Sem elle a religião não é mais do que uma theodicea; a sociedade não é mais do que um rebanho regido por um despota; porque sendo *iguaes* todos os individuos, senão de facto, ao menos de direito, a força vence, quando não ha juiz, nem superior legitimo.

Ora, como dez homens são mais fortes que um só, é necessariamente forçoso, que o novo direito triumphe, se se continuar a repellir o direito divino repellindo a Igreja.

Adão depois de sua queda viu-se despojado da autoridade moral e doutrinal, que tinha no estado de innocencia; perdeu-a perdendo a infallibilidade e revoltando-se contra Deos.

Convém finalmente notar, que o homem não possue em si mesmo a fonte da luz: «é um testemunho da luz, não é a verdadeira luz.» Desta arte era-lhe prohibido julgar por si mesmo do bem e do mal; é este o privilegio do Christo, e isto porque elle é Deos, porque, como homem, elle é tambem um simples testemunho da luz.

Não creando as almas, o pae por si não tem autoridade alguma sobre a vontade e a razão de seus filhos. Seu poder proprio é limitado aos actos externos; este seria o unico, que restaria á natureza decahida, se o Christo não viesse reparal-a, reconstituindo a autoridade moral; elle delegou á seus ministros, paes, reis e pontifices, esta autoridade, que nelle reside, mas com o dever de lhe obedecerem, e de lhe darem conta.

Como filho de Deos, como filho do homem, como filho adoptivo de José, o Christo tem tres realezas distinctas.

Como filho de Deos, como Adão espiritual e celeste, é rei espiritual.

Como filho do homem, como herdeiro de todos os direitos de Adão no estado de innocencia, é o rei dos homens.

Como filho de José, é herdeiro de David e rei dos Judeus.

O Papa tambem como vigario de Jesus Christo tem tres realezas distinctas, traz tres coróas, de que a tiara é o emblema.

Como vigario do Filho de Deos, o Papa tem uma realeza celeste, divina, puramente espiritual e toda sobrenatural.

Essa realeza sublime, em virtude da qual é elle juiz da fé, e promulga o dogma, é pouco contestada, e ainda menos comprehendida. Sobre este terreno a revolução está assaz disposta á deixar, quanto ao presente, toda a latitude ao Summo Pontifice á custa da liberdade religiosa para todos os independentes.

Como vigario do filho do homem, o Papa é o pae dos reis e das nações catholicas, que ainda hoje mesmo o honrão com este nome. Mas é de mister confessar, que esta paternidade, ha trezentos annos, não é mais do que um nome vão: os reis, os philosophos e os povos a contestão. Dahi, todas as desgraças da Europa e sua morte inevitavel, se ella de novo não honrar o nosso Santo Pae.

Com effeito, ponde o Papa de parte, e não haverá mais centro para a humanidade, mais arbitrio entre os reis, seus filhos, entre os povos e os reis; não haverá mais christandade, mais republica christã, mais unidade e direcção commum, quanto se tratar de combater os inimigos do Christianismo e do genero humano, mais direito immutavel e obrigatorio para todas as razões, por que esse direito carece de sancção, quando é puramente convencional e desprovido de toda a autoridade. D'ahi, a audacia dos revolucionarios, dos infieis e dos musulmanos.

A realeza espiritual do Summo Pontifice comprehende pois dous gráus, isto é, a realeza espiritual, divina, que em caso nenhum tem podido pertencer ao homem, e essa realeza intellectual e moral, que Adão tinha, mas que perdeu por sua desobediencia. E' esta realeza moral, que o pensamento livre quer roubar ao Christo e á Igreja, para somente deixar-lhes a realeza sobrenatural, celeste e divina, que seria annullada de facto, se ficasse sosinha.

De que serviria ao Papa e á Igreja pronunciar sobre os dogmas e os mysterios, se não pudessem fazer observar os mandamentos de Deos, sob o pretexto de que o poder espiritual nada tem que ver na ordem natural? As verdades, que são o fundamento da ordem moral, não são por ventura o preliminar indispensavel da fé? Compete, pois, ao poder espiritual não só definir os dogmas, mas ainda fixar as regras immutaveis da justiça e do direito. Só elle tem esse direito, sendo iguaes e independentes todos os homens, como homens e como individuos.

Se o Papa, como vigario do Christo, é o pai dos reis, como rei temporal não é mais do que seu irmão mais velho. Como elles, elle tem esse poder, não directamente de Deos, mas de Deos por intermedio dos homens. Os estados da Igreja formarão-se pelas doações e concessões dos principes, e pelo consentimento dos povos, em consequencia dos serviços prestados pelos Papas. Chefe desses estados, o Papa é certamente o mais legitimo, o mais antigo, o mais verdadeiro dos reis da Europa; mas, emfim, é seu igual, e eis porque a causa delle é a sua.

Fóra de seus estados elle não tem poder algum temporal. Não é o Papa, que faz as leis, que julga os processos, que commanda as tropas, que nomeia e dimitte os funccionarios dos outros reinos. Seus « augustos collegas» estão perfeitamente independentes delle como chefe dos estados da Igreja, do mesmo modo que elle tambem está perfeitamente independente delles, ainda mesmo que reunidos em congresso. Isolados ou reunidos, os reis não teem uns para com os outros, e com mais forte razão para com o rei dos estados romanos, mais do que um direito de simples conselho, direito que elle não

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

contesta, á custa no entanto da reciprocidade. Dahi, o dever de não intervenção, quando o interessado a repelle, e o direito de intervenção, se a reclama, como fazião Francisco II e Pio IX.

Certamente a realeza pontificia temporal é accessoria; entretanto é necessaria á independencia da Igreja. Demais, ella é o signal da união das duas ordens, sem a qual não ha mais outro direito, que não seja o facto consummado, por quanto não ha mais *autoridade moral*. Entre os proprios Gentios, e desde antes da incarnação, o que se conservou de *autoridade moral* no mundo, vem do Reparador e dos Patriarchas.

O mais poderoso rei temporal só tem acção sobre nossos actos externos. A razão, a consciencia, a intenção, escapão-lhe completamente; mas como nossos actos externos reflectem habitualmente os actos internos do pensamento e da intenção, dahi provém, que os poderes humanos são bem frageis, se não se apoiarem sobre a autoridade, que se baseia sobre a intelligencia e a intenção, sobre a autoridade moral, a qual só existe originariamente em Deos, que a communicou á Igreja, e por ella aos principes christãos.

Mas, a união dos dous poderes importuna ao homem. Assim, sempre foi combatido com furor o poder temporal, quer do Christo, quer de seu vigario, quer dos reis christãos.

E' o rei temporal, o rei do direito divino, que os Judeus repellem. «Não queremos, dizem elles, que esse homem reine sobre nós, nosso unico rei é Cesar» e é como rei dos Judeus, que o filho de Deos foi crucificado.

Muito antes da incarnação era já a realeza temporal, que estava em jogo. No tempo de Samuel os Judeus não contestavão o poder do pontifice; mas não querião saber de seu poder temporal, que representava o do Christo; porquanto o Christo era o verdadeiro rei de Israel. «Não é a ti, é a mim, que elles rejeitão, diz Deos ao propheta.» Entretanto o Senhor manda, que deixem-os fazer, porque elle só quer reinar sobre homens livres.

Os Judeus querião um rei á guisa dos Gentios, isto é, um principe absoluto, como Samuel é encarregado de ensinar-lhes. Não ha com effeito poder temperado como o poder christão, porque o rei christão depende do Homem-Deos, governa e julga em nome do Homem-Deos, e é por elle governado e julgado. Os Gentios ao contrario tinhão dominadores. «Os reis das nações, diz o Christo, dominão sobre ellas»; e Samuel apresenta-nos o espantoso quadro do direito real da gentilidade. Isto não quer dizer, que o dominador não esteja subjeito ás leis eternas da justiça, e possa fazer em consciencia tudo, quanto quer; mas os povos não teem recurso algum contra o seu despotismo. «Nesses tempos, diz o Senhor, chamareis por mim, pedir-me-heis, que vos livre do rei, que escolhestes, e o Senhor não vos escutará, porque quizestes um rei.» Isto é, tendo passado ás mãos de um homem os poderes, que sobre vós eu tinha, e que Samuel exercia em meu nome, só vos resta obedecer.

O regimem antigo, quero dizer, o regimem directamente nascido do protestantismo, ou infectado de seu espirito, levava-nos ao poder absoluto tal, como existia entre os Gentios, mas abolido entre os christãos. O poder absoluto ou de dominação era com effeito não só a punição da desobediencia de Adão, senão tambem o unico meio de conservar a humanidade. Hoje a falta está reparada, o Christo livrou-nos e regenerou-nos, trazendo-nos o reinado de Deos e sua justiça. Sob este reinado o poder absoluto não tem mais razão de ser; se o antigo regimem se obstinar em sua revolta dos seculos passados, será esmagado pelo direito novo, porque o espirito de Deos pode só resistir ao espirito moderno. Para salvarem-se os povos e os reis não teem mais que um meio unico: restaurar a autoridade completa do Christo, principe dos pastores e dos reis da terra, e restabelecerem a autoridade completa de seu vigario na Igreja, na christandade, e sobre seus subditos. Fal-o-ha a Europa em tempo? E' o que duvidamos.

O poder real do Christo, por mais leve que seja, pesa á natureza decahida, porque reprime as paixões sendo sempre guiado pela sã razão e pela lei divina. O jugo do homem, por mais duro que seja, parece-nos preferivel; delle esperamos mais condescendencia para os nossos vicios, que um homem lisongeia, quando lhe são uteis. O que se persegue no poder temporal do Papa, é a realeza christã—a realeza subjeita á lei divina e ás regras inflexiveis da justiça e do direito.

Depois do poder temporal do Papa será atacado com o mesmo furor todo o poder temporal, que reconhece-se vassalo «dessa sabedoria eterna, pela qual reinão os reis, pela qual os legisladores decretão leis justas»—sabedoria incarnada no Christo.

Eis porque em Roma e em Gaeta a causa era a mesma. Nem Roma, nem seus inimigos enganarão-se, E' a realeza christã temperada, responsavel perante o Christo, «Principe dos reis da terra» que é perseguida á todo o transe, e até com effusão do sangue; e sempre foi assim.

A historia da Igreja está cheia da luta do imperio, do sacerdocio e das revoltas incessantes dos romanos. Nessas lutas quasi sempre entra em jogo o poder temporal dos Papas. Ainda mais, antes mesmo da constituição da monarchia pontificia o presentimento do futuro inquieta os Cesares: o Papa é um rival, que elles temem; é á esse rival, que Constantino foge instinctivamente, transportando para Constantinopla a séde de seu imperio.

O proprio Islamismo pouco se occupa da realeza espiritual do Christo, mas declara eterna guerra de morte á sua realeza temporal.

Uma vez submettidos os christãos e tornados *rayas*, uma vez mudados em rebanho, de que o Senhor disponha a seu bel-prazer, a guerra santa não tem mais motivos, e o musulmano deve protecção á seu escravo. Quanto ao poder espiritual propriamente dito, é elle muitas vezes mais livre em Constantinopla e em Jerusalém do que nos estados christãos. Pouco importão ao Turco nossos dogmas e mysterios, com tanto que elle reine e governe.

A questão, que agita-se na Italia, sob o nome de poder temporal do Papa, bem longe de ser exclusivamente politica, não é nada menos do que a propria questão do christianismo. Este termo na lingua revolucionaria tem uma significação bem diversamente entendida da significação da lingua theologica. O temporal para o theologo é o exterior; para a imprensa revolucionaria é a ordem natural toda inteira. Debaixo do nome de separação do temporal e do espiritual a revolução reclama para si toda a natureza humana, o dominio absoluto de toda a terra, a plena independencia da razão humana, a plena independencia da consciencia, em tudo, que respeita a religião natural; isto quer dizer, que ella quer de novo os laços, que ligão o homem ao seu creador restabelecidos pela incarnação: é a nova queda da humanidade.

Quanto á ordem espiritual, sobrenatural, divina, a revolução não se occupa della, e deixa sua direcção ao Papa. O autor da brochura—*O Papa e o Imperador*—abandona na pagina 28 o papado leigo, que propunha á pagina 26; elle concede ao Papa o poder espiritual, limitando-se a pedir, que se torne o seu exercicio impossivel no, que tende á abolição das concordatas e da hierarchia.

Essa independencia tão cara ao homem decahido é o, que se chama «os direitos do homem» emquanto o direito

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

divino, entendido no sentido, que lhe dão os jornaes, não é outra cousa mais que a hierarchia, que liga os direitos do homem aos direitos de Deos, fonte dos direitos humanos. E' o direito fundado sobre esta maxima: Toda a autoridade legitima vem de Deos, e só de Deos quanto á sua origem.

A concessão, que faz a revolução, deixando ao Papa o poder puramente espiritual, quero dizer o julgamento da fé e a administração dos sacramentos, é illusoria. Com effeito, Deos só concede a vida espiritual á natureza inteira; a natureza decahida não é susceptivel de recebel-a antes de ser reparada. Se pois se tirasse, á Igreja a autoridade em toda a ordem da natureza, se não fosse prohibido pronunciar soberanamente sobre as verdades naturaes, que são a base iMmuttavel da justiça, do direito e do fundamento das sociedades: se ella só tivesse a occupar-se com dogmas e mysterios, a Igreja prégaria no deserto, porquanto é de mister ser homem razoavel antes de poder viver da vida espritual propriamente dita; é de mister desempenhar todos os deveres, que a razão nos mpõe, e que o Christo nos ordena, antes de participar da natureza divina.

Se se quer seriamente voltar á ordem, convém pois tornar Aquelle, que não só é seu autor, como seu modelo e reparador. E' necessario voltar ao Christo, que reparou tudo, porque a reparação era por toda a parte necessaria: é necessario restaurar tudo nelle, e reconhecel-o por principe dos reis da terra e reparador da natureza.

O Christo reparou a familia e o estado não menos que o individuo.

Elle reparou o individuo sujeitando de novo os sentidos á razão e a razão á Deos, a *consciencia* aos *principios* e a razão individual á razão geral, isto é, a razão humana, que se une no Christo á razão divina, e se manifesta pelos ensinos da igreja

Elle reparou a familia, dando á sociedade conjugal sua indissolubilidade, e fazendo-a participar da vida espiritual pelo sacramento. Elle deu ao pai sua autoridade moral, ao filho uma obediencia razoavel, e fortificou os laços do sangue pela caridade.

Elle reparou a sociedade politica, fazendo de um povo uma verdadeira familia, da qual o rei é o pai, e fazendo que os principes participassem do poder espiritual da Igreja como «Bispo do exterior e mediador do clero e do povo.»

Elle repara incessantemente a humanidade inteira, ensinando todas as nações, constituindo a christandade, a republica christã, a qual iria sempre crescendo, se lhe não puzessemos obstaculo, até que não haja mais que «um só pastor e que um só rebanho.» Reparou-a restabelecendo a hierarchia, que hoje se chama direito divino, isto é, o direito, que desce de Deos pelo Christo á todos os membros da Igreja, da qual elle é o chefe, e que se communica á ordem temporal quanto une-se com a Igreja.

Na sociedade christã é em nome do Christo, que os esposos se unem, que os mestres ensinão, que os magistrados fazem justiça, que os guerreiros combatem, que os reis reinão. Ainda hoje o testemunhão os costumes, mais fortes que as leis de 89. O crucifixo paira sobre a cabeça dos juizes! O imperador Napoleão I fazia-se sagrar; elle queria, que a universidade fosse catholica, e o divorcio teve de desapparecer de nossos codigos.

Não nos privemos loucamente dos fructos da reparação. Não repillamos a realeza do Christo, á quem a Europa deve a autoridade, a liberdade, o direito, as artes, a civilização, o progresso—dons todos estes, que se tem de sobra quando se procura antes de tudo o reino de Deus e sua justiça. Ora, não é regeitar a realeza do Christo combater o Papa, a quem devemos todos estes bens, destruir sua realeza temporal, *palladium* de toda a autoridade christã e salvaguarda de todos os direitos humanos, admittir o direito novo, que tomando por base a independencia individual, ou os direitos do homem, entrega forçosamente o mundo ao mais forte ou ao mais astuto?

V. DE MAUMIGNY.

(*Le Monde.—S. Filho.*)

S. Santidade o Papa Pio IX.

Pelo ultimo vapor, que trouxe as malas da Europa consta, que S. Santidade ficára gravemente enfermo, em consequencia não só de seus padecimentos fysicos, como ainda mais aggravados pela força dos acontecimentos, que ultimamente se tem dado, seja em relação aos negocios da Igreja Catholica, seja aos da S. Sé, o que tem por certo fortemente abalado o coração piedozo do nosso Pai espiritual. Desconfiava-se mesmo da possibilidade de seu restabelecimento.

Eis o que encontrámos de mais explicativo a respeito, no *Jornal de Roma* de 8 de Junho:

«Ante-hontem, dia do oitavario da festa do Corpo de Deos, devia percorrer a praça de S. Pedro uma procissão, na qual o Santo Padre tomava parte, seguindo a pé o Santissimo Sacramento.

«O clero já estava reunido na Basilica: os cardeaes, revestidos com as suas capas de purpura, só esperavão pelo Papa para começar a desfilar; mas, no momento de descer do Vaticano, S. Santidade queixou-se de um violento ataque de cabeça, acompanhado de calafrios, e receiando augmentar a sua indisposição com uma fadiga inevitavel, renunciou apparecer na ceremonia, e retirou-se aos seus aposentos.

«Para não agitar os espiritos, fez-se correr o boato, de que o Santo Padre, retido por audiencias urgentes, não podia acompanhar a procissão. Pio IX recolhia-se ao seu leito, quando chegava ao Vaticano o telegramma, que annunciava a morte do conde de Cavour. O cardeal Antonelli, que não tinha ido á procissão, recebeu o telegramma, antes que esta terminasse, e não poude, por conseguinte, communical-o aos seus collegas, senão depois da ceremonia.

«Receiando, comtudo, causar ao Santo Padre uma emoção, que lhe podia ser prejudicial, elle não julgou dever communicar-lhe immediatamente este despacho. Foi só hontem pela manhã, que o Papa, quasi alliviado da sua indisposição, teve conhecimento da morte do seu adversario politico, e exclamou, quando o soube: «Meu Deos, tende misericordia dessa alma desgarrada.»

Todavia, ainda se pode ter boas esperanças em favor de sua salvação, em vista dos trechos seguintes de varias correspondencias da Europa:

«Sua santidade deverá em breve seguir dessa capital (Roma) para a sua casa de campo em Castelgandolfo, onde habitualmente passa o verão. A saude do pontifice tem ultimamente soffrido em consequencia de um ataque de erysipela, sem com tudo apresentar esse incommodo caracter algum de gravidade».

«A rainha (de Hespanha) tendo mostrado vivo interesse pela saude do boudoso Pio IX, Sua Santidade fizera expedir de recommendação propria um despacho telegraphico a esta Soberana, participando-lhe, que experimentára notavel allivio em sua doença».

Praza aos Ceos suspender, ainda por algum tempo as afflicções, pelas quaes, como suppomos, terá de passar a Igreja Catholica no caso de vacancia da Sé Apostolica; vista a emergencia de tantas e tamanhas difficuldades, em que se achão presentemente os corações de todos os fieis

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

do mundo catholico, e que ampare com sua divina graça a pessoa sagrada do Nosso Santo Padre, attendendo aos votos e ás supplicas ardentes, que ora se fazem por tão preciosa vida.

VARIEDADE.

—No consistorio celebrado a 18 (de Março) proferio Sua Santidade a sua allocução. Em resposta aos que pretendem que o pontificado é incompativel com a civilização, observa, que o pontificado actual ha sido o mais activo propagador da civilização. Pondera, que só é adverso á supposta civilização moderna, que persegue a Igreja, encarcera os cardeaes, bispos e sacerdotes, supprime ordens religiosas, confisca bens ecclesiasticos, e conculca a justiça. Sua Santidade deplora a violação da concordata em Napoles, e diz, que, se espontaneamente fez concessões aos seus povos, e aceita conselhos dos principes catholicos, não se conformará com as injustas exigencias de um governo usurpador. Lastima a subversão de todos os principios de autoridade, promette perdão aos extraviados, e põe a causa da Igreja nas mãos de Deos, vingador da justiça e do direito.

EXPEDIENTE DO BISPADO.

Julho de 1861.

1. Officio ao Sr. Dr. Chefe de policia, em que se participa, que sendo communicado ao Governo do Bispado por Fr. Manoel Pereira da Encarnação, Religioso Mercenario, que Joaquim José Soares, outr'ora negociante nesta cidade, havia alugado ao Convento das Mercez os escravos —José, Albino, Dionysio, Sebastião, Raymundo, José Agostinho, e Francisco, constando lhe ao certo, que o mesmo Soares embarcava nesta data, de muda para o sertão, levando comsigo os mencionados escravos; e para que o dito Convento ou a Fazenda publica não venha a soffrer perda d'algum delles, e mesmo para que se possa entrar no conhecimento de semelhante contracto, visto não estar autorisado para tal o Commendador do Convento, rogava a S. S. se servisse de dar suas ordens, para que se não verificasse o embarque de taes escravos.

3. *Idem* ao Exm. Sr. Presidente da provincia, communicando, em resposta ao seu officio de 2 deste mez, que tinhão sido dadas as providencias, para que nesta data tivesse lugar na Cathedral a Missa do Espirito Santo, ás dez horas da manhã, á qual tem de assistir os Srs. Deputados provinciaes.

—*Idem* ao mesmo, rogando, á requisição do Muito Revd.º Conego Chantre, Reitor do Seminario episcopal desta cidade, para que désse suas ordens ao Inspector do thesouro publico provincial no sentido de serem pagos ao dito Conego Reitor as quantias correspondentes aos dous semestres findos, vencidos no exercicio de 60 a 61, da subvenção concedida no respectivo orçamento provincial para vestuario e calçado dos seminaristas pensionistas da provincia.

6. Portaria desta data demittindo, a bem do serviço da Igreja, do emprego de Capellão do Coro da Cathedral o Padre Luiz Nunes Clarindo Guedes.

8. Officio ao Exm. Sr. Presidente da provincia transmittindo a informação dada pelo Rd.º Prior Provincial do Convento do Carmo desta capital, sobre o arrendamento das terras denominadas *Limoeiro*, situadas no terreno de Caxias; bem como o requerimento e mais papeis relativos ás mesmas, que havião sido passados com o expediente do Bispado pelo Exm. e Rm.º Sr. ex-Bispo desta Diocese ao Ordinario actual da mesma.

9. *Idem* ao Secretario do governo accusando a recepção de seu officio de 6 do corrente, acompanhado do exemplar impresso da collecção das leis geraes, contendo de folhas 631 a 1192, e o additamento da parte 2.ª com o respectivo indice.

11. *Idem* ao Exm. Snr. Ministro do Imperio e dos Negocios ecclesiasticos participando, que a bem do serviço da Igreja demittira do lugar de capellão do coro da Cathedral, por Portaria de 6 do corrente, o P.e Luiz Nunes Clarindo Guedes; e que por Provisão de 8 deste mez nomeára para substituil-o no dito lugar o Moço do Coro José Clarindo de Sousa Neto; bem como, que por Provisão de 9 deste mesmo mez nomeára a Luiz Marcolino da Silva para o lugar de Môço do Coro em substituição do citado Clarindo Neto.

Identico ao Exm. Sr. Presidente da Provincia.

—*Idem* ao mesmo ministerio communicando, que, em virtude do Aviso de 21 de Junho findo, em que fizera constar ao governo desta Diocese, que S. M. I. houvera por bem apresentar, por decreto de 15 do dito mez em varias Igrejas desta Diocese os Sacerdotes para ellas propostos, constantes da relação, que acompanhou o mesmo Aviso, fizera a todos elles a respectiva communicação, no sentido de obterem quanto antes as respectivas cartas de Apresentação.

—*Idem* ao mesmo ministerio participando, em resposta ao Aviso de 22 de Junho findo, em que se mandou renovar o contracto do predio, que servio de palacio episcopal, pela forma, que mais conveniente parecesse, até que se termine a obra do palacio em construcção; que fizera o dito contracto com o respectivo proprietario pela quantia annual de 1:500$; porem, que exigindo a necessaria approvação, por parte do Exm. Sr. Presidente da provincia, lhe declarára este, que não tinha autorisação alguma a respeito, pelo que ficára embaraçado o governo da Diocese; lembrando-se entretanto a S. Exc. o Sr. Ministro, que é este o unico predio conveniente para residencia do Exm. Prelado, não só por ser o mais proximo da Cathedral, e por ter as accommodações precisas, como tambem porque nas salas terreas ja se acha estabelecida a Camara ecclesiastica, desde o tempo ainda do ultimo Prelado Diocesano; assim que, qualquer demora nas ordens de S. Exc. no sentido de ultimar-se a respectiva locação trará grande difficuldade para encontrar-se em tempo uma casa conveniente e propria.

12. *Idem* ao Juiz de Paz, Presidente de Mesa parochial da freguezia de Nossa Senhora da Victoria desta capital, communicando, em resposta ao seu officio de hontem, que forão dadas as providencias necessarias em ordem a solemnizar-se na Cathedral, no dia 16 do corrente, pelas 5 horas da tarde, o *Te Deum*, á que tem de assistir os respectivos eleitores.

17. *Idem* ao Rd.º Vigario da freguezia do Parnahyba, ordenando, a bem da administração do Bispado, que informe, quanto antes, acerca dos seguintes pontos: 1.º se receben em matrimonio em sua freguezia os contrahentes João Ferreira d'Araujo e Teresa Rosalina de Jesus, parochianos da freguezia d'Arayozes, com licença do Rd.º Parocho respectivo, ou sem ella; 2.º se, sendo os mesmos contrahentes, como são, naturaes do bispado do Ceará, donde vierão de menor idade, previamente se habilitárão perante o Rd.º Vigario da Vara da comarca ecclesiastica da Tutoya, á que pertence a referida freguezia dos Arayozes.

18. *Idem* á commissão encarregada da obra da Igreja de N. S. dos Remedios da villa da União, na provincia

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

do Piauhy, accusando o recebimento do officio por ella enviado, em data de 6 de Maio findo, no qual participou, que a commissão nomeada pelo Exm. Prelado diocesano, da qual fazião parte os signatarios do officio, para tratar da reedificação da Igreja Matriz daquella villa, de bom grado se prestára a esse tão louvavel, quão religioso trabalho, menos um membro de entre os nomeados, que se recusou; e que a mesma commissão pedia, que se nomeasse outro cidadão para substituil-o, assim mais, ordem á admininistração antiga, para que forneça á commissão actual as quantias existentes em seu poder; em resposta communica-se-lhe, que forão nomeados para preencher o numero dos membros da commissão os Srs. P.e Simpliciano Barbosa Ferreira e Alferes Antonio Francisco Porto, que por certo não se recusarão, bem como, que fica a commissão autorisada para receber da administração antiga todo o dinheiro, que existir em seu poder, pertencente á Fabrica da Matriz, para ser applicado á reedificação da mesma.

20. *Idem* ao Exm. Sr. Presidente da provincia accusando o seu officio de 19 do corrente, acompanhado da copia do officio de 11 deste mez, endereçado á presidencia pela camara municipal da villa do Itapecurú-mirim, no qual representava contra o respectivo Vigario encommendado, o P.e Antonio Francelino de Abreo, por não residir no lugar da Matriz; e respondendo, que ficão dadas as providencias a respeito.

—*Idem* ao Rd.o Vigario de S. Gonsalo do Piauhy ordenando, que, tendo sido transferida a villa de S. Gonçalo, e a séde da respectiva freguezia, para a barra do riacho, denominado—Mulato—á margem do Parnahyba, conforme fôra autorisado pela Resolução da Assemblea legislativa provincial do Piauhy, n.o 506, de 10 de Agosto do anno passado, segundo consta da communicação do Exm. Sr. Presidente daquella provincia, fixe quanto antes sua residencia no lugar da nova séde da freguezia.

—Officiou-se nesta data ao Exm. Snr. Presidente do Piauhy, dando-se-lhe conhecimento destas determinações, em resposta ao seu officio de 18 de Junho findo.

22. *Idem* ao Mt.o Rd.o Conego, Vigario Capitular do Bispado de Goyaz, communicando, que, em face do Aviso do Ministerio do Imperio e dos Negocios ecclesiasticos, de 7 de Abril findo, se remettião a S. S. Rm.a as copias dos papeis officiaes, relativos á desmembração do territorio, pertencente á freguezia da cidade da Carolina, dessa para esta Diocese, para que se servisse de dar de sua parte a devida execução; aproveitando-se deste ensejo o Rm.o Vigario Capitular deste Bispado para cumprimentar a S. S. Rm.a certificando-lhe mui respeitosamente, que o achará prompto para todo o serviço da Igreja, e o particular de S. S. Rm.a

23. *Idem* ao Exm. Snr. Presidente da provincia communicando, que forão dadas as necessarias providencias no sentido de solemnizar-se na Cathedral, no dia 28 do corrente, pelas 11 horas da manhã, o *Te Deum* pelo anniversario da adherencia desta Provincia á Independencia do Imperio; e que nesta data fôra convidado todo o Clero secular e regular da capital, para assistir não só áquelle acto religioso, como tambem ao cortejo, que em seguida terá lugar no palacio do governo á augusta effigie de S. M. o Imperador; ficando assim respondido o seu officio de 19 deste mez.

24. *Idem* ao Rdm.o Conego, Cura da Cathedral, ordenando-lhe, para a boa administração da Diocese, que responda o seguinte: 1.o qual a razão, porque deixou de levar o SS. Viatico a uma sua parochiana, que o pedia com instancia, hontem ás 9 horas da noite, e de cuja falta se queixou ella, sendo que foi preciso recorrer ao incansavel Parocho da freguezia de S. João Baptista, o Rd.o Beneficiado Manoel da Costa Delgado, que de prompto acudio, administrando-lhe o Sacramento; 2.o se o seu estado morboso, e idade septuagenaria, é, que o obriga a commetter taes faltas no cumprimento de seus deveres em prejuizo das almas confiadas a seu cuidado.

—*Idem* ao Exm. Sr. Ministro e Secretario dos Negocios do Imperio e ecclesiasticos, communicando com prazer, que no curto espaço da administração actual deste Bispado, não tem occorrido novidade alguma sensivel: que os negocios ecclesiasticos tem marchado regularmente de accordo e harmonia com as Autoridades civis de ambas as provincias, Maranhão e Piauhy, havendo, como convem, auxilio de parte á parte, e esforçando-se muito o Ordinario, para que assim continuem, até que se realize a suspirada chegada do Exm. e Rm.o Sr. Bispo eleito a esta capital.

—*Idem* ao Exm. e Rm.o Sr. Bispo eleito, D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, participando, cheio de respeito, e não menor prazer, e como é de rigoroso dever, que nesta Diocese, no curto espaço da actual administração, não tem occorrido alteração alguma, que pudesse entorpecer a marcha dos negocios ecclesiasticos, ao contrario, com satisfacção se declara a S. Exc. Rm.a que vão elles de accordo e harmonia com as Autoridades civis de ambas as provincias, que compoem este Bispado, Maranhão e Piauhy, e assegurando todo o seu esforço no sentido de assim continuarem, até a desejada chegada de S. Exc. Rm.a ás plagas maranhenses.

29. *Idem* ao Rm.o Conego, Cura da Cathedral, accusando o recebimento do seu officio de hontem, em resposta ao de 24 deste mez, pelo qual fica o Rm.o Sr. Vigario Capitular inteirado de ter o mesmo Sr. Cura deixado de levar o SS. Viatico á sua parochiana, que o pedia com instancia, por estar impedido por um ataque de cabeça em consequencia de sua avançada idade, maior de 75 annos, e de molestias graves e chronicas, que padece, o que concorre para retardar seus passos na administração dos Sacramentos, especialmente nos de primeira necessidade, tornando-o por isso incapaz de parochiar.

No sentido pois de evitar-se a reproducção de taes occurrencias foi determinado nesta data ao mesmo Snr. Cura da Cathedral, que quanto antes porponha um Sacerdote para se lhe mandar passar Provisão de Coadjutor com congrua, ficando certo S. S.a de que, se se derem mais faltas da natureza desta, ver-se-ha o Governo do Bispado forçado a obrar com toda a energia a favor das almas confiadas á seu cuidado.

—*Idem* ao Exm. Sr. Presidente da provincia communicando, em resposta ao seu officio de 20 do corrente, no qual dera suas ordens ao Inspector do Thesouro Publico Provincial para fazer pagar ao Rm.o Reitor do Seminario Episcopal a importancia do subsidio, marcado por lei, para vestuario dos seminaristas da Provincia, que foi dada nesta data a determinação respectiva ao mesmo Reitor, para receber o dito subsidio.

31. *Idem* ao Exm. Sr. Ministro e Secretario dos Negocios ecclesiasticos e do Imperio, communicando, que por achar-se vago o lugar de Coadjutor da Freguezia de N. S. da Victoria da Cathedral desta capital, foi nomeado o Padre Frederico Nolasco d'Almeida para exercel-o pelo tempo de um anno, por Provisão de 29 do corrente, na forma do estylo.

—Identico ao Exm. Sr. Presidente da Provincia.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp. por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO—1861.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 214.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

SEGUNDA-FEIRA 19 DE AGOSTO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

CARTA PASTORAL.

D. Sebastião Dias Larangeira, por mercê de Deos e da santa sé apostolica, Bispo de S. Pedro do Rio Grande do Sul, do conselho de S. M. o Imperador &. &.

Aos fieis, clero e povo da nossa diocese, saude, paz e benção em Jesus Christo, nosso Divino Salvador.

Elevados á dignidade episcopal, sem que de nenhum modo o merecessemos, por um desses designios impenetraveis do Omnipotente, que se serve muitas vezes dos mais debeis instrumentos para fazer manifestar seu Poder e Grandeza; conhecedores na humildade do nosso coração, da nossa propria miseria e fraqueza, jamais, amados irmãos e filhos em Jesus Christo, nos veio ao pensamento, que fossemos um dia arrancados da obscuridade, em que sempre vivemos, para sermos collocados no fastigio do episcopado, onde, atalaia em Israel, guardassemos o Deposito Santo, e, vigia do tabernaculo, defendessemos o pacto eterno. Ao sujeitar-nos a esse peso, formidavel aos mesmos anjos (1) e que tem feito vergar espaduas mais robustas, colliocámos toda nossa confiança no Deos das Misericordias, que tantas vezes ha escolhido vasos inuteis, para delles tornar vasos de eleição, e fazer assim realçar cada vez mais sua omnipotencia e bondade.

Humilhados em prensença do Deos Clementissimo, cuja vontade soberana nos foi manifestada pela voz do Supremo Pastor, chefe da Igreja universal, vencemos o terror, que de nós se tinha apoderado, quando se nos annunciou, que eramos chamados a reger a santa Igreja do Rio Grande: á afflicção e angustia, que então nos opprimirão, succedeu uma doce confiança, ouvindo dos labios do successor de Pedro, e vigario de Jesus Christo, as seguintes animadoras palavras:—ide, filho, obedecei; o Senhor será com vosco—sendo essa confiança augmentada pela consoladora promessa, que então se Dignou fazer-nos de Pessoalmente conferir-nos a uncção episcopal, e a plenitude do sacerdocio. Infinitas graças sejão, pois, dadas ao Senhor Jesus, que nos encheu de conforto, e, olhando para nossa humildade, achou-nos fiel para sermos postos no ministerio santo. *Gratias ago ei, qui me confortavit, Christo Jesu Domino nostro, quia fidelem me æstimavit ponens in ministerio* (2).

Com quanto, amados filhos, ainda longe de vós com o corpo, mas presentes com o espirito (3) já sentimos dilatar-se-nos o coração para a todos acolher, e gerar de novo em Jesus Christo; o amor e ternura, que consagramos, já mal o podemos conter, e com o apostolo vos asseveramos do fundo de nossa alma, que a caridade de Deos, que por vós sentimos, é ardente, e nos consomme—*Æmulor enim vos Dei æmulatione*—(4) por isso já sois a parte da nossa herança, e d'ora em diante, o unico objecto dos nossos pensamentos, dos nossos affectos, e das nossas mais ternas solicitudes.

Nós vos saudamos affectuosamente, e vos abraçamos com o osculo de paz e caridade, ó zelosos pastores, entre os quaes está dividido o rebanho confiado aos nossos cuidados. Fostes, veneraveis irmãos, chamados a supportar com nosco o pêso do dia e da calma na cultura da vinha do Pai de familias (5); conduzi os vossos filhos com a simplicidade do coração, com a santidade da vida, com o desapego do mundo, e com a caridade de Jesus Christo pelos caminhos dos seus mandamentos; suas almas estão em vossas mãos, e a Igreja vol-as entrega, logo que vem á luz, para que, depois de revestidas no santo baptismo com a estola da innocencia, as eduqueis, dirijaes e conforteis com a palavra de Deos, e com os santos Sacramentos, até a hora extrema; e nem as deveis desamparar, senão quando a final as tenhaes depositado nos braços da Divina Misericordia: de vós depende, diz um santo bispo, o proveito ou a ruina dos povos (6). Felizes de vós, veneraveis irmãos, se no dia das eternas recompensas puderdes dizer ao Juiz Supremo e Summo Pastor: que não perdestes por culpa vossa uma só das almas confiadas aos vossos cuidados.

Se bem estejamos certos do vosso zelo pela salvação das almas, unico fim, como bem sabeis, á que deve dirigir-se, e tomar como ponto de mira o sacerdote do Altissimo, não podemos deixar de novamente avival-o, e muito recommendar-vos o cumprimento dos deveres pastoraes, mormente o da prégação e explicação do evangelho nas missas conventuaes, o cathecismo aos meninos, aos ignorantes e aos escravos, deveres tão recommendados pelos concilios, e tão particularmente determinados na constituição diocesana (7). Em vós, veneraveis irmãos, depositamos nossas maiores esperanças, em grande parte

(1) Conc. Trid. sess. 6.ª de Justif. cap. 1.º
(2) Epist. ad Thim. cap. 1.º v. 12.
(3) Epist. ad Coloss. cap. 2.º v. 5.º
(4) Epist. ad Corinth. cap. 11 v. 2.º
(5) S. Math. cap. 20 v. 12.
(6) Sant. Alf. de Lig. Reflesseoni utili ai Vesc.
(7) Const. Syn. Tit. XXXII. n. 549 e seg.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

é de vós, que depende o feliz exito de nosso episcopado. Grandes são as responsabilidades, que nos tocão ao mesmo tempo, e se por nossa culpa perder-se uma dessas almas tão cáras ao coração de Deos, por isso que forão resgatadas com o preço infinito de seu sangue, como poderemos esperar para nós os effeitos da Divina Misericordia? Se, diz o apostolo, aquelle, que salva a alma de um seu irmão, salva a sua propria, o que dever-se-ha esperar daquelle, que é causa, de que ella se perca e se condemne?

Qual não deve ser, amados irmãos, a decencia e severidade do nosso comportamento, hoje mais que nunca que estamos feitos espectaculo ao mundo, aos anjos e aos homens (8)? Observa-se e julga-se severamente todos os nossos actos, dizia nas effusões do zelo, que o devorava, o santo metropolitano, que acabamos de perder, «e, o que é mais para lamentar, continúa elle, toma-se pretexto das nossas mesmas fraquezas para combater as mais veneraveis instituições e a disciplina da igreja: qual não deverá ser pois o nosso cuidado e delicadeza, para que não deixemos vituperar o nosso ministerio, nem demos occasião alguma á verbosidade e maledicencia dos nossos adversarios (9)?»

Se é dever de todo o christão servir de exemplo com suas virtudes, não julgando-se ter vindo á fé somente por seu interesse, mas para que tambem aos outros edifique, quando mais não possa fazer, com a integridade de sua vida, que diremos dos sagrados pastores, que forão postos na igreja de Deos mais particularmente para esse fim? Estes não só devem ser considerados como exemplos, porem ainda mais correctamente como exemplares. A' cada um delles entendeu dirigir-se o apostolo, quando disse a Tito: *in omnibus te ipsum præbe exemplum bonorum operum, in integritate, in gravitate* (10).

Sabemos, veneraveis irmãos, e muito nos consola pensar, que isto, que vos acabamos de repetir, optimamente conheceis; que não sois estranhos aos santos deveres do vosso ministerio; que vos achaes penetrados da sublimidade da vossa missão, que é somente a gloria de Deos, e não os mesquinhos interesses da terra, o alvo de todos os vossos trabalhos e fadigas; o Senhor pois será a vossa recompensa.

O mesmo favoravel juizo compraz-nos formar dos demais sacerdotes de nossa diocese, postos no ministerio santo, como cooperadores dos reverendos parochos. O sagrado caracter, de que vos achaes revestidos, irmãos dilectissimos, desde o dia, em que, com a imposição de mãos, recebestes o Espirito Santo, vos faz pertencer mais particularmente á herança do Senhor; Elle vos chamou para distribuidores de suas graças nos santos Sacramentos, para serdes os intermediarios entre Elle e o seu povo: quanto não vos deveis possuir e embeber, por assim dizer, da santidade do vosso caracter, dureza de vida e costumes? Sois o sal da terra, sois a luz do mundo, diz o Salvador, se o sal perder a sua força, *in quo salietur? Non valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus* (11). Sentença terrivel, proferida pelo mesmo Deos contra os sacerdotes prevaricadores, que se esquecem desse titulo augusto de ministros do Altissimo, superior ainda ao mesmo ministerio dos Anjos! Para que servem estes mais, do que a serem lançados fóra do sanctuario, calcados aos pés pelos homens? E não é isto o, que sempre acontece, Irmãos dilectissimos, quando um sacerdote, oh dor! se deixa arrastar no lodaçal dos vicios, profanando a dignidade sacerdotal, que Santo Agostinho chama *veneranda*, e um dos padres do concilio de Milão: *admiravel poder, officio excelso e espantoso* (12)?

Sois a luz do mundo, oh! não o esqueçaes jamais. Sacerdotes de Jesus Christo, sois na Igreja de Deos luz e amor, luz pelo ensino e pelo exemplo, amor, isto é, calor e fogo, que penetra as almas, e as toca e abraza por Jesus Christo: se em um paiz a fé desapparece, Jesus Christo é pouco conhecido e amado, não o duvideis, o causador é muitas vezes um ministro tibio e infiel á sua vocação.

Os bons sacerdotes, na frase de Santo Affonso de Liguori, são o braço direito do bispo, sem os quaes elle não poderá jamais ver bem cultivada a sua igreja (13); muito nos consola, irmãos dilectissimos, o pensamento, ou antes, a firme persuasão, em que estamos, que em nossa diocese destes é maior o numero, senão a totalidade: aos bons sacerdotes pois entendemos mostrar toda a nossa benevolencia, e nos empenharemos em todas as circumstancias por fazer-lhes o bem, que de nós depender; mas, segundo aconselha o mesmo Santo Affonso de Liguori, se estamos dispostos a animar os bons, tambem aos sacerdotes negligentes mostraremos sempre nossa pouca satisfacção, afim de que se emendem, podendo aquelles, que se corrigirem, contar com o nosso affecto paternal e amoroso acolhimento.

Não sendo possivel jamais prosperar uma diocese, sem um bom clero, instruido, virtuoso, inteiramente dedicado aos deveres do sagrado ministerio, applicado sempre á obra santa da salvação das almas, e ao bem espiritual dos povos, que em circumstancia alguma tenha em ponto de mira os bens deste mundo, os seus interesses e gozos perecedores, mas sim a gloria de Deos, e a difusão do evangelho, e de suas maximas regeneradoras, instituiu o santo concilio de Trento os seminarios diocesanos, onde a mocidade, chamada ao ministerio dos altares, se applicasse ao estudo da disciplina ecclesiastica, dos bons costumes e das lettras; e, creados á sombra do sanctuario, os jovens Levitas bebessem, separados do mundo e de seus perigos, essa piedade terna e zelo fervoroso pela causa de Deos, que deve ser o apanagio dos sacerdotes de Jesus Christo.

Será pois, filhos e irmãos dilectissimos, um dos maiores empenhos do nosso zelo e solicitude pastoral a boa organização do nosso seminario, e não pouparemos esforços, para que, se este não puder igualar aos magnificos estabelecimentos desse genero, que vimos em França e na Italia, ao menos tenha um regulamento e marcha por elles modelados, onde os nossos amados filhos seminaristas recebão uma instrucção solida e sufficiente, e ao mesmo tempo alli se infiltrem nelles a piedade e praticas da vida sacerdotal, tão necessarias, ainda mais do que as sciencias, para fazer fructificar a palavra divina, os bons exemplos, e produzir a santificação dos povos. Com quanto tenha o governo imperial estabelecido uma conveniente dotação e ordenado para os lentes das diversas cadeiras, falta-nos ainda, amados filhos, segundo nos consta, um edificio adaptado para os exercicios escolares, e devidas accommodações dos alumnos; nós vos conjuramos pois, e esperamos de vossa piedade, que venhaes em nosso auxilio, coadjuvando-nos em tão santa empreza, afim de que possamos contar entre nós um estabelecimento, que honre o paiz, e cujas vantagens não são menos incalculaveis para a sociedade do que para a religião: e qual não será a nossa consolação ao vermos vossa caridade coroada dos mais felizes resultados e das bençãos de todos, como seguro presagio dessa recompensa

(8) Epist. ad Corinth. cap. 4 v. 9.
(9) Arcebispo da Bahia —Pastoral primeira.
(10) Epist. ad Tit. cap. 2 v. 7.
(11) S. Math. cap. 5.
(12) Hug. de S. Victor. Conc. mediol. III an. 1573.
(13) Refles. ut. ai Vescovi.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

centuplicada, que vos reserva Deos, infinitamente liberal e rico em suas misericordias?

Ah! não cessaremos de bem dizer ao supremo Autor de todo o bem, amados filhos; a render-lhe humildes acções de graças pela inestimavel, que nos concedeu, já que foi de sua vontade soberana, que nos curvassemos sob o peso do episcopado, de sermos collocados á frente de um povo tão generoso e christão, onde ainda o deposito da fé se conserva intacto, e que, se não tem deixado levar de todo vento de doutrina, não obstante as vicissitudes dos tempos e corrupção da época, que tudo ameaça destruir, alagando a terra de toda a sorte de males. Sim, amados filhos, ao mesmo passo, que, na effusão do nosso coração vos saudamos, e pela primeira vez vos abençoamos amorosamente em Jesus Christo, não pudemos deixar de vos premunir contra essas doutrinas perversas, que hoje tanto se apregôão, e que são a peste das intelligencias, quando dellas nos deixamos enganar. O pai da mentira, qual leão rugidor, nos cerca continuamente, procurando por todos os meios devorar (14) é o seu verdadeiro inspirador, por isso que, desde o principio, rebelando-se contra a autoridade do Omnipotente, disse—*similis ero Altissimo* (15) serei semelhante ao Altissimo—estabelecendo dest'arte a rebellião contra o principio da auctoridade, e a desobediencia aos divinos preceitos, arrastando a ella os nossos primeiros infelizes progenitores, e com estes as futuras gerações, não cessando em todos os seculos de cultivar por todos os meios e propagar a todo custo esse principio destruidor, de que já desde a origem fôra envenenada a raça humana.

Vejamos, amados filhos, na historia dos povos, quanto forão estes infelizes, sempre que se deixárão dominar desse funesto principio, as guerras, que os devastárão, o desenfreamento das paixões, que os arrastárão á ultima abjecção, os males sem conta, que sobre elles pesárão, todas as vezes que se quizerão convencer, de que erão semelhantes á Deos—*Eritis sicut Dei* (16). Os gôzos materiaes, os prazeres dos sentidos, a ambição do mando, que de sangue tem feito verter, quantos imperios fizerão desapparecer da face da terra, que cumulo de desgraças não attrahirão sobre os miseros filhos dos homens, que se deixárão illudir d'essa doutrina fallaz e seductora! Que se póde edificar, diz Tertuliano, com aquelles, que não sabem senão destruir? que luzes se podem esperar, onde tudo é trevas? (17) O que vemos, amados filhos, nos presentes tempos senão como que dominando por toda a parte esse principio destruidor, prégado e por todos os modos inoculado nas populações por homens perversos, ministros do anjo descrido e rebelde? O trama infernal desses filhos das trevas, que com amargo e impudente escarneo se dizem filhos da luz e do progresso, claramente se manifesta hoje contra o evangelho, contra a Igreja de Deos, e o seu supremo Pastor; como outr'ora, gritão as turbas—*Nolumus hunc regnare super nos*—não queremos, que reine sobre nós (18) *dirumpamus vincula eorum, et projiciamus a nobis jugum ipsorum*—quebremos essas leis, que nos governão, esses dogmas tão oppostos aos nossos desejos, paixões e gozos: lancemos de nós esse jugo da lei do Senhor, que nos opprime, e nos contém; (19) tambem nós somos Deoses!

Para mais facilmente realisarem esse tenebroso projecto, tantas vezes tentado, surgem agora, combatendo a soberania temporal do Romano Pontifice; contra ella com infernal sanha assestão suas baterias, não poupando os meios mais torpes para destruil-a, porque em seus nefandos calculos esperão, que uma vez perdendo o chefe da Igreja catholica sua soberania e independencia, tornando-se vassallo de um outro soberano, perdida será tambem sua preponderancia nos negocios espirituaes do orbe; e que se não sujeitarão os principes e os governos á interferencia de um subdito estrangeiro, que muitas vezes será accusado mesmo de obrar debaixo de uma influencia estranha; e que, emfim, dissolvido por tal modo o vinculo catholico, a causa da impiedade será ganha, e pouco a pouco o christianismo, alvo de suas iras, ir-se-ha corrompendo, até desapparecer de todo.

Não o duvideis, amados filhos, a guerra contra Deos e o seu Christo é o movel de todos os esforços contra a soberania temporal dos Romanos Pontifices: os corifeus revolucionarios manifestamente a denuncião; não ha mais que duas potencias no mundo, disse o mais ousado dentre elles (20) a Igreja e a revolução; e a revolução não triumphará no mundo, senão no dia, em que a Igreja romana fôr anniquilada. E' esse mesmo, quem proclamou, que Deos era o mal, a propriedade um roubo!! Longe de vós, amados filhos, esses principios, fecundos em horriveis consequencias, evitai esses fallazes propagadores de uma doutrina, que só pode produzir desgraça e oppressão: elles esforção-se, diz ainda Tertulianno, em fazer desmoronar a nossa Igreja, para poderem edificar a sua; entretanto não entendem o, que seja edificar, o seu unico talento é destruir (21). A felicidade, ainda mesmo neste mundo, só achareis no evangelho, só é livre e venturoso aquelle, em quem repousa o espirito do Senhor—*Ubi spiritus Domini, ibi libertas* (22).

Guardai-vos dos falsos prophetas, que a vós vem com face de cordeiros, e não são mais do que lobos devoradores, os quaes com o pretexto da liberdade procurão perturbar toda a ordem na sociedade, e lançal-a em tal confusão, que lhe acarretaria o total exterminio. Prégão a divindade da razão humana, e declarão o homem soberano, affastando-o da obediencia devida á Deos, para lançal-o nos braços das paixões as mais brutaes. No meio desse universal pervertimento de idéas recorramos á fé, que com o seu lume esclarece as mentes, e regula as nossas acções: recorramos a Jesus Christo, que é de todos o caminho, verdade e vida: e quando ainda um anjo vos evangelizasse cousas diversas, do que as que aprendestes da santa Igreja catholica apostolica romana, mãe e mestra da verdade, não lhe presteis ouvido, e para vós seja anathema (23).

Finalmente a todos vós, carissimos diocesanos e filhos muito amados, collocamos debaixo da protecção da Santissima virgem Rainha dos Anjos, e muito particularmente vos encommendamos ao seu coração amorosissimo: Ella, assim como desde o primeiro instante de sua Conceição Immaculada conculcou e dispersou todas as heresias, assim se digne tambem com sua intercessão poderosa dissipar o furacão, que nos presentes tempos se condensa contra a santa Igreja e o seu chefe visivel. Elevai, pois, os vossos corações ao Deos Pai das luzes, supplicando fervorosamente pelo Soberano Pontifice, o magnanimo Pio IX, o vigario de Jesus Christo, e nosso extremoso Pae, para que diffunda sobre elle suas bençãos, o illumine, e lhe dê forças e constancia, para bem governar a Igreja, não obstante as iras infernaes, que contra

(14) Epist, 1ª B.Petr. cap. 5º v. 8.
(15) Iz.cap. 14 v. 14.
(16) Gen.cap.3º v.5º
(17) Tert. Præscrips. cap.12.
(18) Luc.cp. 19 v, 14.
(19) Psalm: 2 v. 3º

(20) Proudhon—De la justice dans la revol.
(21) Tert. Præscrips. cap.12.
(22) Ep.2ª ad Corinth.
(23) Ad Gal. cap. 1.º v. 8.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ella se desencadeião. Rogai tambem pelo augusto Imperador, nosso muito amado soberano, o Sr. D. Pedro II, afim de que Deos lhe dê coragem de patrocinar a santa causa da Igreja contra tantos inimigos, que lhe movem guerra; pela estabilidade do seu throno e dynastia, unica garantia da felicidade e união da nossa patria. Rogai, emfim por nós, para que possamos corresponder ao que o Senhor espera do nosso ministerio, afim de que nos dê a força necessaria, paciencia e resignação, para podermos levar os penosos encargos do episcopado.

Pelo que, ordenamos a todos os reverendos sacerdotes da nossa diocese, que, desde a recepção da presente, recitem nas missas diariamente, salvas as disposições lithurgicas, a oração—*Deus refugium nostrum*—e no officio tanto em vesperas como em laudes a antifona—*Da pacem*—com a respectiva oração, emquanto outra cousa não determinarmos.

E, para que chegue á noticia de todos, ordenamos aos reverendos parochos, que a presente seja lida á estação da missa conventual, em um domingo ou dia santo, nas igrejas parochiaes da nossa diocese, sendo registrada no livro competente.

Imploramos, amados filhos, a graça de Nosso Senhor Jesus Christo, e saudando-vos com o beijo de paz, na effusão de nosso coração, vos lançamos a benção pastoral.

Dada nesta cidade de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos, sob o signal e sello das nossas armas, aos 4 de Março de 1861.

SEBASTIÃO, *Bispo do Rio Grande.*

Lugar † do sello.

MARANHÃO.

Expediente do dia 17 de Julho da thesouraria de fazenda.

Officio á presidencia.—De conformidade com o art. 23 do decreto de 29 de Janeiro de 1850, levo ao conhecimento de V. Exc. no processo incluso, para que se sirva de resolver, como achar conveniente, a resolução, que tomou esta thesouraria, em sessão da junta de hontem, contra o voto do respectivo contador interino, de mandar pagar, nos termos do art. 4.º do decreto n. 1,221 de 24 de Agosto de 1853, ao conego Raymundo Alves dos Santos, lente da cadeira de grammatica latina do seminario episcopal desta diocese, a 3.ª parte dos vencimentos da cadeira de canto plano do mesmo seminario, que substituio, por impedimento do respectivo proprietario, visto entender, que os decretos ns. 2,523 e 2,531 de 20 de Janeiro e 18 de Fevereiro de 1860 não comprehendêrão os lentes dos seminarios episcopaes nas disposições do de n. 1,995 de 14 de Outubro de 1859, não só porque, segundo a boa razão, ellas devem ser applicadas aos empregados de natureza identica aos da fazenda, como porque o decreto n. 2,543 de 3 de Março de 1860, que creou cadeiras de ensino no seminario de Goyaz, o qual é posterior a aquelles, consignou no art. 4.º as mesmas disposições do de 24 de Agosto de 1853, que a contadoria suppõe implicitamente alterados pelos acima citados: accrescentando ainda, que, se o decreto n. 1,995 tivesse, neste caso, applicação, jamais baixaria o, que creou as cadeiras do seminario de Goyaz com as disposições do da creação das do desta provincia.

—Officio da Presidencia *em resposta ao do Sr. inspector da thesouraria de fazenda acima.*— Trouxe V. S. ao meu conhecimento, com o seu officio de 17 de Julho ultimo, n. 197, de conformidade com o art. 23 do decreto de 29 de Janeiro de 1850, a resolução, que tomou a thesouraria, em sessão da junta do dia anterior, contra o voto do respectivo contador interino, de mandar pagar, nos termos do art. 4.º do decreto n. 1,221 de 24 de Agosto de 1853, ao conego Raymundo Alves dos Santos, lente da cadeira de grammatica latina do seminario episcopal desta diocese, a terça parte dos vencimentos da cadeira de canto plano do mesmo seminario, que rege, como substituto, por impedimento do effectivo, visto entender, que os decretos ns. 2,523 e 2,531 de 20 de Janeiro e 18 de Fevereiro de 1860 não comprehendem os lentes dos seminarios episcopaes nas disposições do de n. 1,995 de 14 de Outubro de 1859, não só porque, segundo a boa razão, ellas devem ser applicadas aos empregados de natureza identica aos da fazenda, como porque o decreto, n. 2,543, de 3 de Março de 1860, que creou cadeiras de ensino no seminario de Goyaz, e que é posterior a aquelles, consignou no art. 4.º as mesmas disposições do de 24 de Agosto de 1853.

Em resposta declaro a V. S. que esta presidencia já em officio de 15 de Setembro do anno passado, sob n. 821, fez vêr a essa thesouraria, que o decreto n. 2,531 de 18 de Fevereiro de 1860 não podia ter applicação senão aos casos, para os quaes não havião disposições especiaes, e a razão apresentada no officio de V. S. de que o decreto n. 2,543 de 3 de Março, posterior a aquelle, consignou as mesmas disposições do de 24 de Agosto de 1853, pela qual forão creadas as cadeiras do seminario desta diocese, é mais que poderosa para sustentar a opinião, sobre que se basea a sua decisão; e por isso a approvo.

O ECCLESIASTICO.

Tendo chegado o Exm.º e Revm.º Sr. Arcebispo, D. Manoel Joaquim da Silveira, á capital da Bahia na manhã de 27 de Junho findo, e tomado o Pallio a 29, no dia 1.º de Julho, ás 4 horas da tarde, tomou posse do Arcebispado, por seu Procurador, o Rvm.º Sr. Conego Deão, Commendador Miguel Antonio Ferreira, ficando assim installado no governo do Arcebispado da Bahia o seu 15.º Arcebispo.

No vapor *Cruzeiro do Sul*, que dali partio a 21 de Julho, seguio S. Rxc.ª Revm.ª para a côrte do Imperio, com o fim de cumprimentar a S. M. o Imperador, e render ao mesmo Augusto Senhor os devidos agradecimentos pela honra, que lhe fizera, elevando-o á excelsa Dignidade de Metropolita e Primaz do Imperio.

S. Exc. Rvm.ª foi acompanhado até o ponto do embarque por todas as pessoas distinctas da capital da Bahia, e por um extraordinario concurso de povo, recebendo nessa hora as honras militares, devidas á sua elevada posição.

Nesta viagem, por uma coincidencia singular, foi o distincto Metropolita encontrar no Rio de Janeiro os Prelados seguintes:

O Exm.º e Revm.º Sr. Arcebispo de Athenas, *in partibus*, Internuncio Apostolico, Marianno Falcinelli Antoniaci.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

O Exm.º e Revm.º Sr. Bispo, Capellão-mor, Conde de Irajá, D. Manoel do Monte Rodrigues d'Araujo.

O Exm.º e Revm.º Sr. Bispo de Chrysopolis, *in partibus*, D. Fr. Pedro de S. José e Souza.

O Exm.º e Revm.º Sr. Bispo, resignatario do Pará, D. José Affonso de Moraes Torres.

O Exm.º e Revm.º Sr. Bispo do Rio Grande do Sul, D. Sebastião Dias Laranjeira.

O Exm.º e Revm.º Sr. Bispo do Ceará, D. Luiz Antonio dos Santos.

O Exm.º e Revm.º Sr. Bispo eleito para S. Paulo, Monsenhor Sebastião Pinto do Rego.

O Exm.º e Revm.º Sr. Bispo eleito para o Maranhão D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva; e finalmente o Exm.º e Revm.º Sr. Bispo eleito, e já resignatario da Diamantina, D. Marcos Cardoso de Paiva.

Consagração do Bispo da Bulgaria.

Deu-se um facto consideravel, domingo 14 de Abril, no palacio apostolico do Vaticano: nosso santo Pae, o Papa Pio IX, conferia a consagração episcopal á um archimandita bulgaro, e o declarava arcebispo e vigario apostolico em seu paiz. Esse dia resumia só para si a historia de dez seculos, e recolhia e completava todos os votos delles. Parecia, que a misericordia do Deos Omnipotente o designára, para começar uma era de triumphos para sua Igreja.

Ha mil annos, uma embaixada de Bulgaros, antepassados daquelles mesmos, que vierão agora, chegava ao tumulo dos santos apostolos, pedindo a unidade na fé de Jesus Christo, ensinos e uma direcção para caminharem na senda da salvação. A historia attesta os cuidados prodigalizados então pelo santo pontifice Nicolão I, chamado o Grande, e depois pelo papa João VIII. A Igreja venera como santos os dous irmãos Cyrillo e Methodio, que evangelizárão os Bulgaros por delegação dos summos pontifices.

Desde então os acontecimentos se succedêrão, e a verdade e o erro travárão entre si uma luta perpetua, até que se vio a prosperidade religiosa desses povos desvanecer-se, e ficarem sem fructo os cuidados incessantes e attentos, multiplicados pela santa sé, principalmente nos pontificados de Innocencio III e de Alexandre IV.

Entretanto as sollicitudes dos pontifices romanos, longe de affrouxar, redobrou de ardor, para chamar á unidade da fé e ao seio da santa Igreja as nações separadas pelo schisma, logo que circumstancias mais favoraveis parecêrão apresentar-se.

Assim, o summo pontifice reinante, apenas lançára mão do leme da barca de Pedro, lançava um olhar penetrante sobre as ondas da sociedade humana: descobria todos os signaes precursores de uma grande tempestade, erguia a voz para ensinar os christãos a conjural-a, e não se esquecia de abraçar com sua caridade pastoral os povos orientaes, indicando-lhes o caminho, que devia conduzil-os ao porto da salvação. No dia da Epiphania de 1848 appareceu a Encyclica *In suprema Petri*, dirigida ás Igrejas do Oriente: é o pharol unico, que póde preserval-as de uma perda infallivel no naufragio, em que ellas turbilhonão.

Alguns Bulgaros, preoccupados com este perigo, lembrarão-se das palavras pronunciadas pelo successor de S. Pedro, e voltárão os olhos para Roma; reconhecêrão, que no centro unico se achava o fóco, á que foi dado, no meio da diversidade dos ritos e dos costumes das diversas nações, accender o fogo inextinguivel da caridade de Jesus Christo; interrogárão os monumentos de sua historia, e encontrárão como primeiro signal de sua grandeza nacional a união com Roma. Em breve esse sentimento dispertou-se em todos os corações, e todo o povo bulgaro testemunhou o desejo de voltar á unidade catholica.

Antes do fim do anno de 1860 um grande numero de Bulgaros, ecclesiasticos e leigos, habitantes de Constantinopla, apresentarão-se, tanto em seu nome como em nome de sua nação, a monsenhor Brunoni, vigario apostolico patriarchal, e lhe fizerão conhecer a determinação tomada por elles de voltarem á unidade catholica.

O prelado tomou em consideração sua declaração; e em breve, em presença dos prefeitos apostolicos do Oriente, que se achavão então na cidade, dos curas e dos superiores das ordens religiosas, recebeu o acto solemne de sua união, assistido pelo monsenhor Hassoun, primaz dos armenios catholicos. O original de um acto desta importancia foi transmittido a Roma. Nada prova melhor, quanto foi elle agradavel ao summo pontifice, vigario de Nosso Senhor Jesus Christo, do que o ardor e a solicitude empregados por S. Santidade em procurar uma Igreja conveniente para as funcções de seu culto, e o Breve em data de 24 de Janeiro ultimo, dirigido ao vigario apostolico patriarchal.

O pontifice ahi declara, que está prompto a concordar com todos os seus justos pedidos, a saber: a conservação de seus ritos legitimos, de suas ceremonias, de sua liturgia, reconhecidas orthodoxas, e da hierarchia a organizar em sua Igreja.

Entretanto, em Constantinopla abria-se a capella dos bulgaros no mesmo dia, em que elles celebrão a festa do Natal, segundo o kalendario juliano, de que ainda usão.

Depois, uma deputação pedio para voltar á Roma, a renovar perante o Santo Padre os protestos de união. Em virtude de deliberações, tomadas sob os auspicios da congregação da Propaganda, foi ella composta do archimandita José Socolski, do diacano Raphael, e de dous leigos, os senhores Dracan Zancoff e Jorge Mirlhowitch, acompanhados do Sr. Eugenio Boré, Prefeito apostolico dos lazaristas de Contantinopla, que em todas as questões, sobrevindas entre os Bulgaros e a congregação da Propaganda, desempenhou o officio de interprete.

Chegados á Roma, os membros da deputação forão apresentados ao Santo Padre na manhã de 8 do corrente por sua eminencia o cardeal Barnabó, Prefeito, e por monsenhor Capalti, secretario da congregação da Propaganda. O diacono Raphael tomou a palavra em nome do archimandita e dos dous outros delegados, e exprimio espontaneamente em lingua bulgara os sentimentos, que os inspiravão aos pés do successor de S. Pedro.

Disse, que a nação bulgara renovava a parabola do filho prodigo, visto como dissipando os thesouros da fé, de que

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

a dotara um outro pontifice, ella cahira na desgraça do schisma; agora voltava, esperando encontrar no summo pontifice reinante um pai sempre amoroso, que a acolhesse com misericordia, e lhe désse a abundancia da graça.»

O Sr. Boré leu em latim uma versão deste discurso. O Santo Padre respondeu palavras de consolação, e derramou lagrimas, abraçando os deputados da nação bulgara.

S. Santidade quiz por si mesma, para consolidar estes actos, conferir a consagração episcopal ao archimandita José Socolski, e preconizal-o ao mesmo tempo Arcebispo e vigario apostolico para os Bulgaros.

S. Santidade desejou, que esta ceremonia tivesse lugar na capella Sixtina domingo 14 de Abril. Mandou convidar os cardeaes Palatinos, e os cardeaes, que compõem a congregação da Propaganda. Quiz tambem, que para ahi levassem os alumnos da congregação da Propaganda, vestidos com paramentos do côro, e os alumnos do collegio grego Ruthene. Mandou convidar além disso os monges Antoninos com seus discipulos, os reverendissimos padres procuradores das duas congregações mechitaristas de Veneza e Vienna, os outros procuradores das diversas ordens monasticas da illustre nação maronita e dos grecomelchitas, assim como o padre procurador da ordem basiliana da Polonia.

Os cardeaes e os convidados tomárão lugar no vasto presbyterio da capella. S Santidade ahi achou-se presente ás sete horas e meia, e logo que subio ao throno, tomou as vestimentas pontificias. A' sua direita sentou-se S. Em. o cardeal Barnabó; monsenhor Capalti e monsenhor Stefano Bruti, protonotario apostolico e secretario da Propaganda approximarão-se do throno. Então foi conduzido á baixo dos degráos monsenhor Socolski, vestido com os paramentos sacerdotaes do seu rito, assim como o diacono Raphael, vestido da mesma maneira, segundo sua ordem, e os Srs. Zancoff e Mirlhowitch com vestimentas do côro. O Sr. Socolski exprimio em poucas palavras: quanto se julgava feliz de render sua homenagem ao Summo Pontifice em nome de sua nação, e pedio a permissão de renovar com solemnidade o acto formal da reunião do povo bulgaro á Igreja catholica, que já tinha sido formulada em Constantinopla. Então leu em altas vozes e em linguagem bulgara o, que se segue:

«Bem quizera, Santissimo Padre, nestas circumstancias tão felizes e tão memoraveis testemunhar de um modo brilhante toda a nossa gratidão pelas graças, que nos tendes prodigalizado; mas temo, que meus agradecimentos fiquem muito á quem dos beneficios insignes, que temos recebido; por quanto, é obra vossa, *se estando mortos voltamos á vida, e se estando perdidos fomos achados* (Lucas XV.) Julgo, que será mais prudente, que tanto em meu nome como em nome de meus compatriotas bulgaros, pronuncie um testemunho publico e solemne da fé, que temos por verdadeira.

«Sabei pois, Santissimo Padre, que cremos e professamos todas as cousas, e cada uma de per si, contidas no symbolo de fé usado nesta Igreja romana. Veneramos igualmente, e recebemos todos os concilios ecumenicos, celebrados e confirmados pela autoridade do Pontifice romano, especialmente o concilio de Florença: nós professamos todos os artigos definidos nesse concilio, á saber:

«O Espirito Santo está eternamente com o Pai e com o «Filho; Elle tira igualmente do Pai e do Filho sua essen«cia e substancia, e procede eternamente de ambos como «de um mesmo principio e de uma inspiração unica.

«Esta locução *Filioque*, empregada para exprimir a «verdade por necessidade reconhecida, foi licita e razoa«velmente introduzida no symbolo.

«No pão azymo, como no pão feito com fermento, for«ma-se o corpo de Jesus Christo, e os sacerdotes devem «consagral-o um ou outro para transformal-o em corpo «de Jesus Christo, segundo o costume de sua Igreja, quer «oriental quer occidental.

«Se os penitentes sinceros morrem no amor de Deos, «antes que tenhão satisfeito por dignos fructos de peni«tencia as faltas, que commettêrão, suas almas são pu«rificadas depois da morte pelas penas do purgatorio; e «para isental-as dellas são-lhes uteis os soffragios dos «fieis vivos, isto é, o sacrificio da missa, as orações, as «esmolas, e as outras obras de piedade, que os fieis cos«tumão fazer aos outros, segundo as instituições da Igreja. «E as almas d'aquelles, que depois de recebido o baptis«mo, não se manchárão de peccado algum; e as almas «tambem, que depois de terem contrahido a mancha do pec«cado, se purificárão, quer em seus corpos, quer depois «de terem sido delles separadas, são logo recebidas no «céo. e veem claramente a Deos, triplo e uno, como elle «é, todavia na razão de seus meritos diversos.

«Quanto ás almas d'aquelles, que morrem no peccado «mortal actual, ou somente original, ellas descem logo «aos infernos, para serem ahi punidas, com penas toda«via desiguaes.

«A Santa Sé apostolica, e o Pontifice romano, teem a «primazia em todo o universo. O Pontifice romano é o «successor de S. Pedro, principe dos Apostolos, verda«deiro vigario do Christo, chefe de toda a Igreja, Pai e «doutor de todos os christãos. A' elle, como á S. Pedro, «foi dado por Nosso Senhor Jesus Christo pleno poder de «apascentar, conduzir e governar a Igreja universal, como «se vê expresso (como declara o mesmo Concilio de Flo«rença) nos Actos dos concilios ecumenicos e nos santos «canones.

«Emfim, nós admittimos e professamos tudo, quanto admitte e professa a Igreja romana, e igualmente condemnamos, rejeitamos e anathematizamos todas as cousas contrarias, os schismas, as heresias condemnadas, rejeitadas e anathematizadas pela mesma Igreja.

«Eis o que creem e guardão os bulgaros, que recentemente pela inspiração da graça do Espirito Santo, ardentes e zelosos, renovárão sua união mui desejada e mui santa com esta Séde de Pedro, *á cuja principal autoridade é necessario, que toda a Igreja se ligue* (Ir. l. 3. c. 3.) Eis o que eu mesmo creio e guardo; eis o que ensinarei ás ovelhas, que V. Santidade me confiar. Feliz de mim, na verdade, se empregar de tal modo meus esforços, que estas emprezas felizes da solicitude apostolica de V. Santidade tenhão um progresso e um fim duraveis! Emfim, *se fizermos algum bem, se imaginarmos alguma cousa de bem, se obtivermos alguma cousa da misericordia de Deos por nossas supplicas de todos os dias, será pelas obras*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

e pelos meritos d'aquelle, cujo poder se vê viver na Séde de Roma, cuja autoridade se vê prevalecer. (Leo M. Serm. 3. c. 3.)».

S. Santidade, visivelmente commovido, dignou-se responder nestes termos:

«As trevas de uma longa desunião affastão-se áfinal; uma caridade esplendida raiou sobre a unidade catholica e sobre a nação bulgara. Testemunhos indubitaveis, com effeito, ensinarão-nos, que uma parte mui consideravel da nação voltará á communhão desta séde de Pedro, *a qual tendo adquirido a graça da vida eterna, vive eternamente, e vivifica o povo de Deos.* (Cypr. Epist. 71). Quem não renderia graças ao dispensador de todos os bens? Quem não admiraria os thesouros da divina misericordia? Qual é o homem, cujo coração de ferro não seria tocado por este excesso de bondade sagrada? São obras estas inteiramente celestes, e que devem por conseguinte ser acolhidas com uma veneração, e celebradas por louvores divinos. A' vós louvores, á vós gloria, á vós acções de graças, ó Jesus Christo, fonte de misericordia e de toda a consolação, que entre nossa geração tendes feito apparecer milagres de nossa piedade, para que todos contem vossos admiraveis prodigios! Da sincera intenção daquelles, que se reunem, não poderião deixar-nos duvidar, nem os testemunhos recebidos, nem principalmente essa profissão solemne, que acabaes de pronunciar em vosso proprio nome e no de vossos compatriotas. *Assim confiamos, que a protecção de Deos conservará seus corações e sua fé.* (S. Leo M. Serm. 96). Entretanto pedimos-vos ardentemente, que a obra divinamente começada seja aperfeiçoada por vossa intelligencia com o soccorro do espirito Santo; mereceis assim ser chamado e ser realmente o cooperador de Deos. Queira o Deos omnipotente, que a verdadeira Igreja do Christo, fecunda em successos, estenda seus ramos sobre toda a Bulgaria, e que ahi *espalhe mais largamente ainda seus regatos abundantes.* (S. Cypr. *De unitate Ecclesiæ,*) Fundado nesta esperança, nós abraçamos os bulgaros catholicos em nossa caridade paternal, e concedemos a elles, e a vós com amor, a benção apostolica».

As palavras pronunciadas pelo Santo Padre forão immediatamente traduzidas em esclavonio por Monsenhor Boré; então Monsenhor Socolski e os outros deputados bulgaros entregárão a copia do discurso, ja assignado por elles, a Monsenhor Ferrari, Prefeito das ceremonias apostolicas, que a consignou ao Sr. secretario da Propaganda, afim de que um documento authentico da reunião fique nos archivos da congregação.

Monsenhor Socolski e os outros deputados subirão ao throno, e prostrarão-se para beijarem o pé do Santo Padre.

S. Santidade desceu do throno, veio sentar-se na poltrona, collocada diante do altar, e começou a ceremonia da consagração. Tudo marchou exactamente conforme o Pontifical romano. Mas o eleito pronunciou a profissão de fé, segundo a formula instituida para os orientaes pela bulla de Urbano VIII. Todos os actos, que precedem a missa forão desempenhados por S. Santidade, servindo-se da lingua latina, entretanto que o eleito empregava a esclavonia: elle lia nesta lingua as rubricas e as formulas, traduzidas expressamente para a circumstancia.

Monsenhor Socolski voltou ao seu altar, onde depoz os paramentos de Bispo, proprios de seu rito. Depois começou o exame e o santo sacrificio, celebrado por S. Santidade em latim, e pelo eleito em lingua esclavonia-liturgica. Para conservar, quanto fosse possivel, o rito oriental, dispensarão-no de calçar as luvas, e entregarão-lhe um baculo e uma mitra grega.

Tomárão parte na ceremonia como consagradores Monsenhor Estevão Missir, o Arcebispo de Irenopolis, o Arcebispo do rito grego, e o Bispo de Chartres, assistidos cada um dos ecclesiasticos de sua comitiva respectiva. Assim, um prelado da igreja oriental e um prelado da igreja occidental concorrião com o Summo Pontifice á consagração do novo Arcebispo dos bulgaros. Um parecia reparar o damno causado pelos gregos schismaticos á fé dos bulgaros; o outro representava a França generosa e seu clero, que desde o tempo do imperador Carlos o calvo obrára com zelo para consolidar a fé desses povos.

Mas, uma outra coincidencia foi notada pelos assistentes, que contemplavão toda a serie dessas ceremonias magnificas, e por aquelles mesmos, que nellas tomárão parte.

O S. Padre na ceremonia do santo sacrificio conformava-se á *Ordo* da basilica de S. João de Latrão; ora, elle dizia a missa propria do dia, que era o de Leão 1.º Pontifice e doutor, o primeiro evangelho compunha-se de um fragmento do capitulo XVI. de S. Matheus, onde o evangelista refere, que Jesus Christo constituio S. Pedro para ser a pedra, sobre a qual elle edificaria sua Igreja, e deu-lhe as chaves do reino dos ceos; o segundo evangelho era o do domingo, tirado do capitulo X. de S. João, onde o Salvador diz de si mesmo: «*Eu sou o bom pastor;* e termina prophetizando, *que um dia viria, em que haveria um só rebanho e um só pastor*».

Suas Magestades, o rei e a rainha de Napoles, a Sra. rainha viuva, com Suas Altezas Reaes, os principes e princezas, seus filhos, assistião á ceremonia, bem como uma multidão extraordinaria de romanos e estrangeiros.

Depois da ceremonia S. Santidade offereceu em sua alcova uma collação, da qual, ella mesma fez as honras. A' tarde S. Em. o cardeal secretario deu um jantar aos mesmos convidados em nome de S. Santidade.

O Santo Padre quiz, que os deputados bulgaros levassem lembranças materiaes de sua viagem á Roma; elle fez presente de diversos objectos preciosos a Monsenhor Socolski, á Monsenhor Boré, e ao diacono Raphael: e conferio as insignias da ordem de Pio aos Srs. Dracan Zancoff e Jorge Mirthowitch.

(*Le Monde.—S. Filho.*)

Programma para a recepção do Exm. e Rvm. Sr. Bispo do Rio Grande do Sul.

De ordem de S. Exc. o Sr. conselheiro presidente desta provincia se faz publico o seguinte—Programma—para a recepção de S. Exc. Rvm. o Sr. Bispo Diocesano, D. Sebastião Dias Larangeira.

1.º Logo que o vapor chegar as—Pedras Brancas—dous tiros de canhão e uma girandola na praça de palacio annunciarão a chegada de S. Exc. Rvma.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

2.º Na praça d'Alfandega, lugar destinado ao desembarque, se reunirão os Exms. Srs. Presidente da provincia, Governador do bispado, Commandante das armas, Vice-presidente da provincia, Grandes titulares do imperio, Corpo consular, Chefe de policia, Officiaes generaes do exercito, Commandante superior da guarda nacional, Deputados provinciaes, Camara municipal, Magistrados, Empregados das differentes repartições, Officiaes da guarda nacional, exercito e armada, Clero, Irmandades, Confrarias e Ordens terceiras.

3.º Ao ancorar o vapor a artilheria dará a salva do estylo, e irão á bordo cumprimentar e receber S. Exc. Rvm.ª, o Exm. Sr. Presidente da provincia, Governador do bispado, Commandante das armas, Chefe de policia, Presidentes d'assembléa e da camara municipal, o Inspector da thesouraria, e esperarão, até que uma girandola annuncie, que tudo está prompto para S. Exc. Rvma. desembarcar.

4.º O 4.º batalhão de infanteria dará a guarda de honra, e o 1.º de guardas nacionaes formará alas desde a cathedral até a praça d'Alfandega.

5.º Ao desembarcar será S. Exc. Rvma. recebido debaixo do pallio, desfilando o prestito pela rua da Praia e subindo pela do Ouvidor até a cathedral (*).

6.º Finda a ceremonia religiosa, e o osculo do annel, sahirá o prestito do mesmo modo pela rua da Igreja até o palacio episcopal.

7.º O pallio será conduzido do desembarque até a rua do Ouvidor pelos Exms. Srs. Presidente da provincia, Governador do bispado, Commandante das armas, Vice-presidente, Chefe de policia, Presidente da assembléa provincial e da camara municipal, e Commandante superior da guarda nacional.

Da rua do Ouvidor até a cathedral, e dahi até a residencia de S. Exc. Rvma. pelos officiaes generaes, deputados provinciaes, chefes de repartições, camaristas e mais funccionarios.

8.º O prestito desfilará na seguinte ordem:

As irmandades e ordens terceiras.

Clero, pallio, autoridades e mais empregados pela ordem, que fica estabelecida.

Secretaria da presidencia em Porto Alegre 12 de Junho de 1861.

O official-maior
João da Cunha Lobo Barreto.

(*) Por occasião do *Te Deum* é orador o vigario da Caxoeira, Luiz Antonio Gonçalves dos Santos.

NOTICIAS DIVERSAS.

Entrada solemne do Exm. e Rm.º Sr. Bispo do Rio Grande do Sul.

—Lê-se no *Diario do Rio Grande* de 21 de Julho:

S. Exc., que se acha hospedado na casa de morada do Sr. capitão do porto Antonio Caetano Ferraz, na Macegé, embarcou pelas 10 horas n'uma bem arranjada baleeira, acompanhado da commissão por parte da camara municipal, e desembarcou no trapiche do Carmo, onde se achava postada uma guarda de honra do destacamento do Doze, a camara em corporação, as autoridades civis e militares, a officialidade da guarda nacional, professores publicos, chefes de repartições, e grande numero de cidadãos de todas as classes.

Recebido ahi debaixo do pallio, foi conduzido em procissão para a Igreja Matriz, e assistindo alli ao *Te Deum*, mandado cantar pela municipalidade, tornou a sahir em procissão, desfilando pela rua Direita, até a casa de sua residencia, na Macegé.

S. Exc. Rvm. tinha administrado o sacramento da Confirmação em diversas Igrejas da cidade, visitára a cadeia e os estabelecimentos pios, e dispunha-se a partir para a capital da provincia, em um vapor de guerra, que a presidencia mandára pôr á sua disposição.

Roma.

Actos do consistorio do dia 18 de Março.

Sua Santidade, o Papa Pio IX, celebrou a 18 de Março no palacio do Vaticano, um Consistorio secreto no qual, depois da respectiva allocução, propôz as igrejas seguintes:

A Igreja metropolitana de Valença, em Hespanha, para o Sr. Mariano Barrio e Fernandes, promovido da sé episcopal de Carthagena.

A Igreja metropolitana de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos, no Brasil, para o Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, promovido da sé episcopal de S. Luiz do Maranhão.

A Igreja metropolitana de Puch, em França, para o Sr. Francisco Agostinho Delamere, promovido da sé episcopal de Luçon.

As Igrejas cathedraes unidas de Viterbo e Toscanellas, nos Estados Pontificios, para o Sr. Caetano Bedini, secretario da sagrada congregação da Propaganda, transferido da Igreja archiepiscopal de Thebas, *in partibus infidelium*.

A Igreja cathedral de Nevers, em França, para o Sr. Theodoro Agostinho Forcade, transferido da sé episcopal da Guadelupe ou Basse Terre.

A Igreja cathedral de Annecy, em Saboya, para o Dr. Claudino Maria Magnin sacerdote da diocese de Annecy, superior do Grande Seminario, conego honorario da cathedral, doutor em theologia e em direito civil e canonico.

A Igreja cathedral de Troyes, em França, para o Sr. D. Manoel Julio Ravinet, sacerdote de Pariz, vigario geral da mesma cidade e archidiocese.

A Igreja cathedral de Soissons, em França, para o Sr. D. João José Christophe, sacerdote da diocese de Saint Dizie, cura da capella de S. Diniz em Pariz.

A Igreja cathedral de Perigueux, em França, para o Sr. D. Carlos Theodoro Baudry, sacerdote da diocese de Angers, e professor de theologia no seminario de S. Sulpicio em Pariz.

A Igreja cathedral de Beja, em Portugal, para o Sr. D. Antonio da Trindade de Vasconcellos Pereira de Mello, sacerdote da archidiocese de Braga, outr'ora da congregação dos conegos Regulares de S. Agostinho, juiz no supremo tribunal ecclesiastico de Lisboa, conego do capitulo, examinador synodal, camarista secreto supranumerario de S. Santidade, e laureado em theologia.

A Igreja cathedral de Goyaz, no Brasil, para o Sr. D. Domingos Quirino de Sousa, sacerdote da archidiocese de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos, e auxiliar do cura da Estancia na mesma archidiocese.

A Igreja episcopal de Ibora, *in partibus infidelium*, para o Sr. D. Adriano Ulodarski, sacerdote da diocese de Breslau, conego da cathedral, e deputado suffraganeo do Sr. Henrique Froster, bispo da mesma sé.

Depois Sua Santidade annunciou a eleição seguinte, feita desde o ultimo consistorio até o deste dia:

Coadjutoria com futura successão do Sr. Emiric Osegovich Barlabasseveez, bispo de Syna, e administrador perpetuo de Modrussa, na Dalmacia, em favor do Sr. Venceslas Sorie, bispo das sés unidas de Belgrade e Semendria, na Servia.

Emfim, o pedido do sagrado *Pallium*, que foi feito ao Santo Padre para as Igrejas metropolitanas de Valença, de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos, e do Auch.

(*Extr.*)

—Por bulla de 17 de Maio do corrente anno foi agraciado com o titulo de cavalleiro da ordem de S. João de Jerusalem, e capellão de obediencia magistral de S. M. O. Hyerosolomitana o Sr. reitor do Seminario Episcopal de S. José, padre mestre Pedro Celestino de Almeida Pacheco.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp por B. de Mattos na typ. do PROGRESSO—186

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º 215.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

TERÇA-FEIRA 3 DE SETEMBRO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

PORTARIA.--Em beneficio espiritual e temporal dos fieis parochianos da Freguezia de São João da capital, cumpre, que o Rvd. Beneficiado Antonio Tavares da Silva, logo que esta lhe seja apresentada, em seu cumprimento se encarregue do ministerio parochial da mesma, visto não poder continuar a exercer o Rvd. Beneficiado Manoel da Costa Delgado, como por sua supplica me fez saber, para o que concedo ao dito Beneficiado Antonio Tavares da Silva toda a jurisdicção inherente ao referido ministerio. Maranhão 12 de Agosto de 1861.--*Luiz Raymundo da Costa Leite.*

O ECCLESIASTICO.

Rectificação.

Em um pequeno artigo no n. passado deste jornal demos uma lista dos Exms. Prelados, que se achavão na corte do Imperio á chegada ali do Exm. e Rvm. Sr. Arcebispo, D. Manoel Joaquim da Silveira. Entretanto, só depois d'impressa essa pagina, foi que lemos nos jornaes, vindos pelo ultimo vapor, que o Exm. Sr. Bispo do Rio Grande do Sul chegára á cidade deste nome, em sua Diocese, no dia 21 de Julho, em que justamente partira da capital da Bahia, o Exm. Metropolita, que á vista disso não podia encontral-o na côrte.

Por amor á verdade fazemos pois esta rectificação.

TRECHO

Do Relatorio do Exm. Snr. Ministro do Imperio e dos Negocios ecclesiasticos, presente á Assembléa geral legislativa, na sessão de 1861, pelo respectivo Ministro José Antonio Saraiva.

NEGOCIOS ECCLESIASTICOS.

Tendo, pelo art. 3º do decreto n. 2,747, de 16 de Fevereiro do corrente anno, passado para o ministerio a meu cargo os negocios ecclesiasticos, que anteriormente corrião pelo da justiça, é do meu dever informar-vos do que de mais notavel tem occorrido em relação a esse importante ramo de serviço, e chamar vossa illustrada attenção para alguns objectos, que o governo considera merecedores de vossos cuidados.

Folgo em declarar-vos, que as relações da S. Sé e do seu Delegado com o governo imperial são dominadas pelo espirito da mais cordeal benevolencia.

BISPADOS.

Tendo lugar no dia 29 de Dezembro do anno passado o infausto passamento do virtuoso e illustrado marquez de Santa Cruz, D. Romualdo Antonio de Seixas, Arcebispo da Bahia, e Primaz da Igreja Brasileira, houve Sua Magestade o Imperador por bem, por decreto de 5 de Janeiro ultimo, apresentar naquelle Arcebispado o Rvd. Bispo da diocese do Maranhão, D. Manoel Joaquim da Silveira.

—Ficando assim vaga esta diocese, foi servido o mesmo Augusto Senhor nomear, por decreto de 14 do dito mez, o D. Abbade do mosteiro de S. Bento da côrte, Fr. Luiz da Conceição Saraiva, Bispo do Maranhão.

Forão expedidas á Santa Sé as respectivas cartas imperiaes de apresentação, a primeira com data de 5 e a segunda com a 21 do mez de Fevereiro proximo preterito, tendo sido já confirmado o novo Arcebispo.

Achão-se ainda privadas de Pastor as igrejas de S. Paulo e da Diamantina, a primeira por fallecimento no dia 16 de Fevereiro proximo findo do digno e incansavel Prelado D. Antonio Joaquim de Mello, e a segunda pela renuncia feita e acceita do Bispo para ella nomeado, o Padre Marcos Cardoso de Paiva.

O governo, procedendo com a mais escrupulosa cautela, esforçar-se-ha por escolher Prelados, que tenhão a dedicação, a fé ardente, sem as quaes não satisfarão o desempenho das altas funcções do episcopado.

Os Bispos nomeados, por decretos de 31 de Janeiro de 1859, para a diocese do Ceará, Padre Luiz Antonio dos Santos, por decretos de 23 de Março de 1860, para a do Pará, Padre Antonio de Macedo Costa, e para a do Rio Grande do Sul, Padre Sebastião Dias Larangeira, estão já confirmados pela Santa Sé Apostolica.

Achando-se na Europa o Padre Sebastião Dias Larangeira, e querendo Sua Santidade dar mais um testemunho de suas disposições benevolas para com o governo imperial, dignou-se de effectuar a ceremonia de sua sagração no dia 7 de Outubro ultimo, na capella Sixtina, em presença de grande numero de Arcebispos, Bispos, e altos funccionarios da côrte pontificia.

Este Prelado de volta, desembarcou na cidade da Bahia, sendo para crêr, que brevemente se dirigirá á sua diocese, e entrará no exercicio das funcções episcopaes.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Aos Bispos nomeados para as dioceses do Pará e Ceará forão expedidos avisos, para que tratassem quanto antes do acto solemne de sua sagração: e o primeiro foi sagrado em Petropolis pelo Internuncio apostolico, Arcebispo de Athenas, no dia 21 de Abril ultimo, e o segundo pelo Exm. Bispo de Marianna, em 14 do mesmo mez.

O Bispo, que por decreto de 23 de Abril de 1860, foi nomeado para a diocese de Goyaz, Padre Domingos Quirino de Sousa, já obteve a necessaria confirmação, que foi solicitada da Santa Sé por carta imperial de 23 de Novembro do mesmo anno, e não se demorará em tomar posse do seu alto cargo.

Estou intimamente persuadido, de que os novos Bispos realisarão as esperanças, e se mostrarão dignos da confiança da Santa Sé, e do governo imperial.

Limites.

Os limites dos Bispados de Goyaz e Maranhão, decretados na lei n. 773 de 23 de Agosto de 1854, já tiverão a sancção do poder pontificio: por decreto consistorial de 20 de Julho de 1860 dignou-se Sua Santidade, accedendo ao que por aquella lei fôra estatuido, consentir, que o territorio, em que se acha a cidade de Carolina, fosse desligado da diocese de Goyaz, e incorporado na do Maranhão.

Forão igualmente attendidas pela Santa Sé as seguintes alterações de limites:

1.ª A desmembração da capella do Rio Verde, do districto de Calaças, do Bispado de Pernambuco, e sua incorporação ao de Goyaz. Esta alteração foi confirmada por decreto consistorial do 1º de Maio de 1860.

2.ª A desmembração das freguezias de N. S. das Dores da Serra da Saudade do Indaiá e N. S. do Loreto da Morada-Nova, do Bispado de Pernambuco, e sua incorporação ao de Marianna.

Estas alterações forão confirmadas pelo decreto consistorial de 17 de Setembro de 1860.

Todos estes decretos obtiverão da Nunciatura apostolica as necessarias executoriaes; e para que ellas sejão observadas, forão expedidas pelo governo as convenientes ordens.

Parochias.

O quadro sob n. 1 (annexo M) mostra, que existem actualmente creadas 1,247 parochias. Por elle tambem se vê a sua distribuição pelas diversas dioceses e provincias do imperio.

Por falta de algumas das informações exigidas dos Bispos, vigarios capitulares, e presidentes de provincia, não me é possivel apresentar-vos um mappa demonstrativo das freguezias, que se achão providas de vigarios collados: das que são regidas por vigarios encommendados e interinos, e das que ainda estão vagas.

Muitas parochias achão-se privadas de vigarios collados, por não se terem aberto concursos, e faltarem propostas dos reverendos Bispos, com os quaes o governo deseja marchar de accordo, como tanto convem. Entretanto é esta a regra fixada por lei, e justificada pela conveniencia de não fazer cessar o estimulo a pretendentes desses beneficios.

Se por um lado os Bispos ficão com mais amplo poder sobre os parochos encommendados, cujas provisões podem cassar, por outro não cuidão estes em geral com todo o fervor no desempenho do seu ministerio, por motivos que muitas vezes se prendem á incerteza de sua posição. Alem de que, não passando por uma prova publica de suas habilitações, nem podendo o governo informar-se de sua capacidade moral, a sua nomeação não inspira ao povo a confiança e a veneração, que fôra para desejar.

Se, mesmo depois de todos esses exames, nem sempre se acerta, o êrro, sem deixar de ser funesto, é mais facil, quando delles se prescinde.

Persuado-me por isso, que no futuro será cumprido, sempre que for possivel, o preceito da lei, tanto mais quanto a acção episcopal não é impotente para com os parochos collados, que se afastão do cumprimento de seus deveres.

Cathedraes e Matrizes.

Sinto não poder dar-vos acerca de nossas cathedraes e matrizes informações lisongeiras. Se na côrte, e em algumas capitaes de provincia, ha templos, em que se podem celebrar com esplendor as festas religiosas, na maior parte das freguezias o seu estado é incompativel com a pompa do culto catholico, faltando em muitos delles os necessarios paramentos.

Mesmo no municipio da corte as matrizes de algumas freguezias servem de prova ao, que acabo de dizer; e chamando para este assumpto a vossa piedosa attenção, espero, que consigneis na lei do orçamento os fundos indispensaveis para o reparo dessas matrizes.

E' uma triste verdade, que, ao passo, que em muitos pontos se vêm igrejas em ruinas, rara é a, que se levanta, e mais rara ainda aquella, cujas obras chegão ao seu termo sem interrupção. Em tempos não muito afastados os fieis, por propria resolução, ou á voz de sacerdotes animados do zelo religioso, erigião templos sumptuosos. Ainda hoje não é de todo improficuo o recurso á piedade dos fieis; porem só em casos especialissimos se pode prescindir do auxilio dos cofres geraes ou provinciaes.

Em um dos passados exercicios forão abertos para reparar as matrizes de Irajá e Guaratiba creditos extraordinarios, que terminárão com o anno financeiro, em que forão creados, de accordo com o systema adoptado na contabilidade.

Não se tendo feito as obras indispensaveis, as igrejas continuão a ameaçar ruina.

Espero, que dareis ao governo os meios precisos para satisfazer a necessidade, que fica apontada.

Evitar-se-ha assim a abertura de creditos extraordinarios, ou o dispendio de mais avultada somma em um futuro pouco distante.

Seminarios.

Não pode ser desconhecida a importancia dos seminarios, como estabelecimentos, em que se educão e instruem os mancebos, que se dedicão á carreira ecclesiastica.

A moralidade e illustração do clero concorrem poderosamente para dar direcção conveniente aos costumes publicos. A voz do sacerdote, que adopta e pratica os preceitos do Evangelho, nunca se faz ouvir em vão.

Tudo, pois, que pode contribuir para collocar o clero

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

SENADO.

SESSÃO EM 9 DE AGOSTO DE 1861.

Casamentos mixtos.

Presidencia do Sr. Visconde de Abaeté.

ORDEM DO DIA.

Segue-se a terceira discussão da proposta do poder executivo, e emenda substitutiva da camara dos Srs. deputados sobre casamentos de pessoas, que professarem religião differente da do estado.

O Sr. Dantas não contesta, pois que é catholico, que no casamento haja sacramento. Feita essa confissão, acredita estar livre do conde de Lippe, ecclesiastico, isto é, do concilio Tridentino.

O Sr. Visconde de Albuquerque:—Isto é uma heresia.

O Sr. Dantas exprime-se deste modo, porque assim como no temporal o regulamento do conde de Lippe por qualquer cousa diz—morte! morte! morte! contra o corpo, assim tambem no espiritual aquelle concilio diz—anathema! anathema! anathema! contra a alma!

O catholico ve-se entre dous fogos, entre a cruz e a caldeirinha, entre o Vesuvio e o Salfatara: se quer usar das faculdades, que Deos lhe deu, diz-se-lhe—: sois um materialista; se quer usar da razão, unico guia da humanidade, diz-se-lhe—: sois um racionalista!

Se nenhum destes dous guias serve ao catholico, por onde se ha de guiar? Pelas Escripturas.

Mas, as proprias Escripturas contém este preceito: Não vos façais semelhantes aos burros e aos cavallos, que não usão da razão. E' verdade, que a isto tornão os padres, que a razão consiste nas Escripturas explicadas por elles.

Note-se, que o orador distingue a igreja dos padres; e pergunta, se acaso estará obrigado a seguir tudo, quanto os padres disserem? se está, então corre-lhe o dever de se revoltar contra a sociedade e os reis, sempre que os padres o ordenarem, e ha muitos casos, em que elles assim o mandão.

E' certo, que quando os padres mandão taes cousas, afastão-se do catholicismo; mas não é menos certo, que o determinão. E foi por isso, que um grande homem do seculo passado, vendo as fogueiras para queimar gente, as linguas cortadas, etc., disse:—Não sei, como um rei póde ser rei, e ao mesmo tempo catholico.

Allem... D. Manoel:—Pois é preciso reconhecer, que esse
Nós cat... zia um grandissimo desproposito.
Na Ig...

O Sr. Dantas torna a dizer, que não ataca a igreja; porque ella não manda estas cousas; os padres é que as mandão. O que o orador ataca, portanto, é o abuso. E não chame o nobre senador desproposito aquelle dito, porque se recorrer á sua memoria, ha de achar santos, que forão canonizados, por terem carregado lenha para queimar hereges.

O Sr. D. Manoel:—Nego isso.

O Sr. Dantas, como ia dizendo, um grande homem do seculo passado, admirou, que um rei pudesse ser rei e catholico ao mesmo tempo. Parodiando este dito, declara o orador, que, ávista de certas doutrinas, que entre nós lavrão, não sabe, como póde um representante da nação ser representante da nação, e ao mesmo tempo catholico.

Os Srs. Marquez de Olinda, D. Manoel, e outros Srs. dirigem ao orador repetidas reclamações.

O Sr. Dantas dirigindo-se ao Sr. presidente, pergunta, se S. Exc. acha, que o orador está fóra da ordem.

O Sr. Presidente declara ao nobre senador, que está só persuadido, de que S. Exc. não se ha de esquecer do juramento, que deu, obrigando-se a manter a religião catholica e apostolica romana; e espera, que o nobre senador não divague do assumpto, que está em discussão.

O Sr. Dantas diz, que assim como o Sr. presidente é purista do regimento, o orador é purista da constituição. Ora, a constituição permitte a liberdade dos cultos; mas não temos feito nada neste sentido, não ha lei nenhuma, que regule esta materia.

O nobre senador estende-se a este respeito em considerações, nas quaes não o podemos acompanhar, para sustentar, que a nossa fraqueza tem augmentado as exigencias de Roma.

Passando depois á desenvolvimentos historicos, pretende, que nunca em seculo algum o casamento pertenceu aos padres; foi sempre regulado pelo direito natural, ou pelo direito civil.

Na época dos patriarchas o casamento consistia na publicidade. Erão reconhecidos certos impedimentos de direito natural, como: não poder o irmão casar com a irmã; o adulterio era um crime, etc.; mas o casamento só exigia a publicidade.

Nem mesmo, depois que houve templos e sacerdotes, se encontra nas leis uma palavra, da qual resulte, que o casamento pertencia ao sacerdocio.

Assim regulárão as cousas até a vinda de Jesus Christo. Deu Jesus Christo a lei nova; mas ainda ahi não ha uma palavra, que mande fazer o casamento na Igreja, e pelo padre; pelo contrario, até declarou, que o casamento pertencia á lei civil, porque sendo chamado para punir a adultera, respondeu: « Nada tenho com isso; ide aos juizes. »

Jesus Christo subio ao céo, e ficárão os seus apostolos. Não ha nos Evangelhos uma só palavra, que diga, que o casamento é da competencia dos padres.

(*Esta parte do discurso do nobre senador excita grande numero de apartes e reclamações, que não permittem acompanhal-o.*)

Insiste, em que antes de Constantino, por espaço de seculos e meio, a religião christã consistia na pratica da caridade; e não havia nos Evangelhos uma unica palavra declarando, que aos padres pertencia fazer os casamentos.

Depois de Constantino começou a época da vida legal do christianismo. Esse imperador, vendo divididos os seus subditos em pagãos e christãos, dizem uns, que abraçou a nova religião, outros, que só a tolerou; o facto é, que appareceu o edito de tolerancia.

Principiárão os scismas, as guerras entre os bispos; mas o poder supremo não era reconhecido na igreja; era sempre o poder civil, quem decidia todas as questões.

Appareceu o arianismo. Os bispos queixarão-se a Constantino da nova doutrina, que estava introduzida a desordem na Igreja. O imperador disse-lhes, que passassem o Bosphoro, e se reunissem em Nicéa, onde se acharia, afim de tomarem providencias.

Como se vê, o poder civil dirigia tudo: não havia lei ecclesiastica, que não passasse pela ficira do poder civil.

Reunirão-se os bispos em Nicéa. Constantino compareceu, e elles apresentarão-lhe o symbolo, em que havião concordado, e que o imperador mandou publicar.

Apenas publicado assim o symbolo de Nicéa, deu-se logo nova briga dos bispos, por causa de um Mecedonio, que passou tambem a prégar dissidencias.

Tornárão os bispos a recorrer a Constantino, allegando, que havião esquecido alguma cousa no concilio de Nicéa, e que era preciso remediar essa lacuna.

O imperador acceden, e elles reunirão-se em Constantinopla, formulando o additamento, que entendêrão, e que Constantino mandou tambem publicar.

Resultou dahi um scisma; uns seguirão só o symbolo de Nicéa, outros adoptavão tambem o additamento de Constantinopla. Custou muito a accommodar as cousas.

Tudo isto mostra, que os bispos tinhão a iniciativa; mas

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

nada fazião sem o poder civil. Não havia um corpo com duas cabeças.

(Diversos apartes interrompem o orador.)

O Sr. Dantas sustenta, que o poder civil legislou sempre acerca do casamento.

Dividido o imperio romano, teve então lugar o primeiro concilio, que tratou da clandestinidade do casamento, por falta da intervenção da Igreja: e foi um concilio provincial presidido por Carlos Magno.

Alli se decidio, que a publicidade do casamento devia ser obrigatoria, pedio-se isso a Carlos Magno, e este monarcha, em uma das suas capitulares, determinou, que os contrahentes, depois de casados, fossem receber as bençãos da Igreja.

Mas os papas Nicoláo I e Alexandre II decidirão depois, que a falta da benção não importava nullidade do casamento.

Neste estado achavão-se as cousas, quando reunio-se o concilio de Trento.

A Igreja via-se nos maiores apuros entre os Turcos e os Hereges, e os papas não tiverão remedio senão recorrer aos reis, pedindo, que lhes soccorressem.

Foi sobretudo Paulo III, que pedio por tudo, quanto havia, aos principes, que acudissem aos canones e ao christianismo, e então Carlos V tratára de fazer uma reunião de bispos, ou um concilio, incumbidos de tomar medidas sobre a disciplina da Igreja.

Os bispos, porém, forão além daquillo, que os reis esperavão, e estabelecêrão, que o casamento seria feito na igreja, e em presença do parocho, sob pena de serem reputados clandestinos.

O que aconteceu foi, que nem a França nem a Hespanha quizerão acceitar as decisões do concilio de Trento, senão naquillo que não fosse contrario aos direitos da realeza e dos povos. Em Portugal não consta, que el-rei D. Sebastião protestasse; mas o que é verdade é que no concilio de Constança os ministros de Portugal declarárão, que não consideravão o reino obrigado a reconhecer as decisões, que fossem alli tomadas, emquanto não tivessem o assentimento da monarchia. Isto foi um verdadeiro protesto.

Nem mesmo em Portugal o concilio de Trento foi completamente reconhecido em todos os seus pontos. Segundo o que se deliberou nesse concilio, os parochos devem ser nomeados pelos bispos; estes não teem tribunal, que os julgue senão Roma; e bem assim outras disposições sobre bens dos cabidos e sua administração, etc., nenhuma das quaes são observadas em Portugal.

Foi, pois, este concilio, que decidio, que o casamento fosse celebrado na igreja, e pelo parocho. Mas quem lhe deu esse direito?

Diz Bergier (autor que puxa alguma cousa para o arrocho) que os bispos assim o decidirão a pedido dos reis. Não é exacto; mas admitta-se que assim foi. Se foi a pedido dos reis, então elles podem determinar o contrario, quando lhes parecer. (Reclamações.)

Demais, quando o concilio estabeleceu essa regra, é claro, que só fallava para os, que seguião a sua religião: não tinha o direito de dispôr para os outros.

Mas os theologos, que são uns vadios, gente peralta, começárão com os seus argumentos a *contrario sensu*, sustentando, que tratava-se de tudo, quanto era casamento; e a santa congregação logo concordando!

Note-se, que isto era fóra do concilio de Trento; mas os governos fracos forão estando por tudo, e agora precisa-se de lei para declarar aquillo, que não soffre contestação.

Tem mostrado, que em nenhuma época o casamento pertenceu aos padres; isso foi só depois do concilio de Trento. Anteriormente os casamentos não erão julgados clandestinos por falta de publicidade.

O orador accrescenta muitas outras considerações, e conclue votando pelo projecto, não porque sirva para cousa alguma, mas só para mostrar, que o poder civil póde legislar sobre o casamento.

O Sr. Carneiro de Campos sustenta o projecto; mas falla tão baixo, que quasi nada ouvimos do que disse.

O Sr. Marquez de Olinda levanta-se, unicamente para fazer uma declaração. O nobre senador proferio proposições contrarias á decisões solemnes da igreja catholica romana, e oppostas á historia. (Apoiados). Não refutará, porém, as doutrinas defendidas pelo nobre senador; limita-se a protestar contra ellas. (Apoiados).

O Sr. Sousa Ramos (ministro do imperio) assim como o nobre senador, que acaba de sentar-se, protesta contra as doutrinas enunciadas pelo nobre senador das Alagoas; as quaes tambem entende, que não deve refutar. (Apoiados.)

Julga, porém, de seu dever declarar, que o governo, concordando em retirar, na camara dos deputados, parte da proposta, que apresentára sobre este assumpto, não foi de forma alguma levado de persuasão, de que, a parte da proposta, que foi tirada, era insustentavel.

Como a emenda acudia ás mais urgentes necessidades do momento, e não offerecia complicação alguma, o governo acceitou-a, para marchar pausadamente, e deixou de parte a questão dos casamentos mixtos, sem comtudo abandonar as idéas da proposta sobre este e outros pontos.

O Sr. D. Manoel estava deliberado a não tomar parte nesta discussão.

O nobre senador pelas Alagoas havia, na verdade, procurado sustentar, que o casamento foi em todos os tempos regulado pelo poder civil, mas apoiou-se para isso em opiniões de autores tão absurdas, que o orador entendeu ser melhor entregal-as ao silencio; são doutrinas, que se refutão por si mesmas. (Apoiados.)

Embora o casamento seja sacramento e contrato, qual a parte principal? Desde que a igreja inclue o casamento entre os sacramentos, como poderá um catholico conceder a supremacia do contracto? E' absurdo, que não precisa demonstração.

O concilio de Trento regulou as fórmas do sacram[illegible]. Só a igreja é competente para isso. Como negar o direito de declarar nullos os casamentos fei[illegible] para re-observancia de taes formas?

Mas, como disse, não foi para isto, que pedio a palavra, e sim para contestar a proposição do nobre senador por S. Paulo, quando sustentou, que ninguem era obrigado a seguir a religião do imperio, nem a educar seus filhos nesta religião, e que o contrario importaria uma perseguição.

Não concorda, que seja licito aos catholicos educar seus filhos fóra da religião do estado. Se ella não é obrigatoria, de que serve o juramento, que todos os representantes da nação, funccionarios, etc., prestão, obrigando-se a mantel-a? Tal juramento não os liga só a não conspirar contra ella, mas a empregar todos os meios de a perpetuar, que é o que quer dizer—manter—e como a ha de manter, quem for o primeiro a educar seus filhos fóra della?

Dá muito cuidado ao nobre senador um termo, que a igreja manda lavrar, obrigando o protestante, que casa com catholica, a educar seus filhos nesta religião. Ora, que mal vem d'ahi? se uma vez declarados maiores, esses filhos quizerem antes seguir a religião do pai, do que a da mãi, quem os póde infelizmente embaraçar? Ninguem.

Veio o nobre senador com a mofina constante, nestes casos: as conveniencias da colonização. Teme, que sem

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

se assegurar á prole dos protestantes o gozo da sua seita, elles não virão para o Brasil. O orador porem declara francamente, que, se a emigração tem de protestantizar o Brasil, antes não quer ter colonos.

O numero de casos, em que se verificão os casamentos mixtos é muito diminuto. A santa Sé não duvida conceder aos nossos bispos todas as faculdades, para que taes casamentos sejão celebrados convenientemente. Onde está então a difficuldade? Onde está a necessidade de fazer uma lei contra as da igreja, e de estabelecer um conflicto com a santa Sé? O orador não concorrerá para isso nunca, e muito menos actualmente.

Vota pelo projecto, entendendo, que por ora é quanto basta.

O Snr. Cansansão do Sinimbú pedio a palavra tão somente para dar uma explicação ao nobre senador por Minas Geraes, que na segunda discussão deste projecto mostrou-se sentido de ter o gabinete de 10 de Agosto acceitado a emenda da camara dos deputados á proposta do governo, apresentada na administração de S. Exc.

Apenas constou a apresentação dessa proposta, forão logo presentes á camara dos deputados representações de alguns prelados, patenteando os seus escrupulos.

O ministerio de 10 de Agosto, reconhecendo, que a primeira necessidade nesta materia era firmar a paz das familias no seio daquelles, que, não pertencendo á religião do estado, viessem para o Brasil; que sobre este ponto não havião questões, que pudessem demorar a medida, que cumpria tomar, acceitou a emenda.

Não resulta inconveniente algum do addiamento da outra parte da proposta sobre casamentos mixtos, porque a santa Sé concedeu aos nossos bispos 333 dispensas por anno para taes casamentos; e esse numero excede em muito ás necessidades do paiz.

Se, porem, vierem a ser precisas mais dispensas, não resta a menor duvida, de que as obteremos da santa Sé, que ha de continuar a ter com o Brasil todas as contemplações, que sempre lhe temos merecido, e de que ainda ha pouco nos deu mais uma prova, sagrando por suas mãos, contra os usos, um Bispo brasileiro.

Fóra da França e dos paizes, em que influio a sua conquista, não ha casamento civil para os catholicos. A Allemanha protestante ainda não tem o casamento civil. Nós catholicos é que ha vemos de tel-o!

Na Inglaterra até 1836 o casamento só podia ser celebrado pela igreja anglicana. Foi depois disso, que se permittio aos Quakers, aos Israelitas, etc., casarem segundo os seus ritos, e tornou-se o casamento facultativo; e a Inglaterra é um paiz protestante.

O cardeal Wiseman assegurou ao nosso ministro, que em Inglaterra, onde a população é tantas vezes maior do que a nossa, ainda não houve um anno, em que se verificasse maior numero de casamentos mixtos, do que o numero concedido pela santa Sé ao Brasil.

Que necessidade havia pois, de estarmos a legislar sobre esta materia, que não tem interesse algum de actualidade, e a promover conflicto? Não a descobre.

Conclue assegurando, que a acceitação das emendas não foi effeito de pressão estranha, quer externa, quer do paiz; foi a convicção, que animou o governo, de que addiando ou retirando parte da proposta, acceitava a adopção da outra parte della, que mais urgia, e que reclamava providencias.

São estas explicações, que tinha de dar.

O Sr. Vasconcellos pronuncia um discurso.

A discussão fica adiada pela hora.

Levanta-se a sessão ás 3 horas e meia da tarde.

SESSÃO EM 10 DE AGOSTO DE 1861.

Presidencia do Sr. visconde de Abaeté.

Continúa a 3.ª discussão da emenda substitutiva da camara dos Srs. deputados á proposta do poder executivo sobre casamentos mixtos.

O Sr. Dantas depois de explicar um aparte, que hontem deu, quando orava o nobre senador pelo Rio Grande do Norte, retifica algumas proposições, que emittio, e que não forão bem comprehendidas.

Reconhece, que foi injusto, quando chamou de vadios os theologos; deixou-se arrastar do calor da discussão, mas não pode negar, que alguns delles tem feito grandes serviços á sociedade; a sua intenção era fallar dos sophisticos, dos que abusão.

Nestas discussões é indispensavel não confundir o, que é de doutrina, com o que é de disciplina. Como catholico é o orador obrigado a crer, e crê tudo, quanto é doutrina: porem, o que é disciplinar, o que pode ser mudado, o que não é fundamental, é sujeito á discussão, e pode ser objecto das reflexões do orador.

Ora, tudo quanto disse hontem, só entende com a disciplina, porque tudo, quanto o concilio de Trento dispoz sobre o casamento, é puramente disciplinar.

Pede, pois, aos nobres senadores, que não divaguem, que não se cansem em proclamar a santidade da religião, quando o orador não a atacou, mas só os abusos, que em seu nome praticão. Respeita muito os principios da igreja, no que é dogmatico, no que é doutrina eterna; mas torna a repetir, que não desiste do direito de discutir o que é disciplinar, e que o poder civil pode mudar.

Feitas estas declarações, nada mais dirá a este respeito.

O Sr. D. Manoel dá uma explicação.

O Sr. Sinimbú responde ao discurso, que hontem pronunciou o nobre senador por Minas-Geraes; e expõe de novo os principios, que dirigirão o gabinete de 10 de Agosto para retirar a parte da proposta sobre os casamentos mixtos.

O Sr. Vasconcellos replica, mostrando a coherencia de suas idéas.

Não havendo casa para votar-se, o Sr. presidente declara encerrada a discussão.

Dada a ordem do dia, levanta-se a sessão á 1 hora e 1/4.

Carta pastoral

Do Exm. e Rvm. Sr. Bispo da Fortaleza, saudando e dirigindo algumas exhortações aos seus diocesanos.

D. Luiz Antonio dos Santos, por mercê de Deos e da Santa Sé apostolica, Bispo da Fortaleza, do conselho de S. M. o Imperador, etc.

A' igreja da Fortaleza, da provincia do Ceará, a graça e paz de Deos Pai, e de Nosso Senhor Jesus Christo e a consolação do Espirito Santo.

(Continuado do numero antecedente).

Um homem porem ha, filhos charissimos, sobre o qual está fundada a Igreja de Jesus Christo, da qual é parte a Igreja brasileira; é um homem, sim; porque a Igreja é composta de homens; mas um homem d'um poder immenso, d'um poder divino, para o qual convergem todas as veias deste grande corpo, que delle percebe a vida, e sem o qual desorganiza-se; porque elle é o centro da unidade. Este homem é o Papa, chefe da Igreja catholica, e

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tão identificado com ella, que delle podemos dizer o, que della dissemos, nem o podemos separar della, sem derrocar todo o edificio da Igreja. Successor e herdeiro do poder e prerogativas de S. Pedro, sobre o qual Jesus Christo fundou a sua Igreja, não póde ella existir sem o Papa, por isso onde está elle, ahi está a Igreja (27). Recebendo o poder de apascentar todo o rebanho das ovelhas e cordeiros (28) só sua voz deve ser ouvida nas cousas, que tocão á religião; porque só elle é o supremo pastor; e posto em lugar daquelle de quem deriva toda a jurisdicção, mandando para confirmar os outros na fé (29) sua palavra é garantida pela eterna verdade, e por isso assistida da infallibilidade (30). Os bispos, posto que instituidos pelo Espirito Santo para regerem a Igreja de Deos, dependem do pontifice romano, e delle não podem prescindir no exercicio do poder divino, de que se achão revestidos; porque elle é o pastor dos pastores, e o unico que se acha de posse das chaves do aprisco; sendo reputado *matador* e *ladrão* aquelle, que por outra parte entra, que não por elle.

Centro d'um Igreja, que tem por nota cognoscitiva a santidade, elle é chamado Santissimo Padre; supremo chefe da sociedade catholica, elle é o patriarcha universal; orgão de communicação da vontade de Deos para com os homens, tem por isso o titulo de Soberano Pontifice; occupando o primeiro lugar de honra e de jurisdicção, elle é o principe dos bispos; e para fallarmos com a antiguidade ecclesiastica, elle é o chefe da Igreja do mundo; o bispo elevado ao fastigio apostolico; o prefeito da casa de Deos; o guarda da vinha do Senhor; o vigario de Jesus Christo, o confirmador da fé dos christãos; herdeiro dos apostolos; Abrahão pelo patriarchado; Melchisedech pela ordem; Moyses pela autoridade; Samuel pela jurisdicção; Pedro pelo poder; Christo pela uncção, e claviculario da casa de Deos (31).

Assim, charissimos filhos, o chefe da Igreja do mundo e o pae de todos os fieis não póde ser reputado estrangeiro para os catholicos, no que diz respeito á religião. ou elle, como mestre, ensine aos, que ignorão, ou como superior e pae castigue e reprehenda os, que errão, ou abra os thesouros de suas graças áquelles, que, doceis ao ensino, se constituem benemeritos filhos da Igreja.

Longe e bem longe de vós, que sois catholicos, e que vos gloriaes com tão sublime titulo, esta impia e scismatica denominação, com que os dissidentes tratão o chefe do catholicismo. Protestando elles não serem membros da grande familia catholica, não é de admirar, que tenhão o Papa como estrangeiro, e que elle seja, mesmo nas cousas espirituaes, substituido pelo leigo, ainda mulher, apezar de S. Paulo ordenar, que ella na Igreja não falle, mas que seja sujeita; porque torpe cousa é, que na Igreja ella falle (32), o que bem mostra, á que aviltamento chega o homem, quando, levado d'um cego orgulho, não sujeita sua fraca razão ás luzes da fé, que somente no catholicismo se acha pura e inalteravel.

Todos os gloriosos titulos, acima referidos, não convirão ao romano pontifice, se elle fosse um simples bispo, fazendo as vezes do chefe da Igreja, mantendo e representando a unidade, e dando direcção á tudo, que respeita á salvação. Não, amados filhos, além do primado de honra, occupando por isso o primeiro lugar na gerarchia ecclesiastica, e precedendo á todos, o Papa possue o primado de jurisdicção em toda sua plenitude. Não o provaremos, porque esta é a crença da igreja universal; é uma verdade de fé proclamada pelos concilios geraes (33).

Todas estas altas prerogativas exigem, que nós depositemos aos pés do soberano pontifice não só o sacrificio de nossa intelligencia, crendo o que elle crê; mas o sacrificio de nosso amor e respeito; porque, se é doutor, que nos ensina, é tambem pai, que ternamente nos ama.

E' verdade, charissimos filhos, que o inferno, no excesso de seu furor, procura incessantemente com diabolica astucia diminuir, senão destruir de todo, o respeito e amor, que os fieis devem á seu chefe e pai; e para este fim dirige suas armas, fazendo nascer desconfiança no espirito dos catholicos por meio de imprudentes calumnias, alienando do unico centro vivificador os espiritos menos reflectidos, e serviudo-se d'uma politica pagã e nascida no atheismo, para fazer a mais cruel guerra, sempre protestando o respeito e amor á religião e a seu chefe (34).

Ninguem se escandalize, amados filhos, pois esta guerra é tão antiga como a mesma Igreja, ou para mais propriamente dizer, como a virtude; pois é contra ella, que o mundo dirige suas settas, esforçando-se para extinguir de uma vez, se pudesse, a brilhante claridade, que ella esparge em todo o mundo, e que muito incommóda aos enfermos olhos acostumados ás trevas do erro e do vicio. A guerra é a mesma, e o mesmo é o espirito, que a dirige; a differença está unicamente na mudança das armas empregadas, e na escolha do ponto mais fraco para o assalto. Mas quanto são enganados os calculos dos homens, e errados seus caminhos! Ha dezanove seculos, que os inimigos da Igreja procurão raivosos em torno de seus muros o mais fraco lugar para abrirem brecha; porém, quando se julgão dentro, é quando arremessados violentamente de encontro ás mesmas muralhas, espião vergonhosamente sua temeridade, e conhecem, que existe uma força superior á todas as forças.

Tantas e tão variadas derrotas não tem desconcertado o plano do ataque, antes é mais perigoso; porque é mais disfarçado, e com cores de amizade elle se apresenta em nossos dias. Uma politica impia, e que não quer reconhecer autoridade nem no mesmo Deos, e para a qual os direitos

(27) S. Ambros. *ubi Petrus, ibi Ecclesia.*

(28) Joan. 15. 17.

(29) Luc. 22. 32.

(30) O corpo episcopal deu uma luminosa prova desta verdade, quando, por occasião da promulgação do dogma da Immac. Conc., asseverou ser o pontifice romano infallivel. Vid. Gousset. Croyance de l'Eglise.

(31) Vid. estes e outros bellos epithetos nas controvers. de S. Francisco, de Salles, citados em Gousset, Theol. Dogm. t. 1 p. 745.

(32) 1 Corint. 14. 34, 35.

(33) Conc. geral de Leão em 1275. Conc. de Florença em 1439.

(34) Vid. a excellente obra—*Pio IX pontifice e rei*—escripta pelo Exm. Sr. D. Antonio de Macedo, actual bispo eleito do Pará. E a bella pastoral do Exm. Conde romano, Bispo de S. Paulo, D. Antonio, de 13 de Janeiro de 1861.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

'e deveres são termos vãos, embalando os povos ao som de enthusiasticos hymnos de liberdade, e proclamando a emancipação politica, dirige suas vistas para a Igreja catholica, e aponta para Roma, como o maior obstaculo á realização de sua sonhada felicidade, vós sois livres, diz ella á todos os povos, mas Roma não quer, portanto rompamos os laços, e sacudamos de nós o seu jugo. Eis o grande plano; porém *Dominus irridebit eos*.

Não é de admirar, amados filhos, esta linguagem; porque a Igreja catholica é a representação da autoridade e a maior garantia do direito e do dever, e tiradas estas idéas do mundo, se apresenta a anarchia de mãos dadas com o communismo acompanhado de seu medonho cortejo.

Ouvi as palavras do augusto chefe do catholicismo: «Estes homens não se persuadem desta verdade, isto é, que a religião catholica é o unico mestre da verdade, e sustentaculo de todas as virtudes, na qual são garantidas a tranquillidade e salvação das cidades e reinos. Não se lembrão, que esta Sé apostolica não só nunca foi adversa á solida e verdadeira felicidade dos povos, mas pelo contrario, sempre foi reputada benemerita do genero humano, por isso que por ella as nações barbaras forão trazidas á sentimentos mais doceis e humanos, instruidas nos saudaveis preceitos da verdadeira religião, suffocadas as guerras, protegidas e animadas por todos os modos as sciencias e bellas artes, creadas publicas instituições de caridade para alivio de todas as dores e desgraças, e promulgados aos principes e aos povos utilissimos principios de justiça e honestidade. Serem todas estas cousas e outras muitas promovidas pela Sé apostolica para o bem de toda a humana sociedade attestão muitos e respeitaveis monumentos da historia de todos os tempos» (35).

Não vos illudaes, meus filhos, desconfiae dos perfidos conselhos, que, fazendo-vos máos catholicos, far-vos-hão pessimos cidadãos. Chegai-vos sim, como filhos obedientes, á Igreja nossa mãe, e ahi aprendereis o, que deveis á Deos, á vós mesmos, e á vossos semelhantes como vossos irmãos: aprendereis á ser felizes n'este e n'outro mundo: e para conhecerdes desde já o, que esta boa mãe nos ensina em ordem a esta nossa santificação, nós passamos a vos entreter por um pouco dos Sacramentos, d'essas fontes de graças, em que se manifesta d'um modo admiravel a bondade de Jesus Christo para comnosco, e toda sua Igreja.

Os Sacramentos da nova lei, instituidos por Nosso Senhor Jesus Christo (36) que se offereceu, como uma victima immaculada á seu eterno Pae, purificão a nossa consciencia de todas as obras mortaes, afim de servirmos ao Deos vivo (37) e pela virtude do mesmo Jesus Christo nos conferem aquella mesma graça, que significão. Por elles participamos dos meritos do sangue de um Deos, podendo dizer, que nós sequiosos tiramos com gosto agua da fonte do Salvador (38). São elles os verdadeiros penhores da divina misericordia, e instrumentos de nossa eterna salvação, por meio dos quaes Deos, cuja vontade é poder, e cujas obras são acompanhadas de misericordia, quiz manifestar os inexhauriveis thesouros de sua caridade (39).

Os Sacramentos da Igreja catholica, que, segundo as Escripturas, tradicção e definição dos concilios, são sete (40) numero este que corresponde á todas as necessidades da Igreja, e de cada um fiel em particular, produzem esperitualmente o, que significão.

Elles são aquellas sete columnas, em que a eterna sabedoria firmou sua casa (41) que é a Igreja; são os sete candieiros (42) que espargem a luz da divina graça em nossas almas: são as sete estrellas, que para illustrar a Igreja, forão vistas na dextra do Salvador (43): são finalmente os sete sellos, que fechavão o grande livro dos segredos de Deos, e que agora estão patentes a todos.

São os signaes sensiveis, que da instituição divina tirão virtude de significar e produzir a justiça e santidade. Além disto, amados filhos, estes signaes mysticos, instituidos por Jesus Christo, ainda significão, e nos trazem á memoria a paixão e morte de seu divino instituidor, e o premio da futura gloria, que esperamos; é neste sentido, que os santos padres dizem, que todo o Sacramento é sinal de tres cousas distinctas, isto é, uma passada, cuja memoria renova, uma presente, que significa, e outra futura, que promette.

Tudo isto nos deve fazer lembrar o amor de um Deos para comnosco, que conhecendo a nossa fraqueza, e que não podemos chegar ao conhecimento das cousas espi[illegible] senão pelas corporaes e sensiveis, e desejando [illegible] nos participantes dos thesouros de sua omnipotencia, e levado d'uma ardente caridade, instituio estes sinaes significativos dos effeitos espirituaes, que são produzidos em nós.

O primeiro effeito dos Sacramentos é a graça, que destruindo em nós o reino do peccado, nos faz agradaveis á Deos, restituindo-nos á sua amizade, e santificando-nos; por isso chamão-na os theologos—graça sanficante. Não é pela razão deixada á seus proprios recursos, carissimos filhos, que conhecemos estes maravilhosos effeitos do mais interno amor de Deos para comnosco; nem ella, presumida como é em conhecer a verdade, comprehende como sinaes externos, que tocão o corpo, vão produzir na alma effeitos totalmente dependentes da divina vontade. Só a revelação, pela qual Deos se dignou descobrir-nos os segredos do seu poder, é que nos diz, que, por meio da agua, que lava o corpo, a graça vai purificar a alma, e rehabilital-a nos direitos perdidos pela desobediencia do primeiro homem.

Pela imposição das mãos (44) e uncção do oleo, á semelhança do que usavão os athletas, quando entravão em combate, confirma-nos Deos seus soldados, e nos reveste da armadura da fé, para valorosamente pelejarmos contra o mundo e seus escandalos, contra o demonio e suas suggestões, e contra a carne e seus desordenados appeti-

(35) Allocução do SS. Padre Pio IX de 17 de Dezembro de 1860.
(36) Conc. Trid. sess. 7. Can. 1.
(37) Ad Hebr. 9, 14.
(38) Isai. 12. 3.
(39) S. Leão. Serm. 2. de Nat.
(40) Trid. sess. 7. Can. 1.
(41) Prov. 9. 1.
(42) Apocal. 1. 12.
(43) Ibid. 1. 16.
(44) Act. 8. 16.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tes. Por um espantoso milagre, em que bem mostra as finezas de seu amor, e que maravilhou os judeos, a ponto de não acreditarem (45) faz Jesus Christo do seu corpo nossa comida, e do seu sangue nossa bebida (46), tendo por fim fortificar nossas almas com este mystico alimento. Não obstante tantos e tão variados recursos, ainda o chefe constitue-se réo de lesa magestade divina, tanta é sua fraqueza! neste caso acha um tribunal sempre disposto a perdoar-lhe e a reconcilial-o com Deos, e este tribunal é o da penitencia, onde, se o homem arrependido se accusa, é perdoado (47).

(Continúa.)

Ultimos momentos do padre Ventura.

O celebre prégador e escriptor christão, o revd.º padre Ventura expirou no dia 22 de Julho passado. Os seus ultimos momentos forão edificantes. Que lucta generosa! Que espectaculo admiravel e consolador! Com os labios collocados no crucifixo, com os olhos elevados para o céo, disfarçando todas as dores, para somente pensar em Deos! Ao lado do leito velava o bispo de Versailles, para fortalecer seu coração, e adoçar as angustias do terrivel passamento, que faz estremecer os varões mais sanctos.

A 18 de julho foi-lhe administrado o sancto Viatico, mas antes de receber a sagrada particula, o padre Ventura pedio a um padre capucho, que lhe recitasse os sete psalmos penitenciaes. Quando o padre pronunciou as palavras: *Ad te, Domine, expandi manus meas*, os do moribundo levantarão-se para o céo.

O illustre doente disse depois com grande fervor: « Reconheço a sancta Igreja catholica, apostolica, romana, como mãe de todas as igrejas. Juro plena e inteira obediencia ao Pontifice romano, successor de S. Pedro, principe dos Apostolos, e Vigario de Jesus Christo na terra. Considero infalliveis todas as decisões dos sagrados Canones, dos concilios ecumenicos, e principalmente tudo o que decretou o Sancto Concilio de Trento »

O moribundo desejou a benção do Sancto Padre, que, sendo-lhe pedida telegraphicamente pelo sr. bispo de Versailles, não tardou em a mandar com expressões, que indicavão a sua afflicção pelo perigoso estado do illustre Teatino.

O padre Ventura tinha ido buscar em França um asylo, depois dos acontecimentos de 1848, em Roma, nos quaes representára um papel mui importante. Absolvido por Pio IX das censuras, em que tinha incorrido, subindo ao pulpito em França, continuára a gloria, que começou a adquirir na Italia. O padre Ventura era dotado de brilhantes qualidades, e assim o demonstrão muitos dos seus escriptos, os quaes o tornárão um dos homens mais notaveis da Italia moderna. Diz-se, que os restos mortaes do illustre varão serão transportados a Roma.

(*Extr.*)

(45) Joan. 6. 61. 67.
(46) Joan. 6. 56.
(47) Joan. 20. 23.

As freiras Brigidas.

Do *Jornal do Commercio*, de Lisboa: no ultimo paquete de Southampton forão para Inglaterra as freiras brigidas, vulgarmente inglezinhas.

Desde 1594 estava em Lisboa a ordem de Santa Brigida. Aqui chegarão foragidas, no dia 4 de Maio daquelle anno—como diz Carvalho, ou no dia 20 do mesmo mez e anno, como refere uma noticia de todos os conventos inglezes—15 freiras, 1 noviça e 3 padres.

Existio pois aquelle convento em Lisboa, pelo espaço de 267 annos, menos alguns dias. Fugirão as freiras brigidas á perseguição dos protestantes. Sahirão da sua casa de Sion House açoitadas pela intolerancia, que dominava na sua patria, e agora regressão a ella, sendo ainda o protestantismo religião do estado, mas já tolerante.

Em 1413 fundou Henrique V a casa chamada Sion House, no condado de Middlesex, perto do Tamisa, a 10 milhas, de Londres; agora as freiras comprárão um convento em Spetisbury, no condado de Dorset.

Em 1810, em resultado da agitação politica, de falta de recursos, algumas das freiras forão para Inglaterra, estabelecerão-se em um convento, destinado a receber educandas; a outra parte das freiras permaneceu no convento de Lisboa.

Forão 12 as que sahirão no paquete de 27, acompanhadas pelo reverendo conego Park, que foi seminarista, no seminario inglez de S. Pedro e S. Paulo, desta cidade.

Levarão consigo alguns objectos historicos, e de summo apreço para ellas. Levarão uma cruz de pedra lavrada, estylo gothico, que se via no ramate da porta, que dá entrada para o pateo. Esta cruz era do edificio de Sion House, e acompanhou as religiosas em todas as suas peregrinações até Lisboa, e aqui escapou do terramoto em 1755, para ainda acompanhar as filhas daquella casa á sua patria; levarão tambem quatro estatuas de pedra, igualmente companheiras das religiosas brigidas, desde a sua sahida de Inglaterra, e que pertencião do mesmo modo a Sion House; levarão finalmente um retrato de Henrique V, fundador do convento, e pintado no seu tempo, tambem pertencente á primitiva casa.

As freiras da Esperança despedirão-se das brigidas. Entre umas e outras reinou sempre certa fraternidade mais intima, porque no convento da Esperança se recolherão as freiras brigidas depois do incendio da primeira casa, que tiverão em Lisboa.

(*Extr.*)

NOTICIA LOCAL.

—Lê-se no *Porto Livre.*

Chegada.—No dia 18 do corrente mez, regressou da Europa a esta capital o Illm. e Rvm. Snr. Dr. José Raymundo, da Cunha, a quem damos as boas vindas, e lhe prognosticamos um futuro tão lisongeiro quanto de estima são dignos seus merecimentos.

Amigos como somos de S. S. Rvm. nada mais dizemos, afim de que puros sentimentos de verdades não sejão trazidos como favores de amizade.

O Illm. e Rvm. Sr. Conego Raymundo Alves dos Santos, Tio do nosso Amigo, e delle incansavel protector, receba os nossos mui sinceros e cordeaes encommios, pois que com a formatura e chegada de seu Sobrinho vê bellamente coroados tantos sacrificios seus para este desideratum.—

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1861.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO IX.

O ECCLESIASTICO.

N.º

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

TERÇA-FEIRA 18 DE SETEMBRO DE 1861.

Religionis propriùm est non cogere, sed persuadere
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. AD

O ECCLESIASTICO.

Com este numero finda-se o nono anno deste jornal.

Máo grado os entraves, que acompanhão a vida dos jornaes, temos levado por diante a publicação do *Ecclesiastico*, somente ajudados pela protecção, que nos tem dispensado os nossos generosos assignantes.

Confiamos pois, que elles continuarão a protegel-o, visto que, em seu genero, é o unico na Diocese, e cremos, que em todo o Imperio actualmente, se tem mantido em seu programma, sem jamais degenerar de sua origem.

Agradecemos, como sempre o havemos feito, aos collegas do jornalismo, de dentro e fóra da provincia, a bondade, que tem tido para comnosco, permutando seus jornaes com o nosso, assim como aos illustrados collaboradores, que nos tem dirigido artigos, pois que assim honrão em verdade as paginas, que os publicão, e por essa mesma razão continuão as nossas ainda francas para recebel-os.

Deste modo estamos preparados para começar o decimo anno do *Ecclesiastico*.

Chamamos a attenção dos fieis para a leitura da Bulla do S. Padre, Paulo III, que abaixo se encontra, no sentido de conhecerem os beneficios espirituaes, e as muitas graças, concedidas aos irmãos, d'um e outro sexo, das Confrarias do SS Sacramento, e ás pessoas, que acompanhão o sagrado Viatico.

Bulla do SS. Padre Paulo III, sobre a creação da Irmandade do SS. Sacramento da cidade de Roma, em o anno de 1539.

Paulo, Bispo, servo dos servos de Deos, para perpetua memoria desta graça e concessão.

Havendo Jesus Christo Nosso Senhor de passar deste mundo para seu Eterno Pai, na ultima cêa, em que comeu com seus discipulos o cordeiro paschal, instituiu o ineffavel Sacramento do seu Preciosissimo Corpo e Sangue, pelo qual todos os fieis renovassem a memoria daquelle amor eximio, que o Senhor mostrou, chegando-se a hora de sua sacratissima paixão.

E fazendo nós, ainda que sem merecimento, na terra as vezes do mesmo Senhor, para que aquellas cousas, que pela devoção piedosa dos fieis vemos dignamente ordenadas para veneração e honra deste Sacramento Santo, mais se augmentem, e a devoção dos fieis mais cilmente para ellas se inflamme, julgamos por obriga premiar os mesmos fieis com dadivas espirituaes, re nerar seus piedosos desejos com dons celestiaes, com elles se fazerem mais aptos para merecerem, qu mesmo Sacramento no dia da ultima peregrinação il sirva de saudavel viatico.

§ I.

Por parte dos amados filhos, os irmãos da confraria Santissimo Sacramento, instituida na igreja de Santa Ma de Minerva, do religiosos da ordem dos prégadores, foi apresentada uma petição, a qual dizia, que alguns dadãos Romanos, e fieis de Christo da mesma curia mente considerando, que a Sacratissima Eucharist tratava com menos culto e veneração nas igrejas chiaes de Roma, e se guardava em lugares menos decen tes, e quando era preciso administrar-se por Viatico ao enfermos o levava um capellão somente, sem mais pom honra ou reverencia; desejando atalhar este pouco pello, e augmentar os cultos de tão alto Sacrament que a este mesmo Senhor se lhe désse aquella veneraç que lhe é devida, ordenárão e instituirão com particul devoção uma irmandade debaixo da invocação do Santis simo Sacramento, em a sobredita igreja de Santa Mar de Minerva.

§ II.

E que para boa direcção e augmento desta nova co fraria, entre outras cousas mais, se obrigavão os irm della, e os mais que por elles fossem eleitos e deputad a fazer e procurar com todo o cuidado e desvello, que est divinissimo Sacramento assim na igreja de Santa Mari de Minerva, como nas mais parochiaes igrejas da cidade de Roma, se guardasse e conservasse com aquella veneração, que é devida, em lugar honorifico e decente, com alampadas accesas de dia e de noite.

§ III.

E que se as rendas das mesmas igrejas para isto não bastassem, os irmãos desta confraria as proverião das cousas necessarias a este fim, como tambem para se comprar um Palio a cada uma das sobreditas igrejas, com o qual o Santissimo Sacramento fosse levado com maior pompa e reverencia todas as vezes, que se administrasse aos enfermos por Viatico.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

§ IV.

eitor de cada uma das ditas igrejas, ou quem iver, todas as vezes que fosse necessario admite augustissimo Sacramento a algum enfermo, ado á sua casa, seria obrigado a fazer tocar os a sua igreja, com certos toques, para conhecerem os vizinhos daquella igreja, moradores na freguemesma parochia, que são avisados e convocados acompanharem o Santissimo Sacramento, e que estes o obrigados a acompanhal-o por si mesmos: e se erem legitimo impedimento, o farão por um de seus ais dignos familiares á casa do enfermo com tochas ccesas.

§ V.

que os irmãos e irmãs desta confraria actualmente tentes, nos domingos terceiros de cada mez de todo o o, se ajuntarião na igreja de Santa Maria de Minerva, e nesma sorte, em qualquer das mais parochias, e ahi facelebrar uma missa com canto ou sem elle, á qual asão, e ao levantar a Deos, estarião com tochas accesas.

§ VI.

E que logo na sexta feira seguinte, depois da festa do o de Deos, farião todos os annos uma solemne proão por fóra, e em roda da igreja, levando nella o Sanimo com pompa honorifica e luzes accesas.

§ VII.

que se algum irmão desta confraria estiver enfermo, itor da igreja, de quem fôr freguez o dito enfermo, ou n estiver eleito em seu lugar, juntamente com outro da mesma irmandade por elle nomeado, serão obrios a visitar o tal enfermo, e a exhortal-o piedosamente confessar-se, e a receber o Santissimo Sacramento.

§ VIII.

E que todas as semanas do anno os irmãos e irmãs desta andade serão obrigados a rezar devotamente, em louo Santissimo Sacramento, cinco Padre Nossos e cinco e-Marias.

§ IX.

E que as mulheres, que forem irmãs desta confraria, a quem não é decente andar vagando pela cidade para companhar o Santissimo Sacramento, determinárão prorar, que por nós lhes fosse concedido, que todas as zes que ouvissem tocar os sinos para ir o Senhor fóra, zando de joelhos cinco Padre nossos e cinco Ave-Maas, alcançassem as mesmas graças e indulgencias, que os irmãos são concedidas: o que tudo consta de seus documentos.

§ X.

E elegêrão para protector desta mesma irmandade a nosso amado filho Alexandre, cardeal diacono de Santa Maria in Via lata, chamado de Cesarinis.

§ XI.

Por cuja razão, por parte dos mesmos irmãos nos foi humildemente supplicado, que por benignidade apostolica nos dignassemos de confirmar a instituição desta irmandade e seus estatutos para sua mais firme estabilidade e perpetua subsistencia

§ XII.

Por tanto, desejando Nós, que tão [illegible] Sacramento, digno de todo o louvor e veneração, [illegible] grandecido por todos os fieis, para por este meio poderem alcançar a salvação eterna, e dando Nós as graças a Deos omnipotente de ter principio em nosso tempo a instituição desta irmandade tão santa, tão necessaria, e tão util para veneração e culto do divinissimo Sacramento, e querendo prover, quanto com Deos podemos, que tenha duração perpetua, e que os fieis christãos sirvão a tão alto Sacramento com mais devoção, quanto Nós para elles, com mais amplas e especiaes graças nos mostrarmos mais liberaes, e para que conheção, que por este meio podem relazer-se com mais augmento de graça celestial, inclinados a suas supplicas, pelo theor das presentes, de nossa certa sciencia, com autoridade apostolica approvamos e confirmamos a instituição desta irmandade, e todos seus estatutos pelos mesmos irmãos estabelecidos, como em seus instrumentos e documentos se contém, e outros quaesquer, que d'ahi se seguirem; e se nelles houverem alguns defeitos de direito ou de facto, todos, e cada um delles os supprimos, e lhes damos e accrescentamos força de perpetua firmeza; e ordenamos, que os ditos estatutos sejão firmemente observados pelos reitores das parochiaes igrejas, ou por quem seu lugar tiver, e por todos os mais a quem pertencer: e para maior cautella todos os estatutos e mais cousas, pelos mesmos irmãos determinadas e ordenadas pelo theor das presentes com authoridade apostolica as estabelecemos, ordenamos, e determinamos para sempre.

§ XIII.

E aos irmãos desta irmandade, que agora e para o futuro existirem, e a cada um delles concedemos todos e cada um dos privilegios, indultos, isenções, liberdades, immunidades, indulgencias, ainda plenarias e remissões de peccados, e outras quaesquer graças espirituaes e temporaes, concedidas por quaesquer pontifices romanos antecessores, e que por nossos successores se concederem aos irmãos das confrarias da imagem do Salvador, *ad sancta sanctorum* da caridade de Santiago in Augusta, de S. João Baptista, de S. João Latrão, dos Santos Cosme e Damião, da nação Florentina, do nosso hospital do Espirito Santo in Saxia, da ordem de Santo Agostinho, e do Campo Santo desta cidade de Roma, e de Nossa Senhora do Populo, e das mais igrejas da mesma cidade, e todas as concedidas aos fieis christãos, que as visitarem; e de todas, que usão e gozão, e que poderem gozar e usar, de qualquer sorte para o futuro, os irmãos das sobreditas confrarias, cujos theores pelas presentes havemos por expressos, como se de verbo ad verbum aqui se declarassem, concedemos, que, de agora para sempre usem e gozem, e possão usar e gozar livre e licitamente em tudo, os irmãos desta irmandade do Santissimo Sacramento, como se essas graças e indultos fossem especial e expressamente a elles concedidos, e para o futuro se concedessem: e os mesmos sobreditos privilegios, indultos, isenções, liberdades, indulgencias, ainda plenarias, e remissões de peccados, e outras quaesquer graças, que concedemos aos irmãos desta irmandade do Santissimo pelo mesmo theor e authoridade as estendemos e communicamos aos capellães, ministros e pessoas da mesma irmandade por qualquer tempo existentes.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 221.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

QUINTA-FEIRA 5 DE DEZEMBRO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

Carta Encyclica de 16 de Fevereiro de 1741, pela qual se participa o Indulto apostolico do Sm.º P. Benedicto XIV aos Vigarios Capitulares, para poderem conceder Dispensas Matrimoniaes, e Consagrar Calices, Patenas, e Pedras d'Ara, durante a Sé Vaga.

Ao Sr. Bispo de S. Luiz do Maranhão nas Indias Occidentaes.

Illm. e Rvmd. Snr. e Irmão.—Ainda que no fim da formula das Faculdades, que a cada Arcebispo e Bispo das Indias Orientaes e Occidentaes a Sé Apostolica costuma conceder, leia-se expressamente: que a cada um delles é dado o poder de communicar as mesmas faculdades (excepto aquellas, que requerem ordem Episcopal, ou não se podem exercer sem usar dos sagrados oleos) a Sacerdotes idoneos, que exerção o santo ministerio em sua diocese, principalmente por sua morte, como acontece em Sé vaga, os quaes o possão supprir, até que, scientificada a Sé Apostolica, tome outras medidas: Ultimamente comtudo veio ao conhecimento desta Sagrada Congregação *de Propaganda Fide*—que mais de uma vez tem acontecido, que alguns dos ditos Prelados, ou arrebatados por uma morte repentina, ou não tendo exercido o dito poder, morrão antes de haver delegado taes faculdades: E como, por se não fazer semelhante communicação, muitos e graves males sobrevierão ás almas dessas Dioceses, segundo foi representado á mesma sagrada Congregagação, e isto por falta de pessoa, que, durante a Sé vaga, ou ao menos até vir Provisão Apostolica, pudesse remediar taes necessidades, principalmente quanto ás Dispensas Matrimonaes; de sorte que, por essa causa muitos, miseravelmente ligados aos laços do peccado, morrêrão privados de remedio prompto com evidente perigo da salvação eterna; á vista disso o Santissimo Padre Benedicto XIV, Papa por divina Providencia, desejando por seu officio Pastoral prover a salvação e as necessidades das almas desses povos tão distantes da Santa Sé, em conselho dos Eminentissimos Padres Geraes Inquisidores, que em toda a Christandade oppugnão as heresias, benignamente concedeu, que no futuro (todas as vezes que os Prelados das ditas igrejas morrerem, sem ter communicado as faculdades contidas na supradita Formula, e com as limitações que nellas se lêem, a algum sacerdote idoneo e approvado, que as deva exercer, estando a Sé Archiepiscopal ou Espiscopal vaga, e até nova Provisão Apostolica, como acima, neste ultimo caso e nunca em outro) o Vigario Capitular, legitimamente eleito, possa como Delegado exercel-as livre e licitamente, dentro porem dos limites da Diocese vaga, salvas aquellas, para cujo exercicio se requer a Ordem Episcopal; aggregando ainda ao mesmo Vigario Capitular o poder de consagrar, toda vez que a necessidade urgir, Calices, Patenas, e Altares portateis, com oleos porem consagrados pelo Bispo.

De ordem pois de Sua Santidade fazemos sciente á tua Grandeza desta graça da sollicitude e Providencia Pontificia por esta Carta Encyclica, n'este intuito porem que apenas a recebas, notifiques aos Conegos e ao Cabido d'essa tua Igreja Metropolitana ou Episcopal, e a faças copiar ou conservar o autographo no archivo do Cabido, de modo que, dado o caso de que já fallámos, jamais falte, quem possa exercer as ditas faculdades em beneficio d'essa diocese.

Deos guarde por muito tempo a vida de tua grandeza.

Roma 16 de Fevereiro de 1743.—Como Irmão de tua Grandeza.—*V. Cardeal P. Felippe de Monachis.*

6ª secção —Rio de Janeiro. Ministerio dos negocios do Imperio, em 29 de Outubro de 1861—Exm. e Rvm. Sr.—Sendo ouvida a secção dos negocios do imperio do conselho de estado sobre a representação, em que V. Exc. Rvm. propõe, que o padre Agostinho de Godoy e Vasconcellos, vigario collado da freguezia do Altinho, ou seja transferido para a de Quipapá, ou nella apresentado, em consequencia de ter a lei provincial nº 508 de 9 de Maio ultimo, que desmembrou daquella freguezia a povoação de Panellas, incorporando-a a esta, dado-lhe opção entre as duas freguezias; de conformidade com o parecer da mesma secção, exarado em consulta de 14 de Setembro ultimo, declaro a V. Exc. Rvma. o seguinte:

A freguezia do Altinho não foi dividida em duas, creando-se outra com parte della, para que possa verificar-se a opção, mas houve simplesmente desmembração de uma parte da mesma freguezia, para se annexar á outra já existente, ficando por isso uma menor e outra maior do que erão, mas permanecendo sempre as mesmas freguezias.

Não havendo creação de nova freguezia, a opção iria conferir jurisdicção sobre um territorio, que na sua maior

BPBL
Biblioteca Publica Benedito Leite

parte não estava comprehendido na antiga jurisdicção, e que por si formava freguezia distincta, e então ella seria uma verdadeira trasladação debaixo de um nome falso; mas as trasladações, segundo o governo tem decidido mais de uma vez, são prohibidas pelas leis canonicas, e com muito bons fundamentos.

Os dous arbitrios propostos por V. Exc. Rvm. reduzem-se á trasladação, ou effectuada com o mesmo titulo, da igreja em que o parocho é collado, o que significaria provimento sem apresentação nem concurso; ou effectuada por apresentação por direito de opção, mas sem concurso: e tolerado qualquer destes arbitrios, aberta ficaria a porta ás trasladações, porque nada mais facil seria, do que promover uma desmembração qualquer de uma freguezia, e optar entre esta e aquella á que fosse encorporada, e tudo com perturbação do governo da igreja, e só para fins mundanos.

Assim pois, não póde ter lugar nenhum dos arbitrios propostos por V. Exc. Rvm., e nem a Assembléa legislativa provincial podia dar o direito da opção, sobre a qual V. Exc. basea a sua proposta, ainda mesmo debaixo do pretexto de que parte da freguezia passou a pertencer á outra, pois que isto fôra legislar sobre o provimento de beneficios.

O que tudo communico a V. Exc. Rvm. para seu conhecimento e governo.

Deos guarde a V. Exc. Rvm.—José Ildefonso de Sousa Ramos.—Sr. Bispo da diocese de Pernambuco.

O ECCLESIASTICO.

Sagração do Exm. e Rvm. Sr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, Bispo do Maranhão.

No dia 20 de Outubro findo teve lugar no Mosteiro de S. Bento, na côrte do Rio de Janeiro, o acto solemne da sagração do Exm. e Rvm. Sr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, Bispo desta Diocese do Maranhão.

Acerca dessa augusta funcção religiosa exprime-se o *Diario de Pernambuco* do modo seguinte:

«Hontem se verificou esta solemnidade com toda a pompa, no templo do mosteiro de S. Bento, officiando o Snr. Internuncio apostolico, e comparecendo á festividade quanto a côrte encerra de mais elevada hierarchia. SS. MM. o Imperador e a Imperatriz assistirão a toda a funcção, e depois percorrendo o convento acceitárão um copo d'agua. Retirarão-se subindo aos ares gyrandolas, repicando os sinos, tocando bandas de musica. Tudo se passou com esplendor e grandeza, em meio de immenso concurso de povo.

«O denominado *caldo* consistio n'um jantar profuso, á que havião sido convidadas muitas das principaes pessoas da côrte, os ministros de estado, numerosos senadores, titulares, e outras personagens, entre as quaes diversas do clero secular e regular. Um brinde do Sr. conselheiro Paranaguá ao Sr. Bispo do Maranhão foi unanimemente acolhido com extremo applauso, e bem assim outro do Sr. Internuncio a Sua Magestade Imperial, correspondido com o mais profundo respeito.

«Sob excellentes auspicios enceta o novo principe da igreja a sua tão honrosa como ardua missão.

«As sympathias, que o rodeão, significão a geral convicção, de que o nobre Prelado saberá corresponder ás esperanças depositadas na sua illustração; que tomará o baculo episcopal, não por insignia de hierarchia, mas por espada de commando; que os seus hombros não vergarão á pesada carga, e que ao culto, á moral, á religião, ao clero e ao povo da importante diocese, saberá o novo Prelado prestar uteis serviços no pio exercicio de suas graves funcções».

Até a chegada do ultimo vapor nada mais sabemos acerca do Exm. Prelado; constando apenas, que chegará á Diocese de Janeiro proximo em diante.

Carta pastoral

Do Exm. e Rvm. Sr. Bispo da Fortaleza, saudando e dirigindo algumas exhortações aos seus diocesanos.

D. Luiz Antonio dos Santos, por Mercê de Deos e da Santa Sé apostolica, Bispo da Fortaleza, do conselho de S. M. o Imperador, etc.

A' igreja da Fortaleza, da provincia do Ceará, a graça e paz de Deos Pai, e de Nosso Senhor Jesus Christo, e a consolação do Espirito Santo.

(Conclusão.)

Vai o homem entrar na ultima e mais formidavel luta, para a qual se arma todo o enfermo, pois se trata de ganhar ou perder para sempre; eis que de novo é ungido, não só para lutar efficazmente com os seus espirituaes inimigos, como tambem, para, destruidas as reliquias do peccado (48) ser apresentado puro aos olhos da divina Magestade, que não soffre a menor imperfeição em seu Reino. Por meio d'outra uncção, á imitação de Arão, e imposição das mãos, (49) são constituidos ministros da casa de Deos aquelles, que tem de offerecer-lhe o mais puro dos sacrificios, que não terá fim. Para significar a indissoluvel união entre elle e a igreja (50) instituio Jesus Christo o Sacramento do matrimonio, elevando á esta ordem o primitivo contracto naturalmente, e unindo-lhe uma especial graça, que, santificando as almas, dá forças para levarem com resignação o onus, que este estado lhes impõe, e darem á igreja filhos dignos da vida eterna; propagando-se dest'arte o genero humano, e engrandecendo-se os Estados. Eis, como se achão tão caridosamente consultadas todas as nossas necessidades.

Já levamos este escripto além dos limites, que nos haviamos traçado; e deixando de fallar-vos de cada um dos Sacramentos em particular, não podemos todavia concluil-o, sem dirigirmos ainda algumas palavras aos nossos irmãos, os veneraveis parochos e mais sacerdotes da nossa diocese.

Vós sois, veneraveis irmãos, nossos cooperadores na vinha do Senhor, e destinados pelo grande Pai de familia á supportar todo o pêso do dia e do calor. Vigilantes sentinellas da casa do Senhor, devemos vigiar, em quanto dorme o rebanho, que nos foi confiado pelo Pastor dos Pastores, e, cada um em seu posto, não deixemos entrar

(48) Yago 5. 14. 15.
(49) Ad. Timoth. 4. 14. e 2. ad Timoth. 1. 6.
(50) Ad Ephes. 5. 35.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

os lobos, que nos querem arrebatar as ovelhas. Vós, a nossa esperança e nosso conforto nos trabalhos, que esperamos, por isso um só espirito deve nos animar, um só desejo devemos ter, um só fim devemos procurar, e um só premio devemos esperar. O espirito de Jesus Christo nos anime, e seja o principio de todas as nossas acções, o nosso desejo seja de salvar almas, o fim de tudo, que fizermos, seja a maior gloria de Deos, e o nosso premio seja, não as cousas do mundo, mas sim o mesmo Deos, que prometteu dar-se todo a nós por uma eternidade. A nossa alma exultou, quando dessa diocese nos foi dito por pessoa, em quem muito confiamos: *O clero em geral é bom, principalmente os parochos.*

E que mais desejaremos nós, veneraveis irmãos, quando nos virmos rodeado desse respeitavel corpo exercitado nas pelejas do Senhor, forte pela consciencia de sua alta dignidade, e ainda mais forte pela certeza de nunca ser vencido?

Tão sublime é o vosso officio, tão util e tão proficuo á todos os fieis, que podemos dizer, que de vós depende não só a felicidade eterna de cada um, mas a felicidade e prosperidade temporal da sociedade civil. Não se póde conceber, veneraveis irmãos, que sendo o parocho exemplar e observante das suas obrigações, não introduza no coração dos seus parochianos amor e respeito ás autoridades e ás leis; temor de perpetrar esses crimes, que deshonrão as nações civilizadas; que não ensine aos paes o cuidado da educação de seus filhos, á estes o respeito devido á seus paes, aos servos fidelidade para com seus senhores, e aos paes de familia, como se devem portar para com todos os seus famulos e domesticos. Ora, tudo isto é trabalhar na regeneração da mesma sociedade, por isso a vossa missão é sublime, e é do maior alcance.

Mas, veneraveis irmãos, para o vosso ministerio produzir tão apreciaveis fructos, vós tendes necessidade d'uma certa independencia: a religião, que nos collocou acima dos mais fieis, e que vos segregou delles, promettendo-vos uma herança superior á tudo, que o mundo póde offerecer, vos diz: ninguem, que milita para Deos, se embaraça com negocios do seculo (51). Esta independencia, tão necessaria ao pastor, desapparece, logo que o parocho, desconhecendo o espirito, de que deve ser animado, vai se alistar nas fileiras d'aquelles, que, tendo outro emprego e outra missão, disputão sobre as cousas do seculo.

A politica, veneraveis irmãos, que infelizmente em nosso paiz tem degenerado em frenetica paixão, e que da familia brasileira tem feito como dous povos inimigos, não póde deixar de attrahir a attenção d'um zeloso parocho, para não só não prestar seu nome e concurso á fomentar essas mesquinhas paixões, como para, mostrando-se o pae de todos os seus parochianos, plantar entre elles a concordia e caridade fraterna, á cuja sombra tudo prospera.

Não queremos dizer, que a religião catholica queira paralizar e destruir no coração do sacerdote esse nobre sentimento e innato amor á patria, e por consequencia negar-lhe uma certa ingerencia no, que póde concorrer para engrandecel-a, e fazel-a respeitada; não, veneraveis irmãos, ella bem longe d'uma tal pretenção, tem, como civilizadora do genero humano, sublimado, e como divinizado esse mesmo amor; de modo que podemos dizer, que o sacerdote catholico deve ser o maior patriota, porque elle, segundo seu officio, deve conhecer mais o espirito desta sublime religião. O que vos queremos dizer é, que alheios á essas divisões, em que a caridade sempre é offendida, e com a independencia, que vosso estado vos ha dado, vos apresenteis á vossos parochianos como um pae a seus filhos, dirigindo-os, reprehendendo-os, tudo com amor e caridade.

Os vossos passos vos levem á casa de todos os vossos filhos, para consolar o afflicto, animar o fraco, administrar os soccorros da religião ao, que vai trocar o mundo pela eternidade, e dizer palavras de paz á todos; oh! que formosos são os pes dos, que annuncião a paz, dos que annuncião os bens (52).

E vós, veneraveis sacerdotes, posto que não vos acheis collocados entre os, que partilhão comnosco o immediato cuidado de apascentar as ovelhas de Jesus Christo; tende como a vós dirigidas as reflexões, que dirigimos aos reverendos parochos; porque chamados a coadjuval-os no santo ministerio, unico fim, que vos fez entrar na milicia de Jesus Christo, recebendo as sagradas ordens, tendes as mesmas obrigações, em ordem a salvar almas e augmentar o reino de Jesus Christo. Vós sois os medianeiros entre Deos e os homens, e que entre o vestibulo e o altar deveis offerecer dons e sacrificios pelos peccados do povo. Da vossa boca sáião só palavras de conciliação, e como verdadeiros embaixadores do Rei Pacifico, prégae a paz e concordia entre o povo. Attendei para o que vos diz Deos, por seu propheta: a lei da verdade esteve em sua boca, e a iniquidade não se achou em seus labios: elle andou comigo em paz e em equidade, e apartou da iniquidade a muitos. Porque os labios dos sacerdotes serão os guardas da sciencia, e da sua boca é, que os mais buscarão a intelligencia da lei: porque elle é o anjo do Senhor dos exercitos (53).

Concluindo esta nossa Carta pastoral, ainda não podemos largar a penna, sem chamar a vossa attenção para um objecto de grande alcance. Vivendo o homem na sociedade, e della recebendo grandes beneficios, que são outras tantas garantias de seus direitos, é innegavel, amados filhos, que tem tambem deveres a cumprir para com a mesma sociedade. O primeiro, que é como origem dos mais, é a fiel e escrupulosa observancia das leis estabelecidas, acompanhada de grande respeito ás autoridades. Qualquer que seja a opinião a respeito da origem do poder, que divide as escolas, nada poderá dispensar deste dever, uma vez que o homem, como membro da sociedade, queira gozar das vantagens, que ella offerece. Este dever nos é imposto não só pela mesma natureza da sociedade, mas pela religião catholica, que delle faz um preceito, positivamente mandando a obediencia não só para evitar os castigos temporaes, mas a ira e os castigos de Deos, cuja doutrina o apostolo nos transmittio, dizendo: «Todo o homem esteja sujeito aos poderes superiores. Elles vem de Deos, que é quem os estabelece; e as-

(51) Timoth. 2. 4.

(52) Rom. 10. 15.
(53) Malach. 2.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

sim resistir-lhes, é resistir á ordem de Deos, e attrahir a propria condemnação. Os principes não são para temer, quando se faz o bem, mas quando se faz o mal; não o façaes, e elles vos louvarão. São ministros de Deos para bem vosso, mas se obrardes mal, temei-os; porque não é debalde, que trazem a espada para executar a vingança de Deos, punindo aquelle, que pratica más acções. De necessidade por tanto lhes deveis estar sujeitos, não só por temor do castigo mas tambem por obrigações de consciencia (54). O Principe dos apostolos não é menos explicito, quando, escrevendo aos fieis, lhes diz: «sêde submissos, por amor de Deos, á toda sorte de pessoas, ou ao rei como soberano, ou ao que elle envia para punir aquelles, que obrão mal, e tractar favoravelmente os que obrão bem. Tal é a vontade de Deos, que obreis o bem como livres, não servindo-vos da liberdade como d'um véo, para encobrir a malicia de vossas acções, mas como servos de Deos. Honrai a todos, amai os vossos irmãos, temei a Deos, respeitai o rei.» (55)

A estas palavras, meus filhos, não devem ser indifferentes os catholicos, na certeza de que são dictadas pelo Espirito d'Aquelle, que, regenerando o homem e a sociedade civil, collocou-os no alto posto, que a dignidade do mesmo homem e seu futuro destino pedião.

Portanto, dirijamos para o throno da Magestade Divina nossas supplicas, orações, petições, acções de graças por todos os homens:

Pelo SS. Padre o Papa, o representante de Jesus Christo na terra, e nosso commum Pae, para que com o rebanho, que lhe foi confiado, chegue á eterna vida.

Por S. M. I. o Sr. D. Pedro II, tambem representante de Deos na terra pela alta missão, que lhe foi confiada; para que Deos, em cujas mãos está o coração dos reis (56) lhe conceda um reinado longo e feliz nesta vida, e o eterno na outra.

Por todos, que estão elevados em dignidade, para que vivão uma vida socegada e tranquilla em toda a sorte de piedade e de honestidade; por que isto é bom e agradavel diante de Deos nosso Salvador, que quer, que todos os homens se salvem, e que cheguem a ter o conhecimento da verdade.

Temos concluido, amados filhos, a nossa primeira Carta pastoral, a qual contendo somente generalidades, pois outra cousa não era possivel, a quem ignora os usos e costumes dessa parte do povo catholico, não nos dispensará de fallar-vos mais vezes, quando conhecermos de perto as vossas necessidades.

Com os sentimentos d'um amoroso pae e verdadeiro amigo nós saudamos á todos.

Em primeiro lugar saudamos ao respeitavel ecclesiastico, que, na qualidade de nosso Delegado, se acha encarregado da gerencia da diocese, agradecendo-lhe desde já os serviços, que nos tem prestado.

Saudamos aos nossos irmãos os muito reverendos parochos do bispado, á quem rogamos, que nunca desmereção o conceito, que temos de sua capacidade e integridade. Muito precisamos, veneraveis irmãos, da vossa coadjuvação.

Saudamos a todos os reverendos sacerdotes, que, chamados a tão alto e sublime estado, esperamos, que sejão a nossa alegria e conforto.

Saudamos á todas as confrarias e irmandades religiosas do nosso bispado, lembrando-lhes, que o fim de tão uteis instituições é o culto religioso, reforma dos costumes, e a salvação eterna de seus membros: por isso despidas de toda a vaidade do seculo, e inuteis contendas, tenhão por divisa a caridade christã, que tudo soffre.

Finalmente saudamos á todos os nossos amados filhos, de qualquer estado e condição que sejão, desejando-lhes paz e concordia entre si, e á quem em nome de Jesus Christo lançamos a benção pastoral.

E para que chegue á noticia de todos, mandamos aos reverendos parochos, que, logo que receberem nossa Carta pastoral, a publiquem nos domingos e dias santos, e a registrem nos competentes livros das respectivas parochias, mandando certidão á camara ecclesiastica do bispado.

Dada na leal cidade de Marianna aos 14 de Abril de 1861.

† LUIZ, Bispo da Fortaleza.

O doutor, padre *Pedro Maria de Lacerda*. Secretario interino.

L. † S.

(54) Ad. Rom. 13. e seg.
(55) Petr. 2. 13. e seg.
(56) Prov. 21. 1.

Estado presente de Jerusalem.

—Para que os leitores tenhão noticia do estado actual, em que se acha a cidade santa, faremos aqui um breve resumo da viagem de Bida, que tem por titulo: *Quinze jours á Jerusalem*, e foi publicada na excellente obra illustrada—*Le tour du Monde*, Paris, 1861.

Conta o autor, dia por dia, o que observou na cidade santa.

A's 9 horas da manhã, de 8 de Julho de 1856, cheguei aos muros de Jerusalem. Nem viva alma descobri; nenhum rumor dentro ou fora. Parecia uma cidade sepulchral. Entrei pela porta de Damasco; as ruas são desaceadas, quasi solitarias, e mui sombrias por causa das numerosas abobadas, que as toldão. Ruinas e entulho se vêem por toda a parte. Os habitantes, poucos e tristonhos, tem quasi todos cara de fome; muitos vagueião pelas ruas como gente ociosa; emfim, Jerusalem não tem se quer sombra do bulicio e actividade das outras cidades do Oriente.

A minha primeira visita foi ao Santo Sepulchro. Depois de alli ouvir a missa de um missionario francez, fui com elle ver os differentes sanctuarios de Jerusalem; os lugares santos, cheios de tão augustas recordações, inspiraõ um respeito inexplicavel. Todas as regiões, todas as communhões alli vão como ao centro da crença universal.

O turco, que está de guarda ás portas do Santo Sepulchro, fumando no seu cachimbo, não me pareceu menos respeitoso que os hereticos, scismaticos, e orthodoxos, que alli celebraõ os seus ritos. A pedra, sob a qual foi enterrado o corpo de Jesus, me parece o fundamento, por assim dizer, material, da igreja christã, isto é, o fundamento de quanto ha mais sublime na consciencia humana. O respeito do universo por estas reliquias é o facto mais notavel do mundo moderno. A verdade parte incontestavelmente d'aqui.

Fui depois visitar os tumulos dos reis e juizes, onde

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

notei a singularidade, com que os hebreos cavão os rochedos, porque todos os tumulos são umas cavernas com muitos compartimentos, e os entalhos tão circulares, que parecem feitos com uma roda. Não cortão a pedra, trituraõ-na. Subi depois ao Scopo, d'onde se descobre o Jordão, o mar Morto e as montanhas de Moab. Voltei pelo valle de Josaphat, campo estreito, onde os judeos de todos os paizes se mandaõ sepultar.

No dia seguinte fui ver o palacio do Poncio Pilatos, hoje transformado em quartel de um regimento, cujo commandante me recebeu com muita urbanidade. A janella do seu quarto sobreleva o adro do templo, aonde está edificada a celebre mesquita de Omar; d'ahi vi os judeos orando ao longo do grande muro, que sustenta o taboleiro do adro. Era n'uma sexta-feira, e aquella hora, duas da tarde, começava para elles o sabbado. Enterneceu-me o espectaculo de tantos infelizes, chorando sobre as ruinas do templo de Salomão, beijando a cada versiculo aquellas unicas pedras de tão grande monumento.

Passei a visitar o hospital, fundado por Mr. de Rotschild. Cada leito tem escripto o nome de uma pessoa d'esta numerosa familia. No mesmo edificio ha uma escola para educação da infancia hebraica. Ha tãobem alli uma synagoga. O bairro dos judeos é, como o resto da cidade, escuro e sordido. Todavia as mulheres, que appareciõ ás janellas, estavaõ muito enfeitadas: era a manhã do sabbado.

Sahi de Jerusalem, e encaminhei-me para o tumulo de David, onde se edificou uma bella mesquita. Mas não vi o tumulo, porque está mettido n'um subterraneo, onde não é permittido entrar nenhum profano. Fizerão no pavimento superior um simulacro d'aquelle mausoléo, e é o que unicamente olhos humanos podem ver, porque entre aquellas gentes perdura uma tradição terrivel:—de que será fulminado de morte repentina o, que ousar pôr os olhos no tumulo do propheta rei. Ao lado d'este monumento vê-se o paço de Caifaz, o summo sacerdote, que relaxou Christo ao braço secular de Poncio Pilatos.

Mais adiante fica um convento armenio, onde está o lugar, em que S. Pedro renegou o Mestre, e na capella a pedra, que outr'ora cobrio o tumulo de Christo. Desci ao longo dos muros, que são formidaveis, e notei, que, principalmente a leste, podem bem ser do templo de Salomão. Entrei pela porta de Santo Estevão, e fui ver a igreja de Sant'Anna, construida por Balduino I.º Aqui nasceu a Virgem Maria. Este templo, que o sultão Saladino tinha convertido n'uma escola, foi restituido ao culto latino, não ha muitos annos, pelas solicitações do consul de França. A piscina probaticia fica ao pé desta igreja.

No dia immediato fui ao monte das Oliveiras, que está agora murado. Não duvido, que as oito ou dez arvores, que formão este jardim, tenhão assistido a agonia do Salvador, tão velhas me parecêrão! Proximo está o sitio, onde Judas entregou seu Mestre; a rocha, onde dormirão os discipulos, em quanto Jesus orava no Horto; a gruta da agonia, e a pedra, onde o Senhor suou sangue. Cada passo, que se dá nestes sitios, é sobre a memoria d'alguma dôr da paixão de Christo. Junto do hotel, onde resido, na rua da Amargura, está o arco do *Ecce homo*; o lugar onde Nosso Senhor cahiu a primeira vez sob o péso da cruz; a casa da santa Veronica, e pouco mais adiante a columna, onde foi affixada a sentença da morte do homem Deos. A tradicção de todos estes dolorosos successos está ainda tão viva, segue-se com tão pouca incerteza o rasto das pisadas de Christo n'este seu derradeiro transito; é tão patente aos olhos tudo, quanto o Evangelho nos refere, que o viajante não se admirára, se encontrasse o Salvador ao voltar da rua. Vive-se ahi com Elle, por assim dizer, e esta intimidade, posto que robore a fé, e exclua a duvida, attenua, me parece, a solemnidade ou o ideal d'esta grande figura. Desci tãobem aos tumulos da Virgem, de Santa Anna, de S. Joaquim, e de S. José. Esta igreja, que é apenas uma crypta, pertence aos gregos.

Por ultimo visitei o jazigo dos prophetas, todos cavados na rocha. Alli se me figurou a resurreição de Lazaro, cuja impressão não pode comparar-se ás pinturas, que tenho visto d'este milagre, inclusive a de Rembrand, que tão famosa é.

(*Extr.*)

CATALOGO

DOS

Exm.os e Rvm.os Snrs. Bispos do Maranhão.

FEITO POR

José Constantino Gomes de Castro,

Cavalleiro da Ordem de Christo, Conego Prebendado (e depois Arcediago) da Santa Igreja Cathedral do dito Bispado, Proto-Notario, e Juiz Apostolico de Sua Santidade, e Vigario Capitular canonicamente eleito, Sede vacante.

augmentado e reimpresso pelo P.e

RAYMUNDO ALVES DOS SANTOS,

Conego Prebendado da mesma Cathedral, Promotor Fiscal do Juizo Ecclesiastico, Lente de latim, e substituto das cadeiras de francez e canto-chão do Seminario episcopal.

(Continuado do n. 217.)

3.º

D. Fr. José Delgarte, natural da Cidade de Coimbra, Trinitario-calçado da Ordem da Santissima Trindade da Redempção de captivos, Mestre na Sagrada Theologia: foi Reitor do Collegio da sua Ordem em Coimbra, Vigario-geral da sua Religião, e insigne Prégador. Eleito e confirmado Bispo deste Bispado no pontificado do SS. P.e Innocencio XIII, chegou a elle em 1717, onde falleceu em 14 de Dezembro de 1724, e jaz sepultado em a Sachristia do Convento de N. Senhora das Mercês da Redempção de captivos nesta capital (3). Sobre sua sepultura lê-se o epitaphio seguinte:

SEPULTURA DE D. FR. JOSEPH DELGARTE.
Religioso da Santissima Trindade,
3.º Bispo do Maranhão, que falleceu á
14 de Dezembro de 1724.

4.º

D. Fr. Manoel da Cruz (4) da Ordem Cisterciense dos Monges de S. Bernardo, Doutor na Faculdade de Theologia pela Universidade de Coimbra, aonde foi Reitor do Collegio da sua Ordem, e Mestre de Noviços no Real Mosteiro de Alcobaça. Eleito, confirmado e consagrado Bispo desta Diocese em 1738, chegou a ella em Junho de 1739; e tendo-a governado por espaço de sete annos, foi

(3) No tempo d'este Prelado (D. Fr. José Delgarte) em o anno 1720, por Bulla Apostolica, á instancias d'El-Rei D. João 5.º foi creado o Bispado do Grão-Pará, desmembrado d'este do Maranhão, e foi seu primeiro Bispo D. Fr. Bartholomeu do Pillar, Religioso Carmelita-calçado, Mestre na Sagrada Theologia.

(4) Não se poude descobrir a sua naturalidade, mas sabe-se, que era da Illustre e distincta Familia dos Freires. Já Bispo de Marianna, e fallecendo alli, deixou em seu testamento o legado de 1:000$000 á Igreja Cathedral do Maranhão, sua primeira Esposa.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

trasladado para a nova Diocese de Marianna, sendo o seu primeiro Bispo; e alli falleceu (5).

5.º

D. Fr. Francisco de S. Thiago, da Ordem dos Religiosos Menores de S. Francisco da Provincia de Portugal, natural da Freguezia de S. Thiago do Sopo, no Termo da villa de Caminha, Comarca de Valença do Minho, Arcebispado de Braga, Mestre jubilado na Sagrada Theologia, Examinador-geral das tres Ordens Militares, e Deputado da Bulla da Cruzada: foi Visitador Apostolico da Custodia, ou Provincia de S. João Evangelista das Ilhas dos Açôres, desmembrada da dos Algarves. Eleito e confirmado Bispo deste Bispado do Maranhão em 1745, chegou a esta Cidade em 2 de Julho de 1747: falleceu em 18 de Dezembro de 1752, e jaz sepultado em a Capella-mór da Cathedral no Presbyterio, junto á Sede Episcopal (6) Sobre sua sepultura lê-se o epitaphio seguinte:

SEPULTURA DE D. FR. FRANCISCO DE SANTIAGO,
Da Ordem dos Frades Menores da Provincia de Portugal,
5.º Bispo do Maranhão, que falleceu á
18 de Dezembro de 1752 annos.

6.º

D. Fr. Antonio de S. José, da Ordem dos Eremitas-calçados de Santo Agostinho, natural de Vianna, Praça d'Armas da Provincia do Minho, no Arcebispado de Braga, Doutor na Faculdade de Theologia pela Universidade de Coimbra, Leitor em diversos Conventos da sua Ordem, em que foi Mestre jubilado, e Provincial. Eleito e confirmado Bispo desta Diocese em 1756, teve posse d'ella em 11 de Abril de 1757, por seu Procurador o R. Doutor Arcipreste João Rodrigues Covete, e chegou a esta Cidade em 8 de Setembro do mesmo anno. Chamado á Corte, embarcou para alli em 14 de Fevereiro de 1767. Foi depois trasladado para a Metropoli da Bahia, e antes de receber o Pallio, falleceu em o Convento de N. Senhora da Graça da sua Ordem, na Cidade de Lisboa (7).

7.º

D Jacintho Carlos da Silveira, natural da Cidade d'Evora, Clerigo Secular, Licenciado na Faculdade de Canones pela Universidade de Coimbra, Vigario-geral em o districto da Villa de Montoito, *Nullius Diœcesis*, da Ordem Militar de São João de Jerusalem, e Visitador das Igrejas de todo o Priorado da dita Ordem, do Reino de Portugal. Foi eleito Bispo desta Diocese, e confirmado em Março de 1778: tomou posse em 21 de Setembro de 1779, por seu Procurador o R. Chrantre João Duarte da Costa. Renunciando em 1780, foi occupar os cargos de Provisor e Vigario-geral do Arcebispado d'Evora, aonde falleceu.

8.º

D. Fr. José do Menino Jesus, natural da Villa de Jacobina, no Arcebispado da Bahia, da Ordem dos Carmelitas descalços da Reforma de Santa Thereza, Mestre na Sagrada Theologia, Prégador regio, e Examinador Synodal do Patriarchado de Lisboa: foi eleito Bispo desta Diocese, e confirmado em Setembro de 1780: tomou posse por seu Procurador o R. Chantre João Duarte da Costa, em Abril de 1781, e foi trasladado para o Bispado de Vizeu, aonde falleceu.

(*Continúa*).

(5) Quando em 1738 foi eleito este Prelado (D. Fr. Manoel da Cruz) achava-se em Lisboa, vindo da Universidade de Coimbra, o R. Doutor Filippe Camello de Britto. A' instancias d'este o dito Prelado promoveu a creação desta Igreja Cathedral, que foi executada em 18 de Novembro de 1745, em virtude do Alvará de 7 de Abril de 1739, sendo aquelle R. Doutor o primeiro Mestre-Eschola da mesma Cathedral.

(6) Este Prelado (D. Fr. Francisco de São Tiago) por causa de grave enfermidade, que padecia, sahio desta Cidade em o dia 14 de Novembro de 1752, para a Fazenda de São Lourenço em Cajapió, da qual era senhorio o Mestre de Campo Lourenço Belfort, com o designio de mudar de ares, e fazer uso de sôros de leite, levando em sua companhia o Medico Doutor João Domingues Alberti. Recolhendo-se depois para a Cidade, por se achar mal, em viagem, na bocca do Igarapé denominado Cajapió, falleceu ás dez para onze horas da noite do dia 18 de Dezembro, e não havendo alli commodidade para o tracto de evitar a corrupção do corpo, se dirigirão para os Campos de Anajatuba, aonde aportárão ao amanhecer do dia 19. Neste sitio foi pelo mesmo Medico habilmente aberto o cadaver, e com decencia embalsamado, de maneira que, ás oito horas da manhã do dia 20 desembarcou incorrupto nesta Cidade; foi occultamente levado em um féretro condigno para o Palacio Episcopal, aonde, depois de envolto nas vestes pontificaes, se praticárão todas as solemnidades recommendadas no Ceremonial dos Bispos, até ser sepultado no fim da tarde do mesmo dia 20 em a Capella-mór da Cathedral, no Presbyterio junto á Séde Episcopal.

(7) Este Prelado (D. Fr. Antonio de São José) no decimo anno do seu governo, depois de ter visitado a Diocese até o Sertão do Piauhy, foi chamado á Corte, e para alli embarcou em 14 de Fevereiro de 1767. Chegando a Lisboa foi mandado recolher ao Convento de sua Ordem da Cidade de Leiria, aonde residio até o anno de 1777, em que falleceu El-Rey D. José 1.º: e logo no principio do reinado da Rainha D. Maria 1.ª foi trasladado para o Arcebispado da Bahia. Antes de receber o Pallio, falleceu em o Convento de N. Senhora da Graça, da Cidade de Lisboa.

O Exm. e Rm.º Sr. Bispo do Pará.

No *Diario de Pernambuco* de 11 de Outubro lê-se na correspondencia do Pará o seguinte:

«Alli lhe remetto a segunda pastoral do Exm. bispo D. Antonio de Macedo.

«Tem por objecto a introducção e a leitura de livros contrarios á doutrina ensinada pela igreja romana; pois que anda por aqui um padre protestante, cidadão inglez, de nome Ricardo Holden, que com toda a semceremonia vende biblias truncadas, e livros proprios a difundir pelo povo o protestantismo.

«S. Exc. Rvm. sabedor do facto, em uma das suas conferencias na cathedral fez conhecer ao seu rebanho o erro e o engano, em que cahia lendo taes livros. Estes conselhos, ensinados pelo digno pastor da nossa igreja aos seus subditos, forão mal interpretados pelo padre protestante, o qual procurou combatel-os pela imprensa.

«O clero em geral lançou a luva á Ricardo Holden, e todos os dias apparecem artigos nos jornaes, combatendo as idéas e os fundamentos, em que este individuo faz consistir a sua religião.

«A questão tem tomado grandes proporções, e o clero paraense em geral tem discutido, como se deve, uma religião, que, por assim dizer, nem é o proprio protestantismo, que proclama um emissario da sociedade americana.

«Em fim, apezar da discussão ainda continuar, Ricardo Holden já foi chamado á policia, para se commedir, não atacar a religião do Estado, e de alguma maneira não incitar os povos á uma crença contraria aos principios religiosos do paiz.

«Holden pois tem moderado os seus escriptos; não obstante, quando compareceu na policia, foi acompanhado dos consules inglez e norte-americano!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

«Alguem inquirindo a razã», porque ião dous agentes consulares com o padre protestante, este respondêra, que um era para proteger o cidadão e o padre inglez, e outro era para zelar e proteger a propriedade norte-americana, que se resume em biblias truncadas, e livros adequados á seita ácima referida, de que Holden é nesta provincia emissario e correspondente!

«Por conseguinte, a pastoral, de que fallo, deve merecer a attenção dos seus leitores, não só pelo fundamento e bem desenvolvido da materia, como pelo interesse e novidade de semelhante questão.

«S. Exc. ainda sobre estes exforços, proprios de um verdadeiro pastor em favor do seu rebanho, emprega as maiores diligencias para dotar a provincia de um clero illustrado.

«Assim pois, S. Exc. já fez embarcar no brigue *Belem*, com destino para o Havre, e d'ahi seguirem para o collegio de S. Sulpicio em Pariz, os seminaristas José Gregorio Coêlho, e Joaquim Pinto Marques, mandados por S. Exc. Rvm., e o seminarista João Ferreira A. Muniz, mandado por seu bom pai; todos porem sob a sua protecção.

«Foi bem edificante a despedida delles a S. Exc., de quem recebêrão os ultimos conselho de pai extremoso, e o osculo, com o qual parecia, que S. Exc. lhes infundia o seu espirito, a sua alma, e o seu coração.

«Levão as nossas esperanças, e Deos os guie.

«Acompanharão-os até a bordo muitos dos seus companheiros, amigos escolares, e seus mestres o conego Ismael de Sena Ribeiro Nery, que muito eficazmente os auxiliou, e aos desejos de S. Exc. neste acto, padre mestre Joaquim Antonio da Silva Egues, e padre Eutychio.

«O seminarista Joaquim Antonio Tanellas, amigo e emulo delles nas letras e nos costumes, e com elles fundador do *Instituto Juvenil Ecclesiastico*, dirigio-lhes a bordo uma despedida tocante e enternecedora. O Sr. Tanellas fica o substituto dos Marques e Coêlhos.

«E pois, ahi vão completar a sua educação ecclesiastica e á custa de S. Exc. os dous seminarista, que mais se distinguirão no curso theologico, que concluirão no nosso seminario.

«Sirva de exemplo e de norte aos outros, o que com estes acaba de fazer S. Exc. Fica muito claro e a toda a luz, que para S. Exc. valem, exclusivelmente, virtude e applicação.

«Além disto S. Exc. procura incutir em todas as almas os mais sãos principios da religião christã, e todos os dias dá provas do seu zelo e cuidado no espinhoso cumprimento de seus deveres, e ainda:

«Ante-hontem á tarde S. Exc. Rvm. fez pessoalmente a abertura do cathecismo na aula da Exma. Sra. D. Antonia de Jesus Gomes Franco, professora publica do 2º districto.

«Assistio, além de outras pessoas, o Illm. Sr. director interino da instrucção publica.

«As palavras, que S. Exc. dirigio ás meninas, produzirão o salutar effeito de infundir-lhes o gosto, e mesmo, o enthusiasmo, que hoje as anima por este genero de instrucção, tão util e tão indispensavel.

«Continúa as de cathecismo o secretario de S. Exc. o Sr. padre Manoel de Medeiros, nas segundas, quartas e sextas-feiras, ás 4 horas da tarde.

«No domingo tinha S. Exc. visitado o hospital militar e o castello, onde foi recebido com as honras devidas á sua elevada jerarchia.

EXPEDIENTE DO BISPADO.

Novembro.

6.—Officio ao Exm. e Revm.º Sr. Internuncio Apostolico.—Pela Agencia dos Vapores remetto á V. Exc. Revm.ª aquantia de 185$140 reis, que os Fieis da Freguezia d'Oeiras, provincia do Piauhy d'este Bispado, derão em favor do thesouro do S.mo Pontifice Pio 9.º, como V. Exc. Revm.ª verá da cautella inclusa, com a qual mandará receber da Agencia d'essa Corte a referida quantia, para ter entrada por intermedio de V. Exc Revm.ª a que foi dada.

Aproveito a occasião para cumprimentar á V. Exc. Revm ª, e renovar os protestos de respeito e consideração, tendo a satisfação de communicar-lhe, que nesta Diocese os negocios ecclesiasticos continuão a marchar sem novidade alguma.

13.—*Idem* ao Vigario Geral Forense do Piauhy—Assentindo no, que por V. S. me foi ponderado em officio de 3 de Outubro proximo findo, acceito a exoneração do P.e Manoel Florencio dos Santos do officio de Parocho encommendado da Freguezia de São João da Ribeira do Piauhy, para substituir no mesmo officio o P.e Francisco de Paula da Silveira; assim como já se acha nomeado para substituir o P.e João Antonio Cardoso de São Paio, vigario encommendado da Freguezia de Nossa Senhora dos Remedios dos Picos, que por decrepito já não pode exercer as funcções parochiaes, o P.e Francisco de Paula Moura.

—*Idem* ao Exm. Sr. Presidente da provincia do Piauhy.—Honra-me o dever de communicar á V. Exc., que em data de hoje mandei passar Provisões de Vigarios Encommendados, por tempo de dous annos, aos Padres Francisco de Paula da Silveira, e Francisco de Paula Moura, este para a Freguezia de Nossa Senhora dos Remedios dos Picos, e aquelle para a de São João da Ribeira do Piauhy, ambos d'essa provincia, por se acharem impossibilitados os actuaes Vigarios.

—*Idem* ao Exm. Presidente desta provincia.—Communico á V. Exc. como é de meu dever, que mandei em tada de hoje passar Provisão de Coadjutor da Freguezia de São João da Capital, sob proposta do Rd.º Vigario Collado, ao Rd.º Fr. Ricardo do Sepulcro, cuja Provisão será apresentada á V. Exc.

15.—*Idem* ao Presidente interino da Camara Municipal da Capital.—Respondendo ao officio de V. S. datado em 12 do corrente mez, tenho de scientificar-lhe, que ficão dadas as minhas ordens, para que no dia 17 do corrente pelas 10 horas da manhã na Igreja Cathe-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

dral seja celebrada a Missa do Espirito Sancto, á que tem de assistir o corpo eleitoral.

—*Idem* ao Exm. Sr. Ministro do Imperio.—Tendo-me pedido demissão do ministerio parochial o P.e Manoel Florencio dos Sanctos, Parocho encommendado da Freguezia de São Joaõ da Ribeira do Piauhy, provincia do mesmo nome, em razaõ de uma ophtalmia, que ha tempos soffre, e, attendendo eu a taõ justa supplica, nomeei para substituil-o no mesmo ministerio o P.e Francisco de Paula da Silveira, por Provisaõ de 13 do corrente, e tempo de dous annos, assim como tambem na mesma data, e pelo mesmo tempo o P.e Francisco de Paula Moura para substituir o P.e João Antonio Cardoso de São Paio, na Freguezia de Nossa Senhora dos Remedios dos Picos da referida provincia do Piauhy, por se achar em estado de não poder, pela sua decrepitude, continuar no exercicio parochial, conforme representou a Camara Municipal respectiva, e ultimamente o Revm.o Vigario Geral Forense daquella provincia, o que communico a V. Exc. para seu conhecimento.

—*Idem* ao mesmo.—Por apresentação do Rd.o Vigario da Freguezia de S. João desta Cidade mandei passar no dia 17 do corrente mez Provizão de Coadjutor da mesma pelo tempo de um anno ao Rd.o Fr. Ricardo do Sepulcro, Religioso Franciscano, o que faço saber á V. Exc. em conformidade da lei a respeito.

18.—*Idem* ao Exm. Sr. Presidente da provincia.—Tendo de celebrar-se no dia 24 do corrente na Igreja Cathedral a festividade de Nossa Senhora da Victoria com procissão de manhã, communico á V. Exc. para que se sirva dar suas ordens, afim de salvar o forte na occasião de passar o SS. Sacramento.

22.—*Idem* ao mesmo.—Em resposta ao officio de V. Exc. de 19 do corrente, em que me communica, lhe constar, por aviso dos Negocios do Imperio de 2 deste mesmo mez, que fôra sollicitada na mesma data, do Ministerio da Fazenda, a expedição de ordens, para que na Thesouraria de Fazenda seja posta á disposição d'essa Presidencia aquantia de um conto e quinhentos mil rs., afim de ser despendida com reparos e compra de mobilia da casa da residencia episcopal, tenho de dizer á V. Exc. que ha de estar prompta a dita casa ate o dia 15 do seguinte mez, segundo me informa o senhorio d'ella; e por isso pode V. Exc. dar suas ordens á respeito da compra da mesma mobilia.

25.—*Idem* ao Juiz, e mais Membros da Irmandade de N. S. da Conceiçaõ desta cidade.—A maneira obsequiosa e franca, com que essa illustre Irmandade se prestou este anno á meu pedido, concorrendo juntamente com a corporaçaõ Capitular na solemnidade da procissaõ de N. S. da Victoria, Padroeira da Cathedral d'esta Diocese, muito me obrigou e animou, á que eu ouse repetir o meu pedido, para que a mesma illustre Irmandade continue, independente de novo aviso, a praticar nos annos seguintes taõ nobre, quão louvavel acçaõ, filha sem duvida da religiosidade de seus illustres membros.

26.—*Idem* ao Exm. Sr. Presidente da provincia.—Accuso o recebimento do officio de V. Exc. datado em 23 do corrente mez, no qual V. Exc. ordena, que eu me incumba de comprar a mobilia para o predio, que tem de servir de Palacio Episcopal, tendo eu em vista o credito de um conto e quinhentos mil reis, posto á disposiçaõ de V. Exc. para esse fim: cumpre-me responder á V. Exc. que sempre me achará disposto para satisfazer as determinações, que por ventura me fizer, não só n'aquillo, que disser respeito ao serviço publico, como ao particular de V. Exc.

Portanto, tenho nesta data encommendado os objectos precisos, cuja relação com os competentes preços será apresentada á V. Exc. para á vista d'ella mandar-me dar a quantia disposta.

VARIEDADE.

A Sé de Pekim.

A Sé de Pekim, fundada pelos missionarios portuguezes no seculo 17, é um templo grandioso e o maior de toda a Asia. A fachada é de marmore, e as paredes interiores revestidas de ladrilhos envernizados. Das torres vê-se o admiravel panorama da cidade.

Junto da igreja havia habitação para o Bispo e para os padres da missão.

Foi edificada em 1650 com a invocação de S. José. Os chins chamão-na—Nantam—que quer dizer: Igreja do Sul. No atrio tinha a seguinte inscripção, em lingua chineza e em letras d'ouro: «Kin-ku» que quer dizer: «donativo do imperador.»

NOTICIA LOCAL.

No dia 10 de Novembro findo tomou posse da freguezia de S. João Baptista desta capital o Rvd. Sr. Padre Antonio Tavares da Silva, na qual fôra collado a 7 do mesmo mez, em virtude da Carta Imperial de 25 de Setembro deste anno.

O Sr. Padre Tavares era Beneficiado da Cathedral; ardendo porém no desejo da cura e salvação das almas, apresentou-se ao concurso daquella Igreja, do qual sahio com feliz resultado.

Dotado como é S. S. de animo docil e benigno, e cheio d'amor e caridade para com o proximo, asseguramos-lhe um tirocinio feliz na vida parochial para com suas ovelhas, pelo que lhe dirigimos nossas cordiaes felicitações.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1861.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 222.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

SEXTA-FEIRA 20 DE DEZEMBRO DE 1861.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

6.ª secção.—Rio de Janeiro—Ministerio dos Negocios do imperio, em 31 de Outubro de 1861—Illm. e Exm. Sr.—Sendo ouvida a secção dos negocios do imperio do conselho de estado sobre a reclamação, que ao governo imperial dirigio o conego Estevão Alves dos Reis, lente de canto gregoriano do seminario episcopal do Maranhão, contra a doutrina do aviso deste ministerio de 2 de Agosto, expedido de conformidade com o que se ordenára no de 6 de Julho ultimo, pelos quaes se determinou, que aos lentes daquella disciplina, que não reunissem o ensino da lithurgia, se pague somente o ordenado annual de 250$, e que fosse indemnizada a fazenda publica do que tivessem de mais recebido; de conformidade com o parecer da mesma secção, exarado em consulta de 16 do corrente mez, declaro a V. Exc., para que o faça constar ao reclamante, que o governo imperial sustenta a decisão do segundo dos citados avisos; ficando porém sem effeito a restituição ordenada no primeiro, visto que o maior vencimento, que percebeu, lhe foi mandado abonar pela autoridade competente, e em boa fé foi recebido: e neste sentido se officia ao ministerio da fazenda.

Deos guarde a V. Exc.—*José Ildefonso de Sousa Ramos.*—Sr. presidente da provincia do Maranhão.

Carta pastoral do Exm. e Rvm. Sr. bispo do Pará, por occasião da sua entrada na diocese.

D. Antonio de Macedo Costa, por mercê de Deos e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Grão-Pará, do conselho de S. M. o Imperador, etc.

Ao clero e povo das provincias do Pará e Amazonas paz e benção em Jesus Christo, Nosso Senhor.

O Deos omnipotente e misericordioso, que na profundidade de seus juizos incomprehensiveis, eleva e abate, destróe e vivifica (1) sem outra razão mais que sua adoravel vontade, se dignou exaltar-nos, irmãos dilectissimos, apezar de toda a nossa indignidade, ao summo fastigio do sacerdocio evangelico, afim de continuarmos em favor de vossas almas a missão de seu Filho Unigenito sobre a terra.

Ungido e consagrado pelo Espirito Santo na ordem do pontificado, sentindo-nos ainda repassado do oleo mystico, que desce da cabeça do divino Aarão, e vae correndo com suave perfume até a orla de seus vestidos (2); ouvindo a voz do Pontifice Supremo, que do alto da cadeira apostolica nos manda apascentar esta interessante porção do rebanho universal; nosso coração, estremecendo sob tanta graça, se dilata para vós, irmãos e filhos muito amados, e nos mais vivos transportes de paternal solicitude se apressa a manifestar-vos os sentimentos, de que está possuido para comvosco, e a offerecer-vos nesta primeira Carta pastoral as primicias do zelo, em que arde por vossa salvação.

Bemdito Deos e Pae de Nosso Senhor Jesus Christo, Pae de misericordias, e Deos de toda consolação (3) que se dignou chamar-nos ao ministerio da reconciliação «para annunciar-vos o Evangelho, que foi prégado desde o principio, que não é segundo o homem, que não aprendemos, nem recebemos do homem, mas da revelação de Jesus Christo» (4).

Bemdito Deos, que, contra todas as previsões da humana prudencia, quiz impor á nossa fraqueza um fardo formidavel aos proprios anjos, como diz o apostolo; seguindo assim a ordem observada desde o principio—de escolher precisamente o, que ha de mais fraco, mais humilde, mais desprezivel aos olhos do mundo (5) para realizar as grandes obras do seu poder e de sua bondade: designio admiravel, profundo conselho da sabedoria de Deos, que «vendo que o mundo com a sabedoria humana não o tinha reconhecido em suas obras» (6) tomou outro caminho, e «resolveu salvar seus fieis pela loucura da prégação» procurando destruir com a humildade do apostolado toda a altura, que se levanta contra a sciencia de Deos» (7).

Ah! oxalá, irmãos e filhos dilectissimos, que imitando nós tão bem a fraqueza dos primeiros apostolos, fossemos igualmente associado ás gloriosas virtudes do sublime ministerio, que elles exercêrão no mundo, e de que agora colhem no céo a mais doce recompensa!

Oxalá, que renovando-se em nosso favor o prodigio da creação, tirasse Deos do puro nada, que somos, um pastor, segundo seu coração, capaz de vos conduzir através dos escolhos desta vida até a posse de vossos immortaes destinos!

Ao menos, nós estaremos noite e dia prostrado diante

(1) I Reg. 2. 6.

(2) Psalm. 132. 2.—(3) ad Corinth. 1. 3.—(4) Galat. 1. 12.—(5) I ad Corinth. 1. 28. — (6) I. ad Corinth. 12.—(7) II ad Corinth. 10. 5.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

do Senhor, supplicando-o com clamor e lagrimas, até que Elle nos olhe em sua misericordia, e nos dê as luzes e virtudes, de que tanto havemos mister para o desempenho de tão difficil missão, sobre tudo a divina virtude da caridade, que é o signal, por assim dizer, distinctivo do verdadeiro Pastor; a caridade, esse fogo divino, que Jesus veio accender sobre a terra, e que Elle tanto deseja, que se ateie, e abrase tudo (8); a caridade, qual brilhou nos Franciscos de Sales, nos Carlos Borromeu, nos Affonsos de Liguori: boa, sincera, santamente alegre, paciente, delicada, complacente, que se dobra á tudo, que faz tudo a todos, para ganhar todos á Jesus Christo.

Ah! se tivessemos essa caridade! Ah! se o Principe dos Pastores creasse em nosso peito um coração novo, um coração de pae, um coração, que se abrisse para todos, e para cada um de nossos charos filhos do Pará com igual ternura e amor! Oh! sim, amados filhos, o Senhor Jesus nos fará esta graça. Sem ella impossivel fôra nosso ministerio; com ella nos será facil. O amor tudo adoça e suavisa, e a arte das artes, de que falla S. Gregorio, se acha pelo amor admiravelmente simplificada. E' a caridade o caminho mais curto para chegar aos corações, e ganhal-os; pela pratica da caridade se ha de regenerar o mundo.

Ora, nos parece, irmãos e filhos dilectissimos, que nossa oração começa a ser ouvida, e que vos amamos já com uma ternura verdadeiramente paternal.

Deos nos é testemunha do ardor, com que oravamos, como Paulo, para que nos fosse dado ver-vos quanto antes, e completar o que pudesse ainda faltar á vossa fé (9). Deos nos é testemunha do vivo desejo, que tinhamos, de vir logo viver de vossa vida, misturar nossas lagrimas ás vossas lagrimas, nossa alegria á vossa alegria « exhortando-vos, consolando-vos á cada um em particular, como um pae a seus filhos, e conjurando-vos a proceder de uma maneira digna de Deos, que vos chama ao seu reino e á sua gloria» (10).

Agora, pois, que nossos desejos se achão satisfeitos, e que já temos a ventura de nos achar no meio de vós, conduzido pela mão mesma do Senhor; com que transportes de verdadeiro jubilo vos abraçamos, á vós, que sois nossa preclara herança em Jesus Christo, á vós, que sereis um dia nossa corôa e nossa gloria para a eternidade!

Com que effusões ineffaveis de contentamento e de esperança te saudamos, ó santa igreja de Belem, que não és por certo a minima entre as de Judá, igreja para sempre illustre, assignalada pelas gloriosas tradicções de tão veneraveis pontifices, como os Bartholomeu do Pilar, os Caetano Brandão, e tantos outros varões apostolicos, que no seculo passado e no presente te hão illustrado com suas luzes e virtudes!

Ah! amados filhos! Se alguma cousa póde sustentar nossa fraqueza, e inspirar-nos a mais doce confiança no começo de nosso laborioso apostolado, é certamente o vermos por toda a parte impressos nesta terra de benção os vestigios desses santos heróes, que forão nossos paes na fé, e que, á custa de amargos suores e fadigas, fizerão outr'ora medrar nestas immensas e fecundas regiões uma christandade florescente.

Parece-nos ver essa constellação brilhante de Pontifices e de apostolos zelosos nos conjurarem do alto do céo a continuar sua obra, a rotear este campo feracissimo, que produz ao centuplo os mais bellos fructos de salvação; a regenerar esta numerosa gentilidade, que por opprobio de nosso seculo, ai de nós! subsiste ainda mergulhada nas sombras da morte, á espera de quem lhe leve com a luz do Evangelho o principio da civilização e da vida. Elles nos pedem, que ergamos tantas almas abatidas, que não colherem a Deos; tantas almas, que gritão sequiosas pelo pão da palavra, e que não achão, quem lh'o distribua, e elles nos promettem ser nossos intercessores diante do Senhor, para levarmos a bom termo tão difficultosa, missão.

Mas o que é o esforço de um homem para obra de tanta magnitude?

Apezar das animações do alto, nós succumbiriamos, pois, inevitavelmente debaixo de tão enorme pêso, se não contassemos com a coadjuvação de nossos veneraveis irmãos no sacerdocio, instrumentos de que o céo deseja servir-se para a regeneração destes povos. Sim, temos grande confiança nesse illustre cabido, que, cerrando-se estreitamente em torno do primeiro pastor, o assistirá no meio dos embaraços e fadigas de tão pesada administração, prestando-lhe sempre aquelle cordeal apoio e prudente conselho, que são o apanagio de um senado por tantos titulos respeitavel.

Temos grande confiança nos Rvms. parochos, e no mais clero, chamado a tomar parte em nossa solicitude pastoral, e a cooperar comnosco nos diversos ramos do ministerio das almas. Ah! possão elles fazer sempre reviver a graça, que recebêrão pela imposição das mãos, e dar ao rebanho, que devem nutrir com a palavra da vida, o espectaculo edificante de costumes exemplares e verdadeiramente sacerdotaes. Oh! charos irmãos e cooperadores! Lembrae-vos, que vós sois o sal da terra e a luz do mundo. Se o sal perde o seu sabor, do que serve, senão para ser lançado fóra, e calcado aos pés dos homens? (11). Do mesmo modo, se vós perdeis o espirito de vossa vocação, e vos corrompeis, de que servis mais, senão para opprobrio da religião e escandalo dos povos?

Sacerdotes de Jesus Christo, vivei a vida de Jesus Christo; sede santos, como elle foi santo!

Não vos impliqueis em negocios seculares (12); vosso grande negocio, vosso unico negocio é a salvação das almas. Ministros de Jesus Christo, nós vos dizemos: vosso lugar não é no foro tumultuoso da politica, mas na calma augusta do sanctuario. Lá está vosso throno; de lá podeis reinar sobre toda a terra.

Para que renunciarieis a porção preciosa de vossa herança e as ineffaveis doçuras de vosso calix, para irdes mendigar no seculo não sei que honras vãs, que não vos honrão, depois de haverdes arrastado, talvez, no pó das intrigas mundanas, a roupa sem mancha de vosso sacerdocio?

Charos irmãos, nós não dizemos isto para vos contris-

(8) Luc. 12. 49—(9) I ad Thess. 10—(10) I ad Thess. 12.

(11) Math. 5. 13.—(12) II ad Tim. 2. 4.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

tar, mas para vos advertir (13) se por ventura tiver algum de vós cahido neste erro.

Bem sabemos, que não é absolutamente prohibido a um ecclesiastico tomar certa parte nos negocios politicos, mas sabemos tambem, que nas circumstancias infelizes, em que nos achamos, não se pode, em geral, fazel-o, sem comprometter a augusta dignidade do caracter sacerdotal.

Não, ficae antes nas alturas serenas, á que vos eleva vossa missão divina; pairae sobranceiros, como anjos de paz, sobre as tristes discordias dos homens, e em vez de pronunciardes palavras embebidas no fel dos partidos, só sáião de vossos labios palavras de doçura e conciliação. Esta prudente abstenção vos engrandecerá na estima publica; vossa fronte, crede-nos, apparecerá rodeada de mais formosa aureola; vosso ministerio será acceito e abençoado geralmente, e a obra de Deos não encontrará tantos obstaculos na funesta prevenção dos partidos.

Nosso pensamento se volve agora cheio de esperanças para vós, jovens alumnos do sanctuario, a quem saudamos e abraçamos com a mais estremecida affeição nas entranhas do Divino Salvador, como aquelles, de que depende principalmente todo o futuro da religião e da sociedade. Lembrando-nos, que o ecumenico concilio de Trento (14) Nos impõe a obrigação de instaurar e manter florescentes os collegios e seminarios clericaes, nada do que interessa esses pios asylos escapará á nossa sollicitude. Esta vasta diocese reclama á altos brados sacerdotes; sacerdotes zelosos e instruidos: sacerdotes para esses centros abandonados, onde perecem tantas almas á mingoa de todo soccorro religioso: sacerdotes para a educação dos meninos, para a cathequese, tão vergonhosamente desprezada, dos indigenas; para as missões extraordinarias, para todas as caridosas obras; é mister formar esses sacerdotes, esses ardentes apostolos, e dos noviciados ecclesiasticos devem elles sahir. Ahi, como o diz o mesmo nome de *seminario*, se acha toda a *esperança da messe; Spes messis in semine*, segundo a bella expressão do piedoso Olier.

Agora, depois de havermos abençoado com igual effusão as ordens religiosas, casas de educação, e mais estabelecimentos pios desta nossa diocese, irmãos e filhos muito amados, não será inutil fixar um instante vossas attenções sobre o mesmo apostolado catholico, á que nos achamos, sem merecimento algum, associado; arvore mysteriosa, que, escondendo no principio suas raizes na obscuridade do cenaculo, dilatou logo depois seus ramos por sobre toda a terra, offerecendo propicia sombra ás gerações fatigadas. O apostolado catholico? Oh! charos irmãos, é mister bem conhecel-o, e bem amal-o, sobre tudo nestes dias calamitosos, em que a impiedade o ataca em seu proprio centro, que é Roma, contestando-lhe o mais sagrado, o mais essencial de todos os seus direitos: o direito de respirar livre nesta terra, onde elle não passa senão fazendo o bem.

O apostolado da igreja catholica é uma instituição toda divina, irmãos charissimos; divina na sua origem, divina na sua constituição, divina em sua perpetuidade, divina nos beneficios incomparaveis, que ella derrama sobre o mundo.

(13) I ad Corinth. 4. 14.—(14) Sess. XIII c 18 de Reform.

As paginas evangelicas relatão com a maior clareza a divina instituição do apostolado.

Antes de subir ao céu, disse Jesus aos seus discipulos: «Todo o poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, pois, ensinae todas as nações, baptizae-as.... instrui-as de tudo o, que eu vos mandei; e eis que eu estou comvosco todos os dias até a consummação dos seculos» (15). E em outro lugar: «Como meu pae me enviou, eu vos envio: Ide por todo o universo, prégae o evangelho a toda a creatura. Quem crer, será salvo, quem não crer, será condemnado» (16).

Pode dar-se missão mais immediata e mais divina? Podia Jesus Christo, sabedoria eterna, explicar em termos mais formaes o poder de ensinar, que conferia aos seus apostolos e aos successores destes até o fim do mundo, e ao mesmo tempo o dever correlativo, que obriga todo o homem a receber o ensino apostolico?

«Eu vos envio, prégae, ensinae...» eis a autoridade do ensino: «Quem não crer, será condemnado» eis a obrigação da crença. E isto não para um paiz, e para um só tempo, mas para todo o universo, até a consummação dos seculos. «Prégae o evangelho a toda a creatura... Eu estou comvosco até a consummação dos seculos».

O designio de Deos está manifesto.

Querendo tirar-nos do seio das trevas, e introduzir-nos em sua admiravel luz (17) estabeleceu Elle um apostolado, para ensinar ao mundo a verdadeira religião, e ensinal-a com soberana autoridade em seu nome, e como por inspiração sua, de modo que é Elle mesmo de alguma sorte, que ensina na igreja pelo orgão dos pastores. «Quem vos ouve, me ouve, quem vos despreza, me despreza (18)».

Razão orgulhosa, que inspirada do espirito de vertigem e do amor de uma louca independencia, disseste: Não me curvo á nenhuma autoridade; sou o juiz supremo de minhas crenças; não ha sobre a terra autoridade capaz de regular de uma maneira obrigatoria minhas relações com Deos: razão libertina, já pudeste apagar no Evangelho esta palavra irresistivel de clareza, proferida pela sabedoria increada: «Ide, ensinae todas as nações; quem não crer, será condemnado?»

Pudestes apagar aquella outra, em que manda Jesus Christo, que se refirão á igreja as menores duvidas: *Dic Ecclesiæ*, e que quem não ouvir com submissão a igreja, seja tido em conta de um pagão e de um publicano? (19).

Pudeste apagar tambem a admiravel sentença, em que declara o Divino Mestre, que elle edificaria sua igreja sobre Pedro, e que as portas do inferno, que são os erros e as paixões dos homens, não prevalecerião contra ella? (20).

Ouve ainda Paulo, que te brada: «O Christo constituiu os apostolos...os pastores, os doutores, para a consummação dos santos na obra do ministerio evangelico... afim de que cheguemos todos á unidade da fé...que não sejamos mais fluctuantes, incertos á todo vento de doutrinas» (21). E em outra parte: «Obedecei aos vossos pastores, e sêde-lhes submissos—*subjacete eis.*» (22) E além: «O

(15) Math. 28 19.—(16) Marc. 16. 16—(17) I Petr. 2. 9.—(18) Luc. 10. 16.—(19) Math. 18. 17.—(20) Math. 16. 18.—(21) Ephes. 4. 12. (22) Hebr. 13. 17.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Espirito Santo poz os bispos para regerem a igreja de Deos: «*Vos Spiritus Sanctus possuit episcopos regere ecclesiam Dei*» (23). Cego, conductor de cegos, se queres ficar nas trevas, ao menos não negues a luz. Não, nós nos submettemos. Nós catholicos, nós cremos, que ha no mundo uma autoridade, encarregada pelo proprio Verbo de Deos, de promulgar através dos seculos a lei divina do Evangelho; nós cremos, que essa autoridade é infallivel no que toca á doutrina da fé e dos costumes; porque Jesus Christo prometteu-lhe continua assistencia até o fim dos seculos, que ella é uma, santa, catholica, apostolica, igreja de Deos vivo, columna e firmamento da verdade (24) contra a qual jamais prevalecerão as portas do abysmo.

Assim, não é pelos estereis esforços da razão privada, que nós procuramos construir laboriosamente o edificio de nossas crenças; nós as tomamos já promptas, já completas no ensino authentico da igreja catholica. Tal é a nossa regra de fé, regra simples, regra facil, em que achamos o repouso de nossa intelligencia e a felicidade de nossa vida.

Não, a regra de nossa fé não é uma biblia morta, entregue ás interpretações arbitrarias de cada um, e d'onde se podem extrahir mil symbolos diversos, mil systemas de religião disparatados e absurdos, como tem acontecido na monstruosa Babel do protestantismo; a regra de nossa fé é uma authoridade viva, fallante, ensinante, uma igreja visivel, e sempre presente, collocada como uma luz sobre o candelabro, afim de luzir á todo o universo (25); cidade vistosa, posta no alto da montanha (26) para que todos os viajantes do valle de lagrimas tenhão sempre os olhos levantados para ella; igreja indefectivel, de que se separárão as outras, e que não se separou de nenhuma; velho tronco, sempre immovel, sempre o mesmo, que viu cahir dessecados alguns de seus ramos, sem nada perder de seu primitivo vigor. Sim! a igreja catholica! nós somos obrigados a ouvil-a: em seus labios está a palavra de vida e de immortalidade; a quem iriamos senão á ella?

Mas este apostolado, que ensina e rege a igreja com uma autoridade divinamente estabelecida, como se acha organizado? Qual é sua constituição? Aqui novo horisonte se dilata aos nossos olhos, e outro brilhante caracter de divindade nos apparece rutilando sobre a fronte do catholicismo.

O apostolado catholico não é com effeito uma pura agglomeração de individuos; é uma sociedade perfeitissima, que tem em si tudo, quanto é mister para attingir o seu fim, e que estendendo sua salutar acção sobre todas as familias humanas, sobre todas as nacionalidades, apresenta o espectaculo unico da mais vasta e maravilhosa organização, que tem desafiado em todos os tempos a sincera admiração, e arrancado enthusiasticos suffragios dos mais obstinados inimigos do christianismo.

Novos Balaam, chamados a amaldiçoar os arraiaes do povo de Deos, descobrindo do cimo da montanha a ordem formosa dos pavilhões e dos estandartes, o perfeito alinhamento das doze tribus, sua bella ordem, sua disciplina, elles se deixão transportar de enthusiasmo, e, em vez de soltar maldições, exclamão arrebatados: «Que formosos são teus tabernaculos, ó Jacob! e tuas tendas, Israel! (27)». Como é bello, em verdade, contemplar a harmonia e a distribuição admiravel desta divina hierarchia, estabelecida pelo Filho de Deos, para ser a guarda e a dispenseira de sua autoridade e de suas graças sobre a terra!

Vêde! No cume, dominando tudo, animando, vivificando tudo, apparece aos olhos de nossa fé Jesus Christo, o Principe dos pastores, o Bispo de nossas almas (28) cabeça invisivel da igreja, principio da vida della; Alma divina deste grande corpo; Jesus Christo prolongando de alguma sorte na igreja sua vida mortal; continuando nella a salutar missão, que começára nas cidades e aldeias da Judéa; applicando aos seus fieis no correr das idades as graças superabundantes da redempção, e vivendo com todos elles na communhão da mesma vida, na perfeição dos mesmos caminhos, na participação dos mesmos adoraveis mysterios; de modo que cada um de nós se torna um com Elle, vivificados pelo seu espirito, até chegarmos á perfeita consummação na unidade de sua gloria.

Eis a igreja pelo seu lado escondido e intimo. Mas Jesus Christo quiz deixar no mundo um representante visivel, um supplente ou vigario, que suas vezes fizesse no governo de todas as almas.

Este vigario é o Papa, o successor de S. Pedro, o chefe do apostolado catholico, a maior, a mais augusta personificação do poder de Deos sobre a terra.

Do alto da cadeira apostolica, centro da unidade, exerce o Pontifice Romano verdadeiro primado de honra e jurisdição sobre todo o orbe, como successor, que é, do bemaventurado Pedro, principe dos apostolos; vigario de Jesus Christo, cabeça visivel de toda a igreja, doutor e pae de todos os christãos, á quem, na pessoa de S. Pedro, foi confiado por Nosso Senhor Jesus Christo pleno poder de apascentar reger e governar a igreja universal. Assim o definirão como dogma de fé os padres Gregos e Latinos, reunidos no ecumenico concilio de Florença; assim o crêu toda a christandade desde os seculos mais remotos.

O que vemos, com effeito, no evangelho? A Pedro só são confiadas as chaves do reino do céo, á elle só é conferido o poder ineffavel de ligar e desligar as consciencias (29) dado em commum aos demais apostolos: querendo assim Jesus Christo significar, que o chefe do apostolado recebia em plenitude e sem restricções o poder ecclesiastico, que o collegio apostolico recebia em commum, e de uma maneira subordinada. Tambem só Pedro recebe o poder de apascentar as ovelhas e os cordeiros (30) isto é, os povos e os pastores, pois, como diz primorosamente Bossuet, os que são pastores dos povos, ovelhas são á respeito de Pedro. Só elle é escolhido, para servir de fundamento a um edificio eterno, segundo esta palavra: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja.... Só elle recebe a ordem de confirmar seus

(23) Act. 20. 28.—(24) I Tim. 3. 15.—(25) Math. 5. 15.—(26) Math. 5. 14.

(27) Num. 24. 5.—(28) I Petr. 2. 25.—(29) Math. 16. 19.—(30) Joan. 21. 15. 16.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

irmãos na fé, com promessa, que não desfalleceria jamais na sua (31). Só elle é nomeado o primeiro, e apparece o primeiro por toda a parte. Ora, Pedro transmittiu aos seus successores na Sé de Roma esta divina primazia.

«Eil-o pois, o Papa, e successor de Pedro! exclama em nossos dias um insigne prelado; eil-o o chefe da christandade catholica, a bocca da igreja. *Os ecclesiæ*, sempre viva e aberta para ensinar o universo; eil-o centro da fé e da unidade christã, fóco da luz e da verdade, acceso para alumiar o mundo, *lux mundi;* homem fraco, debil ancião, base inconcussa de um edificio divino, contra o qual serão eternamente sem forças as potencias do inferno; pedra angular, sobre que se eleva aqui no mundo a cidade de Deos! Eil-a a cabeça mortal, sobre que repousão tantas gloriosas recordações do passado, as esperanças do presente, e até os designios do eterno porvir! Principe dos sacerdotes, pae dos paes, herdeiro dos apostolos, maior que Abraham pelo patriarchado—como dizia outr'ora S. Bernardo; maior que Melchisedech pelo sacerdocio, maior que Moysés pela autoridade; maior que Samuel pela jurisdicção, em uma palavra, Pedro pelo poder, Christo pela unecção, pastor dos pastores, guia dos guias, ponto cardeal de todas as igrejas, chave da abobada catholica, cidadella inconquistavel da communhão dos filhos de Deos» (32).

Tal é o Papa. E nestas palavras, irmãos charissimos, ouvis todos os seculos do christianismo; é a linguagem unanime de todos os concilios, de todos os escriptores ecclesiasticos; são as vozes do oriente e do occidente, proclamando de concerto o primado da Santa Sé apostolica!

Depois do successor de Pedro, do pontifice romano, em quem todos guardão a unidade, vem, irmãos charissimos, na ordem da jurisdicção divinamente estabelecido o collegio episcopal, que succede ao collegio apostolico, e, unido ao seu chefe supremo, forma o corpo da igreja ensinante.

Atalaias vigilantes sobre as muralhas de Jerusalem, encarregados de velar n'uma porção determinada do rebanho, exercem os bispos uma autoridade divina na Igreja de Deos, autoridade não delegada, mas ordinaria, que, emanando radicalmente da plenitude do sacerdocio, de que elles são revestidos, lhes confere os necessarios poderes para a dispensação dos santos mysterios da fé e governo das almas, poderes que elles não exercem, todavia, senão de uma maneira subordinada á cadeira principal, de que partem os raios da administração para todos os pontos da circumferencia catholica. «Porque, como diz o grande S. Cesario d'Arles, a autoridade ecclesiastica, primeiramente estabelecida na pessoa de um só, não se espalhou por todos, senão com a condição de ser reconduzida ao principio de sua unidade, e que todos aquelles, que tivessem de exercel-a, se mantivessem inseparavelmente unidos á mesma cadeira». Assim nos bispos, como no Summo Pontifice, se acha o mesmo poder das chaves, o mesmo poder de ligar e desligar, de apascentar, reger e governar a igreja de Deos; o mesmo poder, sim, n'um gráo, porém, differente no Papa—poder pleno, independente, soberano, estendendo-se, qual oceano sem limites, para todas as plagas da catholicidade; nos bispos o mesmo poder, mas já limitado nas raias das proprias dioceses, obnoxio e subordinado, quanto ao seu exercicio, ao poder central, de que tudo depende na Igreja.

« Eis o que devia permanecer, diz Bossuet, na ordem commum da igreja, segundo a palavra de Jesus Christo, e a tradicção constante de nossos paes; e, pois era o conselho de Deos permittir, que houvessem schismas e heresias, não havia constituição nem mais firme para sustentar-se, nem mais forte para abatel-as. Por esta constituição tudo é forte na igreja de Deos, continúa a Aguia de Meaux, por que nella tudo é divino, e tudo unido; e como cada parte é divina, divino é tambem o vinculo, e a união tal, que cada um trabalha com a força do todo.... sendo tanto a correspondencia no corpo da igreja, que, o que faz cada bispo, segundo a regra e no espirito da unidade catholica, toda a igreja, todo o episcopado e o chefe do episcopado o faz com elle» (33).

E' assim, que o episcopado é um, como diz S. Cypriano: *episcopatus unus est*, como é uma a fé, como é um o baptismo, como é um o Christo, em cujo lugar promulga elle os oraculos da doutrina, com a mesma e unica autoridade sacerdotal. *Judex vice Christi*, diz o mesmo padre.

Emfim, unidos inviolavelmente ao bispo, como as cordas de uma cithara (34) os pastores secundarios guardão a unidade do espirito no vinculo da paz (35) e cooperão na grande obra da salvação das almas, dispensando a palavra e os sacramentos pelas diversas parochias, em união, e fazendo as vezes do proprio bispo, que não pudera por si mesmo curar todo o rebanho.

Assim, graças á esta força de unidade, que mantem n'uma perfeita cohesão todos os membros do corpo hierarchico, o simples fiel, unido ao pastor de sua parochia, se acha por isto mesmo unido ao bispo, o qual se acha unido ao Papa, o qual se acha unido a Jesus Christo, o qual se acha unido a Deos.

Tal é a ordem divinamente estabelecida. Tal a cadeia, que nos prende ao fundamento dos apostolos, e por elles á pedra angular, que é o Christo Jesus, Homem e Deos verdadeiro (36). Desta ordem fielmente observada depende a tranquillidade das consciencias e o repouso do mundo.

E que outro, que não Deos, poderia tel-a estabelecido? Todas as creações do homem são pequeninas como elle. O homem não inventa, não crea nada tão grande; para que não reconhecer logo esta verdade?

Abri a historia, queridos irmãos! Lede! Todas as instituições humanas desabrochão dentro dos limites exclusivos de uma escola, de uma nacionalidade, de uma raça quando muito, para ahi definhar e morrer; mas uma instituição, que tem a força de expansão necessaria para abranger em sua vasta unidade todos os povos, todas as civilizações, todas as forças vivas da humanidade, e que as contém de facto inviolavelmente unidas á um centro

(31) Luc. 22. 32.
(32) O Sr. bispo d'Orleans em sua excellente obra, *La Souveraineté pontificale*, 2.º edit, chap. I. p. 3.

(33) Sermon sur l'unité.—(34) Bella expressão de um antigo padre da igreja.—(35) Ephes, 4. 3.— (36) Ephes. 2. 20.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

commum de autoridade, a qual, sem meio algum humano, se faz acceitar, respeitar e bem dizer de uma á outra extremidade do universo por duzentos milhões de consciencias! Dizei o, que quizerdes; nós reconhecemos o dedo de Deos nesta admiravel organização do apostolado catholico. *A Domino factum est istud.*

E esta bella obra dura, ha já dezenove seculos; outro signal de divindade, que destingue o apostolado da igreja: sua pasmosa duração no meio da caducidade das cousas terrenas.

Os imperios nascem e morrem; surgem e desapparecem as dynastias; as gerações succedem ás gerações no mar encapellado das idades: e o apostolado sempre o mesmo, sempre vivo, proseguindo através das vicissitudes humanas sua missão civilizadora. Não ha obstaculos, que elle não haja superado; não ha ruinas, á que elle não haja sobrevivido; não ha vortice de revolução, em que elle não tenha sobrenadado. Elle vive, elle respira na igreja, hoje, nos dias de Pio IX, com tanta juventude e vigor, como nos dias de S. Pedro, confessava-o neste seculo o protestante Macauley em face da Europa (37). Quando os impios julgárão tel-o empobrecido, vilipendiado, suffocado na deshonra; quando, depois de lhe haverem chumbado um feretro, batêrão palmas dizendo: Feito é do apostolado; morreu com o ultimo pontifice! Nesse mesmo dia recuscitou elle mais florido, mais robusto que nunca, e foi derramar tranquillamente suas bençãos sobre povos inteiros, que o estavão aguardando! Fazei, ou dizei o que quizerdes: eil-o ahi, em face das gerações inimigas ou indifferentes; eil-o com a palavra de Deos sempre solta nos labios, sem que nenhuma tyrannia a encadeie.

Sim, mesmo em nossos dias tristes e máos, em que as verdades se achão por toda a parte tão diminuidas, e os mais nobres caracteres enervados pela acção dissolvente do egoismo e do interesse material, carissimos irmãos, mesmo em nossos dias pode a terra, mercê de Deos! consolar-se com o magnifico espectaculo dessas sublimes dedicações dos apostolos da verdade, que se lançon com uma cruz na mão para a conquista do mundo! Vede-os, vede-os, como avançon para todos os pontos do horisonte, cheios de santa coragem! O Oriente e o Occidente os reconhecem; desde os desertos gelados da Siberia até os paramos abrazados d'Africa; das montanhas Rochosas até as ilhas inhospitas da Oceania, retroou o som da voz dos novos apostolos do Christo, e todos os paizes, vendo-os vir ao longe, como nuvens bemfazejas, impellidas pelo sôpro de Deos, se levantão para saudal-os. Oh! quão formosos são os passos dos que evangelizão a paz, dos que evangelizão os bens do Senhor (38)! Que de beneficios derrama sobre a terra este divino apostolado!

Nenhum erro ameaça seduzir as intelligencias, que elle não se apresente para condemnal-o; nenhuma perversa tendencia se insinúa nos costumes, que elle não appareça para corrigil-a. Santamente encarniçado contra a mentira, como contra as más paixões, elle nunca chama bem, o que é mal, nem mal, o que é bem; não diz, que as trevas são luz, nem a luz trevas. Todo de compaixão pela pobre humanidade, que elle deseja salvar, não consente, que o infortunio ou o vicio façon nella qualquer chaga, sobre que não applique logo, mas com uma delicadeza infinita, o conveniente apparelho; tem balsamos para todas as dores, e sua caridade é tão engenhosa quanto fecunda. Assim, tem o apostolado catholico atravessado perto de dous mil annos, sempre fazendo o bem: *Pertransiit benefaciendo* (39). Elle é a luz do mundo, destinada a esclarecer os, que dormem assentados á sombra da morte. E' o sal da terra, que unico pode preservar da corrupção esta carne humana tão facil de corromper-se. Mas, não podemos tudo dizer; é força limitar-nos.

Eis o apostolado, qual elle vive na igreja catholica; eil-o em toda a grandeza de sua missão divina, em todo o explendor de suas sobrenaturaes virtudes! E' a obra de Deos por excellencia, á que, por uma pura misericordia, se dignou Elle associar-nos.

Agora nosso pensamento, nosso coração todo para vós, ó Pontifice Supremo, que vos dignates revestir-nos de tão sublime dignidade! Ah! que accento daremos á nossa palavra, para fazel-a vibrar com os sentimentos, que nos causão vossos augustos infortunios? Oh! Pae! oh Pastor de nossas almas! Doce e magnanimo Pio IX! Recebei aqui a expressão de nossa filial ternura e de nossa inalteravel adhesão. Nenhuma das amarguras, que inundão neste momento vosso coração de rei e de pontifice, nos acha indifferente. Nós anathematizamos, nós detestamos comvosco os sacrilegos attentados, commettidos contra esta Sé apostolica, que uma criminosa audacia procura esbulhar do principio civil, de que, ha dez seculos, gozava, condição necessaria de sua independencia e livre acção no mundo. Nós condemnamos comvosco a politica funesta, que pretende assentar a paz do mundo e a felicidade dos povos sobre a violação de todas as leis da justiça e da religião; que sob pretexto de favorecer a igreja, despoja-a de todo o auxilio temporal, e para tornal-a mais livre, a curva aos caprichos do Cesarismo o mais iniquo. Mas vós, oh! Pedro! vós sois a pedra inabalavel, contra a qual se tem rebentado embalde todas as furias do abysmo. A iniquidade se escoará como a agua da torrente, porem a verdade do Senhor permanecerá até a eternidade (40).

Pontifice venerando, o povo fiel, e todo o clero do Pará, prostrados com seu indigno pastor entre o vestibulo e o altar, unem suas lagrimas e orações ás orações e ás lagrimas de toda a catholicidade, confiando nas misericordias do Senhor, que se dignará abreviar as dolorosas provações de sua igreja, e pôr um termo ao furor de seus crueis inimigos.

Maria Immaculada, a cujo virginal diadema ajuntastes um novo esplendor, vos cobrirá, oh inclyto Pontifice! com seu manto maternal, e vos defenderá de todo o perigo.

Irmãos dilectissimos! peçamos a esta doce Mãi, que dissipe com um sorriso a negra tempestade, que ameaça os horisontes da Europa; peçamos a Maria, padroeira desta diocese e do Imperio, que preserve nossa querida patria do contagio da impiedade e do veneno das perversas dou-

(37) Edimbourg's Reviw—Outubro de 1840.
(38) Rom. 10. 15.

(39) Art. 10. 38.—(40) Psalm. 116. 2.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

trinas: que ella obtenha do Senhor dias serenos e felizes para nosso magnanimo Imperador, e para a augustissima familia Imperial, em quem se resumem as mais doces esperanças da nação.

Pelo que julgamos dever ordenar o seguinte:

§ I Nos tres dias, que se seguirem á leitura destas nossas lettras pastoraes, se farão novas preces em favor do Santo Padre e da igreja em todos os templos e capellas publicas de nossa diocese. Cantar-se-ha a *Ladainha* de Nossa Senhora, *Salve regina*, *Sub tuum præsidium*, com as orações: *A cunctis*, *pro Papa*, *Contra persecutores*, *e pro Pace*, que se achão no missal romano.

§ II. Todos os Rvds. sacerdotes recitarão até nova ordem cada dia, na missa, a oração *pro Papa*, salvas as prescripções liturgicas.

§ III. E será a presente Carta Pastoral lida e publicada, no domingo seguinte á sua recepção, á estação da missa conventual em todas as igrejas, capellas, seminarios, collegios e hospitaes de nossa diocese, e registrada nos competentes livros.

Dada em Belem do Pará, em nossa residencia episcopal, sob o signal e o sello das nossas armas no 1.º dia de Agosto de 1861.

✠ ANTONIO bispo do Pará.

Padre *Manoel de Medeiros*, Secretario.

POESIA.

Ao Nascimento de Jesus.

Ai! que já deu meia noite!
Ao longe o gallo cantou,
O cordeirinho ululou!
Hymnos senti de louvor!
O que será meu Senhor,
O que agora succedeu?
Louvor! louvor! que é milagre,
Ai! foi Jesus que nasceu!

Salve! Maria divina,
Maravilha de Judá!
Salve! aquella que nos dá
Milagre, crença, mysterio!
Quebrou das trevas o imperio
Divina luz, que appareceu.
Salve! purissima Virgem,
Salve! que Jesus nasceu!

Bethlém, cidade santa,
Morada da divindade,
Onde toda a christandade
O seu pharol vio brilhar!
Onde a luz a fulgurar
O mundo todo assombrou!
Onde Maria tão pura
O seu mysterio encerrou!

Adora, mundo, o milagre
Que fez o teu Salvador;
Nasceu só por teu amor,
Tuas culpas vem remir!
Divina luz a fulgir
Os segredos do futuro;
Dos milagres do mysterio,
Do seu mysterio tão puro!

Jesus nascido; o prodigio
Creou no seu nascimento!
Jesus nasceu do portento,
De Maria immaculada,
Que ao pé do berço prostrada
Dá exemplo á adoração!
E faz ao mundo adorar
Seu filho do coração!

Que (qual mimosa assucena)
Nas palhinhas foi nascido!
E o tenro corpinho unido
Tem aos labios a Mãi pura,
Que com divina doçura
Sobre o berço está pendida!
Como a violeta dos campos
Do vento norte batida!

Lyrio innocente dos vales,
Maravilha do Oriente!
Adorou-te o occidente,
E tremêrão infieis!
Adorarão-te os tres Reis,
Louve-te o mundo tambem,
E adorão-te os astros,
Linda estrella de Bethlém!

Brilhante Rosa do mundo,
Astro formoso sem par;
Milagre tão singular,
Quem deixou de te crêr?
Outro igual não pode haver,
Que foi milagre de Deos!
O que nasceu do portento,
Foi Jesus, filho dos céos!

Vamos á Missa do gallo,
Hoje é sagrado este dia,
Vamos louvar a Maria,
Casta pomba de Israel!
Da Rosa imagem fiel,
Mais pura, que a pura luz,
Mais casta, que é casto o sol,
E' casta a Mãi de Jesus!

Salve! Maria de Deos,
Salve! Divina Senhora,
Sêde vós a minha aurora,
Confortai o meu soffrer,
E tu, Jesus, que nascer
Quizeste por nos salvar,
Olha as magoas do teu servo
E dóe-te do seu penar!

Por Maria pura e bella,
Oh por tua Mãi Divina!
Condóe-te da minha sina,
Pois que tu por nós nasceste,
Pelas penas, que soffreste,
E por tua propria morte!
Alivia meus martyrios,
Muda, Jesus, minha sorte!

Porque accendeste em minha alma
O fogo da devoção?
Porque déste ao coração,
Esperança no porvir...
Não me fizesses sentir
A inspiração tão subida,
Se não querias, que amasse
A minha terra querida.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Os muros de Jericó
A' voz de um anjo cahirão !
Mas os de Lysia já virão
Tua celeste bondade;
Eleva-os á immensidade,
Oh não os deixes cahir !
Antes que no pó do nada
Se vão de todo sumir !

É mais que tudo, Senhor,
A minha fé renovai !
A minha patria amparai,
A humanidade valei,
Este mundo soccorrei,
Já que por elle surgistes,
Acabai a vossa obra
Salvai, Senhor; soccorrei.

Bem vedes, que o trovador
Sem vós não pode viver !
Vós é, que fazeis gemer
Mysterios na sua lyra !
Seu coração não suspira
Senão pelo vosso amor !
Fazei pois, que elle não viva
Senão por seu Creador !

Ai ! que já deu meia noite !
Ao longe o gallo cantou:
O cordeiro ululou ;
Hymnos senti de louvor !
O que será, meu Senhor,
O que agora succedeu ?
Louvor ! louvor ! que e milagre,
Ai ! foi JESUS que nasceu ?

(*Extr.*)

VARIEDADE.

A diocese do Pará foi creada no reinado de D. João V, o rei magnanimo, pela Bulla apostolica de Clemente XI—*Copiosus in misericordia*—de 13 de Novembro de 1720, suffraganea do patriarchado de Lisboa.

Dez bispos teem occupado já a sua cadeira episcopal, incluindo o Exm. Sr. D. Antonio, notaveis todos pelo seu saber e pela sua piedade, de que derão bom testemunho em estabelecimentos pios, que ainda hoje existem, como são, além de outros: o hospital da caridade, fundado por D. Fr. Caetano Brandão em 1787; uma casa de educação para meninas indias, fundada por D. Manoel em 1804, e sustentada á sua custa, e o collegio da Santa Cruz, fundado por D. José, em Maio de 1857 para a educação de meninos.

Os nomes dos Prelados, que tem illustrado esta diocese, são os seguintes, na sua ordem chronologica:

I. D. Fr. Bartholomeu do Pilar, carmelita calçado e doutor em theologia, fez a sua entrada solemne em 21 de Setembro de 1724; falleceu em 9 de Abril de 1733: jaz na Sé.

II. D. Fr. Guilherme de S. José, religioso de Thomar; fez a sua entrada solemne em 10 de Agosto de 1739; renunciou o bispado, e retirou-se para Lisboa em Agosto de 1748.

III. D. Fr. Miguel de Bulhões, da Ordem dos prégadores, fez a sua entrada solemne em 15 de Fevereiro de 1749; resignou o bispado, e retirou-se para Lisboa em 1759.

IV. D Fr. João de S. José Queiroz; tomou posse no dia 31 de Agosto de 1761 : em 25 de Novembro de 1763 partio para Lisboa em cumprimento de uma ordem real, e falleceu em 15 de Agosto de 1764, no convento do Ermo, no bispado do Porto, para onde el-rei D. José I o mandára confinado.

V. D. Fr. João Evangelista Pereira, da terceira Ordem de S. Francisco; fez a sua entrada solemne em 28 de Novembro de 1772; morreu em 14 de Maio de 1782: jaz na capella-mór da Sé.

VI. D. Fr. Caetano Brandão, da Ordem da penitencia de S. Francisco; fez a sua entrada solemne no 1.º de Novembro de 1783; foi eleito Arcebispo de Braga, e partio para Lisboa em 28 de Abril de 1789.

VII. D. Manoel de Almeida Carvalho, Presbytero secular e doutor em canones; fez a sua entrada solemne em 16 de Junho de 1794; falleceu em 30 de Junho de 1818: jaz na capella-mór da Sé.

VIII. D. Romualdo de Sousa Coelho, Presbytero secular (natural da cidade de Cametá) fez a sua entrada solemne em 5 de Julho de 1821; falleceu em 15 de Fevereiro de 1841 com grande fama de santidade: jaz na Sé.

IX. D. José Affonso de Moraes Torres, Presbytero secular; commendador da ordem de Christo, e do conselho de S. M.; fez a sua entrada em 7 de Julho de 1844, resignou o bispado, e retirou-se para o Rio de Janeiro em Julho de 1857, onde vive actualmente.

X. D. Antonio de Macedo Costa, Presbytero secular, doutor em direito canonico, e do conselho de S. M., foi sagrado em 21 de Abril de 1861, na capella imperial de Petropolis, tomou conta da diocese em 23 de Maio do mesmo anno pelo seu procurador o Arcediago, Vigario capitular do bispado, Raymundo Severino de Mattos, e fez a sua entrada solemne no dia 1.º de Agosto do dito anno.

(*Extr.*)

Festividades religiosas.

No dia 8 do corrente teve lugar na Igreja da Conceição desta cidade, segunda matriz da capital, a festividade annual da Virgem SS. da Conceição immaculada, Padroeira do Imperio. Como todos virão, esta funcção religiosa foi feita com a pompa e solemnidade possivel, com novena, com o SS. Sacramento exposto, e á grande orchestra vocal e instrumental, durante a qual tocou á porta a banda militar do 5.º batalhão d'infanteria. A Igreja estava ricamente ornada, e d'um modo todo novo nesta cidade, devido á perícia e religiosidade do juiz, o Sr. Martins Arêas, que em verdade a nada se poupou, no sentido de solemnizar a festa da SS. Virgem. A's vesperas e á missa prégou o Muito Revd.º Conego Rosa, á qual assistio uma guarda de honra. A procissão percorreu as ruas do estilo, e no decurso dos dez dias da festa reinou a maior ordem possivel, apezar da concorrencia d'um povo innumero, que affluio a todos os actos.

—No dia 18 do mez passado (Outubro) celebrou-se com grande pompa na Cidade de Pekin a festividade de Corpo de Deos; a procissão percorreo publicamente as ruas da cidade. Quatro Mandarins Catholicos conduzião as varas do Pallio, que estavão guarnecidas de fitas amarellas bordadas á ouro. Esta ceremonia produzio uma mui viva e mui salutar impressão. Eis a entrada publica do Catholicismo no seio da barbaridade pagã.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Im. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1861.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 223.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

SABBADO 4 DE JANEIRO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

6.ª Secção.—Rio de Janeiro.—Ministerio dos negocios do imperio, em 9 de Dezembro de 1861.—Illm. e Exm. Sr.—Foi ouvida a secção dos negocios do imperio do conselho de estado sobre o recurso, que o procurador fiscal da thezouraria de fazenda dessa provincia interpoz da ordem, que V. Exc. expedio á mesma thesouraria em 10 de Janeiro deste anno (e sobre o que V. Exc. informou em officio n. 25 de 27 do mesmo mez) para que ao Dr. João Pedro Dias Vieira, lente de rhetorica e geographia do seminario episcopal, se pagasse o respectivo ordenado, vencido do dia 13 de Setembro do anno passado, em que foi encerrada a assembléa geral legislativa, de que elle era membro como deputado, até o dia 27 do mesmo mez e anno, em que chegou a essa provincia de seu regresso da côrte, não obstante a opposição, que á tal pagamento fizera a thesouraria, de accordo com o parecer da junta de fazenda de 27 de Novembro, sob os seguintes fundamentos, exarados nos pareceres da 3ª secção da contadoria de fazenda e do procurador fiscal: 1.º porque segundo a ordem do thesouro n. 98, de 25 de Novembro de 1836, o empregado publico, que, depois de finda a sessão legislativa, não volta ao exercicio do seu emprego, só cabe ser abonado do seu ordenado, se obtiver licença, não estando aquelle lente neste caso, por isso que a licença, que elle obteve, em virtude da qual deixou de reassumir as funcções do magisterio, depois de sua chegada á provincia, lhe foi concedida por autoridade incompetente, qual o Rvm. bispo diocesano, que só póde dar licença aos parochos, e não aos lentes do seminario, que na qualidade de empregados publicos, que são, só a podem alcançar da autoridade civil, na fórma da lei de 3 de Outubro de 1834, e mais legislação em vigor; 2.º porque, quando semelhante licença pudesse vigorar, não aproveitava ella ao lente em questão, visto como desde a data de sua chegada á provincia, até a em que obtivera a mesma licença (6 de Outubro) e o visto da presidencia lançado nella a 13 de Outubro, decorrêrão dias, em que devia estar no exercicio de sua cadeira: e uma semelhante falta de frequencia, anterior á licença, não póde ser sanada, verificado, como está, que o empregado publico não voltou ao exercicio do seu emprego. E S. M. o Imperador, de conformidade com a sua immediata resolução do 28 do mez passado, tomada sobre parecer da referida secção, exarado em consulta de 28 de Setembro antecedente, manda declarar a V. Exc. que não procedem as razões do recurso: 1.º porque podem os bispos conceder licença aos lentes dos seminarios, ficando ella porém dependente do assentimento da autoridade civil, para produzir todos os seus effeitos, do mesmo modo porque se pratica a respeito dos parochos; 2.º porque, no caso de que se trata, o presidente da provincia prestou o seu assentimento á licença concedida pelo bispo; e não estando fixado em lei o praso, dentro do qual o empregado, que é membro do poder legislativo, deve se apresentar, para exercer o emprego, não se póde considerar excessivo o tempo, que mediou entre a chegada daquelle empregado á provincia e a data da licença.

Deos guarde a V. Exc.—José Ildefonso de Sousa Ramos.—Sr. presidente da provincia do Maranhão.

Allocução do Santo Padre Pio IX, no consistorio secreto de 30 de Setembro de 1861.

Veneraveis Irmãos:

Todos vos lembraes, com que dôr do nosso coração temos muitas vezes deplorado entre vós os numerosos e lamentaveis males causados á igreja catholica, á sé apostolica, a nós mesmo com grande detrimento da sociedade civil, por parte do governo piemontez, e dos autores e fautores dessa nefasta rebellião, principalmente nas infelizes provincias da Italia, que o mesmo governo usurpou com tanta injustiça como violencia. Hoje entre os males sem numero e sempre mais graves, feitos sem cessar á nossa santa religião por esse mesmo governo, e pelos homens, que fazem parte de tão detestavel conspiração, temos a lamentar o nosso caro filho, illustre collega, o vigilante arcebispo de Napoles, illustre pela sua piedade e pela sua virtude, que vedes aqui presente, e que, preso pelos soldados, foi arrancado ao seu proprio rebanho, com grande dôr de toda a gente de bem.

Todos sabem, como os satellites desse governo e dessa rebellião, cheios de astucia e de engano, e tornados abominaveis na sua maneira de proceder, renovárão os attentados e os furores dos antigos hereticos, e entregando-se com toda a sua raiva contra as causas santas, se

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

esforço para derribar de todo, se isso fosse jamais possivel, a igreja de Deos e a religião catholica, para arrancar de todas as almas a sua doutrina salutar, e para excitar e inflammar todas as más paixões.

Então todos os direitos divinos e humanos forão calcados aos pés, todas as censuras ecclesiasticas desprezadas, os bispos com uma audacia, que augmenta todos os dias, repellidos das suas proprias dioceses, e mesmo lançados nas prisões, a maior parte dos povos fieis forão privados dos seus pastores; os padres regulares e seculares opprimidos com máos tratamentos, e sujeitos a toda a qualidade de injustiças; as congregações religiosas forão expulsas das suas casas, e reduzidas á mais completa indigencia; as virgens consagradas a Deos obrigadas a mendigar o seu pão, os templos mais venerandos forão despojados, profanados e mudados em cavernas de ladrões; os bens sagrados saqueados; a autoridade e a jurisdicção ecclesiastica forão violadas e usurpadas; as leis da igreja forão desprezadas e calcadas aos pés.

Então estabelecerão-se escolas de más doutrinas, libellos e jornaes infames, sahidos das trevas, forão distribuidos em toda a parte, com gastos enormes de uma criminosa conjuração.

Esses escriptos perniciosos e abominaveis atacão a nossa santa fé, a religião, a piedade, a honestidade, o pudor, a honra e a virtude, derribando as verdadeiras e inabalaveis regras da lei eterna e natural, do direito publico e particular; a liberdade legitima de cada um, a propriedade foi atacada; os fundamentos da sociedade civil são arruinados; a reputação de toda a gente virtuosa é manchada por falsas accusações, ferida pelas maiores injurias; o desejo infrene de viver e de ousar tudo, a impunidade de todos os vicios e de todos os erros, são cada vez mais fortalecidos, propagados e engrandecidos.

Não ha ninguem, que não veja, que serie deploravel de calamidades, de crimes e de males de toda a especie se tem espalhado principalmente nesta infeliz Italia, em consequencia dessa grande e criminosa rebellião: « A maldição, a mentira, o homicidio e o adulterio tem enchido o mundo, e o sangue foi recoberto pelo sangue» (*).

Sim, o coração contristado está cheio de horror, a palavra falta para descrever a maior parte das cidades do reino de Napoles incendiadas e destruidas; um consideravel numero de padres virtuosos, de religiosos e cidadãos de todas as idades, sexos e condições, e sem exceptuar mesmo aquelles, que a doença opprimia, cobertos dos mais indignos ultrages, lançados nas prisões, ou mortos da maneira mais barbara, sem que se lhes chegasse mesmo a instaurar o processo.

E quem não ficaria cheio da mais profunda tristeza, vendo esses homens, esses rebeldes em delirio, sem respeito algum pelos ministros sagrados, pela dignidade de bispo ou de cardeal, sem o menor respeito pela nossa pessoa, por esta Sé apostolica, pela justiça e pela humanidade, espalhar por toda a parte a ruina e a devastação?

E quem são esses homens, que assim procedem? são aquelles, que se não acanhão de avançar com a mais affrontosa impudencia: que querem dar liberdade á igreja, e á Italia o sentido moral. Muito mais, não se envergonhão de pedir ao pontifice romano, que se digne aquiescer aos seus injustos desejos, com receio de que maiores males não recáhião sobre a igreja.

Mas o que nos causa maior dôr, veneraveis irmãos, é que muitos membros do clero secular e regular, alguns dos quaes estavão mesmo revestidos de dignidades ecclesiasticas, afastados miseravelmente por um funesto espirito de erro e de rebellião, e esquecidos de sua vocação e dos seus deveres, afastarão-se do caminho da verdade, derão o seu assentimento aos designios dos impios, e tornarão-se, com grande sentimento da gente seria, uma pedra de escandalo.

A todas estas desgraças, que lamentamos, veio juntar-se uma nova dôr. Por um exemplo, desconhecido até aos nossos dias, nos estados do Mexico, alguns homens não menos criminosos, animados de um semelhante odio contra a nação catholica, não tiverão receio de promulgar leis as mais injustas e as mais oppostas ao poder, aos direitos e á doutrina dessa mesma igreja. Saquearão os bens ecclesiasticos, despojárão os altares, perseguirão o proprio clero e as ordens religiosas, repellirão as virgens consagradas a Deos, arrancárão dos seus rebanhos e mandárão para o exilio os bispos, depois de os terem coberto de ultrages. Quasi todas aquellas victimas vierão para a nossa capital, e nos tem dado grandes consolações pelo exemplo das virtudes, que possuem em tão alto grão.

Isso ainda não foi bastante. No outro lado da America, em Nova Granada, ha pouco tempo, os perturbadores da ordem publica, depois de se haverem apoderado da autoridade suprema, promulgárão um decreto criminoso, que prohibe ao poder ecclesiastico o exercicio da sua autoridade, sem permissão e assentimento do governo civil. Dispersárão os membros da celebre companhia de Jesus, que tão importantes serviços prestou á religião e á sociedade, e alem disso, obrigárão o agente da santa sé a sahir das fronteiras dos seus estados no praso de tres dias.

Em presença de tão deploraveis abalos das cousas divinas e humanas, comprehendereis facilmente, veneraveis irmãos, toda a amargura do nosso coração. Comtudo, no meio destas penas e angustias, que nunca poderiamos soffrer sem a assistencia particular de Deos, é para nós uma consolação suprema vêr a admiravel religião, a virtude e a coragem dos nossos veneraveis irmãos os bispos da Italia e de todo o mundo catholico. Aquelles veneraveis irmãos, effectivamente dedicados á nossa pessoa, e a sé de S. Pedro, pelos mais intimos laços da fé, da caridade e do respeito, não se deixando intimidar por perigo algum, e cumprindo o seu ministerio com honra immortal do seu nome e da sua ordem, não cessão de viva voz, ou por escriptos cheios de sabedoria, de defender com intrepidez a causa de Deos, a da sua santa igreja, e esta sé apostolica, os seus direitos, a sua doutrina, a causa da justiça e da humanidade; não cessão de vigiar com o maior cuidado pela integridade do seu rebanho, combatendo as doutrinas falsas e erroneas

(*) Oseé, cap. IV, vers.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

dos homens, e resistindo corajosamente aos seus effeitos impios.

Não sentimos uma alegria menor, vendo a maneira notavel, porque os padres e os povos fieis da Italia, assim como de todo o universo catholico, marchando nos vestigios de seus prelados, se glorião cada vez mais de manifestar publicamente para comnosco, e para com esta sé apostolica o seu amor, o seu respeito, o seu zelo admiravel em professar, em defender a nossa santissima religião. E como os nossos veneraveis irmãos, o seu clero e os fieis tomão a parte mais viva nos embaraços extremos, que nos causa a expoliação da maior parte do nosso dominio civil, julgão tambem, que nada é mais meritorio para elles, mais glorioso nem mais religioso, do que diminuir com o mais ardente zelo, por meio dos seus piedosos e espontaneos donativos, esses embaraços muito graves, assim como os desta santa sé.

Dando tambem, na humildade do nosso coração, as vivas acções de graças ao Deos de toda a consolação, que se digna, por esta natural piedade e generosidade do episcopado e do povo fiel, dar-nos um alivio, uma consolação e força das nossas maguas e das nossas amarguras, somos ao mesmo tempo felizes de poder manifestar de novo, á face do mundo, os nossos sentimentos de profunda gratidão, por isso que é ao seu apoio e ao seu concurso, que devemos exclusivamente poder occorrer aos enormes e progressivos encargos da santa sé.

Aqui, veneraveis irmãos, não poderemos passar em silencio os testemunhos constantes da affeição real e fidelidade inabalavel, de submissão dedicada e de liberalidade generosa, que este povo romano nos tem prodigalizado, querendo assim provar naturalmente, até que ponto elle procura permanecer firmemente ligado a nós, á sé apostolica, e ao principado temporal, que nos pertence; e com que vivacidade regeita e condemna os manejos criminosos e as tentativas daquelles, que procurão espalhar a desordem no seu seio, e estender até alli a sua conspiração. Não tendes vós mesmos, veneraveis irmãos, testemunhado tantas vezes as manifestações tão sinceras, tão pouco disfarçadas, tão cordiaes, pelas quaes este povo romano, que nós amamos tanto, tem mostrado os sentimentos de uma fé tradiccional, dessa fé, que merece, com justo direito, os maiores louvores?

Ora, como temos a divina promessa, de que Jesus Christo estará com a sua igreja até a consummação dos seculos, e que as portas do inferno não prevalecerão contra ella, estamos certos, de que Deos não faltará á sua palavra, e que um dia chegará, dia de prodigio, em que Deos ha de mostrar, que esta terrivel tempestade não foi levantada para submergir a náo da igreja, mas sim para a elevar.

No entanto, não deixemos, veneraveis irmãos, de invocar de todo o nosso coração, e sem cessar, a protecção toda poderosa da Santissima Immaculada Virgem Maria; peçamos e imploremos, de noite e de dia, com as mais fervorosas supplicas a Deos clemente, cuja natureza é a bondade, cujo poder é igual á sua vontade, cujas obras são cheias de misericordia, para que se digne abreviar o mais possivel os dias da tentação, dar á sociedade civil e christã, tão cruelmente afflicta, a sua segurança, e espalhe sobre todos os thesouros da sua graça e da sua misericordia; que converta todos os inimigos da igreja e da santa sé; que os reconduza ao caminho da justiça; que a sua poderosissima influencia tenha por effeito dissipar todas as impiedades; e para que desta maneira a sua santissima religião, em que reside por excellencia o principio da felicidade e da paz temporal dos povos, viva, floresça e reine cada vez mais em toda a terra.

CARTA PASTORAL.

Dom Frei Luiz da Conceição Saraiva, por mercê de Deos e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Maranhão, do conselho de S. M. o Imperador etc. etc. etc.

A todos os nossos diocesanos, saude, paz e benção em Jesus Christo, nosso Redemptor, e consolação do Espirito Santo.

Dura é a carreira, que hoje se abre diante de nós, Irmãos e Filhos muito amados, como difficil e arduo é o ministerio, que havemos de exercer. Quando consideramos, que aprouve ao Principe magnanimo, que manda sobre o vasto Imperio da terra da Santa Cruz, designar-nos na obscuridade do nosso claustro, para apascentar uma parte do rebanho docil de Jesus Christo, na diocese do Maranhão, e entrando profundamente em nós, nenhuma virtude nos reconhecemos propria e edificante, no exemplo, na palavra e na sabedoria, para assegurar um successo feliz a essa nossa missão, que nos primeiros dias do Christianismo nenhuma outra recompensa tinha, que não o martyrio; não podemos occultar-vos a diversidade de pensamentos contrarios que nos assaltão o espirito, e prostrados aos pés de Jesus Christo entramos em muita afflicção e temor, de que na escolha de um indigno pastor queira o Senhor exercer o mais formidavel castigo, que contra um povo póde extrahir dos thesouros de sua Justiça. A obediencia porém, que por um voto solemne haviamos professado, nos não podia aconselhar a renuncia a vida da graça, a que Deos pelo oraculo do soberano nos chamava.

Novel, qual outro Samuel, nas revelações divinas, por não conhecer a voz do Senhor, estamos confundido, e tremendo diante do peso, que temos de carregar, confiando só naquelle, que todas as vezes, que quer, mostra as maravilhas do seu poder. A nossa indignidade pois será a unica base de toda a nossa solicitude, esperando do Céo toda a força, toda a virtude e todo o saber, para cumprirmos os seus santos designios.

Estaremos porventura illudidos! Ah? A Providencia de Deos, immensa e sempre adoravel em todos os tempos, tem ostentado seu infinito poder para confundir os grandes do mundo, servindo-se dos mais pequenos e humildes, fóra de toda a comprehensão da sabedoria e prudencia humana, para satisfazer e completar os ineffaveis fins da creação. Não podemos deixar de ficar extasiado e cheio de admiração e espanto diante deste assombroso e incomprehensivel poder, que faz do fraco instrumento poderoso do trabalho e da fortaleza; que eleva a humildade ao sublime, e confia ao, que não merece, a maior dignidade e grandeza. Temos diante dos olhos o grande facto do Christianismo para abonar, quanto vos havemos

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

dito, e mostrar-vos, que só Deos é grande. Sabemos, que antes deste estupendo successo toda a sabedoria dos philosophos e dos sabios se quebrava até diante do dogma da unidade do Ente Supremo, dogma, que, por ser eminentemente philosophico, nos mostra, até que gráo de desvairamento é susceptivel a razão humana. Foi preciso, que Jesus Christo nos mostrasse a luz pelo infinito sacrificio do Calvario, e que, rehabilitando a humanidade aos favores da sua misericordia, podesse reconciliar o homem perdido com o seu Eterno Pai. Consummado tudo, e, depois de trazer-nos esta redempção, que, ha quarenta seculos, fôra tantas vezes promettida, ficámos aptos para sermos salvos. Se o nascimento, vida, prégação, morte, e finalmente a ressurreição deste divino Messias fôra precedida e acompanhada de prodigios, não menores prodigios seguirão ao estabelecimento do Christianismo. Deixemos, que os sabios digão, se semelhante empreza podia ser obra de entes mortaes: elles que comparem os meios, de que esta sabedoria increada se servio, com os resultados do successo! Se doze Apostolos, tirados de entre o povo mais dedestado e desprezivel, tendo por condicção a humilde profissão de pescadores, rudes e excessivamente ignorantes, sem outras armas, que o martyrio, sem outros talentos, que a luz divina, sem outras riquezas, que a fé, podião, a não ser obra de Deos, levar o Evangelho, aonde nunca as aguias ãlamadas dos soberbos Romanos puderão chegar; e elles comnosco, Irmãos e Filhos muito amados, não poderão ficar mudos, exclamando cheios de reconhecimento e adoração com o Apostolo: « Oh! incomprehensiveis juizos de Deos! quão investigaveis são os vossos caminhos! »

Não podemos, nem devemos occultar-vos a nossa indignade. Aquelle, que perscrupta os rins e os corações, que serve-se dos fracos, para confundir os fortes, que até das proprias pedras pode formar os filhos de Abrahão, será nossa unica esperança e consolação. Se vos confessamos com tanta franqueza quanta ingenuidade o espanto e temor, que nos causou esta inesperada escolha para o episcopado, é porque estamos immensamente impressionado pelo enorme peso, que temos de carregar, peso que na phrase do Propheta (1) é formidavel aos mesmos Anjos. Assim, amados Filhos, como poderemos prescindir de todos vós, e daquelle concurso tão importante como voluntario, que temos direito de esperar de vossas luzes e de vossa piedade?

E' pois ao Illm.º e Rvm.º Cabido, que por escala jerarchica devemos primeiro exhortar e dirigir nossas primeiras expressões de cordial affecto, afim de que deste estreitamento no amor de Jesus Christo, trabalhando no espirito da Igreja, cuja bandeira é a unidade da fé, possamos levar a consolação ao afflicto, e assim colhendo os fructos abençoados, nos façamos verdadeiros herdeiros dos thesouros immortaes.

E como poderá esta Corporação, que commemora a mais honrosa e monumental antiguidade, e que nos primeiros tempos do Christianismo distinguio-se entre os mais devotados Christãos da Igreja nascente, e representa ainda hoje o amor da fé christã, e o amor da crença deste antigo presbyterio, conservando, ainda que sob fórma diversa, toda a pureza do espirito da Igreja, que é o da paz, da caridade e da harmonia, como poderá recusar da melhor vontade suas luzes para direcção de nossa intelligencia, suas virtudes para animação de nossa fraqueza, seus esforços para auxilio de nosso ministerio, que é o ministerio de Deos? Se no espirito do Concilio de Trento os Conegos são os olhos do Bispo, como caminharemos nós sem elles? Porque não soccorrerão elles á nossa intelligencia no, que ha de mais difficil e occulto nos livros santos, na marivilhosa serie da tradicção, nas immemoraveis e sapientissimas decisões dos Concilios e dos Summos Pontifices, e nas doutrinas dos Santos Padres, que com tanta pericia quanto talento se occupárão das mais abstratas e difficeis questões de controversia, abrangendo com luminosa penetração todo o dogma, toda a moral, e coadjuvárão poderosamente a Igreja na direcção suave dos destinos de seus filhos, desforrando-os da tyrannia e da má fé dos hereges, dos sophistas e dos incredulos? Como ainda recusar o amor, a sabedoria e o exemplo a todo o clero e povo de nossa diocese, esta illustre Corporação, que é ornada com o titulo de Senado da Igreja, e deixar de distribuir a virtude aos corações perdidos, o saber aos ignorantes, o pão ao faminto, o vestido ao que está nú?

E' pois com as mais fundadas e poderosas razões, e cheio do mais vivo amor e consolação, que vos saudamos; esperando de vós todo o allivio ás fadigas de nosso ministerio. E' despido de todo aquelle espirito de dominação, que o Apostolo tanto estigmatiza e condemna (2) e cheio do desejo de ganhar almas para o Céo, antes com a ternura de pai, que pelos deveres de autoridade, que nos dirigimos e recommendamos aos Reverendos Parochos, nossos companheiros na distribuição do pasto espiritual, que, como guardas avançadas, na phrase do Propheta, e postados dia e noite diante dos muros da cidade santa (3) não cessem de pensar no tremendo encargo, que contrahirão na direcção de suas parochias. Não vos são desconhecidos os anathemas, que os livros santos fulminão incessantemente contra os pastores negligentes, que, escutando mais os seus commodos, que as necessidades do rebanho, deixão as almas confiadas á sua sollicitude, expostas á voracidade do lobo, para vos não esquecerem vossos santos deveres, porque no dia tremendo dareis comnosco conta do rebanho, que nos foi confiado.

Não nos podemos escusar dessa solidariedade; ella será a balança onde o premio e o castigo devem ser repartidos. E para excitar o nosso zelo e amor paternal, quão bella e tocante não é, Irmãos muito amados, aquella imagem do Pastor solicito após da ovelha desgarrada, e que depois de a ter encontrado, regosija-se de a trazer nos hombros com a maior e mais festival demonstração de jubilo e contentamento!

Quão digna não é ella de nossa constante meditação, pois que representando o Pastor dos pastores, Jesus Christo, emfim, nosso Mestre e nosso Senhor, como mo-

(1) Izaias cap. LV. v. 9.

(2) Act. c. 9. v. 16.
(3) Isaias c. 6 v. 6.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

delo nos faz sentir ao mesmo tempo a importancia de nosso officio, despertando e revelando-nos o zelo, que devemos empregar para a salvação das almas!

Se em todas as épochas a igreja de Deos tem sido cruelmente atacada, e se em todas tem ella victoriosamente vencido, é porque Deos tem posto uma barreira invencivel ás tentativas do erro e da mentira, para assim rectificar suas eternas promessas. O Céo e a terra passarão, mas nunca nenhuma das suas palavras (4). Se durante dezenove seculos tem ella guardado com toda a pureza o grande deposito da fé e dos costumes a despeito das perseguições e heresias, é porque sempre fiel ás suas promessas tão magnificas, como consoladoras, tem constantemente suscitado Apostolos, Evangelistas, Pastores e Doutores, que, depositarios da sciencia, e verdadeiros mestres da moral, hão esclarecido os povos, ensinando-lhes os caminhos do Céo para honra, gloria e santificação do Corpo mystico de Nosso Senhor Jesus Christo (5). Hoje, porem, Irmãos e Filhos muito amados, que a Santa e Immaculada Igreja se vê amparada contra os innovadores, graças ao ultimo Concilio Geral, que, fiel interprete de todas as verdades catholicas, estabeleceu os meios de vencer e destruir o espirito das trévas, desenganando-o da improficuidade de todos os seus intentos e esforços, é que devemos desanimar daquelle zelo, que tantos triumphos tem produzido, e que fecundando a semente da divina palavra, tem livrado de morte eterna a tantos milhares de almas perdidas?

Não, não esperamos de vós este procedimento, nem tão vergonhosa negligencia; mas confiamos, que ponhaes em pratica a regra, que nos aconselha o Evangelho, unica que nos póde elevar á altura dos nossos deveres, fazendo-nos verdadeiros cooperadores dos interesses do reino de Deos. Não nos é licito hoje nenhuma outra esperança e consolação.

Ancioso pois por conhecer-vos, e sentir de perto o reflexo de vosso saber, e de vossas virtudes, que já nos forão representadas no illustre e virtuoso Pastor, que soube inspirar-vos tanta tristeza, quando de vós se separou, para por seus preclaros e elevadissimos merecimentos occupar a Sé Metropolitana deste Imperio, só esperamos o momento feliz de ver-nos entre vós, para sempre docil ao prazer, que agora nos anima, seguir os vestigios das virtudes e exemplos, que recebestes, e poder satisfazer nossos deveres. Oxalá possamos levar algum lenitivo a tanta tristeza, e que alegre presenciemos, que os deveres de vosso officio são perfeitamente satisfeitos com agrado de Deos, e aproveitamento de nossas ovelhas, e que vós sempre solicitos na administração dos Sacramentos, no exercicio de todas as obras de caridade, protegendo os pobres, consolando os afflictos, visitando os enfermos, e por todos pedindo a Deos no sacrosanto sacrificio da Missa, façaes descer do Céo a graça, e que os encaminhe a serem bons Christãos, bons pais, bons filhos, bons cidadãos, fieis e reverentes subditos do Monarcha, que felizmente occupa o throno brasileiro. São estes os nossos votos, que esperamos ver realizados no procedimento dos Reverendos Parochos e Sacerdotes seculares e regulares, que pelo seu ministerio são outros tantos cooperadores da vinha do Senhor.

A todos lembramos, que, se a elevação do vosso ministerio se revela com tanto brilho pelos actos de caridade e pela oração, que sem ella nenhuma misericordia é possivel, que não cesseis de fazêl-os companheiros inseparaveis de vossas prégações, revestindo deste modo a palavra santa com aquella belleza e sublimidade proprias da verdade evangelica. E pois que vós, Srs. Prégadores, sois os encarregados, na phrase do Homem-Deus de sahir a semear a palavra divina (6) e sois o sal da terra, na expressão do nosso Salvador (7) não vos deveis esquecer, que, como o sal, tendes a missão importantissima de conservar os sãos, e preservar os já tocados da corrupção que lavra. Por mais adornada que fôr a vossa predica, nas galas do estylo, na louçania da phrase, na elegancia e sublimidade dos pensamentos, toda essa pedraria multicôr brilhará apenas aos olhos dos ouvintes, mas nunca será um espelho de luz bastante para reflectir na consciencia culpada a santidade da virtude ou a hediondez do vicio; e nem vingarão as sementes, que houverdes semeado, se ellas não vierem fecundadas pelas obras e pelos exemplos vivos, unicos que farão, que a vossa eloquencia desça cheia de unção até o fundo dos corações; porque o melhor conceito, que encherá de emphase os vossos discursos, será certamente o conceito, que de vossa vida fizerem os ouvintes.

(*Continúa*).

(4) S. Marc. c. 13. v. 31.
(5) Ad Ephes. c. 4. v. 11 e 12.

(6) S. Math 13. 3.
(7) S. Math. 5.

CARTA CIRCULAR.

Ao Illm. cabido e mais clero secular e regular da diocese do Pará, dando communicação de uma decisão do Summo Pontifice.

Srs. e Rvds. Cooperadores.—Soubestes com mágua do triste acontecimento, que assignalou os ultimos dias de vacancia da Sé archiepiscopal bahiana, quando um sacerdote ousou temerariamente, em face de toda a igreja, declarar um Bispo suspenso da Ordem Pontifical, com lamentavel dezar da Religião, e escandalo do povo fiel.

Por mais funda que fosse sempre minha convicção sobre a injustiça flagrante e a nullidade absoluta de semelhante acto, feito em despeito de todas as leis canonicas, achei então mais digno e prudente guardar o mais completo silencio, contentando-me deferir tudo ao conhecimento do digno Representante da Santa Sé no imperio do Brasil. O Summo Pontifice, informado de tão lamentavel successo, acaba de manifestar o seu juizo, condemnando e reprovando esse acto da maneira a mais peremptoria, como apparece da circular, que abaixo se transcreve, dirigida ha pouco pelo exm. sr. Internuncio Apostolico, Enviado Extraordinario da Santa Sé, a todos os Membros do Episcopado Brasileiro.

Congratulando-me comvosco, srs. e dignos cooperadores, por este triumpho, com que Deos quiz realçar a Dignidade augusta, de que sou mero depositario, e que per-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tence á Igreja, nem por isso cedo do direito de conservar e revindicar para minha indigna pessoa toda a parte de opprobrio e de humilhação, que lhe convem, confessando perante Deos, que sou indigno de ser chamado Bispo. Taes são, taes forão sempre meus sentimentos, graças ao Senhor.

Nunca porém, repito, nunca acceitei como legal o acto, que me ferio, nem deixei um só instante de reconhecer sua perfeita ineficacia e nullidade. Faço esta declaração em presença da Igreja, a quem devo conta de minha honra episcopal, desvanecendo ao mesmo tempo as insinuações de alguns jornaes mal informados, que julgárão ver no meu silencio e em minha demora na Bahia um reconhecimento tacito da pretendida censura, que me foi comminada, e á que nunca absolutamente me submetti.

Eis aqui uma prova disto, srs. e dignos cooperadores, um extracto do officio, que dirigi ao exm. sr. Internuncio Apostolico, com data de 28 de Junho do corrente anno.

« Em segundo lugar: Ainda supponho, que esse direito (o de celebrar uma missa funebre em lugar isento) é contestavel; ainda dando de barato, que eu me enganasse, o que é tão facil a todo o homem, muito mais a mim, cuja incapacidade confesso, e sempre confessei, grandissima; inda concedendo, que se omittisse uma formalidade, que se devia ter preenchido; porventura o acto do Capitular da Bahia torna-se por isso menos injustificavel? Porque em fim, se êrro houve, nem por isso fiquei incurso na pena gravissima de suspensão, só fulminada pelo Sacrosanto Conc. de Trento contra aquelles Bispos temerarios, que, sendo meros titulares, em mingua de ovelhas proprias, buscavão usurpar as alheias, se ingerião nas dioceses *in legis fraudem et contemptum*—diz o mesmo Concilio, e menoscabando as caridosas admoestações do proprio pastor, se acastellavão em lugares isentos, para impor mãos a quem lhes apparecia, resultando d'ahi, que os, que erão recusados pelo seu Bispo, como ignorantes e indignos, recorrião ao Bispo intruso e eram logo ordenados presbyteros com grave detrimento das almas; ou então abrião chrisma, e fazião outros actos pontificaes, dentro e fóra de lugares isentos, rompendo d'esta arte o nervo salutar da disciplina e perturbando a marcha normal dos governos da diocese. Eis os abusos, que decidirão os Padres a formular os dous capitulos V. da sess. VI, e II da sess. XIV. *de Ref.* que se completão um ao outro. Instaurando os antigos canones, diz o grande Arcebispo D. Romualdo, elles só tiverão em mira manter as antigas regras, acerca da ordenação em diocese alheia ou admissão de clerigos estranhos. Os demais actos Episcopaes, continúa o sabio Prelado, erão como de uma importancia secundaria, e não estavão sujeitos á mesma sancção das penas impostas aos transgressores das leis concernentes á ordenação. E em abono desta doutrina cita a Constituição *ad audientiam nostram*, de 15 de Fevereiro de 1753, na qual o erudito Pontifice Benedicto XIV, um dos melhores e mais seguros interpretes dos oraculos emanados da cadeira de Pedro, como perfeitamente instruido das regras da Igreja, faz uma luminosa distincção entre o acto da ordenação e os outros, que elle ahi enumera debaixo do nome de Pontificaes, declarando, que, segundo o espirito do Concilio, a suspensão só é imposta *ipso jure* ao Bispo, que confere Ordens fóra de sua diocese, sem licença do proprio ordinario; mas que, quanto *ás outras funcções, não havendo lei alguma, que tal pena infligisse, só ficão, os que as praticarem, sujeitos ao peccado.* Eis aqui as formaes palavras do immortal Pontifice. *Hoc uno interjecto discrimine inter collationem ordinum et reliquos præmemoratos actus, quod Episcopus ordines conferens extra propriam Diœcesim absque Ordinarii loci licentia, suspensionis pœnam, ut supra dictum est, ipso jure incurrit, et reliquos recensitos actus excercendo eidem pœnæ nequaquam subjicitur, quum lex non adsit, quæ eam ferat, quamvis cæteroquin præmissa agens, peccati reus fiat.*

« Se pois eu não fiz ordenação alguma, mas celebrei uma simples missa Pontifical, e em lugar isento; se até de nenhum peccado me dóe a consciencia, visto ter procedido na maior simplicidade e boa fé, não tendo o menor intento nem precisão de usurpar alheias jurisdicções, tendo um clero e diocese, sobre que posso exercer a minha, como é, que sou fulminado por uma censura gravissima, que só pode ser infligida pelo crime gravissimo, de que falla o Concilio?

«Por ultimo, exm. sr., inda supponho, que houvesse com effeito em mim toda a má vontade e temeridade desses tristes Bispos, increpados pelo Conc. Trid., a quem competeria declarar-me ferido pela penalidade ahi marcada? Só á Santa Sé Apostolica, a quem pela jurisprudencia novissima, estabelecida na sess. XXIV. cap. V. do mesmo Concilio, são reservadas todas as causas maiores dos Bispos, como são estas, em que se trata de uma suspensão. Nem o Arcebispo Metropolitano o poderia fazer; ainda reunido a todos os Bispos do Brasil em Concilio Provincial, não poderião elles declarar um Bispo suspenso da Ordem Pontifical, tanto o negocio é grave, e de repercutir em toda a Christandade, quanto mais um mero Vigario Capitular, revestido apenas de uma auctoridade delegada e transitoria, que não o eleva acima da condicção de simples Presbytero, a quem é o Bispo hierarchicamente superior, como é de fé catholica, definida pelo mesmo ecumenico Conc. de Trento, sess. XXIII. cap. IV. Em que paiz, em que epocha da historia da Igreja se viu jámais o triste e escandaloso espectaculo de um Padre, declarando em face da Catholicidade a um Bispo como incurso nas mais graves penas dos canones, com manifesta subversão de todas as leis da disciplina e de toda a ordem da sagrada hierarchia?

«Não proseguirei, exm. sr., o mesmo estylo, em que é concebida essa peça, na qual o espirito e a lettra dos canones são tão tristemente adulterados, trahe a ironia acerba e a fome de odio, de que estava possuido o seu auctor. A questão do direito, que me assistia, ou deixou de assistir, torna-se toda secundaria, e, por assim dizer, desapparece; o principal, o que domina tudo, é a audacia incrivel de um Padre, que arrasta por terra a Cruz de um Bispo, e lança o escarneo sobre um Principe da Igreja, que, bem que indigno, é um successor dos Apostolos, a quem o Espirito Santo pôz para reger a Igreja de Deos; um d'aquelles, aos quaes, segundo os oraculos dos Concilios e os decretos apostolicos, devem até os Principes profunda reverencia e respeito.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

«Eis o facto, que ao partir para minha Diocese, julguei dever levar á alta consideração de v. exc., que como digno representante do Summo Pontifice neste imperio, e eminentemente interessado em manter illesos a honra e o decoro do Episcopado Brasileiro, tomará as medidas, que em sua sabedoria julgar convenientes, para sanar este escandalo, e lavar a injuria feita a toda a Ordem Episcopal em minha humilde pessoa.

«Declaro por mim a v. exc. revm. que me acho disposto a obedecer em tudo ao Santissimo Padre Pio IX, em quem reconheço e reconhecerei sempre plenos poderes de me reprehender, me corrigir e impor-me penas, como aquelle, que é o Pastor dos Pastores, o Chefe Augusto do Episcopado, em quem todos guardamos a unidade da fé no vinculo da paz e da caridade.»

Estes forão, e são meus sentimentos. Lêde agora a circular junta.

Antes, porém, acceitae, Sr. e dignos Cooperadores, a expressão de minha profunda e inalteravel dedicação em Nosso Senhor.

† ANTONIO, Bispo do Pará.

Pará 26 de Novembro de 1861.

N. 239.—Circular—Exm. Rvm. Sr.—Não podendo eu duvidar, que terá chegado ao conhecimento de V. Exc. Rvm. o triste e infausto acontecimento, que, ha poucos mezes, se deu entre o ultimo vigario capitular da diocese da Bahia e o exm. bispo do Pará, estou, que a temeridade d'aquelle vigario causou a V. Exc. Rvm.ª a mesma indignação que a mim.

Mas não querendo eu em cousa de tão grande momento contentar-me com minha opinião e juizo, julguei optimo manifestar e entregar todo o negocio intacto ao Summo Pontifice, unico juiz e arbitro; pelo que acabo de obter letras do Eminentissimo Secretario, em data de 26 de Agosto do corrente anno, das quaes manifestamente apparece a dor, que sentio o animo do Summo Pontifice, ja de tantos pezares agitado, ao ouvir os actos indebitos praticados pelo vigario capitular Bahiano contra o Exm. Bispo do Pará; e na mesma carta o Summo Pontifice desapprova, reprehende e argúe a imprudencia e audacia do supradito vigario capitular, affligindo-se de ter um simples sacerdote, levantando indecentemente a vóz, comminado censuras ecclesiasticas contra a Ordem do Episcopado, a qual só deve ser julgada pela Suprema Sé.

Communico a V. Exc. Revm.ª esta desapprovação pontificia, para que seja bem conhecido a V. Exc. Revm.ª e a todo o clero secular e regular da Diocese a V. Exc. Revm.ª sujeita, quanto o paterno animo do Summo Pontifice se interessa profundamente pelo episcopado brasileiro, quanto elle deseja, que de todos seja venerada e altamente apreciada a dignidade, a autoridade e honra do mesmo episcopado, e quanto taes temeridades, que transtornão e subvertem a disciplina ecclesiastica, são pela Sé Apostolica desapprovadas.

Deos Guarde a V. Exc. Revm.ª Paço da Nunciatura Apostolica 13 de Outubro de 1861.

† *Mariano*, Arcebispo de Athenas.

Internuncio Apostolico Enviado Extraordinario.—Exm. e Revm.º Sr. Bispo do Pará.

EXPEDIENTE DO BISPADO.

Dezembro de 1861.

6—Officio ao Exm. Sr. Presidente da Provincia —Passo ás mãos de V. Exc. a relação, em duas vias, e preços dos objectos comprados para a mobilia do predio, que tem de servir de Paço episcopal, segundo me determinou V. Exc. em officio de 23 de Novembro ultimo; podendo V. Exc. mandar pagar a dita quantia ao fornecedor o Sr. Theotonio Albino Martins com a brevidade, que for possivel.

—*Idem* ao Exm. Sr. Ministro do Imperio.—Em cumprimento do officio de V. Exc. de 16 de Outubro ultimo achará V. Exc. a inclusa relação exigida dos Breves requeridos á Nunciatura Apostolica para esta Diocese, a datar de Março de 1859 até hoje, ficando eu certo, como é de dever e costume neste Bispado, de não cumprir Breve algum, que não seja precedido de Licença Imperial, sendo depois acompanhado com o Beneplacito.

Cabe-me ainda mais uma vez a satisfação de informar á V. Exc. que esta Diocese continúa em verdadeira paz.

9—*Idem* ao Exm. Sr. Presidente da Provincia.—Inclusa remetto á V. Exc. uma supplica, que me faz a Irmandade de São Benedicto da cidade de Caxias, afim de que eu haja de promover, pelos meios ao meu alcance, á que seja recebida pela Mesa administrativa da mesma Irmandade a quantia de um conto de reis, decretada pela Assembléa Legislativa Provincial em sua ultima sessão, para adjutorio das despezas, que a mesma tem feito á expensas suas com a edificação de um cemiterio n'aquella cidade; e parecendo-me justa a referida supplica, rogo á V. Exc. o deferimento d'ella, para que seja levada á effeito a conclusão de uma obra tão util aos Fieis d'aquella cidade, dando para isso suas ordens.

10—*Idem* ao Commendador do Convento de N. S. das Mercez.—Accuso o recebimento do officio, que me dirigio V. Rvma. em data de 22 do mez passado, no qual me communica ter n'essa data nomeado o Sr. Joaquim José Castanheira, não só para Procurador das causas, que sobrecarregão á essa Communidade, como tambem para administrador das fazendas agricolas da mesma Communidade, pela quantia de oito centos mil reis.

Cumpre-me responder á V. Rvma. que approvo essa nomeação, comtanto que sejão feitos os pagamentos dos rendimentos, que houverem, provenientes da dita administração, sem nunca lançar mãos de bens, e nem contrahir dividas para esse fim, devendo V. Rvma. fazer os pagamentos, da maneira que mais convenha a ambos, de sorte que no fim do anno esteja V. Rvm. quite com o dito administrador, ficando este obrigado a prestar suas contas ao Exm. Ordinario no fim do mesmo anno, observada sempre a Provisão do Exm. e Rvm. Sr. ex-bispo desta Diocese, D. Manoel Joaquim da Silveira, de 29 de Março de 1859.

—*Idem* ao Exm. Sr. Presidente da Provincia do Piauhy.—Respondendo ao officio de V. Exc. datado em 27 do mez passado, no qual me communica, que o Padre João Antonio Cardoso S. Paio não pode, pelo seú estado de velhice, continuar mais no exercicio das funcções de Vigario encommendado da Freguezia dos Picos, tenho de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

scientificar á V. Exc. que em data de 13 de Novembro findo mandei passar Provisão ao Padre Francisco de Paula Moura, o que fiz certo á V. Exc. por officio da mesma data.

11—*Idem* ao Rvd. Vigario de Santa Anna do Burity.—Communicando-me o Exm. Sr. Presidente da Provincia em officio de data d'hontem, que se achão preenchidas as formalidades prescriptas pelo art. 2.º da Lei Provincial n. 625, de 27 de Setembro do corrente anno, que transfere a séde da Freguezia de Santa Anna do Burity, municipio do Brejo, para o lugar—Curralinho—no dito Municipio; cumpre, que V. Rvma faça, quanto antes, mudar a sua residencia para o lugar da nova séde da Matriz.

—*Idem* ao Exm. Sr. Presidente da Provincia.—Accuso o recebimento do officio, que V. Exc. dirigio-me em data d'hontem, communicando-me, que se achão preenchidas as formalidades prescriptas pelo art. 2.º da Lei Provincial n. 625, de 27 de Setembro do corrente anno, que transfere a séde da Freguezia de Santa Anna do Burity, para o lugar—Curralinho—no dito municipio.

Sou a responder á V. Exc., que n'esta data ficão dadas as ordens ao respectivo Parocho, para fazer, quanto antes, mudar sua residencia para o lugar da nova séde da Matriz.

—*Idem* ao Rvm. Sr. Conego, Cura da Cathedral.—Tendo-se no dia 7 do corrente mez dado na Freguezia de N. S. da Conceição desta cidade uma circumstancia bem desagradavel por occasião do enterramento do cadaver do preto Raymundo Serejo, acompanhado pelo respectivo Coadjutor, e para que não se reproduzão semelhantes escandalos, sou a recommendar á V. S. Rvma. que faça, em casos taes, observar o que dispõe o Liv. 4.º Tit. 46, e n. 821 da Constituição do Bispado.

Identicos aos dous Vigarios da Cidade.

18—*Idem* ao Illm. Sr. Dr. Secretario do Governo.—Fica em meu poder o exemplar impresso da collecção das leis geraes, relativas ao anno de 1837, que, em virtude do regulamento provincial de 29 de Setembro de 1855, se servio V. S. remetter-me.

23—*Idem* ao Exm.º Sr. Ministro do Imperio.—No dia 5 do corrente nomeei o Rvd. Francisco José Cabral Vigario encommendado da Freguezia de Nossa Senhora das Dores do Itapecurú-mirim, desta Provincia e Bispado, em substituição do Padre Antonio Francelino de Abreu, que se acha physica e moralmente impedido, o que communico á V. Exc. para seu conhecimento.

Identico ao Exm. Sr. Presidente da Provincia.

—*Idem* ao Exm. Sr. Presidente de Provincia.—Em resposta ao officio de V. Exc. de 11 do corrente, acompanhado com um officio por copia do Exm. Presidente da Provincia do Piauhy, e mais duas outras copias, uma de um officio, que de Paranaguá dirigio o respectivo Juiz de Direito interino ao mesmo Exm. Presidente, queixando-se de um Sacerdote desta Provincia, que se acha na Freguezia de Sancta Filomena daquella Provincia, introduzindo n'aquelles povos ideas revolucionarias, aconselhando-os a não obedecerem as auctoridades legitimamente constituidas d'aquelle lugar; tenho de certificar á V. Exc. que taes factos me são desconhecidos inteiramente; e como sejão elles puramente civis, entendo, que civilmente devem ser punidos, e quando assim succeder, e me for communicado, então imporei ao dito Sacerdote, que ignoro, quem seja elle, as penas canonicas, como me cumpre.

VARIEDADE.

Descoberta.

O Governo Inglez acaba de terminar o grande e laborioso recenseamento de 1851 á 1861, e o qual versa, se o catholicismo tem perdido ou ganho na Irlanda. O numero total das pessoas, que professão a Religião do Estado na Irlanda, até 7 de Abril, somma 678,661. O numero das pessoas pertencentes aos mil cultos protestantes dissidentes, assim como na Religião Judaica 595,899. O numero total dos Catholicos é de 4,490,593. Os catholicos são pois tres vezes mais numerosos que os protestantes de todas as seitas e os Judeos. Si se compara os catholicos da Igreja estabelecida por Henrique VIII e Elisabeth, os catholicos estão na razão de seis para um. O protestantismo não tem conquistado na Irlanda, senão terras e prata. Póde-se portanto repetir hoje, de accordo com o P. Perraud, que publicou no *Correspondent* um trabalho estatistico da Irlanda, donde nós tirámos todos esses detalhes—pode-se lembrar á Igreja Anglicana esta vigorosa apostrophe, que lhe dirigio Lord Macauley em 1845: vós sois o mesmo, que ereis, ha dous seculos; vós não tendes nada ganho sobre o dominio da antiga fé.

(Extr.)

NOTICIAS DIVERSAS.

—No dia 30 de Dezembro findo foi o Revd.º Sr. João Evangelista de Carvalho instituido e collado Parocho da freguezia de S. José de Guimarães, nesta provincia e bispado, em vista da Carta imperial respectiva. Felicitamos da nossa parte ao novo Parocho, e ás ovelhas, que vão ser por elle dignamente apascentadas. Praza aos ceos conceder-lhe vida longa e dias felizes em sua carreira parochial em proveito da sociedade civil e religiosa, e para salvação das ovelhas, de que ora se acha encarregado. O Sr. Vigario Carvalho, attenta sua educação civil e moral, bem como a instrucção religiosa, que adquirio com louvor no nosso Seminario, promette ser util, e prestar serviços reaes e valiosos á Igreja maranhense.

—Pedimos desculpa aos nossos benignos assignantes pela demora, que tem havido na publicação deste e d'outros numeros anteriores do jornal, causada toda por affluencia de trabalho na typographia; e esperamos d'hora em diante, que serão os numeros publicados regularmente.

ANNUNCIO.

O kalendario ecclesiastico

OU

A FOLHINHA LATINA

Para o anno corrente, acha-se á venda nesta typographia; e em Caxias em mão dos Revm.os Srs. Conego Arcipreste Antonio Julião Soares, e Vigario Raymundo João Alvares Duarte.

Preço..... 1$000

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Im. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1862.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 224.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

SABBADO 18 DE JANEIRO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

CARTA PASTORAL.

Dom Frei Luiz da Conceição Saraiva, por mercê de Deos e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Maranhão, do conselho de S. M. o Imperador etc. etc. etc.

A todos os nossos diocesanos saude, paz e benção em Jesus Christo, nosso Redemptor, e consolação do Espirito Santo.

(Continuado do n.º antecedente).

Não vos esqueça, que não foi o estalo da funda de David, quem derribou o gigante, mas a obra da sua pedra. E quando o Creador resolveu converter o mundo, mandou seu Filho feito homem. O Filho de Deos, emquanto Deos, é a palavra de Deos; o Filho de Deos, porém, emquanto Deos e Homem, é a palavra e a obra de Deos juntamente (8); de modo que até de sua palavra, desacompanhada de obra, reflecte um preclarissimo Theologo (9) não fiou Deos a conversão dos homens, antes na união da palavra de Deos com sua obra fez consistir a efficacia da salvação do mundo. E com effeito, de que servirá, e que fructo produzirá a palavra divina, se o Pastor, que a repartir, não tiver a convicção profunda de sua alta missão, ou não estiver revestido e ornado com todas as virtudes proprias do seu santo sacerdocio? Sem uma vida pura, autorisada por actos constantes de virtude, elle não fará mais do que prégar aos sentidos, sem mover o coração: em lugar de chamar os peccadores ao arrependimento, autorisal-os-ha no vicio e no crime, tornando-se desprezivel aos olhos das proprias ovelhas, que não enxergarão neste ministro senão um indigno Pastor, que no publico representa miseravelmente um papel de comico, e por seus escandalos profana a casa de Deos.

E para vos propôr o modelo de um bom prégador a semear a palavra de Deos, contemplemos. Irmãos e Filhos muito amados, aquelle venerando Baptista, o qual, se prégava a penitencia, mostrava no descarnado corpo o retrato rude da aspereza. Se exhortava ao jejum ou á abstinencia, seu sustento erão os gafanhotos e o mel silvestre; e quando suas palavras condemnavão a soberba, ou reprehendião a vaidade das galas, e prégavão o desapego do mundo, punha no exemplo diante dos olhos dos ouvintes o homem vestido com as cordas e o cilicio á raiz da carnes, abandonando as côrtes e os palacios pelos desertos e as covas.

Se esta Diocese não estivesse tão pacifica, como sabemos, não seria ainda assim esta occasião opportuna, para fazer-vos sentir as obrigações particulares de cada um. Todos vós deveis estar bem inteirados nos deveres impostos pelo Concilio Tridentino a todos os, que estão encarregados do officio de cura d'almas, para vos não illudirdes com a paz, que actualmente goza este nosso rebanho.

Em todo o tempo devemos estar vigilantes e sempre fortes na fé, resistindo ao adversario, que não deixa de cercar-nos. Não seja nosso silencio causa do desvio do rebanho, que Jesus nos confiou, e motivo para nós mesmos nos reprehendermos, á semelhança do Propheta, *Væ mihi quia tacui* (10) e não imitarmos os pastores de Israel, que o mesmo Propheta (11) quando os descreve, tanto os censura.

Façamos como trombetas soar as nossas vozes (12) e esperançosos nas luzes e virtudes do Espirito Santo, para o perfeito desempenho de nossos deveres sacerdotaes, não suspendamos o nosso fatigoso, mas glorioso trabalho, fazendo-nos por merecer, afim de podermos contribuir para a salvação das almas. Sendo estes os deveres do sacerdocio de Christo, não podemos ter para comvosco linguagem diversa. Todos nós devemos saber o, que Jesus Christo exige de um sacerdote, que, por ser o ministro encarregado dos verdadeiros interesses do Céo, não deve autorisar com seu exemplo procedimento, qualquer que offenda os seus mandamentos. Ungido com o oleo santo, dispensador do adoravel e preciosissimo sangue do Redemptor, não deve condemnar-se, profanando o seu caracter, e rebaixando um sacerdocio, que os proprios Anjos invejão.

Illustrai vossa intelligencia, purificai vosso coração; e só assim podereis ser a luz do mundo e o sal da terra. Não deixemos de ter diante dos olhos por um só instante aquellas severas palavras do Propheta, quando exprobrava os peccados dos pastores de Judá; e confiados na mise-

(8) S. João 1—14.
(9) Vieira, *Sermões*.
(10) Isaias, 65.
(11) 56—10.
(12) Isaias 58—1.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ricordia do Senhor, imploremos-lhe a graça de não permittir, que se verifiquem na nossa Diocese aquellas duras reprehensões, e que o sanctuario não seja a origem dos peccados do povo. Regrem a nossa vida as boas obras; procuremos para nossas acções todo o possivel merecimento na pratica de actos inspirados pelo amor e temor de Deos, que influe em nossos corações, sem que percebamos, fortificando-nos na caridade por meio de boas obras, pela frequentação dos Sacramentos, pela lembrança dos seus beneficios (13) em velar sobre este rebanho de Jesus Christo, que elle tanto amou, para santifical-o, e tornal-o em Igreja gloriosa, sem mancha, sem defeito, mas santa e immaculada (14).

Assim já vimos, Irmãos e Filhos muito amados, que Deos, estabelecendo esta Religião, quer, que todos os viventes se aproveitem do beneficio, que Jesus Christo nos trouxe, e com o fim de salvar a todos, confiou aos seus discipulos o poder de ligar e desligar, deixando-nos todos os meios de salvação; e que esta sua Igreja seja a sociedade dos fieis de todo o mundo, unidos pela mesma profissão de fé, participando os mesmos Sacramentos, e com submissão aos pastores legitimos, especialmente ao Soberano Pontifice, que goza do primado de honra e jurisdicção.

Se pois o Salvador quer, que a sua Igreja seja uma, Santa, Catholica e Apostolica, confirmando esta verdade, quando representa a igreja como um reino, cujo chefe é o soberano Pontifice, advertindo-nos, que um reino dividido é destruido (15); se elle nos diz: «Eu ainda tenho outras ovelhas, que não são deste curral, é preciso, que eu as conduza, e então não terá mais que um só curral e um só pastor (16)»; se Pedro é representado como o pai de familias sempre amoroso e solicito no cultivo de sua vinha, quando pede a todos conta dos seus serviços, fazendo de todos os fieis uma só familia completamente unida a Pedro; como vos não despertarei, pais e mães de familias, e fieis desta nossa Diocese, para cada vez mais estreitardes este vinculo, e fazerdes-vos agradaveis a Deos, que quer, que vossa santificação seja a expressão fiel e estricta do vosso Baptismo e de vossa fé?

De vós a Religião espera tudo; de vossa união matrimonial devem nascer todos os bens espirituaes e temporaes para a Igreja e para o Estado; porquanto, não representando vós nada menos do que aquella Igreja domestica, de que falla o Apostolo S. Paulo, deveis ser os primeiros dispensadores do alimento espiritual, que tanto aviventa o coração e a alma, como o leite nutre o corpo, concorrendo, por meio de uma educação religiosa, para a felicidade desta vida da familia, que depende de um amor tão puro, e todo semelhante ao amor, que Jesus tem á sua Igreja.

Instruidos vossos filhos nessas verdades, animados pelo amor e temor de Deos, não poderão deixar de ser bons christãos e bons cidadãos, tanto para garantia da ordem publica, como para satisfacção dos deveres para com Deos, que providencialmente confiou aos vossos cuidados essas suas innocentes creaturas, para glorifical-o, e honrar a patria por suas virtudes politicas e christãs.

Desenganai-vos; fora da Igreja Catholica nenhum bem solido e santo é possivel. E' só nestas verdades, emanadas do Céo, no cumprimento exacto dos preceitos do Evangelho, que as tribulações, as privações e angustias desta vida podem encontrar o conforto e lenitivo, pois que a desesperação é inseparavel da descrença e da incredulidade. Agradecendo a Deos os beneficios, que todos os dias recebeis, testemunhando-lhe vossa alegria na presença de vossos filhos, ensinando a estes a ter o reconhecimento e adoração digna do Redemptor, e a comprehender os preceitos do Christianismo, vós lhes proporcionareis os meios para se salvarem, e, mostrando-lhes, ao mesmo tempo, quaes os meios, que os devem conduzir para procurar a felicidade temporal, vós os podereis instruir com o exemplo de Nosso Senhor Jesus Christo, que obediente até a morte, sempre se distinguio e assignalou em todos os dias da sua vida mortal pelo respeito, submissão e fidelidade aos poderes da terra, prégando a todos os seus verdadeiros seguidores: «Dai a Deos o que é de Deos, e a Cesar o que é de Cesar (17).»

Esta doutrina, Irmãos e Filhos muito amados, ensinada pela Igreja, e recommendada pelo Principe dos Apostolos, nos dirigirá para exhortarmos a todos, confirmando-os na fé, afim de que a vocação de cada um se faça certa, mediante os infinitos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Christo. Ella nos ensina ainda todos os preceitos para regular nossas acções, apresentando-nos por modelo uma moral purissima e uma caridade admiravel. Quando o Divino Mestre nos falla, nos exhorta do seguinte modo: «Aquelle, diz Jesus Christo, que guardar os meus mandamentos, é o que me ama, elle será amado de meu Pai, eu mesmo o amarei, e me farei delle conhecido (18). Ninguem ama verdadeiramente a Deos, sem que ame a seus irmãos, aos estrangeiros e aos seus proprios inimigos (19).» E apresentando-nos o motivo, diz-nos: «Amai aos vossos inimigos, afim de que sejais filhos do Pai Celeste, que faz bem a todos (20).» Que o homem nos tenha e olhe como ministros de Jesus Christo, e dispensadores dos mysterios de Deos, pois que estabeleceu os Bispos para regerem a Igreja de Deos (21).

S. Matheos declara, que, tudo, quanto elles ligarem ou desligarem sobre a terra, será ligado ou desligado nos Céos (22). Se porém Deos, encarregando a todos os Apostolos, que ensinassem a todas as nações, e que prégassem o Evangelho a toda a creatura, commettendo-lhes a autoridade de ensinar, o que importa a de julgar qualquer doutrina conforme ou contraria á de Jesus Christo, approvando a primeira, e reprovando a segunda, não encarregou a Pedro somente estas funcções, mas a este diz mais: «Apascentai os meus cordeiros e as minhas ovelhas (23)»; em presença desses preceitos, nós, Irmãos e Filhos muito amados, estamos vivamente esperançosos, que, co-

(13) S. João, c. 14, v. 21. 23, 24.
(14) Ad Ephes. 5. 25, 27.
(15) Math. c. 12 v. 25.
(16) S. João c. 10 v. 16.
(17) Math. c. 21 v. 21.
(18) S. João c. 14. v. 21.
(19) S. Lucas c. 10 v. 31.
(20) S. Matheus, c. 5 v. 45.
(21) Act. c. 20 v. 28.
(22) S. Math. c. 18 v. 18.
(23) S. Pedro c. 5 v. 2.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

mo bons christãos, ouvireis, e com docilidade recebereis a voz do Pastor, que Deos escolheu para reger esta sua Igreja; pois que Jesus Christo disse a seus Apostolos: «Guardai fielmente a doutrina, que vos tenho confiado, e ensinai-a aos outros (24) »

Não deixamos de comprehender, que uma doutrina revelada, que contraria tanto os preconceitos e as inclinações da natureza, quanto subjuga o espirito e aperfeiçôa o coração, não póde deixar de ser impugnada por todos os homens de espirito vão, e obstinados em tudo subordinar ás regras de uma philosophia errada e fallaz, e em tudo discutir com a razão desvairada. Esses porém, assim como são rebeldes ás doutrinas puras do Christianismo, não encontrão tambem inconveniente para repellir as doutrinas de qualquer Religião, de qualquer seita ou escola philosophica. Não podendo nunca nem harmonizar-se com Deos, que é a summa verdade, nem com os seus proprios pensamentos, com os quaes vivem em luta continua, cahindo de contradicção em contradicção, precipitão-se debruços no abysmo do erro, da descrença, da heresia, da blasphemia, e tudo arvorão em systemas de crenças, tão multiplicados como as legiões das trevas. Enthusiastas adoradores da razão humana, tão orgulhosa como fraca, inventão motivos para sua fé, fantasião systemas e opiniões chimericas, e substituem e preferem por fim suas luzes á razão divina. Esta sedição e rebeldia incomprehensivel, que constitue a base e o fundamento do Protestantismo, vai desgraçadamente inficcionando a muitos dos catholicos incautos ou insipientes, os quaes á semelhança dos seus infelizes sectarios, não crêem senão no, que lhes agrada, e no que conhecem, amoldão a palavra de Deos á sua intelligencia, a seus caprichos, e, o que é mais horrivel, oh! Santo Deos! aos seus proprios vicios! Espirito satanico, que umas vezes orgulhosamente esposa todas as heresias, e outras partilha miseravelmente todos os erros philosophicos, affligindo a Igreja, que vê tantos filhos perdidos para si e para Deos!

Espirito satanico, que, destruindo, diz, que regenera; que invertendo tudo, quanto ha de puro e santo, chama a piedade baixeza, a consciencia escrupulo, a modestia mysantropia. A caridade christã, chama-lhe humanidade, beneficencia; ao amor do proximo philantropia; á devassidão, prazeres da vida; á disciplina ecclesiastica opiniões ultramontanas, ás penas canonicas, ao zelo, abuso de jurisdicção, imprudencia; ao suicidio heroismo. Ousão até sem pejo remontarem-se aos primeiros dias da Igreja nascente, e a ver nos apostolos qualidades differentes e caracteres contradictorios; elles os enxergão cheios de profunda estupidez, e de uma grosseria desmedida, dotados ao mesmo tempo de prudencia consummada e de uma coragem heroica, um fanatismo intoleravel, e um zelo solicito para a gloria de Jesus Christo, uma cega ambição, e um desejo ardente para o martyrio!

Seita desastrosa, que, nascida de perversos e sanguinarios, furda-se em pensamentos desvairados e extravagantes, e se propaga insidiosamente nas familias, insinuando-se pelas trevas da ignorancia, e pela indifferença descuidosa dos tempos nos animos incautos, tomando como a serpente do peccado as fórmas seductoras. Fugi, Irmãos e Filhos muito amados, fugi desses prophetas falsos, e embaidores, que se introduzem no rebanho, disfarçados com as pelles das ovelhas, mas são lobos devoradores.

Contra essa soberania da razão sem a revelação protestão os erros dos profundos politicos, dos grandes filosophos, e dos sabios historiadores. Os males, que ella tem produzido, contrastão com os bens, que o Catholicismo tem feito. São admiraveis os effeitos civis e politicos, que o Christianismo tem feito nascer em todas as nações, que hão tido a felicidade de o aprender. Diz um grande escriptor, que a elle devemos a decencia, a honra, e a doçura dos costumes; que as suas verdades e principios, quando bem gravados no coração do homem, fortificão mais os nossos sentimentos, para comprehendermos os deveres de cidadão, do que a falsa honra das monarchias, as virtudes humanas das republicas, e o terror servil dos Estados despoticos (25). A Religião christã pois, facto admiravel! que parece não ter outro objecto que a felicidade eterna, é sem duvida ainda o mais forte e melhor apoio para a nossa felicidade nesta vida.

Nenhuma outra linguagem podemos ter, repetimos, porque esta é a linguagem da Igreja, fóra da qual não ha salvação. Só por estas revelações pode o homem saber d'onde sahio, para onde caminha, e para o que é destinado; só ellas lhe poderão mostrar, que já estava desviada das revelações primitivas a sua origem, e qual deve ser sua existencia em relação aos fins da sua creação, e libertal-o dessas paixões humilhantes, que a Philosophia tanto engrandecia e alimentava por meio dos systemas tão absurdos, como contradictorios, attribuindo ao acaso a origem desta creatura racional e livre, marcando o sentimentalismo, como a unica esphera e limites da sua liberdade, e o nada como o fim da existencia; e mostrar-lhe toda a sua grandeza, habilitando-o a ver em um dia essa face luminosa, que toda é amor e misericordia, por meio de uma moral tão pura, santa e subhime, como a divindade de seu autor.

E vós, mãis de familias, que por ellas fostes resgatadas da mais vil e desprezivel condição de escravas, para serdes coroadas com os titulos de mãis e esposas, dobrai os vossos joelhos diante deste Redemptor, testemunhando-lhe um eterno e profundo reconhecimento, porque hoje já não ha distincção entre o homem e a mulher; sois um corpo em Jesus Christo (26) devendo os maridos ter toda a doçura e a mais terna affeição para com suas esposas, e estas submissão e fidelidade para com seus maridos (27).

Em presença de tanta caridade deste Divino Redemptor, nossa espirito se confunde, nosso coração se humilha, e por este amor infinito, que sempre solicito e cheio de ternura e complacencia para comnosco, nós nos espantamos cheio de temor, e não achamos senão o si-

(24) Timoth c. 2 v. 2.

(25) *Esp. das Leis*, 24 c. 3 a 6.

(26) S. Paul c. 3, v. 8.

(27) Coll. c. 3, v. 18.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

lencio como o unico hymno digno delle: *Silentium tibi laus Deus in Sion.*

Digamos pois com o Apostolo: *Christus heri et hodie; ipse et in secula* (28). E voltando cheios de fervor para o chefe visivel da Igreja, com o mais vivo e doloroso sentimento, que em nossos corações produz a perseguição sempre crescente, para fazer sossobrar a apparentemente fragil barquinha do Christianismo, que não tem senão no Céo o soccorro para sua salvação, não podemos deixar de pedir a todo o Clero e fieis de nossa Diocese, que dirijão aos Céos preces incessantes, para que Deos faça serenar a grande tempestade, que a impiedade, sob os trajes da Politica, tem agitado; ellas que são o baluarte mais inexpugnavel contra as tentativas do inferno sempre inquieto, e que hoje, sob a apparencia de uma obediencia illusoria, e falsa liberdade, exerce uma pressão mais terrivel que em tempo algum; e, saudando-o com as demonstrações de nossas puras e inalteraveis convicções, digamos:

«Santissimo Padre. Nós vos reconhecemos como o Chefe visivel da Igreja Catholica, Pai commum, e centro da unidade; que do Céo emanou vosso poder, e que é distribuido pela terra com suavidade, uncção e valor. Sim, Beatissimo Padre, o vosso poder todo celestial faz abalar as potestades infernaes, e estas, agitadas, procurão destruir essa rocha viva, para a qual convergem todos os corações catholicos. Nós confiamos na Divina Providencia, que vosso Sacratissimo Poder, necessario para a conservação e direcção da Igreja, para o bem da humanidade, e para o augmento *edificante do mundo moral e intellectual*, não seja abalado, qualquer que seja o pretexto, que as iras infernaes procurem. Santissimo Padre, se o vosso poder se estende para o bem da humanidade, para o bem da Religião, e para o bem da sciencia; se sois o representante visivel de todo este grande movimento, precisais de uma independencia temporal, para bem desempenhardes tão augusta missão. Se a Divina Providencia vos confiou tão subido designio sobre a terra, em seus divinos arcanos estava comprehendida tambem a concessão de um territorio, aonde livremente pudesseis desempenhar funcções tão augustas. Digamos de uma vez, Santissimo Padre, sois rei na terra, com um territorio designado, assim como sois Pontifice supremo, e possuidor das chaves do Principe dos Apostolos, e o orgão da Igreja universal.

«Por todos estes titulos nós vos reconhecemos, e vos saudamos, prestamos as nossas homenagens, e como filhos obedientes para com Vossa Santidade pedimos e esperamos vossa Benção Apostolica.»

Dada na Côrte do Rio de Janeiro, 21 de Outubro de 1861.

✠ LUIZ, Bispo do Maranhaõ.

O Padre Mestre, *Frei Bento da Trindade Cortez.*
Secretario Interino.

Carta Pastoral de Saudação e Exhortação, que V. Ex. Reverendissima houve por bem mandar expedir para todas as Igrejas da Diocese do Maranhão.

(28) Ad Hebre. c. 13. v. 8.

Collaboração.

Com o culto publico glorifica-se a Deos, instruem-se os povos, fortifica-se a religião: ou elle não passará de simples e exteriores ceremonias, que se podem dispensar, sem perder a fé catholica? (*)

I

Se a prestar uma seria e verdadeira attenção aos diversos escriptos de devotados catholicos, pertençáo elles a qualquer tempo, ou a qualquer logar, se se estudar as diversas obras dogmaticas, que a Igreja Catholica tem sanccionado, desde o pequeno cathecismo até os sabios escriptos dos seus maiores padres e doutores, colheremos as seguintes proposições:

Existe um Deos, isto é, um Ser omnipotente, eterno e immutavel, Senhor soberano de todas as c. usas, que existem; sendo a sua existencia por consequencia, e a sua sciencia igualmente simultanea aos tempos e logares, não sendo porem sujeito á divisão alguma possivel de espaço ou de duração.

Elle é unico, e existe por si mesmo: é omnipotente, e como tal creou em seis periodos de tempo, posto que o podesse fazer em menos, o universo e todos os seres materiaes e immateriaes, que em si contém.

No ultimo deste tempo, como para coroar as admiraveis producções realizadas, elle creou o homem de um modo differente das demais substancias existentes, dotando-lhe, alem de outros predicados, tambem de uma alma racional, afim de que tivesse conhecimento d'aquelle, a quem deve a sua existencia, finalmente fél-o o chefe d'obra do universo. Ora, o homem, como um ser intelligente e livre, dotado da faculdade de conhecer e de amar, não pode deixar de render sinceras homenagens á Eterna Magestade, que o creou, senão manifestando os sentimentos de sua alma por actos internos e externos, os quaes, quando em tudo são conformes á religião, constituem as especies de culto, que devemos á Divindade: esta é a doutrina estabelecida no principio dos tempos, e pelo christianismo confirmada, isto é, que somos devedores de um culto a Deos.

Entretanto, para demonstrarmos esta proposição, parece, que deviamos tractar do culto em geral, e, discriminar, umas das outras, as suas differentes especies; mas, como o objecto principal de nossa these diz respeito somente ao culto publico, que tem dado motivos a suscitar-se questões mais ou menos inuteis, e até mesmo pueris, então deixaremos de tratar das duas outras especies de culto interno e externo, que são outros tantos compromissos, que o homem tem a satisfazer para com aquelle, a quem é devedor de sua existencia, e mostraremos somente a necessidade, que ha do culto publico, como uma glorificação a Deos, uma instrucção aos povos, um sustentaculo á religião, e uma firmeza á fé catholica.

Reconhecemos, que não deviamos intrometter-nos em uma questão, aliás tão importante, e que tem sido mui sabiamente demonstrada pelos mestres da sciencia; mas, se no meio de frondosas arvores, que magestosas se esbeltão no pincaro das montanhas, se debaixo de seus

(*) *Por falta d'espaço não temos publicado este excellente artigo ha mais tempo.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

altos cumes cautamente se abrigão pequenos arbustos, isto é, se entre sublimes escriptores e vastas intelligencias, que os seculos teem produzido, mediocres conhecimentos tem tambem apparecido na scena jornalistica, dando brados em favor da religião, tendo por escudo a protecção dos grandes mestres, nós, como o minimo d'entre estes, qual humilde e rasteira planta, que se abriga sob a sombra de annosos carvalhos, afim de ficarem sãs e salvas aos duros rigores do ardente sol, e da furia insensata do rijo vendaval, com maior razão devemos recorrer aos abalisados mestres das sciencias, cuja doutrina é a mesma aqui expendida, afim de ver, se assim a critica, que a nada sabe perdoar, não achando echo cá em baixo, suspende o seu ligeiro vôo, e percorrendo o immenso espaço, nas aereas regiões finalmente vai finar-se.

A nossa penna, temerosa, sempre que se tracta de escrever sobre assumptos transcendentes, d'esta vez, não obstante a animação de outras mais elevadas, não pode calar por mais momento os seus receios, que bem demonstrão a sua mediocridade; mas, se bem que ella nos fizesse interromper o fio de nosso assumpto, todavia a deixaremos vacillar: e semelhante ao joven soldado, que a voz do superior o anima no campo da batalha, onde ouve as ballas e as metralhas sibilarem aos seus ouvidos, nós não esmoreceremos do proposito, que já fizemos; ao contrario levaremos ao seu termo a empreza, que acceitámos livremente, tendo por conductor estas unicas palavras:—*studia adolescentiam alunt, senectutem oblectant.*

Por tanto prosigamos.

II.

E' um facto geralmente sabido e reconhecido, que, d'entre as diversas massas de homens, que se achão espalhados pela vasta superficie da terra, alguns ha, que, levados pelo fofo orgulho de quererem ser independentes, e de deverem a sua existencia somente ao acaso, vivem como sem Deos e sem religião.

Elles, regulando-se por seus unicos sentimentos e por suas acções «como se não estivessem sujeitos ao poder do supremo arbitro de todas as cousas» dominados pelo falso instincto, que os assiste, desconhecendo a obra grandiosa da creação, afastão para longe de si o pensamento do Autor da natureza e do espaço, que contemplão. Classificão de inutilidade as homenagens d'alma e do coração, que constituem o culto interno, feitas á Divindade; assim como nos actos publicos e exteriores, pelos quaes manifestamos os intimos sentimentos de nosso espirito, elles não veem mais que uma applicação mera de actos pueris, apoiados em uma superstição popular: e firmes n'estes falsos principios, proferem as maiores blasphemias, e commettem as maiores impiedades, que desgraçadamente achão sempre estavel apoio no coração corrompido, chegando o seu miseravel orgulho ao termo de desconhecerem aquelle, que é o que é, *ego sum qui sum*, como o verdadeiro autor de sua existencia: e finalmente resumem todo o seu falso pensamento n'estas tres unicas palavras, que bem demonstrão a desordem de suas idéas, a corrupção de seu espirito, e a depravação de seu coração:—*Non est Deus*! oh! sacrilega asserção, horrivel impiedade, terrivel paradoxo! Quem ousa proferir uma semelhante blasphemia? E' o homem: e porque? Porque a cada passo, a cada instante, a cada hora, a cada minuto emfim, tudo o que elle vê e observa, lhe traz ao pensamento a idea de um Deos, cujo poder immenso claramente se revella desde o mais pequeno grão de arêa, até o mais elevado rochedo, desde a mais rasteira planta até o mais altanado cedro, desde o mais humilde insecto até o mais altivo gigante, nos astros, nos ventos, nos mares, e em todas essas immensas maravilhas, que incessantemente contemplamos e admiramos.

Não ha Deos, porque tudo o que elle vê e observa, lhe traz ao pensamento a idea de um Ente, que lhe recorda um Senhor absoluto de toda a natureza creada, e que não de algum outrem senão de si mesmo tem o direito de mandar, e o poder de querér ser obedecido, de um Ente, que instituio uma religião santa e pura, e que foi aperfeiçoada por uma segunda Pessoa, a qual constrange o homem nas suas paixões desenfreadas.

Não ha Deos, porque tudo lhe traz ao pensamento a idea de estar o homem, como creatura, inteiramente dependente e subordinado á aquelle, que de nenhum terceiro e sim de si mesmo depende, e porque o desgraçado orgulho, que não conhece nem superior nem igual, arrasta do pobre athêo as desenfreadas paixões a «murmurarem contra o freio da autoridade divina» chegando o arrojo d'estas mesmas paixões desenfreadeiadas a querer quebrar este jugo, que se pode supportar sem o menor detrimento, e sem offender a Divina Magestade.

Finalmente, não ha Deos, porque tudo isto o impacienta, o irrita, e o arroja nos abysmos da desesperação, somente pela extravagante idea de querer ser independente, e de querer viver não obstante os seus ardentes desejos; por isso que não vê senão a si mesmo no universo, preferindo-se a tudo, até ao mesmo Deos: porem os preceitos e regras, que nos dá a religião divina, constrangem as suas loucas inclinações, obrigão as suas diabolicas pretenções, e confundem o seu miseravel orgulho, que, segundo um autor sagrado «é uma especie de atheismo começado»; e posto que de tempos a tempos appareção homens, que queirão destruir a religião do grande author da natureza, como se fosse um edificio edificado por elles mesmos, todavia a sua força e o seu imperio é tão extraordinario, que, a pezar das vicissitudes, porque tem passado, desde tempos immemoriaes, sempre tem-se conservado firme (e se conservará até o ultimo dos seculos) e com aquella pureza mesma, com que o seu divino Author quiz, que ella apparecesse.

E d'onde partiria o primeiro grito de incredulidade? Seria acaso do seio da indigencia, de entre homens, que, para viverem sobre a terra, buscão o parco alimento nos mais rudes trabalhos, sujeitos ás mais climatericas emergencias, sem um firme apoio e protecção no mundo? Parece, que assim devia ser, a impiedade ter o seu nascimento nas ultimas classes da sociedade; mas não; ellas provém de mais longe, a sua origem é mais elevada.

E na verdade: recorramos ás paginas da historia; e com pasmo ahi veremos, que o primeiro grito de impie-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

dade foi dado por aquelles, que se dizem felizes no mundo, como se este mundo de illusões offerecesse felicidades; foi dado por aquelles, que envilecêrão os nobres titulos de sua origem no charco immundo do torpe orgulho; por aquelles, que em virtude de seu ouro pretendem supplantar as leis do paiz, em que habitão; que repellem como a cousa mais abjecta o pobre mendicante, que por desgraça vai bater á sua porta, e implorar uma esmola, e que tractão com o maior desprezo todo e qualquer, que não se acha nas suas baixas condicções; finalmente pelos falsos sabios foi dado o primeiro grito de impiedade, que infelizmente attrahio innumeros partidarios; porem este grito, que teve a sua séde nos futeis sophismas, é abalado pela logica, que força a nossa razão a proclamar á existencia de um Deos; e tambem pela natureza physica, pela consciencia e pelas grandes massas humanas, que unisonas exclamão—existe um Deos— a quem devemos honrar e amar, respeito e veneração, reconhecimento e adoração: e todo aquelle, que resiste aos seus mandamentos, e não crê em sua palavra, sobre si mesmo attrahe a condemnação. *Qui autem resistunt, ipsi sibi damnationem acquirunt* (1).

III.

Que a creatura racional tem deveres a cumprir, e obrigações a preencher para com a Divindade, a quem deve render-lhe sinceras homenagens, em uma palavra, que é devedor de um culto a Deos, a simples razão, firmada na doutrina catholica, cujo conhecimento, posto que diverso, é tão universal, quanto o genero humano a cada passo nos ensina, demonstrando esta verdade pelas noções, que nos dá de Deos a Theologia natural, ou este sentimento intimo, que, quando apparecemos no mundo, já vem gravado em nossos corações, e que é innato ao homem, o qual, nascido no mais apartado deserto, e vivendo mesmo retirado de toda a sociedade, para a qual fôra creado, tem sempre a idea de um ser, que o creou, e que é por isso mesmo superior a elle; e firmada n'este principio, forma então um raciocinio: existo eu, existe o espaço, existe o mundo; mas para existir tudo isto, que eu vejo e admiro, é necessario, que haja um outro Ente qualquer, que não eu, ou um creador, sem o que nada do, que existe, existiria; e este Ente ou creador necessariamente ha-de ter um poder infinito e uma vontade illimitada para formar tudo, o que está debaixo das minhas vistas, sendo por consequencia superior a mim, ao mundo, e ao espaço.

Porem, se se reconcentrasse somente n'este sentimento innato, que ha um Ser, cujo poder e vontade é absoluto, o homem não teria mais que uma fraca idea de um dos grandes attributos de Deos, o da sua omnipotencia; e por isso lhe foi preciso então a Theologia sobrenatural, que tem o seu fundamento na revelação divina, afim de que ella comprovasse os factos apresentados pela natural. Sim, foi revelando-se, que Deos marcou aos homens as regras de sua conducta, prescreveu a maneira, porque queria, que fosse adorado; e assim, por meio da revelação estabeleceu o culto, que lhe é devido em compensação aos beneficios, que d'elle temos recebido.

Remontemos ao principio dos tempos, percorramos o immenso espaço, e folheemos as paginas da historia, e havemos de encontrar sempre um e o mesmo Deos; Creador que deu a existencia a tudo, o que se apresenta no universo; Conservador, que com a sua sabedoria infinita governa tudo, cercando todos os seres dos cuidados de sua providencia universal «desde o mundo das estrellas até a flor dos campos»; Legislador, que rege o mundo com suas sabias e previdentes leis; emfim Juiz soberano, recto e justiceiro, que no ultimo dos tempos, marcados em seus altos decretos, quando perante o seu tribunal infallivel o grande e o pequeno, o rico e o pobre, o nobre e o plebeo, todos sem distincção forem chamados a comparecerem, e serem julgados segundo o seu eterno juizo, punirá e recompensará o vicio e a virtude, dando a cada um segundo as suas obras: e para que pudessemos evitar o eterno castigo, e o homem não tivesse razão alguma plausivel de queixa, Elle, como um pai boudoso e misericordioso, declarou as suas ultimas vontades, querendo, que o homem, pela manifestação de seus actos internos e externos, reconhecesse, que elle foi feito em virtude de seu grande poder, e da sua soberana vontade; e que lhe deu a preeminencia sobre todos os outros animaes, fazendo-o ao mesmo tempo o rei da creação, e dotando-o com as faculdades necessarias a preencher o fim, para o qual fôra creado.

E deveriamos, á vista de tanta bondade, ser indifferentes para com a Divindade, sem commettermos uma indignidade, qual a de desconhecel-a? Poderiamos apresentar-nos diante da Divina Magestade sem corar de pejo e vergonha por semelhante impiedade? Querer ser indifferente para com a Divindade «é, diz o grande Bispo de Hermopolis, querer, que nos approximemos á insensibilidade do bruto pelos beneficios do Creador, a vergonha e o crime da ingratidão, de que só o ser intelligente é capaz.»

E' verdade, que Deos nenhuma necessidade tem de suas creaturas, por isso que ellas lhe são dependentes, e nem as suas homenagens vão augmentar as suas perfeições, quando elle as tem em grau summo. A sua omnipotencia, infinita grandeza e eternidade, tudo claramente o revella um Senhor absoluto da natureza, o principio e o fim de todas as cousas, sem o qual nada, do que existe, seria creado, estando por consequencia tudo sujeito á sua suprema vontade. «Elle não é como os principes da terra, que experimentão sentimentos internos e verdadeiros de dor ou prazer pela fidelidade ou desobediencia de seus vassallos, e cujo destino depende sempre mais ou menos das paixões e dos caprixos dos povos» (2).

Tudo o que é feito pelo poder do homem, não dura senão um certo tempo; porque, chegado o qual, as suas obras, por mais collossaes que sejão, tem de desmoronar-se, e ficarem reduzidas á inutilidade. Porque, o que é a humanidade comparada á Divindade? Se bem que fosse creada á sua imagem e semelhança, e dotada de sublimes perfeições, ella ainda é menos que um atomo, e tão inferior quanto a materia ao espirito. Mas, não se segue d'ahi, que Deos, em virtude d'esta inferioridade do homem para com elle, que menos preze os seus votos, re-

(1) *Epist. aos Rom. cap. 13. v 2.*

(2) Fravissinous.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

geite as suas homenagens, sempre que são feitas do intimo d'alma e não por comprazer; pois, sendo assim, jamais se poderia dizer um Ente infinitamente perfeito, quando vemos faltar os effeitos de um dos seus grandes attributos, o da sua excelsa bondade. Não, longe de nós uma semelhante idea, que nos conduz ao absurdo, que repugna á mesma natureza.

A bondade de Deos é extrema, e por isso mesmo que é infinita, as homenagens do homem não repugnão á sua eterna sabedoria, como não repugna ao monarcha o reconhecimento de seus subditos, ao pai a submissão de seus filhos, ao senhor a obediencia de seus servos, ao amo o respeito de seus creados.

Consultemos a razão, e o que nos ensina a lei natural, e havemos de descobrir, que entre o Creador e a creatura ha compromissos d'este para com aquelle, deveres a cumprir, que nos impõem as relações de dependencia.

Deos, como Senhor absoluto, e creador de toda a natureza, quiz e inpaz ao homem a maneira, porque o deveria honrar, respeitar e adorar, não que por causa d'esta honra, respeito e adoração elle se tornasse mais feliz do que é; mas para que em todo o tempo o homem, ainda que superior aos seres, que povoão a terra, reconheça, que é inferior áquelle, que habita no Céo, e por quem tudo foi feito: *Omnia propter semetipsum operatus est Dominus* (3).

Porem, de que maneira devia o homem pagar este tributo imposto pelo seu Creador?

Deos, para quem não ha passado nem futuro, e só ha presente, tudo previo no tempo, e accommodou todas as cousas na sua immensa sabedoria de um modo tal, que o homem, mesmo fraco como é, as pudesse conceber e comprehender: estabeleceu o culto como unico e principal meio de chegar até elle. Assim os nossos interesses e sentimentos, ligados pela fé, como a regra de nossos deveres, nos dão motivo de cumprir as obrigações, e de fazer sacrificios, que de nós se podem exigir.

Um culto rendido á Divindade, não é mais do que os intimos sentimentos d'alma tacitos ou expressos, sejão internos ou externos e publicos, os quaes, quando são conformes á religião, bem demonstrão claramente a submissão do homem em observar os mandamentos de Deos, que chegando até nós sem alteração alguma, expressão immediatamente os deveres principaes do homem, ou seja só, ou seja em sociedade; e para que esta reconhecesse tambem o seu gráu de dependencia, lhe foi estabelecido o culto publico, com o qual chega aos fins, para que fôra instituida.

IV.

Quando a sociedade para o desempenho de suas funcções outras leis não tinha senão a lei natural, outras regras senão as das familias, sendo umas e outras por si sós insufficientes para o bom cumprimento de seus deveres, Deos fez baixar do alto, onde impera como soberano, os seus salutares decretos, afim de que ella se mantivesse na ordem, que elle queria, e havia estabelecido.

Gravados em duas taboas de pedra, e dados no cimo do Sinai entre o troar do trovão e o fuzilar do relampago, forão os mandamentos, que o povo Israelita devia religiosamente guardar e observar. E esta lei, que havia de passar da geração presente á geração futura, e que mais tarde foi desenvolvida e promulgada pelo legislador divinamente inspirado, esta lei resume-se toda n'estas duas obrigações bem simples, e que se encontrão na natureza intima do homem: *Amarás a Deos sobre todas as cousas, e ao proximo como a ti mesmo.* Todos os preceitos, quaesquer que sejão, são ou consequencias destas duas obrigações, ou meios de chegar á sua execução» (4).

Devemos pagar ao Soberano Senhor do universo o tributo de amor, de adoração, de louvores e de acções de graças, que lhe devemos; e para cumprimento d'estas obrigações Deos concedeu a graça, este dom sobrenatural e gratuito, pelo qual possamos alcançar a vida eterna, sendo, o unico e facil meio de fazel-a chegar até nós—a oração—esta elevação de nossa alma a Deos, para lhe render homenagens, e pedir seu valimento nas nossas necessidades.

Ora, esta oração, quando feita interiormente pelo homem só, acompanhada de certos actos, constitue o culto interno ou externo; e quando feita exteriormente pelo homem em sociedade, acompanhada de certas disposições, constitue o culto publico, um dos preceitos, que nos impõe a nossa santa religião, e de que não podemos apartar-nos sob pena de sermos tractados como rebeldes, e punidos como taes.

E se a sociedade não pode existir, não pode mesmo dizer-se possivel, assim como o homem não pode dizer-se feliz sem religião, base primordial do edificio social, se o culto externo, como diz um autor contemporaneo «é o corpo da religião, porem ao mesmo tempo com ella a alma de toda a sociedade;» e não podendo o corpo funccionar sem a alma, a sociedade, como a reunião dos seres semelhantes, que tendem para o mesmo fim, seria um corpo puramente material, e as suas acções serião destituidas de todo o interesse, se não tivesse uma alma capaz de influir em todos os seus movimentos, sempre que ella (sociedade) tractasse de pôr em pratica as suas acções (5); e esta alma é a religião, cujos actos por meio de seu corpo, o culto publico, a sociedade deve exterior e publicamente praticar.

V.

O homem, em virtude do seu estado social, para o qual fôra creado, tem necessidade de um culto publico; pois sendo os beneficios, que de Deos recebemos, pessoaes e communs á sociedade, á que pertence, e sendo esta, assim como a creatura, dependente de Deos, seu autor, a sociedade deve render-lhe graças, e reconhecer o seu supremo dominio pelo amor, adoração, orações, supplicas publicas e solemnes.

A religião, essa emanação do Ser divino, vinda ao mundo para a salvação da humanidade, é tambem tão necessaria á sociedade, como o ar, que respiramos. Ella é um verdadeiro codigo, onde se encontrão sem alteração

(3) Prov. cap. 36. v. 4.

(4) Marcadé.

(5) Fallamos da sociedade religiosa, e não da sociedade civil, que, comquanto tenha seu fundamento na religião, todavia os seus actos não são do numero d'aquelles, que, praticando-se, classificão-se de culto publico.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

alguma as regras e leis dos costumes e da moral; é o seu principal fundamento, sem o que jamais se poderá dizer possivel: e para que possa conservar-se com a decencia, que se exige, e garantida dos seus interesses, é necessario, que proteja a religião, e de que modo? como sociedade religiosa por meio do culto, que lhe é peculiar, o culto publico.

Sabemos, é verdade, que toda a substancia do culto legitimo consiste nas homenagens internas d'alma; pois que Deos quer reinar principalmente em nossos corações, mas de que modo o homem, como um ser social, manifestaria os sentimentos de seu espirito e de seu coração, senão por meio da pompa dos seus actos, do brilhantismo de suas festas, e do apparato de seu culto?

Transportai-vos á mais remota antiguidade, ao principio mesmo dos tempos, e encontrareis templos, altares, victimas immoladas, festas solemnes, sacrificios expiatorios, tudo finalmente em honra, gloria, louvores e acções de graças á Divindade pelos beneficios recebidos.

Percorrei agora o novo e velho mundo, e haveis de achar entre todas as nações gravados os mesmos sentimentos de uma maneira porem ainda mais sublime para algumas; pois forão abolidos os sacrificios e antigos usos dos Hebreos pelo tremendo sacrificio da nova alliança, aperfeiçoados pelo christianismo.

Ainda que falsos espiritos não queirão admittir outro culto senão o do pensamento «outro templo senão a natureza» todavia isto não passa mais do que de um exagerado orgulho, que tem o seu desmentido na experiencia, na razão, e no sentimento de todos os povos. «Onde ha povo civilizado, que se limite só ao culto do pensamento, só a essas homenagens invisiveis do espirito e do coração?» (6). E demais, o que é, que nos ensina a razão? Que o homem, creatura subalterna a Deos, deve consagrar-se todo ao seu serviço, rendendo-lhe um culto interno e externo, segundo a sua constituição nativa; porem «um culto puramente interno e espiritual, diz o Cardeal Gousset, é o culto dos espiritos, é o culto dos Anjos;» ora, se o homem não é um puro espirito, e sim um composto de duas substancias material e immaterial, claro está, que elle não pode render á Divina Magestade só um culto interno, um culto puramente espiritual. E na verdade, se o homem vive pelos seus sentimentos, e pelos seus pensamentos se pelo exercicio de suas faculdades intellectuaes é, que o ser material funcciona, não é justo, que, sempre que tenhamos de render homenagens á Divindade, manifestemos os nossos sentimentos pelos actos externos? certo que sim; pois somente ás acções internas limitando-se o nosso culto a Deos, teriamos enfraquecida a nossa piedade e violadas as leis da moral.

Se é um dever do homem concorrer para o bem estar de seus semelhantes, elle deve empregar todos os meios, que estiverem ao seu alcance, afim de fortifical-os nos sentimentos da religião, e não vejo outro mais proprio senão o culto publico—que reune em torno do altar os principes e os vassallos, os grandes e os pequenos, os ricos e os pobres, todos sem distincção, como formando uma só familia.

(6) Frayssinous.

As solemnidades, os ritos, as ceremonias, as pompas, os ornatos, tudo em uma palavra, que contribue para render sinceras homenagens á Eterna Magestade, tudo faz tanto em nós mesmos como em nossos semelhantes as mais salutares impressões, causa as mais vivas recordações, convida as almas mais silenciosas á meditação e á oração, e o pensamento da divindade torna-se mais vivo; emfim, todo este aparato, que se vê e se observa, recorda instantaneamente os deveres do homem para com Deos, para comsigo mesmo, e para com os seus semelhantes. Ao contrario porem, se este reconhecimento e amor, que devemos a Deos, se reconcentrasse somente no fundo de nossa alma, se o não declarassemos por actos externos, se se menosprezasse o culto publico, a religião seria abalada, a fé catholica destruida, a piedade enfraquecida, e a sociedade, faltando-lhe este seu sustentaculo, não teria senão força material, quando houvesse de tractar de suas instituições, ou de sanccionar as suas leis. «Fazei cessar o culto na familia, o filho não terá mais respeito ao pai, senão emquanto elle puder trabalhar para augmentar seu patrimonio; supprimi as assembléas religiosas, os homens não terão mais relação entre si senão nos theatros, nas praças, nos clubs, ou nos lugares de deboches, feichai vossos templos e vossos oratorios, sereis obrigados a fazer prisões ou hospitaes; expulsai a religião de vossas ruas e praças publicas, ella será substituida ahi pela sedição».

Por tanto, sendo o culto publico, como a manifestação solemne de nossos sentimentos, que constitue uma parte da religião, devendo o homem amar, servir e adorar a Deos pelos innumeros beneficios recebidos, e concorrer para o bem estar de seus semelhantes, o culto publico, o meio mais adaptado para chegar a este fim, seria na verdade tornar-se muito ingrato, se o desprezasse como inutil e supersticioso, quando com elle Deos é glorificado, os povos saõ instruidos, a fé catholica é sustentada, e a mesma religião fortificada. Conservemos pois estas palavras do Rei Propheta, quando em seu transporte exclamava: «O' minha alma, dá graças á bondade de teu Deos, e que todos os teus poderes celebrem no futuro seu nome e seus favores.» *Benedic, anima mea, Domino, et omnia quæ intra me sunt, nomini sancto ejus!*

Recife 13 de Setembro de 1861.

Padre *Guilhermino dos Santos Muniz Tavares.*

ANNUNCIO.

O kalendario ecclesiastico

OU

A FOLHINHA LATINA

Para o anno corrente, acha-se á venda nesta typographia; e em Caxias em mão dos Revm.os Srs. Conego Arcipreste Antonio Julião Soares, e Vigario Raymundo João Alvares Duarte.

Preço..... 1$000

Redactor

O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 - por anno - Im. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1862.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 225.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

QUINTA-FEIRA 6 DE FEVEREIRO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

Illm. e Rvm Sr. Cabido.—Nomeado por V.S Rvm.ª para reger esta Diocese na curta vacancia porque passámos, ainda que me reconhecesse inteiramente despido de todas as qualidades, necessarias para bem desempenhar tão ardua, como, para mim, arriscada tarefa, acceitei com tudo a vossa eleição, contando sempre com o apoio decidido de V. S. Rvm.ª; agora, que se acha terminado esse meu governo, o qual não me foi possivel fazer conforme a vossa intenção, e minha vontade, todavia conforme as minhas forças, e que em nome de S. Exc. Rvm.ª o Sr Bispo Diocesano, D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, hoje rejo a Diocese, faltaria a um dos mais sagrados deveres, se deixasse de dirigir-me a V. S. Rvm.ª agradecendo-lhe do intimo do meu coração, não só a alta consideração, que se dignou V. S. Rvm.ª dar-me, elegendo-me Vigario Capitular, como tambem os sabios e prudentes conselhos, que sempre me prestou V. S. Rvm.ª todas as vezes, que julguei necessario pedir-vos. Impossibilitado de, á vontade, manifestar a V. S. Rvm.ª o meu reconhecimento, só uma eterna gratidão e profundo respeito serão a recompensa da vossa dedicação.

Aproveito a occasião, para significar a V. S. Rvm.ª que o governo da Diocese, emquanto aprouver a Deos conserval-o em minhas mãos, estará sempre prompto ao vosso dispôr.

De novo peço a V. S. Rvm.ª que me não desampare, e que, assim como até agora os vossos conselhos e reflexões me teem ajudado, de hoje em diante continuem a ser o meu mais seguro arrimo, até que eu entregue o governo ao Exm. e Rvm. Sr. Bispo Diocesano, que anciosо espero. —Deos Guarde a V. S.—Maranhão 5 de Fevereiro de 1862.—Illm. e Rvm. Sr. Cabido.—*Luiz Raymundo da Costa Leite.*

O ECCLESIASTICO.

Posse do Exm. e Revm. Sr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, Bispo do Maranhão.

No vapor Oyapock, chegado a este porto a 2 do corrente, vierão as Bullas de confirmação do Exm. e Revm. Sr. Bispo do Maranhão, D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, com procuração ao Revm. Sr. Conego Mestre Escola, Luiz Raymundo da Costa Leite, Vigario Capitular, para tomar posse real e pessoal do Bispado em nome de S. Exc. Revm.

Feitas pois em continenti as communicações do estilo ao Illm. e Revm. Cabido, foi por este marcado o dia 5 do corrente para o acto da posse.

No dia 5 pois teve ella lugar na Cathedral ás 11 horas da manhã, com a solemnidade devida, perante o Illm. e Revm. Cabido e demais Clero da Cathedral, do Clero secular e regular da capital, e do povo, que para o acto havia concorrido.

Depois de lida a Procuração, as Bullas de Confirmação e o Beneplacito imperial ás mesmas, deu-se o Revm. Procurador por empossado, abaixou-se o docel, e seguio-se o solemne *Te Deum*, depois do qual recebeu elle do Solio episcopal as saudações do Revm. Cabido, e demais Clero presente, assim como do Illm. Sr. Chefe de policia, e povo ali reunido.

Em todas as Igrejas da capital tocárão os sinos em som festival, e de ordem do Revm. Sr. Delegado episcopal foi convidado o povo da capital para illuminar suas casas por tres dias consecutivos.

Receba de nossa parte o Illm. e Revm. Sr. Governador do Bispado os nossos sinceros e cordiaes emboras, pela serie afortunada, que tem percorrido até hoje, merecendo a confiança especial dos Exms. e Revms. Prelados da Diocese.

O Exm. Sr. Presidente da provincia não poude comparecer ao acto por incommodado.

O poder temporal da S. Sé.

Os poderes deste mundo só se conservão transformando-se. O governo temporal da santa Sé não póde escapar á esta lei, salvo se é elle da ordem das cousas divinas, ou se foi instituido por Deos, o que não ha quem sustente. Deve-se por ventura appellidar de infiel aquelle, que julga o governo temporal uma *instituição puramente humana*, a qual pode acabar, assim como começou?

Existem no christianismo, da mesma forma que no seu divino chefe, dous lados, um divino e outro humano. E' pois evidente, que o governo temporal, como a final indica o proprio nome, não está na *ordem das cousas divinas*, restrictamente fallando: é sim o privilegio da ordem espiritual; e com effeito, ninguem póde sustentar, que o temporal, o terrestre e humano, esteja no mesmo pé, que o espiritual, o celeste e divino.

Mas, segue-se daqui, que o governo temporal da santa Sé seja *puramente humano*, ou—o que ainda é mais—o seja *qualquer* governo catholico, desde a pequena republica de Saint Marin, até a gloriosa republica dos Doges, desde o principado de Lippe ou de Monaco, até as poderosas monarchias catholicas, apostolicas e christianissimas da Hespanha, da Austria e da França? Não absolutamente; porque a propria essencia do christianismo consiste em que, nada é nelle puramente humano. Os christãos professão a lei de unir e submetter o *humano* ao divino, e o homem e a sociedade ao homem-Deos, de quem é o Papa representante.

A igreja, e por conseguinte o Papa, chefe da igreja, tem por missão ensinar as nações, assim como aos individuos; e pois, para ser-se infiel, basta somente não ouvir-se a Igreja. O que crê no Evangelho, o *orthodoxo*, e até mesmo o homem sincero—é um infiel, assim se elle rebelle.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

«Que aquelle, que não ouve a igreja, disse o Christo, seja aos vossos olhos um pagão.»

Por tanto para ser-se infiel basta crer-se, que o governo temporal, e com mais razão o governo temporal do Papa—é uma instituição *puramente humana*. A differença caracteristica entre o fiel e o infiel consiste em que, para o infiel tudo é puramente humano, ao passo que para o fiel nada ha puramente humano; por quanto nós fieis confessamos, que nada podemos sem o Christo.

A questão do poder temporal do Papa liga-se á questão do poder temporal, tomado no seu sentido genérico. E' de toda a evidencia, que aquelles, que perseguem a realeza pontifical—nella perseguem a realeza christã, isto é, a realeza de direito divino. Se o Papa constrangido pelo Piemonte abdicasse a sua legitima realeza, seria isso o mesmo, que dizer indirectamente aos reis christãos, e mesmo ás republicas christãs: «O poder christão acabou se; imitae-me, e retirae-vos todos. Dae lugar—não á republica christã, não á republica submettida á Deos, ao Christo, e á igreja, mas sim ao povo soberano, ao povo, que não tem necessidade de uma razão, para tornar validos os seus actos, porque a sua opinião é a unica regra do verdadeiro, e a sua vontade a unica regra da justiça e do direito!»

Mas o Papa nunca abdicará perante a revolução, perante os inimigos de Deos e do genero humano, por isso mesmo que não pode transigir com a iniquidade. Sim, não pode: o interesse da religião lh'o prohibe, por que a realeza temporal é necessaria á independencia espiritual da igreja, e a igreja é a primeira a proclamal-o. Não pode; até mesmo lh'o prohibe o interesse da humanidade, cuja guarda lhe foi confiada pela Providencia, e para quem a sua realeza é hoje a melhor garantia; prohibe-lh'o o interesse da sociedade, da força e da propriedade humana, em summa o interesse de todos os direitos humanos; prohibe-lh'o finalmente o interesse da sciencia, da justiça e da razão humana.

E pois, o Papa não pode abdicar, porque se deve não só ás almas, como tambem aos homens; se deve á natureza humana, que o Christo rehabilitou, e que a revolução trabalha por precipitar de novo nos abysmos, de que fôra por elle arrancada: deve ao mundo exemplos, assim como lições, porque o seu divino mestre prégou mais por suas acções do que com palavras. Ora, a realeza pontifical representa hoje em acção todo o direito humano.

O homem, no sentido da pura natureza, isto é, da natureza, tal qual concebe a razão, é *um ente racional, social e religioso*, como o definirão os proprios Gregos. Mas, a natureza decahida, triste resultado da desobediencia de Adão, fez da humanidade um rebanho de brutos, que se despedação e devorão, quando o christianismo não lhes vem restituir aquelle, que perderão pelo peccado, dando-lhes deste modo a paz.

Os antigos possuião apenas um leve presentimento da reparação; mas isto mesmo foi bastante, não só para conservar a familia patriarchal e o povo de Deos, como tambem para attenuar um pouco ao resto do universo os effeitos da queda original. Era a acção anticipada da redempção, que aos Judeos permittia observar os mandamentos de Deos, e aos Gentios a lei natural. Hoje porem, que a lei escripta e a lei natural—é somente seguindo-se o Evangelho, confiado á guarda da Igreja, que os povos podem salvar-se neste mundo. Se *repellem* o christianismo, para voltarem ao naturalismo, descem mais abaixo do que os pagãos, porque então a redempção não lhes vem em soccorro.

Fóra do christianismo não pode haver religião, nem divina, nem natural. A religião natural não é uma *theodicéa*, uma *opinião religiosa* ou *philosophica*: é o vinculo de fé, esperança e caridade, que une o homem ao seu Creador, e que figura a religião sobrenatural e divina.

Na natureza propriamente dita o homem possue a fé natural e humana: crê em Deos, a quem não vê, pelo testemunho das creaturas, pelo dos «céos, que revelão a sua gloria»—pelo dos homens, que nos fallão delle; e finalmente pelo testemunho de nossa alma, que reflecte a sua imagem: adora-o e o serve como a seu senhor e á seu mestre: espera da bondade de Deos os bens temporaes, e teme tambem os castigos temporaes: ama a Deos sobre todas as cousas, como o principio e o fim da natureza, diz S. Thomaz.

A religião revelada é mais sublime: o homem crê em Deos pelo testemunho do homem-Deos, da Igreja, e do Espirito Santo, que com ella falla: adora-o como espirito e verdade, e serve-o como a um pai: delle espera os bens eternos, a resurreição e a gloria, n'uma palavra a vida eterna, e teme os castigos eternos: ama a Deos sobrenaturalmente, e pelo impulso do espirito do mesmo Deos; finalmente possue a caridade. A religião assim transfigurada differe em extremo da religião natural, por mais perfeita que esta seja.

Em virtude do peccado original o homem acha-se separado de Deos: cumpre, que o Christo o rehabilite, e lhe restitua não só a religião divina, mas tambem a religião natural. Sem o Christo «as opiniões religiosas» substituem a fé tanto natural como divina; e de peccado em peccado o homem chega ao pantheismo e á idolatria. Sem o Christo não pode haver sociedade humana verdadeira; porque a sociedade humana envolve a autoridade e o amor natural dos homens, e sem religião uma e outra cousa são impossiveis.

O amor de Deos e o amor do proximo são inseparaveis, como ensina o Evangelho, e diz a mesma razão. Alem disto, é por de mais claro, que o homem, que *por principio* recusa obedecer a Deos, e nega *systematicamente* o direito divino, é incapaz de exercer uma autoridade legitima, se é soberano, pois que «todo o poder vem de Deos, e sem Deos não ha poder»—é incapaz de obediencia, se é subdito, pois que todo aquelle, que *por principio* se rebella contra Deos, só por temor ou interesse obedece a seu igual. Na pura natureza decahida, quando o subdito é o mais forte «a rebellião para elle é tambem o mais santo dos deveres» porque a *anarchia*, como o proclama o grande logico da revolução, é o estado natural do genero humano decahido, e então «a revolução é a justiça.»

Em semelhante systema só prevalece o direito da força —«a propriedade é o roubo» Rousseau e Proudhon, esses logicos do naturalismo, são consequentes; e é muito evidente, que os escriptores catholicos, que querem a *separação*, não sabem o, que dizem, nem o que fazem.

Sem o Christo finalmente a razão não póde existir. Sem duvida o homem, reduzido pela decadencia «aos direitos humanos» ás suas luzes proprias, vontade, força e amor proprio, isto é, ao egoismo, não é destituido de razão. Deos faz luzir o sol dos espiritos «sobre os bons e sobre os máos»—mas o homem decahido da graça, e que se conforma com a sua decadencia «prefére as trevas á luz, porque suas obras são más. Inclinado ao mal desde a infancia aborrece os principios e a logica, em summa—a luz da razão; e pois substitue a sciencia pela consciencia, a natureza inviolavel das cousas pela opinião, a verdade pela verosemelhança, e a intelligencia pelo senso.

E depois, vendo-se importunado com os clarões, que lá de vez em quando esclarecem ainda as trevas da alma, não segue mais do que os instinctos brutaes dos sentidos; e suicidando-se moralmente, assemelha-se «ao bruto privado de intelligencia»—assim não passa de um animal, e um animal degenerado, porque nem ao menos possue o instincto recto, que conserva e guia os animaes.

Eis aqui qual o resultado do *puramente humano*: Direito ao atheismo e á insurreição.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Direito ao absurdo.

Direito á brutalidade e ás annexações, que lhe aprouverem.

São estes os «direitos do homem» que exigem como *principio* a separação do temporal do espiritual com todas as suas consequencias.

Dir-me-hão talvez, que isso *poderia* succeder de outro modo. Não ha duvida, que sim; mas, em materia de facto, esse outro modo não é admissivel, porque assim o *quer* o homem decahido da graça; e Deos respeitando a liberdade do homem, ainda quando elle faz máo uso della, permitte-lhe—ou escolher a vida, unindo a natureza á graça, que a repara, o temporal ao espiritual, que o vivifica, e os direitos do homem aos direitos de Deos, que os garantem; ou escolher a morte, recusando o soccorro, que Deos lhe offerece, para arrancal-o do abysmo, em que o peccado o ha precipitado.

A realeza pontifical é o symbolo da união das duas ordens; união formada pelo proprio Deos, porque quiz fazer do direito natural a preparação para a vida espiritual, e desta a preparação para a vida eterna.

O direito natural seria por si mesmo sufficiente, se Deos tivesse creado o homem em um estado puramente natural: porque neste caso o humano não teria necessidade do divino, isto é, do sobrenatural, o que não succede, pois em caso algum o homem pode passar sem Deos.

Eis aqui porque Deos, exigindo do homem deveres acima das forças da natureza, deu-lhe forças divinas para preenchimento desses deveres.

Ora, o homem faltando ao cumprimento dos seus deveres sobrenaturaes, desobedecendo á uma lei positiva revelada, e por conseguinte sobrenatural, violava ao mesmo tempo a lei natural, gravada no fundo dos corações, a qual ensina-nos, que devemos obedecer á Deos, posto que elle a mande, e que o nosso direito se limite a saber somente, se elle fallou.

O homem, perdendo a vida espiritual, degradou assim a sua natureza: dahi a necessidade da reparação. Antes do peccado original a natureza tinha em si as forças necessarias para attingir ao seu fim; mas não podia *conservar* essas forças senão conservando a vida espiritual. Depois do peccado a natureza decahida da graça não tem forças sufficientes para attingir á esse fim: cumpre, que o Christo as restaure pelo baptismo d'agua, de sangue, ou do espirito, e que desenvolva a vida, ainda mesmo a natural, por intermedio da palavra de Deos, e por intermedio dos sacramentos da igreja, que fortificão a razão, e robustecem a vontade.

Nada na natureza, e no temporal, póde ser *puramente humano:* porque o puramente humano é a decadencia estabelecida como base da civilização moderna—é a revolução e todos os seus excessos—é n'uma palavra a morte.

Esses excessos! eis aqui o que querem—com consciencia ou não—aquelles, que desejão uma ordem *puramente humana*, isto é:

Casamento puramente humano;

Sociedade e poderes puramente humanos;

Philosophia puramente humana;

Religião puramente humana.

O casamento puramente humano conduz ao divorcio e aos amores libertinos: com que direito impedil-o?

A sociedade puramente humana conduz ao socialismo e ao communismo, á tyrannia de um homem ou do povo, de envolta com o direito da rebellião, e finalmente á abolição de toda a propriedade.

A philosophia puramente humana conduz ao pensamento livre, á negação de toda a sciencia e razão; faz, que a sciencia não seja mais do que uma opinião.

A religião puramente humana conduz á religião do acaso, ao pantheismo, e depois á adoração do homem, verbo de uma natureza, que um dia se incarnará no ante-christo.

A realeza temporal do papa é a negação viva da civilização puramente humana; é a personificação da realeza christã, da realeza submettida á Deos e á igreja; porque o Papa como rei deve tambem obediencia á igreja, de que é o chefe.

O Papa como rei não é mais do que irmão mais velho dos reis, o mais elevado delles pela dignidade e antiguidade do seu throno, e um dos menores pelo poder e riquezas: mas como Papa é o pai de todos, o defensor da justiça, e vigario de Christo.

«Recebe (lhe dizem na occasião da sua coroação) a thiara ornada de tres corôas, e sabe: que és o pai dos principes e dos reis, o pastor do globo, e sobre a terra o vigario de Nosso Senhor Jesus Christo, á quem cabe a honra e a gloria em todos os seculos dos seculos.»

Se queremos a realeza temporal do Papa, queremol-a sobretudo no interesse da religião, pois reconhecemos, que o Papa é tão livre nas catacumbas, como no seu palacio, tão respeitado na cruz, como no throno, e até mesmo, á imitação do seu divino mestre, é sobre a cruz e pela cruz, que elle reina.

Não pretendemos, que a realeza temporal do papa, por mais util que seja á religião, se lhe torne indispensavel, mas pretendemos, que ella é indispensavel á sociedade, porque, é para nós a personificação do direito christão, da civilização christã, e do direito natural; e só depois que o Papa é rei, tem escapado o mundo dos Tiberios, Neros e Caligulas.

A realeza pontifical é o derradeiro obstaculo para a revolução; se por uma vez succumbisse, após si levaria todos os direitos humanos, que resume. A humanidade decapitada seria entregue de pés e mãos ligadas á revolução, aos Robespierre e Danton futuros, ou antes monstros mil vezes mais crueis; porque no mal, assim como no bem, ha sempre progresso neste mundo.

Os Italianos estão no seu 89. Os Pinelli e os Cialdini, os Cavour e os Ricasoli, os Pantaleone e os Gavazzi, são os Lafayette e os Lameth, os Mirabeau e os Turgot, os Sieyés e os Talleyrand dos tempos modernos. Se o direito puramente humano triumphar na Italia, para depois estender-se pela Europa, 93 será excedido na mesma proporção: haverá entre os concessionarios futuros e os de 93 a mesma differença, que ha entre o placido Lafayette e o feroz Pinelli, e entre os esmoleres garibaldinos e os abbades da constituinte.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Queremos o poder temporal do Papa, porque é elle a representação de todo o poder temporal, quer seja republica, quer monarchia; porque defende o direito e a justiça, a familia e a propriedade, a sciencia e a religião; e porque não queremos o pantheismo, o communismo, e o mormonismo.

Queremos o poder temporal, porque não queremos um poder *puramente humano*, um poder que «não dê uma razão de seus actos; porque não desejamos, que a lei seja uma lei de atheus.»

Queremos o poder temporal, porque acreditamos, e repetimos todos os dias no *Credo*, que «Christo é nosso unico Senhor, que desceu dos céos por amor dos homens, e que o seu reinado não terá fim». Bispo de Roma e principe temporal—o Papa é o vigario de Christo, o qual é ao mesmo tempo bispo de nossas almas, e o primeiro dos reis da terra, chefe invisivel de todos os bispos das almas, e de todos os bispos do exterior. Na ausencia do pai de familia o mais velho dos filhos assume o seu lugar.

Julgamos o poder temporal do Papa necessario hoje mais do que nunca, que a revolução mina e derriba as antigas dynastias catholicas, e ameaça todas as dynastias modernas ou protestantes, que tendem a approximar-se do catholicismo.

Para que o poder temporal não fosse necessario á igreja, seria preciso, que os reis e as nações obedecessem á mesma igreja, e se dedicassem eternamente á sua defeza.

Ora, o Piemonte nos dá o exemplo do, que vem a ser «a igreja livre no estado livre.»

O atheismo de 93, e a adoração da deusa Razão, espantárão o mundo, e occasionárão a reacção, da qual sahio a concordata. A revolução então mudou de marcha e de posição, por não poder atacar de frente.

E com effeito, longe de atacar de frente a autoridade espiritual e a religião, a revolução vangloria-se, não só de deixal-as em liberdade, como tambem de defendel-as. O lobo encarrega-se de guardar as ovelhas. Os italianissimos, pelo que dizem, não querem annexar á si a cidade de Roma, senão para fornecerem ao Papa uma guarda de vinte e cinco milhões de homens. Deixai á revolução a ordem temporal, natural, terrestre e humana—e ella abandona tudo o mais; e ella diz aos catholicos: «Nem os excesses de 93, nem a intolerancia são da nossa epoca; façamos a paz, e já que não quereis reconciliar a igreja com o espirito do seculo, transijamos. Para vós o céo e o sobrenatural, para mim—a terra e a natureza; para vós, *mas sob a nossa vigilancia*, o espiritual e o divino, para mim exclusivamente—o humano, o cidadão, a familia, o estado, o genero humano, a politica, o ensino, a beneficencia, as sciencias e as lettras, as artes e a industria, a tribuna e a imprensa, a justiça e a propriedade, o direito e a lei; para vós—as preces, as bençãos, a prédica do dogma, em uma palavra—a sachristia, para mim—o imperio e a razão; para vós—a fé.»

E assim cessarão as propriedades e as escolas ecclesiasticas, excepto a theologia: cessará a realeza pontifical, a união do divino e do humano, do espiritual e do temporal; em summa *separação* completa!

Eis o que Mr. de Cavour chamava «a igreja livre no estado livre.» A igreja livre ao modo de Gavazzi, Pantaleone, e Caputo.

Bem depressa o Papa tornar-se-hia um simples cidadão romano; e um bello dia viria, em que delle exigissem, em virtude da igualdade, que fosse um deputado, que montasse guarda, como disto esteve ameaçado o clero em 1848.

O calculo é fino, porque o sobrenatural, presuppondo a natureza, no dia, em que a igreja abandonasse a natureza, que o Christo rehabilitou, abandonaria tudo: faltando o apoio ao sobrenatural, este se desvaneceria.

O maior perigo do nosso seculo é a separação do temporal e do espiritual; em outros termos, é o liberalismo, que só dá possibilidade á revolução.

Os homens, que pedem e admittem concessões e fusões, são actualmente os inimigos mais perigosos, que tem não só a igreja como tambem o estado.

Toda a imprensa anti-papal irrita-se com estas palavras do Papa: «Não acceito transacção!» Entretanto, é evidente, que elle não póde transigir com *principios*, que se oppõem ás suas doutrinas. O que lhe pedem, é, que substitua pelo direito novo o direito divino, isto é, o direito christão. Ora «entre Jesus Christo e Belial não é possivel transacção alguma.»

Quando se trata de ser indulgente para com as fraquezas e a ignorancia, quando se trata de accommodações sobre a forma, não ha poder no mundo, que transija mais facilmente do que os Papas; nenhum ha, que faça pela paz maiores sacrificios. Elles tratão como pais as republicas e as monarchias, as antigas e novas dynastias; ainda mais—nelles os hereticos, e até mesmo os infieis, achão maravilhosa facilidade; o ponto é, que testemunhem o mais pequeno desejo de respeitar a liberdade da igreja.»

A igreja é paciente, porque é tambem eterna.

Porém, chegada a questão ao terreno dos principios, os Papas são inflexiveis, pois que a sua fé não póde enfraquecer. Essa inflexibilidade, longe de ser para elles uma causa de anniquillamento, como succedeu com os governos, que querião resistir á revolução, depois de se terem desarmado, separando-se da igreja, é ao contrario o penhor de sua immortalidade.

Por sua intrepida fé a igreja venceu, e continúa a vencer, a seus inimigos; e se as portas do inferno contra ella não prevalecem—é porque, apoiado na palavra de Deos, inspirado com o espirito, o papado diz sempre: «Não acceito transacções com a revolta e com a iniquidade triumphante!»

V. DE MAUMIGNY.
(*Monde.—Silveira.*)

Novas de Jerusalem.

Os filhos da França catholica, seus officiaes de marinha, e simples marinheiros, chegárão no dia 15 de Agosto a Jerusalem, no navio de guerra *Algésiras*. Debaixo do ponto de vista religioso percorrêrão os lugares mais interessantes de Jerusalem, acompanhados do almirante Paris. Tomárão parte na procissão quotidiana, que se faz na veneravel igreja do Santo Sepulchro, e muitos d'entre elles purificarão-se no Sacra-

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

mento da Penitencia, e nutrirão-se do pão da graça, consagrado pelas mãos do ministro santo sobre a pedra, que cobre o immortal tumulo do Homem-Deos. Em face do presepe, do Calvario, e do Sepulchro, santificado pelo sangue e pelas dores de Jesus Christo, as lembranças da infancia christã obrão tão poderosamente sobre todas as faculdades d'alma, que a imagem de uma mãi adorada, de uma irmã piedosa e terna, de uma esposa querida, se retrata vivamente no pensamento. Lagrimas quentes corriaõ dos olhos dos nossos intrepidos soldados, de nossos mais bravos marinheiros. Nos sanctuarios mesmos arruinados, a alma sente, que ella é christã, e as harmonias da religião achão nella mysteriosos echos. Um dos marinheiros não quiz apartar-se de Jerusalem, sem fazer ampla provisão de objectos de piedade, destinados a satisfazer a devoção de seus pais e de seus amigos longinquos. As portas da esplanada de Moriath, e das duas mesquitas de Omar e de Eel-Aksa, forão condescendentemente abertas diante dos officiaes de marinha. O habil lapis do sota-Almirante Paris poude reelevar as partes mais interessantes das duas celebres mesquitas. Como os destacamentos d'armada no emprego da Syria viessem em peregrinação á Jerusalem no começo do corrente anno, as duas esquadras de officiaes recebêrão uma cordial hospitalidade nos conventos da Terra-Santa. Ahi reconhecemos o zelo de caridade de nossos religiosos, aos quaes o governo francez acaba de offerecer magnificos ornamentos para o grande convento do Santo Salvador, os quaes servirão pela primeira vez na missa solemne, celebrada esta manhã na occasião da festividade d'Assumpção, e da do imperador dos francezes. O representante da França assistio em uniforme a ceremonia religiosa, assim como os outros empregados do consulado. N'esse momento o titular desse consulado recebeu as visitas officiaes das autoridades religiosas e civis de Jerusalem. Quanto seria consolador para os latinos da cidade santa celebrar a festa de quinze de Agosto no augusto sanctuario do tumulo da santa virgem, situado em Gethsemani, ao oriente de Jerusalem! Não obstante todas as capitulações e a protecção official da França, os latinos, violentamente privados deste veneravel sanctuario em 1759 pelos gregos e armenios schismaticos, ainda não puderão recobrar a posse. Depois dessa lamentavel época, os latinos vão ao meio dia do dia d'Assumpção cantar as litanias da rainha dos céos, a quinze passos de seu glorioso sepulchro, na gruta d'Agonia de Jesus Christo. Em que lugar se poderá orar com mais fervor á poderosa Protectora da França, da patria ausente? Deixae-me descer a Gethsemani, para me ajoelhar diante do tumulo, que não pode prender nos laços da morte o corpo virginal e immaculado da Mãi do Verbo feito carne.

(Da *Cruz.*)

O confessor do Conde de Cavour.

Os homens sempre tiverão uma forte inclinação, e até mania, de atrapalharem as cousas, de invertel-as, e de fazer escuro o que é claro, e confuso o que, nenhuma confusão soffre. Pensão, que o Papa quiz saber o occorrido na confissão do Conde de Cavour; que por este confessor calar-se, foi suspenso. Os senhores amigos dos revolucionarios da Italia nada dizem contra o confessor, que não cumprio seu dever; e sabem bem gritar contra o Papa, por este ter punido, a quem não fez o, que devia fazer. Na *Civilta Catholica* do 1.º de Setembro, segundo se vê no *Le Monde* de 15 do mesmo mez, se lê o, que se passou na audiencia dada pelo Santo Padre ao confessor do tal Conde. Eis o caso:—Apenas chegado á Roma, a chamado dos Superiores de sua Ordem, o Padre Giacomo foi recebido em audiencia por Pio IX. Sua Santidade dirigio-lhe a palavra nestes termos: «Nós sabemos, que a todos, que vos perguntão, pelo que se passou na morte de Cavour, tendes costume de responder, que se trata do sigillo sacramental da Confissão, e que assim nada podeis dizer. Para não nos expormos a receber de vós uma tal resposta, que dada a nós seria um verdadeiro insulto, nós vos declaramos, que o segredo da Confissão é cousa de tal modo inviolavel, que sois obrigado a guardal-o em face de qualquer autoridade, ainda que fosse a mais alta, ainda que fosse a Nossa propria. Porém, na morte do Conde de Cavour, ha actos externos e visiveis para todo o mundo; administrarão-lhe o Viatico, derão-lhe a Extrema-Unção. Este acto externo de administração dos Sacramentos exigia necessariamente um outro acto externo de retractação, sem o qual vós, Cura delle, não podieis consentir em lhe administrades os Sacramentos da Igreja. Como estes actos externos tiverão lugar, é o que Nós, que somos guarda da santa disciplina da Igreja, queremos saber de vossa propria bocca.» A estas palavras tão graves, o Padre respondeu, contando o que já era sabido por todos, a saber, que não tinha havido retractação, porque elle não havia julgado dever exigil-a. Esta resposta depois a confirmou por escripto, expondo a serie de factos succedidos nesta dolorosa circumstancia, e sem confessar explicitamente, segundo o desejo da autoridade ecclesiastica, que havia faltado a seu dever, talvez em razão da difficuldade das circumstancias, elle somente declarou de uma maneira geral, que, se havia de algum modo commettido alguma falta, pedia perdão. O fim de sua jornada estando assim realizado, embora imperfeitamente, deixarão-no partir, prohibindo-lhe apenas de administrar dahi por diante os Sacramentos, visto que não tendo sabido, ou não tendo querido, em um caso tão evidente, cumprir o dever de um Ministro da Igreja, elle não podia, sem detrimento das almas, exercer funcções tão importantes. Está ahi o caso; nelle se vê a justiça acompanhada de misericordia, e o castigo dado por um pai. Ah! eu não sei, se em casos taes, ou ainda menores, não sei, se um Commandante faria o mesmo com um soldado, que delinquisse em cousa menor. E entretanto, poderá haver, quem censure a misericordia desse castigo? Quanto porém ser esse Frade preso ou tirado de sua Parochia por ordem do Papa—isto é perfeitamente falso—*diz o correspondente do Registro Semanal*, que se publica em Inglaterra, de 24 de Agosto. Quem o tirou da Parochia, de que era apenas Administrador—foi o Geral de sua ordem.

(*Idem.*)

CATALOGO

DOS

Exm.os e Rvm.os Snrs. Bispos do Maranhão.

FEITO POR

José Constantino Gomes de Castro.

Cavalleiro da Ordem de Christo, Conego Prebendado (e depois Arcediago) da Santa Igreja Cathedral do dito Bispado, Proto-Notario, e Juiz Apostolico de Sua Santidade, e Vigario Capitular canonicamente eleito, Sede vacante.

augmentado e reimpresso pelo P.e

RAYMUNDO ALVES DOS SANTOS,

Conego Prebendado da mesma Cathedral, Promotor Fiscal do Juizo Ecclesiastico, Lente de latim, e substituto das cadeiras de francez e canto-chão do Seminario episcopal.

(Continuado do n. 217.)

9.º

D. Fr. Antonio de Padua, natural de Bellas, nos Suburbios de Lisboa, da Ordem dos Menores Reformados da

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Arrabida, Mestre Jubilado na Sagrada Theologia: foi eleito no reinado de D. Maria 1ª de Portugal, e confirmado Bispo deste Bispado em Julho de 1783, sendo Summo Pontifice Pio 6º; e chegou a esta Cidade em 20 de Outubro de 1784, aonde tomou posse em 31 do mesmo mez e anno. Ausentou-se para Lisboa pelo Pará em 22 de Abril de 1789: renunciou depois o Bispado, e falleceu na Villa de Setubal (7).

10.º

D. Joaquim Ferreira de Carvalho, natural da Cidade de Coimbra, Clerigo secular, oppositor ás Cadeiras da Faculdade de Theologia naquella Universidade, Abbade de S. Romão de Coronado, no Bispado do Porto: foi eleito sendo Rainha de Portugal D. Maria 1.ª e confirmado Bispo desta Diocese em Junho de 1795, e no pontificado do S. P.e Pio 6.º e tomou posse por seu procurador o R. Arcipreste José Maciel Aranha, em 17 de Fevereiro de 1796. Chegou a esta Cidade em 8 de Julho de 1799; falleceu em 26 de Abril de 1801, e jaz sepultado em a Capella-mór da Cathedral, no Presbyterio, junto á Sede Episcopal. Sobre sua sepultura lê-se o epitaphio seguinte:

SEPULTURA
DE
D. JOAQUIM FERREIRA DE CARVALHO,
NATURAL DE COIMBRA,
Doutor em theologia.
Decimo Bispo do Maranhão.
Foi eleito em 13 de Maio de 1794, sendo Abbade de S. Romão do Coronado.
Sagrou-se em 13 de Setembro de 1795.
DEU ENTRADA PUBLICA EM 29 DE JUNHO DE 1799.
FALLECEU EM 26 DE ABRIL DE 1801.

11.º

D. Luiz de Britto Homem, natural do Fundão, no Bispado da Guarda, Clerigo secular, Bacharel formado em Canones pela Universidade de Coimbra, Prior da Collegiada e Freguezia de S. Bartholomeu da mesma Cidade, e Adjuncto da Mesa Episcopal. Foi Bispo de Angolla, e d'alli trasladado para este Bispado do Maranhão em 1802, sendo Principe Regente de Portugal, e depois Rei, D. João 6.º no pontificado do S.P.e Pio 7.º Chegou a esta Cidade em Janeiro de 1804 tomou posse em 22 de Fevereiro do mesmo anno, e falleceu em 10 de Dezembro de 1813; jaz sepultado em a Capella-mór da Cathedral, no Presbyterio, junto a Séde Episcopal. Sobre sua sepultura lê-se o epitaphio seguinte:

SEPULTURA DE D. LUIZ DE BRITO HOMEM,
NATURAL DA VILLA DO FUNDÃO,
BISPADO DA GUARDA,
FORMADO EM CANONES.
Nasceu a 8 d'Agosto de 1748,
Foi eleito Bispo de Angola em o primeiro de Maio de 1791,
SENDO PRIOR DA FREGUESIA DE S. BARTHOLOMEU DE COIMBRA,
E SAGRADO EM 29 DE ABRIL DE 1792,
E trasladado para este Bispado do Maranhão
em 17 de Dezembro de 1801, tomou posse á
22 de Fevereiro de 1804, e fallecêo em 10 de Dezembro de 1813.

12.º

D. Fr. Joaquim de N. Senhora de Nazareth, natural de

(7) Seria este sabio Prelado (D. Fr. Antonio de Padua) zeloso em promover a instrucção do seu Clero; pois que não havendo Seminario Episcopal, nem Aulas, elle mesmo ensinou Philosofia e Theologia aos Ordinandos: porem, no seu tempo, infelizmente se renovárão as tristissimas scenas de seus Predecessores, D. Gregorio dos Anjos, e D. Fr. Timotheo do Sacramento, sobre recursos na Junta da Corôa, que interrompêrão os seus projectos, e motivárão expedir-se Avisos da Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha, e Dominios Ultramarinos a elle, e ao Doutor Ouvidor Manoel Antonio Leitão Bandeira, os quaes se transcrevem.

Aviso de 29 de Outubro de 1787.

«Para o Bispo do Maranhão.—Exm. e Reverendissimo Snr. A S. M. fôrão presentes as cartas e representações, que V. Exc. tem dirigido a Sua Real Presença, sobre as desagradaveis disputas e dissenções, que se tem suscitado nessa capitania, a respeito das quaes foi a Mesma Senhora servida ouvir os Ministros do Seu Conselho, e em particular a Mesa do Desembargo do Paço, com cujos pareceres Houve por bem Conformar-se: E não cabendo no tempo, antes da partida deste Navio, que transporta o novo Governador e Capitão-General, Fernando Pereira Leite de Foios, que se expeção todas as Ordens, relativas a este importante objecto, sendo um dos pontos mais essenciaes delle o não ter V. Exc. cumprido as Cartas Rogatorias da Junta da Corôa: Manda S. Magestade declarar a V. Exc., que lhe foi muito desagradavel este seu modo de proceder, e não menos estranhas as razões, de que V. Exc. se servio para o sustentar; e que, sendo V. Exc. vassallo da Mesma Senhora, e como tal obrigado, até em consciencia, a obedecer ás Suas Leis, e cumprir as Sentenças dos Ministros, a quem S. Magestade confiou a parte necessaria do Seu Real Poder para a administração da Justiça, e protecção dos Seus Vassallos contra as violencias dos Juizes Ecclesiasticos, deve V. Exc. nesta intelligencia cumprir, e S. Magestade lhe Ordena, que cumpra effectivamente, sem mais replica nem demora, as ditas Sentenças, ou Cartas Rogatorias da Junta da Corôa, assim as que já estiverem passadas, e que V. Exc. ainda não cumprio, como as que se lhe apresentarem para o futuro; ficando salvo a V. Exc. o direito de procurar a reformação dos Provimentos da Junta da Corôa dessa capitania pelos meios competentes, na conformidade do Alvará com força de Lei de 18 de Janeiro de 1765. Deos Guarde a V. Exc. Palacio de Cintra em 29 de Outubro de 1787.—Martinho de Mello e Castro.»

Aviso de 30 do mesmo mez e anno para o Doutor Ouvidor da Comarca.

«Tenho recebido, e levado á Real Presença, as Cartas que V. m. me tem dirigido, muito principalmente as que tratão das dissensões com o Bispo d'essa Diocese, sobre as quaes brevemente participarei a V. m. o que S. Magestade foi Servida Resolver, não cabendo presentemente no tempo, mais que dizer-lhe sobre a repugnancia d'aquelle Prelado para cumprir as Sentenças, ou Cartas Rogatorias da Junta da Corôa, que, em officio dirigido por esta Secretaria d'Estado ao dito Bispo, lhe Ordena S. Magestade, que cumpra effectivamente, e sem demora, as ditas Sentenças, assim as que já estiverem passadas, e que ainda não cumprio, como as que se lhe apresentarem para o futuro: e, no caso não esperado, em que as preoccupações insolitas do mesmo Bispo, e uma tenacidade sem exemplo, que tambem se não deve esperar, o determinem a persistir na sua obstinação, V. m. em tal caso, prosiga na execução, que lhe determina a Lei de 18 de Janeiro de 1765; e dê conta sem perda de tempo do, que tiver obrado. Deos Guarde a V. m. Palacio de Lisboa em 30 de Outubro de 1787.—Martinho de Mello e Castro—Senhor Manoel Antonio Leitão Bandeira.»

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Nazareth, Lugar no Termo da Villa da Pederneira, comarca da Cidade de Leiria, na Provincia da Estremadura, do Reino de Portugal, Religioso da Ordem dos Menores Reformados da Provincia da Arrabida, aonde foi Mestre de Philosophia: Eleito Bispo Titular de Leonthópoli, e Prelado Ordinario de Mossambique, foi trasladado para esta Diocese do Maranhão pelo Rei de Portugal, D. João 6.º no pontificado do S. P.e Pio 7.º, onde chegou em 3 de Maio de 1820, e tomou posse em 11 do mesmo mez e anno.

Adstricto e dedicado, como era, á familia real de Portugal, e por tanto legitimista (como erão então chamados os partidarios da casa de Bragança, daquelle reino) e severo em seus principios politicos, não quiz adherir á causa da Independencia do Brasil, nem prestar juramento de fidelidade ao Imperador, D. Pedro 1.º; portanto, ausentou-se para Lisboa aos 7 de Novembro de 1823, onde foi dignamente acolhido pelo Rei de Portugal, D. João 6.º que o nomeou Bispo de Coimbra, Conde d'Arganil, Senhor de Coja, e Par do Reino.

Por occasião dos movimentos politicos e revolucionarios, que trouxerão aqueda de D. Miguel de Bragança do throno de Portugal, não querendo ainda o Bispo de Coimbra prestar obediencia ao governo de D. Maria 2.ª que elle julgou intrusa no throno, teve de ausentar-se ainda outra vez do seu bispado, e seguio, quasi fugitivo, para Inglaterra, donde dirigio-se para o seu antigo rebanho do Maranhão, cujas ovelhas, estava elle bem certo, o acolherião com dedicação e affecto.

E em verdade, ao saltar, no dia 3 de Março de 1840, nas praias do Maranhão, foi o illustre expatriado recebido nos braços do Exm. e Rvm.º Senhor Bispo D. Marcos, que o recolheu immediatamente em seu palacio, e acolhido por publicas demonstrações d'alegria e verdadeira sympathia da parte deste bom povo maranhense, que ainda se recordava com affecto da piedade e caridade do seu antigo Pastor; recebendo logo as saudações do Clero e povo de todas as classes e condições.

Dias depois passou-se o illustre hospede para o Convento de S. Antonio dos Franciscanos, que pertencem á familia de sua Ordem, onde residio ate o fim da vida, prestando-se sempre, e de muito boa vontade, a todos os actos solemnes da Igreja, quer dentro da Cathedral, pontificando e chrismando, quer fóra della baptizando, confessando, ordenando os aspirantes ao Sacerdocio, e assistindo ás procissões e aos demais actos, para os quaes era rogado.

Comeu o pão do exilio, porem jamais foi abandonado pelo amor e caridade não tanto dos portuguezes generosos para com o illustre compatriota, como dos maranhenses dedicados ao seu distincto ex-Pastor.

Publicou neste intervallo uma traducção da Biblia, que faz honra á sua illustração. Era excellente cantor, e habilissimo compositor de canto-chão; ainda hoje encontrão-se na Cathedral composições suas nesse genero de musica.

Viveu por tanto entre nós recebendo de uns o obolo da caridade, que logo distribuia por outros, visto que possuia essa virtude celeste em grão muito elevado.

Victima de longos soffrimentos do corpo e alma falleceu no Convento de S. Antonio, tendo recebido os Sacramentos da Igreja, rodeado dos respeitos e da muita consideração publica, é chorado por todos, que o amavão, sobretudo pela pobreza desvalida, á qual jamais deixou de soccorrer como pai amoroso, com tudo, quanto possuia, e podia dispensar.

Seu cadaver foi acompanhado pelo Rvm.º Cabido e demais Clero secular e regular da capital, pelo Exm. Presidente da provincia, Dr. Olympio Machado, assim como por todas as Autoridades e Empregados publicos, officiaes militares, e todo o povo, que para o acto concorrêra em numero extraordinario, bem como por toda a tropa d'infanteria e artilheria, ate a Cathedral, onde lhe forão feitos os actos funebres prescriptos pelo ceremonial, e ao descer á sepultura fizerão-se-lhe as honras militares inherentes á sua elevada hierarchia.

Jaz no presbyterio da Cathedral; e sobre sua sepultura lê-se o epitaphio seguinte:

Aqui Jaz
DOM FREI JOAQUIM DE N. S. DE NAZARETH,
Bispo de Coimbra, Conde de Arganil,
SENHOR DE COJA,
Alcaide mór de Avo. Foi prelado de Moçambique
Em 1811. Sagrado Bispo
De Leonthopolis em 1816;
TRANSFERIDO D'AQUELLE BISPADO PARA O DO MARANHÃO,
em 1819, e deste para o de Coimbra em 1824.
Foi Par do Reino
AS CORTES PORTUGUEZAS DE 1826 A 1828,
e ahi mostrou-se como era.
DISTINCTO E CONSUMMADO THEOLOGO.
Emigrou para esta Provincia em 1840, e aqui falleceo
Ao 1.º de Setembro de 1851, com 75
ANNOS, E TREZ MEZES DE IDADE.
Morreo no exilio e em terra estrangeira, mas terra
DE IRMÃOS, E FILHOS SEUS, QUE NA
VIDA O AMARÃO COMO A PAI; NA
Adversidade o acolhêrão como amigo,
E na morte o chorarão como
A Principe Santo e justo.

EXPEDIENTE DO BISPADO.

Accrescimo do mez de Dezembro de 1861.

31—Officio ao Exm. Sr. Presidente da Provincia.—Achando-se vaga a freguezia de N. S. da Conceição das Barreirinhas, por accesso do Padre João Evangelista de Carvalho a Vigario collado de São José da Villa de Guimarães, e sendo necessario provel-a, nomeei para a dita freguezia vaga o Padre José Pacifico Serra, Vigario encommendado por Provisão desta data; o que communico a V. Exc. para seu conhecimento.

Identico ao Exm. Sr. Ministro dos Negocios do Imperio.

Idem ao mesmo.—Achando-se vaga a freguezia de N. S. da Conceição da Villa da Tutoya, e sendo necessario provel-a, houve por bem de nomear o Padre Joaquim Bernardino Pereira, Vigario encommendado da mesma por Provisão d'esta data; o que participo á V. Exc. como me cumpre.

Identico ao Exm. Sr. Ministro dos Negocios do Imperio.

Janeiro de 1862.

3—*Idem* ao mesmo.—Corre-me o dever de participar á V. Exc., que em data de hontem concedi a demissão, que pedio o Rvd. Beneficiado Justiniano Sabino Cid, do emprego de Organista da Santa Igreja Cathedral desta Diocese, e nomeei na mesma data para exercer o referido emprego o cidadão Joaquim Marcos dos Santos, emquanto não mandar o contrario.

Identico ao Exm. Sr. Ministro dos Negocios do Imperio.

4—*Idem* ao mesmo.— Passo ás mãos de V. Exc. a relação dos objectos comprados para a mobilia do Paço Episcopal, acompanhada dos recibos, que justificão as respectivas compras, como me foi por V. Exc. determinado em officio de 10 de Dezembro do anno proximo passado; cujos objectos se achão, parte em minha casa, e parte em casa dos vendedores por falta de accommodações; assim pois espero, que V. Exc. me mandará entregar as chaves do dito predio, logo que lhe forem entregues, afim de que eu faça conduzir para ali os mencionados objectos.

Idem ao Exm. e Revm. Internuncio Apostolico.— Depois

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

de cumprimentar-me mui respeitosamente a V. Exc. cumpre scientificar-lhe, que á vista do conhecimento incluso, pode V. Exc. mandar exigir da agencia dos vapores d'essa corte um embrulho, contendo a quantia de 198$000 rs., de que fazem dadiva, em beneficio do thesouro do SS. Padre Pio 9.º, os fieis da freguezia de Valença, Provincia do Piauhy deste Bispado, afim de que V. Exc. se digne de fazer chegar á Roma a mencionada quantia.

8—*Idem* ao Rvd. Vigario de Vinhaes.—Sirva-se V. Rvm. de responder sobre a materia constante da queixa, junta por copia, que contra V. Rvm. deu o Coadjutor encarregado da freguezia de N. S. da Luz da Villa do Paço do Lumiar desta provincia e Bispado.

Identico ao Padre Luiz Nunes Clarindo Guedes.

9—*Idem* ao Rvd. Coadjutor da Conceição desta cidade.—Para a boa administração da Diocese sirva-se V. Rvm. responder-me, quanto antes, qual a razão, porque deixou de admittir hontem no enterramento de um parochiano d'essa freguezia os capellães avisados pelo Prioste, segundo acaba este de informar-me.

10—*Idem* ao Rvd. Vigario da Chapada com exercicio em São João de Côrtes.—Achando-se V. Rvm. livre do crime, pelo qual foi recolhido á cadeia da cidade de Alcantara, como me constou da certidão de sua despronuncia, pode continuar no exercicio parochial da freguezia de São João de Côrtes, ficando assim levantada a suspensão que lhe impuz em virtude da dita pronuncia.

—*Idem* ao Exm. Sr. Presidente da Provincia.—Achando-se já livre do crime, pelo qual foi recolhido á cadeia de Alcantara o Padre Lourenço Candido Ribeiro de Brito, Vigario collado da freguezia da Chapada com exercicio na de S. João de Côrtes, como me constou da certidão da despronuncia, dada pelo Juiz Municipal da dita cidade, mando nesta data ao referido Vigario, que entre no exercicio das funcções parochiaes da mencionada Freguezia de S. João de Côrtes, o que communico á V. Exc. para que se digne mandar pagar-lhe as congruas, que por direito tenha vencido, e as que d'ora em vante for vencendo, quando elle as requeira.

—*Idem* ao Vigario de Alcantara.—Achando-se já livre do crime, pelo qual foi recolhido á cadeia dessa cidade, o Padre Lourenço Candido Ribeiro de Brito, Vigario collado da freguezia da Chapada com exercicio na de S. João de Côrtes, vai elle entrar no exercicio das funcções parochiaes da mencionada freguezia de S. João, ficando V. S. exonerado do dito ministerio, de que fôra encarregado no impedimento do mesmo Vigario, cabendo-me louvar á V. S. por esse serviço, que prestou á Igreja.

11—*Idem* ao Exm. Sr. Presidente da Provincia.—Tendo-me sido entregue hontem pelos Srs. Viannas as chaves das casas allugadas á elles pela presidencia para servirem de Paço Episcopal, vou fazer conduzir para o mesmo os moveis respectivos; o que communico á V. Exc. para sua intelligencia.

18—*Idem* ao 1.º Juiz de Paz da freguezia da Sé—Respondendo ao officio de V. S. de 16 do corrente, tenho á dizer-lhe, que ficão dadas as minhas ordens, para que no dia 19 e nos seguintes do corrente mez se conserve franca a porta da Igreja Matriz da freguezia de N. Senhora da Victoria da Cathedral, afim de ter lugar os trabalhos da Junta de qualificação neste anno.

20—*Idem* ao Exm. Snr. Presidente da Provincia - Em resposta ao officio de V. Exc. de 15 do corrente, em que me pede informação acerca das casas de Manoel Carlos Godinho, que na freguezia das Barreirinhas tem servido para celebração dos actos parochiaes, tenho de dizer á V. Exc., segundo me informão pessoas d'aquella localidade, que as referidas casas são as unicas mais decentes para esse fim.

21—*Idem* ao mesmo—Em resposta ao officio de V. Exc. com data de hoje, cumpre-me scientificar á V. Exc., que ficão dadas as minhas ordens, para que tenha lugar na Cathedral, no dia 23 do corrente ao meio dia, o *Te Deum* pela posse do Exm. Sr. Conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello.

24—*Idem* ao Exm. Sr. Conselheiro Antonio Manoel de Campos Mello, Presidente da Provincia—Participo á V. Exc., que concedi a demissão, que pedio o Rd.º Raymundo Lusitano Fernandes, do cargo de Vigario encommendado da freguezia de Santa Helena, e nomeei nesta data para substituil-o o P.e Luiz Nunes Clarindo Guedes.

—Identico ao Exm. Sr. Ministro do Imperio.

25—*Idem* ao Illm. e Revm. Sr. Cabido da Cathedral desta Cidade—Passo ás mãos de V. S. Rm.ª o incluso officio por copia, que acaba de dirigir-me a Mesa da Irmandade do SS. Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Victoria da Cathedral desta cidade, e rogo á V. S. Rm.ª se digne de aconselhar-me, o que devo proceder sobre a materia constante do citado officio.

30—*Idem* ao Exm. Sr. Conselheiro Presidente da Provincia—Cumpre-me o dever de levar ao conhecimento de V. Exc., que hontem caio um raio, attrahido pelo conductor da torre da Cathedral, o qual arrebentou a corrente electrica do mesmo conductor, sendo assim de summa necessidade, que se colloque quanto antes nova corrente: rogo pois a V. Exc. se digne dar suas ordens a respeito, se assim entender acertado.

NOTICIAS DIVERSAS.

—Publica-se actualmente na corte do Rio de Janeiro um jornal religioso, litterario, historico e philosophico, denominado—A CRUZ—do qual temos recebido numeros desde sua publicação em troca do *Ecclesiastico*.

A CRUZ é um jornal, que até hoje ainda não falseou seu programma, conservando-se sempre dentro das raias traçadas no sentido de derramar ideas religiosas, doutrinarias e philosophicas entre todas classes de seus leitores, pelo que, não duvidamos asseveral-o, gozará de grande acceitação, e attrahirá a sympathia do povo catholico, attenta a sciencia profunda, com que discute as questões mais graves e importantes, em materias religiosas, assim como a bella dicção e o estilo elevado e sublime, de que usa.

E' pois a CRUZ mais um Campeão illustre e nobre, que denodado se apresenta na arena jornalistica, com a piedosa ambição de sustentar a doutrina de Jesus Christo, e vellar na guarda da santa religião, plantada no Golgotha.

Receba o Illustre Collega as nossas affectuosas e sinceras felicitações, pela nobre missão, de que tão generosamente se quiz encarregar; e augurando dias felices e longa vida ao seu jornal, e agradecendo-lhe a bondade, com que se dignou de permutal-o com o nosso, saudamos a CRUZ com a sua mesma epigraphe, santa e bella em seu genero—AVE CRUZ! SPES UNICA—

—Foi fundado na corte do Rio de Janeiro o *Instituto Catholico do Brasil*, sob os auspicios dos Exm.os e Rvm.os Srs. Bispos da Diocese fluminense, cujo fim, segundo o 1º art. do respectivo Estatuto, que nos foi mostrado por um amigo desta capital, é—«associar em um só espirito e pensamento a classe sacerdotal de todo o Imperio, para melhor promover os interesses da Igreja catholica em geral, e os de cada Diocese em particular; propagando as sãs doutrinas por meio de Jornaes, Revistas, Prégações, Cathecismos, divulgação de livros piedosos, provendo instituições de caridade e religião, e sustentando a disciplina da Igreja.

O *Instituto* foi inaugurado no dia 2 d'Agosto do anno passado, sob a presidencia do illustre Monsenhor Antonio Pedro dos Reis; e á vista do crescido numero de Clerigos distinctos, que assistirão a esse acto, como seus membros, assim como da acta da sessão seguinte de 19 de Setembro, não duvidamos, que essa augusta e bella instituição tenha vida perduravel, attento o seu piedoso fim. Praza aos céos inspirar a seus membros o espirito de uma perfeita paz e inteira concordia, para que todos consigão os fructos beneficos, que de tão santa instituição devem esperar.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 — por anno — Imp. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1862.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 226.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

QUINTA-FEIRA 20 DE FEVEREIRO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

Exequias de S. M. o Senhor D. Pedro V.

—No dia 12 do corrente tiverão lugar na Igreja Cathedral as solemnes exequias pelo repouso eterno de S. M. o Senhor D Pedro quinto, Rei de Portugal.

Grande foi o sentimento de dor, que se manifestou nesta capital, ao chegar a noticia do fallecimento do joven Rei, que fazia as esperanças do reino portuguez; sentimento, que dominou não só os Portuguezes dedicados ao Rei, como tambem os Brasileiros, amantes da liberdade, do progresso e da civilização, verdadeiramente incarnadas no joven Monarcha.

O corpo do commercio, geralmente fallando, fechou as portas de seus estabelecimentos por tres dias, e a convite do distincto Consul portuguez todos os subditos respectivos vestirão-se de luto.

Desde logo promoveu o dito Sr. Consul, ajudado do digno Sr. Vice-Consul, e d'outros portuguezes dedicados, uma subscripção entre seus compatriotas, para solemnizarem exequias pelo eterno repouso de sua alma.

O resultado desta jornada não falhou ao proposito, graças ao espirito generoso e catholico dos portuguezes desta capital. Assim que, tiverão lugar as exequias, como dissemos, no dia 12 do corrente.

O corpo da Igreja estava completamente abalado de crepe, com galões de prata e amarellos; nas duas capellas fronteiras, junto da nave, estavão armadas tribunas, donde assistirão em uma os consules estrangeiros e a officialidade de marinha da estação naval, em outra a Camara municipal, e muitos outros cidadãos qualificados.

No centro da Igreja elevava-se um mausoleo ricamente ornado, cercado d'um gradil branco, de forma octogonal, sustentando sobre oito columnas uma cupula, sopesada pela coroa real, de proporções convenientes, a qual era ressumbrada por um docel, que se prendia no forro, em cujo centro negro se lia em lettras de prata—P. V.—donde se destacavão seis largas fachas negras, orladas de prata, cujas pontas seguravão-se ás paredes lateraes; na face de cada columna lia-se o nome d'uma provincia de portugal, e no semicirculo do arco estavão pregadas mitras, symbolizando os bispados do reino de Portugal, e suas conquistas.

Na fachada da entrada lia-se em baixo—Nasceu a 16 de Setembro de 1838—em cima—A' memoria de D. Pedro Quinto—na opposta lia-se em baixo—Falleceu a 11 de Novembro de 1861—e em cima a mesma inscripção da frente, divisando-se em ambos os lados a coróa portugueza, cercada das chagas, emblema da Nação, e nos quatro angulos estavão os Escudos com as bandeiras da Nação, envolvidas e apanhadas em signal de luto.

A capella-mór estava toda cortinada de preto, e o retabulo estava encoberto pelo bello panno de seda roxa, que o abafa em toda a extensão, destacando-se unicamente d'entre esse bello aspecto uma grande imagem do Senhor Crucificado.

Deste modo apresentava o templo uma perspectiva augusta e nobre, assim como pomposa e grande, e a dequada por certo em magnificencia ao Alto Personagem, cuja memoria era alli com tamanha dôr solemnizada.

Na noite de 11 cantarão-se Matinas á grande orchestra vocal e instrumental, e no dia seguinte Laudes e a Missa, que foi celebrada pelo Muito Rvd.º Snr. Conego Mestre-Escola Luiz Raymundo da Costa Leite, Governador do Bispado, estando presentes a todos esses actos, o Illm. e Revm.º Cabido e todo o Clero da Cathedral, ao qual se encorporára o corpo dos seminaristas, assim como o Clero secular e regular da capital, o Exm.º Sr. Presidente da provincia, a Camara municipal, os Consules estrangeiros, os officiaes de terra e mar, chefes de repartições publicas, e os respectivos empregados, todo o respeitavel corpo do commercio, commissões de varias associações litterarias e mecanicas, grande numero de senhoras, e muitas pessoas do povo.

Finda a missa seguio-se um discurso recitado pelo orador sagrado o Rvd.º Sr. Beneficiado Manoel da Costa Delgado, que em verdade commoveu o auditorio, arrancando-lhe lagrimas de verdadeira dor, ao manifestar as brilhantes e raras qualidades do joven Monarca, assim como sua dedicação e amor pelo seu Povo bem amado.

Concluido o sermão seguirão-se as cinco absolvições do ceremonial, das quaes a 1.ª foi feita pelo Rvm.º Sr. Conego Arcipreste, a 2.ª pelo Rvm.º Sr. Conego Chantre, a 3.ª e 4.ª pelos Rvms. Srs. Conegos Mauricio e Sampaio, e a ultima pelo Rvm.º Celebrante o Sr. Governador do Bispado. Findas as absolvições recitárão alguns cidadãos poesias analogas.

No fim de todos estes actos de dor e religiosidade, de amor e caridade para com a alma do Nobre Finado, distribuirão-se algumas esmolas por sua intenção, as quaes por certo forão acceitas, na pessoa do pobre, pelo Divino Salvador, que de todos é o unico remedio.

Fez as honras funebres do dia a 3ª legião da Guarda nacional do termo da capital, commandada pelo Exm.º Sr. Dr. José Maria Barreto, commandante superior da mesma, acompanhada do parque d'artilheria com quatro peças, a qual deu no fim do acto as tres salvas do estilo, juntamente com a fortaleza da barra.

Durante todo o dia conservárão-se os consulados estrangeiros com bandeiras em funeral, e no mesmo sentido os navios surtos no porto, nacionaes de guerra, mercantes e estrangeiros, e com vergas cruzadas.

Ao finalizarmos a descripção succinta, que vimos de fazer, corre-nos o dever de manifestar da nossa parte o nosso sentimento, e dirigir aos Portuguezes os nossos sinceros pezames pela perda, que soffrêrão na pessoa de S. Magestade, o Sr. D. Pedro Quinto, o desditoso, que em seu curto reinado tantas provas ia dando do futuro engrandecimento, á que promettia elevar sua querida Patria.

Portugal o deplora com razão; mas o mundo reconhece as bellas qualidades e os excellentes dotes d'alma, que fizerão delle um bom filho, bom esposo, e finalmente um grande Rei, dedicado ao Povo, que amava como a filho, e extremo defensor da liberdade e civilização, mostrando no ultimo transe o sentimento religioso, que sobre tudo o dominava.

O SENHOR lhe conceda a paz eterna, e a luz perpetua o illumine.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

PARTE OFFICIAL.

Illm. e Rvm. Sr.—Com bastante satisfação recebeu este Cabido o officio, que V. S. Rvm.ª teve a bondade de lhe dirigir com data de hontem, vendo nelle expressões tão civis e tão delicadas, com que trata a este mesmo Cabido, que nada tem feito mais do que louvar repetidas vezes a V. S. Rvm.ª pela boa e acertada administração desta Diocese, cabendo assim a este Cabido a gloria de ter eleito para Vigario Capitular um de seus membros, que despido de orgulho tem sabido captar a affeição, não só dos cathedraticos, como tãobem dos fieis, pela mais imparcial justiça distribuida a uns e a outros.

Assás agradecido a V. S. pelo que fica expendido, tem este Cabido a honra de dar a V. S. seus sinceros emboras pela escolha, que sobejamente mereceu do Exm. e Rvm. Snr. Bispo Diocesano, que houve por bem de o nomear, para fazer suas vezes no governo, e ainda mais seu Provisor e Vigario geral do Bispado.

Este mesmo Cabido tem a honra e o prazer de offerecer a V. S. seu fraco apoio, tanto na continuação de seu governo para o serviço da Igreja, como para o particular de V. S.

Deos guarde a V. S. Rvma. Maranhão em Cabido 6 de Fevereiro de 1862.—Illm. e Rvm. Sr. Mestre-Escola Luiz Raymundo da Costa Leite, Governador do Bispado.—

O Arcipreste *Candido Pereira de Lemos*, p. i.
O Chantre *Manoel Pedro Soares*.
Conego Magistral *Manoel Tavares da Silva*
Servindo de secretario.

Programma

para a recepção do Exm. e Rvm. Snr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, Bispo do Maranhão.

De ordem do Illm. e Rvm. Snr. Governador do Bispado faz-se publico para conhecimento de todos o seguinte *Programma* para a recepção do Exm. e Rvm. Sr. Bispo desta Diocese:

1.º Logo que der fundo o vapor, e verificar-se a chegada de S. Exc. Rvm.ª tocarão em som festivo todos os sinos da Cathedral, acompanhados de girandolas de foguetes, os quaes deverão ser immediatamente correspondidos no mesmo sentido por todos os das Igrejas e Conventos da Capital; e o Illm. e Rvm. Cabido, bem como todo o Clero da Cathedral, e demais Clero secular e regular da capital, Parochos, Confrarias e Irmandades, reunidos todos na Cathedral, seguirão processionalmente para a rampa do desembarque, segundo suas antiguidades e precedencias.

2.º Na rampa do desembarque em lugar decente estará armado um altar, sob pavilhão, em cujo centro estará collocada uma cruz com a Imagem do Redemptor, estando ao lado o pallio, ou baldaquino, uma credencia para os paramentos, e um genuflexorio.

3.º Desembarcado o Exm. Prelado encaminhar-se-ha para o altar, onde a primeira Dignidade, revestida de Pluvial branco, lhe offerecerá para oscular a Cruz, e ahi sendo revestido dos paramentos episcopaes, entoar-se-ha em seguida a antiphona *Ecce Sacerdos Magnus*.

4.º Concluido este ceremonial seguirá o prestito para a Cathedral, indo o Exm. Prelado debaixo do baldaquino, cujas varas serão sustentadas pelo Exm. Sr. Presidente da Provincia, e mais Autoridades superiores, membros da Illm.ª Camara Municipal, e Cidadãos distinctos, indo adiante o Illm. e Rm.º Cabido com a sua respectiva Cruz, formando corpo com o Exm. Prelado; e todas as mais cruzes parochiaes, das Confrarias e Irmandades seguirão adiante na ordem, em que vierão. Poderá entretanto o Clero cantar algum hymno ou psalmo, excepto o *Te Deum*.

5.º Ao chegar o prestito á Cathedral, a primeira Dignidade offerecerá ao Exm. Prelado o aspersorio, e logo o incenso, depois do que será incensado pela dita primeira Dignidade, e entoando-se o *Te Deum*, será S. Exc. Rm.ª conduzido ao altar do SS. Sacramento, onde fará uma breve oração, depois da qual seguirá para o altar-mór, onde genuflexo permanecerá, ate que a primeira Dignidade recite a oração propria, depois da qual receberá do solio as saudações do Clero e Povo; então dará a oração do Padroeiro, e será conduzido á residencia episcopal pela rua de Nazareth pelo Cabido e mais Clero e Povo.

São pois por este Programma convidados pelo Illm. e Rm.º Sr. Governador do Bispado, o Clero secular e regular, os membros da Illm.ª Camara Municipal, todas as Autoridades e Empregados publicos, as Confrarias e Irmandades religiosas, os Officiaes militares de linha e da Guarda Nacional, os Consules estrangeiros, o Corpo do Commercio, os membros dos tribunaes de justiça, e das Associações litterarias e mecanicas, e finalmente o Povo catholico desta capital, para que se digne de acolher e receber com o devido amor e respeito o nosso Pastor, o Exm. e Rm.º Snr. D. Frei Luiz da Conceição Saraiva, Dignissimo Bispo desta Diocese; rogando o mesmo Sr. Governador do Bispado, confiado no espirito religioso dos habitantes desta capital, que se dignem de adornar com cortinas as portas e janellas de suas casas, e juncar de flores e folhas aromaticas as ruas, por onde houver de passar o Exm. e Rm.º Prelado com seu acompanhamento, bem como que illuminem suas casas por trez dias consecutivos.

O ECCLESIASTICO.

O ex-Vigario Capitular do Bispado.

Em o nosso numero passado demos conta da posse do governo da diocese, tomada pelo Muito Rvd. Sr. Conego Mestre-Escola, Luiz Raymundo da Costa Leite, como Procurador do Exm. e Rvm. Sr. Bispo diocesano, D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva; agora pois julgamo-nos sob o dever de fazer uma pequena vista retrospectiva sobre o ultimo governo desta diocese *Sede vacante*, como do personagem delle encarregado.

Natural da freguezia de S. Bento, comarca de Alcantara desta provincia, desde moço dedicou-se o Sr. Luiz Raymundo da Costa Leite ao serviço da Igreja e ordenando-se *in sacris* ahi mesmo foi parocho durante cinco annos.

Em 4 de Outubro de 1837 entrou para o serviço da Cathedral, como Conego Prebendado, sendo então condecorado com o habito da Ordem de Christo, e em 20 de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Junho de 1849 passou a occupar a Dignidade de Mestre-Escola.

Em Janeiro de 1852, sendo então Vigario capitular o Arcipreste José João dos Santos, chegárão as Bullas de confirmação, e a respectiva procuração, do Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, para que em seu nome tomasse posse do governo do Bispado; achando-se porém bastantemente enfermo o mesmo Arcipreste, substabeleceu elle a procuração no Sr. Mestre-Escola Costa Leite, que teve então a honra de tomar posse do Bispado, de cujo expediente já se achava encarregado, por causa da enfermidade do Vigario Capitular, desde 5 de Setembro de 1851, e que exerceu até 1.º de Março de 1852.

Chegado o Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel á Diocese, e começando a estabelecer o respectivo governo sob sua direcção propria, apreciando desde logo as qualidades distinctas do Mestre-Escola, nomeou-o Examinador synodal, e por morte do Provisor e Vigario-geral do Bispado, em 30 de Abril de 1853, foi elle para logo nomeado para o mesmo lugar, em cujo exercicio mereceu sempre, e sem interrupção, sua plena confiança, permittindo até acompanhal-o em algumas das visitas, que fez ao interior do Bispado, e encarregando-o d'algumas, que não poude fazer, como a da freguezia de S. Bento, sua patria natal.

No exercicio pois das altas funcções, de que se vio investido, graças ás suas distinctas qualidades e ao nobre caracter, de que é ornado, mereceu sempre o Sr. Mestre-Escola a consideração publica e particular de todas, as pessoas, que o communicárão, e, por occasião de vagar a Diocese em Junho de 1861, foi elle eleito pelo Illm. e Rvm. Cabido seu Vigario Capitular, prestando juramento a 10 daquelle mez.

Elevado a esse lugar eminente, portou-se de tal modo desde logo na gerencia dos negocios da Igreja, quer em relação ao Clero e Povo da Diocese, quer ás autoridades, que em nada desmentio o Sacerdote prudente e honesto, que presidia a Igreja maranhense, honrando por tal guiza a nobre Corporação, que o elegeu, que, fóra do Bispado, foi generosa e dignamente apreciado. A este respeito falle por nós outro, que por certo não poderá ser acoimado de parcial ou suspeito; lê-se no *Diario de Pernambuco* de 20 de Dezembro de 1861:

«Recebemos noticas do norte, as quaes são satisfactorias, e muito principalmente as, que dizem respeito á diocese do Maranhão, cujos negocios marchão, sob o governo do vigario capitular, o Rvm. conego Luiz Raymundo da Costa Leite, na melhor ordem possivel. O Rvm. conego Costa Leite é um sacerdote digno de todos os louvores; e tem sabido adquirir na sociedade uma posição elevada, devido ás sympathias, de que goza, e ao seu merito pessoal.

«Ao Illm. e Rvm. Cabido, que o elegeu para governar essa diocese, cabe em grande parte a gloria da justa e prudente administração, que tem feito S. Rvm., por quanto com discernimento soube depositar as redeas do governo em tão habeis mãos; e a S. Exc. Rvm. o Sr. D. Luiz não podemos omittir de apresentar os nossos sinceros parabens, por contar na sua diocese ecclesiasticos de merito, e entre elles o Rvm. conego Luiz Raymundo da Costa Leite, pessoa devidamente notavel pelos seus actos.»

Durante seu governo, como Vigario Capitular, desde 10 de Junho de 1861 até 4 de Fevereiro deste anno, só deu uma demissão a bem do serviço publico, e tres—por impedimento physico—dos proprios empregados, sem praticar um só acto illegal e offensivo ás leis da Igreja ou do paiz, nem injusto ou attentatorio contra os direitos de quem quer que fosse—Assim que, podemos afoutamente dizer, que não ganhou um desaffecto! Oh! nestes tempos, em que se encontrão a cada passo interesses oppostos, já é um passo no progresso dirigir com habilidade e prudencia as conveniencias e as consciencias humanas!

Graças pois ao espirito recto e justiceiro, o governo do ultimo Sr. Vigario Capitular agradou completamente.

Agora, finalmente, que se acha S. S.ª Rvm.ª, na elevada posição de Governador do Bispado, graças á confiança, que mereceu do Exm. e Rvm. Sr. Bispo diocesano, confiança, que lhe veio por certo do merecimento e da apreciação de sua consummada prudencia, só nos resta pedir ao Altissimo, que continue a illuminal-o com sua radiante luz e graça vivificante para o bem geral do Clero maranhense, e edificação dos fieis catholicos, que vivem sob sua jurisdicção espiritual, até entregal-a ao Pastor constituido; e ainda uma vez felicital-o pelos bem merecidos elogios, que tem sabido ganhar dentro e fóra do Bispado, entre o Clero e o Povo, entre amigos e desconhecidos.

Carta que ao Exm. Sr. ministro dos negocios ecclesiasticos dirigio o deputado Joaquim Pinto de Campos.

NECESSIDADES DA IGREJA E DO ESTADO.

Exm. Sr. ministro dos negocios ecclesiasticos.—Concluio-se a sessão legislativa. Foi ella absorvida pelo *expediente* politico. Muitas questões urgentes deixárão, por deficiencia de tempo, de ser alli tratadas. Assumpto houve, para o qual, em presença das necessidades publicas quotidianamente crescentes, tencionei invocar em parlamento a attenção dos poderes do estado: mas não se me offereceo opportunidade. Por tal modo, porém, me verga elle a consciencia, que no momento de regressar á minha provincia, julguei dever por este meio solicitar a attenta consideração do governo.

A voz, que ousa erguer-se, é de um amigo sincero, que almeja por ver os seus amigos circumdados da aureola de verdadeira gloria, e conquistando-a, em todos os sentidos, pela estrada larga da religião, da moral, do justo e do bom. E é porque deposito confiança nos caracteres, que presidem á manobra da náu do estado, e sobretudo no do palinuro, que lhe empunha o leme, que eu ouso traçar estas linhas. Se não fóra essa convicção, nem viria expôr-me aos baldões da impiedade triumphante, nem daria um passo de ridicula inutilidade.

Fio que, daqui á proxima sessão, V. Exc. terá tido occasião de profundar o assumpto, para exigir do poder legislativo as providencias convenientes para remedio dos males. Se a *fazenda* dos povos é cousa preciosa, as *almas* das gerações são cousa inestimavel, e que não merece cuidados inferiores.

Pretendo, pois, chamar a attenção de V. Exc. para o

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

assumpto mais alto em sua origem, mais grave em suas consequencias, que mais perigo ao desamparo, e que no remedio mais urge. Quero tratar da religião; fallará o christão, sem esquecer o homem politico; fallará o padre, sem esquecer o cidadão.

Desde longo tempo se confrangem os animos dos bons, ao presenciarem o lamentavel declive, por onde vão descendo idéas e crenças. Já lugares, que por sua altura parecerião inaccessiveis, vão sendo invadidos por doutrinas erroneas, ou, peior do que isso, pela propria ausencia de doutrinas.

E' tempo de antepor um dique á torrente, antes que a todos nos engolfe.

Cumpre dizer toda a verdade. Esta nação, que sempre timbrou de fidelissima; este povo, que sempre considerou a religião pedra angular do seu edificio, vae, sem culpa, descahindo n'uma indolencia, n'uma apathia religiosa, de que lhe é licito tomar-nos contas.

Venho hoje pedir ao governo da minha nação, que attenda, em quanto é tempo, á tão vitaes necessidades; que se conserve na altura de sua missão, e concorra, quanto em suas mãos couber, para abrir vias a mais auspicioso futuro.

Discorrendo perante um dos nossos primeiros estadistas, discorro não menos perante um animo altamente religioso. Essa dupla qualidade me affiança a attenção, e não ser ouvido com o pobre sorriso da zombeteira incredulidade, rachitico aborto nascido da ignorancia e do crime.

Quando a constituição do estado estabeleceo, que a religião catholica, apostolica, romana, *continuava* a ser a sua, curvou a cerviz ante um facto superior; direito superior a todos os direitos: repetio o, que lhe não era dado alterar, o que tres seculos havião gravado no coração e na mente dos Brasileiros, e dezenove seculos na mente e coração da humanidade inteira. Mas, collocando-se assim á sombra de veneranda protecção, obteve essa constituição novos titulos ao nosso respeito. Reconheceo ella assim, que o catholicismo, intermedio entre o homem e a divindade, era não menos a mais admiravel, a mais completa das constituições politicas.

E com effeito, Sr. ministro, onde nasceu toda essa tão exaltada civilização moderna? em Jerusalém. Acaba de ser derribada a lousa de um sacrosanto sepulcro, e doze legisladores lá partem das raizes da cruz. Quem são esses homens, que marchão encostados aos seus baculos, peregrinos das suas patrias, como Christo da celestial? Pois será dado a essa gente legislar para o universo? Quaes suas profissões? as infimas. Suas galas? andrajos. Suas sciencias? ignorantes. Seu trato social? rudes. Suas riquezas? nada possuem. Sua influencia? ninguem os conhece! E que alcanção esses pobres e ignorantes, e nús e desprezados? De nada, tudo: tinhão cahido as virtudes de Sparta com as leis de Licurgo; as de Roma com as leis de Numa... e um daquelles, um desvalido pescador, um dos dotados com linguas de fogo, funda no Capitolio imperio e em tal pé que os agitadores destes revoltos tempos, não desabará. O mundo conservará a mesma religião, em quanto conservar o mesmo sol.

Como Christo tem duas naturezas, assim o christianismo: ha o christianismo religioso e o christianismo social. Sob o primeiro aspecto representa a satisfação das mais reconditas e mysteriosas precisões da alma, estabelece as relações entre a creatura e o creador, prende o homem mortal e transitorio á immortalidade e á eternidade. Mas, encarado á luz humana por esses, que, como o primeiro homem, se imaginão estultamente centro independente da vida e da sciencia, o christianismo symboliza ainda a maxima perfeição da politica; subordina paixões e interesses terrestres á suprema lei do dever; seus dogmas, sua moral, tem por sancção a inevitavel justiça do Deos remunerador e vingador.

Só o christianismo tem credenciaes do céo junto á terra. Não lhe embargão o passo oceanos nem cordilheiras, climas nem costumes, historias nem civilizações. Para as falsas religiões tudo isso são obstaculos. O christianismo por toda a parte, onde respira um homem, penetra, impera, preside aos destinos da humanidade, illumina com sua refulgente luz os povos, que avanção na vanguarda.

Para que hão de pois espiritos truculentos, politicos mesquinhos, dissociar tão intimos interesses, os do estado e os da igreja, proclamando-os diversos, e quem sabe, se hostis?

Permittão os *espiritos fortes* ao crente contemplar na religião um lenitivo nas provações, um refugio na desgraça, um penhor de ventura e de paz na terra, um antegosto de immortalidade. Se lhes repugna ver nella chave da eternidade, aproveitem-a como o mais sublime dos codigos penaes, com a designação de todos os delictos dos seus codigos humanos, e de outros innumeraveis, para que são impotentes as leis terrestres; aproveitem-a, porque a sancção das penas é applicada por juiz, que vê tudo e sempre, e pune inevitavel e recto.

E' talvez neste sentido, que o poeta romano, fraco *espirito forte* de seu tempo, escrevia:

Expedit esse Deus; et, ut expedit, esse putemus; doutrina applicada pelo insuspeito Voltaire, quando accrescentava: *S'il n'était pas un Dieu, il fraudrait l'inventer.*

Estes aristocratas da democracia, repellindo embora Deos para seu uso, proclamão a necessidade da crença para bom regimen das turbas, e governo da sociedade.

Longe de antagonismo entre a sã politica e a religião, voga aquella na alheta; é identico o problema, que resolvem; são solidarias. Diga-se, que fallava a sabedoria romana, quando inscrevia como axioma: *lex est religio.*

Fulminaes penas contra o falsificador, o perjuro, o ladrão, o calumniador, o homicida? Muito mais duras as fulmina o decalogo contra tudo isso; e são ess'outras, que, apenas perpetrado o crime, apprehendem o delinquente pelo remorso e terror no tempo, e pelo inferno na eternidade.

E notem os estadistas myopes, os que renunção a esta suprema instancia penal, não desvairavel por sophismas de advogados, peitas de testemunhas, ou erros de humana justiça: o que succederá no dia, em que se inocular e impregnar bem nas turbas a idéa, de que a religião é uma peta pueril, de que a morte acaba todos os

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

gozos, todas as dores, todas as responsabilidades? Erguer-se-hão triumphantes os ruins instinctos, e o descrente se converterá *logicamente* no mais abominavel malvado.

«Visto que nada ha depois da morte (dirá elle) nem premio do bem obrar, nem punição de maleficios; de que serve praticar virtude, quando ella me prejudicar? desterrar crimes, quando elles me proporcionarem a felicidade terrestre, que durará tanto como eu mesmo?» Esse scelerado amanhã vae perjurar para locupletar-se; vae incendiar vossa casa, calumniar-vos, assassinar-vos, para se apoderar de vossa fortuna. Só um será o seu cuidado—evitar, que o descubrão, não tanto para não alienar as deferencias (que esse ouro aliás lhe multiplicará) como para livrar-se das penas das vossas leis, caso esse ouro lhe não compre jurados ou juizes.

V. Exc. pensará, pois, sem duvida comigo, quanto importa, até pela alta razão politica desarmada, prestarmos força á religião, arraigar mais tudo a fé nos povos. Ainda sob o aspecto humano, ai de nós no dia em que descrermos da vida futura!

Nesse dia, que significará virtude? uma convenção egoista da sociedade, sacrificando-nos em seu exclusivo proveito: desthronize-se a virtude.

Que significará decencia? pura comedia; basta, como Augusto Cesar no leito da morte, vangloriar-se cada um de ter bem desempenhado seu papel: desterre-se a decencia.

Que significará amor da patria aos olhos, de quem não tem porvir? Que importa ella? que valem a familia, os filhos? Para que felicitar todas essas cousas perecedouras e vãs á custa da propria felicidade? Morrão ellas, e viva o *eu*.

E *eu*, o terrivel *eu*, dominará todas as minhas acções; epicurista, serei todo materia e appetites, e carne e sangue, e animal! Evite-o, Exm. Snr., evite-o, quanto em suas mãos couber.

A sublime lei do Golgotha prescreveu, o que nossas leis prescrevem, exaltou, o que ellas exaltão; tanto cuidou do homem eternal como do caduco; tanto legislou para o céo, como para a terra. *Proposuit Deus instaurare omnia in Christo, quæ in cœlis, et quæ in terra sunt.*

Fez mais: em proveito nosso e das nossas sociedades, legislou sobre materias, em que forçosamente somos omissos. A soberba, que allue imperios, não a podemos castigar, mas é peccado mortal, motivou a queda do anjo. A avareza, que perturba as relações, a inveja, que origina malquerenças e guerras, tudo é punido com eternas penas. Iguaes são impostas á preguiça, proclamando-se o trabalho lei divina, que ennobrece (estimulando-a) a actividade humana; e assim, em myriadas de casos, em que tão impotente se arrasta a repressão dos homens, quão poderosa se ostenta a de Deos!

Essas conquistas, de que tanto nos ensoberbecemos, como rubis engastados na corôa da civilização, a quem senão á redempção se devem?—Liberdade universal—igualdade dos homens ante Deos e entre si—conquista da superioridade intellectual sobre a natureza physica—abundancia de bens terrestres—os pobres tirando por igual os seus formaes de partilhas no patrimonio commum—a miseria vencida com os vicios—o reinado da razão, da justiça e do amor... Que é tudo isso senão a applicação do principio do christianismo ás relações sociaes?

A quem se deve o melhoramento dos costumes, e por elle o aperfeiçoamento das instituições? Vamos voltando as douradas paginas dos livros santos. Acharemos n'uma: *Fim da escravidão do homem ao homem* N'outra: *caridade e beneficencia.* N'outra: *paz.* N'outras: *visitas dos encarcerados; perfilhamento dos orphãos; amparo das viuvas; melhoramento moral; rehabilitação dos criminosos; instrucção dos ignorantes*; finalmente, essa infinidade de joias do inexhaurivel thesouro da celeste bondade.

Onde se não fôr impellido pela crença, obre pois ao menos o calculo das conveniencias. Lembremo-nos, que a religião decreta os mesmos principios de moral, que nós depois lhe fomos pedir; que é ella a primeira, que fixa a norma do dever, como profanamente o entendemos tambem; ella que, discriminando o bem e o mal, estabelece uma lei suprema reguladora das acções, que ao passo que afiança o soberano bem duradouro (primordial intuito seu) domina sobre a consciencia nas suas relações com a razão, principal interprete do homem. A moral religiosa, que marcha sempre (ás vezes lenta, mas firme) tem maximas absolutas, porque assenta n'uma soberania, que origina sua incalculavel influencia nos destinos das nações.

Mal hajão pois os interesses, a ignorancia, ou as ruins paixões, que excitão á cegueira de separar-se, á impiedade de combater-se, dous elementos unisonos de ordem e de ventura.

Nem o principio ha de devorar a consequencia, nem a consequencia subsistir fóra do principio.

E chamão-se estes tristes instigadores *philosophos*! como se podesse haver sabedoria em opposição com a igreja de Deos!

Athleticas lutas malferidas por pygmeos!

Onde a philosophia duvida, a religião certifica; aquella examina, e esta crê; ali a consulta, aqui a ordem; lá discute a verdade, cá reconhece-a; aquell'outra fraca, est'outra forte; alem inaccessivel ás turbas, a quem universal; nesse lugar as escolas, neste os templos; lá sujeição, mobilidade, dissolucção, aqui immobilidade, independencia, unidade! Aqui a obra de Deos, lá a obra de Satanaz.

Por desgraça nas épochas de crises e radicaes reformas, no estado de civilização agitada, quando esta admitte a revolução como direito, sóem levantar-se esses lamentaveis symptomas de desaccordo; mais compete aos tempos normaes de desenvolvimento regular e pacificamente progressivo estabelecer indissoluvel harmonia entre moral, religião, politica e philosophia. Livre-nos Deos de lei atheista!

Nessas condições normaes vivemos nós; é tempo de aproveital-as. Mas, que vemos em torno? uma moral de convenção, de conveniencia, discutivel, discutida, porque é sem religião; uma metaphysica sem crença; idéas lisongeiras de pueril vangloria do espirito, mas que não ele-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

vão a alma; que dão uma superficie de instrucção, mas sem raizes; que nos ensinão a ser habeis e avantajados na vida, mas não melhores.

Respiramos uma atmosphera mephytica de indifferença mais perigosa, mais envenenada que a da impiedade audaz, ou da incredulidade militante. Venhão antes essas; venhão antes as perseguições ferozes; a igreja lhes deve o enthusiasmo contagioso e sublime dos primeiros seculos. Em nossa familia se patenteia essa disposição innata, sempre que a religião é ameaçada em algumas de suas velhas crenças. Apenas mão sacrilega ousa erguer-se para a arca santa, o sentimento brasileiro levanta-se inflammado, unanime, de todos os angulos do imperio.

Mas, fóra desses momentos de excitação, a sociedade recahe n'uma atonia, n'uma indolencia religiosa, que infunde terror.

Avancem para a frente a controversia philosophica, a palavra sacrilega, o atheismo selvagem; tudo isso nos assegura batalha e victoria. Mas esta incuria, esta maleabilidade, deleixo, insensibilidade religiosa, ai que isso invade sem peleja, isso denuncia decomposição interior, gangrena!

Gerações sobre gerações vão rolando, como ondas, que se quebrão nas praias; e dada nova geração vae achando diminuido o patrimonio humano da fé, do culto, da moral christã. Tremo só de o pensar, mas o progressivo cahimento, em que vamos, levar-nos-ha, em meio seculo mais, á ruina das praticas, como dos sentimentos religiosos! Tristonho futuro se me antolha!

A culpa é minha, como de nós todos. Sou homem politico, pertenço a uma assembléa de legisladores, sou padre, sou cidadão; pois bem! os padres, os cidadãos, cada um por sua vez, tem concorrido para tão lamentavel situação.

E, seja licito á lingua, que se não dobra a considerações humanas, reconhecel-o: o exemplo não vem de cima; se bastasse de per si o exemplo, orvalho que refresca e fecunda, o alto exemplo, que importa o calor das convicções contagiosas, receberiamos do throno a mais eloquente lição.

A culpa é nossa. Nas duas casas do parlamento quantos membros do clero têm assento? Não bastou, que a nossa organização fundamental omittisse crear no seio da representação nacional um banco dos bispos; nem um unico foi chamado a illuminar-nos, e a importante, a suprema, a urgentissima legislação religiosa quasi corre á revelia do alto e baixo clero!

Os parlamentos atulhão seus archivos de leis sobre estradas, diques, navegação, commercio, fazenda, saude.... E' justo; mas a moral, mas a religião serão acaso tão secundarias cousas, que ainda após aquellas tarefas nos desmereção cuidados?

Levantamos estradas ferreas, mas no lugar dellas derribão-se templos para mais os não reerguermos. E' máo!

Passe o carro da verdade por sobre quaesquer cabeças, que se lhe anteponhão! O menospreço, com que vão sendo cada vez mais contemplados os ministros do Senhor, por tal arte os tem acobardado, que vão progressivamente ficando cada vez mais inferiores á sua alta missão. Em todas as gerarchias infelizmente é mister, que se avive o ardor amortecido. Não é tanto a falta de numero de semeadores do Evangelho, que deve lamentar-se, como a falta de semente por esses semeadores, sal da terra, lançada á terra. *Multi sunt sacerdotes, et pauci sacerdotes* (dizia S. Chrysostomo) *multi in nomine, et pauci in opere.*

Os prelados, generaes da malicia da igreja, têm na maioria presas as mãos. Desde que se ousou denominal-os empregados publicos; desde que em poder moral e material lhes arrebatárão tantos meios de legitima influencia; desde que a autoridade civil tratou o episcopado, não já de igual á igual, mas de superior á inferior, ficou minada a força, a possança delles. Não o occulto, porém, devêra essa circumstancia redobrar a energia dos prelados, cuja sacra missão é em toda a parte augusta, mas em nossa terra vital.

Os parochos, em grande numero, esquecem, que são curas d'almas, tornão levissima a pesada cruz, que tal sacerdocio lhes impõe! Não fallo já de todo esse imperio, cuja extensão despovoada motiva freguezias de dezenas de leguas, nas quaes nenhum contacto existe entre as ovelhas e o pastor; fallo das proprias cidades... dil-o-hei da propria côrte, onde no dia do Senhor me não consta haver uma só igreja, em que se ensine a doutrina, a palavra de Deos! Avalie-se por ahi o desamparo das outras necessidades espirituaes!

E pois que fallo dos parochos, lamentarei igualmente a facilidade, com que se consente a viuvez de muitas freguezias, tolerando-se, que os pastores espirituaes vivão longe de seus rebanhos, applicando-se a misteres mui outros do que aquelles, á que se consociárão. Mais deploravel é ainda observar, que em varias dioceses vão annos volvendo sobre annos, sem que se verifiquem os concursos synodaes para preenchimento das vacaturas dos curas d'alma, com grave infracção do concilio tridentino e detrimento dos mais sagrados interesses publicos.

E que direi dos clerigos seculares, embora seja da minoria delles, mas, um só que fosse, já seria demasiado? Que sabem muitos d'entre elles da sciencia divina? A tal ministro diz S. Jeronymo: *Si ignoras legem Domini, ipse se arguet non esse sacerdotem Domini*: Que sustentaculos são esses do culto? Pouco instruidos, pouco morigerados, prejudicão esses na palavra ou na deficiencia della, na falta de exemplo ou no exemplo máo.

Sim, precisa ser melhorado o clero; mas não lhe arremecemos á face accusação de desvios os accusadores delles. Outrora, quando as crenças erão fundas, as primeiras familias, os primeiros talentos, adoptavão essa carreira reverenciada, gloriosa.

Cada casa designava o primeiro filho para as armas, o segundo para as lettras, o terceiro para a igreja: davão no primeiro o contingente ao rei, no segundo á patria, no terceiro a Deos. Era o tempo, em que Deos, patria e rei tinhão significação!

E hoje o clero *quantum mutatus ab illo!* A sua existencia propria supprimio-se; as suas regalias amesquinhárão-se: o *Sacerdotibus dabantur decimæ et pri-*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

miciæ converteu-se n'um salario de favor do governo; a sua independencia proscreveu-se: a natureza de suas funcções amplion-se; a sua jurisdicção desappareceu; a autoridade episcopal subordinou-se; e finalmente n'um paiz, onde todas as estradas levão ás elevações e á fortuna, tornou-se a carreira ecclesiastica a unica, que, impondo mais pesados deveres, não tem remuneração, não tem aspirações, mal costeia a subsistencia, e colloca um homem, aos olhos da sociedade, em posição inferior.

Como é possivel, que em taes condicções, salvas as vocações privilegiadas, se componha o clero da escolha de uma nação, onde tantos misteres estão avidamente solicitando todas as aptidões?

As ordens regulares, ainda por motivos analogos, vão decahindo de seu prisco esplendor, e por fatalidade vão pagando o inevitavel tributo esses grandes vultos, cujos nomes sobredouravão aquellas casas aos olhos dos fieis. Entendo, que este ponto está invocando attenção com apertada instancia. Persuado-me, de que a extincção dessas ordens é um grande mal, e hão de inevitavelmente cedo extinguir-se, se não se levantar o interdicto ás admissões de noviços. Quizera, pois, que essas instituições se perpetuassem, *mas reformadas*; que cada uma das ordens introduzisse os melhoramentos, que, captando universaes sympathias, não deixassem duvidas sobre sua utilidade; que a antiga fórma monachal ascetica admittisse mais largas relações com o seculo; que a cada ordem fosse imposta a obrigação do culto, da prégação, do ensino, dos hospitaes, das missões entre os nossos selvagens com um numero dado de monges para cada mister. Quizera finalmente, que, respeitada a propriedade dessas ordens (visto que é tão legitima como a mais legitima) se lhe désse outra fórma de administração, de modo que as dispensasse de distrahir a attenção de seus membros para especulações ou negocios, que forçosamente hão de rebaixar o caracter do frade aos olhos do povo: *Nihil operi Dei præponatur*—A' obra de Deos nada se anteponha;—estatuia o patriarcha S. Bento.

Os nossos collegios de meninos ensinão muito francez, muita philosophia, mas não explicão o Padre Nosso. Ainda mais grave é o ensino em collegios de meninas. A mulher póde e deve ser o grande instrumento da regeneração, mas para isso cumpre substituir sua posição actual de idolo dourado ou machina reproductora. Uma nação é um aggregado de familias; lar domestico é a mulher. Como ha de educar seus filhos, instruil-os, tornal-os tementes a Deos, uteis á patria; como ha de usar de seu immenso poder sobre o marido, se a sua intelligencia inculta lhe não proporcionar os meios de aproveitar tão vasta, tão legitima influencia? A nossa educação feminina é hoje exclusivamente a dos bailes, das salas, das ostentações e das miserias; e as que vivem fóra das cidades ou não possuem fortuna, vegetão na ignorancia, por se entender, que a mulher de per si é nada!

Se destas criancinhas de ambos os sexos volvemos olhos para outras crianças grandes, os rudes selvagens das nossas florestas, esses homens, para quem temos duplas obrigações, como christãos e como compatriotas, pasmo de ver, como, sendo tão radical necessidade nossa a povoação deste dilatado continente, só nos vêm ao espirito as colonizações estrangeiras (mistura hybrida de ritos e crenças) antes de pensarmos na colonização nacional. Pasmo sobretudo da fatalidade com que se olvidão os dictames da historia, apregoando-nos, que estas conquistas da civilização nada as effectua tão prompta, segura e efficazmente, como a cruz e a palavra do Senhor. Gentes ferozes, indomitas a todos os jugos, submettem a cerviz ao poder inerme.

Não fatigarei mais tempo a attenção de V. Exc. perpassando ainda tantas outras conveniencias sociaes, que estão sequiosas, clamando pelos remedios, que se lhes poderão dar quando a moral fôr uma verdade nos governados, a religião uma verdade nos governantes.

Não é para um homem (sel-o-hia muito menos para mim) apresentar a serie de providencias de variadissima natureza, que semelhante estado de cousas aconselha. Cumpre estudar todas estas materias a fundo, tanto nas theorias, como na pratica; colher muitos dados, applicar summo estudo; mas considero esta necessidade como vital, inadiavel.

Acredito sinceramente no governo, acredito nas boas intenções do cavalheiro, a quem estão mais especialmente affectos estes trabalhos e alta direcção dos negocios ecclesiasticos do imperio: persuado-me, de que tomará como titulo de gloria iniciar estudos, assentar bases, para se alicerçar com solidez o porvir glorioso desta nação.

V. Exc. em sua sabedoria, e cercando-se de homens pios e tementes a Deos, tomará as providencias, que mais acertadas forem. Nem duvidar me é licito, de que ellas sejão, quaes o nosso estado as aconselha; mas, se não é isto commetter indiscripção, ouso submetter alguns pontos praticos, cuja solução cabe á maior alçada, que a da minha curta intelligencia.

Não serião convenientes algumas ou alguma das seguintes disposições?

—Crear-se uma commissão, composta de varões competentes, incumbida de estudar a fundo as circumstancias, em que, sob o aspecto religioso, se acha o imperio, consultando sobre os meios de restituir o esplendor do culto, fundar solidamente a moral christã, estender e arraigar as conquistas da cruz, tudo em conformidade com os principios catholicos, e a indispensavel submissão ao chefe visivel da igreja.

—Estabelecer junto ao Primado uma congregação, decidindo definitivamente todos os pontos de disciplina, culto, estudos especiaes, etc.

—Examinar o estado actual do clero secular, sua instrucção, sua moralidade. Dotal-o conveniente e independentemente. Proporcionar-lhe os meios de satisfazer á sua alta missão.

—Investigar, se convém á religião e ao estado, que as ordens religiosas sejão reformadas; que se lhes imponha, como invariavel dever, ter sempre cada ordem certo numero de oradores sagrados; de missionarios, que percorrão os territorios de nossos gentios; de mestres de ensino primario, secundario, e doutrina christã, e de ministros do culto;—que preenchidas estas condições, se facul-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

te o ingresso ao noviciado, como outr'ora; que as actuaes propriedades monasticas de raiz, e principalmente de escravos, se convertão todas em apolices ou papeis do estado.

—Informar sobre os edificios applicados ao culto, quaes os lugares, onde são insufficientes, e os meios de quanto antes se ergnerem e dotarem novos, onde necessarios forem.

—Quanto ás irmãs de caridade, averiguar, se não será desejavel aclimar e naturalizar essa instituição; adoptar essa formosa organização, menos ascetica e contemplativa que militante; desempenhando-se a regra da ordem, mas com sujeição ás autoridades ecclesiasticas brasileiras.

—Promover publicações tendentes a radicar os principios da moral, conferindo-se a seus autores premios honorificos e pecuniarios, e tomando o estado o numero de exemplares precisos, para convenientemente se distribuirem.

—Pelo que toca ao ensino das respectivas sciencias, decidir, que se leve a effeito a execução da lei, que creou a faculdade de theologia, pois que, passado certo praso só de entre os seus doutores deverão sahir os prelados, sendo tambem esse titulo de preferencia para provimento das igrejas.

—Se entre as habilitações para os cursos superiores, e para a quasi totalidade dos empregos publicos, deverão estabelecer-se provas indispensaveis de conhecimento da religião do estado.

—Se nos collegios de meninos e meninas não deverá ser severamente obrigatorio o desenvolvimento dos estudos da doutrina, da religião e da moral.

Outros muitos expedientes poderão contribuir para a regeneração, que tanto urge. Adopte-os V. Exc. como ministro de um principe tão illustrado como religioso. Alcance dessa arte as bençãos, que lhe afiança os *Psalmos*, quando bradão: *Beatus vir, qui meditatur in lege Domini die ac nocte.* Actos são esses, que a Providencia costuma prodiga premiar no tempo e na eternidade.

De V. Exc. muito attento amigo, e obrigado servo.

JOAQUIM PINTO DE CAMPOS.

Rio de Janeiro aos 16 de Setembro de 1861.

(Do *Diario de Pernambuco.*)

NOTICIAS DIVERSAS.

ORDEM BENEDICTINA.—E' uma das ordens mais celebres do mundo; seus grandes serviços prestados ás lettras são por todos bem conhecidos, e o grande numero de monges, que tem occupado altos cargos ecclesiasticos, seria bastante para immortalizar o instituto de S. Bento. Só na Europa dos claustros da ordem Benedictina sahirão 40 Papas, mais de 200 Cardeaes, e para cima de 6,000 Bispos.

A IGREJA TRIUMPHA.—*A' Perseverança de Milão* escrevem de Constantinopla, á 17 de Outubro: As questões religiosas, que parecião a ponto de se submergirem no occaso, levantão-se de novo, por modo que excitão a attenção publica. A' scisão hungaro-grega succede a dos gregos, que se separão do seu patriarcha, para se fazerem catholicos. Vai a uma propaganda pelo paiz, e já tres ou quatro Bispos gregos passárão ao catholicismo.

DADIVA POR DAVIDA—Uma correspondencia de Roma, de 4 de Novembro, que temos á vista, refere o seguinte:—Sabindo Sua Santidade, ha tres dias, a dar um passeio a pé, grande concurso de povo o cercou logo, e o saudou com as mais significativas provas de dedicação, em que tomárão parte muitos zuavos. O Santo Padre a todos acolheu com a sua costumada bondade, distribuindo algumas medalhas, em que estava gravada a sua effigie. Acabadas estas, voltou-se Sua Santidade para os zuavos dizendo-lhes: Creio, que não vos offenderei, com o que vou fazer, para contentar a todos, visto que me pedis medalhas com o meu retrato, e que as quereis receber de minhas mãos. As medalhas acabarão-se, mas tenho aqui alguns retratos, que as podem supprir; dizendo isto, tirou do bolso uma porção de moedas de prata acabadas de cunhar, que levava para os pobres, e começou a distribuil-as. Cabendo a um zuavo receber uma destas moedas, se voltou em seguida para Pio IX, e com gesto submisso e timido lhe dirigio estas palavras: Santissimo Padre, permittir-me-ha Vossa Santidade, que façamos uma troca? E em seguida entregou um rôlo, que o Papa recebeu com affabilidade, e deu a guardar a um dos prelados, que o acompanhavão. Voltando ao Vaticano foi aberto o rôlo, que continha 300 moedas de quatro duros, e juntamente escriptas estas palavras: *Ao Vigario de Jesus Christo*—um mercenario do exercito Pontificio.

LIVROS PROHIBIDOS.—Por decreto da Sagrada Congregação do Index, datado de 9 de Outubro de 1861, forão prohibidas as seguintes obras.—Defensa das principaes proposições da these sustentada na Universidade de Genova em 19 de Julho de 1860 por Wouthier.

—Da constituição civil do Clero e da secularização dos bens ecclesiasticos.—Discurso de Francisco Diui, Florença.

—Pro causa italica ad episcopos catholicos, auctore presbytero catholico, pelo padre Passaglia.

—Os poetas e os philosophos considerados como prophetas, por Ernesto de Lapassa.

—Dos fundamentos de todos os systemas de philosophia, pelo mesmo autor, Munich.

—A vida e a doutrina dos costumes de Socrates, segundo os documentos mais antigos, pelo mesmo autor.

—Da liberdade de consciencia em suas relações com o poder temporal dos Papas, por Eusebio Reali—Turim.

—O Pontifice e as armas temporaes empregadas em defeza do poder espiritual, segundo a Civiltá Catholica.

—Carta politico-moral de um parocho piemontez—Milão.

—Apologia do opusculo intitulado:

O Pontifice e as armas temporaes, por Pedro Mangini, parocho Ogebbio.—Intra (Lago Maior).

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Im. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1862.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 227.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

SABBADO 8 DE MARÇO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

Em o numero passado demos publicidade a uma Carta do Rvm.º Sr. Conego Pinto de Campos, deputado á Assemblea geral legislativa, mostrando ao Exm. Sr. Ministro dos negocios ecclesiasticos as palpitantes necessidades da Igreja brasileira, e propondo-lhe ao mesmo tempo algumas medidas, que mais lhe parecêrão adequadas, no sentido de melhorar essas mesmas necessidades.

A carta do Sr. Pinto de Campos, como era de suppor, para logo excitou a discussão publica, attenta a importante materia, que faz seu fundo.

Temos pois grande prazer em chamar a attenção dos nossos leitores tanto para a mesma carta já publicada, como para o trabalho, que damos neste numero, cujo illustrado autor vem nelle assignado; assim como para outro, que havemos publicar.

CARTA

Dirigida ao Exm.º e Rvm.º Sr. Dom Manuel Joaquim da Silveira, Arcebispo da Bahia, Metropolita, e Primaz do Imperio do Brasil.

SOBRE

AS NECESSIDADES DA EGREJA BRASILEIRA, E DO ESTADO.

PELO

PADRE MANUEL TAVARES DA SILVA,

Bacharel Formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, Conego Magistral da Sé do Maranhão, Lente de Theologia Dogmatica e Substituto de Theologia Moral no Seminario Episcopal, Examinador Synodal do Bispado &c.

EXM.º E RVM.º SNR.

I.

Havendo eu lido no n.º 261 do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro de 21 de Setembro proximo passado uma Carta endereçada pelo Exm. e Rm.º Sr. Conego Joaquim Pinto de Campos ao Exm. Snr. Ministro do Imperio sobre—As necessidades da Egreja, e do Estado—, e na qual o mesmo Sr. Conego Campos disperta o Governo ácerca do modo de operar-se na nossa Egreja uma reforma, cuja palpitante necessidade á muito que se faz sentir, lembrei-me, visto que não concordo com alguns pontos offerecidos pelo illustrado auctor da já dita Carta á apreciação do mesmo Governo, de dirigir á V. Exc. Rvm^a. algumas considerações á respeito de negocio tão momentoso, e que, por sua importancia, deve prender a attenção da Egreja Brasileira, e do Paiz, principalmente na quadra em que actualmente vivemos.

II.

Hei lido, Exm. e Rvm. Sr., com muita attenção a carta do Exm. Sr. Conego Pinto de Campos, e reflectindo sobre o complexo de idéas, que nella desenvolveu, concordo, e muito, que, o arrefecimento dos principios salutares, e sãos da unica, e verdadeira Religião divina, a Catholica, é a base primordial da tão prematura dissolução de crença, e de costumes, porque vae passando o nosso Brasil ainda envolto nas faxas da infancia.

O pouco cuidado, quasi natural, e reprehensivel abandono, que preside a facil educação da nossa mocidade, ainda mesmo no lar domestico; a tibieza de alguns paes de familia na profissão da Fé, que juraram abraçar, e defender, no banho sacramental das aguas do Baptismo; a frivolidade com que tractam-se os mais austéros, verdadeiros, e rigidos principios da moral evangelica, que sendo escriptos com o proprio sangue do Regenerador da humanidade, não sabem transigir com as absurdas exigencias, e extravagantes dogmas, que actualmente infectam a nossa sociedade, não respeitando os logares, e nem tam pouco resalvando as apparencias, accommettendo mesmo a alguns de nossos legisladores, como sôe acontecer o anno passado assim na Camara Temporaria, como na Vitalicia, aonde a Veneranda pessoa do chefe do Catholicismo foi pouco acatada, e insultadas, e aviltadas com epithetos pouco honrosos á Parlamentos Catholicos as mais santas disposições da Egreja, e os, que se acham constituidos seus defensores, á quem, não sei porque injustos motivos, taxou-se de—*peraltas* e *vadios*, e cujas injurias nem se quer, ao menos, encontraram um protesto solemne desses dois Parlamentos, aonde sob o sagrado laço do juramento só pode funccionar, quem for catholico, apostolico, romano como expressamente determina a nossa Constituição Politica no art. 95 § 3.º do Tit. 4.º, e cuja Religião é a do Estado, como se acha ordenado no art. 5.º Tit. 1.º; os privilegios, e protecção escandalosa, absolutamente opposta ao nosso Pacto Fundamental, que se tem dado ás Seitas protestantes ou dissidentes, e á seus respectivos Ministros, que, carecendo de missão, invadem desassombrados as provincias do imperio, annunciando pelos jornaes, e pregando de pu-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

blico as suas falsas doutrinas; e muitas outras causas são, Exm. e Rvm.º Sr., os fataes vehiculos que nos tem collocado a braços com a impiedade, e a mais assustadora incredulidade e indifferentismo religioso no nosso esperançoso paiz!

Não defendo a intolerancia civil, antes a reconheço consagrada pelo art. 5º do Tit. 1º da nossa Constituição Politica, ainda que bem difficil e espinhoso seja marcar-lhe os limites; mas desejo, que se observe á lettra o que a respeito dispoe a Lei do Estado. O catholicismo inimigo inflexivel do erro, não pode pactuar com as seitas, que não possuem a verdade, e neste sentido elle é intolerante; porque nenhuma liga pode dar-se entre a luz, e as trevas; porem o catholicismo condemnando as falsas doutrinas, que dividem os espiritos, ama pela charidade a todos os homens, e compadece-se dos que desvairados, vivem na cegueira. Desejo como catholico, que sendo a Religião Catholica a unica, que no Brasil goza de culto publico, que o Governo seja zeloso em cooperar quanto em si couber para a manutenção da unidade religiosa, não consentindo, que outras quaesquer religiões se exercitem no Imperio com os mesmos apparatos, que a do paiz, e nisto muito interessa de mais a mais a sua tranquillidade.

III.

Quem haverá no Brasil, que, sendo Catholico de coração, e havendo estudado as suas melhores instituições, não lamente a insidiosa invasão, que nelle vai operando os ruinosos principios do funesto protestantismo, morto por inanição no seu mesmo berço, e acobertados com o improficuo systema de colonisação, que, parece ter sido adrêde escolhido para povoar o solo brasileiro, e ao mesmo tempo *descatholisa-lo?* Quem haverá, que deixe de gemer á vista dos artigos editoriaes, que, de a annos para cá, tem sido publicados nos primeiros jornaes do paiz, que são os Livros de todos, e nos quaes censura-se acremente, e até se ridiculariza a dedicação, e amor aos principios invariaveis do Catholicismo, propalando-se ao mesmo tempo as ideias aterradoras do Calvinismo, do Jansenismo, e quem sabe!, talvez que tambem de uma Egreja Nacional?!

Por pouco que se tenha estudado a nossa actualidade é forçoso reconhecer, Exm. e Revm. Sr., que d'entre muitas, que são suas legitimas consectarias, talvez esta seja a principal causa do esmorecimento, que se nota nos principios religiosos, e pouco fructo das melhores instituições do nosso paiz.

O protestantismo, que arrogou-se o falso nome de *reforma*, não tendo apostolado, não tendo missão, nascendo das inchoerencias, e paixões humanas, e nem tam pouco conservando o venerando deposito da Doutrina Sacro-Santa, de que é fiel guarda, e depositaria a Egreja Catholica, jamais poderá reformar coisa alguma. O livre exame, a interpretação individual das Escripturas, jamais poderão ser meios aptos para reformar costumes corrompidos: antes pelo contrario, serão um instrumento inevitavel de depravação prematura para os costumes ainda os mais sãos, e os mais vigorosos. Não pode haver moralidade sem que exista uma noção exacta, e precisa do dever.

Porem o protestantismo decompondo, e destruindo a noção moral, assim como dissolve, e inutiliza a noção dogmatica, acaba com toda a idea do dever, e sacrifica a moral ás suas paixões.

No Protestantismo os individuos erigindo-se por si mesmos em outros tantos seres influenciados pelo Espirito Santo constituem-se o unico Juiz do que devem obrar, como com a sua singular dogmatica já se fizeram do que devem crer. As mais grosseiras inspirações de suas inclinações podem logicamente ser por elles consideradas leis irreprehensiveis. Destruindo o grandioso principio da unidade admitte o protestantismo debaixo de suas bandeiras todas as crenças; e não podendo censura-lás, é forçoso, que, contemplando-as como sob a tutella do Divino Espirito, e de seus Prophetas, porque o seu dogma da livre interpretação das Escripturas não lhe dá direito á reclamar contra quaesquer ignominias, e extravagancias desgraçadas, as admitta, e considere com eguaes direitos aos fóros, que se deseja!

O protestantismo é uma doutrina de degradação, que tendo a sua origem em uma semente inficionada lançada na terra pela depravação de um rei libidinoso, foi depois cultivada pelas mãos sacrilegas de um frade apostata, e ambicioso, que não crendo na santidade de suas constituições, e nas leis sabias, e divinas do Catholicismo, sellou a sua pretendida reforma com o duplo escandalo do casamento que fez com uma religiosa, assim como o seu rei, rompendo com o vigario de Christo, já o havia feito com a mulher de seu proprio irmão!

E que fructos poderiam produzir taes sementes? A força natural da seiva, que alimenta o protestantismo, por certo, não podia produzir no seio das nações senão esses dissolventes horriveis, que dão como resultados logicos, e infalliveis a devassidão de costumes firmada pelo casamento civil; a decadencia das melhores instituições amparada pela sua decantada philantropia; e a morte moral das mais bem constituidas sociedades, originada pela descrença nos indestructiveis principios da verdade, dando-nos como seu filho primogenito—o indifferentismo!

A revolucção, que ameaça o mundo inteiro, tem nelle a sua base principal; pois que quando a não fumenta, a alimenta abalando as consciencias.

Negando o principio da auctoridáde, negando o direito divino, ensina sem rebuço a rebellião dos subditos contra os seus superiores; e estabelecendo os direitos do homem como superiores aos direitos de Deus, e da Egreja, com a desmoralisação dos povos, proclama o reinado da destruição social!

Se lermos com cuidado a historia da *reforma* certamente, que encontraremos a cabal demonstração do que acabo de dizer. Por toda parte por onde insidiosamente ella tem podido penetrar, a decadencia dos costumes, e uma nova dogmatica, filha do egoismo, e que tudo esteliza, começa a desenvolver-se e a mostrar uma geral, e precoce degradação nos sãos principios da verdadeira educação, e boa doutrina, como infelismente nos vae acontecendo. Por toda parte por onde ella pode penetrar tem a habilidade de substituir o erro á verdade, e pro-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

duzir aberrações, e desordens. Bem longe de ser um progresso, é antes a decadencia da consciencia humana. Por toda a parte finalmente por onde ella se introduz arteiramente, logo se manifesta a retrogradação dos Governos, e dos Povos, que caprichem em querer emancipar-se da acção benefica do Catholicismo, e por tanto da paternal acção do mesmo Deus, por quem governam os mesmos imperantes. A intollerancia a mais criminosa, e o mais abominavel ostracismo são dogmas constitutivos do protestantismo.

IV.

Attenda V. Exc. Rm.ª para as Leis, que de a vinte annos para cá tem sido promulgadas no Brazil, e, coteje-as com as leis protestantes, que verá os rapidos progressos, que tão perniciosa doutrina tem feito no nosso paiz, e a guerra surda, que faz á Egreja Catholica, que até então vivia tranquilla e desassombrada deste filho matricida. A pouca cautella com que o nosso paiz tem querido applicar-se a legislação de paizes acatholicos, sem que primeiro a depure da má doutrina, que lhe serve de seiva, não pouco tem contribuido para encorajar a propaganda protestante nesta terra de Catholicos: os factos bem o demonstram.

Não ha ninguem, que sendo aquecido pelo verdadeiro ardor da Fé, e que amando de coração o bem estar deste paiz, possa desconhecer a desconfiança, que ardilosamente implantou o protestantismo no Estado para que este viva injustamente prevenido contra a Egreja. E será isto uma simples asserção? Não infelismente! Por ventura não vemos nós todos os dias esta funesta desconfiança confirmada na legislação do Brazil, que a todo o transe, e a despeito das mais claras disposições canonicas, procura secularisar a Egreja, reduzindo os Ecclesiasticos á classe de meros empregados publicos, e sem razão plausivel, mas antes com manifesta injustiça, á uma associação de proletarios, á mingua de recursos á sua sustentação indispensavel, e indeclinavel decoro, e convertendo os Srs. Bispos em simples executores de leis, que sendo contrarias ao espirito dos Canones, oppõe-se a independencia da Egreja, ao passo que os priva ao mesmo tempo da suprema inspecção e exclusiva administracção nas suas respectivas dioceses? Não vê a Egreja Brazileira a desabrida, e injustificavel invasão, que, contra os sagrados canones, e disposições do Sacrosanto Concilio de Trento, que foi acceito no Imperio, tem feito o Estado na esphera da sua jurisdicção, e economia, levando isto a ponto de privar os Srs. Bispos de, parece incrivel em uma nação catholica!, licenciarem os Parochos nos seus impedimentos, e molestias sem o *placet* das Presidencias, quando não fallando já das Auctoridades civis mais graduadas, os Juizes de Direito, e Presidentes de Relações podem licenciar os seus jurisdicionados, communicando-o apenas a auctoridade superior? E a isto por ventura deverá chamar-se simples inspecção, ou manifesta uzurpação de attribuições, que não pertencem ao Estado? Será auxilio, ou resolucção calculada para a supressão da soberania da Egreja, e obliteração de sua autonomia?

V.

Não desejo roubar o tempo precioso á V. Exc. Revm. com a longa analyse de cada uma das Leis promulgadas no Imperio contra a Egreja: ellas são muitas, e pela resenha succinta, que dellas fiz no meu *Manual Ecclesiastico*, *Parte 4.ª*, se poderá facilmente ver o afan com que se tem trabalhado na sua secularisação. Não se pode deixar de considerar taes disposições legislativas, como outras tantas chagas abertas nos sagrados direitos da independencia, e soberania da Egreja, e sem contestação, a origem d'onde lhe tem vindo em grande parte os males, que ella hoje lamenta, e que deve procurar remediar-se. Estas leis tem de alguma forma plantado a descrença; pois que em observancia das maximas protestantes, e jansenistas, tem o Estado procurado discutir o principio da Auctoridade da Egreja, tocado na Arca Santa de seus direitos, e immunidades, e assim amortecido a Fé, que arrefecendo-se, tem sido substituida pelo estado de duvida, sempre perigoso, e que abre uma larga porta ás doutrinas erroneas, que os propagandistas dissidentes tem tido o cuidado de aproveitarem para introduzirem as suas maximas especulativas, a que chamam *de religião*

As ideias protestantes, que infelismente grassam no Brasil acobertadas com as determinações do Governo sob o capcioso pretexto de chamar Colonos protestantes, havendo-os catholicos, tem declarado uma guerra ao principio occulta, mas hoje manifesta á Religião Catholica, Apostolica, Romana, cuja é a do paiz desde o tempo de seu descobrimento. E' preciso, pois, ataca-las de frente em quanto o espirito dos Brasileiros não está contaminado de tão pessimas doutrinas.

A Egreja precisa de manter a sua tão necessaria independencia, pois que é uma sociedade christan directamente instituida por Deus; e o Estado certamente a não protegerá senão quando a considerando, como deve, como uma verdadeira soberana baseada na palavra diviva, e á quem exclusivamente compete velar pela nossa salvação espiritual, e tanto, quanto couber em suas forças, pelo nosso bem temporal, respeitar as suas raias. E' da essencia do Catholicismo penetrar a vida civil, e publica, e transformar o corpo social em um estado christão no qual a magestade da Religião é reconhecida, honrada, e protegida pela mesma auctoridade soberana. Pode, pois, a Egreja reclamar de um soberano christão Catholico, que em vez de ligar aos preceitos da Egreja leis, que os estorvem, ou enfraqueçam, os sustente com os seus regulamentos, puna os ataques externos contra ella, e contra a Religião, previna, e suffoque os schimas, proveja á sustentação ordinaria do culto, e dos Ministros do Altar. (1)

E' quasi que desnecessario demonstrar-se hoje qual seja a influencia da Egreja Catholica para a sociedade,— visto que a civilisação, e a historia encarregam-se de contar-nos isso todos os dias, ou a incaremos na revolução social, que ella operou desde o seu estabelecimento até a invasão dos Barbaros; ou na sua benefica, e civilisadora influencia durante esta invasão; ou na parte activa que tomou na destruição do Governo Feudal, e do despotismo que deshonrava os Imperantes, e aviltava as nações; ou finalmente a veneremos no admiravel movimento intellectual, que desde então imprimiu no mundo, pulve-

(1) Walter Man. do Dir. Ecc. Tom. 1.º Cap. 4.º §§ 40 e 41.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

risação da Reforma, e decidida influencia, que exerceu, e tem até hoje exercido no estabelecimento dos Governos representativos, e livres.

VI.

A liberdade, Exm. e Rm.º Sr., mas não o *liberalismo*, está escripto nos pés da Cruz, assim como o está a Civilisação; e a historia nos conta, que a decadencia dos Estados tem tido sempre por eixo o enfraquecimento e desprezo dos optimos, e salutares principios da Religião verdadeira. O Estado jamais dará um passo na via da civilisação e do progresso se a Egreja com mão firme lh'os não marcar com o pedestal da Cruz; e na epocha actual em que a propaganda protestante tem sublimado o principio revolucionario sob o enganoso, e melifluo nome de—Suffragio Universal—, que ameaça um verdadeiro cataclysma no mundo social com o novo direito publico que lhe convêm crear, desgraçado do Governo, que querendo antes dizer-se filho dos homens, do que filho de Deus, substituir a religião da dedicação, e do amor pela religião do egoismo, pela religião da negação de todas as verdades, fonte fecunda dos males, que affligindo as sociedades modernas, as impelle para uma decadencia precoce.

Aguarde-se o Brazil dos tiros prejudiciaes desta doutrina corruptora, e garanta a Egreja Brazileira da mordacidade, e maldade dos impios, que menoscabam as suas maximas santas, e direitos bem legitimos; imponha o respeito e acatamento, que reclama e merece a Religião Catholica, Apostolica, Romana, áquelles, que tendo os costumes corrompidos, vivem sem religião, e vivendo quasi que sem patria, zombam d'a que o Paiz professa por uma Lei fundamental: e feiche por uma vez as suas portas ás transações de crenças, que nestes ultimos annos se tem dado com a ademissão de Ministros protestantes sustentados pelas folhas do Estado, e com fóros de curas d'almas no Imperio da Santa Cruz!

VII.

Ainda este anno o nosso paiz enxertou na sua legislação uma especie de casamentos, que, encontrando a sua sancção nas idéas protestantes, não poucos males ha-de trazer ao Brasil, não obstante a sua tão preconisada necessidade! Parece incrivel, Exm.º e Rvm.º Sr., que nós, que somos os senhores do territorio; nós, que com o mais singular desapêgo destribuimos com os estrangeiros as nossas riquezas, sejamos ainda assim os obrigados a *protestantizar* o nosso paiz! Que em vez de impormos, sejamos os forçados á receber as tão duras, e degradantes imposições de—transigirmos em negocio de religião, ou de salvação, e abjurar-mos das maximas santas do catholicismo, que ha tres seculos e meio foram solidamente plantadas nesta terra da Cruz, nessa mesma importante localidade á cujos destinos preside actualmente V. Exc.ª Rvm.ª!—

Commentando-se a historia da Egreja nestes ultimos vinte annos parece, que está empenhada uma luta de gigantes entre a verdade, e o erro, e que se procura com afinco lançar a discordia entre o Estado e a mesma Egreja para o triumpho da heresia. E' por tanto absolutamente preciso, que, na phrase de Roselly de Lorgues, vistamos as nossas cótas, e nos preparemos para o combate. E permitta Deus, que o Brasil interpretando bem o seu nome primitivo espanque com a hastea da Cruz as trevas, em que traiçoeiramente o querem envolver, para depois o precipitarem em o terrivel abysmo aonde será infallivel a sua perda.

VIII.

Passando agora a fallar, ainda que perfunctoriamente, sobre as diversas proposições apresentadas pelo Exm.º Sr. Conego Pinto de Campos na sua já referida Carta direi á respeito de cada uma dellas o que com sinceridade penso, nos limites da razão, e da justiça.

Diz o Sr. Conego Campos:

1.ª Proposição.

Não será conveniente—«Crear-se uma com-«missão, composta de varões competentes, in-«cumbida de estudar a fundo as circumstancias «em que, sob o aspecto religioso, se acha o Im-«perio, consultando sobre os meio de restituir «o esplendor do culto, fundar solidameute a mo-«ral christan, estender e arraigar as conquis-«tas da Cruz, tudo em conformidade com os «principios catholicos, e a indispensavel submis-«são ao chefe visivel da Egreja?»

Supponho, Exm.º e Rvm.º Sr., que esta proposição é desnecessaria. O Brasil não precisa de *Commissão ad hoc* para estudar o seu aspecto religioso, que além de desanimador, é conhecido. Além de que entendo, que tal commissão composta de *varões competentes* é absolutamente superflua, visto que existem actualmente doze commissões permanentes, e que acham-se resumidas natural, e divinamente nas Pessoas dos respectivos Bispos diocesanos, guardas natos do sagrado deposito da Fé, e cuja maior parte com maior ou menor energia, cumprindo o dever arduo, e sagrado da sua missão, tem feito conhecer ao Governo, e ao paiz, que o Imperio tem algum tanto aberrado da sua Religião fundamental, que é a Catholica, apostolica, romana, ou pela tollerancia criminosa á vista da Constituição do mesmo Imperio, á respeito da propaganda das Seitas dissidentes, mormente da Calvinista, ou pelas repetidas feridas, que o meditado esquecimento dos Santos Canones, ou a leitura, e a applicação das funestas doutrinas jansenistas, lhe tem feito abrir nos direitos imprescreptiveis da Egreja, que, como uma Sociedade perfeita, e independente, não poderá continuar a supportar uma tal pressão, aggravada com a quasi nenhuma protecção, que lhe devia prestar o Estado. Aos Bispos, que foram collocados, segundo as expressões de Isaias, como sentinellas avançadas da casa do Senhor, e que regem a Egreja de Deus, como nos ensina S. Lucas nos Actos dos Apostolos (1), porque nella os collocou o Espirito Santo, incumbe particular e exclusivamente *guardar* a *Fé*, *conservar os custumes* e *manter a boa disciplina*, que constituem a *forma substancial* da Religião: a elles, como nos ensina o ultimo Concilio ecomenico, cumpre vellar—*ad restituendam callapsam admodum ecclesiasticam disciplinam depravatosque in clero et populo christiano mores emendandos se accingere volens* (2): guardar o deposito

(1) Act. dos Ap. Cap. 20 v. 28.
(2) Sess. 6.ª de reform. Cap. 1.º no princip.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

sagrado, isto é, as verdades catholicas, e evitar as profanas novidades de palavras, e as contradicções de uma sciencia de falso nome, da qual fazendo alguns profissão, descairão da Fé (3): examinar, e approvar os livros, que tractam de cousas sagradas, e auctorisar a sua leitura, ou impressão: vigiar sobre o culto, e prohibir, e extirpar quaesquer abusos; emendar e corrigir quaesquer defeitos, que possam dar-se na celebração do Sacrificio da Missa, e outros actos divinos (4); pregar a palavra, instar a tempo, e fóra do tempo; reprehender, rogar, admoestar com toda a paciencia, e doutrina; vigiar e trabalhar em todas as cousas, e fazer a obra de um Evangelista, no que cumprirão com o seu ministerio (5); fallar o que convêm á san doutrina, e convencer aos que a contradizem (6); empregar bastante deligencia para que aquellas cousas que são consagradas ao culto divino, e ministerio sagrado—*temporum injuria ne absolescant, et ex hominum memoria excidant* (7). Os Bispos são a columna do templo do Senhor. Segundo a bella expressão da edade media, são os Bispos o throno de Deus. E na verdade, Deus os torna responsaveis pelos seus interesses na terra. A virgindade da Fé da Egreja, e a santidade de seus costumes lhes foram entregues como um deposito, e confiados a sua guarda. O Bispo declara, e prega a doutrina, regula a disciplina; educa, escolhe, consagra, e institue pastores; vigia-os, dirige-os, fortifica-os, os modera, os consola, os reprehende, e os recompensa; vê por seus olhos, falla por suas boccas, e obra por intermedio delles. São seus Vigarios, e elle é o Pastor; são seus membros cuja cabeça, e coração elle é (8). Aos Bispos, pois, somente, compete oppôr com a sua poderosa auctoridade, que não deve ser interpecida pelo braço do Governo, que antes os deve auxiliar como Bispo exterior da Egreja, uma forte muralha ao terrivel desfiladeiro em que se acha o Imperio em materia de crença.

Sem submissão aos legitimos Pastores, e principalmente ao Papa, Chefe visivel da Egreja de Jesus Christo, poderá haver tudo, menos Egreja Catholica, de quem á receber o Brasil como deve as salutares doutrinas, possuirá, como felizmente possue na sua quasi totalidade, a Moral mais sublime, que veiu ao mundo, e que ao mesmo mundo coube a gloria de ouvil-a da bocca do mesmo Filho de Deus.

A solidez da moral christan depende da solidez da crença no Catholicismo em qualquer paiz. Observe, pois, o Brasil á lettra a Religião do Estado, e deixe de, ubio, transigir com a serie de dogmatisantes, que não podem fazer dogmas, e que nem mesmo dogmas tem, que verá restabelecido o esplendor do Culto, o respeito, e a veneração á Religião, que jurou guardar, e defender, e que pela quasi indefferença e menoscabo com que a vê tractar, sem que reprehenda, parece dar motivos para que algumas vezes, seja algum tanto dado de suspeito na sinceridade da sua Fé.

Cesse o Governo de proteger o protestantismo, que é uma planta verdadeiramente exotica no Imperio da Cruz, mormente, quando empenha-se com todas as suas forças para a sua prosperidade, e melhoramentos reaes; e deixe de auxiliar com donativos do Thezouro Nacional os seus missionarios sem missão, que se acham melhormente aquinhoados nos orçamentos do Imperio, do que os nossos Parochos, e Missionarios Catholicos, que percebem apenas os primeiros 600$000, e os segundos 500$000 para doutrinarem, e fazerem a catechese dos nossos indigenas, e então verá restituido o esplendor do culto, estendidas as conquistas da Cruz, e o seu clero devidamente acatado.

IX.

2.ª Proposição.

Não será conveniente—Estabelecer junto ao Primado uma congregação, decidindo definitivamente todos os pontos de disciplina, culto, estudos especiaes &c?

Não encontro uma necessidade justificada, que force a Egreja Brasileira á dar um semelhante passo; por quanto, tendo o SS. Padre Sixto 5.º estabelecido no anno de 1582 em Roma uma Congregação respeitavel chamada dos—Ritos—, á esta Congregação, que tem sido sufficiente para todo o orbe catholico, compete exclusivamente por Lei Pontificia solver todas as duvidas, que occorrerem sobre ritos e ceremonias da Egreja, sobre o Breviario, e Missal, e decidir as questões, que sobrevierem nas diversas egrejas acerca de seus direitos honorificos. E o SS. Padre Bonifacio 8.º por Decreto de 8 de Abril de 1628 expressamente confirmou as attribuições desta Sagrada Congregação no que toca a revisão dos officios divinos (9).

Somente aos Bispos, que nas suas respectivas dioceses são verdadeiros legisladores, e guardas vigilantes da fé, e da disciplina da Egreja, compete conhecer dessas questões, que não passaram desapercebidas á nossa Constituição Synodal Bahiense sob diversos titulos. Alem de que possuindo elles o seu Conselho Canonical nos respectivos Cabidos, os seus Examinadores Synodaes, Mestres de Ceremonias e ritos, e a Congregação dos Lentes dos seus Seminarios, entre os quaes existe um Professor de Liturgia, poderão todos os dias recorrer as suas luzes, quando por ventura dellas precisem, para solverem alguma questão espinhosa, e de momento, para cuja solução tenham tempo de recorrer á Sagrada Congregação dos Ritos.

O Direito Canonico recommendando aos Bispos, que consultem aos seus Cabidos nas questões de importancia, certamente, que positivamente comprehendeu as altas questões liturgicas.

Alem de que, pelo que diz respeito aos Livros, e estudos especiaes, a legislação da Egreja, assim como a do Estado não foram omissas,—ou attendamos para o Concilio Tridentino na sua Sessão 23 de *Reformatione* Capitulo 18.º, ou para o Alvará de 15 de Maio de 1805

(3) Ep. 1.ª Timoth. Cap. 6 v. 20 e 21.
(4) Conc. de Trent. Sess. 4.ª, e 22.ª de observ. et evit. in celebr. Missæ.
(5) Epist. 2.ª Timoth. Cap. 4.º vs. 2, e 5.
(6) Epist. a Tit. Cap. 1.º v. 9, e 2.º v. 1.
(7) Conc. Trid. Sess. 21. cap. 7 no princip.
(8) Dicc. Can. por L'Abbé André, palavra—Evêque.

(9) Bibl. Ferr. Verb. Ritus; Dicc. Can. cit. palavra Congregation, Bergier Dicc. Theolog. pal. Congregation.

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

§§ 5 a 11, por onde se verá com toda a clareza, que devem os Estudos Ecclesiasticos marchar sob a immediata inspecção e cuidados dos Prelados, e que por tanto á elles, e só a elles, como unicos juizes da boa doutrina, e sentinellas promptas á bradarem alerta! compete a escolha dos Livros para os cursos theologicos, e de modo algum ao Governo, como actualmente acontece. Em quanto aos outros Livros, que contêm doutrinas perniciosas, impuras, e hereticas, alem de competir aos Bispos acudirem com o saudavel remedio á tão venenoso mal (10) o Concilio de Trento fortalece a auctoridade Episcopal na inspecção, e repressão de taes livros com meios bem formidaveis, como seja a pena de Excommunhão aos contraventores do que a respeito determinam as disposições dos Concilios, e Breves Apostolicos (11), que exigem a approvação dos Ordinarios para que taes obras possam correr, e divulgar-se.

Demais se a necessidade de uma tal Congregação nunca foi urgente á nossa Egreja, e nem o poderia ser porque só Roma falla em ultima instancia, quando a cidade eterna lhe ficava a seis mezes de longitude, hoje, por certo tambem o não poderá ser, porque os Vapores, e os fios electricos aproximando-a de todos os povos a fazem distar apenas trinta dias do nosso Imperio!

Mas, se me fosse permettido emittir uma opinião, então diria: que em vez dessa Congregação, que não pode ter logar, seria muito conveniente, e até summamente necessario, que não só os Bispos muito considerando o que á respeito dos Synodos diocesanos determina o Concilio de Trento os reunisse *quotanis*, como que na séde metropolitana, ao menos de cinco em cinco annos, quando não fosse possivel a observancia rigorosa do que dispõe o mesmo Concilio, se celebrasse um Concilio Provincial, ou Nacional, e que para elle fossem então guardadas as questões e medidas de maior consideração, e importancia (12). No Brasil não sei bem quantas gerações já se passaram, que não viram tão magnifica e necessaria Congregação! Com ella toda a Egreja Brasileira muito lucrará, e não pouco os costumes, porque serão moderados, e corrigidos os excessos, compostas as controversias, e restaurada a disciplina. Fazem, se bem me recordo, 157 annos, que o Brazil viu um Concilio diocesano congregado pelo 5.º Arcebispo da Bahia em 12 de Junho de 1707, e que deu em resultado o bello Corpo de Direito Ecclesiastico privado, porque ainda hoje se regem as suas dioceses, e que tendo sido approvado pelo Governo, goza dos fóros de lei do Estado, salvas as poucas restricções, que lhe foram postas, pela Constituição e Leis do Imperio.

Assim, penso eu, que o Primado não só será mais considerado, porque lhe compete a iniciativa, e a primazia em todos os negocios, como que terá o Primaz occasiões de fallar á seus Irmãos no Episcopado, e, com elles, accordar sobre as medidas á tomar para o bem estar da Egreja, e do Imperio.

(10) Constituic. Synod. Bah. Tit. 6.º ns. 16 e 18.

(11) Trid. Sess. 18 in Procemio, e Sess. 4.ª de Edit. et usu Sacr. Libr.

(12) Ibid. Sess. 24 de Reform. cap. 2.º

X.

3.ª Proposição.

Não convirá: Examinar o estado actual do clero secular, sua instrucção, sua moralidade. Dotalo conveniente, e independentemente. Proporcionar-lhe os meios de satisfazer a sua alta missão?

Ninguem ha no Brazil, que duvide do pouco ou nenhum interesse, que ao paiz causava a sorte do seu clero desde o começo do seculo actual. Creados tres ou quatro pequenos e insufficientes Seminarios do meio ao fim do seculo passado, só em 1848 e de 1852 para cá poude o clero contar mais alguns desses estabelecimentos tão estreitamente ligados a sua instrucção, e necessidades. Bom será, que o Governo ouvindo os Bispos tenha occasião de admirar o triste Sudario do seu clero secular á quem, apenas nestes ultimos dez annos foram destribuidos alguns poucos recursos scientificos nos Seminarios do Imperio, posto que sem a egualdade, que reclama a uniformidade destes unicos viveiros de ecclesiasticos.

Sem um Clero instruido não é possivel a regeneração do paiz do chaos doutrinario em que se esforçam por lança-lo. E sendo certo, que da instrucção conveniente, e necessaria vem a moralidade, fica bem patente a necessidade de derramar-se pelas dioceses a instrucção em maior escala, e tempo de cessar a injusta idéa, que se liga ao Padre na assustadora quadra, que vae atravessando o nosso paiz, aonde já existem populações inteiras, que desprezam o catholicismo, e que sendo importadas com os auxilios do Governo, vivem do Thezouro nacional!

Entregues a seus proprios e minguados recursos o clero á custa de enormes sacrificios tem felizmente podido adquirir alguma instrucção, e apresentar ao Estado alguns sabios e não poucos varões eminentes em virtudes; e não tornando-se avaro destes seus conhecimentos muito bons serviços ha prestado á instrucção, e educação do Povo Brasileiro, que assim mesmo o bem diz, não obstante o constante alcunha de ignorante, com que muitas vezes é brindado por alguns Jornaes do Imperio, e por aquelles, que o querem desconceituar.

Deus permitta, Exm. e Revm. Sr., que o Governo reconsiderando no injusto esquecimento do seu clero comprehenda, que tendo-se obrigado pelo Alvará de primeiro de Agosto de 1752 á dar-lhe uma Congrua, e sufficiente sustentação, deixe de o conservar na indigencia, segundo a expressão do fallecido, virtuoso e sabio Sr. Marquez de Santa Cruz, Antecessor de V. Exc. Revm., e de boa memoria, obrigando-o á vir todos os annos pedir inultimente uma esmolla ás portas do Parlamento, ao passo, que todas as Classes do Estado, já bem aquinhoadas, recebem amplos e successivos augmentos! (13) Não é a ambição, mas sim a quasi miseria em que vive o Clero do Brasil, que o força a esmolar todos os annos nas portas dos Representantes da Nação; pois que sendo elle na sua generalidade pobre, adstricto ás suas funcções espe-

(13) Represent. dirigida ás Camaras Legisl. sobre o casam. civil. 1859.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ciaes, e dotado ou com um pequeno patrimonio (14), ou com um Beneficio de 360$ a 600$ reis, apezar de toda a economia, ninguem o poderá julgar *dotado conveniente, e independentemente*. E nem se diga, que uma tal dotação, e quaesquer outros melhoramentos com que aprouver ao Governo beneficiar o culto religioso, a instrucção, e o estado do clero, demande a creação de novos impostos colhidos pelo Fisco propriamente, porque pelo citado Alvará de 1752 os dizimos da Egreja foram secularisados á beneficio da corôa, ficando a mesma Egreja com direito a ser sustentada pelo Estado, que por certo, não poderá allegar *insufficiencia* a vista do que destribue para o culto, e para com o clero. E' a classe, que menor cifra occupa nos orçamentos do Imperio!

A instrucção, a moralidade, e independencia de um clero, é sem duvida a mais poderosa alavanca de que póde dispôr um Estado para tocar a sua regeneração, e prosperidade. Attenda-se para a França, cujas bellas instituições o Brasil procura imitar, mesmo no reinado actual, que facilmente se achará a demonstração do que acabo de dizer confirmada por factos. Leiam-se os seus Orçamentos e compare-se a dotação do seu clero, com a que actualmente tem o Clero Brasileiro! Deve-se, pois, por uma vez acabar com a prevenção, que se alimenta contra o Clero do paiz, considera-lo devidamente e pôr-se termo a sua quasi expiação, que tem sido longa, e bem resignada.

XI.

4.ª Proposição.

Não será conveniente: Investigar se convêm á religião, e ao Estado, que as Ordens Religiosas sejam reformadas; que se lhes imponha, como invariavel dever, ter sempre cada ordem certo numero de oradores sagrados; de missionarios, que percorram os territorios de nossos gentios; de mestres de ensino primario, secundario, e doutrina christan, e de ministros do culto;—que preenchidas estas condições, se faculte o ingresso ao noviciado, como outr'ora; que as actuaes propriedades monasticas de raiz, e principalmente de escravos, se convertam todas em apolices ou papeis do Estado?

A ninguem é licito negar os importantes serviços que a humanidade deve as ordens religiosas; e o Imperio do Brasil por si só seria bastante para demonstrar a verdade desta proposição, pois que desde o seu descobrimento não encontrou mais zelosos, e intrepidos instructores. E sem remontar a muitos annos atraz, bem fresca deve estar na memoria do paiz a creação do grande collegio Benedictino na côrte do Rio de Janeiro, que funccionando com regularidade e geral applauso, todos os dias recommenda-se *á gratidão do paiz por seus serviços á causa da instrucção publica* (15).

E' verdade, que a maior parte das ordens religiosas, que existem no Imperio, vivem em uma manifesta decadencia, e que actualmente não podendo por isto prestar relevantes serviços á Egreja, e ao Estado, convêm anima-las, e fortalece-las para que se regenerem, e tornem-se uteis. E até mesmo creio, que taes serão as vistas da Santa Sé. Porem qualquer, que seja a reforma, que dentro dos canones da Egreja, e Constituições das mesmas ordens, sejam por ellas reclamadas, á todas deve sobresair a de garantir-lhes o Governo a sua necessaria estabilidade, e o seu direito de propriedade, levantando-lhes por uma vez o destruidor interdicto com que as fulminou, privando-as de admittir Noviços, e o que as desgostando, quasi as tem morto por inanição! O protestantismo, vota uma guerra de exterminio ás Ordens Regulares, cujas fortunas, que tambem são as dos pobres, tem brutalmente roubado nos paizes que infelizmente foram alluciuados com as suas ideas, e reduzido os seus legitimos possuidores á indigencia.

E haja vista o procedimento do Piemonte, que assumindo o character de conquistador, tem exbulhado na Italia as ordens Religiosas de seus bens!

O Concilio de Trento na sua Sess. 25 de Regul. et Mon. cap. 1.º e 8.º expressamente recommenda a maneira, porque deve effectuar-se tal reforma.

Cumpre, porem, advertir, que se alguma reforma dever ter logar nas Ordens Regulares do Imperio, possuindo ellas uma instituição Canonica, e Constituições approvadas pela Santa Sé, nenhuma modificação poderão soffrer sem que medeie uma concordata com a Côrte de Roma, pois que é o juiz competente para considerar, e ordenar o que á respeito dellas for conveniente, e util.

E se alguma modificação houverem de experimentar as Constituições monasticas no que já não estiver de accordo com a disciplina actual da Egreja, de modo algum deverão ser relaxadas a ponto de perderem os seus elementos constitutivos e mudarem a essencia, e fim das respectivas instituições, excepto accordando a S. Sé o seu consenso. O seculo lhes será sempre muito perigoso; pelo que convirá affastar delle os Regulares, e reconstitui-los de maneira, que, com o consenso, e approvação da Santa Sé, encontre o Brazil nelles os seus Missionarios. E até não deixará de ser conveniente, que, a imitação dos saudosos Jesuitas, formem as Ordens Regulares pelos nossos Certões pequenas estancias com 3 ou 4 Religiosos, á fim de melhor occorrerem ás necessidades da Catechese dos nossos indigenas, em quem o Brasil deve enxergar, por uma bem entendida, e racional civilisação, que só pode vir pelo Catholicismo, os seus verdadeiros e proveitosos colonos.

E' bem verdade, que muitas Ordens religiosas acham-se decaidas do seu fervor primitivo, e apenas vegetam no esquecimento em que conservam a severidade da antiga disciplina; porem jamais se poderá deduzir disto a necessidade de extingui-las para recolher-se ao Fisco os seus bens, e depois anniquilar-se esta classe de homens, que, rehabilitados pela observancia de suas regras, podem instruir o povo, contribuir não pouco para o brilhantismo do Culto, como sempre contribuiram, e oppor-se

(14) O patrimonio para a recepção de ordens sacras é de 600$; e a Constituição Synodal Bahiense diz: que basta para patrimonio um titulo, que renda ao menos 25$000 por anno.

(15) Relatorio do Exm. Sr. Ministro do Imperio apresentado na Sessão das Camaras do anno passado pag. 48.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

a corrupção dos costumes, e as pessimas doutrinas, com que querem minar o Imperio.

O S.S. Padre Pio 9.º ainda na sua Allocução de 27 de Setembro de 1852 disse ao mundo Catholico: «que as ordens religiosas, constituidas santamente, e governadas com sabedoria, prestam grandes serviços, e honram tanto a sociedade civil, como a republica christan.»

Dado, pois, que a reforma no sentido em que a tenho encarado é uma medida necessaria, e util, jamais poderei considerar como complemento dessa medida ou reforma a *conversão das propriedades monasticas de raiz, e principalmente de escravos, em apolices ou papeis do Estado* Por quanto não só o Sagrado Concilio de Trento (16) reservou aos Prelados Regulares a administração peculiar dos bens moveis ou immoveis dos Conventos, valida, e licitamente adquiridos, mas a nossa Constituição Politica garante todo o genero de trabalho, de cultura, e industria uma vez, que não se opponha aos costumes publicos, a segurança, e saude dos cidadãos, (17), e em toda sua plenitude o direito de propriedade. Por tanto a conversão dos bens dos regulares em apolices ou papeis do Estado não só será uma manifesta violação do que a respeito dispõem os sagrados canones, que muito attendem para a natureza das diversas doações, algumas das quaes são condicionaes, que constituem taes bens, como certamente alem de contrariar o § 22 do art. 179 da Constituição do Imperio, em nada poderá lucrar o Estado com ella, por isso que, a semelhança do que aconteceu em Portugal em 1834, secam-se essas fontes d'onde o Fisco hoje aufere não poucos impostos.

E ainda que a primeira vista pareça repugnante, que casas de charidade possuam Escravos, comtudo no Brasil, infelizmente não o é, porque o homem escravo é por lei considerado tambem muito boa, e honesta propriedade, e tanto, que a propria nação os possue afazendados.

Regenere-se, por tanto, as Ordens religiosas, mediante uma Concordata com a Santa Sé, e o paiz, sem tocar na arca dos seus direitos, colherá dellas abundantes fructos, como acontece com os outros paizes aonde o genero das propriedades dos Regulares, nada complica com os beneficios, que ellas prestam ao Estado, e a Egreja.

XII.

5.ª Proposição.

Informar sobre os edificios applicados ao culto, quaes os logares onde são insufficientes, e os meios de quanto antes se erguerem e dotarem novos, onde necessarios forem?

Reconhecendo a absoluta necessidade em que vive a Egreja de Templos convenientemente preparados para a celebração do Culto Divino, nada diria sobre esta proposição, lembrada em boa hora, se por ventura não tivesse lido em um Folheto impresso no Rio de Janeiro uma outra, que tudo confiando do fervor dos fieis, pretende até exonerar o Governo de consignar no seu Orçamento *uma verba para o reparo dos Templos actuaes, provimento de paramentos, e do mais, que necessario for, para se celebrarem com toda a pompa as solemnidades da Egreja.* (18)

Para poder-se formar uma idea do estado lastimoso da maioria das nossas Cathedraes, e de quasi todas as nossas Matrizes não é preciso correr-se o Imperio, basta ler-se os relatorios dos nossos Bispos, e dos respectivos Presidentes de Provincia, aonde com dor veremos na uniformidade da linguagem o abandono com que se tem olhado para as Casas de oração.

O mesmo Sr. Ministro do Imperio no seu Relatorio deste anno assim se exprime: « Sinto não poder dar-vos ácerca de nossas Cathedraes, e matrizes informações lisongeiras. Se na Côrte, e em *algumas Capitaes* de provincia ha templos em que se podem celebrar com esplendor as festas religiosas, na maior parte das Freguezias o seu *estado é incompativel* com a pompa do Culto Catholico, faltando em muitos delles os necessarios paramentos. Espero que consigneis na lei do Orçamento os fundos indespensaveis para os reparos das matrizes.»

Basta ler-se a historia para ver-se de quanto era capaz a piedade, e fervor dos fieis nesses tempos, que os espiritos *fortes* de nossos dias chamam de—*Carolice*, e *papa-santos*. Os magnificos, e soberbos Templos, e Casas de Charidade, que admira a nossa geração são os monumentos, ou antes a historia monumental do ardor da Fé de nossos maiores. Porem, querer-se comparar essa epocha, em que os Monarchas, os Nobres, os Ministros, e o Povo venerando as Leis da Egreja, augmentavam os seus Patrimonios com avultados donativos, se submettiam ás suas determinações santas, e respeitavam a sua autonomia, com a epocha, que nos vê, e que tracta o importante negocio da religião como um objecto secundario, é o que não se poderá admittir. Nesse tempo a Egreja tinha seus dizimos, gozava de seus privilegios, e tinha immunidades; hoje, porem....., é duro dize-lo! a Egreja, quasi que-se regula pelos Codigos seculares, e nem mesmo podem dispor as Ordens Regulares da sua mesma propriedade sem um Aviso do Governo!

Ainda repetimos, a Verba do Orçamento, que decretar quantias para o Clero e para o Culto, não sairá dos impostos, mas dos dizimos, que são colhidos pelo Estado. Essa verba, indirectamente, ainda é filha da piedade dos Fieis.

Alem de que, não ha nação culta, aonde a Egreja não seja contemplada nos seus orçamentos. Isto é um auxilio, e nas circunstancias actuaes indespensavel no Brasil; o que comtudo não dispensa, e nem auctorisa á despresar-se a piedade dos Fieis, que como muito bem diz o Sr. Ministro do Imperio, «ainda hoje não é muito improficuo recorrer a ella; porem só em casos *especialissimos* se poderá prescindir do auxilio dos cofres geraes ou provinciaes.»

E ainda mais, se a religião catholica, apostolica, romana é a Religião do Estado, como dizer-se, que elle a não deve contemplar nos seus orçamentos, e que ella deve todo esperar da charidade publica? O Estado contraiu uma tal obrigação com a nossa Egreja e deve cumpri-la.

(16) Sess. 25. De Regul. et Monial. cap. 2.º e 3.º
(17) Const. Polit. do Imp. Tit. 8.º art. 179 §§ 22 e 24.
(18) Breves Reflexões—sobre as necessidades da Egreja Brasileira pelo Sr. José Ma...

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Depois da nova ordem, que foi dada as cousas da Egreja no Brazil, e a fiscalisação que o Estado, tem querido tomar sobre todos os negocios, que são peculiares a mesma Egreja, não é possivel admittir-se uma tal proposição em toda sua extensão.

XIII.

6.ª Proposição.

Quanto ás Irmans de charidade, averiguar se não será desejavel aclimar e naturalisar essa instituição; adoptar essa formosa organisação, menos ascetica e contemplativa, que militante; desempenhando-se a regra da ordem, mas com subjeição ás auctoridades ecclesiasticas brasileiras?

A historia moderna, principalmente, deve ser considerada como uma viva apologia da Congregação das Irmans da Charidade. Ainda bem fresco deve estar na memoria de todos os relevantes serviços, que estas charidosas creaturas prestaram a humanidade nos arraiaes da Crimea; e a sua abnegação tocando o sublime, chegou a commover o proprio sectario de Mahomet á tributar-lhes veneração e respeito e a admittir, que se estabelecessem em Constantinopla. Não será, pois, preciso demonstrar-se a conveniencia de se crearem casas de Irmans de charidade no Imperio, aonde ellas já tem prestado e podem prestar muito bons serviços.

E ainda que os inimigos de tão bella instituição a tenham considerado *descivilisadora*, e desnecessaria, comtudo os magnificos principios, que lhe servem de alimento, e os serviços reaes por ella prestados á humanidade, que cuidadosa os registra, são argumentos sufficientes para condemnar a linguagem apaixonada e acrimoniosa com que o principio *revolucionario* pretende desconceitua-la.

Em quanto, porem, a maneira, porque devem ellas ser admittidas, entendo, que somente com o conselho do Episcopado Brasileiro, e de accordo com o Geral da Ordem de São Vicente de Paula, e approvação da Santa Sé, poderá effectuar-se o seu estabelecimento no Imperio, sendo uma das condições a admissão de noviças brasileiras. Felizmente a instituição já não é desconhecida ao Paiz, o que muito contribuirá para facilitar a sua aclimação entre nós.

XIV.

7.ª Proposição.

Promover publicações tendentes a radicar os principios da moral, conferindo-se á seus auctores premios honorificos e pecuniarios, e tomando o Estado o numero de exemplares precisos para convenientemente se destribuirem?

Bem sabe V, Exc. Revm. quanto a nossa população, e as nossas Escholas de instrucção primaria, principalmente, vivem na carencia de bons livros. Nenhum, quasi, é o cuidado, que se emprega da parte daquelles, que se encarregam do primeiro desenvolvimento da nossa infancia de procurar-lhe livros apropriados á formar-lhe o coração, e os costumes. Dá-se ao menino um livro, pouco importa indagar-se-lhe do auctor, o seu objecto, e o seu fim. A uniformidade no ensino catholico é palpitante; porque se nos primeiros annos se não arraigar nos corações a doutrina boa, e os sãos principios da verdadeira religião, pessimos serão os fructos, que mais tarde se hão-de colher. Taes livros, muitas vezes, corrompendo o espirito, não dão senão idéas vans, futeis, superficiaes, e completamente falsas sobre os nossos deveres, nossas relações sociaes, sobre a historia, e sobre os costumes. Se interrogarmos todos aquelles, que abandonaram a sua fé, que trahiram a verdade, e esqueceram a Deus, se elles quiserem ser francos responderão, que foi a leitura de maus livros, que lhes fez abandonar insensivelmente os seus deveres de chistãos, que os desgostou de ouvir a santa palavra, que os affastou dos altares, e que apagou nelles as luzes da Graça.

A destribuição gratuita de bons livros, approvados pelos respectivos Bispos, certamente, que será um grande passo para a reforma da nossa instrucção nas classes diversas da sociedade; porque esses meninos, decorridos alguns dias mais, deverão apparecer na vida activa da mesma sociedade e offertar-lhe os fructos de sua educação, de que muito dependerá o nosso futuro social.

E, servindo-me da idéa, que anima á todos os Bispos Francezes, lembrarei á V. Exc. Revm. a conveniencia de crear-se em cada uma das Dioceses circulos litterarios sob a immediata vigilancia e protecção dos Bispos, afim de curar-se da impressão de bons livros doutrinarios, que sejam espalhados pelas respectivas Escholas, dados aos Parachos para destribuirem gratuitamente aos pobres, e mesmo serem vendidos por um preço insignificante aos que os poderem comprar. Os Governos provinciaes não pouco poderão coadjuvar a Egreja neste empenho com algum quantitativo pecuniario, pois que ambos os poderes marcham para o mesmo fim, neste sentido.

Esta medida nada *implica* com a explicação do Catechismo, e as Homelias á estação das Missas parochiaes, no que cumprem os Parochos o seu dever ordenado pelo Concilio Tridentino, e Leis do paiz.

Os premios são muito bem lembrados; e a França, cuja orthodoxia do clero, e exacto cumprimento de seus deveres, não podem ser dados de suspeitos, os destribue á obras desse genero, ainda que sejam extrangeiras como aconteceu, e o sabe V. Exc. Rvm. com —As maximas, e pensamentos religiosos—do Sr. Conselheiro Bastos, e outras obras eguaes.

A medida, pois, apresentada nesta proposição merece a mais particular attenção da Egreja e do Estado, pelos optimos resultados, que deve produzir-lhes.

XV.

8.ª Proposição.

Pelo que toca ao ensino das respectivas sciencias, decidir, que se leve a effeito a execução da Lei, que creou a Faculdade de Theologia, pois que passado certo prazo só de entre os doutores deverão sair os Prelados, sendo tambem esse titulo de preferencia para provimento das egrejas?

No meio do deluvio geral de erros, e desenfreada licença de pensamentos atirados a êsmo no Brasil, e em

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

toda parte, já nos discursos, e já nos escriptos, os costumes se perdem, a Religião catholica é desprezada, desconhece-se a magestade do culto divino, assalta-se o poder, e auctoridade da Santa Sé, escraviza-se a Egreja, viola-se a santidade do matrimonio, calca-se aos pés os irrefragaveis direitos dos Bispos, (19) e a irreligião assumindo os fóros de crença, exerce a sua influencia malefica sobre a sociedade, e lhe prepara um futuro desastroso. E' preciso oppor-se um forte dique á tão funestas tendencias em quanto é tempo, como já disse; e certamente ao Governo como Protector da Egreja, e seu Bispo exterior cumpre auxilia-la com todas as suas forças para a consecução do restabelecimento da boa ordem e segurança assim espiritual, como temporal dos povos confiados a seus cuidados; e, para isto, não pouco contribuirá a execução da Lei geral, que crea no Imperio duas Faculdades Theologicas.

Todos os annos, Exm. e Rvm. Sr., periodicamente lê-se nos Relatorios dos Exms. Srs. Ministros da Justiça, e hoje nos do do Imperio, que o Governo por falta de meios ainda não tem podido levar a effeito a installação d'aquellas Faculdades, suppondo mesmo os Srs. Ministros, que semelhante demora nenhum mal poderá trazer á Egreja, e ao Estado, por isso que «sendo as Faculdades theologicas como complemento da educação intellectual do clero, só poderão ser de absoluta necessidade entre nós quando possuirmos Seminarios perfeitamente montados. E mesmo porque dos Seminarios devem sair os alumnos em não pequeno numero para as ditas Faculdades. E só então tambem são compensadas as despezas, que com ellas se fazem.» (20)

Não posso, Exm. e Revm. Sr., conformar-me com uma semelhante proposição á vista da sua pouca justiça; por que como muito bem sabe V. Exc. Revm., os Seminarios contendo apenas um curso de humanidades imperfeito, e um pequeno curso thologico, jamais poderão dar ao paiz, e a Egreja Theologos perfeitos, com as excepções d'aquelles, que depois se formarem nos seus gabinetes, ou nas Academias estrangeiras com não pequenos sacrificios. Se as Faculdades Theologicas não fossem instituições reclamadas para a alta instrucção do clero, e absolutamente indispensaveis em um paiz catholico para a completa educação do mesmo clero, certamente, que não existiriam, e nem os diversos Governos se mostrariam tão solicitos nas suas creações. A despeza nem por isso se poderá considerar exorbitante, pois que é sabido, que a imitação do que se pratica com as outras Faculdades de sciencias diversas, que tem o Imperio, o Governo pode arrecadar propinas, que não pouco auxiliam como receita a despeza, que fizessem. E parece que á colher o argumento para a Egreja por causa de ter alguns Seminarios, imperfeitamente organizados pela deficiencia de disciplinas, que são reclamadas para a illustração do clero, tambem deveria aproveitar para o Estado, cujos Collegios vantajosamente montados com relação aos nossos Seminarios, poderiam dispensar as tão necessarias Academias de Direito, Mathematicas &c., que o Brasil sustenta com a mais visivel utilidade.

O Brasil contando para as diversas classes do Estado duas Academias de direito, uma de bellas lettras, duas de medicina e cirurgia, cursos de pharmacia, Academias de bellas artes, de mathematicas, de marinha, Escholas militares &c. &c; para o clero ainda não poude fundar uma só faculdade Theologica!

Os Seminarios sendo instituições necessarias ás Dioceses, ainda mesmo que installadas sejam as Faculdades Theologicas, jamais poderão perder os seus elementos constitutivos, e o seu regimen economico; por quanto nem todos os que forem abrigados debaixo de seus tectos e protecção deverão ser doutores.

Nestas circunstancias, pois, e a vista da economia, que o Governo deseja empregar na installação das referidas Faculdades, e a palpitante necessidade, que sente a Egreja Brasileira de sua prompta installação para a instrucção, e utilidade do seu clero, e egualdade na partilha dos conhecimentos scientificos com as outras classes do Estado, é de indeclinavel necessidade, que o Governo tomando na devida consideração tão importante negocio nomeie, de accordo com o Metropolita, Ecclesiasticos habilitados, que fazendo um estudo profundo sobre as sciencias, que devem constituir os diversos ramos theologicos das ditas Faculdades, apresentem os seus trabalhos, á fim de que tenha execução a lei geral de sua creação.

Em quanto, porem, as vantagens, que o Theologo, ou o Canonista terá sobre os graduados n'outras sciencias, e sobre os leigos, o Direito Canonico as estabelece e reconhece, sem que com tudo essas habilitações arredem absolutamente dos altos cargos, e officios da Egreja os ecclesiasticos virtuosos e idoneos, como expressamente recommenda o Sagrado Concilio de Trento. (21)

E cabe-me aqui recordar á V. Exc. Revm., que, para obviar-se a grandes despezas, e demasiada morosidade em negocio tão momentoso para a Egreja, e para o Estado, talvez fosse util, e summamente proveitoso, que o Governo deputasse um, ou mais Ecclesiasticos de illustração, e de sua confiança e da do Metropolita á visitarem os diversos Seminarios e Estabelecimentos Theologicos da Europa, e que estudando as suas legislações, economia, ordem, e gráu de aproveitamento comparativo, redigissem Memorias, que, illucidando o Governo nos progressos, e disciplinas das diversas Academias, o levasse á installar as nossas Faculdades segundo o melhor modêlo apresentado, e approvado pela Santa Sé, cuja audiencia em tal negocio é de primeira intuição, desde o momento em que se as houver de installar no Imperio, para que os gráus nellas conferidos, sejam devidamente considerados para os cargos, e officios Ecclesiasticos.

XVI.

9.ª Proposição.

Se entre as habilitações para os cursos superiores e para a quasi totalidade dos Empregos publicos, deverão estabelecer-se provas indispensaveis de conhecimento da Religião do Estado?

Em um paiz catholico como o nosso, parece, que seria

(19) Vid. Cart. Encycl. do S.S. P. Pio 9.º de 19 de Novembro de 1846.

(20) Relatorio do Sr. Ministro do Imperio de 1861, pag. 49.

(21) Sess. 24 de Reform. cap. 16—e Sess. 4.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

desnecessario o que nesta proposição se contêm; porem se attendermos para o pouco fervor e fidelidade ás maximas da Egreja Catholica, que assiste a uma grande parte da nossa população, principalmente d'aquella, que extazia-se, quando se lhe dá o nome de *espiritos fortes, e desabusados*, a medida proposta deve ser abraçada affirmativamente. E nem se diga, que nisto ha innovação; porque sendo a Religião Catholica Apostolica Romana a do Paiz em virtude do art. 5.º da sua Constituição Politica Tit. 1.º, e devendo á posse de qualquer cargo ou emprego preceder o juramento Catholico, não será fóra de proposito exigir-se mais essas habilitações, que tendem tanto a formar bons cidadãos, e bons empregados; porque a Religião Catholica é a unica, que ensina o exacto cumprimento dos deveres que temos á desempenhar ou para com Deus, ou para com nosco, ou para com a Sociedade. A causa da Religião do Estado não deve correr á revelia, e a exigencia de uma tal habilitação ou prova será mais um remedio ás idéas exageradas do tempo, que precisam de ser suffocadas. Somente quandó o Brasil for eminentemente Catholico é que caminhará certeiro, e desassombrado nas suas reformas, e prosperará. O Governo, pois, que á bem do serviço do Estado tem exigido nos seus Regulamentos diversas e justas habilitações para os seus differentes cargos, certamente muito lucrará se addicionar-lhes as provas de conhecimento da Religião que professa para aquelles, que houverem de concorrer aos referidos cargos.

E nem se diga que uma tal exigencia oppõe-se a tolerancia civil, á que consagra-se a segunda parte do art. 5.º da nossa Constituição Politica quando diz—*Todas as outras Religiões serão permittidas com seu culto* domestico ou particular *em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de Templo*—; por quanto elevando a mesma Constituição na primeira parte deste artigo a Religião Catholica á cathegoria de Religião de Estado não só a considerou *exclusiva* pelo que dispõe no final do art. 5.º, como deu-lhe privilegios, e prerogativas declarando—a Religião *dominante* do Estado. E isto é lei fundamental do Brasil.

O Estado pela sua Lei fundamental não só pode, mas com toda franqueza, visto que é catholico, deve prestar por todos os meios ao seu alcance o auxilio temporal, que for necessario á propagação, e conservação da Religião, que professa, unica verdadeira, e divina, e que todos os Brasileiros explicita, e implicitamente juraram guardar, e defender com o Juramento á Constituição Politica, que serve ao mesmo Estado de Pacto Fundamental.

XVII.

10.ª Proposição.

Se nos Collegios de meninos, e meninas não deverá ser severamente obrigatorio o desenvolvimento dos estudos da doutrina, da Religião, e da moral?

Houve tempo em que no Brasil a missão difficil de Professor da primeira instrucção da infancia, e sem duvida a mais séria, era uma tarefa de pouca importancia, e para muitos um meio de vida, que somente era abraçado por aquelles á quem faltando todos os recursos, resolviam-se á tão ardua commissão. Inquiria-se da baixa do estipendio, e pouco importava o syndicar-se—se tinha ou não o professor as habilitações precisas, e fundo de moralidade indispensavel, e religião bastante, que podesse garantir o aproveitamento literario dos meninos, e os principios de uma educação solida á mocidade. Felismente, porem, estes tempos-já quasi passarão, posto que ainda se encontre um ou outro exemplo que em vez de auxiliar a educação primaria da infancia, presta em tão nobre missão verdadeiros desserviços á Egreja, e ao Estado ou pela insufficiencia da precisa instrucção, ou pela ausencia de outros dotes inherentes ao evangelho do ensino.

E' um facto sabido, que poucos dos nossos Collegios se prestam á mandar seus alumnos aos actos religiosos, aos sermões, e ás lições do catechismo, que se fazem nas respectivas parochias; e não tendo hoje os Parochos, e nem tam pouco a Egreja inspecção immediata sobre as Escholas assim publicas, como particulares, e casas de educação, e nem ao menos sendo os parochos os preferidos para os logares de Delegados da instrucção publica nos circulos de suas jurisdicções, como acontecia outr'ora, havendo mesmo nas Cathedraes um Inspector geral dos estudos da diocese na pessoa do Mestre-Eschola, que ainda é uma das suas dignidades actualmente, mui louvavel será, que o Governo estabeleça *officialmente* o ensino obrgatorio da doutrina, da religião, e da moral catholica nos collegios de ambos os sexos, e que ninguem possa assumir, e exercer o importante logar de Director de taes estabelecimentos, ou de Professor sem que apresente provas publicas de que conhece, e professa a religião do paiz.

E nem se diga, que tal medida não passará de meramente official, não; o Brasil tem por dever animar, e proteger a Religião, que abraçou, e bem sabe o que pode contribuir para a sua tranquillidade, e progresso o ensino catholico. Ha no Imperio alguns Collegios protestantes dirigidos por estrangeiros, que, com raras excepções, podem ter a capacidade de ensinar, mas não de ensinar bem; e que, procurando este meio de vida á despeito dos Regulamentos de Instrucção Publica, que exigem habilitações e capacidade para o Magisterio tanto publico, como livre, e estabelecem alem da aptidão, condições para tal fim, recebem debaixo de sua tutella a nossa infancia, que logo desde o berço para assim dizer, e a trôco de fallar bem cêdo duas ou tres linguas estrangeiras, ignorando a propria, cresce com o coração senão descrente já, convenientemente preparado para a descrença, e ardilosamente prevenido contra a religião de seus paes á cujas praticas ri-se porque as não viu no collegio, acoimando desde logo de demasiadamente crédulos os que assim veneram os dogmas e preceitos da religião verdareira!

E ainda que não falte quem procure não só sustentar, mas até justificar um tão perigoso como injustificavel methodo de ensino em o nosso paiz, soccorrendo-se para isso a capciosa evasiva, de que nos Collegios protestan-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tes dam-se directores catholicos. que instruem na Religião Catholica os alumnos, que a professam, proporcionando-lhes ao mesmo tempo os exercicios de piedade, e de amor á Fé; com tudo jamais se poderá confiar em uma semelhante instrucção, que, na maioria dos collegios protestantes, não passará de um meio astucioso para chamar pensionistas, e estabelecer o proselytismo. Em taes Collegios os alumnos catholicos assistem as praticas, e lições da respetiva seita. E' perfeitamente sabido, que o Protestantismo vota uma guerra de exterminio ao Catholicismo, porque nelle encontra a condemnação robusta de suas doutrinas contradictorias, e subversivas, e que, por todos os meios ao seu alcance, renunciando as boas obras, o derespeita, e chama a Egreja de prostituida. Ora se este é o proceder do protestantismo, como deixará elle de inocular no animo dos que educa as perniciosas sementes, que a seu tempo devem produzir os necessarios effeitos?

Não é raro encontrar-se moços, que tendo feito sua educação em collegios protestantes, perderam á fé de seus paes, e vivem quasi que sem crença alguma, pela successão de duvidas em que nadam sobre pontos importantes da Religião, como a presença real de Nosso J. C. no Augusto Sacramento da Eucharistia, a confissão sacramental &c.

Cabe, pois, ao Governo oppôr um obice a tão máu systema de ensino, e velar sobre a educação da nossa infancia para que ella não se nutra com o leite da descrença da verdadeira religião, da religião do paiz, com a vista, e pratica de duas religiões differentes, justamente no tempo em que as não pode comparar.

Muito trivial é hoje ver-se fallar com um certo desdêm a meninos, e moços quasi inexperientes, da Religião do Christo, da Egreja Catholica e dos seus dogmas, e preceitos; se inquirirmos das causas conheceremos logo, que outras não são senão o fructo dos exemplos pessimos, que tomaram, e dos livros pervertidos, que lhes ensinaram á ler, e que em vez de refrearem, e corrigirem os erros, e os costumes, pelo contrario animam, e robustecem a impiedade, e a corrupção.

Firme por tanto o Governo *officialmente* o ensino catholico nas casas de educação, e seja rigorosamente vigilante na sua inspecção, e livre assim o Brasil do proselytismo protestante, que trabalha sem rebuço, e talvez prepare um cataclysma religioso! A verdadeira Religião, diz Cicero, é o apoio da Republica. Dê á Egreja Catholica alguma inspecção sobre a instrucção publica do paiz, pois que a sua missão é ensinar a todos sem distincção, e ella conserva, e conservará intacto o sagrado deposito das Verdades, que apprendeu de seu proprio Fundador, e que deverá transmittir até a consumação dos seculos; porque como nos ensina Tertulliano, toda a novidade em materia de Fé, deve de ser prohibida; a Fé é uma, immutavel, irreformavel—*Regula fidei una omnino est: sola immobilis, et irreformabilis.*—

Podem os Philosophos estabelecer novos systemas; cada um nelles póde porfiar, e dar azos ao seu juizo: na Religião, porem, tudo o que traz o cunho da—novidade—, traz logo insculpido na fronte—o terrivel sello do anathema—Em materia de religião, a menor temeridade, é a maior imprudencia; e a pena da loucura é eterna, como diz Lactancio.

Estes são os meus pensamentos; e se por ventura na simples exposição, que acabo de fazer sobre negocio de tanta ponderação, uma ou outra proposição apresentar resaibros de pouco segura, ou harmonica com os solidos principios da Egreja Catholica de cuja doutrina esforço-me por não apartar-me, rogo á V. Exc. Revm., que m'a faça conhecer para corrigir, não a tomando como filha do proposito, mas sim da fraqueza de minha intelligencia.

Digne-se V. Exc. Revm. acceitar os protestos da alta estima, bem merecida consideração, e profundo respeito com que sou

De V. Exc. Revm.

am.º mt.º obr.º e reverente Capellão,

Conego Magistral *Manoel Tavares da Silva.*

São Luiz do Maranhão 6 de Janeiro de 1862.

EXPEDIENTE DO BISPADO.

Fevereiro.

1—Officio ao Revm. Sr. Conego Magistral, Manoel Tavares da Silva.—Accuso o recebimento do officio, que V. S. Revm. se servio dirigir-me em data de hontem, no qual me communica, que tendo V. S. regido interinamente, té hoje, a cadeira de Instituições canonicas, vaga pelo fallecimento de seu ultimo possuidor, o Conego Dr. Joaquim Pereira Serva, e que não a podendo mais substituir, em razão de estar sobrecarregado com mais a cadeira de grammatica e lingua grega, por isso pede-me exoneração da dita cadeira; mas que não querendo V. S. crear embaraços á minha fraca administração, presta-se, apezar de suas occupações, a leccionar gratuitamente a mencionada cadeira de Instituições canonicas, té que seja ella provida.

Cumpre-me por tanto, depois de acceitar o seu favor, agradecer a V. S. Revm. não só o apoio e franca cooperação, que presta á minha fraca administração, concorrendo V. S. Revm. d'estarte para o bem-estar da mocidade, que se prepara para o estado ecclesiastico, como tambem o de prestar esse relevante serviço ao seminario episcopal desta Diocese.

Aproveito a occasião para renovar a V. S. Revm. os protestos da minha alta estima, distincta consideração, e profundo respeito.

2—*Idem* ao Revm. Cabido da Diocese.—Passo ás mãos de V. S. Revm. as inclusas Bullas de confirmação do Exm. e Revm. Sr. Bispo, D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, para que V. S. Revm. á vista d'ellas, do beneplacito e da procuração, juntos, que me devolverá, se digne marcar dia e hora para a posse com a brevidade possivel.

3—*Idem* ao mesmo.—Passo ás mãos de V. S. Revm. o livro das contas da receita e despeza da Fabrica da Cathedral, que prestou o Revm. Sr. Conego Thesoureiro-mór, Eleuterio Marques da Silva Rosa, desde o tempo de seu provimento até 30 de Junho de 1861, e, por achal-as conformes e legaes, as houve por tomadas; assim como tambem envio a V. S. Revm. os documentos comproba-

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

tivos da dita receita e despeza, para serem archivados em lugar competente.

4—*Idem* ao Exm. Sr. Conselheiro Presidente da Provincia.—Tendo o Exm. Sr. Bispo Diocesano, D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, de tomar posse do Bispado amanhã ás 10 horas, na Santa Igreja Cathedral desta Cidade, por procuração, que se servio dirigir-me, tenho a honra de convidar a V. Exc., para que se digne de assistir a esse acto solemne.

—Identicos ao Exm. Sr. Conselheiro Presidente da Relação, aos Srs. Presidente da Camara municipal, Chefe de Policia, Chefe da estação naval, e Chefes das mais repartições publicas.

COMEÇA O EXPEDIENTE DO REVM. SR. GOVERNADOR DO BISPADO.

6—*Idem* ao mesmo.—Communico á V. Exc. que hontem pelas 10 horas da manhã o Exm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano, D. Frei Luiz da Conceição Saraiva, tomou posse do Bispado por procuração, que se servio dirigir-me, constituindo-me seu procurador não só para o acto da posse, como para governar o Bispado, em cujo caracter me acho ás ordens de V. Exc.

—Identicos ao Illm. Sr. Chefe de Policia, e aos Srs Inspectores da Thesouraria de Fazenda, e Thesouro Publico Provincial.

10—*Idem* ao Revd. Fr. Antonio do Coração de Jesus e Sousa.—Constando-me, que V. Revm. no exercicio do seu ministerio parochial repetidas vezes exorbita de seus deveres, recebendo em matrimonio contrahentes sem as formalidades, que determina a Constituição, por que se rege este Bispado, e o Regulamento de 4 de Junho de 1854, remettido a todos os parochos da Diocese, tenho de estranhar um tal procedimento, e de o advertir, que, se me constar, que V. Revm. continúa a abusar das leis canonicas de uma maneira tão escandalosa, será, alem de ser demittido do officio parochial, suspenso e processado.

Não concluo este sem exigir opportuna e importunamente, que V. Revm. me informe, sob pena de obediencia: quaes forão as habilitações, que precedêrão ao casamento de uma filha de Silvestre Coelho da Silva, sendo ella de alheio Bispado, e sem estar V. Revm. autorisado para isso.

11—*Idem* ao Revd. Antonio Silverio de Moura.—Em resposta ao officio, que V. Revm. me dirigio em data de 18 de Dezembro ultimo, tenho a dizer-lhe, que ficão dadas as ordens, relativas ao procedimento reprovado de um e outro Sacerdote, seus vizinhos, isto é, por ora somente estranhando os seus procedimentos, e ameaçando-os com a punição no caso de reincidencia.

—*Idem* ao Revd. Francisco Longino Guilherme de Mello.—Encarregado do governo desta Diocese pelo Exm. e Revm. Sr. D. Frei Luiz da Conceição Saraiva, Bispo Diocesano, eu não posso, e nem devo pactuar com os abusos, que se praticão contra as leis canonicas; e constando-me, que V. Revm. não cessa de os praticar, como ultimamente fez, recebendo em matrimonio os nubentes Marcos José Menezes e Maria Craveiro Ferraz, sem ter precedido licença do Revd. Parocho respectivo, corre-me o rigoroso dever de o estranhar por tão reprovado procedimento, que não importa em menos do que matrimonio nullo. Eis ahi uma desordem na Diocese, um escandalo dado ao publico, e um prejuizo aos mesmos contrahentes, que devem quanto antes revalidar o seu matrimonio perante o Parocho.

Nestes termos pois eu o advirto desde já, que se V. Revm. reincidir, alem da suspensão, será punido com todo o rigor das leis; o que espero não aconteça, corrigindo-se seriamente de taes abusos.

13—*Idem* ao Exm. e Revm. Sr. Internuncio Apostolico.—Cabe-me a distincta honra de levar ao conhecimento de V. Exc. Revm., que no dia 5 do corrente tomou posse desta Diocese o Exm. e Revm. Sr. Dom Frei Luiz da Conceição Saraiva, com todos aquelles apparatos, preeminencias e prerogativas, que lhe são devidas, segundo o Pontifical Romano, como tudo se vê da certidão, que inclusa remetto a V. Exc. Revm., e que me acho no governo desta mesma Diocese no caracter de Delegado seu, Provisor e Vigario Geral do mesmo Exm. e Revm. Sr., podendo assim dirigir-me V. Exc. Revm. suas ordens, em quanto não chegar o mesmo Exm. e Revm. Sr.

Tenho ainda mais uma vez a satisfação de communicar a V. Exc. Revm., que a Diocese se acha na maior paz e tranquillidade possiveis, e em harmonia as Auctoridades Civis e Ecclesiasticas, e todos os Empregados Ecclesiasticos empenhados no cumprimento de seus deveres em obediencia do Governo da Diocese.

—Identico ao Exm. Sr. Ministro do Imperio.

14—*Idem* ao Exm. Conselheiro Presidente da Provincia.—Recebendo o officio de V. Exc. datado hontem, e sciente de haver a Commissão Central, encarregada das medidas de policia sanitaria e preventiva contra a possivel invasão do cholera-morbus nesta provincia, julgado conveniente estabelecer nas freguezias desta cidade hospitaes para o caso do apparecimento de tal epidemia, á fim de serem nelles recolhidos e tratados os cholericos, e que a dita commissão escolhêra para esse fim as casas do convento das Mercez, que tem servido de alojamento da Guarda Nacional destacada, na freguezia da Sé, e a Sacristia da Igreja do Convento de Santo Antonio, que se acha em obras, na freguezia de S. João, tenho a honra de responder:

Que louvando assaz o zelo e caridade de V. Exc., e agradecendo da minha parte pelas acertadas medidas e providencias, que V. Exc. tem tomado, para afastar dos Maranhenses o terrivel mal, que os ameaça, não devo todavia deixar de observar á V. Exc., que alem de não ter a referida Sacristia as accommodações precisas para tal fim, por isso que nem ao menos tem divisão para receber doentes de um e outro sexo, é mui contigua ao Seminario Episcopal, que contem em si cerca de cincoenta pessoas, pela mór parte do interior da Provincia, e ficarião assim sujeitos ao mal, que se pretende evitar, sendo certo, que em taes occasiões soffrem muito mais as pessoas de fora, do que as de dentro da cidade, como a experiencia tem mostrado, especialmente as que vivem agglomeradas.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Não sirva todavia, Exm. Sr., de embaraço ás providencias, que V. Exc. tem sabiamente dado, esta minha humilde reflexão, ella é filha somente da obrigação, que tenho de velar pelos jovens Seminaristas, entregues ao meu cuidado; se a Commissão porem julgar infundada esta minha ponderação, e V. Exc. o entender, nenhum embaraço apresentarei, e a Sacristia será posta immediatamente á disposição de V. Exc.

Quanto ás casas do Convento das Mercez julgo bem acertada a escolha, e folgaria bastante, que o convento de Santo Antonio estivesse nas mesmas circumstancias, porque então melhores accommodações ali se encontrarião em favor dos cholericos.

—*Idem* á Mesa do SS. Sacramento da freguezia da Victoria desta cidade.—Accusando o recebimento do officio da Mesa da Irmandade do SS. Sacramento da Cathedral com data de 23 de Janeiro ultimo, tenho a dizer-lhe:

1.º Que em nada foi digno de louvor o seu comportamento para com o Illm. e Revm. Cabido, querendo, como em represalia, que elle cedesse de seus benesses, que o Direito lhe concede.

2.º Que bem desagradavel foi o acto praticado por essa Mesa em não acompanhar a procissão de N. Senhora da Victoria, confundindo os seus deveres com respeitos humanos.

3.º Que ainda mais triste é o seu procedimento, esquecendo deveres, que uma pratica immemorial lhe impõe, deixando de concorrer com as despezas, ajudadas pelas esmolas dos Fieis, para a solemnidade do SS. Sepulchro, assegurando-lhe, que essa falta de dever da Mesa da Irmandade não fará diminuir-se a solemnidade da Igreja, e o respeito ao culto, porque não faltarão Confrarias, compenetradas do fim, para que forão instituidas, e Fieis verdadeiramente dotados do espirito de religiosidade, que espontaneamente contribuão para estes actos, e o de guardar o SS. Sepulchro, e acompanhar a procissão, até que uma outra Mesa, mais fiel aos seus deveres, venha prestar o culto devido ao SS. Sacramento, dispensando de intervenção do Juiz de Capellas:

4.º Que pelo que diz respeito ao Illm. e Revm. Cabido passo ás mãos de V. S. o officio por copia junto, que mostra, quaes os seus sentimentos a respeito.

5.º Finalmente, que desta forma tenho satisfeito ás exigencias dessa Mesa, e respondido ao seu officio.

19—*Idem* á Illm.ª Camara Municipal da Capital.—Tendo me communicado o Exm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano, D. Frei Luiz da Conceição Saraiva, que pretende chegar a este porto no primeiro vapor, que passar pela Bahia, tenho a honra de convidar a VV. SS. para que se dignem prestar-se á solemne recepção do mesmo Exm. Sr., pegando VV. SS. nas varas do pallio, que tem de sahir da Cathedral com a corporação capitular para a rampa.

22—*Idem* ao Inspector da Thesouraria de Fazenda.—Cumpre-me o dever de enviar á V. S. a inclusa certidão do termo de posse do Exm. e Revm. Sr. D. Frei Luiz da Conceição Saraiva, Bispo desta Diocese, a fim de que se digne de o mandar registrar, e inscrever seu nome na folha dos Empregados, para poder assim o mesmo Sr. vencer sua congrua.

25—*Idem* ao Dr. Provedor de Capellas e Residuos—Havendo-se dado factos desagradaveis da parte da Mesa do SS. Sacramento da Cathedral, querendo que o Revm. Cabido cedesse dos benesses, que directamente lhe pertencem; recusando acompanhar a procissão de Nossa Senhora da Victoria, como um signal de represalia; e finalmente protestando de não concorrer com as despezas para a solemnidade do SS. Sepulchro, como de tempos immemoriaes costuma fazer, recorrendo para isso á caridade dos fieis, o que tudo verá V. S. das copias, que juntas remetto; e não querendo eu, que essa briosa Irmandade, que sempre zelosa tem sabido cumprir os deveres, que lhe incumbem, carregue com os actos menos reflectidos da Mesa, perdendo certas prerogativas, de que goza, por isso que me verei forçado a chamar para estes actos outras Confrarias, sou a rogar á V. S. se digne fazer, com que a referida Mesa entre nas orbitas de seus deveres, levando tudo ao conhecimento da Irmandade, inteiramente alheia á tal proceder da Mesa, e que deste modo venha ella prestar o culto devido ao SS. Sacramento, fim para que foi instituida.

Do zelo de V. S. espero em breve uma resposta, para a esse respeito me poder dirigir.

Aproveito a occasião para significar á V. S. os meus protestos de estima, consideração e respeito.

VARIEDADES.

La Harpe e os incredulos.

Perguntárão uma vez a este celebre litterato acerca de sua Religião: elle respondeu: Sou christão, porque vós não sois. Uma Religião, que tem por inimigos figadaes os mais encarniçados inimigos de toda a moral, de toda a virtude, de toda a honestidade, é necessariamente amiga da moral, da virtude, da humanidade; logo é boa. E La Harpe havia antes sido incredulo...

A mão de Deos.

Extrahimos do *Le Monde de 3 de Novembro* o seguinte: O Cura de Thoronet exhortava vivamente, na Dominga da Paschoela, a seus parochianos, afim de que tratassem do dever da Confissão e da Communhão annual, imitando o exemplo daquelles, que tinhão tido a felicidade de satisfazer o dever paschoal. No auditorio havia um homem, como muitos deste desgraçado seculo, que escutava seu pastor, mas resolvido a deferir a sua conversão para uma epocha mais avançada, quem sabe? talvez para a hora da morte. Nesse mesmo dia, achando-se no meio de seus amigos, começou a zombar da practica de seu pastor, e a jactar-se, que as suas exhortações não o tinhão impressionado. Apenas tinha pronunciado as suas palavras de desprezo contra seu Cura, vio-se esse espirito forte cahir por terra fulminado por uma apoplexia. Prodigalizou-se todos os soccorros, chamou-se o Cura, mas tudo foi inutil, o pobre infeliz tinha deixado de viver, e comparecido diante do Tribunal da Justiça Divina para dar conta do abuso da graça, que tinha-se-lhe offerecido de manhã na practica, e que não quiz aproveitar-se. Assim se verifica o Oraculo do Espirito Santo no Ecclesiastico (cap. V, v. 8 et 9). Não tardeis em converter-vos ao Senhor, e não demoreis de dia em dia, porque sua colera virá repentinamente, e no dia da vingança vos perderá. (*Extr.*)

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publicas-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1862.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

Nos 228 - 229

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

CLERO MARANHENSE.

SABBADO 29 DE MARÇO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

Chegada do Exm. e Rvm. Sr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva á Diocese, e sua recepção na capital do Maranhão.

Na manhã de 16 deste mez, dominga 2.ª da Quaresma, chegou ao porto desta cidade, a bordo do vapor *Oyapock*, o Exm. e Rvm. Sr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, Bispo desta Diocese.

Em consequencia do cholera-morbus, que tinha invadido a provincia de Pernambuco, o Exm. Sr. Conselheiro Campos Mello, por conselho dos medicos, mandou estabelecer na fortaleza da Ponta d'Arêa, á entrada da barra, um lazareto, onde as pessoas e mercadorias, que viessem em navios, que tocassem em Pernambuco, ficássem de observação por cinco dias, medida preventiva contra a invasão daquelle mal nesta capital. Teve por tanto o Exm. Prelado de permanecer no lazareto *causâ publicâ* até o dia 21 de manhã, em que fez seu desembarque nesta capital.

Neste dia pois, logo ás 6 horas da manhã, partirão na galeota o Exm. Sr. Presidente da provincia com seus ajudantes d'ordens, o Rvm. Sr. Governador do Bispado e os Srs. Chefe de policia, Capitão do porto, Desembargador Miranda, e Dr. Bandeira Duarte, para irem encontrar o Exm. e Rvm. Sr. Bispo no lazareto, e dali partirão ás 8 horas, saudados por uma salva d'artilheria, seguidos d'outros escaleres embandeirados, trazendo o Sr. Chefe da estação naval e a respectiva officialidade. Ao passar a galeota pelos navios de guerra forão Ss. Excs. saudados pelas tripolações do posto das vergas com os tres vivas e a salva do estylo, e pelo forte de S. Luiz ao aproar na rampa.

Entretanto, d'accordo com o programma já publicado, se havião reunido na Cathedral o Rvm. Cabido e de mais Clero da mesma, os Rvds. Parochos e todo o Clero secular e regular da capital, os seminaristas, e as Irmandades do SS. Sacramento, do Senhor dos Passos, pela primeira vez encorporada para um tal acto, da Virgem Immaculada da Conceição, S. Benedicto etc., e havião desfilado processionalmente com as respectivas Cruzes para o lugar do desembarque, achando-se já formados em alas os dous batalhões da guarda nacional da capital e o 5.º de luzileiros com as respectivas musicas, ás ordens do Sr. Commandante superior, e o corpo dos Educandos com seu Director.

Ao desembarcar foi o Exm. Prelado saudado pelo Clero, bem como pela officialidade e Povo ali reunido, ancioso pela benção de seu novo Pastor; e subindo a rampa foi coberto de flores, que dos lados lhe lançavão.

Ao chegar ao sacello, armado com esplendor no topo da rampa, do lado esquerdo ao subir, beijou S. Exc. Rvma. o Crucifixo, ajoelhou no faldistorio, fez uma breve oração, e em seguida tomou os paramentos pontificaes, e entoou-se a antiphona *Ecce Sacerdos*, seguindo depois processionalmente, por entre uma linha d'arcos de murta e de bandeiras pendentes, debaixo do pallio, cujas varas forão levadas pelo Exm. Sr. Presidente, e pelo Sr. Chefe de policia, e quatro Camaristas, até a Cathedral, cantando entretanto o Clero o cantico *Benedicite*. A' entrada da Cathedral aspergio o Clero e Povo, recebeu a incensação, e cantou-se de novo a antiphona *Ecce Sacerdos magnus* pela musica instrumental, seguindo para a Capella do Sacramento, onde fez uma breve oração, e dali para a capella-mór, onde ajoelhou-se sobre o cochim, e o Rvm. Sr. Arcediago entoou o *Te Deum*, que foi cantado á grande orchestra. Entretanto subião ao ar muitas girandolas de foguetes, e repicavão festivamente todas as Igrejas.

Findo o *Te Deum* subio S. Exc. Rvma. para o Solio episcopal, e ahi recebeu a saudação do Illm. e Rvm. Cabido, do Exm. Sr. Presidente da provincia, e do mais Clero e Povo, cantando por fim a oração pelo Patrono da cidade.

Concluida toda a saudação publica, seguio S. Exc. Rvma. para o paço de sua residencia, rodeado de todo o cortejo, que o havia acompanhado até então.

Ao desembocar da rua de Nazareth para o largo do Carmo estava toda a tropa formada até a entrada do paço episcopal, a qual fez a Ss. Excs. as devidas continencias, subindo finalmente para saudal-o o Exm. Sr. Commandante superior com toda a officialidade da brigada.

Durante os dias, em que permaneceu S. Exc. no lazareto, sabemos, que lhe forão proporcionados da parte do governo da provincia e do bispado todos os commodos possiveis á vida; honra pois a esses illustres Cavalheiros, pela maneira digna de todo o elogio, como honrárão o Illustre Prelado diocesano.

Cremos, que o Exm. e Rm.º Snr. Bispo estará penhorado pela brilhante recepção, que lhe foi feita, não tanto segundo as prescripções do ceremonial, como pela boa indole e dedicação deste Povo do Maranhão, que jamais desmentio seus principios de moral e respeito, seus sentimentos de religiosidade e amor para com o Pastor de suas almas, não faltando jamais aos deveres publicos e inherentes a um Povo eminentemente catholico.

Bem vindo seja á Diocese o Exm. e Rm.º Snr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva: prosperos e longos dias acompanhem sua bem augurada administração:—S. Exc. Rm.ª entrou na capital de sua Diocese ao levantar do Sol, e a

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

manhã, em que poz pé em terra, esteve brilhante e clara— o Povo se precipitava anciozo para lhe beijar a mão, e todos lhe achárão uma presença affavel, e ar sympatico, seja pois o novo Pastor feliz no seu apostolado.

Receba S. Exc. Rvma. da nossa parte as nossas sinceras felicitações.

CONSIDERAÇÕES

SOBRE

Os interesses catholicos no Brasil.

O. D. e C.

AO

Illm. e Rd.m. Snr. Conego

Raymundo Alves dos Santos.

A nenhum outro com mais direito e com mais merito são dados os fructos da arvore, que a seu cultivador.

Este imperfeito escrito é o primeiro fructo do meu espirito, por si arido e infecundo, mas que de vós recebeu alguma fertilidade.

A vós pois, meu Tio, o offereço.

Soem reduzir-se as razões das dedicações a trez: no porque dedicou-se á tal pessoa: nos elogios della: e no amor que se lhe consagra.

Vós tendes sido meu preceptor com a autoridade dos conselhos, promovedor com a assiduidade dos confortos, auxiliador com a unção e santidade dos raciocinios, corregedor com a perspicacia das observações, e director com a fidelidade ás admoestações. Vós tendes sido meu protector com enormes sacrificios, com cuidados desvelados, a vós devo tudo, o que sei, o que sou, e o que serei.

De vossos louvores nada direi. Callar eu vossos louvores é vosso maior louvor.

Do amor não tenho com que igualar a verdade. Se a maior prova do amor está no querer bem, e fazer bem, basta dizer, que não ha pessoa neste mundo, a qual eu queira tanto bem como a vós, e a qual me tenha feito bem mais que vós.

A vós pois offereço este trabalho.

Dignai-vos acceital-o.

S. Luiz de Maranhão 2 de Fevereiro de 1862.

R.

Ha quarenta annos, que somos livres, que nos possuimos, que nos governamos, que somos nação; e quarenta annos no seculo XIX equivalem a quarenta seculos em outras eras!

Nestes quarenta annos temos progredido, temos adoptado as novas ideas, auxiliado as novas descobertas, acolhido os novos inventos; temos reformado e aperfeiçoado tudo: as sciencias, as lettras e as artes; temos começado estradas de ferro, levantado alguns monumentos, melhorado a marinha e o exercito, diffundido um pouco mais pelo povo a instrucção primaria, que, em quanto fomos colonia, era imperdoavelmente deleixada, e entrelaçado nossas relações com as nações civilizadas e graudes; temos cuidado emfim do adiantamento material do paiz, de seu brilho exterior, de seu desenvolvimento territorial, somos, e nos reconhecem como um povo livre, progressista—civilizado.

Mas, não é só neste augusto circulo, que se encerra o destino do homem e das nações: ha outras aspirações, ha outros deveres. Se somos civilizados, devemos ter um Deos, a quem adorar, uma religião, á que pertencer, um culto, que seguir; porque não ha civilização, onde falta Deos, não ha liberdade, onde não se respira religião, não ha progresso, onde não se observão seus preceitos.

O que temos pois feito nestes quarenta annos em favor da religião e de Deos? Ao menos não temos sacrificado a religião ás maximas civis, o sacerdocio á politica, ou temos acabrunhado a igreja, vilipendiado seus ministros, e ridicularizado suas praticas? Temos observado os dictames do catholicismo, ou os d'aquelles homens, que se dizem bellos espiritos e livres pensadores, mas que não são, nem bellos, nem pensadores, nem livres, cujo ordinario é a duvida, cujo timbre é o desprezo das cousas sagradas e divinas?

Infelizmente, é verdade, que temos feito mui pouco em favor da religião e de Deos.

Desvairado, o governo do Brasil se hallucinou pelo reflexo de exterioridades, pelo falso brilhantismo do ouropel. Esquecido das palavras da verdade: *Quia non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo Dei* (1) só tem cuidado do materialismo.

Tem-se esforçado por formar seus filhos na escola da indifferença e do desapreço, contando, que arredando-os da religião, recebel-os-ha mais amantes de sua patria, mais prestadios e mais devotados: quando fóra da religião e dos seus dictames nada ha de solido nem de verdadeiro sobre a terra «e que somente na religião catholica, como disse Napoleão I, está a garantia firme de toda fé, de toda virtude, de todo governo, de toda liberdade e de toda felicidade duravel».

Onde ha pois mais segurança no seio da igreja, ou nos braços da descrença? Em aquella tudo é realidade, nesta tudo é ficção, em aquella se tem consciencia, nesta não se tem nem consciencia nem moral.

Nas vias do progresso material temos caminhado a passos de gigante, mas nas do moral a pisadas de pigmeo.

Pouco importa, que as nações avançem nas vias do progresso material, se se retardão por outro lado; por que corroem-nas males de maior transcendencia que a pobreza, que a mendicidade regulada, que a ignorancia de seus magistrados; se tempestuosamente são arrojadas e submergidas no barathro insondavel do egoismo, se a boa fé dos cidadãos, fructo de uma consciencia sã e recta, e que deve ser para os estados a base solida, a base unica de sua prosperidade, é desconhecida e motejada.

Uma sociedade, degradada a tal ponto, está em estado de dissolução, porque falta-lhe o vinculo, que conglutina e faz compacta a união entre seus membros—a religião—

Pouco importa, que os vapores, cruzando rapidamente os mares, nos ponhão em facil communicação com os outros povos, se elles não transportão nem facilitão as idéas religiosas.

Pouco importa, que os telegraphos electricos com um impulso transmittão em segundos nossos pensamentos através de milhares de leguas, se de envolta não transmittem tambem os dictames da religião, não produzem algum bem ao catholicismo e a nossas almas.

Pouco importa, que o commercio, accumulando riquezas e attrahindo grandes interesses para um paiz, o faça exteriormente, como que prosperar, se d'esse commercio nasce a agiotagem, se d'essa accumulação de riquezas nasce o continuo especular, mesmo com grave detrimento de alheios interesses, se ellas não produzem a caridade indistincta, aturada, a caridade christã: se ellas tornão o homem duro de coração, lasso de costumes, vacuo de espirito, e intimamente orgulhoso. Isto não é prosperar dentro dos limites do justo e do honesto, isto

(1) *Deuter*, 8, 3.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

é transtornar a obra prima de Deos, desnatural-a e aniquilal-a em sua nobreza e dignidade.

O verdadeiro progresso de um povo é e será sempre na religião e na moral, e a corrupção do progresso e a falta de civilização em preferir os bens terrenos ou materiaes aos moraes, o humano, fluctuante e de poucos dias, como são as riquezas e os prazeres da terra, ao verdadeiro, eterno e divino.

Quando as ideas de commercio, de ganho, de especulação e de luxo adquirem maior importancia, e tornão-se as ideas unicas e especiaes de um povo, com evidente prejuizo das do paraiso e das da eternidade dos castigos, esse povo se encontra á borda do mais horrivel precipicio, está prestes a perder-se; então a igreja, como mãi sollicita e carinhosa, não pode estar tranquilla sobre seu porvenir, nem callar-se sobre seus actos: não está tranquilla, porque taes ideas são ideas de morte; não calla, porque a igreja de Jesus Christo não transige com o vicio, seu maior inimigo.

Não combatemos o progresso material como nocivo, para o banir completamente, queremos matar sua autonomia; queremos, que um não obumbre o outro: a par de uma bella rua e bellos edificios desejamos ver uma bonita igreja: a par de uma academia militar ou de medicina desejamos ver uma tambem para o clero: a par da escola central, da escola de marinha, desejamos ver um seminario regularmente montado e funccionando: desejamos, que, para se fazerem estradas, não se derribem os poucos templos, que possuimos; que, para se falsear a vontade do povo, e representar a comedia mais sensaborona da epocha—o voto livre—não se profanem as igrejas, não se insulte a religião, não se affrontem seus ministros; desejamos, que a religião não seja estranha ás acções de nossa vida: porque ella foi feita para o homem, foi feita para acompanhal-o desde a mocidade té a velhice, desde o berço té o tumulo, desde a terra té o paraiso.

Nem se diga, que o catholicismo não pode entrar nos mysterios da vida publica do homem, porque muito severo, nem nos da vida particular, porque muito ascetico, nem se coaduna com as novas ideas, porque irreformavel: o catholicismo, sendo de origem divina, nenhuma de suas leis pode ser tão severa, tão ascetica, tão irreformavel, que seja contraria á sã politica, á recta razão e á justa liberdade do homem. Elle é quem o sustenta, o anima e o conforta; quem, depois de tel-o feito membro da igreja, não o deixa entregue a si mesmo, quer corrigir-lhe os costumes, amenizar-lhe o trato, domesticar-lhe as paixões, emfim é quem se esforça por mudal-o interna e externamente, e para isso usa de uma serie de principios, que são os evangelicos, patentea-lhe um grande numero de meios, que são sobretudo os sacramentos, emprega preceitos e prohibições, que são as leis, e ameaça com penas e premio, que são a sancção. Forma o homem não só para a vida privada, senão para a da sociedade, para a da familia; de sorte que, os catholicos em sua conducta particular tem obrigações internas e externas: não podem constituir-se pais de familia, senão de um modo determinado, isto é, por meio de um sacramento; não podem regel-a, senão de conformidade com as prescripções evangelicas, emfim nem mesmo na morte, nem na sepultura podem deixar de submetter-se-lhe.

Se o catholicismo porem é uma obrigação para o individuo, que o professa, é um debito enorme para a sociedade, que o esposa; se é a maior gloria para o particular, é a posse da felicidade para o estado; de sorte que, quando uma sociedade torna-se catholica, toda ella é obrigada a mostrar-se tal, sob pena de contradizer com o facto, o que professa com a palavra: isto é, quando um estado reconhece a excellencia e os bens desta religião verdadeira e celeste, verdadeira, porque uma, celeste, porque do mesmo Deos, por elle em pessoa a nós ensinada, sem ficção, sem duvida, sem desordem, clara, patente, bem regulada, simples, de porte á intelligencia menos desenvolvida, sublime, capaz de exercer os engenhos mais cultos, deve honral-a e protegel-a, honral-a com a sua profissão leal, protegel-a com sua sujeição pessoal, e com aplanar a estrada, a livre propagação do evangelho, e as sublimes incumbencias do espiritual ministerio; deve protegel-a com mostrar-se elle o primeiro docil, fervoroso, obediente ao seu ensino, emfim deve protegel-a, como o deve ser uma religião divina, que tem em si todos os meios, para fazer-se respeitar.

E isto deve ser assim não só para bem do catholicismo como principalmente do estado: o catholicismo, está provado, ainda que seja perseguido, ainda usurpado, conserva-se intacto, não é, porque impedido em seus direitos, que vem a perdel-os, os mantem saldos, mesmo em meio dos maiores vendavaes, mesmo sob o ferro, o fogo e o odio de seus perseguidores: porem o estado em desaccordo com elle, e em proporção de suas usurpações soffre sim, e soffre immensamente, porque: «Quanto mais encadear a mestra da verdade, menos a ouvirá, quanto mais impedir o passo a seus antesignanos, menos abroquellado estará contra o êrro, se não reconhecer a igreja como mãi, não terá suas caricias, quando não a quizer por juiz, ficará sem administração de justiça, e se um dia chegar loucamente a desconhecel-a e impellil-a, como a Inglaterra e grande parte da Allemanha, nesse dia o sol da verdade se obscurecerá sobre elle, e em trevas ficará abandonado a todos os êrros, desde a incredulidade té o atheismo» (2).

Assim o Brasil, que não só particularmente escolheu a religião, que mais-lhe convinha, porem, que mesmo publica e solemnemente adoptou uma, e com juramento sellou, como é do pacto fundamental da nação: *A religião catholica, apostolica, romana, continuará a ser a religião do Imperio*—reconhecendo assim um facto consummado; porque era essa a unica dominante no paiz desde sua descoberta, e a unica de todos os seus habitantes, contrahio uma divida, e uma divida de vida e morte; porque não basta, que a tollere, tollerados, segundo a constituição, são os outros cultos dissidentes: ella deve ser a religião do rei e do povo, do cidadão e do estado, do paiz e de seus filhos, um e outro sem ella não podem dar um passo: aquelle deve estar certo, que não basta, que a proteja, é preciso, que a auxilie, e este, que não basta, que a aprenda e a saiba, é preciso, que a pratique.

E de conformidade, ao catholicismo deve elle todo seu adiantamento nas sciencias, sua moralidade nos costumes, e seu progresso nas artes e officios, á igreja, á sua fé, á sua religião deve sua paz e sua felicidade, e em quanto ella servir de base a suas leis, de norma a seus governos, e de animação a seus filhos, elle não se dissolverá, mas no momento, em que tentar perseguil-a ou aniquilal-a, adeos paz, adeos poder; o povo commovido desconhecerá sua doçura, e infrene conculcará sua autoridade, e se precipitará na tremenda borrasca das discordias sangrentas; porque o catholicismo está profundamente gravado em nossos corações, seus primeiros propagadores esculpirão-no de modo tal, que, não obstante o fatal descuido, em que laboramos, de educação religiosa, descuido já mui invete-

(2) *Risposte brevi alle obiezioni più comuni contro la religione del Padre Secondo Franco.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

rado, para não ser notavel, todas as vezes que o compromettem ou o falseão, desperta e protesta em favor de sua doutrina contra a usurpação.

Para nós pois não ha a trepidar, nós nos civilizamos com a religião catholica, e só com seus preceitos, outras armas forão inuteis, outros meios improficuos; acompanhe-nos ella pois livre e franca, como ella é por sua instituição.

Equilibrem-se a religião e o estado, cruzem-se seus interesses, coadunem-se suas vontades e suas determinações, e cada um prestando auxilio ao outro concorrerá para seu beneficio, e fará fielmente observar suas leis.

O estado esteja convencido, que as funcções sacerdotaes, sendo totalmente espirituaes por instituição de Deos, são independentes, e estão fóra da alçada de toda outra autoridade, que não seja a depositada para isso na igreja para velar—*super agnos et oves*—a autoridade de Pedro e de seus successores, e que sendo de sua natureza diversas das do estado, não se oppõem, nem offendem os verdadeiros interesses sociaes; e a religião tenha em vista com sua propagação fazer, que cada vez mais se respeite o poder constituido, e se garanta sua independencia, ensinando quanta obediencia e respeito é devido ao principio de autoridade, e assim difficeis tornar-se-hão as dissensões, infundados os conflictos, e por consequencia impossiveis as usurpações de alheios direitos.

Como o governo deve á religião catholica auxilio, reverencia e amor, porque jurou, que continuaria a manter-a, salda e illibada, sem mistura e protecção a qualquer outra, e este juramento é de todos os tempos, e de todas as gerações, deponha elle toda idea de reacção contra a crença universal e unica do paiz; proteja-a, e honre a seus ministros de uma maneira efficaz e prompta, e as gerações futuras o bem-dirão.

Eis o que o nosso governo devia fazer, a fim de concorrer para a felicidade do paiz e de seus filhos. Vejamos agora, o que elle tem feito.

III.

O homem, considerado em abstracto no seu estado natural e fora da sociedade, é independente e livre de fazer tudo aquillo, que quizer, abstrahindo da moralidade da acção, e isto se diz liberdade natural. Considerado porem o homem em sociedade, e considerando, que não ha sociedade sem leis, e lei, que o exima da sua obediencia, o homem cede ou perde parte de sua independencia, e assim não tem o direito livre a todas as acções, que são vedadas pela lei; em tudo aquillo porem, em que não é vedado, diz-se conservar sua liberdade, ou o direito de obrar. Neste direito não se examina a moralidade, mas unicamente a faculdade de obrar, e o direito de não ser impedido.

O que se diz do homem em particular e em sociedade, diz-se da mesma sociedade, diz-se de um estado, diz-se de um povo, diz-se de um governo, se ha lei ou leis, que lhe prohibão tal ou taes acções, principalmente se sanccionadas com universal approvação, não é elle então livre de ir de encontro a ellas, nem a derogal-as a seu alvedrio.

Assim, o Brasil proclamando-se nação, rompendo a tutella, e sendo reconhecido independente pelos outros estados, sellou com juramento: que a religião catholica continuaria a ser a religião do imperio; e, segundo as bellas expressões do Sr. Conego Pinto de Campos «curvou a cerviz ante um facto superior, direito superior a todos os direitos; repetio, o que lhe não era dado alterar, o que trez seculos havião gravado no coração e na mente dos brasileiros, e desenove seculos na mente e no coração da humanidade inteira»; por consequencia, assumio ingente responsabilidade, não só para fazel-a observar, como para observar elle mesmo. Desde então não foi mais livre em fazer o que lhe é vedado por ella, e só é livre de fazer, o que ella permitte, e de prestar-lhe, o que ella exige.

Mas ah! quão diversas são as promessas do Senhor das vãs promessas dos homens! O governo, parece, que se arrependeu desse passo, de ter assentido a esse juramento, quiz arripiar carreira.

Um legado fatal tinha o Brasil herdado do velho Portugal, e esse tenebroso legado forão as ideas regalistas as mais exageradas; a par d'ellas, com uma logica erronea e absurda, chamou a si, e usurpou aquelles privilegios, que á fidelissima corôa portugueza tinha a Santa Sé concedido, como se as concessões feitas á fé viva d'aquelles, que olhárão sempre como seu primeiro dever e a mais brilhante de suas glorias mandar e proteger os missionarios, que com tanto proveito para as almas diffundião a luz do evangelho, e povoavão de homens as ruinas da Asia, os ardentes desertos da Africa, e as selvas magestosas da America, se podessem transmittir por herança; ainda mais, não apresentando os herdeiros se quer uma das qualidades, por onde se tornassem dignos de tanta honra.

Nem se diga, que tinha sido zelo em favor da religião, amor á igreja, é desejo santo de ser distinguido pelo chefe da catholicidade, que inspirára estas ideas, que as nutrira, e que incitára o governo brasileiro a querer, que o chamassem—*patrono*—porque nenhuma probabilidade ha: se justos fossem seus desejos, se a má fé não os insuflasse, não teria d'elle mesmo partido as ideas devastadoras do schisma, que esteve prestes a proclamar-se, e o imperio da Santa Cruz não teria attonito e terrificado perguntado, que novo flagello é este?

O governo, como dissemos, arrependido, quiz arripiar carreira, e imbuido até as medullas das doutrinas falsas dos rebeldes á igreja, desconhecendo seus verdadeiros interesses, falseando a confiança publica, ludibriando o voto popular, quiz entrar em lucta com ella, quiz negar-lhe sua autoridade, quiz roubar-lhe suas attribuições, e tornal-a sua nobre escrava. D'então com o espirito perturbado e o animo confuso se olha, mas com olhares de pezar e dor para o governo, que em vão busca aniquilar um poder, mas um poder cujo aspecto o sossobra, cuja força o abysma, e que possuido, como de infernal vertigem, ataca desabridamente a filha de Jesus Christo, a esposa de Pedro.

Então, hallucinado, se o vê submettendo á confirmação da Santa Sé para Bispo o nome de um padre, cujas doutrinas lhe erão bem suspeitas, «e este nome tendo sido rejeitado, pretendeu interromper nossas relações com a Sé apostolica, e lutherizarnos» (3). Diante do corpo dos legitimos representantes da nação, o chefe do estado insinuou a fatal medida de separação da Sé de Pedro, proclamando-se um schisma (4) e um deputado confeccionou e offereceu á approvação da casa um projecto, no qual se propunha «a separação da igreja brasileira, e a supremacia espiritual do chefe do estado». Foi mesmo no parlamento da nação, que se propoz abrogar o celibato clerical, a suppressão dos cabidos, a imposição ou taxa sobre o culto catholico, o culto do paiz; se quiz supprimir diversos impedimentos canonicos do matrimonio, e crear outros, dictados pelo poder civil, sem audiencia da igreja. «Foi nessa epocha de triste recordação, que se desprestigiou o clero, tirando-se-lhe o privilegio do fôro (5) que se suspendeu em todo o im-

(3) *Sete de Setembro* (jornal) *de 15 de Novembro de 1837.*
(4) *Falla da abertura da assemblea geral de 1836.*
(5) *Codigo do processo criminal.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

perio os provimentos dos beneficios não curados (6), que se tentou tornar os parochos amoviveis a arbitrio dos presidentes de provincia (7), que se coarctou, sem plausivel fundamento, uma das mais importantes prerogativas do episcopado—*a de ordenar sacerdotes*—subordinando-a a um aviso do governo (8), que um ministro da corôa impedio a um ecclesiastico, eleito bispo, dar certas explicações á Sé apostolica, sob pretexto de ser um ataque directo ao governo e á independencia nacional (9) que outro ministro prohibio aos superiores regulares punirem com a pena de carcere a seus subditos refractarios, com o frivolo pretexto de que, a constituição prohibia os carceres privados» (10).

Passarão-se mais tempos, mas o governo não cessou de offender a consciencia publica e a catholicidade do povo brasileiro, que com uma energica e orthodoxa opposição, mesmo no corpo legislativo, tinha já repellido suas innovações, e impedido a propagação, continuou a legislar para o clero secular, para os claustros, e para os seminarios, olvidando que um poder, que não respeita a outro, reconhecido pela consciencia da nação, dá por isso mesmo motivos de se duvidar delle.

O principio, que manda, que cada um respeite, quem governa, lhe impõe tambem o dever de respeitar a outras autoridades, maxime, se ellas são de ordem superior, como a igreja, não derivada da vontade popular nem real, mas da vontade daquelle, que baixou á terra pleno de poder no Ceo e na terra, e do qual deixou depositaria a igreja catholica.

Esta lucta entre o poder civil e o ecclesiastico foi sempre de fataes consequencias para um e para outro, aquelle, quebrantando desrespeitosamente as leis da igreja, dá um exemplo completo de insubordinação a seus subditos, exemplo que muitas vezes aproveita, e este se desprestigia totalmente, de sorte que depois torna-se impotente para reclamar a observancia da mais insignificante regra. O governo, não impedindo a propagação de ideas subversivas em materia religiosa, não cava só a ruina da religião, cava a sua propria; dessa desordem e d'essa confusão de legislação, d'esse desrespeito ás convicções firmes do paiz, não pode elle colher senão fructos amargos; estejão convencidos os governos desta verdade: tudo é reciproco na sociedade: te respeitarão, se respeitares; se ha deveres, que ligão a sociedade, os que devem obedecer aos, que commandão, não estão elles isentos de obrigações, e a primeira é—seguir a justiça, e com ella conformar seus actos.

Para illudir a opinião publica o nosso governo attrahio a seu partido alguns sacerdotes, que vertiginosamente abandonárão as fileiras, onde tinhão sido alistados para combater, e passarão-se á outra parte; tantos são os elementos, de que elle dispõe, para formar partidarios á sua causa, ainda que má!

Poz á frente da educação, quer primaria, quer secundaria, homens impregnados de suas ideas, instrumentos de suas paixões, e dentro de pouco tempo os jovens, que sahião d'essas escolas, erão tantos exaltados regalistas e insubordinados cidadãos, ambiciosos e desmandados!

Alguns publicárão obras sobre direito canonico, mortaes pela impiedade, que nellas se respira, e immortaes pelos disparates, que nellas se enuncião: a Santa Sé, o Papa é miseravelmente despojado de suas prerogativas, como se alguem sobre a terra lhas pudesse tirar! e apresentado qual outro simples Bispo, e os institutos religiosos supprimidos como inuteis. E estas erão publicações de lentes da Academia de S. Paulo, empregados publicos; mas o governo nada dizia, porque taes doutrinas, que se espalhassem, convinha a seus fins.

Com uma portaria determinou, que os Bispos de S. Paulo e o Capellão-Mór sobrestassem na ordenação dos seus subditos, excepto os que já fossem subdiaconos, e não pudessem ter outro destino, e se revogou tanta arbitrariedade somente a 19 de Novembro de 1859, auctorisando-os então a ordenar clerigos sem licença do governo!

Em 1853 querendo o Bispo do Maranhão dar parte ao Nuncio de Sua Santidade, na corte do Rio de Janeiro, das occorrencias do convento do Carmo, não o poude fazer, sem ter obtido um aviso do governo, no qual se lhe concedia essa licença. Desligou-se a Ordem de seus legitimos superiores, e é o governo, quem se constitue geral d'ellas, e do qual é necessario impetrar licença, para participar á authoridade competente o que nellas se passa!

Em 22 de Maio de 1855 expedio um aviso ao mesmo Bispo, para que examinasse com o mais conscencioso escrupulo os ordinandos apresentados pelos prelados regulares, como se os Bispos não soubessem cumprir com o que lhes impõem os canones, e precisassem dos conselhos e das admoestações dos governos civis, que não entendem, nem tem que ver com as ordenações.

Das ordens religiosas então tomou elle posse inteira: dispõe dellas, como dos empregados da fazenda ou da alfandega. Obstando, que se participasse, o que se passava no paiz com as ordens religiosas, tratou de matal-as, fechando a porta dos conventos aos aspirantes á maior perfeição. Com aviso de 10 de Maio de 1855 declarou «ser da competencia do governo imperial (sic) a licença individual, de que carecem os cidadãos, para serem noviços das ordens religiosas, e devem aquelles, que quizerem ser nellas admittidos, sollicitar e obter do mesmo governo a necessaria permissão, sem a qual o não poderão ser.»

Em 1858 o Sr. Ministro da justiça apresentou á consideração e approvação do corpo geral legislativo um projecto estabellecendo no Brasil o casamento civil. O brado de indignação, que tal projecto incitou, foi geral, só elle ousou defendel-o, só elle queria e insistia por sua adopção, só um pseudo-catholico assalariado teve coragem de em um opusculo sustental-o, só achou echo no animo pervertido e atrabiliario de um Hungaro protestante e revolucionario, cuja obra foi condemnada pela Santa Sé. Apezar dos esforços do governo o projecto monstruoso foi inutilizado, e um outro, mais consentaneo com o espirito da igreja, proposto e adoptado.

Como a constituição diz: «que todas as outras religiões serão permittidas com seu culto domestico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo», o governo em perfeito e pleno desprêso d'ella pedio e obteve da assemblea para um pastor protestante um subsidio maior no orçamento do estado, do que o que percebem os parochos collados das freguezias de todo o imperio.

Muitas são sem duvida as disposições emanadas dos Poderes do Estado, coercitivas da liberdade da Igreja; mas, em resumo, eis o que se tem feito no paiz da religião catholica, apostolica, romana, que foi adoptada como religião do Imperio pela constituição!

Nem se quer não lhe agrilhôão os pulsos! Já quizeramos, que o governo fosse indifferente á decadencia da

(6) *Lei de 14 de Junho de 1831, art. 18 in fine.*

(7) *Lei da assemblea provincial de Minas, revogada pela assemblea geral em 1837.*

(8) *Aviso de 6 de Abril de 1839.*

(9) *Officio do ministro da justiça de 10 de Junho de 1835*

(10) *Officio do mesmo de 15 de Junho de 1827—Discurso do Conego Joaquim Francisco de Faria na abertura do seminario de Olinda em 1855.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

religião; que a decadencia fosse filha do deleixo de seus chefes; que desprezasse as dores e a miseria do clero; que observasse impassivel o desmoronamento dos templos.....mas que sonho! Taes cousas não se darião, se as atalaias da igreja pudessem livremente vigiar sobre seus soldados, se não lhe empecessem a marcha, se não lhe desmoralizassem o poder, emfim se não legislassem para a igreja.

Mas porque é, que o governo tem hostilizado tanto a religião? Será atheo o nosso governo? como perguntára Lamenais, fallando do governo francez: «Não, o governo não é atheo, porque o não são as instituições; mas seus actos traduzem o mais profundo desprezo pela religião, e um plano subterraneo talvez bem amadurecido de supprimir as ordens regulares, e de appropriar-se dos seus bens...se não ha o plano ambicioso, que denunciamos, e que todos reconhecem, neguem-no ante o facto de cerrarem as portas das ordens regulares a, quantos pretendem nellas ter entrada, quando a velhice dos poucos, que a compõe, promette a proxima extincção do seu pessoal.» (11)

Se comprehende, que em alguns estados, ainda que injustamente, se guerrêe a liberdade e os progressos do catholicismo, isso pode ser motivado, ou porque a religião do paiz é outra, ou porque seus ministros, menos comedidos e prudentes, intervem fortemente nos negocios temporaes; mas no Brasil «que temos nós, Senhores, pergunta o Sr. Taques, na sessão da camara dos deputados do dia 9 de Julho de 1855, a temer da igreja do nosso paiz? (Apoiados). Haverá alguma cousa a temer de uma igreja, que não tem riquezas, que não tem grandes instituições, e conta apenas em seu favor com o coração dos fieis? (Muitos apoiados). Por consequencia não houve, nem ha razão de conveniencia, que impellisse o governo a coarctar os passos da religião; a guerra, que se lhe tem feito, é toda gratuita, é a sêde de governar e de mandar sobre tudo, é o gosto, que tem o homem estultamente, de ver Deos depender d'elle, de oppor-se a suas instituições.

Mas ah! quantos males não produzio elle com esta espoliação de direitos á igreja! elle mesmo foi quem mais soffreu.

Pondo á testa do ensino homens pouco firmes em suas crenças, privou a mocidade da educação religiosa, mas não vê, que ella sahe aos milhares dos lyceos, collegios e academias todos os annos, e sahe, é verdade, sem fé e sem religião, mas tambem não traz nem moralidade nem costumes, e vem eivada de ideas terriveis, declamando publicamente contra a authoridade, contra a monarchia, em summa contra tudo, que tem a marca da lei, ensinando assim theorica e praticamente a revolução com a rebeldia ás authoridades, com a desobediencia, a demagogia com a destruição do throno, e o socialismo com a independencia absoluta do influxo de todo e qualquer poder.

Envia aos Bispos avisos sobre avisos, ordens sobre ordens, leis sobre leis, mas não ouve os protestos e as queixas diarias, por parte da sociedade ainda intemerata, contra a má fé e o dolo, que presidem a todos os contractos com perda da moral publica e dos bens particulares. Não presta attenção aos gritos do povo, que clama, que se lhe faça justiça recta, que se castigue a venalidade dos empregados, não só dos subalternos, mas mesmo d'aquelles, cujos cargos devião ser a morada da virtude e da imparcialidade, e cuja posição devia ser um freio aos abusos, quando carecessem da consciencia intima do seu dever. Não entende os queixumes e os ais dessa multidão de mendigos, pedindo pão a toda hora, e em todas as portas, mas tão pouco soccorridos, porque a philantropia não iguala a caridade; não sente os ardores da sêde de bens e de riquezas, que queima, abraza e devora o coração de todos, sem quererem comtudo com o trabalho buscar saciar-se, recorrendo então á falsidade, ao roubo, e até ao assassinato.

Para males tão graves e tão assustadores era, que o governo devia olhar; mas é bom, que elle palpe com suas mãos, o que tem ganho, separando da instrucção scientifica e civil a instrucção fundamental, a instrucção religiosa, sem a qual as outras faltão de apoio.

A estrada mais recta, a estrada ordinaria, por onde se chega á depravação do entendimento, é a depravação do coração. Ninguem se torna materialista, socialista, incredulo, sem primeiro romper o jugo da incommoda moral, sem tornar-se antes vicioso; isso posto, a religião, desejarámos, que não fosse, Deos que fosse um problema, Christo que não tivesse vindo sobre a terra, nem nos tivesse salvado, e nesta effervescencia de liberdade apparece a licença, e a licença, se estendendo sobre toda a moral e os direitos do homem, produz um choque infernal, capaz de desarraigar os principios mais indubitaveis do direito natural, do direito divino, e então não ha que appellar, senão para a religião catholica, ella só é capaz de dizer:—pára—a essa ardente e devoradora lava; só ella é o apoio, o alcaçar, onde se refugia a virtude perseguida, assim como no seio de seus primogenitores se refugia a tremente e candida avezinha, que batida pelos caçadores, arfando e quasi desfallecendo, poude, enganando-os, esvoaçar até elles.

Só muita religião pode curar uma sociedade, que tem gangrenado o coração, não bástão as boas leis: as boas leis podem influir na moral publica; a severa inflexibilidade dos magistrados em fazel-as executar, corrijirá os abusos, porem isto não é sufficiente para sanar uma sociedade enferma, cujos eixos estão gastos. Se necessita neste caso descer á raiz dos males, e ahi cural-os em sua origem. O alimento religioso é o unico, que pode cural-a de seus males moraes. Os legisladores, em cujas mãos deposita o povo o summo poder, afim que o empregue em fazel-o feliz, devem applicar-se com especial cuidado a propagar os principios religiosos entre os individuos de todas as classes. Sem elles os outros serão inuteis, e sua applicação não produzirá mais effeito, que o que causaria um ligeiro refrigerante, administrado ao enfermo devorado por intensissima febre» (12).

Até agora não tenho feito apparecer senão as arbitrariedades, que o governo tem obrado contra a religião do imperio, a sua opposição e a sua guerra declarada; porem, para prevenir qualquer interpellação de algum governista—se elle não tem feito de envolta algum bem a religião? O unico—diremos: que merece o nome, e que todos os brasileiros lhe agradecem, e este mesmo é devido á augusta pessoa de S. M. I. o Senhor D. Pedro II, é a escolha de bispos.

As nossas sedes episcopaes não tem a invejar a quaesquer da Italia ou França; estão occupadas por caracteres eminentes, quer em virtudes, quer em amor á Santa Sé, quer em devotamento a seus rebanhos; temos no episcopado verdadeiros Bispos, verdadeiros pastores das almas, robustos nas lettras e na fé, devotados na acção e no governo, sapientes na uncção e na palavra, firmes na devoção e na piedade. Louvores pois ao nosso querido Monarcha.

(11) *Estado da religião no Brasil por O. da G. Lobo.*

(12) *Intereses catolicos en America por J. I. V. Eyzaguirre t. 1 cap 33.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Porem tudo não se encerra, nem se decide pela pessoa de um Bispo, principalmente em nosso paiz, e no estado de pobreza de nossa igreja e de seus ministros.

Elles mesmos precisão ser dotados de um modo digno á alta posição, que occupão, precisão ter um seminario regular, onde formem seu clero, precisão ter uma cathedral, onde exercão suas funcções, precisão ter um cabido, com que consultem no governo da diocese, precisão ter uma casa, onde habitem decentemente: precisão ter sobre tudo independencia, autoridade e prestigio.

Mas, em qual dos doze bispados, em que está dividido o Brasil, se encontrão estas cousas, alias necessarias e indispensaveis?

Se em um ha seminario, não ha palacio, se ha cathedral não ha cabido.

Todas as vezes que o governo apresenta á Santa Sé para serem confirmados os Bispos, no exame, que em Roma precede da igreja, apontão-se essas faltas, e o Papa exige então do governo a asseguração, de que o bispado será provido de tudo, e só depois concedem-se as bullas; porem tendo sido em muitas e repetidas occasiões illudido, porque o governo, uma vez obtidas as bullas, não pensava mais em cumprir a promessa, foi forçado a impor-lhe, não expedir alguma bulla, sem primeiro constar-lhe pela Nunciatura, que o bispado estava, como é de direito, em estado de receber seu primeiro pastor. Tal foi a causa da demora, que houve, na expedição das bullas dos bispados da Fortaleza e Diamantina.

Dotou os seminarios ultimamente com algumas cadeiras, ampliando assim mais o curso de estudos, que antes nelles havia; mas quem não vê, que ellas mesmo não são sufficientes á instrucção do clero? qualquer lyceo ou qualquer collegio está melhor organizado; porem o governo crê, que o clero não precisa mais do que das cadeiras de latim, francez, rethorica e philosophia, em quanto os seculares tem alem destas, grego e inglez, geometria, grammatica geral, estudos de classicos &c.

Hoje não falla, e com elle os jovens da epocha, senão das cadeiras dos Seminarios retribuidas com 1:000$, quando qualquer professor de primeiras lettras tem 1:200$, quando qualquer continuo de repartição tem esse ordenado. E' verdade, que para quem não tinha antes cousa alguma, 1:000$000 é muito!

Os seminarios na actualidade representão as academias do clero, assim como sua escola de rudimentos, seu unico foco de instrucção; mas quanto ganha qualquer um professor do collegio de Pedro II, ou das academias de medicina ou de direito? Para que essa injustiça, essa desigualdade? Será, que para ensinar nos seminarios, não se requeirão tantas habilitações como para outra qualquer parte?

E depois clamão a todos os cantos, que o clero é ignorante e immoral. E' ignorante, porque não lhe ministrastes meios para se instruir, e privastes de o fazer, quem o podia; é immoral, porque não lhe déstes asylo, onde pudesse aprender a ser moral, residindo entre vós, e d'entre vós sendo conduzido ao altar, para lá não podia levar, senão o que comvosco aprendeu, elle vos retrata, e a toda a sociedade. Um clero, quando é independente, quando é governado pelos seus Bispos, é o exemplar da sociedade, mas quando é o governo civil, que o forma, que o designa, que lhe dá o pão, é elle, que então deve ser o exemplar, trocão-se as figuras, e se o clero é immoral, é porque vós lhe daes o exemplo; quem for moral, que lhe atire a primeira pedra.

Não é com seminarios mal organizados, vacillantes, com professores mal retribuidos, e com compendios escolhidos e determinados pelo governo, que se instrue e se regenera o clero, que a religião ganha brilhantismo, e que os costumes se reformão.

E' preciso, que o governo de hoje em diante, conhecido o grande mal, que tem feito ao paiz com este seu modo de proceder, se determine firme, solida e inabalavelmente a querer cumprir com consciencia os deveres, que contrahio com a religião e com o povo catholico brasileiro, protegendo-a, e auxiliando seus ministros; e se compenetre, que nem o Brasil tem outra guarida, onde abrigar-se dos embates, que soffre, senão no seio da igreja catholica, nem o estado outro meio de existencia e de solidez senão em abraçar-se com ella, e sob ella pautar sua administração; « porque o governo civil é impotente para manter o estado sem o soccorro do ecclesiastico: porque é incapaz de formar de per si a moralidade dos homens, que é o fundamento da sociedade, sociedade que tambem não pode subsistir sem bons costumes, nem os costumes sem religião, nem religião sem ministros, nem ministros sem autoridade; mas esta autoridade desapparece e perde toda acção, se de divina torna-se humana, e se se refunde na autoridade dos principes ou magistrados seculares. » (13)

Antes de apontarmos as medidas a adoptar para bem dos negocios e interesses catholicos do paiz, transcrevemos as, que tambem offerecêrão os Srs. Conego Pinto de Campos em sua bella carta ao ministro dos negocios ecclesiasticos, e J. M. Garcia, nosso conterraneo, em um opusculo, publicado no Rio de Janeiro, commentando a carta do Sr. Conego Campos.

III.

O Sr. Conego Pinto de Campos dirigindo-se ao Sr. Ministro dos negocios ecclesiasticos em sua carta eloquente e scientifica, pergunta-lhe, já quasi no fim:—Não serião convenientes algumas ou alguma das seguintes disposições?

§

1° «Crear-se uma commissão composta de varões competentes, incumbida de estudar a fundo as circumstancias, em que, sob o aspecto religioso, se acha o imperio, consultando sobre os meios de restituir o esplendor do culto, fundar solidamente a moral christã, estender e arraigar as conquistas da cruz, tudo em conformidade com os principios catholicos e a indispensavel submissão ao chefe visivel da igreja.»

Só a idea de creação de uma nova commissão nos aterroriza e desanima. O que tem o paiz ganho, o que melhorado por informações de commissões, de tantas que se tem estabelecido?

Depois, essa commissão ou se formaria gratis ou não; se gratis, é evidente, que não daria um passo para cumprir seu encargo, se reuniria uma ou duas vezes, fallar-se-hia muito, discutir-se-hia muitissimo, e se resolveria nada; se se marcasse um quantitativo, talvez chegasse a mandar officios, a expedir circulares, e nisto cifrar-se-hia; alem de que, para nós, que temos por diante um deficit enorme, e os cofres exhaustos, seria uma despeza quando menos extemporanea.

Ainda mais, ou esta commissão compor-se-hia só de padres (o que certo o ministerio não faria) e então suas informações serião taxadas de suspeitas, ou de padres e seculares, e então com estes não se entenderião aquelles, e depois de innumeros discursos, senão insultos, cada um daria seu parecer em separado, ou assignar-se-hia vencido, e afinal, o governo não encontraria senão opi-

(13) *Ensaio sobre a supremacia do Papa por J. I. Moreno.*

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

niões particulares, quando buscava um voto collectivo. Além disso, ou esta commissão estabelecer-se-hia na côrte do Rio de Janeiro (o que seria quasi certo) e então teria que pedir informações ás authoridades ecclesiasticas das outras provincias sobre as necessidades do bispado, ou teria que percorrer todas as provincias, e em cada uma d'ellas demorar-se por algum tempo, e então que gastos, que despezas! Sirva de exemplo a recente commissão scientifica, que foi examinar as riquezas do Ceará, em quantos contos não importou, e esta, que se limitou a uma só provincia! Ora, se se restringisse ao Rio de Janeiro, para que formar uma commissão para pedir informações, quando o governo as póde pedir, e pede quando quer! Se ao contrario, passeasse todas as provincias, confeccionaria seu relatorio, que não passaria de ser uma consulta, e que em consulta pararia, como parão todas as requeridas aos Bispos e Vigarios Capitulares, e depois, dir-se-hia, que não ha dinheiro, porque o disponivel applicou-se ao costeio da commissão. O governo está bem informado, e o paiz bem convencido das necessidades de nossa igreja. Todos os annos o ministro dos negocios ecclesiasticos pede aos Ordinarios, que lhe forneção dados os mais precisos sobre tudo isto, e o desta diocese recentemente o acaba de fazer; para prova leia-se o relatorio do ministro, apresentado á assembléa geral, e ahi ver-se-ha, que elle é o primeiro a lastimar o estado, á que está reduzida a religião, e tudo que lhe diz respeito.

2.º—«Estabelecer junto ao Primado uma congregação, decidindo definitivamente todos os pontos de disciplina, culto, estudos especiaes.» &. &.

Esta congregação é uma innovação na legislação catholica dos outros paizes, excepto Roma, onde o Papa as estabelece segundo as necessidades do mundo catholico, e da-lhes authoridade, dependendo sempre suas decisões da sua approvação, para poderem ser lei da igreja, mas isto é em Roma, ultimo tribunal do governo ecclesiastico, para onde são trazidas as causas de todo o mundo. Os bispos tem sufficiente autoridade, nem tanta affluencia de materias, que precisem de um outro tribunal. Se ha alguma cousa a reformar, quanto á nossa disciplina, reunão-se os bispos em concilio nacional. Se ha a consultar sobre o culto, oução Roma, onde está a congregação dos ritos, decidindo duvidas e promulgando leis para todo o mundo catholico. Junto ao Primado existe a relação ecclesiastica, que está bem montada, e cumpre até agora fielmente seus deveres, e no Rio de Janeiro ha o tribunal do Internuncio de Sua Santidade.

Por consequencia, para que innovarmos, e para que augmentarmos despezas sem necessidade nem grande utilidade?

3.º—«Examinar o estado actual do clero secular, sua instrucção, sua moralidade. Dotal-o conveniente e independentemente. Proporcionar-lhe os meios de satisfazer a sua alta missão.»

Basta de exames, necessitamos de obras, o estado actual do clero secular é lastimavel, todo o Brasil o sabe, e o governo, que é disso causa, o sabe melhor que ninguem. Sua instrucção é limitada, sua moralidade duvidosa. Onde ia elle instruir-se, onde moralizar-se? Todos os meios lhe fallecião quer proprios quer alheios. Para instruir-se faltavão-lhe lentes, para moralizar-se seminarios. A classe chegou á ultima decadencia: ninguem se queria fazer padre, e se alguns apparecião, erão de vocações extorquidas e apparentes, incapazes de attingir a sublimidade do lugar, e por conseguinte aptos e promptos para continuar na vida ecclesiastica abraçada com a infeliz, em que tinhão estado. De taes se ousa duvidar da impressão do caracter indelevel. Eis o que pede cuidado, e o que clama attenção mais que tudo no Brasil: é a rehabilitação dessa classe, e com ella a de todo o paiz. Todos os meios, que empregar o governo para moralizar o paiz, serão de nenhum resultado, se não começar pelo seu moralizador-nato e unico—o clero catholico—se este não o secundar, mais compenetrado de seus deveres, seu trabalho será vão, seus esforços perdidos. As armas do estado são a pena e o castigo do delinquente ás suas leis; as da igreja a persuasão e o perdão ao arrependido; aquellas podem produzir temor, podem incutir medo, estas porem convencem o espirito e dominão o coração; com aquellas poderá o homem recuar da senda do crime apressado e tremente, mas espreitará ensejo, e voltará á carga, com estas fugirá das occasiões, e o evitará horrorizado; aquellas pois não produzem o effeito requerido, recorrer é forçoso a estas, e estas só as pode empregar util e proveitosamente um clero formado segundo o espirito de Jesus Christo, e que segundo elle trilha a emmaranhada vereda da vida sobre a terra.

Quanto a dotal-o conveniente e independentemente, esta é uma das necessidades vitaes do imperio. Garantir a independencia d'aquelles, que de sua natureza devem ser independentes, porque tem que luctar com todas as paixões e vicios da humanidade, e fazer-lhes guerra de exterminio é obra santa e de alta importancia.

4.º—«Investigar, se convem á religião e ao estado, que as ordens religiosas sejão reformadas: que se lhes imponha como invariavel dever ter sempre cada ordem certo numero de oradores sagrados; de missionarios que percorrão os territorios de nossos gentios; de mestres de ensino primario, secundario e doutrina christã, e de ministros do culto; que preenchidas estas condições, se faculte o ingresso ao noviciado, como outrora; que as actuaes propriedades monasticas de raiz, e principalmente de escravos, se convertão todas em apolices ou papeis do estado.»

Ainda mais investigações; pois não salta aos olhos de todos, que convem á religião reformar as ordens religiosas, porque no estado, em que jazem, não servem senão de dar uma idéa má de todas as outras, e do espirito que as sustenta? Mas o Sr. Conego Pinto de Campos quer, que se fação investigações por causa do estado, ou melhor, que o estado investigue, se lhe convém reformal-as ou matal-as. O que tem porém o estado com as ordens religiosas, reformadas ou não? E' a elle, que a igreja deve consultar, quando lhe seja conveniente reformar qualquer instituto religioso! O estado não tem, nem deve ter neste ponto ingerencia alguma, é quando a Sua Santidade parece justo e necessario, que se operão taes reformas, e é só a ella, que se deve consultar sobre a conveniencia, e só della, que se podem esperar meios efficazes para uma boa reforma. Comtudo, no Brasil não seria estranho, que o governo quizesse reformar as ordens regulares, tanta é a degradação, em que estes negocios estão! Mas elle não dá muito indicio de pensar nisso, ao menos por agora, excepto se cuida em reformar os edificios, onde estiverão os religiosos, porque a elles mesmos não colherá, pois muitas e repetidas são as secularizações e nenhuma profissão. Quanto ás imposições, isso pertence ao reformador; nem comtudo bom é disvirtuar um instituto, isto é, impor na reforma de uma ordem regular condições e obrigações, que ainda que boas e uteis, todavia não recebeu em sua origem—reforma neste caso quer dizer—chamada e iniciação—a observancia estricta da primeira regra ou de outra não menos severa—e não olvido do fim primitivo e dos meios, e adopção de outros mui diversos, como por exemplo seria—da vida contemplativa para a vida activa.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

O espirito da igreja, espirito catholico, espirito divino, tem suscitado, e suscita todos os dias ordens regulares, denodados campeões, martyres do evangelho para occorrerem a todas as miserias e a todas as grandezas humanas.

Se de um lado apparecem institutos, cujo fim sejão o trabalho nos hospitaes, ou a cultivação das terras estereis, de outro não faltão alguns, que se dediquem ás missões e ao ensino, mesmo de materias civis de alta importancia, como a physica e a astronomia; para que pois obrigar, por exemplo, um cartuxo ou um filho de S. João de Deos, a ser mestre de ensino primario, quando ha na igreja e bem florescentes tres congregações, cuja especialidade é essa, sem contar as innumeras, que a esse trabalho tambem se dão?

Nem cremos nem pensamos, que o Sr. Conego Pinto de Campos partilhe da opinião d'aquelles escritores, nossos e de outras partes, que tendo pouca ou nenhuma fé, não estão convencidos, que tantos serviços prestão á religião e á sociedade os religiosos de vida activa, quanto os de vida contemplativa, cada um em seu genero, um com a palavra, outro com a oração, um com o escripto, outro com o jejum e penitencia, um com conservar seus bens, outro com despreza-los e dividi-los com os pobres. A igreja tem muita necessidade da oração e muita de actividade, ambas fazem abrir as portas do paraiso, ambas dão victorias á religião, ellas são as suas armas, e ella não desconhece, que a tempera de uma não é superior á da outra. Pode-se dizer, que o retiro, o silencio e a pobreza dos religiosos de algum modo compensão as dissipações dos seculares, suas orações o olvido de muitissimos, até do nome do Senhor, suas penitencias as sensualidades de outrem, seus jejuns as frequentes crapulas nos banquetes e nos festins, sua devoção a total impiedade ou tibieza geral; e assim, se não apresentão diante do Altissimo uma alma innocente, um coração sem culpa, impetrão-lhes a dilação do castigo, e facilitão-lhes meios, obtem-lhes graças para seu arrependimento e perdão.

Quanto á conversão de seus bens moveis e immoveis em papeis do estado, dizemos francamente: se o governo, (que é donde deve partir a iniciativa e dos Bispos, os quaes podem no nosso estado de miseria pedir e obter meios de reformal-as á Santa Sé) tem intenção de esforçar-se por levar a effeito a reforma d'ellas, injusta e sobre maneira prejudicial lhes é tal medida: porem se ellas devem continuar como estão ou peior (não negamos, que as ordens religiosas tem sobre seus bens o direito de propriedade, direito garantido pela constituição com a inviolabilidade, e que só a ellas pertence a administração d'elles, sejão poucos ou sejão muitos) converão-se seus bens em apolices do governo, e fiquem assalariadas pelo estado, visto que não podem por mais tempo continuar na gestão ou *digestão* d'elles, por causa dos graves prejuizos, que d'ahi vem á religião, á suas almas e á moralidade publica.

5.º—«Informar sobre os edificios applicados ao culto, quaes os lugares, onde são sufficientes, e os meios de quanto antes se erguerem e dotarem novos, onde necessarios forem »

Sobre taes pontos, como já dissemos, informão minudamente, e de ha muito, os Bispos e Vigarios Capitulares; o nosso o acabou de fazer em fins de Janeiro, e o ministro dos negocios ecclesiasticos em seu relatorio annual tem sempre apontado quaes os edificios, que com mais urgencia precisão ser reedificados e entregues ao serviço publico. O que porem é certo, é, que em nenhum lugar do Brasil os templos são sufficientes nem em numero nem em tamanho á nossa população já crescida.

Os meios para elles se erguerem até agora tem sido o das loterias, meio immoral, mas que se fallecer, então ficaremos sem templo algum: a piedade dos fieis, para a qual antes em vão não se appellava, hoje muito resfriada já pouco produz, sustental-a deve o governo, e sustental-a por muito tempo.

6.º—«Quanto ás irmãs de caridade, averiguar, se não será desejavel aclimar e naturalizar essa instituição; adoptar essa formosa organisação menos ascetica e contemplativa que militante; desempenhando-se a regra da ordem, mas com sujeição ás autoridades ecclesiasticas brasileiras.»

Esta idea nos sorri, approvamol-a, ella será não só desejavel, mas para o Brasil de muito proveito, para muitos de nossos hospitaes, que gemem á mingua, de quem com espirito verdadeiramente catholico os reja e dirija de muita utilidade, e a nossa mocidade do sexo feminino de muitissimo ganho, pois com ellas farão uma excellente educação, auxiliando as nossas professoras, e auxiliando-as grandemente para formar, como convem, aquellas, que tem depois de occupar o sublime sacerdocio de mães de familia.

Não precisa porem tornar o instituto mais á vida activa do que é, não queiramos com essa idea de demasiado ascetismo, privai-o de sua vivificante seiva—a oração—; se o fizermos menos religioso, suffocamol-o, não teremos mais devotamento, não teremos mais vocação, não teremos mais irmãs de caridade, teremos um instituto todo humano, enfermeiras assalariadas, teremos só mulheres, e mulheres, a quem fallecem todos os meios de manter sua honra, e sustentar sua dignidade sendo ellas tão expostas aos embates do mundo e ao contacto do vicio, pois luctão ordinariamente com gente, lesada de costumes, depravada de coração, e perdida de espirito.

Dissentimos porem da sujeição, que propõe ás autoridades brasileiras. Transplantemos a arvore para nosso paiz com todo desvelo, com toda attenção, transplantemol-a, como ella é em sua essencia, como ella está em sua existencia, sem tocar-lhe na mais pequena raiz, sem deslocar-lhe o menor torrão de terra, sem alluil-a demasiado; porque do contrario, exposta a um sol mais ardente, a um clima mais humido, falta de seu proprio terreno, manca de sua raiz, adulterada, não como a produzio seu creador, não como a cultivava seu dono, não como a regava seu jardineiro, brevemente tornar-se-ha rachitica, definhará, e dentro em pouco crestada inclinará seus ramos eminurchecidos.

Com as ordens religiosas ou congregações regulares da-se o mesmo, que com as igrejas disseminadas por todo o orbe catholico, em quanto se ligão pela obediencia ao centro, á pedra angular do catholicismo, em quanto d'elle recebem seu alimento, partilhão seu amor, e sujeitão-se á suas ordens, conservão-se florescentes, mas desde o momento, em que rompem com seu legitimo, primitivo e unico superior, e se constituem um outro á sua guiza, tornão-se schismaticas, e como taes, não tendo onde solida e firmemente apoiar-se, vacillão uma e mais vezes, até que são préa do primeiro esperto, do primeiro genio usurpador.

Não devemos nem podemos razoavelmente desligal-as da obediencia, que jurárão ao geral ou abbadessa de toda a ordem, para, fazendo um ramo á parte, ligal-as a autoridades estranhas ao instituto, certos que só da obediencia, com relação á todo o corpo, pende a vida e florescencia d'ellas. Separal-as da obediencia de seus superiores natos, para sujeital-as totalmente a outros, não é justo nem prudente. Nós já temos uma bem fundada experiencia, para nos deixarmos illudir: as outras ordens religiosas, que no paiz temos, libertarão-se da obediencia jurada, mas cahirão aqui nas mãos, não da autoridade ecclesiastica, mas da civil.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

7.º - «Promover publicações tendentes a radicar os principios da moral, conferindo-se a seus autores premios honorificos e pecuniarios, e tomando o estado o numero de exemplares precisos, para convenientemente se distribuirem.»

As publicações em nosso paiz, sendo ainda mui custosas, um particular por si só não pode muitas vezes occorrer ás despezas de impressão, faz-se mister o auxilio do governo: elle é, que, animando de tal modo o estudo das sciencias sagradas, e estimulando o desenvolvimento intellectual de seus cultores, colherá sazonados fructos: os principios da moral não são mui sabidos entre nós, toda a sociedade brasileira ainda d'elles não tem muito conhecimento; publicações baratas e simples neste genero são pois necessarias. O clero principalmente dê-se a este trabalho, e sahirá do abatimento e olvido, em que jaz, e tornar-se-ha, o que sempre foi em todo o universo—o arbitro dos reis e dos povos.

8.º—«Pelo que toca ao ensino das respectivas sciencias, decidir, que se leve a effeito a execução da lei, que creou as faculdades de theologia, pois que passado certo praso só d'entre os seus doutores deverão sahir os prelados, sendo tambem esse titulo de preferencia para o provimento das igrejas.»

Depois de nossa emancipação politica tem o governo imperial, para a boa e recta administração da justiça a seus subditos, creado duas academias de direito civil, onde a mocidade dedicada a esse ramo solidamente se preparasse a entrar na publica administração. Para formar bravos e instruidos generaes, e educar o exercito no estudo profundo dos preceitos da guerra, estabeleceu escolas militares. Para ter denodados officiaes na armada nascente, que defendessem nossas immensas costas, e á Europa e ao mundo levassem nosso nome, abrio escolas de marinha, e as dos aprendizes marinheiros. Para occorrer com remedios acertados á humanidade afflicta e molesta patenteou-nos duas academias de medicina: mas para obter bons medicos das almas, bons sacerdotes de Jesus Christo, bons pastores do rebanho catholico, bons prégadores, confessores e mestres de educação, o que tem feito? Quasi nada. Parece, que nossas almas, Jesus Christo, e a nossa educação não o merecem.

Não ha inda muitos annos, que algumas assembleas provinciaes votárão mesquinhos fundos para, satisfazendo os reiterados rogos dos Bispos, estabelecerem-se acanhados seminarios; o do Maranhão foi assim fundado em 1838, e continuou nesse estado de quasi mendicidade e dissolução, até que o governo geral em 24 de Agosto da 1853 reformou-o, creando nelle mais algumas cadeiras de ensino quer do curso de humanidade quer de theologia.

Perguntamos, satisfazem as cadeiras creadas ás exigencias da classe e a suas vitaes necessidades? De modo algum.

Pois então os medicos, os jurisconsultos e os mathematicos tem academias, alem dos collegios, onde frequentão os primeiros annos, e o clero, no qual deve habitar a illustração e a sciencia, se deve contentar com esse pequeno curso?

E' pois de muita urgencia e de summa importancia o estabelecimento das faculdades theologicas; abrindo-as, o governo exercitará um acto de justiça, fazendo participante da geral prosperidade e dos beneficios de nossa liberdade a classe ecclesiastica, até agora esquecida, e a todo instante ferida no coração mesmo, com o negro estilete da ignorancia, não tendo ella onde instruir-se.

9.º—«Se entre as habilitações para os cursos superiores, e para a quasi totalidade dos empregos publicos, deverão estabelecer-se provas indispensaveis de conhecimento da religião do estado.»

O catholicismo é ou não é a religião do Imperio? Como pois são admittidos aos cursos superiores e aos empregos publicos aquelles, que não exhibem documentos de profissão da religião do estado? Sendo o governo, e com elle todo o paiz catholicos, segundo as regras de justiça e os dictames da consciencia, ninguem honestamente poderá entrar na vida publica da sociedade, e nella occupar posições, sem provar antecedentemente, que é catholico, e isto principalmente com o saber sua doutrina e observar seus mandamentos. Assim se pratica em todos os paizes, onde o governo é catholico; não ha pois novidade de legislação, se exigirmos nós tambem taes provas.

10.º—«Se nos collegios de meninos e meninas não deverá ser severamente obrigatorio o desenvolvimento dos estudos da doutrina, da religião e da moral.»

Nos collegios, nem podemos pensar, como é, que o governo deixa, que se eduque a mocidade sem principios de religião, quando ella está para a educação como o pedestal á estatua, e, como diz Mgr. Eyzaguirre na sua obra ja citada p. 35, quiz afrancezal-a. «Os que pretendêrão regular a instrucção publica nos estados da America debaixo do mesmo plano, em que está nos collegios nacionaes da França, supprimindo o estudo da religião, esquecerão-se, que em França ha diversidade de cultos reconhecidos e pagos pela nação, que cada um d'elles tem suas escolas e collegios preparatorios, e que assim nestes como em aquellas estudão os alumnos previamente, com o devido esmero, os principios da religião, á que pertencem. Não succede assim no Brasil, onde se tem feito innovações no systema de instrucção publica, procurando dar-lhe uma *forma franceza*, e, sem conseguil-o, se ha privado a mocidade da instrucção mais necessaria, e que mais ha de influir em seu porvenir.»

Alem de que, exige ou não o governo por occasião dos concursos ás cadeiras de primeiras lettras provas cabaes de conhecimento da religião catholica? Sim; por consequencia, como é, que exige, que os mestres saibão a doutrina da religião, e não exige, que os discipulos estudem seu desenvolvimento? Um tal estudo deve ser severamente obrigatorio; não se trata de ignorar um ponto de geographia ou uma equação de geometria, mas da ignorancia da doutrina da salvação eterna, doutrina que deve ser sugada com o leite, estudada com a infancia, e conhecida e professada com a vida, pois d'ahi nos vem immensos beneficios e bens inapreciaveis.

Este estudo todavia da religião não deve só pender dos mestres e professores primarios, elles são aptos, mas nem sempre proprios; esta obrigação deve correr tambem, como é de direito, principalmente pelos sacerdotes curas d'almas, a elles como a confissão sacramental dos adultos, assim tambem o cathechismo aos parvulos pertence. E' triste, que entre nós se tenha tanto olvidado este dever importante, quando todo o nosso mal, como dizia Louis Veuillot dos redactores *du Siecle* e *Journal des Débats*, vem da falta de conhecimento do cathechismo.

Chamamos a attenção dos Srs. Bispos para este ponto de tão subido alcance, porque envolve a moralidade do povo, da sociedade, e das familias. Estabeleça-se firmemente a explicação da religião e dos preceitos da moral pelos parochos nas suas igrejas aos domingos e quinta-feiras, e o paiz verá com mais alguns annos, quanto terá lucrado na civilização de seus filhos com tão util pratica.

Nos collegios e casas de educação seja severamente punida a falta d'este ensino; e, mais que tudo, não se permitta a estrangeiros e nacionaes de seitas dissidentes es-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

tabelecel-os, ainda que elles affirmem, annunciem, apregoem, e jurem mesmo, que a religião do estado será integralmente ensinada, e suas praticas escrupulosamente observadas; porque elles não podem falsear seu systema de guerrear o catholicismo a todo transe: mas tambem não é só o governo civil, que deve obrar, o ecclesiastico é o primeiro interessado, a elle pois cumpre, mais que a todos, velar sobre a execução de medidas tendentes a este fim.

Explique-se o cathechismo, e estabeleça se o louvavel costume das primeiras communhões, que com tanto fervor se fazem, e a nossa mocidade em breve estará regenerada e moralizada.

§

Passamos ás *Breves reflexões sobre as necessidades da igreja brasileira*, pelo Sr. José Manoel Garcia.

No todo deste trabalho tudo nos pareceu, bom são e aproveitavel: seu autor funda todas as suas observações, baséa todos os seus juizos, decide todos os seus pontos de conformidade com os decretos e canones dos concilios, maxime do tridentino, e com as palavras mesmas da Escriptura sagrada.

E' bem verdade, como diz o autor, que toda a decadencia ou toda boa vontade na observancia das leis canonicas, e por conseguinte, todo o deleixo ou todo o fervor nos ministros da religião, geralmente dependem dos Bispos, que forão postos na Igreja pelo Espirito Santo para regel-a, e que esposão-na para amal-a.

No Brasil porem, o que podem fazer os Bispos? De quem vão elles lançar mão para enviar ás missões, e para ajudal-os na reforma, se mesquinho é o numero dos sacerdotes, e se mui pouco preparados á taes combates entrão elles no sanctuario do Deos eterno ? ! Se elles estiverão por tantos annos até com prohibição de ordenar seus subditos, como ja dissemos, e se ainda estão manietados e impedidos de tomar qualquer medida decisiva em favor de seus rebanhos, em prol de suas igrejas, porque é preciso, e indispensavel consultar antes o ministro dos negocios ecclesiasticos, e se elle não quizer, nada se fará ?

Como obrar com energia, como observar as leis, como seguir a justiça, quando se é impedido?

Se o governo intervem em todas as questões religiosas, ainda mesmo nas de lana-caprina, e não deixa livre a vontade ao pastor do rebanho, para julgal-as em sua sabedoria, decidil-as segundo o espirito das leis da igreja de Jesus Christo? !

Ouçamos uma testemunha insuspeita, Mgr. Eyzaguirre pg. 45: «Sem acção livre os Bispos do Brasil, para formar seu clero do modo, que prescrevem as leis da igreja, não podem lisongear-se de haver imposto sempre suas mãos, e impresso sempre o sagrado caracter sacerdotal em individuos dignos de tamanha honra.»

Bem certo, é que os Bispos são encarregados, não pelos homens, mas por Deos, para ensinar e para sanctificar, para espalhar a fé, e para gravar no coração da humanidade a Jesus Christo: «mas, é preciso dizer, no Brasil, continúa o mesmo autor a pg. 83, uma autoridade dicta a cada passo leis á igreja, e regula as obrigações, que Deos impoz aos ministros de sua religião; o ensino, que recebe a mocidade nas escolas, e a instrucção, que se dá aos jovens nos collegios, não são vigiadas pelo pastor; porque uma lei lhe veda toda intervenção em aquelles estabelecimentos: as pastoraes e os sermões ao povo hão sido ás vezes submettidos á censura da autoridade politica. Os Bispos, coarctados deste modo no augusto exercicio de seu ministerio, não podem cumprir o dever, que lhes incumbe de iniciar a reacção religiosa.

«E' necessario, que o governo lhes restitua o livre exercicio das attribuições, que lhes usurpa, devolvendo-lhes com um acto de justiça a independencia e o decoro, de que se lhes ha privado com grave detrimento da fé catholica.»

Logo do mau estado dos nossos negocios religiosos os menos culpados são os *Generaes da milicia da igreja*, elles bem sabem o, que lhes cumpre fazer em beneficio de seus diocesanos, e desencargo de suas consciencias, mas não o podem; porque o governo do nosso paiz não o permitte e o veda.

Para a pagina 11 das *Breves reflexões* pedimos a attenção de nossos leitores: seu autor ahi enuncia doutrinas menos certas. Transcrevemos textualmente todo o paragrapho, para então á sua vista demonstrarmos a falsidade.

«*Devendo-se unicamente conferir ordens aos que tiverem estudado e residido nos seminarios, e nunca a maior numero do que é necessario para o serviço divino, attento o prejuizo que disto resulta para a sociedade, muito ambicioso será aquelle, que, alem do beneficio, que alcançar, pretender ainda ser dotado conveniente e independentemente, porquanto no caso de preterição, para não esmolar de porta em porta, resta-lhe o seu patrimonio,* (*) *e no de suspensão ou de perda até a reintegração ou acquisição de novo beneficio, como professor particular, não lhe faltará pelo menos um escudo contra a miseria.*»

O autor affirma, que está determinado o numero de ordinandos, ou que o deve estar; porque, se se ordenar maior numero do necessario, ha prejuizo para a sociedade; ora para não prejudicar não ao particular mas a sociedade, morto um sacerdote, e apparecida a necessidade de outro, recrutará então o Bispo um ás pressas, e lhe imporá as mãos para substituil-o, quem pode conceber placidamente tal comedia? Mas elle prova sua proposição; «attento o prejuizo, que vem á sociedade» perguntamos-lhe porem, qual é esse prejuizo? Será, porque devem os sacerdotes guardar as regras disciplinaes do celibato, ou porque são inuteis, e por isso prejudiciaes á sociedade? Se é pela primeira razão, nenhum prejuizo absolutamente vem á sociedade, senão o Apostolo não diria: *Qui sine uxore est, sollicitus est, quæ Domini sunt, quomodo placeat Deo.... Igitur et qui matrimonio jungit virginem suam, bene facit: et qui non jungit, melius facit.* Ad Cor. 7.º 32, 38 & (**)

Se pela segunda, então tambem nenhum; porque nada é mais util sobre a terra do que o sacerdocio, e nada mais necessario: elle é, que nos introduz no mundo, e que d'elle nos deve conduzir, depois de havermos em sua vasta scena representado nosso papel. Onde pois esse prejuizo, que se forja o autor?

Prosigamos—*muito ambicioso será* &. Ora, já o desejo de dotação conveniente e independente em remuneração de serviços, dotação sobre a qual os ministros da igreja tem direito, e direito divino, porque diz o Apostolo, que quem trabalha no altar, vive do altar—é taxado de ambicioso! Mas, talvez seja verdadeiramente ambicioso o clero, se elle com dignidade e com independencia pode satisfazer seus deveres na sociedade com o estado actual das congruas de seus beneficios; mas ah! qual é hoje no Brasil, o cidadão que não sabe, que não está convencido, e que não almeja, que a sorte do clero em seus ordenados seja melhorada? Só o Sr. Garcia.

Se o sacerdote ainda com o seu beneficio (se o alcan-

(*) *Conc. trid. sess. 21 de ref. cap. 2.*

(**) *Muitas outras provas poderiamos adduzir, mas não é nosso intento, nem a occasião azada para discutir o celibato.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

çar) não está a coberto da miseria, como é, que se ha de dizer ambicioso, porque deseja, e pede não o superfluo, não o luxo, não o demasiado, mas o necessario para ser dotado *conveniente e independentemente*? Pois então com trinta mil reis (tanto ganha um beneficiado) por mez, se pode viver ao menos convenientemente?

Dirá, talvez, o autor, como dizem todos os espiritos prenhes de novidades e de modas:—os padres dizem suas missas—Mas oh! quem pode contar com dinheiro tão incerto, como são as esmolas; e depois, se o aspecto religioso do paiz, *temol-o triste e desanimador*, como confessa o autor á pagina primeira, sem duvida não muitas pessoas mandarão celebrar missas, e se o mandarem, nunca será em numero, com que todos os sacerdotes, por exemplo das capitaes, possão contar todos os dias. Isto já está sediço, tantas são as vezes, que se tem repetido; mas elles não tem outra cousa, que dizer, outra desculpa, que prestar.

Porem elle dá sua razão—*por quanto, em caso de preterição* &—Como preterição, se não se devem conferir ordens a maior numero, do que é necessario ao officio divino?

Se só o numero necessario, para occupar os beneficios, se ordenar, nenhum será preterido, mas todos empregados; e no caso de vagar um beneficio, ou o Bispo não querer mais utilizar-se de um sacerdote, ou elle mesmo esteja inutilizado, e impozer as mãos em outro, ahi fica esse desnecessario, cousa que o Sr. Garcia não pode supportar, visto que resulta tambem grande prejuizo á sociedade! Comtudo, elle suppõe verdadeira preterição, porque aponta o meio para combatel-a:—*para não esmolar de porta em porta resta-lhe o seu patrimonio*—e cita o Conc. trid. na sess. 21 de reform. cap. 2— o qual sobre isso só diz... *eo quoque prius perspecto, patrimonium illud vel pensionem vere ab eis obtineri taliaque esse, quæ eis ad vitam sustentandam satis sit.* E alguns Bispos tem marcado, que para se instituir patrimonio, não seja em objecto de valor inferior a 600$000 rs., e é sempre neste valor, que os fazem, Ora, por exemplo, um ordinando, que constitue seu patrimonio em um terreno no valor de 600$000 rs., como o não pode vender, nem hypothecar, só poderá aforal-o, mas quem é, que quer alugar terrenos? e se o aluga, é tão diminuta a quantia, que d'ahi lhe reverteria, que nem convem fallar d'ella—e é nisto, que se funda o Sr. Garcia, e é para isto, que appella no caso, que o clerigo seja preterido, é para o patrimonio!

Ora por favor nem nos lembremos disto.

Admiramos porem do Sr. Garcia, joven alias habil, e que estudou o curso theologico no seminario desta cidade, chamar de ambicioso o padre, porque não se contenta com o seu beneficio, e no caso de perdel-o, não se satisfaz com as *rendas do seu pingue patrimonio!*

§

Se é pois chegado o tempo, em que a religião catholica no Brasil retome seus foros, e readquira seu poder, é necessario, que o governo se demova, e comece por depor um mal entendido orgulho, com que sempre obra, e por entrar em uma senda mais recta, mais plana e mais nobre, deixando a menos recta, a cheia de entraves, e a menos nobre; e compenetrando-se da injustiça, com que tem até aqui tratado a igreja brasileira, habilite sua memoria, e reconheça nella não uma escrava, mas uma sociedade livre, não usurpadora, mas respeitadora dos direitos de outrem, não emula, mas auxiliadora de mutuos interesses, não revolucionaria, mas amante da paz e da concordia, não prejudicial, mas util, não dispensavel, mas necessaria, não obscurantista, mas progressista, verdeira, não insuportavel, mas dôce e suave, não inimiga, mas amiga, não uma sociedade humana, mas uma sociedade fundada pelo Filho mesmo do Eterno, que tomou carne humana, *et habitavit in nobis*—e com boa vontade, desejo ardente, e verdadeiro espirito christão, queira entabolar de novo negociações com a S. Sé para levar a effeito uma concordata.

Só uma concordata será capaz de curar nossas enfermidades, e será para nós a panacea universal, contra a qual não haverão males, que resistão, nem difficuldades, que senão debellem: com uma concordata contenta-se a igreja, e contenta-se o estado, enchugão-se as lagrimas de tantos corações catholicos, e cumprem-se os votos de todo o Imperio; com uma concordata a igreja florescerá, e o estado dará uma prova de lealdade, depondo as prerogativas espirituaes, de que sem concessão está em exercicio, para depois recebel-as com direito e autoridade das mãos de quem as pode dar.

Verdadeiramente não são nada solidos os fundamentos, em que se basea o governo, para estar no gôzo de privilegios e concessões, que os Papas fizerão á fidelissima corôa de Portugal; como o privilegio é uma lei particular: *est lex privata, aliquod speciale beneficium concedens* —e como tal só pode servir áquelle, a quem foi dado, e só aproveitar á sua pessôa, salvo caso de fazer-se estenso a outro: ora, as graças e privilegios, que a corôa de Portugal obteve, forão-lhe singularmente conferidas, e o Papa, concessor unico d'elles, não os estendeu a outrem, por consequencia, o Brasil tornando-se outro que Portugal (gozava emquanto era um estado com elle) não podia evocar nem chamal-os a si. «O primeiro Imperador do Brasil não deveu o throno á herança paterna, mas sim á unanime acclamação dos povos, ao reconhecimento nacional pela sua sublime renuncia da coroa affonsina; assim os direitos do padroado, que pela bulla de 7 de Junho de 1514 o Summo Pontifice Leão X concedeu ao Sr. Rei D. Manoel e aos seus successores sobre todas as igrejas e dominios ultramarinos, não lhe são transmissiveis. A jurisdicção civil, com que nomeão os bispos, e proveem os beneficios ecclesiasticos, é assegurada aos monarchas brasileiros, como chefes do poder executivo, pelo § 2.º do art. 102 da constituição do imperio; falta-lhes porem a jurisdicção canonica.» (16)

Com uma concordata, como a que celebrou o Imperador Francisco José I d'Austria com a S. Sé, todas as necessidades e interesses da igreja serão remediados: quando porem será, que o governo, melhor intencionado, prestará verdadeira attenção á religião do paiz, que caminha para sua extincção?

Dizia em 1857 o Dr. O. da G. Lobo no seu artigo já citado, «que, como o mal não está nas instituições, mas nos homens do poder, e como estes mudão todos os dias, não era para duvidar, que n'um ministerio chegue a encontrar-se um verdadeiro catholico, quando sobre o throno tem havido mais de um santo»; comtudo até 1857, em que elle isto escreveu, não havia apparecido, de 57 a 62 ninguem dirá que sim, já pouca esperança nos resta.

Por isso como a concordata virá muito tarde, e a enfermidade, que cruelmente atacou o sentimento religioso do paiz, recrudesce espantosamente, e faz-se mister oppor um paradeiro já e já, com receio, que quando se quizer cuidar, já esteja em um periodo fatal, apontamos algumas medidas mais, alem das que ja ficão consignadas no corpo deste artigo, que nos parecêrão proprias a adoptar-se na actualidade.

(16) *Apont. relig. do Conego Joaquim F. Pinheiro, art. A Concordata da Santa Sé.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

A primeira reforma a operar é no systema de educação da mocidade.

Ensina-se muito francez, muito inglez, muita civilidade em todos os collegios, em muitissimas escolas, em algumas casas, mas nada de religião, de moral, e de temor de Deos.

«Quando, como diz o Sr. G. A. Souto, se não cuidardes na educação desde a mais pequena idade da creança, e se lhe não derdes uma instrucção moral e religiosa, ficai certos, de que podereis ter sabios, mas não homens, de que podereis instruir a alma, mas nunca formar o coração.» (17)

O governo, que quizer educar seus subditos, abstrahindo da religião, não educa, perverte, não illustra, destroe, —«A religião na educação é um meio, que penetra, que sustenta, que esclarece, e que anima todos os demais meios. Tudo sem ella se perde e enfraquece, sem ella tudo é fraco, vão, falso, perverso e desprezivel. E' só a religião, que faz da educação uma escola de respeito, e não só de respeito mas igualmente de verdade, de virtude e de felicidade». (18)

Neste ramo não pedimos, senão que se adopte e se faça praticar, o que se lê na concordata, de que já fallámos, da Austria no art. 8—que todos os mestres das escolas elementares sejão submettidos á inspecção ecclesiastica, e que o governo nomêe inspectores das escolas d'entre as pessoas, que o bispo propuzer; mas se acontecer, que nellas não se attenda bastante á instrucção religiosa, o bispo tenha mais ampla liberdade de nomear um ecclesiastico para ensinar o cathecismo aos meninos: assim só poderá ser preceptor de meninos, quem tiver uma creança firme e pura, e uma conducta irreprehensivel.

Quanto ao ensino secundario—ninguem será nomeado professor, sem provar ser catholico, e catholico observante (por attestados de seus vigarios) nem o governo permittirá, que alguem, que o não seja, ensine, mesmo particularmente.

Nenhum compendio se adoptará para uso de qualquer estabelecimento publico ou particular sem previa revisão das authoridades ecclesiasticas: a ellas tambem deve competir o exame das doutrinas, que nelles se ensinarem, e o direito de informar o governo, e pedir providencias (que sejão attendidas) contra aquelles, que, abusando da posição, que occupão, introduzirem ideas contrarias á integridade da fé catholica.

Sobre a instrucção do clero: convem, quanto antes crear em cada bispado um pequeno seminario, onde se ensine o curso de humanidades, passadas para esse as cadeiras de preparatorios estabelecidas nos actuaes seminarios, e creadas outras, ficando estes com as materias simplesmente canonicas ou theologicas para os que, querendo seguir a carreira ecclesiastica, sahirem para isso preparados e determinados dos pequenos. Nestes pequenos seminarios só se admittirão jovens nunca menores de 6 annos nem maiores de 8, o habito talar pode serlhes dispensado; os directores devem ser ecclesiasticos.

Assim tambem deve-se tratar de levar a effeito a instituição das academias theologicas. Se com trinta contos (15 para cada uma) não se podem estabelecer duas, reunão-se os 30 contos, e se abra uma só, deixando a outra para mais tarde: mais vale assim, do que estar todos os annos dizendo o ministro á assembléa, que as não estabeleceu, porque a somma votada é insufficiente. Porque não se podem abrir duas academias, não é razão, para que não se abra uma.

Resolva-se pois o Sr. Ministro do Imperio, e o clero deixará de ver-se na necessidade de expatriar-se, para poder fazer um estudo das sciencias sagradas mais completo, e tomar o grão de doutor.

Mas, o que verdadeiramente impede a instituição dessas academias, sabe-se, que não é a exiguidade dos meios votados, para fazer-lhes face, porem sim o orgulho mal entendido do governo, essa vontade, que elle alimenta, de em tudo intervir, mesmo naquillo, em que evidentemente não o pode. E', porque elle questiona com a S. Sé sobre a instituição, regulamento e direcção d'ellas: o governo quer tratar as academias theologicas como as de direito ou as de medicina, elle é, que quer marcar os compendios, nos quaes se deva estudar, elle é, que quer nomear o director, sem ouvir a nenhuma autoridade ecclesiastica, para assim, se lhe parecer e lhe convir, nomear talvez um medico, um engenheiro, e até mesmo, quem sabe, se um militar, se elle for bom servidor da patria....., porem Roma não quiz e não quer subscrever a taes enormidades, nem assentir a taes condições, negou sua approvação.

Appellamos para os espiritos imparciaes, para os animos cordatos; pois é justo, que o poder civil entre de tal modo na gerencia dos negocios da igreja, e que negocio, o da educação do clero! Não é isto uma injustiça clamorosa e um crime de lesa-religião?

Assim é a questão da vinda para o Brasil de missionarios capuchinhos.

O governo nesta questão, assim como a Santa Sé, tem-se entendido em todos os pontos; mas ultimamente, quando as cousas ja estavão em via de terminar-se bem, eis que o governo do Brasil começa por sustentar o direito de amovibilidade; isto é, quer o governo receber os missionarios capuchinhos, dar-lhes uma mensalidade ou diaria & mas quer ter o direito de remover um padre, por exemplo, que está na Bahia, para o Maranhão, e isto sem ouvir o superior nato d'elles, a seu livre arbitrio e dos presidentes de provincia. A Santa Sé não quer assim desligar os religiosos da obediencia de seus superiores, para sujeital-os ao governo civil, coarctando assim qualquer abuso da parte do governo, como da parte dos religiosos, que se quizerem subtrahir á sujeição conventual.

E nesta differença pára a questão dos missionarios capuchinhos, e em quanto o governo não ceder, elles não virão continuar suas missões no Brasil.

Outra medida tambem urgente é a conveniente dotação do clero, ou a melhora nas suas congruas.

Já vimos, que o clero não tem outro meio certo, donde subsista, senão no ordenado, que lhe dá o governo; porque, o seu patrimonio, ordinariamente constituido em bens emprestados, visto que a gente, que geralmente se ordena, não é da classe mais rica da sociedade, não lhe produz rendimento sufficiente para sua sustentação, ainda mais, que, uma vez provido em um beneficio, resigna o patrimonio; ora, sendo os beneficios malissimamente retribuidos, sem duvida soffre o clero muitas necessidades.

A gente do seculo, espiritos vacuos, phosphorescentes pensadores, quando o clero se queixa disto, rebatem-no com esta phrase de *tanto espirito*—o padre não tem familia, tudo lhe chega—como se o padre tivesse vindo ao mundo só, e, como a Melchisedec, não se lhe conhecesse pai, nem mãi, nem familia, nem adherentes, ou tivesse o triste privilegio de perder todos elles, ou se só se entendesse por familia a mulher, que se esposa; quando é sabido, que, em uma familia, onde ha um padre, é elle, quem sempre carrega com toda ella, porque os outros irmãos, se os ha, casão-se, e separão-se.

Mas, o que se hade esperar de gente egoista, inimiga do sacerdocio—porque inimiga da religião, da virtude, porque inimiga da verdade—senão taes productos!

(17) *A instrucção elementar deve ser confiada ao clero por G. A. Souto.*

(18) *A religião na educação, por* Mgr. Dupanloup.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Nunca vimos odio tão arraigado, do que o que nutrem os nossos homens romanticos e dissolutos, os nossos corações *incorruptiveis e incorruptos* contra o clero! Para tudo e para todos ha augmento, ha progresso, ha certo porvenir, para o clero—nada!

Permitta-se-nos, que entremos em mais particularidades.

Não é revoltante, não faz indignar, não produz lastima, o ver um Conego, que vive em uma capital de provincia, que deve trajar de um modo distincto, que deve habitar uma casa não commum, com uma congrua de 600$000 rs. por anno, quando não é possivel viver-se com essa quantia e em taes condições, sem expor-se a mil inconveniencias, quando não ha porteiro de repartição alguma, que não tenha um ordenado superior? Todos tem necessidades, o clero não, tudo se deve melhorar, menos a classe amaldiçoada!

Chamamos pois a attenção do corpo legislativo, do senado, do ministerio, do Imperador, para esta necessidade da igreja, porque é a necessidade de seus ministros, necessidade palpavel, evidente, sobre a qual não ha mais duvida, não ha mais exame.

Não se pede ao estado um favor, um emprestimo, pede-se-lhe o, que é do clero, o que o governo chamou a si, promettendo retribuir satisfactoriamente, e, de posse do qual, não cede um pouco, senão com pezar, com dor, á guiza de esmola; pede-se-lhe, o que o povo christão espontaneamente dava aos sacerdotes do Senhor. E' pois uma divida, e uma divida, cuja solução insta, e cujo não saldo importa um crime!

As ordens religiosas clamão remedio, e o remedio é a reforma, e, não como tem entendido até agora o governo, a suppressão ou finalização por falta de membros.

Tal reforma não se pode fazer senão de accôrdo com a S. Sé; pode-se-lhe pedir, que mande das ordens, que temos no Brasil, alguns religiosos de estricta observancia, e com elles nos conventos, abrão-se suas portas á mocidade brasileira, e em breve com a observancia da regra teremos verdadeiros modelos de religião, piedade e amôr.

Facilite o governo quanto antes aos Bispos os meios, para se reunirem em concilio nacional, afim de ahi, propostas todas as necessidades da igreja brasileira, tomarem-se medidas salutares. Tal reunião muitos bens ao paiz e á religião causará, e muito jubilo ao coração do Summo Pontifice e bondadoso Pai, o Papa Pio IX, que tanto amor nutre pelo Brasil, que tantos votos faz pela sua prosperidade, e que tanto tem trabalhado para melhorar os nossos negocios religiosos.

O finado sabio, e nunca assaz chorado prelado, o Arcebispo da Bahia, Marquez de S. Cruz, ruminava esse desejo de ha muito: quando o podia fazer, cinco bispados estavão vagos; quando quiz porem realizar, voou á eterna felicidade. Suas esperanças depositava nos dois novos bispos, o do Grão-Pará e o de S. Pedro do Rio Grande do Sul, mas a um não chegou a ver consagrado, a outro só poude ver moribundo. Hoje o solio archiepiscopal está occupado, e occupado dignamente, por um Pastor, em quem abundão meritos, talento, sciencia e virtudes, a S. Exc.ª Revm.ª sujeitamos pois este humilde alvitre; S. Exc.ª cumprirá assim o santo desejo de um sabio, e todos não menos contentes ficarão, vendo que, quem o realizou, foi um outro.

O corpo legislativo, compenetrado da grande vantagem, que virá á sociedade e aos fieis, auctorise e habilite com fundos sufficientes o governo, afim de impetrar da Sé de Roma a creação de novos bispados, fazendo de cada provincia um, com seus cabidos, seminarios e cathedraes respectivas.

O Ministro do imperio, hoje dos negocios ecclesiasticos, deve ter sempre, como consultor do ministerio, um ou dois clerigos versados nas sciencias sagradas, com o auxilio e parecer dos quaes dê suas decisões, preste suas explicações, faça baixar seus decretos, portarias e circulares; pois é mais que inconveniente, que um medico, ou mesmo um bacharel em direito civil, geralmente pouco versados nessas sciencias, porque não são de sua competencia, nem de seu officio, ainda que alias habeis, subindo a este ministerio, expeção avisos aos bispos, doutores e principes da igreja, decidão questões & como se tivessem feito um estudo profundo das materias ecclesiasticas.

Augmente-se a verba de 4:000$000, votada para irem estudar a Roma alguns jovens, ou mande-se pôr em execução a somma marcada, sendo a escolha delles feita pelos bispos, que a seu turno enviarão de preferencia sempre aquelles, que tiverem obtido o primeiro premio, ou se distinguido sobre todos nos Seminarios.

Seria melhor porem, que fossem, de modo que ainda alli frequentassem o curso de philosophia, que abrange tres annos, e depois então o de direito ou theologia.

E' preciso, que a assemblea dote o clero com uma lei de aposentadorias, garantindo assim da mendicidade, sustentando na decrepitude a homens, que toda sua mocidade, todas as suas forças gastárão no exercicio de seus beneficios; só ha no Brasil dois Conegos aposentados, um na dignidade de Mestre Escholá da cathedral de Olinda, e outro na de Arcipreste da cathedral de Marianna. O governo tem dado a alguns empregados ecclesiasticos licenças sem limites (não sei, se as pode dar) esta medida, é certo, que descança e satisfaz os empregados invalidos, mas, ficando seus lugares occupados, e elles livres das obrigações inherentes, succede, que os que não as obteem, carregão com o serviço dos licenciados, o que é aggravar-lhes mais e mais sua sorte ja bem digna de lastima.

O governo faça admittir Sacerdotes no corpo da diplomacia principalmente na legação de Roma; ahi seus conhecimentos especiaes são de muita utilidade.

As embaixadas da França, Austria, e Espanha, todas tem, o que chamão—theologos da embaixada—o Brasil pois não innova. Nas outras legações elles servirão de capellães para a embaixada, assim como para todos os brasileiros, que por ahi forem.

Diz o Sr. E. J. de Lorena, no seu *Fiel companheiro do christão*, em uma nota a paginas 310—«Ha capellães para os regimentos, os navios, e para outros estabelecimentos: dão-se lugares nas nossas legações a advogados, lentes, medicos, militares; porque não sollicitão tambem os Srs. sacerdotes ser empregados nestas mesmas legações, sobre tudo nas dos paizes mais habitados por brasileiros e portuguezes? Será isso uma inutilidade? Os protestantes pensão o contrario; pois em Pariz tem os Inglezes um pastor na respectiva legação, onde exercita o seu ministerio. Em Pariz e em Londres, aonde concorrem a miudo brasileiros e portuguezes por motivo de saude, muitos dos quaes só fallão portuguez, parece, que seria utilissimo haver um capellão. E se formos á historia patria, veremos, que por vezes os ecclesiasticos, assim como hoje acontece aos diplomatas enviados de Roma, conseguirão optimos resultados para o paiz: basta citarmos o grande nome do Padre Antonio Vieira.»

Este artigo já vai muito longo, e nós tememos, que sua extensão, unida a seu troncado estylo, desgoste a nossos leitores. Fazemos votos pela prompta execução das medidas, que propuzemos (visto ser sua utilidade de pri-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

meira intuição) e pedimos para nós a illimitada condescendencia do publico illustrado.

S. Luiz de Maranhaõ 2 de Fevereiro, festa da Purificação de N. Senhora, de 1862.

José Raymundo da Cunha.

EXPEDIENTE DO BISPADO.

MARÇO.

1—Officio ao Exm.º Presidente da Provincia.—Em resposta ao officio de V. Exc. datado aos 27 de Fevereiro proximo passado, em que me pede informação, exigida no Aviso, junto por copia, do Ministerio dos Negocios do Imperio acerca dos compromissos das Irmandades de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade, e de Nossa Senhora do Nazareth da Trisidella, approvados pelas leis provinciaes n. 566 e 569 de 1860, tenho de informar á V. Exc., que ambos os compromissos existem registrados nos livros da Camara Episcopal, donde se vê, que o primeiro não é da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario, como V. Exc. declara em seu officio acima citado, nem da de São Bento, como se diz no dito Aviso, mas sim de S. Benedicto, erecta na referida Igreja de Nossa Senhora do Rosario desta cidade; e o segundo tambem não é da Irmandade de Nossa Senhora de Nazareth da Trisidella, porem da do SS. Sacramento, erecta na mesma Igreja da Trisidella, tendo sido ambos approvados na parte religiosa pelo Exm.º e Rvm.º Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, então Bispo desta Diocese, o primeiro por Provisão de 9 de Março de 1860, e o segundo pela de 18 de Julho do mesmo anno.

6—Idem ao mesmo—Accuso o recebimento do officio. que V. Exc. se servio dirigir-me em data de 3 do corrente mez, no qual me ordena, informe á V. Exc. se já teve execução a lei n. 625 de 27 de Setembro do anno passado; cumpre-me responder á V. Exc., que em data de 10 de Novembro do anno passado recebi um officio da Presidencia, communicando-me, que se achavão preenchidas as formalidades prescriptas pelo art. 2.º da lei Provincial n.º 635 de 27 de Setembro, que transfere a séde da freguezia de Sant'Anna do Burity para o lugar—Curralinho—e que fizesse eu quanto antes mudar a residencia do Parocho para a nova séde; e em data de 11 do mesmo mez ordenei ao Parocho, que quanto antes mudasse a sua residencia para o dito lugar, e nessa mesma data communiquei á Presidencia, que havia dado as minhas ordens á respeito, é quanto posso informar á V. Exc.

Idem ao Exm.º Ministro do Imperio.—Participo á V. Exc., que em data de 1 do corrente mez concedi ao Padre Diocleciano do Rego Manso Thalez a demissão, que pedio do emprego de capellão-cantor numerario da S. Igreja Cathedral desta Diocese.

—Identico ao Exm.º Conselheiro Presidente da Provincia.

8—Idem ao Exm.º Presidente da Provincia.—Fico de posse do officio de V. Exc.ª datado de 7 do corrente mez, ordenando-me, que informe, se já tem o Parocho do Burity realizado a mudança da freguezia o mesmo nome para o lugar—Curralinho em resposta cumpre-me dizer á V. Exc.ª que, desde que determinei ao referido Parocho a execução da lei n.º 625 de 27 de Setembro do anno passado, nenhuma noticia me tem chegado officialmente do cumprimento de minhas determinações.

E' o quanto posso informar á V. Exc.ª, aguardando-me para novas ordens.

10—Idem ao mesmo.—Em resposta ao officio de V. Exc. datado de hoje, tenho á informar á V. Exc., que o compromisso da Irmandade de Nossa Senhora de Nazareth da Trisidella, erecta em sua propria Matriz, fôra approvado por Provisão de 18 de Junho de 1860 pelo Exm.º e Rvm.º Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, então Bispo d'esta Diocese, menos o § 1.º do art. 18, na parte que manda ao Procurador receber annualmente todos os fóros das terras de seu patrimonio, que se achão aforadas, e o § correlativo do 1.º, porque esse patrimonio, que a Irmandade, que ora se pretende constituir, chama seu, é de Nossa Senhora de Nazareth, e administrado pelo Fabriqueiro da Igreja, e como prova mais clara de não pertencer á Irmandade, é não existir ainda a Irmandade, que diz seu; os art. 22 e 23 na parte que continua á denominar seu o patrimonio de Nossa Senhora, e o art. 30 na parte que dispõe, que o Esmoler peça esmola trazendo comsigo o nicho da Senhora; por ser opposto ao que determinão as constituições do Arcebispado da Bahia, porque se rege esta Diocese do Maranhão, livro 4.º, tit. 64 n. 882.

11—Idem ao Dr. Antonio Francisco de Salles, Juiz de Direito da 2.ª vara, e dos Feitos da Fazenda.—Passo ás mãos de V. S.ª a certidão inclusa, que me foi por V. S.ª exigida em officio de data de 3 do corrente, que fica por esta forma respondido.

15—Idem ao Dr. Ovidio da Gama Lobo, Secretario do Governo.—Com officio de V. S.ª datado de 25 de Fevereiro ultimo, e hontem recebido, fui entregue do exemplar impresso da colleção das leis geraes do anno de 1836; ficando por esta forma respondido o dito officio.

NOTICIAS DIVERSAS.

—Na tarde de 11 de Fevereiro passado, foi canonicamente instituido e collado Parocho da nova freguezia de N. S. de Nazareth do Baixo-Mearim, nesta provincia e Bispado, o Reverendo Sr. Padre João Francisco Coelho, que já servira ahi mesmo como Cura, quando era então simples Curato, e pertencente á freguezia vizinha de N. S. da Victoria, e depois seu Parocho encommendado, quando foi o Curato elevado á cathegoria de freguezia.

Reconhecido o Sr. Padre Coelho como um Sacerdote honesto, activo no cumprimento dos seus deveres publicos e particulares, felicitamol-o pelo seu novo emprêgo; e muito estimaremos, que continue a gozar da estima e do amor de seus parochianos.

—Na manhã de 7 de Março foi o Muito Reverendo Sr. Conego José Gonsalves da Silva canonicamente instituido e collado Parocho da freguezia de N. S. da Conceição e S. José da cidade de Caxias, nesta provincia e

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Bispado, em virtude da respectiva Carta imperial de 21 de Setembro do anno passado.

O Reverendissimo Sr. Conego Gonsalves, que desde muito joven dedicou-se ao serviço da Igreja, occupou um Beneficio de Prebenda presbyteral na Cathedral desde 7 de Novembro de 1839 até 29 de Abril de 1840, em que foi collado Conego prebendado da mesma.

Entretanto, merecendo já desde muito tempo grande confiança da parte do Exm Prelado, D. Marcos, de saudosa memoria, fôra nomeado Vice-Reitor do Seminario episcopal; e o Exm. e Reverendissimo Sr. Bispo D. Joaquim de N. S. de Nazareth, attendendo á sua doutrina e boa moral, o escolheu para seu confessor; e por fallecimento do Muito Reverendo Conego Raymundo José Gomes, Reitor do Seminario, foi elle nomeado para o mesmo lugar, no qual, com o tempo, em que já servia de vice-reitor, empregou onze annos incompletos, serviço esse por demais meritorio á Igreja e ao Estado, não só pela sua propria natureza, como ainda mais porque o prestou sem interrupção, gratuitamente, e com tal dedicação, que só o renunciou, por ser obrigado a retirar-se do Seminario, e tratar-se fóra delle de uma gravissima enfermidade, que o atacára.

Por esse tempo prestára suas contas, que forão inteiramente approvadas, tributando-se justiça á sua administração economica, e louvores á sua limpeza de mãos, bem como aos não pequenos sacrificios de sua fazenda propria, feitos nesses tempos d'uma receita extremamente escassa em relação á despeza indispensavel.

Taes serviços pois não podião ficar no olvido; assim que, o Sr. Conego Gonsalves, sendo já cavalleiro da Ordem de Christo, foi por S. M. o Imperador condecorado com a commenda da mesma Ordem.

No governo do Exm. e Revm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira forão ainda apreciados, como d'antes, os serviços do Sr. Conego Gonsalves; e por tal modo que foi eleito seu confessor, e por varias vezes encarregado do expediente do Bispado, e interinamente dos lugares de Provisor e Vigario geral nas diversas visitas, que fez o Exm. Pastor ao seu rebanho do interior do Bispado; e por occasião da que fez ao Piauhy, foi o Sr. Conego Gonsalves nomeado substituto do Governador nomeado para o Bispado, durante a ausencia de S. Exc. Revm.ª

Entretanto o Illm. e Revm. Cabido, attendendo ás distinctas qualidades desse seu membro, o nomeára em diversos tempos seu Apontador e Secretario.

Dotado d'uma indole mansa e pacifica, foi sempre generoso para com os collegas, em cujo seio vivia, e dos quaes mereceu sempre particular estima; e creio o Sr. Conego Gonsalves, que todos elles, que sempre se julgárão honrados com a sua companhia, ficão saudosos pela sua retirada em face da muita sympathia, que lhes merecia.

O Sr. Conego Gonsalves já é maior de 48 annos; e não será por certo a ambição d'augmento de fortuna, que o leva a Caxias, renunciando o lugar, que tão dignamente occupava no cabido; não, porque, por um lado é bem conhecida sua proverbial abnegação dos bens terrestres, por outro, não ha na vida ecclesiastica lugar para enriquecer: vemos talvez em tudo isso mero desejo de recolher-se ao lugar de seu berço, e viver tranquillo entre os amigos e parentes da infancia, sem com tudo abandonar a Igreja e seu serviço.

Praza aos Ceos conceder-lhe paz d'espirito, longa vida e saude perfeita, sympathia e amor da parte de suas ovelhas, felizes por possuirem um Parocho tão digno e virtuoso, como deve ser o Mt.º Rvd.º Sor. Conego José Gonsalves da Silva.

Da nossa parte acceite o Illustre Collega os nossos respeitosos emboras, dignando-se de conservar-nos no numero dos seus bons e dedicados amigos.

VARIEDADES.

Confirmação. Sua Santidade confirmou a nomeação do Padre Felinsk, apresentado Bispo para a diocese de Varsovia pelo Czar de todas as Russias.

Funeral de D. Pedro V.—Sua Santidade assistio em pessoa o officio funebre, que mandou fazer em Roma, pelo descanço eterno da alma do virtuoso e catholico Rei de Portugal, D Pedro V.

Hespanha.—Na *Correspondencia de Hespanha* lemos, que o santo padre resolveu reunir em Roma, para o mez de Abril, a todos os bispos catholicos, e que o Breve, em que Pio IX convida aos bispos de França, já chegára a Paris; tambem na mesma folha encontrámos a noticia da publicação de um Breve apostolico, em que Sua Santidade diz: que continúa consagrando todos os seus cuidados á reunião da igreja grega com a latina, e que se creou uma commissão especial e permanente, no sentido da Propaganda, para se occupar exclusivamente do que interessa ás igrejas do Oriente.

(Da *Cruz.*)

ERRATAS MAIS NOTAVEIS DO N.º 227.

Na pag. 81 col. 2.ª lin. 25 onde se lê—: como sôe acontecer o anno passado assim &, lea-se—: como sôe acontecer, e o passado assim &.

Na pag. 83 col. 2.ª lin. 25 onde se lê—: cuja é a do paiz—lêa-se—cuja crença é a do paiz.

Na pag. 85 col. 2.ª lin. 44 onde se lê—: para cuja solução tenham &—lêa-se: para cuja solução não tenham &.

AVISO.

Não convindo interromper o principal artigo, que tinha d'entrar no 2.º numero de Março, resolvemos publical-o juntamente com o do 1.º d'Abril; suppomos, que com essa medida nada perdêrão os Srs. Assignantes.

Redactor

O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1862.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X. N.º 230.

O ECCLESIASTICO.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXM.º E RVM.º SNR.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇAÕ SARAIVA,

BISPO DO MARANHAÕ.

QUINTA-FEIRA 24 DE ABRIL DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

Exm. e Rvm. Sr.—Cabe-me o ineffavel prazer de passar ás mãos de V. Exc. o expediente do Bispado, que por algum tempo, ainda que immerecidamente, regi; dando graças á Providencia por nos ter deparado com um Pastor completo e desvelado pelo seu rebanho, apresento á V. Exc. as peças, por onde poderá vir ao conhecimento do estado da Diocese, e dos actos do meu governo desde a vacancia da Sé até o presente.

Transmittindo á V. Exc. o expediente, transborda-se-me o coração de prazer, por poder afiançar, que a Diocese marcha na maior paz e tranquillidade, que se pode desejar, e que V. Exc. vem encontrar no Illm. e Rvm. Cabido amigos verdadeiros e dedicados, em todo o demais Clero subditos fieis e obedientes, e em todos os diocesanos filhos amantes e promptos á ouvir a voz de seu Pai espiritual.

Na Santa Igreja Cathedral tudo se tem conservado no estado, em que deixou o Exm. e Rvm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, Bispo desta Diocese, e hoje Arcebispo da Bahia, á excepção de trez vagas, que existem: um Canonicato, um Beneficio, e uma Capellania.

O Seminario Episcopal acha-se montado no mesmo estado, em que o deixou o Exm. e Rvm.º Sr. Arcebispo, e continúa á ser dirigido pelo seu digno e zeloso Reitor o Illm. e Rvm.º Sr. Chantre Manoel Pedro Soares, contando até o anno passado 38 alumnos internos, e 53 externos, tendo prestado exame nas diversas materias 53; os seus Lentes em numero de 9 cumprem com louvor e religiosamente os seus deveres; os Seminaristas são jovens, morigerados e dignos de toda a estima.

Do quadro junto verá V. Exc., que a Diocese é composta de duas Provincias, divididas em 52 freguezias nesta Provincia, com 12 comarcas ecclesiasticas, das quaes uma é elevada á cathegoria de Arciprestado, e 23 na do Piauhy com 16 comarcas, das quaes uma é elevada á Vigararia Geral Forense, e outra á Arciprestado. Das freguezias do Bispado 50 se achão providas de vigarios collados, e 24 de encommendados, achando-se uma vaga, por ter chegado ha poucos dias ao meu conhecimento a noticia da morte do respectivo vigario.

Todas as vagas existentes, tanto na Cathedral, como nas freguezias, julguei prudente reservar, para serem providas segundo a acertada escolha de V. Exc.

Do archivo tambem junto verá V. Exc. os Avisos do Ministerio durante o meu governo, e toda a communicação official havida com as autoridades civis e ecclesiasticas, com as quaes sempre reinou perfeita paz e harmonia.

A Camara Ecclesiastica, sob a direcção do habil e distincto Secretario o Illm. e Rvm.º Sr. Arcipreste Candido Pereira de Lemos, acha-se na melhor ordem possivel.

Das trez ordens monasticas aqui existentes, as duas, que se achão sujeitas ao Ordinario, resentem-se muito da falta de Religiosos, são as de Nossa Senhora das Mercêz, e de Sant'Antonio; uma, que se acha isenta, a de Nossa Senhora do Carmo, é a que mais floresce, attentos os cuidados de seu digno Provincial o Rvm.º Sr. Frei Caetano de Santa Rita Serejo, Sacerdote inteiro, e religioso completo.

Conta a Diocese apenas o limitado numero de 4 Sacerdotes avulsos.

O mais, que diz respeito ao estado da Diocese, verá V. Exc. do já mencionado archivo.

Resta-me agora, Exm. Sr., pedir desculpa de não poder apresentar a Diocese em um melhor estado; do que estava ao meu alcance, nada poupei, não me furtei á fadigas para conservar o precioso deposito, que foi confiado á minhas inhabeis mãos, se mais não fiz só devo attribuir á fraqueza, que me é propria; ficando porem V. Exc. certo de que, se o desejo pudesse produzir aptidão, intelligencia e bondade de coração, outro teria sido o meu governo.

O Illm. e Rvm. Cabido, onde, repito, V. Exc. encontrará Sacerdotes respeitaveis, e amigos fieis, foi o principal auxilio, que se me proporcionou.

Todos os empregados cathedraticos, em uma palavra, todo o clero maranhense, humilde e prompto no cumprimento de seus deveres, certo que farão gostosa a administração á V. Exc., a qual rogo á Deos seja dilatada, para sob sua influencia podermos chegar ao verdadeiro aprisco.

Sirvo-me da occasião para significar, que em mim, como o seu mais humilde capellão, encontrará V. Exc. um subdito fiel e respeitador, prompto ao serviço quer publico, quer particular de V. Exc.

Deos guarde á V. Exc. Maranhão 24 de Março de 1862. Exm. e Rvm. Snr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, Dignissimo Bispo do Maranhão.—*Luiz Raymundo da Costa Leite.*

O ECCLESIASTICO.

—Tendo nós obtido de S. Exc.ª Revm.ª o Senhor D. Frei Luiz da Conceição Saraiva, Bispo desta Diocese, sua approvação a este jornal, sob o mesmo programma, será d'hora em diante o *Ecclesiastico* publicado sob seus

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

auspicios. Esperamos encontrar da parte dos nossos benignos assignantes a mesma satisfação por esse facto.

A semana santa.

Tiverão lugar na Igreja Cathedral todos os actos da quaresma e da semana santa, como do costume.

Por determinação do Mt.º Rd.º Sr. M.e Escola, quando Vigario Capitular, forão prevenidos os sermões nas cinco primeiras domingas da quaresma, nas quaes foi orador o Rd.º Beneficiado Costa Delgado.

As matinas nos tres dias da Semana maior forão a grande instrumental; na quinta feira S. Exc. Rvm.ª pontificou, deu a communhão geral ao Clero e ao povo, sagrou os oleos, e expoz o SS. Sacramento na capella da Virgem Santissima da Conceição e Boa Morte, a qual estava ricamente decorada, por ordem de S. Exc. Rm.ª, ficando desde logo de quarto ao Senhor todos os Conegos, Beneficiados, Capellães, moços do Coro e Seminaristas, por um turno distributivo entre todos. No fim concedeu S. Exc. 40 dias d'indulgencias.

A' tarde fez S. Exc. Rvm.ª a solemne e augusta ceremonia do *lava pedes* a doze pobres, aos quaes deu uma esmola, seguindo-se o sermão do *mandatum*, que foi prégado pelo Rm.º Sr. Conego Silva Rosa.

Na sexta feira, depois da solemne adoração da Cruz, seguio-se a missa do presanctificado, e á noite teve lugar a procissão do enterro, á qual acompanhou o Exm. Prelado, e ao recolher-se prégou o Rd.º Snr. Beneficiado Costa Delgado.

No sabbado, depois da benção do fogo e da agua, seguio-se o solemnissimo *Gloria in excelsis* e o festivo *Alleluia*.

No domingo de Pascoa S. Exc. Rm.ª pontificou, e prégou o Rd.º Snr. Beneficiado Severino José dos Santos; finda a missa deu S. Exc. Rm.ª a benção papal com Indulgencia plenaria a todos os fieis devidamente confessados e commungados, seguindo-se por fim a solemne procissão do Senhor resuscitado.

Tambem houve exposição do SS. Sacramento nas duas parochias da capital, nos conventos do Carmo e S. Antonio, e Hospicio de S. Iago, e nas filiaes S. Anna e Rosario, e houve procissão do enterro no convento do Carmo e no Hospicio.

Cabe aqui mencionar, que a Irmandade do SS. Sacramento da freguezia da Victoria, que, desde tempos immemoriaes, com o soccorro dos fieis, sempre concorreu para as solemnidades da semana santa na Cathedral, onde tem a mesma Irmandade seu assento, negou-se este anno, pela primeira vez, a esse acto de respeito e culto ao SS. Sacramento, (o que faz o fundamento de sua encorporação religiosa) por causa d'um conflicto, que se levantou entre a mesma e o Illm. e Rm.º Cabido, em consequencia de certas imposições e ameaças, que se lembrou a mesa administrativa de lançar ao Rm.º Cabido, que as repellio com verdadeira dignidade.

Deste conflicto ja tem os nossos leitores alguma noticia, á vista dos officios do Rm.º Sr. Governador do Bispado, de 14 de Fevereiro, remettido em resposta á mesa do SS. Sacramento da freguezia da Victoria, e de 25 do mesmo mez ao Dr. Provedor de Capellas e Residuos, sobre o mesmo assumpto, publicados no nosso n.º 227—no Expediente do Bispado.

Da nossa parte, com a possivel reserva, em relação a semelhante questão, attenta a nossa qualidade do mais humilde membro do Illm. e Rm.º Cabido, só registraremos o que esta capital com desgosto presenciou—que a mesa administrativa, de proposito, e por considerações puramente humanas, visto que se julgou offendida em seus brios, não quiz render o devido culto ao Pai das luzes, ao Deos Grande, ao Senhor Sacramentado, no dia mesmo, em que a Igreja catholica celebra a instituição da Sagrada Eucharistia! a mesa administrativa, dizemos, por que estamos informados, de que a maioria da Irmandade pensa diversamente do que obrou uma parte da mesa, da qual ainda a outra parte foi contraria a semelhantes actos.

Este proposito porem de parte da mesa foi combatido por outros membros de sentimentos por sem duvida mais catholicos; assim que, tendo já sido a questão levada ao conhecimento do Exm. e Rm.º Sr. Bispo diocesano por parte da Irmandade, o Exm. Prelado, com a prudencia, que o caracteriza, accordou com aquelles membros em que puzesse de parte a Irmandade, ou a mesa, esses sentimentos prevenidos; finalizando-se tudo por então com a offerta, da parte dos commissarios, de se prestarem aos demais actos do culto do SS. Sacramento; e com effeito a Irmandade apresentou-se em grande numero com suas opas na procissão do enterro em sexta feira, e na da resurreição no domingo, fazendo illuminar o throno da respectiva capella.

Julgamos, que felizmente se acha terminada essa questão, desagradavel em verdade, para ambos os lados pleiteantes.

Carta apostolica de Sua Santidade o Papa Pio IX, acerca dos negocios da Igreja do Oriente.

Os pontifices romanos, que recebêrão do Salvador, na pessoa do principe dos apostolos, o encargo e o poder de governar a igreja catholica, nunca deixárão de favorecer com exemplos e conselhos a propagação da santa fé de Christo, confirmar seus irmãos nos preceitos do mesmo Christo, sustentar os fracos, que desfallecem, ensinar os ignorantes, confortar aquelles, que se deixão desanimar, chamar os transviados ao verdadeiro caminho, a uns esclarecer em suas duvidas e incertezas, a outros livrar do contagio do schisma e da heresia—conduzindo-os ao centro da unidade; n'uma palavra, nunca deixárão de curar dos interesses espirituaes dos povos e da igreja.

Ora, sendo a igreja unica, e abraçando igualmente as populações do Oriente, como as do Occidente, os soberanos pontifices fizerão dos fieis da igreja do Oriente o objecto dos seus cuidados paternaes e preoccupações. Demais, o Oriente tem produzido em grande quantidade homens eminentes por seu saber, erudição e eloquencia, homens eminentes por seus escriptos e pela santidade da sua vida.

Com o fim de conservar intacto e inviolavel o deposito da fé na igreja oriental, com o fim de tornar flo-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

rescente a disciplina ecclesiastica, e cercar de esplendores e magestade religiosa as ceremonias lithurgicas, os pontifices aproveitarão-se da paz permittida ao christianismo, convocárão diversos concilios, publicárão muitas constituições ou decretos, e trabalhárão ardentemente pela prosperidade dessa parte do rebanho.

A affeição toda particular da Santa Sé pelos fieis do Oriente nunca se desmentio: é sobre tudo, quando ali se suscita uma heresia ou um schisma, que ella brilha na sua maior força. Então os papas não poupão esforços para garantir e desenvolver a unidade catholica.

A variedade dos ritos permittida, longe de enfraquecer a unidade da fé, concorre para o esplendor e magestade da igreja. Eis porque os nossos predecessores não só nunca tiverão a intenção de obrigar os orientaes ao rito latino, como tambem, sempre que necessario foi, declarárão em termos claros e precisos: —que a Santa Sé não exige dos fieis do Oriente o abandono de ritos veneraveis pela sua antiguidade, e pelo testemunho dos santos padres: somente quer, que nelles não seja introduzida cousa alguma contraria á fé catholica, prejudicial aos espiritos, e attentatoria das virtudes ecclesiasticas, como peremptoriamente o demonstra um daquelles nossos predecessores—Benedicto XIV, de illustre memoria, na sua Encyclica—*Allatæ sunt*, de 15 de Julho de 1755, dirigida aos missionarios orientaes. Logo, se nos ritos do Oriente alguma mudança tem havido, não a devem attribuir á Santa Sé.

Depois do schisma para sempre deploravel de Photius, os pontifices empregárão toda a sua solicitude em favor dos orientaes, e obtiverão o successo ardentemente desejado: a união entre as duas igrejas foi restabelecida no concilio de Florença. Quando Marco, arcebispo de Epheso, procurou—qual outro Photius—abalar a unidade, a maior preoccupação dos papas foi então reconduzir os gregos ao verdadeiro caminho, e cuidar das necessidades espirituaes de todo o Oriente. Enviárão missionarios, e elegêrão commissões compostas de cardeaes, que examinassem maduramente os livros lithurgicos dos orientaes, e tratassem de suas causas particulares.

Vemos com effeito, que, muitos annos antes de Clemente VIII, foi estabelecida uma congregação *De rebus Græcorum*: e depois outra no tempo do mesmo papa *Super negotiis fidei et religionis catholicæ*—congregação á que se deu mais tarde o nome de propaganda, ora a respeito dos gregos, ora a respeito dos orientaes. Essa congregação tinha as mesmas attribuições, que a propaganda moderna, instituida por Gregorio XV, n'um Breve de 23 de Maio de 1622, começando por estas palavras: *Inscrutabili erecta*.

Uma rapida analyse, que se faça, dos ritos e das disciplinas do Oriente, basta para dar a conhecer, que, ainda mesmo depois da creação da congregação geral *de propaganda fide*, podia acontecer, que negocios de importancia mais transcendente fossem submettidos a um exame tambem mais serio, e tratados por alguns cardeaes da congregação geral. Em consequencia Urbano VIII, successor de Gregorio XV, compoz duas congregações particulares com os membros da congregação geral, das quaes era uma *Super dubiis orientalium*, e a outra *Super correctione Euchologii Græcorum*. Para terminar o trabalho começado por esta ultima, e comprehender sob o termo generico de Euchologio grego a todos os livros dos orientaes, Clemente XI instituio uma congregação absolutamente distincta da propaganda, e composta de um prefeito, um secretario, cinco cardeaes, theologos e homens versados no conhecimento dos ritos e linguas do Oriente: é a congregação *Super correctione librorum orientalium*.

Ora, resulta dos actos da congregação da propaganda —que aos eminentissimos cardeaes, que a compoem, se recorreu sempre nas questões de maior importancia concernentes ao Oriente, por exemplo, em tudo o que diz respeito aos gregos melchitas, armenios, coptas, maronitas e ruthenianos.

Esta maneira tão simples e racional de tratar as cousas nos induzio a publicar as de que ora nos occupamos. A Providencia em seus designios impenetraveis elevou-nos á séde de Pedro, apezar de nossa indignidade para occupal-a; é, pois, dever nosso comprehender indistinctamente todos os membros da grande familia humana na mesma solicitude, amor e vigilancia; a todos facilitar o conhecimento do unico e verdadeiro Deos, e do Filho por elle enviado; finalmente, a todos unir nos mesmos laços da fé, que preparão-nos a vida eterna.

Logo nos primeiros dias do nosso pontificado estendemos a vista sobre o Oriente, e supplicámos com ardor ao Deos de clemencia e misericordia, que confirmasse na fé a todos aquelles, que creem e estão na communhão da Santa Sé; que nelles fizesse crescer a sciencia de Deos e o conhecimento de Jesus Christo, permittindo-lhes, que por meio de boas acções possão aplanar as vias da salvação eterna.

Supplicámos tambem, que conduzisse ao rebanho, fóra do qual não poderião salvar-se, aquelles dos orientaes, que se achassem delle desviados.

Temos fé e confiança em que Deos, tão misericordioso como é, dignar-se-ha de attender as nossas humildes e fervorosas supplicas.

Entretanto, vivamente commovido pela situação actual dos catholicos do Oriente, e considerando além disto— que em muitos paizes desapparecêrão os obstaculos, que se oppunhão á livre communicação dos fieis com a séde de Roma, entendemos, que o nosso ministerio apostolico impõe-nos a obrigação de consagrar a nossa solicitude paternal e esforços ao bem espiritual do mesmo Oriente.

Assim pois, confiamos a uma commissão composta de cardeaes escolhidos da congregação da propaganda, e prelados da nossa corte—o cuidado de estudar aquillo, que mais convém á prosperidade espiritual do Oriente.

Considerando por um lado a gravidade e a multiplicidade das necessidades orientaes em virtude da differença de lingua, rito e disciplina, e por outro lado as innumeraveis occupações, de que se acha por alguma forma sobrecarregada a congregação da propaganda, em virtude da prodigiosa extensão da nossa santa religião na America septentrional, nas Indias orientaes, na China, Oceania, e até mesmo na Europa, do que resulta a necessidade de augmentar-se o numero das sedes episcopaes, vicariatos apostolicos, e missionarios—aquella commissão convenceu-se facilmente de que, a congregação da propaganda

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

deve ser reforçada, afim de poder tratar dos negocios orientaes.

Em consequencia disto esses cardeaes e prelados nos pedirão, que remedeassemos semelhante estado de cousas, estabelecendo uma congregação especial e duravel, exclusivamente encarregada de tudo o, que diz respeito ao rito, disciplina e correcção dos livros lithurgicos das igrejas orientaes; e ao mesmo tempo forão de parecer, que essa nova congregação se compuzesse de cardeaes escolhidos entre os da propaganda, e dependesse do cardeal prefeito desta ultima, com quanto tivesse o seu secretario e consultores especiaes.

E' por essa razão, que nós, preoccupado no mais alto grão dos fieis do Oriente, e disposto a tudo emprehender em beneficio delles, adoptando o parecer dos nossos veneraveis irmãos—os cardeaes da santa igreja romana, instituimos perpetuamente pela presente carta apostolica uma congregação especial, exclusivamente encarregada das questões orientaes, sob as clausulas e condições aqui registradas, cuja escrupulosa observancia recommendamos.

Todos os negocios conferidos á propaganda, em virtude do breve *Inscrutabili* do nosso predecessor Gregorio XV, e das constituições ou decretos de outros pontifices, serão de hoje em diante reduzidos a duas cathegorias: negocios do rito latino, negocios do rito oriental.

A nova congregação, por nós estabelecida para essa segunda cathegoria de negocios, será competente para tratar igualmente das questões mixtas, em que intervenhão pessoas ou cousas do rito latino, salvo se julgar mais conveniente deferil-os á congregação geral da propaganda: compôr-se-ha de um numero sufficiente de cardeaes escolhidos de entre os da mesma propaganda, e dependerá do cardeal prefeito desta, possuindo todavia os seus consultores e secretarios especiaes, para cujos cargos lembramo-nos e chamamos alguns ecclesiasticos da nossa boa cidade de Roma afamados pelo conhecimento, que possuem, das linguas e cousas do Oriente, e cujas luzes serão de muito auxilio á nova congregação, especialmente nas questões de rito e disciplina, e na correcção dos livros.

A referida congregação tomará o nome de *Congregação da propaganda para os negocios do rito oriental*, e se servirá do sello da propaganda.

Fazendo a correcção dos livros parte das suas attribuições, supprimimos e abolimos perpetuamente em virtude da nossa autoridade apostolica a congregação estabelecida por Clemente XI com o fim de occupar-se dessa correcção.

Determinamos somente, que seja escolhido entre os membros da nossa nova congregação um cardeal *ponens*, nomeado por nós e por nossos successores, e encarregado de dirigir os trabalhos necessarios para o exame dos canones da igreja oriental, dos livros orientaes de toda a natureza, das versões da Biblia, e da disciplina.

Determinamos além disto, que os cardeaes designados na presente carta para compôr a nova congregação distribuão entre si n'uma sessão preparatoria os diversos negocios do Oriente, por tal forma que cada cardeal seja particularmente encarregado daquelles, que respeitão a uma ou mais nações: e como póde succeder, que um cardeal soffra impedimento no exercicio das suas funcções, determinamos, que os outros cardeaes da congregação lhe designem um supplente, encarregado de exppôr em nome do impedido o que se referir ás populações, das quaes aquelle fôr constituido relator.

Sendo a nova congregação uma fracção da propaganda, ao seu pessoal concedemos os mesmos previlegios e favores por nossos predecessores concedidos ao pessoal da propaganda, e ainda em vigor.

O prefeito geral desta ultima, nosso predilecto filho o cardeal presbytero Alexandre Barnabó, será ao mesmo tempo prefeito da nova congregação; e designamos para compol-a os nossos veneraveis irmãos os cardeaes Constamino Patrizi, bispo de Porto e Santa Rufina, e Luiz Altiere, bispo d'Albano; os cardeaes presbyteros Camillo di Pietro—do titulo de S. João da Porta Latina, Carlos de Reisach—do titulo de Santa Cecilia, Antonio Maria Panebianco—do titulo dos Santos Apostolos; e os cardeaes—diaconós Pedro Marini—do titulo de S. Nicolão *in carcere*; Jacques Antonelli—do titulo de Santa Agatha *in Suburra*; Prospero Catarini—do titulo de Santa Maria *della Scala*.

Nomeamos além de tudo o cardeal Carlos de Reisach cardeal *ponens*, para dirigir a collecção dos canones da igreja oriental e o exame dos livros.

A congregação, que instituimos, mais que qualquer outra, tem necessidade de consultores de reconhecida sabedoria para expôr na presença dos cardeaes, e submetter ao seu juizo sabio e prudente as questões a resolver, attentas a variedade das linguas e diversidade dos ritos. Em consequencia do que determinamos, que os consultores sejão escolhidos não só entre os theologos, como tambem entre os homens versados no conhecimento das linguas, e das cousas do Oriente: e como é possivel, que exista alguma connexão nos negocios das duas congregações—o secretario de uma será consultor da outra.

No intuito de cercar a nova congregação de toda a luz necessaria, o cardeal prefeito da propaganda nos apresentará, e a nossos successores, ecclesiasticos escolhidos no numero dos antigos discipulos do collegio da mesma propaganda, ou nas differentes familias de religiosos, os quaes serão chamados á Roma.

Entretanto nomeamos consultores os nossos veneraveis irmãos, Alexandre Franchi, arcebispo de Thessalonica e secretario da congregação dos negocios ecclesiasticos extraordinarios; José Cardoni, bispo de Carysto; e os nossos presadissimos filhos Luiz Ferrari, prefeito da côrte pontifical; Domingos Bartolini, secretario da congregação dos ritos; José Fessler, professor de direito canonico na universidade de Vienna—todos tres prelados domesticos; Bonifacio Hanæberg, abbade do mosteiro de S. Bonifacio, da ordem de S. Benedicto, e professor de Escriptura sagrada na universidade de Munich, Luiz Vincenzi, professor de hebreu; Scapitici, professor de syro-chaldeo: De Angelis, professor de direito canonico na universidade romana; Carlos Vercellone, procurador geral da congregação dos clerigos regulares dos Santos Paulo e Barnabé—apostolos; João Baptista Franzelin, da companhia de Jesus, e professor de theologia no collegio romano; Agostinho Theiner, do oratorio de S. Felippe Nery; J. Baptista Pitra, Pio Zingerle, e Bernardo Smith—todos tres benedictinos,

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Determinamos outro sim, que os jovens ecclesiasticos romanos, que mais se distinguirem por suas disposições e successos nos estudos, se dediquem sob a direcção de um consultor ao estudo das questões religiosas relativas ao Oriente, afim de que tambem possão um dia ser elles mesmos nomeados consultores. Os ecclesiasticos, que melhor se houverem nos seus estudos, serão preferidos na collação dos beneficios.

A nova congregação terá o seu secretario especial, que preencherá as suas funcções da mesma maneira, que o secretario da congregação latina, observando as regras e o methodo da propaganda. Para este cargo nomeamos o nosso amado filho João Simonei, protonotario apostolico Para que os dous secretarios possão adquirir exacto conhecimento dos negocios de ambos os ritos, assistirão juntos as sessões de cada congregação na seguinte ordem: o secretario da congregação geral da propaganda, o secretario da congregação para o rito oriental e o protonotario apostolico. Os empregados da secretaria serão em numero sufficiente: e as duas congregações terão á sua disposição a mesma imprensa, e votamos os fundos necessarios para indemnizar a propaganda desse excesso de despezas.

Ao throno do Deos das misericordias erguemos as nossas vistas, e rogamos-lhe em nossas humildes e ardentes supplicas, que se digne despejar com abundancia as suas graças sobre as populações do Oriente, e fazer com que sejão restituidas ao seu antigo esplendor tantas e preclaras igrejas cathedraes alli estabelecidas pelos proprios apostolos, hoje infelizmente desviadas da pedra, que serve á igreja de fundamento, e abandonadas no seu isolamento.

E esperamos e confiamos, que o autor de todos os bens abençoará os nossos esforços, e que os orientaes, aferrados sempre á verdade catholica, o que lhes faz gloria, nada tenhão tanto á peito como corresponder cada vez mais á nossa solicitude, apertar os laços, que os unem á séde de Pedro, e chamar ao seio do rebanho da unidade os seus irmãos transviados.

Estabelecemos, prescrevemos e ordenamos o, que estabelecido, escripto e ordenado está na presente carta; cujo conteúdo não poderá ser taxado de obrepção, subrepção, falta de intenção ou outro vicio substancial em qualquer tempo e por qualquer pessoa que seja, ainda mesmo pelos interessados ou por aquelles, que interessados pareção ser, e se queixem de não ter sido chamados, ouvidos e consultados. Ninguem poderá restringir, suspender ou cassar as disposições nesta carta contidas, appellidal-as de controversas, oppôr-lhes alguma decisão de correção *in integrum*, ou outra sentença qualquer que seja; ao contrario, ellas produzirão em todo o tempo os seus plenos e devidos effeitos, e serão escrupulosamente observadas por todos aquelles, á quem se referem, e se hão de referir.

A presente carta garantirá perpetuamente os direitos da sagrada congregação dos negocios orientaes, e das pessoas respectivas nella citadas. Ninguem poderá ser obrigado á verificação do conteúdo nestas disposições, e nem á isto constrangido judiciaria ou extrajudiciariamente; e nós declaramos nullo e de nenhum effeito todo e qualquer acto commettido intencionalmente ou por ignorancia, da parte de quem quer que seja, com o fim de attentar contra as disposições desta nossa carta apostolica.

Não obstante a outra carta apostolica de Gregorio XV, de quem mais acima fallámos, e que começa pela palavra *Inscrutabilis*; não obstante as constituições de Clemente XI, e outros soberanos pontifices, nossos predecessores, e mesmo as nossas constituições: não obstante as regras da chancellaria apostolica, a confirmação da congregação da propaganda, e outros estatutos, costumes, privilegios, indultos ou concessões, quaesquer que sejão a sua força, precisão e importancia, constituições, regras, estatutos e privilegios, que nós declaramos expressamente derogados em todo o seu alcance e forma de disposições: queremos, que a presente carta produza pleno e inteiro resultado, e effeito.

Dada em Roma, na séde de S. Pedro, sob o annel do Pescador, aos seis dias do anno MDCCCLXII (1862), decimo-sexto do nosso pontificado.

G. B. Cardeal Piannetti.

Correspondencias.

Roma 22 de Janeiro.

Um consistorio teve logar em Roma a 6 do corrente, e o Santo Padre preconizou nelle um novo arcebispo para a igreja metropolitana de Varsovia.

Este prelado chama-se Segismundo Felix Felinski, e todas as informações concordão em apresental-o como um varão recommendavel pela sua piedade e firmeza.

Elle tem apenas 38 annos, e conta-se, que sendo informado de sua nomeação para o arcebispado, escrevêra ao irmão estas simples palavras: «Vou ao martyrio.»

O novo arcebispo é filho de uma senhora polaca, celebre pelo seu patriotismo, Eva Felinska, a qual fôra arbitrariamente enviada por ordem de czar Nicolão I para a Siberia, onde passou muitos annos. Antes de morrer, ella escreveu a historia do seu captiveiro e de *suas desgraças*, obra que foi traduzida em inglez no anno de 1853.

Antes de sua nomeação elle exercia as funcções de confessor e capellão na academia ecclesiastica de S. Petersburgo, onde tambem professava a philosophia.

Foi nomeado sobre apresentação do governo russo.

Alem desta prova da boa intelligencia, que felizmente existe entre o governo russo e o da Santa Sé, outra tenho, que noticiar-lhe, que é ainda mais significativa, o restabelecimento de uma nunciatura apostolica em S. Petersburgo.

As razões, que determinárão o Papa a insistir sobre este restabelecimento, fizerão tanta impressão sobre o governo do czar, que este accedeu sem muita hesitação ao pedido do Santo Padre.

Conta-se a este respeito, que quando o imperador Nicolau foi a Roma, queixando-se-lhe o papa Gregorio XVI das perseguições feitas aos catholicos da Russia, elle lhe respondêra: «Vossa Santidade está mal informado.»

«Pois bem: lhe replicou o papa, eu estaria melhor instruido, se Vossa Magestade me tivesse autorisado a enviar um nuncio a S. Petersburgo, assim como Vossa Magestade tem um ministro em Roma.»

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

O prelado, que, parece, será escolhido pelo Santo Padre para esta importante missão, é o Sr. Franchi, arcebispo de Thessalonica.

Desde 1784 que a Santa Sé não tem um representante na côrte da Russia.

O ultimo nuncio ordinario residente em S. Petersburgo foi o Sr. João André Archetti, arcebispo de Calcedonia, que depois foi elevado ao cardinalato, morrendo em 1805.

O Santo Padre, annunciando aos cardeaes, que a Russia consentia no restabelecimento da nunciatura apostolica em S. Petersburgo, disse: «Espero, que esta primeira concessão do imperador da Russia será o signal de outras mais em favor da infeliz nação polaca.»

S. Santidade pediu ao imperador Alexandre a soltura dos padres detidos na cidadella de Varsovia, assim como tambem a volta dos que forão enviados para a Siberia.

O governo prussiano animado por estas boas relações da Russia e a Santa Sé, exprimio tambem a S. Santidade a esperança, de que um Breve seria dirigido ao clero da provincia de Pozen, para convidal-o a calmar a agitação, que reina naquelle paiz, mas o cardeal Antonelli respondeu-lhe, que a côrte de Roma não podia condemnar a conducta dos padres catholicos senão sobre reclamações dos bispos, seus juizes naturaes em materia de disciplina, e não sobre as de um agente diplomatico.

Os cardeaes e os consultores, que compõe a congregação dos ritos, reunirão-se no Vaticano debaixo da presidencia do Santo Padre para o terceiro exame das virtudes heroicas do veneravel Felix de Nicosie, da ordem dos capuchinhos.

O postulador, segundo o uso, distribuio com antecedencia as peças do processo, que, em tal caso, são submettidas á mais rigorosa discussão.

Por bilhetes da secretaria de Estado, S. Santidade dignou-se de nomear consultor adjunto á congregação especial do concilio para a revisão dos concilios provinciaes ao Sr. Vicente Nussi, um dos prelados de sua casa, e ao padre Francisco Maria Cerino, geral dos Theatinos, e ao abbade Pedro de Luca, conego da basilica collegial de S. Celso e de S. Juliano.

Foi tambem nomeado camarista secreto de S. Santidade o abbade Thyssen, cura de Francfort.

Foi nomeado secretario das lettras latinas o abbade João Sottovico, que o Santo Padre declarou tambem seu camarista secreto.

Tenho-lhe muitas vezes fallado das orações, que o povo romano costuma fazer ao Santo Padre, sempre que apparece em publico; vou agora transcrever-lhe aqui uma carta, que o abbade Quinard, que se acha presentemente em Roma, dirigio ao *Amigo da Religião*, periodico aqui publicado.

Eis o que diz o abbade:

«Quando em Pariz eu lia no jornal de Roma a descripção das orações feitas ao Santo Padre, confesso, que era tentado a não dar-lhes mais importancia do que a tantos outros contos officiaes, cujo valor nos é bem conhecido, mas hoje posso assegurar, que o jornal de Roma dizia a pura verdade.

«Terça-feira passada, segundo o costume, S, Santidade foi á igreja de Jesus para assistir ao canto do *Te Deum* que termina o anno. Uma multidão immensa concorreu ao seu encontro; podia seguir-se a carruagem pontificia, sem a ver pelas acclamações, que acolhião-na quando passava, pelos lenços que se agitavão em todas as varandas ornadas de colchas. Na praça da igreja as honras militares forão feitas pelas tropas francezas e pontificias, e os gritos redobrárão com uma unanimidade, que não podia ser encommendada, e que attesta a affeição sincera dos fieis subditos de Pio IX.

«*Viva Pio nono! Viva il pontefice e re nostro!* tal era o concerto universal. O proprio rei de Napoles, ao sahir da igreja, foi coberto de acclamações, que são um testemunho valioso do pouco amor do povo romano a Victor Manoel, e do seu pouco em ser piemontez.

«Foi este o espectaculo consolador, de que fui testemunha ocular. Este enthusiasmo não é um facto accidental; elle acompanha o Papa, sempre que atravessa as ruas de Roma.»

De todas as partes do mundo catholico o Santo Padre recebe provas manifestas do amor, que lhe consagrão os fieis, não obstante tudo quanto contra elle e contra o seu governo publicárão os revolucionarios.

O Jornal de Roma em um longo artigo sobre o dinheiro de S. Pedro, diz, que as sommas enviadas pela catholicidade ao thesouro romano desde 12 de Novembro de 1859 até 9 de Janeiro corrente, elevão-se a 3,809,747 *scudi* romanos pouco mais ou menos, 20,382,146 francos; não fallando no valor consideravel dos objectos, que de todas as partes são enviados ao Santo Padre.

Estes objectos vão ser vendidos, e uma commissão está encarregada de abrir para a venda delles um grande bazar.

O duque de Salviati já tem escripto a differentes jornaes, pedindo-lhes o seu concurso e a publicidade em suas columnas. Espera-se, que a concurrencia será grande, e que esta venda contribuirá consideravelmente para a manutenção das finanças pontificias.

A 26 de Dezembro proximo passado foi publicada pelo vigariato geral a estatistica da população da cidade eterna no anno de 1861.

Deste documento resulta, que ha em Roma 40 Bispos, 1,385 padres seculares, 2,474 religiosos, 1,657 seminaristas e collegiaes, 2,832 freiras, 2,613 alumnas do sexo feminino nos consistorios e nos claustros, 282 acatholicos, 4,226 judeus, sendo a população total de 194,587 almas.

Em 1860 era ella de 184,039 almas, houve portanto um augmento de almas 10,538.

Os padres theatinos celebrárão em sua igreja de S. André *della Valle* um officio funebre pelo repouso da alma do padre Joaquim Ventura, ex-geral da Ordem. Um modesto catafalco levantava-se debaixo da cupula da igreja, sustentando o despojo mortal do distincto orador.

A missa de *Requiem* foi celebrada pelo reverendo padre Cirino, geral dos theatinos, a quem o illustre finado, á hora da morte, expressou o seu desejo de repousar para sempre naquella igreja.

Acabada a ceremonia, o caixão foi transportado solemnemente para o lugar escolhido para o enterramento.

Deste modo o padre Ventura repousa junto dessa cadeira de S. André, do alto da qual annunciára tão eloquen-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

temente a palavra de Deos a uma multidão, que de todas as partes concorria para ouvir sua voz poderosa.

Idem 7 de Fevereiro.

O Santo Padre teve dous dias de febre, mas felizmente restabeleceu-se logo, entretanto os revolucionarios espalhárão por toda a parte, que elle estava gravemente enfermo, e até já desenganado pelos medicos.

Vendo-se contrariados pelo prompto restabelecimento do Pontifice, empregárão outros meios para animar os seus.

Calculos extravagantes, mesas propheticas, a tudo tem elles recorrido para assegurarem, que Pio IX deve morrer no corrente anno de 1862, e que a sua morte completará o triumpho da revolução, entregando-lhes Roma, e tornando a Italia uma e indivisivel, pois que, senhores de Roma, Veneza não poderá resistir-lhes por muito tempo.

Altos são sem duvida os projectos desses senhores, mas elles esquecem, que mais altos são ainda os juizos de Deos!

O embaraço para o triumpho da revolução não vem de Pio IX, vem do Pontifice, e se Pio IX póde morrer, o Pontifice é immortal com a Igreja, de que é chefe visivel na terra.

Ao passo que os inimigos da Santa Sé dão o Papa como perdido, elle convoca os Bispos de todo o mundo catholico, para se reunirem em Roma no mez de Maio proximo futuro, afim de assistirem á canonização solemne no dia de Pentecostes dos 23 martyres do Japão, da ordem franciscana dos Menores da observancia, ceremonia que será precedida de dous consistorios semi-publicos.

Nesta occasião é mui provavel, que o Santo Padre exponha aos Bispos o estado da Santa Sé, e talvez essa assembléa em sua sabedoria ache remedio aos males, que affligem a Igreja.

Potencias catholicas como a França, Portugal e Brasil, já reconhecêrão o reino de Italia, entretanto a Prussia protestante, e a Russia schismatica ainda o não fizerão, e crê-se geralmente, que o não farão, assim como ainda o não fizerão outras potencias tambem catholicas, bem como a Austria e a Hespanha.

A respeito do Brasil, devo dizer-lhe, que o seu reconhecimento do reino de Italia surprehendeu a todos em Roma, tanto que dando o ministro brasileiro um baile, a nobreza romana não compareceu a elle, para demonstrar o seu desgosto.

Que a França reconhecesse a Victor Manoel, isto explica-se pela cessassão da Saboya e Niçe, que o fizesse a Inglaterra, tambem não ha que estranhar em vista do séu odio ao catholicismo; mas que o fizesse o Brasil, sem attender, que a maior parte do novo reino é roubado a seus legitimos soberanos, e até ao chefe da Igreja, vigario de Christo na terra, é certamente extraordinario!

Não lhe parece o filho sanccionando a espoliação do pai, que sempre o tratou com ternura, e sem que dahi lhe resulte nenhum proveito?

Bem que os francezes ainda estejão em Roma, e Luiz Napoleão tenha constantemente protestado defender a pessoa do Santo Padre e o patrimonio de S. Pedro, todavia os politicos parecem prever alguma mudança neste sentido, não somente pelas ultimas propostas do governo francez ao Santo Padre, como tambem pelo procedimento do Piemonte, que está concentrando tropas sobre o Garigliano sem motivo, que isto justifique.

A cidade de Gaeta tambem está sendo convertida em um immenso arsenal de guerra, pois alli se amontoão todas as provisões e machinas necessarias a uma proxima expedição, accrescendo que todas as forças navaes do Piemonte estão reunidas no golpho do mesmo nome.

Uns suspeitão um ataque na Dalmacia contra a Austria, mas outros, e talvez com mais razão, receião, que esta concentração de forças sobre o Garigliano é para habilitar os Piemontezes a marcharem com mais rapidez sobre Roma, no momento em que os francezes deixarem aquella cidade.

Prevenindo tudo, o governo romano convidou para uma reunião no Vaticano a 31 do mez passado os embaixadores da Russia, Austria, Prussia, Hespanha e Baviera, e tendo sido submetida á consideração dos mesmos a questão da partida possivel de Roma das tropas francezas, depois de examinarem os inconvenientes, que dahi poderião resultar para a segurança do papa, e tranquillidade da cidade eterna, declarárão todos que, no caso previsto da retirada dos francezes, serião estes immediatamente substituidos por um corpo de exercito allemão, encarregado de vigiar tambem o soberano pontifice, e sobre a tranquillidade da metropole do catholicismo.

Não sei, qual será o resultado de tudo isto, mas parece-me, que as cousas se vão complicando de tal sorte, que a questão romana ainda virá a accender o facho da guerra na Europa.

Para a proxima primavera talvez tenhamos, que ver acontecimentos extraordinarios.

Idem 22 de Fevereiro.

O Papa, como lhe noticiei na minha ultima carta, continúa de saude, e os boatos de doença grave, etc, são puras invenções do governo piemontez para conservar animados os seus.

A mesma origem e fundamento tem o boato da retirada das tropas francezas de Roma.

No dia 2 do corrente Sua Santidade celebrou na capella papal, na basilica de S. Pedro, por occasião da festa da Purificação de Nossa Senhora.

No dia seguinte (3) foi elle á igreja de Santo André delle Fratte, para assistir ao funeral do cardeal Pianetti, procedendo depois da missa á ceremonia da absolvição do tumulo junto do catafalco.

No dia 4 presidio no palacio do Vaticano á congregação geral dos ritos, que pronunciou-se novamente sobre o heroismo das virtudes praticadas pelo veneravel servo de Deos Benedicto d'Urbino, da ordem dos menores capuchinhos, e de cuja beatificação se trata presentemente.

Já vê Vmc. que, se o Santo Padre estivesse soffrendo em sua preciosa saude, não poderia supportar tão aturados trabalhos.

A revolução, que não sabe, de que modo chegará a Roma, visto que o imperador dos francezes não se anima a esposar decididamente a sua causa, especula com a morte do Papa, porque está persuadida, que com Pio IX

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

desapparecerá tambem o papado com o seu poder temporal.

Pobre revolução!

Pagão a meia duzia de miseraveis, para nas cidades da Italia gritarem contra o poder temporal do Papa; e chamão a isto demonstrações, como se todos não soubessem já hoje, de que modo estas cousas se arranjão.

De todas as partes do mundo tem chegado a Roma protestos de obediencia e dedicação á pessoa do Papa; de todas as partes as populações catholicas estão espontaneamente contribuindo com o dinheiro de S. Pedro para as despezas da manutenção da côrte pontificia, e ninguem chama a isto manifestação, entretanto querem fazer-nos crêr, que os gritos comprados de meia duzia de homens perdidos constituem verdadeiras manifestações!

Ainda agora da-se em Roma um valioso testemunho da dedicação, que a população da cidade eterna consagra ao virtuoso Pontifice, que a governa.

Sendo postos em loteria em proveito do dinheiro de S. Pedro todos os presentes, que desde Junho do anno proximo passado o Santo Padre tem recebido de diversas partes, não obstante ter ella de correr em Dezembro proximo futuro, somente na cidade de Roma já 20,000 bilhetes se achão vendidos!

E teria isto lugar, se a população fosse infensa, como propalão os revolucionarios, ao governo pontificio?

Certamente que não.

O imperador da Russia pediu ao Papa o restabelecimento da nunciatura daquelle vasto imperio, e assim consola a Providencia ao vigario de Christo na terra.

Se suas relações com o Piemonte achão-se interrompidas, novos horisontes se lhe abrem, mais vastos e mais esperançosos.

P.
(*Extr.*)

Napoleão I, o que pensava do Papa Rei.

Muito conhecido é o seguinte discurso de Napoleão I acerca da independencia e soberania do Papa. Quem quizer procural-o, o achará na historia do consulado e do imperio de Mr. Thiers. Bom seria, que Victor Manoel, Garibaldi, Ricasoli e outros da mesma tempera pensassem bem nestas palavras de Napoleão I, que entendia sempre pelo menos tãobem como Victor Manoel e Ricasoli. Demais nunca as deverião esquecer, para não lhes succeder como a Napoleão I, que um dia as pôz de banda, e foi passando a mão por tudo, que o Papa possuia, e atirou-o nas prisões de Sorbona, e encerrou-o bem encerrado em Fontainebleau. Leiamos.

—«A instituição que mantém a unidade da Fé, isto é, o Papa, guarda da unidade catholica, é UMA INSTITUIÇÃO ADMIRAVEL. Exproba-se a esse chefe de ser um *soberano* estrangeiro. Esse chefe é estrangeiro! com effeito e *deve-se agradecer isso ao Ceo*. Que! no mesmo paiz figura-se uma authoridade semelhante, ao lado do governo do Estado? Reunida ao governo esta authoridade se tornaria o despotismo do Sultão; separada, hostil talvez, produziria uma rivalidade horrivel, intoleravel. O Papa está fóra de Pariz, e *isso é bom*: não está em *Madrid* nem em Vienna, e é *por isso, que supportamos sua authoridade espiritual* Em Vienna e em Madrid se tem fundamento para se dizer outro tanto. Crê-se por ventura, que se elle estivesse em Pariz, os Vienenses e os Hespanhóes consentirião em receber suas decisões?

«Cada um é *muito feliz*, que elle resida fóra de seu paiz, e que assim tambem *não resida* no de seus rivaes; que habite nessa velha Roma, longe das mãos dos *Imperadores*, longe das do *Rei de França*, ou *dos Reis de Hespanha*, tendo a *balança igual entre todos os soberanos catholicos*, inclinando-a sempre um pouco para o mais forte, e reprehendendo LOGO *se o mais forte se torna opressor*.

«FORÃO OS SECULOS, que fizerão isto, e FOI BEM FEITO. *Para o governo das almas é a melhor, a mais benefica instituição que se póde imaginar....*

«A Religião Catholica é a da patria, em que somos nascidos; ella tem um governo *profundamente* constituido, que impede as discussões, tanto quanto é possivel impedil-as com o espirito disputador dos homens; este governo está fóra de Pariz, deve-se *applaudir* isso; não está em Vienna, não está em Madrid, está em Roma, é *por isso*, que é acceitavel.»

Entretanto os Italianissimos querem a Italia toda uma, com a capital em Roma, para ahi ficar Sua Magestade Victor Manoel e juntamente o Papa. Pois saibão, que se Napoleão I vivesse, e ainda estivesse nos mesmos sentimentos supra, não o permittiria; e se alguem tirasse essa soberania, não seria outro senão elle mesmo, que não só agarrou Roma, mas bom pedaço da Italia, não para a Italia, mas para si.

O actual Napoleão III tambem vai por cessões e meios legaes apanhando Saboia, Niçe, e bem alegre ficará com a ilha da Sardenha. E os italianissimos vão cedendo, mas sempre gritando—*viva a Italia*!—A Italia para os italianos, e fóra o estrangeiro que domine em terra de Italia.

Risum teneatis, amici: parece uma comedia! Mas elles mesmos não se entendem, por isso Garibaldi de Nice, e o mais logico desses revolucionarios, disse uma vez ao conde de Cavour: —*não posso gostar de* quem me fez estrangeiro em minha patria—que é Nice ou Nizza, cedida á França.

(Da *Cruz*.)

NOTICIA LOCAL.

Uma prova de respeito e consideração.

Foi hoje inaugurado, em o logar de honra da sala do Recolhimento de Nossa Senhora da Annunciação e Remedios, o veneravel retrato de S. Exc. Rvma., o Sr. Arcebispo, D. Manoel Joaquim da Silveira. Por essa occasião a Rvma. Superiora, donataria do retrato, a Exma. Sra. D. Marianna de Asevedo do Sacramento, mandou celebrar uma missa votiva pela conservação dos preciosos dias e saude de S. Exc. Rvma., e para que Deos o preserve dos males da presente vida, e o torne sempre digno dos louvores dos seus diocesanos bahianos, como ainda é e sempre será dos maranhenses.

Este procedimento da Exma. Sra. Superiora do Recolhimento, é o testemunho mais solemne e cordial da sua gratidão para com S. Exc. Rvma., pelos immensos beneficios feitos ao Recolhimento, durante o seu governo, e pelos que de lá mesmo continúa a prodigalizar a bem da orfandade ahi asylada: e recorda igualmente; aos maranhenses, esses nove annos de Episcopado, cuja saudosa e grata memoria jamais será riscada dos corações verdadeiramente reconhecidos.

São Luiz, 24 de Abril de 1862.

(Da *Coalição*.)

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1862.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 231.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXM.º E RVM.º SNR.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇAÕ SARAIVA,

BISPO DO MARANHAÕ.

TERÇA-FEIRA 8 DE MAIO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

EXTERIOR.

Do direito da igreja á protecção. (*)

Se por liberdade para a igreja se entende, que ella será o objecto supremo da sociedade do estado, que se verá rodeada de seu respeito e amor, nada mais justo, nada mais sabio. Se por estas palavras se quer deixar ao mal, ao erro, á multidão de seus inimigos, as mesmas liberdades, que á igreja, cahimos n'um abysmo.

Pois que! o estado protege a innocencia, as artes, as sciencias, a propriedade, o direito, a liberdade, e não protegerá tambem a verdade, essa liberdade, esse direito de nossa alma? Tudo, menos a verdade, será soccorrido? O homem vale menos então do que as cousas, que para elle são creadas. E' porém evidente, que se não reflectio... Para estender a protecção a tudo, excepto á verdade, á base das leis, do direito e da sociedade, seria preciso, que houvesse muita prevenção.

Por ventura espiritos christãos, que, desde então partem do dogma da queda, pedirão somente para a igreja a liberdade? a liberdade para a verdade e o erro promiscuamente? E' a inclinação para o mal, que em nossos corações supera o desejo do bem! Devo portanto dizer-vos: fechar no mesmo espaço a verdade com o uso, o bem com o mal, a justiça com as nossas paixões, é entregar a verdade ao erro, o bem ao mal, a justiça a nossas paixões... Li um dia estas palavras daquelle, cuja queda muito nos assustou: *A desgraça está, em não se ter bastante fé no poder da verdade!* Vi immediatamente, que esse espirito maravilhoso não possuia a primeira palavra da sciencia, que o elevava ao sacerdocio (1). Que illusão em um theologo! Ter a fé, e esquecer as consequencias do peccado de Adão! Esquecer, que o homem entregue a si mesmo nunca chegaria á verdade, nem se firmaria na justiça; que a igreja é, quem o leva á primeira, e a autoridade quem lhe assegura a segunda! Não saber o que obriga a constante intervenção dos sacramentos no homem, e das leis na sociedade! Emfim, ignorar que a verdade reunida á justiça com difficuldade mantém a civilização, e impedem-no de entrar novamente na barbaria, para onde a arrasta eternamente a queda! A queda! Porém a sociedade inteira é estabelecida em vista desse immenso acontecimento.... Julgão a sociedade christã um facto inteiramente humano, uma cousa toda natural: depois da igreja nada em verdade é mais sobrenatural.

Os bons para manter entre os outros a justiça e a paz, eis a sociedade. E como poderia o fraco, sem a protecção da autoridade, conter o poderoso? Fechão-se os olhos aos factos; não ha sobre a terra prodigio mais admiravel, depois da graça, que nos faz obrar o bem! A autoridade tira os homens do estado selvagem, no qual elles tornão a cahir, logo que repellem sua mão. As civilizações antigas, de que tanto se tem fallado, erão o fructo de uma tradicção e da autoridade; succumbião pois, quando enfraquecidos estes dous factos. Procurai uma nação, que não tenha autoridade, uma civilização real sem a graça e a verdade. A autoridade é o ponto, que mais excita a admiração dos sabios: depois desses dous incomparaveis dons, é o mais precioso, que foi dado ao homem.

Contendo o mal, crea a liberdade, conserva os direitos e os bens adquiridos. *Toda a justiça vem do rei:* é nesse sentido, que se deve tomar. Não vemos pois mais essa phalange sagrada, que, segundo as diversas funcções, nos traz a justiça, o sacerdocio, a instrucção, a administração, os exemplos, a beneficencia, a industria e a producção? Ha homens, que, sem o codigo, nunca serião justos, e que a não ser a força, nunca se conservarião em paz; da mesma maneira ha outros, que, sem o direito, sem a propriedade, consumirião tudo, quanto produzissem os outros, e n'um momento nos conduzirião ao estado selvagem. E' á autoridade, que se deve toda a sociedade; porque então subtrahir á sua protecção a verdade, sob a qual, entre seres livres, tudo se sustenta?..... Certamente! é preciso ser homem de bem para comprehender este mundo, mas não a ponto de só ver o bem, sobretudo crer que elle triumphará, se se nos deixar plena liberdade. Quando era moço, ouvia dizer, que a humanidade só tinha por obstaculo no mundo os governos; que todo o seu progresso consistia em restringir-lhe a autoridade, e desembaraçar-mo-nos pouco a pouco da oppressão das leis. Logo que por mim mesmo pude ver o homem, estudal-o de perto, comprehendi, quanto erão falsas suas idéas, e onde se achava o bom senso.

Então não quereis nenhuma liberdade?—Queremos todas, e primeiro que tudo aquella, que as produz. Nenhuma liberdade! Queremos a maior; a que Deos creou

---

(*) Tirámos estas paginas de um dos melhores livros, que tem sido publicado em nossos dias—*A infallibilidade*, por M. Blanc de Saint-Bonnet.—1 vol. in 8.º em casa de Denter e Gaume. *Barrier.*

(1) Esta illusão é neste ponto o centro de nossos erros contemporaneos; praza ao céo, que a encontremos tão simples ainda, trinta annos depois, no liberalismo official! «Pensárão, que deixando a verdade e a mentira em lucta, aquella acabaria por vencer esta. Tinhão na nossa liberdade, accrescenta M. Thiers, uma confiança infelizmente bem alterada hoje!» (*Historia do consulado e do imperio. T. XVIII, p 270*). A verdade teria esse poder, se o homem fosse innocente...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

para o homem, a verdadeira liberdade, a faculdade de cumprir por si mesmo a sua lei, o poder de fazer bem: o que repellimos é a facilidade de por si mesmo violar a lei, o poder de fazer o mal, o orgulho, collocando o homem a cima de Deos! E' por que desprezamos uma liberdade pueril, que só veio ao mundo sobre as ruinas das liberdades positivas, adquiridas pelos povos christãos; é porque os insensatos nos encarão em uma revolução, que de todos os lados tende ao despotismo, e que portanto é preciso escapar a um captiveiro ou a uma barbaria sem limites, é por isso, digo, que reclamamos a liberdade real, essa liberdade dos filhos de Deos, que deu origem ao direito privado e publico dos povos, direito esse que por illusão e desvario tendes destruido! Com o bom senso, com a historia, pedimos a liberdade d'aquelles, que augmentão entre os homens a fé, os direitos, a justiça, a paz, a virtude, a caridade e o pão; com o bom senso e a historia repellimos a violencia, dos que diminuem a fé, os direitos, a justiça, a paz, a virtude, a caridade e o pão! Felizmente somos logicos e francos, quando partimos de um principio contrario a uma época, que só faz repetir uma palavra; quando sabemos, que a nossa liberdade é o poder angelico do bem, o instrumento do merito, e que, fóra do merito, ella expira! porque d'ahi se deduz a sociedade toda. Agora mostrai-nos vossos principios; esperamos vossos metaphysicos! De tão brilhantes talentos sahio por ventura alguma luz? Já agora soffreis a sorte dos espiritos litterarios. Para resistir a uma época, é preciso estar muito mais seguro....

As idéas puras hoje nos illudem; persistimos em interrogal-as, como ter-se-hia feito antes da queda. O homem cahio; em vão Rousseau invocava sua primeira natureza, em vão restabeleceria seus direitos innatos, e descobriria as prerogativas de um estado de innocencia: seus *a priori* já não existem. As idéas philosophicas nos enganão; a doutrina completa só pode sahir da igreja, as idéas politicas da experiencia. Eis porque tão poucos homens são aptos para governar, e porque a providencia nos concede, por successão, reis preparados por sua mão.... Crer na liberdade illimitada da imprensa, da consciencia e dos cultos, crer que se póde confiar a verdade, a justiça, á vontade dos povos, não é uma vã ignorancia, nem uma illusão ephemera, é o erro capital, é a illusão, que extirpará o christianismo. E' sobre o principio opposto, que está assentada a civilização. Se no momento, em que ella tem uma necessidade mais urgente de protecção, os seus primeiros defensores declarão, que não deve tel-a, tudo está perdido....

Não ha mais tradicção nem metaphysica, só se quer politica! Na fé existe um thesouro de luz, mas ninguem o abre. Só se encontrão espiritos litterarios. Em França as phrases são effectivamente muito claras; é o pensamento, que é obscuro, que está sempre no nada. Assim que a menor idéa se apresenta e se descobre inteiramente, clamão contra a exaggeração. Mas tirai a vossa dos limbos, reconheçamol-a em fim (2).

Não julgueis sustentar principios, só porque apresentais alguns. Os principios são como os ramos de uma arvore: se os tirais do tronco, morrerão, e mesmo o proprio tronco morrerá, se lhe offenderdes a raiz. Mostrai uma doutrina sob muitas theses recebidas dos tempos! Bem deveis sentir, que se ficarmos ao mesmo tempo sem doutrinas e sem obediencia, nada mais restará.... Honra ás pessoas, honra a todo pensamento magnanimo, a todo nobre intenção; mas desapparecerão as idéas particulares no perigo commum! O mundo a esta hora está na crise fatal, o futuro se decidirá amanhã. O liberalismo e o gallicanismo morrerão d'esta vez, ou a civilização não se levantará mais....

A igreja, repitamol-o, justamente assentada pela invasão d'esses erros entre os povos christãos, tem elevado sua voz. Na Encyclica de 1832, Sua Santidade Gregorio XVI, continuando, exclama: «Esses factos condemnão a insolencia d'aquelles, que, excitados pelo ardor de uma liberdade immoderada, trabalhão por abalar os direitos do poder, quando só trazem ao povo a escravidão sob a mascara da liberdade. E nenhuma felicidade devemos mais esperar para a religião e para os governos, quando ouvimos os votos d'aquelles, que desejão ver a igreja separada do estado, e romper-se a união entre o sacerdocio e o imperio. E' verdade, que essa união, que *foi sempre tão salutar aos interesses da sociedade religiosa e civil*, é temida por todos aquelles, que são partidistas de uma liberdade illimitada» (3).

Certamente, não se poderá negar, que, entre as prerogativas sagradas da igreja, uma das principaes é a de discernir o, que é necessario á sua defeza, util á sua conservação. Pois bem! tendo ella dado o seu parecer, é justo, é prudente, que sejamos de opinião contraria? Entendemos porventura melhor, que a igreja, dos seus primeiros interesses?

Infelizmente aquelles, que pretendem aconselhal-a, estão tão convictos de terem seguido o bom caminho, que até mesmo crecm ver a igreja affastar-se delle, affastar-se da estrada do futuro! Ella teria perdido sua bussola, 89 tel-a-hia achado, e o liberalismo se apressa em informar disso a igreja... Não conhece elle, que é quem se affasta e pensa, que é a igreja: assim o homem, levado por uma corrente rapida, vê a praia fugir-lhe...

Não, quaes quer que sejão as ameaças de um schisma, que involva as nações, a igreja, só por lisongeal-as, não as deixará cahir em uma mentira, em um abysmo, que as engulliria. E como entre aquelles, que amão a igreja, existe a maior boa fé possivel, entraremos no sentido das sublimes palavras, que seguem-se ao texto já citado. Considerem os principios os nossos amados filhos, *que o poder lhes não foi dado* somente para o governo da sociedade temporal, mas tambem, e sobretudo para *protecção* da igreja; e que alem disso tudo, quanto se faz em favor da igreja, interessa ao seu poder e ao seu repouso.

Fallando sobre o dever, que tem o Estado de proteger a verdade, raciocinamos, como se deve raciocinar na Europa, nesta parte do mundo superior ás outras pela verdade, e só pela verdade.

—Se o Estado deve proteger um culto, deverá a Prussia manter o lutheranismo, e a Inglaterra o anglicanismo?—Sem duvida, em quanto não seguirem a verdadeira fé! por quanto a sua civilização se prende necessariamente ao que lhes resta da verdade. Assim guardão-se de atacal-o officialmente, proclamando a indifferença. De mais, illustres publicistas fallárão ultimamente com justiça de uma civilização muito exaggerada; mas restaria ainda muito menos sem essa affeição tão nobre dos Estados protestantes ao culto official. Todos os corações bem formados lhes rendem, sobre este ponto, uma respeitosa

(2) Só se vive apparentemente. Nossas theses e nossos livros, pelo titulo, natureza e forma, parecem escriptos por negociantes: tudo de amostra, e nada na loja... A rethorica acabará de dar energia ás noções de fé, depois de ter extincto entre nós até a ultima idéa philosophica. Ella tem substituido a alma, morto o espirito, abolido a propria verdade, e dá agora o ultimo golpe na sociedade franceza. A litteratura é a mortalha do pensamento. A esta hora ella vai em decadencia e nos leva, como a um rebanho, para as portas da barbaria.

(3) A Encyclica, *Mirari*; idem, 1832.

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

homenagem. Certamente, a Prussia e a Inglaterra tem degenerado da verdade, porque uma louva-se antes em um homem, do que em Deos. A Prussia, porém, não desce além do lutheranismo, nem a Inglaterra além do anglicanismo; usando da tolerancia, esses dous Estados esforção-se o mais possivel por affastar o atheismo pratico, e sustentar o nivel de sua fé. E' sustentando-se no que julgão mais verdadeiro, que essas potencias se conservarão mais proximas do catholicismo, e não proclamando uma liberdade, que faria desmoronar o resto de seus dogmas. Além disso é das classes superiores, das intelligencias mais esclarecidas, e não das seitas mais obscuras, que parte toda conversão.—Mas, que tenho dito? protegerão os Estados dissidentes o seu culto! Para elles, primeiro que tudo, partindo todos do livre exame, não poderião, sem ir de encontro á logica e á sua these, fallar em proteger seu culto; o que fazem entretanto! Quanto a nós, porém, não pretendemos fallar senão da verdade....

A liberdade de consciencia e de cultos, com a qual se tem anniquilado a consciencia e o culto, não restabelecerá a fé. E' preciso certamente tolerar, mas tolerar as pessoas, e não todas as suas doutrinas! Convém sem duvida tolerar os erros, mas tambem confessar a verdade! Sim, convém tolerar, mas não animar, crear por si mesmo o falso por uma autorisação official de scepticismo. A revolução é, que reclama uma tolerancia illimitada para as doutrinas; quanto á sua tolerancia para com as pessoas, ella deu o exemplo em 94, para que seja necessario esperar seus novos effeitos.

O Estado, com effeito, não poderá por si mesmo ensinar, porém o pai de familias, se não ensina as humanidades e a philosophia a seus filhos, cuida, pelo menos, em que lhes sejão ensinadas. O Estado, emfim, não poderá mostrar-se mais exigente, mais impaciente que Deos, que tolera, que espera. Mas tolerancia nunca foi indifferença. Uma existe para a pessoa, a outra mata as almas. Confunde-se tudo; pretende-se fixar principios, sem mesmo ter-se idéas. Antes de tolerar o mal, comecemos por proclamar o bem, confessar a verdade, e protegel-a naquelles, que nol-a trazem. Um Estado não pode existir sem fé, pois que então a gendarmeria seria a base de seus principios, e só ella faria executar suas leis.

Admittimos a liberdade da consciencia, mas queremos o direito da verdade! A liberdade está certamente na consciencia, é um dom de Deos; mas está ali, para que a consciencia possa por si mesma obedecer á sua lei, e não repellil-a. Ter-se-hia a infamia de jogar com a palavra, e pretender, que a consciencia, que Deos fez livre para cumprir sua lei, é, pelo contrario, para desconhecel-a e regeital-a? Ainda uma vez, a liberdade dada ao homem para o merito, só vive e cresce no terreno do merito; fora delle, se subleva contra o homem, em vez de levantar-se por elle. Que digo? a um passo de distancia se abre um abysmo, onde ella desappareceria.

(B. de Saint-Bonnet.) *Ulysses.*

Carta

do ministro geral dos irmãos menores aos religiosos de sua ordem.

Fr. Bernardino de Monte Franco, ex-custodio da Terra-Santa, consultor da Sagrada Congregação dos bispos e regulares, ministro geral de toda a ordem dos irmãos menores, commissario, visitador, reformador apostolico.

A nossos charissimos filhos em Jesus Christo, os religiosos e as religiosas de toda a ordem seraphica, e a todas as outras, que, no universo inteiro, servem o Senhor sob nossa autoridade, saude e plena consolação no Espirito Santo.

Vimos annunciar-vos, charissimos irmãos e irmãs, uma noticia, que será para vossa piedade um grande assumpto de alegria e consolação. Queremos fallar dos gloriosos martyres de Christo, que, pelo fim do seculo dezeseis, levárão a fé catholica ás longinquas regiões do Japão, e que, depois de tel-a prégado a essas nações infieis, sellarão-na com o seu proprio sangue. São estes gloriosos martyres, que apraz ao Todo-Poderoso illustrar por novos titulos, e que a santa Igreja se dispõe neste momento a glorificar solemnemente, destinando-lhes na terra novas honras.

E' facil a cada um conhecer suas grandes acções, suas brilhantes virtudes, seu cruel martyrio, sua dolorosa crucificação, as honras, que o principe soberano dos pastores já lhes decretou, emfim todos os monumentos de suas virtudes, e essa aureola de gloria, com que resplandecem ao longe estes primeiros martyres do Japão.

Tudo acha-se já escripto e relatado, quer na sabia obra dos Bolandistas, á 5 de fevereiro, quer nos annaes dos irmãos menores, no anno de 1597, quer no primeiro appendice do terceiro livro da excellente obra de Benedicto XIV, sobre a canonização dos bemaventurados, quer emfim em varios outros autores ecclesiasticos.

Não cremos entretanto inutil o referir aqui nomes tão veneraveis, já inscriptos no livro da vida; julgamos mesmo, que isto bastará, pois que, segundo o testemunho de Santo Ambrosio, nomear os martyres é louval-os. «Os martyres, diz este santo doutor, são os principes da fé, e intercessores do mundo, os arautos do reino, os co-herdeiros de Deos.»

Eis pois quaes são os nossos martyres.

1.° O bemaventurado Pedro Baptista, da cidade de Santo Estevão, na diocese de Avila, em Hespanha, nascido de pais nobres, e autor de uma *Consulta moral*, e de varias cartas, sacerdote da primeira ordem de N. S. P. S. Francisco, commissario e chefe de seus companheiros martyres, idade pouco mais ou menos de 50 annos.

2.° O bemaventurado Martinho da Ascenção, outr'ora Martinho de Aguirre, nascido em Vargara, na Biscaya (Hespanha) de uma familia nobre, sacerdote da 1.ª ordem, idade de 30 annos.

3.° O bemaventurado Francisco Branco, de Monterego, na Galicia, diocese d'Aurense, na Hespanha, sacerdote da primeira ordem, tendo pouco mais ou menos 30 annos.

4.° O bemaventurado Filippe de Jesus, outr'ora Filippe de Casis, nascido de pais hespanhoes, na cidade do Mexico, clerigo acolyto da primeira ordem, idade de 33 annos.

5.° O bemaventurado Francisco de S. Miguel de Parilia, não longe de Valladolid, diocese de Valencia, na Hespanha, irmão leigo professo da primeira ordem, idade de 54 annos, pouco mais ou menos.

6.° O bemaventurado Gonçalo de Garcia, de Bazain, na India Oriental, nascido de pai portuguez e de mãi india, irmão leigo professo da primeira ordem, interprete e companheiro inseparavel do bemaventurado Pedro Baptista.

7.° O bemaventurado Pedro Suzuchi, natural de Oaris, no Japão, da terceira ordem do patriarcha seraphico, autor de diversos escriptos para instrucção dos neophytos, e interprete dos irmãos.

8.° O bemaventurado Francisco de Meaco, da terceira ordem, medico, autor de alguns tratados para a defeza da fé christã, e interprete dos irmãos, idade 46 annos.

9.° O bemaventurado Boa Ventura, Japonez, de Meaco, baptizado desde a infancia, da terceira ordem, e habitando com os nossos irmãos, occupado em servil-os.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

10.º O bemaventurado Thomaz Dauchi, outr'ora Xico, de Meaco, christão desde longos annos, da terceira ordem e interprete.

11.º O bemaventurado Leão Carasumanus, de Oaris, Japonez, nascido de pais nobres, christão ha sete para oito annos, da terceira ordem, primeiro interprete dos irmãos.

12.º O bemaventurado Joaquim Saccachibera, outr'ora Saquiye, d'Usaca, Japonez, enfermeiro, pertencente á terceira ordem.

13.º O bemaventurado Miguel Cozachi, do reino d'Ise, Japonez, da terceira ordem, vizinho e amigo dos irmãos.

14.º O bemaventurado Paulo Ibarchi, de Oaris, irmão germano do bemaventurado Leão, recentemente baptizado, interprete, pertencente á terceira ordem.

15.º O bemaventurado Cosme Tachegia, do reino de Oaris, nascido de pais distinctos por seu nome e por suas riquezas, baptizado igualmente desde pouco tempo, da terceira ordem, e interprete.

16.º João Chimoia, outr'ora Quizuya, Japonez, de Meaco, recentemente baptizado, vizinho dos irmãos, e pertencente á terceira ordem.

17.º O bemaventurado Gabriel de Duisco, do reino d'Ise, alumno dos irmãos, idade 19 annos, e pertencente á terceira ordem.

18.º O bemaventurado Thomaz Cozachi, Japonez, da terceira ordem, empregado junto dos irmãos como ajudador de missa, idade de 15 annos.

19.º O bemaventurado Antonio Nagazachunus, menino de 13 annos, nascido de mãi Japoneza, alumno dos irmãos, pertencente á terceira ordem, e servindo ao bemaventurado Pedro Baptista no santo sacrificio da missa.

20.º O bemaventurado Luiz Ibarchi, Japonez, de Oaris, sobrinho do bemaventurado Paulo Ibarchi, menino de 11 a 12 annos, e baptizado somente desde alguns mezes, alumno dos irmãos, da terceira ordem, e servindo aos padres no santo sacrificio da missa.

21.º O bemaventurado Mathias, de Meaco, Japonez, novo christão, da terceira ordem, substituindo a outro Mathias ausente.

22.º O bemaventurado Francisco Fahelente, carpinteiro, baptizado oito mezes anteriormente, e pertencente á terceira ordem, servindo aos irmãos em suas prisões, e companheiro delles no martyrio.

23.º O bemaventurado Pedro Suchegirus, outr'ora Suquexicus, de Meaco, terceiro, igualmente ao serviço dos irmãos retidos nos ferros, e honrado com elles na gloria do martyrio.

Todos, como vê-se, são da familia franciscana; e pertencem, cada um, segundo seu nome e seu titulo, á ordem dos irmãos menores. Foi a 5 de fevereiro de 1597, que estes vinte e tres gloriosos martyres, acompanhados de outros tres religiosos da companhia de Jesus, cheios de uma alegria celeste, alegria que se fazia particularmente notar no pequeno Luiz, em presença de uma multidão numerosa de fieis, forão amarrados a cruzes, e traspassados de lanças. Seu supplicio teve logar em Nagazaki, fóra dos muros.

Estavão separados uns dos outros, de tres a quatro passos, e tinhão o rosto voltado para a cidade.

Para satisfazer ao pedido dos portuguezes, não os sacrificárão no logar, em que se costumava executar aquelles, que erão condemnados á morte, mas sobre um oiteiro inclinado para o mar, formando uma planice bastante extensa para receber vinte e seis cruzes, e ao qual sobe-se por degrãos, como no monte do Calvario. Admiravel semelhança, que merecêrão ter os nossos martyres com Jesus Christo, principe e chefe de todos os martyres !....

O papa Urbano VIII, por decreto de 14 de Setembro de 1627, permittiu á ordem de S. Francisco fazer o officio destes bemaventurados martyres, e declarou, que se podia tratar a causa de sua canonização.

Clemente XII, por suas cartas apostolicas de 13 de Julho de 1739, concedeu uma indulgencia plenaria a todos os fieis, que, confessados e commungados, visitassem alguma das igrejas de nossa ordem a 5 de fevereiro, dia em que se celebra a festa dos martyres do Japão.

Ora, até hoje, não se fizerão novas tentativas para obter a canonização solemne desses gloriosos martyres. E' ao nosso seculo, que a bondade divina reservava esta graça: nestes tempos, em que vemos com dôr a caridade de varios resfriar-se, esperamos, que o poderoso exemplo de tantos santos de toda a idade, de todos os paizes e de toda a condicção, excitará os christãos de nosso seculo a calcar aos pés os bens frageis deste mundo, a ficar firmes na fé catholica, e carregar animosamente a cruz com Jesus Christo.

Rendamos a Deos solemnes acções de graças por tão grande beneficio, que não pode tardar em nos ser concedido. A causa, com effeito, está terminada, o Soberano Pontifice ja declarou, em presença do sacro collegio, que podia proceder-se a canonização.

Nada mais nos resta, senão recolher as quantias necessarias para satisfazer as despezas desta ceremonia. Em virtude de uma autoridade especial, que nos foi conferida pelo Soberano Pontifice a 26 de Agosto ultimo, ordenamos aos ministros provinciaes de toda a ordem seraphica, que encarreguem pessoas de confiança de recolherem as esmolas offerecidas pela piedade dos fieis. Estas offertas serão remettidas para Roma, o mais cedo possivel, e depositadas entre as mãos do syndico designado pelo Soberano Pontifice. Esperamos, que a canonização solemne poderá ter logar depois das festas de Pascoa....(*)

Quem não sentirá sua fé dispertar-se, sua esperança engrandecer-se, sua caridade dilatar-se, á vista dos admiraveis exemplos, que nos dão estes santos religiosos, que são nossos irmãos ? Quem não experimentará uma grande alegria em sua alma, e não se sentirá excitado a passar uma vida nova, contemplando a gloria adquirida na terra, a estes corajosos martyres do Japão, e sobre tudo a bemaventurança immortal, de que gozão no céo ? Ah ! meus irmãos e meus filhos mui amados, se a recompensa do céo vos convida a marchar sobre seus passos, guardemo-nos de nos deixar jamais abater pelas fadigas do combate.

E' o que nos esforçaremos de fazer, ajudados do soccorro da graça divina.

Rogai, emfim, meus irmãos, a Deos Todo-Poderoso e Misericordioso pela santa Igreja nossa mãi, pelo illustre e venerando Pontifice, que a governa tão felizmente no meio de tantas tempestades: rogai por todas as classes e condicções desta santa Igreja, e particularmente pelos religiosos e religiosas, que tanto teem que soffrer nestes tempos infelizes; rogai pelos reis e pelos principes christãos, afim de que elles não cessem de governar sabiamente a sociedade civil, e de proteger a santa Igreja; rogai pelos justos e pelos peccadores, por nossos amigos, e por aquelles que nos perseguem; rogai por todos, a fim de que todos obtenhão a salvação, e louvem a Deos durante a eternidade; rogai emfim pelo eminentissimo cardeal protector de nossa ordem, e tambem por nós, que conce-

(*) Acabamos de saber, que será no dia de Pentecostes de 1862.

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

demos a benção seraphica a todos os religiosos e religiosas sujeitas á nossa autoridade.

Roma, de nosso convento de Santa Maria d'Ara Cœli, 8 de Setembro de 1861.

Fr. Bernardino de Monte-franco, ministro geral.

L. † S. Por mandado de sua paternidade reverendissima.—*Fr. Antonio de Tibure*, pro-secretario da ordem.

CATALOGO

DOS

Exm.os e Rvm.os Snrs. Bispos do Maranhão.

FEITO POR

José Constantino Gomes de Castro,

Cavalleiro da Ordem de Christo, Conego Prebendado (e depois Arcediago) da Santa Igreja Cathedral do dito Bispado, Proto-Notario, e Juiz Apostolico de Sua Santidade, e Vigario Capitular canonicamente eleito, Sede vacante.

augmentado e reimpresso pelo P.e

RAYMUNDO ALVES DOS SANTOS,

Conego Prebendado da mesma Cathedral, Promotor Fiscal do Juizo Ecclesiastico, Lente de latim, e substituto das cadeiras de francez e canto-chão do Seminario episcopal.

(Continuado do n. 225.)

13.º

D. Marcos Antonio de Sousa, nascido de legitimo consorcio na cidade de S. Salvador da Bahia. Qual brilhante astro, desde seus primeiros annos deu provas do grande engenho, de que era dotado, em vista dos raros talentos, que mostrou.

Instruido sufficientemente, e com o maior desvelo da parte de seus virtuosos pais, nos conhecimentos, que fazem a educação e instrucção primaria, dedicou-se com tal afinco ao estudo da latinidade, que chegou a conhecel-a profundamente, a ponto de fallar e escrever tão perfeitamente, como os melhores classicos, que floresceêrão em Roma.

Estudou a philosofia racional e moral sob a direcção do distincto professor, doutor Silva Lisboa, que tão illustrado era, que mereceu o justo titulo de Patriarcha da litteratura.

Não menos brilhou no estudo da Rethorica e nas regras da oratoria, familiarizando-se por tal arte com os mestres Cicero e Quintiliano, que em breve tornou-se perito nessa sublime arte.

Assim mais frequentava com assiduidade o estudo da lingua grega, para ler na fonte original as obras de Homero, e applicou-se com o possivel cuidado ao estudo dos canones, da historia ecclesiastica e sagrada, da theologia moral e dogmatica, e ás mais disciplinas necessarias a um perfeito ecclesiastico.

Recebendo a sagrada ordem de presbytero aos 23 annos, pouco tempo depois foi instituido parocho collado na freguezia de N. S. da Victoria da cidade da Bahia, em cuja pia baptismal fôra elle mesmo regenerado pelas santas aguas do baptismo; e no exercicio deste emprego se houve, por tal maneira, incansavel no desempenho de suas funcções parochiaes, generoso e sincero para com todos no tracto publico e particular, que, sendo suas virtudes, não menos que suas lettras, applaudidas e admiradas, lhe grangeárão as sympathias de seus comprovincianos, que, entre muitos varões illustres, o elegêrão deputado ás cortes de Lisboa em 1820, tendo servido entretanto o lugar de secretario da presidencia em sua provincia.

Em Lisboa, collocado entre os sabios representantes da nação portugueza, defendeu com o maior zêlo os interesses da Igreja e do Estado, e combateu com todo o denodo os propugnadores da liberdade da Imprensa em materias dogmaticas e religiosas, sustentando com todas as forças o privilegio do fôro ecclesiastico, de que sem razão ja então querião privar os Clerigos, que delle estavão de posse desde Constantino o Grande.

Voltando ao Brasil foi novamente eleito deputado á Assemblea geral legislativa na côrte do Rio de Janeiro, em cujo seio demonstrou os vastos conhecimentos, que possuia, de economia politica, que havia bebido nas lições de Adam Smit, John Baptista Say, e outros sabios inglezes e francezes, em cujas linguas era assás versado; recebendo como uma prova de consideração do monarcha a commenda da ordem de Christo.

Foi por este tempo, que suas virtudes e suas lettras, apregoadas e conhecidas mesmo dentro do palacio do fundador do Imperio, levárão o Senhor D. Pedro 1.º a elegel-o Bispo do Maranhão por decreto de 12 de Outubro de 1826.

Confirmado pelo Papa Leão XII por lettras apostolicas de 25 de Junho de 1827, foi sagrado na capella imperial pelo Exm. e Rvm.º Sr. D. José Caetano da Silva Coutinho, Bispo Capellão-mór do Rio de Janeiro, no dia 28 de Outubro do mesmo anno.

Com quanto desejasse logo vir para o bispado, todavia não poude fazel-o, visto ter de concluir sua missão legislativa no parlamento; assim que, nomeou seu procurador e Governador do bispado ao conego José Constantino Gomes de Castro, que era então Vigario capitular, que tomou posse do Bispado no dia 19 de Março de 1828.

Extremamente caridoso, mandou logo liberalizar algumas quantias aos moços do Coro da Cathedral, ao Recolhimento de N. S. d'Annunciação e Remedios, e a doze orfãs ou viuvas pobres da freguezia da Victoria, e a outras tantas da da Conceição.

Estes actos de summa caridade não podião deixar d'abrir franca entrada ao Pastor no coração de suas ovelhas.

E com effeito, concluidos os trabalhos do parlamento e assistindo por esse tempo as exequias do SS. Padre Leão XII, nas quaes prégou em presença do monarcha, o Senhor D. Pedro 1.º em cuja occasião mostrou o muito talento e a sublime eloquencia, que possuia, patenteando o respeito e a gratidão, em que se achava para com o finado Pontifice, que o havia preconizado, encaminhou-se o Exm. e Rvm. Sr. D. Marcos para sua diocese, onde aportou no dia 11 de Março de 1830.

Recebido nos braços deste bom povo maranhense, foi conduzido ao seu palacio, onde recebeu as felicitações de seus filhos em Jesus Christo.

Encetou sua feliz administração, recommendando aos parochos o cumprimento dos deveres de seu ministerio, a firmeza da fé para resistirem aos ataques do leão rugidor, bem como exhortando a todos os fieis a pratica da

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

virtude, e a fuga do vicio por meio de cartas pastoraes, onde transluzia a pureza da doutrina evangelica.

Logo no mez d'Outubro desse anno encetou a visita do bispado, seguindo assim as prescripções do santo concilio tridentino, e percorreu grande parte das freguezias do interior; alquebrado porem dos annos e das molestias, commetteu a sacerdotes idoneos o cuidado de visitar as restantes.

Eleito membro da assemblea legislativa provincial, onde exerceu sempre o lugar de presidente, fez ahi ouvir sua eloquente voz, e por tal modo defendeu os direitos da Igreja, e dos respectivos ministros, que concorreu para se crearem diversas missões, com congrua sufficiente para os missionarios, no sentido de chamar para a Igreja e para a sociedade esses infelices errantes, que povoão nossas matas; assim como lez, que se elevassem as congruas dos parochos e dos ministros da Cathedral.

Sempre attento ao melhoramento e á instrucção do clero maranhense, determinou estabelecer o Seminario, que inaugurou na tarde de 17 d'Abril de 1838, recitando um brilhante discurso perante o Exm. Presidente da Provincia V. T. P. de F. Camargo, e muitas autoridades civis e ecclesiasticas; e fazendo ver no seio do parlamento, que da instrucção do clero depende a morigeração dos costumes dos povos, obteve a prestação annual de um conto de reis para a manutenção do mesmo seminario, bem como a creação das cadeiras de latim, philosophia e historia, rethorica e geografia, theologia moral e dogmatica, com gratificações para os lentes, pagas pelo thesouro; obtendo finalmente quantias para reparos d'algumas igrejas arruinadas.

Summamente caridoso sahia muitas vezes, acompanhado de seu mestre de ceremonias, e com mão generosa distribuia esmola aos pobres, e enchugava dest'arte as lagrimas aos infelices.

Innumeras vezes, tocando os sinos da Cathedral para levar-se o sagrado Viatico á noite aos enfermos, apresentava-se o Exm. Pastor, levava o Cordeiro immaculado para consolação ao moribundo, e não se retirava sem deixar uma esmola ao necessitado; alem de muitos outros soccorros, que enviava do fundo de sua residencia.

Luctando desde tempos com uma grave enfermidade, e vendo approximar-se-lhe o dia supremo, reconciliou-se com o Sacramento da Penitencia, e recebeu depois o Santissimo Viatico com a contricção e piedade de um Sacerdote.

«Deitado no leito de dores (diz o orador sagrado no dia de suas exequias) ali mesmo se recorda dos pobres e indigentes, pelos quaes manda repartir, ainda em sua vida, a quantia de cinco mil cruzados em prata do valor antigo; o seu palacio, que n'outros dias se via frequentado de muitos pobres, foi então, que se vio cheio de indigentes, que ali corrião para receber as avultadas esmolas, que tão caritativo Prelado lhes mandava liberalizar, uns para matarem a sua fome, outros para cobrirem sua nudez, e todos em altas vozes bem dizião a mão generosa de tão santo Pastor.

«Depois de feitas outras pias disposições pecuniarias a favor da Fabrica da Igreja Cathedral e do Seminario, a quem deixou sua grande livraria, e quatro contos de reis, pede, lhe administrem o Sacramento da Extrema-Unção, e lhe rezem o officio da agonia, que elle mesmo vai recitando com os Sacerdotes, que de continuo lhe assistião. Assim preparado e disposto para a morte, elle a espera de momento a momento; mas em quanto não chega, elle se occupa em dirigir ao Senhor esta muitas vezes repetida supplica:—Sangue de Jesus Christo, salvai-me—Ah! Que amorosos colloquios dirige para a Imagem do glorioso S. José, collocada em um altar defronte de seu leito, para que o amparasse na ultima hora com o seu efficaz patrocinio!»

Terminou emfim sua carreira neste mundo aos 29 de Novembro de 1842, pela uma hora da tarde com setenta e um annos de idade.

Sua morte foi chorada pelo Clero em geral, que o amava, e que era por elle muito amado, por todos os maranhenses, que sabião apreciar as virtudes e a piedade do illustre Prelado, e ainda mais pelas viuvas, orfãos e pobres, que nelle havião perdido um Pai solicito.

Feitas as honras devidas á sua elevada jerarchia no paço episcopal, foi seu cadaver levado em procissão á Cathedral, onde foi sepultado no presbyterio (*). Sobre sua sepultura lê-se o epitaphio seguinte:

AQUI JAZ

D. MARCOS ANTONIO DE SOUZA;

XIII BISPO DO MARANHÃO,

Commendador da Ordem de Christo,

E Dignatario da da Rosa.

Nascêo em São Salvador da Bahia,

AOS 10 DE FEVEREIRO DE 1771,

Foi Vigario da Victoria na sua Patria;

Deputado ás cortes de Lisboa em 1820,

E ás do Rio de Janeiro até 1828;

SAGRADO BISPO

EM 28 DE OUTUBRO DE 1827;

Fallecêo em 29 de Novembro de 1842.

Solicitus Pastor fuit; Ac Seminarium
Urbis Instituit Magnis Opibus, ære suo.

COMMUNICADO.

—Eu faltaria a um dos meus mais sagrados deveres, se deixasse de dar ao meu rebanho um publico testemunho do meu agradecimento pela confiança, que em mim deposita, e particularmente pela maneira, com que se prestou com seus donativos, para a reconstrucção á pedra e cal do frontispicio da Igreja Matriz da Freguezia, que a Providencia, sem que eu tivesse merecimentos, quiz confiar de minha solicitude e cuidado Pastoral.

A Igreja de S. João Baptista de Cururupú, a pezar de ser bem edificada de madeira, haverá dezenove ou vinte

(*) *Em falta de outros documentos, donde tirassemos uma noticia historica deste Prelado, copiámos o que nos pareceu conveniente, para formarmos este pequeno artigo, da oração funebre, recitada em suas exequias.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

annos, a custa dos fieis, achava-se, e ainda se acha, em estado de ruina, o seu frontespicio estava ja adesabar, e não era sem receio, que os fieis concorrião para os actos religiosos; e tamanha era a ruina, que a qualquer pedaço de reboque, que cahia, vinha logo a ideia do desmoronamento do frontespicio, que estava ja todo tombado para o lado da torre, em que estavão os sinos: o susto e o terror se apoderavão dos, que se achavão reunidos, e até mesmo quazi, que ja ninguem queria entrar no Templo pela porta principal.

Não podia eu, Sr. Redactor, olhar sem grande dor para essas ruinas, porque entendo, que o Parocho deve ser o primeiro a cuidar no aceio da casa do Deos, do Qual é ministro, alem de que pela decencia do Templo se pode com segurança ajuizar do zelo do Parocho. Mas como remediar? Lançava minhas vistas para todas as partes, e nada achava, que pudesse obviar tantos males. Que fazer, senão recorrer á piedade? Resolvi-me pois a pedir dinheiro para os reparos. Pedi, e fui pedindo, té que depois de luctar com muitas contrariedades, que apparecem a quem pede, e muito principalmente a quem pede dinheiro, sempre consegui obter algumas quantias, que juntas ao producto dos leilões, que se fizerão em duas festividades do Glorioso Martyr Padroeiro desta Freguezia, e que, por serem com economia empregadas, chegárão para se levantar todo o frontespicio, que era a parte, que requeria mais prompto reparo, e mais um pedaço da parede do corpo da Igreja, que faz amarração com o mesmo frontespicio, ficando por esta forma o côro da Igreja ja firmado sobre paredes de pedra.

Releva aqui notar, Sr. Redactor, que sendo esta Igreja edificada, como ja disse, cerca de vinte annos, o cofre da Provincia ainda não concorreo, se quer, com um seitil para a sua conservação; somente na legislatura do anno proximo passado é que forão consignados dous contos de reis para reparos desta Matriz, e que não sei, se terão o mesmo destino, que tiverão os tres contos de reis, que forão votados para uma ponte sobre o rio, em cuja margem está edificada esta nascente e importante Villa de Cururupú. Entretanto, agora os fieis acabão de lhe dar novas esmolas para se ir reconstruindo de pedra e cal. O Governo da Provincia deve ter isto em grande consideração, fazendo reconstruir de pedra e cal a sua capella-mór, onde tambem ja se divisa a mão do tempo a destruir. Acha-se portanto esta Igreja com um bello e elegante frontespicio, levantado sobre solidas bases de pedra e cal. Não deixarei tambem em silencio, Sr. Redactor, o importante serviço e grande coodjuvação, que prestou, durante todo o tempo, que me empreguei neste trabalho, o meu illustre amigo o Sr. Coronel Antonio Joaquim de Faria Lisboa, que a nada se poupou, e sempre satisfeito concorreo, alem da quantia, com que subscreveo, com serviços de seus escravos para tão util quam religioso fim: receba elle o meu eterno agradecimento. Abaixo encontrarão os leitores o, que produzio a subscripção, que promovi entre os meus parochianos, e o que até aqui tenho gasto com a obra da Igreja.

Sirva-se, Sr. Redactor, de dar publicidade no seu interessante Jornal a estas linhas, pelo que mui obrigará o seu constante leitor

Padre Manoel Altino Barbosa.

Cururupú 29 de Março de 1862.

Lista das pessoas, que se dignárão subscrever para os reparos da Igreja Matriz de S. João Baptista de Cururupú.

Padre Manoel Altino Barbosa 100$000.

Coronel Antonio Joaquim de Faria Lisboa 200$000.

Major Antonio Manoel de Carvalho e Oliveira 120$000.

Francisco de Carvalhal Silveira Bittencourt 100$000.

Capitão Joaquim José Alvares d'Amorim e D. Marianna d'Almeida e Silva com 50$000 cada um.

Coronel Antonio Joaquim Braga, João Pereira de Carvalho e José da Rocha Prado, com 25$000 cada um.

O mesmo deu mais um escravo, que trabalhou seis dias.

Capitão Manoel Francisco da Cunha, e Tenente João Francisco da Cruz, com 20$000 cada um.

Dr. Lasaro José Pires Lima e Tenente Coronel Antonio José de Carvalho Pires Lima, com 10$000 cada um, e *ambos derão mais dois escravos para trabalharem 6 dias.*

Antonio Joaquim d'Almeida, Capitão Simplicio Francisco Pinto, Major Antonio José Pires de Lima, Major Francisco José da Cruz, Major Manoel Joaquim Mafra, Alferes José Clarindo da Fonseca, Capitão José Maria Alves de Oliveira, Estacio Manoel de Faria, Capitão Antonio Joaquim de Faria, Tenente Antonio Justino da Motta, Manoel Caetano de Mello, com 10$000 cada um.

Tenente Clementino Antonio Marinho de Azevedo, Alferes Manoel Lourenço Ferreira, Alferes Antonio Joaquim da Costa Piedade e Capitão Victorino José Dias Braga, com 6$000 cada um.

Tenente João Manoel de Mello, Capitão João Marcellino da Silveira, Alferes José de Abreu Vilella, Antonio José Barbosa de Oliveira, Manoel Antonio Gomes Ribeiro, Alferes Manoel de Mesquita Teixeira, Capitão Raymundo Pereira dos Reis Carvalho, Tenente José Antonio Fernandes da Motta, Francisco José de Almeida, Germano José Lisboa, Alferes Manoel Antonio de Araujo, Alferes Avelino Antunes Ribeiro, Joaquim Gonçalves Castelhano, Antonio Ignacio Carneiro, João Rodrigues Picanço, João Custodio do Nascimento, Joaquim Antonio Abreu, José Guilherme Chaves e Laurianno José Damaceno Mafra, com 5$000 cada um.

Alferes Francisco José d'Azevedo e Silva 4$000.

Francisco d'Almeida e Silva e Manoel da Silva Gatinho com 3$000 cada um.

Alferes José Antonio de Simas, José Francisco Negalho e José da Costa Netto, com 1$000 cada um.

O Capitão Joaquim da Silva Reis deu mais dous escravos pedreiros, que trabalhárão por alguns dias.

O Major Francisco José Bellem deu dous pedreiros, que trabalhárão vinte dias.

O Capitão Justino Candido Vieira deu um escravo, que trabalhou vinte dias.

O Sr. Manoel José Martins da Cunha deu um escravo, que trabalhou durante quasi todo o tempo da obra.

Producto dos dous Leilões, que se fizerão nos annos de 1859 e 1860—412$320.

Somma—1:389$320.

A despeza feita com a obra da Igreja até o presente, importa em 1:385$400.

O Padre Manoel Altino Barbosa.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

VARIEDADES.

Doação.—O Santo Padre enviou a somma de 6,000 florins para as victimas da innundação do Danubio, e tambem deu outra consideravel para os povos de Lyon. Tal é o uso, que Sua Santidade faz do dinheiro de S. Pedro.

—

Presente.—O rei da Baviera Maximiliano II enviou ao Santo Padre dois quadros magnificos pintados sobre o vidro, um representa o Apostolo S. Pedro, o outro o Apostolo S. Paulo. O desenho, o colorido e a expressão das côres são admiraveis; é uma obra de artistas distinctos d'Allemanha, que seguem a escola de Cornelio e de Overbek, na pintura religiosa, essa grandeza sublime, que levárão á Italia B. Angelique, Perugin e o celebre Rafael. Esses dois quadros fazem lembrar as grandes pinturas sobre o vidro, que se vem nas Cathedraes gothicas da Italia, França e Allemanha.

—

Convite.—O Santo Padre mandou convidar ao escultor Meli, artista distincto, que acaba de esculpir duas obras admiraveis em marmore, e que tem por isso obtido uma reputação admiravel: uma é um Crucifixo, e a outra é a Mãe de Pompêo, fugindo no meio da noite com seu filho nos braços, no momento em que o Vesuvio parecia sepultar esta cidade. Meli apresentou-se no Vaticano, e foi á presença de Sua Santidade: Vós tendes, disse-lhe o Papa, um bello Crucifixo de marmore, que acabaes de esculpir: é uma obra que eu desejaria muito possuil-a. O artista respondeu: eu farei traser immediatamente a Vossa Santidade. Eu quero saber primeiro, quanto é seu preço. Então Meli disse-lhe: eu fico satisfeito, que Vossa Santidade me dê a honra de acceitar esta obra de meu cinzél. Isso não, sei, que pedis 320 escudos. E' com effeito o preço que peço, mas a honra de offerecer ao meu soberano é de maior valor. Pio IX disse-lhe: eu vou elevar o preço do Crucifixo a 350 escudos, já que sois tão generoso comigo, e além de tudo isso acceitae esta medalha como uma lembrança: eu sinto não poder recompensar-vos melhor; e se nós estivessemos em tempos mais felizes, eu collocaria no Vaticano a outra obra! Meli ficou admirado do tanto acolhimento, e partio d'audiencia com uma grande emoção. A medalha é de ouro, e seu valor é de 60 escudos.

(*Extr.*)

NOTICIAS DIVERSAS.

Lê-se na correspondencia do Maranhão para o *Jornal do Commercio*, da corte, de 22 de Março findo, o seguinte:

«Ao rigor da quarentena, estabelecida como medida preventiva contra o cholera, esteve tambem sujeito o nosso digno bispo, D. Luiz da Conceição Saraiva, que neste vapor viera da Bahia tomar conta da diocese.

«Demorando-se na Ponta d'Arêa por cinco dias, hontem desembarcou nesta capital, ante um numeroso concurso de povo, recebendo todas as honras civis e religiosas, que lhe competião. Passou a residir no largo do Carmo, em uma casa particular, alugada pelo Estado para semelhante fim, a qual todavia está muito longe da cathegoria elevada de um palacio episcopal.

«Posto que principie agora o governo do Sr. D. Luiz, comtudo, em face dos precedentes recommendaveis e distinctos, que tem este sacerdote, já o clero e a diocese muito delle esperão, e devem esperar. Felizmente na actualidade reina a santa paz na igreja maranhense; o conego Costa Leite, vigario geral, e posteriormente governador do bispado, homem recto, sisudo e energico, entrega a administração extreme de difficuldades e abusos.»

—

Idem na Revista Diaria do *Diario de Pernambuco*, de 7 d'Abril:

«Não ha memoria de ter sido bispo algum recebido com a pompa, apparato e brilhantismo, com que o foi o Exm. e Rvm. Sr. D. Luiz; tudo devido ao Exm. Sr. conselheiro Campos Mello, e muito principalmente ao Rvm. vigario geral e governador do bispado, o conego Luiz Raymundo da Costa Leite, que foi incansavel, despendendo até do seu bolso, para todo esse brilhantismo. E mais durante os cinco dias, que S. Exc. Rvm. esteve no lazareto da Ponta da Arêa, o mesmo Rvm. governador do bispado, lautamente banquetou, á sua custa, ao Exm. bispo. O conego governador do bispado é a todos os respeitos um homem e um sacerdote digno de todos os elogios e consideração, pelo seu caracter sisudo e honesto, franco, leal e prestimoso: e se S. Exc. Rvm. o ouvir sempre nos negocios da diocese, podemos affiançar, que marchará sempre bem: não dizemos isto, porque S. Exc. não tenha sobejas habilitações para bem por si governar, mas porque está em uma provincia, cujo clero não conhece, nem as necessidades de sua igreja.

«S. Exc. Rvm. pareceu-nos um prelado respeitavel, serio e affavel no seu modo de tratar: pareceu-nos um pastor zeloso pelo bem de suas ovelhas, d'essas mansas ovelhas confiadas aos seus cuidados e extremos; pareceu-nos, que só elle poderá mitigar as saudades pungentes, que lhes deixou o Exm. Rvm. Sr. arcebispo.»

ANNUNCIOS.

Rogamos aos Srs. assignantes, que ainda devem suas subscripções atrazadas, que se dignem de saldal-as o mais breve possivel.

O kalendario ecclesiastico

OU

A FOLHINHA LATINA

Para o anno corrente, acha-se á venda nesta typographia; e em Caxias em mão dos Revm.os Srs. Conego Arcipreste Antonio Julião Soares, e Vigario Raymundo João Alvares Duarte.

Preço..... 1$000

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000 — por anno — Imp. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1862.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 232.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXM.º E RVM.º SNR.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇAÕ SARAIVA,

BISPO DO MARANHAÕ.

SEXTA-FEIRA 23 DE MAIO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

EXTERIOR.

Allocução pronunciada pelo S. Padre na igreja da Minerva.

Nada de certo podia ser mais agradavel ao meu coração do que a ceremonia, da qual todos somos testemunhas, e que augmenta o numero dos servos de Deos e dos Santos, que, multiplicando-se, não cessão de interceder por nós, e nos obtêem *desideratam propitiationis abundantiam*, a abundancia da misericordia necessaria para obter a conversão dos extraviados e dos apostatas, abundancia de misericordia necessaria para sustentar com firmeza e resignação a guerra e os soffrimentos, e para assistir em seguida ao triumpho da paz. Sim, é consolador para nós pensar, que na solemnidade, que temos proximamente de celebrar, estaremos cercados de almas escolhidas, do collegio dos cardeaes e dos bispos, nossos irmãos. Será um bello espectaculo ver o pastor supremo rodeado dos seus pastores, que têem unanimemente sustentado os direitos desta Santa Sé, e têem alliviado pelas suas consoladoras palavras a nossa profunda dor.

E' a proposito mencionar aqui uma carta, que recebemos, ha apenas quarenta e oito horas, de uma grande cidade da Italia, ou para melhor dizer, da capital da Lombardia. Esta carta foi dirigida por um ecclesiastico, que se intitula conego, que nella diz assim:—«Tomai muita «cautella, que na proxima reunião dos bispos em Roma «se não declare como dogma de fé o poder temporal.» Se esse pobre sacerdote, a que nós antes queriamos chamar bom sacerdote, estivesse aqui presente, quereriamos dizer-lhe, como o dizemos a vós, que o estaes: Estai certo, que a Santa Sé não sustenta como dógma de fé o poder temporal, mas declara, que o poder temporal é necessario e indispensavel, emquanto durar esta ordem estabelecida pela Providencia, para sustentar a independencia do poder espiritual. Quereriamos dizer-lhe: Contemplai-vos nos santissimos martyres, que não têem receio de dar, e que derão o seu sangue e a sua vida pela defeza da igreja. Quereriamos dizer-lhe: Visto que tendes tanta pressa em manifestar os vossos receios, a ponto de que os viestes pôr debaixo dos olhos do vigario de Jesus Christo, ouvi a sua voz, que vos prescreve, e ao capitulo, de que fazeis parte, ouvir o vosso pastor immediato, e pôr em pratica não só as suas ordens, mas ainda os seus conselhos: se vós e vossos collegas não obedeceis, vós e elles sereis miseravelmente perdidos. Quereriamos dizer-lhe: Recommendai-vos aos santissimos martyres, que tudo, perdêrão para não perderem Deos.

D'um reino, que nos é vizinho, recebemos escriptos assignados por alguns ecclesiasticos, em que nos dirigem a insinuação hypocrita de renunciar ao poder temporal, que para elles, ou para melhor dizer, para aquelles, que os aconselhão, é muito incommodo, e põe obstaculos á consummação dos seus designios anti-christãos e anti-sociaes. Ao mesmo tempo, porém, recebemos cartas assignadas tambem por ecclesiasticos, nas quaes se observa uma respeitosa affeição por esta Santa Sé. Resulta destas cartas, que esse governo, ou os seus representantes ou emissarios, envião fórmulas impressas, que temos visto e lido, persuadindo alguns miseraveis sacerdotes ou clerigos a que as assignem, com o duplicado fim de fazer acreditar, que o clero sustenta o absurdo principio da incompatibilidade do poder espiritual com o poder temporal, e de separar o clero inferior dos seus proprios bispos, cuja admiravel concordia, nestes momentos, faz o espanto do mundo inteiro.

Os bons ecclesiasticos, que nos escrevem, pedem-nos, que não demos fé ás aberrações desse pequeno numero de individuos extraviados, alguns dos quaes forão sorprehendidos e outros induzidos por médo, a dar a sua assignatura. Esteja a Santa Sé persuadida, accrescentão esses bons sacerdotes, que as suas convicções são taes, que não admittem duvida alguma sobre a necessidade do poder temporal. Convidão-nos, por conseguinte, a perdoar aos cegos, que não sabem o que fazem; e nós accrescentamos, que esses cegos, guiados tambem por outros cegos, cahirão nesse abysmo, de onde é quasi impossivel tornar a sahir.

Procuremos, da nossa parte, que os manejos, tendentes a separar os pastores do rebanho, não sigão o seu fim; que os santos martyres nol-o obtenhão do Senhor, e que elle nos conceda, por sua intercessão, poder sustentar com coragem e com fôrça os futuros combates. Digne-se a Santissima Virgem, aos poderosos auxilios da qual devemos ficar sãos e salvos até este mo-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

mento, continuar-nos a sua protecção, e inspirar-nos uma perfeita resignação á divina vontade, para que, do mesmo modo que ella pronunciou o «Fiat» esperado pelas gerações humanas: *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum*, possamos da mesma maneira, animados por ella, dizer tambem ao Senhor: *Ecce servi tui, fiat nobis secundum voluntatem tuam.*

Depois disto só nos resta pedir ao Senhor, que queira fazer descer sobre nós todos a sua benção; desça ella sobre a companhia, que produzio tantos heroes para o céo, e tantos defensores para a igreja, e dê-lhe a força para manter a observancia regular, os preceitos exemplares da vida, apezar de tantas luctas. Que essa benção dê intelligencia ao nosso pobre espirito, e communique força a este pobre braço! Que essa benção allivie e proteja todos os, que trabalhão para sustentar a náo da Igreja açoutada pelas ondas, para as suas vozes não serem cobertas pelo ruido da tempestade, que se desencadeou! Que essa benção sirva, em ultimo logar, para reanimar todos os bons e converter os máos.

Carta circular dirigida pela Congregação do concilio a todos os Bispos do mundo catholico, convidando a assistirem á canonização solemne, que ha de ter lugar em Roma no dia de Pentecostes.

Senhor.

Não me podia ser ordenada cousa alguma mais agradavel do que annunciar á vossa grandeza, que S. Santidade resolveu convocar, para o mez de Maio proximo, dous consistorios semi-publicos, e que depois destes consistorios terá lugar no dia de Pentecostes a canonização solemne dos 23 bemaventurados martyres do Japão, da ordem franciscana dos Menores da observancia, isto é, do bemaventurado Pedro Baptista e seus companheiros, e do bemaventurado Miguel de Sanctis, confessor da ordem da Santissima Trindade para o resgate dos captivos.

S. Santidade, seguindo o exemplo de seus predecessores, teria desejado fazer vir por sua autoridade a Roma os bispos da Italia, afim de ouvir seus pareceres em um negocio de tão grande importancia, e afim de augmentar pelas presenças delles o esplendor dessas solemnidades; mas considerando as calamidades, que ferem a maior parte da Italia, e não permittem a todos os pastores separar-se de seus rebanhos, acreditou dever por esta vez apartar-se do uso estabelecido.

Por isso o soberano Pontifice dignou-se ordenar-me, que enviasse esta carta não somente aos bispos da Italia, senão ainda a todos os do mundo catholico, para dar-lhes a feliz noticia de commissão, e ao mesmo tempo declarar-lhes, que aquelles d'entre os que, ou na Italia ou em outra parte acreditassem poder fazer a viagem de Roma sem prejuizo para suas ovelhas, e sem nenhum outro inconveniente particular, para assistirem aos consistorios e á canonização solemne, farião uma cousa agradavel a S. Santidade.

Finalmente, que esta viagem a Roma, se puder effectuar-se, servirá, segundo as intenções de S. Santidade, como se fosse emprehendida para cumprir a obrigação da visita *sacrorum liminum.*

Annuncio á vossa grandeza tudo isto por ordem de S. Santidade, e aproveito a occasião para exprimir á vossa grandeza os meus mais profundos sentimentos de respeito, desejando-lhe todas as prosperidades divinas.

Roma 18 de Janeiro de 1862.

Assignado: *Cardeal Caterini*, Prefeito da Congregação do Concilio.

CATALOGO

DOS

Exm.os e Rvm.os Snrs. Bispos do Maranhão.

FEITO POR

José Constantino Gomes de Castro,

Cavalleiro da Ordem de Christo, Conego Prebendado (e depois Arcediago) da Santa Igreja Cathedral do dito Bispado, Proto-Notario, e Juiz Apostolico de Sua Santidade, e Vigario Capitular canonicamente eleito, Sede vacante.

augmentado e reimpresso pelo P.e

RAYMUNDO ALVES DOS SANTOS,

Conego Prebendado da mesma Cathedral, Promotor Fiscal do Juizo Ecclesiastico, Lente de latim, e substituto das cadeiras de francez e canto-chão do Seminario episcopal.

(Continuado do n. 231.)

14.º

I.

D. Fr. Carlos de S. José e Sousa, natural do Recife, em Pernambuco, filho legitimo de Carlos José de Sousa e Marianna Machado Freire, Irmão do Exm. Sr. Bispo de Chrysopolis.

Nada poupando seus pais na puericia para preparar-lhe a natureza e dirigir-lhe a indole, conseguirão, que, o joven Carlos se compenetrasse da altura do sacerdocio, e se preparasse para assumir tão grande honra.

De facto, em 4 de Dezembro de 1797 recebeu o habito carmelita, e um anno depois professava a regra da Ordem, que por predilecção tinha abraçado.

Amante das lettras, e não se contentando com a instrucção, que se dava em seu convento, frequentou as aulas do Seminario Episcopal de Olinda, onde se mostrou tão robusto de intelligencia e tão applicado aos estudos, que foi encomiado pelos seus mais abalisados mestres. A sua docilidade e amabilidade naturaes prendião a sympathia dos, que o conhecião, que se admiravão da cópia de conhecimentos, que possuia em tão pouca idade.

Escolhido para leccionar em seu convento philosophia e theologia, fazia gosto ouvil-o com voz doce e insinuativa descortinar os altos mysterios dessas sciencias, infiltrando no animo do discipulo a verdade da doutrina, que explicava; e tal era a nitidez de seu fallar, que faceis parecião as mais complicadas questões psychologicas, depois que se o ouvia.

Então as Ordens Regulares ainda não tinhão soffrido tantos botes da inveja, e nos seus claustros se diffundia a instrucção; e a mocidade, avida de porvir e de saber, corria pressurosa a ouvir o philosopho carmelitano, que espargia flores na cadeira magistral.

Assim apreciado por estranhos, não o foi menos por seus companheiros de habito, entre os quaes foi eleito mestre de noviços, secretario, definidor, e por duas vezes provincial. Sabendo conciliar o mando com a obediencia, o imperio com a submissão, portou-se nesses diversos empregos como superior e como igual, e mais de uma vez como pai bondadoso.

A sua palavra, porém, não era só imponente na cadeira philosophica, porque da tribuna sagrada costumava tambem arrebatar os fieis christãos na explicação do texto do Evangelho.

Ainda se lembrão seus contemporaneos da mysticidade e unção de seus sermões quaresmaes, em que sabia tão bem casar a colera de um Deos justiceiro com a bondade de um Pai misericordioso; e ainda se não esquecêrão de seus arroubos, quando tecia o panegyrico de sua excelsa padroeira—a Virgem do Carmello, em cuja occasião, nadando-lhe os olhos em lagrimas, com a voz

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

tremula e o corpo agitado pelo enthusiasmo, enchia de firme crença ao seu auditorio, que se extasiava com a narração das sublimes qualidades da Mãi de Deos e dos homens.

Então era a sua linguagem, de ordinario, pausada e macia, fluida, fervida e brilhante, o seu accento imponente, o seu todo insinuante.

Corre a fama de seu alto saber e de sua virtude, e o Arcebispo de Nisibi, Nuncio Apostolico do Summo Pontifice na côrte brasileira, informado de que Frei Carlos era um dos caracteres mais proeminentes da Ordem Carmelitana de Pernambuco, o escolheu por Breve de 6 de Novembro de 1809 para o honroso cargo de Visitador Geral d'aquella Ordem.

A sua intelligencia e inteireza no desempenho deste arduo emprego ainda mais saliente tornárão o quilate de seu merecimento, e tanto que, por diversas vezes mereceu elogios d'aquelle Arcebispo, que não era prodigo em tecel-os.

Tendo assim em sua ordem attingido ás maiores dignidades, principiou a ser considerado fóra do claustro, e é o que constitue a segunda phase de sua vida.

II

Achando-se a diocese de Pernambuco sem o seu Pastor, que tinha ido ao Rio de Janeiro, forão escolhidos tres ecclesiasticos para regel-a, e um dos tres foi o illustre Frei Carlos. Já então—em 1832—era bem conhecido e apreciado o seu merito, e por isso foi, pouco depois de ser entregue o rebanho á seu legitimo guarda, nomeado pelo governo provincial director do collegio dos orphãos da cidade de Olinda.

Sendo-lhe assim confiadas infelizes creanças, para quem a sorte tinha sido madrasta, arrancando um ou ambos os progenitores, constituio-se Fr. Carlos um verdadeiro pai para elles, dispensando-lhes disvellos e caricias, que pudessem mitigar-lhes a dôr da orphandade. Lastimando-os pela sua infelicidade, que não estava em suas mãos o remediar, elle se esforçava em tornar-lhes a vida menos amargosa, e em robustecer-lhes o animo com a fé, de que Deos é o protector e o amparo de todos os, que soffrem.

Teve, porem, de largar a direcção dos pobres orphãos, para lêr na cadeira de philosophia do lyceo do Recife, para o que foi chamado em 1841 pelo mesmo governo, assumindo logo depois a directoria deste estabelecimento de instrucção publica.

Se a sciencia ganhou com este facto, se a mocidade estudiosa se alegrou por ouvir suas succulentas prelecções, os orphãos perdêrão, e perdêrão muito, porque alem de um paj perdêrão um mestre, e um mestre christão.

Por diversas vezes chamado para examinador synodal, mostrou, quão versado era na sagrada theologia, pelo que erão suas decisões ouvidas com respeito, e consultadas sempre com proveito.

Depois de tantos e tão relevantes serviços prestados a Deos e á patria, foi encarregado pelo governo imperial de apascentar o rebanho de Maranhão no dia 13 de Maio de 1843, o que foi confirmado pela Santa Sé em 24 de Janeiro de 1844.

No dia 2 de Junho do mesmo anno, grande e luzido era o concurso das pessoas, que se reunião na espaçosa Igreja dos Carmelitas do Recife, para assistir a um acto solemne e dos mais augustos de nossa religião—a sagração de um Bispo. Soando a hora, apresenta-se um varão illustre por sua instrucção e suas virtudes, verdadeiro Ungido do Senhor—para receber o annel do Pescador e o Baculo do Pastor. E o nosso Bispo Diocesano, o Exm. Sr. D. João da Purificação Marques Perdigão, sendo assistido pelo Exm. Bispo resignatario de Olinda, D. Thomaz de Noronha, e pelo Rvm. Provincial do Convento do Carmo, Fr. João de Santa Isabel Pavão, lhe confere a alta jurisdicção, sagrando-o Bispo do Maranhão.

Foi um dia de prazer e de jubilo para a Igreja, para os christãos, e principalmente para os carmelistas, que vião sahir de seu gremio mais um apostolo; mas a alegria era mesclada pela saudade de sua partida para o Maranhão, aonde fez D. Frei Carlos a sua entrada episcopal em 28 do mesmo mez e anno.

Foi, porém, sua estada n'aquella provincia de curta duração; porque no fim de tres annos, gastos em acurados trabalhos a bem das ovelhas de seu aprisco, foi forçado a voltar á provincia natal para curar-se de graves padecimentos chronicos, de que foi assaltado. Conseguindo licença imperial, veio morrer em seu Pernambuco, por que era chegado o termo de sua peregrinação. Sua morte foi retrato perfeito de toda sua vida, porque rodeado de carmelitas, e invocando o auxilio da Virgem de Elias, rendeu a alma ao Creador no dia 3 de Abril de 1850, contando 73 annos de idade, pouco mais ou menos, 47 dos quaes passou no claustro, e seis no episcopado.

Em suas disposições testamentarias deixou ao Seminario de sua diocese toda sua livraria e tres contos de reis para patrimonio do mesmo.

Nota-se uma coincidencia em sua vida em relação á capella-mór da Igreja do Carmo desta cidade, pois foi onde tomou o habito, onde professou a regra da Ordem, onde cantou missa, onde se sagrou Bispo, onde conferiu as sagradas ordens de presbytero a um esperançoso carmelita, muito seu affeiçoado, de nome Fr. João da Encarnação, onde se lhe fizerão as ultimas exequias, sendo orador funebre o Rvm. Padre Frei João da Assumpção Moura, e onde finalmente se acha inhumado no lado do Evangelho.

Censura-se, porem, que sua familia importante e abastada, e que delle herdou não pouco, não tenha mandado elevar um mausoléo em sua memoria, ou sequer, pôr uma pequena pedra em sua sepultura, para que todos conheção o lugar, onde repousão as cinzas de um tão importante personagem: o nome de D. Frei Carlos ennobrece uma provincia, quanto mais uma familia.

Outro tanto não se dá com os religiosos carmelitas, que dão a seu modo provas, de que ainda delle não se esquecêrão; porque entoão todos os annos no dia 16 de Julho, dia da festa de Nossa Senhora do Carmo, um *Memento* solemne ao descanço de sua alma: justiça lhes seja feita. (*)

Poder temporal do Papa.

Pelo Exm. Sr. Conselheiro Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque.

Quando *os impios revolucionarios*, acoroçoados por um governo inimigo figadal do catholicismo, empunhão as armas para despojar, d'aqui por diante, os pontifices romanos do poder temporal, que por mais de dez seculos subsiste; quando a imprensa *impia e revolucionaria* applaude, com o maior despejo, a mais escandalosa usurpação dos direitos da Igreja, na pessoa de Pio IX, e leva a insolencia a contestar a compatibilidade do poder temporal com o espiritual; poderes estes, que por mais de

(*) *Em falta d'outros apontamentos a respeito deste Prelado transcrevemos este artigo do* Jornal do Recife, *fazendo-lhe apenas uma pequena alteração.*

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

dez seculos hão sido exercidos pelos soberanos pontifices, em proveito da christandade, releva, que os catholicos *sinceros* conheção, que a Igreja não só tem direito ao poder temporal, como sociedade visivel, e em razão da magestade suprema do seu divino Fundador, senão tambem, que os papas o adquirirão por uma serie de actos heroicos e de beneficios; e que a Igreja, infallivel em suas decisões, tem não só declarado compativeis os dous poderes, como reconhecido a utilidade da sua conservação nos Vigarios de Christo.

E' certo, que a Igreja é uma sociedade visivel, que necessita de bens temporaes e independencia para o exercicio do poder espiritual. E' pois mister, que ella possua bens, que não estejão sujeitos ao imperio dos principes leigos, e que *aquelle*, a quem foi confiado o governo das consciencias, não seja subdito de ninguem. Logo, a Igreja tem direito a um Estado e uma soberania. Negar-lh'o seria o mesmo que negar-lhe o direito de subsistir como sociedade visivel.

E' tambem certo, que a Jesus Christo foi dado todo o poder no céo e na terra. Logo o Papa, Vigario de Christo, não devia ser perpetuamente subdito de alguem, por não convir a sua sujeição á magestade suprema d'Aquelle, cujo vigario é, e que é o Rei eterno da creação.

E' tambem certo finalmente, que o homem ficou sujeito á lei dos sentidos; e que o Papa, se não unisse ao poder espiritual a magestade do poder temporal, cedo deixaria de ser respeitado e obedecido, se Deos, para manter a sua autoridade e salvar a Igreja, não empregasse os meios extraordinarios e sobrenaturaes. Mas os milagres não são o meio, de que Deos se serve ordinariamente para o governo do mundo. Logo a Igreja, que foi fundada e se dilatou por meios sobrenaturaes, tinha de se manter pelos ordinarios, que a Providencia applica ao governo de todas as cousas. E se as sociedades puramente humanas se conservão pela sua soberania e independencia, o mesmo devia succeder com a Igreja, que, sendo uma sociedade de origem divina, não deixa de ser uma sociedade humana.

Que Deos dispôz as cousas, para que a Igreja se assemelhasse ás outras sociedades, possuindo como ellas um poder temporal, os factos o provão com exuberancia.

O estabelecimento da soberania temporal da Santa Sé não foi subito: operou-se lentamente por um concurso de circumstancias, independentes todas da vontade dos Pontifices. Por isso, diz mui acertadamente o conde de Maistre, *que os Pontifices se tornárão soberanos sem o saberem, ou antes contra a sua vontade.*

Que a soberania temporal dos Papas é justificada em si mesma, como a lei divina, *justificata in semetipsa*, os factos historicos o dizem.

Capitulemos esses factos.

Todo o mundo sabe, qual foi depois do IV seculo o triste estado do imperio romano, sobre tudo no occidente; que as irrupções continuas dos babaros roubárão ao imperio successivamente as suas mais bellas provincias, e expuzerão seus infelizes habitantes ás mais horriveis calamidades; que as invasões multiplicarão-se de modo, que, antes de findar o seculo V, o imperio já estava quasi extincto no occidente; e que até Roma, sujeita primeiramente ao dominio dos Herulos, e depois ao dos Ostrogodos, parecia perdida de todo para o imperio. Verdade é, que no reinado de Justiniano as conquistas de Belisario e Narsês restabelecêrão por alguns annos a gloria do imperio na Italia. Mas com a invasão dos Lombardos, que occupárão a Italia superior, uma monarchia se fundou, que durou mais de dous seculos, e foi um manancial perenne de males para as provincias da Italia, que ainda erão sujeitas á dominação imperial.

No meio de tantas calamidades, que se renovavão incessantemente, aquellas malfadadas provincias estavão quasi de todo destituidas dos soccorros dos imperadores, que mal se podião suster no Oriente. Além disto, alguns imperadores, esquecidos dos exemplos dos seus predecessores, que mais se illustrárão por sua piedade e dedicação á Igreja e á Santa Sé, parecião trabalhar de industria para a ruina do seu poder na Italia, já protegendo ás escancaras a heresia, já opprimindo os povos em castigo da sua adhesão á Santa Sé e á fé catholica.

Em taes conjuncturas a Italia deveu mais de uma vez á prudencia e liberalidade dos Papas a minoração ou cessação dos males, que lhe causava a infausta vizinhança dos barbaros.

A protecção, pois, dos Papas aos desvalidos italianos só devia tornal-os cada vez mais affeiçoados á Santa Sé: e a urgencia dos perigos não podia deixar de obrigar os Papas a se entremetterem no governo temporal; intervenção esta tanto mais legitima, quanto era a consequencia natural das circumstancias. Os mesmos autores menos devotados á Santa Sé, ou seus inimigos, reconhecem, que forão as circumstancias a causa principal do poder temporal dos Papas desde o seculo V, e sobre tudo depois do estabelecimento da monarchia dos Lombardos em 572.—Por mais extenso porém, que nessa época fosse o poder temporal da Santa Sé, o que ha certo, é, que os Papas o exercião com dependencia do imperador, e como seus representantes na Italia; e quer obrassem como senhores temporaes nos patrimonios da Santa Sé, quer no interesse geral, reconhecêrão sempre a soberania do Imperador.

Ainda que a historia não nos faça conhecer a data nem a origem precisa do poder temporal da Santa Sé durante o 5.º seculo, todavia a sua existencia nessa época é inquestionavel.

De feito, nessa época o herege Celestio foi banido da Italia por ordem do papa Celestino, e os manicheus por ordens dos papas Gelasio e Simaco. Mas, como no V seculo se professava a doutrina da distincção e independencia reciproca dos *dous poderes*, é de crer, que então o poder temporal da Santa Sé fosse concessão dos imperadores, interessados na affeição dos papas, por força das circumstancias e bem do imperio.

Depois da fundação, porém, da moparchia dos Lombardos ainda mais necessaria se tornou ás provincias da Italia, sujeitas á dominação imperial, a autoridade dos pontifices, attento o desamparo, em que ellas se achavão pela fraqueza progressiva do Imperio.

S. Gregorio, cujo pontificado coincide com os primeiros tempos da monarchia dos Lombardos, andava tão cuidadoso e occupado dos negocios temporaes (para os quaes

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tinha a maior repugnancia) que elle mesmo duvidava, se fazia o officio de *pastor* ou de *senhor* temporal. Tal era o atropello das incursões dos Lombardos, que o vemos constantemente empregado nas funcções de senhor temporal, e quasi soberano, administrando e defendendo as cidades mais expostas ás correrias do inimigo. Envia a Nepi um *governador*, ordenando ao povo, que lhe obedeça como ao soberano pontifice. Manda a Napoles o tribuno *Constancio* para commandar as tropas desta cidade ameaçada pelos inimigos do imperio. Excita e reanima a vigilancia e o zelo dos bispos quanto á defeza das cidades, guarda das muralhas, e provisão das praças fortes. Dá ordens sobre o mesmo assumpto aos *officiaes* militares; trata elle mesmo da *paz* com os Lombardos, e facilita o bom exito das negociações, já com suas liberalidades, já com suas instancias com os exarchas, os imperadores e os mesmos Lombardos. Em summa, a autoridade de S. Gregorio, respeitada dos principes e dos povos, dos romanos e dos barbaros, é como o centro do governo e de todos os negocios publicos da Italia. Mas em tudo o sabio pontifice portava-se com tanto desinteresse, que a sua autoridade não servia senão de manter e fazer respeitar a do imperador, pois elle dizia, que em tudo o, que era concernente á ordem temporal, não fazia senão seguir as instrucções e ordens do imperador.

Os successores deste grande e santo papa o igualárão no desinteresse como no poder. As mesmas circumstancias obrigarão-os a tomarem uma parte bem activa no governo temporal da Italia, e o fizerão com tanta moderação e prudencia, que mostravão não ter outro fim, senão sustentar e consolidar a autoridade do imperador. Ainda que tivessem delle os maiores motivos de queixa, nunca deixárão de empregar o seu valimento e os seus thesouros em defeza do imperio, em beneficio de Roma, e sobretudo em proveito da Italia, para livral-a do furor dos barbaros.

Tão relevantes erão os serviços, que os papas prestavão aos imperadores, que estes, em vez de terem ciumes da autoridade daquelles, mantinhão com elles as mais pacificas relações. Este accordo, porem, foi perturbado pelo aferro pertinaz de alguns á heresia, que os arrastou, principalmente no seculo VIII, a commetterem imprudencias, enviando á Italia, e á mesma Roma, magistrados mal intencionados, e até hereges, que segundo as leis vigentes não podião occupar nenhum emprego civil.

Com esta conducta dos imperadores, e não podendo a Italia haver delles os soccorros, que lhe erão necessarios, nada mais natural que affeiçoar-se cada vez mais á Santa Sé, e mostrar-se disposta a defendel-a, até com as armas, contra as vexações dos imperadores e dos seus officiaes. De feito, quando o imperador Justiniano II quiz mandar vir prêso a Constantinopla o papa *Sergio*, que recusava confirmar as actas do concilio *quinisexto* (assim chamado, porque devia servir de supplemento ao quinto e sexto concilios geraes) a milicia da Italia oppoz-se á execução do projecto, e teria commettido os ultimos excessos, se não a contivera o pontifice, que sob sua protecção tomou os emissarios imperiaes. Do mesmo modo foi defendido em 701 *Joaõ* VI, successor de Sergio, contra o exarcha, sobre quem pesavão suspeitas de querer praticar a mesma violencia. Sob o pontificado de *Constantino*, em 713, os romanos sublevarão-se contra o imperador Philipico, sectario da heresia dos monothelitas, que mandára a Roma o duque Pedro, afim de tomar conta do governo desta cidade. O povo o recusou, e o quiz repellir á força armada; e se o não fez, foi por obediencia á ordem do papa.

Pelo anno de 726, occupando a cadeira pontificia o papa Gregorio II, e o throno de Constantinopla o imperador Leão, que protegia a heresia dos iconoclastas, toda a Italia, irritada com as tyrannias do imperador, teria escolhido outro, se não se lhe oppuzesse o papa, que esperava a conversão do principe; mas, em despeito da autoridade do exarcha, os povos da Italia nomeárão por toda a parte os seus *duques*, para assim proverem a sua liberdade e a do papa.

Do pontificado de Gregorio II data, pois, a grande revolução, que devia terminar na independencia do poder temporal do papa, desligando-o inteiramente dos imperadores do Oriente.

Os Lombardos aproveitarão-se das desordens occasionadas na Italia pela imprudencia do imperador, para se apoderarem do exarchado de Ravenna, sob o pretexto de o subtrahirem á dominação de um principe heretico. Mas o papa escreveu ao duque de Veneza, para que com o seu auxilio a cidade de Revenna fosse restituida ao imperio e á obediencia do imperador.

Quando, pois, a heresia armada do poder imperial esforça-se por introduzir-se na Italia, e a Italia parecia não a poder repellir, senão rebellando-se contra o seu soberano, o papa Gregorio II cumpria dous deveres, que então parecião incompativeis. Como cabeça intrepido da Igreja oppoz-se constantemente á execução de um edicto imperial contrario á pratica do christianismo: fez quanto pôde para demover o imperador do seu impio designio, fortificou os povos na resolução de repellirem ordens, á que não podião obedecer, sem trahirem a sua religião; mas ao mesmo tempo, como fiel subdito do principe, manteve-se, e manteve os povos n'uma justa obediencia, não obstante os negros tramas do principe contra a sua vida.

Morto o segundo Gregorio, succede-lhe o terceiro. Este reunio em Roma um concilio, que declarou excommungados todos os, que condemnassem o culto das imagens.

Esse acto, que não era propriamente offensivo da autoridade imperial, assanhou por tal forma o imperador, que, desprezando o *requerimento*, em que lhe pedião, que restabelecesse o culto das imagens, aparelhou uma esquadra para a Italia, com o fim de entregar ao saque não só Roma como outras cidades orthodoxas; e ordenou ao almirante, que prendesse o papa, e o trouxesse de pés e mãos amarradas. Um furioso temporal desbaratou essa esquadra perto de Ravenna. Com este revez ainda mais se enfureceu o imperador, que passou a commetter novos excessos, sobrecarregando de impostos os povos da Italia, e mandou *sequestrar* na Sicilia e Calabria os *patrimonios* da Santa Sé. Tão descommunal proceder servio de enfraquecer mais os laços, que prendião a Italia ao impe-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

rio, e apressar a extincção do poder imperial no Occidente.

Roma continuava a soffrer dos Lombardos os maiores vexames. Então Gregorio III manda a Carlos Martello uma *embaixada*, para lhe offerecer, em seu nome e dos senhores romanos, a dignidade de *consul*, com tanto que lhes assegurasse a sua protecção.—Carlos recebeu com agrado a embaixada, e parecia disposto a passar á Italia; mas a morte o levou pouco depois da partida dos embaixadores. A morte de Leão e a de Gregorio III, que se derão no mesmo anno (741) suspendêrão as negociações entaboladas com a França.

Com a conducta moderada do papa Zacharias melhorárão um pouco os negocios do imperio na Italia. Subindo ao pontificado, desvelou-se em pacificar e obter a restituição das cidades e territorios do exarchado, que os Lombardos havião tomado, o que alcançou. Porque o rei Lombardo, movido das supplicas e admoestações de Zacharias, restituio-lhe primeiro quatro cidades do ducado de Roma, e depois as cidades e territorios do exarchado; sendo para notar, que essas restituições se fizerão á Santa Sé e á republica romana, e não ao imperador. Todavia este, em signal de sua plena satisfação pelo procedimento do papa, accrescentou aos patrimonios da Igreja dous consideraveis predios, em provincias da Italia, ainda dependentes do Imperio.

Não obstante a concordia entre o papa e o imperador Constantino *Copronymo*, successor de Leão, a autoridade imperial decrescia de dia em dia na Italia por effeito das repetidas avanias dos Lombardos, e da impossibilidade, em que se achava o imperador de a soccorrer.

(*Continúa.*)

Pariz 22 de Março de 1862.

CORRESPONDENCIA DO DIARIO DO RECIFE.

.....

—A discussão do voto *de graça* no corpo legislativo e no senado tem estado calorosa. Discursos brilhantes hão sido proferidos, dignos de outras eras, tanto a respeito da questão romana, como da suppressão da sociedade de S. Vicente de Paulo.

Sobre esta distinguirão-se o barão Dupin e o visconde Lemercier: o primeiro no senado e o segundo no corpo legislativo. E sobre aquella, em favor do poder temporal do Papa, Mr. Royer, Mr. Keller e o ministro Billault: o primeiro no senado, o segundo no corpo legislativo, e o ultimo em ambas as camaras, e contra esse poder, o principe Napoleão no senado, e Mr. Jules Favre no corpo legislativo.

Entretanto, a maioria em ambas as camaras mostrou-se sempre favoravel á boa causa, protestando por meio de denegações e interrupções contra a doutrina e allegações, que lhe erão contrarias.

Assim, o corpo legislativo, que na sessão de 11 do corrente ouvira com muita attenção o brilhante discurso de Mr. Jules Favre, em quanto este procurou unicamente fazer sobresahir os perigos e inconvenientes do *statu quo*, e mostrar a impossibilidade de conciliar na Italia dous principios, que lhe parecião inconciliaveis, accolhera-o com *rumor e exclamações*, quando, exigindo a evacuação de Roma pelas tropas francezas, disse, que permanecer em Roma era substituir o estrangeiro, que a França havia expellido da Italia.

Denegações energicas se fizerão ouvir, quando elle declarou, que Francisco II, refugiado em Roma, se estabelecêra alli como pretendente, e enviava bandos de salteadores ao territorio napolitano, pagos com os subsidios da Santa Sé: *reclamações numerosas* quando exprobrou ao general de Goyon o fazer visitas ao rei de Napoles; *ruido, interrupções*, quando, com a historia e com o evangelho, procurou demonstrar, que o poder temporal não é necessario ao exercicio do poder espiritual: *denegações estrondosas*, quando asseguron, que a Italia só seria independente no dia, em que Roma lhe pertencesse; *interrupções* quando fallou na ordem, que reina actualmente na Italia.

De sorte que o pensamento do corpo legislativo parece ser este: manter a occupação franceza em Roma, e não abandonar aquella cidade em nenhuma hypothese ao Piemonte.

Este mesmo é o pensamento do senado e até do proprio governo, segundo o expuzerão naquella casa Mr. de Royer, relator da commissão da resposta á falla do throno, e Mr. Billault ministro sem pasta.

Este ministro, referindo-se ao discurso revolucionario, pronunciado pelo principe Napoleão, que fez grande impressão na casa, porque todos pensavão, que exprimia a opinião pessoal do imperador, declarou, que ninguem estava autorisado a fallar em nome do governo senão elle, e passou depois a combater as doutrinas da revolução.

«Evacuar Roma, disse elle, nas circumstancias actuaes seria mentir a nossos principios, a nossas tradições, a nosso passado; seria abaixar a bandeira da França diante das eventualidades revolucionarias.»

Definindo a posição da França elle disse:

«Eis-nos em presença do Santo Padre, ou antes em presença do seu governo temporal e de uma potencia empenhada tambem pela palavra de seu rei, pela de seus ministros, pelas deliberações de suas assembleas, a obter que Roma venha a ser a capital do novo imperio. Que fazer entre estas duas contradicções? Deveremos escolher uma reacção violenta, que conforme ao pedido da Santa Sé a restabeleça pela força na integridade de suas possessões, ou a evacuação de Roma, o que deixaria a proximos acontecimentos a tarefa de resolver a questão, destruindo o throno do Santo Padre e perturbando profundamente a catholicidade? Não; nenhuma destas soluções pode ser acceita.»

A expressão fiel das intenções do imperador é ainda hoje a, que fôra em o anno proximo passado:

«O Papa pode aguardar em Roma com toda a segurança e em toda a liberdade o resultado de uma crise, que não é menos dolorosa para o imperador que para S. Santidade. Fora das estipulações de Villa-franca e de Zurich, S. Magestade não tem tomado nenhum compromisso, e é em um congresso, que elle poderá dar nova prova de suas boas disposições para com a Santa Sé».

No corpo legislativo o ministro foi igualmente explicito, e reforçou todas as suas declarações lendo uma carta dirigida pelo imperador ao rei Victor Emmanuel por occasião do seu reconhecimento do reino da Italia.

«Um governo, diz esta carta, é sempre ligado por seus antecedentes. Anda por onze annos, que eu sustento em Roma o poder do Santo Padre, e apezar do meu desejo de não occupar militarmente uma parte do solo italiano, as circumstancias tem sido sempre taes, que não me ha sido possivel evacuar Roma..... Devo por tanto declarar a Vossa Magestade, que reconhecendo o novo reino de Italia, conservarei minhas tropas em Roma, em quanto ella não estiver reconciliada com o Papa, e emquanto o

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Santo Padre fôr ameaçado de vêr os estados, que lhe restão, invadidos por uma força qualquer, regular ou irregular»....

O ministro fez vêr ainda mais, que a permanencia das tropas francezas em Roma, em sustentação do governo do Papa, não só é uma garantia para a tranquillidade das consciencias catholicas, senão até para a sustentação do proprio reino da Italia, por quanto, uma vez senhores de Roma, os italianos atacarião Veneza, e se verião assim a braços com a Austria, com cujo exercito não se poderião bater vantajosamente; por bem que os Piemontezes sejão bravos, seus soldados estão muito inchados depois das ultimas annexações, e a inchação não é a força.

Roma.

S. Santidade passou dous dias de cama. Em consequencia de um longo passeio, que fizera a pé, irritou-se-lhe a ferida, que tem na perna, mas felizmente depois do necessario descanso ficou completamente restabelecido.

No dia 10 do corrente (Março) todos os cardeaes, e mais pessoas da côrte do Papa, o corpo diplomatico, a nobreza romana, muitos cidadãos distinctos e estrangeiros assistirão á primeira recepção solemne do embaixador de França.

O palacio da embaixada havia sido magnificamente decorado pelos cuidados do marquez de la Valette.

O general de Goyon recebendo em despedida os officiaes francezes, que partião para seus differentes postos, repetio-lhes, que sua missão era garantir contra toda invasão o territorio pontificio actual, e repellir pela força quaesquer bandos ou partidos, que nelle tentassem penetrar.

Mr. de la Valette recebendo os officiaes pontificios lhes fez tambem declarações analogas.

Disto resulta, que os revolucionarios não entrarão na cidade eterna, e que Roma ficará para sempre o patrimonio dos successores de Pedro.

Tão grande é a convicção de Pio IX a este respeito, que ainda ultimamente disse, em uma occasião solemne: «Os Piemontezes não virão a Roma, ainda mesmo que possão vir».

A policia pontificia prendeu um membro da commissão revolucionaria; era um padeiro fabricante de macarronis.

Achou-se-lhe em casa uma imprensa clandestina, contendo ainda a composição de uma proclamação da commissão com uma folha humida, que devia reproduzil-a. Foi igualmente encontrada nesta casa a lista completa de todos os adeptos de Roma com notas sobre o merecimento de cada um. Finalmente, dentro de um segredo forão ainda achados os archivos de uma policia minuciosa, activa e incessante, exercida a respeito daquelles, que não são contados no numero dos irmãos e amigos.

Varios individuos suspeitos estão já presos, sendo comprehendidas no processo instaurado umas 17 pessoas, todas sem notoriedade.

Os revolucionarios de todos os paizes clamárão enthusiasmados, ha dous annos, que o poder temporal do Papa tinha tocado a sua ultima hora, entretanto, altos juizos de Deos! este poder subsiste ainda, e elles vão cahindo como espigas aos golpes do ceifador.

O non possumus do Santo Padre Pio IX tem resistido a todas as tempestades, suscitadas pelo espirito das trevas contra a cadeira de S. Pedro, tão grande é ainda a influencia do poder do direito contra o da força!

Demais, se o vento soprado do inferno conseguir apagar o candieiro, que arde sobre a montanha, não seria o mundo sepultado para sempre nas trevas contra o designio daquelle, que o creou a principio por meio da luz material, e que depois o regenerou por meio da luz da verdade?

Quem crê em Deos e no seu Christo, pode affligir-se com a nova perseguição feita á Igreja na pessoa do seu chefe, mas, nada receia, por quanto sabe, que um braço omnipotente a defende e sustenta.

Idem 7 de Abril.

Depois da descoberta dos archivos revolucionarios tem-se feito algumas prisões, e a cidade apresenta-se mais tranquilla, e a população mais socegada. De sorte que nem mesmo o anniversario de Garibaldi foi festejado.

Mr. de la Valete, embaixador da França em Roma, deixou esta cidade, e voltou a Paris a chamado do imperador. Este incidente diplomatico produzio alguma sensação, e uns o explicão de um modo, e outros de outro, conforme seus pensamentos particulares, mas parece-me, que o governo francez comprehendeu, que devia retirar de Roma o seu ministro, cuja conducta não estava de harmonia com as declarações feitas recentemente pelo mesmo governo em nome do imperador, a respeito da questão romana em presença das camaras do parlamento, por occasião da discussão do voto de graças.

Alem dessa retirada do ministro, um outro facto se deu, que mostra, que a declaração feita em nome do imperador é sincera.

As tropas francezas occupárão ultimamente todas as fronteiras pontificias, e deste modo os piemontezes ficárão impedidos de fazer mais incursões naquelle territorio, achando-se a população romana assim garantida em sua propriedade e socego.

A 25 do mez passado, dia da Annunciação de N. Senhora, o Santo Padre dirigio-se á igreja de Santa Maria *sopra Minerva*, e depois de assistir ao officio celebrado pelo cardeal desse titulo, passou á sachristia, onde foi lido em sua presença o decreto de canonização de tres religiosos da companhia de Jesus, os bemaventurados Paulo Miki, João Soan, e Thiago Kisai, todos martyrizados no Japão, e pertencentes á familia de S. Ignacio.

Em resposta ás palavras de agradecimento, que lhe dirigio o reverendo padre Bechx por occasião do decreto, que ordena esta canonização, o Santo Padre pronunciou uma longa e tocante allocução, que impressionou sensivelmente a todos, ja pela declaração, que ella contém sobre o poder temporal da Santa Sé, ja pelo caracter officioso, e de alguma sorte intimo, que ella dá á proxima reunião dos bispos em Roma, ja pelos conselhos que dirige a essa porção do clero italiano, felizmente pouco consideravel, que se não tem mostrado na altura da provação, pela qual vai passando a Igreja.

Vmc. sabe, que alguns governos receiando, que o San-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

to Padre, vendo reunidos em Roma os bispos catholicos do mundo inteiro, se désse pressa em fazer proclamar como dogma de fé o poder temporal da Santa Sé, prohibirão aos respectivos bispos de deixarem as suas dioceses; entretanto o Santo Padre acaba de confundir esses governos, mostrando-lhes, quam injustos forão na apreciação de seus sentimentos.

De accordo com todos os catholicos esclarecidos, o Santo Padre proclamou solemnemente, que o poder temporal não é um dogma de fé, e não se limitando a essa simples declaração, passou depois a precisar o seu objecto, o seu alcance e seu fim:

«O poder temporal, accrescentou S. Santidade, é necessario e indispensavel, para sustentar a independencia do poder espiritual, em quanto durar esta ordem de cousas estabelecida pela providencia.

Como vmc. vê, o Santo Padre não só não affirma, que o poder temporal seja um dogma, senão como até não affirma sua eterna duração. S. Santidade diz somente, que este poder é necessario e indispensavel, em quanto durar essa ordem de cousas estabelecida pela Providencia. Por tanto, tão necessario é elle hoje, como hontem. Por tanto aquelles, que querem-no destruir, procurão atacar o que a Providencia sabiamente tem estabelecido, e se mostrão assim, que não são impios, ao menos pode dizer-se, que são insensatos.

Tanto ao sahir do Vaticano como ao voltar a elle o Santo Padre foi acolhido pelas acclamações enthusiasticas de uma multidão innumeravel, postada em todas as ruas, pelas quaes passou o cortejo.

E' assim, que a população romana responde ás declamações de seus detractores.

Nada podendo conseguir contra a Santa Sé, o governo do Piemonte procura suscitar-lhe novos embaraços, urdindo contra ella novas intrigas. Para isto tem lançado mão de todos os meios, inclusive a publicação de brochuras e de falsos documentos.

Relativamente á brochura e documentos recentemente publicados com o nome do padre Isaia, nos quaes se dizem cousas, que, a serem verdadeiras, comprometterião o cardeal Antonelli, o *Jornal de Roma* de 20 do passado escreve, estar autorisado a declarar ser falso tudo, quanto nelles se lê a este respeito, quer quanto ao objecto, quer quanto á intenção; pois o cardeal nunca recebêra nenhuma communicação do padre Isaia, com o qual nunca entretivera relações, nem do advogado Aguglia, que vira poucas vezes, e com o qual só fallára de negocios relativos á ordem Constantiniana, accrescendo estarem as intenções do padre em inteira opposição com os actos officiaes da Santa Sé, e com as opiniões e sentimentos expressos constantemente pelo cardeal ás pessoas, que com elle tratavão.

O abbade Doellinger, sabio professor da Universidade de Munich, tambem foi calumniado, para ser apresentado ao mundo como inimigo do poder temporal da Santa Sé, e não podendo soffrer silencioso, que assim se especule com o seu nome, publicou o seguinte protesto, que, por não ser muito longo, aqui transcrevo:

«A *Gazeta Universal* reproduzia, ha algum tempo, debaixo da data de Turim 14 de fevereiro, uma nota, na qual se diz, que o governo piemontez fazia traduzir para uso do publico italiano a minha recente obra: *Kirch und Kirchen*, e isto para seus fins.

«Desde então eu soube, que um certo abbade Isaia, outr'ora secretario do cardeal d'Andrea, traduzira alguns capitulos de meu livro, tendo o cuidado de omittir tudo o, que não concorda com as tendencias de Turim, e ajuntando-lhe uma collecção de cartas escriptas pela maior parte por Cavour e Passaglia.

«Como na situação, em que se acha o Piemonte, não é possivel recorrer aos tribunaes desse paiz, só me resta protestar contra as mutilações voluntarias e arranjamentos, que se fizerão em meu livro com o fim de fornecer as tendencias piemontezas.

«Rogo aos redactores das folhas italianas, que não estão ao serviço do partido hoje senhor do poder, dignem-se de dar publicidade ao presente protesto, e prevenir seus leitores, de que é sem razão alguma, que o livro em questão é publicado com o meu nome.»

Uma causa, que procura sustentar-se por taes meios, é certamente uma causa condemnada.

NOTICIA LOCAL.

—Na manhã de 24 de Março ultimo foi o Rd.º Sr. Luiz Marianno de Barros canonicamente instituido e collado parocho da freguezia de N. Senhora da Conceição da cidade de Vianna, nesta provincia e bispado, pelo Rm.º Sr. Conego Mestre Escola, vigario geral do Bispado, por commissão de S. Exc. Rm.ª

O Sr. Padre Barros é um dos jovens, que tem feito seu curso completo d'estudos theologicos no nosso Seminario, onde sempre se distinguio; e logo após de sua ordenação *in sacris* foi encarregado da freguezia do Coroatá, e depois, da de S. José de Penalva, retirando-se de ambas espontaneamente e muito estimado dos respectivos parochianos. Sirvão-nos estes antecedentes para augurar-lhe uma vida feliz, e verdadeiramente evangelica, entre suas novas ovelhas, assim como para felicital-as pela acquisição de tão bom pastor para suas almas.

ANNUNCIOS.

Rogamos aos Srs. assignantes, que ainda devem suas subscripções atrazadas, que se dignem de saldal-as o mais breve possivel.

O kalendario ecclesiastico

OU

A FOLHINHA LATINA

Para o anno corrente, acha-se á venda nesta typographia; e em Caxias em mão dos Revm.os Srs. Conego Arcipreste Antonio Julião Soares, e Vigario Raymundo João Alvares Duarte.

Preço..... 1$000

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1862.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.° 233.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXM.° E RVM.° SNR.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇÃO SARAIVA,

BISPO DO MARANHÃO.

QUARTA-FEIRA 4 DE JUNHO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

Bem gravadas devem estar ainda no coração do Clero e povo da diocese do Maranhão as saudades pelo seu ultimo Pastor, o Exm.° e Rvm.° Sr. Arcebispo, D. Manoel Joaquim da Silveira—As demonstrações publicas e particulares d'amor, affecto e respeito, que recebeu elle durante sua estada na diocese, e por occasião de sua retirada para a Bahia, nos autorisão a fallar assim.—Contemporaneos pois, ninguem ignora seus passos, sua vida, sua dedicação e seu amor pelo melhoramento das cousas e salvação das pessoas da Diocese.

Foi no seu governo, que appareceu o *Ecclesiastico*, em cujas paginas achão-se registrados os actos mais importantes de sua administração, seja pelo lado da innovação, seja pelo da reforma.

Alguns dias antes de sua retirada foi publicada sua biographia, que transcrevemos logo nos numeros 211 e 212; obra de merito, e que faz honra á bella penna de seu illustrado autor—assim que, nenhuma novidade temos a dar aos nossos leitores acerca do nosso sabio e virtuoso ex-bispo diocesano. Cumprindo-nos porem abrir no *Catalogo*, que publicamos, o espaço que pertence ao 15.° Bispo do Maranhão, organizámos o artigo, que a baixo se encontra, de combinação com as publicações já conhecidas, restando-nos profundo pezar de não satisfazer a esse dever d'outro modo, se outro ha, mais franco, mais generoso e mais publico, em relação á nossa individualidade para com o distincto Metropolita do Imperio brasileiro.

Poder temporal do Papa.

Pelo Exm. Sr. Conselheiro Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque.

(Continuado do n. passado.)

Subindo Astulpho ao throno dos Lombardos, senhorêa-se do exarchado de Ravena, e tenciona submetter Roma ao seu dominio. Estevão II, successor de Zacharias, não podendo esperar nenhum auxilio do imperador, recorre a negociações com Astulpho. Este assigna um tratado de paz, que rompe d'ahi a pouco, ameaçando Roma segunda vez. Em tal apuro o papa, que solicitára em vão o soccorro do Oriente, escreve a Pepino, rei dos Francezes, pedindo-lhe asylo em seus Estados, e ao mesmo tempo a sua protecção.

Pepino lh'a promette, e o convida a vir para a França: mas Estevão ainda quer envidar um ultimo esforço, indo ter com Astulpho em Pavia, a ver, se o dobrava a restituir-lhe *Ravena, o exarchado, e outros territorios tomados pelos Lombardos*: e como o achasse inflexivel, passou-se á França, onde Pepino o recebeu com as maiores demonstrações de honra e respeito.

Este principe n'uma assembléa geral dos grandes do reino, reunida em Quercy, fez promessa de fazer restituir á Santa Sé o *exarchado, e outras cidades e territorios usurpados pelos Lombardos:* e lavrou logo um *auto de doação*, assignado por elle com os principes seus filhos, em que se compromettião a empossar o papa nestas cidades e territorios.

Pelas promessas a Estevão, e instancias deste mandou Pepino uma embaixada a Astulpho, para que houvesse de restituir o, que elle ou seus predecessores tomárão á Santa Sé; e recusando o rei dos Lombardos, passou á Italia com um exercito numeroso, desbaratou os Lombardos, e reduzio o usurpador a prometter, sob juramento, que entregaria logo á Igreja e republica romana a cidade de *Ravena* com *outras*.

Retirando-se porém da Italia o rei de França, Astulpho, em vez de cumprir o promettido, renovou as hostilidades contra os romanos, tomando-lhes varios lugares, assolando os arrabaldes de Roma, sem poupar as mesmas igrejas. Então o papa Estevão escreve a Pepino, em nome do principe dos Apostolos, uma carta, em que este lhe pedia socorresse a sua cidade. Esta carta, longe de ser um artificio, que mereça censura, não foi mais que uma figura atrevida, com que o papa, no lance em que estava, poz na boca de S. Pedro as exhortações, que elle mesmo dirigia aos Francezes, para que estes o amparassem e aos romanos, livrando-os da tyrannia dos Lombardos.

Pepino, cedendo ás exhortações do papa, transpõe segunda vez os Alpes, reduz o perfido Astulpho a pedir paz; mas para punir a sua perfidia, impõe-lhe a condição de accrescentar a cidade e territorio do *Comacchio* ás outras cidades e territorios, que um anno antes se obri-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

gára a entregar á Santa Sé; e para a execução deste tratado deixou ficar na Italia Fulrado, abbade de S. Diniz, que foi a todas as cidades cedidas á Igreja romana, recebeu as chaves, e as veio collocar sobre o tumulo do Apostolo S. Pedro, com o *auto de doação*, que o rei Lombardo fazia dellas, e para sempre, á Santa Sé. As cidades comprehendidas nesta ultima doação erão em numero de vinte e duas, formavão a maior parte do exarchado de Ravena, com parte da Pentapoli, ou do antigo *Picenum*.

Nestas duas doações nota-se, que ambos os monarchas não pretendêrão outra cousa, que a *restituição* do que pertencia á Santa Sé, segundo se colhe das proprias palavras dos mais antigos escriptores, que as mencionão. O que bem prova, que antes do papa Estevão, já a Santa Sé possuia, por consenso dos povos, a soberania *temporal* das cidades comprehendidas nas duas supracitadas doações.

Que foi restituição, e não mera doação, ainda mais se confirma, com a resposta que Pepino deu aos embaixadores do imperador: porque, pedindo-lhe estes, em nome de seu amo, que restituisse ao imperio o *exarchado* de Ravena com as *cidades e territorios* de sua dependencia, tornoulhes: *que não consentiria em tomar esta provincia á Santa Sé.* Tão certo estava, de que o imperador havia perdido o direito a uma provincia, que não pudera defender, e que só os papas tinhão salvado do poder dos Lombardos.

D'ahi por diante o papa Estevão se houve por desligado de toda a obediencia ao imperador de Constantinopla; porque n'uma carta a Pepino falla da sua *alliança* com Desiderio, rei dos Lombardos; da promessa que este lhe fizera de *restituir* outras cidades á Santa Sé, e de guardar paz com a Igreja e com o *seu povo*.

Paulo I, successor de Estevão, e Adriano I, que succedeu a Paulo, se considerárão soberanos do *ducado* de Roma, e *exarchado* de Ravena. Porque aquelle, constando-lhe que o imperador pretendia, ajudado por Desiderio, tomar o ducado de Roma, e o exarchado de Ravena, dirigio uma carta a Pepino, instando para que se oppuzesse a tal projecto, e tratando o imperador por *inimigo* da Igreja e republica romana. Esta não fôra por certo a *linguagem* de Paulo I, se elle não se julgasse com bom direito ao ducado de Roma, e exarchado de Ravena. Accresce, que o senado e o povo romano na mesma convicção estavão, porque exhortando os Pepino (em uma carta) a que fossem fieis a S. Pedro, á santa Igreja, e ao pontifice romano seu *senhor*, respondêrão, que o serião á Santa Sé, e ao seu *senhor* Paulo, soberano pontifice e papa universal.

As cartas de Adriano são outro documento do seu dominio *temporal* sobre a cidade e ducado de Roma, e sobre as cidades e territorios do exarchado.—Porque nestas cartas o pontifice tracta os habitantes dessas cidades por seus *subditos*; e para exprimir o seu poder temporal serve-se dos mesmos termos, com que exprime o poder do rei de França nos paizes e povos sujeitos á sua autoridade.

Achando-se Adriano I mais apertado que nunca (em 772) por Desiderio, rei dos Lombardos, valeu-se de Carlos Magno, filho de Pepino, e herdeiro do seu valor e da sua piedade. Havia Desiderio usurpado varias cidades, e ameaçava a Italia. Carlos tentou primeiro uma accommodação com esse rei dos Lombardos; mas vendo que elle a recusava, passou os Alpes em 773, cercou-o em Pavia, onde o fez render-se depois de um sitio de seis mezes, e dalli o mandou á França para o mosteiro de Corbia, onde consta, que acabára seus dias santamente. Terminado assim o imperio dos Lombardos, que durára mais de duzentos annos, Carlos ajuntou ao titulo de *rei de França* o de *rei dos Lombardos*.

Durando ainda o cerco de Pavia, Carlos mandou passar por Eleuterio, seu capellão, um *auto de doação*, não só do que Pepino restituira á Santa Sé, confirmando assim o acto de seu pai, como de outros territorios.

Pouco depois da eleição de Leão III, successor de Aquino I, rompeu contra o novo pontifice uma horrivel conjuração, movida pelas intrigas de dous sobrinhos de Adriano, que pretendião a mesma dignidade. O papa refugiou-se em França, procurando a protecção de Carlos Magno. Este deu-lhe uma boa escolta para se tornar á Italia, e foi em pessoa, no anno de 800, restabelecer a paz e julgar os conspiradores.

Concluido este negocio, estando Carlos a fazer oração na Igreja de S. Pedro, aonde era vindo para ouvir a missa do Natal desse mesmo anno de 800, poz-lhe o papa sobre a cabeça uma corôa preciosa; ao mesmo tempo o povo, a uma voz, o acclamou *Imperador dos Romanos*.

Fundado o novo imperio do Occidente na pessoa de Carlos, não deixou o papa de ser o unico soberano do *ducado* de Roma, e *exarchado* de Ravena. Isto prova-se:

1.° Pelo *testamento* do mesmo Carlos Magno, que dividindo o imperio por seus filhos, assentou a parte de cada um delles, e não comprehendeu em nenhuma o *ducado* de Roma e o *exarchado* de Ravena.

2.° Pelas *cartas* de Leão III a Carlos Magno, nas quaes o pontifice lhe dá indistinctamente o titulo de *imperador* e o de *defensor da Igreja*; donde se colhe, que ao titulo de *imperador* não ligava outra idéa senão a de *defensor da Igreja*.

3.° Por *outras cartas* do mesmo papa, as quaes dão a entender, que elle exercia, sem opposição do novo imperador, no *ducado* de Roma e *exarchado* de Ravena, todos os direitos de soberania, nomeando livremente os *duques* ou governadores das cidades, e empregando os meios de defendel-as contra os sarracenos.

Eis-aqui, pois, como o poder temporal dos papas foi preparado pela mão de Deos, afim de que a Igreja gozasse da independencia, que lhe é necessaria. Desde o berço do christianismo vê-se no papado uma especie de magistratura temporal, estabelecida, reconhecida e honrada entre os fieis de Roma. Essa magistratura teve a sua primeira séde nas catacumbas. Ahi o pontifice com os padres julgava os fieis: a autoridade deste augusto e pacifico tribunal estendia-se aos negocios *seculares*, a todas as contestações, que se suscitavão entre os fieis, e podião perturbar a paz das familias. No seculo VI a Igreja de Roma já possuia vastos territorios, dos quaes uns erão simples bens de raiz, e outros verdadeiros *principados*. Com a invasão porem dos Lombardos na Italia o poder

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

temporal dos papas tornou-se uma verdadeira *soberania* por força das circumstancias. Chegou afinal a sua plena independencia do imperio do Oriente, depois que os papas invocárão a protecção dos reis francos, vista a impossibilidade, em que o imperador se achava de defender a Italia, pelo que tinha elle perdido o direito de soberania nas provincias italianas. Se bem attentarmos para a historia, veremos, que nenhuma realeza teve origem mais impura, nem mais nobre que a dos papas; que nenhuma produzio mais bens: que tãobem nenhuma pode, como ella, assegurar a ordem social, é o que vamos ver.

E' facil mostrar, quanto importa á ordem social a independencia do papa.

E' certo, que nenhum estado se póde manter sem religião, e que os papas, combatendo as heresias, conservando a pureza da fé, prestárão á sociedade um relevante serviço, visto como sem religião não ha bons costumes, e sem estes as leis não são respeitadas. Mas, para que os papas possão ser os mantenedores da religião e dos bons costumes, é mister, que sejão independentes de qualquer poder civil da terra; que sejão ao mesmo tempo *summos sacerdotes* e *reis*.

E' tambem certo, que sem a independencia do papa a unidade catholica desappareceria e o christianismo. Os dogmas e a moral christã serião substituidos por opiniões meramente humanas, sujeitas á discussão; os espiritos se abysmarião no *scepticismo*, que é a morte da intelligencia e de toda a moralidade. Se as seitas protestantes ainda conservão algumas crenças religiosas, é inquestionavel, que as recebêrão do catholicismo; e por certo, bem depressa as perderião, se o catholicismo, combatendo o racionalismo, não as mantivesse. Mas, cumpre notar, que sem a soberania temporal do papa não ha catholicismo.

Infelizmente sobrão elementos de desunião e malquerença entre as diversas nacionalidades espalhadas sobre a terra. E quem é, que não vê, que, se o papa fosse subdito de algum rei ou de algum presidente de republica, fóra isso mais um elemento de rivalidade entre as nações, mais uma causa de discordias interminaveis? Logo, a soberania temporal do papa é menos uma causa de desavenças internacionaes. Além disso, não será a soberania do papa um laço de paz entre os principes catholicos? Logo a soberania temporal do papa é um elemento de concordia e paz entre os principes christãos, especialmente catholicos.

Que haveria, destruida a soberania temporal do papa? uma immensa revolução, não só religiosa, como *social*, porque nenhum poder terrestre seria mais respeitado. Logo, politicamente fallando, a soberania temporal do papa é necessaria. E como a mesma ordem social requer, que se respeite o, que é necessario ao bem da sociedade, segue-se, que não póde ser abolido o poder temporal do papa. A sua abolição não importaria uma *reforma* social, mas a decadencia e barbaria das nações ora christãs e civilizadas, a quem é mui conveniente a existencia de uma autoridade, ante a qual os principes se inclinem, sem se rebaixarem; que falle em nome de Deos; que não precise da coacção para ser ouvida e attendida; que represente a divindade nos negocios temporaes, prégando a todos o preceito do direito e do dever, a paz e o amor. Considerada a questão do poder temporal do papa pelo lado juridico e historico, encaremol-a agora pelo lado puramente religioso ou catholico, isto é, segundo a doutrina da Igreja.

O poder temporal do papa é um ponto definido pela Igreja: logo a todo o catholico corre a obrigação de acceital-o, sob pena de segregar-se da communhão dos fieis.

Jesus Christo, baixando do céo á terra para salvar os homens, quiz reunil-os n'uma sociedade espiritual e visivel, sob uma autoridade, que a presidisse. A essa autoridade conferio o poder, não só de ensinar o que os fieis devem crer, como de prescrever o que devem obrar, para que pela fé e pelas obras consigão a salvação.

Aquelle, a quem Jesus Christo disse: *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*, e em cumprimento dessa promessa accrescentou: *apascenta as minhas ovelhas e os meus cordeiros: Aquelles*, a quem o mesmo Jesus Christo deu a missão de *ensinar* a todas as nações, e o poder de *ligar e desligar*, forão instituidos *mestres* e *principes* da sociedade christã pelo seu divino fundador.

Ora, aos successores destes passou o mesmo poder de *ensinar* e de *governar*. Logo ao successor de Pedro, e aos bispos, com subordinação ao papa, compete definir o que os fieis devem crer, e estabelecer o que fôr mais conveniente ao governo da Igreja.

Logo, se o pontifice romano por si só, ou unido com os bispos, declarar, que tal doutrina é erronea, que tal ordem de factos é conveniente ao governo da Igreja, devem os catholicos crer nessa declaração, porque o pontifice romano, e os bispos unidos com elle, são *infalliveis* na doutrina e disciplina, pois Jesus Christo disse: *Quem vos ouve, me ouve; e quem vos não crer, será condemnado.*

Ora, os papas e os concilios teem condemnado a doutrina dos, que negão á Igreja o direito aos bens e senhorio temporaes. O 2.º concilio Lateranense (1139) condemnou o erro de Arnaldo de Brecia, que dizia *não haver salvação para os clerigos, que tinhão bens de propriedade, para os bispos que tinhaõ senhorios, e para os frades, que possuiaõ bens de raiz*. O erro de Marsilio de Padua, que contestava á Igreja o *direito* aos bens *temporaes*, foi condemnado em 1327 por João XXII; o de Diniz Soulechat, que reputava *incompativeis a lei do amor e o dominio dos bens temporaes* (d'onde por uma consequencia natural a Santa Sé devia renunciar o seu dominio temporal) foi condemnado em 1368 por Urbano V: o de Wiclef, que reprovava o *dominio temporal da Santa Sé*, foi condemnado pelo concilio de Constança. Logo, todo o catholico deve ter por *impias* e *hereticas* as doutrinas, que reproduzem hoje o mesmo erro.

A Igreja, em virtude do seu dominio de *governar*, pode impor pena de excommunhão áquelles dos fieis, que violarem os seus preceitos,

Ora, o concilio Tridentino e a Bulla *In cœnâ Domini* de Paulo III, excommungão aos, que usurpão *bens* e *senhorios* da Igreja: logo, excommungados estão para todo o catholico os, que teem commettido taes usurpações.

Vejamos o que dizem *o Tridentino* e a supracitada *Bulla*.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O Tridentino na sessão 22 cap. 11 assim se exprime: «se a cobiça, raiz de todos os males, vier a apoderar-se de um clerigo ou leigo, quem quer que seja, ainda que imperador ou rei, e o levar a atacar a Igreja, ou algum beneficio secular, para lhe tirar *as jurisdicções, os bens, as rendas, os direitos feudaes, os fructos, os emolumentos ou rendimentos*, que devem remediar as necessidades dos ministros ou dos pobres; se o fizer por si, ou por outrem, empregando força ou medo, ou outro qualquer meio, e sob qualquer pretexto, para os converter em proveito seu, e usurpal-os, seja *excommungado*, até que o absolva o pontifice romano.»

A Bulla *In cœnâ Domini*, no art. 16, diz o seguinte: «*Excommungamos e anathematizamos* todos os, que por si, por outrem ou outros, *directa* ou *indirectamente*, e sob qualquer *pretexto*, occuparem, detiverem, destruirem ou usurparem, ou procurarem occupar, deter, destruir ou usurpar toda a cidade de Roma, ou parte della, o reino de Sicilia, etc. (segue-se a nomenclatura dos Estados da Santa Sé.)

Pio IX declarou *sacrilegos* os attentados ultimamente commettidos contra a soberania *civil* da igreja romana: os bispos cátholicos *confessão* e *ensinão*, que por um designio particular da providencia divina, que rege todas as cousas, foi dada a *soberania* do pontifice romano, afim de que, não estando sujeito a nenhum poder civil, possa exercer na mais *plena liberdade*, e sem nenhum obstaculo, em todo o universo, o officio supremo do ministerio apostolico, que lhe foi divinamente confiado por Christo Nosso Senhor.

Logo, todo o catholico é obrigado a crer, que são sacrilegos os attentados ultimamente commettidos contra a soberania da Santa Sé; e que esta soberania é indispensavel ao ministerio apostolico do successor de S. Pedro.

Os raciocinios humanos podem ser discutidos e negados: por isso a ninguem obrigão em consciencia. Mas a Igreja é *infallivel*, exige, em nome de Deos, a submissão das intelligencias e das vontades, e por conseguinte obriga os fieis a crerem o, que ella *ensina*, e a guardarem o, que ella tem estabelecido como *disciplina*, pois lhe foi conferido divinamente o direito de *ensinar* e *governar*.

Ora, a Igreja ensina, que não ha *incompatibilidade* entre o poder temporal da Santa Sé e o poder espiritual; que ao contrario, o pontifice romano tem o mais *sagrado direito* ao poder temporal, para exercer livremente o poder espiritual. Logo, todo o catholico deve *crer* na Igreja, e *não crer* nos, que dizem: *que repugna com o Evangelho, que o papa seja rei; e que, se o não fôra, a Igreja seria mais santa e mais respeitada.*

A Igreja, em virtude do seu poder governativo, impõe pena de excommunhão a todo aquelle, que não respeitar a integridade do poder temporal do pontifice romano. Logo, todo o catholico deve obedecer á Igreja, respeitando a integridade desse poder, sob pena de ser excommungado.

O que levo dito, é mais que sobejo para nós os catholicos não nos deixarmos enganar por essa linguagem seductora, com que arteiramente pretendem abalar nossas consciencias os inimigos da Igreja.

Sejamos, pois, firmes nesta crença: *que por um designio da Providencia divina foi concedida ao pontifice romano a soberania temporal, para que elle com mais segurança e liberdade pudesse exercer por toda a terra sua autoridade apostolica*; sustentemos esta crença com *palavras e obras*; porque, se o não fizermos, trahiremos a Jesus Christo.

Quaesquer que sejão, pois, os pretextos, com que nos procurem arrebanhar para a grei dos espoliadores da Santa Sé, respondamos aos seductores com uma só palavra, a velha palavra dos apostolos: *Non possumus.* Sim, digamos aos falsos amigos do vigario de Christo: *Não podemos deixar de crer na Igreja, e obedecer-lhe, para crer em vós, e obedecer-vos: porque com o baptismo recebemos a graça da fé, não só para crer em Jesus Christo, e obedecer-lhe, como tambem para crer na Igreja, e obedecer-lhe.* Digamos-lhes: *o que vós quereis, não é o, que quer o papa, nem o que querem os bispos, nem o que querem os catholicos: por isso não podemos esposar vossas doutrinas*: non possumus. Digamos-lhes bem claro: *Sois blasphemadores da piedade, mas desprezais as obras: sois desses, de quem diz o* Apostolo: *que com hypocrisia fallárão mentiras*: in hypocrisi loquentium mendacium: *sois espiritos do erro; vossas doutrinas são as dos demonios.* Digamos-lhes, emfim, repetindo estas palavras de Pio IX—«que no principio Deos creou o mundo do nada, mas quando se tratou da redempção, que era uma creação ainda mais sublime, quiz associar a creatura a esta obra immensa—e por isso seu filho unico escolheu doze collaboradores, e deu-lhes Pedro por cabeça:—que Pio IX é successor de Pedro; que Pio IX foi constituido rei:—*ego autem constitutus sum rex ab eo super Sion sanctum montem ejus*; rei, sim, em toda a extenção da palavra, e por consagração divina!»

(*Extr.*)

CATALOGO

DOS

Exm.os e Rom.os Snrs. Bispos do Maranhão.

FEITO POR

José Constantino Gomes de Castro,

Cavalleiro da Ordem de Christo, Conego Prebendado (e depois Arcediago) da Santa Igreja Cathedral do dito Bispado, Proto-Notario, e Juiz Apostolico de Sua Santidade, e Vigario Capitular canonicamente eleito, Sede vacante.

augmentado e reimpresso pelo P.e

RAYMUNDO ALVES DOS SANTOS,

Conego Prebendado da mesma Cathedral, Promotor Fiscal do Juizo Ecclesiastico, Lente de latim, e substituto das cadeiras de francez e canto-chão do Seminario episcopal.

(Continuado do n. 232.)

15.º

D. Manoel Joaquim da Silveira, natural da cidade do Rio de Janeiro, nasceu aos 11 d'Abril de 1807, na freguezia de S. Rita, onde foi baptizado aos 20 do mesmo mez e anno, filho legitimo de Antonio Joaquim da Silveira, empregado vitalicio da antiga casa da moeda, e D. Maria Rosa da Conceição, casados na mesma Igreja.

Fez os seus estudos de humanidades parte no Seminario Episcopal de S. José da cidade do Rio de Janeiro, e

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

parte nas aulas publicas da mesma cidade, e os Theologicos no referido Seminario.

Por occasião de retirar-se da corte o Bispo do Rio de Janeiro, o Exm.º e Revm.º Sr. D. José Caetano da Silva Coutinho, para visitar a Diocese, levando comsigo o Secretario da Camara Episcopal, o encarregou, sendo então Diácono, do expediente da mesma, e da economia de sua casa, conservando-o desde então junto de si até seu fallecimento, que teve lugar em 1833, tendo lhe conferido a sagrada ordem de Presbytero aos 2 de Maio de 1830.

Em 27 de Junho de 1834 fez opposição á freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Candellaria, da cidade do Rio de Janeiro, e, sendo approvado com a nota de quarenta e quatro pontos, foi proposto pelo Vigario Capitular, Monsenhor Francisco Correa Vidigal, em primeiro lugar, mas a Regencia em nome do Imperador o não apresentou na freguezia!

Em 14 de Novembro de 1836 fez ainda opposição á freguezia de S. Rita da mesma cidade, em a qual nascêra e habitava, e, sendo approvado com a nota de setenta e um pontos, foi ainda proposto em primeiro lugar para esta Igreja, mas o Regente Feijó apresentou nella o terceiro proposto, que apenas merecêra no exame a nota de sete pontos!

Em 13 de Fevereiro de 1837 foi nomeado Lente da cadeira de Theologia moral do Seminario Episcopal de S. José do Rio de Janeiro, e em 28 de Junho do dito anno foi nomeado Examinador Synodal, *sede vacante*, continuando a reger sua cadeira até o ultimo de Dezembro de 1851.

Em 10 de Setembro de 1838 foi nomeado Reitor do Seminario Episcopal de São José do Rio de Janeiro, o qual emprego occupou até o dia 31 de Dezembro de 1851. E sem jamais vexar a pessoa alguma, augmentou consideravelmente a renda deste Estabelecimento, quasi no duplo, reparou todo o edificio e a Capella, e fez um novo dormitorio,

Em 2 de Dezembro de 1839 foi nomeado pelo Regente do Imperio, Pedro de Araujo Lima, hoje Marquez de Olinda, Conego da Capella Imperial; sendo em 7 de Novembro de 1840 confirmado no lugar de Examinador Synodal pelo Exm.º e Revm.º Sr. Bispo, Conde de Irajá, e Capellão-Mor de S. M. o Imperador, D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo.

Em 16 de Fevereiro seguinte recebeu inesperadamente ordem de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro 2.º para seguir para Napoles, á bordo da fragata *Constituição*, que com as corvetas *Dous de Julho* e *Euterpe* forão buscar S. M. a Imperatriz, occupando na esquadra o eminente lugar de capellão da mesma Augusta Senhora; e em remuneração de tão distincta commissão foi por decreto de 28 de Maio de 1843 condecorado em Napoles por S. M. o Rei das Duas Sicilias D. Fernando 2.º com a Cruz de Cavalleiro de Francisco 1.º (1).

De volta de Napoles entrou no exercicio de seus empregos em o 1.º de Outubro de 1843.

Por decreto de 14 de Março de 1844 foi condecorado por S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro 2.º com a Commenda da Ordem de Christo; e por Portaria de 20 de Setembro de 1845 foi nomeado Promotor fiscal do Juizo ecclesiastico do Bispado do Rio Janeiro.

Por decreto de 15 de Novembro de 1846 foi nomeado Monsenhor da capella imperial, e aos 15 de Novembro do anno seguinte obteve a Carta do Titulo do Conselho de S. M. o Imperador.

Por decreto de 15 de Outubro de 1849 foi nomeado Inspector da Capella Imperial, e Fabriqueiro da Cathedral do Bispado do Rio de Janeiro, e foi elle, quem reparou o templo arruinado, e o fez dourar de novo.

Por decreto de 5 de Maio de 1855 foi eleito Bispo da Diocese do Maranhão.

Confirmado em 5 de Setembro do mesmo anno pelo SS. Padre Pio IX foi sagrado na Capella Imperial aos 25 de Janeiro de 1852 pelo Exm.º e Rvm.º Sr. Bispo do Rio de Janeiro, Conde de Irajá, D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, sendo Assistentes os Illm.os Monsenhores, Decano, Narciso da Silva Nepomuceno, e Arcipreste Antonio Fernandes da Silveira.

Tomou posse do Bispado por seu procurador, o Rvm.º Conego Mestre Escola, Luiz Raymundo da Costa Leite, em 30 de Janeiro de 1852.

Em 25 de Março do dito anno largou do porto do Rio de Janeiro ás 8 horas da manhã, e chegou á capital de São Luiz do Maranhão a 9 de Abril, ás 6 horas da tarde, (sexta-feira da Paixão) e desembarcou no seguinte dia, 10, ás 11 horas da manhã.

O magestoso Templo consagrado a Nossa Senhora da Victoria, que serve de Cathedral, e fôra erecto pelos Jesuitas, tinha sido muito damnificado por um raio, e achava-se em reparos, quando chegou o Exm.º Prelado á Diocese; um outro raio ainda no dia 20 de Abril desse anno veio completar a obra da destruição! Achando-se então exgotada a verba de cerca de 4:000$000 reis que fôra votada para o concerto da mesma Cathedral, e coagido o Prelado a funccionar na pequena Capella de Nossa Senhora do Rosario, para onde fôra mudado o côro da mesma, mandou elle proseguir as obras; e o Templo restaurado foi aberto, e havendo-o benzido solemnemente, já poude nelle celebrar as solemnidades da Quaresma do anno de 1854. Informado disto pela Presidencia, mandou o Governo Geral pagar pelos cofres publicos as despezas das obras, que elle mandára fazer. Mas a decoração interior da Igreja não condizia com a belleza do edificio, achava-se deteriorada, e attendendo a isto o Primeiro Vice-Presidente da Provincia, o Exm. Sr. Dr. João Pedro Dias Vieira, pôz á sua disposição a somma de 6.000$000 rs. para ser restaurada, mas não comportando os cofres provinciaes esta despeza, mandou o Exm. Sr. Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, então Presidente da Provincia, fazer effectiva a ordem do Vice-Presidente, e dar o dinheiro pelo cofre das loterias concedidas para reparo das Igrejas Matrizes, e se restaurou a importante e magestosa pintura do tecto da vasta Capella-mór, das suas paredes lateraes, e do arco cruzeiro, e se dourou de novo todo o retabulo.

Não menor cuidado lhe merecêrão sempre as Igrejas do interior; muitas forão reparadas, outras reedificadas, e forão todas dotadas dos paramentos mais necessarios. E não sendo sufficientes os paramentos, que á Cathedral mandára dar o Governo Imperial, doou elle mesmo á Cathedral um rico pallio de tela de ouro; e posteriormente um paramento rôxo completo de galões e franjas de ouro fino para as missas de maior solemnidade, e mais os, que são precisos para o Domingo de Ramos e Sabbado de Alleluia, de que havia a maior necessidade, havendo-lhe já anteriormente doado um relogio para a Sacristia, e feito outros donativos, em diversos tempos, taes como: uma Imagem do Senhor Crucificado com resplendor e cravos de prata, que se acha collocada no altar da Virgem da Conceição e Boa-morte, um coxim rico para o missal, um Pontifical romano, tres missaes de encadernação rica, um

(1) O itinerario *desta viagem, escrito pela penna habilissima do illustre capellão, foi publicado na* Minerva brasileira, *jornal que existio no Rio de Janeiro; e consta-nos, que o original se acha archivado na secretaria d'estrangeiros, como peça official, e unica no seu genero.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Epistolario, um jogo de Breviarios, em 2 vol. para uso da estante do coro, um Ceremonial dos bispos, e muitos tapetes.

A educação intellectual e moral dos aspirantes ao Sacerdocio foi sempre o objecto de sua maior sollicitude; e tendo conseguido do governo imperial a creação de dez cadeiras para o ensino de humanidades, curso theologico e canto-chão, para o Seminario, e por ser este muito acanhado, obteve do Revd.º Padre Guardião do Convento de S. Antonio, em o qual fundára o Seminario o digno Bispo, o Exm.º e Revm.º Sr. D. Marcos Antonio de Souza, a cessão de um bello dormitorio, mediante uma pequena indemnização de outras obras no convento; e não sendo ainda este accrescimo sufficiente para conter os alumnos, edificou á *fundamentis* um novo dormitorio, para o qual lhe forão ministrados os fundos na maxima parte pelo governo imperial, bem como para concertar o antigo Seminario, e o referido dormitorio, que lhe fôra cedido. Actualmente, se não tem o Seminario uma casa para funccionar tão ampla, como convinha, a tem ao menos espaçosa, bem arejada, e com um grande quintal para recreio dos alumnos.

Em 24 de Novembro de 1854 recebeu convite, juntamente com o já fallecido Arcebispo da Bahia, o Exm.º e Rvm.º Sr. Marquez de Santa Cruz, para ir assistir em Roma ao Concilio, que para essa cidade convocára o SS. Padre Pio IX, para definir e declarar dogma de Fé a Conceição Immaculada de Maria Santissima, com recommendação da parte de S. Santidade de seguir para aquella capital do mundo christão, embora já fosse achar o Concilio terminado; o governo imperial porem lhe mandou declarar, que, visto não ser possivel ir a tempo de assistir ao Concilio, que tinha de celebrar-se no dia 8 de Dezembro d'esse anno, convinha, que se deixasse ficar na Diocese.

Não teve elle assim a satisfação de ir a Roma assistir a este santo Concilio, teve porem a de publicar na sua Diocese o Dogma, que nelle definira o SS. Padre Pio IX, da Conceição Immaculada de Maria Santissima com uma pompa, como nunca o Maranhão presenciára, correndo por sua conta todas as despezas dessa augusta solemnidade religiosa (2).

Desejando, como lhe cumpria, só servir a Deos e á sua causa, não quiz tomar assento como membro da Assembléa legislativa provincial, para que fôra espontaneamente eleito, nem acceitar a administração da provincia, como seu primeiro vice-presidente, para cujo lugar fôra nomeado por carta imperial, deixando assim de annuir ás instantes recommendações do governo, no sentido somente de se não involver em negocios politicos e alheios á sua sagrada missão.

Durante o espaço de nove annos completos, em que regeu a Diocese, fez á mesma seis visitas, estendendo a ultima á cidade de Theresina, capital da Provincia do Piauhy, para onde foi do Maranhão por terra. Apreciando os serviços, que fizera nestas visitas, disse um Chronista recente do Pará, que se lhe podião applicar estas palavras, attribuidas á Jesus Christo nos Actos dos Apostolos:—*Pertransiit benefaciendo.*

Por Decreto de 5 de Janeiro de 1861 foi nomeado por S. M. o Imperador o Senhor Dom Pedro 2.º Arcebispo da Bahia; e sendo confirmado em Roma no consistorio secreto de 18 de Março, e recebendo as bullas de sua preconização a 6 de Junho desse anno, entregou nesse mesmo dia o governo da Diocese ao Illm. e Revm.º Cabido.

(2) *A descripção desta solemnidade vem no n. 126 deste jornal.*

Reune o Exm. e Rvm.º Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, actualmente, os titulos seguintes:

Arcebispo da Bahia, Metropolitano, Primaz do Imperio, Presidente honorario do Instituto africano de Paris, Membro honorario da Academia das bellas artes, do Gymnasio brasileiro, do Instituto episcopal religioso do Rio de Janeiro, da Associação Typographica de Pernambuco, da Sociedade de beneficencia Luso-Brasileira do Maranhão, Membro effectivo do Conservatorio dramatico brasileiro, Correspondente do Institato historico e geographico do Brasil, Protector das Associações Typographica, e Humanitaria Maranhense &c. &c.

Annuviado seu coração por deixar o Maranhão, que elle tanto amára, e por quem era amado, força foi obedecer á vontade de Deos e do Principe.

Tratou pois de despedir-se da maior parte dos habitantes desta capital, seus amigos, e na tarde de 14 do Junho, ás 6 horas da tarde, embarcou-se no vapor Paraná, commandante Torresão, dando, banhado em lagrimas, seu derradeiro adeos ao povo inteiro da capital, que accorrêra para delle receber naquelle momento solemne sua ultima benção paternal (3). Existe actualmente na capital de seu Arcebispado, collocado *in sede majestatis suæ*, e rodeado da consideração, estima e respeito publico, que lhe tem attrahido sua sciencia e suas virtudes; e praza a Deos dilatar-lhe a vida para direcção e salvação das almas confiadas á sua solicitude pastoral.

(3) *A descripção de seu embarque vem no n. 210 deste jornal.*

A casa de Caiphaz.

Jerusalem na segunda-feira de Pentecostes.

Se durante o anno liturgico, com a vinda das solemnidades tão instructivas e tão tocantes do culto catholico, as almas piedosas experimentão uma singular consolação, dirigindo os pensamentos do espirito e os desejos do coração para os lugares, que forão testemunhas do termo de grandes e ineffaveis mysterios da redempção, quanto mais viva é a santa alegria do peregrino ou fiel, gozando da preciosa vantagem de assistir ás augustas ceremonias, celebradas nos veneraveis sanctuarios, elevados pela fé ardente de nossos pais, para conservar viva através dos seculos a lembrança de brilhantes testemunhos, que Deos ahi deixou de sua misericordia e de seu amor pelos homens! Em seu recinto sagrado os sentidos se achão favoravel e santamente impressionados. Ahi tudo falla ao espirito, pinta-se na imaginação, agita o coração, e excita á virtude. Desses lugares, impregnados de uma virtude divina, se exhala um perfume de piedade e de santidade, que embalsama o coração, e penetra a alma, facilitando-lhe a meditação nos mysterios evangelicos, que esses lugares lembrão. Ainda que o tempo enfraqueça o sentimento, e que a vista diaria dos mesmos objectos nos familiarize naturalmente com elles, não é sem uma emoção mais profunda e mais intima, que adoro nossos sanctuarios, que me ajoelho, e me prostro sobre suas pedras sagradas, e que offereço a Deos, sobre seus venerados altares, o sacrificio divino. Entretanto, se a visita dos preciosos sanctuarios, que temos conservado, deleita a alma, a vista do que temos perdido a entristece

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

profundamente. Sim, se em Jerusalem ha gratas consolações, ha tambem dores amargas; as alegrias religiosas são sempre nella misturadas com indiziveis tristezas.

Imaginai o extremo pezar, que experimenta a piedade christã em poder transpor o limiar de sanctuarios ás vezes os mais ricos em lembranças evangelicas e os mais veneraveis, pelas acções divinas, que nelles se effectuão? Ha sanctuarios, que não podemos cercar de nossa veneração, em cujas abobadas não podemos fazer resoar os hymnos sagrados, onde não podemos immolar a victima santa. Pela infelicidade das tempos, e pela continuação da incuria da Europa christã, muitos desses monumentos de nossa fé tornarão-se o dominio exclusivo do schisma ou do islamismo. Foi assim, que em 1557, os Gregos dissidentes, unidos com os Armenios schismaticos, usurpárão violenta e audaciosamente dos Latinos, com outros sanctuarios menos consideraveis, as duas importantes igrejas do tumulo da Santa Virgem, em Gethsemani, e de Santa Maria *ad præsepe* em Bethlem.

Foi ainda assim, que, em 1561, os musulmanos de Jerusalem, auxiliados pelos juizes, apoderarão-se brutalmente, após uma longa serie de oppressões, do Santo Cenaculo, situado no monte Sião, fora do recinto das muralhas actuaes, e expellirão barbaramente os religiosos de S. Francisco do mosteiro contiguo ao Cenaculo, que elles habitavão ha mais de duzentos annos. Desde 1561, época a mais funesta nos annaes da igreja de Jerusalem, a entrada desse santuario da oração, do sacrificio e do amor, está rigorosamente interdicta aos catholicos e christãos dissidentes. Espero um dia transmittir-vos o historico desta perda lamentavel, que permanecerá irreparavel tão longo tempo, quanto a cruz não substituirá o gancho em Jerusalem. No entanto, os canticos do Senhor não se ouvem mais nas inconsolaveis ruinas de Sião; a santa collina não estremece mais com os fortes cantos dos prophetas, com as lyricas effusões dos psalmos, com amorosas ternuras eucharisticas; a harpa inspirada de David permanece tristemente suspensa nos melancolicos ramos das velhas oliveiras, que coroão a montanha sagrada, sobre a qual se accumulão as maiores lembranças do mundo christão, lembranças sobre que ainda fallarei.

O que fica dito ajudar-vos-ha a formar uma idéa da immensa dor, que se experimenta, em não se poder renovar no Cenaculo, berço da igreja christã, o adoravel sacrificio que Jesus Christo neste instituio, na vespera de ser immolado sobre a cruz para a salvação dos homens; por estas reflexões, que me teem inspirado as circumstancias, comprehendereis, que é no Cenaculo, onde o Espirito Santo desceu sobre os apostolos, que celebramos o Pentecostes, destinado a lembrar este acontecimento religioso. Esta grande solemnidade foi hontem celebrada pontificalmente por S. Exc. o patriarcha de Jerusalem, assistido de um e de outro clero, na igreja conventual e parochial de S. Salvador. Depois da revoltante usurpação do Cenaculo pelos musulmanos de Jerusalem, as ricas indulgencias, que os soberanos pontifices tinhão attrahido a esse augusto sanctuario, forão transferidas, no fim do XVI seculo, para a igreja de S. Salvador, possuida pelos religiosos de S. Francisco, sob o alto dominio da santa sede.

Ainda que acanhada, calida e muito incommoda, principalmente para as ceremonias pontificaes, a igreja, de que se trata, não lembra facto algum evangelico. Roma declarou-a cathedral provisoria do patriarcha latino, até que este eminente prelado possa, não reentrar na posse de sua antiga cathedral, o Santo Sepulchro, invejado por todas as communhões, porem construir uma mais apropriada ás exigencias do culto e ás necessidades da população catholica da cidade santa.

Depois da injusta expulsão dos filhos de San-Francisco do Monte Sião, os latinos de Jerusalem teem conservado ou salvado um privilegio, que parecerá regular á primeira vista, o qual mitigou um pouco sua dôr, porem jamais consolal-os-ha inteiramente da usurpação do santo Cenaculo; este privilegio, ou para melhor dizer, esta ruina, este destroço de um direito mais antigo e mais amplo, consiste para os catholicos, em ir cada anno no dia de Pentecostes, depois do meio dia, e na manhã do seguinte a esta festa, cantar solemnemente as primeiras vesperas e a missa, precedida de outras missas rezadas no sanctuario, designado com o nome de *Casa de Caiphaz*.

O sanctuario, que acabo de nomear, está situado na parte mais elevada do monte Sião, fora dos muros da cidade entre a porta de Neby-Davond, ou de David, e a igreja do Cenaculo, da qual só está afastado por uma centena de passos.

Pertence, de facto, senão de direito, aos Armenios schismaticos, que ordinariamente nelle conservão tres religiosos, um sacerdote, e diversos leigos.

Examinando attentamente as cousas, reconhecer-se-ha, que o uso favoravel dos latinos remonta-se pelo menos ao anno de 1561, ainda que não se trate de saber, como estabeleceu-se.

Se interrogardes aos Armenios, vos dirão, que na época, em que os religiosos francezes forão desapossados do Cenaculo e do mosteiro a elle contiguo, entretinhão com estes boas relações, e que, tocados da calamidade, que lhes pesava, derão-lhes asylo durante sete annos em uma parte de seu convento de S. Tiago, no monte Sião, entremuros, e lhes permittirão fazer as funcções do culto catholico na igreja deste mesmo convento, e na que substituio a casa de Caiphás.

Elles accrescentão que, depois que os Franciscanos se estabelecêrão no interior da cidade, no convento de S. Salvador, comprado pelos Georeinos, concedêrão por amizade a autorisação de fazer todos os annos os officios ecclesiasticos no dia de S. Tiago Major, em sua igreja do monte Sião, intra-muros, e segunda-feira de Pentecostes no sanctuario, que substituio a casa de Caiphás, sobre o monte Sião, extra-muros.

Se, pelo outro lado, consultaes os Franciscanos sobre o mesmo assumpto, responderáõ, que tinhão antigamente a possessão exclusiva desses dous estabelecimentos, mas que em uma perseguição, tendo sido conduzidos como captivos a Damas, confiárão os sanctuarios em questão, com seus titulos de possessão, aos Armenios, que recusárão restituir-lh'os em sua volta, e só lhes deixárão um retalho de seus antigos direitos.

Na completa ausencia de documentos, seria difficil de-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

cidir a questão; todavia, a explicação pelos nossos religiosos parece mais plausivel.

São de opinião, que o grande convento de S. Tiago fôra antigamente um estabelecimento hespanhol.

Lembro-me, com effeito, ter lido na narração de um peregrino hespanhol do XVI seculo, cujo nome me escapa, que elle recebêra hospitalidade no hospicio hespanhol de S. Tiago, no monte Sião.

Os viajantes observão, que com felizes aptidões, os Armenios participão mais da rapoza que do lobo; ha tambem uma sorte de proverbio no Oriente: que são precisos sete juizes para fazer um Armenio.

Depois destas explicações, que achareis um pouco fastidiosas, mas que teem sua utilidade no ponto de vista das cousas de Jerusalem, sobre as quaes muitas vezes se escreve com uma ignorancia, que faz levantar os hombros, torno ao monte Sião e á casa de Caiphás, para fazer-vos delles uma curta descripção, e lembrar-vos o, que passou-se na paixão de nosso clemente e adoravel Redemptor.

O pequeno mosteiro e o sanctuario de Caiphás formão um longo quadrado, que vai do occidente ao oriente: é cercado de altas e fortes muralhas, para garantil-o dos ataques dos Beduinos, que, outr'ora vinhão constantemente, apoderar-se do monte Sião.

Entra-se em um extenso pateo de vinte cinco passos de comprimento sobre oito ou dez de largura, por uma porta de ferro muito baixa, e aberta no muro occidental.

Os viajantes fallão de uma larangeira, que se achava á direita do pateo no meio de sua extensão, marcando o lugar onde S. Pedro, misturado com os ministros do grande sacerdote, se aquecia, esperando o exito do iniquo processo, intentado contra seu bom Mestre.

(*Continúa.*)

Ceremonia da canonização.

A proposito da canonização dos martyres do Japão, descreve uma carta de Roma a formula destas solemnidades.

Reunidos os bispos, o Papa celebra com elles e com o sacro collegio dois consistorios publicos, em que se discute a santidade dos bemaventurados, que vão ser canonizados, e se recebem officialmente as reclamações dos *postulantes*

O Papa fecha a sessão dizendo, que, antes de resolver, deseja consultar os cardeaes e prelados.

Celebrão-se depois muitos consistorios semi-publicos, em que se discutem os actos da proxima canonização.

Cada cardeal, cada bispo, consultado por sua vez, dará a sua opinião verbalmente.

No dia da canonização, a Basilica de S. Pedro, esplendidamente decorada e illuminada, ostenta na sua nave as pinturas dos milagres operados pelos bemaventurados, que vão ser canonizados.

A's 10 horas da manhã desce da capella Sixtina uma longa procissão, composta de todo o clero secular e regular.

Seguem-se os paineis, em que estão pintadas as imagens dos santos ou martyres, que se hão de collocar nos altares.

Todas as autoridades ecclesiasticas e civis, a capella pontificia, a prelatura e dignidades da côrte precedem Sua Santidade, que se adianta debaixo do palio com as suas mais ricas vestes pontificaes, e levando, como todos, uma vela na mão.

A procissão atravessa lentamente a dupla columnata de S. Pedro, e entra na Basilica.

Chegando a S. Pedro, o papa desce da *sedia gestatoria*, adora o SS., sobe ao throno, e recebe obediencia de todos os cardeaes, patriarchas, arcebispos e bispos. Os paineis dos santos são collocados em volta do throno, achando-se por cima da cabeça do Santo Padre um quadro, que representa a festa do dia, rodeado de infinitas luzes.

O cardeal procurador da canonização, acompanhado de um advogado consistorial, se adianta até o papa, e lhe dirige as tres instancias do costume, para que Sua Santidade se digne proceder a canonização.

A' primeira responde o papa pela boca de um de seus secretarios, que em assumpto de tanta importancia é necessario o auxilio da oração, e, descendo do throno então a ladainha dos santos.

A' segunda o papa manda responder, que é preciso, antes de tudo, invocar a luz do Espirito Santo, e ajoelhando de novo, começa o canticó *Veni Creator*.

A' terceira instancia, o secretario responde, que Sua Santidade vai pronunciar a sua decisão definitiva, e o advogado consistorial agradece ao Santo Padre em nome do cardeal procurador, em quanto este beija a mão e os joelhos do papa.

O advogado consistorial roga depois aos protonotarios apostolicos, que leião o decreto annunciado, que um delles lê em seguida.

Apenas termina a leitura, o papa entoa o *Te Deum*. A multidão ajoelha, e a artilheria salva por espaço de uma hora, no meio dos repiques de todos os sinos de Roma. O *Te Deum* é seguido da invocação official dos novos santos, e o papa dá a primeira benção. Depois Sua Santidade celebra missa maior, e, terminado o Evangelho, o papa pronuncia o panegyrico dos bemaventurados, que acaba de canonizar.

No offertorio os cardeaes adiantão-se tres a tres, e apresentão ao papa as oblações de cirios, de pão, e de vinho.

Terminada a missa, o papa dá a sua benção solemne, retirando-se em seguida aos seus aposentos.

A' noite a cupula e fachada e os porticos do Vaticano apparecem brilhantemente illuminados.

(*Extr.*)

NOTICIAS DIVERSAS.

—*Mez de Maria.* Pela primeira vez fez-se nesta capital em Maio findo a festa religiosa, dedicada á Virgem SS. chamada—*Mez de Maria*, por influencia do Revd.º Snr. Vice-prefeito dos missionarios capuchinhos, Fr. Dorotheo de Dronero, no respectivo hospicio de S. Iago. Todas as noites havião canticos proprios e uma pratica explicando a pureza e virgindade da Mãi de Deos, e no domingo, 1.º de Junho á tarde, fez-se a procissão, com a Imagem da Senhora da Conceição levada por donzellas, e as do Menino Deos e da Senhora da Soledade ou Piedade, levadas por clerigos ou seculares com as respectivas opas, e o SS. Sacramento, acompanhada d'uma guarda de honra com bandeira e musica, indo em alas as educandas do Asylo de S. Tereza, e muitas outras meninas e senhoras, vestidas de branco, e coroadas de flores da mesma côr, muitas Irmandades, e um extraordinario concurso de povo. Durante o mez e a procissão correu tudo na melhor ordem possivel.

Muito apreciamos estes actos solemnes da Igreja, cujo fim é despertar e excitar a religiosidade do povo, e a piedade e devoção para com a SS. Virgem, Mãi de Deos; tornando-se neste caso digno de louvor o Revd.º Sr. Fr. Dorotheo, que com grandes exforços promoveu essa funcção, já usada em outras partes, porem toda nova entre nós.

—Por portarias de S. Exc. Revm.ª de 24 de Maio findo forão chamados os Srs. Drs. José Raymundo da Cunha, para reger a cadeira de Instituições canonicas, e João Climaco Lobato para a de rhetorica e geographia, ambas do seminario episcopal desta cidade, durante a ausencia dos respectivos lentes.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1862.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.° 234.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXM.° E RVM.° SNR.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇÃO SARAIVA,

BISPO DO MARANHÃO.

SEGUNDA-FEIRA 23 DE JUNHO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

O ECCLESIASTICO.

O relatorio do Sr. Ministro do Imperio e dos negocios ecclesiasticos.

Em lugar competente encontrarão os leitores um trecho do relatorio do Sr. Ministro do Imperio e dos negocios ecclesiasticos, apresentado á assemblea geral neste anno; para elle chamamos a attenção do paiz, e rogamos mesmo, que se attenda com alguma consideração para o modo, como vão marchando os nossos negocios ecclesiasticos, á vista mesmo do relatorio.

Em verdade, no discurso da coroa não se encontra uma palavra de animação e esperança de melhoramento aos negocios da Igreja nem ao Clero, no meio de tantas recommendações feitas ao parlamento em prol das diversas classes da sociedade. Oh! é doloroso sem duvida, é triste para o verdadeiro catholico semelhante aspecto negro e triste!

Quando parece partir do alto da sociedade a descrença, ou ao menos o indifferentismo, se não o total esquecimento, para com as cousas da religião, é tambem para se tremer pelas obras dos homens, resultantes de suas convicções, de sua propria consciencia.

Do choque de ideas oppostas sempre é funesto o resultado, e na luta do homem com sua razão, se ella não é esclarecida pela civilização, e illuminada pelo facho ardente do Evangelho, manifestão-se para logo os instinctos ferozes, de que é elle infelizmente dotado, pois que inclinado naturalmente á satisfacção de suas paixões, procura a todo o custo preenchel-as, em detrimento dos que possue, favoraveis e benignos.

O chefe da nação é irresponsavel, mas, a linguagem do governo é sempre a mesma, pelo menos para com a Igreja e seus ministros.

Este pelago é insondavel, e da nossa parte, ao menos, não lhe conhecemos o fundo! Qual será o nosso futuro?

Sim, perguntamos á sociedade: o que vai ser feito da Igreja e do clero do Brasil?

Para tudo faltão-nos recursos!

Do nôrte ao sul e do sul ao norte do paiz chovem os improperios contra o clero, porem ao governo fallecem os meios de remediar o mal! Ora dizem os homens, que se julgão perfeitos: a Igreja quer absorver o estado, ora o clero é ignorante e immoral, não cura de sua missão divina, é ambicioso, e só visa *as congruas, os canonicatos e as mitras*, como ha pouco se escreveu na corte, e se transcreveu nas provincias. Entretanto foi o estado que absorveu a Igreja; o clero é por demais, em geral, pobre, clama pela instrucção, desejando por isso mesmo moralizar-se; isto não carece de provas; por outro lado, não andão as mitras por ahi a cada canto, para serem apanhadas por qualquer. Mas, isto é que é bom, nem é preciso saber de que parte está a razão.

Como, e porque causas tem decahido a Igreja e o clero no Brasil?

A' falta de fé sem duvida, ninguem o ignora.

E como ter-se fé?

Os templos ou tem desabado á falta de reparos promptos, ou tem sido demolidos, para dar lugar a theatros, e passagem a vias ferreas.

O governo nada pode fazer, diz elle; appella-se para a fé, mas essa quasi que vai desapparecendo; appella-se para a palavra do sacerdote, mas o sacerdote *não aprendeu a fallar;* o que vai pois ser feito da Igreja e do clero do Brasil?

Não ha rendimento possivel no orçamento, sufficiente para reparos de Igrejas no paiz, como diz o governo pela bocca do ministro.

Como luctar-se com essa exaggeração pomposa?

As Igrejas cahirão todas por terra, é o que podemos deprehender das palavras do governo, exaggerada ou não a questão. O orçamento do Imperio excede a cincoenta mil contos, sendo precisa mais da metade da receita publica, geral e provincial, como asseverou o Sr. ministro, não é possivel votar-se quantia alguma para essa despeza impagavel.

A despeza é grande, o Sr. ministro a exaggera, porque serião precisos para mais de vinte e cinco mil contos para reparos de matrizes; o que fazer? fiquem por terra as Igrejas.

Será tambem exaggeração da nossa parte? talvez.

Com tudo sempre diremos: quem falla assim, zomba solemnemente dos homens e das cousas.

O Sr. ministro lamenta o excessivo aluguel, que pagão os cofres publicos pela casa, em que reside o Bispo do Ceará, mas nem por isso pede autorisação para se lhe fazer ou preparar um palacio.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Dos outros nada sabemos, mas, o do Maranhão está arrasado, e o novo tem alguns palmos acima dos alicerces, porque as subvenções forão suspensas, e cremos, que o Exm. Prelado viverá sempre em casas d'aluguel.

As cathedraes, que ainda existem, gemem sob o peso das ruinas; os paramentos quasi sempre mesquinhos, se não indecentes. Será possivel inaugurar-se no Brasil ainda algum Cabido? duvidamos, porque vemos, que aquelles, que forão ultimamente creados, vão ficando eternamente inscriptos na lei; e a diocese do Ceará nunca o terá, porque a respectiva cathedral não se presta para isso, attento o êrro de sua construcção, é o Sr. ministro, quem o diz.

Para prova disto basta, que se lêa o artigo, que abaixo transcrevemos; por elle verão os leitores a *boa* vontade do governo para inaugurar Cabidos nas Dioceses.

E o que diremos da cançada questão do augmento das congruas? E' essa para nós *uma questão celebre*, como ha muito já o dissemos.

Em tempos mais felices ainda se lião algumas palavras no relatorio, dizendo: que convinha augmentar as congruas, que crão reconhecidas mesquinhas; que o clero não era devidamente aquinhoado & &, mas, o que fazer, se as rendas do estado não chegão para essa despeza? o Sr. Souza Ramos por isso acabou com essa maneira de lamentar a pobreza alheia, não fallou mais nesses pobres filhos da Igreja, esqueceu-se delles; com effeito foi um remedio heroico, curou o mal pela raiz....

Entretanto o clero pede pão; de todos os Bispos, de todos os Cabidos, e até de camaras municipaes tem partido supplicas aos altos poderes do estado em favor do augmento das congruas.

E' verdade, que mais d'um projecto tem sido apresensentado e discutido na camara, infelizmente porem ou morre logo ao nascer na casa temporaria, ou vai jazer no pó da vitalicia!

E' por certo *uma questão celebre!*

O governo presta uma subvenção fabulosa a um jornal da corte, que publica os actos officiaes, uma outra monstruosa á companhia de vapores, e finalmente, entre outras muitas, uma ao theatro lyrico; e não estão assim satisfeitas as primeiras necessidades publicas?

Soffra pois a sociedade em sua organização, em suas bases, em sua moralidade, em sua religião; o culto publico é e será cousa secundaria; e como, depois de satisfeitas aquellas necessidades, o thesouro fica exhausto, não ha receita para mais nada, soffra a Igreja em sua instituição, o clero em sua condição.

Ahi estão os relatorios dos ministros, cada um tratou de sua especialidade, mas o Sr. Souza Ramos esqueceu o clero, esse clero infeliz, amaldiçoado, votado ao esquecimento e á nullidade; é em vista dos factos, que argumentamos, embora se consignem cada anno algumas palavras, mostrando, que convem regeneral-o, dizendo-se porem antes, que é ignorante, immoral & &.

Felizmente, vamos repetir alguns *favores* feitos á Igreja e ao Clero: para as obras da Cathedral da Bahia, orçadas em trinta contos, mandou-se dar quatro! e sem ser preciso continuar a enumerar estes *largos* favores, fiquemos desde ja sabendo, que o palacio episcopal do Maranhão ficará nas paredes, em que está, a Cathedral do Ceará no seu êrro de plano, a da Bahia em ruinas, e assim por diante, rematando-se tudo na venda dos bens dos Regulares.

Finalmente, ainda temos um lado benigno no relatorio do Sr. ministro do Imperio: S. Exc. propõe a creação de uma faculdade theologica no Imperio; mil agradecimentos ao illustre estadista por essa feliz lembrança.

Esperemos agora sua inauguração....

Feito isto não tem mais o clero a esperar essa *boa vida*, á que todos os seus membros aspirão, pelo que são e serão asperamente reprehendidos, praguejados e accusados.

Pedimos por ultimo aos benignos leitores desculpa da parte ironica, que encontrarem nestas nossas expressões, certos de que fizemol-o, sem intenção de offender a quem quer que seja.

A voz do clero.

Adstrictos ao clero brasileiro, vivendo no meio dessa impetuosa torrente de erros, sophismas e até de baldões, que de toda a parte nos atirão, não é possivel jazermos no leito da inacção ou da falta de esperança de nossa completa e por todos reconhecida rehabilitação, para maior gloria da divina religião do Crucificado, honra e proveito da terra brasileira, que nos vio nascer, e á qual devemos dedicação e bons serviços. E' por isso, que nossa voz se deve erguer para clamar contra todos aquelles, que buscão achar na depreciação do clero o mais seguro meio da decadencia da religião. Nós lhe diremos, sem medo de errar: enganais-vos. A religião plantada na terra por um Deos humanizado, e regada pelo sangue do Martyr do Golgotha, e de todos esses heróes, que o seguirão nos caminhos da virtude, uma tal religião, unica verdadeira, não póde morrer; sua força nasce do seu divino fundador, que lhe assegurou a perpetuidade. Promulgada porém para dirigir a nossa fé e costumes, em ordem a uma vida futura, onde um dia receberemos a infallivel sentença da nossa approvação ou reprovação, ha mister pratical-a, e fervorosamente seguil-a; ha mister obedecer aos divinos oraculos dessa indelectivel autoridade, que sobre a terra ficou para nos guiar, a Santa Madre Igreja, afim de, com acertados passos, nos encaminharmos á suprema felicidade. Nada perde a religião com a perversidade dos homens; divina como é, atravessa os seculos, e sempre immaculada repousa nos infinitos attributos do seu autor, o mesmo Deos. Meio unico e seguro, porem, para conseguir-se a bemaventurança, é o homem, que se perde e despenha no abysmo da desgraça, quando se esquece de estudar e praticar os deveres, que nascem das relações, que o ligão a Deos, a si e á sociedade; elle deve conhecer, que vive neste mundo, mas que dahi a um tempo, que não sabe, ver-se-ha diante d'Aquelle, que lhe exigirá contas, sem que possa ser enganado.

Constituida pois uma sociedade de entes, que não são puras materias, mas o harmonioso complexo das substancias corporea e espiritual, é de necessidade, que, apreciando a superioridade desta sobre aquella, nunca anteponha o homem as delicias passageiras deste mundo aos gozos do espirito, que se dão na pratica da virtude, pelo desenvolvimento das faculdades moraes do espirito.

E' assim, que o individuo, a familia, a sociedade, a nação, o mundo inteiro não podem gozar da felicidade, se for só a materia ou mundo physico o objecto e fim de seus

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

cuidados; deste modo desconhece o ente intelligente os fins, para que Deos o creára, dando-lhe um sopro de vida espiritual, tornando-o livre e capaz de premio ou de castigo n'uma outra vida, que não vemos com os olhos do corpo, mas que existe, porque Deos não póde enganar-se nem enganar-nos. E' assim, que o homem julga-se estranho a si mesmo, o pai sem autoridade para o filho, a sociedade immoral, e os superiores sem força e tino para castigar com justiça, ou antes para evitar, que os crimes se reproduzão. E' êste o fim da sociedade, que mal se dirige, é este o fim daquelle, que esquece Deos, e só se lembra do mundo.

A providencia divina tudo prevenio, e então nós vemos sobre a terra dous poderes distinctos, que caminhando em sentido diverso, dirigem-se todavia ao feliz destino da humana creatura. O Estado encarrega-se de legislar sobre a vida do homem, em presença do mundo; e a Igreja de estabelecer suas leis, em ordem á vida do homem, que se encaminha para o céo. O Estado e a Igreja se abração mutuamente, um do outro necessita, o estado quer a força e poder, que a religião de Deos, por meio da Igreja, lhe dá; e esta a seu turno recebe do Estado a força temporal, para se manter livre dos assaltos do crime e da perversidade dos impios e malfeitores.

E' por isso, que nós vos pedimos, Srs. representantes da nação brasileira, dai ao Brasil felizes leis, que não apartem o brasileiro do seu aperfeiçoamento moral; não tolhais por modo algum o desenvolvimento e progresso do catholicismo no Brasil; não vos caleis á vista de qualquer assalto contra a religião do Calvario, sua Igreja e ministros; se, por desgraça, do vosso seio mesmo soltar-se o volcão da impiedade, da reforma e do erro, que procura invadir ainda os mais abalizados espiritos da nossa epocha, se a bocca da heresia e desrespeito á Igreja se abrir diante de vossos corações brasileiros e por conseguinte catholicos, abafai logo esse grito de discordia moral, e só assim tereis força, para serdes obedecidos nas leis, que confeccionardes, não só porque a religião presidirá vossos pensamentos, mas porque ella diz aos povos, por seu Instituidor: obedecei aos vossos superiores; quem os ouve, a mim ouve, quem os despreza, a mim despreza. Tire-se de um povo a religião, e logo o veremos morrer na desordem e devassidão.

Feliz vai o Brasil na senda do progresso material, ninguem o contesta, as nações mais adiantadas o affirmão; mas este progresso é tão inferior ao moral tanto, quanto o corpo dista do espirito; compare-se um e outro entre nós, e veremos, que este não vive com desenvolvimento; e será a Igreja do Brasil a unica responsavel? O clero é immoral, dizem todos, não tem illustração; um de nossos estadistas disse, com grande escandalo: que, educando-se e formando um novo clero, com muralhas de bronze fosse separado do, que existe. A injustiça é grande, consulte-se o pensamento moral e religioso, que preside á sociedade, em que vivemos; a educação, que entre nós se dá á mocidade, donde sahirão todos, inclusive os padres; o esquecimento, em que vivem elles sem alimento a uma boa emulação, sem confiança nos seus esforços e trabalhos moraes e intellectuaes para a consecução dos beneficios, unico meio que tem para uma pobre mas honesta sustentação: comparem-se os excessivos e pingues ordenados e gratificações, as rendosas accumulações dos homens civis com os meios de subsistencia á que se dá não ao Parocho, mas a um Bispo, em provincias remotas, mais obrigado que todos a vestir os nús, a dar de comer a quem tem fome, a educar o clero, e a fazer o mais inherente á sua alta dignidade ecclesiastica, e tudo isto com uma congrua, que não chega para a sua decente sustentação, com quatro contos de réis para o seminario, e n'um tempo em que o egoismo invade tudo: os pobres pedem, os ricos não querem, não podem, custão a dar. Deos castigará o máo povo, enviando máos sacerdotes.

O governo não pode, não tem, com que satisfazer a tudo, ainda nem póde crear uma academia para os padres, apezar de havel-as mui boas para os militares, medicos, jurisconsultos, e não sei mais que! Sim, é necessario, que seja instruido o homem, que tem de defender a patria nos campos da batalha: o medico, que tem de applicar remedios á saude do corpo; o jurisconsulto, que deve interpretrar e explicar as leis da humana sociedade; viva porém na ignorancia, não se convide ao estudo e proteja muito ao padre, a esse homem, que, envolto na batina, deve correr em protecção de todos, e que é fortemente accusado, quando, no esquecimento em que vive, e na deficiencia de todos os meios, não arvora o estandarte da fé, e vôa, por entre as matas virgens dos nossos sertões, a civilizar os infelizes brasileiros, que por lá vivem foragidos; que é fortemente accusado, quando não tem a sciencia necessaria, e muita, para ensinar os ignorantes, combater as heresias, os erros e sophismas dos incredulos, interpretar e explicar as letras do sagrado codigo, penetrar o intimo dos corações, e levantar da ignorancia e do crime os fracos e os máos. Oh! E' muito exigir daquelle, que não está preparado; é querer, que um corpo fraco supporte o peso de um colosso.

Abracem-se a Igreja e o Estado no mais terno amplexo, estudem seus deveres, não considere-se o poder da terra sem necessidade dos auxilios da Igreja, exerça-se na orbita, que lhe é prescripta, não clame contra um corpo, á que não se tem dado a necessaria vida, e, quando se tenha de evitar faltas e abusos, não se faça desmoralizando esse corpo por meio de accusações publicas, que escandalizão a sociedade, mas sim por meio de medidas, que castiguem e previnão. Firmem-se nos laços d'amizade a Igreja e o Estado, unão-se o espiritual e o temporal em suas justas e reciprocas dependencias; e quando quizerdes avaliar o grão de adiantamento intellectual e moral do clero brasileiro, não o façais isoladamente, comparai-o com as outras classes da sociedade, pezai os meios, que a uma e outra se offerecem para adiantar-se e progredir; e se estas causas forem iguaes, digna de vituperio será quem não quizer ser util no ramo social á que pertencer, pois desprezará os sacrificios d'aquelles, que tudo põem em seu proveito e pela causa da patria; mas em quanto viver o clero abandonado no mais culpado desprezo, só entregue a si mesmo, nada vendo no presente, que o estimule, e olhando para um futuro sem gloria, calai-vos, é vos todos, que cooperais para o atraso da mais importante classe da sociedade, vossos gritos serão puras declamações, de quem vê a desgraça, e cruza

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

os braços do deleixo; nada espereis do clero, em quanto fôr assim abandonado, vendo entretanto que nas outras classes esperão todos grandes commodos, lucros e honras, que lhes promettem um porvir, não digo de riquezas, mas de gloria e satisfação moral. Não queraes ver em todos os padres outros tantos espiritos de abnegação e completo desprezo de tudo, quanto póde formar a felicidade temporal; contentai-vos com um clero intelligente e moralizado, embora certo de que não é vedado procurar os commodos da vida, quando estes se não opponhão ao grande trabalho da salvação, em cuja consecução devem elles ser os primeiros a darem os mais edificantes exemplos de virtude.

Trabalhai, ó vos, que tendes em vossas mãos o poder e meios para moralizar e desenvolver os povos no bem; trabalhai pela regeneração do nosso clero, tendo a certeza de que só assim será elle o principal moralizador da nossa patria, tão materializada em nossos dias; esforçai-vos, por dar-lhe quanto possais para sua illustração e virtudes, de modo a poder haver equilibrio entre elle e as demais classes da sociedade, collocai-o na altura, em que deve sobresahir, para que assim possa reflectir os raios salutares de sua boa doutrina e bons exemplos sobre o povo de nossa terra, digna da melhor sorte possivel.

(Da *Cruz*.)

TRECHO

do relatorio apresentado á assembléa geral legislativa na segunda sessão da 11ª legislatura, pelo Ministro e Secretario d'estado dos Negocios do Imperio, José Ildefonso de Sousa Ramos.

Negocios ecclesiasticos.

Sendo da maior conveniencia, que se guarde perfeita harmonia entre os poderes espiritual e temporal, devem as suas reciprocas relações achar-se de tal modo estabelecidas, que se evitem conflictos, sempre damnosos á causa da religião, e aos legitimos interesses do Estado.

Entretanto, essas relações não se achão, em alguns pontos, claramente definidas entre nós, do que podem resultar difficuldades, que será acertado prevenir.

Este importante assumpto continúa a occupar a attenção do governo.

Faculdades theologicas.

O governo não póde ainda usar até hoje da autorisação concedida pelo artigo 1.º § 2.º da lei n. 781 de 10 de Setembro de 1854 para a creação de faculdades theologicas no Imperio, em razão das difficuldades, de que fostes informados por um dos meus illustrados antecessores no relatorio, que vos foi lido na sessão de 1855.

E todavia, são tão manifestas a necessidade, que ha de proporcionar-se ao nosso clero meios de instrucção mais abundantes, e as vantagens, que em relação a este intuito devem provir d'essa creação, que, apezar de serem actualmente pouco favoraveis as circumstancias do thesouro, não duvido, que vos pareção justificados os sacrificios, que por ventura tenhamos de fazer para providenciar-se sobre objecto de tanta magnitude, logo que se consiga aplainar aquellas difficuldades.

Cumpre não perdermos de vista, que os meios de instrucção, proporcionados aos que se destinão ao estado ecclesiastico, não tem acompanhado os progressos, que desde alguns annos se tem realizado em relação ás outras classes da sociedade.

Esta circumstancia explica, talvez, o estado, em geral, pouco satisfactorio de nosso clero, sob o ponto de vista da illustracção.

Estou persuadido, de que a creação de uma faculdade theologica, que se poderia effectuar sem grande dispendio, muito concorreria para elevar o prestigio do nosso clero, e que attrahiria mesmo para a vida ecclesiastica muitos jovens dotados de talentos, que della são actualmente desviados pela impossibilidade de obterem uma instrucção superior, que satisfaça as suas aspirações.

Bispados.

Todos os Bispados, com excepção do da Diamantina, se achão providos de pastor. O governo desejaria, que não se désse aquella excepção; mas, procurando acertar, busca informações, que o guiem em tão delicado objecto; e logo que as obtenha uniformes e satisfactorias, não demorará a sua escolha.

O reverendo bispo do Rio-Grande do Sul fez a sua entrada solemne na diocese em 28 de Julho ultimo.

Os do Pará e Ceará tomárão posse por procuradores, o primeiro em 23 de Maio, e o segundo em 16 de Junho do anno passado, fazendo aquelle a sua entrada solemne em o 1.º de Agosto, e este em 29 de Setembro.

O do Maranhão, sagrado em 20 de Outubro do anno passado, tomou posse por procurador em 5 de Fevereiro ultimo, e fez a sua entrada solemne na diocese em 21 de Março.

O de Goyaz, sagrado em o 1.º de Dezembro, mandou tomar posse por procurador em 27 do mesmo mez, devendo brevemente seguir para sua diocese.

Por decreto de 11 de Maio de 1861 foi nomeado bispo de S. Paulo o monsenhor Sebastião Pinto do Rego, que se acha confirmado pela Santa Sé desde 4 de Outubro. Incommodos de saude tem retardado a sua sagração, que espero poderá, como tanto convem, effectuar-se com brevidade.

Aggravando-se os padecimentos physicos do reverendo bispo do Rio de Janeiro, passou elle a administração da diocese ao vigario geral do bispado, conego José Joaquim Pereira da Silva, e ao juiz dos casamentos, conego José Antonio da Silva Chaves.

Relação metropolitana.

A organização d'este importante tribunal, que decide em ultima instancia pleitos, que envolvem os mais intimos interesses das familias, continúa a dar lugar a serios embaraços, difficultando julgamentos, que só devem ser retardados o tempo rigorosamente preciso, para formar uma opinião segura e esclarecida.

O digno Primaz da Igreja brasileira informa, que, mesmo convocando os vigarios geraes da diocese, encontra difficuldades em reunir o tribunal.

O mal, que d'ahi resulta, é tão sensivel, que não se faz mister encarecel-o.

Pende de vossa deliberação um projecto, apresentado na sessão de 1858, augmentando o numero dos desembargadores; projecto cuja adopção me parece dever ser de-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

morada, até que o estado financeiro do Imperio apresente mais lisongeiro aspecto; convindo notar, que já pela lei n.º 83 de 17 de Setembro de 1839 foi elevado o numero de juizes de 3 a 7, sem que d'ahi proviesse o beneficio, que se teve em vista, de poder o tribunal cumprir prompta e satisfactoriamente os fins, para que foi instituido.

Parece-me, que, respeitando o antigo costume observado, quando existia em inteiro vigor a Provisão regia de 30 de Março de 1768, em virtude da qual podião ser nomeados substitutos em falta dos juizes, ficarião removidos os embaraços, que se oppõem ao julgamento das causas sujeitas á decisão da relação metropolitana.

Sendo de incontestavel conveniencia publica, que não se deixe de fazer justiça por falta de juizes, estou persuadido, que adoptareis as medidas, que mais acertadas fôrem, para que este tribunal funccione com toda a regularidade.

Cathedraes.

Em geral, o estado de nossas cathedraes não é satisfactorio; quasi todas carecem de reparos e de paramentos.

A da Bahia acha-se tão damnificada, que, ha muito, deixou o cabido de funccionar n'ella. Hoje serve de cathedral a igreja dos jesuitas, que tambem necessita de concertos, orçados pelo digno metropolita em 30:000$. O governo, attendendo as forças do orçamento vigente, applicou para esse fim a quantia de 4:000$.

Esta cathedral carece tambem de paramentos na importancia de 2:000$.

Na de Pernambuco acha-se o tecto arruinado, exigindo promptos reparos. Sente igualmente falta de alfaias e de um orgão.

A do Ceará, apezar de nova, não se pode prestar aos officios pontificaes, nem permitte a installação do cabido, em razão de seu errado plano de construcção.

O governo, não tendo no orçamento meios para occorrer a despeza de 17:600$ com obras, de que ella necessita, declarou ao reverendo Bispo, que, na vossa primeira reunião, tereis conhecimento d'este objecto, para deliberardes o, que mais acertado for.

As cathedraes de Marianna, Goyaz, e Cuyabá carecem igualmente de concertos e alfaias, para que n'ellas possão ser diguamente celebradas as ceremonias do nosso culto. A ultima, edificada ha mais de cem annos, talvez deva ser substituida.

Capella Imperial.

Com o prolongamento da rua *Sete de Setembro*, soffreu o edificio da capella imperial, tornando-se por isso necessario construir algumas accommodações em substituição das, que forão demolidas.

Já forão presentes ao governo as plantas das obras precisas; porem, ainda não tendo sido organizado o orçamento da despeza, só em outra occasião se poderá resolver a tal respeito.

Seminarios.

Não podendo o governo esquecer a importancia d'estes estabelecimentos, que, quando bem montados, contribuem poderosamente não só para a illustração, como principalmente para a educação do clero, tem estudado com attenção as questões relativas aos nossos seminarios, sobre que tem tido de deliberar.

O edificio, que actualmente serve de seminario no Pará, para ficar completamente reparado, necessita ainda de 30:853$437, como já foi communicado á camara dos senhores deputados.

Os concertos, de que carece o seminario de Pernambuco, forão orçados em 28:306$120.

Para obras e accrescentamento do grande seminario da Bahia são precisos 13:000$.

Quer este quer o pequeno seminario precisão de moveis para as aulas, avaliados em 1:000$

Para cobrir as despezas, orçadas em 21:178$400, com os reparos, de que carece o seminario de Marianna, são ainda necessarios 15:178$400, visto que o governo só poude applicar para tal fim a quantia de 6:000$

O de Cuyabá, que funcciona em um proprio nacional, ainda não possue os commodos precisos para a admissão de alumnos, apezar de ter o governo distribuido n'este exercicio 4:000$ para as suas obras.

O de Goyaz ainda não foi inaugurado por falta de edificio accommodado, falta que o governo se esforçará, para que seja removida.

Tambem o do Rio-Grande do Sul não possue edificio proprio. Para sua construcção mandei levantar a planta, e orçar a despeza.

O estado do seminario do Maranhão, que se acha estabelecido em dois dormitorios do covento de Santo Antonio, é satisfactorio.

Quanto ao de S. Paulo, construido pelo finado bispo, chamo a vossa attenção para a representação, que pende de vossa decisão, pedindo dispensa da lei da amortização, para poder possuir uma casa a elle contigua, e um sitio duas leguas distante da cidade.

E' fóra de duvida, que do pessoal do professorado dependem em grande parte os beneficios, que os seminarios podem produzir; por isso, no que lhe compete, o governo continúa a proceder em tal assumpto com o necessario cuidado.

Seria conveniente, que em todas as dioceses existissem, alem dos grandes, pequenos seminarios, em que se ensinassem as materias preparatorias, e que, admittindo somente alumnos internos, de tenra idade, fossem a escola, em que pudessem ser com tempo apreciadas devidamente as suas qualidades moraes e vocação para o sacerdocio. Marcharíamos assim com passo mais seguro para a regeneração do clero.

Infelizmente, o nosso estado financeiro não permitte a realização de todas as idéas reconhecidamente uteis; e não seria acertado emprehender novas despezas, quando a maior parte dos seminarios existentes precisão do auxilio dos cofres publicos, para se manterem.

Palacios episcopaes.

Somente nas dioceses do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará e Maranhão, existem proprios pertencentes á mitra ou ao Estado, destinados para residencia dos respectivos bispos.

Nas outras residem os prelados em casas particulares, cujos alugueis são pagos pelos cofres publicos, resultan-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

do d'ahi uma despeza annual consideravel, ainda temporariamente augmentada por não estarem concluidas as obras do palacio episcopal do Maranhão, e por ter o do Pará de servir de seminario, até que se conclua o edificio para elle destinado, que se acha em construcção.

A casa, em que reside o reverendo bispo do Ceará, e pela qual paga-se o excessivo aluguel annual de 4:200$, não tem, segundo informa o mesmo bispo, as accommodações necessarias. Este inconveniente só poderá ser removido, comprando-se ou edificando-se outro predio.

Matrizes.

O estado decadente de nossas matrizes é por vós conhecido. Para collocal-as em um pé conveniente fôra necessario despender só com este objecto a maior parte das rendas do Estado e das provincias.

Mesmo em algumas das freguezias do municipio da côrte as matrizes se achão arruinadas, e não possuem os precisos paramentos.

Só os esforços de parochos, que, por suas virtudes e zêlo evangelico, tenhão captado a estima dos povos, podem contribuir do modo mais efficaz para collocar os templos em um estado compativel com a pompa do culto catholico. Ao passo porem, que todos lamentamos a decadencia, em que os vemos, quando todas as conveniencias aconselhão, que de preferencia tratemos de melhoral-os, augmenta-se o numero das freguezias com tal profusão, que, para a despeza proveniente da creação de novas parochias, o governo vê-se forçado a pedir-vos, que no proximo exercicio a respectiva verba seja augmentada com a consideravel somma de 99:864$520.

Parece-me, que este assumpto merece ser tomado em consideração pelo poder legislativo.

Parochias.

Tratando das matrizes manifestei a inconveniencia da repetida creação de freguezias, que augmenta os embaraços, com que lutamos para melhorar o estado dos nossos templos.

Sobre este objecto chamei a attenção dos reverendos bispos, que muito podem auxiliar o governo no empenho de impedir, que se creem novas parochias, quando essa medida não seja imperiosamente reclamada, para que não falte aos fieis o pasto espiritual.

A subdivisão das freguezias difficulta a apresentação de parochos, e faz, com que algumas fiquem privadas de sacerdotes, que ministrem os soccorros da religião.

Desejava n'esta occasião dar-vos exactos esclarecimentos sobre o numero das freguezias, que se achão providas de vigarios collados; das que são regidas por vigarios encommendados e interinos; e das que estão vagas; mas não posso fazel-o, por não ter recebido algumas das informações exigidas.

Entretanto, posso assegurar-vos, que não é diminuto o numero das, que não possuem vigarios collados, por falta dos concursos e propostas de alguns prelados.

Este assumpto occupa a attenção do governo, que espera ser coadjuvado, para a observancia da lei, pelos mesmos prelados, a quem não póde escapar a vantagem de serem as parochias regidas por sacerdotes de provadas habilitações, e que, por sua estabilidade, possão curar efficazmente dos interesses da igreja.

Conventos.

A decadencia das ordens religiosas, outr'ora tão florescentes, é facto, que ellas mesmas reconhecem, procurando sahir do abatimento, em que têm cahido, pela realização de alguma idéa de geral e não contestada utilidade.

Assim, os benedictinos creárão n'esta cidade um collegio de instrucção secundaria, que todos podem frequentar gratuitamente; e os carmelitas acabão de imital-os.

Mas, isto não basta para sua rehabilitação.

As frequentes lutas intestinas em corporações, que fazem profissão de humildade e amor do proximo, revelão grande vicio no seu modo de existir, justificão a necessidade de uma reforma, e manifestão a conveniencia de continuar em vigor a deliberação tomada pelo governo de suspender a admissão de noviços.

Parece-me, que muito poderia concorrer para o melhoramento das ordens religiosas uma medida legislativa, que as compelisse a converter, dentro de um praso determinado, em apolices da divida publica, com a clausula de inalienabilidade, os bens de raiz e semoventes, que actualmente possuem; e que, além de distrahil-as dos fins de sua instituição, preoccupando-as com a administração de interesses puramente materiaes e mundanos, tornão-se quasi completamente improductivos em poder d'aquellas corporações, com manifesto prejuizo da producção e da riqueza do paiz.

O emprego d'aquelles avultados valores em titulos da divida publica asseguraria ás ordens religiosas um rendimento liquido, mais que sufficiente para sua sustentação, restituindo entretanto ao commercio e á industria valiosas propriedades, que em nada contribuem hoje para a riqueza publica, e que serão cada vez mais mal administradas, em razão da escassez do pessoal, de que se compõem aquellas corporações.

Vós resolvereis sobre este objecto, o que fôr mais acertado.

Missionarios.

A questão, que se levantou por causa do decreto n. 373 de 30 de Julho de 1844, e que produzio a interrupção da remessa para o Imperio de missionarios capuchinhos não foi ainda concluida.

E', porem, de esperar, que o seja, e brevemente, á vista do interesse e empenho, com que a Santa Sé promove tudo, que respeita á propagação da fé catholica, principalmente em uma epoca, em que o espirito do erro e as falsas doutrinas religiosas procurão fazer proselytos, enviando por toda a parte os seus agentes, e espalhando profusamente os seus perniciosos escriptos.

O governo imperial, por seu lado, tem envidado todos os esforços, para conseguir esse resultado, sem quebra porem dos direitos do Estado.

Entretanto, sem desconhecer a proficiencia e aptidão dos capuchinhos para este serviço, cumpre-nos cuidar do estabelecimento de missões nacionaes.

Esta instituição não seria nova entre nós, e d'ahi já colhemos bons resultados.

Ella servirá para estimular os nossos sacerdotes, e fortalecer a vocação dos, que desejarem abraçar a vida ecclesiastica.

Com effeito, nada pode haver de mais nobre para o sacerdote, do que, pela predica da palavra divina, ensinar a piedade e a virtude, melhorar os costumos, e extirpar os vicios.

Alem desta animação aos sacerdotes, que, inspirados pela fé, desejarem desempenhar a missão mais ardua e sublime de seu ministerio, colheremos a vantagem de prover com os proprios recursos, em um futuro não muito remoto, as necessidades da cathechese e civilização dos indigenas.

A casa de Caiphás.

Jerusalem na segunda-feira de Pentecostes.

(Continuação do n. passado).

Esta laranjeira desappareceu, e não foi substituida por

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

cousa alguma. Ao pé da igreja, do lado do occidente e do sul sobresahe uma especie de claustro, subrepujado d'uma galeria e de algumas cellulas para os religiosos e peregrinos. O pateo e o claustro, de que fallo, servem de lugar de sepultura exclusivamente reservada aos patriarchas e bispos, que fallecem em Jerusalem. Á esquerda do mesmo pateo está a entrada da igreja, perfeitamente voltada para o oriente, como todas as do Levante.

Julga-se por tradicção, que ella se eleva sobre as ruinas d'uma igreja mais antiga, falsamente attribuida a Santa Helena, e edificada sobre os fundamentos da casa de Caiphás em memoria dos grandes acontecimentos, que nella se derão, pois foi d'ahi, que o Salvador foi enviado a Caiphás por Annás, seu sogro, cuja habitação estava a trezentos ou quatrocentos passos d'ahi. No interior o actual santuario só tem quinze a dezoito passos de comprimento sobre doze de largura, e uma só nave terminada por uma unica abside, atraz da qual ha uma pequena sacristia. No fundo da abside, mais afastado das paredes cobertas de brilhantes tijolos de louça, eleva-se o altar, em cima do qual está pintado um pessimo painel, representando a descida do Espirito Santo, em forma de linguas, sobre os apostolos e a Santa Virgem. No altar está assentada uma pedra grossa, um pouco sacada do lado do evangelho, e que a tradicção local diz ser a, que formava a entrada do gabinete funebre, aberto na rocha viva, onde foi depositado o corpo inanimado do Salvador. Foi por causa desta pedra, que as santas mulheres estavão inquietas, quando, indo ao Sepulchro, dizião umas para as outras: *Quis revolvet nobis lapidem ab ostio monumenti?* Não demorar-me-hei aqui a examinar a authenticidade desta tradicção, que me não parece solidamente estabelecida. Os Latinos são de opinião, que os Armenios houverão essa pedra dos religiosos europeos, na occasião da tomada da ilha de Chypre por Selim II dos Venezianos. A' direita do altar, do lado do sul, ha um pequeno gabinete abobodado, com 2 metros e 25 centimetros de altura, 1 metro e 50 centimetros de comprimento, e 90 centimetros de largura, e para o qual se entra por uma porta muito baixa e estreita; no fundo, ao oriente, ha um pequeno altar de pedra, no qual tenho tido muitas vezes a satisfação de dizer missa.

Querem, que esse gabinete substituisse a estreita prisão, em que Jesus Christo fôra lançado uma parte da noite, que precedeu sua morte, aguardando a reunião do grande conselho, que procurava o meio de fazel-o morrer. Os christãos de todas as communhões tem a maior veneração por esse sanctuario, cuja pedra beijão com uma devoção verdadeiramente tocante. A antiga igreja era dedicada a S. Pedro; talvez seja a, que os antigos chronistas designão com o nome de *Galli Cantus*, titulo que muitos viajantes dão ás ruinas de um oratorio construido sobre uma gruta, para onde, a crer-se uma tradicção local, S. Pedro retirou-se para chorar amargamente seu peccado, cuja enormidade um olhar do Salvador lhe fizera conhecer. Como quer que seja, o sanctuario, que hoje se venera, é, ha muitos seculos, consagrado ao Salvador, em honra dos ultrajes, affrontas e máos tratos, que soffreu no palacio do grande sacerdote Caiphás.

Aquelles, a quem Judas conduzira á quinta de Gethsemani, tendo agarrado e atado nosso Divino Salvador, conduzirão-no á casa de Annás, nas alturas de Sião, passando a torrente do Cedron, atravessando o arrabalde de Ophel, e entrando na cidade acima do Moriah.

Este trajecto comprehende duzentos passos pouco mais ou menos.

Admirão-se, de que os esbirros conduzissem logo Jesus Christo á casa de Annás, como o refere o evangelista S. João; mas convém reflectir, que, ainda que despojado do soberano pontificado, esse astucioso politico dirigira o ataque repentino, que se acabava de executar, e soubera elevar-o sobre o sentimento dos membros do conselho, que não querião, que se apoderassem de Jesus durante a festa da Paschoa, com receio de excitar uma sedição entre o povo, que pela resurreição de Lazaro estava disposto em favor do Salvador. Caiphás, seu genro, a quem elle fizera, com que fosse revestido do soberano pontificado, não passava de um instrumento docil, que elle movia á sua vontade. Sua casa era apenas afastada cerca de trezentos passos da de seu genro, a qual o grande sacerdote Eliaseb mandára construir, para servir de morada aos soberanos pontifices da nação. O divino prisioneiro foi pois conduzido da casa de Annás ao palacio de Caiphás ante os juizes de seu paiz, e o conselho se reunio apressadamente á noite, ainda que fosse contrario a todos os usos julgar algum crime capital antes de amanhecer. Mas, nesse processo, onde se tratava de julgar a innocencia e a santidade, todos os usos e todas as regras da justiça devião ser indignamente calcadas aos pés. Jesus foi pois introduzido na sala do conselho, onde os principes dos sacerdotes já estavão em seus assentos, revestidos de seus habitos sacerdotaes.

No meio delles estava sentado o soberano pontifice, e ao seu lado Annaz, que dirigia todo o conselho dos sacerdotes. «O grande sacerdote, diz o Evangelho, interrogou Jesus sobre seus discipulos e suas doutrinas. Jesus respondeu-lhe:—Tenho fallado publicamente a todo mundo; tenho sempre ensinado na synagoga e no templo, onde os juizes se reunem, e nada tenho dito em segredo. Por que interrogaes-me? Interrogae aquelles, que têm ouvido, o que eu lhes tenho dito; elles sabem, o que lhes tenho ensinado—»

Quando elle assim fallava, um dos quadrilheiros, que ahi se achavão presentes, deu uma bofetada em Jesus, dizendo: «E' assim, que respondes ao grande sacerdote?» Jesus respondeu: «Se fallei mal, mostrai, em que disse mal; mas, se fallei bem, porque me bateis?»

Que brutalidade inaudita da parte d'um creado de baixa condição, em presença da congregação dos padres, em quanto uma bofetada era seriamente punida entre os juizes! Mas, a respeito do clemente Jesus, tudo era permittido, e cada qual podia entregar-se á seus caprichos. Ao ultraje unia-se a ingratidão, se, como o quer a tradicção, o creado, que deu a bofetada em Jesus, era Malchus.

Depois de ter acompanhado S. João, ouçamos o, que diz S. Matheus: «Ora, diz este evangelista, os principes dos sacerdotes e todo o conselho procuravão um falso testemunho contra Jesus para entregal-o á morte, e não o achárão, ainda que muitas testemunhas falsas se apresentassem. Emfim, duas testemunhas falsas vierão, e

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

disserão: Este homem disse: «Eu posso destruir o templo de Deos, e, depois de tres dias, restabelecel-o.» E o principe dos sacerdotes, levantando-se, lhe disse: Nada respondeis ao, que estes depõem contra vós? Jesus callava-se, e o principe dos sacerdotes lhe disse: Conjuro-vos á que nos digaes, em nome de Deos vivo, se sois o Christo, o Filho de Deos. Jesus respondeu: «Vós o dissestes. Declaro-vos, que um dia vereis o Filho do Homem assentado á direita da magestade de Deos, e vindo sobre as nuvens do céo.» Então o principe dos sacerdotes rasgou suas vestimentas, dizendo: Elle blasphemou! Que necessidade temos mais de testemunhas? Eis que agora ouvistes a blasphemia! Que vol-o parece? Todos respondêrão: Elle merece a morte. Então cuspirão-lhe na face, derão-lhe socos, e outros derão-lhe bofetadas, dizendo: Christo, prophetiza-nos, quem te deu! Elles ainda dizião outras muitas cousas, blasphemando, accrescenta S. Lucas.»

Os evangelistas descrevem-nos uma outra scéna não menos dolorosa para o coração de Jesus, succedida igualmente no palacio de Caiphás; quero fallar dessa trahição de S. Pedro, desse apostolo, que declarára francamente, que jamais soffreria ao lado de seu bom mestre, a quem estava disposto a seguir até a morte, se o fosse preciso. Todo o mundo póde ler no Evangelho as circumstancias da renegação desse apostolo infiel, que devêra, todavia, ser um dia, depois de sua conversão, o fundamento e a columna da igreja. O interrogatorio de Jesus finalizára, e o innocente accusado, conduzido provavelmente de uma sala superior para uma galleria inferior, vio S. Pedro, e este lembrou-se do, que o Senhor lhe dissera: «Antes que o gallo cante duas vezes, tu me negarás tres». Esse olhar de misericordia e de amor ferio o coração do discipulo com uma amarga dôr.

Pedro sahio logo, chorou amargamente, e foi occultar sua vergonha na obscuridade da noite e nas trevas da gruta, de que acima fallei, e que se vê ao lado meridional do monte Sião.

Eis as dolorosas circumstancias da Paixão, que se manifestárão no palacio de Caiphás, que substituio o sanctuario, onde tive a felicidade de dizer a sancta missa esta manhã. Nesse recinto veneravel, estas lembranças se accumulão, e a alma está profundamente commovida pela idéa dos insultos, humiliações, ultrajes e ignominias, que pelo amor dos homens soffreu o Filho de Deos; ultrajes, diz S. Jeronimo, cuja extenção e maldade só poderemos comprehender no dia do juizo final.

TH. DEQUEVAUVILLER.
Andrade Luna.
(*Extr.*)

O governo imperial e o bispado do Ceará.

O governo imperial acaba de praticar um acto com o respeitavel Prelado desta diocese, que não se compadece, nem com o respeito á lei, nem á pessoa a quem veio ferir.

E' sabido, que a S. Sé, receiando que o nosso governo não habilitasse os Bispos das novas Dioceses do Ceará e Diamantina, recusou por algum tempo expedir as bullas de confirmação, e só o fez depois de publicadas as leis creando o cabido, e mais funccionarios indispensaveis ao serviço episcopal, na certeza de que o governo proveria aos novos bispos de todo o necessario.

Em virtude da lei vigente do orçamento, que votou quantia necessaria para os empregados da cathedral, o nosso Prelado proveo, como lhe cumpria, os lugares, que são de sua immediata nomeação, como capellães, coristas, sachristães &, e parece, que propoz ao governo sacerdotes para o cabido.

Eis quando menos se esperava, baixa um aviso do Sr. ministro, mandando sustar na thesouraria o pagamento de todos esses funccionarios, desfazendo por conseguinte um acto legitimo do Prelado, e infringindo uma lei, que ordena o pagamento desses empregados.

Porque esse acto arbitrario do ministro? Não vimos o aviso, sabemos apenas do facto, que é verdadeiro, mas não ha motivo plausivel, que o possa justificar. Economia? E' irrisorio, que o governo queira salvar o estado da banca rota, suspendendo os mesquinhos ordenados de alguns capellães e coristas. Mas ainda assim, podia o governo suspender o effeito da lei, que tinha votado essa despeza?

Illegalidade das nomeações? Tambem não, porque o governo não pode ignorar, que é ao Prelado, que compete fazel-as directamente.

Consta-nos, que allegára o não achar-se ainda nomeado o cabido, mas o que tem o cabido com os mais funccionarios nomeados?

A questão é esta: estavão creados esses lugares? A lei tinha votado quantia para os empregados? Competia ao Bispo provel-os directamente? Ninguem responderá negativamente a esses quisitos, logo o governo não podia suspender os funccionarios ou os seus ordenados.

Parece, que o governo não pretende prover de cabido a Sé do Ceará, e prevalece-se do direito da apresentação, para não satisfazer, ao menos tão cedo, essa necessidade; mas ainda quando assim proceda, o que nos não admira, attenta a sua indifferença em materia de religião, não pode nem deve nullificar as nomeações mui legalmente feitas pelo Prelado dos empregados menores da mesma cathedral.

Esse acto do governo, alem de arbitrario, despotico e desrespeitoso para com o Prelado, deve causar-lhe mortificante desgosto, e o impossibilita de funccionar nos officios da cathedral; porque é sabido, que o bispo não pode por si só officiar solemnemente.

O procedimento do governo ainda é desleal e cobarde; desleal, porque promettendo ao Diocesano do Ceará dar-lhe tudo, quanto precisasse para o bom desempenho de seu ministerio, nega-lhe agora até aquillo, que não podia fazel-o; cobarde, porque revela com isso a maior indifferença nas cousas da igreja, e todavia não tem coragem bastante, para dizel-o francamente.

Se o governo não queria, e não quer o bispado no Ceará, se a igreja lhe pesa, e a religião lhe parece cara e prejudicial a seu *systema de economia*, seja franco uma vez, diga-o; mas não illuda a Santa Sé e ao publico; não compromette a sacerdotes respeitaveis, que na melhor boa fé, no desejo somente de servir a igreja e ao estado acceitão o difficil encargo do episcopado, para depois faltar-lhes com o necessario ao desempenho de sua alta missão; é isso expol-os á irrisão.

E é este o governo, que se apregoa de reformador dos costumes, de respeitador das leis do paiz?

Acreditamos, que o nosso virtuoso Prelado deve ter-se magoado com este acto desattencioso do governo, mas deve resignar-se, na consideração de que os seus diocesanos lhe pagão em respeito, amor e veneração, o que o governo lhe dá em desconsideração e desfavor.

(Do *Commercial.*)

Errata do n. passado.

No n. ultimo pag. 140, linh. 17—col. 2.ª—onde se lê: 14, léa-se. 15.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6:000—por anno—Imp. por B. de Mattos, na typ. do PROGRESSO—1862.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 235.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXM.º E RVM.º SNR.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇÃO SARAIVA,

BISPO DO MARANHÃO.

QUARTA-FEIRA 9 DE JULHO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

CARTA PASTORAL.

2.ª

Dom Frei Luiz da Conceição Saraiva, por Mercê de Deos e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Maranhão, do Conselho de Sua Magestade o Imperador & & &.

A' todos os Nossos diocesanos, saude, paz e benção em Jesus Christo, Nosso Redemptor e consolação do Espirito Santo.

Em tempo avisado dos males e afflições, com que o Senhor pelos altos designios de sua Omnipotencia tem ferido com tanta dureza a muitos de nossos Irmãos nas differentes Provincias do Imperio, e não sabendo nós, se estamos comprehendidos nos rigores de sua justiça, não podemos, exprimindo-vos a dôr, que nos opprime, a qual achará certamente éco em vossos corações, deixar de levantar a nossa voz para acordar os que, dormem o somno criminoso do indifferentismo e do peccado.

Não podemos, repetimos, deixar de dirigir-vos em um momento de tamanha tribulação alguns avisos, a fim de, animando vossa fraqueza, e excitando nossas lagrimas, nos habilitarmos, para, por sinceros gemidos de contrição, obtermos da Misericordia Divina os meios e os recursos precisos para vencermos as tentações, e para que ao mesmo tempo, reconciliando nossas almas com o seu Creador, recolhendo-nos no seu sanctuario para expor-lhe as necessidades, que soffremos, e compenetrados dos mais vivos e expressivos sentimentos de amor e respeito, procuremos, por devotas supplicas, allivio ás enfermidades e dores, que nos opprimem, e affligem os nossos Irmãos. Para conseguirmos porém estas graças da Misericordia Divina é-nos, antes de tudo, preciso guardarmos fielmente os seus mandamentos, e vivermos segundo a sua vontade. A diminuição de seus dons e favores é somente originada de nossa pouca Religião, por que quando o nosso coração não nos reprehende, diz São João, nós temos um accesso livre diante do Senhor (1).

Recorramos por tanto á oração e á penitencia, para alcançarmos este estado de justiça e santidade, e para podermos obter o cumprimento de suas ineffaveis promessas, como meios efficazmente seguros e recommendados aos homens pelo mesmo Filho de Deos.

Pedi e recebereis, buscai e achareis (2). Estai certos, diz ainda o Salvador, que infallivelmente recebereis tudo o que pedirdes— *Omnia quæcumque orantes petitis.* (3) Não ha mais do que pedir. Jesus Christo prometteu tudo, e á toda sorte de pessoas—*Omnis enim qui petit, accipit.* (4) Se porem muitas vezes pedis, e não recebeis, é porque, diz Sant'Iago (5) pedis sem fé, e como a onda do mar, que é levada pelo vento, e de uma para outra parte lançada; assim o homem, diz o mesmo Apostolo, que duvida, nada receberá do Senhor.

É pois mais que necessario, que sem demora appressemo-nos, cheios de confiança, a dirigir nossas humildes preces ao Deos vivo, e pelos merecimentos infinitos de Nosso Senhor Jesus Christo, pela intercessão valiosa e efficaz de Sua Mãe Santissima lhe imploremos uma protecção, que nos livre de todos os males, para podermos triumphar dos inimigos da nossa salvação, pois que, sendo certo, que irremissivelmente havemos de morrer, não nos é permittido com tudo sabermos o dia e a hora, em que devemos apparecer diante do Tribunal Divino, onde não ha grandeza nem fidalguia, e onde os grandes e os pequenos se confundem, para terem na eternidade uma sorte talvez differente.

Todos os dias vemos confirmados estes santos e tremendos oraculos, o mesmo Filho de Deos não dissimula, quando claramente nos adverte (6) que virá como um grande ladrão, que põe toda a sua industria em assaltar sem ser esperado; ou como um senhor, que, querendo provar a fidelidade de seus servos, finge uma grande viagem, e inopinadamente apresenta-se, quando o julgão mui distante; ou como um esposo, que, sendo anciosamente esperado, chega no momento, em que menos se está preparado.

É assim, que a vida é, na phrase das sagradas lettras (7) comparada á folha de uma arvore, que muitas vezes se desprende ao sopro da mais leve ventania; ou á uma flôr, que, ao amanhecer abrindo-se bella, poucas horas depois se murcha.

Factos bem tristes, e exemplos significantes attestão-nos estas verdades. O homem, diz o Ecclesiastes, c. 9 v. 12, ignora o fim de seus dias, e, assim como o peixe brincando nas aguas, e o passaro no ar, assim elle, quando menos o espera, e está no meio dos mais doces e agradaveis prazeres, se deixa sorprehender.

E em verdade, quando consideramos, que amanhã poderemos estar no leito da morte, onde todas as ambições se quebrão, onde a magnificencia, o fausto e a sumptuosidade, que neste mundo tanto custão a ganhar, desapparecem nas azas pesadas da eternidade, oh! não descobrimos nas cousas finitas senão um vão esplendor, e nem podemos deixar de exprimir-nos com Job:

De que servem a distincção, a dignidade e os cargos,

(1) Joan, c. 3.º v. 27.
(2) Luc. c. 11, v. 9.
(3) Marc. c. 11—v. 24.
(4) Math. c. 7—v. 7 e 8.
(5) Ep. Cath. c. 1.º v. 6 e 7.
(6) Apoc. c. 3 v. 3.
(7) Isai, c. 40. v. 6 e 7.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

quando não são para glorificar o Senhor! A morte tudo confunde—*Parvulus et magnus ibi sunt*—(8).

Toda a nobreza, toda a vaidade espiraráõ com a morte, e não lhes restará depois d'ella senão a podridão e os vermes.

Eis ahi, Irmãos e filhos muito amados, o fiel retrato da nobreza e do orgulho humano.

A' vista d'isto não comprehendemos, como ainda ha entre os christãos tanto horror aos meios, que conhecem necessarios para a salvação eterna. Não sabemos, que fatal cegueira é a de deferir a confissão de suas culpas e a emenda de sua vida; o que porém sabemos é, que todos desejão morrer bem, e que não ha, quem não queira passar do leito da morte para a gloria sem que ignorem, que a escada, que conduz á ella, não estará preparada senão aos que neste mundo se desembaraçárão do pêso dos peccados.

E com magua o diremos:

Quantos dos presentes tratão de morrer bem? Ah! os descuidos dos mortaes nesta hora tremenda espantão os mesmos Anjos.

Em nenhum tempo, como o d'hoje, foi mais preciso pensar-se na morte, como o antidoto das paixões vergonhosas. Pensai nella, diz o sabio, e conservar-vos-heis na innocencia.

Estas perennes, como infelizes desgraças, que encontramos na nossa curta e attribulada existencia, ensinão-nos claramente a necessidade, que temos da oração e da penitencia para merecermos; pois que estes são os meios, que os livros santos recommendão, ordenados pela Igreja com muita solicitude, e por cuja pratica os céos estão cheios de Santos; meios poderosos, que, perdendo-se na noite dos tempos, forão em todas as idades consagrados para aparar-se a colera do Deos Misericordioso, provocar as bençãos do céo, para recuperar nossa dignidade e devoção, encaminhar nossas intenções, e reanimar nossa coragem.

E com effeito, se é necessario, como expõe a nossa propria razão, que em qualquer occasião todos os mortaes devem tributar ao Senhor, que os creou, todas as homenagens de respeito e adoração, agradecer-lhe por actos externos de Religião os seus immensos beneficios; como o não será em momento de tanta gravidade implorarmos a sua misericordia, para que, affastando a sua colera, por nós tantas vezes provocada, nos revista de merecimentos, para continuarmos a receber os seus beneficios; e para não ficarmos em inacção e impassiveis em presença do quadro lastimoso dos soffrimentos dos nossos Irmãos, e surdos permanecermos insensiveis á sorte de tantas viuvas e orphãs, que sem apoio deverão ficar expostas ás necessidades communs da vida, sem que ao menos possão talvez resistir ás damnadas tentações, que nestas tristes circumstancias sempre apparecem, ás seducções tão encantadoras como falsas, ás paixões e chimericas felicidades, que se convertem em indignação, e que nem a morte destroe!

Falla Deos muitas vezes ás nossas almas por linguas mui distinctas; umas vezes por inspirações, outras com exemplos e com os infortunios alheios. Quantas vezes não somos por Elle assim dispertados com os mais solemnes e excitantes avisos, para que, desprezados os caminhos, que nos conduzem, e devem nos precipitar no mal, nos introduzamos pelos da salvação, sem conhecermos esta linguagem, e sem, no meio das desordens da vida, aproveitarmos suas ineffaveis graças? E se hoje a justiça Divina nos obriga a reconhecer o mal, que temos praticado, é mister tambem, que quanto antes, reconciliando nossas almas, purifiquemo-nos, para que os Ceos se inclinem, e possamos ouvir a voz compadecida do Senhor, que não quer perder, mas salvar o peccador, por gemidos sinceros e lagrimas repassadas de verdadeiro arrependimento.

A penitencia dos peccadores, como a oração dos justos, subindo com agradavel incenso á presença do Eterno, feixaráõ os escondrijos da sua ira, para abrirem os thesouros de sua misericordia.

A historia nos ensina, que Provincias assoladas, Cidades ermas, flageladas pelo contagio da peste, merecêrão, que um olhar benigno do Deos internecido sobre os corações contritos fizesse suspender a vara do furor, com que as feria, entornando sobre ellas as torrentes ineffaveis de suas perennes graças. Se é a liberdade dos costumes publicos, se é talvez a infidelidade dos ministros do altar, que tem armado a vingança do Senhor, é indispensavel, que uma renovação dos máos habitos, acompanhada de um sincero arrependimento o desarmem, do mesmo modo que outr'ora Ninive, coberta de cinza e de cilicio, com a abundancia de suas lagrimas, apagou a sentença de condemnação já contra ella pronunciada (9).

Como a penitencia de David, sua afflicção, seus gemidos e ardentes suspiros acompanhados de um jejum por espaço de trez dias suspendêrão o rapido progresso, que a inexoravel sentença do Eterno já principiára a fazer em Jerusalem, e nas de mais cidades de Israel. Nunca o Senhor está mais disposto á applacar sua ira, do que quando parece mais iracundo—*iratus est, et misertus est nobis* (10). Se em Sodoma tivesse a Providencia Divina achado alguns justos, não teria a vingança de sua ira desolado e cahido sobre aquella peccadôra quanto desgraçada cidade.

É preciso pois, que não encaremos a nossa vida, como se por ventura não houvessemos de morrer, e como se isentos estivessemos das contas, que o Senhor nos hade tomar com severidade; ou como se igualmente uma bôa morte fosse uma obra facil e indifferente á felicidade eterna.

Devemos admirar aqui com São Francisco de Salles, (11) e ter como objecto digno da nossa meditação a differença, que existe entre as industriosas abelhas e as malignas moscas: porque com os exemplos destes pequeninos e insignificantes animaes o Espirito Santo nos mostra o grande perigo de dilatarmos a penitencia das nossas culpas, e conseguintemente a nossa felicidade.

Tanto umas, como outras, diz o mesmo Santo, trabalhão incessantemente algum tempo do anno. As primeiras não tem outro objecto de sua vista, do seu olfato, do seu gosto, senão a formozura, a suavidade e a doçura do mel, empregando toda a sua industria, toda a sua solicitude na formação da cêra e do mel, de que se alimentão e vivem; ao passo que as segundas não vivem senão para importunar e maltratar os outros animaes; porem, se as procurarmos no inverno, acharemos as moscas sem casa, sem provisão e sem vida, e as abelhas com um amavel retiro, com uma provisão agradavel, e vida contente na abundancia do seu antecedente trabalho. Oh homem! diz o Espirito Santo, attende as abelhas, e não as moscas, para que não vivas como ellas (12).

É tempo, Irmãos e filhos muito amados, de trabalharmos e sustentarmos os rigores e as amarguras da mortificação, para adquirirmos a suavidade e a doçura da eterna gloria.

Sem penitencia, estejamos certos, clamaremos em vão, e inutilmente pediremos soccorro, nesta hora d'angustia e de profunda tribulação, á Deos, aos Anjos e aos Santos; porque elles nos responderáõ: Porque em

(8) Job cap. 3.º v. 19.

(9) Jon. c. 3.
(10) Psal. 59—v. 1.
(11) Liv. 6. ep. 26.
(12) Prov. c. 6—v. 6 e 7.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

toda a vida desprezastes minhas inspirações, meus preceitos e meus exemplos?

Passar a vida em constantes deleites e distracções, em inuteis divertimentos, e querer achar na morte o, que aos Santos custou tantos sacrificios e mortificações, é conceber excessiva loucura. Mas, o que infelizmente observamos é, que, em quanto temos saude, em quanto não somos assaltados pelas enfermidades, ou por uma velhice desgraçada, fructo das devassidões muitas vezes de uma vida impura, desprezamos a voz de Deos, não cuidamos nos nossos deveres; e que só no momento, em que ellas se approximão, é que empregamos todas as diligencias, é que tudo apressamos. É somente nas proximidades da hora da morte, diz São João Chrisostomo (13) que empregamos todas as diligencias e trabalhos para a salvação: «*Festinant, anxiantur, vocant Sacerdotes, pœnitentiam volunt agère, cum jam pœnitentiæ locus non est.*»

É nesta hora, Irmãos e filhos muito amados, com dôr o dizemos, em que a alma combatida por mil difficuldades e contradicções, em que luta com toda a sorte de dores, em que completamente enfraquecida pelas enfermidades, succumbida de fraqueza, oppressa de tormentos, que tudo se accelera, em que se trata de procurar os Ministros do Senhor, apressar-se os sacramentos, e chamar-se o Escrivão; e como se o doente estivesse habituado aos actos de contricção, vos não lembraes, que elle, cheio de faltas e peccados, amontoados pelos maos habitos, em que sempre viveu, não poderá resistir ás tentações do demonio, que nesta occasião redobra de esforços, certo de que nesta batalha ficará vencedor, ou eternamente vencido. É nesta hora, repetimos ainda com profunda magoa, que as immensas diligencias para se reparar o mal, que os descuidos de uma vida inteira não permittirão, que em tempo se fizesse, não só não serão acceitas pelo Senhor, mas ainda serviráõ para a realização de sua inexoravel sentença.—*Non congregabo conventicula eorum de sanguinibus, nec memor ero nominum eorum per labia mea* (14).

É por tanto forçoso, que com David confessemos a grande difficuldade, que ha, para fazer-se bem a penitencia na hora da morte, e que com Jeremias choremos, por que não existe, quem frequente os caminhos da celestial mansão, porque os costumes se achão estragados, e o esquecimento de Deos crescido.

E se nesta epocha de tanto abatimento moral, como todos reconhecem, em que o vicio facilmente é obedecido, e desprezada até a linguagem da virtude, é de importancia vantajosa, que todos os christãos, que ainda conservão costumes puros, empenhem todos os esforços para melhorar-se a moralidade publica e particular; quaes não devem ser os dos sacerdotes, para que possamos ver a virtude triumphar do vicio, e desapparecer a ignorancia da doutrina christã, que hoje infelizmente existe nas grandes e pequenas cidades!

Sim, a nós Sacerdotes é, que principalmente cumpre trabalhar, para, no desempenho da sublime missão, que nos foi confiada, melhorarmos a sociedade; porque pelo nosso caracter somos a voz de Deos e do Povo, para publicar assim os premios, que esperão, aos que vivem bem, como os castigos, que ameação, aos que vivem mal.

E se em verdade os Sacerdotes, e particularmente os, que estão encarregados de cura d'almas, como linguas e interpretes, que são da náo de São Pedro, explicassem aos Povos as verdades santas, e com elles negociassem a sua salvação eterna; se elles, como linguas e interpretes, que são da Magestade Divina, com discreto zelo, castidade e desinteresse cumprissem a grande missão, de que estão revestidos, avisando opportunamente aos, que estão em risco e perigo de salvação, a Sociedade Brasileira estaria de posse de uma moral mais pura, o throno cercado de muitos subditos fieis e prestimosos, e a Religião Catholica gozaria de mais liberdade e protecção.

É por isso, que o Propheta Isaias exclamava: *Ubi est litteratus? Ubi legis verba ponderans? Ubi doctor parvulorum?* (15)

Onde está o zelo de Deos? Onde estão os que estudão para corrigir seus defeitos? onde estão os interpretes da náo de São Pedro?

Curem os Rvds. Parochos e Sacerdotes desta nossa Diocese caridosamente as consciencias dos peccadores, Nós lhes pedimos pelas entranhas de Nosso Senhor Jesus Christo, á fim de se não realizar entre nós as duras reprehensões do Senhor pelo seu Propheta Ezequiel: *dispersæ sunt oves mæ, eo quod non esset Pastor*; (16) lembrando-se sempre, que a terra, por melhor que seja, não produzirá delicioso e delicado fructo, se lhe faltar a mão do lavrador, que a roteie; ou que o melhor jardim converter-se-ha em matto expesso, se não houver jardineiro, que o trate e aperfeiçôe.

Hoje porém, que felizmente possuimos em nossa Igreja tantos Sacerdotes illustres, uns com os titulos de Doutores, outros de Prégadores e Mestres, muito esperançado devemos estar, pois que elles, elevando-se á altura de sua missão, especialmente em tempos calamitosos, saberão ser nossa alegria e nossa coroa, e que além de Doutores, Prégadores, e Mestres, serão medicos e operarios, ensinando as verdades ao peccador, como diz o Apostolo, (17) para converter-se á Deos.

E porque é certo, que nos tempos calamitosos a affluencia dos fieis aos tribunaes da penitencia costuma ser maior, e attendendo Nós a essas suas necessidades espirituaes, auctorisamos a todos os Sacerdotes desta nossa Diocese, para que possão administrar o Sacramento da penitencia ás pessoas de um e outro sexo, durante o tempo, e nos lugares, onde grassar a epidemia, e para isso lhes concedemos todas as faculdades, podendo absolver dos reservados Synodaes, e Papaes occultos, e segundo a formula de Benedicto XIV applicar a indulgencia plenaria na hora da morte; e ordenamos aos mesmos Sacerdotes, que recitem na Missa a oração—*Pro vitanda mortalitate*—emquanto não mandarmos o contrario. E para constar mandamos aos Revds. Parochos, que recitem esta Nossa Carta Pastoral, no primeiro dia de preceito, á estação da Missa conventual e que façáo em suas Parochias preces publicas *pro tempore pestilentiæ* por tres dias consecutivos, registrando-a depois no livro competente, como é de estilo. Dada nesta Cidade de São Luiz do Maranhão, sob Nosso Signal, Chancellaria e Sello das Nossas Armas, aos 7 de Julho de 1862.

† Lugar do Sello.

† LUIZ, Bispo do Maranhão.

(13) Homil. 52.
(14) Psal. 15—4.
(15) Cap. 33—v. 18.
(16) Cap. 34—5.
(17) Ad Cor. c. 10 v. 33.

O christianismo sobre os costumes e relações sociaes.

Os povos estão sujeitos ás leis de todas as cousas da natureza: elles nascem, crescem e morrem. Quantas e quão diversas nações tem enchido o universo dos echos do seu renome, e que já hoje desapparecêrão da face da terra! Ellas engolfão-se umas nas outras, até que todas vão ser engolidas no insondavel abysmo da eternidade. Mas, nos seculos catholicos a Religião foi a taboa de salvação no meio dos maiores perigos. A Religião do homem Deos em summa foi, que veio humanizar e fraternizar todos os povos, que entregues

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

aos erros da idolatria jazião nas sombras da barbaridade e da morte.

Que todos os homens são iguaes diante de Deos cousa é, que a mesma natureza nol-o recorda em certas epochas da vida. No nascimento, por exemplo; mas então a nossa existencia é, como se não fôra: na morte: mas nesse momento temos deixado de existir: em nossas enfermidades; mas ainda assim o rico tem mais meios de curar-se do que o pobre. Finalmente, serão taes lições da natureza proveitosas a outros fóra dos infelizes? Não certamente. Os grandes entrão neste mundo no meio de gritos de alegria. O ouro e as sedas lhes escondem a nudez. Não ha, quem se recorde, que todos nascemos da mesma sorte, assim o filho do Rei, como o filho do pastor. Quando os ricos e poderosos pagão o tributo de nascidos, a vaidade ainda dá alimento aos prejuizos, pôrque um faustoso mausoleo cobre os restos d'um parente, d'um amigo, sem que nos venha ao pensamento a triste reflexão de que, se de mil maneiras morremos.sete palmos de terra bástão para conter assim o grande como o pequeno. Das afflicções e necessidades do proximo desvião os olhos os felizes do mundo, vindo aquellas a ser para elles uma lição inteiramente perdida.

Só o Christianismo faz ouvir aos grandes do seculo uma linguagem capaz de os pôr ao nivel dos demais homens.—A graça (dizia o eloquente Massillon do alto da Cadeira Evangelica) supre a natureza: a carne e o sangue não dão direito algum ao reino de Deos: os primeiros heroes da fé sahirão d'entre o povo: os vasos de barro nas mãos do Soberano Artifice tornão-se bem depressa vasos de gloria e de magnificencia: todo o christão finalmente nasceu grande, por isso que nasceu para o Céo.

A palavra igualdade anda incessantemente na bocca de muitos liberaes; mas a sua realidade só no Christianismo se encontra a cada passo. A igualdade, que alguns pretendem, é a de Tarquinio, quando abatia as cabeças das mais altas papoilas; e depois servem-se dos cadaveres, como de degraos, para subir. Mas a fé é a mesma para todos: seus preceitos são um nivel, acima do qual ninguem se pode collocar, e á maneira de seu Divino Author, ella não faz excepção de ninguem: segundo a mesma fé só ha uma piscina, onde todos vão lavar-se de suas manchas: só ha uma mesa, onde todos vão assentar-se, assim o pobre como o rico, o subdito a par do seu Rei: só ha uma cadeira, onde a verdade é prégada a todos. Do alto desta é, que S.João Chrysostomo prégava contra as desordens, e malfeitorias da côrte; da bocca de um bispo é, que ouvia estas palavras fulminantes o orgulhoso successor d'um conquistador:—Que flagello para a humanidade que é um conquistador! Se ha sobre a terra um povo capaz de tecer-lhe elogios, só será aquelle, que chegue a desejar tal senhor.

Não falta por ahi, quem arrote excellentes maximas philosophicas sobre os deveres dos Monarchas, dos grandes e poderosos: mas, muitas vezes, quando taes reformadores do mundo tem empolgado o poder, calcão aos pès os seus antigos principios, violaõ as suas mais solemnes promessas, e fazem-se mil vezes mais culpados, que os que elles precipitáraõ do poder. A voz da Religião porèm é desinteressada; ella não excita a revolta; não deixa sem freio a autoridade dos Reis; attribuir todos os dotes do espirito e do coração a um personagem, cujos feitos parecem desafiar a infamia publica ou o cadafalso; empregar todos os recursos do talento em revestir de graças a um malvado, e d'attractivos a um monstro, e no receio de que falte alguma cousa ao attentado, votar a innocencia aos motejos do ridiculo e do desprêso; fazer da piedade a arte de substituir um vicio a outro vicio; mudar o dever em calculo da hypocrisia ou em exageração do fanatismo; lançar sempre a pequenhez do espirito, a fraqueza de caracter, o egoismo e a estupidez á conta da virtude, pintar de tal geito emfim os homens de bem, que ninguem queira se parecer com elles; imaginar tanta baixeza na vida christã, que esta assuste quasi tanto a consciencia,como as paixões, eis a nova tarefa de taes escriptores!

Não ha crime, que arraste apoz si mais desastrosas consequencias, do que a vulgarização de máos livros, porque em verdade, qual o seu effeito natural, inevitavel e necessario, senão tirar de todo aos povos a sua razão, a sua consciencia, a sua civilização, e se lhe fosse possivel, a sua propria existencia? De maneira que o crime dos máos livros é um crime excepcional, é um crime de lesa-nação, de lesa-humanidade. Em outros seculos um escriptor dizia comsigo: isto é verdade, e lá buscava estabelecel-a. Suas provas erão mais ou menos solidas, seus livros mais ou menos felizes; mas, se nem sempre a verdade apparecia em suas paginas, ao menos havia nellas o respeito á razão publica. Hoje porém os escriptores se dizem: antes e acima de tudo a nomeada, e para conseguil-a, postergão a verdade, e arremessão-se aos sofismas. Pelo que ir de encontro ao bom senso e á fé dos seculos, transtornar todas as idéas recebidas, impugnar os principios mais geralmente adoptados, defender os mais desassisados absurdos, loquear em summa com talento, não é por ventura a fiel analyse de varios escriptos celebres de sessenta annos a esta parte? Entretanto, a fama do autor propaga esses livros, por meio dos quaes todos os erros infiltrão-se na sociedade; e para logo as crenças arruinão-se, e abandonão-se todas as verdades abraçadas pelo genero humano! Ao bom senso, que é o mestre da vida humana, succede a imaginação, mãi fecunda de illusões e de chimeras; não se pensa mais, sonha-se. Bem depressa todas as verdades espirituaes escaparão ao espirito, que de enfraquecido não pode erguer a vista ás altas regiões. Um scepticismo desanimador desprende a alma de toda a convicção; o juizo debilita-se, e, debilitando-se, falsifica-se e descarreia-se. Não ha então extravagancia, que se não faça escutar e applaudir; não ha prejuizo por mais absurdo, que não seja acceito, e que até não vogue na opinião. Todavia, nem por isso deixa-se de continuar a gabar o movimento e o progresso do espirito humano, porque, nunca o espirito humano se agitou tanto, e toma-se essa inquietação por movimento do progresso, sem se advertir, que cada prejuizo recebido é uma face da verdade; que a intelligencia vela em si mesma; e que cada erro é um horisonte roubado á razão publica talvez para sempre.

Em nossos dias que cousa mais incessantemente fallada do que a reforma moral dos povos? Quantos inventos, quantas theorias, quantos systemas para pôr diques á perversidade, que ameaça corromper todas as sociedades humanas? Vãs especulações! Trabalho inutil e perdido! Reformem-se os escriptores, que serão reformados os povos; porque, se de dia em dia os livros insultão as crenças e os bons principios; que admiração é, que os homens pouco e pouco vão desertando da bandeira dos principios e das crenças? Pois que! Tiraes os diques a um rio abundante e caudaloso, e vos espantaes,de que elle sáhia furibundo de seu leito? Chegais fogo á polvora, e admiraes a explosão?

Os males moraes das nossas sociedades proveem pela mór parte da lição dos livros corruptores, que á larga mão se achão espalhados por quasi todas as familias. Sim, vós lamentaes, que a infamia,madura para o crime, antes que o seja para a razão, conheça o crime quasi com a vida, e que, precoce para as paixões, já tenha esgotado o vaso do mal, antes de haver conhecido a vir-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

tude? Lamentaes, que uma porção da nossa cara mocidade, esperanças da patria, e que breve será a sociedade inteira, faça alarde do esquecimento ou do desprezo de seus deveres; e que alguns, tendo gasto todas as illusões antes de haver cahido as primeiras flores da vida, descartem-se, como brincando, da propria existencia? Lamentaes a corrupção dessas classes laboriosas, e que esse pobre povo, que nutre o paiz de seus suores, quando o não defende com o seu sangue, forneça aos tribunaes uma colheita sempre crescente de condemnados? Lamentaes, que tantas verdades interessantes estejão abaladas na consciencia publica; que tantos escandalos deshonrem as familias; que a paternidade dê o exemplo dos mais deploraveis desvarios, e já não saiba mais comprehender nem o respeito de si mesma, nem a dignidade de sua propria missão? Ah! não attribuaes todos estes males senão principalmente á directa ou indirecta influencia dos máos livros.

Rião muito embora os espiritos saturados da incredulidade dessa justiça, que lá de cima vela sobre os povos com o seu olho escrutador. O oraculo do Espirito Santo está formulado, quando expressamente diz, que é a justiça, que eleva as nações, e o peccado o que torna os povos miseraveis—*Justitia elevat gentes, miseros autem facit populos peccatum.*—Pais, instituidores, mestres, reflecti, que um livro, ou qualquer escripto immoral, é uma corrupção, que muitas vezes passa além das intenções de seu proprio autor; é o mal com sua eternidade, é o mal, que subsiste, não obstante a retractação, e arrependimento do criminoso! A acção de taes obras, (graças ao poder da imprensa) rapida como o pensamento, apodera-se simultaneamente do tempo e do espaço; ella está em todos os pontos, no norte, no sul, na cidade, na aldêa, nas bibliothecas, nas officinas, e em todas as mãos, debaixo de todos os olhos, exaltando as imaginações, assenhoreando-se das intelligencias, e derramando de chofre em todas as almas o fogo e o veneno, que as corrompe, que as deturpa e arruina.

E parará só nisso o mal? Não; porque os máos livros vão damnificar as gerações até em suas raizes, embebidas anticipadamente em seus venenos corrosivos, tocados de tal corrupção, que vem a tornar-se um vicio original. As ruinas materiaes reparão-se com os annos; com o ouro remedeião-se grandes estragos; com o trabalho restitue-se ao terreno a fertilidade; as nações assoladas pelo flagello das guerras civis surgem da miseria, e recobrão novo vigor. Mas ah! que annos, que seculos, não são precisos para levantar as crenças, quando estas se achão abatidas, para reanimar os bons principios, quando chegão a extinguir-se, para restituir a um povo a sua alma, quando os livros immoraes lh'a tem quasi anniquilado? (*Extr.*)

CATALOGO

DOS

Exm.os e Rvm.os Snrs. Bispos do Maranhão

FEITO POR

José Constantino Gomes de Castro,

Cavalleiro da Ordem de Christo, Conego Prebendado (e depois Arcediago) da Santa Igreja Cathedral do dito Bispado, Proto-Notario e Juiz Apostolico de Sua Santidade, e Vigario Capitular canonicamente eleito, Sede vacante,

augmentado e reimpresso pelo P.e

RAYMUNDO ALVES DOS SANTOS,

Conego Prebendado da mesma Cathedral, Promotor Fiscal do Juizo Ecclesiastico, Lente de latim, e substituto das cadeiras de francez e canto-chão do Seminario episcopal.

(Continuado do n. 233.)

16.

D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva, natural da cidade de S. Amaro da Purificação, pertencente á provincia da Bahia, filho legitimo de pais honestos e catholicos, e baptizado na freguezia do Bom Jardim, da mesma cidade.

No sentido de seguir o estado sacerdotal, para o qual tinha summa vocação, dedicou-se desde joven aos estudos respectivos; e, graças ao talento, de que é dotado, percorreu todas as materias, seja de humanidades, seja do curso theologico, no mais curto espaço de tempo possivel, animado ainda mais pelo resultado feliz, de que erão coroados esses primeiros ensaios para o certame glorioso, ao qual se preparava.

Desejando porém no estado santo, á que se dedicava, entregar-se a uma vida mais concentrada, crendo assim melhor servir ao Pai celestial, recolheu-se ao claustro da Ordem Benedictina, onde foi recebido com as mais claras provas de sympathia e amor da parte de seus Irmãos, que nelle virão desde logo um motivo de orgulho para a Ordem, uma luz, que em tempo havia de brilhar sobre o candelabro do templo, e uma bocca, que se havia de abrir no meio da Igreja.

Dotado d'uma indole altamente pacifica, tornando-se affavel e benigno para com todos, desde que reconhecêrão nelle essas excellentes virtudes, attrahio a amizade sincera de todos os Religiosos, e, quando se tornou preciso, foi chamado para occupar o lugar de Vice-Reitor do Imperial Collegio de D. Pedro 2.º, da corte do Imperio, sendo depois eleito Prior e depois Abbade da Ordem no convento daquella capital, no exercicio dos quaes empregos mostrou toda a capacidade administrativa, que possuia, a par da honestidade e severidade, com que zellou os bens ruraes ou prediaes, que lhe forão confiados, dos respectivos estabelecimentos.

Não podião pois tão raras qualidades, que se prendem na inteira abnegação de si mesmo, em tempos de tamanha descrença nos principios do justo e do honesto, e quando impera de colo levantado o egoismo com seu insupportavel cortejo d'ambição e avareza, ficar ignoradas do mundo, embora rebuçadas na capa do Religioso, que innocente se resguardava por detraz das paredes silenciosas do claustro, como quem se premunia contra a maledicencia e as demais qualidades asquerosas dos homens. Máo grado porem tanta cautella e prevenção foi elle descoberto, e sorprehendido, quando por Aviso de 14 de Janeiro de 1861 se vio na idade de 37 annos eleito Bispo da diocese do Maranhão, cujo virtuoso Pastor ia ser trasladado para o Arcebispado da Bahia.

Comprehendemos, com todos, que fizerem justiça ao seu caracter natural, o embaraço, em que se devia encontrar o filho do Patriarcha Benedictino, lutando com a imperiosa necessidade de obedecer a Deos e ao Rei, e com as saudades de deixar a casa, onde passára seus dias da juventude.

Desde que correu pela corte sua eleição, não faltárão as provas publicas de affeição e estima para com sua pessoa, recebendo felicitações não tanto dos proprios Irmãos do claustro, como de todas as pessoas de distincção, que apreciavão suas eminentes qualidades; e na Diocese não menor foi o prazer publico, que se manifestou, ao saber-se o nome do novo Pastor, que tinha de succeder o Exm. Sr. D. Manoel.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Por occasião de benzer-se o dique da Ilha das cobras nesse anno, foi elle escolhido para esse acto solemne, que foi feito perante o Augusto Monarcha, os ministros, officiaes de marinha, e grande concurso de pessoas gradas, como prova da alta consideração, de que era credor.

Fraco por tanto para repellir a mão, que o chamava, acceitou a eleição, e sendo preconizado em Roma no consistorio de 23 de Julho daquelle anno, recebeu as Bullas do SS. P.e Pio IX, que o confirmavão na sua nova dignidade, e foi sagrado no dia 20 de Outubro do mesmo anno, pelas mãos do Exm. e Rvm.o Sr. Internuncio e Legado Apostolico, na corte do Rio de Janeiro, no Mosteiro de S. Bento, perante SS. MM. Imperiaes, e tudo quanto a côrte encerra de mais elevada hierarchia, alem de um extraordinario concurso de povo (1).

Ainda por occasião desta solemnidade mostrou a Ordem Benedictina, quanto apreciou a elevação do seu Irmão ao Episcopado, pela maneira pomposa, como celebrou esse acto.

Concluida assim sua missão claustral, e devendo para logo entrar na apostolica, mandou tomar posse do bispado por procuração, o que foi cumprido pelo Rvm. Sr. Conego M.e Escola da Cathedral, Luiz Raymundo da Costa Leite, então Vigario Capitular do Bispado, na manhã de 5 de Fevereiro deste anno, passando logo o mesmo Senhor a governal-o em seu nome á vista das faculdades concedidas; e demorando-se na corte ainda algum tempo, apenas o necessario para suas ultimas despedidas aos caros amigos, partio em Dezembro com direcção á Bahia, no sentido de abraçar e despedir-se de seus virtuosos pais, e sinceros amigos.

Com effeito, ali aportou, e foi recebido com as honras devidas, e com demonstrações de regosijo publico tanto da parte do distincto Metropolita e do Clero da capital, como das demais Autoridades publicas; e demorando-se apenas algumas semanas para o completo de seus desejos, tratando e acolhendo a todos benignamente, partio em direitura para sua diocese.

Chegando ao porto desta capital a 14 de Março deste anno, encontrou estabelecido na fortaleza da barra, por causa da saude publica, um lazareto preventivo contra o cholera-morbus, que então invadira a provincia de Pernambuco; e, sem vacillar um momento, desembarcou promptamente para o mesmo, e sujeitou-se a todas as medidas hygienicas ali estabelecidas, sendo ali immediatamente cumprimentado por parte do seu digno procurador, o Sr. Governador do Bispado, e por uma commissão enviada pelo Illm. e Rvm.o Cabido, demonstrações que forão recebidas com summo agrado de sua parte.

Finalmente na manhã de 21 do mesmo mez fez sua entrada solemne na capital com todas as honras proprias de sua elevada posição e hierarchia, como já em outra occasião a descrevemos (2) acompanhado tudo das solemnes manifestações, que se lhe fizerão, á sua chegada, recebendo cumprimentos e felicitações da população inteira da capital.

(1) *A descripção desta solemnidade vem transcripta no n. 221 deste jornal.*

(2) *A descripção de seu desembarque vem no n. 229 deste jornal, e em outros da capital.*

Entrando no governo da diocese confirmou por acto expresso a todos os empregados, que encontrou no fôro, assim como as graças e faculdades já concedidas, e desde então, em vista de seu tracto ameno e docilidade d'animo tem adquirido muitas sympathias publicas e particulares.

Existe pois o Exm. e Rvm.o Sr. D. Fr. Luiz da Conceição Saraiva na capital de sua diocese, rodeado de seus filhos em Jesus Christo, que muito o amão, e repartindo por entre todos elles com mão larga as graças da S. Igreja, Mãi de piedade, assim como a caridade evangelica, que faz o fundo de seu coração por entre as classes mais necessitadas.

Praza aos Céos conceder-lhe longa vida, para apascentar com utilidade e proveito o rebanho, que lhe foi confiado pelo SENHOR.

Breve e humilde consideração sobre o estado actual da Igreja Brasileira.

Fides ex auditu.
(*Ad Rom. X, 17.*)

Desde tempos os mais remotos, quando os povos se achavão ainda cingidos com as faixas infantis, e a luz da civilização não podia penetrar no meio delles, o homem foi o que é hoje, e será no futuro.

O mesmo pendor, que elle tinha para tudo, quanto deleita os sentidos, e lhe sorri com as apparencias de bom e de bello, até hoje não pode desapparecer apezar do catholicismo, apezar do ascetismo e denodo dos seus Martyres. Pelo contrario, não obstante os progressos, que tem feito a humanidade, para chegar a uma tal ou qual perfeição, não obstante os santos preceitos, que alguns, muito poucos, Discipulos do Christianismo prégão e recommendão do alto das tribunas, o homem se esconde nas trevas, como se temesse, que a luz lhe offuscasse os olhos.

Assim que, não admira, que seja triste e digno de lastima este estado, á que tem chegado em nosso Paiz as cousas a respeito de Religião: não admira, que apezar do progresso material, e até certo ponto, moral do Brasil, elle se vá precipitando no barathro da indifferença ou do desprêso aos preceitos do Crucificado.

A' diversas causas attribuem certos escriptores essa lepra, que vai lavrando a nossa sociedade: elles se approximão e acabão por concordar, que o governo é o principal culpado!

A nossa opinião, porem, a respeito está bem longe de ter a authoridade d'esses escriptores (1); é apenas a de um humilde pensador, que encara as cousas de modo diverso. Talvez vamos errado, não importa: o desejo de aprender nos torna audazes, e a audacia nestas materias não é crime.

Assim, dizemos, que, se o governo tem alguma culpa no desprêso, que entre nós se vota á Religião Catholica e Apostolica Romana, é porque aquelles, a quem elle está entregue, são homens, e não Anjos: seus principios religiosos são os das differentes classes da nossa sociedade, e os d'estas classes são bebidos no seio do materialismo.

E' certo, que, como diz o Evangelho, a arvore má não póde produzir bons fructos, e para que a arvore seja boa, convem, que o cultor seja bom. E pois, é preciso libertar-se o Brasil do pesado jugo do materialismo, para que livre possa acceitar as sans doutrinas do Christianismo. Mas desgraçadamente aqui é, que está a difficuldade!

(1) Conego Dr. Tavares, e Dr. J. R. da Cunha.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Esta difficuldade, porem, não é insuperavel á face do Evangelho, que é a palavra de Deos. Se a palavra de Deos fôr ouvida, ella produzirá, porque é fecunda; mas a palavra de Deos não será ouvida, se os seus Ministros guardarem silencio, como é costume entre nós. Para isto sirva de exemplo o, que se passa nas nossas Parochias: quantos Parochos explicão ao menos o cathecismo, cómo é do seu dever? Nenhum, ou muito poucos.

Este ponto, que é o de nossas reflexões, foi ferido pelo talentoso Sr. Dr. José Raymundo da Cunha, que para elle chama a attenção dos Srs. Bispos. Como bem diz o illustre escriptor, é explicando-se o cathecismo, que a nossa mocidade será regenerada e moralizada. Nós accrescentaremos: que uma vez conseguido isto, podemos contar com um governo orthodoxo, com um governo, que saiba respeitar as leis divinas; que possa ajudar o Sacerdocio no desempenho dos seus deveres, porque o governo, isto é, os governadores são tirados do meio dos homens, e estes homens serão aquelles, que forão educados conforme os principios do Catholicismo.

Observe-se o Evangelho; sigão as pisadas dos antigos Apostolos os Apostolos de hoje; convenção-se, de que a fé não a pode dar o governo (como aliás alguem parece pretender) mas o Sacerdote, porque a fé, diz S. Paulo, se obtem ouvindo-se a palavra de Deos, e quem transmitte a palavra de Deos é o Padre.

Ora, quem diz Padre, diz Martyr de Jesus Christo, e para o Martyr de Jesus Christo não ha difficuldades: se as ha, elle as combate derramando seu sangue, se assim fôr preciso.

Não é gozando todas as commodidades da vida, não é participando dos prazeres do seculo (2) que os Ministros do Altar poderão cultivar a arvore do Catholicismo, apascentar o rebanho do Senhor, e defender a sua Igreja. O bom jardineiro não é o, que se furta ás intemperies do tempo; mas, o que não teme a chuva nem os ardores do sol. O bom pastor não é o, que evita os espinhos dos mattos em busca da ovelha perdida, nem o que se assusta aos rugidos do leão e do tigre. Finalmente, o bom soldado não é o, que se occulta ao inimigo, mas o que se expõe a suas ballas, porque o bravo não pode ser cobarde.

Compenetre-se, pois, o Clero Brasileiro dos seus deveres, e prosiga impavido a missão, que lhe foi confiada por Nosso Senhor Jesus Christo, deixando de parte respeitos humanos; que a reforma tão desejada e preconizada da Igreja Brasileira será infallivel.

Bem sabemos, que os dados, de que dispõem os nossos Padres, não sobrão para tamanha obra: bem sabemos, que a educação, que se lhes dá nos nossos Seminarios, ainda é pouca, para que elles possão convenientemente espalhar a palavra evangelica por entre um povo por demais inclinado á libertinagem, como é proprio do homem. Mas estamos bem convencido, de que esses mesmos poucos recursos, de que elles dispõem, são sufficientes, senão para crear Joãos Chrisostomos, e outros iguaes heroes do Catholicismo, ao menos para não *gelar a contrição* nos espiritos daquelles, que ainda teem a felicidade de reconhecer a Deos, e admirar suas obras.

Concluindo estas nossas humildes reflexões, chamamos a attenção dos Senhores Parochos e Bispos para este estado de ruina, que ameaça a Igreja Brasileira: d'estes Apostolos é, que devemos esperar a reforma, de que tanto necessita a mesma Igreja, porque a elles principalmente é, que corre o dever de educar o povo nos principios santos da Fé, para que hajão bons paes de familia, bons cidadãos, e excellentes governadores.

(2) Vide—Lamenais—Œuvres.

Aos Bispos e Parochos principalmente foi confiada pelo Senhor esta importante missão, e para isso lhes foi dada uma arma não coactiva, mas poderosa, não afflictiva mas energica—a palavra de Deos.

Villa do Tury-assú 21 de Maio de 1862.

Candido Pereira de Lemos.

LITTERATURA.

Santa Casilda.

LENDA CASTELHANA.

I.

Era rei de Toledo o mouro Almenon, com quem o de Castella, D. Fernando Magno, mantinha cordial amizade.

Este rei mouro tinha uma terna e formosissima filha, chamada Casilda.

Uma escrava castelhana contou á filha do rei mouro, que os nazarenos, os christãos, amavão o seu Deos, o seu rei, os seus pais, irmãos e esposas.

Tambem contou a escrava á filha do rei mouro, que os nazarenos nunca ficão orphãos de mãi, porque, quando perdem a, que os alimentou em suas entranhas, fica-lhes outra, a quem dão o nome de Maria, e que é delles mãi eterna.

Annos sobre annos se passárão, e Casilda foi crescendo em corpo, em formozura e em virtude. Morreu-lhe a mãi, e logo invejou a felicidade dos orphãos nazarenos.

Nos limites do jardim, que rodeava o palacio do rei mouro, havião escuras masmorras, onde gemião, famintos e carregados de cadeas, muitos captivos christãos.

Succedeu, que um dia, indo Casilda passear pelos jardins de seu pai, ouvio gemer os pobres captivos. A princeza moura desatou a chorar sem consolo, e regressou ao palacio com o coração oppresso de tristeza.

II

A' porta do palacio encontrou Casilda o pai, e cahindo a seus pés, lhe disse:

—Meu pai! Senhor meu pai! nas masmorras do jardim pranteia grande numero de captivos. Tira-lhes as cadeas, abre-lhes as portas da prisão, e deixa-os voltar á terra dos nazarenos, onde chorão por elles pais, irmãos, esposos e amadas.

O mouro abençoou a filha no fundo do coração, porque era bom, e amava Casilda como as meninas dos seus olhos.

O pobre do mouro só tinha aquella filha!

E prezava sobre todos a Casilda, porque era filha sua, e, alem disso, a imagem viva da querida esposa, cuja perda chorava havia um anno.

Porem o mouro era musulmano, era rei, e julgava-se portanto obrigado a castigar a audacia da filha.

Porque, lastimar os captivos christãos, e pedir a sua liberdade era um crime, que o propheta mandava castigar com a morte.

Occultou por isso a indulgencia da sua alma, e disse a Casilda com semblante iracundo e voz ameaçadora:

—Afasta-te, falsa crente, afasta-te! A tua lingua será cortada, e teu corpo lançado ás chammas, que tamanha pena merece, quem supplica pelos nazarenos!

E ia chamar os verdugos para lhes entregar a filha!

Casilda, porem, de novo cahio aos pés de seu pai, pedindo-lhe perdão em memoria de sua mãi, a rainha, cuja morte chorava Almenon havia um anno!

O pobre do mouro sentio os olhos inundados de lagrimas, apertou a filha contra o coração, e perdoou-lhe dizendo:

Guarda-te, minha filha, de pedir outra vez pelos christãos, e tambem de os lastimar, porque então não haverá misericordia para ti; o santo propheta bem claro escreveu:—«Exterminado será o crente, que não extermina os infieis».

III

Cantavão os passaros, era azul o céo, era de ouro o sol, abrião-se as flores, e a aragem da manhã levava ao palacio do rei mouro o perfume dos jardins.

Casilda estava triste, e chegou á janella, para distrahir-se de suas melancolias.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Os jardins parecêrão-lhe n'aquella hora tão bellos, que não poude resistir ao seu encanto, e desceu a passear a tristeza, que a affligia, por entre as odoriferas ramadas.

Mariposa e donzella encontrárão uns grossos muros; esta penetrou por elles, deixando alli immovel e namorada a mariposa.

Atrás d'aquelles grossos muros ouviu Casilda tristissimos lamentos, e então lembrou-se, de que alli gemião, famintos e carregados de cadêas, os pobres christãos, pelos quaes em Castella choravão paes, irmãos, esposas e amadas.

A caridade e a compaixão fortalecêrão a sua alma, e illuminárão a sua intelligencia.

Casilda voltou a palacio, e tomando viandas e ouro, dirigio-se outra vez para as masmorras, seguindo a mariposa, que tornou a apparecer-lhe no transito.

O ouro era para comprar os carcereiros, as viandas para alimentar os captivos.

Ouro e viandas resguardava com a saia do vestido, quando, ao voltar uma rua de rosaes, encontrou seu pai, que tambem sahira para distrahir por alli as melancolias, que o finavão.

—Que fazes aqui tão cêdo, luz dos meus olhos? perguntou o mouro á filha.

A princeza córou como as rosas, que a seu lado agitava a brisa da manhã, e afinal respondeu:

—Vim para contemplar as flores, para ouvir trinar os passarinhos, vêr o sol reflectir-se nas fontes, e respirar o ambiente perfumado dos seus jardins, meu pai.

—Que levas ahi no regaço do vestido?

Casilda chamou do mais recondito de seu coração pela mãi immortal dos nazarenos, e respondeu então:

—Pai e senhor meu, levo rosas, que apanhei nestes rosaes.

Almenon, duvidando da sinceridade de sua filha, abriu-lhe o regaço do vestido, e uma chuva de rosas alastrou o chão.

IV

Pallida estava a donzella, pallida como as açucenas dos jardins do rei mouro, seu pai!

Conta a historia, que apenas ficára sangue nas veias de Casilda, porque, lançado a jorros, todos os dias tingia o fio de brancas perolas, que brilhavão entre os labios da princeza.

Pallida estava a donzella, e o rei mouro se finava de pena, vendo morrer a filha querida.

A sciencia dos medicos de Toledo não acertava em restituir a saude á princeza, e então Almenon chamou á sua corte os mais egregios e famosos de Sevilha e Cordova.

Porem, se impotente havia sido a sciencia dos primeiros, impotente era tambem a sciencia dos segundos.

—O meu reino e os meus thesouros darei ao, que salvar minha filha, exclamava o nobre mouro, vendo Casilda proxima a exhalar o ultimo suspiro.

Porem, ninguem acertava ganhar o seu reino e os seus thesouros, porque o sangue continuava tingindo, lançado a jorros, o fio das brancas perolas, que brilhavão entre os labios da princeza.

—«Fina-se minha filha! escreveu o rei de Toledo ao rei de Castella. Se em vossos reinos ha, quem possa salvar-m'a, que venha, que venha á minha corte, que lhe darei..... o meu reino e os meus thesouros....dar-lhe hei até a minha filha».

V

Pelos reinos de Castella e de Leão soavão pregões, annunciando, que o rei mouro de Toledo offerecia ao, que restituisse a saude á sua filha, o seu reino e os seus thesouros, e até a filha, cuja salvação anciosamente desejava.

E contão, que um medico, vindo da Judéa, se apresentára ao rei de Castella, offerecendo-se a restituir a saude á princeza moura.

Era tal a sabedoria, que refulgia nas palavras daquelle homem, e tal a fé, que inspirava a bondade, que resplandecia no seu rosto, que o rei de Castella não vacilou em dar-lhe cartas, assegurando a Almenon, que lhe enviava com ellas o salvador da princeza Casilda.

Apenas o medico vindo da Judea tocou a fronte da donzella, o sangue deixou de correr, e a côr de rosa começou atiogir as pallidas faces da enferma.

—Tomai o meu reino! exclamou Almenon, louco de alegria, e chorando de agradecimento.

—O meu reino não é deste mundo, respondeu o medico vindo da Judéa.

—Tomai o meu maior thesouro! replicou o rei de Toledo, designando ao medico sua filha.

O medico, fazendo um signal de acceitar, estendeu o braço para Casilda, e disse:

—Ha ali umas aguas purificadas, que hão de completar a salvação da virgem musulmana.

E no dia seguinte a princeza Casilda pisava a terra dos christãos, acompanhada sempre do medico vindo da Judéa.

VI

Casilda e o medico vindo da Judéa caminhárão, caminhárão, caminhárão para a terra dos nazarenos, e afinal parárão na margem de um lago de azuladas aguas.

O medico tomou algumas gottas d'agua no vasio da mão, e exclamou, derramando sobre a fronte da princeza:

—*Eu te baptizo em nome do Pai, do Filho e do Espirito Santo*!

E a princeza sentio ineffavel gôzo, parecido ao que outr'ora lhe contára a escrava nazarena, que sentião os bemaventurados no paraiso.

Os joelhos dobrarão-se-lhe, e os olhos fitarão-se na abobada azul do céo; e ella ouvio dulcissimos *hosannas*, que a fizerão lançar a vista em torno de si.

O medico vindo da Judéa ja não estava ao seu lado, porque rodeado de scintilantes resplendores se elevava para a abobada azul do ceo.

—Quem sois, senhor, quem sois? exclamou a princeza, attonita e admirada.

—Sou teu esposo, foi o, que deu a saude á filha de Jairo, que padecia a doença, que tu padeceste, sou o que disse: «Qualquer, que deixar a casa, ou irmãos, irmãs, pai, mãi, mulher, filhos, ou terras pelo meu nome, receberá cem por um, e possuirá a vida eterna.

Na margem do lago de azuladas aguas, que hoje chamão de S. Vicente, e está em terras de Briviesca, ha uma pobre ermida, onde viveu solitaria a filha do rei mouro de Toledo, que hoje chamão *Santa Casilda*.

D. Antonio de Trueba.

(*Extr.*)

NOTICIA.

O Exm. e Revm.º Monsenhor, D. Sebastião Pinto do Rego, eleito bispo para a Diocese de S. Paulo, por decreto de 11 de Maio de 1861, e preconizado em Roma no consistorio de 4 de Outubro do mesmo anno, foi sagrado no dia 18 de Maio deste anno, na matriz de Petropolis, na côrte do Rio de Janeiro, pelas mãos do Exm. e Revm.º Sr. Arcebispo de Athenas, Internuncio apostolico e Legado de S. Santidade neste Imperio, sendo assistido pelos Monsenhores Narciso da Silva Nepomuceno, e Lourenço Vieira de Souza Meirelles, e conego Geraldo Leite Bastos, achando-se presente á ceremonia o Exm. Bispo de Goyaz.

Nesse mesmo dia, ás 5 horas da tarde, o novo bispo offereceu um jantar de côrte ao Exm. Sr. Internuncio, a seus assistentes, a varias Autoridades, e a muitas outras pessoas distinctas.

Não podendo S. Exc. Revm.ª seguir logo para o bispado por incommodo de saude, nomeou seu procurador o Revm.º Sr. Conego, Vigario capitular, Joaquim Manoel Gonsalves d'Andrade, que em nome do Prelado tomou posse ás 4 horas da tarde do dia 10 de Junho findo, com todas as honras e solemnidades do estilo, ficando desde logo governardor do bispado.

Redactor

O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6$000 — por anno — Imp. por B. de Mattos, na typ. do—*Progresso*—1862.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X. N.° 236.

O ECCLESIASTICO.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXM.° E RVM.° SNR.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇAÕ SARAIVA,

BISPO DO MARANHAÕ.

SEXTA-FEIRA 25 DE JULHO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

Do direito do homem á verdade nos estados christãos.

Depois do que dissemos ultimamente, e que não ha quem agora esquecer, devemos fazer uma derradeira observação sobre essa *liberdade dos cultos*, na esperança de que o leitor sincero partilhou precedentemente os nossos sentimentos, quer sobre a liberdade da alma, quer sobre a da imprensa, quer finalmente sobre a opinião que pretende, que a liberdade é sufficiente para a igreja. As tres theses sahirão dessa torrente de illusões de erros, que engrossava todos os dias durante o ultimo reinado!

A atheismo da lei, da separação completa da igreja e do estado, ou da liberdade dos cultos, todas tem a mesma origem.

Todos nós queremos sem duvida a liberdade da consciencia mas queremos tambem o direito da verdade?

A liberdade dos cultos! não haveria por ventura nisso muita ingenuidade? Se o homem pudesse tambem escoger seu culto, não teria certamente tanta necessidade delle. E a inclinação natural para o vicio, e o esforço sobrenatural, que exige a virtude?

Sempre mesma ignorancia a respeito da natureza humana, d sua situação real neste mundo! Esta inadvertencia é um flagello em nossa época.

O homem victima do orgulho, da ignorancia de todas as miserias, de todas as paixões, é uma creatura muito fragile muito preciosa, sua alma tem todo direito á protecção, todo direito á verdade no seio das sociedades caristãs, para que seja abandonada aos attentados da mentira e da maldade.

Se se lhe deve proteger o espirito contra a imprensa, deve-se-lhe tambem proteger a razão contra a heresia: emfim, deve-se-lhe salvar a alma. Tendo o homem o direito de escolher entre todos os cultos, escolherá o mais baixo.... Possue por ventura o homem o amor da justiça e da perfeição? Se assim fosse, para que então a Religião? Para que vossas leis, vossa politica, vossa sociedade? Não se pode sahir do dilemma...

O estado offerecerá a liberdade a todos os cultos, e os homens *justos* tomarão essa liberdade politica por uma liberdade theologica, como se se pudesse ser indifferentemente, diante de Deos, catholico, deista ou atheu.

Provae ao povo, que elle deve fazer melhor que o estado! Dessa liberdade de cultos elle deduzirá, que se não deve ter nenhum. Perdemos o bom senso christão, isto é, o bom senso moderno. Por Deos, evitemos, que o povo soffra as consequencias dessas loucuras, dispamo-nos emfim de um vil liberalismo.

Se o estado se persuade, que não tem nenhuma obrigação de curar das almas, nenhum direito de ensinar, deve tambem comprehender, que o não tem de destruir toda a doutrina. Entre Deos e o homem ha relações immutaveis, que precedem de alguma forma os tempos, e que os seguirão, relações independentes de quaesquer projectos, que a politica possa formar a respeito da religião, que é a expressão dessas semelhanças.

Se o estado pretende fazer abstracção daquillo, que somente tem no homem um valor eterno, daquillo que é tambem o fim desse ente admiravel, o fim da civilização, elle testemunha uma funesta ignorancia, e entra por si mesmo no caminho, que conduz á sua destruição.

D'onde sahe a anarchia politica, senão da anarchia das crenças?

A verdade é de si mesma intoleravel como as mathematicas; não pode dizer, que uma linha recta é curva, nem que dous e dous fazem cinco. Dada a lei divina, a fé não poderia dizer, que ella não é a lei, que a justiça não é a justiça, que o bem não é o bem, e que o homem póde salvar-se, sem pratical-o.

Ainda não é tudo; ella não pode deixar de declaral-o alto e bom som, e de prescrever um absurdo, uma frouxa liberdade de consciencia.

Querer que em presença do verdadeiro, a fé deixe ao pensamento a liberdade de não crel-o, que em presença do bem dê ao coração a liberdade de não amal-o! Certamente, não reflectistes bem nisto.... E se tal é o dever da verdade, julgaes, que a autoridade não tem tambem algum?

Sim, o homem tem o direito de adherir por si mesmo á verdade, afim de obter o merito, mas não o tem de conscienciosamente afastar-se della para praticar o erro e preferir o culto, que lhe deprava a alma, ou priva-a de bens, que serão eternos: e o estado tem ainda menos direito de concorrer para uma semelhante iniquidade, para uma semelhante destruição da liberdade de nossas almas.

Ora, não é isso, o que elle pratica officialmente, proclamando a indifferença politica? Indifferença, por con-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

sequencia, scepticismo, anarchia..... e o estado bem depressa saberá, se póde separar neste ponto a ordem natural, sobre que pretende firmar-se, da sobrenatural, donde decorrem esse dever e essa obediencia, sobre que está definitivamente firmado.

O estado não é um bruto, deve reconhecer a verdade! a moralidade do povo assim o quer. O homem em sociedade tem o direito á verdade da parte do estado.

E' claro, que não pedimos nem a inquisição nem a licença, mas somente a profissão dessa verdade. Quando um paiz é salubre, cingem-no com cuidado de um cordão sanitario. Quando, porém, a epidemia, quando o erro o tem invadido, procurão-se pelo exemplo, zelo e caridade, reanimar uma verdade, que espira.

De mais, como recorrer á inquisição, quando se vio a maneira, porque abusavão della os poderes politicos?

A liberdade dos cultos poderá realmente descer até a faculdade de admittir todos? Não, certamente.... Pois bem! eleve-se o poder até a missão de reconhecer o verdadeiro culto; eleve-se até a honra de o praticar! Conceda ao menos o soccorro de sua lei, de seu amor a essa igreja incomparavel, que guia os corações para a justiça, obediencia e paz, a essa igreja que lhe dá a sociedade quasi formada!

Já que se não póde entender por liberdade de cultos a faculdade de não ter nenhum, tenha ao menos a gloria de possuir o verdadeiro! Não se lhe pede, que imponha a verdade, mas que a honre, para que os homens a imponhão a si.

Não foi para descermos ao scepticismo, mas para elevarmo-nos á fé d'aquelle, que *se adora na verdade*, que a verdade foi dada ao homem, e a autoridade á aquelles, que o governão. O estado deve protecção á moral, por consequencia deve-a tambem ao dogma....é a logica, que lhe falla! Ora, esta protecção de sua parte é a confissão da verdade, e a confissão da verdade a exclusão de uma profanação, de uma prostituição dos cultos publicamente autorisada. «Lembre-se o soberano, diz a Encyclica em sua linguagem elevada, que o poder lhe foi dado especialmente para protecção e defeza da igreja!»

O estado deve em primeiro lugar o exemplo: e é unicamente quando os homens ultrapassão a lei moral, no momento de romper a lei civil ou politica, que deve a repressão.

Porque, para elle essa repressão é o segundo dever, e note-se bem, o lado menos nobre de suas altas funcções. Porém, elle só poderá diminuir a repressão, estendendo, por seus exemplos, o poder da verdade. E' deste modo, que elle revela um verdadeiro liberalismo. Elle trabalhará ao mesmo tempo pela verdade, sem a qual não ha liberdade, e pela liberdade, sem a qual não ha merito para o homem. Eis porque o estado mostra primeiro a fonte de convicção, de que dispõe: o exemplo e a confissão da verdade.

Os povos honrão os governos, que preenchem esse grande dever, porque esses governos são os amigos do povo, os bemfeitores da nação. E' claro, que o estado, que acolher todos os erros, terá por si o povo, em que elles reinão, logo que apparecem; creará menos embaraços, encontrará menos difficuldades, se a sua frouxidão o deseja; pelo contrario, o estado, que defender todas as verdades, multiplicará as difficuldades, e será, não mais fraco, porém mais atacado. Seja porém mais fraco, se defender a verdade, sem confessal-a...A verdade dissimulada, offerecida com timidez, é uma prova evidente de fraqueza. Quando se possue o nobre direito de defendel-a, convêm primeiro exercel-o, e depois declaral-o francamente, para que os homens fiquem scientes disso, e aprendaõ ao mesmo tempo a submetter-se-lhe, e A ESTIMAR-VOS. E' sobre estes pontos mais elevados e delicados, que os povos ajuizaráõ de vossa força.

Para obrar como pae de familia, o estado deverá pois afastar igualmente, como vimol-o, a licença absoluta, e o que se poderia chamar protecção absoluta. Se a primeira é um principio destruidor, a segunda é um caminho perigoso. Mas, se a theoria pura, privada da experiencia, conduz ao fanatismo, a indifferença pura, nascida da frouxidão, conduz ao atheismo brutal e á destruição dos Estados. Só a sabedoria é completa, e torna-se a rainha do mundo, quando nella se parece! Ella reune á lei pura a experiencia, a verdade, a bondade e a firmeza. Os livros sagrados e as nações tem-na denominado o mais precioso dom do ceo, o maior bem da terra.

Tal é a these, que decorre da experiencia e da acção methaphysica de nossa liberdade, e que reunirá todos os espiritos praticos, honestos e sensatos. Ninguem, ainda uma vez o dizemos, pede a licença nem a inquisição, mas toda a liberdade, que traz o bem e não a liberdade sem o bem. No emprego d'esses cuidados, que farão triumphar a verdade sobre a violencia, ou a força moral sobre a brutal, achamos a idéa do estado e de seu dever, porque ahi está a idéa da propria civilização.

O estado, como já dissemos, deve antes e tudo o exemplo; a repressão é o segundo dever e a parte menos nobre de suas altas funcções. Os homens não lhe foraõ confiados, para elle os abandonar, e operar suas faltas, mas sim reprimil-as. Triste concepção do estado, se tal é a nossa! Quam pouco brio elle suppõe!... Ter uma moral para os governos, e outra para os que são governados, é um crime de alta politica, um germen de desmoralização. Pois que! a verdade é para o individuo o objecto mais caro, e para o estado é o mais indifferente? Restabeleção-se os governos; sáiaõ da humilhante situação, em que os querem lançar as fracas idéas dos homens! Não possuindo sobre as consciencias outro poder directo, a não ser o da virtude, e a vontade altamente manifestada de proteger por toda parte seu imperio, exerça o estado pelo menos esse poder em toda a sua extensão, e tome a direcção de seu proprio sacerdocio! Seja elle o *Ministro de Deos*, e conserve-se na altura desses estados christãos, que fizeraõ a grandeza e a prosperidade das nações modernas! E a época, que já definio a liberdade—o poder de fazer o bem e o mal—não pretenda, que a liberdade de consciencia seja a de não ter consciencia; nem defina o estado—o poder de deixar fazer tudo.

Os que precipitaõ todas as cousas n'esse perigoso declive, que pretendem, que os estados devem ser desinteressados na questão da verdade, e limitarem-se á repressão, não comprehendem, que os votaõ ao des-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

prêzo? .... Deverão tambem os estados soffrer as consequencias da curteza de nossa intelligencia, e da fraqueza de nosso espirito? Faltaõ-nos ainda estudos profundos; por toda parte sente-se a necessidade da theologia, quer para sustentar os imperios, quer para elevar o espirito humano. O que perde as intelligencias, é dedicarem-se ellas a especialidades, d'onde querem julgar o todo, em vez de se confiarem nas grandes leis. O homem é muito fraco, seu espirito é incapaz de partir de suas proprias impressões, de se formar fóra da historia, e de crescer por si mesmo como uma flor em um vaso. A insufficiente instrucção bem depressa o confunde. Como advertir o oução, que elle está em cima de uma collina, e não sobre os flancos do mundo?

Em politica, bem como em tudo mais, só temos litteratura. A philosophia, fructo de uma razão, que se tornou inteiramente humana, afastou a theologia, e uma litteratura, procedente de uma razão recahida na infancia, banio a philosophia. Bem como as plantas arrancadas da terra, os espiritos ficaõ privados da seiva, e feridos da esterilidade. Não podendo mais produzir, elles continuaõ a trabalhar no vacuo de suas impressões, e d'ahi a litteratura. Sem missão, sem principios, sem instrucção, muitas vezes como meio de vida, apoderaõ-se de todas as questões, dirigem-se aos caprichos, á opinião, aos derradeiros appetites mesmo. A litteratura substituio o pensamento, a tradicção, a honra e a independencia; mudou o sentimento do verdadeiro, preverteu pouco a pouco os mais nobres instinctos. Todo o mal, que se tem feito, sahio do erro: o que se fizer d'ora avante, partirá da litteratura: um e outro nascidos do individuo! Toda a palavra bem acceita entre os homens procede de uma nobre sciencia ou da tradicção: só o litterato obra e falla por si mesmo... Por isso, qual o seculo, que tem escripto mais paginas, qual tambem o que mais deixal-as-ha no esquecimento?

Não ha mais principios nem genio; não se sente mais desde então a necessidade de achar o todo, de seguir uma doutrina. Temos repetido muito, mas não dissemos ainda, o que é bastante... A liberdade, a razão e a fé, a alma, a graça, o infinito, todas as noções philosophicas são algarismos, cujo valor se ignora. Isto é, as idéas fenecem; a rhetorica as tem substituido. Entramos no baixo dominio das idéas. O sensualismo está nas almas, e o servilismo no pensamento. Não é mais a doutrina, que se admira, é o talento. Nossos paes procuraõ a verdade, seus filhos procuraráõ a dexteridade! A these simples e a phrase ornada captivão seu espirito. Para agradar-lhes é preciso desenrolar superficies brilhantes, tapetes d'Ambusson, onde a planta não tem raiz, onde os entes são cores...

Os homens não tem mais doutrina; apenas conservaõ idéas, isto é, ruina do edificio das doutrinas. Destruindo a verdade nos espiritos, onde não pode penetrar, a revolução tem por toda a parte trazido a ausencia de doutrinas! Castigo de uma época, que vem condemnar o passado, e por consequencia condemnar a Deos; de uma época, que quer marchar só, e sem auxiliar aquella, que a sustenta na doutrina... O mundo não tem mais doutrina, e os seus direitos mais caros pedem a razão de sua existencia. Os principios desapparecem com as crenças, os caracteres com os principios, e o despotismo caminha. Os espiritos ficaõ vencidos, as sciencias, a historia, a politica, a philosophia, a mesma religião, todos os canaes da verdade estão interceptados, e o homem não póde seguir hoje seu pensamento sem chegar á mentira. Os reis, os proprios reis, não teem mais doutrina, e é este o ultimo golpe da revolução. Os elementos das nações, as aristocracias, a familia, a propriedade, as ordens, as cidades, tudo succumbe; ninguem mais conhece a razão de sua existencia. As leis morrem, os paes não se julgaõ mais os chefes de suas casas, os exercitos hesitaõ, e os reis não se sustentaõ no throno... por que aquelles, que os sustentaõ, estão privados de doutrinas...

B. de Saint Bonet.
(*Monde.—Ullisses.*

A VIDA DE MARIA SANTISSIMA,
Extrahida das mulheres da Biblia

PELO ABBADE DARBOI.

Preito de homenagem ao Exm. Sr bispo do Ceará, D. Luiz Antonio dos Santos, por Francisco Seraphim de Miranda Moura.

Mariâ de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.
(Math. 1, 26.)

Beatam me dicent omnes generationes.
(Lucas, 1, 48.)

Ao Evangelho deve unicamene a Europa o imperio, que exerce sobre o destino do Universo. E' desse codigo divino, em que baseou a sua superioridade intellectual e moral, que ella tirou a suavidade progressiva de seus costumes, a perfeição de suas luzes, a magnitude de suas instituições, e mesmo a esperança, que funda no futuro; por quanto, se pudessemos chegar á decrepitude, o que não seria de nós perdendo o Evangelho! e se os povos mais ou menos barbaros da Asia, d'Africa, das Ilhas Occanicas e do Novo Continente, se associarem um dia, como devemos crer, ao banquete da civilização, será somente no dia, em que acceitarem o Evangelho, presentemente inseparavel de tudo, que ha de grande e sublime no mundo.

Pela razão da existencia das cousas humanas, que devem viver tanto menos, quanto hão vivido, o Christianismo pode dar e restituir suas victorias passadas, como garantias de seus futuros e immorredouros triumphos. A razão está tanto mais altamente collocada, quanto baixa é a esphera, em que seus contradictores impotentes vão basear suas criticas infundadas: o que autorisa a dizer-se: que o Christianismo é uma revolução definitiva, é a sublimidade e pureza de sua origem. Para os catholicos nisso não ha duvida; e para os outros, que elles interroguem a historia, ajuizem e meditem.

Com effeito, o Christianismo não foi uma modificação de formas politicas e sociaes, nem um destes accidentes, que se ligão á gestão dos Estados: modificação e accidentes que começaõ a perder de seu prestigio, e anniquillarem-se, logo que apparecem. Foi sobre tudo, e mais que tudo, uma modificação de costumes, isto é, para todo aquelle, que reflectio, uma revolução que vem de um principio mais elevado, que a propria creatura, e que desce até as

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

profundidades da consciencia, ultimo baluarte, em que a liberdade do homem pode encontrar obstaculos. E é precisamente por isso, que esta revolução é tão radical em si mesmo, e tão prodigiosa em seus effeitos.

O ponto particular, sobre que ha talvez mais facilidade em estudar este resultado, é sobre a rehabilitação da mulher, tão cruelmente rebaixada entre as nações pagãs, tão maravilhosamente honrada pelas christãs. Esta mudança prodigiosa não se liga somente, como se crê de ordinario, á que o christianismo regenerou a consciencia, mostrando-lhe a verdade sob uma clareza mais deslumbrante; mas refere-se sobre tudo áquillo, que o christianismo relata da redempção do homem pelo sangue de um Deos. Em virtude deste dogma, a dignidade da alma humana attingiu um gráu tão elevado, a cuja importancia todas as qualidades e deleitos do corpo, todas as distincções politicas, e aberrações sociaes, não se ligão senão por uma importancia secundaria. Resgatada pelo sangue divino, derramado sobre o Calvario, nossa natureza espiritual brilha com um esplendor, que offusca e anniquilla completamente os deleites e formas do corpo; ella ostenta-se superior á belleza mais seductora, como através dos membros cançados pelos soffrimentos. E convem dizel-o claramente, é pela fé nesta verdade, que, collocando a fraqueza sob a protecção do direito e os sentidos sob a lei do dever, restituio ás nossas mãis e ás nossas irmãs a herança de sua grandeza original e a magnificencia de seu destino.

Mas, a toda a idéa correspondem meios praticos, por onde ella se torna visivel, e entra na ordem dos factos. O culto da Virgem Maria foi talvez o mais efficaz destes meios escolhidos pela sabedoria da Igreja. Elle resulta da doutrina geral do Christianismo, que consagra a supremacia do espirito sobre o corpo, e a sugeição dos sentidos á alma emancipada pela religião; elle devia por sua vez favorecer o desenvolvimento da doutrina evangélica sobre a castidade, inspirar a toda a creatura humana o respeito de si mesmo, e transformar assim de uma maneira lenta, mas inevitavel, a principio a familia, a sociedade depois.

Facto que se deu, e nenhuma linguagem póde manifestar, para gloria do céo e da terra, tudo que produzio o culto de Maria, esposa de um carpinteiro de Nazareth, superior ás mais illustres mulheres pelo explendor de suas virtudes, igual á mais pobre na humildade de sua condicção, mais pura que todas as virgens, de que ella é o exemplo e padroeira, mãi mais amorosa de que todas, de quem é amparo e protectora.

Quando os tempos marcados pela Clemencia Divina se cumprirão, ella realizou a palavra pronunciada sobre o berço da humanidade decahida:—Eu farei apparecer, tinha Deos dito ao tentador, uma inimizade entre ti e a mulher, entre a tua e a sua descendencia, e ella esmagar-te-ha a cabeça;—e a palavra pronunciada mais tarde por um de seus profetas:—o Libano com seus cedros cahirá, mas uma raiz nascerá da descendencia de Jessé; uma flor brotará de suas raizes, e o espirito do Senhor ahi repousará.—Esta doce e cara esperança de um reparador, cuja maravilhosa tradicção se encontra em todos os paizes do mundo, conservou-se sobre tudo pela fidelidade do povo Hebreu. E, com effeito, após quatro mil annos de esperança, naseeu sem mancha e sem peccado a nova Eva, verdadeira mãi das creaturas, chamada a destruir por sua concepção divina o crime e a morte.

Maria é o nome d'esta creatura privilegiada, que, por sua belleza interior e encanto da mais alta virtude, devia fixar as vistas do Creador, e tornar-se sua mãi. Motivo porque foi santificada, antes de nascer, como se estabelecem poderosos alicerces para sustentar um templo immenso, como se mobilão os palacios, onde devem habitar os principes.

Maria teve por pai a Joaquim, da tribu de Judá, e da familia de David, e por mãi a Anna, que se julga ter sido da tribu de Levi. Toda a antiguidade ecclesiastica glorificou o nascimento de Maria, e, desde os seculos mais antigos, a Igreja celebra-o por uma festa especial, que é —o oitavo dia de Setembro.

Mais tarde instituio-se a festa da Conceição, como para se anticipar de prestar honra a Maria, desde que ella começou a existir, não podendo notar-se de uma maneira mais expressiva tudo, que se deseja conferir de encomios pomposos á illustre mãi de um Deos occulto.

Segundo a opinião commum, Maria foi apresentada ao templo na idade de tres annos, e ahi, premunida de bençãos particulares, se consagrou irrevogavelmente a Deos. Foi esta lembrança, que a igreja quiz perpetuar, instituindo a festa da Apresentação, fixada a vinte e um de Novembro. Esta festa, celebrada no Oriente desde o nono seculo, foi estabelecida nas igrejas occidentaes somente no decimo sexto a instancias de um francez, Filippe de Maisieres, embaixador do Chipre junto da Santa Sé, que interessou vivamente a Gregorio XI pela descripção das solemnidades praticadas na festa da Apresentação da Virgem Maria.

Nesta consagração de si ao Eterno, Maria inda menina teve sem duvida com elle uma communicação intima, que não é permittido ao mundo penetrar; porque, aquelle, que faz eloquentes os labios dos meninos, póde tãobem dar á sua alma uma vista penetrante da verdade, e um sentimento mais profundo da virtude. O que é certo, é que, por esta sublime offerta, Maria preparava o preenchimento dos divinos oraculos; nella começou nesse dia a dignidade das virgens: ella desenrolou o estandarte de uma vida nova, de que somente o Céo poude inspirar-lhe o pensamento.

Todas as tradicções nos dizem, que Deos, querendo fazer-se homem para libertar os homens, e não devendo ter em si a menor sombra de peccado, convinha, que nascesse de uma virgem incorruptivel, e que em tempo algum deixasse de ser a pureza por excellencia. Mas convinha tambem, que essa virgem ignorasse o futuro mysterio da Incarnação, e que o voto, que fazia, não lhe fosse ditado pela previsão da maternidade divina, afim de que se tornasse uma homenagem mais espontanea e mais generosa.

Antigas autoridades fizerão crer, que Maria permaneceu alguns annos no templo, occupando-se de preces e trabalho manual. Este facto nada encerra de incredibilidade, pois que se vê, de uma parte, Isabeth, esposa do grande sacerdote Joiada, occultar a seu lado no templo o joven rei Joas com sua ama, para livral-o do odio d'Athalia, e de outro lado, a prophetiza Anna, filha de Phamuel, habitar constantemente á porta do templo.

Mas, que de facto a infancia de Maria se tinha decorrido na casa do Senhor, ou que Joaquim ou Anna tenhão guiado a terna predilecta do céo á sua humilde habitação de Sephoris, na Galiléa, ninguem duvida, que Maria não tenha vivido na solidão, conversando pela meditação com seu Creador, e praticando com simplicidade e em grão elevado os deveres e virtudes de sua posição.

Deos, que é a ordem suprema, e que ama em todos os objectos a magnitude dessa mesma ordem, escolheu tempos apropriados, para fazer ostentar-se seu poder, e outros para fazer admirar-se sua sabedoria.

Quando vinha de abater o orgulho, que é a grande chaga da humanidade, e ensinar-nos a ser humildes e

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

pacificos, occultou sob o silencio o mysterio de nossa salvação; elle o realizou permittindo, que as cousas seguissem em apparencia sua acostumada marcha. Assim, em vez de rasgar as nuvens do céo com o fuzilar do raio, e chegar, como no dia tremendo, trazido sobre os elementos em convulsão, como sobre um carro de um triumpho, envolveu o mysterio de seu nascimento temporal com o véo do matrimonio, dando á sua mãi, segundo a carne, uma defeza e um apoio humanos.

Maria foi pois desposada, e depois casada com José, que era, como ella, da tribu de Judá, e da familia de David; diz-se mesmo, que elle era o chefe e principal herdeiro desta dynastia decahida. Apezar desta origem divina, elle estava reduzido a ganhar o sustento de sua vida com o trabalho de suas mãos; os antigos narrárão positivamente, que elle occupava-se em fazer charruas, em cortar e talhar arvores, e em todas as obras de carpinteria, que se fazem mister á construcção das casas. E foi, em que meditava o sophista Libanio, quando perguntava a um christão, para motejar de Jesus Christo, o que fazia o filho do carpinteiro; foi tambem, em que meditava o christão, respondendo-lhe: «faz um ataúde para teu senhor». O successo, como se sabe, verificou esta replica, pois, neste mesmo momento, Juliano o Apostata cahia ferido de morte em uma batalha contra os Persas, e o filho adoptivo do carpinteiro encerrava em um tumulo commum o Imperador e o paganismo.

Mas, se José era pobre aos olhos dos homens, era rico perante Deos pela pureza de sua alma e santidade de sua vida; por quanto, o Evangelho o denomina justo, e sabe-se a differença, que ha entre a justiça vulgar, de que se ufana o mundo, e a justiça divina, que o Evangelho glorifica.

E foi por effeito da magnitude de sua virtude, que foi eleito para ser o esposo da Virgem Maria, o guarda de sua honra, o pai putativo do Filho de Deos.

Os dois esposos retirarão-se a Nazareth, onde José tinha sua habitação. Era então uma cidade da Galiléa, da tribu de Zabulon; é hoje uma simples aldeia. Está situada em um valle circular, e cercada de monticulos, que se unem na base, e destacão-se uns dos outros em seus cimos, como os lobulos de uma flor. Casas de uma miseravel apparencia, mas aceiadas e pintadas de branco, os templos dos Gregos unidos e schismaticos, a igreja e convento dos padres latinos, a mesquita dos Turcos, em torno destes edificios, bosquetes de verdura, compostos de cactus, romãs e figueiras, eis Nazareth. Mas, que lembranças desperta esse pedaço de terra!

Havião dois ou tres mezes, que Maria e José habitavão Nazareth, desfructando essa doce tranquillidade, que Deos dá a seus amigos, vivendo pelo trabalho e pelas supplicas; Maria occupando-se dos afazeres da casa, proprios de uma mulher do povo, José trabalhando em sua humilde tenda, de que uma piedosa tradicção descreve o logar. O idumeo Herodes, declarado pelos Romanos rei dos Judeos, affectava dedicar-se a importantes objectos, e mostrar uma magnificencia, que lhe valeu, com effeito, o sobrenome de grande; o imperador Augusto governava Roma, e o mundo existia em uma paz profunda, quando o anjo Gabriel foi enviado a Maria, para lhe communicar, que ella ia conceber em suas castas entranhas o Verbo Eterno, o Filho de Deos feito homem.

O anjo enviado pelo céo penetrou o logar, onde existia Maria, dizendo-lhe: «Eu vos saúdo, cheia de graça; o Senhor é comvosco; bemdita sois vós entre todas as mulheres». Nunca taes elogios forão dados por labios celestes á creatura alguma.

Em logar de encher-se de uma vã alegria, Maria se confundio em sua humildade. Assustada, meditava, donde lhe poderia vir um tão grande elogio. «Nada receieis, Maria, accrescentou a voz, porque vós encontrastes graça perante o Senhor. Concebereis e trareis em vosso seio um filho, a quem dareis o nome de Jesus. Será poderoso, e se chamará o filho do Omnipotente, e o Senhor lhe dará o throno de David, seu pai; reinará eternamente sobre a casa de Jacob, e seu reino não terá fim».

Forão estas as palavras, com que o anjo annunciou á Maria o mais sublime e ineffavel de todos os mysterios. E ellas tiverão seu completo preenchimento; por que o filho de Maria appareceu, como o termo das esperanças do velho mundo, e, depois de ter dado as provas mais patentes de sua missão, abrio novos tempos com uma tal pureza de costumes, por uma morte e resurreição tão prodigiosas, que todo o universo se despertou, e desembainhou a espada para defender ou soffrer a morte em defeza da doutrina deste poderoso reformador.

O Filho de Maria é saudado e adorado ha desoito seculos, como Filho do Omnipotente; elle reina sobre os espiritos pela verdade, que lhes communica, e sobre os corações pela luz, com que mantém a chamma vivificadora no mundo, sobre os costumes e instituições das sociedades modernas, que o sopro evangelico ensina e conserva. O Filho de Maria dominará o futuro, como dominou o passado, assim como é a vida intima do presente, que se sabe, ou que se ignora.

Admirada de tão importantes maravilhas, mas não duvidando do poder de Deos, nem da verdade das palavras, que ouvia, Maria perguntou, como taes prodigios teriaõ seu inteiro cumprimento, pois que ella se dedicára a Deos, sem reserva e por toda a eternidade? A voz respondeu: O Espirito Santo baixará sobre vós; a virtude do Todo Poderoso estenderá sobre vós seu véo: razão porque aquelle, que de vós tem de nascer, será chamado o Filho de Deos».

(Continúa.)

Correspondencia do J. do Commercio.

Pariz 24 de Maio de 1862.

.....

Eis aqui como na noite de 8 para 9 do corrente se exprimio a respeito do poder temporal da S. Sé na camara dos communs o ex-ministro Disraeli, protestante de origem israelita, e, por consequencia juiz, que difficilmente será averbado de suspeito:

«Ha na questão romana um interesse geral para todo o mundo, e, se me não engano, um interesse particular para uma potencia protestante como a Inglaterra. Este interesse não é o poder temporal da Igreja, assaz insignificante em si mesmo, para que se lhe não deva dar importancia; é a independencia do Papa: duas cousas essencialmente distinctas, posto que obstinadamente confundidas ou pela ignorancia ou pelos prejuizos nacionaes. Se o Papa amanhã sahir de Roma, para ir estabelecer a sua residencia em Sevilha ou em Avinhão de uma maneira permanente, podeis estar certos, de que o chefe da potencia catholica, em cujos Estados elle se fôr estabelecer, bem longe de mostrar grande empenho em defender a sua independencia, acceitará, pelo contrario, com grande sofreguidão o augmento de influencia e de autoridade, que lhe resultará da residencia permanente do Summo Pontifice nos seus dominios. E será isto do interesse de uma potencia protestante, que conta entre os seus subditos tantos milhoes de catholicos? Ha pois aqui um grande motivo de preoccupação para todo o homem de estado inglez; e foi sem duvida esta consideração, que moveu os

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

grandes homens de estado da Europa a sanccionar a restauração do Papa em 1815. Lord Grey, lord Liverpool, Canning e lord Wellesley não erão certamente nem carolas nem incapazes; e comtudo, nenhuma outra solução da difficuldade encontrárão naquella época, não porque lhes parecesse opportuno ou desejavel, que o Papa fosse revestido da autoridade de principe temporal, mas porque não viáo outra maneira de assegurar a sua independencia.

«Ora, se as complicações, que envolvem esta questão, são tão consideraveis para um Estado protestante, que difficuldades não deve ella apresentar ao nosso cordial alliado o imperador dos Francezes! Bem sabe elle, que jamais nem a Inglaterra nem a Europa soffreráõ, que o Papa se estabeleça em França de uma maneira permanente; bem sabe, que nenhuma potencia consentirá em ver submettida á autoridade e á direcção das Tulherias essa influencia, que o Papa exercita em todos os paizes por meio da organização intellectual, que em toda a parte o representa. Tudo isto elle comprehende perfeitamente, assim como os grandes embaraços, que lhe resultariaõ da residencia permanente do chefe da Igreja em qualquer outro Estado catholico. Effectivamente, a sua propria influencia e autoridade diminuirião na mesma proporção, em que a de outro soberano viesse a augmentar.

«Não fallo das difficuldades, em que o imperador se veria envolvido, *se a questão viesse a ser arranjada pela maneira clandestina, que algumas pessoas desejão*, porque é evidente, que, se o Papa amanhã se achasse fugitivo ou desterrado ou preso, aquelle, que governasse a França, fosse qual fosse o seu nome, familia ou dynastia, não poderia ver um tal acontecimento com indifferença, nem mesmo com impunidade. Um sentimento de inquietação assaz perigosa se apoderaria instantaneamente de todos os espiritos na Europa; porem, quem teria que lutar de uma maneira directa com as maiores difficuldades, seria o imperador dos Francezes. Se a occupação de Roma foi ou não um erro politico, é cousa, que não quero aqui examinar; o que digo, é, que um tal facto é da parte do monarcha francez, não um acto de ambição, mas um acto de defensa pessoal. »

.....

«Todos os conegos da cathedral de Napoles desapparecêrão, quando o rei da Italia lá se apresentou no dia de S. Januario; e, tendo todos os bispos sido convidados, para se acharem presentes na occasião do grande recebimento da côrte, o unico, que se apresentou, foi o bispo unitario de Ariano, que foi igualmente o unico, que appareceu no dia de S. Januario, para receber á porta da Sé o monarcha piemontez. Para dissimular aos olhos da Europa este dezar, deu-se toda a publicidade possivel a uma mensagem, que certo numero de ecclesiasticos dirigirão ao soberano; quando, porem, se foi a examinar, quem erão estes ecclesiasticos, achou-se, que todos elles erão clerigos interdictos pelos prelados respectivos, todos pertencentes á sociedade emancipadora ecclesiastica napolitana, e todos recrutados por Fr. Pantaleão, capellão (actualmente sem exercicio) de Garibaldi.

«Isto não obstante, a cerimonia, foi assaz apparatosa, porque ja então o corpo diplomatico se achava *au grand complet* pela chegada dos ministros da Grecia, da Turquia, da Hollanda, de Portugal e do Brasil. Cada um delles dirigio ao monarcha conquistador algumas palavras de felicitação, que eu não posso reproduzir, porque as não tenho á vista, o que muito me penaliza, porque tinha realmente grande curiosidade de saber, em que termos e com que cara o representante do imperador do Brasil felicitou o espoliador da familia da sua propria imperatriz pela sua feliz chegada á capital do soberano espoliado.

«Os jornaes unitarios celebrão com grandes encomios as grandes larguezas feitas pelo rei de Turim aos seus fieis vassallos napolitanos, e não dizem nada de mais. Sua Magestade mandou restituir todos os objectos empenhados no monte de soccorro por uma somma, que não excedesse tres ducados, e, para prova da sua profunda affeição á religião do paiz, fez dom a S. Januario de um magnifico collar de pedrarias. Tudo isto é a pura verdade, e nesta parte é absolutamente impossivel desmentir as folhas piemontistas: a unica cousa, que é preciso accrescentar, é que o collar de S. Januario foi pago com o dinheiro da caixa ecclesiastica, e os objectos do monte de soccorro desempenhados com os fundos da caixa municipal. Sua Magestade não despendeu da sua algibeira um só carlino.

.....

«Já ha ordem de proceder contra aquelles conegos, que não quizerão receber o monarcha á porta da cathedral no dia de S. Januario; isto tem dado origem a murmurios mal comprimidos; o que será, se elles forem fazer companhia nas differentes prisões da capital aos numerosos ecclesiasticos, já condemnados pelos tribunaes unitarios, a que nem os proprios bispos têm escapado!?

.....

«A 10 chegou a Roma o vice-rei do Egypto Said-Pachá, que foi recebido no Vaticano com todas as honras, retirando-se tambem no dia seguinte com o fim de seguir para França.

«Tem chegado perto de 100 arcebispos, bispos, cardeaes, e mais prelados estrangeiros, avultando alguns dos Estados-Unidos e da Turquia. O celebre bispo de Orleans, Dupanloup, é esperado a 26, e alojar-se-ha em casa do principe Borghese. Chegou o fogoso Veuillot, ex-redactor do *Univers*, e forão esperal-o á estação da via ferrea o cardeal Antonelli, monsenhor Merode, a princeza viuva Borghese, e o conde de Maguelonne, em cuja residencia foi hospedar-se.

«Parece, que a Imperatriz dos Francezes escreveu uma attenciosa carta a Pio IX, garantindo-lhe a permanencia das tropas francezas no patrimonio de S. Pedro.

«A 13 Sua Santidade officiou na basilica de S. João de Latrão, onde haviáo cincoenta bispos reunidos. A 15 teve lugar o primeiro consistorio para a canonização.

«Suppõe-se, que antes do dia 8 de Junho será promulgado o manifesto dos cardeaes, arcebispos e bispos, sustentando a indispensabilidade do poder temporal, e a exhortação aos fieis catholicos, para que o sustentem a todo o transe, ameaçando com as penas espirituaes todos os, que não restituirem os territorios usurpados, ou tentarem assenhorear-se de qualquer parcella do patrimonio de S. Pedro».

VARIEDADE.

O *Annuario* pontifical de 1862 foi impresso na typographia da Revdm.ª Camara Apostolica. Seu formato, sua extensão augmentárão; as averiguações e os cuidados do sabio compilador, o Sr. abbade professor Ciccolini, redactor do *Jornal de Roma*, fazem delle um livro, que está longe de ter a censura de um almanack.

Eis aqui os trechos mais notaveis deste livro:

O *Annuario* dá ao principio uma exposição das funcções pontificaes e cardinalicias durante o curso do anno; depois emprega 25 paginas na chronologia dos Papas. Trinta e tres soffrêrão o martyrio, e regárão com seu sangue os fundamentos deste throno, que a revolução dis-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

puta a Giovanni Mastai Ferretti, nascido em Sinigaglia, a 13 de Maio de 1792; 283º na ordem dos pontifices, nono de nome Pio, exaltado ao pontificado a 16 de Junho de 1846, coroado a 21 do mesmo mez.

Sua Santidade conserva as prefeituras da sagrada Inquisição romana e universal, da sagrada Congregação consistorial, e protectorado das igrejas e Capitulo dos SS. Celso e Julião de *Banchi*, e da archiconfraria da *Via-Crucis*.

O sagrado collegio é composto agora de sessenta e um membros; um cardeal foi reservado *in petto* no consistorio de 25 de Junho de 1858, e não está declarado: ha oito capellanias vacantes. O mais velho dos cardeaes, sua eminencia Antonio Tosti, tem 86 annos, e traz a purpura desde 24 annos; o mais moço, sua eminencia Giuseppe Milesi Pironi Ferretti, tem 45 annos. Não resta mais nenhum cardeal do tempo de Leão XII senão sua eminencia Benedicto Barberini, no entanto que contão-se dezoito do tempo de Gregorio XVI.

Existem agora quarenta e dois creados por Sua Santidade Pio IX; emfim, sob o grande pontificado actual cincoenta e nove principes da igreja romana morrêrão.

O *Annuario* passa depois á nomenclatura dos patriarchas, arcebispos e bispos, com o que occupa 153 paginas. Este trabalho nunca fôra apresentado ao publico com uma tão minuciosa exactidão.

Eis o resumo da hierarchia catholica:

Sés com residencia.

Patriarchados	12
Arcebispados	145
Bispados	677
Total	834

Sua Santidade elevou á ordem de Metropoli:

Sés	9
Erigio Arcebispados	2
« Bispados	78
Total	89

Sés *in partibus* conferidas:

Arcebispados	43
Bispados	194
Total	237

Vacancias de Sés com residencias:

Patriarchados	3
Arcebispados	7
Bispados	75
Total	85

Estão occupadas:

Sés com residencia	149
« *in partibus*	236

Os Prelados, que compõem a hierarchia catholica com titulo, são pois no numero de 985

Se ajuntar-se a esse numero de 985 o numero das vacancias, tem-se um total de 1,070 pastores espalhados sobre a superficie do mundo.

Vê-se por este quadro os accrescimos, que Sua Santidade Pio IX tem dado á diffusão da verdade.

Estas cifras são de uma eloquencia sublime, dão á alma as mais brilhantes consolações. Ellas mostrão, como nosso Pai perseguido responde ás ameaças da impiedade..... enviando-lhe novos apostolos.

Depois vem os vicariatos, os delegados e as prefeituras apostolicas em todas as partes do mundo—(30 paginas). Eis o quadro succinto dellas:

Vicariatos	39
Delegações	3
Prefeituras	18
	60

Sua Santidade erigio:

Vicariatos novos	13
Prefeituras novas	5
	18

Estão vagos:

Vicariatos	11
Prefeituras	6
	17

Seguem as congregações: cada uma dellas se compõe de um prefeito, tomado ordinariamente no Sagrado Collegio (excepto as congregações da Inquisição, do Consistorio e da visita apostolica, de que o Papa conserva a presidencia) de cardeaes, de um secretario, e de um pessoal de secretaria collocado sob suas ordens.

Eis os nomes das diversas congregações:

Inquisição romana e universal—Consistorial—Visita apostolica—Bispos e regulares—Concilio—Residencia dos bispos—Estado dos regulares—Immunidades ecclesiasticas—Propaganda (rito latino)—Index—Ritos—Ceremonial—Disciplina regular—Indulgencias e reliquias—Exame dos Bispos—Fabrica de S. Pedro—Consulta—Lauretana—Negocios ecclesiasticos extraordinarios—Estudos—Reconstrucção de S. Paulo—Censo.

Das congregações passamos aos tribunaes. Em primeiro logar, figura a penitenciaria; seguem por ordem de importancia: a chancellaria, a dataria, a rota, a camara apostolica, a assignatura de justiça, o tribunal do vicariato, os tribunaes, civil, de commercio, criminal, etc.

As secretarias são em numero de 6: secretaria de Estado, dos Breves pontificaes, dos Breves aos principes, das Cartas latinas, das Memorias, do Auditor de Sua Santidade.

O pessoal da capella pontifical é consideravel, e não occupa menos de 18 paginas, desde o Sagrado Collegio até aos Cursores. Nunca soberano algum foi cercado de uma côrte mais esplendida e mais magestosa; cardeaes, patriarchas, arcebispos e bispos assistentes ao throno, protonotarios apostolicos, camaristas secretos, camaristas de honra, secretos, capellães de honra, sem fallar da muni-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

cipalidade romana, que carrega tão virilmente o pêso do nome de senador, innumeros chefes de ordens religiosas.....eis o cortejo de um Papa em um dia de ceremonia.

Os nomes e as attribuições de todos estes personagens se achão no longo capitulo, que segue, e que tem por titulo estas duas palavras: *Famiglia pontificia*. E com effeito, tudo o que tem um emprego qualquer, humilde ou elevado, junto do Papa, é julgado fazer parte integrante de seu parentesco. Dizem em outras partes: a casa do seberano; aqui, isso chama-se a familia, e este nome é terno.

Achamos depois a lista dos nuncios, internuncios, encarregados de negocios, e consules da Santa Sé junto das outras potencias, e o quadro do corpo diplomatico e consular acreditado junto da Santa Sé.

Depois da menção dos tres grandes conselhos de Estado - o conselho dos ministros, o conselho de Estado, e a consulta das finanças—o *Annuario* passa aos ministerios. Sua repartição é com pouca differença como em outros paizes: interior, policia, finanças, commercio, Bellas Artes, industria, agricultura, obras publicas, armas.

As provincias annexas ao Piemonte figurão no *Annuario*, o que provará a M. Rattazzi, que a Santa Sé está determinada a não transigir com seu direito..... ao menos até o *Annuario* proximo. Os legados e os delegados das ditas provincias conservão seus titulos, e quando morre um, o governo promove a sua substituição immediata.

O corpo municipal e a lista das ordens religiosas vem depois da divisão territorial dos Estados da Igreja. Passamos emfim ás instituições caritativas, e sente-se, que Roma é seu elemento, tanto ellas são numerosas, tanto ellas são previdentes! O livro termina pela nomenclatura circumstanciada dos estabelecimentos scientificos, litterarios, e de educação, que a cidade e as provincias encerrão pela estatistica da população.

(*Extr.*)

NOTICIAS DIVERSAS.

Progresso.—O catholicismo está decididamente em progresso na Bulgaria, mil familias acabão de abjurar a religião grega. Estas conversões se augmentarão, e em poucos mezes teremos o prazer de saber, que toda a Bulgaria é catholica.

Fallecimento.—Falleceu na Conchinchina Mr. Cuénot, vigario apostolico, depois de um cruel padecimento, que lhe fizerão soffrer. E' doloroso e triste o quadro de sua morte—e ao mesmo tempo enche de valor ao coração catholico vêr o novo martyr beber o calix do soffrimento, que lhe offerecêra o deshumano Ming-Menh. Sua prisão foi acompanhada de doze padres indigenas, e alguns destes puderão salvar-se refugiando-se nas montanhas. Não ha mais um só padre europeu na Conchinchina; as ovelhas estão sem pastor, os meninos pedem o Baptismo, e ninguem lhes dá; as capellas e as escolas forão destruidas, os christãos são arrastados e barbaramente martyrizados. Tu-Deu jurou exterminar a religião do céo! Não, essa religião não póde ser exterminada; os seus soldados morrem serenos, e por Ella derramão seu sangue. Tu-Deu exercerá sua vingança, e causará á vista da coragem dos defensores da religião catholica.

Loteria.—A loteria organizada em favor do dinheiro de S. Pedro tem realizado o seguinte: Pariz ficou com 300,000 bilhetes; a cidade de Lyon com 100,000, e os catholicos de Londres com 100,000. Vemos por tanto, que o fervor dos catholicos se augmenta, á medida que os inimigos da Igreja se apresentão para esbulhar os direitos do Santo Padre.

Progresso do Catholicismo.—Na Inglaterra o directorio catholico Romano ufana-se de contar 22 pares, sendo 9 pares de Inglaterra, 4 pares do Reino Unido, e 13 na camara dos lords, e igualmente 43 baronets, sendo 23 inglezes, 3 escossezes, e 17 irlandezes, e 21 membros do Parlamento. Na Grã-Bretanha ha 1,388 Bispos e padres catholicos; 1,019 Igrejas, capellas de estações; 50 communidades de homens; 162 conventos, e 12 collegios.

O augmento nos ultimos 3 annos, foi o seguinte: 166 Bispos e padres, 93 Igrejas, capellas e estações, 16 communidades de homens, 52 conventos, 1 collegio; isto corresponde a um augmento de 13 e meio por cento no numero dos bispos e clero, de 10 por cento no numero das igrejas e capellas, de 47 por cento no numero de communidades de homens, de 47 por cento no numero de conventos, e de 9 por cento no numero dos collegios.

Pio IX.—O actual Pontifice completou já o decimo sexto anno do seu pontificado. Poucos Papas reinárao por tanto tempo, pois geralmente não chagárão a 14 annos. Só dez, entre estes Pio IV e Pio VII, reinárão mais de 20 annos, porém nenhum chegou a 25.

Dos 258 Papas, que se tem sentado na cadeira de S. Pedro, doze só reinárão mais de um mez, e dous mais de um anno; e dos que tiverão o nome de Pio, o que reinou menos tempo foi Pio III, que falleceu 27 dias depois da sua eleição, e o que reinou mais tempo foi Pio VI, que chegou a 24 annos e 6 mezes de pontificado.

Preciosidades.—Na igreja metropolitana de Turin conserva-se a mortalha santa ou sudario, em que foi envolto Jesus Christo.

Em Treveres existe a tunica inconsutil (sem costura) do Salvador.

Em Colonia existem os corpos dos reis magos.

Em Aquisgran existe o livro dos Evangelhos, escripto em letras de ouro, que serve na ceremonia da coroação dos imperadores da Austria.

O arcebispo de Pariz expoz no seu palacio um magnifico relicario de prata, obra prima da ourivesaria de Pariz, e que vai ser apresentado na exposição de Londres.

Este relicario deve conter os cravos e fragmentos da verdadeira cruz, que S. Luiz trouxe da Palestina em 1254.

(*Extr.*)

Redactor

O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6$000 por anno—Imp. por B. de Mattos, na typ. do—*Progresso*—1862.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.° 237.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXM.° E R V M.° SNR.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇAÕ SARAIVA,

BISPO DO MARANHÃO.

QUINTA-FEIRA 7 DE AGOSTO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

Resposta do Santo Padre á supplica, que lhe dirigio no dia da Epiphania o Episcopado Napolitano.

PIO IX PAPA.

A nossos mui amados Filhos saude e benção apostolica.

Recebemos, ha poucos tempos, com grande satisfação de nossa alma, a carta, datada do santo dia da Epiphania de Nosso Senhor Jesus Christo, que assignastes, charissimos filhos, com um grande numero de veneraveis irmãos, arcebispos e bispos do reino de Napoles: ella nos procurou a mais doce consolação no meio das agonias e amarguras excessivas, de que estamos acabrunhado. Porque faz maravilhosamente sobresahir a vossa insigne virtude, a vossa religião, a vossa piedade e o singular amor, a união e o respeito, que tendes, vós e os santos pastores, de que fallamos, para comnosco e para com esta cadeira de S. Pedro. Vê-se tambem traspassar a cada linha a profunda dôr, com que vós e os ditos veneraveis irmãos, vos uuis a nós para deplorar amargamente os males enormes e lamentaveis, que por seus actos detestaveis á nossa divina religião, tão tristemente perseguida hoje, até na infeliz Italia, com grande detrimento das almas e de sociedade civil, os homens, que, alistados em uma seita de perdição, e animados de um odio mortal contra o catholicismo, esforçaõ-se por destruir em seus fundamentos a igreja de Jesus Christo e a sua doutrina salutar. Certamente, estes homens, que andaõ nos caminhos da impiedade, que, semelhantes ás ondas de um mar tempestuoso, lançaõ por todas as partes a espuma de suas desordens, e que promettem a liberdade, no entanto que são escravos da corrupção, não cessaõ de empregar todos os máos meios em seu poder, para fazer uma guerra encarnicada á igreja catholica e a esta Santa Sé apostolica; porque são elles, que trabalhaõ, por escriptos pestilenciaes de todo genero, e por todos os artificios da perversidade, para infectar em todas as almas e em todas as intelligencias os mais perniciosos erros, para corrompêl-as e afastal-as do culto catholico.

Elles não fazem mais nenhum escrupulo de apoderar-se, com uma audacia sacrilega, dos bens ecclesiasticos, de espoliar e profanar os templos sagrados, de expellir de seus conventos as familias religiosas, de expulsar de seus claustros as virgens santos, de arrancar de sua propria Sé e a seu rebanho os santos Pastores, e de vexal-os por todas as maneiras, de enviar os sacerdotes ao exilio e á prisão, de tratar com desprezo, e destruir as cousas as mais sagradas, de commetter abominações até no lugar santo, e de violar todos os direitos divinos e humanos.

Certamente, amados filhos, nós não poderiamos exprimir-vos por nossas palavras, que immensa dôr nos acabrunha, vendo quão deploravel será, de hoje em diante, na Italia a situação de nossa santissima religião e da propria sociedade civil! Pela nossa parte, confiando no soccorro divino daquelle, de quem somos, apezar de nossa indignidade, vigario na terra, naõ cessaremos jamais, em cumprimento dos deveres de nosso ministerio apostolico, de defender com toda a energia, com todo o zelo e com toda a constancia, de que somos capaz, a causa de Deos, de sua santa Igreja, desta Sé apostolica e da justiça. Mas o que allivia muito para nós penas taõ amargas, é saber com que zelo sacerdotal vós, bem como os Veneraveis Irmãos e santos Pastores, que nos escrevêraõ, commosco vos oppondes animosamente, como uma parede, em favor da casa de Israel, e com que admiravel firmeza soffreis os maiores males pela causa da Igreja e da justiça.

Tendo demais por nós esta divina promessa, de que Jesus Christo Nosso Senhor estará sempre com sua Igreja até a consummaçaõ dos seculos, e que as portas do inferno naõ poderaõ, em nenhum tempo, jamais prevalecer contra ella, despertemos cada vez mais a nossa fé, fortaleçamos nossa constancia, e possuindo nossas almas pela paciencia, solliciteemos o soccorro de Deos, certos de que não faltará ás suas promessas.

Não cessemos de pedir humildemente, dia e noite, com o mais vivo fervor, por todas as especies de votos e orações, ao Pai Clementissimo das misericordias, para que se digne de abreviar estes dias de provações, e de livrar sua santa Igreja de tantas calamidades, de glorifical-a e enriquicel-a por toda a parte por novos e mais brilhantes triumphos, e de conduzir no caminho recto da justiça e da salvaçaõ todos aquelles, que se desviarem nos caminhos da perdiçaõ e da iniquidade. E agora, nós vos concedemos com amor a benção apostolica, que tiramos do mais intimo de nosso coraçaõ, como presagio de todos os dons celestes, e como penhor de nossa benevolencia, toda particular para comvosco, ama-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

dos filhos, e para com os Veneraveis Irmãos, arcebispos e bispos do reino de Napoles, que nos escrevêrão comvosco a sobredita carta, e para com todos os fieis, clerigos e leigos, confiados aos vossos cuidados, e aos dos ditos Veneraveis Irmãos.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, aos 3 de Abril de 1862 decimo sexto anno de nosso pontificado.

Pio IX, Papa.

A VIDA DE MARIA SANTISSIMA,

Extrahida das mulheres da Biblia

PELO ABBADE DARBOI.

Preito de homenagem ao Exm. Sr. bispo do Ceará, D. Luiz Antonio dos Santos, por Francisco Seraphim de Miranda Moura.

Mariâ de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.
(Math. 1, 26.)

Beatam me dicent omnes generationes.
(Lucas, 1, 48.)

(Continuado do nº passado.)

O primeiro Adão, que perdeu a raça humana, teve por progenitor Deos; o segundo Adão, que a veio salvar, teve igualmente por pae o mesmo Deos. A potencia Divina que, sahindo de sua eternidade, tirou o mundo do nada, e maravilhosamente o animou com um primeiro sopro, sem ser excitada pelas exigencias imperiosas da materia, sem ser limitada ou obstada pela inercia do corpo, esta potencia tornou-se soberana da vida, e lhe é facil dar-lhe ou tirar-lhe o, que lhe convier nas condições, que lhe agradem. Quem nega, em principio, esta potencia, é insensato; quem a desconhece e ultraja no facto maravilhoso e por demais mysterioso da Incarnação, verá um dia seus labios blasphemos cahirem a seus pés, como um vestido de vergonha e de dor; os homens de fé esperão, collocados no limiar do templo da eternidade, que isso se realize.

Para justificar-se e dar uma prova immediata e sensivel da verdade, que annunciava, a voz accrescentou, dizendo a Maria: «Eis que vossa parenta Isabel concebeu um filho em sua velhice, e está no sexto mez de gravidez aquella, que se considerava esteril, porque nada é impossivel a Deos: » Postoque a razão nos falle interiormente uma linguagem, que nos esclarece, subjuga-nos respeitando, e determine em nosso espirito uma livre convicção, Deos da mesma fórma não se manifesta exteriormente sem revistir sua revelação dos signaes, que a caracterizão, e de uma graça secreta e persuasiva, que faz acceital-a pela alma humana, e nella estabelecer uma certeza incomparavel.

Assim Maria respondeu por esta palava, que fez baixar do céo o verbo, e que resoou através dos seculos: « Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a sua palavra ».

No principio dos tempos Deos creou o mundo por uma palavra, fallou, e as cousas forão feitas: no meio desses tempos regenerou o mundo pelo Verbo ou com sua palavra; elle o enviou, e a humanidade foi salva.

Inda mais, pedio seu consentimento á humanidade, representada em Maria, porque elle trata as almas com respeito, e póde-se dizer, com igualdade e verdade, e vê-se, que o mundo moral reergueu-se da queda ao som desta palavra, ditada pelos labios de uma creatura: « faça-se em mim segundo vossa palavra, » como quando o universo inteiro appareceu a esta palavra soltada pelos labios do Creador: « que as cousas se fação. »

Quem pois ousou pretender, que a fé christã rebaixa o homem? E quem jamais pronunciou um nome mais efficaz que o de Maria?

Tal é o mysterio fundamental do Christianismo, mysterio pelo qual Deos se manifestou na carne, e tornou-se sensivel, e foi annunciado ás nações, e conhecido de todo o universo.

Quem póde sem emoção fixar seu pensamento nesta pobre habitação, nessa camara estreita, onde tão estupendas maravilhas se desenvolvêrão entre os céos e a terra? Aquelle dos Evangelistas, á que se dá uma aguia por symbolo, por causa do vôo elevado de sua intelligencia e potencia de suas vistas, patenteando aos homens os esplendores de Deos, escreveu no fim de seu Evangelho; « *Em principio existia o Verbo, o Verbo existia em Deos, e o Verbo era Deos*».

Todas as cousas forão feitas por elle, e nada existe sem elle; o que existia, tirou a vida delle, e esta era a luz dos humanos, e a luz brilhou nas trevas, que não são comprehendidas pelos homens... Era a verdadeira luz, que illumina a todo o homem, que vem a este mundo. Elle estava nesse mundo, que por elle foi feito, e que não o conheceu,. e o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e verdade, e nós vimos sua gloria, uma gloria tal, que o Filho unicamente podia recebel-a de seu pai».

E é este Verbo eterno e poderoso, que vem tomar a fragilidade de nossa natureza, fazer-se humilde, pacifico e soffredor, dar o seio de mãi á nossa irmã, filha de Adão, e o de seu irmão com uma ternura inexprimivel!

A pobre choupana de Nazareth transformou-se em uma igreja, tem uma nave de tres andares: além do altar, uma escada de alguns degrãos conduz a uma capella illuminada á lampadas de prata, e é formada por um rochedo naturalmente formado em abobada, e ao qual a arte imprimio sua ultima fórma. Foi neste rochedo, como diz a tradicção, que estava vizinho á habitação, onde se ouvio a saudação angelica. Quem não desejou ajoelhar-se sobre este solo, beijar estas pedras, e referir-se á lembrança de todos aquelles, que lhes tornou caros, e de chamar sobre os males da humanidade a compaixão daquelle, que fez ouvir ahi os vagidos da debil infancia, e derramou suas primeiras lagrimas?

Logo que o Filho de Deos se formou um corpo da mais pura substancia de sua santa mãi, lhe inspirou de ir visitar sua parenta Isabel, e patentear, por esta acção, que sua caridade igualava á grandeza de seu destino.

Entretanto, ella não comprehendeu esta viajem, senão para felicitar sua prima e prestar-lhe os bons officios de uma

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

amizade pura e delicada; atravessou a Judéa em toda sua longitude, se, como se crê, Isabel morava em Hebrom. Parece bem por certo, que o encontro destas duas nobres mulheres era guiado pelo espirito de Deos: Isabel conheceu propheticamente o mysterio da Incarnação, que o pudor da Virgem lhe ocultava, e reputou-se feliz de rereber a mãi de seu Creador. « Sois bendita entre todas as mulheres, lhe disse ella, bendito é o fructo de vosso ventre». Foi então, que Maria, combatendo os elogios com o profundo sentimento da humana fraqueza e com a misericordia divina, pronunciou este cantico sublime, que se denominou a gloria dos humildes e a confusão dos soberbos:

—Minha alma engrandece o Senhor, e meu espirito é arrebatado de prazer em Deos, meu Creador;

— Porque elle olhou a baixeza de sua serva, porque eis que todas as nações presentemente me chamárão bemaventurada;

—Porque elle produzio em mim grandes cousas, elle que é o só poderoso, e cujo nome é santo;

— Sua misericordia se diffunde de seculo em seculo sobre aquelles, que o temem;

—Elle patenteou a força de seu braço, anniquillou aquelles a quem o orgulho ensoberbecia nos pensamentos de seu coração;

—Elle abateu os poderosos de seu throno, e elevou os humildes;

—Fartou e encheu de bens os famintos, e despedio os ricos com as mãos vasias;

—Elle tomou a seu dominio Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericordia, como promettêra a nossos paes, a Abrahão, e sua descendencia por todos os seculos: »

Este hymno, tão sublime em sua simplicidade e magnitude, foi sempre reputado como o cantico de triumpho da humanidade regenerada; eis porque na igreja se o recita em pé, com um ceremonial particular, ao son de victoria, ás aclamações unanimes do povo fiel, que ratifica as palavras da Virgem, denominando a bemaventurada, e toma parte em suas alegrias e em sua gloria, como em uma herança legada por uma mãi.

Maria habitou quasi tres mezes com sua prima Izabel, lhe retribuindo com tanto cuidado, como prazer os deveres da caridade. Depois despedio-se della, e voltou a Nazareth, onde Deos veio em seu auxilio, e fez conhecer a José o mysterio da Incarnação, o proximo nascimento de Jesus, redemptor dos homens».

E' o cumprimento, accrescentou o enviado celeste, do que foi prophetizado pelo propheta Isaias.

—Uma Virgem conceberá, e creará um filho, e se chamará Emmanuel, isto é, Deos, existindo comnosco».

Um outro propheta dissera por muito tempo, e antes deste successo: «E tu, Bethleem, não és a menor das cidades de Judá; porque, de ti sahirá o chefe, que deve dominar em Israel, e sua geração existe desde a eternidade;» e marcando assim, que Jesus Christo, Deos e homem, teve dois nascimentos, um eterno ante todos os seculos, o outro temporal, succedido no meio dos tempos. Para cumprir-se este oraculo, e fazer constatar a verdade de uma maneira irrefragavel, a Providencia suscitou um destes successos, de que somente ella é a autóra, e que dirige soberanamente, bem que os homens se creião aptos a produzir por si mesmos e em triumpho de seus proprios interesses. Cesar Augusto, tendo dado paz ao mundo, quiz saber, por um computo geral, o que o imperio contava de subditos nas provincias e reinos, que lhe erão tributarios. Todos os judeos devião comparecer no lugar, em que sua familia tivera origem, afim de que o recenseamento fosse mais facil e mais exacto. José e Maria se virão, pois, obrigados a ir de Nazareth a Bethleem, que era a cidade ou burgo, de David, seu avô.

Chegando, os augustos viajores não encontrárão lugar nas habitações de Bethleem, porque o recenseamento attrahira uma multidão consideravel; elles tiverão por todo abrigo uma especie de caverna, que servia de estribaria.

A antiga cidade estava situada, com effeito, sobre rochedos, no meio dos quaes se tinhão estabelecido casas e grutas.

Foi neste retiro e nesta privação de tudo, que nasceu o Salvador, fazendo vêr assim, que a pobreza não é um mal, pois que a adoptava; foi no meio da noite e da paz universal, que nasceu o Deos pacifico e occulto, fazendo vêr assim, que seu reino não devia igualar-se ao dominio estrondoso dos conquistadores vulgares. Estava-se no vigesimo quinto dia de Dezembro, segundo a antiga tradicção das igrejas, e no anno do mundo 4000 ou 4004, segundo a opinião de um grande numero de sabios chronologistas.

A Virgem Maria deu á luz a Jesus, sem auxilio de pessoa alguma e sem dôr, involveu-o em suas faixas, e o deitou na manjedoura da hospedaria sobre uma pouca de palha. Esta manjedoura tornou-se mais celebre, que o berço de qualquer rei, e ao qual cousa alguma poude retirar a homenagem e respeito do mundo. Os primeiros christãos ahi edificárão um oratorio: o imperador Adriano entendeu ser conveniente insultal-os, collocando nesse lugar uma estatua profana. Mas S. Helena fel-a desapparecer, e enriquecen esses lugares veneraudos de ornatos; que, em parte, inda subsistem, e se notão entre elles os, que a mão dos principes ahi amontoou. Na entrada da gruta eleva-se uma igreja, que tem cinco naves, formadas por quarenta e oito columnas de marmore. A manjedoura existe collocada debaixo do côro; tem quasi quarenta pés de comprimento sobre doze de largura e nove de altura, as paredes estão cobertas de marmore, o pavimento é tambem de um marmore precioso. A luz do dia ahi não penetra; trinta e duas lampadas de prata brilhão incessantes ahi, como para symbolizar a eterna adoração do universo. Um marmore branco, embutido em jaspe, e ornado de um circulo de prata, indica o lugar, em que a Virgem Maria deu á luz o Creador. Quasi todos os homens deste paiz são mudos sobre os fastos da christandade; mas as pedras ahi fallão uma linguagem, que revolução e despotismo algum fará calar.

Não longe da gruta, onde nasceu o Salvador, vivião pastores, que velavão sobre a guarda de seus rebanhos. Repentinamente um anjo se lhes apresentou, uma luz divina circulou-os, e inundou-os de um temor extremo. «Nada receieis, lhe disse o anjo, pois vos annuncio uma

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

nova, que encherá de alegria todo o povo. E' que hoje, na cidade de David, é nascido um Salvador, que é o Christo e o Senhor. E eis o signal, pelo qual vós o conhecereis, — encontrareis um menino involto em faixas e deitado em uma manjedoura».

No mesmo instante se reunio ao anjo uma multidão do exercito celeste, louvando a Deos e dizendo: «Gloria a Deos nas alturas dos Céos, e paz na terra aos homens de boa vontade!»

Chegára o tempo, com effeito, em que a misericordia e a verdade devião ligar-se, a justiça e a paz abraçarem-se, os céos e terra unirem-se, os homens invocarem a Deos, como seu pae, trocarem entre si o doce nome de irmãos, e acharem em sua consciencia purificada sua primeira e mais doce recompensa.

Quando os anjos se retirárão para os céos, levando sua divina harmonia e seu esplendor, os pastores se disserão: «Vamos até Bethleem, e vejamos, o que succedeu, e o que o Senhor nos fez saber.»

Forão prestes a Bethleem, e encontrárão Maria e José velando sobre o menino, deitado na manjedoura, segundo o annuncio proclamado do Alto. A Virgem Maria não recusou saber, o que o Anjo lhes havia revellado, mas guardou em seu coração todos esses gloriosos signaes, e conservou-os sob inviolavel silencio, para demonstrar, diz um antigo escriptor, que seus labios erão tão discretos, quão puro e casto era seu corpo. Os pastores voltárão louvando a Deos, pelo que virão e ouvirão, e enchêrão de admiração todos aquelles, a quem fizerão conhecer os prodigios dessa noite memoravel.

(*Continúa.*)

Correspondencia do Jornal do Commercio

Pariz, 7 de Junho de 1862.

. . . . . .

A questão romana continúa a preoccupar em alto grão a imprensa revolucionaria, que persiste mais que nunca em annunciar, não somente como proxima, mas até como imminente, a solução deste grande problema social no sentido dos seus desejos. Para dizer a verdade, as tergiversações sem fim da politica das Tulherias, em que não ha nada de fixo, nada de logico, nada de consequente, nada de systematico, um pouco autorisão esta suspeita, porém ha cousas, que são muito mais fortes do que ella, e á que ha de a final submetter-se, sem que lhe peze, quaesquer que sejão os torcicollos, que faça. Quando eu fechei a minha ultima correspondencia, parecia cousa assentada, que, para acabar por uma vez com o dualismo, á que dera lugar á scisão entre o conde de Goyon e o marquez de Lavalette, um só individuo reuniria na sua pessoa o caracter de embaixador francez junto da Santa Sé, e o de commandante em chefe do exercito de occupação. Chegou mesmo o marechal Niel a ser designado para esta importantissima missão. Passados dias, mudou o vento politico inteiramente, e tomou-se uma resolução diametralmente opposta. O commando da guarnição de Roma, reduzida a uma unica divisão, composta de 3 brigadas, foi confiado ao general conde de Montebello, irmão do duque do mesmo titulo, e terceiro filho do antigo marechal Lannes; o marquez de Lavalette foi confirmado no seu posto de representante do imperador dos Francezes junto de Pio IX, e lá partio para o seu destino no dia 3: e como as opiniões do commandante da força armada, quanto aos negocios de Roma, são justamente as do seu predecessor, e talvez ainda mais positivas, eis-ahi restabelecido o mesmissimo inconveniente, cuja suppressão tão necessaria havia apparecido primeiramente! *Qui potest capere, capiat.*

Os dous grandes fundamentos das esperanças dos jornaes unitarios são a notavel diminuição da guarnição de Roma, que já lhes parece preludio de evacuação definitiva, e os esforços, que hão de ser conscienciosamente feitos pelo marquez de Lavalette, cujas opiniões são radicalmente hostis á conservação do poder temporal. E' natural, que cada um facilmente acredite aquillo, que ardentemente deseja; desta vez, porém, nada mais tem a imprensa revolucionaria diante de si, senão uma prolongadissima enfiada de decepções. Que a guarnição de Roma se componha de dez regimentos ou de dez homens, é cousa, que importa pouco ou nada: o essencial está no *veto* da França, que é onde se hão de vir quebrar todas as furias de S. M. Italiana, qualquer que seja o apoio, que o seu amigo de Caprera possa prestar-lhe. Para espantalho de todas as aves de rapina do Piemonte é bastante, que a bandeira franceza tremule no alto do Capitolio. E' isto ao menos o que, a quem ainda tiver a cabeça no seu lugar, deve dizer o simples bom senso e a razão; e se a algum espirito, ou menos perspicaz ou mais ferrenho, são necessarios documentos officiaes, que se exprimão neste sentido, ahi nos annuncia a agencia Reuter de Londres uma nota do ministro Thouvenel ao cardeal Antonelli, em que lhe diz, que o imperador dos Francezes nenhuma alteração quer fazer na questão romana em detrimento da Santa Sé, e em que exhorta o Papa a ter mais confiança na politica imperial.

. . . . . .

Descrevendo a ultima visita de Victor Emmanuel a Napoles, bem como sua retirada precipitada daquella capital, por causa do movimento insurreccional, que já se manifestava contra o usurpador, diz ainda o mesmo correspondente o seguinte:

«Logo no dia seguinte ao da partida de Victor Emmanuel, de Napoles, reunio-se o Clero na Cathedral, e, com todo o apparato do Ritual romano, purificou a Igreja, que reputou polluida, por nella ter tido entrada um principe excommungado!».

Pariz 7 de Junho de 1862.

(Idem do Diario do Recife.)

Depois da ultima, que lhe escrevi nada de extraordinario tem aqui occorrido.

Roma e o Mexico continuão a occupar o primeiro lugar em todas as conversações politicas, assim como nos artigos das gazetas.

O general de Goyon não volta mais á cidade eterna, o imperador deu-lhe successor, e para mostrar, que não desapprovava o seu procedimento junto do Papa, nomeou-o senador do imperio.

Os italianistas, que applaudirão muito a chamada do

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

general e a volta de Mr. de Lavalette, não podem levar a bem esta demonstração de consideração, que lhe deu o imperador, principalmente vendo, que o exercito de Roma vai ser commandado por outro general, que em nada cede a Mr. de Goyon em respeito e amor á Santa Sé.

Com effeito, o conde de Montebello, filho do duque do mesmo nome, é considerado geralmente como um catholico sincero, como um soldado leal, um coração honesto, um espirito recto, e conseguintemente incapaz de prestar-se a nenhum acto contrario á sua honra e á sua consciencia, accrescendo, para maior garantia, ser elle casado com uma senhora fervorosa catholica, confidente e dama de honor da imperatriz, que, como lhe tenho dito, acha-se aqui á frente do partido catholico, em opposição ao principe Napoleão, que empunha o bastão de chefe dos revolucionarios.

Tanta é a confiança, que inspira o conde de Montebello, que assistindo elle a um jantar dado no dia 28 de Maio pelo ministro da guerra, o marechal Randoni, catholico sincero e fervoroso, e felicitando-o, o nuncio do Papa, monsenhor Chigi, pela sua nomeação, o general de Goyon, que tãobem se achava presente, disse ao seu successor as seguintes palavras, certamente mui lisongeiras para elle: « Se eu fosse egoista, deveria estar desgostoso da vossa nomeação, porque, se hoje sou chorado em Roma, bem de pressa vós me fareis esquecer».

Por mais que gritem os italianistas nos cafés e nas gazetas, assalariadas pelo Piemonte, taes como o *Journal des Debats*, a *Presse*, a *Opinion Nationale*, o *Siécle* e a *Patrie*, a politica do imperador acerca de Roma continúa a ser a mesma, que foi desenvolvida no senado e no corpo legislativo pelo ministro Mr. Billaut.

Roma será conservada ao Santo Padre, como o exige o interesse do catholicismo, e, que esta é a firme vontade do imperador, mostra-o a escolha, que sempre faz de um catholico fervoroso para commandar o exercito, que a guarda, embora, para não descontentar ao principe Napoleão, tenha lá um ministro italianista, que pode fallar e escrever muito, mas que não tem á sua disposição os meios de acção como o general.

No dia 21 de Maio Sua Santidade celebrou no Vaticano um consistorio publico para dar o barrete a Suas Eminencias os cardeaes Garcia Cuesta, e da Puente, creados e proclamados no consistorio secreto de 27 de Setembro de 1861.

Durante a reunião desta assembléa, o advogado consistorial Francisco Morsilli advogou pela terceira e ultima vez a causa da beatificação do veneravel servo de Deos Gilles-Maria de S. José.

Depois deste consistorio publico Sua Santidade celebrou um consistorio secreto, no qual, segundo o uso, fechou a bocca aos dous novos membros do sagrado collegio; em seguida propoz as igrejas seguintes:

A igreja patriarchal de Antiochia *in partibus infidelium*, para o Snr. Carlos dos condes Belgrado, antigo bispo d'Ascoli.

A igreja metropolitana de Zara, em Dalmacia, para o Sr. Pedro Alexandre Doime Manpas, promovido da Sé de Sebencia.

A igreja cathedral de Lerida, na Hespanha, para o Rvd. D. Mariano Poiglat y Amigo, sacerdote da diocese de Vich, conego da cathedral daquella cidade e doutor em theologia:

A igreja cathedral de Girona, na Hespanha, para o Rvd. Constantino Bonet, sacerdote da diocese de Lerida, conego penitenciario da cathedral de Barcelona, licenciado em theologia.

A igreja cathedral do Porto, em Portugal, para o Rvd. D. João de França Castro e Moura, da congregação da Missão, sacerdote da diocese do Porto, vigario geral das dioceses de Nankin e de Pekin.

Sua Santidade tambem annunciou que a sagrada congregação da Propaganda tinha eleito depois do ultimo consistorio:

Para a igreja episcopal d'Isso ou Issopolis, *in partibus infidelium*, o Rvd. Jaques Gray, sacerdote escossez, deputado coadjuctor do Sr. João Murdoch, bispo de Castabala *in partibus*, vigario apostolico do districto occidental da Escossia.

Abrindo então a bocca a Suas Eminencias os cardeaes Garcia Cuesta, e da Puente, Sua Santidade, depois de ter concedido o sagrado PALIUM para a igreja metropolitana de Zara, deu-lhes o annel, e assignou ao primeiro o titulo de cardeal sacerdote de S. Prisco, e ao segundo o titulo de Santa Maria da Paz.

As duas novas Eminencias recebêrão, a 26 e a 27 de Maio, as felicitações dos cardeaes seus collegas, do corpo diplomatico, da prelazia, da nobreza, e de todos os cidadãos distinctos, que ha em Roma.

Por cartas da secretaria d'Estado Sua Santidade unio-os ás congregações dos bispos e regulares, do concilio, do index e das ceremonias da Igreja.

Na manhã de quinta-feira, 22 de Maio, um novo consistorio semi-publico teve lugar no palacio do Vaticano. Vinte e tres cardeaes, os patriarchas, os primazes, os arcebispos e os bispos presentes em Roma, assistião a elle em numero de 120.

Sua Santidade em uma curta e tocante allocução contou o martyrio soffrido por Jesus Christo no Japão, nas pessoas do bemaventurado Pedro Baptista, e de seus 22 companheiros da ordem dos Irmãos menores franciscanos, assim como nas do bemaventurado Paulo Miki, e seus dous companheiros da Sociedade de Jesus; e declarou sua intenção de inscrever estes bemaventurados no cathalogo dos Santos. Todavia, antes de tomar uma decisão tão solemne e de uma importancia tão grande para a Igreja de Deos, elle disse, que desejava conhecer a este respeito a franca opinião de cada um de seus veneraveis irmãos.

Então os cardeaes, os patriarchas, os primazes, os arcebispos e os bispos derão, um depois do outro, o seu consentimento a este acto solemne, accrescentando, que as circunstancias presentes lhes demonstravão ainda a maior opportunidade. Todos, depois de ter lido o seu voto, o depuzerão immediatamente, escripto e assignado de sua propria mão, nas mãos do secretario da Congregação dos Ritos, e com um chefe de ceremonias designado para este acto.

Sua Santidade, depois de ter ouvido cada um dos veneraveis prelados presentes a esta magestosa manifestação, declarou, quanto estava commovido e contente ao mesmo tempo deste consentimento geral dado á

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

canonização dos bemaventurados martyres, aos quaes a Igreja ia conceder tão grandes honras, e reclamou as mais fervorosas orações, para obter até o dia desta proclamação o auxilio e as luzes de Deos.

Durante todo seu discurso o illustre chefe visivel da Igreja poude apenas conter sua emoção, e lagrimas de alegria se lhe escapárão dos olhos.

Um segundo consistorio sime-publico teve lugar no dia 24 de Maio para deliberar sobre a canonização. Sua Santidade o abrio com uma curta allocução, na qual lembrou os merecimentos e virtudes do bemaventurado Miguel de Sanctis, sacerdote religioso trinitario da diocese de Vich (Hespanha) assim como os milagres, que Deos fez por sua intercessão. Elle declarou depois, que antes de inscrevel-o no catalogo dos santos, desejaria ter o parecer de cada um dos membros presentes.

Os cardeaes, os patriarchas, os primazes, os arcebispos e bispos, segundo a ordem hierarchica, e a data de sua sagração, derão cada um o seu parecer na forma costumada.

Sua Santidade, satisfeito com a unanimidade dos suffragios exprimidos, reclamou as orações de todos os prelados até o dia solemne, em que elle promulgaria sua decisão na basilica patriarchal do Vaticano.

Segunda-feira 26 de Maio, dia da festa de S. Felippe Nery, um dos pedroeiros da cidade de Roma, Sua Santidade dirigio-se, segundo o costume, a Santa Maria *in Vallicella*, onde repousão os restos do bemaventurado fundador do oratorio, para alli celebrar capella. Sua Santidade foi calorosamente acclamado pela multidão compacta, que se reunia no caminho, mas foi sobre tudo na praça da Chiesa Nuova, no meio de um povo immenso, que rompeu o enthusiasmo: *Viva o Papa Rei! Viva a catholica França! Viva o episcopado catholico!* gritavão de todas as partes milhares de boccas.

No dia 29 de Maio, dia da Ascensão, o Papa dirigio-se á archibasilica de S. João de Latrão, onde foi recebido por Sua Eminencia o cardeal Barberini, arcipreste dessa Igreja, e pelo cabido. A missa pontifical foi cantada por Sua Eminencia o cardeal Altieri, bispo d'Albano, camerlengo da igreja. Depois da missa, á que assistirão o sagrado collegio, os patriarchas, primazes, arcebispos e bispos presentes neste momento em Roma, o principe Colonna, assistente ao throno, e o marquez Antici-Mattei, senador de Roma, e toda a côrte papal, o soberano Pontifice deu, do alto da *loggia* do portico Clementino, a benção *urbi et orbi*. Nenhuma benção foi nunca melhor dada. A cidade e o mundo estavão alli effectivamente. O Santo Padre via a seus pés seus filhos de todas as nações. Tambem o enthusiasmo o mais magnifico rompeu depois desta benção, quando o Papa voltou ao Vaticano. Erão por todas as partes gritos de amor, protestos de dedicação e fidelidade, que se dirigião ao mesmo tempo ao Rei e ao Pontifice. Era uma magestosa manifestação do poder moral da Santa Sé, desta realeza universal, que, sobre um signal, sobre a expressão de um simples desejo, se faz obedecer em todas as partes do mundo. Nada póde pintar a sublimidade desse espectaculo, e ouvindo o pai commum dos fieis encher os ares com sua voz vibrante, vendo esse povo ajoelhado curvar-se humildemente sob a mão do successor de Pedro, depois levantando-se, para lhe responder por um immenso grito de amor, sente-se bem, que a fé ainda não está extincta nos corações: vê-se sobretudo, que a Igreja está ainda cheia de força e de vida.

Segundo o desejo formal, expresso por Pio IX, os cinco prelados assistentes, collocados em torno do throno pontificio, quando o Santo Padre deixou cahir sua benção sobre a cidade e sobre o mundo, erão todos francezes, quatro arcebispos e um bispo, o de Orleans.

Os padres francezes, cujo numero excede certamente de tres mil, não forão dos ultimos a manifestar o seu enthusiasmo, e os romanos agradecerão-lhes a sua sympathia para com Aquelle, que é seu soberano e sua gloria, gritando tambem, com toda a força de seus pulmões: Viva a França catholica! Ah! se a França inteira pudesse saber, quanto Pio IX é amado do verdadeiro povo, e sobretudo quanto é affectuoso e bom, o *Seculo* e a *Opinião Nacional* não acharião quasi leitores, e ainda menos partidarios!

De todos os bispos francezes, Mr. Dupanloup, bispo de Orleans, é o, que goza de maior popularidade em Roma. Sua nobre dedicação á Santa Sé lhe tem valido já tocantes ovações. Assim, no dia de S. Felippe Nery, o povo, reconhecendo sua carruagem, precipitou-se diante della, fazendo retumbar os gritos: «Viva Mr. Dupanloup! Viva o defensor da Igreja!»

O *Observatorio romano* publicou em seu numero de 31 de Maio um *Appello aos catholicos reunidos em Roma*, em favor das igrejas do Oriente.

Este appello está assignado por S. Exc. e Sr. Brunoni, vigario apostolico de Constantinopla, por S. Exc. o Sr. Hassoun, arcebispo, primaz armenio catholico, por S. Exc. o Sr. Meletheos, arcebispo de Drama, e por S. Exc. o Sr. Arabadjinski, chefe espiritual e administrador da igreja bulgara.

A 3 de Junho uma missa solemne foi celebrada, segundo o rito oriental, na igreja de S. André *della Valle*. O Exm. Sr. Hassoun officiou em presença dos bispos e sacerdotes do Oriente, e de todos os patriarchas, arcebispos e bispos latinos. A missa era dita para pedir a Deos a reunião das duas igrejas, ha tanto tempo separadas. O Exm. Sr. Dupanloup pronunciou depois do evangelho, sobre a Igreja do Oriente, um discurso, que commoveu a todos os corações.

A cidade eterna apresenta agora um brilhante espectaculo, que não apresentaria certamente, se o Papa se tivesse ausentado della.

Que outro soberano com effeito poderia reunir em seu recinto tantos distinctos personagens, como esses bispos, arcebispos, primazes, etc., que tão promptamente acudirão, de todas as partes do mundo, á expressão de um simples desejo do chefe da igreja catholica?

E quando tantos varões distinctos por suas virtudes e lettras prestão voluntariamente tão grande homenagem ao pontificado romano, que juizo se deverá fazer desses individuos, que contra elle clamão por toda a parte, e a cada momento?

Digão elles o, que disserem, Pio IX é o primeiro homem do seculo XIX, e um dos maiores pontifices, que tem tido a igreja de Deos.

No meio das maiores tempestades, suscitadas pelo

BPBL Biblioteca Publica Benedito Leite

espirito do mal, elle tem sabido dirigir a barca de Pedro de modo a não sossobrar; e se outra cousa não houvera feito, bastaria a definição do dogma da Conceição Immaculada de Nossa Senhora, para tornar seu nome famoso de geração em geração.

P.

Correspondsncia do Diario de Pernambuco.

PARIZ 24 DE JUNHO. .

. . . . . .

Roma prosegnio nas suas grandes solemnidades por occasião da canonização dos martyres Japonezes, solemnidades em que se desenvolveu um apparato magnifico.

No domingo do Espirito-Santo a Basilica de S. Pedro achava-se esplendidamente decorada; e logo ás 7 horas foi aberta, para dar entrada ao prestito pontifical, que partio da escada real do Vaticano; 184 bispos, 54 arcebispos, 5 patriarchas, 43 cardeaes—todos desfilárão entre duas alas de Francezes e guardas nobres, sendo precedidos de innumeravel multidão, ordens religiosas, conegos, monges, etc, e seguidos do Santo Padre na sua cadeira, conduzida a hombros, levando na cabeça a triplice corôa.

Começárão logo as ceremonias da benção, ladainha de todos os santos, cantico do *Veni Creator*, leitura da bulla da canonização, depois o *Te Deum*, a missa, e outras ceremonias até uma hora.

No dia seguinte reunio-se o Consistorio dos cardeaes na sala real. O Papa pronunciou uma comprida allocução em latim, e o cardeal Matheus respondeu-lhe com a leitura da supplica dos bispos.

O verdadeiro interesse de cada um desses documentos resalhe da comparação de ambos elles. Não é facil, porém, designar-lhes um caracter exacto. Quasi que foi um concilio, estatuindo como dogma a necessidade do poder temporal: uma questão da supremacia da igreja sobre povos e reis, uma questão da liberdade de consciencia, emfim, uma recusa a mais formal de toda e qualquer transacção sobre o passado ou o futuro dos acontecimentos, provocados pela revolução italiana.

Depois do consistorio foi servido um grande banquete na bibliotheca do Vaticano; e o fim do dia passou-se nos jardins.

Na quinta-feira 12 como remate de todas as solemnidades o Santo Padre passou revista aos seus Zuavos no campo dos Pretorianos, benzeu o quartel e as bandeiras, pronunciando nessa occasião o discurso seguinte:

« Regosijo-me, meus queridos filhos, por esta circumstancia providencial, que nos reune para a benção das vossas bandeiras, no mesmo dia, em que a igreja cerca de honras o estandarte glorioso e sagrado do filho de Deos. Jesus Christo appparece-nos hoje nessa cruz, tornada o immortal pendaõ dos christãos. Nós lhe rogaremos, que vêle pela sua herança nestes tempos de provações e dores, e que naõ deixe perecer nos corações de seus filhos as santas noções do direito, da verdade e da justiça.

« Nós lhe rogaremos, que naõ permitta, que as almas se prevertaõ mais longe das veredas das divinas lições.

« E quanto a vós, meus filhos, em nome daquelle, de quem sou vigario na terra, eu vos abençôo, por terdes comprehendido os nossos interesses, e por terdes vindo proteger com o vosso braço as leis indestructiveis e vivificantes, que se chamaõ honra, justiça e dedicaçaõ. Sede-lhes sempre fieis, conservae em vossos generosos seios essa energia catholica, que constitue a gloria, e é a preciosa tradiçaõ dos filhos de Deos.

« Um dia nós compareceremos no vale de Josaphá, que verá o juizo de todos os homens; é necessario, que lá possamos chegar, todos sem excepçaõ, com o deposito inviolavelmente consagrado.

« O mesmo arrependimento encontrará alli uma corôa, porque o Senhor é bom, e abre a toda a familia os braços da sua misericordia. Tudo se confunde e desaba em torno de vós. Oxalá Deos Padre, que nos encheu de seus beneficios, oxalá o Filho, cujo sangue nos remio, cuja palavra constitue a nossa força, oxalá o Espirito Santo, que illumina e anima, vos conserve sempre, sem decahimento nem quebra, na posse do nobre sentimento, que vos reunio debaixo desta bandeira do summo pontifice.

« Rogamos pois por vós, e vos abençoamos nesta bella solemnidade. Porém, oremos tambem por aquelles, que saõ nossos inimigos, declarados ou occultos, que conspiraõ contra a igreja e contra o seu chefe, cujas conspirações constituem os nossos perigos e os da justiça, para que o céo os allumie, os toque, os detenha nessa funesta via, e os converta. E' necessario por certo um grande milagre, mas elle é o Deos dos prodigios, e ninguem póde assignar limites á sua misericordia. Elle naõ permittirá, que neste mundo tudo se abysme de uma vez: a igreja, a justiça e o direito. »

NOTICIA NECROLOGICA.

O pessoal das Ordens religiosas ja taõ desfalcado no Brasil, e mais que em qualquer outra, nesta provincia, de dia em dia vai desapparecendo, seja pelos incessantes golpes da morte, seja pelas continuadas secularizações.

No dia 4 deste mez, ás 4 horas da tarde, succumbio, victima de um hydrothorax, o Rvd. Frei Vicente de Jesus, Guardiaõ do Convento de S. Antonio desta capital. Foi mais um golpe fatal para essa Ordem monastica, que em outras eras tantos serviços prestou á Igreja e á sociedade, já continuando o devido culto ás funcções religiosas, que ali se faziaõ, e que eraõ taõ generosamente apreciadas, já distribuindo com caridade, á porta do Convento, por entre a pobreza e a miseria as esmolas, que recebia, e até mesmo repartindo com a juventude desvalida a instrucção, que então muito florescia em seu claustro.

Nascido na provincia do Pará, em 1825, o joven Vicente fez ali seus estudos de humanidades e theologia, e tendo sido admittido na Ordem de S. Francisco daquella provincia, no sentido de seguir a vida ascetica e tranquilla do monge, determinou cumprir o noviciado, e por occasião de ordenar-se veio para esta capital em 1849, onde se recolheu ao Convento de sua

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ordem, e ahi jurou obediencia, recebendo as Ordens sacras no anno seguinte de 1850; e como revelasse desde logo não pequena capacidade para um excellente administrador, foi nomeado Guardião do Convento.

Com effeito, foi pena, que um genio tão activo e emprehendedor, como era o de Frei Vicente, se visse á frente da administração de uma Ordem mendicante, e, que, por sua natureza pobre, não lhe fosse possivel com fundos proprios restabelecer o material do Convento, que por toda parte desabava!

Máo grado porem a pobreza caracteristica de sua Ordem, elle fez tudo, quanto lhe foi humanamente possivel, para manter as cousas no melhor pé de segurança e estabilidade para ella, luctando não só com a falta de meios, como ainda mais, com a de um pessoal habil e capaz de reforma.

Porem, elle queria melhorar a Igreja de sua Ordem, e, sem egoismo algum de sua parte, mas confiando em seu genio e na força de sua vontade, dirigio-se á Assembléa Legislativa Provincial, pedindo um auxilio pecuniario para ajudal-o na obra, que tinha em plano.

Felizmente, todos o comprehendêrão; foi votada uma prestação, e o Padre Guardião começou a obra gigantesca, que ahi está, attestando seu genio progressista, máo grado as portas do claustro, que o trancavão para o seculo audaz!

Sim, foi com assombro, que todos admirárão, quando virão levantar-se das velhas e carcomidas paredes a Igreja soberba e magestosa do Convento de S. Antonio, no gosto e no maior vigor da architectura gothica, porem com os traços visiveis e salientes do progresso!

E' triste porem, quando a mão do homem ou do destino entorpece e obsta os melhores planos..... Não obstante as melhores disposições do corpo legislativo em votar, por mais d'uma vez, fundos para a continuação da obra, o governo da provincia ou lhos negava ou retardava-os; as obras ou se demoravão de mais, ou paravão, e o Padre Guardião se mortificava, se rallava, adoecia.... se anniquillava.... ia morrendo lentamente! Ah! mas parece, que seu genio era superior ao de muitos, mesquinhos e apoucados, que não comprehendião a importancia do serviço, que a Igreja estava prestes a receber nessa obra de renome, para a qual ainda recorreu aos beneficios particulares; porem, fracos recursos, para mui pouco chegárão; e o templo, do ponto em que está, talvez comece a desabar por falta de conclusão. Quando o Exm. Snr. D Manoel, então Bispo diocesano, precisou de augmentar o Seminario episcopal, para logo concorreu o Guardião, Fr. Vicente, para essa obra meritoria, e, mediante alguma compensação de obras necessarias para a economia do Convento, promptamente cedeu não pequena parte delle para uso do Seminario, serviço esse de tal importancia, que lhe mereceu elogios publicos da parte do distincto e sabio diocesano.

Ja de tempos havia elle tido não equivocos signaes da terrivel enfermidade, que o assaltava; seu genio porem, como sua força de vontade, não podendo soffrer as prisões do leito, negou-se quasi absolutamente ás prescripções medicas—tudo abandonava por amor ao trabalho—minado, pois, e corroido da molestia, marchava a passos rapidos para o tumulo.

Assim que, quando mal esperava, se vio tomado da morte; recorreu á mudança de ares, transportando-se para o sitio d'um amigo, o Sr. Joaquim Silverio Gomes, proximo do rio Catim, porem, já era tarde, por que poucos dias depois deu signaes assustadores contra sua existencia, e quando na noite de 3 foi chamado apressadamente o Rd.º Sr. Tavares, Parocho do lugar, para confortal-o com os auxilios da Mãi Pia, já não poude fazer sua confissão, recebendo apenas o Sacramento da extrema-unccão, e, sempre assistido de alguns amigos, espirou na tarde do dia 4.

Transportado logo o cadaver para o Convento, ahi se lhe fez no dia 5 o officio e Missa de corpo presente, para o que concorrêrão não só seus Irmãos das Ordens religiosas, como todos os capellães da Cathedral, e á tarde foi levado processionalmente para o cemiterio do Senhor dos Passos, onde foi sepultado no tumulo de um amigo, que lho cedêra por caridade.

O prestito foi um dos maiores, que temos visto, em relação á pessoa de um Religioso, graças á muita sympathia, de que gozava entre as pessoas gradas, que lhe apreciavão suas qualidades sacerdotaes, assim como entre todo o povo, que o estimava; a elle concorrêrão todos os Religiosos dos Conventos do Carmo e das Mercez, todos os Rm.os Conegos, Beneficiados e Capellães da Cathedral, a corporação inteira dos Seminaristas, visto que o finado era um dos primeiros bemfeitores do Seminario, e demais Clero secular da capital, algumas Irmandades com suas opas, e um extraordinario concurso de muitas outras pessoas distinctas, e officiaes militares, sendo o esquife levado aos hombros dos piedosos Irmãos do Senhor Bom Jesus dos Navegantes. Recitadas as ultimas orações do officio de sepultura, no momento de descer ao tumulo, forão lidos alguns discursos, dedicados á sua boa memoria.

Morreu ainda moço, aos 37 annos de idade; sua vida porem não foi esteril; ahi fica esse monumento, levantado por sua extrema dedicação á Igreja—sirva elle para protestar contra os ataques immerecidos, lançados indistinctamente contra as Ordens religiosas. Delle nada mais resta neste mundo—oremos por sua salvação eterna.—

Et lux perpetua luceat ei.

ANNUNCIOS.

Rogamos aos Srs. assignantes, que ainda devem suas subscripções atrazadas, que se dignem de saldal-as o mais breve possivel.

O kalendario ecclesiastico

OU

A FOLHINHA LATINA

Para o anno corrente, acha-se á venda nesta typographia; e em Caxias em mão dos Revm.os Srs. Conego Arcipreste Antonio Julião Soares, e Vigario Raymundo João Alvares Duarte.

Preço..... 1$000

Redactor

O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6$000 por anno—Imp. por B. de Mattos, na typ. do—*Progresso*—1862.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 238.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXM.º E RVM.º SNR.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇAÕ SARAIVA,

BISPO DO MARANHAÕ.

SEXTA-FEIRA 22 DE AGOSTO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

6.ª secção.—Rio de Janeiro—Ministerio dos negocios do imperio, em 13 de Junho de 1862.

Illm. e Exm. Sr.—Tendo o padre Antonio Braga d'Araujo, vigario encommendado da freguezia de Guarapuava, nessa provincia, requerido ao governo imperial prorogação da licença, que lhe foi concedida pelo vigario capitular dessa diocese, e approvada por V. Exc. em 7 de Janeiro ultimo, cumpre-me declarar a V. Exc. para que communique ao mesmo vigario, que ao respectivo Prelado compete resolver sobre o exercicio dos parochos encommendados, aos quaes não compete a congrua, nem ainda na terça parte, quando estiverem licenciados.

Deos guarde a V. Exc.—*Marquez de Olinda.*—Sr. presidente da provincia do Paraná.

—

6.ª secção.—Rio de Janeiro—Ministerio dos negocios do imperio, em 17 de Julho de 1862.

Exm. e Rm.º Sr.—S. M. o Imperador ha por bem, que V. Exc. Rvm. mande pôr de novo a concurso a igreja parochial de Nossa Senhora do Pilar, por não merecer a sua imperial approvação a proposta feita pelo provisor deste bispado, em nome de V. Exc. Revm.ª por officio de 12 de Junho ultimo, do padre Manoel Fernandes Sampaio.

Deos guarde a V. Exc.—*Marquez de Olinda.*—Sr. Bispo capellão-mor, conde de Irajá.

—

6.ª secção.—Rio de Janeiro—Ministerio dos negocios do imperio, em 17 de Julho de 1862.

Exm. e Rvm. Sr.—Tendo communicado a V. Exc. Rvm.ª por aviso desta data a resolução, que tomou S. M. o Imperador, de mandar pôr novamente a concurso a igreja de Nossa Senhora do Pilar, para a qual fôra proposto pelo provisor deste bispado, em nome de V. Exc. Rvm.ª o padre Manoel Fernandes Sampaio, cumpre-me observar a V. Exc. Rvm.ª que este sacerdote, vigario collado na igreja de S. José de Porto-Alegre do Mucury, Arcebispado da Bahia, havia pedido ao seu Prelado licença por seis mezes; e sendo-lhe esta denegada, abandonou a sua igreja, e aqui na côrte, para onde se dirigio, allegando vir por escala, solicitou do governo, omittindo aquella circumstancia da recusa, a mesma licença de seis mezes, para tratar de sua saude gravemente arruinada, segundo elle dizia; licença esta, que lhe foi concedida, mas que, á vista da representação do Prelado, foi logo depois cassada pelo mesmo governo, como sendo obtida subrepticiamente.

O procedimento deste sacerdote foi por tanto muito irregular, e incorre em crime, como pondera o seu Prelado. E não foi menos irregular, que elle, occultando aquellas circumstancias, se oppuzesse á igreja, e fosse admittido a concurso. A simples declaração de renuncia da sua igreja, que, segundo se deprehende da informação do mesmo provisor do bispado, servio de base áquelle procedimento, não tinha sido approvada pelo governo, e nem ainda recebida pelo seu Prelado, que era o competente para receber; e por isso não era sufficiente, para que elle se considerasse desligado do vinculo de obediencia para com o mesmo Prelado, do qual nem licença apresentou para sahir de sua igreja, como era necessario, que o fizesse, não só pela sua qualidade de sacerdote, como, e ainda mais, pela de parocho.

Deos guarde a V. Exc.—*Marquez de Olinda.*—Sr. Bispo capellão-mór, conde de Irajá.

—

6.ª secção.—Rio de Janeiro—Ministerio dos negocios do imperio, em 19 de Julho de 1862.

Exm. e Rvm. Sr.—Tendo proposto o provisor geral do bispado do Rio de Janeiro, em nome do respectivo Prelado, o padre Manoel Fernandes Sampaio, vigario collado da freguezia de S. José de Porto-Alegre do Mucury, nessa diocese, para parocho da igreja de Nossa Senhora do Pilar, na provincia do Rio de Janeiro, houve por bem S. M. o Imperador não approvar semelhante proposta, pelos fundamentos declarados no aviso de 17 do corrente, do qual transmitto copia a V. Exc. Rvm.ª para que tome as providencias, que lhe parecerem necessarias a respeito do procedimento, que teve o referido padre.

Deos guarde a V. Exc.—*Marquez de Olinda.*—Sr. Arcebispo da diocese da Bahia.

Allocução pronunciada por Sua Santidade no consistorio de 9 de Junho.

Veneraveis irmãos.

Sentimos a maior alegria, quando, com a assistencia de

Deos, dispensamos as honras e o culto reservado aos santos a vinte e sete invenciveis heroes da nossa divina religião, porque pudemos fazel-o rodeado de todos vós, que, possuidos de uma virtude e de uma piedade pouco communs, chamados a compartir a nossa sollicitude, e combatendo com valor pela casa de Israel, nestes momentos tão difficeis, sois para nós a causa de um grande allivio e de uma grande consolação.

Praza a Deos, que, em quanto gozamos desta ventura, nenhuma pena, nenhuma tristeza venha por outra parte contristar a nossa alma. Desgraçadamente, porém, não podemos livrar-nos de uma amarga dôr e de crueis angustias, á vista dos terriveis males e desventuras, que nada é bastante, para deplorar como merecem, e que com grande detrimento das almas atormentão e despedação de um modo tão deploravel a igreja catholica e a sociedade civil.

Sabeis perfeitamente, veneraveis irmãos, que guerra tão implacavel declarárão contra o catholicismo inteiro esses homens inimigos da cruz de Christo, e que não podendo supportar a santa doutrina, se unem por meio de laços culpaveis, blasphemando do que ignorão, e esforçando-se por todos os meios mais perversos para destruir os fundamentos da nossa santissima religião e os da sociedade humana; e não contentes com isto, esforção-se por levar aos espiritos e aos corações os mais perniciosos erros, procurando corrompel-os e separal-os da religião catholica.

E effectivamente, estes astutos artistas de fraudes, estes operarios de mentiras não cessão de tirar da obscuridade monstruosos e antigos erros, tantas vezes combatidos e refutados já por sabios escriptos, e condemnados pelo juizo da igreja, e esforçando-se em exageral-os por meio da novidade, variedade e falsidade das fórmas e das expressões, empregão todos os meios, para os estenderem por toda a parte.

Por estes funestos e diabolicos artificios corrompem e manchão as consciencias, distillão um veneno pernicioso nas almas, excitão a licença desenfreada dos costumes e de todas as paixões perversas, transtornão a ordem religiosa e social, esforção-se por suffocar toda a idéa de justiça, de verdade, de direito, de honestidade, de religião e dos santos preceitos de Christo, riem-se da doutrina, desprezão-na, e combatem-na. O espirito aterra-se, recrocede, teme tocar, mesmo de leve, nos principaes desses funestos erros, cujos sectarios, nestes tempos desgraçados, alterão todas as cousas divinas e humanas.

Nenhum de vós ignora, veneraveis irmãos, que taes homens destroem completamente esta união intima e necessaria, que a vontade de Deos estabeleceu entre as duas ordens, das quaes uma está na natureza e a outra acima da natureza, e que por elles se muda, destroe e annihila o proprio, verdadeiro e certo caracter da revelação divina, assim como a constituição e o governo da igreja. E na temeridade das suas opiniões chegão até a negar audaciosamente toda a verdade, toda a lei, todo o poder e direito de origem divina.

Effectivamente, não se envergonhão de assegurar, que a sciencia das cousas philosophicas e a dos costumes, assim como as leis civis, podem e devem ser separadas da revelação divina e da authoridade da igreja; que a igreja não é uma sociedade verdadeira, perfeita, realmente livre; que não goza dos direitos proprios e inabalaveis, com que a dotou o seu divino fundador, mas que pertence ao poder civil o declarar, quaes são os direitos da igreja, e os limites, em que póde exercer esses mesmos direitos. Daqui pretendem falsamente, que o poder civil pode intrometter-se nas cousas, que pertencem á religião, nos costumes e no governo espiritual das almas, e até impedir os bispos e os fieis de communicarem livre e reciprocamente com o Pontifice romano, estabelecido por Deos, soberano pastor de toda a igreja, e tendo isto o fim de dissolverem completamente essa união necessaria e estreita, que deve existir entre os membros do corpo mystico de Christo, e aquelle a quem Jesus Christo instituio divinamente como seu cabeça visivel. Não temem tambem, valendo-se de toda a classe de embustes e de fraudes, espalhar, que os ministros sagrados da igreja, e o Pontifice romano devem ser excluidos, sem reserva, do exercicio de todo o poder e de todo o dominio temporal. Além disto, não escrupulizão affirmar com a maior impudencia, que não só a divina revelação não serve de nada, mas ainda, que prejudica a perfeição do homem, e que esta divina revelação é em si mesma imperfeita, e por consequencia que está sujeita ao progresso continuo e indefinido, que corresponde ao desenvolvimento progressivo da razão humana.

Dahi vem, que não receião proclamar, que as prophecias e os milagres referidos nas sagradas escripturas são ficções de poetas; que os mysterios sagrados da nossa fé são o resumo das investigações philosophicas; que os livros divinos dos dous testamentos não encerrão senão mythos, e que o proprio Nosso Senhor Jesus Christo (cousa que não póde dizer-se sem horror) não é mais do que um mytho e uma ficção. Desta maneira, esses artifices de perturbações, esses doutores de perverso ensino, gritão bem alto, que as leis moraes não teem necessidade da sancção divina, e que de modo algum é preciso, que as leis humanas se conformem ao direito natural, ou que recebão de Deos a força de obrigar.

Daqui deduzem, que não existe nenhuma lei divina. Além disto, atrevem-se a negar toda a acção de Deos sobre o mundo, affirmando temerariamente, fazendo abstracção de Deos, que a razão humana é o unico arbitro da verdade e da mentira, do bem e do mal: que a razão humana se dá a sua propria lei, e que as suas unicas forças bastão para fazer o bem dos homens e dos povos. Mas, como tentão tirar da razão humana, entregue a suas proprias forças, todas as verdades da religião, concedem ao homem uma especie de direito innato, em virtude do qual póde fallar e pensar livremente sobre a religião, e dispensar a Deos a honra e o culto, que melhor julgar ao seu arbitrio.

Chega a tal excesso a sua impiedade e a sua audacia, que atacão o proprio céo, e tratão de desterrar delle a Deos. Com uma perversidade insigne e uma loucura igual não temem affirmar, que não existe poder supremo, infinitamente sabio e provisor: uma sciencia distincta da

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

universalidade das cousas; e deduzem de tudo, que Deos é a mesma cousa que a natureza material, sujeito, por conseguinte, á mudança; que Deos se fórma realmente no homem e no mundo; que tudo é Deos, e procede da propria substancia de Deos, e que Deos é a mesma cousa que o mundo: assim confundem o espirito com a materia, a necessidade com a liberdade, o verdadeiro com o falso, o bem com o mal, o justo com o injusto.

Seguramente, que nada se póde inventar, nada póde imaginar-se mais insensato, mais impio, mais contrario á razão. No que respeita á autoridade e o direito, deixão-se levar de taes erros, que dizem temerariamente, que a autoridade não é outra cousa senão o direito do numero e a somma das forças materiaes; que o direito consiste no facto material; que todos os deveres dos homens não são mais do que um nome vão, e que todos os factos humanos teem força de direito.

Já accumulando mentiras sobre mentiras, extravagancias sobre extravagancias, calcando aos pés toda a autoridade legitima, todo o direito não disputado, toda a obrigação, todo o dever, não temem substituir o direito da verdade e da legitimidade pelo direito falso e injusto da força brutal, e submetter a ordem moral á ordem material.

Não reconhecem outra força, senão essa força material, e cifrão toda a sciencia e toda a verdade em augmentar as suas riquezas de todas as maneiras, e em fartar-se de todos os prazeres vergonhosos.

Por todos estes principios impios e abominaveis é protegido, conservado e exaltado o sentido reprovado da carne rebelde ao espirito, e a elle attribuem as faculdades naturaes e os direitos, que, segundo o seu dizer, estão calcados pela doutrina catholica, desprezando completamente aquella admoestação do apostolo, que nos grita: « Se viveis segundo a carne, morrereis, mas se mortificaes pelo espirito as obras da carne, vivereis. »

Além disso, esforção-se por atacar e destruir todos os direitos de toda a propriedade legitima; inventão e imaginão falsamente no seu animo e no seu pensamento, não sei que direito, que não está contido dentro de limite algum, sobre o qual julgão, que o Estado deve apoiar-se, e que considerão ser, em sua temeridade, a origem e a fonte de todos os direitos.

Ao referir-vos brevemente e com dôr esses principaes erros da nossa desventurada epocha, não recordamos aqui, veneraveis irmãos, uma multidão d'outras mentiras e fraudes quasi innumeraveis, e que conheceis perfeitamente. Os inimigos de Deos e dos homens servem-se dellas, para perturbar e destruir a religião e a sociedade.

Passamos tambem em silencio uma porção de gravissimas injustiças, calumnias e insultos, com que não cessão de destroçar e perseguir os ministros sagrados da igreja, e a esta Sé Apostolica.

Não fallamos dessa odiosa hypocrisia, com que, em Italia especialmente, os chefes e os satelites desses disturbios e dessas rebelliões tão funestas declarão altamente, que a igreja goza de liberdade, e que ao mesmo tempo, com uma audacia sacrilega, calcão cada vez mais todos os dias os direitos e as leis dessa mesma igreja, saqueão os seus bens, vexão de todas as maneiras os bispos e ecclesiasticos, que desempenhão honrosamente o seu ministerio, prendem-nos, arrancão violentamente dos seus conventos os noviços das ordens religiosas, e as virgens consagradas a Deos, despojão-nos dos seus bens proprios, e empregão toda a especie de meios, para reduzir a igreja á mais horrivel servidão, e entregal-a á oppressão.

E ao passo que a vossa presença tão desejada nos proporciona uma alegria muito grande, podeis vêr por vós mesmos a liberdade, de que gozão os nossos veneraveis irmãos, os bispos de Italia.

Pelejão com perseverança os combates do Senhor, e não teem podido, com grande dôr nossa, e pelos esforços dos seus inimigos, vir junto de nós, achar-se comvosco, assistir a esta assembléa, cousa que terião desejado ardentemente, porque os arcebispos e bispos da desventurada Italia protestárão altamente nas suas cartas o seu amor e a sua obediencia para comnosco e para com esta Sé Apostolica.

Vêdes, que nenhum bispo de Portugal está aqui presente; e não é para nós pequena dôr pensar na natureza dos obstaculos, que os impedirão de tomar o caminho de Italia.

Temos esquecido recordar tantos outros crimes horriveis e deploraveis, que esses fautores de doutrinas pervertidas praticárão, a nosso e a vosso pezar, com o sentimento de toda a gente de bem.

Não dizemos nada tambem da conspiração impia e das emprezas perversas de todo o genero, das perfidias pelas quaes querem derribar e destruir o principado temporal desta Sé Apostolica.

É-nos mais agradavel recordar-vos o maravilhoso concurso, com que vós e vossos outros veneraveis irmãos, os bispos do mundo catholico inteiro, não tendes cessado, pelas vossas cartas a nós escriptas, e por instrucções pastoraes dirigidas aos fieis, de descobrir semelhantes mentiras, de as refutar, e ensinar ao mesmo tempo, que o poder temporal da Sé Apostolica foi concedido ao pontifice romano por um conselho particular da Divina Providencia; que este poder é necessario, afim de que este mesmo pontifice, independente de todo o principe, e de todo o poder civil, possa exercer o poder soberano, que elle tem, de ensinar e governar o rebanho do Senhor, exercer a autoridade, que elle recebeu pela instituição divina do mesmo Christo, com uma inteira liberdade em toda a igreja, e procurar o maior bem e a utilidade desta mesma igreja e dos fieis, que a compõem.

Os males, que até aqui temos deplorado, veneraveis irmãos, offerecem-nos um espectaculo verdadeiramente lamentavel. Quem não vê, com effeito, que, sob a influencia funesta de tantas crenças más, de tantas extravagancias e machinações indignas, o povo christão cada vez mais se corrompe miseravelmente; que é arrastado á sua perda; que a igreja catholica, a sua doutrina salutar, os seus direitos e as suas leis respeitaveis, os seus ministros sagrados estão expostos a toda a especie de ataques, e que assim todas as desordens e todos os crimes se fortificão, se propagão, e que a mesma sociedade civil é abalada?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E' por isso, que, lembrando-nos do nosso ministerio apostolico, e cheio de sollicitude pelo bem espiritual de todos os povos, e pela sua salvação, que nos foi confiada por Deos, como tambem, para nos servirmos das palavras do nosso santissimo predecessor Leão: « não podemos « governar aquelles, que nos estão confiados, se não per- « seguirmos com zelo da nossa divina religião todos aquel- « les, que perdem os outros, ou que são perdidos, e se, « para garantirmos os espiritos sãos, não ferirmos essa « peste com toda a severidade, que nos é possivel, para « impedirmos, que ella mais se estenda »: levantando a nossa voz apostolica no meio da vossa mui santa assembléa, reprovamos, proscrevemos, e condemnamos especialmente, os erros, que acabamos de citar, não só os que atacão a fé e a doutrina catholica, as leis divinas e ecclesiasticas, mas ainda as que são inteiramente contrarias á lei eterna e natural, á justiça e á recta razão.

E vós, veneraveis irmãos, que sois os doutores, os guardas do rebanho do Senhor, e seus pastores, nós vos excitamos cada vez mais, e vos animamos a continuardes em vossa religião e em vosso zelo episcopal, como até agora tendes feito, com grande honra da vossa ordem, a empregardes todos os vossos cuidados, toda a vossa applicação, e a vossa diligencia em desviar d'estes pastos envenenados os fieis, que vos estão confiados, e em refutar e derribar, já por discursos, já por escriptos opportunos, erros tão monstruosos e perversos.

Em verdade, bem o sabeis, trata-se de tudo o, que ha de mais importante, quando se trata de nossa santissima crença da igreja catholica, de sua doutrina, da salvação dos povos, da felicidade da sociedade humana. Assim, applicai-vos tanto, quanto em vós couber, a desviar os fieis do contagio d'um flagello tão terrivel, affastai de suas vistas e de suas mãos os maus livros e os maus jornaes, retemperai assiduamente os seus corações nos preceitos de nossa augusta religião, instrui-os, adverti-os, exhortai-os a fugir da presença da serpente, que ensina a iniquidade.

Que todos os vossos cuidados, todos os vossos pensamentos sejão dirigidos para este fim: dar á igreja ministros santos e instruidos; que se veja brilhar nelles o resplendor das virtudes, que os fieis dos dous sexos aprendão de vós a viver honestamente, a praticar a piedade e as virtudes; que a direcção dos estudos da mocidade seja salutar, velai com o maior cuidado, e acautellai, que no seio das bellas lettras e dos estudos sérios se não introduzão cousas contrarias á fé, á religião, aos bons costumes.

Coragem, veneraveis irmãos, não vos deixeis abater nestes tempos, em que a perturbação e a iniquidade chegárão ao seu cumulo; mas, confiando no soccorro de Deos, tomando o escudo invencivel da justiça e da fé, armados do cutelo do espirito, que é a palavra de Deos, não cesseis de vos oppor aos esforços de todos os inimigos da igreja catholica, e desta Sé Apostolica, de repellir os seus dardos, de rechaçar os seus ataques.

Entretanto, levantando de noite e de dia os olhos para o céo, não cessemos, veneraveis irmãos, de orar e supplicar incessantemente, com a humildade de nosso coração, com as mais ferventes orações ao Pai Clementissimo das misericordias, e Deos de toda a consolação, que faz brotar a luz do seio das trevas, e cujo poder procrea entre as pedras filhos de Abrahão, para que, pelos merecimentos de seu unico filho Nosso Senhor Jesus Christo, se digne de estender o apoio de sua mão á republica christã e á sociedade civil, confundir todos os erros e todas as impiedades, e pela luz de sua divina graça illuminar os espiritos de todos os, que se extravião; convertêl-os e trazêl-os a si, para que a sua santa igreja alcance a paz tão desejada, se estenda cada dia mais por toda terra, e obtenha a prosperidade, a força e a gloria.

Mas, para que nossas supplicas e nossas orações sejão melhor escutadas, não cessemos de rogar a intercessão da Immaculada e Santissima Virgem Maria, Mãi de Deos: para nós é uma mãi cheia de misericordia e de amor: destruio sempre as heresias, é nossa mais poderosa intercessora junto de Deos. Solliciteinos tambem os suffragios de S. José, esposo da Santissima Virgem, dos apostolos S. Pedro e S. Paulo, e de todos os Santos, especialmente daquelles, cujos nomes acabão de ser inscriptos nos fastos sagrados, para objecto de nosso culto e de nossa veneração.

Porem, antes de acabar, não podemos deixar de manifestar-vos e de repetir-vos outra vez, quão grande é nossa consolação, e quanto nos enche de satisfação, de prazer, a vossa presença, veneraveis irmãos, que com tanta fé, piedade e respeito vos conservais firmemente addictos a nós e á cadeira de S. Pedro. Fieis aos deveres de vosso ministerio, empregais todo o vosso zelo em proporcionar a maior gloria de Deos, e a salvação de vossas almas, e com amor admiravel, vós e os demais bispos do mundo catholico, e os fieis, que vos estão confiados, não cessais de adoçar e alliviar as angustias e amarguras, que nos atormentão.

Por essa razão, nas presentes circumstancias, manifestamos publicamente, em voz alta e com todas as nossas forças, os sentimentos de amor e gratidão para comvosco, a todos os nossos veneraveis irmãos, e a todos os fieis.

E vos pedimos, que, ao voltardes ás vossas dioceses, vos sirvais manifestar em nosso nome a todos os fieis á cargo da vossa vigilancia os sentimentos de nosso coração: asseguraí-lhes nosso paternal carinho, e fazei-os participantes da benção apostolica, que nos comprazemos em dar-vos do intimo de nosso coração, junta aos votos, que fazemos pela vossa verdadeira felicidade.

Descripção da canonização.

Correspondencia do Diario do Recife.

Paris 22 de Junho de 1862.

ROMA.

Duas grandes cidades reunem hoje em seu recinto as maiores celebridades do mundo, são a capital do catholicismo, e a capital do protestantismo, Roma e Londres; mas quam differentes não são as assembléas ahi reunidas!

Em Londres achão-se os representantes da industria e da sciencia, em Roma os representantes da moral e da religião. Alli dominão a curiosidade e o interesse;

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

aqui a obediencia e o dever. Alli trabalha-se pelo bem estar material; aqui pela gloria da Igreja e pela salvação das almas.

Na ultima, que lhe escrevi, dei-lhe conta de alguns consistorios publicos e semi-publicos, celebrados por S. Santidade, como preparativos da grande solemnidade da canonização dos novos santos, assim como tambem lhe noticiei varios outros actos por elle praticados. Continuarei pois no mesmo sentido, até chegar á augusta ceremonia, que deu aos fieis mais 26 intercessores junto ao Supremo Arbitro de todas as cousas.

No dia 1 do corrente pelas 5 horas da tarde foi o Summo Pontifice á igreja da Santa Cruz em Jerusalem para benzer os *Agnus Dei*, e tanto na ida como na volta a população reunida em grande numero deu-lhe mui significativos testemunhos de sua dedicação e amor.

Nos dias 4 e 5 tambem pela tarde Sua Santidade recebeu em audiencia publica todos os peregrinos, que se lhe apresentárão, calculando-se em dous mil o numero dos, que nestes dias comparecêrão.

Tão grande ardor mostrárão todos em beijar o pé do Santo Padre, para exprimir-lhe os sentimentos de piedade filial, de que seus corações estavão animados e penetrados, que foi preciso esquecer um pouco as leis da etiqueta.

Depois desta recepção geral o Santo Padre recebeu ainda no dia 6 em audiencia publica na capella Sixtina a todos os padres das diversas nações, que se achavão na cidade eterna, e bem que esta capella seja vasta, todavia tão grande era o numero dos sacerdotes presentes (4,000 pouco mais ou menos) que quasi não se podia ahi respirar.

S. Santidade dirigio a todos uma allocução em lingua latina, na qual recommendou-lhes, que permanecessem sempre unidos á Santa Igreja pela união dos espiritos e dos corações, em um mesmo amor, em uma mesma oração, e uma mesma doutrina. Depois do que concedeu a todos os, que tem cura d'almas, a faculdade de darem uma vez a benção apostolica aos fieis confiados aos seus cuidados.

Finda esta allocução, S. Santidade annunciou em lingua franceza, que ia dar uma medalha a cada um dos padres, que tinhão ido á cidade eterna.

« A que eu dei aos bispos, disse o Summo Pontifice, representa a Basilica de S. Paulo restaurada; a vossa representará esta Basilica, quando estava ainda em ruinas, afim de lembrar-vos, que, apezar de todos os esforços contrarios, a Igreja restabelece sempre, o que deve ficar em pé. »

O immenso auditorio conservou-se silencioso em signal de respeito, mas quando o Papa deu a todos a sua benção, um padre, cedendo a uma feliz inspiração, entoou a oração liturgica: *Oremus pro Pontifice nostro Pio*; e então todos a uma só voz respondêrão: *Dominus conservet eum, et vivificet eum, et beatum faciat eum in terra, et non tradat eum in manum inimicorum ejus.*

Esta invocação foi repetida tres vezes por todos esses 4,000 ministros do Senhor, e o som de suas vozes, não podendo ficar encerrado dentro da abobada da capella, subio até á mansão celeste.

Deveria agora descrever-lhe o acto mesmo da canonização, do qual os seus leitores, como bons catholicos, hão de estar necessariamente anciosos por ter noticia; mas não o farei por mim mesmo, preferindo transcrever aqui o, que a este respeito publicou um dos mais acreditados jornaes daquella capital, visto que falla com pleno conhecimento de causa.

Eis essa descripção:

« Erão pouco mais de sete horas, quando a cabeça da procissão, que acompanhava ao Santo Padre, entrou no recinto do templo.

« Esta procissão partindo da capella Sixtina, e descendo pela escada real, seguira a galeria, que costeia o flanco esquerdo da Basilica, e sahindo pela porta de ferro, atravessou a praça, para ganhar directamente a galeria da direita e do atrio. Os assistentes, dispostos em duas fileiras, tinhão na mão um brandão acceso, e um livrinho de psalmos e de hymnos, impresso por ordem expressa de S. Santidade. O canto tinha começado como nestas sortes de supplicações, pelo—*Ave, maris stella*, entoado pelo Santo Padre, depois de haver tomado as vestes pontificaes.

« Na cabeça da procissão, e precedidos dos alumnos do Hospicio Apostolico, e dos da casa dos Orphãos, ião debaixo de suas respectivas bandeiras os religiosos das ordens mendicantes e monasticas, e os conegos regulares, seguidos da cruz do clero secular, dos discipulos do seminario romano, do collegio dos Curas, dos Conegos e clero das collegiadas, e dos Conegos e clero das basilicas menores e patriarchaes, precedidos estes ultimos dos seus pavilhões. A marcha era fechada pelo vice-gerente, cercado dos membros do tribunal, e do eminentissimo cardeal vigario.

« Os membros do tribunal da Santa Congregação dos Ritos, os Consultores e os Prelados officiaes precedião as bandeiras dos Bemaventurados. A primeira, representando o confessor Miguel de Sanctis, era levada atraz de seis Trinitarios Descalços, segurando grossos brandões inclinados; quatro padres da mesma Ordem seguravão os cordões de seda, e membros da Archiconfraria de Gonfaloni sustentavão a bandeira. Os Irmãos de Santa Maria *della Pietà* e de S. Francisco Xavier sustentavão a segunda, na qual estavão representados o B. Paulo Miki, e seus companheiros martyres. Quatro padres da companhia de Jesus seguravão os cordões, e seis outros precedião com brandões. A terceira bandeira, a dos martyres franciscanos, era sustentada pelos confrades dos Stigmates, e precedida de cinco franciscanos com brandões; uma sexta era levada por Eusebio de Musqui, descendente de S. Martinho da Ascenção, o padre Rozalio, seu irmão, segurava um dos cordões da bandeira, e tres padres da Observancia os outros tres cordões.

« Depois ia a Capella Pontifical na seguinte ordem: os procuradores do Collegio, o prégador apostolico, os bussolanti, os capellães communs, alguns dos quaes levavão as mitras e as tiaras preciosas de S. Santidade, os secretarios particulares, os capellães de honra e particulares, o procurador geral do fisco, com o commissario da Camara apostolica, os advogados consistoriaes, os camaristas de honra e secretos supra-numerarios ecclesiasticos, os camaristas secretos participantes, os capellães cantores pontificios, e o pessoal dos diversos collegios da prefectura, a saber: os referendarios da assignatura, e entre elles, o padre assistente, o diacono e o sub-diacono da Capella pontificia, os abreviadores do Parque-Maior, os votantes da assignatura de justiça, os empregados da camara apostolica, os auditores da Rota, e depois o mestre do Santo Hospicio, e os capellães secretos levando a tiara e a mitra ordinarias de S. Santidade.

« Depois delle vinha o ultimo auditor da Rota de *tonicella*, segurando a cruz papal, diante da qual o prelado deão da assignatura balançava o thuribulo. Sete votantes da assignatura, fazendo as funcções de acolytos, cercavão-na com brandões accesos, ornados de arabescos, desenhados em talco e papel, erão seguidos por dous mestres *Ostiari*, guardas da cruz.

«Ião depois o clero secular com paramentos rôxos, o prelado auditor da Rota, o diacono e sub-diacono gregos, os padres penitenciarios do Vaticano, os bispos, arcebispos, primazes, patriarchas, e os padres do sacro collegio, todos com vestimentas riquissimas.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

« Mais perto de S. Santidade ião os conservadores, e o senador de Roma, o principe assistente ao throno, o vice-camerlengo de S. E. e seus dous assistentes, o cardeal diacono ministrante, os dous primeiros mestres das ceremonias, os personagens chamados de *custodia Pontificis* ião em torno do augusto chefe da Igreja: officiaes da guarda palatina de honra, officiaes da guarda suissa, camaristas secretos de espada e capa, masseiros, palafrenieri e sediari debaixo da direcção do Foriere-Mór e do Cavallerizzo-mór, carregando nos hombros a *sedia gestatoria*, na qual estava sentado o Soberano Pontifice com a mitra na cabeça, envolto nas dobras do manto pontifical, tendo a mão esquerda coberta de um vêo de seda bordado de ouro, e segurando um brandão acceso, ao passo que a direita se levantava de quando em quando para abençoar o povo, que era immenso.

«Por traz de S. Santidade alguns capellães alternavão o canto *Ave, maris stella*. O auditor geral da camara, o thesoureiro geral, o mordomo, o pessoal do collegio dos Protonotarios apostolicos, e os geraes de ordens fechavão a marcha.

« Tendo S. Santidade ordenado, que todos os personagens, que tomassem parte na procissão, entoassem o *Regina Cœli*, ao pôrem o pé no limiar da basilica, os capellães entoárão a antiphona. A cabeça da procissão esperava diante do altar do Santissimo Sacramento. S. Santidade descendo da *sedia* ajoelhou-se para fazer oração, e todo o pessoal da procissão fez o mesmo, sendo as bandeiras depostas na capella.

«Nesse momento o Santo Padre tomando outra vez assento na *sedia gestatoria* dirigio-se para o *presbyterio*, sendo precedido de todo o pessoal da procissão.

«Depois de uma curta oração, S. Santidade sentou-se na cadeira pontifical para receber a obediencia, que os cardeaes lhe prestárão, beijando-lhe a mão coberta com as franjas do manto; os Patriarchas, os Primazes, os Arcebispos e os Bispos beijando a cruz da estola, que repousava sobre o seu joelho; os Abbades *nullius*, os Abbades geraes, e os Penitenciarios da basilica beijando-lhe o pé.

« Cada um delles, depois da obediencia, descia os degraos do thono para ir occupar o assento, que lhe estava destinado no recinto do *presbyterio*.

« O total destas dignidades formava em torno do Pai dos Fieis uma magestosa assembléa, como nenhum ou poucos seculos passados tiverão occasião de contemplar.

« Todos os dignitarios, que devião assistir ao chefe da Igreja durante a missa pontifical, tomárão então lugar em torno delle.

« De um e outro lado estavão Suas Eminencias os cardeaes Ugolini e Marini, diaconos assistentes; á direita, e por ordem de precedencia, o principe Orsini, assistente ao thono, e o marquez Antici Mattei, senador de Roma, a municipalidade romana, e os advogados consistoriaes; á esquerda o prefeito das ceremonias, o deão da sagrada Rota, e os dous camaristas secretos assistentes.

«Sobre os degraus do throno tomárão lugar os arcebispos, que S. Santidade havia designado para seus assistentes, a saber; o Primaz armenio de Constantinopla, e os Arcebispos de Gnesen e Posen, d'Alby, de Dublin, de Halifax, de Cincinati, de Tyro (rito grego) de Sorrento, de Munich, de Goritz, de Tarragona, de Beyrouth (rito maronita) de Damasco (rito grego) e de Zara. Os Patriarchas de Veneza e das Indias Orientaes estavão ao lado de S. Santidade para segurar-lhe o livro e a vela.

« Tendo todos na mão um brandão acceso, o eminentissimo cardeal Clarelli, procurador da canonização, acompanhado de um ceremoniario apostolico, e de um advogado consistorial, dirigirão-se para o pé do throno, e o advogado ajoelhado fallou nestes termos a S. Santidade:

« Beatissimo Padre, o Reverendissimo Sr. cardeal Clarelli, aqui presente, pede *instanter* (com instancia) que por Vossa Santidade sejão inscriptos no catalogo dos santos, de Nosso Senhor Jesus Christo, e declarados santos para serem venerados por todos os fieis de Christo, os bemaventurados Pedro Baptista, Paulo e seus companheiros martyres, e Miguel de Sanctis *Confessor*.»

«A este pedido, que foi feito em lingua latina, respondeu na mesma lingua o secretario dos Breves *ad principes*, que se achava sobre o thono, em nome do Santo Padre, dizendo: que S. Santidade plenamente edificado sobre as virtudes destes bemaventurados, e sobre os milagres, pelos quaes o Senhor tinha feito brilhar a gloria, de que gozavão, exhortava todavia ao auditorio a implorar as luzes do céo para o Chefe da Igreja, pela intercessão da bemaventurada Virgem Maria, dos santos apostolos, Pedro e Paulo, e de toda a côrte celeste.

« A estas palavras os postuladores voltárão para os seus lugares. Dous capellães cantores entoárão as ladainhas dos santos, que forão continuadas até ao ultimo *Kyrie eleison* assim pela augusta assembléa, como pelas innumeraveis vozes do povo, que fazião retumbar as abobadas da Basilica

« Terminadas as ladainhas, os postuladores voltárão á frente do throno, e o advogado repetio a formula, accrescentando *instantiùs* á palavra *instanter*, ao que o prelado secretario respondeu, em nome de S. Santidade, que elle queria, que se implorasse por novas orações a assistencia do Espirito Santo, fonte de santidade e de luz.

« Depois da retirada dos postuladores, o soberano pontifice ajoelhou-se sobre o genuflexorio, e conservou-se em oração, desde o momento, em que o primeiro dos cardeaes diaconos disse: *Orate*, orai, até ao momento em que o segundo pronunciou em voz alta a palavra *Levate*, levantai-vos.

« Levantando-se todos, o Santo Padre entoou o *Veni Creator Spiritus*, que foi acabado pelos capellães cantores e pelo povo, alternando as estrophes.

«Depois que o Santo Padre recitou a oração, e sentou-se, os postuladores apresentarão-se pela terceira vez, o advogado repetio a mesma formula, ajuntando *instantissimè* ás palavras *instanter* e *instantiùs*, ao que o prelado secretario respondeu: que S. Santidade, intimamente persuadido, de que a canonização, que delle se implorava, era uma cousa agradavel a Deos, sentia-se disposto a pronunciar a sentença definitiva.

« A estas palavras, a assembléa levantou-se, e o Santo Padre, com a mitra na cabeça, sentado sobre sua cadeira, em qualidade de doutor e de chefe da Igreja universal, fallou nos seguintes termos em lingua latina:

« Para honra da santa e indivisivel Trindade, para exaltação da Fé catholica, e augmento da religião christã, pela autoridade de Nosso Senhor Jesus Christo, dos bemaventurados apostolos Pedro e Paulo, e pela nossa, depois de madura deliberação, e de ter implorado muitas vezes o auxilio divino, e o conselho dos nossos veneraveis irmãos, Cardeaes da Santa Igreja romana, Patriarchas, Arcebispos e Bispos existentes em Roma, decretamos e definimos serem Santos, e inscrevemos no cathalogo dos santos aos bemaventurados Pedro Baptista, Martinho da Ascensão, Francisco Blanco, sacerdotes, Paulo Miki, João Soan, Filippe de Jesus, clerigos, Diogo Jacob Kisai, catechista; Francisco de S. Miguel, Gonçalo Garzia, Pedro Suzuchi, Gabriel de Duisco, João Quizuya, Thomaz Danchi, Francisco Thomaz Cosachi, Joaquim Saquijor, Boaventura, Leão Carasuma,

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Mathias, Antonio, Luiz Ibarchi, Paulo Vaniqui Ibarchi, Miguel Cozuqui, Pedro Saquezein, Cosme Taquiza, Francisco Fahelente, leigos, todos martyres, e Miguel de Sanctis, confessor. Determinamos, que a memoria delles seja venerada com pia devoção pela Igreja universal, em todos os annos, convém a saber: a de Pedro Baptista e seus companheiros no quinto dia do mez de Fevereiro, em que soffrêrão por Christo, entre os santos martyres, e a de Miguel no dia 5 de Julho entre os santos confessores não pontifices. Em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo. Amen.

« A' palavra *Amen* os postuladores apresentárão-se de novo diante do throno, e o advogado consistorial agradeceu a S. Santidade, em nome do cardeal procurador, accrescentando, que elle lhe supplicava, se dignasse de ordenar a expedição das lettras apostolicas relativas á canonização. O Santo Padre respondeu: *Decretamos*, e deu a sua benção. O cardeal procurador foi beijar a mão e o joelho de S. Santidade, entretanto que o advogado, fallando aos protonotarios apostolicos, rogava-lhes, que lavrassem acta de tudo, ao que o primeiro destes prelados respondeu, voltando-se para os camaristas secretos, chamados a dar testemunho: *Conficiemus vobis testibus.*

« Completando este grande acto, S. Santidade levantou-se, depoz a mitra, entoou o *Te Deum*. Quarenta mil vozes continuárão o canto para dar graças a Deos, que acabava de ser glorificado em seus santos. Os sinos da basilica communicavão a alegria dos assistentes aos fieis, que não tinhão podido vir ao acto; os canhões do castello de S. Angelo annunciavão o grande acontecimento á cidade Eterna, e os sinos de todas as igrejas convidavão todos os fieis a recitarem as orações prescriptas para ganharem as indulgencias. Os corações estavão penetrados de santa alegria, da alegria do Senhor.

« Depois do *Te Deum*, o primeiro dos cardeaes diaconos assistentes recitou em voz alta o versiculo *Orate por nobis, Sancti Petre Baptiste, Paule, vestrique socii, et Michael, Alleluia!* Respondendo o povo, S. Santidade recitou a oração propria dos novos santos:

«*Domine, Jesu Christe, qui ad tui imitationem per crucis supplicium primitias Fidei apud Japoniæ gentes in Sanctorum Martyrum Petri Baptistæ, Pauli et sociorum sanguine dedicasti; cuique in corde Sancti Michaelis confessoris tui charitatis ignem exardescere fecisti, concede, quæsumus, ut quorum hodie solemnia colimus, eorum excitemur exemplis. Qui vivis et regnas in sæcula sæculorum*».

O *Amen* respondido pelo povo poz fim ao acto da canonização. O Santo Padre subindo então ao throno de Tercia tomou as vestimentas pontificias para a missa, que elle ia celebrar.

Fallei-lhe da medalha dada pelo papa aos bispos presentes em Roma, dir-lhe-hei agora, que nella se lia a seguinte inscripção:

«*Episcopis ex orbe universo qui apost. sedis jurib. propugnatis Re Romana ubique defensa Pii IX Pont. Max. desiderio obsequuti eidem VI id. Jun. an. MDCCCXII cœlestes honores sanctis novensilib. decernenti adfluere, Cives Romani Patribus et Adsertoribus Catholici nominis.*»

Sanctorum Mater Quos dat nova sidera Cœlo.

Concluindo esta dir-lhe-hei ainda, que no dia 9 celebrou S. Santidade um consistorio publico, no qual pronunciou em lingua latina uma bella e vigorosa allocução fulminando os erros, que presentemente desvairão os espiritos, e prevenindo os fieis contra as machinações e audacia dos homens máos, que proclamando por toda a parte seus impios e abominaveis principios, não cessão de conspirar para a destruição da Santa Sé e da Igreja de Christo.

Depois desta allocução o cardeal Mattei, em nome do episcopado catholico, reunido em Roma, leu a S. Santidade uma longa, mas magnifica exposição, coberta de assignaturas de cardeaes, arcebispos e bispos, que todos unanimes protestárão a sua obediencia e amor á Santa Sé.

Neste acto, com dôr o digo, somente duas nações não forão representadas. O Brasil e Portugal não enviárão nenhum dos seus bispos a Roma, e ninguem póde explicar esta falta, porquanto sabe-se, que o catholicismo tem profundas raizes em ambas estas nações.

A mocidade romana quiz exprimir ao episcopado os sentimentos, de que se acha animada, e apresentou aos bispos, reunidos em casa do cardeal Altieri, um escripto neste sentido.

Mais de duzentos formando côro cantárão o hymno de Pio IX, e quatro outras cantatas em honra do Santo Padre.

Estes cantos acompanhados de musica militar forão admiravelmente executados.

Os veneraveis prelados applaudirão o enthusiasmo religioso e o ardor patriotico destes mancebos; o cardeal Wiseman lhes fez uma eloquente allocução, dizendo-lhes, que quanto maior fosse a perseguição feita á igreja, mais seguro estava elle de vêl-os perseverar em seus nobres sentimentos, promptos a defender a religião, não somente pelo canto e pela palavra, mas ainda, se fosse preciso, com as armas na mão, ao que todos respondêrão, por um grito sahido espontaneamente do fundo do coração, grito que commoveu profundamente a todos os assistentes.

Como todos os bispos não se achassem então presentes, o cardeal Altieri, convidou os mancebos a voltarem em outro dia, que lhes marcou, e elles assim o fizerão, cantando suas arias e hymnos a Pio IX.

Desta vez foi o cardeal Scytowski, arcebispo de Strigonia e primaz da Hungria, quem lhes dirigio em lingua latina as felicitações e agradecimentos do episcopado.

Summario da protecção dada pelo governo do rei da Italia ao episcopado e ao clero catholico.

O vigario archiepiscopal de Bolonha, sentenciado, em 26 de junho de 1860, a tres mezes de prisão e 2,000 francos de multa « pela protecção do governo italiano. »

O bispo de Faenza, sentenciado, em 4 de julho de 1860, a tres annos de prisão e 4,000 francos de multa « pela protecção do governo italiano. »

O bispo de Placença, sentenciado em 7 de julho de 1860 a quatorze mezes de prisão e 500 francos de multa « pela protecção do governo italiano. »

O vigario geral de Placença, Mgr. Testa, sentenciado a doze mezes de prisão e 1,000 francos de multa « pela protecção do governo italiano. »

O conego Ostacchini, sentenciado a seis mezes de prisão e 500 francos de multa « pela protecção do governo italiano. »

O conego Maretti, sentenciado a seis mezes de prisão e 500 francos de multa « pela protecção do governo italiano. »

O conego Tiroli, sentenciado a seis mezes de prisão e 500 francos de multa « pela protecção do governo italiano.

O conego Gemmi, sentenciado a seis mezes de prisão

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

e 500 francos de multa « pela protecção do governo italiano. »

O conego Morandi, sentenciado a 500 francos de multa e seis mezes de prisão «pela protecção do governo italiano. »

O conego Rocci, sentenciado a seis mezes de prisão e 500 francos de multa « pela protecção do governo italiano. »

O conego Ferrari, sentenciado a seis mezes de prisão e 500 francos de multa « pela protecção do governo italiano. »

O padre Rehinald Bargiani, da ordem dos prégadores, professor de theologia em Forli, sentenciado a doze mezes de prisão e 2,000 francos de multa « pela protecção do governo italiano »

O cardeal, arcebispo de Pisa, encarcerado sem processo e sem condemnaçao em 18 de março de 1860, e demorado preso até 6 de junho « pela protecção do governo italiano. »

Quatro padres Jesuitas encarcerados em 25 de maio de 1860, e, ainda que innocentes, retidos em prisão quarenta dias « pela protecção do governo italiano.»

Mrg. Felix Cantimorri, bispo de Parma, obrigado a fugir da sua diocese « pela protecção do governo italiano.»

Um decreto de Terencio Mamiani, ministro da instrucção publica, ordenando que se feche o seminario de Placença, ainda hoje fechado « pela protecção do governo italiano. »

Muitos bispos toscanos são ameaçados ou vexados, e o *Monitor Toscano* diz: «Todos os cidadãos são iguaes perante a lei: os bispos, se se eximem dos deveres de cidadãos, não poderão recommendar a lei.» Quando se trata de julgar, os bispos são cidadãos. Quando se trata de lhes dar passaporte para Roma, são bispos. Viva a «protecçaõ. »

Um decreto do dictador de Napoles de 22 de setembro de 1860 diz: « Todos os bens da casa archiepiscopal e episcopal saõ considerados bens nacionaes.» Isto «pela protecçaõ do governo italiano.»

Pela protecçaõ do governo italiano tem sido expellidos de suas dioceses os bispos de Salerno, Nola, Aversa, Acerra, Ischia, Bovino, Lacedemonia, Castellamare, Sorrento, Reggio, Aquila, Sora, Amalfi, Acerenza de Matera, Bari, Teano, Tarento, Rossano, Isernia, Calvi, Sessa, Caserta, Cappacio, Vallo, Anglona de Turiei, Sant'Angelo-dei-Lombardi, Muro, Cereto, Sant'Angelo-dei-Goti, Ruvo e Bitonto, Audria, Oria, Ugento, Caiazzo, Monopoli, Melfi e Rapolla Foggia etc.

Que é feito do cardeal de Angelis, arcebispo de Fermo? Está preso ha dous annos sem processo e sem condemnaçaõ « pela protecçaõ do governo italiano. »

Onde encontraremos o arcebispo de Avelino? Desterrado ha muito tempo « pela protecçaõ do governo italiano. »

E o cardeal arcebispo de Napoles? Desterrado em Roma « pela protecção do governo italiano. »

E Mgr. Caccia, arcebispo, *in partibus*? Está encarcerado « pela protecçaõ do governo italiano.»

E o arcebispo de Bergamo? Julga-se, que será amanhã despojado e encarcerado « pela protecçaõ do governo italiano. »

Que aconteceu a Mgr. Antonio Ponzi, vigario capitular de Bolonha? Tres annos de prisaõ e 2,500 francos de multa « pela protecçaõ do governo italiano. »

Que protecçaõ gozou D. Antonio Manzzoni, cura de S. Proculo? Um anno de prisaõ e 1,000 francos de multa.

E que espera o bispo de Fano? Depois de ser preso em quinta feira santa, espera uma condemnaçaõ « pela protecçaõ do governo italiano. »

(Nação.)

NOTICIAS DIVERSAS.

—Desde o 1.º do corrente que se acha aberta no Convento do Carmo desta capital uma aula particular d'ensino primario, onde é admittida a mocidade pobre.

Graças á piedade e aos cuidados, que merece a classe desvalida ao digno Prior Provincial daquelle Convento, o Rd.º Sr. Fr. Caetano de Santa Rita Serejo, foi essa aula aberta por sua solicitude, digna sem duvida de merecidos elogios, visto como dahi resulta não só reconhecida utilidade para a instrucção publica, como para a Ordem carmelitana, presidida nesta provincia por aquelle distincto Prelado, que com tão nobre fim tem o louvavel empenho de exaltal-a do marasmo, em que tem cahido muitas ordens religiosas no paiz.

Prouvera aos ceos pudessem as outras imital-a semelhantemente.

—Por decreto imperial foi nomeado Arcediago da Sé do bispado de S. Pedro do Rio Grande do Sul o vigario geral do mesmo bispado, P.e Vicente Zeferino Dias Lopes.

—Sobre proposta do Exm. e Revm.º bispo da diocese do Rio Grande do Sul foi nomeado lente interino da cadeira de rhetorica e eloquencia sagrada do seminario da dita diocese o padre Joaquim Cacique de Barros.

—Foi nomeado Arcediago da cathedral do bispado do Ceará o conego da cathedral do de Marianna, João Baptista Ferreira.

PERSEGUIÇAÕ DA IGREJA.—Segundo as noticias de Hong-Kong, em data de 21 de Abril dous Bispos e um missionario hespanhol da ordem dos dominicanos, Mr. Hermosilla, Mr. Ochoa e o Rev. P. Almata, forão decapitados em Tong-King. Ha mais de um anno, que não se sabe noticias de dous Bispos e tres missionarios francezes, que evangelizavão uma parte de Tong-King. Tambem se não sabe, do que é feito do Bispo e do missionario, unicos que restavão em Cochinchina. Boatos vagos correião haver ainda sangue derramado. Deos se compadeça destes povos!

ADHESAÕ AO PAPA —A Hungria acaba de dar uma prova de sua adhesão a Pio IX, enviando-lhe 28,870 francos recolhidos em menos de um mez, e acompanhados de uma carta cheia de submissão e respeito, que muito honra esta nação.

PRESENTES NOTAVEIS.—O vice-rei do Egypto Said-Pachá, offereceu ao Papa tres magnificas coroas de alabastro oriental, para accrescentar ás que Mehemet-Ali deu a Gregorio XVI, e que se achão na basilica de S. Paulo, extra-muros.

O Papa deu por seu turno ao vice-rei uma mesa de mozaico, verdadeira obra prima, que imita a pintura.

Errata.—No n. passado, pag. 174—col. 1.ª—a lin. 2.ª lea-se assim: sacras no mesmo anno de 1849; e como &c.

ANNUNCIO.

Rogamos aos Srs. assignantes, que ainda devem suas subscripções atrazadas, que se dignem de saldal-as o mais breve possivel.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6$000 por anno—Imp. por B. de Mattos, na typ. do—*Progresso*—1862.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.º 239.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXM.º E RVM.º SNR.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇAÕ SARAIVA,

BISPO DO MARANHAÕ.

SABBADO 6 DE SETEMBRO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

6.ª Secção.—Rio de Janeiro—Ministerio dos negocios do Imperio.

Exm. e Rvdm. Sr.—S. M. o Imperador, tendo ouvido o conselho de estado pleno sobre a consulta de 12 de Outubro do anno passado da secção dos negocios do imperio do mesmo conselho de estado, relativo ao officio, em que V. Exc. Rvdma. pergunta, se, existindo nessa diocese muitas freguezias pobrissimas, que por concurso não tem podido ser providas, e havendo além disso falta de clero nacional para empregar como parochos encommendados, podia V. Exc. Rvdma. nomear para estes cargos sacerdotes estrangeiros, percebendo elles a mesma congrua, que os nacionaes, isto no intuito de acudir aos reclamos de seus diocesanos, que não cessão de solicitar vigarios, houve por bem declarar, por sua immediata resolução de 22 do corrente mez, tomada sobre consulta de 4 de Maio ultimo, que os sacerdotes estrangeiros, na falta de nacionaes, poderão ser nomeados vigarios encommendados, ficando as nomeações dependentes da approvação do governo; e outrosim, que os nomeados poderão entrar logo em exercicio, mas não poderão perceber as respectivas congruas, sem que o governo, recebendo dos prelados a participação das nomeações, que fizerem, autorise o pagamento das mesmas congruas. O que commmunico a V. Exc. Rvdma. para seu conhecimento e execução.

Deos Guarde a V. Exc. Rvdma.—*Marquez de Olinda.*—Sr. Bispo do Rio Grande do Sul.

Na mesma conformidade aos outros bispos.

Exposição que o cardeal Mattei, decano do sacro collegio, acompanhado de varios membros do episcopado, leu e entregou ao Padre Santo em nome de todos os prelados presentes em Roma.

SANTISSIMO PADRE.

Desde que os apostolos de Jesus Christo no dia sagrado de Pentecostes, estreitamente unidos com Pedro chefe da igreja, recebêrão o Espirito Santo, e levados por seu divino impulso, annunciárão aos homens de todos os pontos do globo, reunidos na cidade santa, e a cada um em seu idioma, as maravilhas de Deos, desde então nunca, segundo cremos até hoje, e até se repetir a mesma ceremonia, se achárão reunidos tantos herdeiros seus ao redor do veneravel successor de Pedro, para ouvir sua palavra, escutar os seus decretos, e fortificar sua autoridade.

Assim como cousa alguma podia succeder, que fosse mais doce aos apostolos, através dos perigos da igreja nascente, do que acharem-se reunidos ao redor do primeiro vigario de Jesus Christo na terra, realmente inspirado do Espirito Santo, assim para nós no meio das angustias presentes da santa igreja nada nos é mais agradavel e mais sagrado, que depôr aos pés de Vossa Santidade todo o amor e veneração, que sentimos em nossos corações, declarando unicamente as altas virtudes do nosso soberano pontifice, e até que ponto do intimo de nossos corações, adherimos ao ensino, que nos dá como um outro Pedro, e aos principios, que taõ firmemente resolveu e decidio.

Um novo ardor inflamma nossos corações, uma luz de fé ainda mais vivificadora illumina as nossas intelligencias, um ardor mais sagrado invade as nossas almas.

Sentimos, que a nossa lingua se anima pelo fogo dessas chammas sagradas, que accendiaõ no doce coraçaõ de Maria um desejo mais ardente ainda da salvaçaõ dos homens, e excitavaõ os apostolos reunidos á roda della a prégar a grandeza de Deos.

Dando, pois, vivas acções de graças á Vossa Santidade, por nos ter permittido nestes tempos taõ difficeis approximar-nos do solio pontificio, consolar-vos na vossa afflicçaõ, e manifestar-vos publicamente os sentimentos, que nos animaõ ao nosso clero e aos povos confiados á nossa solicitude, acclamamo-vos com uma só voz e um só coraçaõ, e pedimos por vós ao céo todos os bens e a mais completa felicidade.

Vivei largo tempo, Santo Padre, e vivei felizmente para o governo da igreja catholica.

Continuae, como fazeis, protegendo-a com a vossa energia, dirigindo-a com a vossa prudencia, adornando-a com as vossas virtudes.

Marchae á nossa frente, como o Bom Pastor, dando-nos o exemplo; apascentae as ovelhas e os cordeiros nos pastos celestiaes; dae-lhes de beber as aguas de celeste sabedoria, pois sois para nós o mestre da sã doutrina, e sois o centro da unidade, porque sois para os po-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

vos a luz indefectivel, preparada pela sabedoria divina, a pedra, o fundamento da mesma igreja, contra a qual as portas do inferno naõ prevalecerão. Quando fallaes, é a Pedro, que ouvimos; quando decretaes, a Jesus Christo obedecemos.

Admiramos-vos, ao ver-vos cumprir no meio de tanta adversidade e tempestades, com a fronte serena e o coraçaõ imperturbavel, os deveres do vosso sagrado ministerio, sempre de pé, sempre invencivel.

Mas, em quanto que n'isto achamos tantos motivos para glorificar-vos, naõ podemos deixar de volver as nossas vistas para tristes espectaculos.

De todas as partes, com effeito, se nos apresentaõ criminosos attentados, commettidos por homens, que, depois de devastarem este bello paiz de Italia, do qual sois, Santissimo Padre o apoio e a gloria, fazem todos os seus esforços para abalar e destruir até aos ultimos vestigios a vossa soberania, e a da santa sé, soberania que é como o principio de tudo o, que ha de grande na sociedade civil.

Nem os direitos eternos, reconhecidos dos seculos, nem a longa posse de um poder pacifico, nem tratados ratificados e confirmados pela Europa inteira, os tem podido impedir de tudo calcarem com desprezo de todas as leis, que até hoje teem sido o apoio da existencia e duraçaõ dos imperios.

Para nos occuparmos porem do, que nos toca de mais perto, vemos-vos, Santissimo Padre, despojado dessas provincias, cuja receita ajudava a prover a dignidade da santa Sé, á equitativa administração de toda a igreja, e isto pelo detestavel crime desses homens, que se não servem do nome da liberdade senão como de um vêo para os seus excessos.

Vossa Santidade resistiu com inquebrantavel valor a estas culposas violencias, e devemos dar-vos as mais vivas acções de graça em nome dos catholicos.

Reconhecemos, que a soberania temporal da santa Sé é uma instituição necessaria e manifestamente estabelecida pela Providencia Divina, e não hesitamos em declarar, que, no actual estado das cousas humanas, essa soberania temporal é absolutamente necessaria para o bem da igreja, e para o livre governo das almas.

E' preciso evidentemente, que o Pontifice romano, chefe de toda a igreja, não seja subdito, nem mesmo hospede de nenhum principe, mas que, estabelecido nos seus Estados, e no seu proprio dominio, pertença a si mesmo, e que na dignidade, paz e fecundidade d'uma santa liberdade possa proteger a fé catholica, defender, reger e governar toda a republica christã.

Quem poderia negar, no meio do conflicto das cousas humanas, das opiniões, das instituições diversas, a necessidade de conservar n'um canto da Europa, entre os tres continentes do antigo mundo, como um lugar sagrado, uma séde augusta, d'onde possa successivamente dirigir-se aos povos e aos reis uma grande e poderosa voz, a voz da justiça e da verdade, voz imparcial e sem preferencia, voz que a terra não comprime, e que os artificios não seduzem?

A não ser assim, de que modo poderião ter vindo os pastores da igreja, em segurança, de todas as partes do universo, para tratar com Vossa Santidade ácerca de tão graves interesses, se, chegando de tantos paizes, de tantas nações diversas, tivessem encontrado, dominando nestas margens, um principe, que olhasse com suspeita os seus proprios principes, ou que a estes merecesse suspeita por causa da sua hostilidade?

O christão tem deveres para com a Igreja, como o cidadão para com a sua patria, deveres que, sem se combaterem, são, todavia differentes.

Como poderião os bispos cumpril-os, se não tivessem encontrado em Roma um poder temporal como o dos papas, inteiramente independente de todo o poder estrangeiro, centro, por assim dizer de uma concordia universal, isento de todo o instincto de dominio humano, de todo o projecto de dominio terrestre?

Livres, viemos para o nosso pontifice, rei e livre; pastores vigiamos pela igreja; cidadãos, procuramos na justiça o bem da nossa patria; não trahiremos nem os deveres do pastor, nem os deveres do cidadão.

Pois que é assim, quem ousaria atacar uma soberania tão antiga, fundada em tão graves razões, e n'uma necessidade tão imperiosa? Que outro poder lhe pode ser comparado, considerando-o até debaixo desse mesmo direito humano, sobre o qual descança a segurança dos principes e a liberdade dos povos? Que poder ha, que seja tão veneravel e tão santo? Que monarchia ou republica póde glorificar-se nos seculos passados e nos presentes de direitos mais augustos, mais antigos, mais inviolaveis? E se esses direitos se achão, no que se refere á santa Sé, desprezados e calcados, que principe poderá estar seguro no seu throno, ou que Estado no seu territorio? Assim, Santissimo Padre, lutaes e combateis pela religião sem duvida alguma, mas tambem lutaes e combateis pela justiça e pelo direito, que são nas nações o fundamento das cousas humanas.

Mas não nos toca fallar mais sobre esta grave materia, a nós que temos escutado sobre ella as vossas palavras, e quando a vossa voz acaba de resoar.

A vossa voz effectivamente, semelhante á trombeta sacerdotal, proclamou em todo o universo, que a um designio particular da Divina Providencia se deve, que o principe romano, collocado por Jesus Christo como o chefe e o centro de toda a sua igreja, tenha obtido uma soberania temporal; e nós, portanto devemos ter por certo, que essa soberania não foi fortuitamente adquirida para a santa Sé, senão que lhe foi dada por uma disposição especial de Deos, que a conservou por uma larga serie de annos, por consenso unanime de todos os estados e de todos os imperios, tendo sido fortificada e mantida por uma especie de milagre.

Declarastes igualmente n'uma linguagem elevada e solemne «que quereis conservar energicamente e guardar inteira e inviolavel a soberania civil da igreja romana, as suas possessões temporaes e os seus direitos, que pertencem ao universo catholico; que a protecção da soberania da santa Sé e do patrimonio de S. Pedro pertencia a todos os catholicos; que estaveis dispostos a sacrificar a vossa vida, antes que abandonar, n'um ponto, essa causa de Deos, da igreja e da justiça.» Applaudindo com as nossas acclamações essas magnificas palavras, respondemos, que estamos dispostos a ir comvosco á prisão e á morte, supplicamos-vos humildemente, que permaneçaes inabalavel nesse firme designio e nessa constancia, dando aos anjos e aos ho-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

mens o espectaculo de uma alma invencivel e de um valor soberano.

Isto é o, que vos pede a igreja de Jesus Christo, para a qual a soberania temporal foi providencialmente attribuida aos pontifices romanos, e que comprehendeu, que a protecção dessa soberania lhe era até tal ponto necessaria, sendo assumpto proprio seu, que n'outras épocas, e no meio dos mais formidaveis perigos, todos os padres do concilio de Constanza quizerão administrar por si mesmos em commum as possessões temporaes da igreja romana, do que dão fé os instrumentos publicos.

Isto é o, que vos pedem os christãos dispersos por todos os paizes do globo, que se felicitão por nos terem visto vir livremente a vós, para cuidar livremente dos interesses das suas consciencias; isto é o, que vos pede, finalmente, a sociedade civil, que comprehende, que a subversão do vosso governo abalaria os seus proprios fundamentos.

Que mais! Condemnastes com justa sentença a estes homens culpados, que invadirão os bens ecclesiasticos, e proclamastes, nullo e de nenhum effeito, tudo, que elles realizárão; decretastes, que todos os actos intentados por elles erão illegitimos e sacrilegos; declarastes, com razão e com bom direito, que os autores de todos esses crimes erão merecedores das penas e censuras ecclesiasticas.

Estas graves palavras, sahidas de vossos labios, e estes actos admiraveis, devemos nós acolhel-os com respeito, dando-lhes de novo o nosso pleno assentimento.

Com effeito, assim como o corpo soffre sempre, quando soffre a cabeça, á qual está unido pelo laço dos membros e por uma mesma vida, assim tambem é necessario, que soffiamos em perfeita sympathia comvosco.

Estamos unidos de tal modo a vós na vossa triste afflicção, que tudo o que vós soffreis, tambem o soffremos nós pelo accordo do nosso amor. Supplicamos a Deos, que ponha fim a perturbações tão injustas, e que devolva a sua liberdade e a sua gloria primitiva á igreja, esposa de seu filho, tão miseravelmente despojada e opprimida.

De resto, não é para nós nada de admirar, que os direitos da santa Sé apostolica sejão atacados e contestados com tanto odio e violencia, porque ha já muito tempo, que a loucura de um grande numero de homens tem chegado a fazer esforços, não só para rejeitar alguns dos dogmas da igreja, mas para destruir pelos alicerces a verdade e toda a republica christã. Dahi, as as tentativas impias da vã sciencia, e da falsa erudição contra as doutrinas e a inspiração dos livros santos; dahi, os perfidos meios de induzir a mocidade em todos os erros do seculo, depois de a ter arrebatado á tutela da igreja, sua mãe, e trazel-a muitas vezes demasiado affastada de toda a educação religiosa; dahi, essas vivas e perniciosas theorias sobre a ordem social e religiosa, que se derramão impunemente por toda a parte; dahi, o habito, sobretudo nesta região, de desprezar a autoridade da igreja, de usurpar os seus direitos, de calcar aos pés os seus mandamentos, de enfraquecer os seus ministros, de escarnecer do seu culto, e de decretar elogios e honras aos erros sobre a religião, e mesmo aos membros do clero, que desgraçadamente se deixárão extraviar no caminho da perdição. Prelados veneraveis, sacerdotes de Deos, são expulsos de suas cadeiras, forçados a exilar-se, lançados na prisão.

Ainda mais, são ignominiosamente arrastados perante os tribunaes civis em recompensa da firmeza, com que desempenhão as funcções do seu santo ministerio. As santas esposas de Christo gemem, são expulsas de suas casas, esgotadas de privações, ou bem perto de succumbir. Os religiosos são forçados, a seu pezar, a entrar no mundo; o santo patrimonio da igreja está exposto á violencia e á injustiça; uma multidão impura de livros, de jornaes e de gravuras detestaveis, faz uma guerra encarniçada á fé, aos costumes, á verdade, e ao mesmo pudor.

Mas, aquelles, que preparão taes designios, sabem muito bem, que na santa Sé, como em um baluarte inexpugnavel, se achão a força, as armas da verdade e da justiça, para repellir todos os assaltos do inimigo.

Ahi se acha um ponto de observação, d'onde os olhos vigilantes da sentinella suprema descobrem ao longe as ciladas do inimigo, para as denunciar depois a seus soldados.

Dahi, essa guerra implacavel, esse odio eterno, essas immorredouras paixões dos máus, que querem opprimir a santa igreja romana e a sua séde, e destruil-a inteiramente, se isso fosse jamais possivel.

Quem, pois, Santissimo Padre, á vista, ou sómente pela narração destes excessos, poderia conter as suas lagrimas?

Assim, impressionados de uma justa dôr, elevamos nossos olhos e nossas mãos para o céo, implorando com todo o ardor de nossa alma o Espirito Divino, afim de que aquelle, que outr'ora em igual dia, deu a força e a santidade á igreja nascente, sob a autoridade de Pedro, lhe dê, hoje que sois seu pastor e seu chefe, a prosperidade e a gloria.

Seja Maria testemunha dos votos, que formamos. Maria solemnemente honrada por vós neste mesmo recinto com o titulo de Immaculada.

Sejão testemunhas estas cinzas sagradas, objecto de nossa veneração, estas cinzas de Pedro e Paulo, patronos da santa igreja romana.

Sejão testemunhas essas veneraveis reliquias de tantos pontifices, de martyres e de confessores, pelos quaes está santificada a terra, que pisamos.

Sejão, sobretudo, testemunhas esses santos, que hoje mesmo, por vosso decreto soberano, forão collocados na classe dos habitantes do céo, que, por seu novo titulo são chamados a proteger a igreja, e que não se esquecerão tambem, do alto de seus altares, de offerecer ao Deos Todo Poderoso as suas primeiras orações pela vossa conservação.

Agora, pois, em presença desta assembléa, nós bispos, com receio de que a impiedade finja ignorar os erros, ou ouse negar, condemnamos os erros, que tendes condemnado; repellimos e rejeitamos as doutrinas novas e extranhas, que são espalhadas de diversos lados em detrimento da igreja de Jesus Christo; reprovamos e condemnamos os sacrilegios, as espoliações, as violações das immunidades ecclesiasticas, e os outros

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

attentados commettidos contra a igreja e a cadeira de S. Pedro.

Este protesto, pedimos, que seja inserido nas actas publicas da igreja; demais, pronunciamol-o com toda a confiança, em nome de todos aquelles de nossos irmãos, que estão ausentes, em nome daquelles, que, retidos em casa pela violencia (*vi retenti domi*) se calão e gemem neste dia; e daquelles, que, negocios graves ou o máu estado de saude, impedio de se acharem com nosco.

Juntamos a nossa voz á do nossso clero e do nosso povo fiel, todos animados para com vosco do mesmo ardor e respeito—e não mostrárão elles o seu zelo para com vosco do modo mais brilhante, já por suas incessantes orações, já pela admiravel generosidade, com que offerecêrão o dinheiro de S. Pedro, sabendo bem, que vindo em soccorro do pastor supremo, trabalhão pela conservação de sua liberdade?

Praza a Deos, que todos os povos se entendão entre si para pôr em segurança esta causa sagrada do christianismo universal e da ordem social!

Praza a Deos que os reis e os poderosos do seculo comprehendão, que a causa do pontifice é a causa de todos os principes e de todos os estados, vendo e avaliando os criminosos esforços de seus adversarios, e tomando por fim resoluções decisivas!

Praza a Deos, que cáião no arrependimento esses poucos desgraçados ecclesiasticos, religiosos, que esquecendo a sua vocação, negão a obediencia devida a seus superiores, e usurpando temerariamente a autoridade da igreja, correm á sua perdição!

Uniremos nossas lagrimas ás vossas, Santissimo Padre, solicitando ardentemente do Senhor, emquanto que, prostrados a vossos pés, vos pedimos essa força celestial, que dá vossa benção apostolica e paternal.

Seja a vossa benção abundante, e sáia do fundo do vosso coração, afim de que não só se estenda sobre nós, como tambem recáia sobre nossos irmãos bem amados, que estão ausentes, e sobre os fieis confiados á nossa solicitude.

Seja ella para nossas dôres e para as do mundo uma dulcificação e um allivio, que fortaleça nossa debilidade, que fecunde nossos trabalhos e nossas obras, e que, emfim, traga promptamente para a santa igreja de Deos tempos mais felizes.

Roma VIII de Junho do anno do Senhor, 1862.

(Seguem-se duzentas e sessenta e cinco assignaturas de cardeaes, patriarchas, arcebispos e bispos do mundo catholico.)

O Padre Santo respondeu o seguinte:

A manifestação e exposição, que acabaes de fazer-nos, veneraveis irmãos e amados filhos, causarão-nos profunda alegria, pois é um penhor de vosso amor para com a santa Sé, e um grande e precioso testemunho desse vinculo de caridade, com que os pastores da igreja catholica estão estreitamente unidos não só entre si, mas tambem com esta cadeira da verdade; o que mostra claramente, que Deos, autor da paz e da caridade, está comnosco.

E se Deos está por nós, quem será contra nós?

Portanto, ao mesmo Deos louvor, honra e gloria; e a vóz paz, saúde e alegria: paz para os vossos corações; saúde aos fieis em Christo, entregues ao vosso cuidado; alegria a vós e a elles, para que unidos com os santos entoeis com jubilo o novo cantico na casa do Senhor pelos seculos dos seculos.

Da unidade catholica.

Os catholicos, desde que perdem de vista a Igreja romana, deixão-se fascinar pelos sophistas, e, apezar de excellentes intenções, admittem principios, que logicamente conduzem aos abysmos. Sem duvida, sua fé impede-os de ahi cahir, e o coração recobra a verdade, que escapa á intelligencia perturbada; mas, com o andar do tempo, é preciso acabar, pondo de accordo o sentimento e o pensamento. Se, por uma feliz consequencia, certos catholicos permanecem fieis, apezar das concessões, que fazem, ora ao absolutismo, ora ao liberalismo, ora ao socialismo, vem um momento, em que é preciso escolher entre a Igreja e seus adversarios, pois que o justo meio, que pretende conciliar-os, é irrealisavel.

A causa de todos os erros é a idéa falsa, que se faz da unidade, e por consequencia dos seres, pois que a unidade e o ser são a mesma cousa, ou pelo menos inseparavelmente unidos.

O homem decahido, julgando pelos sentidos, não concebe senão a unidade individual, e a isola; mas a unidade viva, organizada, catholica, da qual a unidade divina é typo, escapa-lhe. Elle esquece, que todo ser creado é ou o vestigio ou a imagem ou a semelhança da Trindade divina; o vestigio no mundo dos corpos, a imagem no mundo dos espiritos, a semelhança nos santos.

Toda existencia desde então é *trina*, e encerra, em sua unidade absoluta, tres unidades relativas, inseparavelmente unidas. Esta verdade é formulada mathematicamente pelo Espirito Santo.

Deos, diz-nos a escriptura, *tudo dispoz, com medida, numero e pêso.*

Em outros termos, ha, em toda cousa, uma unidade principal, geral, que contém em potencia todos os desenvolvimentos do ser—unidades numericas ou individuaes, elementos do ser, e que destinguem o, que estava ao principio confundido.—Emfim, uma força collectiva, que conduz á unidade ligando o centro á circumferencia, o principio ao seu desenvolvimento. Esta força a Escriptura a chama o pêso: pêso da gravidade no mundo physico, pêso do amor no mundo moral. *Pondus amor*, disse S. Agostinho, a quem devemos a explicação da lei universal.

Deos, na unidade absoluta, a que chamão a essencia divina, encerra eminentemente, segundo este Padre, as tres unidades relativas, que a Escriptura chama a medida, o numero e o pêso.

A unidade de medida está personificada no Padre, principio sem principio da Trindade. A unidade numerica está personificada no Filho, que, destinguindo-se do Padre, estabelece o numero no seio da natureza divina.

Emfim, o pêso ou a attração personifica-se no Espirito Santo, que une, sem confundil-as, as pessoas, que a geração distinguio.

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

Estas tres unidades reproduzem sua imagem em toda a creação. «Em todas as cousas, diz S. Agostinho, ha «unidade por causa do Pai, distincção por causa do Fi«lho, união por causa do Espirito Santo.»

Estas tres unidades manifestão-se em uma ordem invariavel e necessaria; e a geometria falla como a theologia.

Não póde-se unir, com o effeito, senão grandezas semelhantes e distinctas, e grandezas não podem ser semelhantes, senão quando tem um mesmo principio, uma mesma unidade de medida. Assim, a pluralidade presupõe a unidade, a união presupõe a unidade e a pluralidade.

A sociedade, quer domestica, quer publica, quer politica, quer religiosa, reposa sobre esta base. Ella tambem é trina, ella tambem se desenvolve em uma ordem invariavel e mathematica. Por toda parte ha unidade, pluralidade, união, medida, numero e pêso, unidade no principio, depois distincção sem divisão, e união sem confusão.

Deos creou a principio Adão; eis a unidade geral ou de medida.

Depois tira Eva de seu lado. Tira de Adão uma ajudante semelhante a elle, e o numero, a pluralidade apparece.

Depois Deos une pelos laços do matrimonio o que elle havia distinguido: Adão e Eva «não são mais duas, mas uma só carne.» sem comtudo confundir-se. Assim, na sociedade conjugal, medida, numero e peso; unidade, pluralidade, união.

Vem depois a familia. O pai (mas o pai unido á mãi, que, no casamento, tornou-se seu corpo) é o gerador, o principio, a unidade de medida da familia, que elle contém em potencia.

Depois, o filho sendo gerado, distingue-se do principio, que o continha invisivelmente.

Depois os laços do sangue, os laços do amor natural, unem o pai e o filho, que se distinguem então, sem se separarem, que se unem sem se confundirem. Dahi a familia.

Ora, a sociedade conjugal e a familia são a figura de toda a sociedade publica, como o ensinão a Escriptura, a tradicção, a experiencia, a lingua de todos os povos.

O casamento representa, como muito bem vio M. de Bonald, a união do poder e do ministro, a união do Papa e do Episcopado, do principe e do Estado.

A familia figura a união do poder (unido ao ministro, seu ajudante) e do subdito, a união do Papa e dos fieis, do principe e dos cidadãos, da autoridade e da liberdade.

Na civilização christã, o Rei não é somente o *individuo*, que traz a corôa, como o imaginava o antigo regimen, o Rei é inseparavel do Estado, como o Papa o é do Episcopado, como o esposo o é da esposa, como Christo o é de Pedro, que personifica a Igreja decente.

Assim, a unidade social é *trina*; ella encerra tres unidades distinctas, mas inseparaveis, e que se desenvolvem em uma ordem necessaria e invariavel.

Sem duvida, o soberano é algumas vezes uma assembléa, como acontece nas republicas, nas aristocracias e nos governos mixtos, mas por toda parte o soberano é a *primeira* pessoa social, por toda parte a autoridade regula a liberdade, por toda parte o espirito publico procede da autoridade e da liberdade: por toda parte «a soberania é uma e indivisivel» como a propria declaração dos direitos do homem o confirma.

Por toda parte o subdito é obrigado a obedecer, por toda parte o soberano commanda, e é independente, não de Deos, não da Igreja, mas do vassallo.

Por toda a parte a lei, expressão da vontade soberana, é supposta infallivel, em quanto não é contraria á lei divina. Esta infallibilidade o soberano a tem por toda parte, não de si mesmo, mas de Deos. No Christianismo o Estado a obtem ouvindo a Igreja, que tem missão de instruir as nações; a Igreja a obtem ouvindo a Christo, e Christo, considerado como homem, ouvindo a Deos.

«Quando o principe depende dos povos, dizia-nos Do«noso Cortés, é que estamos em republica, e vós estais assim em França.»

A lei universal da ordem applica se de tres maneiras:

A ordem da natureza distingue e une as cousas da mesma substancia.

A ordem artificial une artificialmente cousas de naturezas diversas.

A ordem hierarchica distingue e une substancias, que são diversas sob uma relação, bem que semelhantes sob outras.

A ordem universal abraça estas tres ordens.

Ha uma ordem de natureza entre as potencias da alma, entre os membros da familia, entre os cidadãos de um Estado, e ordem herarchica entre a alma e o corpo, entre a Igreja e o Estado. Ordem artificial entre a arte e a obra, que produz.

Nestas tres ordens acha-se: medida, numero e pêso; unidade, distincção, união.

Assim, a ordem ideal ou das razões eternas é a medida, o typo da ordem creada, do mesmo modo que em geometria o metro mathematico é o typo do metro usual.

A ordem hierarchica implica quatro termos.

«O homem, diz S. Paulo; é o cabeça da mulher, Christo o cabeça do homem, e Deos o cabeça de Christo.» A vida sensivel, personificada na mulher, é subordinada á vida racional, a vida racional á vida espiritual, a vida espiritual á vida divina.

A desordem é a negação, a destruição da ordem, quer da ordem natural, quer da ordem artificial, quer da ordem hierarchica. Ora, a desordem confunde o, que Deos distingue, ora divide o, que Deos une, ora inverte a ordem de desenvolvimento.

Entretanto que o catholicismo defende com o mesmo ardor a autoridade, a liberdade e o espirito publico, seus inimigos unem-se exclusivamente a um dos tres elementos de toda a sociedade, e transformão suas relações.

O absolutista não vê senão a unidade geral ou a autoridade, e chega assim á centralização, ao despotismo.

O liberal não se une senão á unidade individual, senão á liberdade individual, e chega assim á anarchia.

O communista não vê senão a communidade. Elle so-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

nha o communismo dos bens, o communismo das razões, que elle chama o reinado da opinião, o communismo do poder, alguns vão até ao communismo da divindade, isto é, ao pantheismo. Repellindo a autoridade e a liberdade, o communismo chega á morte.

Sem duvida, o absolutista tem razão de collocar em primeira linha a autoridade, mas elle não tem razão de condemnal-a á esterilidade. Aqui o chefe do Estado fica solitario e sem familia. Para governar o Estado tem caixeiros, empregados, «não tem ajudantes, que lhe sejão semelhantes» não tem ministros. Então não ha no Estado senão um só pensamento, senão uma só vontade, o pensamento e a vontade *pessoal* do principe.

O liberal tem razão de repellir o absolutismo, e de reclamar a liberdade individual, mas não tem razão de pôl-a em *primeira linha*, e afastar a autoridade, que vem de Deos. Por esta razão, torna impossivel a união dos espiritos e dos corações, torna impossivel a sociedade, porque, sem a autoridade, que vem de Deos, ha tantas opiniões quantas cabeças.

O communismo tem razão de repellir o absolutismo e o liberalismo, e de querer a communidade dos pensamentos, das vontades, dos bens sociaes, mas excluindo a autoridade e a liberdade, que vem de Deos; elle substitue á caridade o reinado da força brutal.

O catholico põe tudo em seu lugar, e reune em um mesmo espirito o principe e o povo, a autoridade e a liberdade. Ahi somente o povo é verdadeiramente soberano, porque todos os membros participão da vida do chefe. O chefe, unindo-se á Igreja, e pela Igreja a Deos, participa desta realeza verdadeira, de que Deos é fonte, de que a hierarchia é canal, e faz participar della o corpo, que elle dirige.

Depois de se ter deixado seduzir pelo absolutismo sob o antigo regimen, certos catholicos prestão hoje ouvidos ao liberalismo. M. de Broglie, cujas intenções, sem duvida, não são suspeitas, porque tem dado á Igreja numerosas provas de dedicação, fez-se no *Correspondente* o interprete do liberalismo.

«A verdadeira, a unica liberdade para elle» (porque é na realidade seu proprio pensamento, que elle attribue gratuitamente ao Bispo de Mangucia) «é aquelle, que «*parte do individuo*, para estender-se á familia e á com- «munna, e não reconhece na força publica, representada «pelo Estado, *outro* poder senão aquelle, que é necessa- «rio para garantir os *direitos primitivos* de todo o ente «humano.»

Isto é, que o poder, a seu olhos, não tem outra missão senão defender os direitos do homem, como o dizia «a declaração.»

Esta doutrina, base com effeito, do liberalismo, é a negação radical da *lei universal*, que colloca a unidade geral ou de medida antes das unidades particulares ou o numero, a autoridade antes da liberdade, o pai antes do filho. E' a negação de uma lei proclamada por S. Thomaz, e que se resume assim: Deos só é acto puro. Toda creatura é em potencia antes de ser em acto, e não se desenvolve senão com a ajuda de um ser já em acto. Todo pai tem tambem um pai, excepto Deos, Pae todo poderoso, «de quem emana toda paternidade no céo e na terra.»

E' muito verdade, que a autoridade *deve* proteger a liberdade, mas não deve protegel-a, senão em quanto o homem não abusa della, para fazer o mal.

E' muito verdade que cada um deve poder dispor livremente do, que é seu; o proprietario, de seus dominios; o homem racional, de sua pessoa: o pai, de sua familia; a communa, a corporação, de seus bens e de seus interesses; o soberano, de seu Estado: o Papa, do corpo da Igreja; Christo, do Universo, que lhe é sujeito; Deos, a quem só pertence a magestade e a independencia, do universo e de Christo. Todos os poderes vem delle, e lhe são subordinados. A Escriptura e os mandamentos de Deos, assim como a tradição, vêm na paternidade a figura de todos os poderes, quer divinos, quer humanos.

E' dizer com bastante clareza, que é absolutamente impossivel, que o soberano receba o poder de seus vassallos, quando mesmo elle é eleito. Elle recebe de Deos a autoridade. Se elle a recebe do povo, é em realidade, estamos em republica. Nos Estados christãos «o rei reina pela graça de Deos» isto é em nome e sob a autoridade de Christo, autor da graça.

E' verdade, que o individuo é livre, falso, que a liberdade «parta do individuo para estender-se á familia.» Ella parte do pai na familia, do soberano no Estado, do Pontifice na Igreja de Deos, *por toda parte*, em uma palavra, da autoridade, que vem de Deos. Pio VI não cessou de combater, quando ella appareceu no mundo, a doutrina «dos direitos primitivos do homem.»

«Depois de ter creado o homem, disse elle em seu Breve ao cardeal de La Rochefoucauld, depois de tel-o estabelecido em um lugar de delicias, não o ameaçou com a morte, se comesse do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal: e por esta primeira prohibição não pôz elle limites á sua liberdade?

Quando, ao depois, sua desobediencia o tornou culpavel, não lhe impoz elle novas obrigações pelo orgão de Moysés? E posto que deixasse ao seu livre arbitrio o poder de se determinar para o bem ou para o mal, não o cercou Deos *de preceitos e mandamentos, que podião salval-o, se elle quizesse cumpril-os?*

«Onde está pois esta liberdade de pensar e de tratar, que a Assemblea nacional concede ao homem social, como um direito imprescriptivel de sua natureza?

Esse direito chimerico não é por ventura contrario aos direitos do Creador, a quem devemos a existencia e tudo, o que possuimos?.....

Desde a sua infancia é preciso, que o homem seja sujeito áquelles, que tem sobre elle a superioridade da idade; que se deixe governar e instruir por suas lições; que aprenda delles a regular sua vida segundo as leis da razão, da sociedade e da religião. Esta igualdade, esta liberdade tão gabada, não são para elle, no momento de seu nascimento, senão palavras vasias. *Sêde sujeito por necessidade*, disse o Apostolo;.....e é menos do contracto social, que do proprio Deos, autor do direito e da justiça, que o poder dos reis tira sua força.

Doceis a estas lições, queremos a liberdade christã, a liberdade de fazer o, que Deos ordena, aconselha, per-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

mitte, tolera. Quando os reis abusão do poder, nós lhes dizemos: Submettei vossa autoridade temporal á autoridade espiritual, á qual estaes sujeitos, como nós; porque se nós vos obedecemos, é por causa de Deos.

Mas, dirá o *Correspondente*, o que vós exigis, é impossivel hoje; impossivel *humanamente*, nós o concedemos; mas o, que é impossivel aos homens, é facil a Deos, e os povos terão a liberdade christã, desde que sua fé o tiver merecido.

Não temos «esperança seria» senão nisso, persuadido, que entre o despotismo do homem e a liberdade christã, fructo da autoridade christã, não ha justo meio duravel.

Sem duvida, o *Correspondente* quer, como nós, a liberdade da Igreja, e nós queremos, como elle, a liberdade commum; mas o *Correspondente* espera a liberdade da Igreja da liberdade commum, no entanto que nós, pelo contrario, é da liberdade da Igreja, que esperamos o direito commum. «A Igreja, diz o *Correspondente*, «não tem esperança seria de estender e exercer sem im«perio, senão pela liberdade.» E' verdade. Tambem para Deos nada ha, que lhe seja mais caro, que a liberdade de sua Igreja. Mas, esta liberdade, ella a tem de Deos, e não dos homens. Ella a compra á custa das perseguições, e ás vezes de seu sangue; depois, quando ella é livre, ella dá esta liberdade ás nações, que não a tem ainda; ella dá áquellas, que a tem perdido, porque só a *verdade* nos faz livres, e a verdade é a Igreja, que a tem em deposito, e que a conserva no mundo. Onde está o seu espirito «onde está o espirito de Christo, ahi está a liberdade.»

Fieis ás lições e aos exemplos da Igreja, defendemos igualmente a autoridade christã e a liberdade christã, embora nos accusem de obstinação na mais estranha das «manias.»

Não temos que pedir á liberdade «esquecimento do mal, que dissemos della, quando criamos poder passar sem ella» porque sempre defendemos a liberdade christã, a liberdade do verdadeiro, do bem, do justo; temol-a defendido em todos os tempos, em todos os logares, para todos os homens.

Nós a defenderemos sempre, aconteça o que acontecer; mas defenderemos tambem a autoridade christã; sua união é *necessaria* para resistir ao communismo, que avança.

A voz inspirada de Pio XI prevenio, disse ao mundo, e ha pouco as sociedades secretas revelavão suas esperanças por esta palavra significativa: «O estado herda todas as successões.» Esta indiscripção, pelo menos, era pouco necessaria, a quem tem «ouvidos para ouvir.» O que é, com effeito, a politica piemontista, senão o communismo em grande? Crê-se, que os italianissimos, que dispõem dos thronos da Italia e dos bens da Igreja, em virtude de não sei que direito nacional, respeitarão, se Mazzini triumphar, a propriedade privada? Quem pode o mais, pode o menos. Quando alguem se arroga o direito *sacrilego* de despojar a Igreja de Deos, pode bem despojar os principes, e quando despojarão-se os principes, pode-se bem despojar os particulares. Deos queira, que os italianissimos não digão um dia aos cidadãos o, que os cidadãos da Italia dizem aos principes despojados, o que os principes disserão á Igreja no XVI seculo: E' um facto consummado!

Para nós, catholicos, unamos o, que os inimigos da Igreja e do genero humano separão: unamos a autoridade, a liberdade, a communidade, «a medida, o numero e o pêso.»

Por ahi voltamos á sociedade christã, voltamos á autoridade, que vem de Deos por Christo, á liberdade, que vem de Deos por Christo, á communidade, que vem de Deos por Christo. Então teremos a autoridade sem despotismo, a liberdade sem anarchia, a communidade sem communismo. Unidos no mesmo espirito, no espirito nacional vivificado pelo christianismo, principe e vassallos viverão da mesma vida, terão o mesmo poder, o mesmo pensamento, a mesma vontade, a mesma força, porque elles não terão mais que uma alma, graças aos exemplos, ás lições e ao espirito da Igreja catholica romana, que está associada á missão reparadora de seu chefe. Então teremos a verdadeira soberania do povo, a soberania não de uma maioria, não dos homens, mas de Christo, que chama todos os christãos ao sacerdocio e á realeza, com tanto todavia que o corpo permaneça unido á cabeça, que faz participar, pelo menos, tanto, quanto elles são disso susceptiveis, os Estados temporaes, christãos, da vida espiritual da Igreja.

Participando do reinado e da justiça de Deos, os povos obtem então «o accressimo» que é promettido aos subditos «de direito divino.» Para obter a satisfação de seus votos legitimos, é bastante pois, que as nações peção á Igreja catholica romana «a Verdade e a Vida» no tempo como na eternidade. Christo não é só o Pastor das almas. Filho do homem, elle é tambem, mesmo por este titulo, Principe dos reis da terra, e dominador das nações. «Toda legitimidade humana empallidece em face da sua, porque é a unica, que por actos authenticos remonta ao Pai do genero humano.

Nelle se unem o direito humano e o direito divino.

V. de Maumigny.

(Traduzido do *Monde* por Camerino A. Collaço.)

A mocidade romana ao episcopado catholico reunido em Roma para a canonização dos martyres Japonezes.

Não é possivel deixar de reconhecer, que um secreto e benefico designio da Providencia se occulta e consumma no feliz acontecimento, que vos reune, de uma maneira tão extraordinaria, de todos os pontos do universo na metropoli do catholicismo, precisamente no momento em que se agita, no meio de tantos signaes de sympathias e de odio, o problema de seus destinos temporaes. E' afim, de que nenhum de nós duvide, quando nenhum de nós poderia adevinhal-o, que um esplendido futuro se prepara para os destinos tão combatidos da Igreja, que vemos o episcopado todo inteiro reunir-se em uma solemne assembléa, e vir procurar suas inspirações sobre o tumulo dos apostolos, junto da cadeira de Pedro, aos labios augustos de Pio IX.

E' certo, e isso basta, para que Roma folgue, e se felicite de vossa presença, que vosso testemunho, o qual póde ser considerado como emanado do Senado o mais augusto do mundo, levado sobre todos os pontos do globo,

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

bastará para vingar o povo romano da atroz calumnia, com que o ultrajão, pretendendo que elle tem horror, e que repudia vergonhosamente o poder temporal da Igreja.

Já vistes o desmentido o mais solemne a uma tão impudente mentira, escripta em todas as paredes da cidade, impressa sobre o semblante de todos os cidadãos: mas a mocidade romana arde no desejo de dar-vos as mais solemnes e irrecusaveis provas.

A mocidade, que representa de ordinario antes as fantasias, que as necessidades dos povos, suas esperanças antes, que suas tradicções, tem sido sempre uma prêsa facil nas mãos da demagogia, deixando-se facilmente enganar e tomar ás vãs promessas de grandeza da patria e civis progressos.

A unidade italiana, esta utopia, que nascen ao principio nos conciliabulos das sociedades secretas, e depois foi cantada sobre a lyra dos poetas, e celebrada eloquencia dos oradores, foi a enganadora illusão, que embriagou a mór parte da mocidade italiana, e arraston-a a tantas enormidades deploraveis, de faltas e erros. Mas, graças a Deos, não foi assim para nós, filhos de Roma! Uma educação mais religiosa e mais catholica nos preservou desta seducção e destas illusões enganadoras.

Somos pelo contrario altivos e gloriosos da soberania dos Pontifices, porque esta soberania representa igualmente a sabia velhice e a ardente mocidade da Italia, porque ella reune ao mesmo tempo as nobres lembranças do passado com as robustas esperanças do futuro desta terra classica.

Sim, folgamos e somos altivos deste principado sagrado, que leva nossas almas não a um amor licencioso e desordenado, mas a um severo e casto amor da patria, deste principado, que é o defensor não só da independencia religiosa da Igreja, mas ainda, da verdadeira liberdade da Italia; que conserva o deposito e a sciencia do verdadeiro, assim como a fonte e a cultura fecunda do bello, que produz não só os fructos salutares, mas ainda as flores as mais esplendidas da civilização.

Mas, como dar-vos um testemunho dos sentimentos de nossas jovens consciencias?.... Temos interrogado esta consciencia; e do mais intimo de nosso coração surgio, nos transportes repentinos do amor, o canto de um hymno á Pio IX. A poesia e a musica, emanações as mais caracteristicas do céo da Italia, expressões as mais elevadas dos magnanimos sentimentos, são hoje duas musas bem ingratas para com o Papado! Entretanto, foi elle, que fez sair do pé dos altares os primeiros elementos da sciencia do canto, e quem primeiro decretou os louros do Capitolio ao valor dos poetas. Estas duas artes, hoje mais que profanadas na Italia nas orgias de uma licença sem nome, nós as empregamos para celebrar a religião, a virtude, a patria, estas tres grandes e bellas cousas, que se unem e se abração na soberania temporal dos pontifices, e principalmente na de Pio IX.

Acceitae, pois, o testemunho de nosso canto: é o testemunho de nossa união ao Papado, e por isso a offerenda será mais cara ao vosso zelo apostolico, e a homenagem mais doce á vossa modestia, porque é alegre como a nossa idade, e sagrado como o vosso caracter. Abençoae nossos cantos, e se elles não vos agradarem muito, levai o seu echo até vossos longinquos paizes, a fim de que a mocidade catholica de todas as linguas e de todos os paizes responda, como um só coro, á mocidade romana, e que em todas as linguas e sobre todos os céos seja repetido á porfia: VIVA PIO IX! VIVA O PONTIFICE REI!

(Seguem-se as assignaturas).

NECROLOGIO.

—No dia 12 d'Agosto findo largou do porto desta capital, ás 9 horas da noite, o hyate *Conceição*, levando, alem d'outros passageiros para a villa de Cururupú, alguns musicos, e mais o Rd.º Padre Frederico Nolasco de Almeida, capellão da Cathedral, e o clerigo minorista Joaquim Raymundo da Silva, Sub-Chantre da mesma, para uma solemne festividade religiosa dedicada á S. João Baptista, orago e padroeiro da freguezia daquelle nome.

Terrivel fatalidade porem pesou sobre os viajantes, por quanto naufragando o hyate na tarde de 13 bastante ao largo das costas proximas do districto de Guimarães e Cururupú, ahi fallecêrão victimas do naufragio 20 pessoas, entre as quaes o infeliz Padre Frederico, salvando-se apenas 7, em cujo numero conta-se felizmente o Sub-chantre Silva.

Lamentamos profundamente a morte desses infelizes, e particularmente a do nosso amigo e irmão sacerdote.

O P.e Frederico tinha servido o lugar de vigario encommendado e de coadjutor em varias igrejas deste bispado, e sempre se portára nesses empregos com dignidade e satisfação publica, seja do lado dos povos, seja do das Autoridades superiores, maxime do Exm. Prelado diocesano; e em vista de seus serviços fôra ultimamente incluido na proposta para um Beneficio vago de prebenda pesbyteral da Cathedral.

Como christão e sacerdote rogamos ao SENHOR pela salvação eterna desses desafortunados.

E' para lamentar-se, que tendo-se feito já tantos melhoramentos na navegação, tão pouco se tenha adiantado nos meios de salvação nas occasiões de naufragio; sendo que provendo-se os navegantes de tudo para a vida dentro do navio, de quasi nada se premunem para o momento, em que ella corre os azares das ondas, atrevendo-se a affrontal-as em uma viagem ao mar largo, com um escaler apenas, e esse quasi sempre por demais pequeno para conter a todos, e fragil e incapaz para resistir ao furor do elemento implacavel!

Praza aos ceos suggerir ao homem melhores meios para conservação da vida.

NOTICIAS DIVERSAS.

—Por portaria de S. Exc. Rvm.ª de 2 deste mez foi o conego Raymundo Alves dos Santos nomeado Examinador synodal deste bispado.

—*Pio IX e Antonelli.*—Uma carta de um dos prelados hespanhoes, que foi á Roma assistir á festa da canonização, fallando do cordeal acolhimento, que a todos fez Sua Santidade, a quem tinhão sido apresentados pelo cardeal Antonelli, diz, que a figura de Pio IX é interessante e imponente: posto que já de idade, é robusto e muito agil: no semblante vê-se-lhe sempre a resignação e a sua nunca desmentida fé na misericordia de Deos.

Na figura do cardeal Antonelli vê-se o homem de Estado. Alto, magro, e de um typo meriodional, coxêa um pouco por causa da gotta, que o ataca. A sua conversação é animada, e tem a vista penetrante.

Os martyres do Japão.—Os martyres do Japão canonizados em Junho, forão sacrificados em Nangazaqui no dia 5 de Fevereiro de 1597 sobre uma collina, em presença de um povo immenso, e á hora da morte cantavão, prégavão e rogavão a Deos pelos seus verdugos. Apenas expirárão, os soldados tiverão de ceder o lugar á multidão, e permittir, que os christão, recolhessem o sangue dos martyres, semente fecunda de outros christãos.

Pela tarde o bispo do Japão, a quem não tinhão deixado presencear a morte dos martyres, com todos os jesuitas de Nangazaqui forão ajoelhar-se ao pé das cruzes.

A sancta collina converteu-se em lugar de peregrinação e preces, e Urbano VIII concedeu as honras dos sanctos martyres aos vinte e seis christãos do Japão, em quanto se não fizesse uma canonização mais solemne, que é a que celebrárão os arcebispos e bispos do catholicismo, convocados *ad hoc*.

Redactor
O Conego Raymundo Alves dos Santos.

Publica-se 2 vezes por mez. Assign. 6$000 - por anno—Imp. por B. de Mattos, na typ.do—*Progresso*—1862.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ANNO X.

O ECCLESIASTICO.

N.° 240.

PERIODICO DEDICADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO,

SOB OS AUSPICIOS

DO

EXM.° E RVM.° SNR.

D. FREI LUIZ DA CONCEIÇAÕ SARAIVA,

BISPO DO MARANHAÕ.

TERÇA-FEIRA 30 DE SETEMBRO DE 1862.

Religionis proprium est non cogere, sed persuadere.
S. ATHANAS. HIST. ARIAN. ART. 67.

PARTE OFFICIAL.

Imperio.—Aviso de 21 de Agosto de 1862.—Ao presidente da provincia de Minas-Geraes, declarando, que os Prelados diocesanos estão auctorisados para conceder aos parochos licença ou dispensa de residencia, mas que elles as devem apresentar á auctoridade civil, e carecem de licença desta para a percepção da congrua.

6.ª Secção.—Rio de Janeiro.—Ministerio dos negocios do Imperio em 21 de Agosto de 1862.—Illm. e Exm. Sr. Levei ao conhecimento de Sua Magestade o Imperador o officio, n. 32, de 30 de Abril ultimo, em que essa presidencia não só expõe, que tendo-se ausentado de sua freguezia por 28 dias, sem participação ou licença dessa presidencia, o vigario de Piranga, entendêra a thesouraria de fazenda, que elle devia restituir a congrua, que recebeu durante aquella ausencia, sendo porém de opinião contraria o Rvm. Bispo diocesano; mas tambem consulta ao governo imperal acerca desta questão, por não se conformar com o parecer do mesmo Bispo, attentas as disposições dos Avisos n. 415 de 23 de Dezembro de 1859 e 4 de Junho de 1833.

E o Mesmo Augusto Senhor, conformando-se por sua immediata resolução de 13 do corrente mez com o parecer da secção dos negocios do Imperio do conselho de estado, exarado em consulta de 7 do mez passado, ha por bem mandar declarar a V. Exc. que, segundo a disposição da ordem do thesouro, n. 161, de 19 de Junho de 1849, com referencia ao Aviso n. 30 de 18 de Abril de 1844, nenhuma lei veda aos Bispos a concessão de licença ou dispensa de residencia aos parochos por tempo limitado, como explicão tambem os Avisos n. 415 de 23 de Dezembro de 1859 e n. 427 de 28 de Setembro de 1861. Para que porém percebão os seus vencimentos, declarão os Avisos citados e os de 17 de Janeiro de 1851 e 23 Setembro de 1853 ser necessaria licença da auctoridade civil, exigindo além disso, que a licença do Ordinario seja apresentada á mesma auctoridade, sem o que incorrem os concessionarios em responsabilidade, que o mesmo governo tem por vezes ordenado, se lhes faça effectiva.

Tratando-se por tanto unicamente da applicação das leis e decisões existentes ao facto em questão, deve o vigario de Piranga, conforme entendeu a thesouraria de fazenda, restituir a congrua do tempo, em que esteve ausente de seu beneficio. O que communico a V. Exc. para seu conhecimento e execução, fazendo-o assim constar ao Rvm. Bispo.—Deos guarde a V. Exc.—*Marquez de Olinda.* Sr. presidente da provincia de Minas-Geraes.

O ECCLESIASTICO.

Com este numero finda o *Ecclesiastico* o decimo anno de sua publicação.

Mão grado os muitos e variados embaraços, com que temos arcado para a sustentação deste jornal, que tem sido quasi o unico, em seu genero, no imperio, não temos desanimado; ao contrario, como que mais audazes, temos proseguido em sua publicação, para o que temos sido, em verdade, apoiados por nossos benignos e generosos assignantes—todavia, seu numero tem diminuido algum tanto, e por isso mesmo tem-se-nos augmentado os embaraços, visto como as despezas do costeio são invariaveis e certas.

Nada obstante, estamos resolvidos a continuar a publicar o *Ecclesiastico*, que, suppomos, bem julgado, não se tem transviado até hoje de seu programma, nem tem sido jamais atacado nas doutrinas, que tem publicado.

A nossa consciencia está tranquilla, e a nossa fé em Deos é immutavel; cremos por isso merecer a confiança dos homens.

Cumpre-nos porém fazer uma declaração—visto como estamos em debito para com os Srs. assignantes dos Indices ou frontespicios dos annos 8.°9.° e 10, vamos aproveitar este trimestre, que resta até Dezembro do anno corrente (se não pudermos concluir antes) para publicar os ditos Indices, e serem devidamente distribuidos pelos mesmos assignantes, pois que muito estimamos, que cada um tenha suas collecções completas; e depois proseguiremos na publicação do jornal, que, com esperança no futuro, contamos marchará desassombrado, graças á protecção generosa, que lhe dispensarem os homens amigos da Religião, e amantes da civilização.

Não finalizaremos ainda sem tributar o nosso sincero e profundo reconhecimento ao favor, que temos recebido até hoje dos nossos distinctos e illustrados Collegas do jornalismo, seja de dentro, seja de fóra da provincia, de trocarem com o nosso mesquinho os seus por demais valiosos jornaes; e aos nossos benignos e generosos assignantes agradecemos ainda uma vez a valiosa protecção, com que nos acompanhárão até hoje.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ALLOCUÇÃO

Dirigida por S. Exc. Revma. o Sr. Bispo do Rio Grande do Sul, aos novos sacerdotes, no acto de sua ordenação, em a Igreja Cathedral no dia 29 de Junho do corrente anno.

Eis-vos chegados, caros filhos, ao complemento de vossos desejos; eis já satisfeitas as vossas aspirações! Chamados por uma bem provada vocação ás honras do Sacerdocio, acabaes de receber, com a imposição de mãos, o sacrosanto caracter, que vos eleva á sublime prerogativa de Ministros do Altissimo, e vos confere o poder de subir ao altar santo para offerecer o Sacrificio de preço infinito, que, cruento outr'ora no calvario, offereceu o Divino Sacerdote, segundo a ordem de Melchisedech, pelo resgate da humana especie; em vós se continúa hoje esse sacerdocio eterno, de que é depositaria a Santa Igreja, emanado de Jesus Christo até vós. Ah! que humildes e fervorosas acções de graças não deveis render hoje e sempre ao Deos Clementissimo, que vos escolheu para serdes os medianeiros entre Elle e o seu povo! Collocados entre o Tabernaculo e o povo de Deos, é por vosso meio, que o Senhor fará descer sobre elle as riquezas de suas misericordias, distribuindo-lhe os sacramentos de graça e santificação; é por vosso meio, que os fieis farão subir ao seu throno suas orações e supplicas pelo sacrificio do corpo e sangue de seu Filho Unigenito, unico agradavel a seus olhos, que todos os dias offerecereis.

Revestidos de tão sublime dignidade, ah! quanto não deveis ser santos e puros! Lembrai-vos, que não foi dado aos Anjos o poder inestimavel a vós conferido de fazer baixar quotidianamente em vossas mãos, á vossa vóz, o Cordeiro Immaculado no adoravel Sacramento Eucharistico; ides, por assim dizer, gerar todos os dias o Filho de Deos, o que só uma vez foi concedido á Rainha dos Anjos (1). Sois os ungidos do Senhor, a menina de seus olhos, como se exprime um grande Santo (2); somente por vosso ministerio é, que pode o homem entrar na amizade do seu Creador, ou lavado por vós nas aguas regeneradoras do baptismo, tornando-se assim filho da Igreja e herdeiro da gloria, ou perdoado por vós em nome do Deos trez vezes santo, que hoje vos concedeu o poder de atar e desligar, se humilde, depois de transgredir o pacto eterno jurado no baptismo, recorrer a vós detestando a sua falta, e confessando-a no Santo Sacramento da Penitencia; então usando dessa sublime attribuição de perdoar, que recebestes do mesmo Deos, o restituireis á sua graça e á herança do paraiso, á que por seu peccado tinha renunciado.

De certo, grande é a dignidade, que hoje assumistes! Anjos do Senhor, Ministros na terra de suas vontades, ungidos com a unção sacerdotal, quanto não deveis espalhar entre vossos irmãos o cheiro da divina doutrina, dispôr suas almas para a eterna salvação! Ah! que desgraça para vós e para o povo de Deos, se apagardes essa luz com uma vida diversa daquella, que devereis viver; se como sal da terra perderdes aquella força, que devereis ter para salvar as almas da corrupção e do peccado; para que servireis então? Recordai-vos sempre do, que de vós disse o Divino Salvador, chamando-vos luz do mundo e sal da terra; mas, que, se esse sal se infatuasse, para mais nada serviria, que a ser lançado no campo e calcado aos pés pelos homens. E não é isto, que sempre acontece ao Sacerdote, que se desvia do caminho, que deveria trilhar?

Eis-vos, caros filhos, lançados no mundo, para serdes a sua luz, e combaterdes valorosamente as guerras do Senhor. Sois os enviados daquelle, que disse: não vir trazer ao mundo a paz, mas sim a espada (3) para com ella ferir e pelejar contra o desenfreamento de suas paixões, de seus gozos materiaes e corrompidos, cujos sequazes, obcecados por suas maximas e espirito de desordem, vos toca illuminar com a luz da doutrina e do exemplo, chamando-os ao gremio dos filhos de Deos, fóra do qual jamais poderão salvar suas almas: começae encommendando-os no santo sacrificio á Divina Misericordia, e orando sempre fervorosamente por elles, para que obtenhão a graça da conversão e perseverança.

Mas, caros filhos, não vos illudais, ás vossas frontes sacerdotaes se preparão coroas de agudissimos espinhos; as afflicções, as calumnias, e toda sorte de perseguições serão a vossa partilha; o mundo vos odia com odio de morte (4) e não poupará esforços, em vos fazer beber até ás fezes o calice das tribulações. Coragem, porém; se é pesado o ministerio, de que vos sobrecarregastes, grande será a vossa recompensa; não vos admireis, diz o Divino Jesus, de quem sois ministros, se o mundo vos odiar (5), antes de vós já a mim odiou (6); já antes de vós forão perseguidos os prophetas e os justos (7). Felizes vos considerai, sempre que os filhos do mundo vos amaldiçoarem, vos perseguirem, e disserem de vós toda a sorte de males, calumniando-vos por minha causa — *Beati estis, cum maledixerint vobis, et persecuti vos fuerint, et dixerint omne malum adversum vos mentientes propter me* (8). Coragem pois, marchai firmes no cumprimento de vossos deveres; não vos desanimeis jamais, devendo manter illesos os direitos de Deos e de sua igreja, cujas santas leis e disciplina, ainda á custa de vosso sangue, devcis em todo o tempo e á todo transe defender.

Sacerdotes brasileiros, procurai desmentir essa calumniosa asserção tão espalhada entre nós, que o clero do Brasil é, com rarissimas excepções, corrompido e immoral. Mentira horrivel! calumnia abominavel, adrede espalhada para desconceituar esse pobre clero, deixado até hoje aos seus proprios recursos, sem que uma mão bemfazeja se tenha estendido, para eleval-o á altura de sua Divina missão! Não, não é com raras excepções, como querem dizer, immoral o clero do Brasil; alguns d'entre elle infelizmente se desviárão, e se esquecêrão de seus deveres, mas eu affirmo, contra quem quizer, e se nessa

(1) *Beata Virgo solum semel aperuit cœlum, Sacerdos quâlibet missa.* S. Vinc. Ferr.

(2) *Hi sunt pupilla ipsa Dei occulorum.* S. Carl. Borr.

(3) *Non veni pacem mittere, sed gladium.* S. Math. cap. 10. v. 34.

(4) *Et mundus eos odio habuit, quia non sunt de mundo.* S. Joan. Cap., 17, v. 14.

(5) William Faber em sua magnifica obra o—Creador e a Creatura—tratando do espirito do mundo, seus vicios e desordens, diz o seguinte, no Liv. 3.º Cap. 3.º: O mundo é o primeiro entre os inimigos de Deos, e d'ahi vem o lugar, que elle occupa nas sagradas escripturas: é o mundo, que odia Jesus Christo, é o mundo, que não quer receber o Espirito Santo, o mundo que ama a si mesmo, o mundo que se regosija, quando Jesus Christo delle se aparta, o mundo porem que Elle venceu, por quem não quiz orar; o mundo, cuja sabedoria não faz conhecer a Deos, o mundo que é prohibido aos espiritos christãos de receber; o mundo, cuja amizade não é senão a inimizade de Deos, o mundo que passa com todas as suas cobiças; o mundo de que triumphão, os, que nascêrão de Deos, ou, segundo a expressão do Apocalypse, o mundo que segue a Besta com admiração. Comprehendemos agora, porque S. Iago chegou áquella energica conclusão, de que, qualquer que quer ser amigo do mundo, torna-se inimigo de Deos.

(6) *Si mundus vos odit, scitote, quia me priorem vobis odio habuit.* S. Joan. Cap. 15. v. 18.

(7) *Sic enim persecuti sunt prophetas, qui fuerunt ante vos.* Cap. 5.º v. 12.

(8) S. Math. Cap. 5.º V. 11.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

maioria se nota em muitos falta de zelo sacerdotal, não se lhes poderá negar como homens toda a honradez e virtudes civicas, o que em verdade não basta....

Os que d'esta forma calumnião ao clero do Brasil, mal pensão, que assacão á sociedade brasileira, de que elle faz parte, a maior das injurias, por quanto, é o mesmo, que dizer, que ella é tambem immoral e corrompida; e com effeito, d'onde sahirão os sacerdotes brasileiros, e por quem forão educados? Não sahirão do seu proprio seio, não são elles os vossos filhos, os vossos irmãos, os vossos parentes? Se são corrompidos, quem os corrompeu? (9)

Ah! não; assim como é falso, que a maioria do clero é corrompida, é igualmente falso, que o seja tambem a nossa sociedade. Se n'ella, bem como no clero, alguns com seu procedimento tem dado motivo a assim se asseverar, todavia, eu me consolo em pensar e ter a firme crença, que em ambos a grande maioria é morigerada, sã e virtuosa.

Mas, que importa aos desvairados filhos do mundo, sequazes de todos os seus gozos, e dados ás suas paixões, que o clero seja exemplar ou vicioso? Estes o odião de morte, qualquer que seja a sua condição, porque, a mesma idéa abstracta de sacerdote christão é uma condemnação peremptoria d'essas paixões e gozos contrarios á lei de Deos e de sua igreja; a presença só de um sacerdote os faz rugir de raiva, excita o seu furor, porque todos os seus esforços tendem a lançar de si o jugo d'essa religião santa, de que elle é ministro, e que combaterá sempre os desejos desregrados de seus corações e inclinações dissolutas; bramindo de furor exclamão, como diz o Psalmista:—*dirumpamus vincula eorum, et projiciamur a nobis jugum ipsorum*—rompamos os laços, com que estes nos ligão, e lancemos de nós o jugo, que nos impõe (10).

Eis, caros filhos, em poucas palavras, a explicação d'esse odio, que o mundo vos tem. Não é a immoralidade de alguns de nossos irmãos, que o excita, e lhe dá origem, por quanto, se estende tambem aos bons e virtuosos, por isso mesmo que o são. Ao christão, ao homem honesto, enchem de dôr e commiseração os desvios e desmandos de um sacerdote; mas o impio, bem longe de lamental-o, injuriando-o e cobrindo-o de doestos, toma motivo de envolver ao mesmo tempo em sua sanha ao honrado e virtuoso, e mostrar o rancor, que contra elle tem. Ainda mesmo que se não tenha dado algum facto censuravel, elle o inventa, porque a calumnia para o impio é cousa comesinha e mui natural; é um meio, de que sempre se serve com algum resultado, conforme o infernal principio do coryphêo da impiedade, que aconselhava—*calomniez, calomniez toujours, il en restera quelque chose*—calumniai, calumniai, ficará sempre alguma cousa.

Não ha muito, se deu um facto, que bem prova o, que vos tenho dito. Em uma localidade d'esta Provincia, onde me achava em visita pastoral, em um d'esses momentos de furor e de odio contra os padres, e afim de dirigir-se-lhes em um estirado artigo as maiores injurias e improperios, se inventou, e se publicou em um jornal, que dous ecclesiasticos tinhão sido espancados em casa de uma meretriz; perguntando-se, porque calumniava-se de uma maneira tão cruel a dignos e innocentes sacerdotes, respondeu-se com sorriso, que era para *axincalhar* com os padres, mas que a retractação já estava feita; e com effeito foi publicada em poucas linhas, asseverando-se ainda, que o facto se tinha dado, não com dous padres, e sim com dous individuos, cujos nomes se ignorava, quando nem isso mesmo aconteceu!....Entretanto que ficou sempre d'essa calumnia alguma cousa; correo esse jornal com outros, que o transcrevêrão por todo o imperio, serão lidos e cridos por muitos, e a retractação passará talvez desapercebida.

Ah! por toda a parte (e é esta a nossa partilha, porque assim já o disse o Divino Mestre: que seriamos odiados e perseguidos por causa do seu nome) muitos são invadidos d'essa raiva contra o clero, que chamarei *sacerdotophobia*; destes, com dôr o digo, ha mesmo n'esta catholica e episcopal cidade de Porto Alegre, onde, segundo sou informado, em certa rua se insulta, e se dirigem injurias ao sacerdote pacifico e tranquillo, que por alli acontece passar, trajando as sagradas vestes do seu estado! O que revela, caros filhos, tão insolito procedimento? Poderão ser considerados homens de educação e civilizados os, que assim praticão? Não pensão estes, que semelhantes injurias revertem em sua propria deshonra?

Dirigindo-lhes porém esta censura, na amargura de meu coração, só tenho por fim manifestar, quanto é reprehensivel esse procedimento, e quanto é de esperar que, meditando bem nelle, procurem corrigir-se, e não offender aos, que lhes não merecem, e que pelo sagrado caracter, de que se achão revestidos, devem ser tratados em todo o tempo com acatamento e respeito. Muito longe está do meu animo querer mal a nenhum destes, antes Deos é testemunha, de quantas vezes os tenho encommendado no santo sacrificio á sua misericordia, e pedido para elles os divinos favores e a graça da conversão. Orai tambem, caros filhos, não só por estes, como por todos os, que em vossa carreira sacerdotal, no cumprimento de vossos deveres, se levantarem contra vós, vos perseguirem e calumniarem, por isso mesmo que não pudestes satisfazer, ligados pelas obrigações de vosso estado, ás suas exigencias e iniquas pretenções.

Consolai-vos, porem, encontrareis, como vos tenho dito, os filhos do mundo sempre conspirados contra vós, mas não é destes o grande numero, antes uma minoria mui diminuta não só nesta Capital como em toda Diocese. Os filhos de Deos vos hão de sempre respeitar e amar, vendo em vós os Sacerdotes do Altissimo; as almas piedosas e christãs virão sempre em vosso auxilio nas precisões de vossa vida; a todos porem ensinai, corrigi e admoestai; com todos distribui as graças do vosso ministerio.—Deos vos abençoe.

(9) E depois clamão a todos os cantos, que o clero é ignorante e immoral. E' ignorante, porque não lhe ministrastes meios para se instruir, e privastes de o fazer quem o podia: é immoral, por que não lhe destes asylo, onde pudesse aprender a ser moral; residindo entre vós, e dentre vós sendo conduzido ao altar, para lá não podia levar, se não o que comvosco aprendeu; elle vos retrata, e a toda a sociedade. Um clero, quando é independente, e quando é governado pelos seus Bispos, é o exemplar da sociedade, mas, quando é o governo civil, que o forma, que o designa, que lhe dá o pão, é elle, que então deve ser o exemplar: trocão-se as figuras, e se o clero é immoral, é por que vós lhe daes o exemplo; quem for moral, que lhe atire a primeira pedra. (Considerações sobre os interesses catholicos no Brasil pelo Dr. José Raymundo da Cunha).

(10) Psalm. 2.º V. 3.º

A VIDA DE MARIA SANTISSIMA,
Extrahida das mulheres da Biblia

PELO ABBADE DARBOI.

Preito de homenagem ao Exm. Sr. bispo do Ceará, D. Luiz Antonio dos Santos, por Francisco Seraphim de Miranda Moura.

(*Continuado do n.º 237.*)

A igreja celebra, á meia noite, no dia 25 de Dezem-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

bro, o nascimento de Jesus Christo, e, n'aurora desse mesmo dia, a adoração dos pastores. No primeiro de Janeiro celebra, na festa da Circumcisão, a humildade do Creador, submettendo-se á lei somente prescripta e feita para os homens. Foi sob estas circumstancias, que recebeu esse nome, que foi proclamado do céo por um anjo, e ante o qual todos os joelhos se abatem; elle foi chamado Jesus, isto é, Salvador.

Pouco tempo depois, os magos ou sabios, que a tradicção apresenta tambem como reis ou principes, e que, provavelmente, erão do paiz d'Arabia, tendo visto no firmamento uma estrella de extraordinario brilho, acreditárão, pelo fogo de uma luz celeste, que illuminava seus corações, visto que este astro novo offuscava seus olhos, que o rei dos Judeos, annunciado pelos prophetas, e esperado pelas nações, tinha finalmente apparecido ao mundo. Nesta persuasão, e em face dos phenomenos espantosos, os magos ou philosophos vierão a Jerusalém, perguntando: em que lugar nascêra o rei dos Judeos. «Porque, dissérão elles, vimos sua estrella no Oriente, e viemol-o adorar.»

Herodes, rei titular da Judéa, sabendo, que ricos estrangeiros procuravão um menino, a quem a soberania do universo estava promettida, e não elevando suas vistas além de uma coroa temporal, ficou sorprehendido e assustado desta rivalidade, que vinha ameaçar seu throno tão fragilmente estabelecido. Toda Jerusalem partilhou destas preoccupações, bem que por motivos diversos; por quanto Herodes era detestado.

O rei reunio, pois, os principes dos sacerdotes e doutores da lei, para saber delles, onde o Christo devia nascer. Responderão-lhe unanimemente, que em Bethléem de Judá, segundo os oraculos formaes do propheta: mandou chamar os magos, vio-os em segredo, e indagou com grande cuidado do tempo, em que a estrella lhes havia apparecido, e enviando-os a Bethléem, lhes disse: «Ide, informai-vos exactamente deste menino, e, quando o houverdes achado, fazei-m'o saber, afim de que tambem vá adoral-o. Julgava apoderar-se deste inquietador berço, cuja fama publicava já tão grandes cousas, e suffocar sem difficuldade os destinos poderosos desse menino, que mão alguma humana protegia.

Os magos, ouvindo as palavras de Herodes, deixárão Jerusalém, e tomárão o caminho da cidade de David. Então, a estrella, que virão no Oriente, e que já havia guiado seus passos, brilhou de novo a seus olhos, e dirigio-os á choupana, onde se encontrava Jesus. Entrárão, e, sem que a estranha desnudez do novo monarcha abalasse sua fé, lhe offerecêrão, como presentes, os thesouros, que trazião—ouro, incenso e myrrha. Dispunhão-se a voltar, e a ter com Herodes, não suspeitando de seus crueis projectos, mas forão advertidos em sonho de não voltarem; e, com effeito, ganhárão seu paiz por outro caminho.

Os Christãos collocárão um altar na igreja subterranea de Bethléem, no mesmo lugar, em que se achava a Virgem Maria, quando apresentou seu filho á adoração dos magos.

Sabe-se, que estes peregrinos illustres, chamados do céo, e vindo livremente saudar o berço do Menino-Deos, forão sempre notados como os primeiros e vivos symbolos da vocação dos povos ao banquete da fé. O homem não vive somente do pão, mas de toda a palavra, que sahe dos labios de Deos.

Porém, pela attracção, que tem as creaturas materiaes, que se dirigem, onde os impelle uma força superior e irresistivel, o homem, creatura intelligente e livre, foi chamado por uma obrigação imperiosa, é verdade, mas não por necessidade fatal, a corresponder ao chamado; é porque, é livre de escolher a verdade por alimento, quanto criminoso é em abandonar-se ao erro, e procurar na ignorancia ou má fé uma hypocrita justificação aos desvarios de seu coração.

Sabe-se tambem, que a antiguidade christã vio no appello successivo dos pastores e dos magos um indicio seguido da diffusão do Evangelho. Os pastores são chamados ao principio ao berço d'Aquelle, que vinha soccorrer todos os homens, mas sobretudo aos pobres, aos cançados e aos humildes; os sabios e os poderosos fôrão chamados depois, e chegárão mais tarde, como se estivessem mais distantes da simplicidade e da abnegação do Evangelho pelo oraculo da sciencia e seducção das riquezas. Foi tambem o, que se vio durante os primeiros seculos; os fracos e os pequenos entrárão em multidão e sem demora na igreja; os Cesares penetrárão no fim de tres seculos.

Quarenta dias depois do nascimento de Jesus, Maria apresentou-se no templo, para cumprir a lei de seu paiz, bem que estivesse dispensada pelo caracter maravilhoso de seu parto. Todas as mulheres, que derão a luz a um filho, devião apresental-o ao templo, e submetter-se á ceremonia de sua propria purificação. Maria, sem mancha e sem peccado, obedeceu com humildes sentimentos á lei, que não lhe dizia respeito, e levou a offrenda, não dos ricos, mas dos pobres: as mulheres ricas davão um cordeiro, as pobres duas rolas. Um justo e temente a Deos, que esperava o Consolador d'Israel e Salvador do mundo, conheceu propheticamente, que não morreria, sem que visse antes o objecto de seus votos tão ardentemente ambicionado. Este homem chamava-se Simeão, era septuagenario. Veio ao templo no mesmo momento, em que Maria e José apresentavão Jesus. Recebeu o menino em suas mãos, e, conservando-o em seus braços, o offereceu ao Eterno, como a victima destinada a salvar o mundo; depois, em um transporte d'alegria celeste, pronunciou estas palavras tão celebres:

«Presentemente, Senhor, vosso servo pode morrer em paz, segundo vossa promessa, pois que seus olhos virão o Autor da vida, que enviastes ao encontro de todos os povos, para ser a luz, que illuminará as nações, e a gloria d'Israel, vosso povo!»

Maria e José escutavão estas palavras com espanto e admiração; o velho Simeão os abençoou, depois accrescentou, fallando a Maria:

«Este menino veio para ruina e salvação de muitos em Israel; estará exposto ás contradicções, e vós mesma, quando os pensamentos secretos de alguns se patentearem, tereis a alma traspassada por uma espada.»

Uma santa mulher chamada Anna, que passava os dias e as noites em rogativas e jejuns sem deixar o tem-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

plo, veio tambem confundir a sua com as vozes do ceo e da terra, que proclamavão as grandezas de Christo, e fallava com enthusiasmo deste Menino, que devia engrandecer Israel.

A memoria desses successos e do dia, em que se realizárão, é consagrada por uma festa, fixada no dia 2 de Fevereiro, e que foi por longo tempo solemnizada com o descanço, como o domingo.

Logo que estes mysterios se cumprirão, Deos, que não queria entregar o Menino á ciumenta crueldade de Herodes, deu a entender a José, que devia fugir para uma região estrangeira.

«Levantai-vos, disse um anjo a José, tomai o menino e sua Mãi, fugi para o Egypto, e ahi demorai-vos, até que eu vos advirta; porque succederá, que Herodes procurará o Menino, para o fazer morrer.»

José, tendo-se levantado logo, tomou o Menino e sua Mãi, e partirão nessa mesma noite, dirigindo-se para o Egypto, onde se demorárão até a morte de Herodes. Parece, que esta terra devia erguer-se sob os passos do exilado, que tinha querido reconhecer a hospitalidade, que ahi encontrou, deixando um germen fecundo de fé e caridade.

Os antigos escrevêrão, que as arvores se agitárão com a passagem do Deos occulto; que os idolos se abalárão, e forão precipitados de seus altares a seu contacto. O que ha de certo, é, que o Egypto abrio á predica do Evangelho um ouvido mais docil, que as outras regiões do mundo, e que se vio florescer rapidamente, e com um esplendor inaudito, todas as virtudes do christianismo. Era como o jardim da igreja primitiva, onde os martyres, os anachoretas e os doutores, assim como as flores odoriferas, espalhavão a suavidade de seus mais ricos perfumes. Os escriptores do 4.º seculo, apoiando-se em tradicções respeitaveis, disserão, que o Senhor tinha penetrado nesta viagem até Hermopolis, na Thebaida, duzentas leguas de Jerusalem.

Herodes, tendo em balde esperado os Magos, vio, que tinha sido illudido, e se poz em violenta colera. Impellido, além disso, por suas desconfianças habituaes, e cruel, a ponto de não poupar seus proprios filhos, commetteu uma barbaridade, que ficou celebre entre os mesmos pagãos. Enviou soldados, para matarem todos os meninos de mais de dois annos em Bethléem, e em todo o paiz circumvizinho, esperando encontrar no meio do massacre aquelle, a quem tinhão-se atrevido a saudar como rei dos Judeos. Isto foi o preenchimento da prophecia de Jeremias:

« Uma voz se elevou em Rama; erão lagrimas e gritos lamentosos; Rachel chorava seus filhos, e não queria ser consolada, porque elles tinhão morrido».

Mas a crueldade de Herodes lhe foi inutil, primeiro, porque o rei dos judeos estava distante do alcance da ponta de sua espada, depois, porque elle mesmo ia succumbir, não tendo adquirido mais do que o horror e desprêso de seus contemporaneos.

A historia conservou a palavra pronunciada pelo imperador Augusto, quando soube da barbara execução de Bethléem; e a Igreja, fiel á memoria daquelles, que forão victimas da tyrannia, e que soffrem por amor da justiça, honra, como martyres, os innocentes degolados pela espada de Herodes.

Este principe barbaro recebeu cedo a punição providencial deste crime, e daquelle, com que tinha já manchado as mãos. Vio seus dias ameaçados por seu filho mais velho, e ordenou, que fosse morto. Suspeitoso e inconstante, mudou muitas vezes a ordem da successão entre os outros seus filhos. Odiado dos judeos, tinha reunido os principaes da nação com o fito de fazel-os morrer em seu ultimo dia, afim de que se chorasse em toda a Judéa o momento de suas exequias. Atacado emfim de uma molestia horrivel e incuravel, foi atormentado por dores inauditas, e pereceu como ferido pela severa mão da Providencia.

Herodes tendo fallecido, e Archelao, seu filho, reinando na Judéa, o anjo, que apparecêra a José, para lhe aconselhar a fugida, veio admoestal-o para a volta.

« Levantai-vos, lhe disse, tomai o Menino e sua Mãi, ide para o paiz de Israel: porque aquelles, que procuravão fazer morrer o Menino, estão mortos. »

José obedeceu logo; mas, sabendo, que era Archelao, que reinava na Judéa, receiou d'ir para ali, e sob um aviso do céo retirou-se a Nazareth, na Galiléa, onde o nascimento de Jesus não produzira tanto estrondo, como em Jerusalem. Foi ahi, que Jesus passou quasi os trinta annos de sua vida, no silencio e solidão, longe das vistas dos homens; foi ahi, que viveu a Santa Familia no trabalho e na humildade, enobrecendo as obras mais despreziveis, santificando a fadiga e os suores arrancados por esse trabalho, e dando assim á vida mais obscura o segredo para attingir a uma gloria e a uma felicidade immortaes.

O Christo, Deos—Homem, dignou-se conhecer a fome, o trabalho e a morte, trez factos contemporaneos da humanidade, e deixou-os subsistir apoz si, afim de nos fazer comprehender, como se deve soffrel-os para vencel-os um dia, e transformar todas essas necessidades humilhantes em outros tantos titulos illustres a uma vida melhor e mais durável.

José e Maria iáo todos os annos de Nazareth a Jerusalem, para ahi celebrarem a festa da Paschoa. Quando Jesus attingio a idade de doze annos, elles o conduzirão comsigo. Finalizada a festa, voltárão a Nazareth, e, sem que percebessem-no, Jesus ficou em Jerusalem. No pensamento de que estava com seus parentes e amigos, José e Maria caminhão durante um dia, mas, chegada a noite, não o encontrárão na companhia desses parentes, nem das pessoas, que lhes erão mais conhecidas. Inquietos, voltárão a Jerusalem; e, no terceiro dia, encontrárão a final Jesus, sob o portico do Templo, onde se reunião de ordinario os doutores da lei. Elle estava sentado no meio delles para os instruir, não só como um Senhor, porquanto, queria mostrar a modestia, que convém aos meninos, mas fazendo-lhes perguntas, e dando-lhes luminosas e sabias respostas, que punhão em admiração todos os seus ouvintes.

Quando sua Santa Mãi o encontrou, e lhe perguntou com ternura:—porque razão elle os tinha assim affligido? « Porque me procurais? respondeu o Divino Mestre, não sabeis, que é mister, que eu me occupe d'aquillo, que diz respeito a meu Pai?»

Mas, neste momento, José e Maria não comprehendêrão todo o seu pensamento; por quanto, elle lançava os primeiros raios dessa luz, com que encheu mais tar-

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite

de o Templo, a Judéa e o Universo inteiro. Jesus voltou com elles a Nazareth, e lhes era obediente, dando aos meninos o exemplo de uma obediencia respeitosa ás ordens de seus pais. Por outro lado, José e Maria o educavão com uma autoridade misturada de respeito, servindo de modelo àquelles, que tem sob suas ordens homens inferiores pela posição, e superiores pelo merito.

Esta ordem, repleta de doçura e de justiça, esta obediencia revestida de prazer e de respeito, esta vida humilde, laboriosa e resignada, tal é o exemplo deixado pela Sacra Familia para dispensar o rico de ensoberbecer-se, o pobre de corar, os poderosos de abusarem de sua força, os pequenos e fracos de desesperarem, e todos os homens de fundarem nos objectos mundanos o alvo supremo de seus esforços. Objecto digno de meditação, que permitte apreciar somente, o que se chama gloria!

No silencio e obscuridade dessa vida de Nazareth, tudo é mysterio, excepto esse esplendor da sabedoria, que o verbo Eterno deixa escapar no meio dos doutores, como para illuminar o horisonte das intelligencias enfraquecidas, e preparar os olhos de sua patria ao sol do Evangelho.

Crê-se communmente, que Jesus estava em seu vigesimo anno, quando o homem justo e puro, que foi escolhido para esposo da Virgem, deixou este mundo, sustentado em seus ultimos instantes por aquelle, cujos passos guiára, cuja infancia protegêra. Sem duvida, José expirou na paz e tranquillidade, trazida e bafejada sobre a mangedoura de Bethléem pelos anjos do céo; razão porque se o invoca como o protector e patrono de uma morte tranquilla, e que de facto é na Igreja o objecto de um culto terno e respeitoso.

Maria, experimentada por esta dôr, devia em breve se preparar para outras. Era chegado o tempo, em que o Filho de Deos ia espalhar sua doutrina, e provocar essas contradicções odiosas, que o velho Simeão tinha predito. Foi ao deserto receber o baptismo da mão de seu predecessor, e começar pelo jejum e supplicas sua missão evangelica. Algum tempo depois fizérão-se as bodas de Caná, pequena cidade situada nos confins da Galiléa e da Phenicia. A Virgem Maria achou-se nestas bodas, e Jesus foi tambem convidado com seus discipulos.

No meio do festim faltou o vinho. Tocada de compaixão para com seus hospedes, e conhecendo a caridade e o poder de seu filho, Maria lhe disse:—*Elles não tem vinho.*—Jesus respondeu: « Em que isso nos diz respeito? Inda não é chegada a minha hora».

Os prodigios não devião ter por fim, senão confirmar as palavras e as verdades do Evangelho, e até essa época elle não tinha sido prégado; todavia Jesus não quiz deixar de acceder á supplica de sua Mãi.

Tambem, comprehendendo, que em tempo conveniente o Salvador manifestaria sua bondade, Maria disse áquelles, que servião: «Fazei tudo o, que elle vos disser». Ora, ahi existião seis grandes bilhas de pedra, Jesus ordenou aos creados de enchel-as com agua, depois lhes disse: « Tirai agora, e levai ao dono da casa».

Os creados assim fizerão, e a agua achou-se transformada em um melhor vinho, que aquelle que d'antes tinhão. Jesus quiz sanccionar o casamento, honrando as bodas com sua presença; e, além disso, fazendo ostentar seu poder, forneceu áquelles, que o circulárão, a prova de uma missão ratificada pelo céo.

Tal foi o primeiro milagre do Senhor, e satisfez a supplica de sua augusta Mãi, como para mostrar, que, por ella tambem, tudo poderemos obter.

Parece, que Jesus e Maria habitárão algum tempo na Galiléa, junto do lago Tiberiade. Logo depois Jesus foi a Jerusalem assistir a festa de Paschoa, depois percorreu a Judea, espalhando ao longe sua doutrina apoiada por seus milagres e suas virtudes. O Evangelho não diz, que Maria o acompanhára em suas viagens laboriosas; todavia, como elle declara, que muitas santas mulheres da Galiléa seguião a Jesus, para lhe prestarem seus cuidados, póde-se presumir, com a maior parte dos antigos, que Maria estava á sua frente; porquanto, quem melhor merecia esta honra, e em quem havia mais ternura? Demais, Jesus voltou á Galiléa, e ahi poude tornar a ver sua Mãi, e fazer conhecer a todos os seculos o verdadeiro titulo de gloria, que a devia recommendar ao amor e veneração de todos os christãos.

Assim, um dia em que estava em casa, uma multidão tal se reunio, e elle se occupou tão ardentemente em instruir seus habitantes, que nenhum alimento tomou. Espalhou-se mesmo o boato, de que elle cahira em um deliquio. Sua Santa Mãi e parentes vierão arrancal-o e tiral-o do gremio desta multidão, onde sua vida corria perigo. Mas, não podendo approximar-se delle, fizerão por advertil-o de sua presença, e pedirão para fallar-lhe:

«Vossa Mãi e irmãos vos esperão.»

«Minha Mãi e irmãos, responden elle, são aquelles, que escutão a palavra de Deos, e põe-na em pratica.» Fazendo vêr por estas palavras, que o principal titulo de virtude aos olhos de Deos, e aquelle, que dá nascimento a todos os outros, é o cumprir sua adoravel vontade.

Elle proclamou a mesma doutrina em uma outra circumstancia celebre; acabava de demonstrar por milagres a autoridade de sua divina vontade, e tinha della dado evidentes provas, cheias de sabedoria, por tal forma, que uma mulher, elevando a voz do meio da multidão, exclamou: «Feliz o ventre, que te gerou, e os peitos que te amamentárão!».

«Mais felizes, respondeu Jesus, aquelles, que escutão a palavra de Deos, e a cumprem!»

E disse isto, não porque a Virgem Maria não merecesse ser chamada feliz em todos os seculos, por haver dado a luz áquelle, que é o Verbo eterno, mas porque ella é inda mais feliz, por haver conhecido, amado e praticado os preceitos do Verbo, cheios de luz, de razão, de graça e de verdade.

Uma tradição mui antiga refere, que Maria presenciara os máos tractos exercidos em seu Divino Filho pelos habitantes de Nazareth, que quizerão precipital-o do alto de uma montanha. Admirados das palavras, que sahião de seus labios, elles lembravão-se de suas familias, e se perguntavaõ, como de taõ baixo podiaõ partir discursos taõ imponentes.

Jesus lhes disse. «Vós me applicaes por certo este proverbio: Medico, cura-te a ti mesmo. Que de maldades naõ fizestes, como temos ouvido narrar, nas vizi-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

nhas cidades? O mesmo praticaes em vosso paiz. Mas eu vos digo, que propheta algum é bem recebido em seu proprio paiz. Eu vos digo a verdade, haviaõ muitas viuvas em Israel no tempo de Elias, quando o céo se fechou por espaço de tres annos e meio, veio uma grande fome sobre a terra; e Elias foi enviado naõ a uma dellas, mas a uma viuva de Sarepta, no paiz de Siden.

Haviaõ tambem muitos leprosos em Israel no tempo do propheta Eliseu, e todavia, de todos estes leprosos, somente curou Naaman, o Syrio.

Os judeos da Synagoga, a estas palavras, foraõ tomados de furor. Lançaraõ-se em tumulto sobre Jesus, lançaraõ-no fóra da cidade, e conduziraõ-no ao cume da montanha vizinha para precipital-o. Mas repentinamente, elle se revestindo de poder e magestade, atravessou a multidão ferida de espanto, e se retirou. Foi neste tumulto, que a Virgem Maria quiz prestar soccorro a seu filho, mas, o susto e a estupefacçaõ suspendêraõ seus passos.

A imperatriz Helena fez edificar neste lugar uma igreja, cujas ruinas ainda hoje se vêem, e que é dedicada á Nossa Senhora do Terror!

A predica e os trabalhos evangelicos de Jesus Christo durárão tres annos. Elle occultou seu poder e gloria para não nos offuscar, a nós, que não podemos fitar o sol, sua obra perecivel. Sob estas humildes apparencias fundou sua obra immortal; baseou sua igreja na escolha de seus apostolos e de seus discipulos; instruio-os no, que nos convinha saber, por quanto nada ignorava, elle, que è a intelligencia e sabedoria eterna; nol-o declarou, que cousa alguma poderia occultar-se ao discipulo bem amado, a quem patenteou seu coração na ceia, e ao Principe dos Apostolos, que estabeleceu chefe e pedra angular de sua igreja. Que podia elle mesmo occultar-nos?

Dando-nos sua vida, nos recusaria a verdade? Estabeleceu-a pois na memoria e consciencia de seus contemporaneos, que nol-a transmittirão de viva voz e por escriptos inspirados. Esta doutrina, que mudou a face do mundo, ensina a crer em Deos, amal-o, e obdecer-lhe; prescreve o amor do proximo, e tudo sacrificar, afim de conseguir-se a paz e concordia entre todos; determina-nos preferir a salvação da alma ao corpo, a patria á familia, a humanidade á patria, Deos ao homem, a eternidade ao tempo, o cèo á terra. Doutrina, que foi exposta e desenvolvida em discursos, a que nada se compara pela grandeza e simplicidade, pelo encanto persuasivo, pela graça e autoridade divina; ella é superior ao genio, que não a conhece a fundo, e fica accessivel á intelligencia menos cultivada, tende a elevar o espirito, dilatar o coração, transformando a vida, e divinizando-a.

Depois de haver autorisado seus discursos com milagres e uma magestosa santidade, Jesus quiz sellar com seu sangue todas as suas palavras, todos os seus actos. Reconhecido publicamente pelo Christo, e como o Messias, foi recebido em triumpho em Jerusalem alguns dias antes de sua morte; lançarão-se em sua passagem vestidos e ramos de arvores, e clamou-se: Saude e Gloria ao Filho de David! Bemdito seja Aquelle, que vem em nome do Senhor, Rei d'Israel! «A cidade tumultuosa perguntava: «Quem é este homem?» e os povos respondião com enthusiasmo: «E' Jesus, o propheta de Nazareth »

Os fariseos, ciumentos e irritados, lhe disserão: «Senhor, fazei calar vossos discipulos:—«Se elles se calarem, respondeu o Salvador, as pedras fallaráõ».

Não ouvimos dizer, que a Virgem Maria assistisse a este triumpho: este brado glorioso deu em breve lugar ás humilhações e soffrimentos, e ella appareceu nesse momento com uma coragem digna da Mãi de um Deos.

Qual não foi a excruciante dôr de Maria durante o julgamento tragico, durante a paixão e ultimos instantes de seu Filho! Quando elle legou, por um testamento de amor infinito, seu corpo e sangue á humanidade fraca e enferma; quando foi mesmo trahido pelos mesmos signaes da amizade; depois carregado de ultrages, coberto de opprobrios, entregue a uma multidão desenfreada, massacrado de golpes, horrivelmente flagellado; que golpe tremendo no coração não deveria soffrer a terna e doce Mãi! Que dôr, por não poder dar senão lagrimas por todo o auxilio e consolo a tão dolorosas torturas! E, bem que o Evangelho não faça apparecer a Santa Virgem no meio deste drama, todavia, já que nol-a apresenta aos pés da cruz, ha lugar de pensar, que fosse testemunha de tão barbaras scenas, como nol-as descreve a tradicção.

Maria presenciou os preparativos do supplicio, a cruz, as prisões, o apparelho horrendo deste maudito crime; seguio a Jesus ao Calvario; podia-se reconhecer seus passos pelos traços sanguinolentos. Ella foi a seu encontro, e inda hoje se notão as ruinas de uma igreja dedicada a N. S. das Dores, no lugar onde Maria, ao principio, repellida pelos guardas, achou-se face á face com seu filho, que marchava ao supplicio, e recebeu um adeos, e desmaiou ao som de sua voz tão terna.

Quando o velho Simeão fallava da espada de dor, que traspassaria a alma de Maria, via por certo os momentos crueis, em que ella veria seu filho crucificado e pendido da arvore fatal. Os golpes, que enterravão o ferro nos membros do Filho, retiniriáo no coraçaõ de Maria, ella ouvio as blasphemias e insultos. Mas, sua constancia em presença dos tormentos, que lhe infligião, foi maior que suas angustias.

Os homens e os apostolos, tomados de horror, tinhão fugido; ella ficou no meio dos carrascos, prompta a morrer com seu filho, vendo suas chagas com olhos, em que a piedade se patenteava mais que a dor, porque não ignorava, que estas chagas não seriáo senão a salvação do mundo. Nenhuma mãi amou mais; porém creatura alguma conheceu melhor a augusta funcção, que a dôr espalha no universo.

Surdo aos ultrages dos blasphemadores, attento á supplica e ao arrependimento, Jesus perdoa e promette o céo ao ladrão convertido. Depois, com os braços estendidos, como para abraçar a humanidade, os olhos fitos sobre aquelles, que o seguirão ao Calvario, vio Maria, e a seu lado o discipulo amado. Querendo dar o exemplo de todas as virtudes, e lembrando-nos do, que devemos aos autores de nossos dias, dedicou um ultimo cuidado a sua Mai; evitando chamal-a por seu proprio nome, repleto de grande emoção: «Mulher, lhe disse, designando São João, eis vosso Filho. E dirigindo-se ao discipulo: «Eis vossa Mãi». Foi como um supre-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

mo adeos. A nobre mãi accolheu esta palavra de separação com agudissima dôr.

A contar desse dia, ella tornou-se verdadeiramente a Mãi dos homens, que estavão representados em S. João, e póde-se dizer, que, nesta hora funebre e gloriosa, ella nos creou para a vida celeste, associando-se á obra da redempção.

Estas cousas se passavão na sexta-feira á sexta hora, isto é, pela volta do meio dia. Então as trevas espalharão-se sobre a terra, e o sol obscureceu-se. A' nona hora, o Divino Supplicado pronunciou estas palavras: «Tudo está consummado». Depois, accrescentou: «Meu Pai, entrego meu espirito em vossas mãos».

Com effeito, tudo acabava de cumprir-se; a justiça de Deos estava satisfeita, a caridade de Jesus Christo demonstrada a todos os seculos, e o homem levantado de sua queda como um edificio derribado, que se restabelece nas proporções de seu antigo plano. Este dia não repassará jamais sobre o mundo, sem que derrame um esplendor lugubre; a cruz recebe as homenagens expiatorias; toda a alma christã abre-se a sentimentos de tristeza mysteriosa; a Igreja, esposa desolada, tomba chorosa sobre um tumulo, e não ha quem, inda mesmo o marmore dos altares, por sua desnudez inacostumada, não pareça convidar o mundo inteiro á melancolica solemnidade de uma immensa afflicção.

Nessas lagrimas dadas ao Filho, ha uma parte para ser distribuida com a Mãi, que o Evangelho põe-a pinta chorosa, mas ao pé da Cruz, em que o Salvador acabava d'expirar.

Foi em memoria de sua dor, illimitada como o mar, que se canta essa elegia sublime, que inspirou a Palestrina, Hayden, Gluck, Pergolese e Rossini.

Maria juntou-se ás santas mulheres, para prestar ao sagrado corpo de Christo as honras de sepultura. Veio tambem ao tumulo, e mais de uma vez sem duvida teve o prazer de ver seu Filho depois da resurreição. Ella estava com os discipulos, quando o salvador subio aos ceos, e os abençoou. Durante os dez dias, que seguirão a Assenção, os apostolos se conservárão em rezas no Cenaculo. Maria animava com seu exemplo, e com elles recebeu esta maravilhosa effusão de graças celestes, que fez tão celebre o dia de Pentecostes. Um vento impetuoso parecia descer do céo; a casa foi abalada; uma chamma appareceu, e, subdividindo-se, foi baixar-se sobre a cabeça de cada um dos discipulos reunidos, symbolo da luz e caridade, que devião em breve illuminar e esclarecer o Universo.

O final da vida da Santa Virgem nos é desconhecido; crê-se entretanto, segundo as tradicções acceitas no quarto seculo da Igreja, que ella ficára algum tempo em Jerusalém, depois seguio á Epheso a S. João, seu filho adoptivo. Deos respeitou a discripção e modestia desta existencia tão sublime e taõ pura, cobrindo-a com o silencio; os homens podem e devem meditál-a, mas naõ exprimil-a por palavras.

A doutrina commum dos antigos Padres é, que os exemplos, as supplicas e conversação de Maria, forão a luz e animação dos apostolos, e chamárão a benção de Deos sobre a nascente sociedade dos christãos.

A opinião mais recebida é, que ella fallecêra em Epheso, em uma idade mui avançada. Não succumbio pela fraqueza de sua natureza, expirou em um supremo esforço do amor divino.

A castidade, que preservára seu corpo de toda a macula durante sua vida, protegeu-a contra a corrupção do tumulo, como um aroma da immortalidade. O sentimento tão humilde, que sempre teve de si mesmo, foi o principio de sua sublimidade e o pedestal de sua gloria.

Tem-se tambem denominado somno e repouso os curtos instantes, que seus restos mortaes passárão no sepulchro. Ella sahio deste somno e repouso, para ser logo chamada á felicidade do céo, rainha dos anjos, não menos que dos homens. A memoria desta resurreição gloriosa e celebrada com uma solemnidade, que excede em grandeza a todas as solemnidades da Virgem Maria, chama-se a Assumpção, e é particularmente festejada em França.

Vê-se na cidade de Gethsemani, junto ao jardim das Oliveiras, o tumulo da Santa Virgem. E' uma igreja subterranea, á que se vae ter, descendo cincoenta degráos; todas as communhões christãs ahi teem um oratorio, onde vão rezar; os proprios Turcos ahi levão suas homenagens á filha de Abrahão; mas o tumulo pertence aos catholicos.

Depois do nome do Salvador do mundo, nada ha de mais sublime que o de Maria.

Tambem a elle se liga com homenagem profunda a confiança dos christãos, e sò a ignorancia e a má fé podem contestar a antiguidade, o esplendor do culto, dedicado á Mãi de Deos.

Ella foi honrada nas catacumbas, onde seu nome e sua imagem apparecião ao lado do Salvador. Os grandes Bispos dos primeiros seculos glorificavão-na por encomios, que a piedade dos modernos tempos não ultrapassa; ao passo que a imperatriz Helena, visitando Bethléem, Nazareth e os santos lugares, elevava em sua passagem monumentos ao Filho de Deos e á Virgem Maria; o nome da filha de David era pronunciado nos discursos immortaes dos homens de um genio e fé illimitados. Bem cedo se lhe erigirão altares no cimo das montanhas, no fundo de reconditos valles, n'um e n'outro ponto do Universo; os imperadores do Oriente gravárão seu venerando nome em seus estandartes, os concilios invocarão-na como o sol, que os illuminava; dedicou-se-lhe, com os applausos do mundo, o templo, que Roma pagã havia consagrado a todos os seus deoses. Ella foi o terno objecto da devoção da media idade, que multiplicou sobre a madeira, ouro, e sobre o marmore, o nome e imagem de Nossa Senhora.

Parece, que o culto de Maria é a fonte fecunda, em que o genio, mesmo quando desherdado da fé, se esforça por buscar inspirações, que jamais encontraria em outra qualquer parte. Longe de abaixar e comprimir o pensamento humano, a suave e poderosa apparição da Virgem Maria eleva e sustenta a alma em seu vôo para este mundo intellectual, á que tende o poeta, o artista, o homem de um genio creador, e que é como a região das artes, dos pensamentos e dos sentimentos mais sublimes e mais puros.

Os poetas christãos cantáraõ Maria; quasi todos os pintores pediraõ á sua existencia o motivo de alguns de seus quadros. E se fosse mister acreditar uma antiga

BPBL Biblioteca Pública Benedito Leite